CATALOGO GENEALOGICO

DAS

PRINCIPAES FAMILIAS

Que procederam de Albuquerques, e Cavalcantes em Pernambuco, e Caramurus na Bahia, tiradas de memorias, manuscritos antigos e fidedignos, autorizados por alguns escritores, e em especial o Theatro Genealogico de D. Livisco de Nazáo Zarco e Colona, aliás Manoel de Carvalho de Atahide, e acrescentado o mais moderno, e confirmado tudo, assim moderno, como antigo com assentos dos livros de baptizados, cazamentos, e enterros, que se guardam na camara eccleziastica da Bahia,

POR

Fr. Antonio de S. Maria Jaboatão,

Pregador, ex-difinidor, chronista da provincia de S. Antonio do Brazil, academico numerario da Academia Brazilica dos Renascidos, e natural de Pernambuco.

Na oficina do cuidado particular e à custa do desvello proprio no anno de 1768, em idade de 73 annos.

TRASLADO AUTENTICO

DA ATTESTAÇÃO, QUE MANDOU PASSAR O DUQUE DE FLORENÇA A FELIPPE CAVALCANTI SOBRE O SOLAR, E TITULO DE SUA ILLUSTRE NOBREZA.

Em nome de Deos. Amen.

No anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1683, a 30 de Dezembro, se leu este testimunho publico, como está no 1°. livro dos decretos e privilegios dos serenissimos e grandes Duques de Toscana, onde se vê o decreto abaixo escrito de certificação de nobreza pelo

teor seguinte, como se guarda no archivo das reformações da cidade de Florença, em seu original do numero 141 até 142.

Cosme de Medicis, por graça de Deos, Duque II de Florença e Sena, etc. A todos e a cada um, a cujas mãos chegarem as presentes letras, saude e prosperidade, etc. A familia dos Cavalcantis n'esta nossa cidade de Florença, como tambem a familia dos Manellos, resplandece com singular nobreza e luzimento, dos quaes até este tempo têem sahido varões de nós, de nossos progenitores, e da nossa republica benemeritos; porque elles têm alcançado em succesivos tempos todas as honras e dignidades da nossa cidade, e têm servido os supremos magistrados com grande louvor; trazendo as armas proprias da sua familia, á maneira dos patricios florentinos, distintas em seus campos e côres conhecidas, como abaixo se póde vêr, viveram como os outros mais luzidos fidalgos de sua patria. Entre os quaes contamos principalmente a João Cavalcanti, pai de Felippe Cavalcanti, o qual vivendo n'esta cidade em tempos passados cazou com a nobilissima Genebra Manelli, de quem teve de legitimo matrimonio ao dito Felippe Cavalcanti, o qual, não degenerando de seus pais, vive com toda a pompa no nobilissimo reino de Portugal. Pelo que amamos, como nos é licito, as mesmas familias, e a seus descendentes, e até d'isso significamos, que o mesmo Felippe Cavalcanti, nascido dos ditos pais nobres, a saber João e Genebra de legitimo matrimonio, e de familias muito nobres, com razão é muito amado de nós, e com o testimunho das presentes letras, que mandamos sellar com o nosso sello pendente de armas, certificamos sua nobreza; e a além d'isso dezejamos e pedimos, que por nosso respeito se lhe faça com toda a benignidade muita honra, porque nos será isso muito agradavel, e o teremos em grande obzequio. Dado em Florença em nosso palacio dos Duques a 23 de Agosto de 1559, e do nosso ducado florentino 23°., e do de Sena o 3°.

Eu Jeronimo de Giuntinis, doutor em ambos os direitos, filho do Snr. D. Francisco, cidadão florentino, primeiro ministro do dito archivo das reformações da cidade de Florença, juntamente com o abaixo assignado

D. Lourenço de Continis, meu companheiro no dito officio, para credito publico, por mão propria assignei para louvor de Deos.

Eu Lourenço de Continis, filho de Cosme, cidadão florentino, segundo ministro no dito officio das reformações junto com o dito D. Jeronimo de Giuntinis, primeiro ministro no mesmo officio, por passar assim na verdade, assignei por mão propria para louvor de Deos.

Nós Antonio de Deis, ao presente proconsul do collegio dos juizes e notarios da cidade de Florença, damos fé, e publicamente certificamos, que os sobreditos Snrs. D. Jeronimo de Giuntinis e D. Lourenço de Continis foram e são taes quaes se fazem nas suas assignaturas, e são dignos de fé, e que nos seus signaes sempre a elle se deu e ao presente se lhe dá plena e indubitavel fé, em juizo e fóra d'elle, e por passar assim na verdade, passamos esta sellada com o nosso sello. Dada em Florença a 4 de Janeiro de 1863.—*Jacob Bindio, Cancellario*, etc.

Nós abaixo-assignados, mercadores da praça de Florença, certificamos como o sobredito Sr. D. Jeronimo Giuntinis e o Snr. Lourenço Continis, são taes quaes se fazem nas suas assignaturas legaes, e dignas de fé, e a sens signaes se deu, e dá por todos inteiro credito, e por ser assim na verdade, passamos esta a 4 de Janeiro de 1683.

José Buona Corsi dá a dita fé por mão propria. *Carlos de Geneni* dá a dita fé por mão propria.

Lugar ✝.

CARTA

D'EL-REI D. JOÃO III ESCRITA A DIOGO ALVARES CARAMURU'

Diogo Alvares. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu ora mando Thomé de Souza, fidalgo de minha caza, a essa Bahia de Todos os Santos por capitão governador d'ella, e para na dita capitania e mais outras d'esse estado do

Brazil prover de justiça d'ella, e do mais que ao meu serviço cumprir, e mando, que na dita Bahia faça uma povoação, e assento grande e outras couzas de meu serviço. E porque sou informado pela muita pratica e experiencia, que tendes d'essas terras, e da gente, e costumes d'ellas, e sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando, que tanto que o dito Thomé de Souza lá chegar, vos vade para elle e o ajudeis no que lhe deveis cumprir, e vos elle encarregar, porque fareis n'isso muito serviço; e porque o cumprimento, e tempo de sua chegada a elle abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente, que com elle vai, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure por se haverem, e os vá buscar pelos portos d'essa capitania de Jorge de Figueiredo. Sendo necessaria vossa companhia e ajuda, encommendo-vos, que o ajudeis no que virdes que cumpre, como creio, que o fareis. Bartolomeu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de Novembro de 1548. — *Rei.*

Sobescrito — Por El-Rei a Diogo Alvares, cavalleiro de minha caza na Bahia de Todos os Santos.*

CARTA D'EL-REI

DE 24 DE DEZEMBRO DO ANNO DE 1605

Vi uma consulta do conselho da India, que me enviastes sobre Alvaro Rodrigues e Rodrigo Martins, irmãos. Hei por bem de fazer mercê de os tomar por cavalleiros fidalgos de minha caza, e mil e duzentos de moradia a cada um, e que se lhe dê brazão de armas de

* Acha-se no liv. 4 de serviços da camara da Bahia a fl. 24, e ahi as certidões dos tabelliães, que a reconheceram.

Consta dos papeis dos serviços de Alvaro Rodrigues Adorno, neto do dito Diogo Alvares Caramurú, que se acha a fl. no cartorio de Valensuela, que serve o capitão Antonio Teixeira Braga, em o livro d'elles do anno de 1704 a fl. 321.

nobreza conforme os seus feitos, e assim lhes faço mercê do habito de Aviz, com vinte mil réis de tença a cada um e tam bem lhe faço de quatro leguas de terra, como pareceu aos do conselho da India, as quaes lhe assignará o governador do Brazil.

TRASLADO AUTENTICO

DE UMA CARTA D'EL-REI D. JOÃO O 3°. PARA O 1.° GOVERNADOR E FUNDADOR DA CIDADE DA BAHIA

Diz o thezoureiro-mor João Borges de Barros, que, para certo requerimento, lhe é necessario, que qualquer dos escrivães d'esta ouvidoria, a quem fôrem apresentados os autos juntos, lhe passe por certidão o teor da carta do Senhor rei D. João o 3°., escrita a Thomé de Souza, primeiro governador d'este estado do Brazil, a qual se acha á fl. 8 verso. E que outrosim, revendo os ditos autos, certifique, si nos termos judiciaes, e mais partes d'elles, se nomeia a esta cidade por cidade do Salvádor, ou de São Salvador, e quantas vezes de um e outro modo. Pede a Vmc. seja servido mandar passar certidão em modo, que faça fé, entregando-se outra vez os autos, a quem lhes apresentar. E. R. M. Passe.—*Falcão.*

Antonio de Sepulveda Carvalho, que sirvo de escrivão da ouvidoria geral do civel da Relação d'este estado da Bahia nos impedimentos do proprietario o capitão-mór João Teixeira de Mendonça, etc. Certifico, que por parte do recorrido supplicante, o thezoureiro-mór João Borges de Barros, me foram apresentados uns autos, que pela sua antiguidade lhes faltam algumas folhas ao principio, e por essa razão não tinham autoação, mas pela contestura d'elles se percebia serem os ditos autos de traslado de outros de libello processado entre o procurador da mitra, igreja e a meza pontifical d'essa cidade e o provedor

e mais irmãos da Santa Mizericordia, e revendo os ditos autos sobre o pedido ou petição retro, n'elles a fl. 8 verso computadas pelo numero, que ao diante se segue, achei inserta a carta, de que a petição retro faz menção, cujo teor de *verbo ad verbum* é o seguinte:

Thomé de Souza, Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. O bispo d'essa cidade do Salvador, ora rezidindo em seu bispado como por outras cartas tivesse sabido ; e por que folgaria, que em a dita cidade houvesse duas cazas para apozento do dito bispo, e dos que ao diante forem, vos encommendo e mando, que ordeneis de as mandar fazer mais perto que poder ser da sé, ou pegadas com ella, si para isso houver logar conveniente, e com o dito bispo praticareis aonde será melhor. Muito vos agradecerei fazerem-se as ditas cazas com a mais brevidade que poder ser, as quaes terão ao redor de si um xão, em que se possa fazer quintal e jardim; e o que n'isto fizeres me fareis a saber por vossa carta. Adriano Lucio fez em Almeirim a 22 de Setembro de 1552. Andre Soares a fez escrever.– *Rei*. Para Thomé de Souza, governador das terras do Brazil, sobre as cazas que ha de mandar fazer na cidade do Salvador para os bispos d'ella. Por El-Rei. Registrada a fl. 176.

Não se contêm mais em a dita carta. E outrosim consta dos ditos autos assim pelos termos judiciaes como pelas certidões, que n'elles se acham copiadas, nomear-se em quarenta e duas partes esta cidade com o titulo de —Salvador—Bahia de Todos os Santos—e em nenhuma parte com o de—São Salvador. Passo o referido na verdade e consta dos ditos autos, aos quaes em tudo e por tudo me reporto, que tornei a entregar a quem aqui assignou de como os recebeu, e d'elles fiz passar a presente certidão bem e fielmente ; sem couza que duvida faça em observancia do despaxo retro do dezembargador ouvidor do civel Bernardino Falcão de Gouvêa, cavalleiro professo da ordem de Christo, com o teor da mencionada carta e outro official comigo assignado, esta conferi, concertei, subscrevi e assignei na Bahia aos 19 dias do mez de Julho de 1759 annos. Pagou-se d'esta,

na fórma do regimento. 216 réis. E eu Antonio de Sepulveda de Carvalho a subscrevi.

E comigo inquiridor

Joseph Antonio Troiano.

Concertada por mim escrivão

Antonio de Sepulveda de Carvalho.

COPIA

DO 1.° § DE UM CATALOGO ANTIGO DOS GOVERNADORES DA BAHIA

Thomé de Souza veio com patente d'el-rei D. João III e com titulo de capitão-mór emquanto não fundasse a cidade, trazendo em sua companhia o Dr. Pedro Borges para ouvidor geral e Antonio Cardozo de Barros para provedor da fazenda real; e desembarcando na ponte de Santo Antonio da Barra em o mez de Março de 1549, tomou logo posse da dita capitania-mór da villa velha de N. Senhora da Victoria, e preparando até o mez de Julho a gente de guerra, que havia trazido de Portugal, escolhido já o sitio por Diogo Alvares, marido de Catharina Alvares, que é o em que está hoje fundada a cidade, por ter porto acommodado para os navios e ser a terra levantada, que a faz participante de todas as virações, marchou o dito capitão-mór com mil homens de guerra e quatrocentos indios, e com effeito fizeram despejar as tres aldêas do gentio, que se achavam estabelecidas onde é o Terreiro de Jesus, o convento do Carmo e o Desterro, e a primeira couza que fez foi a igreja de N. Senhora da Ajuda, para os religiosos da companhia, e logo se continuaram cazas para o capitão-mór e para o ouvidor geral, provedor da fazenda e caza para o senado da camara e mais povo, e no primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, se estabeleceu a cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, tomando o dito capitão-mór

no mesmo dia a posse de governador, por patente que tambem havia trazido, assistindo-lhe o senado da camara, nobreza e mais povo da cidade, e fazendo continua guerra ao gentio circumvizinho, governou até 13 de Julho de 1553.

CARTA

D'EL-REI D. JOÃO III A MANOEL GONÇALVES BARROS

Manoel Gonçalves Barros. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Da minha restituição á corôa d'estes reinos mandei avizar a esse estado, logo que ella se effectuou, por não dilatar a tão bons vassallos de terem rei natural; e posto que creio, que a nova seria recebida com as demonstrações devidas e que estarei acclamado e obedecido por rei, como é justo, me pareceu mandal-a duplicar por esta via, e nomear por governadores d'esse estado ao bispo d'elle, ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, e a Lourenço de Brito Corrêa na fórma das provizões, que se lhe remettem, e fazer-vol-o saber por esta carta, para que o tenhaes entendido, e concorraes com os governadores ou qualquer d'elles no que se offerecer, de modo que tudo se disponha como mais convier, estando certo que vol-o-ei de agradecer conforme a importancia do serviço, que espero receber de vós, fazendo-vos em tudo particular mercê e favor. Escrita em Lisbôa a 4 de Maio de 1641.*

Rei.

* Veja-se a fl... n. 5 quem era este Manoel Gonçalves Barros.

Albuquerques em Pernambuco

Jeronimo de Albuquerque, de quem aqui falamos, foi o 1°. d'este appellido, que passou a Pernambuco, em companhia do seu primeiro donatario descobridor e fundador Duarte Coelho Pereira, a quem o rei D. João III, pelos bons serviços, e fiel companhia que este Duarte Coelho Pereira havia feito na India a Jorge de Albuquerque, capitão na tomada de Malaca, fez doação, senhor, e proprietario da capitania de Pernambuco; e Jorge de Albuquerque pelas mesmas razões voltando da India para o reino no anno de 1527, em Lisboa cazou a este Duarte Coelho Pereira com sua sobrinha D. Brites de Albuquerque, que era filha de Lopo de Albuquerque, a quem chamavam o Bode, e de sua mulher D. Joanna de Bulhão, e era irmão este Lopo de Albuquerque do sobredito Jorge de Albuquerque; e Jeronimo de Albuquerque acima, de quem aqui entramos a tratar, era filho 3°. d'este Lopo de Albuquerque e irmão de D. Brites de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho Pereira.

No anno de 1630, vindo Duarte Coelho Pereira conquistar e tomar posse da capitania de Pernambuco, trouxe em sua companhia a este seu cunhado Jeronimo de Albuquerque, o qual n'esta empreza e conquista obrou as acções de esforço e lealdade que andam escritas, e vencidos os indios do monte de Olinda, fundada a sua primeira povoação, feitas as pazes, e convertidos muitos á fé e amizade dos Portuguezes, de uma filha da aldêa de Olinda, chamada Arco-Verde, quando gentia, e depois d'estes D. Maria do Espirito-Santo Arco-Verde, a quem os seus reconheciam antes por princeza, teve d'este Jeronimo de Albuquerque, cunhado do donatario Duarte Coelho Pereira, varios filhos bastardos.

1. D. Catharina de Albuquerque, que se segue.

2. D. Brites de Albuquerque, mulher do citado Lins adiante.

3 Jeronimo de Albuquerque, que sua descendencia vai á fl...

4 D. Simoa de Albuquerque, á fl...

Cavalcantes em Pernambuco

N. 1. Felipe Cavalcanti, fidalgo florentino, foi filho de João Cavalcanti, e de sua mulher Genebra Manelli, e por causa de uma conjuração, que fez com seus parentes Holdo Cavalcanti, Pandolfo Pucci, e outros contra o duque Cosme de Medicis, fugio para Portugal no anno de 1558, e não se dando por seguro na Europa se passou a Pernambuco, onde experimentou tal hospitalidade em Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario Duarte Coelho Pereira, que o cazou o dito Jeronimo de Albuquerque com uma filha sua natural chamada D. Catharina de Albuquerque; a primeira que houve este Jeronimo de Albuquerque em D. Maria do Espirito Santo Arco-verde, e por ser a 1ª. lhe chamavam D. Catharina a velha; seu pai a estimou mais e mais que ás outras filhas; e é uma das perfilhadas a seu requerimento pelo rei D. Sebastião. Sobreviveu Felipe Cavalcanti de alguns annos a seu sogro Jeronimo de Albuquerque. Do livro velho da sé consta, que sua mulher D. Catharina de Albuquerque falecêra a 4 de Junho de 1614, e que fôra sepultada na matriz do Salvador de Olinda, sua patria, na mesma sepultura de seu marido Filipe Cavalcanti na capella de S. João, de que eram padroeiros. Do mesmo livro consta, que haviam feito testamento de mão commum, o qual ella ratifica em um codicillo; não ha hoje noticia d'esta instituição, nem da capella de S. João; nem ha na sé nenhuma d'este titulo. D'esta D. Catharina de Albuquerque e seu marido Felipe Cavalcanti nasceram onze filhos.

4. Antonio Cavalcante de Albuquerque, que se segue.

5. Lourenço Cavalcante de Albuquerque, que no anno de 1624, quando o Olandez tomou a cidade da Bahia, se achou ali, sendo coronel e nomeado elle e Antonio Cardoso de Barros para o governo das armas na falta do governador Mathias de Albuquerque, que governava Pernambuco, e ainda nomeado para a Bahia. Além de outros, que o escrevem, assim o traz D. Thomaz Tamaio de

Vargas na Restauração Bahia, á fl. 43. Não cazou este Lourenço Cavalcanti na Bahia, como diz uma escrita que vimos, e diz ella, que assim o escrevem as memorias de Jozé de Sá de Albuquerque, affirmando estas que não só cazára na Bahia este Lourenço Cavalcante, mas que ali tivera bastante descendencia; porque este Lourenço Cavalcante, que cazou na Bahia, e teve n'ella larga descendencia, foi outro Lourenço Cavalcante sobrinho do acima referido, filho de D. Felippa de Albuquerque, irman do primeiro Lourenço Cavalcante, coronel na Bahia, a qual D. Felippa de Albuquerque foi cazada em Pernambuco com Antonio de Olanda, filho de Arnáo de Olanda, de quem adiante se dirá; e vamos com os mais filhos de Felippe Cavalcante, Florentino, e sua mulher D. Catharina de Albuquerque.

6. Jeronimo Cavalcante, de quem não vimos a sua successão, e do qual consta, que no anno de 1625 foi remettido pelo governador de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, á Bahia em um navio com gente em soccorro para a restauração d'aquella praça, que os Olandezes haviam occupado em 9 de Maio de 1624, e com effeito se restaurou no 1.° de Maio seguinte de 1625.

7. Felippe Cacalcante de Albuquerque.

8. D. Genebra Cavalcante, mulher de D. Felippe de Moura.

9. D. Margarida Cavalcante de Albuquerque, mulher de Cosme da Silveira, e depois de João Gomes de Mello, o moço.

10. D. Catharina de Albuquerque, mulher de Christovão de Olanda, á fl...

11. D. Felippa de Albuquerque, mulher de Antonio de Olanda, á fl...

João, Joanna e Brites, que faleceram pequenos.*

N. B. Antonio Cavalcante de Albuquerque, filho segundo de Felippe Cavalcante e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, succedeu a seu pai

---

*D. Thomaz Tamaio de Vargas, *Restauracion de la Bahia*, fl. 118 v. § 29.

na administração dos bens da capella de S.João da matriz do Salvador de Olinda, e cazou com D. Izabel de Góes de Vasconcellos, filha de Arnáo de Olanda, de quem adiante se dirá, e d'esta e seu marido Antonio Cavalcante foram filhos:

12. Jeronimo Cavalcante de Albuquerque, de quem faz memoria Brito, no liv. 5 n. 396 e liv. 8 n. 655, foi fidalgo cavalleiro da caza real e professou na ordem de Christo, habilitado no anno de 1634; assistio com valor nas guerras de Pernambuco contra os Olandezes, e na retirada que fez o povo para as partes da Bahia, se retirou tambem este Jeronimo Cavalcante, deixando em Goiana, onde era morador, tres engenhos de fazer assucar, e mais a fazenda que possuia. Foi governador de Cabo-Verde, como escreve Duarte de Albuquerque Coelho, donatario de Pernambuco, nas suas Memorias diarias, a que assistio pessoalmente nos primeiros 8 annos d'aquellas guerras, á fls. 17, 49 e 192 v.; não consta fôsse cazado.

13. Manoel Cavalcante, que foi religioso capuxo da provincia de Santo Antonio do Brazil, professo no convento de Olinda a 9 de Novembro de 1608, chama-se frei Manoel de Santa Catharina. Enganou-se o padre Cruz na sua Bibliotheca luzitana, onde escreve, que fôra este religioso filho de um dos conventos do Carmo em Pernambuco, porque, como aqui dissemos, no livro antigo das profissões do convento da Senhora das Neves de Olinda, está o termo da sua profissão no dia referido, e os nomes de seus pais acima, como aqui vão.

14. Paulo Cavalcante, que foi religioso professo nos capuxos de Portugal a 19 de Fevereiro de 1632, dia em que fez a sua profissão no convento de Santo Antonio de Lisboa, estudou as letras e foi guardião do collegio da Pedreira, provincial de sua provincia eleito a 6 de Maio de 1662, vizitador da provincia da Piedade, e faleceu no convento de Lisboa a 3 de Fevereiro de 1693; compoz a obra que traz a Bibliotheca Luzitana, tom. 3, fl. 519.

15. Felippe Cavalcante de Albuquerque, que se segue.

16. D. Brites de Albuquerque, que cazou com Francisco Coelho de Carvalho, como vai adiante á fl... n. 1.

17. D. Izabel Cavalcante de Albuquerque, que cazou duas vezes, a primeira com Manoel Gonçalves Cerqueira, cavalleiro da ordem de Christo e familiar do santo officio, administrador da capella de Santa Catharina da Mizericordia de Olinda, e a segunda com Francisco Bezerra Barriga, primo de seu primeiro marido, e de ambos estes houve successão.

E D. Maria, D. Ursula e D. Paula, religiosas no mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

N. 15.—Felippe Cavalcante de Albuquerque, filho de Antonio Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Izabel de Góes, foi fidalgo cavalleiro da caza real, e professo na ordem, para a qual foi habilitado no anno de 1638. Servio com honra e credito nas guerras de Pernambuco contra os Olandezes, e depois da restauração viveu muitos annos na freguezia de Ipojuca, onde faleceu. Cazou depois do anno de 1657 (porque no termo de irmão da Mizericordia de Olinda, que assignou em 2 de Julho do dito anno, ainda era solteiro)* com D. Maria de Lacerda, filha herdeira de Antonio Ribeiro de Lacerda, aquelle valerozo capitão, que indo por cabo de uma esquadra ganhou o forte de S. Antonio, que era o nosso convento do Recife, que os Olandezes fizeram d'elle fortaleza, a que chamavam de Ernesto, e faleceu em poucos dias por ficar ferido mortalmente da bala de uma peça. Foi esse assalto no dia 24 de Março de 1630. Assim o relatam as Memorias diarias de Duarte de Albuquerque á fl. 35 verso, onde nota o pouco que mereceu por essa acção de seu marido Antonio Ribeiro de Lacerda sua mulher e uma filha, que deixava. Era esta sua mulher D. Izabel de Moura filha de D. Felippe de Moura e de sua mulher D. Genebra de Albuquerque, avós maternos de D. Maria de Lacerda, mulher de Felippe Cavalcante de Albuquerque. Era Antonio Ribeiro de Lacerda, esse que morreu, filho de Antonio Ribeiro de Lacerda,**que foi provedor da

* Cazaram na sé da Bahia a 9 de Maio de 1636.—O cura Antonio Viegas.

** D'este Antonio Ribeiro de Lacerda era irmão Cosme Dias da Fonseca, dos quaes era cunhado D. Jeronimo de Moura, diz assim um assento do cartorio do convento de Pojuca de 6 de Janeiro de 1608, com testimunhas.

fazenda real em Pernambuco, antes dos Olandezes, e de sua mulher D. Maria Pereira Coutinho, natural de Tancos, e da sua primeira nobreza. Assim o achamos em alguns papeis, que de Pernambuco nos vieram á mão, que tratam d'essas gerações; mas o Theatro genealogico, na arvore 213, assenta, que esse Antonio Ribeiro de Lacerda, de quem aqui falamos, que era pai de D. Maria de Lacerda, mulher d'esse Felippe Cavalcante, escreve, que não era filho do outro Antonio Ribeiro de Lacerda, provedor de Pernambuco, mas sim de Pedro Dias da Fonseca, cazado com a propria mulher D. Maria Pereira Couto; mas si nos devemos conformar com a consonancia ou correspondencia dos sobrenomes, parece, devemos assentar, que um Antonio Ribeiro de Lacerda seria filho de outro Antonio Ribeiro de Lacerda, e não de um Pedro Dias da Fonseca. Especialmente não havendo na ascendencia de Pedro Dias da Fonseca, tanto por parte paterna como materna, nenhum Ribeiro, nem Lacerda, que o pudesse herdar Antonio Ribeiro de Lacerda, que assenta a tal arvore era filho de Pedro Dias da Fonseca.

Tambem é para advertir, que, supposto assentamos aqui, conforme a memoria que nos mandaram de Pernambuco, que esse Felippe Cavalcante era solteiro no anno de 1657, conforme o termo que fez como irmão da Mizericordia de Olinda em 2 de Julho do dito anno, não se póde entender, que esse solteiro é, porque não tivesse ainda cazado, antes porque, sendo cazado havia muitos annos, era já viuvo; pois é certo, que no anno de 1635 era já cazado com esta propria mulher D. Maria de Lacerda, com a qual com os mais moradores de Pernambuco e Pojuca, donde era morador, se haviam retirado para a Bahia, e ali estava ainda assistente no anno de 1650, em que a 14 de Fevereiro d'este anno foi elle e sua mulher D. Marta de Lacerda e sua sogra D. Izabel de Moura padrinhos, ou testimunhas de um cazamento celebrado na igreja de Nossa Senhora da Ajuda da cidade da Bahia, como vimos em o livro antigo d'aquella sé, que tivemos em nossa mão. D'este D. Felippe Cavalcante e sua mulher D. Maria de Lacerda foram filhos :

Antonio, baptizado na sé a 31 de Outubro de 1647. *

18. Jeronimo Cavalcante de Albuquerque de Lacerda, que se segue.

19. D. Izabel de Moura, mulher de Leão Falcão de Mello, adiante, á fl... n. 5.

20. D. Joanna de Lacerda, que cazou com Vasco Marinho Falcão, á fl... n. 7.

21. D. Felippa de Moura, mulher de Pedro Marinho Falcão. á fl... n. 6.

22. D. Maria de Lacerda, que cazou com Francisco de Barros Falcão, senhor dos engenhos de Mossumbú e Pedreiras, dispensados no 3°. e 4°. gráos de consanguinidade.

23. D. Ursula Cavalcante, mulher de D. Francisco de Souza, adiante.

Antonio Cavalcante, que faleceu solteiro, sendo o primeiro.

N. 18. — Jeronimo Cavalcante de Albuquerque Lacerda, filho segundo de Felippe Cavalcante de Albuquerque, n. 15, e de sua mulher D. Maria de Lacerda, foi fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór da capitania de Itamaracá; cazou com D. Catharina de Vasconcellos, filha herdeira de Francisco Camello Valcacer,** cavalleiro da ordem de Christo e capitão de infantaria, senhor do engenho dos Reis na Parahiba, o qual engenho depois dos Olandezes trocou pelo de Camaratuba, e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos. Era D. Catharina de Vasconcellos, mulher d'esse Jeronimo Cavalcante, neta por via paterna de Francisco Camello, de quem trata o Castrioto, e de sua mulher D. Anna da Silveira, e por via materna neta de

* Aos 31 de Outubro de 1647 baptizei a Antonio, filho de Felipe Cavalcante e de sua mulher D. Maria de Lacerda. Foram padrinhos Cosme Dias da Fonseca e D. Maria de Moura.—Padre-cura, *Bento Freire.*

** Cazado este com D. Catharina de Vasconcellos a 10 de Janeiro de 1651, na capella do Carmo, pelo padre prior frei João Cavalcante. Veja-se á fl. 14, n. 9, de quem era filha esta D. Catharina de Vasconcellos, mulher d'este Francisco Camello de Valcacer.

Arnáo de Olanda de Albuquerque, á fl..., n. 8, e de sua mulher D. Maria Lins.

Francisco Camello,pai d'este outro, foi filho de Jorge Camello, que no anno de 1598 servia de ouvidor da capitania de Pernambuco,do qual se affirma descender de Lopo Rodrigues Camello, escrivão da puridade d'el-rei D. Sebastião e desua mulher D. Catharina Valcacer, fidalga castelhana. Anna da Silveira, mulher do sobredito Francisco Camello, foi filha de Domingos da Silveira, e de sua mulher Margarida Gomes da Silva, naturaes de Vianna.

Domingos da Silveira foi procurador da corôa e fazenda da capitania de Pernambuco, onde ainda vivia com idade muito avançada no anno de 1636,como escreve Brito liv. 9 n. 720, e era filho de Pedro Albuquerque da Silveira, natural de Serpa, na provincia do Alemtejo, e de sua mulher Margarida Gomes Bezerra, filha de Antonio Gomes Bezerra, naturaes de Vianna, que assim consta da instituição do morgado da Parahiba, que com permissão régia fez seu irmão Duarte Gomes da Silveira em 6 de Dezembro de 1639.

Do referido Jeronimo Cavalcante de Albuquerque Lacerda e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos foram filhos.

24. Manoel Cavalcante de Albuquerque Lacerda, que se segue.

25. D. Anna Cavalcante, que cazou com seu primo o coronel Felippe Cavalcante de Albuquerque.

26. D. Maria de Lacerda, que cazou com Jozé Pessoa, cavalleiro da ordem de Christo e admiuistrador das capellas de N. Sra. das Angustias do collegio de Olinda, e da do engenho de S. Pantaleão da Vargem, e capellão-mór da villa de Goiana.

27. D. Francisca Cavalcante, que cazou com Miguel Carneiro da Cunha, irmão de sua cunhada D. Sebastiana de Carvalho, sem successão.

N. 24. Manoel Cavalcante de Albuquerque Lacerda, filho de Jeronimo Cavalcante de Albuquerque Lacerda, n. 18, e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos, foi fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide mór de villa de Goiana; cazou com D. Sebastiana

de Carvalho, filha do coronel Manoel Carneiro da Cunha, senhor de engenho do Brum, e de sua mulher D. Sebastiana de Carvalho, neta por via paterna de Manoel Carneiro de Mariz, que era juiz ordinario de Olinda no anno de 1654, em que se restaurou Pernambuco, e de sua mulher D. Cosma da Cunha; e por via materna neta de Sebastião de Carvalho, fidalgo da caza real, cujo fôro foi passado a 30 de Junho de 1623, e de sua terceira mulher D. Francisca Monteiro.

Manoel Carneiro de Mariz, que é o mesmo que assígnou o memorial, que Calado tresladou á fl., foi filho de João Carneiro de Mariz, natural da villa do Conde, e da caza dos morgados de S. Roque e Horta-Grande, e de sua mulher D. Maria Coresma, filha de seu parente Pedro Alves Carneiro, e de sua mulher D. Maria Velho. D. Cosma da Cunha, mulher de Manoel Carneiro Mariz, foi filha de de Pedro da Cunha de Andrade, moço fidalgo da caza real, e de sua segunda mulher D. Cosma Fróes, filha de Diogo Gonçalves, auditor da gente de guerra, e de sua mulher Izabel Fróes, que foi criada da Sra. rainha D. Catharina.

O sobredito Pedro da Cunha de Andrade foi filho de Rui Gonçalves de Andrade, moço fidalgo da caza real, o qual era natural da ilha da Madeira e de sua mulher D. Leonor da Cunha Pereira, filha de Nuno da Cunha, que servio na India, e foi capitão mór do Malabar, o que foi filho de Tristão da Cunha e de sua mulher D. Helena de Atahide, irman de D. Luiz de Atahide, 1°. conde, e 4°. senhor de Atouguia, que foi duas vezes vice-rei da India, como escreve D. Antonio Caetano de Souza na Historia genealogica da caza real portugueza, tom. 12 liv. 13 part. 3ª cap. 2 § 2° pag. 20 n. 16: neto por via paterna de Simão da Cunha, commendador de S. Pedro de Torres Vedras, trinxante do rei D. João III e irmão do grande Nuno da Cunha, governador da India, onde elle tambem servio, e de sua mulher D. Izabel de Menezes.

Sebastião de Carvalho foi natural do Crato, filho de João Alves de Carvalho, fidalgo da caza real, e dezembargador da Relação do Porto, e de sua mulher D. Maria de Andrade, filha de Fernão Dias de Andrade, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Angela Berenguer

de Alconcinha; e o dito dezembargador João Alves da Carvalho foi filho do dezembargador Manoel Alves de Carvalho, que foi dezembargador do paço, e embaixador a Inglaterra no tempo que a Sra. rainha governou o reino na menor idade de seu neto el-rei D. Sebastião, e de sua mulher D. Ignez Cazado Maciel, natural de Vianna, filha de João Cazado Maciel, que se achou na tomada de Azamor com duus navios á sua custa, e passando á India com o vice-rei D. Vasco da Gama acompanhou ao governador D. Estevão da Gama na viagem do Mar-Rôxo por capitão de uma náo, e de sua mulher Ignez Annes Maciel; o sobredito dezembargador do paço Manoel Alves de Carvalho foi filho de Sebastião Alves de Carvalho, commendador da ordem de Christo e corregedor da côrte, descendente da nobilissima caza dos Carvalhos do nosso reino, e de sua mulher Branca de Guimarães, filha de N... Alves de Guimarães, senhor do Couto e concelho de Sabariz, e de sua mulher Izabel Lopes Xamisso, pessoa muito principal da cidade de Braga.

D. Francisca Monteiro, terceira mulher de Sebastião de Carvalho, foi filha de Francisco Monteiro Bezerra, de quem fazem memoria Brito, Calado, Castrioto em muitos logares, e de sua mulher Maria Pessoa, os quaes do livro velho da sé consta receberam as bençãos de cazados na sua ermida de S. Pantaleão a 2 de Fevereiro de 1606, neta por via paterna de Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, que faleceu a 11 de Outubro de 1607, e de sua mulher Brazia Monteiro; que faleceu a 12 de Outubro de 1606; e por via materna neta de Fernão Martins Pessoa, e de sua mulher Maria Gonçalves Rapozo, que faleceu a 16 de Outubro de 1612, e era filha de Antão Gonçalves Rapozo e de sua mulher Maria de Araujo, natural de Portugal, e dos primeiros povoadores que vieram á capitania de Pernambuco. O sobredito Fernão Martins Pessoa foi filho de João Fernandes Pessoa e de sua mulher Guiomar Barrozo, naturaes de Viauna.

Do sobredito Manoel Cavalcante de Albuquerque Lacerda e sua mulher D. Sebastiana de Carvalho foram filhos:

28. Manoel Carneiro Cavalcante de Lacerda, que se segue.

29 Jozé Cavalcante de Lacerda, fidalgo da caza real, que cazou no sertão de Jaguaribe com D. Caetana de Mello, filha herdeira de Miguel Francisco de Mello e de sua mulher D. Maria da Assumpção Góes, sem successão.

30. D. Maria Sebastiana, D. Cosma, e D. Rosa.

N. 28. Manoel Carneiro Cavalcante de Lacerda, filha de Manoel Cavalcante de Albuquerque Lacerda, n. 24, e de sua mulher D. Sebastiana de Carvalho, foi fidalgo da caza real, cazou com sua parenta. D. Maria Magdalena de Valcacer, filha do sargento mór Jorge Camello Valcacer e de sua mulher D. Maria Ferreira, filha de Francisco, Ferreira e teve filhos.

30. Manoel Carneiro de Lacerda.

31. D. Sebastiana de Carvalho.

N. 23 D. Ursula Cavalcante, filha de Felippe Cavalcante de Lacerda, n.13, e de sua mulher D. Maria de Lacerda, foi cazada com D. Francisco de Souza, commendador da commenda de S. Eurico da ordem de Christo, e mestre de campo do terço da infantaria paga da praça do Recife em Pernambuco, e por falecimento de Manoel de Souza Tavares foi ali governador desde 11 de Fevereiro de 1721 até 11 de Janeiro do seguinte anno de 1722, dia em que entregou o governo a seu successor D. Manoel Rolin de Moura. * Era o dito D. Francisco de Souza filho natural de D. João de Souza, commendador da mesma commenda de S. Euricio e de S. Lino e mestre de campo da infantaria do mesmo terço do Recife, em que succedeu André Vidal de Negreiros, e foi havido o tal D. Francisco de Souza em D. Leonor Cabral, filha de Luiz Braz Bezerra e de sua mulher D. Maria Paes Barreto, senhores do engenho de SS. Cosme e Damião da freguezia da Vargem. De D. Ursula Cavalcante e seu marido D. Francisco de Souza nasceu unico:

32. D. João de Souza, cavalleiro da ordem de Christo com promessa da commenda, que foi de seu pai e avô, a qual se não sabe, si chegou a lograr. Cazou com D. Maria

* Theatro genealogico, arvore 213.

Bernarda de Vilhena, filha de D. Lourenço de Soutomaior, senhor do morgado de Fonte-Pedrinha, e de sua mulher D. Ignez de Vilhena: do tal D. João de Souza e de sua mulher D. Maria Bernarda não houve successão.

ROLINS E MOURAS EM PERNAMBUCO

N. 1. D. Alicia de Moura, que cazou com seu primo Manoel Garcia Pimentel, fidalgo da caza real, e donatario da capitania de Espirito Santo, e não teve filhos. Veja-se a fl... n. 2, quem era este Manoel Garcia Pimentel.

N. 8. D. Genebra Cavalcante, filha de Felippe Cavalcante Florentino e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque á fl..., n. 8,foi cazada com D. Felippe de Moura, que era filho de D. Manoel de Moura e de sua mulher D. Izabel de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque* o Bode á fl... De D. Felippe e de sua mulher D. Genebra Calvacante foi filha.

1. D. Alicia de Moura, á fl... n. 7, e vai o n. 7 a diante.

2. D. Izabel de Moura, que cazou com Antonio Ribeiro de Lacerda, dos quaes foi filha D. Maria de Lacerda, mulher de Felippe Calvacante de Albuquerque á fl... n. 75, e ahi a sua descendencia, e no Theatro genealogico, arvore 213.

3. D. Paulo de Moura, a diante e no Theatro genealogico na arvore 53, no fim.

De Pernanbuco escreve uma memoria dizendo assim: Tambem veio de Pernambuco, no tempo do Olandez, Manoel de Moura Rolin, e seu irmão Felippe de Moura Rolin, sem expressar de quem eram filhos, e só que na Bahia cazáram:

4. Felippe de Moura Rolin com D. Felippa, filha

* Theatro genealogico Arvore 223.

legitima de Diogo Pissarro de Vargas, de nobre familia, e d'elles não houve successão.

5. Manoel de Moura Rolin, que se segue.

N. 9. Manoel de Moura Rolin, irmão de Felippe de Moura Rolin. cazou na Bahia com D. Anna Maria da Silva, filha de Antonio da Silva Pimentel e de sua mulher D. Joanna de Araujo á fl...., n. 4 e teve filhos. *

6. Cosme de Moura Rolin, que não cazou, e faleceu com 68 annos de idade; fez testamento, em titulo por seu herdeiro a seu filho B. Antonio de Moura Rolin. Mandou dizer duas mil missas pelas almas de seus pais, e de sua avó D. Joanna de Araujo e de seu tio Felippe de Moura, e de seus irmãos Felippe de Moura Rolin, Antonio de Moura Rolin, e D. Alicia de Moura. Foi amortalhado no habito de S. Francisco e sepultado no seu convento. Assim está escripto no livro de obitos da sé.**

7. Felippe de Moura Rolin, que cazou com D. Maria Pimentel á fl.... n. 10. Cazáram a 30 de Outubro de 1644.

8. Antonio de Moura Rolin, que, passando a Pernambuco, cazou lá e teve um filho por nome Manoel Garcia de Moura.

N. 2. D. Paulo de Moura, filho de D. Genebra Calvacante, n. 8, e de seu marido D. Felippe de Moura, o qual de sua prima D. Brites de Mello teve uma filha por nome D. Maria de Mello, que cazou com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, bisavós de Sebastião Jozé de Carvalho, conde de Oeiras, como se vê na arvore 53 do Theatro genealogico; e na nossa chronica á fl. 206, n. 347 até 352, em que se trata de frei Paulo de S. Catharina, que é o sobredito D. Paulo de Moura, de quem aqui se trata.

Antonio de Moura Rolin, filho de Manoel de Moura Rolin, natural de Pernambuco, e de sua mulher D. Anna Maria da Silva, natural da Bahia. neto por parte paterna

* Faleceu esse na freguezia do Soccorro, sepultou-se no convento de S. Francisco da Bahia a 7 de Setembro de 1664, e havia cazado a 24 de Abril de 1656.

** Faleceu a 27 de Agosto de 1730.

de Cosme Dias da Fonseca e de sua mulher D. Alicia de Albuquerque, naturaes ambos de Pernambuco, e pela materna de Antonio da Silva Pimentel e de sua mulher D. Joanna de Araujo da Bahia, fl.... Cazado o tal Antonio de Moura com D. Maria de Moura Rolin, filha de Pedro de Moura Peieira e de sua mulher D. Francisca Cavalcante, naturaes ambos de Pernambuco, neta pela parte materna de Cosme Dias da Fonseca, natural de Lisbôa, e de sua mulher D. Margarida Cavalcante, natural de Pernambuco.

Manoel Peçanha, filho de Ambrozio Peçanha e de sua mulher D. Brites de Souza, filha de Alvaro de Aboim de Brito, cazou com D. Izabel da Silva, filha de Antonio de Moura, e neta de Francisco de Moura, e Antonio de Moura, cazou com D. Brites, filha de Christovão Barão, diz um assento sem mais clareza.

OLANDAS E VASCONCELLOS EM PERNAMBUCO COM CAVALCANTES E ALBUQUERQUES

1. Arnáo de Olanda foi filho de Henrique de Olanda Baravito de Reneoburg, natural de Utreque, o qual Henrique de Olanda foi cazado com Margarida Florença, que era irman do papa Adriano VI, e foi cazado Arnáo de Olanda com Brites Mendes de Vasconcellos, que era filha de Bartolomeo Rodrigues, camareiro-mór do infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel, e cazado com Joanna de Góes de Vasconcellos. D'este Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos foram filhos:

2. Christovão de Olanda de Vasconcellos, que cazou com D. Catharina de Albuquerque, n. 10, fl.... filha de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, fl.... n. 1. E a sua descendencia vai á fl.... n. 10 e seguinte e aqui verso.

3. Antonio de Ollanda de Vasconcellos, cazado com D. Felippa de Albuquerque, sua cunhada, n. 11, fl... e a sua descendencia, á fl...., n. 1 e seguinte.

4. D. Izabel de Goes de Vasconcellos, que cazou com Antonio Cavalcante, filho do mesmo Florentino e a sua descendencia fica á fls... n. 12 e seguinte.

5. D. Adriana de Olanda, mulher de Christovão Lins, adiante á fl...

6. D. Brites de Barros, cazada com Antonio Coelho de Carvalho, adiante á fl..., e ahi o mais.

7. D. Anna de Olanda, que cazou com João Gomes de Mello, adiante á fl...

8. D. Maria de Olanda, mulher de Christovão de Ollanda de Vasconcellos, filho de Arnáo de Olanda acima, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, cazado com D. Catharina de Albuquerque já referida, além da sua descendencia que vai adiante a fl... n. 10, teve mais filhos.

8. Arnáo de Olanda de Albuquerque, que cazou com D. Maria Lins, a qual era filha de Sibaldo Lins e de sua mulher D. Brites de Albuquerque, com quem o filho Cibaldo Lins foi segunda vez cazado, como vai adiante.

D'este Arnáo de Olanda de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Lins foi filha :

9. D. Catharina de Vasconcellos, que foi cazada com Francisco Camello Valcacer, como fica á fol... e d'este seu marido Francisco Camello Valcacer teve entre outros filha:

10. D. Catharina de Vasconcellos, que cazou com Jeronimo Cavalcante de Albuquerque Lacerda, á fl... n. 18 e ahi a sua descendencia.

N. 3. Antonio de Olanda de Vasconcellos, filho de Arnáo de Olanda e de sua mulher Margarida Florença n. 1, foi cazado com D. Felippa de Albuquerque, sua cunhada, por ser irman de D. Catharina de Albuquerque, filhas ambas de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, como fica em seu lugar, e vai adiante á fls.... e....

11. Arnáo de Olanda de Vasconcellos, que se segue.

Arnáo de Olanda de Vasconcellos, filho de Antonio de Olanda, n. 3, e de sua mulher D. Felippa de Albuquerque a fl... n. 2, viveu em Paripe, onde era cazado com D. Maria Cavalcante, e teve filhos.

12. D. Felippa de Vasconcellos, cazada com o capitão Luiz de Godoi, sem filhos.

Segunda vez cazou esta D. Felippa com o alferes Antonio de Pontes Silva, do qual fôram filhos :

13. Pedro de Pontes, que cazou com D. Leonor dos Santos.

LINS

N. 8. D. Brites de Albuquerque, filha natural de Jeronimo de Albuquerque, como fica á fl... n. 2, foi cazada, diz o assento de que se tirou esta noticia, com Sibaldo Lins, sem mais individuação de quem era este Sibaldo Lins ; mas por conjecturas, couzas, circumstancias, se póde com juizo discorrer, que este Sibaldo Lins foi o pai de Christovão Lins, cazado com Adriana de Olanda, como adiante se dirá, do qual Christovão Lins nasceu Bartolomeu Lins e d'este um Sibaldo Lins, que, no anno de 1673, por breve pontificio, foi dispensado em segundo e terceiro gráos de consanguinidade para cazar com uma sua parenta, como se vê á fl.... E parece não haver outra razão para que, passados tantos annos quantos os de 1530, em que vieram a Pernanbuco os seus primeiros fundadores, e com elles Jeronimo de Albuquerque, até os de 1673, em que achamos a um Sibaldo Lins, filho de Bartolomeu Lins, dispensado por breve pontificio para cazar com uma sua parenta D. Anna de Barros, á fl...., e parece não haver outra razão para que entre Portuguezes se buscasse este novo estrangeiro nome de Sibaldo, para se dar ao filho de Bartolomeu Lins, si na geração dos Lins já não tivesse havido outro Sibaldo, antigo, que fosse bisavô d'este novo ; e assim temos fundamento para assentar, que a dita D. Brites de Albuquerque acima, cazada com Sibaldo Lins, fosse este o que deu principio a esta geração em Pernambuco, e tivesse o filho Christovão Lins, que cazou com D. Adriana de Olanda, como vai adiante.

LINS EM PERNAMBUCO E BAHIA

N. 5. D. Adriana de Olanda, filha de Arnáo de Olanda, á fl..., e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, foi cazada com Christovão Lins, illustre fidalgo estrangeiro, parente em gráo não mui remoto do Duque de Florença. Passou a Pernambuco nos principios da sua fundação, e foi o que conquistou as terras do Porto-Calvo dos indios Potiguares, e levantou até o cabo de Santo Agostinho sete engenhos de fazer assucar e uma igreja em honra de Nossa Senhora. Foi cazado com Adriana de Olanda acima, a qual diz Calado na sua historia das guerras de Pernambuco, que no anno de 1645, em que se dava principio a acclamação da liberdade, contava a cidade 110 annos; e tinha visto até os seus quatro netos, á fl. 254, cap. 5°. D'esta e seu marido Christovão Lins foram filhos :

1. Bartolomeu Lins de Vasconcellos, que se segue.
2. D. Ignez Lins de Vasconcellos, mulher de Vasco Marinho Falcão, adiante.
3. D. Beatriz Mendes de Vasconcellos, mulher de Baltazar de Almeida Botelho, ao depois. (*)

N. 1. Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho de Christovão Lins de Lima e de sua mulher D. Adriana de Olanda, foi cazado com Maria da Rocha, natural da freguezia de Serinhaen do mesmo Pernambuco, e teve filhos.

4. Ignez Lins, mulher de Rodrigo de Barros, á fl...
4. Christovão Lins de Vasconcellos, que foi dos primeiros que, em Porto-Calvo, com outras pessoas nobres e moradores, seguio as ordens de João Fernandes Vieira para a restauração da patria, eleito capitão de uma esquadra. Calado á fl. 254, ibi.
5. Constantino Lins, que se segue.
6. Sibaldo adiante.

(*) Beatriz Mendes, assim está em duas dispensa e breves pontificios, como vai.

5. Constantino Lins, filho de Bartolomeu Lins e de sua mulher Maria da Silva, passou á Bahia na retirada, que com o mais povo fizeram de Pernambuco muitas pessoas principaes na guerra dos Olandezes, no anno de 1635; foi capitão da fortaleza da Ribeira, e depois da do Mar, e fidalgo da caza de Sua Magestade, e cazou na Bahía com D. Maria de Sá de Menezes, filha de Antonio Muniz Telles e de sua mulher Catharina de Sá de Almeida, teve filhos, á fl..., n. 11. *

8. Antonio Muniz Barreto, que se segue.

7. Bartolomeu Lins de Vasconcellos, adiante.

6. D. Francisca Lins, depois, e outros mais.

N. 6. D. Francisca Lins, filha do capitão Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, foi cazada com Manoel Telles Barreto, fidalgo da caza real, filho de Jorge Barreto de Vasconcellos e de sua segunda mulher D. Apollonia Telles de Menezes, filha de Antonio Muniz Telles e de sua mulher Catharina de Sá de Almeida, o qual Antonio Muniz Telles era filho de Diogo Muniz Telles, neto de Henrique Muniz Telles, ou Barreto, e bisneto de Egas Muniz Barreto, e teve filhos.

9. Manoel Muniz Barreto, tenente de infantaria d'esta praça; cazou com D. Thereza Maria de Jesus, filha de Antonio de Araujo Góes e de sua mulher D. Anna Ursula de Souza, e teve filhos — Luiz Muniz Barreto e João Telles de Menezes.

N. 8. Antonio Muniz Barreto, filho de Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, cazou com sua prima legitima D. Maria da Conceição de Menezes, pela qual foi pessoalmente á Roma elle mesmo buscar a dispensa, por ser ella filha de D. Apollonia Telles de Menezes, irman esta de D. Maria de Sá, mulher de Constantino Lins, pai d'elle supplicante Antonio Muniz Barreto, e tiveram filhos:

10. Francisco Muniz Barreto de Vasconcellos.

11. D. Jozefa e D. Clara, recolhidas no Desterro, e D. Rita de Cacia, que morreu menina.

---

* Cazaram a 28 de Setembro de 1663, em Pirajá.

N. 7. Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho de Constantino Lins e de sua mulher D. Maria de Sá, cazou com D. Branca Telles, tambem sua prima legitima, por ser irman de D. Maria da Conceição, e filha de Jorge Barreto e de sua mulher D. Apollonia, acima, e teve filhos.

OLANDAS, BARROS, ETC.

N. 8. D. Maria de Olanda, filha de Arnáo de Olanda á fl..., n. 1, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, foi cazada com

Rodrigo de Barros Pimentel, que se segue.

N. 1. Rodrigo de Barros Pimentel, filho de D. Maria de Olanda e de seu marido.

Foi cazado com D. Jeronima de Almeida, filha de Baltazar de Almeida Botelho e sua mulher D. Beatriz Mendes, irman de Bartolomeu Lins, á fl. 15, ns. 2 e 3, e teve filhos.

1. Jozé de Barros Pimentel, á fl...
2. D. Maria de Barros, que se segue.
3. D. Cosma de Barros, adiante.
4. Rodrigo de Barros, ao depois.
5. D. Beatriz Pimentel, cazada á fl...

N. 2. D. Maria de Barros, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jeronima de Almeida, foi cazada com Leão Falcão Deça, filho de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher D. Ignez Lins, filha de Christovão Lins e de sua mulher Adriana de Olanda, á fl..., e teve filho:

6. Francisco de Barros Falcão, que se segue.

N. 6. Francisco de Barros Falcão, filho de D. Maria de Barros e de seu marido Leão Falcão Deça, foi cazado com D. Maria de Lacerda, filha de D. Maria de Lacerda e de seu marido Felippe Cavalcante, filho este de Antonio Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Izabel de Goes de Vasconcellos, filha de Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, o qual Antonio Cavalcante, cazado com a sobredita Izabel de Goes, era filho de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino,

o primeiro que passou a Pernambuco, como outras vezes fica dito, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha natural de Jeronimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, e de D. Maria do Espirito-Santo Arco-Verde, india principal de Olinda, da qual o sobredito Jeronimo de Albuquerque teve varios filhos naturaes, como fica á fl... etc.

ARNAO DE OLANDA

Brites Mendes de Vasconcellos

Filha — Filha
D. Maria de Olanda.—Irmans—D. Izabel de Goes Vasconcellos.
1° gr. Antonio Cavalcanti.

Filho — Filho
Rodrigo de Barros Pimentel.—Primos—Felippe Cavalcante.
D. Jeronima de Almeida. 2° gr. D. Marfa de Lacerda.

Filha — Filha
D. Maria de Barros.— D. Maria de Lacerda.
Leão Falcão Deça. 3° gr. Oradora.

Filho
Francisco de Barros Falcão, 1° gr. mixto com o 3°.
Orador.

OLANDAS, BARROS E LINS

N. 3. D. Cosma de Barros, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jeronima de Almeida, foi cazada com Sibaldo Lins, filho de Bartolomeu Lins, á fl..., n. 1, e de sua mulher D. Maria da Silva, ahi, o que Bartolomeu Lins, era filho de Christovão Lins e de sua mulher Adriana de Olanda, ibi, e foram dispensados Sibaldo Lins e D. Cosma no 2.° e 3.° gráos de consanguinidade por breve do Santissimo padre Alexandre 7.°, *datum Romæ apud Sanctam Mariam Majorem anno incarnationis dominicæ milesimo sexcentesimo quinquagesimo octavo, octavo Kalendas Maii, pontificatus nostri anno quarto.*

Assim se acha no cartorio eccleziastico da Bahia, unido aos autos das testimunhas, que se tiraram em Pernambuco. Dispensados por uma via no 2.° e 3.° gráos commun de consanguinidade, e tambem em 3.° por outra via, como expõe o mesmo breve de Sua Santidade: *Oblata nobis nuper pro parte delecti filii Sibaldi Lins et dilectæ in Christo filiæ Cosmæ de Barros, mulieris Sancti Salvatoris in partibus del Brasil, petitio continebat, quod ipsos alias scientibus se secundo et tertio ex uno comuni, et tertio ex altero consanguinitatis gradibus invicem esse conjunctos.*

TRONCO

ARNAO DE OLANDA

Brites Mendes de Vasconcellos

Filho Filha
Adriano de Olanda.—Irman—Maria de Olanda.
1° gr.

Filho Irmãos, 2° gr. Filho Primos, 2° gr. Filho
Beatriz Mendes.— Bartolomeu Lins.—Rodrigo de Barros Pimentel.
Baltazar de Almeida. D. Jeronima de Almeida.
D. Jeronima de Almeida.—Primos—Sibaldo Lins—2° gr —D. Cosma de
Rodrigo de Barros Pimentel 2° gr. Orador Barros. Oradora

Filha
D. Cosma de Barros, 3° gr. mixto com o 2°
Oradora.

Para maior clareza offerecemos aqui o que depuzeram as testimunhas, que nos taes autos juraram. Perguntado pelo segundo artigo disse, que sabe, que os oradores são parentes por uma parte a saber, que D. Jeronima de Almeida, mãi da oradora, D. Cosma de Barros, foi filha de Beatriz Mendes, e Beatriz Mendes foi irman de Bartolomeu Lins pai do orador Sibaldo Lins; e por outra parte Rodrigo de Barros Pimentel foi filho de Maria de Olanda, e Maria de Olanda foi irman de Adriana de Olanda e Adriana de Olanda foi mãi de Bartolomeu Lins, pai do orador Sibaldo Lins.

N. 4.— D. BEATRIZ PIMENTEL

Christovão Lins de Vasconcellos, filho de Bartolomeu Lins de Vasconcellos e de sua mulher Maria da Rocha, n..., foi cazado com D. Beatriz Pimentel sua parenta em 3.° gráo de consanguinidade, por ser essa D. Beatriz Pimentel filha de Rodrigo de Barros Pimentel; e este ser primo co-irmão de Bartolomeu Lins, pai de Christovão Lins. E além d'este parentesco serem tambem parentes, por ser o dito Rodrigo de Barros cazado com D. Jeronima de Almeida; filha de D. Beatriz Mendes, irman do dito Bartolomeu Lins, e sua sobrinha, e por esta via tambem em 3.° gráo, os oradores; e foram dispensados por breve, digo dispensa do bispo da Bahia D. Pedro da Silva de 11 de Abril de 1645.

ARNAO DE OLANDA

Brites Mendes de Vasconcellos

Christovão Lins.—Irman—D. Maria de Olanda.
Adriano de Olanda. 1° gr.

Irmão Filho Primo 2° gr. Filho
D. Beatriz Mendes.—Bartholomeu Lins —Rodrigo de Barros Pimentel.
Balthazar de Almeida Botelho. D. Jeronima de Almeida.

Filha Filho Filho
D. Jeronima de Almeida Rodrigo de Barros Pimentel. — Christovão Lins Vasconcellos Orador — 3° gr.— D. Beatriz Pimentel. Oradora.

Filha
D. Beatriz Pimentel, 3° gr. Oradora.

BARROS, LINS, ETC.

N. 4. Rodrigo de Barros, filho de Rodrigo de Barros Pimentel e de sua mulher D. Jeronima de Almeida á fl... foi cazado com D. Ignez Lins, filha de Bartolomeu Lins á fl... e foram dispensados por duas vias no 3.° e 4.°

grãos de consanguinidade; a primeira porque o orador Rodrigo de Barros é filho de D. Jeronima de Almeida, a qual D. Jeronima foi filha de Beatriz Mendes, a qual Beatriz Mendes foi irman de Bartolomeu Lins, o qual Bartolomeu Lins foi pai da oradora Ignez Lins. E pela outra, porque o orador Rodrigo de Barros é filho de Rodrigo de Barros Pimentel, o qual Rodrigo de Barros Pimentel foi filho de Maria de Olanda, a qual Maria de Olanda era irman de Adriana de Olanda, mãi de Bartolomeu Lins, pai da oradora Ignez Lins. Foram esses oradores dispensados no 3.° e 4.° grãos commun de consanguinidade por breve do Santissimo papa Alexandre 7°, *datum Romæ apud sanctam Mariam Majorem, anno incarnationis dominicæ* 1657, *nonas Martii. pontificatus nostri anno tertio.* E começa assim — *Alexander episcopus, servus servorum Dei, dilecto filio officiali Brazilien salutem, et apostolicam benedictionem. Oblata nobis nuper pro parte dilecti filii Roderici de Barros Laici, et dilectæ in Christo filiæ Agnetis Lins mulieris Brasilien dioceses petitio continebat, quod ipsi alias scientes se tertio et quarto a communi stipite provenientibus consanguinitatis gradibus invicem esse conjunctos*, etc.

ARNAO DE OLANDA

Brites Mendes de Vasconcellos

Filha — Filho
Maria de Olanda. —Irmans—Adriano de Olanda
1 gr. Christovão Lins.

Filho — Primos — Filho — Filha
Rodrigo de Barros Pimentel 2° gr. Bartholomou Lins.—Beatriz Mendes
D. Jeronimo de Almeida—Maria da Silva — Baltazar Botelho de Almeida.

Filho — Filha — Filho
Rodrigo de Barros.—3° gr.—Ignez Lins—D. Jeronima de Almeida
Orador — Oradora — Rodrigo de Barros Pimentel

Filho
3° gr.—Rodrigo de Barros
Orador

N. 2 JOZÉ DE BARROS PIMENTEL

D. Maria Accioli
Beatriz Mendes de Vasconcellos
Baltazar de Almeida Botelho *

Filho — Filha
D. Jeronimo de Almeida.—Irmans—D. Adriana de Almeida.
Rodrigo de Barros Pimentel—1º gr.—Manoel Gomes de Mello.
Filho — Filha
Jozé de Barros Pimentel—2º gr.—D. Maria de Mello.
Orador — João Baptista Accioli.
Filha
Mixto com o 3º—D. Maria Accioli.
Oradora.

BRITES MENDES DE VASCONCELLOS

Arnáo de Olanda

Filha — Filha
D. Maria de Olanda.—Irmãos—D. Anna de Olanda.
1º gr. João Gomes de Mello, orador.
Filho — Filho
Rodrigo de Barros Pimentel.—2º gr.—Manuel Gomes de Mello.
D. Jeronima de Almeida. — D. Adriana de Almeida.
Filho — Filha
Jozé de Barros Pimentel.—3º gr.—D. Maria de Mello.
Orador mixto com o 4º gr.
Filha
D. Maria Accioli, oradora mixta com o 4º g.

D. Maria de Olanda.—Irman—Anna de Olanda.
1º gr.
Filho — Filho
Rodrigo de Barros Pimentel.—2º gr.—João Gomes de Mello, o moço.
D. Jeronima de Almeida. — D. Margarida Cavalcanti.
Filho — Filha
Jozé de Barros Pimentel.—3º gr.—D. Anna Cavalcanti.
orador, com o 4º e 5º
Filho
João Baptista Accioli, mixto com o 4º.
Filha
D. Maria de Mello.
D. Maria Accioli, oradora, mixto com o 5º.

---

* Dispensados por incumbencia do cabido da Bahia. Sede vacante de 23 de Agosto de 1668.

D. Brites de Barros, filha de Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, á fl..., foi cazada com Antonio Coelho de Carvalho, ibi n. 6, o qual era filho 2.° de Feliciano Coelho de Carvalho, adiante fl... n. 2, e foi este Antonio Coelho de Carvalho embaixador á França e deputado ordinario do santo officio, e teve d'esta sua mulher D. Brites de Barros entre outros, filha :

1. D. Ignez Maria Coelho, que se segue.

N. 1. D. Ignez Maria Coelho, filha de D. Brites de Barros e de seo marido Antonio Coelho de Carvalho, cazou com Antonio de Albuquerque Coelho, seo primo legitimo, porque era este Antonio de Albuquerque Coelho filho de Francisco Coelho de Carvalho, irmão 1.° de Antonio Coelho de Carvalho, e ambos filhos de Feliciano Coelho de Carvalho, adiante. Foi este Antonio de Albuquerqne Coelho governador e capitão general do estado do Maranhão, commendador de S. Martinho da Cea e de S. Martinho das Moutas, e donatario das capitanias do Camutá e Tapuitapera no mesmo Maranhão. D'este e de sua mulher D. Ignez Maria Coelho foram filhos. *

2. Francisco de Albuquerque Coelho, que cazou com D. Luiza Maria de Souza, filha de João Alvares Soares, provedor das alfandegas do reino, dos quaes não houve successão.

3. Antonio de Albuquerque Coelho, que se segue.

4. Feliciano de Albuquerque, prior da igreja de S. Martinho de Abreu.

D. Manoel, conego regrante de S. Agostinho. Fr. Feliciano, monge de S. Bernardo, que foi abade do convento de N. S. do Desterro de Lisbôa.

D. Brites Maria de Albuquerque, que cazou com Fernão Gomes de Quadros, filho de Pedro Lopes de Quadros e de sua mulher D. Maria Telles, que foi dama da rainha D. Luiza, esta filha de D. Alvaro Pereira Souto. Faleceo a dita D. Brites Maria de Albuquerque deixando mais filhos; e seo marido Fernão Gomes de Quadros, ficando viuvo,

---

* Corograf. Port. t... fl. 33.

se fez religiozo leigo no reformadissimo convento de Varatojo.

D. Bernarda Maria de Albuquerque, que foi abadeça do mosteiro de Lorvão.

D. Luiza de Albuquerque, religioza no mesmo convento, D. Maria de Albuquerque, freira no mosteiro de S. Clara de Lisbôa.

N. 3. Antonio de Albuquerque Coelho, filho de Antonio de Albuquerque Coelho, n. 1, e de sua mulher D. Ignez Maria Coelho, n. 1, foi alcaide-mór da villa de Sines, commendador de S. Ildefonso, na ordem de Aviz, senhor do couto de Outiz, por mercê d'el-rei D. Pedro II, junto a villa de Senegal, com o padroado da igreja de S. Maria Magdalena, priorado, que rende 500$, aonde confirma as justiças e pautas do mesmo couto. Foi governador do estado do Maranhão e sargento-mór de batalha; governador da Beira Baixa e praça de Olivença, aonde procedeo com grande valor, e credito do bom soldado. Foi governador do Rio de Janeiro, e o que succedeo n'elle a Sebastião de Castro Caldas.

Feliciano Coelho de Carvalho, de quem fala a Corografia portugueza,* e ahi acha ascendencia, foi commendador de Christo, governador da Parahiba e São-Thomé, e cazou com D. Maria Monteiro, filha de Antonio Salvado de Almeida, e teve entre outros filhos:

1. Francisco Coelho de Carvalho, que se segue.
2. Antonio Coelho de Carvalho, que já fica á fl...

N. 1.—Francisco Coelho de Carvalho, filho primeiro de Feliciano Doelho de Carvalho, acima, foi cazado com D. Brites de Albuquerque, filha de Antonio Cavalcante do Albuquerque, e neta de Felippe Cavalcante Florentino, que já ficam á fl..., n. 2 e 4 e á fl... n. 16, e teve filha.

3. Antonio de Albuquerque Coelho, que cazou acima com D. Ignez Maria Coelho, sua prima legitima, filha de Antonio Coelho de Carvalho, irmão de seu pai Francisco Coelho de Carvalho, e ambos filhos de Feliciano Coelho de Carvalho, e a sua descendencia já fica á fl...

---

* Tomo 3.º fls. 532.

4. Feliciano Coelho, que com seu pai Francisco Coelho de Carvalho, que era governador do Maranhão, e achando-se na Parahiba, donde era governador n'aquelle tempo e anno de 1625, no principio do mez de Maio, Mathias de Albuquerque. Tendo noticia o dito Mathias de Albuquerque, que a armada de Olanda, que vinha em soccorro dos seus que estavam senhores da cidade da Bahia desde Maio do anno passado de 1627, e fôra essa armada arribada á Bahia da Traição, cinco leguas ao norte da barra da Parahiba, dali despaxou Mathias de Albuquerque a Francisco Coelho de Carvalho, com o dito seu filho Feliciano Coelho, com quatro caravellas de 18 peças de artilharia com tal fortuna, que estando o inimigo bem petrexado em terra com muitos alliados, foram vencidos, e desbaratados se retiraram e a sua armada.

Veja-se o mais deste successo no autor da Restauração da Bahia Thomaz Tamaio de Vargas á fl. 154 e seguintes.

MARINHO E FALCÃO EM PERNAMBUCO

N. 2.—D. Ignez Lins, filha de Christovão Lins e de sua mulher Adriana de Olanda, á fl... n. 5, cazou com Vasco Marinho Falcão, e d'este e sua mulher D.Ignez Linz foram filhos:

1. Pedro Marinho Falcão, que se segue.
2. Francisco de Souza Falcão.
3. Leão Falcão Deça, cazado com D. Maria de Barros e teve filho Francisco de Barros Falcão. *
4. Leandro Pacheco Falcão, adiante.

N. 1.—Pedro Marinho Falcão, filho de Vasco Marinho Falcão, e de sua mulher D. Ignez Lins de Vasconcellos, foi cazado com D.Brites de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello e de sua mulher D. Adriana de Almeida

* Francisco de Barros Falcão, filho de D. Maria de Barros e de seu marido Leão Falcão Deça á fl...

Lins, que era filha de Balthazar de Almeida Botelho, fidalgo da casa real, cavalheiro da ordem de Christo, e de sua mulher Brites Lins de Vasconcellos, filha de Christovão Lins de Vasconcellos e de D. Adriana de Hollanda, á fl. 15 n. 3. Desse Pedro Marinho Falcão e de sua mulher D. Brites de Mello, foram filhos:

5. Leão Falcão de Mello, que casou com D. Isabel de Moura, filha de Felippe Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Maria de Lacerda, á fl. 5 e 6 n.19, sem successão.

6. Pedro Marinho Falcão, casado com D. Felippa de Moura, sua cunhada, ibi n. 21, sem successão.

N. 4.—Leandro Pacheco Falcão, filho de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher D. Ignez Lins de Vasconcellos, foi cazada com D. Maria de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello, o referido teve filho.

7. Vasco Marinho Falcão, cavalleiro da ordem de Christo, commissario honorario da cavallaria, que cazou com D. Joanna de Lacerda, filha do sobrinho Felippe Cavalcante, sem successão.

ALMEIDA E BOTELHO

N. 3. D. Brites Lins de Vasconcellos, filha de Christovão Lins e de sua mulher Adriana de Olanda, á fl..., foi cazada com Baltazar de Almeida Botelho, fidalgo da caza real e cavalleiro da ordem de Christo, e d'este e sua mulher D. Brites Lins de Vasconcellos foi filha. *

1. D. Adriana de Almeida Lins, a qual cazou com Manoel Gomes de Mello, que era filho de João Gomes de Mello e de sua mulher Anna de Olanda, filha de Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites de Vasconcellos e d'este Manoel Gomes de Mello e de sua mulher D. Adriana de Almeida Lins foi filha:

2. D. Brites de Mello, que cazou com Pedro Marinho Falcão, filha de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher

* Beatriz Mendes, como vai nos breves das dispensas, á fl...

D. Ignez Lins de Vasconcellos, e ali já fica a sua descendencia, á fl... retro, n. 1 e 5, e seg.

3. D. Maria de Mello, que cazou com João Baptista Accioli (1) irmão de Genobio Accioli e filhos de D. Anna Cavalcanti e de seu marido, a qual D. Anna Cavalcanti era filha de João Gomes de Mello, o moço, á fl..., n. 9 e fl..., n. 3, e de sua mulher D. Margarida Cavalcanti, irman de D. Genebra Cavalcante, e filhas com outros mais de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, á fl..., n. 1.

D. Maria de Mello acima de seu marido João Baptista Accioli teve filha:

4. D. Margarida Accioli, que cazou com seu primo legitimo Felippe de Moura Accioli, filho de Genobio Accioli e de sua mulher D. Maria Pereira, filha de D. Alicia de Moura, e neta de D. Genebra Cavalcante, cazada esta com D. Felippe de Moura, á fl..., n. 8. (2)

GOMES E MELLOS

N. 7. Anna de Olanda, filha ultima de Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, á fl... n. 1. Foi cazada com João Gomes de Mello e d'este e a dita sua mulher foi filho:

1. Manoel Gomes de Mello, o qual cazou com D. Adriana de Almeida Lins, á fl... n. 1, e ahi a sua descendencia.

2. D. Margarida de Mello, que cazou, teve dez filhos, com Christovão Paz Barreto, fidalgo da caza real e cavalleiro da ordem de Christo, e era irmão de João Paz Barreto. Faleceu este Christovão a 28 de Agosto de 1645.

3. João Gomes de Mello, o moço, á fl... n. 9.

N. 2. D. Margarida de Mello, esta acima, filha de João Gomes de Mello e de sua mulher Anna de Olanda, acima n. 7, cazou com Christovão Paz Barreto, como fica acima n. 2, e teve filhos:

---

(1) D'este foi segunda mulher e primeira de Leandro Pacheco Falcão, filho de Pedro Marinho Falcão, na fl. retro 2, n. 4.

(2) Foram dispensados nos parentescos, como consta dos autos de 12 de Julho de 1673, como se póde vêr á fl...

1. O capitão João Paz de Mello.
2. D. Margarida de Mello.
3. D. Michaela. – 4. Miguel Paz.—5. D. Maria de Mello.—6. D. Anna.—7. D. Francisca.—8. Luiz Paz. —9. Gonçalo Paz.—10. D. Catharina.

N. 3. João Gomes de Mello, o moço, filho de João Gomes de Mello e da sua mulher D. Anna de Olanda, foi cazado com D. Margarida Cavalcante, filha de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, a qual D. Margarida Cavalcante, era já viuva de Cosme da Silva, quando cazou segunda vez com este João Gomes de Mello, e teve d'elle filhos:

4. D. Anna Cavalcante, que se segue.

N. 4. D. Anna Cavalcante, esta aqui foi cazada com F. Accioli da nobre familia dos Acciolis de Florença, e teve filhos:

5. Genobio Accioli, cazado com D. Maria Silveira, á fl...
6. João Benedicto Accioli, cazado com D. Maria de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello, á fl...
7. Gaspar Accioli, que cazou com sua parenta D. Mariana Cavalcante, filha de Antonio Cavalcante, á fl...

ALBUQUERQUES MARANHÕES EM PERNAMBUCO

Jeronimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario da capitania de Pernambuco, não foi cazado: teve de D. Maria do Espirito Santo Arcoverde, principal dos Tobajaras de Olinda, além de duas filhas naturaes, que foram D. Catharina de Albuquerque que cazou com Felipe Cavalcante, fidalgo florentino, como fica varias vezes repetido, e D. Brites de Albuquerque cazada com Sibaldo Lins, tambem Florentino, fidalgo, teve mais outro filho varão, que foi:

3. Jeronimo de Albuquerque, que segue.

N. 3. Jeronimo de Albuquerque, filho bastardo de Jeronimo de Albuquerque, a quem chamavam o Torto, e de

D. Maria Arco-verde. Foi o primeiro capitão-mór do Rio-Grande para a qual conquista foi mandado dePernambuco por ordem do rei Felippe I em Portugal,com Manoel Mascarenhas Homem, que partindo por mar com a gente da Bahia e Jeronimo de Albuquerque por terra com a de Pernambuco a tomar outra mais na Parahiba, quando da Parahiba partio tambem por mar e chegou á barra doRio-Grande a 18 de Dezembro de 1597, já achou na terra a Manoel Mascarenhas Homem, mas com pouco effeito n'aquella empreza. Com a chegada de Jeronimo de Albuquerque se continuou n'ella, fazendo logo na costa da barra uma fortaleza de madeira, e vencidos os indios da terra, meia legua da fortaleza pela terra a dentro se deu principio á povoação e tomou logo Jeronimo de Albuquerque a posse do governo capitão-mór, e foi honrada a tal povoação cidade do Natal, porque pela festa do nascimento do Senhor se fez este acto, no anno de 1599, com parochia, e igreja matriz, dedicada á Senhora com o titulo da Apresentação. No anno de 1602, governava ainda a dita capitania Jeronimo de Albuquerque, como consta da data do engenho de Cunhaú situado nas terras então chamadas do Uruá, que doou a seus filhos Antonio e Mathias. Este Jeronimo de Albuquerque, foi tambem o conquistador do Maranhão, para onde embarcou com o soccorro para isso no anno de 1614.

Foi cazado com D. Catharina Pinheiro Feio, natural de Pernambuco, e filha de Antonio Pinheiro Feio, natural do reino, o qual foi tambem ao Maranhão por feitor-mór da armada, emquanto seu genro, e de sua mulher Leonor Guardes, natural da Vargem em Pernambuco, onde viveram seus pais Francisco Carvalho de Andrade e Maria Tavares Guardes, senhores do engenho de São-Paulo, que hoje está de fogo morto, dos quaes tambem foram filhas D. Ignez Guardes, mulher de João Paes Barreto, instituidor do morgado do Cabo, e N. Guardes mulher de Braz Barbalho, que foram avós maternos do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra. A 3 deNovembro de 1615, restaurada a cidade de São-Luiz doMaranhão do poder dosFrancezes, ali ficou por seu governador Jeronimo de Albuquerque até 11 de Fevereiro, em que faleceu no anno de 1618.

Teve este Jeronimo de Albuquerque Maranhão, que assim se ficou chamando e seus successores por aquella conquista, de sua mulher D. Catharina Pinheiro Feio, os filhos seguintes :

4. Antonio de Albuquerque Maranhão, que se segue.

5. Mathias de Albuquerque Maranhão, adiante.

N. 4. Antonio de Albuquerque Maranhão, filho de Jeronimo de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Catharina Pinheiro, foi fidalgo da caza de Sua Magestade, commendador de S. André de Ervedal na ordem de Christo; assistio com seu pai á conquista do Maranhão, e por sua morte o deixou em seu logar por governador, cargo, que exerceu por 14 mezes até Abril do seguinte anno de 1619; e vindo-lhe successor do Maranhão, passou a Portugal, aonde, diz o autor dos Annaes historicos do Maranhão, (1) se attendeu bem a seu merecimento no prompto despaxo da capitania-mór da Parahiba, com a mercê de sua commenda que foi a do Ervedal, como fica dito. No anno de 1631, era ainda governador da Parahiba, e continuou até o principio do anno de 1635, em que, occupada a cidade pelo olandez, se retirou para o cabo de S. Agostinho, aonde se achava Duarte de Albuquerque Coelho, senhor de Pernambuco, e dali passou Antonio de Albuquerque para Lisboa e foi tambem governador de Mazagão.

Em Lisboa sendo já de maioridade cazou com D. Joanna Luiza de Castello Branco, filha bastarda de D. João de Castello Branco com D. Catharina, natural de Andaluzia. (2) Era D. João de Castello Branco filho legitimo de D. Duarte de Castello Branco, conde de Sabugal, o meirinho-mór do reino, e de sua mulher D. Catharina da Silva, filha de D. Bernardo Coutinho, alcaide-mór de Santarém. Depois de ter Antonio de Albuquerque de sua consorte D. Joanna de Castello Branco alguns partos, que se malograram, tendo logo depois de cazado feito retirada para a quinta do Lavradio da outra parte do rio de Lisboa lhe nasceu sua filha D. Antonia Margarida de Albuquerque a 4 de Agosto de 1652 em uma quinta-feira das 2 para ás 3 horas da

(1) Berredo, Annaes Hist ns. 471 e 172.
(2) Theatro Genealogico Arvor. 223.

manhan. Faleceu Antonio de Albuquerque pelos annos de 1667, com ôpinião de virtude, pois como tal se notou crescer a cêra que servio no seu enterro. No de 1670 a 23 de Setembro cazou sua filha D. Antonia Margarida de Albuquerque com Braz Telles de Menezes, senhor da villa das Enguias e Lamaroza, filho de Fernando Telles de Faro, commendador da ordem de Christo, de Santa Maria da Campanha, da commenda de S. Romão de Mouriz e de S. Damião de Azere, e Santa Maria de Niza; o qual succedeu na caza de sua mãi D. Mariana de Noronha, filha herdeira de Christovão Soares Lasso, commendador de S. Damião de Azere, e de S. Pedro de Meolim na ordem de Christo, secretario d'estado, que foi dos reis Felippe III, e filho de Castella. Do matrimonio de D. Antonia Margarida de Albuquerque ficou filho unico Braz Manoel Telles, que lhe nasceu em 1° de Setembro de 1672, e da successão d'este trata o autor da caza real de Portugal tomo IX, liv. 8° cap. IV, pag. 636; sendo ainda vivo Braz Telles se recolheu sua mulher D. Antonia Margarida de Albuquerque ao mosteiro de Santos em 22 de Junho de 1675, emquanto se litigava o seu divorcio, e dali passou em 21 de Março de 1679 para o real mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, aonde professou na dominga quarta da quaresma do anno de 1680, a 31 de Março, quando contava os 28 annos de idade, tomando o nome de soror Clara do Sacramento. Faleceu com fama publica de santidade em uma sexta-feira 15 de Janeiro de 1717, á uma hora depois do meio dia. A sua vida sahio impressa no anno de 1755 na 3.ª parte das chronicas da provincia dos Algarves dos religiosos observantes, liv. XVI cap. I, pag. 409. Braz Telles marido da sobredita D. Antonia Margarida de Albuquerque, depois de tres annos de profissão d'esta sua consorte; passados em uma vida licencioza e mizeravel, convertido a Deus por merecimento da sua dita consorte, convertido tambem a Deus, entrou noviço em dia da apresentação da Senhora do anno de 1683 no convento de S. Eloi dos sacerdotes da 3.ª ordem serafica, e com uma vida em tudo mudada, sobrevindo-lhe uma febre apopletica, confessado antes, sacramentado e professo, faleceu com um mez e quatro

dias de noviço a 25 de Dezembro, dia do natal do Senhor, quando se cantavam as laudes das matinas, contando de idade 37 annos no de 1683.

De Antonio de Albuquerque Maranhão, acima, e de sua mulher D. Joana Luiza de Castello Branco foi tambem filho, e irmão de D. Antonia Margarida e Affonso de Albuquerque Maranhão, que faleceu no anno de 1671 na altura de Pernambuco, vindo de Lisboa em companhia de Affonso Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, que vinha por governador geral do estado do Brazil para a Bahia. foi lançado ao mar em um caixão, e as aguas o trouxeram ás praias dos Meirepes entre o cabo de Santo-Agostinho e o Recife, e D. Francisco de Souza o fez sepultar em sua capella, que tinha n'aquelle logar e terras suas, entendendo ser cadaver de pessoa de distinção.

5. Mathias de Albuquerque Maranhão.

N. 5.—Mathias de Albuquerque Maranhão, filho 2.° de Jeronimo de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Catharina Pinheiro, foi fidalgo da caza real, commendador de S. Vicente da Figueira na ordem de Christo. Tambem se achou com seu pai e irmão na conquista dos Francezes na ilha de São-Luiz, e concluida ella passou ao Pará com seu primo Jeronimo Fragozo de Albuquerque, que foi por governador d'aquella cidade desde os ultimos de Abril de 1618 até o seguinte anno de 1619, em que, falecendo tambem Jeronimo Fragozo, em seu logar entrou Mathias de Albuquerque com patente que para isso tinha no principio de Setembro do referido anno de 1619;* mas governou sómente vinte dias, por julgarem por nulla a sua provisão, e elegeram em seu logar a um Custodio Valente, dando-lhe por adjunto a Fr. Antonio da Merciana, capuxo de Portugal, e superior da missão, que tinham esses religiosos no Pará. No anno de 1630 veio Mathias de Albuquerque Maranhão, mandado por seu irmão Antonio de Albuquerque Maranhão, governador da Parahiba, com alguma gente de soccorro d'aquella capitania e de Pernambuco contra os Olandezes, e assistio na estancia de S. Amaro de Olinda, como diz Castrioto,

* Ann. gistor. n. 180.

e Duarte de Albuquerque Coelho nas suas Memorias Diarias d'aquella guerra. De Pernambuco passou Mathias de Albuquerque a Lisboa com seu irmão Antonio de Albuquerque Maranhão, e de lá passou para o Rio de Janeiro, onde cazou com D. Izabel da Camara, filha legitima de Pedro Gago da Camara e de sua mulher D. Izabel de Oliveira, da ilha de São-Miguel, fidalgos. Pelos annos de 1657, como consta da sua carta, que se acha no livro da camara da cidade da Parahiba, assignada pela mão da rainha D. Luiza, mulher d'el-rei D. João o II, então regente do reino, feita a 29 de Dezembro do anno de 1656, pela qual ordenava a dita senhora a João Fernandes Vieira, governador da Parahiba, que para effeito de passar para a Angola o dito João Fernandes Vieira, por seu governador, não se achando ainda na Parahiba Mathias de Albuquerque Maranhão, vindo do Rio de Janeiro, diz a mesma carta, e será nomeado para governador da Parahiba e succeder ao dito João Fernandes Vieira, que este entregasse o governo ao mestre de campo Antonio Dias Cardozo, como se fez, e esse o entregou depois a Mathias de Albuquerque Maranhão, que d'elle tomou posse a 17 de Outubro de 1657, e a sua patente foi passada em Lisboa a 21 de Agosto de 1656, como se acha no livro da camara da Parahiba, á fl... Não consta os annos do governo que teve na Parahiba Mathias de Albuquerque Maranhão, mas acha-se, que já no de 1663 era governador ali João de Rego Barros.

Retirado da Parahiba Mathias de Albuquerque Maranhão, foi viver a Cunhaú, engenho seu, hoje freguezia de Joanninha, termo do Rio-Grande, onde faleceu. De Mathias de Albuquerque Maranhão e sua mulher D. Izabel da Camara foram filhos :

6. Antonio de Albuquerque Maranhão, que foi mestre de campo em Pernambuco e faleceu solteiro.

7. Lopo de Albuquerque Maranhão, cazado na Bahia.

8. Affonso de Albuquerque Maranhão, que ficou senhor do engenho de Cunhaú.

9. D. Catharina Simôa de Albuquerque, que cazou com Luiz de Souza Furna, proprietario dos officios de juiz de orfãos e de escrivão da camara da cidade da

Parahiba, filho de Antonio Fernandes Furna, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e capitão-mór do Rio-Grande, o qual era natural da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Brites de Souza Abreu, irman de Aleixo de Souza, o velho, progenitor dos Borbas da Tracunhaen, ambos naturaes de Olinda, e filhos de Paulo de Souza, proprietario de um officio de tabelião da mesma cidade, e de sua mulher Catharina Luiz, naturaes da cidade do Porto; d'estes acima D. Catharina Simôa e seu marido ha successão.

10. D. Joanna da Camara Albuquerque, que foi primeira mulher de João de Nobalhas Urrêa, senhor do engenho de Sibiró e de outros engenhos; filho de Manoel de Nobalhas Urrêa, nobre Espanhol, e de sua mulher D. Anna Soares, sem successão.

11. D. Barbara da Camara de Albuquerque, que cazou com Salvador Quaresma Dourado, proprietario do officio de provedor da fazenda real da Parahiba, filho de Luiz Quaresma, natural de Santarém. proprietario do mesmo officio, e de sua mul0er D. Maria Dourado de Bulhões, irman do dezembargador Feliciano Dourado, que foi enviado á França, e do conselho ultramarino, e d'essa D. Barbara e seu marido ha successão.

12. D. Marianna da Camara Albuquerque, que foi segunda mulher de Affonso de Albuquerque de Mello, fidalgo da caza real, filho de Jozé de Sá e Albuquerque, fidalgo cavalleiro da caza real e da ordem de Christo, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, sem successão.

13. D. Apollonia da Camara Albuquerque, que foi cazar ao Rio de Janeiro com seu primo André Gago da Camara, filho de Lopo Gago da Camara e de sua mulher D. Ursula da Silveira, e depois de viuva cazou segunda vez com Manoel Pimenta Mello, mestre de campo de auxiliares na mesma cidade e de nenhum d'estes deixou successão.

Jeronimo, Pedro e D. Anna Maria, que faleceram sem estado, excepto Jeronimo, que foi padre da companhia.

N. 6. Lopo de Albuquerque da Camara, filho de Mathias de Albuquerque Maranhão, n. 5, e de sua mulher D. Izabel da Camara; estando assistente na Parahiba cazou na Bahia por procuração, como consta do termo seguinte, tirado dos livros da freguezia de S. Pedro: Aos 2 de Fevereiro de 1686, com minha licença recebeu o Revd. padre Manoel Coelho Gato a Lopo de Albuquerque da Camara (em sua auzencia foi procurador Pedro Fernandes Aranha), filho de Mathias de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Izabel da Camara, morador na cidade da Parahiba, com D. Francisca Clara de Sande, filha do mestre de campo Nicoláo Aranha Pacheco, (1) já defunto, e de D. Francisca de Sande sua mulher. Foram testimunhas o padre Antonio Cavalcante, D. Anna mulher do capitão Dr. Martins Pereira e D. Francisca de Sande. O vigario de S. Pedro *João Gomes da Silva*.

O mestre de campo Nicoláo Aranha Pacheco era natural dos Arcos de Val-de-Vez, freguezia de S. Vicente de Gulha, e D. Francisca de Sande, sua mulher era natural da Bahia, filha de Francisco Fernandes (2) senhor da ilha da Maré, e bemfeitor da Mizericordia, e morava junto a S. Bento, filho de Antonio Fernandes, senhor da mesma ilha da Maré. D. Francisca de Sande, mulher do mestre de campo Nicolao Aranha Pacheco, faleceu a 21 de Abril de 1702 e foi sepultada na igreja da Piedade dos Capuxinhos. No tempo dos males, chamados da bixa, recebeu em sua caza, como em hospital, muitos infermos pobres, a quem curava, e assistia com esmolas. Tudo consta dos livros dos obitos da dita freguezia de S. Pedro, bairro de S. Bento. De Lopo de Albuquerque e de D. Francisca Clara de Sande sua mulher foram filhos: (3)

N. 4. Nicoláo Aranha Pacheco, que cazou com D. Magdalena Clara Maria, filha legitima do capitão João Pereira do Lago, e de sua mulher D. Bernarda de Siqueira da Silva, de quem teve um filho chamado Pedro de

---

(1) Faleceu a 29 de Outubro de 1670 e sepultou-se em L. Francisco.

(2) Cazado com D. Clara de Saude, que faleceu a 2 de Dezembro de 1640 e sepultou-se em S. Francisco.

(3) Francisco Fernandes da ilha da Maré era cavalleiro da Ordem de Santiago.

Albuquerque da Camara, fidalgo da caza real, que vive cazado com D. Catharina Francisca Correia Vasqueanes, ou de Aragão, viuva do mestre de campo Francisco Dias de Avila, da caza da Torre, pai do que ao presente vive Garcia de Avila Pereira, dos quaes Pedro de Albuquerque e D. Catharina não ha filhos.

N. 5. Mathias de Albuquerque da Camara, que foi conego na Bahia, e se retirou para o Rio de Janeiro a herdar a sua tia D. Apollonia da Camara Albuquerque, irman de seu pai Lopo de Albuquerque Maranhão, a qual, como fica dito no n. 13, cazou ali com seu primo André Gago da Camara.

N. 6. Francisco de Albuquerque da Camara, que cazou com D. Maria Thereza, de quem teve uma só filha, antes de cazar, por nome Maria Magdalena, que vive religioza no convento do Desterro da Bahia. Faleceu este Francisco de Albuquerque da Camara, domingo 21 de Julho de 1763, e foi sepultado no outro dia no convento de S. Francisco da Bahia.

Francisco Pereira do Lago, coronel, e bisavô materno de Pedro de Albuquerque da Camara, porque era pai de João Pereira do Lago, de quem era filha D. Magdalena Clara Maia, mulher de Nicoláo Aranha Pacheco, n. 14, foi cazado duas vezes, a primeira com D. Andreza de Araujo, da qual teve duas filhas, a primeira D. Magdalena e a segunda D. Francisca, as quaes cazaram uma com tio, e outra com o sobrinho Theotonio Soares de Brito, e d'este é que existe successão no morgado.

De sua segunda mulher, que foi D. Joanna, d'ella teve o coronel Francisco Pereira do Lago tres filhos, Francisco Pereira, que foi religiozo do Carmo, na Bahia, e Jorge Pereira, e o terceiro foi

O capitão João Pereira do Lago, que foi cazado com D. Bernarda Siqueira da Silva, e d'estes, além da filha D. Magdalena Clara Maria, que cazou com Nicoláo Aranha Pacheco de Albuquerque, acima n. 14, teve mais filhos Francisco Pereira do Lago, que cazou, e teve successão, e Caetano Pereira do Lago, que faleceu solteiro, e D. Francisca Xavier Pereira, solteira.

PEREIRAS DO LAGO

Francisco Pereira do Lago, veio de Portugal, foi coronel e fundou na Bahia a capella de Santa Barbara, na praia d'esta cidade, aonde chamão o caes de Santa-Barbara, e n'ella instituio um morgado para seos descendentes. Cazou com Andreza de Araujo, filha do capitão-mór Domingos Aranha Pestana, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Francisca Dias teve filhos :

1 D. Francisca Pereira, que se segue.

2 D. Magdelena Pereira, ao depois.

Segunda vez cazou com Joana de Sá, filha de João de Freitas, tabelliäo proprietario n'esta cidade, e de sua mulher Maria de Aguiar,(1) filha esta de Mathias de Aguiar e de Marcellina de Sá, sua mulher, e teve filhos :

3 Fr. Francisco Pereira, carmelita calçado na Bahia.

4 João Pereira do Lago, que se segue.

5 Jorge Pereira do Lago, adiante.

N. 1. D. Francisca Pereira, ultima filha do coronel Francisco Pereira do Lago e de sua primeira mulher Andreza de Azevedo, foi segunda mulher do capitão Damião de Lençoes de Andrade, natural da villa de Valença do Minho, filho de Ambrozio de Abreo, de Suniga, e de sua mulher Anna Veloza de Barcellar, e não teve filhos.

N. 2. D. Magdalena Pereira de Araujo, filha 2.ª do coronel Francisco Pereira do Lago e de sua mulher D. Andreza de Araujo, cazou com o capitão Theotonio Soares de Brito,(2) natural de Valença do Minho, fidalgo da caza real, e cavalleiro professo da ordem de Christo, filho de Diogo Alvares de Brito e de sua mulher Luzia de Souza de Araujo, e teve filhos :

6 Jozé Soares de Brito, que se segue.

7 D. Luzia.(3)

N. 6. Jozé Soares de Brito, filho de Magdalena Pereira de Araujo e de seo marido o capitão-mór

---

(1) Cazaram na sé ao 1º de Maio de 1644.

(2) Cazaram na sé a 24 de Junho de 1657. Na successão d'esta é que existem os senhores do morgado da Praia.

(3) Batizada na Sé a 6 de Julho de 1665.

Theotonio Soares de Brito, foi fidalgo da caza real, e cazou em Braga com D. Ignez Magdalena Lobo Maldonado, filha de João Maldonado Azevedo e de sua mulher D. Brites de Gama Lobo, teve filhos :

8. D. Magdalena Pereira do Lago.

9. Manoel Jozé Soares de Brito, fidalgo da caza real, e professo na ordem de Christo.

10. Francisco Xavier Maldonado, fidalgo da caza real

N. 2) João Pereira do Lago, filho do coronel Francisco Pereira do Lago e de Joana de Sá, sua segunda mulher, foi capitão e cavalleiro da ordem de Christo, e cazou com D. Bernarda de Siqueira.

D. Magdalena Clara Maria, mulher do alferes Nicoláo Aranha Pacheco de Albuquerque, que fica á fl...

Francisco Pereira do Lago, que cazou com Caetano, que faleceo solteiro. D. Francisca Xavier Silveira, solteira.

N. 5. Jorge Pereira do Lago, (1) filho do coronel Francisco Pereira do Lago e de Joana de Sá, sua segunda mulher, cazou com Antonia Pereira Soares e sua prima, filha do capitão Antonio Pereira Soares, e de sua mulher Leonor de Freitas, irman de Joana de Sá, mãe de Jorge Pereira e foram dispensadas pela sé apostolica, teve um unico filho, que nasceo no anno de 1673.

Braz Pereira do Lago, que cazou com D. Antonia de Abreo de Araujo, filha unica do capitão Francisco de Araujo da Costa e de sua mulher Maria de Abreo, que era viuva de Pedro Machado Palhares.

Vicente Pereira do Lago, cazado com D. Angela de Souza.

D. Joana de Araujo Pereira, que cazou com Luiz de Lacerda de Goes, (2) filho de Luiz de Goes de Mello e de sua mulher D. Anna de Lacerda, naturaes da freguezia de S. Amaro da Purificação, moradores na Patatiba.

---

(1) Faleceo Jorge Pereira a 8 de Abril de 1693.
(2) Cazaram a 15 de Agosto de 1717.

CAVALCANTES ETC. NA BAHIA

Para melhor conhecimento assentamos a sua ascendencia em Pernambuco.

Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, foi cazado em Pernambuco com D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque e de D. Maria do Espirito-Santo-Arco-Verde, como fica assentado á fls... e ...n. 1 e d'elles foram filhas, além dos mais que já ficam ali mesmo:

10. D. Catharina de Albuquerque, que se segue.

11. D. Felippa de Albuquerque, * adiante.

N. 10. D. Catharina de Albuquerque, filha de Felippe Cavalcante Florentino, e de D. Catharina de Albuquerque, sua mulher foi cazada com Christovão de Olanda de Vasconcellos filho de Arnáo de Olanda, de quem já fica dito á fl... n. 2; e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, e d'estes, além de outros, foi filho:

1. Felippe Cavalcante, que se segue.

N. 1. Felippe Cavalcante de Albuquerque filho de D. Catharina de Albuquerque n. 10, e de seu marido Christovão de Olanda de Vasconcellos, foi um dos que na retirada, que fizeram de Pernambuco alguns d'esses moradores no anno de 1635 pelas guerras dos Olandezes, veio ter á Bahia com outros seus parentes, acompanhado de muitos familiares seus, e n'ella cazou com D. Antonia Pereira Sueiros, filha legitima de Martim Lopes Sueiros, e de sua mulher D. Anna Pereira; esta sobrinha legitima do bispo nomeado da Bahia D. Miguel Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural de Vianna, e da nobre familia dos Pereiras, e Martim Lopes Sueiro, natural tambem do reino, e descendente dos Sueiros, familia tambem nobre. E d'este Felippe Cavalcante e de sua mulher D. Antonia Pereira foram filhos:

2. Christovão Cavalcante de Albuquerque, que se segue.

---

* Cazou com o capitão Luiz de Godoi na capella de Francisco Cavalcante em 17 de Setembro de 1637.

E D. Anna Cavalcante, que cazou já orfan com João Peixoto da Silva, sem successão, e foi sua primeira mulher.

N. 2. Christovão Cavalcante de Albuquerque filho de Felippe Cavalcante de Albuquerque, n... ; e de sua mulher D. Antonia Pereira Sueiros, foi coronel, cazou a primeira vez com sua prima D. Izabel de Aragão, n.45 a fl...filha legitima de Francisco de Araujo de Aragão e de sua mulher D. Anna de Barros, neta do já nomeado Martim Lopes Sueiros e de sua mulher D. Anna Pereira; e de Christovão Cavalcante e de sua mulher foram filhos :

3. D. Anna de Aragão, mulher do coronel Sebastião da Rocha Pita, autor da America Portugueza, que se segue.

4. D. Joanna Cavalcante, que se segue.

E Antonio Cavalcante, que ainda solteiro o mataram em sua fazenda na Caxoeira, e foi fama, que seu pai o mandára matar; deixou filhos bastardos.

Segunda vez cazou o coronel Christovão Cavalcante com sua parenta D. Maria de Barros Pereira, filha de Miguel Fernandes e de sua mulher D. Maria de Barros Sueiros, neta de Martim Lopes Sueiros, e de sua mulher D. Anna Pereira, e teve filhos.

5. D. Adriana, que cazou com o dezembargador Christovão Tavares de Moraes e Sá, á fl...

6. D. Brites cazada com João Alexandre á fl... n. 51.

7. D. Ursula, mulher de Jozé de Aragão, ib. fl... n. 52.

8. Victorio Cavalcante, sem successão.

9. Bernardino Cavalcante abaixo, fl... n. 9.

E D. Joanna, que faleceu solteira a 21 de Outubro de 1716; e Christovão Cavalcante, que faleceu no 1° de Junho de 1734. Sepultados em S. Thereza.

N. 3. D. Anna de Aragão, filha primeira do coronel Christovão Cavalcante e de sua mulher D. Izabel de Aragão, n. 2, cazou com o coronel Sebastião da Rocha Pita, n... fl... e tiveram filhos.

10. D. Brites da Rocha Pita, que se segue.

E D. Thereza, que faleceu solteira, e Antonio da Rocha.

N. 10. D. Brites da Rocha Pita, filha de D. Anna de Aragão, n. 3, e de seu marido o coronel Sebastião da Rocha Pita, cazou com o coronel Domingos da Costa de Almeida, professo na ordem de Christo, filho legitimo do tenente-general do reino de Angola Rodrigo da Costa de Almeida e de sua mulher D. Joanna Duque, cavalleiro professo na ordem de Christo e provedor proprietario da alfandega da Bahia, em cujo emprego succedeu o sobredito seu filho Domingos da Costa de Almeida, do qual e da dita sua mulher D. Brites da Rocha Pita foram filhos:

11. D. Izabel Joaquina de Aragão, que se segue.

12. Sebastião da Rocha Pita, alferes de infantaria, cazado com D. Luiza da Franca Côrte-Real, filha de Francisco de Negreiros Côrte-Real e de sua mulher D. Antonia, filha de Pedro Camello, n. 74, fl..., sem successão.

13. Rodrigo da Costa de Almeida, que se segue abaixo.

Fr. João de Jesus Maria, religiozo no Carmo, e tres filhas religiozas (1) no Desterro da Bahia.

Uma B. tambem recolhida, que faleceu no anno de 1770.

N. 11.—D. Izabel Joaquina de Aragão, que cazou com o Dr. José Pires de Carvalho Albuquerque, e a sua descendencia vai á fl..., n. 13.

N. 13. Rodrigo da Costa de Almeida, cavaleiro professo na ordem de Christo, familiar do santo officio, provedor e proprietario da alfandega da Bahia, que succedeu a seu pai, e avô. E é cazado com sua prima D. Maria Francisca de Menezes, filha do coronel Bernardino Cavalcante de Albuquerque (2) e de sua mulher D. Antonia Francisca de Menezes á fl...

Tem Rodrigo da Costa de sua mulher D. Maria Francisca uma só filha.

14. D. Brites Marianna Francisca, que com seu pai e mãi se embarcou para o reino na frota do anno de 1766

(1) Soror Thereza de Mesquita faleceu a 18 de Setembro de 1775.

(2) Cazaram a 22 de Janeiro de 1716 no oratorio das cazas de Bernardino Cavalcante, seu sogro.

para cazar lá, como cazou, com o dezembargador Manoel Pereira da Silva, procurador da fazenda na côrte de Lisboa, fidalgo da caza de Sua Magestade.

O coronel Domingos da Costa de Almeida, cazado com D. Brites da Rocha Pita, acima n. 11, era filho de Rodrigo da Costa de Almeida e de sua mulher D. Anna Duque, neto por parte de pai de Domingos de Almeida e de D. Anna Maria, e por via materna de João Duque e de D. Maria de Andrade.

PITA

O coronel Sebastião da Rocha Pita, cazado com D. Anna Cavalcante de Albuquerque, á fl... n. 3 ou D. Anna de Aragão, foi filho de João Velho Gondim e de sua mulher D. Beatriz da Rocha Pita,(1) e esta era filha de Sebastião da Rocha Pita e de sua mulher D. Ursula Dantas Barboza.

N. 4. D. Joanna Cavalcante d'Albuquerque, filha segunda do coronel Christovão Cavalcante de Albuquerque, n. 2, e de sua primeira mulher D. Izabel de Aragão, cazou tres vezes, a primeira com o coronel Francisco Pereira Botelho, filho de Pascoal Botelho e de sua mulher Ignez Pereira, naturaes do Carvajal, freguezia do Sacramento, termo de Obidos, patriarcado de Lisbôa; de D. Joanna Cavalcante e seu marido Francisco Pereira Botelho foi filha unica:

15. D. Maria Francisca Pereira, que se segue.

Segunda vez cazou D. Joanna Cavalcante(2) com o Dr. Jozé de Sá de Mendonça, (3) ouvidor do civel na Bahia.(4) Terceira vez cazou com o dezembargador Bernardo de

---

(1) Aos 12 de Abril de 1660 recebi a João Velho Gondim, filho de Pedro Fernandes Barboza, e de sua mulher D. Anna Fernandes da Guerra, defuntos, natural da villa de Lima, com Beatriz da Rocha Pita, natural de Pernambuco, filha de Sebastião da Rocha Pita e de sua mulher Ursula Dantas.

(2) Cazaram a 5 de Maio de 1690, na capella de N. Senhora da Victoria da freguezia de Maragogipe.

(3) Falleceo este a 3 de Março de 1721.

(4) Falleceo esta D. Joana a 6 de Novembro de 1715.

Souza Estrella, que faleceu o anno passado de 1759, e d'estes não houve successão.

N. 15. D. Maria Francisca Pereira de Albuquerque, filha de D. Joanna Cavalcante de Albuquerque, n. 4, e de seu primeiro marido Francisco Pereira Botelho, cazou com seu primo Francisco Pereira Botelho, juiz de fóra da Bahia, filho de Antonio Leal de Fontes e de sua mulher Maria Pereira, irman inteira do coronel Francisco Pereira Botelho, marido de D. Joanna Cavalcante, mãi d'esta D. Maria; naturaes do mesmo logar do Carvajal. Teve esta D. Maria Francisca de seu marido Francisco Pereira Botelho filhos:

16. O Dr. Jozé Pereira de Albuquerque, conego na sé da Bahia; o qual faleceu a 30 de Maio de 1766, sepultado na sé.

E outras filhas mais, freiras em Portugal, e uma, que lá cazou, com o dezembargador Manoel Pereira da Silva. (*)

N. 5. D. Adriana, filha primeira do segundo cazamento do coronel Christovão Cavalcante e de sua segunda mulher D. Maria de Barros Pereira á fl... cazou com o dezembargador Christovão Tavares de Moraes e Sá e teve filhos.

17 Antonio Tavares de Moraes.
D. Antonia Maria Francisca.
Christovão Tavares.
Caetano Cavalcante de Albuquerque.
Rodrigo Jozé.

Francisco Cavalcante in minoribus, que é administrador do morgado, que sua tia D. Cecilia de Souza instituio nas suas fazendas de Pirajuba, e possuidor da capella da Barra, que instituio Cecilia Sueiros, que vagou por morte do padre João de Aragão, seu neto.

18. D. Anna, cazada com Francisco de Araujo de Aragão, a fl... e tem uma só filha seg.

N. 18. D. Anna, filha de D. Adriana, acima, e de seu marido o dezembargador Christovão Tavares de

(*) Faleceu este a 15 de Setembro de 1762.

(*) Erro; porque com este cazou uma filha do intendente Rodrigo da Costa.

Moraes, : cazou com Francisco de Araujo á fl..., n. 53 e d'estes ouve essa uma só filha, que é:

19. D. Maria Francisca de Araujo Aragão, que cazou com Jozé Pereira de Carvalho Albuquerque, filho do secretario de estado da Bahia Jozé Pires de Carvalho á fl... n. 17, etc., e cazaram a 21 de Setembro de1766.

N. 9. Bernardino Cavalcante de Albuquerque,filho do coronel Christovão Cavalcante de Albuquerque e de sua segunda mulher,D.Maria de Barros Pereira (1), foi coronel como seu pai, e cazou com D. Antonia Francisca de Menezes (2), filha legitima de Jozé Garcia de Araujo e de sua mulher D. Izabel de Aragão, filha do primeiro matrimonio de Pedro Camello de Aragão Pereira, á fl. 78 n. 70, e de sua mulher D. Maria de Menezes. De Bernardino Cavalcante e sua mulher D. Antonia Francisca de Menezes foram filhos:

20. D. Maria Francisca de Menezes, que nasceu a 5 de Setembro de 1731 e foi baptisada a 6 de Janeiro de 1732, e se seguio á fl. 33 n. 13.

21. José Garcia Cavalcante de Albuquerque, solteiro e segue.

22. Francisco Cavalcante, solteiro.

D. Izabel, religioza no Desterro da Bahia, nasceu a 10 de Julho de 1736 e foi baptizada a 24 de Setembro do mesmo anno.

N. 21. Jozé Garcia Cavalcante de Albuquerque, filho de Bernardino Cavalcante, acima.

O mestre de campo Braz da Rocha Cardozo, que cazou na freguezia da Vargem,termo da cidade de Olinda, em Pernambuco, com D. Catharina de Albuquerque; teve os filhos seguintes, que nenhum cazou:

1. Diogo da Rocha de Albuquerque, fidalgo da caza de Sua Magestade, natural da mesma freguezia da Vargem, que com seus irmãos abaixo passaram todos á Bahia.

2. O sargento-mór Luiz Tenorio de Molina.

---

(1) Cazaram a 21 de Maio de 1721.

(2) Faleceu esta na noite de 20 de Fevereiro de 1764, sepultada no convento de S. Francisco : faleceu em caza de seu genro Rodrigo da Costa

3. O capitão Braz da Rocha Cardozo.

4. D. Catharina de Albuquerque, que faleceu a 18 de Abril de 1728 e foi sepultada em S. Bento.

5. D. Leonor de Albuquerque, que faleceu a 26 de Novembro de 1743 e sepultou-se em S. Bento.

6. D. Margarida de Albuquerque.

7. D. Ignez Tenorio.

8. D. Izabel Tenorio de Molina.

9. D. Luiza Tenorio de Molina, que faleceu a 28 de Julho de 1746. Sepultada em S. Bento.

10. D. Marianna Tenorio de Molina.

O coronel Leonardo Bezerra Cavalcante, natural da freguezia da Vargem de Pernambuco e lá cazado com D. Joanna Pereira da Silva, e era elle filho de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcante de Albuquerque, faleceu na Bahia, para onde se havia retirado da India, degredo em que havia annos estava pelos levantes de Pernambuco, e faleceu a 4 de Setembro de 1728 e foi sepultado na capella da ordem terceira do Carmo, de idade de 70 annos.

CAVALCANTES E ALBUQUERQUES NA BAHIA

POR OUTRO RAMO DE PERNAMBUCO

N. 11. D. Felippa de Albuquerque, filha de Felippe Cavalcante Florentino e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, n. 1 fl... e n. 11. Foi cazada com Antonio de Olanda de Vasconcellos, irmão de Christovão de Olanda de Vasconcellos e filho de Arnáo de Olanda e Brites Mendes de Vasconcellos, como fica dito. D'esta D. Felippa de Albuquerque e seu marido Antonio de Olanda de Vasconcellos foram filhos:

1. Lourenço Cavalcante de Albuquerque, que se segue.

2. Antonio de Vasconcellos Cavalcante, abaixo.

2. Arnáo de Olanda de Vasconcellos, cazado e fica á fl... n. 11.

N. 1. Lourenço Cavalcante de Albuquerque, filho de D. Felippa de Albuquerque e de Antonio de Olanda de Vasconcellos, acima, era natural de Goiana, em Pernambuco, onde possuia dous engenhos, como escreve Duarte de Albuquerque Coelho nas suas *Memorias Diarias das Guerras de Pernambuco*, onde diz o mesmo autor para a Bahia na retirada, que fez aquelle povo no anno de 1635, em companhia de seu primo Jeronimo de Albuquerque, que na mesma Goiana deixava tres engenhos, e poucos annos depois voltou para Pernambuco e foi pelo tempo adiante governador de Cabo-Verde. Era este Jeronimo de Albuquerque primo legitimo de Lourenço Cavalcante, aqui por ser Lourenço Cavalcante e filho de D. Felippa de Albuquerque, irman de Antonio Cavalcante de Albuquerque, pai d'este Jeronimo de Albuquerque, á fl..., ns. 6 e 11. Na Bahia cazou este Lourenço Cavalcante com D. Ursula Feio do Amaral ; cazaram a fins de Março de 1621, em Cotegipe, nobre viuva e mulher que havia sido de Pedro Carneiro (1) e irman inteira do padre Estevão Ferreira, religiozo de autoridade no collegio de Bahia, e tambem irman inteira de D. Luiza Ferreira, cazada com Martim Affonso Moreira, fidalgo esclarecido da caza de Sua Magestade, de quem ha a mais larga descendencia n'este estado, diz o manuscrito que seguimos. Era D. Ursula Feio senhora do engenho de Cotegipe, que moia com duas moendas de agua. D'esta tal viuva e seu marido segundo foram filhos :

2. Antonio, baptizado a 15 de Outubro de 1625.

Felippe, baptizado a 5 de Fevereiro de 1627.

3. D. Felippa Cavalcante (2), que foi mãi de Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque (3), que o houve fóra de matrimonio de Bernardo Vieira Ravasco, secretario de estado na Bahia, donde nasceu, irmão do padre Antonio Vieira da companhia ; e ambos filhos de Christovão

(1) Faleceu Pedro Carneiro a 21 de Maio de 1617, sepultado na Mizericordia.

(2) Faleceu esta a 6 de Dezembro de 1665.

(3) Gonçalo Ravasco faleceu a 9 de Outubro de 1725.

Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo, sua mulher. Veja-se á fl...n..., Baptizada esta D.Felippa a 2 deAgosto de 1633. Cotegipe.

4. D. Maria (1) religioza de autoridade m Odivellas, que a recolheu a este convento D. Francisco Manoel no tempo, em que veio de Portugal á Bahia, do qual com mais cautela, que sua irman acima, houve uma filha, que se expôz em certa caza rica de Côtegipe com o nome de D. Bernarda, e cazou com Gaspar de Araujo, pessoa nobre, e teve por filha a D. Izabel Cavalcanti, que cazou com Paulo Pereira dos Santos, natural de Vianna, e tiveram os filhos seguintes:

Francisco Pereira dos Santos, capitão de ordenança na freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus, que faleceu solteiro.

Matheus Pereira dos Santos Cavalcante, sargento-mór actual de um regimento de cavallaria d'este estado.

Segunda vez cazou Lonrenço Cavacante (2) com D. Izabel de Lima, filha legitima de Antonio de Barros Cardozo, fidalgo da caza real, senhor dos engenhos de Jacaracanga e Cornabussú, e de sua mulher D. Guiomar de Mello, esta filha de Roque de Mello, capitão de Malaca, e de D. Leonor de Lacerda, segunda mulher, e filha de Nuno Alvares Pereira, e Antonio de Barros Cardozo, filho de Christovão de Barros Cardozo, feitor da fazenda real no Brazil, Bahia; e de sua mulher D. Izabel de Lima, filha bastarda de Jorge de Lima Barreto. D'este segundo cazamento de Lourenço Cavalcante e sua mulher D. Izabel de Lima foi filha

5. D. Guiomar, baptizada a 28 de Junho de 1637.

5. D. Brites Francisca de Lima, que se segue, baptizada a 29 de Agosto de 1838.

N. 5. D. Brites Francisca de Lima, por falecimento de seus pais Lourenço Cavalcante e D. Izabel de Lima, ficou em caza de sua avó D. Guiomar de Mello e n'ella se cazou (3) com um seu primo, que viera da India João de

(1) Baptizada a 27 de Abril de 1628.
(2) Cazaram a 11 de Outubro de 1635. Maruim.
(3) Cazaram a 3 de Outubro de 1650, na igreja do Desterro.

Barros Cardozo, muito prodigo e viciozo, de sorte que, gastando tudo o que possuia, por queixas de sua mãi D. Iguez de Barros, mulher de Antonio de Barros Cardozo, que eram pais do dito João de Barros Cardozo, marido de D. Brites Francisca de Lima, a dita mãi de João de Barros, queixando-se a el-rei, Sua Magestade o mandou ir com sua mulher para Portugal, lá foi ella, sua tutora. De D. Brites de Lima e seu marido João de Barros Cardozo, foi filha

N. 6. D. Maria Magdalena de Barros, filha herdeira de João de Barros Cardozo e de sua mulher D. Brites Francisca de Lima, foi cazada á vontade d'el-rei com Luiz de Mello XIV senhor de Mello, (*) e d'estes existe successão n'aquella caza, porque d'esses foi filho:

7. Estevão Soares de Mello.

N. 2. Antonio Cavalcante de Albuquerque, filho de Lourenço Cavalcante de Albuquerque e pag...., n. 1, foi cazado com D. I e teve filha.

D. Maria Cavalcante, a qual para cazar com Joronimo Cavalcante de Albuquerque, foram dispensados pelo cabido da Bahia séde vacante por sentença de 18 de Agosto de 1667, por serem parentes em 3.° gráo de consanguinidade pelo orador ser filho de D. Joanna de Valflôr e neto de Arnáo de Olanda de Valflôr e a oradora filha de Antonio Cavalcante, e neta de Lourenço Cavalcante de Albuquerque, que era irmão inteiro de Arnáo de Olanda de Valflôr, avô da oradora; e sabe que o orador tirou a oradora de caza de sua mãi e padrasto, e a levou e recolheu em caza de D. Joanna de Albuquerque, irman de Antonio Cavalcante e tia de ambos os oradares; e sabe tambem, que os oradores procedem de neofitos, porquanto a avó do orador D. Catharina Camello tinha um quarto de india da terra, por ser filha de uma mamaluca, e esta D. Catharina Camello foi mulher de Jeronimo de Atahide e estes foram os pais de Gaspar de Albuquerque, pai do orador.

(*) Theatro Genealogico. Anno 137.

ANTONIO DE OLANDA DE VASCONCELLOS

D. Felippa de Albuquerque

Filho		Filho
Arnão de Olanda de Vasconcellos D. Catharina Camello.	—Irmãos legitimos— 1.º gr.	Lourenço Cavalcante de Albuquerque. D. Ursula Feio do Amaral.
Filha		Filho
D. Joanna de Vasconcellos.	—2.º gr.—	Antonio de Vasconcellos.
Jeronimo Cavalcante de Magalhães. Orador.	—3.º gr.—	D. Maria Cavalcante. Oradora.

N. 2. Antonio de Vasconcellos Cavalcante, filho segundo de Antonio de Olanda de Vasconcellos e de sua mulher D. Felippa de Albuquerque, n. 11 fl. ... Veio á Bahia depois chamado por seu irmão Lourenço Cavalcante e este cazou (1) o dito seu irmão Antonio de Vasconcellos Cavalcante com uma enteada sua, que se chamava D. Catharina Soares, filha de D. Ursula Feio, mulher do sobredito Lourenço Cavalcante e do seu primeiro marido Pedro Carneiro, e viveram pouco Antonio de Vasconcellos e a dita sua mulher D. Catharina Soares, (2) ficando d'elles um só filho de idade de um anno chamado.

3. Francisco de Vasconcellos Cavalcanti, que se segue.

N. 3. Francisco de Vasconcellos Cavalcante, filho de Antonio de Vasconcellos Cavalcante e de sua mulher D. Catharina Soares, ficou orfão de um anno de idade e se criou até os 24 em caza de seu tio Lourenço Cavalcante, o qual o cazou (3) com uma sua parenta chamada D. Antonia Lobo, (4) filha legitima de Baltazar Lobo de Souza e de sua mulher D. Anna da Gambôa. Era D. Antonia Lobo neta por parte paterna de Gaspar de Barros de Magalhães, homem fidalgo, que veio ao Brazil exterminado, e de sua mulher D. Catharina Lobo de Barboza de Almeida, uma

---

(1) Cazaram a 15 de Novembro de 1623.

(2) Faleceu esta D. Catharina Soares a 2 de Março de 1636.

(3) Faleceu esta D. Antonia Lobo a 5 de Agosto de 1669. Sepultada no Carmo. Testamenteiro Anna de Gambôa, sua mãi e seus filhos, Baltazar de Vasconcellos e Antonio de Vasconcellos.

(4) Cazaram a 9 de Junho de 1639.

das tres irmans, que mandou a rainha D. Catharina no anno de 1552, para cazarem na Bahia com os homens ricos e principaes da terra, e estas tres irmans eram filhas legitimas de Baltazar Lobo de Souza, que morreu na carreira da India no serviço d'el-rei, irmão segundo e inteiro do Conde de Sortelhas. Era D. Antonia Lobo, de quem imos falando, neta por via materna de Antonio Moreira de Gambôa e de sua mulher D. Antonia Doria de Menezes, que era filha de Christovão da Costa Doria, á fl. ... n. 2.

Vide nota marginal, fl. 55. A mãi e irmans de D. Catharina Lobo Barboza de Almeida.

4. Baltazar de Vasconcellos Cavalcante de Albuquerque, que se segue.

5. D. Ursula, religioza no convento do Desterro da Bahia.

6. D. Catharina Soares, que cazou com Francisco da Fonseca de Siqueira, filho de Simão da Fonseca de Siqueira e de sua mulher D. Francisca de la Penha Deosdará, como vai á fl. 59 n. 6.

7. D. Anna Cavalcante de Albuquerque, que cazou com o capitão Dr. Martins Pereira,(1) cavalleiro professo na ordem do Cruzeiro, senhor do engenho de São-Paulo, de quem foi filho Antonio Cavalcante, que cazou com D. Cordula de Sá Barreto, filha do capitão Gaspar Maciel de Sá e de sua mulher D. Joanna Barreto, dos quaes foi filho Pedro Cavalcante, sacerdote. Segunda vez cazou a dita D. Anna Cavalcante, morto seu primeiro marido Dr. Martins Pereira, com Pedro Fernandes Aranha,(2) filho do mestre de campo Nicoláo Aranha Pacheco e de sua mulher D. Francisca de Sande, á fl...., de que não houve successão, e Pedro Fernandes Aranha se ordenou de sacerdote, bem conhecido na Bahia.

8. Antonio de Vasconcellos, sacerdote.

O sobredito Francisco de Vasconcellos Cavalcante, depois de ter a prole acima referida, passou a Pernambuco

---

(1) Faleceu elle a 9 de Novembro de 1661.

(1) Cazaram a 2 de Outubro de 1677 e era já viuvo de Joanna Pereira Rufina, declara o termo d'este seu 2.° cazamento.

(2) Cazaram a 2 de Fevereiro de 1689 na capella de S. Paulo.

com o projecto de remir o engenho Gecipitanga da vocação de S. Antonio, denominado o Engenho-Novo de Goiana, que o tinha o inimigo assolado, e tinha sido de seu pai e avô Antonio de Olanda de Vasconcellos, o qual engenho moia com tres moendas, duas de agua e uma de bestas, e confinava com as terras dos engenhos do Diamante e Palha, pelo que era intitulado o Rico Homem de Goiana o dito seu avô Antonio de Olanda de Vasconcellos. E tendo reedificado o dito engenho, se tornou dali a bastantes annos para a Bahia, onde havia deixado sua mulher e filhos, e falecendo logo, deixou em seu testamento se não vendesse aquella propriedade, mas por serem seus herdeiros menores, com provizão régia, foi vendida, e rematada por André Vidal de Negreiros.

N. 4. Baltazar de Vasconcellos Cavalcante de Albuquerque, filho de Francisco de Vasconcellos Cavalcante, n. 3, e de sua mulher D. Antonia Lobo, foi cazado com D. Antonia de la Penha Deosdará, que era filha legitima de D. Francisca de la Penha Deosdará, que para a Bahia havia passado em companhia do dezembargador Simão Martins de la Penha Deosdará e na Bahia cazou esta sua irman D. Francisca de la Penha Deosdará com Simão da Fonseca de Siqueira, fidalgo da caza de Sua Magestade, senhor do engenho do Caboto, e filho legitimo de Francisco da Fonseca de Siqueira (1) e de sua mulher D. Maria de Goes. De D. Antonia de la Penha Deosdará e seu marido Baltazar de Vasconcellos Cavalcante foram filhos:

9. Baltazar de Vasconcellos Cavalcante, que se segue. Simão de Vasconcellos, religiozo do Carmo. D. Antonia do Paraizo, religioza no Desterro da Bahia.

10. D. Thereza Cavalcante de Albuquerque, adiante, n. 10.

E um que faleceu estudante.

N. 9. Baltazar de Vasconcellos Cavalcante, filho de Baltazar de Vasconcellos Cavalcante e de sua mulher D. Antonia de la Penha Deosdará, foi familiar do santo officio, cazou com D. Anna Pereira da Silva (2) filha

(1) Faleceu este Francisco da Fonseca de Siqueira a 12 de Outubro de 1660. Sepultado no Carmo.

(2) Cazaram em 21 de Outubro de 1691, sendo já viuvo.

legitima de Albino Pereira da Silva e de sua mulher D. Antonia de Sá Barreto, que era filha de Francisco de Sá Barreto, ou de Menezes, á fl.... n. 6, e de sua mulher D. Jeronima Diniz, filha de Felippe Vellozo e de sua mulher Maria da Cruz Diniz; Nuno Pereira da Silva era filho legitimo de Pedro Machado Palhares e de D. Maria de Abreu, sua mulher; a qual, por morte d'este seu marido Pedro Machado Palhares, cazou segunda vez D. Maria de Abreu com o capitão Francisco de Araujo da Costa; e Nuno de Abreu era tambem já viuvo de Apollonia Ximenes. Foi escrivão proprietario da alfandega da Bahia com provizão de 13 de Março de 1692, sendo rei D.Pedro 2.°, e já o tinha sido seu pai Pedro Machado Palhares. De Baltazar de Vasconcellos Cavalcante e de sua mulher D. Anna Pereira da Silva foram filhos:

11. D. Joanna Cavalcante de Albuquerque, que vai adiante n.... houve Catharina dos Anjos, religioza no convento do Desterro da Bahia, donde passou para o do Rio de Janeiro no anno de 1748, a ser lá fundadora e voltou para o da Bahia no de 1761.

Segunda vez cazou o sobredito Baltazar de Vasconcellos com sua parenta D. Antonia de Argolo de Menezes, filha legitima de Antonio Moreira de Menezes e de sua mulher D. Anna de Argolo, filha esta de Rodrigo de Argolo e de sua mulher D. Izabel Pereira de Magalhães, filha de André de Padilha á fl... e de D. Antonia de Argolo e de seu marido Baltazar de Vasconcellos Cavalcante. * Foi o sobredito Baltazar de Vasconcellos Cavalcante, senhor do engenho de Mombaça, e proprietario do officio de escrivão da alfandega da Bahia por via de sua primeira mulher, e pela segunda foi senhor dos engenhos de São-Miguel, Taripe e Cazumbá, com mais terras a elles annexas e outras na Piricuara, Catacumba, Carapiá e na villa de Santo-Amaro. Faleceu muito velho em... de Abril de 1761.

N. 10. D. Thereza Cavalcante de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcellos Cavalcante de Albuquerque, n. 4, e de sua mulher D. Antonia de la Penha Deosdará,

* Não houve successão.

cazou com o capitão Jozé Pires de Carvalho, familiar do santo officio, fidalgo da caza de S. Magestade e cavalleiro professo na ordem de Christo, que era filho do coronel Domingos Pires de Carvalho e de sua mulher Maria da Silva, filha de Paulo Nogueira e de sua mulher Ignez da Silva, e desembargador Pires, filho de João Pires de Carvalho e de sua mulher Catharina Francisca, naturaes todos da freguezia de S. Pedro de Serzedello, arcebispado de Braga. Tem morgado n'esta cidade este Jozé Pires de Carvalho, do qual e da sobredita sua mulher D. Thereza Cavalcante ficaram filhos.

12. Salvador Pires de Carvalho, que se segue.

13. Jozé Pires Carvalho de Albuquerque, adiante.

E cinco religiozas no convento do Desterro da Bahia, donde foi abadessa a madre Maria do Sacramento e a madre Jozefa Thereza de Jesus, que faleceu a 28 de Agosto de 1761, com bôa opinião.

N. 12. Salvador Pires de Carvalho Albuquerque, filho de Jozé Pires de Carvalho e de sua mulher D. Thereza de Carvalho e Albuquerque,* n. 10. Além do morgado que tem n'esta cidade, herdado de seu pai, tem outro em Santa-Senhorinha de Vianna, que lhe vem pelos Pereiras. Cazou com sua prima D. Joanna Cavalcante de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcellos Cavalcante, n. 9, e de sua mulher primeira D. Anna Pereira da Silva; d'esta e seu marido Salvador Pires de Carvalho teve filhos:

14. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, que se segue.

15. D. Anna Thereza Cavalcante de Albuquerque, que cazou com o mestre de campo de auxiliares da Torre, Garcia de Avila Pereira, ultimo até aqui d'este nome, que, sem successão, é viuvo, morta a dita sua mulher.

16. Salvador Pires, religiozo da companhia, Antonio Pires, religiozo menor, a madre Thereza Barboza, religioza no Desterro, Ignacio e Francisco, estudantes.

---

* Cazaram-se a 22 de Janeiro de 1727, na capella de São Roque.

N. 14. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, filho de Salvador Pires de Carvalho Albuquerque, n. 12, e de sua mulher D. Joanna Cavalcante Albuquerque, foi mestre de campo das marinhas, e hoje capitão-mór da cidade da Bahia, succedeu no morgado de seu avô, fidaldo da caza de Sua Magestade e cavalleiro da órdem de Christo, cazou com D. Leonor Pereira Marinho, filha legitima do mestre de campo de auxiliares da Torre Francisco Dias de Avila, pai do que ao presente vive, Garcia de Avila Pereira, e de sua mulher D. Catharina Francisca Corrêa Vasqueanes. De Jozé Pires de Carvalho Albuquerque e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho ha filhos de menoridade :

D. Anna Maria, D. Joanna, Salvador, D. Maria e D. Catharina.

N. 13. Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, irmão de Salvador Pires e filho de Salvador Pires de Carvalho Albuquerque e de sua mulher D. Thereza Cavalcante de Albuquerque, n. 10, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide mór da villa de Maragogipe e secretario de estado na Bahia, cazou com D. Izabel Joaquina de Aragão, filha do provedor da alfandega, que foi da Bahia, o coronel Domingos da Costa de Almeida e de sua mulher D. Brites da Rocha Pita, filha do coronel Sebastião da Rocha Pita, á fl... e tem filhos.

Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, que cazou a 21 de Setembro de 1776 com D. Maria Francisca de Araujo Aragão, filha herdeira de Francisco de Araujo Aragão e de sua mulher D. Maria Francisca Cavalcante. á fl... n. 53 e fl... n. 18.

Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, Antonio Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque, D. Thereza Jozefa, D. Thereza Marianna.

ACHIOLI EM PERNAMBUCO

D. Anna Cavalcante, filha de João Gomes de Mello, o moço, a fl..., e de sua mulher D. Margarida Cavalcante; a qual D. Margarida era irman de D. Genebra Cavalcante e filhas ambas de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha esta de Jeronimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario e fundador da capitania de Pernambuco, como fica referido varias vezes, foi cazada esta D. Anna Cavalcante; mas não achamos ainda o nome d'esse seu marido, mas que era dos Achiolis, familia illustre de Florença, da qual passou para a ilha da Madeira um Simão Achioli, que foi tambem povoador da dita ilha, e deu ali principio a esta familia, como escreve o auctor da Nobliarchia Portugueza á pag. 227, e por consequencia podemos discursar, que este cazado com a sobredita D. Anna Cavalcante era descendente d'este Simão Achioli, e da dita ilha da Madeira, ou de outra parte passaria para Pernambuco, como o fizeram outros muitos, e pessoas nobres. E daqui podemos tambem discorrer com fundamentos e razão, que este, que passou a Pernambuco, se podia chamar— Genobio Achioli, por que com este nome não praticado entre os Portuguezes achamos fôra assim chamado um dos filhos varões d'esta D. Anna Cavalcante e do tal seu marido F. Achioli; o que tudo consta de autos de dispensas autenticas como vai a fl... e teve filhos.

1. Genobio Achioli, que se segue.
2. João Baptista Achioli, adiante.
3. Gaspar Achioli, ao depois.

N. 1. Genobio Achioli, filho de D. Anna Cavalcante, e de seu marido Felippe Achioli, foi cazado com D. Maria Pereira; a qual era filha de Felicia de Moura, e esta filha de Felippe de Moura e de sua mulher D. Genebra Cavalcante, irman esta de D. Margarida Cavalcante: e filhas

ambas do sobredito Felippe Cavalcante, fidalgo florentino; de Genobio Achioli e de sua mulher D. Maria Pereira foi filho.

4. Felippe de Moura Achioli, que se segue.

N. 4. Felippe de Moura Achioli, filho de Genobio Achioli, e de sua mulher D. Maria Pereira, foi cazado com D. Margarida Achioli, sua prima legitima, e dispensados, como vai na folha seguinte.

N. 4. Felippe de Moura Achioli e D. Margarida Achioli foram dispensados no 2.° grão de consanguinidade simples; porquanto elle orador é filho legitimo de Genobio Achioli de Vasconcellos, aquelle irmão inteiro de João Baptista Achioli, pai da oradora D. Margarida Achioli. E pela outra linha são parentes em 3.° e 4.° grão mixtos e duplicados; porquanto ella oradora por via materna é neta de Manoel Gomes de Mello, irmão inteiro de João Gomes de Mello, bisavô pela parte paterna de ambos os oradores. Mostra-se mais serem os oradores parentes em 3.° e 4.° grão por via materna do orador; porque D. Genebra, bis-avó do orador, pela parte materna, era irman de D. Margarida Cavalcante, bisavó de ambos os oradores por via materna, como mais consta dos autos. Por tudo foram dispensados pelo cabido da Bahia em 14 de Julho de 1673. D'esta mesma sentença se conclue assim por ultimo: E legitimamos os filhos, que de entre ambos nasceram: ou fôrem nascidos, etc.

Foi cazada com

D. Genebra. Irman de D. Margarida. — João Gomes de Mello, o moço. Irmão de Manoel Gomes. — D. Margarida Cavalcante. Irman de D. Genebra.

Filha — Filha

D. Micia de Moura — D. Anna Cavalcante. — Manoel Gomes de Mello. Irmão de João Gomes de Mello, o moço.

Filha — cazado com — Filho — cazado com — Filha

D. Maria Pereira de Moura — Genebra Accioli de Vasconcellos—Irmãos—João Baptista Accioli — D. Maria de Mello.

Filho — Filho

Felipe de Moura Accioli. orador. — D. Margarida Accioli. Oradora.

Gaspar Accioli de Vasconcellos e D. Marianna Cavalcante dispensados no 1.° gráo de consanguinidade por via materna. Em 28 de Março de 1867—Bahia.

Porque de George Teixeira, primo direito de D. Margarida, nasceu D. Maria, e d'ella D. Marianna oradora; e da dita D. Margarida nasceu D. Anna, e d'esta Gaspar de Accioli orador; porque os ditos primos direitos eram filhos, George Teixeira de D. Simôa de Albuquerque, e D. Margarida nasceu de D. Catharina de Albuquerque, que ambas eram irmans direitas: e outrosim por parte paterna estão os oradores em quinto gráo, pelo orador ser parente do avô da oradora Antonia Cavalcante em terceiro gráo na fórma abaixo, porque de D. Margarida, que era irman de Antonio Cavalcante, tataravô da oradora, nasceu D. Anna, e d'ella Gaspar Accioli, orador. E do dito Antonio Cavalcante nasceu D. Izabel Cavalcante, e d'esta Antonio Cavalcante e d'este nasceu Antonio Cavalcante, pai de D. Marianna, oradora. Assim o depõe uma testimunha, e outras depõem assim—em quanto ao 4.° gráo e tambem 5.°.

Porque de D. Simôa de Albuquerque nascêra George Teixeira e d'elle D. Maria, mãi de D. Marianna, oradora. E de D. Catharina de Albuquerque, irman de D. Simôa, nasceu D. Margarida, e d'ella D. Anna, mãi do orador Gaspar de Accioli. E tambem são parentes em 5.° gráo os oradores, por ficar o orador com Antonio Cavalcante, avô da oradora, em 3.°, porque de D. Margarida, irman inteira de Antonio Cavalcante (por serem filhos de Felippe Cavalcante e de D. Catharina de Albuquerque), nasceu D. Anna, mãi do orador Gaspar Accioli. E do dito Antonio Cavalcante nasceu D. Izabel Cavalcante, e d'ella Antonio Cavalcante e d'este nasceu Antonio Cavalcante, pai de D. Marianna Cavalcante, oradora.

TRONCO

JERONIMO DE ALBUQUERQUE O VELHO, OU O 1º

D. Maria Arco-Verde

Filha	Irmans inteiras	Filha
D. Simoa de Albuquerque.—	1.° gr.—	D. Catharina de Albuquerque, mulher de Felipe Cavalcante, Florentino.

Filho		Filha
Jorge Teixeira.	Primos legitimos 2.° gr.	D. Maria de Albuquerque.
Filha		Filha
D. Maria.	Primos segundos 3.° gr.	D. Anna Cavalcanti.
Filha		Filho
D. Maria Cavalcanti. Oradora.	4.° gr.	Gaspar Accioli. Orador.

TRONCO

FELIPE CAVALCANTI FLORENTINO

D. Catharina de Albuquerque

Filha		Filho
D. Margarida de Albuquerque.	Irmãos 1.° gr.	Antonio Cavalcante.
Filha		Filha
D. Anna Cavalcanti.	Primos 2.° gr.	D. Izabel Cavalcante.
Filho		Filho
Gaspar Accioli de Vasconcellos. Orador		Antonio Cavalcante.
		Filho
		Antonio Cavalcante, mixto com o 1.° gr.
		Filha
		D. Mariana Cavalcante, oradora, mixto com o 4.° e 5.° gr.

N. 2. João Baptista Accioli, filho de D. Anna Cavalcante e de seu marido S. Accioli, á fl... n. 2, foi cazado com D. Maria de Mello, filha de Manoel Gomes de Mello, á fl... n. 1, e de sua mulher Adriana de Almeida Lins, á fl... n. 1, e teve filhos como fica ahi.

N. 4. D. Simôa de Albuquerque, filha natural de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do donatario de Pernambuco Duarte Coelho Pereira, como fica á fls. .. e .., foi cazada e teve filho.

1. Jorge Teixeira, que se segue.

N. 1. Jorge Teixeira, filho de D. Simôa de Albuquerque e de seu marido, foi cazado e teve filha:

2. D. Maria, que se segue.

N. 2. D. Maria, filha de Jorge Teixeira e de sua mulher, foi cazada com Antonio Cavalcante, que era filho de Antonio Cavalcante e de sua mulher D. Izabel de Góes, a fl. .. n. 4, filha esta D. Izabel de Arnáo de Olanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos, a fl. .. n. 4. De D. Maria e de seu marido Antonio Cavalcante foi filha:

3. D. Izabel Cavalcante, que se segue.

N. 3. D. Izabel Cavalcante, filha de Antonio Cavalcante e de sua mulher D. Maria, foi cazada duas vezes: a primeira com Manoel Gonçalves Cerqueira, cavalleiro da ordem de Christo e familiar do santo-officio, e a segunda vez com Francisco Bezerra Barriga, primo de seu primeiro marido; de ambos teve filhos, mas não declara o papel, que isto diz, de qual d'estes maridos foi esse filho.

4. Antonio Cavalcante, que se segue.

N. 4. Antonio Cavalcante, filho de D. Izabel Cavalcante, acima, e de seu marido, foi cazado e teve filho.

5. Antonio Cavalcante, que se segue.

N. 5. Antonio Cavalcante, este foi cazado e teve filha.

6. D. Marianna Cavalcante, que para cazar com seu parente Gaspar Accioli, filho de D. Anna Cavalcante e de seu marido F. Accioli, foi dispensado por sua via no 4.° gráo de consanguinidade e por outra no 4.° e tambem no 5.° por sentença de 28 de Março de 1667, do reverendo cabido da sé de Braga, em séde vacante, como fica na pagina ...

Felippe Francisco de Moura Accioli, filho legitimo do capitão-mór Francisco de Freitas Accioli de Moura e e de sua mulher D. Roza Luzia Maria de Moura Accioli, neto pela parte paterna do coronel Duarte de Albuquerque da Silva e de sua mulher D. Alicia de Moura, e pela parte materna neto do alcaide-mór Felippe de Moura Accioli e de sua mulher D. Margarida Accioli e bisneto do mestre de campo Zenobio Accioli de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Pereira de Moura.

ASCENDENCIA

Dos Albuquerques em Pernambuco e depois passaram á Bahia

Jeronimo de Albuquerque, de quem aqui se fala ao principio, irmão de D. Brites de Albuquerque e cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario e senhor da capitania de Pernambuco, foi filho terceiro de Lopo de Albuquerque, a quem chamam o Bode, e de sua mulher D. Joanna de Bulhão, que era viuva de João de Mello, mestre-sala do rei D. João. II., e a dita D. Joanna de Bulhão era filha de Affonso Lopes de Bulhão.

Lopo de Albuquerque, pai de Jeronimo de Albuquerque, acima, era filho primeiro de João de Albuquerque e de D. Leonora, filha do Dr. Lopo Gonçalves, desembargador da caza do civel. D'este João de Albuquerque era tambem filho Jorge de Albuquerque, que foi capitão de Malaca, e mui famozo na India, em companhia do qual andou Duarte Coelho Pereira, e pelo esforço e fidelidade d'este, voltando da India Jorge de Albuquerque cazou a Duarte Coelho Pereira em Portugal com sua sobrinha D. Brites de Albuquerque, filha de seu irmão Lopo de Albuquerque, e irman do sobredito Jeronimo de Albuquerque, tambem seu sobrinho.

João de Albuquerque, pai de Lopo de Albuquerque, era filho de João Alvares de Gomide e de D. Leonora de Albuquerque. Esta era filha de D. Gonçalo Vaz de Mello, o moço, senhor da Castanheira e Xaleiros, e de sua mulher D. Izabel de Albuquerque, filha de Vasco da Cunha, o velho, senhor do morgado da Tabua, Angeja, Bemposta, Pinheiro, Figueiredo, Azeques, e outras maiores terras, alcaide-mór de Lisbôa, e senhor de Beatriães do reino, rico homem e mui estimado dos reis D. Pedro I, D. Fernando, e do rei D. João I, chefe dos Cunhas e familia d'estes, e de sua mulher segunda D. Thereza de Albuquerque. Esta era filha de D. Fernando Affonso de Albuquerque, mestre de Santiago em Portugal; e este foi filho bastardo de D. João Affonso

de Albuquerque, o Bom, mui valido do rei D. Pedro de Castella. Este D. João Affonso de Albuquerque, o Bom, foi filho de Affonso Sanches, que fundou o mosteiro da villa do Conde, e era este filho bastardo do rei D. Diniz; e João Affonso de Albuquerque, filho d'este foi cazado com uma filha do Conde de Barcellos D. João Affonso Tello, de Portugal, e de sua mulher D. Thereza, que era filha d'el-rei D. Sancho e de sua mulher D. Maria, filha do infante D. Affonso, senhor de Molina.

O sobredito Gonçalo Vaz de Mello, o moço, foi filho de Gonçalo Vaz de Mello, o velho, e neto de Vasco Martins de Mello, senhor de Castanheira, Povos, Xaleiros, guarda-mór, e alferes-mór d'el-rei D. Fernando de Portugal, alcaide-mór de Evora, e de sua mulher D. Thereza Corrêa, filha de Gonçalo Gomes de Azeve do, alferes-mór d'el-rei D. Affonso IV, e bisneto de Martim Affonso de Mello, o primeiro, e de sua mulher D. Marinha Vasques, filha de Estevão Soares de Albergaria, o velho, senhor de Albergaria de Paio-delgado, genro, que foi, de Rui Vasques Coresma, cujos illustrissimos ascendentes refere o Conde D. Pedro nos titulos 45, 46 e 68, no tomo 55.

Cazou Affonso Velho de Mello, terceiro avô do dito Gonçalo Vaz de Mello, o moço, com D. Ignez Vasques da Cunha filha de Vasco Lourenço da Cunha, senhor da Tabua e rico homem, irmão de D. Gomes Lourenço da Cunha, padrinho do rei D. Diniz, e filho de Lourenço Fernandes da Cunha e de sua mulher D. Maria filha de Lourenço Gomes de Masseira, que se acharam no cêrco de Sevilha, e netos de Fernão Paz da Cunha e de sua mulherD. Maior Bendiafez, bisnetos de D. Paio Gutierres, os primeiros que uzaram do appellido de Cunha, cujo senhorio tiveram no solar de Cunha a velha, e adquiriram o nome no cêrco de Lisbôa em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques, que para guarda das cunhas, com que romperam os muros, lh'as deu por orla d'ellas as quinas.

Terceiros netos de D. Guterre Pelaez, Conde de Lima em Galiza, irmão do Conde D. Fernando Pelaez, e filhos do Conde D. Pelaio, mui signalados na raia de Portugal, condes de Trastamara e ricos homens.

O dito D. Pelaio Guterre foi cazado com D. Ourença,

filha do Conde D. Trastamoro, irmão de D. Ermigios, netos d'el-rei D. Ramiro, o 2.° de Leão, e de sua mulher D. Mendola, filha do Conde D. Gonçalo Nunes, irmão do grande Fernão Gonçalves, Conde de Castella.

Foi o dito D. Vasco Lourenço da Cunha cazado com D. Thereza, filha de D. Pedro Fernandes de Portugal e de sua mulher D. Froile Rodrigues, segunda filha de Rui Gonçalves de Pereira, em titulo de Pereiras, Frojazes, titulo setimo, de que teve o grande Martim Vasques da Cunha, que teve o castello de Celorico de Bastos, e foi Senhor da Tabua, cazado com D. Joanna, filha de Rui Martins de Nomaez, de que teve Vasco Martins da Cunha, o seco, por alcunha, cazado com D. Senhorinha, filha de Fernão Gonçalves, neto de D. Martinho Barregão, commendador mór de Santiago em Portugal, de que teve Martim Vasques da Cunha, o segundo, cazado com D. Violante, filha de Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira de Avez, que depois foi mulher de Diogo Affonso de Souza, senhor de Mafra, filho de D. Affonso Diniz, e avô de Lopo Dias de Souza, mestre de Christo, e foi filho do dito Martim Vasco da Cunha e da dita sua mulher.

Vasco Martins da Cunha, o velho,senhor do morgado da Tabua, acima dito, pai da dita D. Izabel, mulher de Gonçalo Vaz de Mello, o moço, sogro do dito João Gonçalves de Gomide, senhor de Villa-Verde, e foram tambem irmãos da dita D. Izabel, D. Gonçalo Vaz da Cunha, progenitor dos Condes de Pena-macor, e Martim Vasques da Cunha, Conde de Valença, Estevão Soares da Cunha, Gil Vasques da Cunha, Lopo Vasques da Cunha, que fôram alferes móres, e Vasco da Cunha, o moço, Rabo dasno, por alcunha, senhor da Tabua e Lanhozo,illustrissimo tronco da maior nobreza de toda a Espanha. Foi o sobredito João Gonçalves de Gomide, pai do sobredito João de Albuquerque, acima, cazado com D. Leonora de Albuquerque e outras quatro mais:

D.Marta de Souza cazou com João Gonçalves Dormondo.

Clemencia Doria com Fernão Vaz da Costa.

D. Violante Deça com João de Araujo de Souza,pag...

D. Ignez da Silva com Christovão Brandão.

ADVERTENCIA

Das trez irmans, que, em o n. 3, falando de Francisco de Vasconcellos Cavalcante, se diz, e eram filhas de Baltazar Lobo de Souza, que faleceu na carreira da India, foi a

1.ª Maria Lobo, (1) que se segue.

2.ª Catharina Lobo de Barboza Almeida, mulher de Gaspar de Barros de Magalhães, a fl...

3.ª Joanna Barboza, cazada com Rodrigo de Argolo, fidalgo castelhano a fl...

BICUDO

Francisco Bicudo foi um sugeito,que veio á Bahia no principio da fundação d'essa cidade, no lugar em que está hoje, em companhia de Thomé de Souza, 1.°, governador e fundador da mesma cidade, e n'ella cazou com D. Micia Lobo de Mendonça, (2) uma das 3 irmans orfans, de que já fica dito, e teve filhos.

1. Micia Lobo, batizada na sé a 21 de Novembro de 1554, e foi primeira mulher de Jeronimo Moniz Barreto á fl... n. 3, e ahi a sua descendencia.

2. Izabel, batizada na sé a 18 de Março de 1556.

3. Izabel, batizada na sé a 3 de Março de 1560.

Com as duas orfans fidalgas, e por outras vezes mandou mais el-rei D. João III, e a rainha D. Catharina, a uma por nome Clemencia, que cazou na Bahia com Fernão Vaz da Costa, a fl... e ahi a sua ascendencia e descendencia.

D. Violante Deça, que no Cairú cazou com João de Araujo de Souza, a fl...

---

(1) Maria Lobo etc. E D. Marta de Souza,tambem a fl..., que cazou com João Gonçalves Dormondo a fl...

(2) Consta do inventario, que se fez, de D. Micia de Mendonça,filha d'este Francisco Bicudo, e primeira mulher de Jeronimo Moniz Barreto.

E D. Ignez da Silva, que não achamos ainda com quem cazou e só diz assim uma memoria: Cázou com Christovão Brandão. Sem mais clareza. * Em tempo d'el-rei D. João III. mandou para a Bahia trez fidalgas, que são as ditas que ficam acima.

Recolhimento em que se criavam as ditas fidalgas: vai o principio.

Nossa Senhora da Encarnação. Para amparo e abrigo de algumas orfans nobres e pessoas honradas erigiram alguns religiozos e homens de negocio d'esta côrte um recolhimento, que sustentavam; vendo el-rei D. João III o bom fim, a que se dirigia acção tão pia, tomou este recolhimento debaixo da sua protecção, no anno de 1543, dotando-o com rendas certas e annuaes, para sustentação de 21 orfans honradas, filhas de ministros, e ainda fidalgas, cujos pais houvessem falecido em serviço da corôa, ordenando que de tres em tres annos se enviassem para a India e Brazil algumas d'ellas ditas orfans com carta para os vice-reis e governadores as cazarem com a decencia possivel, preferindo-as nos provimentos dos officios para seus dotes, e tiveram na India tanta estimação estas orfans, que uma chamada D. Maria foi rainha da Maldiva; porque o rei d'aquellas ilhas cazou com ella em Gôa no anno de 1548; e soube muito bem reconhecer a educação, que teve no recolhimento, pois mandou para a igreja d'elle um frontal e uma cazula, que para memoria ainda se conservava no anno de 1731.

DE LA PENHA DEOSDARÁ'

O dezembargador Simão Alvares del la Penha Deosdará foi filho de Manoel Alvares Deosdará, e de sua mulher Aldonça Alvares de la Penha, morador em Pernambuco, ao qual Manoel Alvares primeiro por alcunha chamavam o Deosdará; e pelos grandes serviços, que fez á corôa no tempo dos Olandezes lhe fez o Sr. rei D. João IV a mercê de o honrar com brazão de armas

* Veja-se sobre isso o novo mappa de Portugal na 5ª parte a fl.412 e seguinte.

e appellido de—Deosdará—fazendo-o chefe da sua descendencia, e fidalgo de cota de armas para sempre, com todos os privilegios dos nobres e antigos fidalgos do seu reino e senhorios, o qual se acha em poder de Baltazar de Vasconcellos Cavalcante, seu bisneto, e por justificação que se fez tirou esse mesmo brazão.

E fez o sobredito rei ao mesmo Manoel Alvares Deosdará a mercê de propriedade da provedoria-mór de Pernambuco para o filho e genro, ou parente que elle nomeasse, conforme a carta de propriedade, que está registrada nos livros da fazenda real de Pernambuco, e tambem ha de estar nos d'esta cidade da Bahia, e lhe deu mais tres habitos : de Christo, de Aviz e Santiago.

O sobredito dezembargador tambem serviu por via das letras, sendo ministro da relação d'este estado, juiz dos cavalleiros, e servindo muitos annos de provedor da fazenda real da cidade da Bahia com carta de serventia, onde havia cazado com D. Leonarda de Azevedo Ravasco, (1) irman do padre Antonio Vieira, e passando depois a Pernambuco a servir o officio de provedor da fazenda, de que era proprietario, rezolveu embarcar para o reino com toda a sua familia de mulher, filhos, e sua mãi, e naufragou, perecendo todos sem sucessão, e se perdeo a propriedade do dito officio de provedor da fazenda, que comprou por vidas João do Rego Barros, e ainda persevera na sua caza.

Trouxe o dito dezembargador uma sua irman chamada D. Francisca de la Penha Deosdará, e na Bahia a cazou com Simão da Fonseca de Siqueira, fidalgo da caza de Sua Magestade, senhor do engenho do Caboto, e d'ella teve a successão, que adiante vai :

1. D. Francisca de la Penha Deosdará, que cazou com Simão da Fonseca de Siqueira, o qual era filho de Francisco da Fonseca. (2)

N. 1. D. Francisca de la Penha Deosdará, irman do dezembargador Simão Alvares de la Penha Deosdará,

---

(1) Cazou em 15 de Julho de 1637.

(2) Faleceu Simão da Fonseca de Siqueira a 7 de Julho de 1666, sepultado na matriz de Matuim. Cazados a 20 de Novembro de 1650 em Matuim.

acima, e filhos de Manoel Alvares Deosdará, e de sua mulher Aldonça Alvares de la Penha, que ficam na pag. .., passou á Bahia com o dito seu irmão Simão Alvarez de la Penha Deosdará, e ali cazou com Simão da Fonseca de Siqueira, filho de Francisco da Fonseca Caboto a fl. .., e de sua mulher D. Maria de Góes, senhores do engenho do Caboto ; e da dita D. Francisca de la Penha Deosdará e de seu marido Simão da Fonseca de Siqueira, foram filhos : *

2. Francisco da Fonseca de Siqueira, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro professo na ordem de Christo, e senhor do engenho do Caboto. Foi cazado com D. Catharina Soares, filha de Francisco de Vasconcellos Cavalcante e de sua mulher D. Antonia Lobo, faleceu sem successão. A' fl... n. 6.

3. D. Antonia de la Penha Deosdará, que cazou com Baltazar de Vasconcellos, a fl. .. n. 4, e ahi acha descendencia.

4. D. Aldonça de la Penha Deosdará, que se segue.

N. 4. D. Aldonça de la Penha Deosdará, filha de Francisca de la Penha Deosdará e de seu marido Simão da Fonseca de Siqueira, foi primeira mulher de Antonio da Rocha Pita, de quem adiante se dirá, e d'este teve filhos.

5. O coronel Luiz da Rocha Pita, que faleceu sem cazar : foi professo na ordem de Christo.

6. D. Brites, cazada com o dezembargador João de Sá Sotomaior.

7. D. Francisca Xavier de la Penha Deosdará, que cazou com o dezembargador João Homem Freire, como diz o assento do seu enterro. A 24 de Fevereiro de 1723 faleceu D. Francisca Xavier de la Penha Deosdará, natural de Matuim, filha de Antonio da Rocha Pita e de sua mulher D. Aldonça de la Penha Deosdará. Era cazada com o dezembargador João Homem Freire ; testamenteiros, seu marido e seu irmão o coronel Luiz da Rocha Pita.

8. D. Maria, que, indo em companhia de seu cunhado João Homem Freire para Portugal, lá cazou com Manoel

* D. Maria de Góes, filha de Simeão de Araujo de Góes, o velho, a fl....

Homem Freire, sobrinho do dito seu cunhado em Coimbra, senhor da quinta das Lagrimas e morgado em villa Cova, e tem filhos.

9. Simão da Fonseca Pita, que se segue:

N. 9. Simão da Fonseca Pita, filho de D. Aldonça de la Penha Deosdará e de seu marido Antonio da Rocha Pita, foi cazado com D. Antonia, filha de Francisco da Fonseca Villasboas, que era filho de João de Aguiar Villasboas a fl... n. e de sua mulher D. Antonia ou Maria de Góes de Siqueira, filha de Francisco da Fonseca e de sua mulher D. Maria de Góes, e do sobredito Francisco da Fonseca Villas boas foi mulher D. Maria de Mello, filha de Pedro de Góes de Araujo, a fl... n. 1, e de sua mulher D. Luiza de Mello, filha do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos, a fl... n. 7 e 28. De Simão da Fonseca acima e de sua mulher D. Antonia foi filha:

10. D. Aldonça de la Penha Deosdará, que se segue:

N. 10. D. Aldonça de la Penha Deosdará esta acima foi segunda mulher de Amaro de Souza Coutinho, que era filho legitimo de Christovão de Souza Dalte e de sua mulher D. Maria de Barros Pereira, e havia sido cazado este Amaro de Souza com D. Anna Maria de Espindola, que sem filhos faleceu a 17 de Maio de 1732, sendo então alferes este Amaro de Souza. De sua segunda mulher acima D. Aldonça teve Amaro de Souza um filho, que foi:

11. Antonio da Rocha Pita, que faleceu solteiro, e por falta d'este seu neto e unico herdeiro de sua caza e bens, chamou Simão da Fonseca Pita, senhor do engenho e fazendas do Caboto para herdeiro d'ellas a Christovão da Rocha Pita, seu sobrinho a fl... n. 3, que é hoje o possuidor d'ellas e dos taes bens.

FONCECAS DO CABOTO

Francisco da Fonceca, a quem chamavam o Caboto, foi cazado com Maria de Goes de Siqueira, filha de Simeão de Araujo de Goes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, a fl... n..., e teve filhos. *

* Cazaram em Matuim a 25 de Fevereiro de 1629. Faleceo a 12 de Outubro de 1660. Sepultou-se no Carmo.

1. Catharina de Goes de Siqueira, mulher do capitão João da Aguiar Villasboas, a fl... n. 1. (1)

2. Simão da Fonceca de Siqueira, cazado com D. Francisca de la Penha Deosdará, á fl... n. 1 e fl. 12 n. 2 e 3 e ahi a sua descendencia. (2)

N. 2. Simão da Fonceca de Siqueira, filho de Francisco da Fonceca Beato e de sua mulher Maria de Goes de Siqueira e cazou com D. Francisca de la Penha Deosdará, irman do dezembargador Simão Alvares de la Penha Deosdará, como fica na fl.... n. 1, e dahi por diante o mais.

ROCHA PITA

do Caboto

Antonio da Rocha Pita, (3) de quem se dice já na folha ..., que foi cazado segunda vez com D. Aldonça de la Penha Deosdará, era natural, conforme se dizia, de Coura, d'onde viera para a Bahia e foi recolhido na caza dos Brandões do Iguape, freguezia de Santiago, onde assistiu alguns annos ; enamoran do-seahi de uma D. Maria da Rocha Pita, que era filha de D. Maria Falcão, filha esta de Braz Rabelo Falcão, que tambem era pai este Braz Rabelo de Thomé Pereira Falcão, o velho, em cuja caza, ou no seu engenho, assistia o tal Antonio da Rocha Pita, que tirando a furto a sobredita sobrinha de Thomé Pereira Falcão e neta de Braz Rabelo, se offenderam muito d'isto, e lhe mandaram dar um tiro, de que ficou ferido em um braço e se retirou do logar e cazou com a dita D. Maria da Rocha Pita, (4) assim intitulada ; porque a sua mãi já dita, D. Maria Falcão, foi e era cazada

---

(1) Batizada ao 1º. de Dezembro de 1629.

(2) Batizado ao 1º. de Junho de 1631.

(3) Era filho de Francisco da Rocha Pita, e de sua mulher Beatriz de Lara, naturaes de Coura.

(4) Cazaram a 1 de Julho de 1678, na capella do Bom Jezus de Iguape.

com o capitão Valentim da Rocha Pita, * de quem não achamos ainda a sua ascendencia; d'este Antonio da Rocha Pita, e esta sua mulher D. Maria da Rocha Pita, que foi a primeira, teve filho.

1. Francisco da Rocha Pita, que se segue :

N. 1. Francisco da Rocha Pita este aqui, a quem por morte de sua mãi coube bôa legitima, que o pai lhe entregou tanto que teve idade. Cazou na mesma caza do Iguape com D. Roza Maria, que era filha do já referido Thomé Pereira Falcão, o velho, irmão do avô d'este Francisco da Rocha Pita, e filho de Braz Rabelo Falcão, tambem já referido. D'este Francisco da Rocha Pita, e sua mulher D. Roza Maria Falcão, que foi a primeira, foram filhos:

2. João da Rocha Pita, que se segue.
3. Christovão da Rocha Pita, adiante.
4. Antonio da Rocha Pita, ao depois.
5. Lancerote Pereira é filho da primeira mulher.
6. Michaela, cazada com Manoel de Lima Pereira, adiante.

Segunda vez cazou o dito Francisco da Rocha Pita com D. Leonor Pereira Marinho, tambem viuva de Thomé Pereira Falcão, o moço, e filha de Vasco Marinho e de sua mulher D. Catharina de Araujo Azevedo, que era filha esta de Paio de Araujo de Azevedo, a quem chamavam o Par Deus-homem, commendador da ordem de Christo e de D. Anna sua mulher, filha de Duarte Lopes Soeiro e de D. Maria de Souza. D'esta sua segunda mulher D. Leonor Pereira Marinho teve filhos.

7. D. Francisca, cazada com o capitão Antonio Gomes de Sá, adiante, a fl....
8. D. Roza, solteira, em caza de seo meio irmão Christovão da Rocha Pita.

---

* Era filho de Valentim da Rocha Pita, natural da freguezia de Santa Maria da Ribeira, termo de Valença do Minho, e filho de João Barboza Aranha e de sua mulher Izabel da Rocha Pita. D'este Valentim da Rocha Pita foi tambem filho Christovão da Rocha Pita, outro d'este nome.

Por morte de seu marido Valentim da Rocha Pita, cazou D. Maria Falcão com o capitão João Peixoto da Silva, viuvo tambem de D. Anna Cavalcante e cazaram a 26 de Maio de 1669, em Iguape.

N. 2. João da Rocha Pita, filho de Francisco da Rocha Pita, n. 1, e de sua primeira mulher D. Roza Maria Falcão, cazou com D. Anna Maria de Lacerda, filha de Luiz de Lacerda de Góes, o qual era filho de Luiz de Góes Vasconcellos, e de uma D. Anna de Lacerda Brandão ; e a mulher do sobredito Luiz de Lacerda de Góes era da caza da Copacabana. Faleceu este João da Rocha a 23 de Fevereiro de 1775, e sepultou-se em S. Francisco na cidade da Bahia.

N. 3. Christovão da Rocha Pita, filho de Francisco da Rocha Pita e de sua primeira mulher D. Roza, filha do 1°. Thomé Pereira Falcão e de sua mulher D. Ignacia de Araujo, a fl... n. 17 e 44, e foi cazado com D. Jozefa, filha de João da Costa Lima, mercador rico na Bahia, e já falecida, da qual teve uma filha :

9. D. Jozefa, cazou esta.

N. 4. Antonio da Rocha Pita, filho de Francisco da Rocha Pita n. 1, e de sua primeira mulher D. Roza, casou com D. Ignacia Marinho, filha do capitão Pedro Marinho, a fl... n. 3, e de sua mulher D. Roza, e teve filhos.

N. 6. D. Michaela, filha de Francisco da Rocha Pita, n. 1, e de sua primeira mulher D. Maria Roza cazou com Manoel de Lima, natural do reino e foi enteado este Manoel de Lima Pereira do capitão-mór Teotonio Teixeira, e tem filhos.

CARAMURUS NA BAHIA

Diogo Alvares Corrêa, * da principal nobreza de Vianna, vindo ter á Bahia por acazo da fortuna, sendo o primeiro Portuguez, que n'ella aportou, e pizou as suas praias, e pelo sucesso do seu naufragio, e modo com que escapando d'elle com vida a conservou entre o gentio, que lhe acrescentou o cognome de—Caramurú—é tão celebrado na tradição e historia. Depois de ter de uma

* Faleceu a 3 de Outubro de 1557, sepultado no mosteiro de Jezus, que era collegio da Companhia : cadern. fl. 70 verso.

filha do principal dos indios, que habitavam as costas da barra da Bahia, varias filhas illegitimas que n'esse lugar se assentaram, e chamada ainda então, como gentia, —Paraguaçú—como escrevem algumas memorias, ou como têm outras—Guaibim-Pará—e tudo quer dizer o mesmo que—mar ou rio-grande—e conhecida depois de batizada por Catharina Alvares: d'esta e de seu marido Diogo Alvares Caramurú foram filhas legitimas:

1. Anna Alvares, que se segue.
2. Genebra Alvares, adiante.
3. Apolonia Alvares, depois.
4. Gracia Alvares, mulher de Antão Gil.

N. 1. Anna Alvares, filha primeira de Catharina Alvares e seu marido Diogo Alvares Caramurú, foi cazada com Custodio Rodrigues Corrêa, pessoa nobre e das principaes familias de Santarem, donde era natural, e d'elles nasceram os filhos seguintes:

5. O padre Marçal Rodrigues Corrêa, vigario de Villa-Velha e povoação do Pereira.
6. O capitão André Rodrigues Corrêa, sem sucessão.
7. Paulo Rodrigues Corrêa (1), sem sucessão.
8. Lourenço Rodrigues Corrêa, sem sucessão.
9. Jorge Alvares Corrêa (2), sem sucessão.
10. Izabel Rodrigues, mulher de João Marante, sem sucessão.
11. Maria Corrêa, que se segue.

N. 11. Maria Corrêa, filha ultima legitima de Anna Alvares e seu marido Custodio Rodrigues, cazou com Aires da Rocha Peixoto, natural da cidade de Elvas, das principaes familias. Sua mãi Leonor Peixoto era dos Alvarados, Peixotos do Porto. Aires da Rocha Peixoto veio para o Brazil por uma morte que fez, sendo de 16 annos. Assim o confirma um instrumento de sua nobreza e qualidade. D'esta Maria Corrêa descendem os Rochas Peixotos, e alguns Corrêas, que ha n'esta cidade da Bahia e seu reconcavo.

---

(1) Batizado a 15 de Abril de 1556.
(2) Batizado na sé a 27 de Abril de 1558.

D'esta primeira filha de Maria Corrêa e seu marido Aires da Rocha Peixoto não podemos descobrir mais descendencia e só o assento seguinte do livro dos cazamentos da sé. Aos 20 de Agosto de 1642 recebi na igreja de N. S. da Ajuda d'esta cidade da Bahia, com licença do Sr. provisor Diogo Lopes Chaves, a Baltazar de Aragão de Souza, filho de Melchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, com Leonor da Rocha Peixoto, filha de Melchior Velho, já defunto e de Maria Corrêa Peixoto, todos moradores na freguezia de Santiago de Paraguassú. Foi padrinho o governador Lourenço de Brito Corrêa, e madrinha Joanna Correia. Testimunhas os capitães Paulo de Barros, Manoel Soares Homem, e o mestre de campo Martim Soares Moreno.

Sucessão da segunda filha legitima de Catharina Alvares e seu marido Diogo Alvares Caramurú, que foi

N. 2. Genebra Alvares, filha segunda de Catharina Alvares e de seu marido Diogo Alvares Caramurú, cazou com Vicente Dias de Beja, natural da provincia do Alemtejo, moço fidalgo da caza do infante D. Luiz. Assim se acha em varios papeis manuscritos feitos por pessoas antigas, que tiveram o cuidado de escrever e fazer memoria dos sugeitos, que cazaram com estas filhas de Catharina Alvares e seu marido Diogo Alvares Caramurú, como tambem do Theatro Genealogico das arvores das principaes familias do reino de Portugal e suas conquistas.

De Genebra Alvares e seu marido Vicente Dias foram filhos:

12. Diogo Dias, que se segue.
13. Maria Dias, (1) mulher de Francisco de Araujo, adiante.
14. Lourenço Dias, sem geração,
15. Melchior Dias, sem geração.
16. Vicente Dias, sem geração.
17. Catharina Alvares, (2) adiante.

---

(1) Batizada na sé a 5 de Janeiro de 1556.
(2) Batizada na sé a 18 de Julho de 1559.

18. Andreza Dias, mulher de Diogo de Amorim Soares, (1) filho de Francisco Soares, de Ponte de Lima; sem geração.

19. Francisca Dias (2) mulher de Antonio de Araujo, irmão de Gaspar Barboza, de Ponte de Lima, adiante á fl... Segunda vez cazou essa Francisca Dias (3) como consta do assento seguinte: Aos 15 de Fevereiro de 1597 recebi eu o legado Pedro de Campos, deão da sé, a Francisco de Aguilar, filho de Jacome Duarte e de sua mulher Izabel de Aguilar, moradores na cidade de Braga, freguezia de S. João de Souto, com Francisca Dias, filha de Vicente Dias e de sua mulher Genebra Alvares.

N. 12. Diogo Dias, (4) filho primeiro de Genebra Alvares, e de seu marido Vicente Dias de Beja, cazou com Izabel de Avila (5) filha natural de Garcia de Avila, o velho (6), que veio á Bahia com Thomé de Souza, primeiro governador que fundou esta cidade. O qual Garcia de Avila foi cazado com Micia Rodrigues, christan nova, obrigado por justiça, mas não teve d'ella filho algum.

A dita Izabel de Avila acima, antes de cazar com o sobredito Diogo Dias havia sido cazada com um fidalgo genovez, que a tirou por justiça, e vivendo com ella no Itapuan, o matou um gentio, sem deixar successão alguma. Por morte d'este cazou então com o dito Diogo Dias; viveram sempre no Itapuan, aonde existe um grande penedo, á beira-mar no porto de cima, chamado a Pedra de Diogo Dias. D'este e de sua mulher Izabel de Avila nasceu unico filho varão.

20. Francisco Dias de Avila, que se segue.

---

(1) Cazaram a 12 de Janeiro de 1586.

(2) Cazou com este a 8 de Janeiro de 1518. Na sé. Padrinhos Antonio de Paiva e Antão Gil.

(3) Faleceu esta a 8 de Agosto de 1611. Sepultada em S. Francisco.

(4) Faleceu este Diogo Dias a 10 de Novembro de 1597 e sepultado na Misericordia.

(5) Izabel de Avila faleceu a 18 de Outubro de 1593. Sepultada na Mizericordia.

(6) Faleceu Garcia de Avila, este o velho, a 23 de Maio de 1609. Sepultado na sé. Testamenteiros Francisco Dias de Avila e Dr. Fernandes, seus netos. Consta assim do assento do seu enterro na sé.

E Micia, que, batizada a 25 de Dezembro de 1578, sendo seus padrinhos Garcia de Avila, o velho, e Maria Dias, faleceu a 11 de Janeiro de 1598.

E Francisco Fernandes, adiante.

Francisco Dias de Avila, filho de Diogo Dias e de sua mulher Izabel de Avila, teve o fôro de cavalleiro fidalgo. Cazou com Anna Pereira, (1) filha de Manoel Pereira Gago e de sua mulher Catharina Fogaça; gente honrada de Porto-Seguro. D'este Francisco Dias e de sua mulher Anna Pereira foi filho

21. Garcia de Avila, que se segue.

N. 21. Garcia de Avila, filho de Francisco Dias de Avila e de sua mulher Anna Pereira (2) foi capitão de ordenança, feito pelos governadores interinos Luiz Barbalho Bezerra, Lourenço de Brito Corrêa, e o Bispo, governador, no anno de 1641, pelos serviços de seu pai Francisco Dias no recebimento do exercito do Conde de Banholo, e teve o mesmo fôro de fidalgo de seu pai. Cazou com Leonor Pereira (3) filha de Manoel Pereira Gago e de sua mulher Catharina Fogaça, irman de sua mãi. D'essa Leonor Pereira e de seu marido Garcia de Avila foram filhos:

22. Francisco Dias de Avila, que se segue.

23. Bernardo Pereira Gago, batizado a 2 de Agosto de 1654, sem sucessão.

24. Catharina Fogaça, mulher de Vasco Marinho Falcão; cazaram a 23 de Junho de 1659, e tiveram filhos, D. Leonor Pereira Marinho, que cazou com seu tio Francisco Dias de Avila, acima, e o que se segue em o n. 22, e ahi se acha a sua descendencia.

Teve mais esse Vasco Marinho Falcão d'essa sua mulher Catharina Fogaça outra filha por nome Izabel de Avila Marinho (4) que contra a vontade de seu pai

---

(1) Cazaram a 20 de Janeiro de 1621. Faleceu Anna Pereira a 18 de Julho de 1615, a ' hora da noite. Sepultada na dita capella da Torre.

(2) Cazaram a 8 de Junho de 1612.

(3) Faleceu esta a 13 de Junho de 1686: sepultada na sua capella da Torre.

(4) Aos 12 de Janeiro de 1678 recebi na igreja do Carmo, antes de banhos corridos, por mandado do Sr. provisor ao licenceado Manoel Paes da Costa, com Izabel de Avila Marinho, ambos naturaes d'esta Bahia, freguezia de S. Amaro da Pitanga, foram testimunhas o mestre de campo Alvaro de Azevedo e o sargento-mór Francisco de Blá.

cazou com o capitão Manoel Paes da Costa (1) e faleceu a 24 de Janeiro de 1704. Sepultada no Carmo. E Vasco Marinho, seu pai, faleceu a 18 de Agosto de 1666. Sepultado em S. Francisco.

N. 22. Francisco Dias de Avila, filho primeiro de Garcia de Avila, n. 21, e de sua mulher Leonor Pereira, foi coronel de ordenança d'esta cidade da Bahia, provimento que n'elle fez o governador Mathias da Cunha, no anno de 1686, por fallecimento de Pedro Camello de Aragão, que exercia o dito posto. Esse Francisco Dias de Avila foi ao rio de São-Francisco com os seus escravos e indios de Macacandupio, que hoje estão aldeiados no mesmo lugar, e pacificaram o gentio no levante geral, que tinha feito, e morto muita gente ; elle os aquietou, e aquelles que não quizeram sugeitar-se á paz, os mandou degolar, na fazenda do Pontal. Sucedeu isso no anno de 1680 ; e elle faleceu no de 1695.

Foi cazado com D. Leonor Pereira Marinho, sua sobrinha, (2) filha de sua irman Catharina Fogaça e de seu marido Vasco Marinho Falcão. De Francisco Dias de Avila, e sua mulher foi filha :

25. Garcia de Avila Pereira, que se segue. E bastardos:

Francisca Dias, mulher de Alexandre Gonçalves Barros ; cazaram a 3 de Outubro de 1695. Era esta Francisca filha de uma Clara Dias, diz o assento.

Clemencia Dias, que cazou com João Vieira de Lima, a 15 de Fevereiro de 1699. Era este João filho de Luiz Vieira de Lima.

Albina de Avila.

N. 25. Garcia de Avila Pereira, filho legitimo de Francisco Dias de Avila, n. 24, e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho, teve o foro de fidalgo cavalleiro, que lhe fez mercê d'elle el-rei D. Pedro II no anno de 1696, por requerimento de sua mãi D. Leonor Pereira Marinho.

---

(1) Declaro, que minha filha Izabel cazou contra minha vontade com Manoel Paes da Costa, e ficou desherdada, sendo de 16 annos. Verba do testamento de seu pai Vasco Marinho.

(2) Batizada essa a 10 de Setembro de 1691. Padrinho o capitão Valentim da Rocha Pita. Freguezia de Iguape.

a qual prometteu ao dito rei, que lhe daria 20.000 quintaes de salitre, postos no porto da Caxoeira á sua custa, fazendo-lhe a mercê do acrescentamento do foro de cavalleiro fidalgo, que tivera seu marido, e tinha seu filho a fidalgo cavalleiro, e de dous habitos com 150$000 reis de tença, emquanto não houvesse encomenda de lote, e de lhe fazer mais a mercê de senhor donatario de uma villa, fazendo os officios necessarios á sua custa, no lugar chamada da Torre, de que elle era senhor, e seus antepassados o tinham sido, ou em qualquer das suas aldêas, tendo ao menos 60 cazaes, de juro e herdade com livre jurisdição.

Não teve effeito esta promessa do salitre; e para havêr de se aproveitar das mercês concedidas, tornou a requerer ao dito rei no anno de 1699, que lhe aliviasse a obrigação do salitre, e que em equivalente d'ella lhe offerecia 60.000 cruzados pagos em dôze annos, porem se lhe defirio, que, pagos em nove, ficariam as ditas mercês validas; para o que, celebrou uma escritura com o procurador da corôa, a qual se acha no cartorio do escrivão João da Costa Ferreira.

Foi este Garcia de Avila Pereira coronel de ordenança como seu pai; e cazou com D. Ignacia de Araujo Pereira (1), sua prima, filha do capitão Thomé Pereira Falcão e de sua mulher D. Ignacia de Araujo, esta filha de Gonçalo Rodrigues de Araujo e de sua mulher Izabel Freire Baraxo, e Thomé Pereira Falcão e era filho de Braz Rabelo e de sua mulher Izabel Brandão, filha do Melchior Brandão Coelho e de sua mulher Maria Pestana.

26. Francisco Dias de Avila, que se segue.

N. 26. Francisco Dias de Avila, filho de Garcia de Avila Pereira, n. 25, e de sua mulher D. Ignacia de Araujo (2) foi mestre de campo de auxiliares do terço da Torre, sendo elle o primeiro que occupou esse cargo, teve o fôro

---

(1) Cazaram a 9 de Abril de 1707, na matriz de Santiago. E faleceu a 13 de Junho na cidade; sepultada em S. Francisco em sepultura propria no altar da Conceição em 1731. E sua mãi Ignacia de Araujo faleceu a 1 de Julho de 1743 com mais de 100 annos de idade.

(2) Cazou no oratorio do coronel Francisco Barreto de Aragão, da freguezia de Santiago, a 10 de Novembro de 1732.

de fidalgo cavalleiro, foi familiar do santo officio, e antes de ser mestre de campo da Torre, tinha sido coronel de ordenança da cidade; cazou com D. Catharina Francisca Corrêa de Aragão Vasque Anes, filha do coronel Francisco Barreto de Aragão e de sua mulher D. Catharina Corrêa Vasque Anes, filha de Salvador Corrêa Vasque Anes, ou de Sá, e de sua mulher D. Maria de Araujo, ou de Affonceca de Siqueira, filha de João de Aguiar Villasbôas e de sua mulher D. Antonia da Fonceca Siqueira, que era filha de Francisco da Fonseca á fl... D'este Francisco Dias de Avila e de sua mulher D. Catharina Francisca, acima, foram filhos:

27. Garcia de Avila Pereira de Aragão, que se segue:

28. D. Leonor Pereira Marinho, mulher do mestre de Campo Jozé Pires de Carvalho Albuquerque, que ja fica á fl... n. 12, e ahi a sua descendencia.

N. 27. Garcia de Avila Pereira Aragão, filho de Francisco Dias de Avila, n. 28, e de sua mulher D. Catharina Francisca Corrêa Vasque Anes, e mestre de campo de auxiliares da Torre, professo na ordem de Christo e fidalgo cavalleiro, como seu pai e avô; cazou com D. Anna Thereza Cavalcante de Albuquerque, filha do alcaide-mór, que foi na Bahia, Salvador Pires de Carvalho, do qual matrimonio não houve filhos por falecer esta poucos annos depois de cazada; e até este de 1767 se acha viuvo.

TRONCO

Bras Rabelo Falcão

Filho 1.° gr. Filho
Thome Pereira Falcão.—Irmãos—Vasco Marinho Falcão.

Filha 2.° gr. Filha
D. Ignacia da Araujo Pereira.—Primos—Leonor Pereira Marinho.
Mixto com o 3.° gr.

Filho
Garcia de Avila Pereira.
Mixto com o 3.° gr. *

* Foram dispensados por sentença de 28 de Julho de 1706.

N. 19. Francisca Dias, filha de Genebra Alvares e seu marido Vicente Dias de Beja, (1) cazou duas vezes, a primeira com Antonio de Araujo, natural de Ponte de Lima, da familia dos Araujos, primo de Baltazar Barboza de Araujo e seu irmão Francisco de Araujo, em cuja companhia vieram todos para o Brazil, e teve filho unico.

1. Frei João do Espirito Santo (2), religiozo benedictino, que faleceu na cidade do Porto no anno de 1634.

Segunda vez cazou Francisca Dias, acima, com Francisco de Aguilar de Araujo (3), filho de Jacome Duarte e de sua mulher Izabel de Aguilar, moradores na cidade de Braga, freguezia de S. João de Souto, e teve filhos.

2. Izabel de Aguilar (4), cazada com Bento de Araujo Soares, sem filhos.

3. Maria de Araujo, que cazou com o capitão Miguel Francisco, com filhos.

4. Anna Barrozo de Araujo (5), cazada com o filho de Sebastião Botelho e Beatriz Cardozo, Manoel Botelho, da cidade da Guarda; cazaram na sé a 7 de Maio de 1623.

5. Sebastiana de Queiroz, mulher de Fernão Pereira do Lago. (6)

N. 3. Maria de Araujo, filha de Francisca Dias e de seu segundo marido Francisco de Aguilar, foi segunda mulher do capitão Miguel Francisco, natnral da cidade de Lisbôa, filho de Simão Fernandes e de Guiomar Nunes, sua mulher, e teve filhos.

6. Soror Francisca do Salvador, religioza do mosteiro de Villalonga.

7. Izabel de Araujo, mulher de Francisco de Macedo, com filhos.

8. D. Clara de Araujo, cazada com Diogo Varella de Macedo.

---

(1) Cazaram na sé a 8 de Janeiro de 1584.
(2) Batizado na sé a 14 de Março de 1585.
(3) Cazaram á 15 de Fevereiro de 1597, a fl. 65, n. 89.
(4) Batizada a 3 de Maio de 1598, na freguezia da Purificação.
(5) Batizada a 30 de Agosto de 1600, na mesma freguezia.
(6) Batizada a 20 de Janeiro de 1601.

Sucessão da segunda filha de Genebra Alvares, que foi

N. 3. Maria Dias, filha segunda de Genebra Alvares, n. 2, e de seu marido Duarte Dias, cazou com Francisco de Araujo, filho natural de Gaspar Barboza de Araujo, natural de Ponte de Lima, da nobilissima familia dos Araujos, que ha na provincia de Entre-Douro e Minho. (1)

De Maria Dias e seu marido foram filhos:

29. Maria de Araujo, (2) que se segue

30. Francisco de Araujo, (3) clerigo, o qual doou á Mizericordia da Bahia a fazenda da Saubara.

31. D. Violante de Araujo, adiante, fl...

Outra Maria, batizada na Sé a 29 de Novembro de 1582 e Manoel batizado a 14 de Dezembro de 1583.

N. 29. D. Maria de Araujo, (4) filha primeira de Francisco de Araujo e de sua mulher Maria Dias n. 13, foi cazada com o capitão-mór Baltazar de Aragão, o Bangala por alcunha, que havia sido capitão-mór em Angola, onde por ser demaziadamente cruel para com os escravos, que os castigava com grande rigor, lhe chamaram o Bangala, que no seu idioma quer dizer — Páo duro. Morreu este homem no anno de 1613, governando elle a Bahia por morte do governador D. Diogo de Menezes, sahindo em uma náo a pelejar contra os Olandezes, e virando-se esta no mar ficou afogado. Deixou filhos.

32. Francisco de Araujo de Aragão, que se segue.

33. Baltazar de Aragão, que cazou com Catharina de Barros, filha de Paulo de Barros, sem geração. Por morte d'este seu marido cazou esta com Domingos Garcia, sobrinho de Baltazar de Aragão; á fl... n. 2.

---

(1) Theat. Geneal., arv. 36. Faleceu este a 27 de Agosto de 1602. Sepultado na Mizericordia.

(2) Batizada na sé a 21 de Agosto de 1579. Faleceu esta a 9 de Março de 1633. Sepultada na Mizericordia. Cazaram na sé a 13 de Novembro de 1599.

(3) Batizado na sé a 14 de Fevereiro de 1581.

(4) D'esta D. Maria de Araujo foi tambem filho dos mesmos pais Francisco de Araujo e Maria Dias, o que se segue aqui. João de Araujo, que cazou com D. Brites Valdoveso, e teve filhos: Francisco de Araujo Valdoveso, cazado com D. Maria da Rocha, como fl... D. Joanna de Araujo, mulher de Francisco de Mesquita. Faleceu este João de Araujo a 21 de Janeiro de 1635. Sepultado na Mizericordia na cova de seus pais.

34. D. Izabel de Aragão, mulher de Diogo de Aragão Pereira, adiante, fl... n. 34.

35. D. Maria de Aragão, mulher de Domingos Garcia de Mello, a fl... n. 35.

Por morte de Baltazar de Aragão, o Bangala, tornou a cazar D. Maria de Araujo com Pedro Garcia, a quem chamaram o velho, mercador muito rico, e o que corria com o fornecimento do engenho do Conde n'esse tempo. Era este Pedro Garcia natural da ilha de São-Miguel, e filho de Manoel Pereira e de sua mulher Joanna Garcia : consta isto das inquirições de seu filho Pedro Garcia, quando se ordenou de sacerdote.

De Pedro Garcia e sua mulher D. Maria de Araujo, fôram filhos :

36. Pedro Garcia de Araujo, que se ordenou de sacerdote de maior idade já, foi muito rico, e instituio um morgado de toda a sua fazenda, que deixou a seu sobrinho Manoel Garcia Pimentel, filho de sua irman D. Joanna, cazada com o donatario do Espirito-Santo, Francisco Gil de Araujo, adiante.

Este Pedro Garcia foi o que deu a terra para fundação do convento de Paraguassú aos religiozos de S. Antonio ; e n'elle foi sepultado. Faleceu a 7 de Maio de 1691.

37. Francisco Gil de Araujo, que foi donatario do Espirito-Santo, e vai adiante, a fl...

38. D. Joanna de Araujo, mulher de Antonio da Silva Pimentel, que vai depois á fl... n. 5.

N. 32. Francisco de Araujo de Aragão, filho de D. Maria de Araujo, n. 29, e de seu primeiro marido Baltazar de Aragão, o Bangala, foi senhor do Engenho-novo em Paraguassú, cazou com D. Anna de Barros Sueiros, que era filha de Manoel de Barros, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher Cecilia Sueiros, a qual Cecilia Sueiros era filha de Martins, ou Martim Lopes Sueiros e de sua mulher D. Anna Pereira, sobrinha legitima do bispo da Bahia D. Miguel Pereira, dos Pereiras de Vianna ; consta isto do livro dos batizados e da verba do testamento de D. Francisca de Aragão, filha d'esta D. Anna, que foi cazada com o mestre de campo Jeronimo Sodré.

D'esta D. Anna de Barros Sueiro foram tambem irmãos inteiros o padre Martim de Barros Sueiro, vigario de São-Gonçalo da Caxoeira, então curato, e tambem Manoel de Barros Sueiro.

De Francisco de Araujo de Aragão, acima, e sua mulher D. Anna fôram filhos:

39. Manoel de Araujo de Aragão, que se segue.

40. Francisco de Araujo de Aragão, cazado com D. Agueda de Góes, filha de Manoel Pereira de Góes e de sua mulher D. Anna Brandão, filha de Antonio de Souza de Andrade.

41. João de Aragão, clerigo, batizado em 20 de Maio de 1653.

42. Baltazar de Aragão.

43. D. Francisca de Aragão, segunda mulher do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira, a fl... n. 2.

44. D. Anna de Araujo, segunda mulher de Pedro Camello, a fl... n..., e por morte d'este cazou com Antonio Guedes de Paiva, a fl...

45. D. Izabel de Aragão, primeira mulher de Christovão Cavalcante de Albuquerque, que já fica a fl... e ... n. 2.

46. D. Cecilia de Araujo, mulher de Francisco Pereira de Araujo, a fl... n. 4. Cazada com Sebastião Paes Machado, diz outro assento.

N. 39. Manoel de Araujo de Aragão * filho primeiro de Francisco de Aragão, n. 32, e de sua mulher D. Anna de Barros Sueiro, foi coronel de ordenança na Bahia, e um dos mais autorizados homens do seu tempo. Cazou com D. Maria Adorno, filha de Gaspar Rodrigues Adorno, da Caxoeira, e houveram filhos. Este Gaspar Rodrigues Adorno vai a fl... n. 18, cazado com Felippa Alvares.

47. Manoel de Araujo de Aragão, que se segue.

48. Antonio de Araujo de Aragão, Gonçalo de Araujo de Aragão, Cosme de Araujo de Aragão, Sebastião de Araujo de Aragão, etc., foi religiozo do Carmo,

---

* Cazou este a 6 de Fevereiro de 1667 e faleceu a 1º de Janeiro de 1709. Sepultado no convento de Paraguassú, e sua mulher faleceu a 27 de Novembro de 1721, sepultada no convento de Paraguassú.

e cinco filhas freiras em Portugal. Brites, batizada a 8 de Agosto de 1669, Maria, batizada a 25 de Dezembro de 1674.

N. 41. Manoel de Araujo de Aragão, filho de Manoel de Araujo de Aragão, n. 39, e de sua mulher D. Maria Adorno, (1) cazou com D. Maria de Aragão, filha de Pedro Camello e de sua mulher D. Anna de Aragão, irman de seu pai, e tiveram filhos:

49. Manoel de Araujo de Aragão.

50. Antonio de Araujo de Aragão. Faleceu solteiro em 15 de Junho de 1720.

51. João Alexandre, cazado com D. Brites, filha do coronel Christovão Cavalcante a fl... n. 6.

52. Jozé de Aragão, cazou com D. Ursula filha do mesmo.

53. Francisco de Araujo de Aragão, cazado com D. Anna, filha do dezembargador Christovão Tavares de Moraes, a fl... n. 18.

54. D. Florinda, que cazou com Jozé Gonçalves Fiuza, senhor do engenho da Ponta, e sargento-mór da villa da Caxoeira.

55. Lucas de Araujo de Aragão, que faleceu solteiro.

N. 40. Francisco de Araujo de Aragão, (2) filho segundo de Francisco de Araujo de Aragão, n. 32, e de sua mulher D. Anna de Barros Sueiro, foi alcaide-mór da cidade da Bahia, cazou com D. Agueda de Góes, filha de Manoel Pereira de Góes e de sua mulher D. Anna Brandão, que era filha de Antonio de Souza de Andrade, (3) a quem o padre Lourenço Ribeiro, vigario que foi de Passé, no seu manuscrito diz, era filho natural d'el-rei D. Pedro II; teve este Francisco de Araujo de sua mulher os filhos seguintes ; foram cazados a 28 de Agosto de 1688, na freguezia do Monte. D. Agueda de Souza, diz o assento.

56. Manoel de Araujo de Aragão, alcaide-mór,

---

(1) Faleceu esta a 27 de Novembro de 1721, sepultada no convento de Paraguassú.

(2) Faleceu a 8 de Julho de 1705. Sepultado no Carmo.

(3) Veja-se á pag... de quem era filho este Antonio de Souza de Andrade.

como seu pai, a qual mercê foi a primeira, que fez el-rei D. João V para o Brazil. Faleceu solteiro em 16 de Agosto de 1727.

57. D. Maria de Araujo Aragão, que se segue.

58. D. Anna de Souza Aragão, adiante a fl... n. 3, e Francisco de Araujo de Aragão, bastardo, e cazado a 22 de Junho de 1707 com D. Francisca Pinheiro, filha de Antonio Rodrigues Pinheiro e de sua mulher D. Francisca Ferreira.

N. 51. D. Maria de Araujo, ou de Souza de Aragão, (1) filha segunda do alcaide-mór Francisco de Araujo de Aragão, n. 40, e de sua mulher D. Agueda de Góes (2) ou de Souza, com Jozé da Costa Bolcão, de que adiante se dirá, e tiveram filhos.

59. Baltazar da Costa Bolcão, que se segue.

60. D. Francisca de Araujo Aragão, que cazou com Antonio Manoel de Moraes Sarmento Portocarreiro, professo na ordem de Christo, e corregedor, que foi, da comarca da Bahia. Faleceu esta a poucos annos de cazada, deixando uma só filha, que tambem faleceu solteira; e seu pai Antonio Manoel faleceu a 19 de Janeiro de 1774.

61. Jozé, batizado a 22 de Janeiro de 1730, a fl... n. 2.

Francisco, batizado a 21 de Maio de 1733.

Anna, batizada a 30 de Janeiro de 1735. Esta freira no Desterro, e Francisco religiozo da companhia, este acima.

N. 34. D. Izabel de Aragão, (3) filha terceira de D. Maria da Araujo, n. 29, e de seu marido Baltazar de Aragão, o Bangala, foi cazada com Diogo de Aragão Pereira, natural da ilha da Madeira, homem fidalgo, e muito estimado de todos os governadores do seu tempo. Instituio um morgado da sua terça, que deixou a seu segundo filho Antonio de Aragão Pereira, que por morrer sem sucessão, hoje o administra frei Benedicto, religiozo

(1) Faleceu a 28 de Outubro de 1767.

(2) Cazaram a 6 de Fevereiro de 1720. Faleceu esta D. Maria a 28 de Outubro de 1767.

(3) Faleceu esta a 13 de Junho de 1655. Sepultada em S. Francisco.

de S. Bento, filho do segundo matrimonio de Pedro Camello de Aragão Pereira e de sua segunda mulher D. Anna de Aragão, filha de Francisco de Araujo de Aragão, n. 32; da qual administração fez doação frei Benedicto a Pedro Paes Machado de Aragão em sua vida, e por morte do tal frei Benedicto passa ao Dr. Garcia de Aragão, e pela d'este a Jozé Garcia Cavalcante de Albuquerque, capitão-mór da Caxoeira e senhor do engenho da Ambiara. Teve D. Izabel de Aragão de seu marido Diogo de Aragão Pereira os filhos seguintes :

N. 63. Pedro Camello de Aragão Pereira, que se segue.

N. 64. Antonio de Aragão Pereira, administrador do morgado acima, que sendo duas vezes cazado, a primeira com D. Mariana Pimentel (1), filha de Antonio da Silva Pimentel e de D. Joanna de Araujo, sua prima direita, e a segunda com D. Catharina de Aragão, filha de Domingos Garcia de Mello e de sua mulher D. Maria de Araujo de Aragão, tambem sua prima direita, de nenhuma d'estas teve filhos.

N. 65. Diogo de Aragão Pereira, que cazou com D. Ignez de Aiala (2), filha de Manoel de Vieda, e de sua mulher D.Barbara; d'este Diogo e sua mulher foi filha D. Catharina, que cazou com Jorge de Brito (3), e depois com D. Felix de Betencourt, a fl..., fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, familias do santo officio.

N. 66. D. Ignez, mulher de Antonio de Aragão, da ilha da Madeira.

N. 67. D. Maria de Aragão, mulher de Sebastião de Brito de Castro, a fl... n. 1.

N. 68. Pedro Camello de Aragão Pereira (4), filho primeiro de Diogo de Aragão Pereira e de sua mulher D. Izabel de Aragão, n. 34. Foi coronel da ordenança da cidade da Bahia, em cujo lugar entrou Francisco Dias de Avila 3.° senhor da Torre por seu falecimento no anno de 1687.

---

(1) Faleceu esta a 18 de Janeiro de 1676. D. Mariana de Araujo, diz o assento do seu obito.

(2) Faleceu esta a 7 de Outubro de 1722.

(3) Cazou a 29 de Setembro de 1687.

(4) Faleceu este Pedro Camello a 29 de Novembro de 1687. Sepultado no convento de Paraguassú.

Cazou duas vezes. A segunda com D. Maria de Menezes (1), filha de Francisco Barreto de Menezes, senhor do engenho de Mataripe, e de sua mulher D. Maria de Aragão, o qual Francisco Barreto de Menezes foi filho de Duarte Moniz Barreto, segundo alcaide-mór, que teve a cidade da Bahia, e de sua mulher D. Elena de Mello de Vasconcellos, filha de Antonio de Oliveira de Carvalhal, que foi o primeiro, a quem D. João III fez mercê da propriedade d'este officio no anno de 1550; vindo o dito Antonio de Oliveira por capitão-mór de sua armada, que o mesmo rei mandou a esta cidade no anno seguinte de 1551, como se póde vêr na Chronica do Brazil do padre Simão de Vasconcellos, e outros.

Por este cazamento de sua filha renunciou o dito Antonio de Oliveira em Duarte Moniz Barreto, seu marido, a propriedade do dito officio de alcaide-mór, que continuou em seus descendentes.

Teve Pedro Camello de sua primeira mulher D. Maria de Menezes filhos:

N. 68. Francisco Barreto de Aragão, que se segue.

N. 69. Antonio de Aragão Pereira, ou de Menezes (2), que cazou com D. Maria de Menezes, filha de Jozé Garcia de Aragão e de sua mulher D. Izabel de Menezes Aragão, abaixo. Cazaram a 8 de Setembro de 1710. Vide a fl... n. 13.

N. 70. D. Izabel de Menezes de Aragão, que cazou com Jozé Garcia de Aragão (3), a fl... n. 7.

Por morte de sua primeira mulher D. Anna de Araujo de Aragão, filha de Francisco de Araujo de Aragão, n. 32 e 44, e de sua mulher D. Anna de Barros Sueiro: e d'esta segunda teve filhos.

N. 71. Francisco de Araujo Aragão, (4) foi coronel, que cazou com D. Sebastiana Guedes de Brito, de

(1) Faleceu esta a 6 de Março de 1670, Sepultada em S. Francisco abintestada.

(2) Faleceu a 27 de Maio de 1710. Sepultado no semanario de Belem.

(3) Nasceu esta no anno 1660, e faleceu a 23 de Junho de 1724. Sepultada no seminario de Belem.

(4) Batizado a 2 de Setembro de 1674.

quem teve uma só filha, que foi D. Anna Guedes de Aragão, (1) cazada com seu primo co-irmão Pedro Paes Machado de Aragão, de quem não teve filhos; segunda vez cazou este Francisco de Araujo com D. Perpetua da Silva, (2), filha de Domingos da Silva Morro, da qual teve filhos:

Domingos da Silva de Aragão.

D. Ignez, mulher de D. Caetano de Betencourt Sá, D. Ursula, sogra de Sebastião Gago da Camara e D. Antonia Betencourt de Sá, filha do outro do mesmo nome e de sua mulher D. Catharina de Aragão Aiala, a fl... n. 6.

72. Frei Benedicto, religiozo de S. Bento. Foi batizado a 17 de Novembro de 1681. Faleceu no convento da Bahia em segunda feira de manhan 28 de Fevereiro de 1763.

73. Pedro Camello de Aragão. Batizado a 13 de Outubro de 1672.

74. D. Antonia (3) mulher de Pedro Paes Machado, e por morte d'este cazou com Francisco de Negreiros. Do primeiro teve a Pedro Paes Machado de Aragão, que cazou a 15 de Janeiro de 1720 com D. Anna Guedes de Aragão, filha do coronel Francisco de Araujo de Aragão, aqui n. 72.

Do segundo teve a D. Luiza Côrte-Real, mulher do alferes Sebastião da Rocha Pita, a fl... n. 12.

Luiz Barbalho de Negreiros Côrte-Real.

D. Anna de Araujo Aragão e Antonio Jozé de Negreiros Corte-Real.

75. D. Maria de Aragão, mulher de Manoel de Araujo de Aragão, filho do coronel Manoel de Araujo de Aragão e de sua mulher D. Maria Adorno, a fl... n. 47.

76. D. Roza de Araujo, mulher de Antonio de Negreiros Barbalho, de quem teve filhos, Ignacio Barbalho e Luiz Barbalho, D. Anna de Aragão, mulher de D. Felix de Itaparica e D. Antonia, mulher do doutor João Pereira de Vasconcellos.

---

(1) Batizada esta Anna a 7 de Outubro de 1693.

(2) Cazaram a 12 de Setembro de 1701.

(3) Faleceu esta a 29 de Abril de 1702. Sepultada no convento de Paraguassú.

77. D. Victoria de Araujo, (1) mulher do coronel Fernão Pereira de Macedo, de quem nasceu Fernão Pereira Aragão, e d'este vem D. Izabel Soares.

77. E Thomé, batizado em 5 de Outubro de 1687 em Iguape.

N. 68. Francisco Barreto de Aragão, filho primeiro do primeiro matrimonio de Pedro Camello de Aragão Pereira e de sua primeira mulher D. Maria de Menezes. Sucedeo a seu tio Antonio de Aragão Pereira, filho de Pedro Camello de Aragão Pereira, n. 69, no morgado, que instituio seu avô Diogo de Aragão Pereira, n. 34, senhor da Ponta, por falta que teve de sucessão o dito seu tio. Cazou com D. Catarina Corrêa Vasqueanes, filha de Salvador Corrêa Vasqueanes, como tem um manuscrito, ou Salvador Corrêa de Sá, como com mais certeza se acha em outros, e de sua mulher D. Maria de Araujo, filha de João de Aguiar Villasboas, a fl. ... n. 1 e seguinte, e de sua mulher D. Antonia da Fonceca de Siqueira, senhor do engenho de Santo-Amaro de Sergipe do Conde. De Francisco Barreto de Aragão e de sua mulher D. Catharina Corrêa Vasqueanes foram filhos :

78. D. Catharina Francisoa Corrêa de Aragão, que se segue.

79. D. Antonia Maria de Menezes, mulher de Antonio Machado Velho (2), senhor do engenho de Mataripe, sogro de Egas Carlos de Souza, adiante a fl... n. 9.

N. 78. D. Catharina Francisca Corrêa Vasqueanes, ou de Aragão, filha primeira do coronel Francisco Barreto de Aragão, n. 68, e de sua mulher D. Catharina Correa Vasqueanes, cazou duas vezes, a primeira com Francisco Dias de Avila, mestre de campo de auxiliares da Torre, e senhor da mesma caza, de quem teve filhos.

80. Garcia de Avila Pereira, que já fica a fl... n. 27.

81 D. Leonor Pereira Marinho, a fl... n. 12.

(1) Faleceu esta a 1 de Dezembro de 172[illegible] Sepultada na matriz de Iguape.

(2) Cazaram a 11 de Fevereiro de 17[illegible]. E faleceu ella a 13 de Setembro de 1731.

N. 78. Segunda vez cazou D. Catharina Francisca Correa de Aragão, acima, por morte de seu primeiro marido o mestre de campo Francisco Dias de Avila, com Pedro de Albuquerque da Camara, como fica a fl... n. 14. Sem sucessão.

N. 70. Seguia-se aqui D. Izabel de Menezes de Aragão, filha de Pedro Camello de Aragão Pereira, n. 63, a qual cazou com Jozé Garcia de Aragão: e para maior clareza, pomos adiante a descendencia d'esse Jozé Garcia de Aragão, na fl... n. 7.

GARCIAS DE MELLO

N. 35. Domingos Garcia de Mello (1), que era filho de Pedro Fernandes de Mello e de sua mulher Izabel Garcia, naturaes todos da ilha de São-Miguel, como consta das inquirições de Pedro Garcia de Mello, filho d'este Domingos de Mello, para se ordenar de clerigo; cazou com D. Maria do Aragão, filha de D. Maria de Araujo, n. 29 fl...., e de seu primeiro marido Baltazar de Aragão, o Bangala. De D. Maria de Aragão e seu marido Domingos Garcia de Mello foram filhos:

1. João de Aragão, sem filhos.
2. Domingos Garcia de Aragão, que se segue.
3. Pedro Garcia de Mello, sacerdote.
4. Francisco Pereira de Araujo (2), que cazou com D. Cecilia de Araujo de Aragão, filha de Francisco de Araujo de Aragão, que era sua prima legitima, por ser esta Cecilia de Araujo filha, como fica dito, de Francisco de Araujo de Aragão, irmão de D. Maria de Araujo, mãi d'este Francisco Pereira de Araujo, que cazou com esta Cecilia de Araujo, sem sucessão.
5. Antonio Baptista de Mello, cazado com sua

---

(1) Faleceu a 10 de Novembro de 1673.

(2) Faleceu este Francisco a 28 de Dezembro 1721, e sua mulher Cecilia a 2 de Dezembro de 1697.

sobrinha D. Ursula de Aragão (1), abaixo n. 11, sem filhos e esta por morte do seu primeiro marido Antonio Baptista, cazou com Antonio de Aragão Pereira, abaixo.

6. Manoel Garcia, que faleceu sem geração, e D. Maria, D. Joanna, e D. Marianna, freiras.

7. Jozé Garcia de Aragão de Araujo, adiante.

8. D. Catharina Garcia (2), segunda mulher de Antonio de Aragão Pereira, filho de Diogo de Aragão Pereira, fl... n. 64, sem filhos.

N. 2. Domingos Garcia de Mello Aragão, ou Araujo, filho de Domingos Garcia de Mello e de sua mulher D. Maria de Aragão (3), n. 35, cazou com D. Catharina Paes, filha de Pedro Paes Machado, o velho, o qual Domingos Garcia, por morte d'esta Catharina Paes (4), cazou segunda vez com Catharina de Barros (5), filha de Paulo de Barros, sem geração. Esta era já viuva de Baltazar de Aragão, que era filha de Baltazar de Aragão, o Bangala, e de sua primeira mulher D. Maria de Araujo. De sua primeira mulher teve este Domingos Garcia de Aragão os filhos seguintes:

9. Pedro Garcia de Mello, que faleceu de bexigas, e deixou um filho de D. Ignez de Menezes, filha de Antonio Gomes Victoria, com quem corria demanda para cazar.

10. Antonio Paes de Aragão, herdou por morte a seu irmão Pedro Garcia e á sua irman D. Ursula, e foi muito rico. Herdou-o seu filho natural Domingos Dias Machado, porque não cazou o dito Antonio Paes de Aragão.

11. D. Ursula de Aragão, que cazou duas vezes, a primeira com Antonio Baptista, seu tio, n. 5, e segunda vez cazou com Antonio de Aragão Pereira, filho de Pedro Camello e de sua primeira mulher D. Maria de Menezes, e faleceu esta D. Ursula a 5 de Setembro 1700, ao cabo de nove mezes depois de cazada com este Antonio de Aragão Pereira; e elle cazou depois a 8 de Setembro de 1710,

---

(1) Cazaram a 9 de Setembro 1693.

(2) Faleceu esta a 25 de Novembro de 1729, e cazaram a 25 de Novembro de 1676.

(3) Cazaram a 7 de Fevereiro de 1660.

(4) Faleceu esta a 10 de Fevereiro de 1667.

(5) Cazou com esta segunda mulher a 25 de Novembro de 1676.

com D. Maria de Menezes, filha de Jozé Garcia de Aragão, adiante.

N. 7. Jozé Garcia de Aragão Mello (1), filho setimo de Domingos Garcia de Mello e de sua mulher D. Maria de Araujo, n. 35; foi cazado com D. Izabel de Menezes de Aragão, filho de Pedro Camello de Aragão Pereira, a fl... n. 63 e 70, e de sua primeira mulher D. Maria de Menezes. De Jozé Garcia de Aragão e de sua mulher são filhos.

12. Domingos Garcia de Aragão (2), que cazou com Catharina de Barros, viuva de seu parente Baltazar de Aragão, o Bangala. e de sua mulher D. Maria de Araujo, a fl. ..., n. 33.

13. D. Maria de Menezes (3), que cazou a 8 de Setembro de 1710, com Antonio de Aragão Pereira de Menezes, filho de Pedro Camello de Aragão Pereira e de sua mulher D. Maria de Menezes, a fl..., n. 69.

14. D. Catharina Bernarda de Menezes (4), que cazou com Jeronimo Sodré Pereira, filho do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira e de sua mulher D. Francisca de Aragão, a fl... n. 43.

15. D. Antonia Francisca de Menezes (5) cazada com Bernardino Cavalcante de Albuquerque, a fl. ... n. 9, e ahi a sua descendencia.

E Jozé, batizado a 22 de Julho de 1699, faleceu a 12 de Fevereiro de 1722, e Jozefa, batizada a 30 de Novembro de 1634.

N. 37. Francisco Gil de Araujo, filho segundo de Pedro Garcia Pascoal e de sua mulher Maria de Araujo (6), a fl... n. 29 e 37, foi tambem muito rico, e dotou a suas sobrinhas, filhas de sua irman D. Joana de Araujo, mulher de Antonio da Silva Pimentel, a fl... n. 12, para cazarem, e elle cazou com uma chamada D. Joana Pimentel. Deu para o collegio da Bahia fazer a capella-

(1) Faleceu a 10 de Novembro de 1720.

(2) Faleceu a 26 de Julho de 1773. Erro; este viveu solteiro até a idade de 80 annos e depois cazou a seu gosto. *Nota á marg.*

(3) Batizada a 21 de Dezembro de 1691.

(4) Batizada a 27 de Setembro de 1693, cazada a 14 de Fevereiro de 1719.

(5) Batizada a 19 de Setembro de 1697.

(6) Cazaram a 2 de Dezembro de 1557.

mór trinta mil cruzados. Comprou a capitania do Espirito-Santo ao almotacé-mór Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho por quarenta mil cruzados, e foi donatario d'ella. D'esta sua mulher D. Joana Pimentel teve filhos:

1. Antonio da Silva Pimentel, que faleceu moço, Jozé, e Anna.

2. Manoel Garcia Pimentel, que se segue.

N. 2. Manoel Garcia Pimentel, filho segundo de Francisco Gil de Araujo e de sua mulher D. Joana Pimentel, herdou a caza de seu pai por falecer seu irmão Antonio da Silva Pimentel de poucos annos. Foi donatario da capitania do Espirito-Santo e senhor do morgado, que lhe deixou seu tio o padre Pedro Garcia de Araujo, senhor que foi do engenho velho de Paraguassú. Cazou com D. Micia de Moura Rolin (1), sua prima co-irman, por ser filha de Manoel de Moura Rolin e de sua mulher D. Anna Pimentel, irman de D. Joana Pimentel, mãi do mesmo Manoel Garcia Pimentel e mulher de Francisco Gil de Araujo, pai d'este Manoel Garcia Pimentel. Foi senhor das villas que chamam Velha, e a do Espirito Santo, governador e capitão-mór da dita capitania; cavalleiro da ordem de Christo e sucessor da commenda que foi de seu pai. Não teve filhos de sua legitima mulher D. Micia de Moura, mas de uma india natural da terra teve uma filha bastarda, que foi perfilhada, por nome:

Anna Garcia Pimentel, (2) a qual cazou com o Dr. Antonio Pacheco de Almeida, que foi ouvidor em Angola, a quem se deram cem mil cruzados de dote. Por morte d'este cazou a dita D. Anna Garcia Pimentel com seu primo Manoel de Moura Rolin, filho de Felippe de Moura Rolin, sem filhos, mas do primeiro marido Antonio Pacheco de Almeida teve um filho, que é:

Francisco Gil Garcia de Araujo, adiante.

Francisco Gil Garcia de Araujo, filho legitimo de D. Anna Garcia Pimentel e de seu marido Antonio

---

(1) Faleceu esta a 9 de Janeiro de 1705, na freguezia de N. S. da Conceição em Sergipe do Conde, sepultada na capella-mór do collegio d'esta cidade da Bahia.

(2) Faleceu esta a 14 de Abril de 1717, s pultada no Carmo, sendo já falecido seu marido Antonio Pacheco a 9 de Dezembro de 1712.

Pacheco de Almeida, cazou duas vezes; uma com D. Florinda de Freitas Souza Eça, filha legitima do tenente coronel Miguel de Freitas Ferreira e de sua mulher D. Antonia Maria de Souza Eça, naturaes da ilha de Itaparica, cazaram (1) e tiveram filhos, e foi esta a sua segunda mulher; e faleceu este Francisco Gil a 14 de Maio de 1770 na cadeia da Bahia, e foi sepultado em S. Francisco. Teve d'esta sua segunda mulher os filhos seguintes:

Antonio Garcia Pacheco de Almeida, Manoel Garcia Pimentel, Francisco Gil Garcia de Araujo, D. Iria Francisca Garcia, D. Joaquina e D. Maria Garcia.

Foi cazado a primeira vez Francisco Gil, acima, com D. Anna, filha de Francisco de Araujo de Aragão, filho natural do alcaide-mór da Bahia Francisco de Araujo de Aragão, a fl... n. 40, o qual Francisco de Aragão, cazado este com D. Francisca Pinheiro, filha do pai da sobredita D. Anna, primeira mulher d'este Francisco Gil, foi capitão da fortaleza de Paraguassú; e teve Francisco Gil d'esta sua primeira mulher D. Anna os filhos seguintes:

D. Francisca Garcia, D. Ignacia de Araujo e D. Jozefa Garcia.

SILVAS PIMENTEIS ETC., NA BAHIA

Bernardo Pimentel de Almeida (2), foi um fidalgo muito honrado, que passou á Bahia no anno de 1584, governando Portugal Felippe II de Castella, e I cá no reino, e com o temor, de que o dito rei o molestasse por ter sido seu pai da caza do senhor D. Antonio. e seus avós da caza do sr. infante D. Luiz, e d'el-rei D. Manoel. Governava n'este tempo a Bahia Luiz de Brito de Almeida, 4°. governardor d'este estado, o qual era muito parente do dito Bernardo Pimentel de Almeida: cazou

(1) Cazaram a 4 de Outubro de 1749, na capella de N. S. da Pena do Engenho, por procuração que aprezentou Manoel Luiz de Freitas, irmão da nubente.

(2) Faleceu a 26 de Janeiro de 1611, tempo de interdicto, sepultado no Carmo, só pelos religiozos.

com D. Custodia de Faria (1), filha de Sebastião de Faria e de sua mulher Brites Antunes. De Bernardo Pimentel, e d'esta sua primeira mulher foram filhos:

1. Agostinho, que faleceu solteiro. Agostinho falleceu a 25 de Julho de 1619 e sepultou-se no Carmo.

2 D. Brites, mulher de Manoel Rodrigues Sanches, e depois de João Paes Floriano, a fl...

3. D. Antonia, segunda mulher de Francisco de Mello Corrêa, sem filhos.

4. D. Magdalena, mulher de Manoel Homem, sem filhos.

D. Maria e D. Catharina, batizada D. Maria na sé a 14 de Junho de 1592, não cazaram.

Segunda vez cazou Bernardo Pimentel de Almeida com D. Joana de Mello (2) irman de D. Clara de Mello, mulher de Bento de Araujo, e filha de Baltazar Ferreira Peixoto e de sua mulher D. Catharina de Mello, filha de Froilo de Vasconcellos e de sua mulher D. Iria de Mello, filha de Diogo de Mello da Cunha: e d'esta segunda mulher teve filhos:

5. Antonio da Silva Pimentel, que se segue, e D. Maria, que faleceu solteira.

Terceira vez cazou Bernardo Pimentel de Almeida com D. Maria de Mello (3), filha de Duarte Moniz Barreto, a fl..., e de sua mulher D. Elena de Mello, que era filha de Antonio de Oliveira Carvalhal, o primeiro alcaide-mór, que teve a Bahia, a fl..., e de sua mulher D. Luzia de Mello de Vasconcellos (4), filha do sobredito Froilo de Vasconcellos e de sua mulher D. Iria de Mello, e teve d'este despozorio os filhos seguintes:

6. Bernardo Pimentel, faleceu solteiro, batizado a 18 de Junho de 1608.

E D. Izabel de Oliveira, que faleceu sem estado, batizada a 18 de Março de 1607 em Matuim.

(1) Em 3 de Fevereiro de 1597, faleceu D. Custodia, primeira mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, diz assim o livro dos obitos da sé.

(2) Faleceu esta a 5 de setembro de 1605, sepultada no convento do Carmo.

(3) Cazaram-se em Paripe a 3 de Abril de 1606.

(4) Irman esta D. Luzia de Mello de D. Catharina de Mello, mulher de Baltazar Ferreira Peixoto.

D'este Bernardo Pimentel diz o assento dos batizados da sé, que foi sua filha Maria batizada a 14 de Junho de 1592, filha d'este e de sua mulher, sem dizer o nome.

D. Elena da Silva, segunda mulher de Matheus Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, a qual D. Elena da Silva, depois de viuva de Matheus Pereira, cazou com o Dr.Christovão de Barros de Burgos de Contreiras, do qual não teve filhos.

N. 5. Antonio da Silva Pimentel (1), filho primeiro da segunda mulher de Bernardo Pimentel de Almeida e D. Joana de Mello de Vasconcellos, cazou com D. Joana de Araujo, a fl... n. 38, filha de Pedro Garcia, o velho, mercador muito rico, e de sua mulher D. Maria de Araujo, filha de Francisco de Araujo, o velho, e de sua mulher Maria Dias, filha de Vicente Dias e de sua mulher Genebra Alvares, a fl... n. 3 e seguinte, e d'estes acima, Antonio da Silva Pimentel e sua mulher, foram filhos:

7. Pedro Garcia Pimentel, que se segue.

8. Agostinho Caldeira Pimentel, conego na sé de Evora (2), que trouxe demanda com D. Rodrigo da Costa, irmão de D. Duarte da Costa, 2°. governador da Bahia, sobre um morgado, e lh'o tirou. Foi seu filho bastardo Bartolomeo de Barros, clerigo.

9. Antonio da Silva Pimentel, adiante.

10. D. Maria, mulher de Felippe de Moura Rolin, fl... n. 5.

11. D. Anna, mulher de Manoel de Moura Rolin, a fl... n. 3.

12. D. Joana, que cazou com seu tio Francisco Gil, donatario do Espirito Santo, a fl... n. 37.

---

(1) Faleceu a 21 de Novembro de 1661. Sepultado no adro da igreja do collegio. Foi alcaide mór da Bahia 16 annos 1 mez e 17 dias, por falecimento de seu proprietario.

(2) Teve este conego Agostinho de uma D. Catharina Mathei, além do clerigo Bartolomeu de Barros, outro filho por nome Antonio da Silva Caldeira Pimentel, formado nas universidades de Evora e Coimbra, capitão da India, e governador da praça de Valença, de Alcantara, possuidor dos morgados das cazas dos Silvas, Almeidas, Pimentel e Britos

13. D. Mariana, mulher de Antonio de Aragão, seu primo, a fl... n. 64.

D. Bernarda e D. Brites, que faleceram solteiras.

Pedro da Silva Pimentel, que o mataram, sem filhos.

N. 7. Pedro Garcia Pimentel (1), filho primeiro de Antonio da Silva Pimentel e de sua mulher D. Joana de Araujo, chamado por alcunha o Capa-arrasto, cazou com D. Leonor de Brito (2), a fl... n. 6. filha de Sebastião de Brito de Castro e de sua mulher D. Maria de Aragão, filha de Diogo de Aragão Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, e esta D. Maria era sua prima co-irman. Não tiveram filhos. Teve o foro de fidalgo, com 1$500 reis de moradia por mez de fidalgo escudeiro e um alqueire de cevada por dia, e era o foro, que por seu pai lhe pertencia. Passado este alvará a 9 de Novembro de 1652.

N. 9. Antonio da Silva Pimentel, primeiro filho de Antonio da Silva Pimentel, n. 7, e de sua mulher D. Joana de Araujo, cazou com D. Izabel Maria Guedes de Brito, filha bastarda do mestre de campo Antonio Guedes de Brito e de sua mulher D. Serafina de Souza, a fl... n. 15. D'esta sua mulher D. Izabel Maria Guedes teve Antonio da Silva Pimentel filha.

14. D. Joanna da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito, que cazou duas vezes, a primeira com D. João Mascarenhas, filho do conde de Cuculim; a segunda com Manoel Saldanha da Gama, filho de João Saldanha da Gama, vice-rei, que foi, da India, e de nenhum teve sucessão. Este seu marido João Saldanha se retirou para o reino na frota do anno de 1766; sendo já falecida esta D. Joana, sua mulher, em domingo por noite de 24 de Outubro de 1762, sepultada no collegio.

N. 32. Maria Dias, outra filha de Maria Dias e seo marido Francisco de Araujo, a fl... n. 3, cazou com Melchior de Aragão de Souza, da ilha da Madeira, e d'este teve filhos:

1. Baltazar de Aragão de Souza, cazado com Maria da Rocha Peixoto.

(1) Batizado na sé a 29 de Junho de 1617.
(2) Cazaram-se a 21 de Dezembro de 1695.

2. Belchior de Aragão de Souza, adiante.

3. Antonia de Aragão, mulher de Luiz Pereira de Aragão.

4. D. Izabel de Aragão, mulher de Francisco Barreto de Menezes, a fl...

N. 1. Baltazar de Aragão de Souza, filho primeiro de Maria Dias e de seo marido Melchior de Aragão de Souza, cazou com Leonor da Rocha Peixoto, filha de Belchior Velho e de sua mulher Maria Corrêa Peixoto, (1) não teve filhos.

N. 2. Belchior de Aragão de Souza, filho de Belchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, cazou com Maria da Rocha Peixoto, filha de Belchior Velho e de sua mulher Maria Corrêa Peixoto, e teve filhos

5. D. Maria de Aragão de Souza, que se segue

6. Gaspar de Aragão de Souza.

D. Maria de Aragão de Souza, filha de Belchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria da Rocha Peixoto, (2) cazou com Paulo Barboza de Meirelles, natural da freguezia de S. Miguel de Matos, termo do bispado do Porto, filho legitimo do alferes Amador da Cruz e de D. Maria de Mafera Possante, e teve filhos.

Antonia de Aragão, filha de Belchior de Aragão de Souza e de sua mulher Maria Dias, (3) cazou contra vontade de seos pais com seo primo em 2°. grau Luiz Pereira de Aragão, natural da ilha da Madeira, filho de Luiz Gomes da Gama e de sua mulher Maria de Aragão, irmau esta de Melchior de Aragão de Souza e foram despensados pelo santo padre Urbano VIII ; e teve filhos.

Izabel de Aragão, cazada com João Ribeiro.

D. Maria de Aragão, mulher do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro, a fl... n. 1.

Belchior de Aragão Pereira, clerigo secular, faleceu a 10 de Outubro de 1674, sepultado em S. Francisco.

(1) Cazaram na freguezia da se, igreja da Ajuda, a 20 de Agosto de 1612, e faleceu elle a 5 de Setembro de 1683, sepultado na capella do Desterro de Iguape.

(2) Cazaram na capella do Desterro de Iguape a 7 de Julho de 1670.

(3) Cazaram na freguezia do Socorro a 10 de Fevereiro de 1611.

N. D. Izabel de Aragão, acima, cazou com João Ribeiro de Araujo, filho de João Ribeiro Travassos e de sua mulher Izabel de Araujo, e teve filhos :
Antonio de Aragão.

BRITOS FREIRES COM CARAMURÚS NA BAHIA

N. 31. Estevão de Brito Freire, (1) filho de Gaspar de Brito Freire e de sua mulher D. Brites Gondim de Brito, que era filha de Heitor Gondim de Brito e de sua mulher D. Izabel Soares, filha de Francisco Soares ; e por via paterna, ou de seu pai Gaspar de Brito Freire, era este Estevão de Brito Freire neto de outro Gaspar de Brito, que foi trinxante do infante D. Affonso, e foi cazado com D. Branca Freire, filha de Luiz Dantas, alcaide-mór do Landroal. Na Bahia cazou Estevão de Brito Freire com D. Violante de Araujo (2), que era filha legitima de Francisco de Araujo e de D. Maria Dias, como fica á pag... n. 31, e era esta bisneta de Catharina Alvares e Diogo Alvares, Caramurús. Pag... n. 2. Na sua fazenda de Santo-Estevão instituio um morgado com o titulo de Santo-Estevão e N. Sra. de Jezus, e de sua mulher D. Violante de Araujo teve filhos :
1. Gaspar de Brito Freire, que se segue. Batizado na sé a 13 de Julho de 1595. Padrinho o governador D. Francisco de Souza.
2. Francisco de Brito Freire, adiante, batizado na sé a 5 de Abril de 1605. Padrinho, o mesmo governador.

N. 1. Gaspar de Brito Freire, filho primeiro de Estevão de Brito Freire e de sua mulher D. Violante de Araujo, foi possuidor do morgado de Santo-Estevão, e cazou com D. Francisca da Silveira, filha de Alvaro da Silveira, commendador da Sortella e alcaide-mór de Alenquer, e de sua mulher D. Brites de Mexia. De Gaspar de Brito

---

(1) Theatro Geneal. Arvore 36.
(2) Cazaram na freguezia da sé, a 10 de Agosto de 1592, em caza, com licença do bispo D. Antonio Barreiros.

Freire e sua mulher D. Francisca da Silveira foi filho :

Francisco de Brito Freire, que se segue.

N. 3. Francisco de Brito Freire, filho de Gaspar de Brito Freire e sua mulher D. Francisca da Silveira, n. 1 ; foi senhor do morgado de seu pai, e cazou com D. Thereza de Tavora, filha de Luiz de Miranda Henriques e de sua mulher D. Francisca de Tavora. De Francisco de Brito e sua mulher D. Thereza de Tavora foi filho :

N. 4. Gaspar de Brito, capitão de infantaria do terço da guarnição da fortaleza de São-Julião da Barra de Lisbôa. Sucedeu na caza de seu pai e faleceu solteiro.

N. 2. Francisco de Brito Freire, filho segundo de Estevão de Brito Freire e de sua mulher D. Violante de Araujo, foi moço fidalgo da caza real, e teve filho :

5. Estevão de Brito Freire, que se segue.

N. 5. Estevão de Brito Freire, filho de Francisco de Brito Freire, n. 2, e de sua mulher (1), cazou com D. Violante de Menezes, e teve filha :

6. D. Felippa de Brito Freire, que se segue.

N. 6. D. Felippa de Brito Freire, filha de Estevão de Brito Freire, n. 5, e de sua mulher. cazou com o Dr. Manoel Botelho de Oliveira (2), fidalgo da caza real, e teve filhos :

7. Francisco Felix, que faleceu a 6 de Maio de 1730, capitão.

8. Estevão de Brito Freire, que se segue, e Maria, batizada a 10 de Outubro de 1690, e foi mulher de D. Jeronimo da Silveira.

N. 8. Estevão de Brito Freire, filho de D. Felippa de Brito, n. 6, e de seo marido Manoel Botelho de Oliveira, foi fidalgo da caza real, e cavalleiro da ordem de Christo, não cazou, e teve bastardo.

9. Antonio de Brito Freire, capitão de mar e guerra, fidalgo da caza d'el-rei, e cavalleiro da ordem de Christo ; não cazou, faleceu em Lisboa no anno de 1767. Legitimado por Magalhães.

---

(1) Cazaram a 25 de Outubro de 1657.

(2) Cazaram a 21 de Janeiro de 1677, e era elle viuvo de D. Antonia de Menezes, declara o assento.

Sucessão da sexta filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias, a qual foi

N. 17. Catharina Alvares, filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, moço fidalgo da caza do infante D. Luiz, cazou com Baltazar Barboza de Araujo, natural de Ponte de Lima, filho de Gaspar Barboza de Araujo e de sua mulher D. Maria de Araujo. De Catharina Alvares e seu marido Baltazar Barboza, foram filhos.

1. Francisca, batizada na sé a 12 Fevereiro de 1579. Cazada com Christovão de Sá Betencourt, a fl..., e depois com Felippe de Lemos.

2. Joanna Barboza, mulher de Antonio de Souza Dormondo.

2. Izabel, faleceu menina, batizada na sé a 9 de Novembro de 1580.

3. Maria, batizada ahi, a 28 Julho de 1582.

4. Antonio, faleceu pequeno, a 28 de Novembro de 1583.

5. Domingos Barboza de Araujo, que se segue. Batizado a 3 de Novembro de 1585.

N. 5. Domingos Barboza de Araujo, filho de Catharina Alvares e de seu marido Baltazar Barboza de Araujo, cazou com Izabel de Lemos de Sá, * filha do licenceado Bartolomeu Madeira de Sá e de sua mulher Maria de Lemos Landim, filha esta de João Rodrigues Palha, escudeiro fidalgo da caza d'el-rei, e de sua mulher Micia de Lemos, a fl... e seg., e teve filhos:

6. Maria Barboza de Araujo, que se segue

N. 6. Maria Barboza de Araujo, filha de Domingos Barboza de Araujo e de sua mulher Izabel de Lemos de Sá, cazou com Manoel Gomes Figueira, natural de Torres-Vedras, e teve filhos:

7. D. Felippa de Araujo, que cazou com João Teixeira de Mendonça, a fl...

* Cazaram em Paripe a 9 de Julho de 1623.

N. 1. Francisca Barboza, mulher de Christovão de Sá Betencourt, e depois de Felippe de Lemos, d'este teve filhos :

1. Vicente
2. Baltazar
3. Lourenço
4. Maria

Agueda Pina, mulher de Lourenço de Oliveira Pita, com filhos.

Do primeiro teve Joana de Betencourt, cazada com Miguel Telles de Menezes, Francisco de Sá Betencourt, cazada com D. Anna de Souza.

N. 3. Maria de Araujo, mulher de Gaspar Dias Barboza, com filhos.

Sucessão da setima filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, que foi

N. 18. Andreza Dias, filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, cazou com Diogo de Amorim Soares, (1) filho de Francisco Soares, de Ponte de Lima, e teve filhos :

1. Maria, batizada na sé a 10 de Junho de 1587.
2. Izabel, batizada da sé a 6 Junho de 1588.
3. Francisco, batizado na sé a 8 de Abril 1591.
4. Maria, batizada na sé a 15 de Maio de 1592.

Sucessão da oitava filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, que foi

N. 19. Francisca Dias, filha de Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, cazou com Antonio de Araujo (2), natural de Ponte de Lima, da familia dos Araujos, primo de Baltazar Barboza de Araujo e seu meio irmão Francisco de Araujo, em cuja companhia vieram todos para o Brazil, e teve filho :

---

(1) Cazaram na sé a 12 de Janeiro de 1586.

(2) Cazaram na sé a 8 de Janeiro de 1581. Testimunhas Antonio de Paiva, Antonio Gil e Felippa Alvares.

1. Frei João do Espirito Santo, religiozo benedictino, que faleceu na cidade do Porto, no anno de 1634, e havia sido batizado na sé da Bahia a 14 de Março de 1585.

Segunda vez cazou Francisca Dias, esta por morte d'este seu marido Antonio de Araujo, como fica a fl..., n. 19.

Sucessão da terceira filha de Catharina Alvares e Diogo Alvares, Caramurús, a qual foi

N. 3. Apollonia Alvares, cazou esta com João de Figueiredo Mascarenhas, fidalgo da caza de Sua Magestade e natural da cidade de Faro, no reino do Algarve. Era filho de Lourenço de Figueiredo, que passou ao Brazil no principio, em que se fundava a Bahia, por haver morto um conego seu parente, e trouxe comsigo a este seu filho de idade de 12 annos, os quaes ambos fizeram a Deus e a el-rei grandes serviços na conquista d'esta capitania, pela qual razão el-rei D. João III lhe escrevia e o estimava muito. A este João de Figueiredo chamava o gentio o *Boatucá*. Teve de sua mulher os filhos seguintes :

1. Felippa de Figueiredo Mascarenhas, que se segue.

2. Mìcia de Figueiredo Mascarenhas, que cazou com Manoel Corrêa de Brito, adiante.

3. Maria de Figueiredo Mascarenhas, mulher de Sebastião de Brito Corrêa, ao depois a fl... n. 3.

4. Gracia de Figueiredo, que cazou com Francisco de Barros, de Ponte de Lima, adiante.

5. Clemencia de Figueiredo, mulher de Bento de Barbuda. Teve mais a Catharina, batizada na sé a 21 de Dezembro de 1557. Cadern. fol. 20.

Izabel, batizada na sé a 2 de Março de 1559, (Cadern. fol. 23) pelo cura João Lourenço.

N. 1. Felippa de Figueiredo Mascarenhas, filha primeira de Apollonia Alvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, cazou com o capitão Antonio de Paiva, e d'elles nasceu :

6. Antonio Guedes de Paiva, que se segue.

N. 6. Antonio Guedes de Paiva (1), filho de Felippa de Figueiredo, n. 1, e de seu marido Antonio de Paiva (2), foi coronel; cazou com D. Anna de Araujo, que era viuva de Pedro Camello (3) á pag..., e teve filha, Anna, batizada a 16 de Novembro de 1689 na capella do engenho da Ponta. E filha d'estes.

Sucessão da segunda filha de Apollonia Alvares, que foi

N. 2. Micia de Figueiredo Mascarenhas, cazou com Manoel Corrêa Brito. Faleceu Micia de Figueiredo a 18 de Agosto de 1614 e foi sepultada em Nossa Senhora da Ajuda. D'estes foram filhos :

1. D. Violante de Araujo, que se segue.
2. Catharina Corrêa de Brito, adiante pag...

N. 1. D. Violante de Araujo, (4) filha de Micia de Figueiredo Mascarenhas, n. 2, e de seu marido Manoel Corrêa de Brito, foi cazada com Francisco Fernandes Pacheco, fidalgo da caza de Sua Magestade, filho de Gaspar Fernandes de Afonceca, tambem fidalgo, e tiveram filhos:

3. O capitão Francisco Fernandes Pacheco, cavalleiro da ordem de Christo, a fl... n. 9, solteiro.
4. D. Luiza Pacheco, que se segue.

Frei Antonio dos Anjos, religiozo do Carmo.

N. 4. D. Luiza Pacheco, filha segunda de D. Violante de Araujo, n. 1, e de seu marido Francisco Fernandes Pacheco (5), foi cazada com Bartolomeo de Vasconcellos, filho de Paulo de Carvajal de Oliveira, a pag... e de sua mulher D. Francisca de Aguiar Espinoza ou de Espinola, filha de Christovão de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Anna de Figueiró, a fl..., e tiveram uma só filha, que foi

---

(1) Faleceu este a 4 de Fevereiro de 1706.

(2) Cazaram em 29 de Janeiro de 1680.

(3) Antonio Guedes de Paiva, que cazou com D. Anna, foi outro, e não este, e porisso tudo quanto está escripto no n. 6 está errado. *Nota á margem.*

(4) Era viuva já de Sebastião Barboza.

(5) Segunda vez cazou, sendo já de avançada idade com João Fragozo de Afonseca, e não teve filhos, ao 1.° de Março de 1672, em caza, freguezia de Cotegipe.

5. D. Maria de Vasconcellos, que se segue. Batizada em Cotegipe a 27 de Setembro de 1637.

N. 5. D. Maria de Vasconcellos, filha unica de D. Luiza Pacheco, n. 4, e de seu marido Bartolomeu de Vasconcellos, foi cazada com Matheus de Aguiar Daltro,* a fl... n. 7, filho de Custodio Nunes Daltro, senhor de engenho em Cotegipe, e de sua mulher D. Izabel de Figueiró, e tiveram filhos, que vão adiante a fl... n. 13, e aqui só :

6. O doutor João Alvares de Vasconcellos, que se segue.

O doutor João Alvares de Vasconcellos, filho de D. Maria de Vasconcellos e de seu marido Matheus de Aguiar Daltro, foi cazado com D. Antonia Telles de Menezes, filha do sargento-maior Marcos de Betencourt e de sua segunda mulher D. Angela de Menezes, irman do alcaide-mór d'esta cidade Francisco Telles de Menezes, que mataram os Britos, e filha de Matheus Pereira de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida, filha de Duarte Muniz Barreto, que por morte d'elle tornou a cazar com Christovão de Burgos, que interinamente governava a cidade, como fica a pag... n. 6. De João Alvares Vasconcellos e de sua mulher D. Antonia Telles de Menezes foram filhos:

7. Christovão de Aguiar de Betencourt, diz o assento do seo obito, faleceu a 22 de Março de 1719.

8. D. Angela de Menezes, que se segue :

N. 8. D. Angela de Menezes, filha segunda do doutor João Alvares de Vasconcellos, n. 6, e de sua mulher D. Antonia Telles de Menezes, cazou com o capitão-mor Luiz Carneiro de Menezes, filho de Antonio Carneiro de Rocha e de sua mulher D. Ignacia de Menezes Castro, filha de Francisco de Abreo da Costa Doria, fidalgo da caza de Sua Magestade, que morreu degolado em estatua pela cruel morte, que mandou fazer á sua mulher D. Anna de Menezes Castro, filha de Rui Dias de Menezes, a fl... n. 1, e de sua mulher Guiomar Ximenes de Aragão. De D.

* Cazaram em Cotegipe a 23 de Janeiro de 1652.

Angela de Menezes e seo marido Luiz Carneiro de Menezes foram filhos :

9. D. Luiza Archangela de Menezes, que se segue.

10. Vicente Luiz Carneiro de Menezes.

11. Custodio de Aguiar de Vasconcellos, adiante.

12. D. Francisca de Menezes Doria.

13. D. Anna de Menezes Castro.

N. 9. D. Luiza Archangela de Menezes Castro, filha primeira de D. Angela de Menezes, n. 8, e seu marido o capitão-mor Luiz Carneiro de Menezes, cazou com Antonio Jozé de Souza Portugal, que é sargento-mór de infantaria em um dos regimentos da guarnição da praça da Bahia, filho do coronel Manoel Domingues Portugal e de sua mulher D. Jozefa Maria de Mariz Girão, filha de Francisco Girão Cardozo de Vasconcellos, fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Maria Figueira Palha, e neta pela parte paterna de Manoel Domingues Ferreira Barbuda de Vasconcellos, coronel da infantaria, que foi da praça de Penamacor, na provincia da Beira, do qual emprego passou para o de governador da praça de Salvaterra, da Extremadura, onde faleceu, e de sua mulher D. Mariana Robalo, de Portugal. Dos sobreditos Antonio Jozé de Souza Portugal e sua mulher D. Luiza Archangela são filhos :

14. Pedro Alexandre, alferes de infantaria.

15. Manoel Domingues Portugal, que faleceu.

16. D. Maria Francisca.

N. 12. D. Francisca Xavier de Menezes Doria, filha de D. Angela de Menezes e de seu marido o capitão-mór Luiz Carneiro de Menezes, foi segunda mulher de seu primo o capitão Jozé Luiz da Rocha Doria, filho de Manoel da Rocha Doria e de sua mulher D. Anna Maria de Jezus Vasconcellos, e teve filhos :

Antonio da Rocha Doria de Menezes.

D. Maria.

D. Anna.

N. 11. Custodio de Aguiar de Vasconcellos, filho terceiro do capitão-mór Luiz Carneiro de Menezes e de sua mulher D. Angela de Menezes, n. 8, cazou com Clara Maria do Espirito-Santo, filha do capitão Simão

de Avellar e de sua mulher D. Antonia de Freitas Jardim, e teve filhos:

Luiz Carneiro de Menezes.

Simão Carneiro de Menezes.

N. 2. Catharina Corrêa de Brito, filha segunda de Micia de Figueiredo e de seu marido Manoel Corrêa do Brito, cazou com Francisco Pereira de Abreo, que era natural de Vianna, e teve d'este 9 filhos, 6 maxos, que não se acham os nomes, e trez femeas seguintes:

1. Izabel de Brito Corrêa, que cazou com João Corrêa Arnão, natural de Coimbra.

2. Maria de Figueiredo, cazada com Antonio de Souza, da Arrifana de Souza, filho de Manoel Gonçalves e de sua mulher Catharina Guiomar, tiveram filhos: Jozé e Manoel.

3. Catharina Corrêa de Brito, mulher de Agostinho de Crasto Pereira, natural da Bahia, e teve filho, Francisco Pereira de Castro.

4. Manoel Corrêa de Brito, cazado, com filhos.

5. João Pereira de Abreo, cazado, com filhos.

D. Maria de Brito Souza, filha de Francisco Pereira de Castro, sargento-mor, filho este de Agostinho de Castro; foi cazado e teve filhos.

N. 2. Maria de Figueiredo, filha de Catharina Corrêa de Brito, n. 2, e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, cazou com Antonio de Souza, natural da Arrifana de Souza, e filho de Manoel Gonçalves e de sua mulher Catharina Gaspar, e teve filhos:

6. Manoel de Figueiredo Mascarenhas.

7. Jozé de Souza.

N. 6. Antonio Manoel de Figueiredo Mascarenhas, filho de Maria de Figueiredo e de seu marido Antonio de Souza, foi capitão, e cazou com Luzia Paes Brandão, que era filha de Manoel Martins Brandão, natural da ilha da Madeira, do lugar da Ribeira-Brava, freguezia de S. Bento, e de sua mulher Catharina Paes de Oliveira, natural da freguezia da sé da cidade da Bahia, e teve filhos;

8. Frei Antonio da Piedade, religiozo capucho na Bahia.

9. O padre André de Figueiredo Mascarenhas, clerigo.

N. 1. Izabel de Brito Corrêa, filha de Catharina Corrêa de Brito e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, cazou com João Corrêa Arnáo, natural de Coimbra.

10. João Corrêa Arnáo, que se segue.

11. Izabel de Brito.

12. João Corrêa de Brito, cazado com Micia de Figueiredo.

N. 10. João Corrêa Arnáo, filho de Izabel de Brito Corrêa e de seu marido João Corrêa Arnáo, cazou com...

13. Jozé Pereira Mascarenhas, cazado com D. Anna Mascarenhas.

N. 3. Catharina Corrêa de Brito, filho de Catharina Corrêa de Brito e de seu marido Francisco Pereira de Abreu, cazou com Augusto de Crasto Pereira, natural da Bahia, filho do capitão Francisco de Crasto e de sua mulher D. Marta de Souza, filha de Belchior de Souza Dormondo, a fl..., e de sua mulher D. Micia de Armas, e teve filhos.

13. Francisco Pereira de Crasto, que se segue.

14. Antonio de Brito Pereira, adiante.

N. 13. Francisco Pereira de Crasto, filho de Catharina Corrêa de Brito e de seu marido Augusto de Crasto Pereira; foi sargento-mór, e cazou com D. Maria de Castro, filha do capitão Pedro Marinho Soutomaior, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher teve filhos:

15. D. Marta de Souza, que se segue.

D. Marta de Souza, filha do capitão Francisco de Crasto Pereira e de sua mulher D. Maria de Castro, cazou com Faustino da Costa Peixoto, natural de Guimarães, e teve filha:

16. D. Maria da Costa Souza, que se segue.

Segunda vez cazou D. Marta de Souza com Baltazar Gonçalves de Paiva, natural do arcebispado de Braga, do qual não teve filhos.

N. 16. D. Maria da Costa Souza, filha de D. Marta de Souza e de seu primeiro marido Faustino da Costa Peixoto, cazou com Diogo Alvares de Brito, natural da freguezia de Inhambupe, sertão da Bahia, filho de Manoel Alvares Leitão e de sua mulher D. Catharina de Brito;

foram dispensados no 4°. grào de consanguinidade, e teve filho :

17. Manoel Alvares Craveiro, que vive solteiro n'este anno de 1772.

N. 14. Antonio de Brito Pereira, filho de Agostinho de Crasto Pereira e de sua mulher Catharina Corrêa de Brito, n. 3, foi capitão, e cazou com D. Maria Telles, filha de

18. D. Joana Maria de Brito, mulher de Manoel de Figueiredo de Abreo.

Sucessão da terceira filha de Apollonia Alvares, que foi

N. 3. Maria de Figueiredo Mascarenhas, cazou com Sebastião de Brito Corrêa, que d'esta sua mulher teve filhos.

Apollonia de Siqueira de Brito, mulher de Estevão Pereira Barcellar, e depois de Francisco de Brito de Araujo.

1. Felippa de Brito, que se segue.
2. Lourenço de Brito Corrêa, chamado o Formozo.

Joana Corrêa.

João de Brito Corrêa.

N. 1. Felippa de Brito,(1) filha primeira de Maria de Figueiredo e de seu marido Sebastião de Brito Corrêa ; cazou com Antonio Guedes,(2) que teve na Bahia o officio de tabellião, e d'estes foi filha :

3. Izabel, batizada na sé a 18 de Fevereiro de 1601.

N. 3. D. Maria Guedes, que se segue. Batizada na sé a 23 de Julho de 1606.

3 Antonio, batizado na sé a 26 de Junho de 1519.

N. 3. D. Maria Guedes, filha de Felippa de Brito e de seu marido Sebastião de Brito Correa, cazou com Antonio de Brito Corrêa, (3) que era filho de Melchior Maciel Aranha e de sua mulher Izabel de Brito, teve Antonio

---

(1) Segunda vez cazou esta com João Alvares da Fonseca, a 27 de Outubro de 1621 na sé.

(2) Faleceu Antonio Guedes a 2 de Julho de 1619. Sepultado na sé.

(3) Faleceu a 27 de Jaueiro de 1657: sepultado no collegio.

de Brito Correa o officio de tabellião de seu sogro, e d'elle e sua mulher Maria Guedes foi filho :

4. Antonio Guedes de Brito, que se segue. Batizado na sé aos 13 de Fevereiro de 1627.

N. 4 Antonio Guedes de Brito, filho de Antonio de Brito Correa e de sua mulher D. Maria Guedes, foi mestre de campo de um terço pago na cidade da Bahia, e a governou interinamente por morte de Affonso Furtado de Mendonça com Alvaro de Azevedo e o Dr. Christovão de Burgos Contreiras ; foi cazado com D. Guiomar Ximenes de Aragão, que era viuva de Rui Dias de Menezes, a fl... n. 1, e d'esta não teve filhos, mas teve bastardos:

5. D. Izabel Guedes de Brito, que se segue.

N. 3. D. Izabel Guedes de Brito, filha natural, herdeira do mestre de campo Antonio Guedes de Brito, e de D. Serafina de Souza, irman de D. Clara de Souza, mulher esta D. Clara de Miguel Pereira Soares a fl... n. 15, cazou esta D. Izabel Guedes com Antonio da Silva Pimentel, e teve d'ella filha D. Joana, que já fica a fl...

Sucessão da quarta filha de Apollonia Alvares, que foi

N. 4. Gracia de Figueiredo cazou com Francisco de Barros, natural de Ponte Lima, e teve 9 filhos seguintes :

1. Nuno de Barros, sem geração.

2. Joana de Barros, * mulher de Luiz Fernandes Fajardo, e de João Lobo de Mesquita, segundo marido.

3. Luiza de Barros, que cazou com Manoel Lobo, natural de Ponte de Lima, filho de Francisco da Rocha Lobo, e primo de João Lobo de Mesquita.

N. 2. Joana de Barros, filha segunda de Gracia de Figueiredo e de seu marido Francisco de Barros, foi cazada com Luiz Fernandes Fajardo, e teve filho :

4. Luiz de Barros Fajardo, que se segue.

* Não é Joana e sim Ignez. *Nota á margem.*

Segunda vez cazou Joana de Barros com João Lobo de Mesquita, filho de João da Cea Marinho, e teve filha.

5. Joana Lobo de Barros, que cazou com Francisco Barboza de Brito, a primeira vez, e outra vez cazou com Paio de Araujo Azevedo.

N. 4. Luiz de Barros Fajardo, filha de Joana de Barros, n. 2, e de seu marido Luiz Fernandes Fajardo, cazou com Maria Barboza, filha de Pedro de Barros e de D. Izabel, e teve filhas.

6. D. Violante de Sá, primeira mulher de Manoel Telles de Menezes, a pag... n. 7.

7. D. Izabel de Sá, que cazou com o capitão Pedro Borges de Souza Vasconcellos.

N. 3. Luiza de Barros, filha terceira de Gracia de Figueiredo e de seu marido Francisco de Barros, n. 4, cazou com Manoel Lobo e teve filho :

7. Francisco de Barros Lobo, que se segue.

N. 7. Francisco de Barros Lobo * filho de Manoel Lobo e de sua mulher Luiza de Barros, cazou com D. Anna de Menezes, filha de Egas Moniz Barreto, escudeiro fidalgo, e de D. Juliana Rangel, sua terceira mulher, a fl... e teve filhos.

8. Nuno de Barros Lobo, que se segue.

9. D. Juliana Telles de Menezes, adiante.

10. D. Ignez Telles de Menezes, abaixo.

11. D. Maria de Menezes, ao depois.

12. D. Euzebia Telles de Menezes, ao depois.

N. 8. Nuno de Barros Lobo, filho primeiro do Francisco de Barros, n.7, e de sua mulher D. Anna de Menezes, cazou com sua prima D. Izabel da Rocha Telles, filha de D. Maria e João Lobo Marinho, e teve filhos.

13. Antonio de Barros Lobo.

14. D. Felisbella Telles, mulher da Manoel Alves de Barros, com familia.

15. D. Leonor Telles, sem filhos.

16. D. Ursula Telles, sem filhos.

N. 9. D. Juliana Telles, filha de Francisco de Barros, n. 7, e de sua mulher D. Anna de Menezes, foi cazada com Manoel Maciel Aranha, e teve filhos.

---

* Faleceu nos Iraras no anno de 1689.

17. Manoel Maciel Aranha, sem filhos.

18. Antonio Telles Barreto, cazado com D. Emerenciana Barboza, com filhos, que foram Antonio Maciel Aranha, sem filhos, e Francisco de Barros Lobo, sem filhos.

N. 10. D. Ignez Telles de Menezes, filha de Francisco de Barros, n. 7, e de sua mulher D. Anna de Menezes, foi cazada com Diogo Alvares Campos, e teve filhos.

19. Diogo Alvares Campos, que se segue.

20. Jozé Telles de Menezes, sem filhos.

21. Antonio Moniz Barreto, sem filhos.

22. Francisco de Barros Lobo, sem filhos.

23. D. Thereza Telles de Menezes.

24. O capitão Egas Muniz Barreto.

N. 19. Diogo Alvares Campos, filho de Diogo Alvares Campos e de sua mulher D. Ignez Telles de Menezes, n. 10, cazou com D. Maria Francisca da Camara, filha do capitão Pedro de Afonceca de Mello e de sua mulher D. Ignez Francisca da Camara, e teve filhos.

25. O capitão mór Diogo Alvares Campos.

26. O doutor Jozé Telles de Menezes, conego.

27. Pedro Alvares da Fonceca.

28. Francisco, que faleceu ; D. Ignez, D. Anna, D. Francisca, D. Bernarda, D. Victoria, D. Antonia, todas religiozas, e D. Maria, que faleceu solteira.

N. 20. Jozé Tellès de Menezes, acima n. 20, foi cazado com D. Anna Maria, filha do capitão Pedro da Fonceca e de sua mulher D. Ignez, sem filhos.

N. 21. Antonio Moniz, acima n. 21, cazou com D. Antonia, filha de Jozé Pereira Freire, e teve filhos.

N. 23. D. Thereza Telles de Menezes, acima n. 23, cazou com Ignacio de Cerqueira Lima, senhor do engenho do Bom-Jardim ; e teve filho.

2. Bernardo de Cerqueira Lima de Menezes.

N. 24. O capitão Egas Moniz Barreto, n. 24 acima, cazou com D. Antonia, filha de Jozé Pereira Freire, com filhos.

N. 11. D. Maria de Menezes, filha de Francisco de Barros Lobo, n. 7, e de sua mulher D. Anna de Menezes, foi cazada com seu primo o sargento-mór Antonio Moniz, e teve filho :

Diogo Moniz.

N. 12. D. Euzebia Telles, filha de Francisco de Barros Lobo, n. 3, e de sua mulher D. Anna de Menezes, cazou com Miguel Alvares Campos, e teve filhos.

Antonio Telles de Menezes, sargento-mór, cazado com D. Maria, com filhos.

D. Francisca Maria Telles, mulher de Sebastião Barboza de Mello, com filhos.

D. Angela Telles, mulher do capitão Francisco Barboza Leal.

D. Luiza Telles, mulher do sargento-mór Antonio Pinheiro de Carvalho.

D. Maria Teodozia Telles, mulher do capitão Manoel Nunes Lobato, com filhos.

D. Maria Teodozia Telles de Menezes, acima, cazou com o capitão Manoel Nunes Lobato, natural da freguezia de S. Pedro da villa do Crato, filho legitimo de Manoel Nunes e de Anna Antunes Lobato, de cujo matrimonio nasceram os filhos seguintes.

Sucessão da quinta filha de Apollonia Alvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, a qual foi

Clemencia de Figueiredo (1) quinta filha de Apollonia Alvares e seu marido João de Figueiredo Mascarenhas, a fl... n. 3, cazou com Bento de Barbuda (2), filho de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher Maria Barboza, e tiveram filhos.

1. João Barboza de Barbuda, ou Figueiredo, que se segue.

2. Maria Barboza de Figueiredo. Batizada em caza a 30 de Agosto de 1599.

N. 1. João Barboza de Barbuda, filho de Bento de Barbuda, acima, e de sua mulher Clemencia de Figueiredo, cazou com Barbara de Aguiar Daltro, filha de Christovão Luiz Salazar e de sua mulher Barbara de Aguiar Daltro, e tiveram filhos.

---

(1) Faleceu Clemencia de Figueiredo ao 1.º de Agosto de 1603. Sepultada na Ajuda.

(2) Faleceu Bento de Barbuda a 3 de Novembro de 1616.

3. Bento Barboza de Barbuda.

4. Maria de Figueiredo Mascarenhas, que se segue.

N. 4. Maria de Figueiredo Mascarenhas, filha de João Barboza de Barbuda e de sua mulher Barbara de Aguiar Daltro, cazou com o soldado Manoel Rodrigues da Silva, filho de João Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria Quaresma, e d'elles foram filhos:

5. O padre Antonio de Figueiredo, e o padre Manoel de Figueiredo, padres da companhia.

6. O padre João Rodrigues de Figueiredo, (1) cavalleiro da ordem de Christo, e vigario collado de Santo Amaro da Ipitanga.

7. Ignez de Figueiredo da Silva, cazada, que se segue.

8. Victoria de Figueiredo, cazada adiante.

9. Barbara de Figueiredo (2); Clara de Figueiredo, beata donzella, Maria de Figueiredo, Anna, Thereza, e Francisca, todas donzellas.

N. 7. Ignez de Figueiredo da Silva, filha do soldado Manoel Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria de Figueiredo Mascarenhas, cazou com o alferes Antonio Dias Ribeiro, e teve filhos.

10. Christovão Dias de Figueiredo, sacerdote.

11. Caetano Dias de Figueiredo, conego na Bahia. Faleceu a 17 de Setembro de 1731: sepultado na sé.

12. O padre Antonio Dias de Figueiredo.

13. O padre Manoel Rodrigues de Figueiredo.

14. Maria e Barbara.

N. 8. Victoria de Figueiredo Mascarenhas, filha do soldado Manoel Rodrigues da Silva e de sua mulher Maria de Figueiredo Mascarenhas, cazou com Jozé Rodrigues de Oliveira Filho.

15. O doutor Manoel Rodrigues da Silva, vigario geral e parochial das minas do Arasuahi.

16. O padre João Rodrigues de Figueiredo, conego na Bahia.

17. O padre frei Jozé dos Reis, provincial do Carmo.

---

(1) Faleceu a 11 de Agosto de 1757. Sepultado na igreja dos clerigos.

(2) Faleceu a 26 de Dezembro de 1719.

18. O padre Antonio de Figueiredo, vigario encommendado em Cotegipe.

Bernardo, que faleceu solteiro, Rita e Maria.

BARBUDAS

Francisco de Barbuda, o velho, nascido em Portugal, passou para a Bahia nos primeiros annos da sua fundação. Foi cavalleiro da caza d'el-rei, e cazou trez vezes; a primeira com Beatriz Pacheco, neta do grande Duarte Pacheco Pereira, que tantas proezas fez na India, quando lá foi vice-rei, pelas quaes, e por lhe tirarem a commenda do Banho, que era de João Pacheco, seu filho, quando faleceu, e a darem outro, em recompensa deram á filha d'este, que era Beatriz Pacheco, esta mulher de Francisco de Barbuda, a propriedade de juiz de orfãos da Bahia, que depois veio a servir e exerceu o licenceado Jeronimo de Burgos Contreiras, que cazou com sua neta Maria Pacheco. Teve Francisco de Barbuda d'esta primeira mulher filha unica.

1. Micia Pacheco de Barbuda, que se segue. Batizada na sé a 9 de Março de 1562.

Segunda vez cazou Francisco de Barbuda com Maria Barboza, filha de Gaspar Rodrigues e de sua mulher Anna Barboza, e teve filhos.

2. Bento de Barbuda, que se segue, fica a fl...n. 5. Batizado na sé a 11 de Dezembro de 1566.

3. Margarida, batizada a 11 de Junho de 1569.

4. D. Agueda de Barbuda, cazada com Francisco Barreto Telles,* filho de Duarte Moniz Barreto, alcaide mór, e de sua mulher D. Elena de Mello, a fl... e seg.

5. Francisco de Barbuda, que se segue. Batizado a 10 de Julho de 1575.

6. D. Maria Barboza, mulher de Mem de Sá Sotomaior a fl... n..., cazados a 23 de Julho de 1595; faleceu a 8 de Setembro de 1622, sepultada em Nossa Senhora da Ajuda. Batizada a 7 de Fevereiro de 1580.

---

* Cazaram a 21 de Junho de 1595.

Terceira vez cazou Francisco de Barbuda com Christina de Almeida, (1) filha de Sebastião Luiz, de Itapuan e de sua mulher Christina de Almeida, e teve filha:

7. Juliana Barbuda de Almeida, que cazou com Nuno Pinhão a 8 de Maio de 1617.

Faleceu Francisco de Barbuda, o velho, este de quem aqui se trata, a 11 de Março de 1607, e foi enterrado em Nossa Senhora da Ajuda. Testamenteiros sua mulher Christina de Almeida e seu genro Gaspar Fernandes; tambem diz um assento,que no anno de 1598 tinha este Francisco de Barbuda 62 annos de idade.

Nota.— Outro assento diz, que a este Francisco de Barbuda o mandou abrir pelas costas de alto a baixo com um machado Paulo de Carvalhal deVasconcellos e seu filho Bartolomeu de Vasconcellos, pela qual morte foi Paulo de Carvalhal degolado na Bahia, e ao filho lhe ficaram chamando vulgarmente por esta morte o Má-pelle.

N. 1. Micia Pacheco de Barbuda, batizada na sé a 17 de Maio de 1592, filha unica de Francisco de Barbuda, o velho,e de sua primeira mulher Beatriz Pacheco, cazou com Gaspar Fernandes da Fonseca, (2) natural da villa de Viana, Foz do Lima, das principaes familias d'ella, e mui opulento em cabedaes, e por este cazamento teve a propriedade do officio de juiz dos orfãos, que depois deu em dote ao licenceado Jeronimo de Burgos Contreiras, por cazar com sua filha Maria Pacheco. Teve de seu marido esta Micia Pacheco de Barbuda filhos:

8. Beatriz Pacheco, batizada na sé a 20 deJunho de 1581.

9. Francisco Fernandes Pacheco, que se segue. Batizado a 4 de Abril de 1583.

10. Elena Pacheco, mulher de Bento Monteiro a fl..., primeiro.

11. Marçal Pacheco, adiante. Batizado a 8 de Fevereiro de 1587.

12. Maria Pacheco, mulher do licenceado Jeronimo de Burgos a fl... ; batizada a 17 de Maio de 1592.

---

(1) Cazaram a 18 de Março de 1581.

(2) Cazou na sé a 17 de Julho de 1580; faleceu este Gaspar Fernandes a 13 de Outubro de 1653. Sepultado em Monserrate.

N. 9. Francisco Fernandes Pacheco, (1) filho de Micia Pacheco de Barbuda, n. 1, e de seu marido Gaspar Fernandes da Fonceca, cazou com D. Violante de Araujo, viuva de Sebastião Barboza, e filha de Micia de Figueiredo Mascarenhas, a fl... n. 1, e de seu marido Manoel Correia de Brito, e teve filhos, que ficam ahi.

N. 11. Marçal Pacheco ou Marcellino, filho de Micia Pacheco, n. 1,e de seu marido Gaspar Fernandes da Fonseca, cazou com Maria Monteiro, (2) filha de André Monteiro de Almeida e de sua mulher Victoria de Barros, a fl... n. 2, e teve filhos.

13. Micia batizada a 13 de Janeiro de 1628. Padrinhos Bento Monteiro, irmão de sua mãi, e Micia Pacheco, sua avó.

14. Victoria, batizada a 15 de Outubro de 1629.

15. Brites, batizada a 7 de Agosto de 1631.

16. Gonçalo, batizado a 30 de Outubro de 1636.

17. Victoria, batizada a 5 de Novembro de 1639.

N. 2. Francisco de Barbuda, filho de Francisco de Barbuda,o velho, e de sua segunda mulher Maria Barboza, cazou com Angela da Cunha (3), filha de João da Cunha e de sua mulher Angela da Cunha e teve filhos.

13 Baltazar de Barbuda, que se segue, batizado a 19 de Maio de 1619.

14. Fernando, batizado a 24 de Outubro de 1605.

15. Francisco, batizado a 28 de Fevereiro de 1609 em Paripe.

16. Sebastião, batizado a 27 de Janeiro de 1613 na sé.

16. Gregorio da Cunha de Barbuda, cazado com D. Antonia de Menezes, a fl... n. 1.

N. 13. Baltazar de Barbuda (4), filho de Francisco de Barbuda, o moço, e de sua mulher Anna da Cunha, e teve filhos de sua mulher D. Angela de Menezes, que

---

(1) Batizado na sé a 1 de Abril de 1583.

(2) Cazaram a 11 de Fevereiro de 1627.

(3) Cazaram na sé a 5 de Agosto de 1600, e faleceu a 17 de Agosto de 1646, sepultado em S. Francisco.

(4) Cazaram a 15 de Dezembro de 1615 em Paripe, este Balthazar de Barbuda com D. Angela de Menezes, filha de Francisco de Freitas de Magalhães e de sua mulher D. Custodia de Menezes.

era filha de Francisco de Freitas de Magalhães e de sua mulher D. Custodia.

17. Jozé Telles de Barbuda, que se segue.

18. Francisco de Freitas de Menezes, adiante.

N. 17. Jozé Telles de Barbuda, capitão de cavallaria, batizado a 25 de Junho de 1651 em Paripe, filho de Baltazar de Barbuda e de sua mulher D. Angela de Menezes, que era esta filha de Francisco de Freitas de Magalhães e de sua mulher D. Custodia de Menezes a fl... e cazou Jozé Telles de Barbuda com D. Izabel de Lacerda Coutinho, filho de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, a fl... n. 14 e teve filha.

19. D. Elena de Lacerda Coutinho, que cazou com Domingos Barboza da Franca, a fl... n. 6.

19. D. Izabel de Lacerda Coutinho, mulher de Nuno de Amorim Salgado, filho de Gaspar de Brito Freire e de sua mulher D. Angela de Jezus de Souza, cazaram a 7 de Junho de 1716, no Carmo.

N. 18. Francisco de Freitas de Menezes * filho segundo de Baltazar de Barbuda, n. 13, e de sua mulher D. Angela de Menezes, cazou com D. Margarida de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, que foi sua segunda mulher, a fl... n. 21, e teve filhos.

20. João Barboza de Goes, com ordens menores, cazou e faleceu.

21. D. Maria de Lacerda de Goes, que cazou com o capitão Ignacio Rodrigues Tavora, natural da ilha da Madeira, filho de Antonio Rodrigues Tavora e de sua mulher Joana de Oliveira, da ilha da Madeira, e teve filhos: Francisco Telles, Pedro de Freitas, vigario, Ignacio Rodrigues, todos sacerdotes, Pedro de Freitas, vigario no Saco dos Morcegos, e mais irmãos d'estes: Manoel, Paulo, Maria, Margarida, Anna Maria, Antonia e Thereza.

22. D. Francisca Coutinho de Lacerda, que cazou com o capitão Antonio Barboza de Souza Coutinho Pinto,

* Cazaram a 13 de Setembro de 1676, em Paripe.

e era esta D. Francisca, diz um assento, tia dos reverendos Ignacio Rodrigues e do vigario Francisco Telles de Menezes.

22. D. Luzia Coutinho de Lacerda, mulher de Manoel Telles Barreto, com filho.

N. 13. De Baltazar de Barbuda, e de sua mulher D. Angela de Menezes, que já ficam na pag... foram tambem filhos, além dos que já ficam ahi:

1. D. Custodia de Menezes, mulher de Fernão Rodrigues Santiago, com filhos.

2. Manoel de Barbuda de Menezes, cazado com D. Agueda Coutinho.

3. D. Benta.

4. Fernando de Barbuda.

5. D. Jeronima de Menezes, mulher de Manoel Gomes de Escobar, com filhos, batizada a 6 de Outubro de 1657.

6. Thomé Telles de Menezes, mulher D. Maria de Mello, sem filhos.

7. Gregorio Telles Barbuda, cazado com Felippa Henriques da Serra, sem filhos.

N. 16. Gregorio da Cunha de Barbuda, filho do capitão Francisco de Barbuda, n. 2, e de sua mulher Angela da Cunha, cazou com D. Antonia de Menezes, filha de Diogo da Rocha de Sá, a fl..., e de sua mulher D. Izabel da Silva, a qual D. Antonia de Menezes era já viuva de Rodrigo Pedrozo, do qual deixou filhos, e teve outros mais do segundo consorcio, que são os seguintes, filhos d'este Gregorio da Cunha:

Angela de Menezes.

Antonio Telles da Silva, batizado a 14 de Novembro de 1696 em Paripe.

Francisco de Sá de Menezes.

Manoel da Cunha, batizado a 12 de Novembro de 1654.

O capitão Sebastião Barboza, filho do capitão Francisco de Barbuda e de sua mulher Angela da Cunha, cazou com Maria de Goes de Macedo, natural do Cairú, filha de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua mulher Maria de Góes de Macedo, e teve filhos :

1. Maria de Goes, mulher de Thomé de Paiva, batizada a 9 de Fevereiro de 1641.

2. Francisco, Brites, Sebastião, Antonio, João, Angela, Manoel.

1. D. Maria de Goes, filha do capitão Sebastião Barboza e de sua mulher Maria de Goes de Macedo, (1) cazou com Thomé de Paiva, natural da Bahia, filho de João de Paiva e de sua mulher D. Leonor do Freitas, da ilha da Madeira, e teve filhos: Cosme de Freitas de Sá, Thomé Pedrozo de Goes, clerigo. (2)

Aos 25 de Março de 1686, recebi em caza de Bartolomeu de Azevedo, com licença do Sr. prevedor, a Manoel de Mello de Vasconcellos, filho de Francisco de Barbuda e de sua mulher D. Felippa de Mello, com D. Maria de Vasconcellos, filha de Bartolomeu de Azevedo e de sua mulher D. Izabel de Vasconcellos. Pirajá. O vigario *Domingos da Costa Rebouças.*

Sucessão da quarta filha de Catharina Alvares, Caramurú, que foi

N. 4. Gracia Alvares, a fl... Foi cazada com Antão Gil (3) e teve filhos; era este natural de Evora, e faleceu a 31 de Outubro de 1603. (4)

1. Catharina Gil, que se segue.

2. Maria Gil, que cazou com o capitão Gonçalo Bezerra de Mesquita.

---

(1) Cazaram a 27 de Setembro de 1654. Paripe. Batizada esta Maria aos 9 de Fevereiro. de 1641. Francisco, batizado a 19 de Abril de 1643. Brites, a 6 de Fevereiro de 1645. Sebastião, a 29 de Janeiro de de 1647. João, a 1 de Junho de 1651. Angela, a 29 de Junho de 1653. Manoel, a 28 de Fevereiro de 1656.

(2) Cosme de Freitas de Sá, filho de D. Maria de Góes, batizado a 4 de Abril de 1665. Thomé Pedrozo, batizado a 18 de Novembro de 1670.

(3) Faleceu Antão Gil a 31 de Outubro de 1603, enterrado no collegio.

(4) A 20 de Outubro de 1593, diz um assento do livro da sé, faleceu Beatriz de Lemos, mulher de Gaspar Barboza de Araujo; do que se segue foi cazado segunda vez esse Gaspar Barboza com essa Beatriz de Lemos, que devia ser irman de Micia de Lemos, mulher de João Rodrigues Palha.

3. Cosme Gil, Diogo Alvares, Lourenço Barradas e Antão Gil.

N. 1. Catharina Gil, filha de Gracia Alvares e de seu marido Antão Gil, cazou com Gaspar Barboza, de Ponte de Lima (1), que era irmão de Antonio de Araujo a fl... n. 19, e primo de Francisco de Araujo e Baltazar Barboza, a fl..., d'elles acima são filhos:

4. Domingos Barboza de Araujo, que se segue.

5. D. Brites Barboza, adiante. Batizada na sé a 23 de Abril de 1586.

E uma que foi a primeira, batizada na sé a 23 de Abril de 1586.

D- Gracia Barboza, mulher de Vasco de Brito Freire, com filhos.

N. 4. Domingos Barboza de Araujo, filho de Catharina Gil e de seu marido Gaspar Barboza, cazou com D. Luiza da Franca Côrte-Real, a fl... n. 3, filho de Affonso da Franca, o velho, e de sna mulher D. Catharina Côrte-Real, e teve filhos.

6. Miguel Barboza da Franca, que servio bem, e foi mestre de campo e governador de Serpa nas guerras de Portugal com Castella.

7. Affonso Barboza da Franca, que se segue.

8. Lourenço Barboza da Franca.

9. D. Catharina Côrte-Real, mulher de João Alvares Soares, a fl...

10. D. Joana, mulher de João Paes Floriano, o velho, sem filhos, a fl... n. 1.

11. D. Clara da Franca, que cazou com Luiz Paes Floriano, filho de João Paes Floriano, o velho, e teve filhos, a fl... n. 2.

N. 7. Affonso Barboza da Franca, filho segundo de Domingos Barboza de Araujo, n. 4, cazou(2) com D. Jeronima de Castro, filha de Sebastião Pacheco de Castro e de sua mulher D. Antonia, e segunda vez cazou esse Affonso Barboza da Franca com D. Cecilia, viuva que era de Christovão da Cunha, e d'esta não teve filhos, e teve da primeira.

---

(1) Faleceu este a 20 de Janeiro de 1609. Sepultado na Mizericordia.

(2) Cazaram a 15 de Junho de 1639

12. André Barboza da Franca, que se segue.

E bastardos com Luiza Barboza.

Sebastião, clerigo, Manoel e Domingos, e Maria Barboza, mulher de João de Matheus, e depois de Estevão da Silva

N. 12. André Barboza da Franca, filho de Affonso Barboza da Franca, n. 7, cazou com D. Ignez de Castro, filha de Diogo Pacheco de Castro e de sua mulher D. Antonia de Menezes, e teve filho, a fl... n. 16.

13. Affonso Barboza, que morreu solteiro e deixou uma filha, D. Albana da Franca, mulher de Estevão Cabral, a qual foi legitimada por el-rei D. Pedro II, com dous filhos Affonso e André.

N. 5. D. Brites Barboza, filha segunda de Gaspar Barboza, de Ponte de Lima, e de sua mulher Catharina Gil, cazou com Sebastião Pacheco de Castro, e teve filhos.

14. Diogo Pacheco de Castro, que se segue.

15. Gaspar Pacheco de Castro, adiante.

16. D. Jeronima, mulher do coronel Affonso Barboza, n. 7.

17. D. Antonia de Castro, mulher de Gaspar Borges da Vide.

N. 14. Diogo Pacheco de Castro, filho primeiro de D. Brites Barboza, n. 5, e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, cazou com D. Antonia de Menezes, filha de Mem de Sá, a fl... n. 16, e teve filhos.

18. D. Ignez do Castro, mulher de André Barboza, n. 12.

19. D. Jeronima de Castro, mulher de Francisco de Lucena Vasconcellos.

20. D. Maria de Castro, mulher de Sebastião da Rocha.

N. 15. Gaspar Pacheco de Castro, filho segundo de D. Brites Barboza, n. 5, e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, cazou com D. Agueda Moreira, filha de Gonçalo Moreira Daltro, nobre cidadão do Porto.

21. Diogo Barboza, que se segue.

22. Vasco Pacheco, que cazou com D. Mariana, filha de Luiz Paes Floriano, a fl... n. 7.

N. 21. Diogo Barboza, filho de Gaspar Pacheco,

n. 15, e de sua mulher. Cazou no sertão com Izabel Cerqueira, filha de Antonio Vaz Ribeiro e de sua mulher D. Maria de Evora, e teve filhos.

23. D. Ignacia Cerqueira, mulher de Francisco Machado da Silva.

24. D. Agueda Moreira, mulher de Baltazar Lobo.

D. Antonia, D. Thereza e D. Leonor.

ARAUJOS E BARBOZAS

Baltazar Barboza de Araujo,* de quem era irmão bastardo Francisco de Araujo Barboza, a fl... n. 3, e ambos naturaes de Ponte de Lima, era filho legitimo de Gaspar Barboza de Araujo e de sua mulher D. Maria de Araujo, neto de Francisco Rodrigues de Araujo e de sua mulher D. Genebra Barboza, filha de Estevão Gonçalves Susteiro e de sua mulher D. Brites Barboza, filha de Gonçalo Fernandes de Barboza, que servio a el-rei D. João I com gente á sua custa na batalha de Aljubarrota, o qual Gonçalo Fernandes de Barboza, houve a dita D. Brites de Barboza de sua mulher Beatriz Corrêa, filha de Fernão Affonso Corrêa, senhor da honra de Farelões, e das freguezias de S. Pedro do Monte, e Villameana, e de sua mulher D. Leonor Rodrigues da Cunha, neta de Affonso Vasques Corrêa, senhor da honra de Farelões, e de D. Berengueira Nunes Pereira, filha de Rui Pereira, a quem chamaram o Bravo, e de D. Violante Lopes de Albergaria, e neta de D. Rui Gonçalves Pereira e de D. Berengueira Nunes, filha de Nuno Martins Barreto, bisneta de Paio Corrêa de Alvarauntu e de D. Maria Mendes de Mello, filha de Mem Soares de Mello, terceira neta de Pedro Paes Corrêa, e de D. Dordens Paes, filha de Dom Pedro Mendes de Aguiar, quarta neta de D. Paio Soares Corrêa, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Gomes da Silva, filha de

* Theatro Genealog. Arv. 36. fl. 91 n. 27.

D.Gomes Paes da Silva, alcaide-mór do castello de Santa Olaia, quinta neta de D. Sueiro Paes Correa e de D. Urraca Sueiro, filha de D. Huergueda, sexta neta de D. Paio Ramiro, fidalgo portuguez, rico homem d'el-rei D. Affonso VI da Espanha.

Foi Gonçalo Fernandes de Barboza filho de D. Fernão Pires de Barboza e de sua mulher D. Mauroires, filha de Aires Paes de Torozelos e de D. Urraca Ramires, filha de Dom Rui Gonçalves da Cunha, neto de Martim de Barboza e de D. Margarida Eanes, filha de João Aires Duro, e neta de Aires Rodrigues Duro e de D. Thereza de Vasconcellos, filha de João Pires de Vasconcellos, bisneto de Nuno Pires Barboza, e terceiro neto de D. Pedro Nunes de Barboza e de D. Elvira, filha de Martim Pires da Maia, Ojami, de alcunha, quarto neto de D. Nuno Sanches de Barboza e de sua mulher D. Thereza Alvares, filha do Conde D. Alvaro de Ferreira de Castella, quinto neto do Conde D. Sancho Nunes e da Condessa D. Thereza Mendes, filha de D. Mem Moniz de Riba-Douro,sexto neto do Conde D. Nuno de Salanova e de D. Sancha Gomes Echegui, setimo neto de Guterre Arias, Conde de Tui, mordomo-mór d'el-rei D. Affonso Magno, oitavo neto de Ermenelgido, Conde de Tui, mordomo-mór, e parente d'el-rei D. Affonso Magno, pelos annos de Christo de 864.

Foram Baltazar Barboza de Araujo e seu irmão Francisco de Araujo Barboza bisnetos de Rodrigo Alvares de Araujo, commendador da ordem de Santiago, e de D. Bibiana Alvares de Antas, filha de Alvaro Pires de Antas, e neta de Estevão Rodrigues de Antas, que se achou no escalamento de Tui, como refere Azurara na Chronica d'el-rei D. João I, e concorreo nos tempos d'el-rei D. Diniz, bisneta de Gonçalo Fernandes de Antas, senhor do Pasto de Antas, e do conselho de Fragão, e de sua mulher D. Ignez Aldred, filha de D. Vasque Aldred da Silva, terceira neta de Garcia Vasques de Antas e de sua mulher D. Thereza de Novaes, filha de D. Paio de Novaes, senhor de Gondum, que era da caza de Castella,e de sua mulher D.Thereza Oerio, quarta neta

de Pedro Esteves de Antas e de D. Dordia Martins. filha de Martim Dadi, o velho, e de sua mulher D. Urraca Pires, filha de D. Pedro Mendes de Aguiar.

Foram os ditos Baltazar Barboza de Araujo e seu irmão Francisco de Araujo Barboza, terceiros netos de Alvaro Rodrigues de Araujo, commendador do Rio-Frio, e de D. Constança da Veiga Azevedo, filha de Rui Lopes da Veiga Azevedo, quartos netos de Paio Rodrigues de Araujo, que chamaram o cavalleiro, embaixador d'el-rei D. João I de Portugal, capitão da guarda do infante D. Henrique. e de sua mulher D. Leonor Pereira de Barbudo, senhor do solar de Barbudo, quintos netos de Pedro Anes de Araujo Portegueiro, maior de Cella-nova, senhor da terra de Lindozo, e de sua mulher (não lhe explica o nome) filha do senhor de Pedrozo, sextos netos de Gonçalo Rodrigues de Araujo, vassallo d'el-rei D. Fernando de Portugal, senhor de Villar de Vallar, e do lugar de Ladrões, e cazal de Donez, e da terra de Lindozo, e dos Susgados, e Portorgo de Castro Laboreiro, e de sua mulher, que foi filha de um senhor da caza de Ribeira em Galiza, setimos netos de Pedro Anes de Araujo, fronteiro-mór contra a parte de Galiza, e de sua mulher N. Velozo, oitavos netos de Vasco Rodrigues de Araujo, o primeiro que teve este appellido de Araujo, por ser senhor d'esta villa, Milmenda, Interino e 13 da ordem de Santiago, e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Velho, filha de Pedro Anes Velho, mestre da ordem de Santiago em Portugal, nonos netos de Paio Cavalleiro, em quem começou esta familia.

O Marquez de Monte-Bello, nas notas ao Conde D. Pedro, affirma descender do infante D. Velozo, filho d'el-rei D. Ramiro. Foi este Paio Cavalleiro senhor das villas de Araujo, Interino, Guindeve, Milmenda, e Val de Pedras. Tudo o que aqui se refere anda nos livros das linhagens em Portugal, e no Conde D. Pedro; e nos autores, que escreveram as notas ao dito Conde D. Pedro; e tambem no 1.° tomo da Corografia Portugueza, cap. 14 fl. 253, se trata da familia dos Araujos.

CARAMURÚS

N. 7. Izabel Alvares, filha natural de Diogo Alvares Caramurú, que vai na pag..., cazou com Francisco Rodrigues, e teve filhos:

1. Henrique, batizado na sé a 3 de Abril de 1554.
2. Felippe, batizado na sé a 2 de Maio de 1557.
3. Maria, batizada na sé a 29 de Janeiro de 1559.

N. 8. Catharina Alvares, filha natural de Diogo Alvares Caramurú, foi cazada com Gaspar Dias, que suposto se não declara no livro, ou caderno dos batizados da sé, quem era este Gaspar Dias, e de quem era filha esta sua mulher Catharina Alvares pela ocurrencia dos annos e batizados seguintes dos seos filhos assim o assentamos, e foram filhos:

1. Izabel, batizada na sé a 4 de Setembro de 1557.
2. Maria, batizada na sé a 7 de Maio de 1559.
3. Manoel, batizado na sé a 25 de Março de 1567.
4. João, batizado na sé a 30 de Junho de 1568.
5. Anna, batizada na sé a 27 de Julho de 1570.

Filhos naturaes e illegitimos de

Diogo Alvares Caramurú, o qual, além dos filhos legitimos, que teve de sua legitima mulher Catharina Alvares Paraguassú, que já ficam a fl... n. 1 e seguintes, teve da mesma, antes de cazar, e de outras indias os seguintes:

1. Gaspar Alvares, * que cazou com Maria Rabelo, irman de Lopo Rabelo, escrivão da alçada, officio que lhe deu el-rei, pelo que perdeu em Arzila na Africa, onde era morador, quando se perdeo aquella fronteira.

---

* Tambem acompanhou a seu irmão e cunhado.

2. Marcos Alvares, que foi o que fez as pazes com os Tapuias e os trouxe á communicação com os Portuguezes por ordem do governador Mem de Sá, igualmente com Garcia de Avila, o velho.

3. Manoel Alvares e João Alvares, aos quaes mataram os indios em Gequiriçá, quando mataram a Fernão de Sá, filho do governador da Bahia Mem de Sá.

4. Felippa Alvares, que se segue.

5. Magdalena Alvares, adiante.

6. Elena Alvares, que cazou com João Luiz, e teve filhos: Thomé Luiz, Antonio Luiz (1), Salvador Luiz e Ignez Luiz, que cazou com Antonio Rodrigues Prior. (2)

7. Izabel Alvares, que foi cazada com Francisco Rodrigues e teve filhos. Felippe Rodrigues (3), Joanna Rodrigues, que cazou com Gaspar Melio, sogro de Sebastião de Oubellos, na folha... n. 7.

8. Catharina Alvares, mulher de Gaspar Dias na fl... n. 8.

9. Beatriz Alvares, que cazou com Antonio Vaz (4), e teve filhos: Gonçalo Vaz, Jeronimo Vaz e Maria Gonçalves, que cazou com Baltazar Margalho, do Acupe.

N. 4. Felippa Alvares, filha do Caramurú, bastarda, cazou com Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, (5) que se achava na Bahia em companhia do Caramurú, para onde se havia retirado de São-Vicente em uma lanxa junto com Affonso Rodrigues, natural de Obidos, por um homizio, que lá fizeram. De Paulo Dias Adorno e sua mulher Felippa Alvares fôram filhos:

10. Catharina Dias Adorno, que cazou com Francisco Rodrigues em 1.° de Janeiro de 1552, sendo padrinho d'estes o governador Thomé de Souza. Cadern. fl. 85.

11. Antonio Dias Adorno, cavalleiro do habito de Santiago.

---

(1) Antonio, batizado na sé a 13 de Novembro de 1558.
(2) Henrique, batizado a 3 de Abril de 1551.
(3) Este Felippe foi batizado na sé a 2 de Maio de 1557.
(4) Este tambem acompanhou a seu cunhado Marcos Alvares na redução do gentio, e pazes com os Portuguezes.
(5) Cazaram no anno de 1534 na igrejinha da Ajuda. Erro.

N. 5. Magdalena Alvares, filha bastarda do Caramurú, cazou com Affonso Rodrigues,(1) que já se dice e no mesmo dia em que cazou tambem Felippa Alvares com Paulo Dias Adorno, e cazaram na igreginha da Graça e foram ministros d'estes sacramentos o padre frei Diogo de Borba, religiozo de S. Francisco, que com companheiros iam para a India com Martim Affonso de Souza, mandados no anno de 1534 pelo rei D. João III, a fundar lá conventos, e por occazião dos mares foram arribados á Bahia, e estes foram tambem os primeiros religiozos, que a ella vieram e admistraram os sacramentos não só este do matrimonio, mas tambem o do baptismo a estas duas filhas do Caramurú, e a outros mais filhos, que tinha assim bastardos de outras indias, como aos legitimos de sua mulher Catharina Alvares; com a qual havia cazado em França, e estes sacramentos se administraram na igreginha da Graça, que havia levantado o Caramurú a N. S.; tambem a primeira que houve na Bahia, aonde só assistia o Caramurú com estes poucos Portuguezes, que haviam vindo de São-Vicente. De Affonso Rodrigues e sua mulher Magdalena Alvares fôram filhos:

13. Alvaro Rodrigues, que se segue.

14. Rodrigo Martins, capitão.

15. Gaspar Rodrigues (2). Consta que fôram estes trez irmãos por uma justificação dos serviços d'este Alvaro Rodrigues, acima, em 26 de Setembro de 1594, e outra de 23 de Janeiro de 1593, e dos dous acima consta por uma carta ou alvará real; a carta é a seguinte :

ADORNOS DA CAXOEIRA

CARTA DE EL-REI, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1607

Livro 4 de serviços da camara da Bahia

Vi uma consulta do conselho da India, que me enviastes, sobre Alvaro Rodrigues e Rodrigo Martins, irmãos, e hei por bem de fazer mercê de os tomar por cavalleiros

(1) Cazaram no anno de 1534 na igreginha da Ajuda.
(2) Faleceu a 29 de Setembro de 1606. Sepultado no collegio.

fidalgos de minha caza, com 20$200 rs. de moradia cada um, e que se lhe dê brazão de armas de nobreza, conforme a seus feitos; e assim lhes faço mercê do habito da ordem de Aviz com 20$000 reis de tença a cada um e tambem lhe faço de quatro leguas de terra, como pareceu a dous votos do conselho da India, as quaes lhes assignará o governador do Brazil etc.

N. 13. Alvaro Rodrigues, a quem chamavam tambem o Caramurú, * á imitação de seu avô Diogo Alvares, Caramurú, foi filho de Affonso Rodrigues, como fica acima, e o dice o mesmo Alvaro Rodrigues em uma petição, que começa assim: Diz Alvaro Rodrigues, que é filho de Affonso Rodrigues, um dos primeiros fundadores e povoadores d'estas terras da Bahia;—a qual petição se acha despaxada no liv. 4.º dos serviços da camara a fl. 37, com despaxo de 9 de Novembro de 1594, com testimunhas, que assim o provam.

Foi senhor do engenho da Caxoeira e suas terras, como fica dito, cavalheiro fidalgo, e não sabemos com quem fôsse cazado este Alvaro Rodrigues Caramurú, mas porque consta dos papeis e escrituras autenticas, que ficam referidas no livro que citamos dos serviços d'estes Adornos, que os filhos d'este Alvaro Rodrigues, que foram Affonso e João não só tomaram o sobrenome de Rodrigues, que era o de seu pai, mas tambem tomaram o de Adorno, que só lhe podia vir por sua mãi, assentamos aqui, emquanto não apparecer outra clareza mais evidente, que esta podia ser alguma F. Adorno, filha de Catharina Dias Adorno e de seu marido Francisco Rodrigues, a qual Catharina Dias Adorno era filha de Paulo Dias Adorno, n. 4, e de sua mulher Felippa Alvares, vindo assim a ser a dita Catharina Dias Adorno prima legitima de Alvaro Rodrigues, e a dita F. Adorno mulher de Alvaro Rodrigues, sua sobrinha em 3º. grão mixto com o 2º. E nem de outra sorte podiam tomar como tomaram os filhos de Alvaro Rodrigues, e todos os seus descendentes o sobrenome de Adornos, si não fôra assim. E confirma-se o poder ser

---

* Faleceu a 9 de Novembro de 1607, sepultado no collegio.

isto assim, porque de Catharina Dias Adorno e de Antonio Dias Adorno, filhos legitimos de Paulo Dias Adorno, não achamos para esta linha descendencia alguma. De Alvaro Rodrigues Caramurú e sua mulher foram filhos :

16. Affonso Rodrigues Adorno, que se segue.

17. Maria Adorno, no fim.

N. 16. Affonso Rodrigues Adorno, filho de Alvaro Rodrigues Caramurú, n. 13, foi para a India no anno de 1604, ou 5, e voltando, foi eleito capitão dos indios das aldêas das partes da Caxoeira, e seu administrador, por provizão do governador Diogo Botelho de 9 de Dezembro de 1607. Foi moço da camara, e faleceu, diz assim o assento do seu obito : Em 7 de Abril de 1665 faleceu Affonso Rodrigues Adorno, está sepultado na capella de N. Sra. do Rozario do capitão Gaspar Rodrigues Adorno ; ficaram por testamenteiros o capitão-mór Gaspar Rodrigues e o capitão João Rodrigues, seu filho.

18. João Rodrigues Adorno, o velho, filho segundo.

18. Gaspar Rodrigues Adorno, que se segue.

19. Affonso Rodrigues Adorno, foi eleito capitão da gente branca e indios das trez aldêas nas partes da Caxoeira por patente do Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas, governador da Bahia, de 25 de Julho de 1639, e faleceu no mesmo anno n'esta guerra.

20. Agostinho Pereira, que foi alferes reformado, como se diz na ordem do governador João Rodrigues de Vasconcellos, para que fosse mandado por seu irmão Gaspar Rodrigues com 30 soldados para a guerra do mesmo gentio, por patente do dito seu irmão de 6 de Setembro de 1651.

N. 18. Gaspar Rodrigues Adorno, filho de Affonso Rodrigues Adorno, n. 16, por morte de seu irmão Affonso Rodrigues, que o matou o gentio no anno de 1639, foi mandado castigar o tal gentio por patente do governador D. Fernando de Mascarenhas de 15 de Maio de 1640 e no de 1642, por outra patente do governador Antonio Telles de 11 de Janeiro, foi nomeado capitão de infantaria paga de toda a gente, que ajuntasse no reconcavo da Caxoeira para socorro do mestre de campo Francisco Rabelo.

Por patente do governador João Rodrigues de Vasconcellos de 6 de Setembro de 1851, em que ia incluza a de seu irmão Agostinho Pereira, que já se dice foi mandado ao sertão a castigar o gentio bravo, e aldêas levantadas da Caxoeira, com poder para tudo o que fôsse necessario fazer assim de infantarias, cabos, soldados, e tudo o mais. E por outra ordem do governador D. Antonio de Atahide de 24 de Dezembro de 1654 foi mandado a outra guerra do gentio. Foi cazado com Felippa Alvares, e teve filhos.

21. João Rodrigues Adorno, que se segue.

22. Alvaro, de quem diz assim o assento seguinte :

Em 14 de Janeiro de 1654 batizou o padre Pantaleão Alvares, na capella de Gaspar Rodrigues, a Alvaro, seo filho e de sua mulher Felippa Alvares. Padrinhos Francisco Dias e Izabel Fernandes.

23. D. Maria Adorno, que cazou com Manoel de Aragão, a fl... n. 39, e ahi a sua descendencia.

Felippa Alvares, ultima mulher de Gaspar Rodrigues Adorno, era filha de Maria Fernandes, como diz o assento seguinte da freguezia de Iguape. : Em 25 de Abril de 1672 faleceu n'esta freguezia Maria Fernandes, viuva e sogra de Gaspar Rodrigues Adorno, sepultou-se na capella de N. S. do Rozario do mesmo Gaspar Rodrigues, e ficou o dito por seu testamenteiro

Veja-se o mais na pag... No fim.

N. 21. João Rodrigues Adorno, filho de Gaspar Rodrigues Adorno, n. 18, foi capitão de ordenança da Caxoeira, por patente do governador Francisco Barreto, de 4 de Junho de 1673.

N. 17. Maria Adorno, filha de Alvaro Rodrigues Caramurú, n. 13, e de sua mulher F. Adorno, foi cazada com Martinho de Ugim, como consta do assento do seo enterro, que diz assim : Em 23 de Novembro de 1667, faleceu Maria Adorno, mulher cazada, sepultada na capella do capitão-mór Gaspar Rodrigues Adorno, testamenteiro seo marido Martinho de Ugim e seo filho Affonso Rodrigues de Ugim.

Do que se segue que tiveram estes acima filho :

Affonso Rodrigues de Ugim.

Em 24 de Novembro de 1656 cazou, na capella de Gaspar Rodrigues Adorno, Affonso Rodrigues Adorno com Maria Dias de Souza; sem explicar quem era este Affonso Rodrigues Adorno o assento d'este cazamento.

Maria Fernandes * foi cazada com Francisco Dias, e teve filhos:

1. Felippa Alvares, mulher de Gaspar Rodrigues Adorno.

2. Izabel de Souza, mulher de Affonso Rodrigues Barreto.

3. Clara de Souza, mulher e viuva de Ignacio Cardozo.

4. Francisco Dias.

MONIZES BARRETOS NA BAHIA.

Egas Moniz Barreto, natural da ilha Terceira, etc., filho de Guilherme Moniz e sua mulher. Foi morgado, neto de Sebastião Moniz tambem morgado, e de sua mulher D. Joana da Silva, filha de Gonçalo da Silva, regedor da justiça em Lisboa, e bisneto de Guilherme Moniz Barreto, alcaide-mór de Silves, e de sua segunda mulher D. Ignez, filha de Gonçalo Nunez Barreto, alcaide-mór de Faro, do qual Guilherme Moniz Barreto foi mulher D. Joana da Costa Côrte-Real, filha de João Vaz da Costa Côrte-Real, terceiro neto de Henrique Moniz, quarto neto de Vasco Martim Moniz; foi este dito Egas Moniz Barreto o primeiro, que veio á Bahia no tempo em que só havia a Villa-Velha e povoação do Pereira junto á Victoria.

Foi cazado na mesma ilha Terceira com D. Maria da Silveira, de quem teve trez filhos abaixo nomeados; sendo certo que se cazou com D. Anna como consta do assento do seu enterro, que diz assim: Faleceu Egas Moniz Barreto a 4 de Novembro de

* Consta este assento da verba do testamento d'esta Maria Fernandes, sem mais explicação.

1582, sepultado em Nossa Senhora da Ajuda. Testamenteira sua mulher D. Anna, a qual por outro assento consta faleceu a 4 de Setembro de 1596. Testamenteiro seu filho Duarte Moniz, sepultada em Nossa Senhora da Ajuda.

Nem se deve dizer, que na Bahia cazou segunda vez este Egas Moniz com outra mulher chamada D. Anna; porque a ser assim, não diria o tal assento do seu enterro, que fôra testamenteiro seu filho Duarte Moniz; porque diz Cordeiro (1) no lugar citado, com os outros filhos foram nascidos na ilha Terceira, e eram filhos de D. Maria da Silveira, podendo ser erro da escrita o pôr D. Maria, em lugar de D. Anna Soares, como se acha no seu testamento feito a 3 de Novembro de 1595. Faleceu a 4 de Setembro de 1596. Sepultada em Nossa Senhora da Ajuda pois o assento do obito é manifesto. Foram filhos os seguintes:

1. Duarte Moniz Barreto, que se segue.
2. Henrique Moniz Barreto ou Telles, abaixo.
3. Jeronimo Moniz Barreto ou Telles adiante.
4. Diogo Moniz Barreto, e D. Ignez Barreto a fl..., mulher de Diogo da Rocha de Sá, a fl...

N. 1. Duarte Moniz Barreto, (2) primeiro filho de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria da Silveira, ou D. Anna, foi o segundo alcaide-môr, que teve a Bahia, por doação que lhe fez da alcaidaria-mór Antonio de Oliveira de Carvalhal, o primeiro alcaide-mór que houve na Bahia, por mercê d'rel-ei D. João III, por cazar Duarte Moniz com a filha do dito Antonio de Oliveira chamada D. Elena de Mello, de quem teve filhos. D. Elena de Mello fez testamento a 4 de Maio de 1621, e faleceu a 28 de Dezembro de 1630; sepultada em Matuim.

Cazaram a 17 de Dezembro de 1633. Teve mais filhos:

D. Catharina de Menezes, primeira mulher do capitão Manoel Girão. Sem filhos. Batizada a 10 de Janeiro de 1592.

(1) Cordeiro, pag. 313.
(2) Faleceu este Duarte Moniz a 10 de Janeiro de 1618 á meia noite

D. Joana de Menezes, mulher de Gaspar dos Reis Pinto.

D. Luiza de Mello, tambem filha, e Bernardo, que faleceu pequeno.

4. Jorge Barreto de Mello, que se segue.

5. Francisco Barreto de Mello Telles, abaixo.

6 Antonio Barreto de Mello.

7. D. Maria, terceira mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, que foram pais de D. Elena da Silva etc. a fl... e..., que ahi ficam.

7. D. Brites de Menezes, segunda mulher de Francisco de Freitas Magalhães, sem filhos. Batizada a 2 de Outubro de 1588.

ALOMBA.

4. Jorge Barreto de Mello, filho primeiro de Duarte Moniz Barreto e de sua mulher D. Elena de Mello, foi o terceiro alcaide-mór da Bahia, cazou com D. Maria de Lomba, filha de Pedro de Alomba e de sua mulher Beatriz de Albernaz, dos Lombas da ilha da Madeira; e tiveram filhos. *

8. Francisco Moniz Telles, que se segue. Batizado a 24 de Setembro de 1602.

9. Luiz de Mello de Vasconcellos, adiante. Batizado a 5 de Setembro de 1604.

10. Duarte Moniz Barreto, ao depois. Batizado a 14 de Julho de 1611.

11. Antonio de Oliveira de Carvalhal, adiante. Batizado a 25 de Agosto de 1611.

12. Manoel Moniz Barreto, cazado com D. Maria de Aguiar, filha de Antonio de Aguiar Daltro, neta de Pedro de Aguiar Daltro, irmão de Christovão de Aguiar Daltro, o velho, á fl... n. 7.

12. D. Catharina de Menezes. Batizada a 24 de Agosto de 1614.

---

* Cazaram em Paripe a 13 de Agosto de 1600 pelo vigario Estevão Fernandes. Faleceu elle em 1638, e ella a 11 de Setembro de 1617. Sepultada no Carmo.

13. Bartolomeo de Vasconcellos, adiante.

14. Pedro Moniz Barreto, ao depois.

15. D. Joana de Menezes, mulher de João Garcez. Batizada a 24 de Junho de 1606.

16. D. Angela de Menezes, mulher de Gaspar Pereira, e por morte d'este de Manoel Pacheco Freire.

N. 8. Francisco Moniz Barreto ou Telles (1), contém o assento do seu enterro:—filho primeiro de Jorge Barreto, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, por morte de seu pai, foi o primeiro alcaide-mór da Bahia (2), cazou em Angola com D. Francisca de Almeida Veloria, de quem não teve filhos, e n'elles se acabou a baronia dos alcaides-móres da Bahia por incuria de seus irmãos, que a não procuraram. El-rei D. Affonso VI a deu a Bernardo de Miranda Henriques, o qual a vendeo a Francisco Telles de Menezes, filho de Matheus Pereira de Menezes e de sua mulher D. Elena da Silva Pimentel, filha de Bernardo Pimentel de Almeida e de sua mulher D. Izabel de Almeida, a fl... n. 2. Por morte de Francisco Moniz Telles se cazou D. Francisca com Jozé Mendes de Faria, filho de Manoel Veza e de Izabel de Faria, a 15 de Fevereiro de 1665.

N. 9. Luiz de Mello de Vasconcellos, filho segundo de Jorge Barreto, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, foi cazado com D. Leonor Varela, filha de Domingos Varela, familiar do santo officio, e de sua mulher Paula Dornellas; e teve filhos.

17. Antonio Moniz, sacerdote. Batizado na sé a 13 de Abril de 1631.

18. D. Joana, mulher do capitão João de Cassares.

19. D. Feliciana, mulher de seo primo Jorge Barreto de Vasconcellos ou de Mello, adiante. Batizada em Paripe a 21 de Julho de 1641.

20. D. Anna, mulher de Gonçalo de Amorim.

N. 10. Duarte Moniz Barreto, filho terceiro de Jorge Barreto, n. 4, passou a Angola, onde cazou com D. Izabel, irman do capitão João de Veloria, e teve filhos.

---

(1) Faleceu a 19 de Junho de 1669. Enterrado no convento de S. Francisco.

(2) Alcaide-mór por alvará regio de 2 de Outubro de 1647.

21. Jorge Barreto de Mello, que se segue.

N. 21 Jorge Barreto de Mello, filho unico de Duarte Moniz Barreto, n. 10, cazou trez vezes; a primeira com D.F, irman de João Barboza de Amorim, e teve d'esta filho:

22. Joachim Barreto de Mello :

Segunda vez cazou com D. Angela de Souza, filha de Agostinho de Paredes, a qual era já viuva de Baltazar de Amorim; d'esta não teve filhos e a matou o dito seu marido Jorge Barreto, por lhe fazer traição com Bento Monteiro, seo primo.

Terceira vez cazou este Jorge Barreto com D. Antonia Ferreira, * irman de Lourenço Ferreira Louçano, e teve filhos :

23. Jeronimo Moniz Barreto.

24. Thomaz Borges de Miranda.

N. 11. Antonio de Oliveira de Carvalhal, filho quarto de Jorge Barreto de Mello, n. 4, cazou com D. Maria de Barros, filha de Antonio de Barros de Magalhães, e teve filhos:

25. Pedro Moniz Barreto, que se segue.

26. Duarte Moniz Barreto.

27. Jozé de Barros, que faleceu solteiro.

28. D. Catharina, mulher de Luiz Lopes de Paredes.

29. D. Margarida, mulher de Francisco Barboza Eça.

30. D. Elena, segunda mulher de João de Barros de Araujo.

31. D. Ignez, mulher de Gaspar de Amorim de Passos.

N. 25. Pedro Moniz Barreto, filho de Antonio de Oliveira de Carvalhal, n. 11, e de sua mulher D. Maria de Barros, cazou com D. Maria de Almeida, filha de Baltazar Loureuço Pacheco, a primeira vez, e teve filhos:

32. Egas Moniz Barreto.

D. Maria de Almeida e D. Jozé de Menezes.

---

* Cazaram a 15 de Agosto de 1674. Era esta D. Antonia filha de Simão Ferreira Louçano e de sua mulher Guiomar Soares de Crasto, e natural de Lisbôa ella, diz o termo de seo cazamento.

Segunda vez cazou Pedro Moniz Barreto com D. Luiza de Goes, filha de Lourenço de Souza Vieira, e teve filhos:

33. Antonio de Oliveira de Carvalhal.

D. Maria de Barros.

N. 13. Bartolomeo de Vasconcellos, (1) filho de Jorge Barreto de Mello, n.4, cazou com D. Maria da Conceição da Cunha, filha de João da Cunha, (2) de quem teve filhos. Falleceu este Bartolomeo de Vasconcellos a 21 de Março de 1665, na freguezia de Pirajá, sepultado no Carmo, e teve filhos.

34. Jorge Barreto de Vasconcellos, que se segue.

35. João da Cunha e Manoel Barreto, sem filhos.

36. D. Angela da Cunha, segunda mulher de Custodio Nunes Daltro, e ahi a sua descendencia a fl... n. 20.

D. Bernarda Telles, que faleceu solteira com 91 annos de idade.

N. 34. Jorge Barreto de Vasconcellos, (3) filho primeiro de Bartolomeo de Vasconcellos, n. 13, e de sua mulher D. Maria da Conceição, ou Cunha, cazou com D. Feliciana de Mello, sua prima, filha de Luiz de Mello de Vasconcellos, a fl... n. 19, e teve filhos.

37. D. Leonor de Vasconcellos, mulher de Valentim da Fonseca, que sahio da companhia; e faleceram no sertão, sem filhos.

Segunda vez cazou Jorge Barreto de Vasconcellos com D. Apolonia Telles de Menezes, filha de Antonio Moniz Telles, senhor do engenho de Pirajá, e de sua mulher D. Catharina de Sá, filho este Antonio Moniz de Diogo Moniz Telles, neto de Henrique Moniz Barreto, e bisneto de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Catharina Victoria; e de sua segunda mulher D. Apollonia

---

(1) Faleceu a 21 de Março de 1665.

(2) João da Cunha cazado com D. Angela da Cunha.

(3) Teve este Jorge Barreto de Vasconcellos o mesmo fôro de fidalgo escudeiro, como o teve seo pai Bartolomeo de Vasconcellos, com 1$500 de moradia por mez e um alqueire de cevada por dia, por alvará de el-rei de 31 de Janeiro de 1695, e era neto de Jorge Barreto de Mello, declara o mesmo alvará.

teve filhos ; e cazaram a 29 de Outubro de 1674. D. Catharina de Sá, diz o termo do cazamento.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos (1), que se segue.

39. D. Maria da Conceição de Menezes, que cazou com seu primo legitimo Antonio Moniz Barreto, filho do capitão Constantino Lins, a fl... o qual Antonio Moniz Barreto foi pessoalmente á Roma buscar a dispensa.

40. D. Branca Telles, mulher de seu primo legitimo Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho tambem de Constantino Lins, acima, e tiveram filhos:

41. D. Anna da Consolação de Menezes, que cazou com o capitão Vasco Pacheco de Aguiar Espinoza, sem filhos.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos, filho de Jorge Barreto de Vasconcellos, n. 34. Teve o mesmo fôro de seus pais e avós, e cazou com D. Luzia Coutinho de Menezes de Lacerda, filha de Francisco de Freitas de Menezes e de sua mulher D. Margarida Coutinho de Lacerda, e tiveram filhos:

João Baptista Barreto de Vasconcellos, que cazou com D. Joana de Aragão, a fl... n. 28.

Outra vez cazou Manoel Telles Barreto, acima n. 38, com D. FranciscaLins, filha de Constantino Lins, que já ficam a fl... n. 6, e ahi o mais.

N. 14. Pedro Moniz Barreto, filho setimo de Jorge Barreto de Mello, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, cazou com D. Angela da Cunha, filha de João da Cunha, e teve filhos:

42. Francisco Moniz.

43. Antonio Moniz.

D. Maria de Menezes, mulher de Pedro Duarte.

N. 5. Francisco Barreto Telles, como tem o assento do seu enterro, ou de Menezes, como se acha em outra parte, filho segundo de Duarte Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher D. Elena de Mello, cazou (2), com D. Agueda de

---

(1) De Manoel Telles Barreto foram mais irmãos os seguintes : João da Cunha, Antonio Moniz, que nasceu cego, Bartolemeu de Vasconcellos, que morreu nas minas, Francisco Xavier de Vasconcellos.

(2) Cazaram a 21 de Junho de 1595. Foi senhor do engenho de Mataripe, e fidalgo da caza real.

Barbuda, filha de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Barboza, a fl... n. 3; e não achamos tivesse d'esta filhos. Mas sim que de sua primeira mulher D. Maria de Aragão, que não declara o assento, que d'isto trata, de quem era filha, tivera d'esta filha:

44. D. Maria de Menezes, a qual foi primeira mulher de Pedro Camello de Aragão Pereira, a fl... n. 63, e ahi a sua descendencia.

Nota. Achamos em outro assento, que da sua segunda mulher D. Agueda de Barbuda teve os filhos seguintes:

45. D. Joana Barreto de Mello. Batizada 20 de Maio de 1603.

46. Francisco Barreto de Menezes e Duarte Moniz Barreto, batizados ambos por gemeos a 22 de Novembro de 1604.

47. Bernardo Moniz Telles. Batizado a 19 de Agosto de 1606.

48. Antonio Moniz Barreto. Batizado a 27 de Maio de 1608.

49. Bento Moniz Telles. Batizado a 14 de Junho de 1610.

N. 2. Henrique Moniz Telles, * filho de Egas Moniz Barreto, n..., e de sua mulher D. Anna Soares, foi fidalgo escudeiro da caza real, e cazou duas vezes, como se acha nos assentos dos batizados de seus filhos, que logo se apontarão. Foi primeira mulher d'este Henrique Moniz D. Luiza, da qual não achamos mais noticia, e d'esta primeira teve filhos:

1. Henrique Moniz Barreto, que se segue. Batizado na sé a 3 de Maio de 1584.

2. D. Antonia Soares, mulher de Antonio Vaz, adiante.

3. D. Maria Soares, mulher de Gaspar Pereira, o velho, a fl...

Segunda vez cazou Henrique Moniz Telles, acima, com D. Leonor Antunes, filha de Sebastião de Faria, e de sua mulher Custodia Antunes, e teve filhos:

* Faleceu a 20 de Fevereiro de 1620, sepultado no collegio. Testamenteiros, seo filho Diogo Moniz, e sua mulher D. Leonor Antunes. E faleceo esta a 17 de Dezembro de 1641, sepultada no collegio.

teve filhos ; e cazaram a 29 de Outubro de 1674. :
tharina de Sá, diz o termo do cazamento.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos (
se segue.

39. D. Maria da Conceição de Menezes, que
com seu primo legitimo Antonio Moniz Barreto, 1
capitão Constantino Lins, a fl... o qual Antonio
Barreto foi pessoalmente á Roma buscar a dispens

40. D. Branca Telles, mulher de seu primo le
Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho tambem de
tantino Lins, acima, e tiveram filhos:

41. D. Anna da Consolação de Menezes, que
com o capitão Vasco Pacheco de Aguiar Es|
sem filhos.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos, 1
Jorge Barreto de Vasconcellos, n. 34. Teve o mes
de seus pais e avós, e cazou com D. Luzia Couti
Menezes de Lacerda, filha de Francisco de Freitas
nezes e de sua mulher D. Margarida Coutinho de L
e tiveram filhos:

João Baptista Barreto de Vasconcellos, que
com D. Joana de Aragão, a fl... n. 28.

Outra vez cazou Manoel Telles Barreto, aci
38, com D. FranciscaLins, filha de Constantino Li
já ficam a fl... n. 6, e ahi o mais.

N. 14. Pedro Moniz Barreto, filho setimo de
Barreto de Mello, n. 4, e de sua mulher D. M
Lomba, cazou com D. Angela da Cunha, filha de
Cunha, e teve filhos:

42. Francisco Moniz.

43. Antonio Moniz.

D. Maria de Menezes, mulher de Pedro Duart

N. 5. FranciscoBarretoTelles, como tem o ass
seu enterro, ou de Menezes, camo se acha em outra
filho segundo de Duarte Moniz Barreto, n. 1, e
mulher D. Elena de Mello, cazou (2), com D. Ag

(1) De Manoel Telles Barreto foram mais irmãos os seguint
da Cunha, Antonio Moniz, que nasceu cego, Bartolemeu de
cellos, que morreu nas minas, Francisco Xavier de Vasconcel

(2) Cazaram a 21 de Junho de 1595. Foi senhor do engenh
taripe, e fidalgo da caza real.

teve filhos ; e cazaram a 29 de Outubro de 1674. D. Catharina de Sá, diz o termo do cazamento.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos (1), que se segue.

39. D. Maria da Conceição de Menezes, que cazou com seu primo legitimo Antonio Moniz Barreto, filho do capitão Constantino Lins, a fl... o qual Antonio Moniz Barreto foi pessoalmente á Roma buscar a dispensa.

40. D. Branca Telles, mulher de seu primo legitimo Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho tambem de Constantino Lins, acima, e tiveram filhos:

41. D. Anna da Consolação de Menezes, que cazou com o capitão Vasco Pacheco de Aguiar Espinoza, sem filhos.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos, filho de Jorge Barreto de Vasconcellos, n. 34. Teve o mesmo fôro de seus pais e avós, e cazou com D. Luzia Coutinho de Menezes de Lacerda, filha de Francisco de Freitas de Menezes e de sua mulher D. Margarida Coutinho de Lacerda, e tiveram filhos:

João Baptista Barreto de Vasconcellos, que cazou com D. Joana de Aragão, a fl... n. 28.

Outra vez cazou Manoel Telles Barreto, acima n. 38, com D. FranciscaLins, filha de Constantino Lins, que já ficam a fl... n. 6, e ahi o mais.

N. 14. Pedro Moniz Barreto, filho setimo de Jorge Barreto de Mello, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, cazou com D. Angela da Cunha, filha de João da Cunha, e teve filhos:

42. Francisco Moniz.

43. Antonio Moniz.

D. Maria de Menezes, mulher de Pedro Duarte.

N. 5. Francisco Barreto Telles, como tem o assento do seu enterro, ou de Menezes, camo se acha em outra parte, filho segundo de Duarte Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher D. Elena de Mello, cazou (2), com D. Agueda de

(1) De Manoel Telles Barreto foram mais irmãos os seguintes : João da Cunha, Antonio Moniz, que nasceu cego, Bartolemeu de Vasconcellos, que morreu nas minas, Francisco Xavier de Vasconcellos.

(2) Cazaram a 21 de Junho de 1595. Foi senhor do engenho de Mataripe, e fidalgo da caza real.

Barbuda, filha de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Barboza, a fl... n. 3; e não achamos tivesse d'esta filhos. Mas sim que de sua primeira mulher D. Maria de Aragão, que não declara o assento, que d'isto trata, de quem era filha, tivera d'esta filha:

44. D. Maria de Menezes, a qual foi primeira mulher de Pedro Camello de Aragão Pereira, a fl... n. 63, e ahi a sua descendencia.

Nota. Achamos em outro assento, que da sua segunda mulher D. Agueda de Barbuda teve os filhos seguintes:

45. D. Joana Barreto de Mello. Batizada 20 de Maio de 1603.

46. Francisco Barreto de Menezes e Duarte Moniz Barreto, batizados ambos por gemeos a 22 de Novembro de 1604.

47. Bernardo Moniz Telles. Batizado a 19 de Agosto de 1606.

48. Antonio Moniz Barreto. Batizado a 27 de Maio de 1608.

49. Bento Moniz Telles. Batizado a 14 de Junho de 1610.

N. 2. Henrique Moniz Telles, * filho de Egas Moniz Barreto, n..., e de sua mulher D. Anna Soares, foi fidalgo escudeiro da caza real, e cazou duas vezes, como se acha nos assentos dos batizados de seus filhos, que logo se apontarão. Foi primeira mulher d'este Henrique Moniz D. Luiza, da qual não achamos mais noticia, e d'esta primeira teve filhos:

1. Henrique Moniz Barreto, que se segue. Batizado na sé a 3 de Maio de 1584.

2. D. Antonia Soares, mulher de Antonio Vaz, adiante.

3. D. Maria Soares, mulher de Gaspar Pereira, o velho, a fl...

Segunda vez cazou Henrique Moniz Telles, acima, com D. Leonor Antunes, filha de Sebastião de Faria, e de sua mulher Custodia Antunes, e teve filhos:

* Faleceu a 20 de Fevereiro de 1620, sepultado no collegio. Testamenteiros, seo filho Diogo Moniz, e sua mulher D. Leonor Antunes. E faleceo esta a 17 de Dezembro de 1641, sepultada no collegio.

teve filhos ; e cazaram a 29 de Outubro de 1674. D. Catharina de Sá, diz o termo do cazamento.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos (1), que se segue.

39. D. Maria da Conceição de Menezes, que cazou com seu primo legitimo Antonio Moniz Barreto, filho do capitão Constantino Lins, a fl... o qual Antonio Moniz Barreto foi pessoalmente á Roma buscar a dispensa.

40. D. Branca Telles, mulher de seu primo legitimo Bartolomeu Lins de Vasconcellos, filho tambem de Constantino Lins, acima, e tiveram filhos:

41. D. Anna da Consolação de Menezes, que cazou com o capitão Vasco Pacheco de Aguiar Espinoza, sem filhos.

38. Manoel Telles Barreto de Vasconcellos, filho de Jorge Barreto de Vasconcellos, n. 34. Teve o mesmo fôro de seus pais e avós, e cazou com D. Luzia Coutinho de Menezes de Lacerda, filha de Francisco de Freitas de Menezes e de sua mulher D. Margarida Coutinho de Lacerda, e tiveram filhos:

João Baptista Barreto de Vasconcellos, que cazou com D. Joana de Aragão, a fl... n. 28.

Outra vez cazou Manoel Telles Barreto, acima n. 38, com D. FranciscaLins, filha de Constantino Lins, que já ficam a fl... n. 6, e ahi o mais.

N. 14. Pedro Moniz Barreto, filho setimo de Jorge Barreto de Mello, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Lomba, cazou com D. Angela da Cunha, filha de João da Cunha, e teve filhos:

42. Francisco Moniz.

43. Antonio Moniz.

D. Maria de Menezes, mulher de Pedro Duarte.

N. 5. Francisco Barreto Telles, como tem o assento do seu enterro, ou de Menezes, camo se acha em outra parte, filho segundo de Duarte Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher D. Elena de Mello, cazou (2), com D. Agueda de

(1) De Manoel Telles Barreto foram mais irmãos os seguintes : João da Cunha, Antonio Moniz, que nasceu cego, Bartolemeu de Vasconcellos, que morreu nas minas, Francisco Xavier de Vasconcellos.

(2) Cazaram a 21 de Junho de 1595. Foi senhor do engenho de Mataripe, e fidalgo da caza real.

Barbuda, filha de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua segunda mulher D. Maria Barboza, a fl... n. 3; e não achamos tivesse d'esta filhos. Mas sim que de sua primeira mulher D. Maria de Aragão, que não declara o assento, que d'isto trata, de quem era filha, tivera d'esta filha:

44. D. Maria de Menezes, a qual foi primeira mulher de Pedro Camello de Aragão Pereira, a fl... n. 63, e ahi a sua descendencia.

Nota. Achamos em outro assento, que da sua segunda mulher D. Agueda de Barbuda teve os filhos seguintes:

45. D. Joana Barreto de Mello. Batizada 20 de Maio de 1603.

46. Francisco Barreto de Menezes e Duarte Moniz Barreto, batizados ambos por gemeos a 22 de Novembro de 1604.

47. Bernardo Moniz Telles. Batizado a 19 de Agosto de 1606.

48. Antonio Moniz Barreto. Batizado a 27 de Maio de 1608.

49. Bento Moniz Telles. Batizado a 14 de Junho de 1610.

N. 2. Henrique Moniz Telles, * filho de Egas Moniz Barreto, n..., e de sua mulher D. Anna Soares, foi fidalgo escudeiro da caza real, e cazou duas vezes, como se acha nos assentos dos batizados de seus filhos, que logo se apontarão. Foi primeira mulher d'este Henrique Moniz D. Luiza, da qual não achamos mais noticia, e d'esta primeira teve filhos:

1. Henrique Moniz Barreto, que se segue. Batizado na sé a 3 de Maio de 1584.

2. D. Antonia Soares, mulher de Antonio Vaz, adiante.

3. D. Maria Soares, mulher de Gaspar Pereira, o velho, a fl...

Segunda vez cazou Henrique Moniz Telles, acima, com D. Leonor Antunes, filha de Sebastião de Faria, e de sua mulher Custodia Antunes, e teve filhos:

* Faleceu a 20 de Fevereiro de 1620, sepultado no collegio. Testamenteiros, seo filho Diogo Moniz, e sua mulher D. Leonor Antunes. E faleceo esta a 17 de Dezembro de 1641, sepultada no collegio.

18. D. Mariana Telles, (1) primeira mulher de Luiz Alvares Franco.

19. D. Branca Telles, mulher de Amaro Homem de Almeida, cazou a 12 de Abril de 1651.

20. D. Antonia de Menezes, mulher de Francisco da Rocha de Sá, com filhos.

21. Manoel Telles, cazado em Angola, com filhos.

22. Bartolomeu Moniz, cazado com D. Archangela da Lomba.

23 Cosme Moniz, que faleceu no Algarve.

Segunda vez cazou Diogo Moniz Telles, acima, com D. Felippa de Almeida, filha de Manoel de Almeida Lobato e de sua mulher D Felippa Cordeiro Aires filha de Antonio Cordeiro Aires e de sua mulher Izabel do Rego, a fl. .., n. 1 e 2, e d'esta não teve filhos, e faleceu ella a 15 de Setembro de 1646, sepultada no collegio.

N. 16. Antonio Moniz Barreto, filho de Diogo Moniz Telles, n. 7, e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, foi fidalgo da caza real, e cazou com D. Catharina de Sá de Almeida (2) ; filha esta do Dr. Gonçalo Homem de Almeida e de sua mulher Maria de Sá, e teve filhos.

24. Manoel Telles Barreto, que se segue.

25. D. Maria de Sá, primeira mulher do capitão Constantino Lins de Vasconcellos; a fl. .., n. 5, e ahi o mais.

26. D. Apolonia Telles de Vasconcellos, segunda mulher do seu primo Jorge Barreto de Menezes, a fl. .. n. 34.

27. D. Antonia de Menezes, mulher de Ambrozio de Queiroz Cerqueira, e D. Leonor, que faleceu pequena.

N. 24. Manoel Telles Barreto, filho de Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Catharina de Sá, foi fidalgo da caza real, e cazou com sua sobrinha D. Francisca Lins de Vasconcellos, filha do capitão Constantino

(1) Faleceu ella a 13 de Agosto de 1635, sepultada em S. Francisco.

(2) Faleceu esta a 27 de Fevereiro de 1666, sepultou-se no Carmo.

Lins de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria de Sá de Menezes, e teve filhos.

28. Manoel Moniz Barreto, que se segue.

28. D. Thereza de Jezus, mulher de D. Antonio de Uzeda Aiala, e depois de Belchior de Sá Coutinho.

N. 28. Manoel Moniz Barreto, filho de Manoel Telles Barreto e de sua mulher D. Francisca Lins de Vasconcellos, foi tenente de infantaria de um dos regimentos pagos da Bahia, fidalgo da caza real, como seu pai e avós ; cazou com D. Thereza Maria de Jezus, filha de Antonio de Araujo de Góes e de sua mulher D. Anna Ursula de Souza, e teve filhos:

29. Luiz Muniz Barreto.

30. João Telles de Menezes.

N. 17. D. Leonor Telles, filha do capitão Diogo Moniz Telles e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, cazou com o capitão João Mendes de Vasconcellos (1), cavalleiro da ordem de Santiago, natural da ilha da Madeira, filho de João Mendes Delgado e de sua mulher Constança de Mendonça de Vasconcellos, teve filhos:

31. D. Catharina de Vasconcellos, cazada com o capitão João Nunes Pita, que se segue.

32. João Mendes de Vasconcellos.

33. O capitão Diogo Moniz Telles (2), cazado com Izabel de Almeida (3) e teve filho :

Antonio Telles de Menezes

N. 31. D. Catharina de Vasconcellos, acima, cazou, como fica dito, com o capitão João Nunes Pita, natural da Bahia, filho de Sebastião Martins Brandão e de sua mulher Maria das Neves, e teve filha :

34. D. Maria de Vasconcellos. Batizada na sé a 31 de Maio de 1677.

N. 18 D. Maria Telles, filha do capitão Diogo Moniz Telles, n.7, e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, cazou com Luiz Alvares Franco (4), e teve filhos :

(1) Faleceu este a 12 de Junho de 1675, sepultou-se no Carmo.

(2) Faleceu a 24 de Agosto de 1698, sepultou-se no Carmo.

(3) Cazaram a 1° de Novembro de 1678 na capella de Santo Antonio da Patatiba.

(4) Cazaram a 24 de Setembro de 1651 em Matuim.

35. Diogo Lopes Franco, cazado com sua prima D. Francisca Telles, adiante, batizada a 18 de Setembro de 1653.

36. D. Joana Telles, que se segue, batizada ao 1 de Julho de 1655.

37. Jozé Telles Barreto (1), cazado com D. Ursula da Rocha, filha de Antonio Moniz, a fl. .., n. 9; e teve filha D. Luzia, batizada a 20 de Abril de 1690 em Matuim.

N. 36. Joana Telles, filha de D. Mariana Telles, acima, e de seu marido Luiz Alvares Franco, cazou com o sargente-mór João de Couros Carneiro, escrivão da camara da Bahia, proprietario, natural de Ponte de Lima, e teve filhos:

38. João de Couros Carneiro, (2) e Luiz Pessoa de Vasconcellos, batizado a 14 de Janeiro de 1672 na igreja da Graça.

39. Miguel Pessoa de Vasconcellos.

40. E tres religiozas no Desterro da Bahia, Soror Maria Caetana, ahi abadeça, e tambem na Lapa soror Catharina do Monte Sinai, e soror Pascoa da Resurreição, e D. Mariana Xavier.

N. 19 D Branca Telles, filha de Diogo Moniz Telles, n. 7, e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, cazou com Amaro Homem de Almeida (3), filho de Gonçallo Homem de Almeida e de sua mulher Maria de Sá, christan velha, e teve filhos.

41. Antonio Telles de Almeida, sacerdote do habito de São Pedro, dispensado por Clemente X. Batizado a 26 de Junho de 1652.

42. Diogo Moniz Telles, que segue.

N. 42. Diogo Moniz Telles, filho de D. Branca Telles, e de seu marido Amaro Homem de Almeida; cazou com D. Thereza de Ulhôa (4), filha de Antonio Gomes Victoria e

---

(1) Batizado a 25 de Março de 1662 e cazou a 10 de Junho de 1685 em Guadalupe.

(2) Cazaram a 8 de Abril 1728; cazou este com D. Anna de Albuquerque e d'esta foi filha D. Catharina Maria da Graça, mulher do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira com filho. Vide a pag. .. n. 4.

(3) Cazaram a 12 de Abril de 1651 na sé.

(4) Cazaram a 8 de Maio de 1696, dispensados no 3°. gráo de consaguinidade, na capella da Embiava, em Iguape.

de sua mulher D. Mariana de Ulhôa, filha de Antonio Dias Duarte e de Paula de Mesquita, teve filhos:

D. Maria de Ulhôa, batizada a 22 de Abril de 1697.

41. Antonio Moniz Telles, outra filha de D. Mariana e D. Paula, batizada a 25 de Julho de 1700.

43. Manoel Moniz Telles, cazado com D. Catharina Barboza a 13 de Junho de 1689.

44. Bartolomeo, adiante.

Nota.— Em 25 de Novembro de 1675, recebi em sua caza, com licença dos senhores do cabido, a Antonio Gomes Victoria, filho de Constantino Gomes Victoria e de D. Ignez de Menezes, com D. Mariana Ulhôa, filha de Antonio Dias Duarte e de Paula de Mesquita. Padrinhos Constantino Vieira, Diogo Lopes Ulhôa, D. Branca. O vigario João Alvares. Iguape.

Nota.—Das inquirições, com que se ordenou o padre Antonio Telles de Almeida, acima, consta o seguinte:— Antonio Telles de Almeida, batizado a 26 de Junho de 1652, filho de Amaro Homem de Almeida e de sua mulher Branca Telles, neto paterno de Gonçalo Homem de Almeida (parte de nação) e de sua mulher Maria de Sá (christan velha), e pela materna de Diogo Moniz Telles (1 e 4) e de Catharina Victoria; foram dispensados na ametade por Clemente X, sumo pontifice.

N. 5. Ignez de Menezes, filha de Henrique Moniz Telles, o velho, e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, cazou com Antonio Coelho Pinheiro, homem nobre, familiar do santo officio, e teve filha :

D. Margarida de Menezes, que cazou com Ignacio Ferreira de Souza, que foi pai de Manoel Ferreira de Souza, cazado este com D. Luiza Telles de Menezes, filha do coronel Miguel Telles Barreto, como vai á fl. ..

N. 4. Antonia de Menezes, filha de Henrique Moniz Telles, o velho, e de sua mulher D. Leonor Antunes, e cazou com Diogo Lopes Franco, * o velho, como diz o assento seguinte:—Em 30 de Maio de 1618, recebeo o chantre Bartolomeo de Vasconcellos a D. Antonia com Diogo Lopes

* Faleceu este Diogo Lopes a 19 de Julho de 1660, sepultado em S. Francisco; testamenteira sua mulher D. Antonia de Menezes.

Franco, na igreja de Pirajá, com licença do Sr. bispo D. Constantino Barradas. Padrinhos, Marcos da Costa e D. Catharina, mulher de Diogo Moniz Telles.

De seu marido teve D. Antonia filho:

Diogo Lopes Franco, foi capitão, e cazou com D. Francisca Telles, (1) filha do capitão Jeronimo Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria de Azevedo, 1689. Segunda vez cazou, como vai abaixo.

N. 6. D. Joana Telles (2), filha de Henrique Moniz Telles e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, cazou com Nuno Dares, e teve filhos:

O capitão Henrique Moniz Telles.

Antonio Dares de Menezes.

D. Genebra de Menezes, mulher de Lourenço Abreo de Brito Souza.

D. Leonor.

D. Ignez.

D. Mariana.

Manoel Telles.

Segunda vez cazou o capitão Diogo Lopes Franco (3), que fica acima, com D. Leonor Ximenes de Aragão, filha do tenente general Domingos Antunes da Costa e de sua mulher D. Guiomar Ximenes de Aragão, e teve filhos:

Guiomar Ximenes de Aragão, cazada com Antonio Calmon, a fl. .., n. 24 e seguinte. Batizada 7 de Fevereiro de 1711.

D. Francisca. Batizada a 9 de Novembro de 1714.

João. Batizado a 27 de Fevereiro de 1708, na capella de S. João Baptista.

Jozé. Batizado na freguezia da Victoria a 23 de Maio de 1712.

(1) Cazaram a 27 de Agosto de 1679, em caza.
(2) Faleceu no anno de 1665.
(3) Cazaram a 17 de Abril de 1708, na capella de São João-Baptista.

GOMES VICTORIA

Manoel Gomes Victoria, o velho (1), de quem não achamos qual fôsse a sua patria, nem seus progenitores, cazou na Bahia com Catharina de Moura, filha de Pedro Fernandes de Moura e de sua mulher Leonor Martins. Da dita sua mulher Catharina de Moura teve um só filho que faleceu logo depois de sua mãi.

Segunda vez cazou com Branca Serrão, filha de Antonio Serrão e de sua mulher Catharina Mendes, e teve filhos.

1. Antonio Gomes Victoria, cazado com Izabel Nunes.

2. D. Catharina Victoria, mulher de Diogo Moniz Telles, a fl. . . n. 7, e ahi a sua descendencia.

3. Maria Gomes, cazada com Fernão Rodrigues Ribeiro, sem filhos.

4. Constantino Gomes Victoria, cazado com Maria da Fonseca, sem filhos.

E Diogo, que faleceu moço, sem cazar.

Terceira vez cazou Manoel Gomes Victoria com outra Branca Serrão, viuva de Gonçalo Nunes Campomaior, e filha de João Vaz Serrão e de sua mulher Leonor Roza, e foram dispensados pelo Sr. bispo D. Constantino Barradas no gráo de afinidade, por ser esta Branca Serrão prima da outra Branca Serrão, segunda mulher d'este Manoel Gomes Victoria; e d'esta aqui não teve filhos.

Quarta vez se tornou a cazar com D. Maria de Menezes, viuva de Domingos Gomes Pimentel, e filha de Valentim de Faria e de sua mulher Felippa de Sá, e tambem não teve filhos.

Constantino Gomes Victoria, filho de Manoel Gomes Victoria e de sua segunda mulher Branca Serrão, cazou com Maria da Fonceca (2), filha de Manoel da Fonceca

---

(1) Faleceu a 22 de Novembro de 1618. Sepultado em S. Francisco.

(2) Cazaram na sé a 7 de Janeiro de 1624.

Homem e de sua mulher Catharina Mendes, da qual não teve filho.

Segunda vez cazou com D. Ignez de Menezes (1), filha de Domingos Gomes Pimentel e de sua mulher D. Maria de Menezes, e teve filhos :

5. D. Branca de Menezes, cazada, que se segue.

6. Manoel Gomes Victoria, cazado com D. Clara Maria de Ulhôa.

7. Antonio Gomes Victoria, cazado com D. Mariana de Ulhôa.

ULHOA

N. 5. D. Branca de Menezes, filha de Constantino Gomes Victoria e de sua segunda mulher D. Ignez de Menezes, cazou com o capitão Duarte Lopes Ulhôa, (2) natural de Lisboa, freguezia de S. Mamede, fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Santiago e provedor da fazenda real da capitania da Bahia, filho de Diogo Lopes Ulhôa, fidalgo da caza real, enviado a Londres, e de sua mulher Maria Duarte. De D. Branca e seu marido Duarte Lopes foram filhos :

8. Constantino Moniz Barreto.

9. Luiz de Sá de Menezes.

N. 44. Bartolomeu Moniz Telles, filho do capitão Diogo Moniz Telles, n. 42 pag. ..., e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, teve o fôro de fidalgo como seu pai e avós,cazou com D. Archangela da Lomba,(3) natural da Bahia, filha de Paulo da Lomba e de sua mulher Thomazia Barboza, e teve filhas:

10. D. Catharina Moniz. Batizada a 17 de Março de 1644.

11. D. Thomazia Barboza, que se segue.

N. 11. D. Thomazia Barboza filha de Bartolomeu Moniz Telles e de D. Archangela da Lomba, sua mulher

---

(1) Cazaram na sé ao 1°. de Maio de 1641.
(2) Cazaram no Iguape ao 1°. de Janeiro de 1659.
(3) Cazaram a 17 de Abril de 1643. Paripe.

cazou com Manoel Telles de Menezes (1) natural da Bahia, filho de Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Luiza de Espinoza, e foram dispensados no 4°. gráo de consaguinidade, e teve filho :

12. Constantino Moniz Telles, cazado com D. Thereza de Lacerda Coutinho, de quem teve filhos, que faleceram solteiros.

N. 3. Jeronimo Moniz Barreto (2), filho terceiro de Egas Barreto, a fl..., e de sua mulher D. Maria da Silveira ou D. Anna, como já fica ahi notado, passou á Bahia com seu pai e irmãos, e ali cazou duas vezes, a primeira com D. Micia Lobo de Mendonça, filha de Francisco Bicudo e de sua primeira mulher D. Micia Lobo de Mendonça, a fl..., uma das 3 irmans orfans, que mandou a rainha D. Catharina para cazarem com as pessoas principaes, como já se tem dito; e d'ella teve filhos :

1. Egas Muniz Barreto, que se segue.

2. D. Angela Lobo de Almeida, segunda mulher de Gaspar Pereira, o velho, a fl... n.

3. D. Maria de Menezes, mulher de Christovão da Costa Doria, a fl... n. 2, e ali a sua geração.

3. D. Francisca de Menezes, mulher do Dr. Barboza de Amorim, com filhos, a fl... n. 3, Izabel e Vasco, que faleceram sem cazar.

Segunda vez cazou Jeronimo Moniz Barreto com D. Izabel de Lemos, filha de João Rodrigues Palha e de sua mulher Micia de Lemos, e teve filhos :

4. Miguel Telles de Menezes, a fl... e ali o mais.

4. Antonio Moniz Telles, adiante Batizado na sé a 19 de Abril de 1586.

4. Vicente, Francisco, Jeronimo, D. Joana e Anna de Lemos, mulher de Christovão Rabelo, com filhos, a fl...

---

(1) Cazaram a 3 de Fevereiro de 1658. Paripe.

(2) Faleceu a 12 de Outubro de 1606, sepultado em S. Francisco. Testamenteira sua segunda mulher D. Izabel de Lemos. Foi fidalgo da caza real. Do seu testamento consta, que foi esta D. Micia, filha do Bicudo sua primeira mulher, o qual testamento se acha no cartorio dos orfãos, o inventario foi dos bens de D. Micia, esta acima 3ª mulher deste Jeronymo Moniz, n. 3.

N. 1. Egas Moniz Barreto (1), filho primeiro de Jeronimo Moniz Barreto e de sua primeira mulher D. Micia Lobo de Mendonça, cazou trez vezes, a primeira com D. Agueda de Lemos, irman de sua madrasta D. Izabel de Lemos, acima, e a fl... n. 5, e della teve filho:

5. Francisco Barreto de Menezes, que se segue. Batizado em Paripe a 6 de Junho de 1602.

D. Micia de Menezes, mulher de Paulo de Argol, a fl...

Segunda vez cozou Egas Moniz com D. Joanna, a qual faleceu a 8 de Julho de 1618, e teve filhos. Irman essa D. Joana do vigario do Socorro Francisco Pereira de Aguiar.

6. O padre João Pereira, da companhia.

7. Antonio Moniz Barreto, sacerdote.

Terceira vez cazou Egas Moniz Barreto, com D. Juliana Rangel, filha de Rafael Telles e de sua mulher Maria Rangel, que era irman do padre Antonio Rangel, da companhia, e teve filhos:

8. D. Anna de Menezes, mulher de Francisco de Barros Lobo, que fica a fl... n. 7, e ahi a sua descendencia.

9. D. Izabel, mulher de Francisco Freire de Andrade, o Xumberga, cavalleiro da ordem de Christo.

10. D. Maria, mulher de João Lobo Marinho.

11. Diogo Moniz, o Gordo, adiante.

N. 5. Francisco Barreto de Menezes, fidalgo escudeiro, filho de Egas Moniz, n. 1, e de sua primeira mulher Agueda de Lemos, cazou com D. Izabel de Aragão, filha de Melchior de Aragão (2) e de sua mulher Maria Dias, e teve filhos. Faleceu D. Izabel de Aragão a 19 de Maio de 1674, já viuva. Sepultada em S. Francisco.

12. Egas Muniz Barreto, que se segue. Batizado na sé a 22 de Agosto de 1646.

13. D. Micia, mulher de seu tio Diogo Moniz, o Gordo. Batizada a 22 de Julho de 1644.

---

(1) Fidalgo escudeiro. Faleceu a 23 de Outubro de 1646, sepultado em Camamú, onde era morador.

(2) Senhor do engenho Mataripe. Faleceu em 1669.

14. D. Agueda, mulher do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos, a fl... n. 25. Batizada a 20 de Junho de 1642.

D. Ignez de Aragão de Menezes, batizada a 4 de Setembro de 1652 no Socorro, capella de Santa Maria Mãi das Almas.

N. 12. Egas Moniz Barreto, filho de Francisco Barreto de Menezes, n. 5, foi coronel escudeiro fidalgo, cazou com D. Ignez Barbalho Bezerra, filha de Antonio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Antonia, filha de Luiz Barbalho, a fl. .., n. 4, como consta do livro dos cazamentos, na capella do Bom Jezus, a 8 de Janeiro de 1698, e teve filhos.

15. Antonio Ferreira de Souza, que se segue.

16. Francisco Barreto de Menezes, sem filhos de sua mulher D Izabel da Silva, filha do Dr. Manoel de Matos Viveiros. Batizado a 12 de Fevereiro de 1682.

17. Egas Moniz Barreto, adiante.

18. Bento Pereira de Aragão.

19. D. Izabel, mulher de Antonio Machado Velho, a fl... n. 6, e por morte d'este cazou segunda vez com o capitão Nicolau Lopes Fiuza, sem filhos. Batizada a 11 de Agosto de 1680.

N. 15. Antonio Ferreira de Souza, filho do coronel Egas Moniz Barreto, n. 12, foi escudeiro fidalgo, como seu pai, e senhor do engenho de Mataripe, cazou com D. Izabel *, filha de seu tio Diogo Moniz, o Gordo, e teve filhos:

20. Antonio Ferreira de Souza, sem geração.

21. Egas Carlos do Souza Menezes, adiante.

22. Diogo Luiz, que cazou com a filha do sargento mór Jozé Batista de Carvalho, e se desquitaram, chama-se esta D. Thereza Jozefa Maria de Jezus, e sua mãi mulher do dito sargento mór Jozé Batista de Carvalho chama-se D. Brites de Brito Faria.

N. 17. Egas Moniz Barreto, filho do coronel Egas

* Cazaram a 13 de Junho de 1706, na igreja de S. Pedro da cidade pelo seu vigario o Dr. Francisco Pinheiro Barreto.

Moniz Barreto, n. 12, cazou em Sergipe d'el-rei com D. Roza de Sá Soutomaior, filha do cap'tão Mem de Sá, a fl... n. 2, e de sua mulher D. Maria Barboza, e teve filhos.

23. O padre Gonçalo de Sá.

23. Roque Moniz Barreto, capitão, faleceu solteiro.

23· Jozé Soterio de Sá Barreto, cazado em Pernambuco com D. Apollinaria.

23. Egas Moniz Barreto, faleceu solteiro.

23. Estacio de Sá Moniz Barreto, que cazou com sua prima D. Francisca Xavier de Santa Jozefina, sua prima, filha do capitão João Telles de Menezes.

D. Ignez Moniz Barreto, cazada com seu primo o capitão Theodoro Moniz Barreto.

24. D. Joana de Sá Menezes, que cazou com seu primo o tenente-general Francisco Telles de Menezes, que mora nas Alagôas.

Nazario da Roza Sá Soutomaior, cazado.

N. 19. D. Izabel Maria de Aragão, filha do coronel Egas Moniz Barreto, n. 12, cazou (1) com Antonio Machado Velho, que foi coronel e era filho de Manoel Pereira de Góes, a fl... n 6, e ahi a sua descendencia.

N. 11. Diogo Moniz Barreto, a quem chamavam o Gordo (2), filho de Egas Moniz Barreto, n. 1, e de sua mulher, terceira, D. Juliana Rangel, cazou com D. Micia de Aragão de Menezes (3) sua sobrinha, filha de seu irmão Francisco Barreto de Menezes, n. 5, e de sua mulher D. Izabel de Aragão, e teve filhos:

26. Antonio Moniz Barreto, que se segue.

27. D. Leonor Jozefa de Menezes, segunda mulher de Gonçalo Ravasco, secretario de estado, de quem não teve filhos, e faleceu esta a 9 de Novembro de 1737.

28. D. Izabel, que cazou com o coronel Antonio Ferreira de Souza, a fl... n. 15, e ahi a sua descendencia.

29. D. Mariana, mulher do Dr. Pedro Baldes, e por

---

(1) Cazaram em 8 de Janeiro de 1698 na capella do Bom Jezus.

(2) Faleceu a 3 de Maio de 1608. Sepultado na Mizericordia a 18 de Fevereiro de 1693.

(3) Sepultado no convento de S. Francisco a 1 de Outubro, e D. Micia faleceu a 30 de Dezembro de 1691.

morte d'esse cazou (1) segunda vez com o Dr. Ignacio Barboza Machado, juiz de fóra na Bahia.

Francisco Barreto de Menezes.

Pedro Telles Barreto.

N. 26. Antonio Moniz Barreto (2), filho de Diogo Moniz Barreto, o Gordo, n. 11, foi sargento-mór, cazou com D. Maria, sua prima, filha de Francisco de Barros Lobo, a fl. .., n. 7, e de sua mulher D. Anna de Menezes, filha de Egas Moniz Barreto, escudeiro fidalgo e de sua mulher D. Juliana Rangel e teve filho :

30. Diogo Moniz Barreto, que se segue.

Matheus Moniz Barreto, que faleceu moço.

Segunda vez cazou Antonio Moniz Barreto com D. Anna de Almeida, filha do capitão Domingos Monteiro de Sá e de sua mulher, mãi dos Calmões, D. Juliana de Almeida, viuva do capitão João Calmon, o velho, e teve filhos. Cazaram em caza na freguezia da sé a 24 de Abril de 1697 : o governador D. João de Alencastro foi testimunha do cazamento, João Calmon, vigario geral, os recebeu.

32. Francisco Barreto, que foi capitão. Sem filhos em Sergipe d'el-rei.

N. 30. Diogo Moniz Barreto, filho do sargento-mór Antonio Moniz Barreto, n. 26. Cazou com D. Maria Jozefa, filha de Antonio de Faria Severim, e teve filhos, e de sua mulher D. Luzia de Menezes, filha de Antonio Moreira da Gamboa, a pag... n. 11.

32. Antonio Pedro Moniz Barreto e D. Maria Lima.

N. 21. Egas Carlos de Souza de Menezes, filho de Antonio Ferreira de Souza, n. 15, e de sua mulher D. Izabel, cazou com D. Maria Francisca da Conceição, filha de Antonio Machado Velho, a fl... n. 9, e de sua mulher D. Antonia Maria de Menezes, e teve filho:

32. Antonio Moniz de Souza Barreto, que se segue.

N. 32. Antonio Moniz de Souza, filho de Egas Carlos de Souza Menezes, n. 21, tem o fôro de fidalgo cavalleiro,

---

(1) Cazaram a 8 de Setembro de 1720.

(2) Foi fidalgo da caza real e sargento-mór. Faleceu a 17 de Junho de 1730. Sepultado em S. Francisco.

com o tem seu pai, com 1$500 de moradia e um alqueire de cevada por dia, por alvará de el-rei, de 30 de Maio de 1768. Cazou com D. Luiza Francisca Severina (1) filha de Luiz Coelho Ferreira, cavalleiro professo da ordem de Christo, e mercador na praça da Bahia, e de sua mulher D. Maria Dias do Vale.

N. 4. Antonio Moniz Telles, filho de Jeronimo Moniz Barreto (2), a fl... n. 4. e de sua segunda mulher D. Izabel, foi fidalgo escudeiro como consta do alvará de seu filho Jeronimo Moniz Barreto, que se segue, cazou com D. Christina Coutinho, e teve filhos.

33. Jeronimo Moniz Barreto, que se segue.

34. D. Izabel Telles quarta mulher de Gaspar de Araujo de Góes, a fl... n. 2, e ahi a descendencia. Batizada a 22 de Janeiro de 1646.

35. Antonio Moniz Telles.

37. D. Francisca Coutinho, segunda mulher de Pedro Baldes Barboza a fl... Batizada em Paripe a 1 de Outubro de 1637.

38. D. Maria Telles, segunda mulher de Pascoal de Freitas Pimentel, a fl..., e depois do capitão Manoel de Quadros Gregorio. ( )

39. D. Thereza Moniz Telles, mulher de Geraldo Baldes Leitão, com filhos, a fl... Batizada a 24 de Maio de 1657.

N. 33. Jeronimo Moniz Barreto, filho de Antonio Moniz Telles, n. 4, e de sua mulher D. Christina Coutinho foi fidalgo escudeiro, como seo pai, cazou com D. Maria de Souza (4), filha do dezembargador João de Góes de Araujo e de sua mulher D. Catharina de Souza a fl... n. 1, e teve filhos:

40. D. Thereza Catharina de Souza, mulher do tenente coronel Nicoláo Carvalho Pinheiro, a fl... n. 14, e ahi o mais.

41. D. Francisca de Menezes.

---

(1) Cazaram a 21 de Janeiro de 1769,

(2) Cazaram na freguezia dos Ilhéos a 10 de Agosto de 1633.

(3) Cazados a 21 de Junho de 1713.

(4) Faleceu esta D. Maria a 22 de Maio de 1650; sepultada na matriz.

João de Góes de Araujo.

Eu el rei faço saber a vos D. João da Silva, Marquez de Gouvea, Conde de Portalegre, meu muito amado sobrinho, do meu conselho de estado, e meu mordomo-mór, que hei por bem, e me praz fazer mercê a Jeronimo Moniz Barreto, natural da cidade da Bahia, filho de Antonio Moniz Telles, fidalgo da minha caza, e neto de Jeronimo Moniz Barreto, de o tomar no mesmo fôro de fidalgo d'ella, com 1$500 reis de moradia por mez, de fidalgo escudeiro d'ella e um alqueire de cevada por dia paga segundo o ordinario e é o fôro e moradia, que pelo dito seu pai lhe pertence; mando-vos, que o façaes assentar no livro da matricula dos moradores da minha caza, no titulo dos fidalgos escudeiros com a dita moradia e cevada. Manoel Ribeiro Monteiro a fez em Lisbôa a 16 de Fevereiro de 1684. Manoel Leitão de Andrade a fez escrever.—*Rei*.

N. 3. D. Francisca Coutinho, filha de Antonio Moniz Telles, n. 4, e de sua mulher D. Christina Coutinho, (1) foi segunda mulher de Pedro Baldes Barboza, viuvo, e filho do sargento-mór Justo Baldes e de sua mulher D. Leonor, teve filhos:

42. Geraldo Baldez Leitão, que se segue.

N. Geraldo Baldez Leitão, filho de Pedro Baldez Barboza, acima, e de sua segunda mulher D. Francisca Coutinho, cazou com D. Thereza Moniz Telles (2), filha de Antonio Moniz Telles, n. 4, e de sua mulher D. Christina e teve filha:

N. 3. D. Francisca de Menezes, filha de Jeronimo Moniz Barretto, o velho, fl... n. 3. e de sua primeira mulher D. Micia Lobo de Mendonça, cazou com Domingos Barboza de Amorim,(3) natural de Ponte de Lima, filho de Baltazar de Amorim e de sua mulher Ignez Rodrigues, e teve filhos.

43. D. Angela de Menezes, mulher de Alvaro de Souza Basto, e faleceu sem successão a 26 de Janeiro

(1) Cazaram a freguezia de Socorro a 3 de Fevereiro de 1675.

(2) Cazaram a 20 de Novembro de 1679. Soccorro.

(3) Cazaram em Paripe a 20 de Janeiro de 1606; e faleceu ella a 20 de Junho de 1626. Sepultada em S. Francisco.

de 1667; foi baptizada a 15 de Julho de 1607, e cazada a 6 de Novembro de 1633.

44. D. Maria de Menezes, mulher de Estevão de Aguiar, o Gago; a fl... n. 4, e teve filhos ahi; batizada a 31 de Março de 1610.

45. Jeronimo Moniz Barreto, que se segue. Batizado a 30 de Março de 1613 em Matuim.

46. Baltazar de Amorim Barboza.

47. Antonio Moniz Barreto, segundo testamenteiro de sua irman D. Angela.

N. 43. Jeronimo Moniz Barreto, filho de Domingos Barboza de Amorim e de sua mulher D. Francisca de Menezes, n.3, cazou com D. Maria de Azevedo Teixeira *, filha de Manoel de Azevedo Teixeira e de sua mulher Izabel Soares, filha esta de Gaspar Pereira, de Paripe e de sua mulher D. Maria Soares, e teve filhos. Faleceu esta D. Maria, mulher d'este Jeronimo Moniz a 22 de Maio de 1650; sepultada na matriz.

48. Domingos Barboza de Amorim. Batizado a 30 de Junho de 1641.

49. D. Antonia de Menezes, cazou, e faleceu sem sucessão, e deixou a seu pai por herdeiro. Batizada a 23 de Setembro de 1643.

50. Manoel Telles Barreto faleceu a 28 de Outubro de 1692 batizado a 29 de Março de 1645.

51. D. Francisca Telles, mulher do capitão Diogo Lopes Franco, o moço.

52. D. Joana Telles. Batizada a 5 de Janeiro de 1648.

53. D. Angela de Menezes, batizada a 7 de Janeiro de 1649.

54. D. Izabel Telles, segunda mulher do coronel Baltazar dos Reis Barrenho, cazados a 11 de Dezembro de 1674, e era já viuvo de D. Anna de Souza, diz o termo d'este cazamento.

---

* Cazaram a 2 de Setembro de 1635, na capella de S. Jeronimo do Utum de Matuim.

Segunda vez cazou Jeronimo Moniz Barreto n. 43, com D. Ignacia de Almeida Serrão (1), viuva de Leopoldo João de Azevedo, e teve filhos:

53. Antonio Moniz Barreto, que cazou com D. Izabel de Vargas, filha do sargento-mór Miguel de Vargas Cirne, a fl. .., n. 3; e teve um filho Antonio, que faleceu menino.

56. D. Branca Telles.

N. 4. Francisco Moniz de Menezes (2), filho de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, fl. .., n. 3, e de sua segunda mulher D. Izabel de Lemos, foi fidalgo da caza real, e cazou com D. Maria Lobo de Mendonça, filha de Manoel de Freitas do Amaral e de sua mulher D. Victoria de Barros, a fl. .. n. 6, e teve filhos:

57. D. Victoria de Menezes, que se segue.

58. Jeronimo Moniz Barreto, cazado com Thereza de Souza.

N. 57. D. Victoria de Menezes, filha de Francisco Moniz de Menezes, n. 44, e de sua mulher D. Maria Lobo de Mendonça, cazou com Vasco de Souza (3), filho de Manoel de Paredes, a fl..., teve filhos:

59. Francisco Moniz de Souza, que se segue.

60. D. Angela de Souza, mulher de Thomé Pereira de Menezes, a fl. .. n. 9, sem filhos.

D. Maria, e D. Anna, que faleceu solteira com 90 annos.

N. 59. Francisco Moniz de Souza, filho de Victoria de Menezes e de seu marido primeiro Vasco de Souza, cazou com D. Izabel Soares de Abreu (4), filha do capitão João Leitão de Faria, (irmão do mestre escola da sé da Bahia e provizor Antonio de Faria Leitão) e de sua mulher D. Mariana de Araujo. De sua mulher D. Izabel

(1) Cazaram a 2 de Maio de 1651 na Freguezia de S. Agostinho de Iguape; e faleceu a 27 de Março de 1678, sepultada no convento de S. Francisco da Bahia, onde faleceu: testamenteiro seu filho Antonio Moniz e seu cunhado Antonio Moniz Barreto.

(2) Faleceu a 1 de Abril de 1674, sepultado na capella-mór da Mizericordia na sepultura de seu avo Francisco.

(3) Cazaram no Socorro a 30 de Abril de 1658. Cazou segunda vez com Jeronimo da Cruz, a 14 de Agosto de 1670.

(4) Cazaram a 21 de Abril de 1687 na sé.

Soares não teve Francisco Moniz de Souza filhos, mas bastardos teve :

61. Luiz Moniz de Souza.

D. Anna de Lemos, filha da segunda mulher de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, que foi D. Izabel de Lemos, cazou com Christovão Rabelo de Macedo, (*) e teve filhos:

1. Matheus Pereira de Azevedo, que se segue.

2. D. Perpetua de Menezes, adiante.

3. Maria de Menezes, mulher de Diogo Barreto Cêa.

4. Miguel Moniz Barreto, ao depois.

5. D. Joana de Menezes, mulher do capitão João Pinto da Fonseca Goes.

6. Christovão Rabelo de Azevedo.

7. D. Margarida de Menezes.

N. 1. Matheus Pereira de Azevedo, filho de D. Anna de Lemos e de seo marido Pacheco e Christovão Rabelo de Azevedo, cazou com D. Antonia de Goes, filhos:

8. Matheus Pacheco de Azevedo. Batizado a 31 de Maio de 1655.

9. D. Apolonia de Menezes. Batizada a 9 de Julho de 1651.

10. Jozé Moniz Telles.

11. D. Thereza de Menezes. Batizada a 15 de Agosto de 1658.

12 D. Luzia de Menezes, cazada com Francisco de Almeida Sarmento. Batizada em 1661.

13. D. Anna de Goes, que se segue.

14 D. Maria de Goes Menezes, mulher de Antonio Corrêa de Figueiredo.

15. João Pinto de Faria.

16. D. Joana de Menezes.

N. 13. D. Anna de Goes, filha de Matheus Pacheco de Azevedo e de sua mulher D. Antonia de Goes, cazou com Ignacio Furtado de Mendonça.

D. Maria. Batizada a 9 de Março de 1675.

(*) Faleceu este Christovão Rabelo em Dezembro de 1641. Sepultou-se na igreja do Socorro.

N. 2. D. Perpetua de Menezes, filha de D. Anna de Lemos e de seu marido Christovão Rabelo de Azevedo, cazou com Belchior Dias de Avila. (1)

Jeronimo Moniz Barreto, cazado com D. Sebastiana de Araujo e morador no Rio-Real.

Antonio Moniz de Menezes

D. Maria de Menezes, mulher de Carlos Preto Dornellas.

N. 4. Miguel Moniz Barreto, filho de Anna de Lemos e de seu marido Christovão Rabelo de Azevedo, foi fidalgo da caza real, e cazou com D. Ursula do Rego, (2) filha de Sebastião Paes e de sua primeira mulher Izabel de Azevedo, e teve filhos.

D. Izabel de Menezes, que se segue. Batizada a 9 de Outubro de 1653 no Socorro.

Miguel Moniz Barreto. Baptizado a 10 de Maio de 1656.

João Baptista Moniz, cazado com sua prima, filha de Antonio da Fonseca Saraiva e de sua mulher D. Francisca Menezes. Batizado a 30 de Junho de 1659.

Jozé Telles de Menezes, cazado com D. Mariana de Menezes. Batizado a 29 de Maio de 1661.

D. Mariana de Menezes. Batizada a 22 de Dezembro de 1662.

D. Anna Paes de Azevedo, mulher de Francisco de de Sá de Betencourt. Batizada a 18 de Junho de 1668.

D. Maria de Menezes. Batizada a 6 de Maio de 1671

D. Izabel de Menezes, filha de Miguel Moniz Barreto e de sua mulher D. Ursula do Rego, cazou com o capitão João Borges David, (3) natural da Bahia, filho do capitão Gaspar Borges David e de sua mulher D. Antonia de Castro; teve filha unica :

D. Antonia de Menezes. Batizada a 22 de Maio de 1673.

---

(1) Cazaram a 15 de Fevereiro de 1613. Socorro.
(2) Cazaram a 8 de Setembro de 1652, na capella de S. Luzia de Cotegipe.
(3) Cazaram a 22 de Janeiro de 1631. Socorro.

N. .. Miguel Telles de Menezes, filho de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, e de sua segunda mulher D. Izabel de Lemos Palha, foi fidalgo da caza real, cazou com D. Joana de Sá de Betencourt, filha de Christovão de Sá de Betencourt, e de sua mulher Francisca Barboza, filha esta de Baltazar Barboza de Araujo, de Ponte de Lima, e de sua mulher Catharina Alvares ; teve filhas :

D. Izabel de Lemos, terceira mulher de Domingos Maciel Teixeira, (1) e depois de Germão Botello.

D. Francisca de Menezes, (2) cazada com Antonio da Fonseca Saraiva. Batizada na Sé a 11 de Outubro de 1620.

D. Madaglena de Menezes, mulher de Damião Pinheiro de Mendonça.

De seu marido Domingos Maciel Teixeira teve D. Izabel de Lemos um filho por nome Thomé, batizado na capella da Trindade a 23 de Setembro de 1646, o qual Thomé faleceu sete mezes depois da morte de seu pai.

Christovão de Sá de Betencourt foi cazado com Francisca Barboza, filha de Baltazar Barboza de Araujo e de sua mulher Catharina Alvares, a fl. .. n. 1 ; e teve filha :

1. D. Joana de Sá de Betencourt, cazada com Miguel Telles de Menezes, acima.

N. 1. Diogo Moniz Telles (2), filho de Henrique Moniz Barreto, ou Telles, como se acha em varios assentos de batizados e cazamentos, além do que já d'este fica assentado á pag. ... n. 7, achamos em outros papeis, que foi cazado segunda vez com D. Felippa de Almeida, filha de Manoel de Almeida Lobato e de sua mulher D. Felippa Cordeiro Aires, filha de Antonio Cordeiro Aires e de sua mulher D. Izabel do Rego, e não teve sucessão d'esta. Faleceu ella a 15 de Setembro de 1646, sepultada na igreja do collegio.

Tambem é de notar, que escrevendo nós no lugar já

---

(1) Cazaram a 10 de Janeiro de 1641, no Socorro.

(2) Faleceu este Diogo Moniz a 25 de Dezembro de 1657, sepultado no collegio. E D. Catharina sua mulher faleceu a 13 de Agosto de 1635, sepultada em S. Francisco.

citado a pag. .., que da sua primeira mulher D. Catharina Victoria, que era filha de Manoel Gomes Victoria e de sua terceira mulher Branca Serra, ou Serrão, fóra os dous filhos que lá se diz, que fôrão Antonio Moniz Telles e D. Branca Telles, teve mais os seguintes:

3. Henrique Moniz Telles, cazado com D. Izabel de Almeida, sem filhos.

4. D. Antonia de Menezes, mulher de Francisco da Rocha de Sá, com filhos.

5. D. Leonor Telles, mulher do capitão João Mendes de Vasconcellos.

6. D. Marianna Telles, primeira mulher de Luiz Alvares Franco, adiante.

7. D. Branca Telles, mulher de Amaro Homem de Almeida.

8. Manoel Telles, cazado em Angola, sem filhos.

9. Cosme Moniz, que faleceu no Algarve.

10. Bartolomeu Moniz, cazado com D. Arcangela da Lomba, com filha.

N. 14. Manoel Telles Barreto, filho primeiro de Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Catharina de Sá, foi fidalgo da caza real, e cazou com sua sobrinha D. Francisca Lins de Vasconcellos, filha de Constantino Lins, a fl. ... n. 6, e ahi como se diz.

N. 5. D. Leonor Telles, filha do capitão Diogo Moniz Telles e de D. Catharina Victoria, primeira mulher, cazou com o capitão João Menezes de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Santiago, natural da ilha da Madeira, filho de João Menezes Delgado e de sua mulher Constança de Mendonça de Vasconcellos, e teve filhos:

11. D. Catharina de Vasconcellos, mulher do capitão João Nunes Pita.

12. João Mendes de Vasconcellos.

13, Diogo Moniz Telles, capitão, cazado com D. Izabel de Almeida.

N. 11. D. Catharina de Vasconcellos, filha de D. Leonor Telles, acima, cazou com o capitão João Nunes Pita, natural da Bahia, filho de Sebastião Martins Brandão e de sua mulher D. Maria das Neves, e teve filha:

14. D. Maria de Vasconcellos.

D. Marianna Telles, filha do capitão Diogo Moniz Telles e de sua primeira mulher D. Catharina Victoria, cazou com Elias Alvares Franco, e teve filhos:

15. Diogo Lopes Franco, cazado com D. Francisca Telles, sua prima.

16. D. Joana Telles, que se segue:

17. Jozé Telles Barretto, cazado com D. Ursula da Rocha.

N. 16. D. Joana Telles, acima, cazou com o sargento-mór João de Couros Carneiro, escrivão da camara da Bahia, e teve filhos:

18. Manoel Paiva de Vasconcellos.

Maria Caetana, abadeça, Catharina do Monte Sinai e Pascoa da Resurreição, freiras no Desterro.

19. João de Couros Carneiro.

TELLES

Com os quaes se acham enlaçados Barretos, Menezes e Monizes.

Rafael Telles, natural da ilha da Madeira, filho de Antonio Fernandes de Abreu e de sua mulher Maria de Gouvêa, passou á Bahia, e ahi cazou com Maria Rangel, * filha de Miguel Ribeiro e de sua mulher Marta Villela, pessoas opulentas em cabedal: teve Rafael Telles de sua mulher os filhos seguintes:

1. Maria Rangel, que se segue. Batizada na sé a 15 de Abril de 1585.

2. Joana Telles, adiante.

3. D. Juliana Rangel, terceira mulher de Egas Moniz Barreto, a pag. .. n. 1 e seguinte.

4. D. Izabel Telles, mulher de Christovão de Aguiar Daltro, sem sucessão, a pag. ..

5. Francisco Telles, batizado a 6 de Dezembro de 1593.

6. Antonio Rangel, religiozo da companhia. Batizado a 22 de Abril de 1595.

(*) Cazaram na sé a 6 de Janeiro de 1583.

Segunda vez cazou Rafael Telles com D. Micia de Armas, viuva de Belchior de Souza Dormando, e filha de Luiz de Armas e de sua mulher Catharina Jacques, pessoas nobres e principaes da Bahia, e d'este segundo matrimonio não teve sucessão.

N. 1 D. Maria Rangel, filha de Rafael Telles, acima, e de sua mulher Maria Rangel, cazou com André de Padilha de Barros, natural de Portugal, o qual havia passado ao Brazil no anno de 1589, e foi capitão de infantaria nas guerras dos Olandezes, fidalgo cavalleiro da ordem de Christo, teve filhas:

7. Marta Rangel, que se segue.

8. Izabel Pereira de Magalhães, cazada com Rodrigo de Argolo, e a sua descendencia vai a pag. .. n. 7.

9. Maria Telles de Padilha, cazada com Vicente Rangel de Macedo.

N. 7. Marta Rangel, filha de Maria Rangel, n. 1, e de seu marido André de Padilha de Barros, cazou a furto e contra a vontade de seus pais * com Christovão de Leão Camello, filho de Francisco Teixeira Soares, mestre de assucar do engenho de Baltazar Lobo, e de sua mulher D. Beatriz de Leão, que era filha de Christovão de Leão Camello, e teve filhos:

10. Joana Telles de Magalhães, que se segue. Batizada a 3 de Julho de 1646, pelo vigario Diogo Coelho.

11. Beatriz Telles de Magalhães, cazada com Rafael Pessoa da Gama, batizada a 29 de Setembro de 1648.

12. Antonio Telles de Magalhães, cazado com Izabel da Silva, batizado a 28 de Agosto de 1650.

13. Izabel Telles de Magalhães, cazada com Antonio de Almeida, batizado a 28 de Março de 1653.

14. André de Padilha de Magalhães, cazado com Clara da Gama, filha de Antonio Pessoa e de sua mulher Maria da Silva, cazaram a 30 de Janeiro de 1690.

N. 10. Joana Telles de Magalhães, filha de Marta

---

* Foi recebida na sé a 12 de Dezembro de 1610 por ordem do senhor bispo D. Pedro da Silva, por se haver auzentado da caza de seus pais, e foram receber as bençães na freguezia do Socorro em Abril de 1641 pelo vigario Francisco Pereira de Aguiar.

Rangel e de seu marido Christovão de Leão Camello, cazou com Euzebio Teixeira (1), e teve filhos.

15. Maria Telles, mulher de Domingos da Mota.

16. Antonio Telles de Magalhães, batizado a 20 de Junho de 1672.

17. Ignacio Teixeira de Magalhães.

18. Manoel Telles.

19. Anna Pereira, cazada com Antonio Ferreira Feio.

20. Beatriz Telles de Magalhães, mulher de Domingos de Araujo.

21. Joana Telles de Magalhães.

N. 19. Anna Pereira, filha de Joana Telles de Magalhães, n. 10, e de seu marido Euzebio Teixeira, cazou com Antonio Ferreira Feio e teve filho :

22. Antonio Ferreira Feio, que cazou com sua prima D. Ursula de Almeida.

N. 2 Joana Telles, filha de Rafael Telle e de sua mulher Maria Rangel, cazou duas vezes, uma com o capitão Francisco de Padilha, do qual não achamos mais noticia. Segunda vez cazou com João Borges de Escobar, natural da villa de Bemposta, termo do bispado de Miranda, filho de João Borges de Escobar e de sua mulher Leonor de Aguirre ; de seu segundo marido teve Joanna Telles filha :

23. D. Leonor Telles, que cazou com Francisco Carvalho Pinheiro, a fl. .. n. 6, e ahi a sua descendencia. Foi batizada esta D. Leonor Telles ao 1º de Agosto de 1633. Padrinho o governador Diogo Luiz de Oliveira.

Francisco Moniz Barreto (2), filho do capitão Miguel Telles Barreto e de sua mulher D. Jeronima Corrêa, foi cazado tres vezes; a primeira com D. Antonia de Menezes, filha de Manoel Telles de Menezes e de sua mulher D. Izabel de Mariz, e teve filhos.

D. Angela de Menezes, cazada com o capitão Roberto da Silva Henriques Baldes.

D. Jeronima de Menezes, cazada.

---

(1) Cazaram na freguezia do Socorro.
(2) Faleceu em Julho de 1688.

Segunda vez cazou com D. Francisca de Araujo, filha de Fernão Pereira do Lago e de sua mulher Sebastiana de Queiroz, e teve filho:

Egas Moniz Barreto, cazado com D. Ignez Telles.

Terceira vez cazou com D. Maria Telles, filha de Francisco Moniz Telles e de sua mulher D. Izabel Garcia, e teve filhos:

D. Maria de Menezes.

Francisco Barreto de Sá.

ARGOLOS

Rodrigo de Argolo foi um nobre castelhano, que passou á Bahia nos principios da sua fundação, e n'ella cazou com Joana Barboza Lobo, uma das trez irmans orfans, filhas de Baltazar Lobo de Souza, que faleceu na carreira da India, as quaes trez irmans, com outras mais, tambem orfans e filhas de pessoas nobres, mandou a rainha D. Catharina, mulher do Sr. rei D. João III, no anno de 1551, na armada de que era capitão de mar e guerra Antonio de Oliveira de Carvalhal, que foi o primeiro alcaide-mór da Bahia, e vieram a entregar estas orfans ao governador Thomé de Souza, primeiro que no anno de 1549 veio fundar esta cidade, mudando-a da Villa Velha do Pereira para onde agora está, recommendando el-rei e a rainha ao dito governador cazasse as taes donzellas com as pessoas principaes que houvesse na terra, e assim com o tal Rodrigo de Argolo, acima, que n'esta mesma ocazião, com o governador Thomé de Souza, ou na propria armada do Oliveira veio á Bahia cazou o governador a D. Joana Barboza, a qual e suas duas irmans, nomeadas a fl... dizem as memorias, que d'ellas tratam, eram sobrinhas do Conde de Sortella. Foi este Rodrigo Argolo provedor da alfandega da nova cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, por mercê do Sr. rei D. João III, por cazar com a sobredita D. Joana Barboza, da qual teve os filhos seguintes:

1. Paulo de Argolo, que se segue.

2. D. Ignez, (1) mulher de Jacome Raimundo.

3. D. Anna de Argolo, (2) mulher de João de Brito, sem filhos.

4. D. Maria de Argolo, cazada com Antonio Ribeiro adiante, a fl...

N. 1. Paulo de Argolo (3), filho de Rodrigo de Argolo, Castelhano, e de sua mulher D. Joana Barboza Lobo, foi provedor da alfandega da Bahia, e cazou com D. Felicia Lobo, sua prima, filha de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher Catharina Lobo de Barboza de Almeida, e era a dita Felicia Lobo irman de D. Joana Barboza, mãi d'este Paulo de Argolo, e mulher de seu pai Rodrigo de Argolo, Castelhano. A dita Felicia Lobo era já viuva de Pedro Dias, mercador rico, a fl..., teve filhos.

5. D. Joana de Argolo (4), que cazou duas vezes; a primeira com o dezembargador Francisco Subtil de Siqueira, a fl...

Segunda vez cazou com o Dr. Sebastião Parui de Brito, a fl. ... e ahi a sua descendencia.

6. Paulo de Argolo (5) que cazou com D. Micia Lobo de Mendonça (6), filha de Egas Moniz Barreto, filho de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, e de sua primeira mulher D. Micia Lobo de Mendonça. E' cazado este Egas Moniz Barreto a primeira vez com D. Agueda de Lemos, de quem foi filha esta Micia Lobo de Mendonça, mulher d'esse Paulo de Argolo, veja-se a fl... n....

7. Rodrigo de Argolo, que se segue.

N. 7. Rodrigo de Argolo, filho de Paulo de Argolo e de sua mulher Felicia Lobo, (7) cazou com Izabel Pereira de Magalhães, filha do capitão André de Padilha e de

---

(1) Faleceu a 11 de Setembro de 1605, sepultada em S. Francisco.

(2) Cazou a 21 de Novembro de 1552.

(3) Faleceu este Paulo de Argolo a 12 de Janeiro de 1619. Testamenteiros sua mulher Felicia Lobo e seu enteado Baltazar Lobo, filho de Pedro Dias.

(4) Faleceu esta a 18 de Janeiro de 1626, ás 8 horas da noite, sepultada em S. Francisco.

(5) Batizado na sé a 7 de Junho de 1601.

(6) E cazou com esta D. Micia a 25 de Novembro de 1621.

(7) Cazou no Socorro em Julho de 1642, e a 28 do dito recebeu as bençãos; faleceu em 1665.

sua mulher Maria Rangel, filha esta de Rafael Telles e de sua mulher D. Maria Rangel, e teve filhos.

8. Rodrigo de Argolo, clerigo de ordens sacras. Batizado em Jaguaripe a 30 de Abril de 1643.

9. Francisco de Padilha.

10. Paulo de Argolo, que se segue. Batizado no Socorro a 30 de Maio de 1646.

11. Filicia Lobo. Batizada a 19 de Novembro de 1647.

12. Mariana Pereira, soror. Batizada a 5 de Junho de 1649.

13. D. Anna Argolo, mulher do capitão Antonio Moreira de Menezes, a fl... Batizada a 19 de Fevereiro de 1650.

14. D. Joana Telles de Menezes, mulher do licenciado Bartolomeu Soares, sem filhos. Batizada a 9 de Março de 1654.

15. Paulo, que faleceu de 10 annos. Batizado a 20 de Agosto de 1654.

N. 10. Paulo de Argolo, filho de Rodrigo de Argolo, n. 7., e de sua mulher D. Izabel Pereira de Magalhães, cazou com D. Ignez de Gusmão, * filha de Miguel Rodrigues de Gusmão e de sua mulher D. Maria de Souza, que, por morte d'esse seu marido Miguel Rodrigues de Gusmão, cazou segunda vez a tal D. Maria de Souza com Sebastião Moniz, filho de Martim Affonso de Mendonça, a fl... n. 13, e a tal D. Maria de Souza era filha de Francisco Barreto e de D. Clara de Souza, a fl..., teve filhos:

16. Jozé de Argolo de Gusmão, que faleceu solteiro.

17. D. Joana de Argolo, cazada com João Pereira Barboza, adiante a fl...

18. Paulo de Argolo, cazado com D. Leonor Francisca, a fl... Baptizado na capella de Cinco-Rios a 16 de Junho de 1708.

19. João de Teive de Argolo, cazado com D. Joaquina de Almeida, a fl... Baptizado na dita capella a 6 de Setembro de 1711.

---

* Cazou na Copacabana a 18 de Fevereiro de 1692.

N. 18. Paulo de Argolo,filho de Paulo de Argolo, n. 10,e de sua mulher D.Ignez de Gusmão,foi senhor do engenho de Cinco-Rios, e cazou com D. Leonor Francisca de Araujo Queiroz, filha do capitão Antonio Gonçalves da Rocha, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza de Queiroz Araujo (1), e teve filhos, vide fl...

20. Miguel Jeronimo de Argolo.

21. Francisco de Argolo.

22. Jozé de Argolo.

23. Paulo de Argolo.

24. D. Francisca.

25. D. Maria, D. Ignez, D. Maria Roza.

26. D. Antonia.

27. D. Luiza Clara de Queiroz, segunda mulher do dezembargador adiante.

28. D. Anna, D. Antonia, D. Clara, D. Leonor.

N. 19. João de Teive, filho de Paulo Argolo, n.10, e de sua mulher D. Ignez de Gusmão, cazou com D. Anna Joaquina de Almeida, viuva de Luiz Barbalho de Negreiros Corte-Real, e filha do capitão André Marques, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Izabel de Almeida, e teve filho :

29. Paulino.

N. 21. D. Luiza Clara de Queiroz, filha de Paulo de Argolo, n. 18, e de sua mulher D. Leonor Francisca de Queiroz, é segunda mulher do dezembagador Bernardino Falcão de Gouvêa,cavalleiro professo naordem deChristo.

ARGOLO RIBEIRO

N. 14. Antonio Ribeiro, de quem não achamos mais noticia de que no livro antigo dos cazamentos da sé, que cazou a 5 de Novembro de 1556 com Maria de Argolo, n. 4 (2), a qual era filha do primeiro Rodrigo de Argolo, Castelhano. De sua mulher Maria de Argolo teve Antonio Ribeiro filhos :

---

(1) Faleceu esta D. Luiza de Queiroz a 23 de Agosto de 1773.

(2) Faleceu esta Maria de Argolo a 11 de Fevereiro de 1602. Testamenteiro seu filho Bernardo Ribeiro. Sepultada em S. Bento.

30. Bernardo Ribeiro. Baptizado na sé a 20 de Agosto de 1562.

31. Agostinho Ribeiro. Baptizado na sé a 4 de Março de 1564.

N. 4. Maria de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo, o primeiro, e de sua mulher D. Joana Barboza, cazou com Antonio Ribeiro (1), que tambem serviu de provedor e juiz da alfandega da Bahia, e teve filhos:

1. Joana Barboza, que se segue. Baptizada na sé a 10 de Março de 1558. Padrinho o governador D. Duarte, etc.

2. D. Elena de Argolo, cazada com Manoel de Sá Soutomaior. Baptizada na sé a 7 de Junho de 1560.

3. Bernardo Ribeiro. Baptizado a 21 de Agosto de 1562.

4. D. Agostinho Ribeiro, bispo de Ceuta. Baptizado a 4 de Março de 1564.

N. 1. D. Joana Barboza (2), filha de Maria de Argolo e de seu marido Antonio Ribeiro, cazou com Diogo Corrêa de Sande, natural de Portugal, da caza dos Corrêas de Sa, tronco dos viscondes de Asseca, e teve filhos :

5. André Corrêa de Sande.

6. Antonio Ribeiro.

7. D. Maria de Argolo.

8. D. Leonor Corrêa de Sande.

9. D. Luiza de Sande.

10. Pedro Corrêa.

11. D. Catharina de Sande de Andrade, que se segue.

N. 11. Catharina de Sande, filha de D. Joana Barboza, n. 1, e de seu marido Diogo Corrêa de Sande, foi segunda mulher de Sebastião Pacheco de Castro, e teve filha:

12. D. Clara de Sande, que se segue.

N. 12. D. Clara de Sande, filha unica de D. Catharina de Sande e de seu marido Sebastião Pacheco de Castro, cazou com o capitão Francisco Fernandes da Ilha.

---

(1) Cazou na sé a 5 de Novembro de 1556. Testimunhas o governador D. Duarte da Costa, seu filho D. Alvaro e Maria Lobo, mulher de Francisco Bicudo ; e faleceu ella a 11 de Fevereiro de 1602. Sepultada em S. Bento. Testamenteiro seu filho Bernardo Ribeiro.

(2) Faleceu esta no anno de 1598. Sepultada no collegio.

ARAUJO, BARBOZA

Antonio Barboza de Araujo, cazado com D. Monica de Menezes, natural de Iguape, freguezia de Santiago, teve filho:

1. João Pereira Barboza, que se segue

N. 1. João Pereira Barboza, filho de Antonio Barboza de Araujo e de sua mulher D. Monica de Menezes, foi cazado com D. Joana de Argolo de Gusmão,* filha Paulo de Argolo, n. 10, fl..., e de sua mulher D. Ignez de Gusmão.

ARGOLOS E MOREIRAS

N. 13 D. Anna de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo, n. 7, e de sua mulher Izabel Pereira de Menezes, cazou com o capitão Antonio Moreira de Menezes, filho de Antonio Moreira de Gambôa, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Antonia do Menezes a fl..., e teve filhos:

1. Jozé de Argolo de Menezes, que se segue.
2. Bartolomeu de Argolo de Menezes, depois.
3. Vicente de Argolo de Menezes, adiante.
4. Manoel Telles de Menezes, ao depois.
5. Rodrigo de Argolo, que morreu com ordens sacras.
6. D. Elena Maria de Argolo, cazada duas vezes, a primeira com Bartolomeo Soares, a fl., a segunda com Francisco de Negreiros Côrte-Real, a fl... Batizada a 29 de Junho de 1672.
7. D. Antonia de Argolo, cazada com João Pereira Coronel, e depois com Baltazar de Vasconcellos, e de nenhum teve sucessão. Batizada no Socorro a 31 de Julho de 1675.
8. D. Ignez de Argolo, cazada em Sergipe d'el-rei com Theodozio de Sá Brandão, sem filhos.

N. 1. Jozé de Argolo de Menezes, filho de D. Anna de Argolo e de seo marido o capitão Antonio Moreira de Menezes, foi cazado duas vezes; a primeira com D.

* Cazaram a 27 de Fevereiro de 1729.

Francisca de Menezes, (1) filha de Antonio Barboza de Araujo e de sua mulher D. Monica Serrão de Menezes, tiveram filhos :

9. João de Argolo de Menezes, cazado com D. Fé de Souza na villa do Cairú, dos Eças e Couros, sem successão.

10. Antonio Moreira, que faleceu solteiro.

Segunda vez cazou Jozé de Argolo de Menezes com D. Catharina Poncina Bezerra de Vargas Cirne, (2) filha do capitão de cavallaria Miguel Bezerra, e cavalleiro da ordem de Christo, filho de André Fernandez Bezerra e de D. Marta de Cortes, filha do capitão Affonso Vaz Corte e de sua mulher D. Maria de Vargas Cirne, filha do sargento-mór Manoel de Vargas Cirne, fidalgo conhecido, e de sua mulher D. Anna Pereira, filha do capitão Lazaro Lopes Sueiro, dos Sueiros do Minho. De sua segunda mulher D. Catharina teve Jozé de Argolo os filhos seguintes :

11. Simão Manoel de Argolo, que se segue. Batizado a 28 de Dezembro de 1730.

12. Jozé de Argolo de Menezes, solteiro. Batizado a 15 de Abril de 1731, no Monte.

13. D. Maria de Vargas Cirne, adiante.

N. 11. Simão Manoel de Argolo de Menezes, filho de Jozé de Argolo de Menezes, n. 1, e de sua segunda mulher D. Catharina, cazou com D. Clara Maria da Encarnação, filha do sargento-mór Antonio da Costa Coelho e de sua mulher D. Agueda Luiza Gomes de Lima, e teve filhos :

14. Thomaz de Argolo de Menezes.

15. Jozé de Argolo de Menezes.

16. D. Roza Maria de Argolo.

17. D. Clara Maria de Argolo.

N. 13. D. Maria de Argolo, ou Vargas Cirne, filha de Jozé de Argolo de Menezes, n. 1, e de sua

---

(1) Cazaram a 4 de Junho de 1710, dispensados no 3.° gráo de consanguinidade em Guadalupe.

(2) Cazaram a 8 de Janeiro de 1727 na capella de S. Domingos.

segunda mulher, cazou com o guarda-mór Bernardo da Silveira de Menezes, cavalleiro da ordem de Christo, e teve filhos :

18. D. Anna de Menezes.

19. Caetano Jozé.

N. 2. Bartolomeo de Argolo de Menezes, filho de D. Anna de Argolo, n. 13, e de seo marido o capitão Antonio Moreira do Menezes, cazou com D. Antonia Izidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, * filha do capitão Miguel Bezerra, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Vargas Cirne, e d'esta sua mulher teve filhos :

20. Frei João deArgolo, carmelita calçado na Bahia.

21. Rodrigo de Argolo Vargas Cirne, que se segue.

22. D. Anna, que faleceu solteira a 13 de Maio de 1731.

23. D. Elena Maria. Batizada a 7 de Novembro de 1729.

24. D. Roza, que faleceu a 8 de Setembro de 1733.

Segunda vez cazou Bartolomeu de Argolo com D. Agueda Luiza Gomes de Lima, filha do capitão Manoel Rodrigues Brandão e de sua mulher D. Maria Rebouça, e era a tal D. Agueda Luiza viuva do sargento-mór Antonio da Costa Coelho, e teve filhos :

25. Pedro de Argolo de Menezes, cazado com D. Jozefa Maria. Batizado a 2 de Setembro do 1734.

26. Victorino de Argolo de Menezes, adiante.

N. 21. Rodrigo de ArgoloVargas Cirne de Menezes, filho do capitão Bartolomeu de Argolo de Menezes e de sua primeira mulher D. Antonia Izidora Rezerra, etc., foi sargento-mór do regimento de cavallaria do termo da cidade, e ao prezente é coronel do mesmo regimento; cazou com D. Marcella da Silva, filha de Antonio da Silva Gomes, familiar do santo officio, e de sua mulher Thereza de Jezus; teve onze filhos.

* Cazaram no Socorro a 29 de Janeiro de 1715. Faleceu D. Antonia a 18 de Agosto de 1739.

27. Ignacio de Argolo Vargas Cirne (1), que se segue.
28. D. Luiza Vicencia da Resurreição.
29. João de Argolo, que faleceu moço.
30. D. Antonia Izidora de Argolo.
31. D. Anna Maria de S. Joaquim,
32. D. Maria Francisca de Argolo.

N. 27. Ignacio de Argolo Vargas Cirne, filho do coronel Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Menezes e de sua mulher D. Marcela da Silva, e ajudante de um dos regimentos pagos. e cazou com D. Anna Joaquina de Sonza de Matos, filha do capitão Jozé de Souza de Matos e de sua mulher D. Francisca.

33. Ignacio de Argolo.

N. 26. Victorino de Argolo de Menezes, filho do capitão Bartolomeu de Argolo de Menezes e de sua segunda mulher D. Agueda Luiza Gomes de Lima, cazou com D. Anna Ignez Jozefa Saldanha de Andrade, filha do Dr Jozé Borges de Siqueira e de sua mulher D. Clara Jozefa Saldanha, pelo qual cazamento é proprietario dos officios de distribuidor, inquiridor e contador dos auditorios judiciaes da cidade da Bahia, e teve filhos :

34. D. Maria.
35. Antonio Moreira.

N. 3. Vicente de Argolo de Menezes, filho de D. Anna de Argolo, n. 13, e de seu marido o capitão Antonio Moreira de Menezes, cazou com D. Anna Maria de Vargas Cirne,(2) filha tambem do capitão de cavallaria Miguel Bezerra, já referido na descendencia de Jozé e Bartolomeu de Argolo, irmãos d'esse Vicente,e cazados tambem com as irmans d'esta, cazada com Vicente de Argolo, e d'ella teve filhos.

36. D. Anna de Argolo Vargas Cirne, cazada com Jozé Pinto Ribeiro.
37. D. Maria, que faleceu menina a 15 de Janeiro de 1728, batizada em caza.

(1) Batizado no Monte, no anno de 1718.
(2) Cazaram a 2 de Outubro de 1726 na capella de S. Antonio de Cinco-Rios.

38. D. Maria, batizada no Monte a 15 de Janeiro de 1731.

39. Francisco Xavier de Argolo, (1) cazado com D. Antonia Bezerra de Vargas, sem filhos.

30. Ignacio de Argolo de Menezes (2), solteiro.

31. Leandro de Argolo de Menezes, que se segue:

N, 31. Leandro de Argolo de Menezes, filho do capitão-mor Vicente de Argolo de Menezes e de sua mulher D. Anna Maria de Vargas Cirne, cazou com D. Thereza.

N. 4. Manoel Telles de Menezes, filho de D. Anna de Argolo e de seu marido o capitão Antonio Moreira de Menezes, já referido, cazou com D. Izabel da Rocha, filha de Zenobio de Almeida e de sua mulher Maria da Rocha de Avila, e teve filhos:

Antonio Moreira de Menezes, cazado.

Carlos Jozé de Argolo de Menezes, cazado.

João de Argolo.

VASCONCELLOS

Mem Rodrigues de Vasconcellos, filho de Martim Mendes de Vasconcellos e neto de D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, cazou com Catharina Furtado de Mendonça, filha de Bartolomeo Perestrello, que foi capitão de Porto-Santo (3), na ilha da Madeira, e de sua mulher Beatriz Furtado de Mendonça, filha de Anna Delnor. Teve este Bartolomeo Perestrello, entre outros filhos, uma que cazou com Christovão Colon, outra que cazou com o Conde de Golvez, e outra com Pedro Corrêa da Cunha, segundo capitão donatario da ilha Gracioza 4). De Mem Rodrigues de Vasconcellos e sua mulher Catharina Furtado de Mendonça, alem de outras femeas e machos, foi tambem filho :

1. Heitor Mendes de Vasconcellos, que se segue.

---

(1) Batizado a 19 de Maio de 1732.
(2) Batizado a 30 de Setembro de 1733.
(3) Cordeiro Histor. Insulan. pag. 65. n. 13.
(4) Idem. pag. 438. n. 11.

N. 1. Heitor Mendes de Vasconcellos, filho de Mem Rodrigues de Vasconcellos, acima, cazou com . D. Maria Corrêa da Cunha, ou D. Catharina Corrêa da Cunha, como tem o autor da Corografia Portugueza P... fl. 554, § ultimo, a qual era filha de Pedro Corrêa da Cunha Lacerda, segundo capitão donatario da ilha Gracioza, e de sua mulher Izac Perestrello de Mendonça, filha do donatario do Porto-Santo, Bartolomeo Perestrello, e teve filhos :

2. Troilo de Vasconcellos, que se segue.

3. João Rodrigues de Vasconcellos.

N. 2. Troilo de Vasconcellos, filho primeiro de Heitor Mendes de Vasconcellos, acima, cazou com D. Iria de Mello, filha de Diogo de Mello da Cunha, neta de Vasco Martins de Mello, tio do Conde de Olivença Rodrigo Affonso de Mello, e primo co-irmão do pai do Conde de Atalaia, Pedro Vaz de Mello. E Vasco Martins de Mello por sua mãi D. Izabel de Albuquerque era neto de Vasco da Cunha, o velho, senhor da Tabua; e por sua avó D. Thereza de Albuquerque, descendente de D. João Affonso Tello de Menezes Albuquerque, Conde de Albuquerque e neto d'el-rei D. Diniz. Teve Troilo de Vasconcellos de sua mulher filhos:

4. Bartolomeo de Vasconcellos, que se segue.

5. D. Luiza de Mello, mulher de Antonio de Oliveira do Carvalhal, alcaide-mór da Bahia, a fl... e seguinte.

6. D. Catharina de Mello, mulher de Baltazar Fereira Peixoto.

N. 4. Bartolomeo de Vasconcellos, filho de Troilo de Vasconcellos, acima, foi commendador da ordem do Sexo, tomou a fortaleza do Rio de Janeiro aos Francezes no anno de 1560, sendo capitão da armada, que mandou a rainha D. Catharina a este effeito, cazou com Joanna de Mendonça, senhora da villa da Praia na ilha Terceira; viva do capitão d'ella Antão Martins da Camara, e não teve filhos. Segunda vez cazou com D. Francisca Corrêa de Albuquerque, filha de Vicente Corrêa de Albuquerque, irmão de Pedro de Albuquerque de Penalva, sobrinhos de D. Brites de Albuquerque, que fundou o mosteiro de

Ferreira e foi abadeça perpetua d'elle. De sua segunda mulher teve filhos :

7. Martim Mendes de Vasconcellos, sem filhos.

8. Rui Mendes de Vasconcellos, que sucedeo a seu pai na comenda do Seixo.

9. Francisco de Vasconcellos da Cunha, que se segue.

N. 9. Francisco de Vasconcellos da Cunha, filho terceiro de Bartolomeo de Vasconcellos e de sua segunda mulher D. Francisca Corrêa de Albuquerque, foi conselheiro de Sua Magestade, commendador de S. Facundo e de S. Maria da Torre, da ordem de Christo, cazou com D. Izabel de Brito, filha de Jeronimo Dias Cardozo de Brito e de sua mulher D. Guiomar da Gama, e teve filhos :

10. Bartolomeo de Vasconcellos da Cunha, que se segue.

N. 10. Bartolomeo de Vasconcellos da Cunha, filho de Francisco de Vasconcellos, n. 9, foi governador da ilha da Madeira, * cazou com D. Juliana de Mello, sua prima, morgada em Angra, filha de Jozé Ferreira de Mello, irmão de sua mãi, e neta de Luiz Ferreira de Mello, e de sua mulher D. Guiomar da Gama ; bisneta de Estevão Ferreira de Mello e de sua mulher D. Antonia de Lima, filha de Manoel Pacheco de Lima e de sua mulher D. Francisca Neto. O mais se póde ver no autor citado na nota.

OLIVEIRAS E CARVALHAES, MELLOS E VASCONCELLOS NA BAHIA

Antonio de Oliveira de Carvalhal foi o primeiro d'este apellido ou cognome, que veio á Bahia. Em um manuscrito que vimos, se diz, que este Antonio de Oliveira, a quem acrescentam o segundo cognome de Carvalhal, era filho de Heitor de Oliveira e de sua mulher D. Violante de Miranda, filha de Martim Affonso de Miranda e de sua mulher D. Izabel de Brito, que era filha de João Nunes

* Corograf. Portug., tom. 3.º fl. 555 § ultimo.

de Carvalhal, ama do infante D. Fernando, Duque de Viseu, e filho d'el-rei D. Duarte. Mas do alvará de Sua Magestade, em que o nomêa cavalleiro fidalgo, que é o certo, consta, que era este Antonio de Oliveira filho de Simão de Oliveira, morador na villa de Extremoz, e irmão de Francisco de Oliveira, ao qual o sobredito rei já tinha concedido o mesmo fôro, e foi passado este na fórma seguinte.

Eu el-rei faço saber a vos Thomé de Souza do meu conselho, veador da minha caza, que Antonio de Oliveira, alcaide-mór da povoação de Pereira, nas partes do Brazil, filho de Simão de Oliveira, morador na villa de Extremoz, me pedio por mercê o quizesse tomar no fôro e moradia de seu irmão Francisco de Oliveira, e por lhe fazer mercê, havendo respeito aos serviços, que me tem feito nas ditas partes, hei por bem, e me praz de tomar ao dito Antonio de Oliveira por cavalleiro fidalgo de minha caza, com mil e cem réis de moradia cada mez, e um alqueire de cevada por dia, quando tiver cavallo, pago segundo a ordenança de minha caza, com declaração que não ha de haver cazamento a respeito dos oitocentos réis, que o dito seu irmão tem de moradia de escudeiro fidalgo, segundo mostrou por certidão de Francisco de Siqueira, que ora por meu mandado serve de escrivão da matricula dos moradores de minha caza ; pelo que vos mando, que o façaes assentar no livro da dita matricula no titulo dos cavalleiros fidalgos com a dita moradia de cevada, e de como o fica assentado passará o escrivão da matricula sua certidão nas costas d'este, em que declarará a quantas laudas do dito livro fica o dito assento, e este lhe será tornado para elle obter para sua guarda. Diogo Lopes o fez em Lisboa aos 10 dias de Maio de 1554. Rei.

D'este alvará, que não tem duvida, consta, que Antonio de Oliveira, de quem aqui se fala, não foi filho de Heitor de Oliveira, mas sim de Simão de Oliveira, morador na villa de Extremoz, e d'este ajuizamos podia vir a Antonio de Oliveira o cognome segundo de Carvalhal ; porque bem podia ser este Simão de Oliveira irmão, por parte de pai, de Heitor de Oliveira, este que o manuscrito que vimos dá por pai de Antonio de Oliveira e filhos

ambos, assim Heitor de Oliveira, como Simão de Oliveira de João Mendes de Oliveira, o qual foi cazado duas vezes, a primeira com D. Brites de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, alcaide-mór de Evora e Castello de Vide, e teve d'esta a Heitor de Oliveira e outros; segunda vez foi casado João Mendes de Oliveira com D. Izabel de Brito, filha bastarda de Heitor de Carvalhal, amo da rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II e d'esta sua segunda mulher podia ser filho Simão de Oliveira e por esta via, vir a seo filho Antonio de Oliveira, o cognome de Carvalhal, que não podia ter por via de Heitor de Oliveira, e para que melhor se entenda isto pômos aqui a seguinte arvore:

Joane Mendes de Oliveira foi cazado duas vezes, a primeira com D. Brites de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, e d'esta teve filho.

1. Heitor Mendes de Oliveira, como os mais.

Segunda vez cazou Joane Mendes com D. Izabel de Brito, bastarda, e d'esta teve, entre outros, filho

2. Simão de Oliveira, que se segue adiante.

N. 1. Heitor Mendes de Oliveira, filho de Joane Mendes de Oliveira, cazou com D. Violante de Miranda, e teve filhos.

3. Martim Affonso de Oliveira Miranda e outros.

N. 2. Simão de Oliveira, filho de Joane Mendes e de sua segunda mulher, teve filhos.

4. Francisco de Oliveira.

5. Antonio de Oliveira de Carvalhal, que se segue.

Antonio de Oliveira de Carvalhal, filho de Simão de Oliveira, como fica assentado, foi cavalleiro fidalgo, ao qual mandou el-rei D. João III no anno de 1551 por capitão-mór de uma armada á Bahia, governando Thomé de Souza. E foi o primeiro alcaide-mór, como fica dito, na Bahia. Cazou com D. Luzia de Mello de Vasconcellos, * filha de Froilo de Vasconcellos e de sua mulher D. Iria ou Eria de Mello, que era filha de Diogo de Mello da Cunha, de quem teve filhos:

---

* Faleceu D. Luiza de Mello a 18 de Dezembro de 1603. Sepultada na Sé.

1. Manoel de Mello de Vasconcellos, que se segue.
2. Paulo de Carvalhal de Oliveira adiante. Batizado na sé a 11 de Julho de 1557.
3. Francisco de Mello de Carvalhal.
4. D. Helena de Mello, mulher de Duarte Moniz Barreto que já fica á fl. 121 e seg.
5. D. Maria de Vasconcellos, * que ficou cazada em Lisboa com Baltazar Pereira, mercador em Lisboa, moço da camara ; d'estes foi filha, entre outras, D. Luzia, batizada na sé da Bahia a 9 de Agosto de 1587.

N. 1. Manoel de Mello de Vasconcellos, filho primeiro de Antonio de Oliveira, acima foi commendador na ordem de Christo, acompanhou a el-rei D. Sebastião e por alvará d'el-rei D. Felippe II de Castella e I em Portugal, que trasladamos, consta ao certo de seus serviços e premios.

D. Felippe, por graça de Deus, rei de Portugal, etc., como governador e perpetuo administrador que sou da ordem e cavallaria do mestrado de Nosso Senhor Jezus-Christo, a quantos esta minha carta virem, faço saber, que havendo respeito aos serviços de Manoel de Mello de Vasconcellos, e o ir com o Sr. rei D. Sebastião, meu sobrinho á Africa, e ser captivo na batalha de Alcacer : hei por bem, e me praz fazer-lhe mercê de vinte mil réis de tença em cada um anno, como é uzo na dita ordem, que ora lhe mandei lançar, os quaes terá e haverá de minha fazenda, de treze dias do mez de Agosto passado d'este anno prezente de 1582 em diante, em que lhe fiz esta mercê, e lhe serão assentados e pagos nas rendas da Bahia de Todos os Santos, nas partes do Brazil, aonde ao prezente vai com o governador Manoel Telles Barreto ; pelo que mando ao almoxarife ou recebedor das ditas rendas, que ora e ao diante fôr, que dos ditos 13 dias de Agosto d'este prezente anno em diante, dê e pague ao dito Manoel de Mello de Vasconcellos esses vinte mil réis de tença, cada anno, e lhe faça d'elles bom pagamento, aos quarteis, por esta só carta geral sem mais outra provizão, com declaração que o dito almoxarife ou recebedor lhe não fará

---

* Batizada na sé a 15 de Abril de 1556.

pagamento d'esses vinte mil réis, o anno de 584, sem elle dito Manoel de Mello não aprezentar certidão de Rui Dias de Menezes, fidalgo de minha caza, escrivão de minha fazenda, e das ordens, de como tem pago os trez quartos d'esta tença, e tirado antes a certidão d'elles, registrado no livro da fazenda da dita ordem, a qual certidão do dito almoxarife ou recebedor aprezentará em sua conta, e pelo traslado d'ella, que terá registrada no livro de sua despeza pelo escrivão do seu cargo, e os conhecimentos do dito Manoel de Mello. Mando, que lhe sejam os ditos vinte mil réis levados em conta cada anno, que lhes assim pagar ; e aos vedores da minha fazenda, que lhe façam assentar no livro da fazenda da ordem ; por firmeza de tudo lhe mandei dar esta minha carta por mim assignada, e sellada com o sello pendente da minha ordem. Dada na cidade de Lisboa aos 17 dias de Setembro. Manoel Affonso a fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus-Christo de 1582. E eu Diogo Velho a fiz escrever. *Rei.*

Certidão do mordomo-mór

El-rei nosso senhor ha por bem de fazer mercê a Manoel de Mello de Vasconcellos, que foi apozentador dos fidalgos, de o tomar por cavalleiro fidalgo da sua caza com mil e duzentos réis de moradia e havendo respeito aos serviços de seu pai e seus, e a se perder na batalha de Alcacer, e esta mercê lhe fez Sua Magestade a 9 de Abril de 1585. Em Lisboa a 16 de Agosto do dito anno, na consulta que veio despaxada.

Certidão

Certifico eu Duarte Moniz Barreto, fidalgo da caza de Sua Magestade e alcaide-mór d'esta cidade do Salvador que é verdade, que Manoel de Mello de Vasconcellos, fidalgo da caza de SuaMagestade e cavalleiro da ordem de Nosso Senhor Jezus-Christo, e seu filho Luiz de Mello de Vasconcellos,ambos assistiram n'esta cidade no tempo do

overnador D. Francisco de Souza, e Alvaro de Carvalho, apitão-mór, e Diogo Botelho Junior, governador, e em odas as occaziões de guerra, que no dito tempo se sucederam, vindo a esta Bahia os inimigos olandezes, etc. Em 15 do mez de Abril de 1611 annos.—Duarte Moniz Barreto.

N. 1. Manoel de Mello de Vasconcellos, este de quem aqui se trata, viveu em Cotegipe, termo da Bahia, cazou com D. Francisca de Perada, filha de Henrique de Perada, a fl..., e de sua mulher Francisca de Siqueira Cabral, e teve filhos:

6. Antonio de Mello de Vasconcellos, que se segue.

7. Luiz de Mello de Vasconcellos, adiante. Batizado a 2 de Maio de 1585.

8. D. Maria de Mello, segunda mulher, de André Cavallo de Carvalho a fl...

9. D. Archangela de Mello, mulher de Francisco Betencourt, irmão de André Cavallo. Batizada a 21 de Janeiro de 1686.

10. Henrique de Perada, vigario em N. S. do Monte.

N. 6. Antonio de Mello do Vasconcellos (1), filho de Manoel de Mello, n. 1, cazou com D. Maria de Paiva (2), filha de Sebastião Barreto e de sua mulher D. Anna da Fonseca, morou na freguezia de Matuim, e teve filhos.

11. Jorge de Mello de Vasconcellos, que se segue.

12. Ignacio de Mello, adiante.

13. D. Lourença de Mello, mulher de João Lopes de Paiva.

Sebastião e Henrique, que faleceram solteiros.

N. 11. Jorge de Mello, filho de Antonio de Mello, n. 6, cazou com D. Izabel Cordeiro, a qual faleceu (3), já viuva, a 20 de Julho de 1679, e teve filho :

14. Antonio de Mello de Vasconcellos, que se segue.

---

(1) Faleceu a 12 de Junho de 1653, sepultado na matriz do Matuim

(2) Faleceu esta a 28 de Janeiro de 1642, sepultada em Matuim.

(3) Sepultada na matriz de Matuim.

N. 14. Antonio de Mello de Vasconcellos, filho de Jorge de Mello, n. 11, cazou com D. Ignez Lobo, filha de André Monteiro e de sua mulher Victoria de Barros, e não teve filhos. Segunda vez cazou com D. Maria da Silva, ou Machado, filha de Antonio Bello da Silva, e de sua mulher Anna Machado, e teve d'esta segunda filha:

15. D. Luiza de Mello, mulher de Francisco] de Macedo.

Francisco das Neves, diz o termo de seu cazamento, que foi a 6 de Fevereiro de 1690, a fl... n. 11.

Terceira vez cazou este Antonio de Mello, com D. Izabel Barbara de Menezes, filha de Francisco da Costa e de sua mulher D. Clemencia Doria, e teve d'esta filhos :

16. Jozé de Mello, Antonio e João de Mello.

17. D. Mariana de Mello, que cazou com Antonio Moniz Barreto, o qual faleceu a 12 de Outubro de 1692.

N. 12. Ignacio de Mello de Vasconcellos, filho segundo de Antonio de Mello de Vasconcellos, n.6, e de sua mulher D. Maria de Paiva, cazou no Socorro com D. Felippa, ou Felicia Lobo de Barros, filha de Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, a fl.... n. 3.

18. Antonio de Mello, Manoel Pinheiro.

19. D. Catharina, mulher de Antonio de Sá Peixoto.

20. D. Angela, mulher do Domingos Rodrigues Caxoeira.

N. 7. Luiz de Mello de Vasconcellos, filho segundo de Manoel de Mello de Vasconcellos, n. 1. e de sua mulher D. Francisca Parada, foi coronel e cazou quatro vezes, a primeira com D. Maria, * filha do Dr. Sebastião Cavallo de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Betencourt, e teve filhos, a fl... n. 2.

21. Christovão de Mello de Vasconcellos, que se segue.

22. Bartolomeu de Vasconcellos, adiante.

23. Francisco de Vasconcellos de Mello, ao depois.

---

* Cazou com esta em 16 de Abril de 1606.

24. D. Serafina, mulher de Martim de Freitas de Oliveira, a fl...

D. Ignez de Mello e D. Felippa de Sá.

Segunda vez cazou Luiz de Mello de Vasconcellos com D. Antonia Garcez de Oliva (1), filha de João Garcez e de sua mulher Victoria de Oliva, e teve filhos.

25. Luiz de Mello de Vasconcellos (2), adiante.

26. D. Luiza de Mello, mulher de Pedro de Goes de Araujo.

27. D. Felippa, mulher de Antonio Homem de Almeida.

Joaquim de Mello e D. Thereza, quê faleceram solteiros.

Terceira vez cazou Luiz de Mello, acima, com D. Luiza Doria, filha de Braz da Silva: sem filhos, cazaram a 12 de Junho de 1645. Faleceu este Luiz de Mello a 28 de Fevereiro de 1668, e sepultou-se no Carmo.

Quarta vez cazou o mesmo, com D. Bernarda Coutinho, filha de Francisco Pinheiro Coutinho, e tambem não consta ter filhos.

N. 21. Christovão de Mello de Vasconcellos, filho primeiro de Luiz de Mello de Vasconcellos, n. 7, e de sua 1ª mulher D. Maria Cabral de Carvalho, cazou no Rio de Janeiro com D. Antonia Pereira Lobo, filha de Sebastião Lobo Pereira, e teve filhos.

28. Sebastião Pereira de Mello, que cazou na Bahia com D. Luzia da Cruz, diz outro assento, Luzia de Azevedo, filha de Sebastião Paes, irman de Aleixo Paes de Azevedo, sem filhos.

29. Paulo Pereira de Mello, que cazou com D. Antonia de Menezes, filha de Martim Affonso de Mendonça, sem filhos.

30. Antonio de Mello, Pedro de Mello, D. Izabel de Vasconcellos.

31. D. Serafina de Vasconcellos, adiante.

---

(1) Cazou com esta a 3 de Julho de 1624.

(2) Aos 3 de Abril de 1631, baptizei a Antonio, filho de Luiz de Mello de Vasconcellos e de D. Leonor sua mulher.

N. 23. Francisco de Mello de Vasconcellos, filho terceiro de Luiz de Mello de Vasconcellos, n. 7, e de sua primeira mulher D. Francisca de Perada, cazou na Bahia com D. Angela Soares Barboza, filha de Jacome Barboza de Amorim, e de sua mulher Izabel Soares, teve filhos.

32. Jacome Barboza, que faleceu solteiro, Luiz de Mello, Francisco Xavier de Vasconcellos, João Barboza, e D. Agueda, mulher de Christovão Alberto, a fl....

N. 25. Luiz de Mello de Vasconcellos, filho primeiro de Luiz de Mello de Vasconcellos, n. 7, e de sua segunda mulher D. Antonia Garcez de Oliva, foi tambem coronel, como seu pai, cazou a primeira vez com D. Agueda de Menezes, filha de Francisco Barreto de Menezes, a fl..., n. 14, em Mataripe, e teve filhos.

33. Luiz de Mello, que faleceu a 20 de Julho de 1722.

E D. Izabel de Mello.

Segunda vez cazou este Luiz de Mello com D. Margarida Telles de Menezes, ou Betencourt, (1) filha de Marcos de Betencourt e de sua mulher D. Angela de Menezes, a fl..., e teve filhos.

34. Marcos de Betencourt,—D. Antonia—D. Angela e Vasco de Mello, cazado com uma filha de Antonio Rabelo, de quem teve um filho por nome Francisco, e por morte d'esta cazou com uma mulata, a fl.... n. 43.

OLIVA E FREITAS

N. 24. D. Serafina, filha de Luiz de Mello de Vasconcellos, n. 7, e de sua mulher D. Francisca de Perada, cazou com Martim de Freitas de Oliva (2), e teve filhos:

35. Francisco de Freitas, capitão de infantaria, ao qual mataram os Britos.

36. D. Ursula, mulher de Antonio de Couros Carneiro, capitão-mor dos Ilheos, e por morte d'esta cazou

---

(1) Cazaram em caza a 2 de Maio de 1679, com licença em Cotegipe, e tomaram as bençãos a 4 de Outubro de 1680.

(2) Cazaram a 28 de Janeiro de 1629.

Antonio de Couros outra vez com D. Joana, filha de Melchior da Fonceca Saraiva.

37. D, Jozefa de Mello e Francisco de Oliva.

Segunda vez cazou Martim de Freitas de Oliva com D. Joana, filha de Melchior da Fonceca Saraiva.

38. Martim de Freitas, que mataram moço, João de Oliva de Mello.

N. 36. D. Ursula, filha de Martim de Freitas de Oliva e de sua mulher D. Serafina, cazou com Antonio de Couros Carneiro, capitão-mor dos Ilheos, e teve filha :

39. D. Ignez de Mello, que se segue

N. 39. D. Ignez de Mello, filha de D. Ursula, n. 36,e de seo marido Antonio de Couros Carneiro,cazou com Thomé Pereira do Menezes, a fl... n. 9 e era já viuva esta D. Ignez de Gaspar de Vargas Cirne,e Thomé Pereira tambem viuvo de D. Angela de Menezes, filha de Vasco de Souza e de sua mulher D. Victoria de Menezes, que era irman de Jeronimo Moniz Barreto, genro de Antonio Ferreira de Souza. D'esta D. Ignez e de seu segundo marido Thomé Pereira foi filha :

40. D. Joana de Menezes.

N. 22. Bartolomeo de Vasconcellos filho segundo de Luiz de Mello de Vasconcellos, n. 7,e de sua primeira mulher D. Maria, cazou no Rio de Janeiro com D. Ignacia Pereira Lobo, filha de Sebastião Lobo Pereira, e teve filho :

10. Manoel de Mello de Vasconcellos, que faleceu solteiro.

N. 34. Vasco de Mello de Vasconcellos, filho do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos e de sua segunda mulher D. Margarida Telles de Menezes, foi casado com D. Izabel Telles de Menezes, * filha de Antonio Rabello de Macedo, a fl...., n. 39, e de sua mulher D. Mariana Monteiro ; ibi, n. 33 : e teve filhos:

41. Francisco de Mello de Vasconcellos, que se segue.

---

* Faleceu D. Izabel a 29 de Maio de 1725. Sepultada na igreja de Matuim da grade para dentro.

N. 41. Francisco de Mello de Vasconcellos, filho de Vasco de Mello de Vasconcellos e de sua mulher D. Izabel Telles de Menezes, cazou com D. Ignacia de Araujo de Góes, filha de Ignacio de Araujo de Góes e de sua mulher D. Maria de Souza, e teve filha:

42. D. Francisca de Vasconcellos.

N. 92. D. Agueda de Mello, filha do capitão Francisco de Mello de Vasconcellos, a fl..., e de sua mulher D. Angela Barboza, ou Soares, cazou com Christovão Alberto de Castello-Branco (1), já viuvo, e filho do capitão Marcos Alberto e de D. Antonia, natural da cidade de Lisboa.

N. 34. Marcos de Betencourt Vasconcellos, filho do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos e de sua segunda mulher D. Margarida Telles de Menezes, a fl..., n. 25, e 34, foi capitão, e cazou com D. Ursula Telles de Menezes (2), natural do Monte filha do sargento-mór Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Archangela de Mello Vasconcellos, dispensados no 4.º gráo dobrado, mixto com o 3.º de consanguinidade.

N. 2. Paulo de Carvalhal de Oliveira, filho segundo de Antonio Oliveira de Carvalhal, primeiro alcaide-mór da Bahia, e de sua mulher D. Luzia de Mello de Vasconcellos (3), como fica acima, cazou na Bahia com D. Francisca de Aguiar de Espinola, filha de Christovão de Aguiar de Altro, a quem chamavam o velho, a fl... n. 3, e teve filhos:

1. Francisco de Carvalhal de Oliveira, que se segue.
2. Bartolomeo de Vasconcellos de Oliveira, adiante.
3. D. Maria de Vasconcellos, mulher de Gaspar de Araujo de Goes, a fl... Cazada a 8 de Setembro de 1630.
4. D. Catharina de Vasconcellos, mulher de Amador Dias Canal. Batizada a 23 de Janeiro de 1604. Cazou a 22 de Maio de 1633 em Cotigipe.

---

(1) Cazaram em 27 de Novembro de 1686, na capella de S. Jeronimo em Cotigipe.

(2) Cazaram a 28 de Agosto de 1728, na capella de Nossa Senhora da Conceição.

(3) Faleceu esta a 17 de Julho de 1633. Sepultada na Capella de S. Antonio de Custodio Nunes.

D. Iria de Vasconcellos, mulher de Paulo Mendes Escobar. Batizada a 23 de Julho de 1591.

N. 1. Francisco de Carvalhal de Oliveira, acima, cavalleiro fidalgo cazou com D. Maria de Menezes (1), filha de Gaspar Pereira, o velho, a fl..., n. 8 e de sua mulher D. Angela de Menezes, sua segunda mulher, e teve filhos:

5. João de Carvalhal de Oliveira de Vasconcellos, como se acha em papeis autenticos, que se segue.

6. Paulo de Carvalhal de Oliveira, adiante.

7. Gaspar Telles de Menezes, ao depois.

8. D. Francisca de Menezes, mulher de Lucas Pinto Coelho filho de Sebastião Soares Pinto, á fl... n. 1. Cazaram a 7 de Maio de 1657.

N. 6. João de Carvalhal de Oliveira (2), filho primeiro de Francisco de Carvalhal de Oliveira, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Menezes, cazou com D. Joanna Soares, irman de Lucas Pinto Coelho, e filha de Sebastião Soares Pinto, e teve filhos, a fl.... n. 2. Cazaram a 5 de Julho de 1649.

9. Fernandes Telles, que cazou com D. Agueda Barboza, filha de Baltazar de Amorim e de sua mulher D. Angela de Souza, sem filhos.

10. Jozé de Mello, que cazou com D. Maria de Menezes, filha de Angelo de Araujo e de sua mulher D. Izabel de Menezes, filha de Gaspar Pereira de Menezes, e teve filha D. Izabel.

11. Manoel de Carvalhal de Oliveira, que cazou com D. Angela de Menezes a 13 de Setembro de 1693, filha de Angelo de Araujo e de sua mulher D. Izabel de Menezes, filha de Gaspar Pereira de Menezes, e teve filhos: Jozé de Carvalhal de Oliveira, D. Luzia e D. Apollonia.

12. Brites, batizada ao 1°. de Junho 1628. Veja-se a fl... n. 24.

12. D. Maria, mulher de João de Almeida e de Thomé Telles de Barbuda e depois de Francisco de Araujo, filho

---

(1) Cazaram a 4 de Julho de 1632.

(2) Faleceu este a 18 de Junho de 1672. Cazado com D. Joanna Soares, diz o assento de seu enterro; elle dá o ultimo appellido de Vasconsellos. Teve mais este João de Carvalhal n. 6, sua filha Francisca. Veja-se a fl. n. 3, á margem.

de Angelo de Araujo, a fl... e teve filhos, D. Clara e D. Brites, mulher de Manoel de Araujo, filho de Angelo de Araujo, fl... n. 14.

12. D. Clara de Mello de Vasconcellos, mulher de Manoel Rodrigues de Menezes, sem filhos.

N. 6. Paulo de Carvalhal de Oliveira, filho segundo de Francisco de Carvalhal de Oliveira, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Menezes, cazou com Apollonia Pereira, * filha de Bento Monteiro e de sua mulher D. Suzana Pereira, filha de João da Rocha de Andrade e de sua mulher D. Marta Pereira, e teve filhos :

13. João de Carvalhal de Oliveira, que cazou com D. Angela de Menezes, filha de Manoel Pacheco Freire, e de D. Angela de Menezes, sem filhos.

14. Francisco Telles de Menezes, que cazou com D. Thereza de Menezes, filha do sobre dito Manoel Pacheco Freire e de sua mulher D. Angela de Menezes, acima, sem filhos.

16. Lourenço de Carvalhal de Oliveira que cazou com D. Leonor Baldez, viuva de Mathias Barboza. Batizado a 16 de Agosto de 1672.

16. Jozé de Carvalhal Oliveira, que se segue. Batizado a 13 de Janeiro de 1669.

17. D. Antonia, batizada a 29 de Janeiro de 1667, D. Maria, D. Martha, e D. Izabel.

N. 15. Jozé de Carvalhal de Oliveira, filho de Paulo de Carvalhal, n. 6, e de sua mulher D. Apollonia Monteiro Pereira, cazou com D. Maria Caetana de Vasconcellos, filha de Mathias Barboza, fidalgo cavalleiro, e de sua primeira mulher D. Leonor Baldes, o qual Mathias Barboza era filho de Pedro Barboza, fidalgo da caza real, e neto de Simão Barboza, tamhem fidalgo da caza real ; e teve o dito Mathias Barboza, acima, o titulo de fidalgo cavalleiro com vinte mil reis de moradia e um alqueire de cevada por dia por alvará d'el rei de 21 de Novembro de 1687. De Jozé de Carvalhal e de sua mulher D. Maria Caetana foram filhos :

---

* Falleceu D. Apollonia a 11 de Junho de 1674.

18. Francisco Telles de Carvalhal Vasconcellos, que se segue.

N. 18. Francisco Telles de Carvalhal Vasconcellos, filho de Jozé de Carvalhal de Oliveira e de sua mulher D. Maria Caetana de Vasconcellos, cazou com D. Maria de Jezus, a qual era filha bastarda do capitão de infantaria da praça da Bahia, Ambrozio Alvares Caranha, e neto do capitão de infantaria Manoel Fernandes, da ilha de São-Miguel, cazado com Natalia de Almeida, filha de Domingos de Almeida e de sua mulher Catharina Corrêa, natural de Villa Velha da Bahia, e bisneta a dita D. Anna Maria de Jezus de Manoel Fernandes, da sobredita ilha de São-Miguel, e de sua mulher Barbara Teixeira. De Francisco Telles de Carvalhal, acima, e de sua mulher D. Anna Maria de Jezus são filhos :

19. Jozé Telles de Carvalhal.

20.

21.

N. 2. Bartolomeo de Vasconcellos, filho segundo de Paulo de Carvalhal de Oliveira, a fl.... n. 2, e de sua mulher D. Francisca de Aguiar de Espinoza, foi cazado com D. Luiza Pacheco, a qual era irman inteira do padre Frei Antonio dos Anjos, religiozo do Carmo, e do capitão Francisco Fernandes Pacheco, que serviu a Sua Magestade de capitão de infantaria na Bahia, e filhos estes trez de Francisco Fernandes Pacheco e de sua mulher D. Violante de Araujo, a fl..., n. 1. D'este Bartolomeo de Vasconcellos e de sua mulher D. Luiza Pacheco foi filha :

22. D. Maria de Vasconcellos, que cazou com Matheus de Aguiar Daltro, e a sua descendencia vai a fl... n. 7*

Nota.—A este Bartolomeo de Vasconcellos chamaram o Má-pelle, porque concorreo com seu pai Paulo de Carvalhal para a cruel morte, que este fez a Francisco de Barbuda, o velho, mandando-o abrir pelas costas de alto abaixo, com um machado, pela qual morte foi Paulo de Carvalhal degolado na Bahia, com cadea no pé, a 7 de

* Faleceu este a 22 de Junho de 1671, sepultado no Carmo.

Outubro de 1614, e o filho, ainda que se livrou da morte, ficou com o appellido de Má-pelle.

N. 7. Gaspar Telles de Carvalhal (1), filho de Francisco de Carvalhal de Vasconcellos, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Menezes, cazou com D. Benta de Sá (2), ou de Oliva, filha legitima de André Cavallo, o velho, e de sua mulher D. Margarida de Betencourt de Sá, o qual André Cavallo era filho de Sebastião Cavallo de Carvalho, o primeiro ouvidor que el-rei mandou a esta terra, á Bahia, e de sua mulher Margarida de Betancourt de Sá; de Gaspar Telles de Menezes e sua mulher D. Benta foi filha :

23. D. Maria de Vasconcellos de Menezes, que se segue.

TORRES

N. 23. D. Maria de Vasconcellos de Menezes, filha de Gaspar Telles de Menezes de Carvalhal e de sua mulher D. Berta de Oliva, foi cazada com o doutor Francisco Telles de Menezes, ou Barreto, filho de D. Felippa de Menezes e de seu marido Sebastião de Torres, a fl..., n. 4, e d'esta D. Maria de Vasconcellos e seu marido o doutor Francisco Telles Barreto foram filhos:

24. Francisco Telles Barreto.

25. O capitão Miguel Telles Barreto, que se segue.

N. 25. Miguel Telles Barreto, este aqui foi cazado com D. Maria de Burgos de Menezes, filha de Francisco Telles de Menezes e de sua mulher D. Francisca de Vasconcellos. Todo o referido aqui, e acima se acha no termo de seu cazamento assim: Aos 22 de Fevereiro de 1741 recebi ao capitão de cavallaria Miguel Telles Barreto, filho do doutor Francisco Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos de Menezes, com D. Maria de Burgos de Menezes, filha de Francisco Telles de Menezes

---

(1) Faleceu a 18 de Outubro de 1677. Sepultado em São Francisco. Foi cazado primeiro com D. Margarida de Goes, filha de João de Araujo de Siqueira e de D. Maria de Menezes, e teve filha D. Anna de Vasconcellos, cazada com João de Oliva Garcez.

(2) Cazaram a 17 de Março de 1674 em Cotegipe.

e de sua mulhor D. Francisca de Vasconsellos. O vigario Ignacio Jardim.

N. 1. Baltazar Lobo (1), filho de Pedro Dias de Figueiró e de sua mulher Felicia Lobo, cazou com D. Anna de Gambôa, filha de Martim Afonso Moreira e de sua mulher D. Luzia Ferreira, cazou e teve filha unica:

5. D. Antonia Lobo, que cazou com Francisco de Vasconcellos, a fl... e começa em fl..., n. 3.

N. 4. Pedro Dias de Figueiró (2), natural da cidade do Porto, freguezia de S. de Pedro de Miragaia, era filho de Gonçalo Alvares e de sua mulher Barbara Dias, passou á Bahia, donde foi mercador muito rico, e n'ella cazou com Felicia Lobo, filha de D. Catharina Lobo Barboza de Almeida e de seu marido Gaspar de Barros de Magalhães, na fl... diante, e foi este Pedro Dias seu primeiro marido, do qual teve filhos:

1. Baltazar Lobo, que se seguio acima, n. 1. Batizado na sé a 29 de Abril de 1584.

2. Barbara, batizada na sé a 3 de Setembro de 1585. Padrinhos seu sogro André Monteiro e sua cunhada Ignez de Barros, diz o assento.

3. Pedro, batizado na sé a 1 de Novembro de 1587. Faleceu este a 11 de Janeiro de 1618, sepultado na sé. Testamenteiro seu padrinho Paulo de Argolo.

4. Frei Gonçalo de S. Antonio, professo no convento de S. Francisco da Bahia a 13 de Junho de 1610, em idade de 18 annos.

BARROS E MAGALHÃES NA BAHIA

Gaspar de Barros de Magalhães, homem fidalgo, viveu no Brazil no reconcavo da Bahia, onde chamam São-Paulo; e viera de Portugal exterminado, foi mui rico e afazendado, cazou na Bahia com Catharina Lobo de Barboza Almeida, uma das trez irmans orfans, que mandou a

(1) Faleceu este a 27 de Janeiro de 1628.

(2) Assim o diz o assento de seu cazamento, que foi a 4 de Novembro de 1582, na sé.

rainha D. Catharina para na Bahia cazarem com as pessoas principaes, como já ficou dito, e d'ella teve filhos:

1. Jeronimo de Barros, que se segue.

2. Baltazar Lobo de Souza, adiante.

3. Gaspar de Barros de Magalhães, ao depois.

4. D. Felicia Lobo, que foi cazada quatro vezes, a primeira com Pedro Dias, de quem teve filhos, a fl... retro n. 1; a segunda com Paulo de Argolo, e teve filhos a fl..., a terceira com Vicente Coelho, e a quarta com Constantino Menelão, dos quaes não achamos filhos.

5. D. Micia Lobo de Mendonça, primeira mulher de Jeronimo Moniz Barreto, a fl...,n.3. Não era filho d'este.

6. D. Victoria de Barros, mulher de Manoel de Freitas do Amaral, adiante, e D. Ignez de Barros Lobo, depois.

D. Paula de Barros, mulher de Manoel de Paredes a fl...

N. 1. Jeronimo de Barros, filho primeiro de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catharina Lobo, cazou a seu gosto com F. de Aguiar, que dizem era india da terra, e teve filhos:

7. Felippe de Barros Lobo, que se segue.

8. D. Anna de Aguiar, mulher do Francisco Alvares Varejão, a fl....

N. 7. Felippe de Barros Lobo, filho de Jeronimo de Barros, n. 1, cazou com D. Maria de Moraes, filha de Domingos Pires, e teve filhos.

9. João de Barros de Magalhães, que cazou com D. Izabel deVasconcellos,filha de Matheus de Aguiar Daltro, sem filhos, e ella era viuva de Francisco Monteiro, dos da Giquitaia.

10. Atanazio de Barros Lobo, que cazou por amores com Ignez Lobo, filha de Ignacio de Miranda e de Izabel de Faria, sua parenta.

11. Antonio de Barros.

N. 2. Baltazar Lobo de Souza, filho segundo de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catharina Lobo da Almeida, cazou com D. Anna da Gambôa, filha de Martim Affonso Moreira, a fl..., n. 2, e teve filha

12 D. Antonia Lobo, mulher de Francisco de Vasconcellos Cavalcante de Albuquerque, a fl..., e ahi a sua descendencia, n. 3, e seguintes.

N. 3. Gaspar de Barros de Magalhães, filho terceiro de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Catharina Lobo, cazou com D. Antonia da Gambôa, filha de Martim Affonso Moreira a fl... n. 3 ; e teve filhos :

Francisco de Freitas, filho de Gaspar, acima.

13. Antonio de Barros de Gambôa, que se segue.

15. Gaspar de Barros, que morreu solteiro : e teve um filho bastardo Pedro Dias de Barros.

15. Luiz Lobo, que tambem não cazou e teve trez filhos bastardos Mathias de Barros, Maria Barboza, mulher de Antonio Fernandes, sem filhos, e Elena Lobo, mulher de Antonio Rodrigues, de quem teve trez filhos.

N. 13. Antonio de Barros da Gambôa, filho primeiro de Gaspar de Barros, n. 3, e de sua mulher D. Antonia de Gambôa, cazou com D. Margarida da Cunha, irman de Manoel Trinxão e filha de Diogo da Cunha Trinxão e de sua mulher Natalia Pinto de Faria, e teve filhos :

16. Gaspar de Barros, que se segue.

17. D. Luzia de Barros, mulher de Antonio Martins Lima.

18. D. Elena da Cunha, mulher de Antonio Rodrigues Palhete.

N. 16. Gaspar de Barros de Magalhães, filho primeiro de Antonio de Barros, n. 13, e de sua mulher D. Margarida da Cunha, cazou a 12 de Novembro de 1676, diz o livro do seu cazamento, com D. Jeronima Garcez, filha de Antonio de Abreu Garcez e de D. Mariana, filha de Gaspar Pinto de Góes, já defuntos.

N. 19. Pedro de Goes que cazou com Jozefa Rodrigues da Madre de Deus, filha de Valentim Rodrigues e de sua mulher Antonia de Faria. Cazaram a 3 de Fevereiro de 1709.

N. 20 Francisco de Barros de Magalhães.

N. 21. D. Joana, mulher do coronel Francisco Barboza Deça, a fl..., n. 5.

N. 21. Antonio de Barros de Gamboa, a fl..., Ignacio de Goes, alejado, e D. Paula.

N. 18. Elena da Cunha, filha de Antonio de Barros, n. 13, e sua mulher D. Margarida da Cunha, cazou com Antonio Rodrigues Palhete, e teve filhos :

N. 22. Manoel Rodrigues da Cunha.

N. 23. Pedro da Cunha de Freitas, que cazou com D. Maria Francisca de Vasconcellos, filha de Antonio Martins Bareda, ou Barexe e de sua mulher D. Maria Francisca de Vasconcellos, e teve trez filhos, duas femeas e um maxo, que faleceu menino, e por morte d'esta sua mulher se ordenou de sacerdote no anno de 1718.

N. 24. D. Izabel de Freitas Lobo, mulher de João Martins da Assumpção.

N. 17. Luzia de Barros, filha de Antonio de Barros, n.13, e de sua mulher D.Margarida da Cunha, cazou com Antonio Martins Lima, e teve filhos :

N. 25. Francisco Martins.

N. 26. Thereza Lobo, mulher de Manoel Rangel, de quem teve filhos, Antonio de Barros e Caetano de Barros.

N. 6. D. Victoria de Barros, filha sesta de Gaspar de Barros de Magalhães, o primeiro d'este nome, e de sua mulher Catharina Lobo de Almeida, cazou com Manoel de Freitas do Amaral, homem forado e cavalleiro fidalgo.

N. 27. Antonio de Azevedo Lobo, que se segue :

N. 28. Manoel de Freitas Lobo, filho de Manoel de Freitas do Amaral e de sua mulher D.Victoria de Barros, cazou com D.Felippa Pimentel, e teve filhos, filha esta de Christovão Cassão e de sua mulher Joana Pimentel.

1. Nicoláo de Freitas Lobo, cazado com D. Maria de Menezes Mariana.

2. D. Ursula de Freitas, cazada com André Pinheiro de Carvalho.

3. D. Maria de Freitas, cazada com Manoel Telles, Barreto a fl..., n. 62 no fim.

4. D. Joana Pimentel, cazada com Manoel de Barros Lobo a 13 de Novembro de 1690, filho este de Francisco de Azevedo e de sua mulher Maria de Barros Lobo.

5. Pascoal de Freitas Pimentel, cazado com Maria Telles de Menezes.

6. D. Felippa Pimentel.

28. D. Maria, mulher de Francisco Maria de Menezes, a fi..., batizada na sé a 27 de Março de 1591.

N. 27. Antonio de Azevedo Lobo, filho de D. Victoria de Barros, n. 6, e de seu marido Manoel de Freitas do Amaral, teve o foro de seu pai, cazou com D. Maria do Cazal, filha de Fernão Pinto do Cazal, (1) e de sua mulher Violante da Costa, e teve filhos.

N. 29. Bartolomeu de Azevedo Lobo, que se segue.

N. 30. Manoel de Azevedo Lobo, sem filhos.

N. 31. Violante de Mendonça, mulher de Manoel de Lara, de quem teve filhos, Dionizio de Lara Lobo, e Jozé de Mendonça de Barros.

N. 32. Fernão Pinto do Cazal, que cazou com D. Romana, (2) filha de Nuno de Amorim Salgado, de quem teve filhos Antonio Manoel Vasco, D. Maria, D. Leonor e D. Anna.

25. Nuno de Amorim, cazado com D. Maria de Paredes, que faleceu a 25 de Maio de 1696, e foi sepultado na matriz.

N. 33. D. Margarida de Freitas Lobo, mulher de Antonio de Barros Furtado, e teve filhos Constantino de Barros Lobo, Francisco Furtado, Antonio de Freitas do Amaral e Luzia de Freitas.

N. 29. Bartolomeu de Azevedo Lobo, acima, cazou com D. Maria de Vasconcellos, filha de Duarte Maciel de Andrade e de Maria de Quevedo, e teve filhos de Vasconcellos.

N. 34. Maria de Vasconcellos, cazada com Antonio Pereira de Souza, (3) filho de Jozé Pereira e de sua mulher Maria de Souza, natural de Braga.

N. 34.Braz Pinto de Barros, batizado ao 1.° de Julho de 1667 no Soccorro.

N. 35. João de Quevedo de Vasconcellos, que cazou com Ursula da Cruz.

N. 36. Antonio de Freitas Lobo, que cazou com

(1) Cazaram a 8 de Abril de 1630.
(2) Cazaram no Socorro a 13 de Abril de 1682.
(3) Cazaram a 23 de Julho de 1714 na capella de São-Paulo.

D. Francisca de Brito (1), sem filhos, batizado a 23 de Fevereiro de 1673.

N. 37. D. Suzana de Vasconcellos, que se segue, batizada a 31 de Janeiro de 1671.

N. 38. Jozé de Freitas Lobo, Pelonia Maciel, Maria de Quevedo, Anna e Paula de Barros.

N. 37. D. Suzana de Vasconcellos, filha de Bartolomeo de Azevedo Lobo, n. 29, cazou com Antonio de Freitas Telles Sotomaior (2) e teve filhos, filho este de João de Freitas Madeira e de sua mulher D. Thereza de Brito.

39. Francisco Xavier de Vasconcellos, Antonio de Bríto Cassão Sotomaior; D. Izabel Maria, e D. Luiza Michaela, Ignacio de Freitas Telles, cazado este com D. Gertrudes Maria da Conceição, com os filhos seguintes :

Lucas de Sá Sotomaior, solteiro, André Cursino de Brito. Era D. Gertrudes esta aqui filha de Antonio de Sá e Souza e de sua mulher.

N. 39. D. Izabel Maria de Vasconcellos, filha de D. Suzana, acima, foi cazada com o coronel Antonio de Aragão Souto, e teve filho.

N. 38. D. Paula de Barros Lobo, filha de Bartolomeo de Azevedo Lobo, n. 29, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, cazou com Theodozio de Lira de Aguiar (3) natural da ilha da Madeira, filho legitimo de Francisco de Aguiar e de D. Maria de Lira, e teve filhos :

1. O padre Gonçalo Maciel de Andrade.
2. D. Ludovina de Vasconcellos, que se segue.
3. D. Rita de Vasconcellos, adiante.
4. D. Thereza Maciel, mulher de Melchior Fernandes Barreto.
5. Ignacio Caetano Maciel, cazado com D. Joana.

---

(1) Cazaram a 6 de Fevereiro de 1697, no Socorro: era esta D. Francisca filha de Thomé Lobo de Barros, e de sua mulher D. Thereza de Brito; era já viuva D. Francisca de João de Freitas Madeira, e foram despensados no 1° gráo de consanguinidade.

(2) Cazaram a 3 D. Fevereiro de 1694, Socorro. Foi batizada D. Suzana a 31 de Janeiro de 1671. De D. Suzana foi tambem filha D. Thereza de Brito, adiante, n. 4.

(3) Cazaram a 8 de Janeiro de 1703, no Socorro.

N. 2. D. Ludovina de Vasconcellos, filha de D. Paula de Barros e de seu marido Theodoro de Lira Aguiar, cazou com Luiz Gomes Vianna, natural de villa de Vianna, o qual é já falecido, teve filha :

6. D. Paula de Barros, que se segue.

N. 6. D. Paula de Barros, filha de Ludovina de Vasconcellos e de seu marido Luiz Gomes Vianna, cazou com João de Lima Fiuza, filho legitimo de Manoel de Lima e de Paula Lopes Fiuza, natural de Ponte de Lima, e teve filhas :

7. D. Maria e D. Anna, de menor idade: 1771.

N. 3. D. Rita de Vasconcellos, filha de D. Paula de Barros e de seu marido Theodoro de Lira Aguiar, cazou com Estevão Lauterio, natural da freguezia do Socorro, o qual faleceu e deixou filhos :

8. Salvador, que viveu solteiro.

N. 4. D. Thereza Maciel, filha de D. Paula de Barros e de seo marido Theodoro de Lira Aguiar, cazou com Melchior Alvares Barreto, natural da villa de Caxoeira, filho de Custodio Barreto e de sua mulher Felippa Alvares; e teve filhos :

9. D. Anna Dina, cazada com Manoel de Passos, com filho de menor idade por nome Jozé.

10. Gonçalo, Custodio, Vicente, Francisco, Antonio, todos de menor idade.

N. 5. Ignacio Caetano Maciel, filho de D. Paula de Barros e de seu marido Theodozio de Lima de Aguiar, cazou com D. Januaria, viuva, e teve um filho.

11. Jozé, de menor idade.

N. 40. D. Thereza de Brito, filha de D. Suzana de Vasconcellos e de seu marido Antonio de Freitas Telles Sotomaior, n. 37, foi cazada com Antonio de Araujo Pestana, e teve filho. Antonio de Araujo, marido d'esta D. Thereza, era filho de Antonio de Araujo Pestana, homem forado, natural da Caxoeira, teve filhos.

12. Antonio Reginaldo.

N. 39. Francisco Xavier de Vasconcellos, filho de D. Suzana de Vasconcellos e de seu marido Antonio de Freitas Telles Sotomaior, cazou com D. Thereza Nogueira, filhos :

Francisco Xavier de Vasconcellos.

Antonio Nogueira de Freitas.

D. Anna Maria das Neves, mulher de Custodio Gonçalves, sem filhos.

N. 21. Antonio de Barros de Gamboa, filho de Gaspar de Barros de Magalhães, n. 16, a fl..., e de sua mulher D. Jeronima Garcez Deça, natural e moradora na freguezia do Socorro, cazou com D. Anna de Goes(1), filha de Simão de Araujo de Goes e de sua mulher D. Ignez de Castro, a fl..., n. 26, e tiveram filhos, que faleceram pequenos.

Por morte d'este seu marido Antonio de Barros de Gamboa cazou esta D. Anna de Goes com Manoel Telles de Menezes, (2) tambem viuvo de D. Maria de Menezes.

N. 38. D. Anna de Barros Lobo, irman de D. Paula de Barros, que já fica na folha ...., e filhas ambas de Bartolomeo de Azevedo Lobo e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, cazou com Pedro Corrêa de Vasconcellos (3), filho legitimo do capitão Leandro Corrêa de Vasconcellos e de sua mulher D. Margarida da Camara Pesqueira, e tiveram filhos:

1. D. Luzia de Vasconcellos, cazada com Francisco de Bra da Rocha Moutinho, sem filhos, viveu cego.
2. Leandro Corrêa de Vasconcellos, que se segue.
3. D. Maria de Vasconcellos Maciel, adiante.
4. D. Apollonia de Barros Lobo, solteira, faleceu.
5. D. Anna da Luz, cazada com Gonçalo Rodrigues Bezerra, natural da freguezia da Caxoeira, filho legitimo de Antonio Marques de Azeredo e de Luzia Pereira, sem filhos.
6. Antonio de Barros Lobo, solteiro.
6. Gonçalo Jozé, cazado com Luzia da Assumpção, viuva de Manoel Ribeiro, sem filhos.

N. 2. Leandro Corrêa de Vasconcellos, filho de D. Anna de Barros Lobo e de seu marido Pedro Corrêa de

---

(1) Cazaram a 27 de Fevereiro de 1713, no Socorro.

(2) Cazaram a 3 de Fevereiro de 1718.

(3) Cazaram a 9 de Outubro de 1701, na capella de S. Paulo do Socorro.

Vasconcellos, cazou com Anna Maria de Jezus, filha legitima de Fabiano Lopes e de sua mulher Maria Sardinha Pereira, elle filho de Portugal e ella da freguezia do Oiteiro Redondo, faleceu, e deixou filhos:

7. Jozé Corrêa, Antonio Corrêa, Domingos Corrêa, solteiros.

N. 3. D. Maria de Vasconcellos Maciel, filha de D. Anna de Barros Lobo e de seu marido Pedro Corrêa de Vasconcellos, cazou com Manoel Pereira de Azevedo, natural da cidade do Porto, filho legitimo de Francisco de Azevedo, e de sua mulher Luzia Pereira, e teve filhos:

8. Manoel Pereira de Azevedo, tenente.

9. Jeronimo Jozé de Vasconcellos, alferes.

10. Antonio Caetano de Barros Lobo.

11. Joaquim Pereira de Sant'Anna.

12. D. Luzia Pereira de Vasconcellos.

13. D. Anna Maria de S. Jozé, todos solteiros até este anno de 1770.

BARROS, LOBO E VELHO

N. 39. D. Izabel Maria de Vasconcellos, filha de D. Joana de Vasconcellos e de Antonio de Freitas Telles, cazou com o coronel Antonio de Aragão de Souza, e teve filho:

1. Antonio Felix de Aragão de Souza, que se segue.

N. 1. Antonio Felix de Aragão de Souza, filho de D. Izabel Maria de Vasconcellos e de seu marido o coronel Antonio de Aragão de Souza, cazou com D. Bernarda da Assumpção Côrte-Real, * filha de Francisco Moniz Barreto Côrte-Real e de sua mulher D. Bernarda Moniz e teve filhos:

2. D. Reginalda Maria da Purificação Côrte-Real, baptizada a 11 de Dezembro de 1758 na igreja da Barroquinha.

---

* Cazaram na matriz do Rozario da villa do Cairú a 12 de Agosto de 1751.

3. D. Firmiana Joaquina de Aragão de Brito, baptizada na matriz da Purificação a 21 de Setembro de 1760.

4. Francisco Moniz de Aragão Barreto, baptizado na matriz de S. Pedro da cidade a 13 de Dezembro de 1762.

5. Manoel Xavier de Aragão Côrte-Real, baptizado a 16 de Outubro de 1764 na mesma igreja de S. Pedro.

6. Luiz de Aragão Barreto Côrte-Real, baptizado a 5 de Junho de 1766 na mesma matriz de S. Pedro.

N. 6. D. Ignez de Barros Lobo, filha de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher Catharina Lobo de Barboza, cazou com Ciprião Velho Barreto (1), natural de Vianna, e teve filhos:

1. D. Maria de Barros, cazada com Garcia da Camara, fidalgo da caza real.
2. D. Izabel de Reboredo.
3. Henrique Lobo, cazado com D. Elena.
4. D. Guiomar Lobo, mulher de Francisco Moniz Telles (2).
5. D. Magdalena de Barros.
6. D. Margarida.
7. Fernão Lobo.

Lourenço de Barros Lobo, filho de Antonio Carvalho Tavares e de sua mulher D. Margarida de Negreiros, natural da freguezia de S. Antonio além do Carmo, da cidade da Bahia, cazou com Leonor Telles Pinheiro, filha de Antonio Rabelo de Macedo e de sua mulher Maria Telles Pinheiro. Cazaram a 17 de Abril de 1717.

MOREIRAS DO SOCORRO

Martim Affonso Moreira, natural de Setubal, fidalgo cavalleiro, filho legitimo de Antonio Moreira de Mendonça, fidalgo cavalleiro da familia de solar dos Moreiras em Santa Maria de Moreira, em Cerolico de Basto, e de sua mulher

(1) Faleceu a 27 de Setembro de 1601, sepultado na cova de Gaspar de Barros.

(2) Cazaram a 26 de Abril de 1613. Paripe.

D. Joana de Souza Gambôa, descendente de um irmão segundo de Martim Affonso de Souza, governador e vice rei da India.* Nos seus primeiros annos foi Martim Affonso Moreira moço da camara real em tempo do Senhor rei D. João III, e passando para a India no serviço do dito Senhor por almirante de uma armada, deu a costa em Porto Seguro no Brazil, dahi se passou para esta cidade da Bahia, e n'ella cazou com D. Luzia Ferreira Feio, irman de D. Ursula Feio, viuva de Pedro Carneiro, e por morte d'este cazou com Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, filhas ambas de Estevão Ferreira e de sua mulher D. Ursula Feio, pessoas de qualidade que de Portugal passaram cazados para esta Bahia, e tiveram assento em um engenho, que levantaram em Cotegipe. Teve Martim Affonso Moreira de sua mulher D. Luzia Ferreira os filhos seguintes:

1. Antonio Moreira de Gambôa, que se segue.
2. Martim Moreira, religiozo jezuita.
3. D. Anna de Gambôa, mulher de Baltazar Lobo de Souza, a fl. . .
4. D. Antonia de Gambôa, mulher de Gaspar de Barros, a fl. .., n. 3, e ahi a sua descendencia.
5. Francisco Moreira, sacerdote.

N. 1. Antonio Moreira de Gambôa, fidalgo, e filho de Martim Afonso Moreira, e de sua mulher D. Luzia Ferreira Feio, cazou com D. Antonia Doria de Menezes, filha de Christovão da Costa Doria, fidalgo cavalleiro, e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de Jeronimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro da caza real, e de sua primeira mulher D. Maria Lobo de Mendonça, filha de Gaspar de Barros de Magalhães, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Catharina Lobo de Barboza de Almeida, uma das tres irmans orfans, que mandou a rainha D. Catharina para n'esta Bahia se cazarem com as pessoas principaes. De Antonio Moreira de Gambôa e de sua mulher D. Antonia foram filhos:

---

* Consta de um documento, que se acha em poder do coronel Rodrigues de Argolo, em que declara fôra passado o alvará em 28 de Fevereiro de 1555.

6. Martim Affonso de Mendonça.

7. D. Francisca de Menezes, mulher de Francisco Soares Brandão, a fl. ..., n. 12.

8. D. Joana Moreira, mulher de Gaspar da Cunha Severim, na fl. .., n.

9. Antonio Moreira de Menezes, e cazado com D. Anna de Argollo a fl. ..., n. 13.

10. Jozé Telles de Menezes, clerigo.

11. Francisco de Sá Barreto, ou de Menezes. Batizado 18 de Março de 1642 em Paripe.

12. D. Luzia de Menezes, mulher de Antonio de Faria Severin. Batizada a 20 de Dezembro de 1643.

13. D. Mariana de Menezes, mulher de Nicoláo de Freitas, e depois de Felippe de Goes. Batizada a 22 de Novembro de 1648.

14. Manoel Telles de Menezes, adiante.

N. 6. Martim Affonso de Mendonça, fidalgo da caza real, filho primeiro de Antonio Moreira de Gambôa e de sua mulher D. Antonia Doria de Menezes, cazou com D. Ignez, filha de Nicoláo Carvalho Pinheiro, a fl..., e não teve filhos.

Segunda vez com D. Brites, filha de Sebastião Soares e de sua mulher.

15. Sebastião Moniz, que se segue.

16. D. Antonia de Menezes, mulher de João de Araujo Cabreira e depois de Paulo Peruia de Mello, e de nenhum teve filhos, teve do primeiro um filho, que foi João de Araujo Pereira.

17. D. Maria, mulher de Manoel Gomes, depois de Pedro Moniz, e tambem de Henrique de Valença, sem filhos de nemhum d'estes.

18. D. Elena de Menezes, mulher de Gregorio Soares e D. Paula Pereira de Mello.

Terceira vez cazou Martim Affonso de Mendonça com D. Joana Barboza, * filha de Miguel Nunes Peixoto, e de sua mulher Concordia Barboza, e teve filhos:

10. Christovão da Costa Doria, adiante.

---

* Cazaram a 10 de Setembro de 1665, na igreja do Monte.

20. D. Brites de Menezes, mulher de Nicoláo Carvalho Pinheiro, a fl. ... foi segunda mulher, fl. ...

21. D. Mariana de Menezes, mulher de Jozé Telles de Menezes, a fl. ..., no fim.

22. Gonçalo Barboza de Mendonça, cazado com D. Antonia de Aragão Pereira, filha de Alberto da Silveira de Gusmão e de sua mulher D. Izabel de Aragão, com filhos (1).

23. Antonio Moniz.

24. Miguel Moniz.

N. 15. Sebastião Moniz, filho de Martim Affonso de Mendonça e de sua segunda mulher D. Brites, cazou com D. Maria de Souza, filha de Francisco Barreto e de D. Clara de Souza, a qual D. Maria era já viuva de Miguel Rodrigues de Gusmão do qual teve uma filha por nome D. Ignez de Gusmão, cazada com Paulo do Argollo, a fl... n. 6.

N. 19. Christovão da Costa Doria, filho de Martim Affonso de Mendonça, n. 6, e de sua terceira mulher D. Joana Barboza, cazou com D. Catharina de Vasconcellos (2), filha de Manoel Mendes de Vasconcellos e de sua mulher D. Brites de Sá, filha de Miguel de Sá e de sua mulher Catharina Corrêa, e teve filhos.

25. Martim Affonso Moreira, que foi cazado com D. Leonor Francisca de Menezes, natural de Passé, filha de Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Brites de Menezes, irman inteira do sobredito Christovão da Costa Doria.

26. D. Joana Barboza, cazada com Antonio Moreira de Menezes (3), seu primo, filho de Antonio Moreira de Gambôa e neto de Martim Affonso Moreira.

N. 11. Francisco de Sá de Menezes ou Barreto, filho de Antonio Moreira de Gambôa, n. 1, e de sua mulher D. Antonia Doria de Menezes, foi cazado com D. Jeronima Diniz, filha de Felippe Velozo e de sua mulher D. Maria da Cruz Diniz, e teve filhos:

---

(1) Cazaram a 27 de Abril de 1716, na matriz do Socorro.
(2) Cazaram a 27 de Novembro de 1692.
(3) Cazaram a 14 de Dezembro de 1728.

27. D. Antonia de Sá Barreto, que se segue.

28. D. Maria de Sá Barreto, mulher de Ignacio Telles, a fl...

N. 77. D. Antonia de Sá Barreto, filha de Francisco de Sá de Menezes e de sua mulher D. Jeronima Dinis, cazou com Nuno Pereira da Silva,* viuvo de Apolonia Ximenes, e d'este e de sua mulher D. Antonia foi filha:

D. Anna Pereira da Silva, que cazou com Baltazar de Vasconcellos Cavalcante de Albuquerque, a fl..., n. 9.

Nuno Pereira da Silva era filho de Pedro Machado Palhares e de D. Maria de Abreo, sua mulher, e por morte d'este cazou segunda vez com D. Maria de Abreo com o capitão Francisco de Araujo da Costa. O sobredito Nuno Pereira da Silva foi escrivão proprietario da alfandega da Bahia por mercê d'el-rei D. Pedro II e provizão de 13 de Março de 1692, officio que tinha sido tambem de propriedade de seu pai Pedro Machado Palhares, com condição de pagar a sua mãi Maria de Abreo no decurso de seis annos 3:732$576 réis, e juros emquanto não pagasse.

N. 20. D. Brites de Menezes, filha de Martim Affonso Mendonça e de sua terceira mulher D. Joana Barboza, a fl.. cazou com o tenente-coronel Nicoláo Carvalho Pinheiro, que era já viuvo de D. Thereza Moniz Barreto, filha de Jeronymo Moniz Barreto, fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Maria de Souza, filha do dezembargador João de Góes de Araujo e de sua mulher D. Catharina de Souza, a fl. .. De seu marido o tenente-coronel Nicoláo Carvalho Pinheiro teve D. Brites filha:

30. D. Leonor Francisca de Menezes, que cazou com Martim Affonso Correa, filho de Christovão da Costa Doria, segundo do nome, e era este Martim Affonso Moreira primo legitimo d'esta sua mulher D. Leonor Francisca de Menezes por serem filhos de dous irmãos inteiros Christovão da Costa Doria e de D. Brites de Menezes.

N. 14. Manoel Telles de Menezes, filho de Antonio Moreira de Gambôa, n. 1, e de sua mulher D. Antonia

* Cazaram a 21 de Outubro de 1691.

Doria de Menezes, cazou com D. Violante, filha de Luiz de Barros Fajardo e de sua mulher Maria Barrozo, a fl. .. n.

Cazou segunda vez com D. Maria de Burgos, bastarda, filha perfilhada de Gaspar Pacheco e de D. Petronilha, pelo qual cazamento houve de seu sogro o officio de juiz dos orfãos de propriedade, e teve filhos :

31. Gaspar Pacheco de Menezes, que se segue.
32. Christovão de Burgos.
33. Caetano Telles de Menezes.
34. Francisco Telles de Menezes.
    D. Antonia e D. Magdalena.

CUNHA E SEVERIM

N. 31. Gaspar Pacheco de Menezes, * filho de Manoel Telles de Menezes, n. 14, e de sua mulher D. Maria de Burgos. Foi muito honrado e bemquisto, e por não ter idade não entrou logo no officio, que ficára de seu pái, e se deu o dito officio de serventia ao doutor Miguel Calmon de Almeida, que tinha pouco mais idade que o dito Gaspar Pacheco, mas entrou no officio no anno de 1705. Parece-me necessario, dice quem isto escreveo, advertir, que o dito Gaspar Pacheco tomou o nome de seu avô materno por lhe pertencer tambem o apelido de seu ascendente o grande Duarte Pacheco Pereira, que tantas proezas fez na India, e foi pai de João Pacheco, commendador do Banho, a qual commenda se deu por sua morte a outra pessoa e satisfizeram ao filho João Pacheco com o officio de juiz dos orfãos da Bahia, e o teve Gaspar Fernandes Pacheco, pai de Maria Pacheco, a qual cazou com o licenciado Jeronimo de Burgos, e foram pais de Gaspar Pacheco, sogro de Manoel Telles de Menezes, por cazar

* A 26 de Março de 1720 faleceu Gaspar Pacheco de Menezes, solteiro, na idade de 43 annos, natural da cidade da Bahia, e n'ella juiz dos orfãos, filho do capitão Manoel Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Burgos ; sepultado em São Francisco. Assento dos obitos da sé.

com sua filha D. Maria de Burgos, que são os pais d'este Gaspar Pacheco aqui. Veja se a fl. .., n. 2, e a fl. .. n. 1.

Para maior clareza do que acima fico dito, e vai adiante, pômos o assento seguinte: A 24 de Janeiro de 1677, recebi ao capitão Manoel Telles de Menezes, viuvo, que ficou de D. Violante, com D. Maria de Burgos, filha natural e perfilhada do capitão Gaspar Pacheco de Contreiras e de D. Petronilla: testimunhas o mestre de campo Alvaro de Azevedo, Diogo Moniz Barreto, etc.

D'este assento, que é verdadeiro, consta o que aqui fica acima, e não dizem, nem explicam outras memorias e manuscritos avulsos.

N. 8. D. Joana Moreira de Menezes, filha de Antonio Moreira de Gambôa e de sua mulher D. Antonia Doria de Menezes, cazou com Gaspar da Cunha Severim,* e teve filha:

35. D. Jozefa Caetana Doria, que se segue.

N. 35. D. Jozefa Caetana Doria, filha de D. Joana Moreira e de seu marido Gaspar da Cunha Severim cazou com Manoel Botelho de Sampaio, e teve filhos.

36. D. Luzia, cazada com Manoel Moniz Barreto, sem filhos.

37. D. Joana Moreira de Gambôa, que cazou com o capitão Clemente da Costa, e teve filho, o padre Egas Moniz.

38. Gaspar da Cunha.

39. Miguel da Cunha Severim.

40. D. Gertrudes Maria do Espirito Santo, cazada com João Paes Barreto.

41. D. Branda, que se segue.

41. D. Branda, filha de D. Jozefa Caetana Doria e de seu marido Manoel Botelho de Sampaio, cazou com Pedro Rodrigues, e teve filhos:

42. Antonio Pereira de Sampaio.

43. D. Leonarda.

34. Francisco Telles de Menezes, filho do capitão

* Cazaram a 15 de Outubro de 1657.

Manoel Telles de Menezes, a fl. .., n. 14, e de sua segunda mulher D. Maria de Burgos, filha bastarda e perfilhada de Gaspar Pacheco de Contreiras, como fica aqui na fl. .., e vai adiante a fl. .., n. 3, e cazou este Francisco Telles de Menezes com D. Francisca de Vasconcellos (1), filha de Custodio Nunes Daltro e de sua mulher D. Angela da Cunha, a fl. .., n. 22, e teve filha:

44. D. Maria Burgos de Menezes, que se segue.

N. 44. D. Maria Burgos de Menezes, filha de Francisco Telles de Menezes e de sua mulher D. Francisca de Vasconcellos, cazou com o capitão de cavallos Miguel Telles Barreto (2), filho do doutor Francisco Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos de Menezes.

PEREIRAS E SOARES DE PARIPE

Gaspar Pereira, o velho, (3) que, dizem memorias e papeis antigos, foi filho natural de Leandro Pereira Pinto, fidalgo da caza de Britiandos da provincia do Minho no arcebispado de Braga, que o teve de Justa Alvares, moça branca, e christan velha, natural da freguezia de S. Pedro de Arcos, termo de Ponte de Lima, comarca de Vianna, filha de um lavrador honrado, a qual recolheram em um mosteiro de religiozas de S. Bento, e o menimo se deo a criar a Baltazar Pereira, moço da camara de el-rei, descendente da caza de Mazarefe, sendo morador em Ponte de Lima, de onde se passou para o Brazil no anno de 1560, e viveu n'esta cidade da Bahia, com engenho

(1) Cazaram a 7 de Fevereiro de 1718.

(2) Cazaram a 12 de Fevereiro de 1741.

(3) Consta todo o referido de uma justificação, que fez o capitão-mór Domingos Monteiro de Abreu, cazado com uma neta de Gaspar Pereira, sobre a limpeza de sangue do dito, por se dizer era o dito Gaspar Pereira de nação por se apelidar filho de Baltazar Pereira, onde se criou, que diziam era christão novo, a qual justificação foi feita no anno de 1675, perante o juiz ordinario o mestre de campo Antonio Guedes de Brito; escrivão Domingos Dantas de Araujo, e se acha na camara ecclesiastica; e das inquirições do padre Gonçalo Monteiro de Abreo, seo bisneto. Faleceu Gaspar Pereira, o velho, em 1623, sepultado no convento do Carmo.

nos limites de Paripe, com invocação Santa-Cruz de Torres, o qual engenho vendeu Baltazar Pereira, a cima, a Antonio Vaz, por escritura de 20 de Março de 1589, e no seguinte anno de 1590, se retirou Baltazar Pereira outra vez para Portugal ; foi opulento em cabedaes, por cujo motivo se quiz Gaspar Pereira, de quem aqui se trata, tratar-se por seu filho, só a fim de ser seu herdeiro, mas opondo-se a isto Ventura de Frias Salazar, fidalgo da caza real, e provedor-mór da fazenda de el-rei, por ser cazado com D. Branca de Vasconcellos, filha do dito Baltazar Pereira, correram litigio e teve sentença a seu favor contra Gaspar Pereira, a qual se confirma pelo destroço dos Olandezes n'esta cidade da Bahia. N'ella cazou Gaspar Pereira, o velho, com D. Maria Soares, (1) filha de Henrique Moniz Barreto, a fl..., e de sua mulher.

1. D. Margarida Soares. Batizada em Paripe a 29 de Julho de 1590.

2. Francisco Pereira Soares, que se segue. Batizada a 30 de Junho de 1591.

3. D. Izabel Soares, adiante. Batizada a 9 de Janeiro de 1593.

Fr. Lourenço Pereira, religiozo calçado, prior do convento da Bahia, batizado a 20 de Agosto de 1595.

Segunda vez cazou Gaspar Pereira com D. Angela Lobo de Mendonça, (2) filha de Jeronimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro primeiro d'este apelido, e chamado o velho, e de sua primeira mulher D. Micia de Mendonça Lobo, filha de Francisco Bicudo, fidalgo mui esclarecido, e de sua mulher D. Micia Lobo de Mendonça Almeida, filha de Baltazar Lobo de Souza, general da carreira da India, onde faleceu o irmão do Conde de Sortelha. D'esta sua segunda mulher D. Angela teve Gaspar Pereira filhos:

4. D. Micia, que faleceu solteira, batizada a 21 de Setembro de 1600.

---

(1) Faleceu D. Maria Soares a 13 de Setembro de 1597, sepultada no convento do Carmo.

(2) Cazaram no anno de 1600, e faleceu D. Angela a 29 de Abril de 1611, sepultada no Carmo.

5. D. Custodia de Menezes, mulher de Francisco de Freitas de Magalhães a fl... Baptizada a 10 de Janeiro de 1602.

6. Manoel Telles de Menezes, ou Barreto, adiante. Batizado a 2 de Maio de 1603.

7. Matheus Pereira de Menezes, ao depois. Batizado a 25 de Setembro de 1604.

8. Baltazar, que faleceu menino. Batizado a 3 de Abril de 1606.

9. Antonio Moniz Barreto ao depois. Batizado a 6 de Junho de 1608.

10. Gaspar Pereira de Menezes, adiante. Batizado a 13 de Setembro de 1609.

11. D. Maria de Menezes, mulher de Francisco de Carvalhal á fl.... n. 1. Batizada a 11 de Janeiro de 1612.

12. Cosme Pereira de Mendonça, adiante. Batizado a 8 de Outubro de 1613.

13. Diogo Moniz Sobrinho.

14. Francisco Moniz Telles. Batizado a 20 de Abril de 1617.

N. 2. Francisco Pereira Soares, filho segundo da primeira mulher de Gaspar Pereira, o velho, D. Maria Soares; foi senhor do engenho Santa-Cruz de Torres, que foi de Baltazar Pereira, como fica dito, e cazou com Maria Pereira de Goes, filha do doutor Diogo Pereira Coutinho e de sua mulher D. Luzia de Goes de Mendonça, tiveram filhos:

15. D. Luzia Pereira, que se segue, batizada a 31 de Maio de 1626.

16. D. Maria Soares, adiante. Batizada a 9 de Setembro de 1629.

17. Miguel Pereira Soares, ao depois. Batizado a 12 de Maio de 1631.

18. Gaspar Pereira Soares, batizado a 29 de Maio de 1632.

19. Diogo Pereira Soares, batizado a 11 de Setembro de 1633.

20. D. Francisca Pereira Soares, batizada a 11 de Outubro de 1634.

21. Bento Pereira, batizado a 19 de Fevereiro de 1636.

22. D. Agueda Pereira, batizada a 9 de Setembro de 1637.

23. Antonio Pereira Soares.

24. D. Clara Pereira, batizada a 5 de Julho de 1639.

25. Bernardo Pereira.

26. D. Apolonia Pereira, batizada a 24 de Fevereiro de 1641.

27. D. Margarida de Goes, batizada no anno de 1642, no tempo em que Segismundo ocupou esta cidade, e por isso se não fez assento.

28. O padre Gonçalo Pereira Coutinho, batizado a 12 de Março de 1646.

29. João Pereira Coutinho, batizado a 9 de Junho de 1652.

N. 15. D. Luzia Pereira, filha de Francisco Pereira Soares e de sua mulher D. Maria Pereira de Goes, cazou por amores com Pedro Mendes Meza, um dos homens mais honrados da freguezia de Paripe, e senhor do engenho grande de Pirajá, que o fundou á sua custa, e n'elle perdeu todo o cabedal, que possuia; era filho de Manoel Mendes Meza e de sua mulher D. Izabel de Faria; teve d'esta filhos:

30. Barbara, que faleceu solteira, batizada a 18 de Fevereiro de 1746

31. Jozé, que faleceu solteiro, batizado a 26 de Março de 1651.

32. Manoel Mendes, batizado a 3 de Fevereiro de 1653.

33. Francisco, que faleceu solteiro, batizado a 6 de Abril de 1654.

34. D. Maria Pereira de Goes, terceira mulher de Estevão Rodrigues do Porto, batizada a 24 de Abril de 1657.

35. Gonçalo e Nuno, que faleceram solteiros.

N. 34. D. Maria Pereira de Goes, filha de D. Luzia Pereira e de seu marido Pedro Mendes Meza, foi terceira mulher de Estevão Rodrigues do Porto *,

* Cazaram na igreja do hospicio da Palma a 10 de Julho de 1686.

natural da Bahia, filho de Fernão do Porto e de sua mulher Maria da Cruz, e teve filhos :

36. Jozé Pereira Porto.

37. Francisco Pereira Porto.

38. Thomazia Pereira.

N. 16. D. Maria Soares, filha de Francisco Pereira Soares, n. 2, e de sua mulher Maria Pereira de Goes, cazou com o capitão de infantaria Domingos Monteiro de Abreo, (1), natural de Villa Nova, freguezia de S. João do bispado do Porto, filho de Domingos Duarte de Abreo, e de sua mulher Brazida Monteiro, o qual Domingos Monteiro veio em companhia do Conde de Castello-melhor, João Rodrigues de Souza Vasconcellos, quando veio por XIV governador d'esta capitania, e viveo sempre honradamente, teve filhos :

39. Gonçalo Monteiro de Abreo, sacerdote secular.

40. Francisco Monteiro de Abreo, o mesmo.

41. Manool Monteiro de Abreo.

42. Domingos Monteiro de Abreo.

43. D. Anna Monteiro de Abreo, que se segue.

44. D. Maria Monteiro, mulher de seu primo Francisco de Sá.

45. D. Thereza Monteiro de Abreo.

N. 43. D. Anna Monteiro de Abreo, filha de D. Maria Soares e de seu marido o capitão Domingos Monteiro de Abreo, cazou com o dito Gabriel Vieira de Araujo (2) natural da villa de Guimarães, filho de João Vieira e de sua mulher Domingas Monteiro, teve filhos :

46. O padre Manoel Monteiro de Abreo, vigario da freguezia de Cotinguiba, batizado ao 1°. de Setembro de 1683.

47. O padre Miguel Vieira Monteiro, vigario da freguezia do Roazrio da cidade, batizado o 11 de Janeiro de 1689.

N. 17. Miguel Pereira Soares, filho de Francisco

---

(1) Cazaram na freguezia de Paripe a 23 de Agosto de 1654.

(2) Este Gabriel Vieira justificou, que seu sogro Domingos Monteiro fôra injustamente infamado de christão novo, e teve sentença do santo officio a seu favor, no anno de 1688.

Pereira Soares, n. 2, e de sua mulher Maria Pereira de Góes, cazou com D. Clara de Souza, filha de Manoel de Souza Dormondo e de sua mulher D. Maria Corrêa, teve mais esta D. Clara uma irman chamada D. Serafina, de quem o mestre de campo Antonio Guedes de Brito teve uma filha, que foi herdeira da sua caza, chamada D. Izabel Maria Guedes de Brito, que cazou com Antonio da Silva Pimentel, de quem já se dice a fl. .. Foi este Miguel Pereira tambem jogador e viveo de tal sorte, que depois de jogar o seu engenho de Paripe e mais bens, que possuia, jogou sua propria mulher duas vezes, e perdendo-a a foi entregar aos que a ganharam. Depois houveram desquites por justiça, e ella se amigou com varios homens e foi mulher publica, e diziam, que o tal seu marido muitas vezes lhe entrava em caza a pedir-lhe, que o socorresse com algum dinheiro, do que ella ganhava pela sua culpa. Tiveram filhos :

48. Manoel, que faleceu solteiro, batizado a 18 de Novembro de 1653. Paripe.

49. Braz Pereira Soares, que se segue.

N. 49. Braz Pereira Soares, filho do Miguel Pereira Soares e de sua mulher D. Clara de Souza, contra vontade de seus parentes cazou com D. Izabel de Barros, (*) filha do capitão de infantaria da Bahia Manoel de Barros e de sua mulher Maria de Borba, e teve filhos :

50. Manoel Pereira, D. Antonia, D. Maria.

AMORIM, BARBOZA

N. 3. D. Izabel Soares, filha de Gaspar Pereira, o velho, e de sua primeira mulher D. Maria Soares, cazou duas vezes, a primeira com Manoel de Azevedo Teixeira, do qual teve uma filha unica, que foi :

51. D. Maria de Azevedo, primeira mulhe do capitão Jeronimo Muniz Barreto a fl...

(*) Cazaram no convento de S. Francisco da Bahia a 6 de Dezembro de 1679.

Segunda vez cazou D. Izabel Soares com Jacome Barboza de Amorim (1), natural de Ponte de Lima, arcebispado de Braga, filho de Baltazar de Amorim Barboza e de sua mulher Izabel Barboza. Teve filhos.

52. João Barboza de Amorim, baptizado a 28 de Janeiro de 1624.

53. Baltazar de Amorim Barboza, baptizado a 15 de Março de 1625.

54. D. Joana Soares Barbara, baptizada ao 1.° de Julho de 1626.

55. D. Angela Barboza Soares, baptizada ao 1.° de Novembro de 1621. Cazada com Francisco de Mello de Vasconcellos.

56. D. Agueda Barboza, baptizada a 6 de Setembro de 1629.

57. D. Francisca Soares, baptizada a 20 de Junho de 1632.

N. 6. Manoel Telles Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, viveu em Paripe (2) em sua fazenda chamada São-Thomé, e cazou com D. Maria de Lima, ou Espinoza Ribeira, como em outros lugares se apelida, filha de Christovão de Espinoza, e de sua mulher Anna Ribeiro, irmã do Rev. Thesoureiro-mór da Sé da Bahia Francisco Ribeiro, e do Rev. Bartolomeu Ribeiro, por serem todos filhos de Francisco Ribeiro e de Catharina Gonçalves sua mulher Teve Manoel Telles filhos.

58, Gaspar Telles Barreto, que se segue, batizado a 2 de Dezembro de 1628.

59. D. Anna Antonio, Francisco, Manoel, Miguel. Estes faleceram solteiros.

60. João Pereira Telles, adiante.

N. 58. Gaspar Telles Barreto, filho de Manoel Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Lima, ou Espinoza, cazou em Curupeba com D. Izabel Pereira, filha de Sebastião Pereira e de sua mulher Anna Corrêa. Teve filhos:

---

(1) Cazaram a 26 de Fevereiro de 1623 na freguezia de Paripe.

(2) Faleceu a 22 de Março de 1682. Sepultado na capella de S. Thomé.

61. Manoel Telles Barreto, que cazou com D. Maria de Freitas, filha de Manoel de Freitas Lobo e de D. Felipa Pimentel, sem filhos, a fl..., n. 28.

62. Sebastião, batizado a 28 de Maio de 1656, e faleceu pequeno.

63. Antonio Telles Pereira, cazado com D. Antonia de Menezes, filha de Augusto Subtil, dispensados no parentesco, sem filhos, e segunda vez cazou com D. Thereza de Menezes. Batizado a 2 de Agosto de 1652.

64. Pedro Pereira de Menezes, cazado com D. Maria de Souza, filha de Ignacio Pereira de Souza, sem filhos.

N. 60. João Pereira Telles, filho de Manoel Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Lima, ou Espinoza, cazou com D. Escolastica Cabral, filha de João Fernandes, teve filhos:

65. Thomé Pereira.

66. Mathias Pereira.

67. D. Eufrazia, D. Thereza, D. Faustina, D. Mariana.

PEREIRAS DE PARIPE

N. 7. Matheus Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, cazou com D. Izabel de Almeida, filha de Gaspar de Freitas de Magalhães, a fl..., e teve filhos:

67. Gaspar Pereira de Magalhães, que se segue.

68. D. Antonia de Menezes, cazada com Jorge de Araujo de Goes a fl... Batizada a 17 de Junho de 1629.

69. D. Angela de Menezes, segunda mulher de Marcos de Betencourt, a fl..., batizada a 1 de Maio de 1631.

70. D. Maria de Menezes, primeira mulher do licenceado Jozé de Araujo de Goes, a fl..., batizada a 25 de Março de 1634.

71. O alcaide mór Francisco Telles de Menezes, que faleceu solteiro, batizado a 9 de Outubro de 1635.

72. O capitão Antonio Telles de Menezes, batizado a 27 de Setembro de 1639, adiante.

73. Domingos Telles de Menezes, batizado a 25 de Junho de 1643, depois.

Segunda vez cazou Matheus Pereira com D. Elena da Silva Pimentel (1), irman do coronel Antonio da Silva Pimentel, o velho, e filhos ambos de Bernardo Pimentel de Almeida, fidalgo da caza real, e sobrinho do governador do Brazil Luiz de Brito de Almeida e de D. Maria de Mello, sua terceira mulher, não teve Matheus Pereira d'esta segunda mulher filhos.

N. 67. Gaspar Pereira de Menezes Magalhães, filho primeiro de Matheus Pereira de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida, cazou com D. Violante Brandoa (2), filha de Thomé Tavares de Alvim e de sua mulher Barbara Pereira de Gusmão, rendeiro do engenho de Santo-Estevão, e n'elle perdeu todo o cabedal, que tinha, por seus parentes lhe não sahirem de caza, e elle os querer banquetear todos os dias; teve filhos:

74. Thomé Pereira de Menezes, que se segue, batizado a 4 de Dezembro 1657.

75. Antonio Telles de Menezes, batizado a 9 de Novembro de 1661.

E o padre Antonio Caldeira de Menezes, bastardo.

N. 74. Thomé Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira de Menezes Magalhães e de sua mulher D. Violante Brandôa, cazou com D. Angela de Souza (3), filha de Vasco de Souza Dormondo e de sua mulher D. Vitoria de Menezes, irman de Jeronimo Moniz Barreto, e filhos ambos, de Francisco Moniz de Menezes, fidalgo e herdeiro, e de sua mulher D. Maria Lobo de Mendonça, e não teve Thomé Pereira d'esta sua mulher filho algum.

Segunda vez cazou Thomé Pereira com D. Ignez de Mello Vasconcellos Corte-Real, viuva de Gaspar de Vargas Cirne Barboza, e filha de Antonio de Couros Carneiro,

---

(1) Cazaram na capella de S. Pedro do Acupe a 9 de Janeiro de 1647.

(2) Cazaram na capella de Santo-Estevão do Socorro a 3 de Setembro de 1656.

(3) Cazaram na freguezia do Monte a 18 de Fevereiro de 1697.

capitão-mór dos Ilheos, e de sua primeira mulher D. Ursula de Mello ; e teve filhos:

76. D. Joana Maria de Vasconcellos, mulher de Elias de Souza Salgado.

N. 71. Francisco Telles de Menezes, filho de Matheus Pereira de Menezes e de sua segunda mulher D. Elena da Silva Pimentel ; servio a el-rei na Bahia com o posto de alferes e capitão-mór de infantaria, e dahi passando para Portugal, foi roubado dos piratas, veio com o Conde de Obidos para a Bahia ; porém maquinando elle e Lourenço de Brito Correa, o velho, o Queiroz, e Alvaro de Azevedo a prizão do Conde, e embarcal-o para Portugal, revelou o segredo Damião de Lançoes, que era capitão, e por isso o fizeram sargento mór, e cedeu a companha a seu sobrinho Theotonio Soares e Francisco Telles prezo, e remetido para Portugal na frota, e Lourenço de Brito e os mais ficaram prezos na Bahia; então foi que Francisco Telles de Menezes comprou a alcaidaria-mór da Bahia a Bernardo de Miranda Henriques, a quem el-rei D. Afonso IV a havia dado, e voltou para a Bahia com Alexandre de Souza Freire, quando a veio governar no anno de 1668. Este foi o alcaide-mór a quem Antonio de Brito de Castro matou na rua do Palacio em Junho de 1683. Não cazou Francisco Telles, mas teve bastardos, filhos:

Antonio de Queiroz e Rui Telles de Menezes.

N. 72. Antonio Telles de Menezes, filho de Matheus Pereira de Menezes e de sua segunda mulher, acima, por morte de seu irmão Francisco Telles de Menezes, acima, o fez o governador Antonio de Souza de Menezes, a quem chamavam o Braço de prata, alcaide mór da Bahia no logar de seu irmão ; e passou a Portugal a queixar-se da tal morte, em os quaes requerimentos gastou tudo o que tinha e depois de estar na côrte annos voltou para a Bahia, aonde acabou muito pobre, tendo dado perdão a Antonio de Brito por intercessão de D. João de Alencastro, que tinha vindo de governar Angola. Foi cazado este Antonio Telles de Menezes com D. Angela Barboza, filha de Belchior Barboza e de sua mulher D. Ursula da Rocha, filha de João da Rocha, e d'ella não teve filhos.

N. 73. Domingos Telles de Menezes, filho de Matheus Pereira de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida, cazou duas vezes, a primeira com D. Francisca de Aguiar, filha de Estevão de Aguiar, o gago, a fl..., e de sua mulher D. Maria Barboza, filha de Domingos Barboza de Amorim, sem filhos ; segunda vez cazou com D. Anna de Menezes, filha de Francisco Furtado e de sua mulher D. Antonia de Menezes, que era filha de Henrique Moniz Barreto, a fl... sem filhos ; viveram muito mal, e se desquitaram, e ella cazou depois com João Pereira.

N. 9. Antonio Moniz Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, cazou com D. Luzia de Espinoza (1), filha de Christovão de Espinoza, e de sua mulher Anna Ribeiro, irmã do Reverendo Conego Thezoureiro mór da Sé da Bahia Francisco Ribeiro, e do Revd. Bartolomeu Ribeiro por serem todos filhos de Francisco Ribeiro, e de Catharina Gonçalves e sua mulher, e teve filhos

77. Christovão Pereira de Aguiar, que se segue. Batizado a 26 de Outubro de 1631·

78. D. Izabel de Figueiró, mulher de João Dias Ribeiro.

79. Manoel Telles, adiante. Batizado a 26 de Março de 1636.

80. Jeronimo Moniz Barreto. Batizado a 4 de Março de 1638.

81. D. Antonia de Figueiró, mulher de Pedro Mendes de Escobar.

N. 77. Christovão Pereira de Aguiar, filho de Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Luzia de Espinoza, cazou com D. Maria do Campo Alomba, (2) filha de Paulo de Alomba, e de sua mulher Thomazia Barboza, e teve filhos. A este Christovão chamavam o Pai de Eguas.

82. Gonçalo Telles de Castello Branco.

---

(1) Cazaram em Cotegipe capela de Santo Antonio a 30 Dezembro de 1630. Cazou esta D. Luiza segunda vez com Gomes de Aguiar, a fl..., n. 9.

(2) Cazaram a 2 de Setembro de 1649.

83. D. Thomazia de Menezes, mulher de Luiz Pereira de Mendonça, filho de Cosme Pereira, a fl... e depois de Thomé de Mello, filho de Lucas Pinto, a fl... Batizado a 9 de Maio de 1652.

84. D. Angela de Menezes, batizada a 20 de Fevereiro de 1656.

85. D. Anna de Menezes, batizada a 9 de Março de 1658.

N. 79. Manoel Telles de Menezes, filho de Antonio Moniz Barreto, n. 9, e de sua mulher D. Luzia de Espinoza, cazou duas vezes, a primeira com D. Thomazia Barboza (1) filha de Bertolomeu Moniz, e de sua mulher D. Achangela da Lomba, e teve filho

86. Constantino Moniz Telles, cazado com D. Thereza de Lacerda Coutinho, e teve filhos.

N. 86. Constantino Moniz Telles, este acima, cazou com D. Thereza de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paz, a fl..., n. 18, e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda Coutinho, e teve filhos, 6 mortos e

87. Francisco Moniz Coutinho.

Segunda vez cazou Manoel Telles de Menezes com D. Mariana Monteiro, (2) filha de Bento Monteiro Freire e de sua segunda mulher D. Suzana Pereira, viuva de Belchior Barboza Pinheiro, e teve filhos:

88. Antonio Telles, que se matou.

89. D. Catharina de Menezes, mulher de Manoel de Mello, o Panica;

90. D. Mariana Telles de Menezes, que se segue. Batizada em Paripe a 18 de Outubro de 1667.

N. 90. D. Mariana Telles de Menezes, filha de Manoel Telles de Menezes, e sua segunda mulher D. Mariana Monteiro, cazou com Antonio Rabelo de Macedo, o Panica, filho de Diogo Rabello de Macedo e de sua mulher D. Margarida de Mello, e teve filhos:

91. O padre Gonçalo Rabelo de Menezes.

92. D. Anna Telles de Menezes, que se segue.

---

(1) Cazaram a 3 de Fevereiro de 1858 Paripe.
(2) Cazaram a 27 de Novembro de 1660, Santa Luzia de Cotegipe.

93. D. Izabel Telles de Menezes, mulher de Vasco de Mello de Vasconcellos, a fl...

N. 92. D. Anna Telles de Menezes, filha de D. Mariana Telles de Menezes e de seu marido Antonio Rabelo de Macedo, cazou com Ignacio de Matos Pinto de Carvalho, cavalleiro professo da ordem de Christo, fidalgo da caza de Sua Magestade, por alvará regio do anno de 1755, capitão de infantaria de um dos regimentos pagos da Bahia, e commandante da fortaleza do mar, e foi filho de Manoel Pinto de Carvalho e de sua mulher Ursula de Matos, irman de Monsenhor Matos; e teve filhos.

94. Antonio Rabelo de Macedo, tenente de infantaria, cavalleiro da ordem de Christo, vive solteiro.

95. Ignacio de Matos Telles de Menezes, que se segue.

96. O doutor Manoel de Matos Pinto de Carvalho, cazado em Lisboa com D. Maria Violante de Albuquerque.

N. 95. Ignacio de Matos Telles de Menezes, filho de D. Anna Telles de Menezes e do capitão Ignacio de Matos Pinto de Carvalho, é capitão de infantaria na Bahia, fidalgo da caza real, cavalleiro na ordem de Christo, cazou com D. Maria, (1) filha do capitão dos auxiliares Jacome Jozé de Seixas e de sua mulher D. Jozefa. Homem de negocio e rico, que foi criado do Conde de Sabugoza, Vasco Fernandes Cezar, vice-rei e governador que foi da Bahia. Teve filhos.

N. 10. Gaspar Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça (2) foi senhor do engenho de Matuim, cazou tres vezes, a primeira com D. Brites Antunes, que era irman de D. Custodia de Faria, mulher de Bernardo Pimentel de Almeida, e teve filhos:

97. Manoel Pereira de Faria, que se segue. Batizado a 28 de Outubro de 1629.

---

(1) Faleceu esta D. Maria a 28 de Julho de 1773. Sepultada no Carmo.

(2) Cazaram a 9 de Janeiro de 1629 em Paripe e faleceu elle a 22 de Outubro de 1659, sepultado no Carmo.

98. João Pereira de Faria, adiante. Batizado a 6 de Fevereiro de 1631.

99. Angela, e Roque, que faleceram de pouca idade.

Segunda vez cazou Gaspar Pereira de Menezes com D. Maria Barboza, (1) filha de seu cunhado Francisco de Freitas de Magalhães, fidalgo da caza real, e de sua primeira mulher D. Maria Barboza, filha esta de Francisco Dias de Almeida e de sua mulher D. Agueda Barboza de Barbuda; e teve filhos:

100. D. Micia de Menezes, mulher de Pedro Barboza de Vasconcellos. Batizada a 19 de Abril de 1637.

101. Francisco de Freitas de Menezes, cazado com D. Elena Monteiro, com filhos. Batizado a 7 de Novembro de 1638.

102. Jeronimo Moniz Barreto, cazado com D. Felippa, filha esta de Antonio de Miranda Silveira e de sua mulher Catharina Corrêa, sem filhos. Batizado a 3 de Outubro de 1639.

103. Gonçalo Pereira de Menezes, adiante. Batizado a 15 de Outubro de 1644.

104. D. Izabel de Menezes, mulher de Angelo de Araujo. Batizada a 19 de Novembro de 1648.

Terceira vez cazou o mesmo Gaspar Pereira de Menezes com D. Angela de Menezes Vasconcellos, filha do alcaide-mór Jorge Barreto de Mello, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Maria da Lomba, e teve filho.

105. Fernão Telles, que faleceu solteiro, batizado a 26 de Janeiro de 1653.

N. 97. Manoel Pereira de Faria, filho do capitão Gaspar Pereira de Menezes, n. 10, e de sua primeira mulher D. Brites de Faria, cazou com D. Francisca de Perada, (2) viuva de Francisco Lopes Girão, o moço, e filha de Francisco de Betencourt, e de sua mulher D. Archangela de Mello; e teve filhos:

106. Francisco Betencourt de Sá, que se segue.

107. D. Brites de Faria Menezes, cazada com o capitão Antonio Ferreira de Souza, sem filhos.

---

(1) Cazaram a 3 de Fevereiro de 1636.
(2) Cazaram a 25 de Outubro de 1651 em Matuim.

108. D. Joana de Menezes.

109. Thomé Pereira de Faria, cazado com D. Mariana de Souza, filha de Ignacio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Margarida Coelho, viveu em Matuim na fazenda, que foi de seu pai, e administração da que foi de sua tia, irman de sua mãi, sem filhos.

N. 106. Francisco de Betencourt de Sá, filho de Manoel Pereira de Faria, e de D. Francisca de Perada, sua mulher, cazou com D. Anna Paes de Azevedo, filha de Miguel Moniz Barreto, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Ursula do Rego, e teve filho:

110. Manoel Moniz Telles.

N. 98. João Pereira de Faria, filho do capitão Gaspar Pereira de Menezes, n. 10 e de sua primeira mulher D. Brites de Faria, cazou com D. Joana de Albuquerque, filha do licenceado João Leitão Arnozo, cavalleiro fidalgo e professo na ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Felippa de Albuquerque Coutinho, e teve filhos:

111. Gaspar Pereira de Albuquerque, que cazou com D. Joana, filha de Jeronimo Moniz Barreto, senhor do engenho da Passagem.

Segunda vez cazou João Pereira com D. Izabel, filha de Antonio de Mello.

N. 104. D. Izabel de Menezes, filha de Gaspar Pereira de Menezes, n 10, e de sua segunda mulher D. Maria Barboza, cazou duas vezes, a primeira com Manoel de Mello, que era de Portugal, e não teve filhos, a segunda vez cazou com Angelo de Araujo e teve filhos:

111. Manoel de Araujo, que cazou com D. Brites, filha de seu irmão Francisco de Araujo.

112. Francisco de Araujo, que cazou com D. Maria, filha de João de Carvalhal, a fl..., n. 12.

113. D. Maria, mulher de Jozé de Mello, a fl..., n. 11, e teve filhos:

114. D. Angela, mulher de Manoel de Carvalhal, a fl... n. 11, e ahi a sua descendencia. D. Joana, que faleceu solteira.

N. 6. Manoel Telles de Menezes, ou Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, a fl... ; viveu na sua freguezia

de Paripe, em uma fazenda, que chamam São Thomé, e cazou com D. Maria de Espinoza, que era sobrinha do padre Bartolomeo Ribeiro, irmão do conego Francisco Ribeiro, e teve filhos :

115. Gaspar Telles, que se segue :

116. João, Manoel e Francisco, que faleceram solteiros.

N. 115. Gaspar Telles, filho de Manoel Telles, acima, n. 6, e de sua mulher D. Maria de Espinoza, cazou em Curupeba com D. Izabel, filha de Sebastião Pereira e de sua mulher Anna Corrêa· e teve filhos :

117. Manoel Telles, que cazou com D. Maria, filha de Manoel de Freitas Lobo.

118. Antonio Telles, que cazou com D. Antonia, filha de Augusto Subtil, sem filhos.

119. Pedro Pereira, cazado com D. Maria, filha de Ignacio Ferreira de Souza, sem filhos

N. 116. João Pereira Telles, filho de Manoel Telles de Menezes, n. 6, acima, e de sua mulher D. Maria de Espinoza, cazou com D. Escolastica, filha de João Fernandes Perfeito, mercador na Bahia, o qual era irmão do padre Jozé Henriques, do padre Domingos Cabral, e de Ignacio Cabral, e teve filhos:

120. Thomé Pereira, Matheus Pereira, D. Eufrazia, D. Thereza, D. Faustina e D. Mariana.

N. 12. Cosme Pereira de Mendonça, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, cazou com D. Luiza Girão, * a qual era filha de André Cavallo, o velho, e já havia sido cazado a primeira vez com F. chamava-se esta primeira D. Maria de Vasconcellos e era filha de Francisco de Mesquita, e cazaram a 25 de Novembro de 1635, de quem lhe não achamos os nomes, nem os pais, e d'esta tal segunda teve filhos.

121. Luiz Pereira, que cazou com D. Thomazia de Menezes, filha de Christovão Pereira de Aguiar, a fl... e de sua mulher D. Maria do Campo Alomba.

122. André Cavallo de Carvalho, que cazou com

* Cazaram a... de Novembro de 1618.

D. Anna de Souza, viuva de Antonio Simões de Crasto, filho de João de Souza Pereira e de sua mulher D. Maria de Souza, não teve filhos ; foi sargento-mór de auxiliares, e capitão de cavallos.

123. Matheus Pereira, cazado com D. Jeronima de Menezes, sua prima, filha de Antonio Moniz e de sua mulher D. Archangela Girão, filha de Francisco Lopes Girão e de sua mulher Francisca de Betencourt, e ella depois de viuva cazou com Antonio de Crasto.

124. Martim Telles, que cazou com D. Barbara de Sá de Menezes, viuva de João de Seixas, de quem não teve filhos, mas teve bastardos D. Florencia de Menezes, mulher de João Batista de Brito e D. Luiza de Menezes

125. Alvaro Girão, que se segue.

N. 125. Alvaro Girão, filho de Cosme Pereira, n. 12, e de sna mulher segunda D. Luzia Girão, cazou por amores com D. Joana Betencourt de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Menezes, e morreu na cadeia pobre, ao desamparo, e deixou filhos :

126. André Cavallo de Carvalho.

127. D. Antonia, D. Maria, D. Simoa, e D. Anna.

N. 14. Francisco Moniz Telles, filho de Gaspar Pereira o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, cazou com D. Policena de Souza Rabelo, filha de Bartolomeo Rabelo, a primeira vez e teve d'esta filhos, e de sua mulher Constancia de Souza.

128. Antonio Telles, que se segue.

129. João Moniz, que faleceu solteiro e Fernão Telles.

129. Francisco Moniz Telles, que cazou com D. Izabel Garcia, filha de Antonio Cordeiro Aires, a fl..., n. 3.

Segunda vez cazou Francisco Moniz, acima, com D. Ignez Lobo, e teve filhos :

130. Antonio Telles, abaixo :

E duas femeas mais.

N. 128. Antonio Telles, a quem chamavam o Carapeba, filho de Francisco Moniz, acima, e de sua primeira mulher Policena Rabelo, cazou com D. Brites de Aguiar,* filha de Gomes de Aguiar Daltro e sua primeira mulher

* Cazaram a 1 de Fevereiro de 1665 em Paripe.

D. Luzia de Espinoza, a qual era já viuva de Antonio Moniz Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, e teve filhos:

131. Lazaro Telles de Menezes, que cazou com D. Elvira de Esteria, filha de Carlos e de D. Angela de Betencourt.

132. Bernardo Moniz Telles.

D. Luzia.

D. Maria.

D. Mariana.

E D. Policena.

N. 130. Antonio Telles, que foi chamado, o Barradas por alcunha, e filho tambem de Francisco Moniz e de sua segunda mulher D. Ignez Lobo, cazou com D. Mariana de Bitencourt, filha de Aleixo Antunes da Silva e de sua mulher Natalia Guedes de Carvalho, filha de Rui de Souza de Carvalho e de sua mulher Antonia Corrêa de Sá, e Aleixo Antunes era filho de Roque Antunes e de sua mulher Anna da Silva, filhos d'elles

133. Urbano Telles.

David Telles.

D. Antonia de Betencourt, mulher de Francisco Pereira Pinto.

E D. Florencia de Betencourt.

GOMES DE LAMEGO

Jorge Gomes de Lamego, morador na cidade de Lisboa, foi cazado em Lisboa, duas vezes, a primeira com Izabel Henriques, da qual teve filhos:

1. Diogo Rodrigues de Lisboa.
2. Gomes Rodrigues.
3. Manoel Rodrigues.
4. Branca Rodrigues.

Segunda vez cazou Jorge Gomes de Lamego com Catharina Lopes, tambem teve filhos, que não achamos na escrita de onde tiramos isto, quaes foram elles,nem os seus nomes.

Foi este Jorge Gomes senhor do engenho de Santa Cruz de Torres em Cotegipe, arrebalde da Bahia, o qual engenho vendeu a Baltazar Pereira, de quem adiante se dirá, e este Baltazar Pereira, o velho, o vendeu depois a Antonio Vaz, e este o vendeu a Gaspar Pereira, de Paripe, o que tudo se acha em uns autos de demandas, que sobre o tal engenho correu pelo tempo adiante Gaspar Pereira com Antonio Vaz, mas nos taes autos ainda que n'elles se fale n'este Jorge Gomes, primeiro senhor do tal engenho e no seu segundo possuidor Baltazar Pereira, não se declara o tempo, em que foram senhores d'este engenho nem as escrituras das suas vendas e compras, e só se acham as de Baltazar Pereira com Antonio Vaz e as d'este com Gaspar Pereira, o velho, como em seu logar se dirá.

PEREIRA

Baltazar Pereira, mercador, e morador na cidade de Lisboa, teve o titulo de moço da camara de Sua Magestade, foi mercador mui rico, e cazou com D. Maria de Mello de Vasconcellos, filha de Antonio de Oliveira, primeiro alcaide-mór da Bahia, onde cazou o dito Baltazar Pereira, quando veio n'esta cidade tratar do seu engenho de Cruz de Torres, em Cotegipe, o qual engenho havia comprado em Lisboa a Jorge Gomes de Lamego, e o vendeu depois no anno de 1589 por escritura de 20 de Março do dito anno a Antonio Vaz, por 32 mil cruzados, como vai adiante. Teve Baltazar Pereira de sua mulher D. Maria de Mello filhos :

1. D. Branca, que se segue.
2. D. Luiza, batizada na sé a 9 de Agosto de 1587.
3. D. Maria, batizada na sé ao 1°. de Setembro de 1585.
4. D. Mariana.

N. 1. D. Branca, filha primeira de Baltazar Pereira e de sua mulher D. Maria de Mello de Vasconcellos, cazou com Ventura de Frias Salazar, fidalgo da caza de

Sua Magestade, servio de provedor da fazenda real, e teve filhos. Faleceu Ventura de Frias a 15 de Abril de 1630, sepultado em S. Francisco.

5. D. Maria, que faleceu sem cazar e deixou por herdeiro a seu irmão João de Salazar de Vasconcellos, fidalgo da caza real.

6. João de Salazar de Vasconcellos, já nomeado.

De Ventura de Frias Salazar, acima, foi irmão João de Frias Salazar, fidalgo da caza real, dezembargador do paço, testamenteiro, tutor e admistrador das pessoas e bens dos ditos orfãos, filhos de Ventura de Frias Salazar.

Baltazar de Amorim, cazado com a irman de Baltazar Pereira.

Domingos Barboza de Amorim, sobrinho de Baltazar Pereira.

Antonio Mendes de Oleiva, tutor dos filhos de Ventura de Frias.

Baltazar Pereira, acima, passou á Bahia no anno de 1560, como se dice já, tratando de Gaspar Pereira, o velho, a fl. . ., e no anno de 1590 se retirou outra vez para Lisboa, e lá na côrte, por escritura de 31 de Maio de 1596, ratificou a venda que havia feito do tal engenho ao sobredito Antonio Vaz, por seu procurador e parente de sua mulher na Bahia o Rev. Bartolomeu de Vasconcellos, conego e chantre da sé.

VAZ, ETC.

Antonio Vaz, de quem não achamos ainda donde era natural e só que no anno de 1589, por escritura de 20 de Março, comprou na Bahia, aonde assistia, a Baltazar Pereira o seu engenho de Santa Cruz de Torres, em Cotegipe, por 32 mil cruzados, e no anno seguinte de 1590 a 2 de Novembro vendeu ao sobredito Antonio Vaz a metade do tal engenho, por escritura de 2 de Novembro, a Gaspar Pereira, o velho, por 140 mil cruzados e cem mil réis, e no mesmo anno de 1590 por outra escritura de

22 do mesmo mez de Novembro vendeu o tal Antonio Vaz a outra metade do proprio engenho ao sobredito Gaspar Pereira, com tudo o mais que tocava d'esse engenho por 160 mil cruzados. Tudo isto sobre o tal engenho e estes que foram seos possuidores Jorge Gomes o 1°., Baltazar Pereira o 2°., Antonio Vaz o 3°., e Gaspar Pereira o ultimo. Se acha assim nos autos de demandas, que correu Antonio Vaz com seu cunhado Gaspar Pereira, o velho, sobre o mesmo engenho, e nos quaes autos se dizeram Antonio Vaz e Gaspar Pereira cunhados. Assim se diz nos autos das demandas a fl. 41 verso, por serem cazados ambos com duas irmans, Gaspar Pereira com D. Maria Soares e Antonio Vaz com D. Antonia Soares, filhas ambas de Henrique Moniz, o velho,* irmão de Duarte Moniz, alcaide-mór da Bahia, como fica a fl...

De Antonio Vaz e de sua mulher D. Antonia Soares foi filha :

1. D. Maria Soares, que se segue e cazou ao 1°. de Setembro de 1596 com Henrique Moniz Barreto, filho de Henrique Moniz Telles e de sua mulher, como fica tudo a fl...

E assim o diz o termo do seu cazamento:—Henrique Moniz Barreto, filho de Henrique Moniz Telles e de sua mulher D. Leonor Antunes, cazou com D. Maria Soares, filha de Antonio Vaz e de sua mulher Antonia Soares. Cazaram na freguezia de Paripe ao 1°. de Setembro de 1596 e os recebeo o vigario Miguel Martins.

TEIXEIRA E MENDONÇA

João Teixeira de Mendonça, natural da cidade de Lisboa, passou á Bahia, e ahi cazou com D. Felippa de Araujo, filha de Maria Barboza de Araujo e de seu marido Manoel Nunes Figueira, a fl...., n. 7. Era o sobredito João Teixeira de Mendonça filho do capitão André Teixeira de

* Erro muito grande. *Nota á margem.*

Mendonça e de sua mulher D. Mariana de Magalhães, filha esta de Manoel Jorge de Magalhães, moço fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Maria Coelho de Brito, e André Teixeira de Mendonça era filho do capitão Antonio Teixeira de Mendonça, moço fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Julia de Carvalho, neto do doutor Marcos Teixeira, deputado da meza da consciencia e ordens e do geral do santo officio de Lisboa, e de sua mulher D. Mariana de Mendonça, bisneto de Diogo Teixeira e de sua mulher D. Violante de Vasconcellos; e D. Julia de Carvalho, mãi do capitão André Teixeira de Mendonça, era filha de João Mendes de Carvalho, commendador de Ferreira e irmão do Marquez de Monte Bello em Castella. De D. Felippa de Araujo e seu marido João Teixeira de Mendonça, foram filhos:

1. Manoel Teixeira de Mendonça, que se segue.

2. D. Mariana, que faleceu solteira a 18 de Maio de 1715.

3. D. Julia de Carvalho, adiante.

N. 1. Manoel Teixeira de Mendonça, filho de D. Felippa de Araujo e de seu marido João Teixeira de Mendonça, foi capitão das ordenanças d'esta cidade da Bahia, e cazou a primeira vez com Pascoa da Resurreição, filha de Christovão de Santiago e de sua mulher Violante da Costa, e por morte d'esta cazou segunda vez com D. Joana Pinheiro de Lemos, filha do licenceado João Pinheiro de Lemos e de sua mulher D. Elena de Mello; cazou a segunda vez a 27 de Novembro de 1687; faleceu a 20 de Fevereiro de 1734 com 70 annos de idade, a fl..., e teve filhos.

4. O doutor Luiz Teixeira de Mendonça, clerigo, que, sendo vizitador das minas d'este arcebispado, faleceu.

5. João Teixeira de Mendonça, que se segue.

6. D. Roza, que faleceu solteira a 2 de Julho de 1729.

7. D. Anna Maria de Mendonça, adiante.

8. D. Clara, solteira.

N. 5. João Teixeira de Mendonça, filho do capitão Manoel Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Joana Pinheiro de Lemos, é sargento mór das ordenanças da

cidade e proprietario de um dos officios de escrivão da ouvidoria geral do civel d'esta capital, de que foram tambem proprietarios seu pai, avô e bisavô, por mercê do Sr. rei D. João IV pelos seus relevantes serviços; cazou com D. Leonor Thereza da Franca Côrte-Real, filha de Domingos Barboza da Franca e de sua mulher D. Elena de Lacerda Coutinho, neta pela parte paterna de Luiz Paes Florião e de sua mulher D. Clara da Franca, filha de Domingos Barboza de Araujo e de sua mulher D. Luiza Franca Côrte-Real, filha esta de Affonso da Franca, o velho, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Catharina Côrte-Real, bisneta de João Paes Florião, fidalgo espanhol, e de sua mulher D. Brites de Almeida, filha de Bernardo Pimentel de Almeida, fidalgo da caza real, e de sua primeira mulher D. Custodia de Faria, a qual descendencia é pela parte materna, neta do capitão Jozé Telles de Barbuda Menezes e de sua mulher D. Izabel Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda de Goes, a fl..., bisneta de Baltazar de Barbuba e de sua mulher D. Angela de Menezes, filha de Francisco de Freitas de Magalhães; e este de Gaspar de Freitas de Magalhães, fidalgo da caza real, e provedor da alfandega da Bahia; terceira-neta do capitão Francisco de Barbuda, o moço, e de sua mulher Angela da Cunha; quarta-neta do capitão Francisco de Barbuda, o velho, e moço da camara real, e cavalleiro da caza de el-rei, e de sua segunda mulher Maria Barboza. Do sargento-mór João Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Leonor Thereza foi filho unico:

9. Manoel Teixeira de Mendonça, que faleceu solteiro.

N. 7. D. Anna Maria de Mendonça, filha do capitão Manoel Teixeira de Mendonça e de sua mulher D. Joana Pinheiro de Lemos, cazou com Francisco Lopes Delgado.

10. João Lopes Delgado.

N. 3. D. Julia de Carvalho Araujo, filha de D. Felippa de Araujo e de seu marido João Teixeira de Mendonça, cazou com Manoel Soares da Veiga, natural de Lisbôa, freguezia de Sant'Anna, filho de Manoel Pinto Roza e de sua mulher Lucrecia Nunes da Veiga, e teve filhos. Cazaram a 3 de Julho de 1678.

D. Antonia de Carvalho Araujo, que se segue, cazou com João Nunes da Cunha, cavaleiro professo na ordem de Christo e guarda-mór da relação da Bahia e não teve filhos.

D. Clara Maria Sobrinha, faleceu a 24 de Julho de 1775 ás 8 para 9 horas da noite, e foi sepultada no outro dia no convento de S. Francisco da cidade da Bahia.

João Pinheiro de Lemos, cazado com D. Elena de Mello, e teve filhas:

1. D. Joana Pinheiro de Lemos, mulher de Manoel Teixeira de Mendonça, que fica.

2. D. Luiza de Mello, que se segue, a fl..., n. 70.

FLORIANOS NA BAHIA

1. João Paes Floriano, ou Florião, como escrevem alguns, foi um cavalleiro, que passou de Madrid, e dizem que pela morte do Conde de Villa Mediana, e o Conde de Castello Melhor fez d'elle muita estimação, e dizia era seu parente, cazou com D. Brites de Almeida * neta de Sebastião de Faria e de Brites Antunes, e filha de D. Custodia de Faria e de seu marido Bernardo Pimentel de Almeida, que era fidalgo bem conhecido, e a dita D. Brites de Almeida, havia sido cazada com Manoel Rodrigues Sanches, homem muito rico, e senhor do engenho de Matuim, em cujo pasto está a igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade, e de Manoel Rodrigues Sanches tinha já D. Custodia de Almeida uma filha, que depois cazou com Rui Lobo Freire, dos quaes não houve filhos, e outra irman D. Francisca, solteira. E por morte d'esta sua mulher D. Brites de Almeida cazou João Paes Floriano com D. Joana Barboza, filha de Domingos Barboza de Araujo e de sua mulher D. Luiza da Franca; e d'esta não teve filhos, e teve da primeira e seguintes:

* Cazaram a 11 de Julho de 1625. Era já viuva de Manuel Rodrigues Sanches, com quem havia cazado em 11 de Maio de 1618.

2. Luiz Paes Floriano, que se segue.

3. Bernardo Pimentel, que morreu solteiro.

4. D. Luiza Floriana, mulher de Manoel da Rocha, cavalleiro de Aviz; cazaram a 6 de Maio de 1655.

E Amaro Paez, bastardo.

N. 2. Luiz Paes Floriano, filho de João Paes Floriano,acima,e de sua mulher D. Brites de Almeida, cazou com D. Clara da Franca, filha de Domingos Barboza de Araujo e de sua mulher D. Luiza da Franca Corte Real, a fl..., n. 3, e teve filhos :

5. João Paes Floriano, que se segne.

6. Domingos Barboza da Franca, adiante.

7. D. Mariana Corte-Real, mulher de Vasco Pacheco de Castro, filho de Gaspar Pacheco de Castro, a fl..., n. 22.

8. D. Brites da Franca, mulher de Manoel Belamberge.

9. D. Luiza, que faleceu solteira, D. Joana, e D. Custodia, freiras no Desterro da Bahia.

N. 3. João Paes Floriano, filho de Luiz Paes Floriano, acima, e de sua mulher D. Clara da Franca, cazou em vida de seu pai com D. Maria Telles de Menezes, filha de Marcos de Betencourt e de sua segunda mulher D. Angela de Menezes, filha de Marcos Pereira de Menezes, a fl..., n. 14. E por morte de seu pai, elle e o sobrinho dissiparam a fazenda, e estiveram sem moer alguns annos, e fizeram depois com sua mai, que vendesse o engenho e fazendas a Antonio da Rocha Pita, dando-se-lhe 12 mil cruzados em dinheiro de dote ; com sua mulher consumiram tudo, e assim mais o que lhe coube por morte da sogra e sogro, e não teve filhos d'ella.

N. 6. Domingos Barboza da Franca, filho de Luiz Paes Floriano e de sua mulher D. Clara da Franca, foi tambem homem desperdiçado, e mui notado por isso, cazou com D. Elena de Menezes * filha de Jozé Telles de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel Lacerda

* D. Elena de Lacerda Coutinho de Góes, diz outro assento a fl. 105 n. 8.

Coutinho, filha de Sebastião Paes de Azevedo e de sua segunda mulher (1) teve filhos.

10. Luiz Paes Floriano.

11. D. Leonor Thereza da Franca Corte-Real, mulher do sargento-mór João Teixeira de Mendonça a fl..., n...

12. D. Clara, mulher de João de Betencurt, e depois de Domingos Simões.

13. O padre Jozé Barboza da Franca; e o padre Manoel Paes á fl. no fim.

BARROS DA FRANCA NA BAHIA

Affonso da Franca, o velho, foi um homem honrado, e fidalgo de bom procedimento, irmão de André Dias da Franca, o qual Affonso da Franca passou á Bahia com sua mulher D. Catharina Corte-Real,e o pai d'esse Affonso da Franca foi Lancerote da Franca. De Affonso da Franca e sua mulher foram filhos :

1. D. Leonor da Franca, que se segue e Francisco, batizado na sé a 16 de Setembro de 1606. Padrinho o governador Diogo Botelho.

2. D. Anna, mulher de João Paes Barreto, sem filhos.

3. D. Luiza, mulher de Domingos Barboza de Araujo, a fl..., n. 4, e ahi a sua descendencia.

4. D. Antonia, mulher de Luiz de Basto Saraiva, a qual se meteu freira com uma filha que teve, e cazaram a 12 de Setembro de 1639 no Desterro.

N. 2. D. Leonor da Franca, filha de Affonso da Franca,acima, cazou com Manoel Gonçalves Barros,(2) da ilha da Madeira, muito rico, servio na Bahia os cargos e postos maiores da republica e milicia, e lhe escreveram muitas vezes os reis satisfeitos dos serviços ; teve filhos. Faleceu D. Leonor acima a 19 de Novembro de

(1) Segunda mulher D. Maria de Lacerda de Góes, a fl..., n. 7.

(2) Cazaram em 27 de Maio de 1630 na sé. Veja-se uma d'estas cartas no principio d'este livro.

1673, sepultada em S. Francisco. Testamenteiros seus filhos o capitão Affonso da Franca e o capitão Manoel de Barros da Franca.

5. João de Barros da Franca, que serviu nas guerras de Pernambuco, e faleceu solteiro.

6. Manoel de Barros da Franca, que se segue.

7. Affonso da Franca, adiante.

8. D. Margarida da Franca, primeira mulher de Salvador Corrêa de Sá ou Vasqueanes, ou Benavides, ao depois, e D. Maria, que faleceu solteira.

N. 6. Manoel de Barros da Franca, filho segundo de D. Leonor da Franca e de seu marido Manoel Gonçalves Barros, servio em Portugal, e depois na Bahia no anno de 1688, foi capitão de cavallos, e coronel de auxiliares. Teve de Elena da Silva (1), filha de Manoel da Silva e de sua mulher Maria Pinto, com a qual Elena cazou depois, filhos:

9. João de Barros da Franca, que morreu solteiro e afogado.

9. Manoel de Barros, Affonso da Franca, clerigo, Antonio de Barros, que faleceu solteiro, e trez freiras, D. Leonor, D. Anna e D. Margarida.

N. 7. Affonso da Franca, filho terceiro de Leonor da Franca e seu marido Manoel Gonçalves Barros foi capitão de infanteria, em que servio a el-rei muitos annos, cazou com D. Maria Gomes, (2) filha do mestre de campo Pedro Gomes, que governou o Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Izabel Madeira, filha legitima do Dr. Lopes Falcato e de Agueda da Costa, viuva do capitão de infantaria Lazaro Lopes; e teve filhos:

10. Pedro Gomes da Franca Corte-Real, foi alferes, capitão de infantaria e mestre de campo, na Bahia, foi dotado de grandes prendas, e muito estimado entre os grandes d'esse tempo, passou a ajudante de tenente e depois a tenente-general, sendo governador Pedro de Vasconcellos no anno de 1712, e faleceu no de 1743, a 23 de Agosto; não cazou.

(1) Cazaram a 27 de Novembro de 1680 na matriz de Passé.
(2) Cazaram no anno de 1669.

11. D. Leonor, que faleceu a 23 de Janeiro de 1705, e foi sepultada em S. Francisco, João, Manoel, Affonso, D. Catharina, (1) e D. Izabel, e outro Manoel, que todos faleceram pequenos.

D. Catharina da Franca, mulher de Tristão Velho de Araujo, a fl..., n. 3.

N. 8. D. Margarida da Franca, filho de Leonor da Franca e de seu marido Manoel Gonçalves Barros, n. 2. foi cazada com Salvador Corrêa Vasqueanes, e teve filhos

12. Manoel, que falleceu de 15 annos.

13. D. Marta de Christo, foi a primeira religioza, que entrou no convento do Desterro a tomar n'elle o habito, tendo de idade 28 annos, no de 1678, em 28 de Janeiro, e havia nascido no de 1650; foi abadeça, viveu no convento 60 annos, e faleceu com fama de virtude e com 88 annos de idade em 3 de Outubro de 1738, veja-se este Salvador Corrêa que já fil-o á fl. 60 e 61.

D. Leonor tambem freira no mesmo convento.

João Alvares Soares da Franca, era filho de Rafael Soares e de sua mulher D. Joana de Mendonça, filha de André Dias da Franca, alcaide-mór de Tanger, e que a governou, e era neto de João Alí Soares e de D. Paula da Silva, sua mulher; filha de Matheus Pires da Silva, vedor da fazenda da India, bisneto de Christovão Lagarto e de sua mulher Leonor Soares, filha de João Alvares, o do Amieira, e Rafael Soares era irmão inteiro de Diogo Soares, escrivão da fazenda, e secretario do conselho de estado de Portugal em Madrid. (2) Cazou este João Alvares Soares da Franca com D. Catharina Corte-Real, sua prima segunda filha de Domingos Barboza de Araujo a fl... n. 9, e de sua mulher D. Luiza da Franca Corte-Real, e teve filhos:

1. Domingos Soares da Franca, que teve a commenda de seu pai, entrou na religião dos carmelitas descalços, e brevemente saiu; cazou com D. Luiza Corte-Real, sua prima, filha de seu irmão Rafael Soares da Franca, e teve d'ella geração, que foi uma filha D. Catharina Jozefa

(1) Batizada a 17 de Novembro de 1680.
(2) Theatr. Geneal. Arvor. 207.

Corte-Real, que cazou com Antonio Jozé de Negreiros, e só teve bastardo um por nome Lourenço Barboza da Franca. Cazou a 15 de Agosto de 1692, no Socorro.

2. Rafael Soares da Franca, que se segue.

3. D. Luiza da Franca Corte-Real, mulher de Luiz Barbalho Bezerra, filho de Francisco de Negreiros, cazado este Francisco de Negreiros com D. Elena Maria de de Argolo de Menezes, segunda vez, sem filhos. Faleceu esta D. Luiza a 23 de Janeiro de 1716.

N. 2. Rafael Soares da Franca, filho de João Alvares Soares e de sua mulher D. Catharina Corte-Real, cazou com D. Catharina de Souza, filha de Antonio Pereira de Souza, cavalleiro do habito de Santiago, e de sua mulher D. Antonia Bezerra, filha do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra ; foi homem rico e senhor de engenho no rio de Paraná-mirim ; teve filhos :

4. João Alvares Soares da Franca, clerigo, autor do livro *Soares Bahiense*, batizado a 17 de Setembro de 1676.

5. Antonio Soares da Franca, mestre de campo na Bahia, batizado 14 de Maio de 1679.

6. D. Luiza da Franca Corte-Real, que cazou com seu tio Domingos Soares da Franca, acima, n. 1 ; teve filha D. Catharina Jozefa Corte-Real, mulher de Antonio José de Negreiros Corte-Real, sem filhos, batizado a 20 de Janeiro de 1672.

7. Domingos Soares da Franca, batizado a 17 de Janeiro de 1686, que a 3 de Fevereiro de 1721 na freguezia de Santiago cazou com D. Izabel de Borba Ribeiro, viuva de Domingos Soares Barbalho, natural de Maragogipe, e faleceu esta D. Izabel a 11 de Julho de 1735.

8. Francisco, que faleceu menino. D. Joana, D. Antonia, D. Paula, D. Maria e D. Marianna, religioza no convento de Odivelas, em Lisboa.

N. 10. O mestre de campo Pedro Gomes da Franca Corte-Real, filho legitimo do capitão Affonso da Franca e de sua mulher D. Maria Gomes, n. 7, era neto por parte paterna de Manoel Gonçalves Barros e de sua mulher D. Leonor da Franca, n. 2, e pela materna era neto do mestre de campo Pedro Gomes e de sua mulher

D. Izabel Madeira, filha legitima de Domingos Lopes Falcato e de Agueda da Costa, viuva do capitão de infantaria Lazaro Lopes Soeiro.

AGUIAR DALTRO

Christovão de Aguiar Daltro. Faleceu a 10 de Dezembro de 1622, sem testamento. Sepultado na capella de S. Antonio da fazenda de Custodio Nunes, a quem chamavam o Velho, e era filho de Alvaro de Aguiar Daltro, e neto de Pedro Vaz, que foi collaço de el-rei D. Pedro I, como se acha em um instrumento de justificação, que conservam seus descendentes, feito na villa da Feira no anno de 1534; passou á Bahia, e este foi o que deo aos religiozos do Carmo todas as terras, que lhe foram necessarias para formarem o seu convento da Bahia, em satisfação do que lhe permittiram na capella maior sua sepultura para elle e seus descendentes, a qual ainda hoje conservam, mas fóra da capella-mór, e é a primeira, porque quando os padres acrecentaram a igreja, a deixaram de fóra. Na Bahia cazou com D. Izabel de Figueiró. Cazou esta D. Izabel, que diz o assento era filha de Pedro Nunes, em Cotegipe, a 2 de Fevereiro de 1592, na fazenda e ilha do Santo Bispo, e teve filhos:

1. Francisco, batizado na sé, a 18 de Julho de 1580.
2. D. Anna de Figueiró, que se segue, batizada a 15 de Abril de 1587.
3. D. Francisca de Aguiar de Espinoza, mulher de Paulo de Carvalhal, a fl..., n. 2.
4. D. Antonia de Aguiar, batizada a 24 de Junho de 1590.
5. Christovão de Espinoza, adiante.
6. Maria de Figueiró, ou de Espinoza, cazada com Manoel Lopes Caldeira a 16 de Fevereiro de 1620, a fl...

N. 2. D. Anna de Figueiró * filha de Christovão

* Faleceu esta a 6 de Agosto de 1657. Sepultada no Carmo.

de Aguiar Daltro, acima, e de sua mulher D. Izabel de Figueiró, cazou com Custodio Nunes * a quem chamavam o Velho, e teve filhos:

7. Matheus de Aguiar Daltro, que se segue.

8. Christovão de Aguiar Daltro, que cazou com D. Izabel Telles, filha de Rafael Telles, sem geração. Faleceu este Christovão a 15 de Janeiro de 1664. Havia cazado a 26 de Julho 1651.

9. O Dr. João Alvares de Figueiró, cazado no Rio de Janeiro. Sem filhos.

10. D. Izabel de Figueiró, adiante. Batizada a 18 de Junho de 1622.

N. 7. Matheus de Aguiar Daltro, cazou a 23 de Janeiro de 1652 e foi batizado a 29 de Agosto de 1624 em Cotegipe ; filho primeiro de D. Anna de Figueiró e de seu marido Custodio Nunes, o velho, n. 2, cazou com D. Maria de Vasconcellos, sua prima, filha de Bartolomeu de Vasconcellos, que era filho de Paulo de Carvalhal, a fl..., n. 2, e neto de Antonio de Oliveira de Carvalhal primeiro alcaide-mór da Bahia, e teve filhos:

11. D. Luzia de Vasconcellos, cazada a 17 de Janeiro de 1681 com Francisco Monteiro Freire, filho de André Monteiro de Almeida e de sua mulher Victoria de Barros Lobo, a fl..., e no anno de 1685 tornou a cazar esta D. Luzia, morto o seu primeiro marido, com Francisco da Silva Pescador, filho de Francisco da Silva e de sua mulher Angela Custodia. E adverte o assento de primeiro cazamento d'esta D. Luzia com Francisco Monteiro Freire no anno de 1681, que era filha de Matheus de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, já defunta, e que foram padrinhos do tal cazamento Matheus de Aguiar Daltro e sua mulher D. Maria Pereira, signal de que era esta D. Maria Pereira sua segunda mulher.

12. Antonio de Vasconcellos, que se segue, e cazou com D. Maria Gomes Filha.

13. João Alvares de Vasconcellos, adiante, e já fiça a sua decendencia a fl..., n. 6.

---

* Faleceu este a 11 de Novembro de 1662, sepultado na sua capella de S. Antonio de Cotegipe.

14. D. Maria de Vasconcellos, ao depois.

15. D. Izabel, mulher de João de Barros Lobo, e teve filho: Martinho de Aguiar de Vasconcellos.

16. D. Angela, mulher de André Monteiro de Barros, filho de André Monteiro, acima, n. 11.

17. D. Anna, mulher de Esteves Telles.

18. Francisco de Aguiar Gaspar Pacheco e Bartolomeu de Vasconcellos.

N. 14. D. Maria de Vasconcellos, filha de Matheus de Aguiar Daltro, n. 7, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, foi cazada com Manoel Gomes Dias, e teve filha:

19. D. Anna Maria de Vasconcellos, que cazou com Manoel da Rocha Doria, e teve d'este filho o capitão Jozé da Rocha Doria, que cazou com sua prima D. Francisca de Menezes. Cazaram a 4 de Dezembro de 1726 na capella do Carmo. Filho este Manoel da Rocha Doria do capitão Miguel Moniz Barreto e de sua mulher D. Angela da Rocha.

19. D. Ignacia de Figueiró, mulher de Manoel Arão Coutinho, filho de Manoel Arão Coutinho e de sua mulher Maria de Brito. Cazaram a 4 de Março de 1715 na capella do Carmo do Limoeiro.

N. 10. D. Izabel de Figueiró, filha de Custodio Nunes, o velho, e de sua mulher Anna de Figueiró, foi cazada duas vezes, a primeira com Melchior Rodrigues Ribeiro, filho de Bento Rodrigues e de sua mulher Izabel Ribeiro da Costa, naturaes do Algarve, Villa-Nova de Portimão. Cazaram na sé a 19 de Outubro de 1637. Faleceram, elle a 6 de Outubro de 1651, e ella a 16 de Março de 1666, e teve filhos:

20. Custodio Nunes Daltro, que se segue.

Bento Rodrigues de Figueiró, licenceado, que faleceu solteiro a 25 de Março de 1699.

João e Francisco, que faleceu solteiro.

Segunda vez cazou D. Izabel de Figueiró com Diogo Pereira da Silva * e teve filhos.

---

* Cazaram a 20 de Fevereiro de 1652 e faleceu elle a 23 de Setembro de 1673, sepultado no Carmo.

21. Bento Rodrigues de Figueiró. Testamenteiro de seu pai.

21. D. Francisca da Silva, abaixo.

21. Nicoláo Mendes de Vasconcellos e Antonio Pereira da Silva.

N. 20. Custodio Nunes Daltro, filho de Belchior Rodrigues Ribeiro, n. 8, e de sua mulher D. Izabel de Figueiró, foi cazado com Angela da Cunha, e teve filhos, filha esta de Bartolomeo de Vasconcellos, fidalgo da da caza real e de sua mulher D. Maria da Conceição. Faleceu este Custodio Nunes a 15 de Maio de 1720.

22. D. Francisca de Vasconcellos, cazada com Francisco Telles de Menezes, a fl...., n. 34.

23. D. Anna Maria de Vasconcellos, que se segue.

24. Christovão de Aguiar Daltro, que cazou com D. Maria Gomes de Vasconcellos, filha de Manoel Gomes Dias e de sua mulher Maria de Vasconcellos, e teve filha Jozefa Maria do Socorro, cazada com Antonio de Brito Freire, e teve filhos. Cazaram a 17 de Outubro de 1718.

25.. Bento Nunes, Bartolomeo de Vasconcellos, Custodio Nunes Daltro, João Alvares Barrreto, Jozé Telles de Vasconcellos, D. Izabel de Figueiró, D. Francisca de Vasconcellos, e 4 mortos.

N. 21. D. Francisca da Silva, filha de D. Izabel de Figueiró, e seu segundo marido Diogo Pereira da Silva, cazou com Manoel de Matos de Viveiros, cazaram a 8 de Fevereiro de 1679, e teve filhos:

26. D. Anna Subtil de Figueiró, que cazou com Sebastião Subtil de Siqueira. Esta tal D. Anna, que o seu sobre nome antes de cazar era só o de Figueiró, depois de cazada tomou mais o de Subtil, por fazer a vontade ou lizonja a seu marido, pois muito se amavam.

Mais filhos: Soror Maria, religioza no Desterro, o capitão Francisco Xavier, o capitão Diogo Pereira da Silva, cazado com D. Leonor Jozefa Subtil de Siqueira, sem filho, Jozé Pereira da Silva.

N. 5. Christovão de Espinoza, filho quarto de Christovão de Aguiar Daltro, o velho, e de sua mulher Izabel de Figueiró, cazou com Anna Ribeiro, como se acha no livro dos cazamentos da matriz de Cotegipe. A 23 de

Outubro de 1603 recebeu o vigario Estevão Fernandes a Christovão de Espinoza, filho de Christovão de Aguiar Daltro e de sua mulher Izabel de Figueiró, já defunta, morador em Cotegipe, com Anna Ribeiro, filha de Francisco Ribeiro e de sua mulher Catharina Gonçalves; tiveram filhos :

27. D. Luzia, batizada a 19 de Dezembro de 1604, cazou esta com Antonio Muniz Barreto, a fl..., n. 9, e ahi a sua decendencia.

28. Francisco, batizado a 28 de Janeiro de 1607.

29. Catharina, batizada a 15 de Janeiro de 1609.

30. Beatriz, batizada a 30 de Julho de 1610.

31. D. Maria, cazada com Manoel Telles Barreto, filho de Gaspar Pereira, o velho.

32. Christovão, batizado a 7 de Fevereiro de 1623.

N. 23. D. Anna Maria de Vasconcellos, filha de Custodio Nunes Daltro e de sua mulher D. Angela da Cunha, n. 20, cazou com o doutor Manoel Nunes Leal, * e a sua ascendencia d'este Manoel Nunes Leal e a descendencia com elle de sua mulher, vai adiante a fl... e a qui tambem que são os seguintes :

32. O doutor Bernardo Manoel de Vasconcellos, que cazou com D. Romana, filha do capitão Antonio Ferreira da Cunha e de sua mulher D. Francisca.

33. O doutor Manoel Nunes, medico, faleceu solteiro.

34. D. Angela, cazada com o capitão Francisco Xavier da Costa, com um filho por nome Custodio.

35. D. Anna, mulher de Jozé Barboza da Cunha, sem filhos.

36. D. Catharina de S. Monica da Cunha, que se segue.

N. 36. D. Catharina de S. Monica da Cunha, que cazou com o capitão Francisco Xavier de Castilho, filho de Antonio Mendes Bravo e de sua mulher Mariana de Jezus, e tem filhos.

37. D. Anna, Pedro de S. Manço, João de Castilho,

---

* Faleceu este a 8 de Maio de 1728, e faleceu ella a 23 de Setembro de 1762, sepultada no Carmo.

D. Maria, D. Ignacia, D. Roza e Alberto Magno Rangel Aguiar Daltro.

Nota-se. Mariana de S. Cruz, mulher de Antonio Mendes Bravo, e mãi de Francisco Xavier de Castilho, era filha de Duarte Ximenes, o qual Duarte Ximenes era filho legitimo de matrimonio de André Lopes da India, e de sua legitima mulher Micia Lopes de Almeida; e por que, por morte de seus pais, foi criado desde menino este Duarte Ximenes em caza de Antonio Correia Ximenes, este lhe pôz o sobrenome de Ximenes, o que tudo consta de um instrumento autentico, que se acha no cartorio do capitão mór João Teixeira de Mendonça, de que é proprietario, e hoje serve n'elle Antonio de Sepulveda de Carvalho; tirado este instrumento no anno de 1698.

A 29 de Dezembro de 1672, faleceu Joana da Vega, moça solteira, filha de André Lopes da India. Testamenteiro seu irmão Manoel Rodrigues de Almeida, sepultada em S. Francisco.

NUNES E LEAL

João Nunes, cazado com Magdalena Leal, vieram de Portugal á Bahia e tiveram os filhos seguintes:

1. Fr. Manoel Leal, religiozo do Carmo.
2. Mariana Leal, que se segue.
3. Catharina Nunes, adiante.

N. 2. Mariana Leal, filha de João Nunes e de sua mulher Magdalena Leal, cazou com Manoel Lopes da Mata, e teve filhas:

4. Maria Nunes, que se segue.
5. Joana Leal, adiante.

N. 4. Maria Nunes, filha de Mariana Leal e de seu marido Manoel Lopes da Mata, foi cazada com Francisco de Lima, e teve filha:

6. Mariana Leal, que cazou com João Gonçalves de Souza, e teve filha, que cazou com Manoel Infante Guimarães, chamada ella Antonia de Souza Lobato, e teve de seu marido filhos:

O padre Antonio Gonçalves Lima e o padre Manoel Gonçalves Guimarães.

N. 5. Joana Leal, filha de Mariana Leal e de seu marido Manoel Lopes da Mata, cazou com Thomé Ribeiro, e teve filha:

7. Thereza Nunes, que cazou com Pedro Fernandes de Azevedo, e teve filho:

O padre Pedro Fernandes de Azevedo.

N. 3. Catharina Nunes, filha de João Nunes e de sua mulher Magdalena Leal, foi cazada com Domingos Rodrigues, filho de Jeronimo Rodrigues e de Anna Lopes, naturaes de Lisbôa, e moradores na Bahia, e teve filho:

8. O doutor Manoel Nunes Leal, que cazou com D. Anna Maria de Vasconcellos, filha de Custodio Nunes e de sua mulher D. Angela da Cunha, a fl..., n. 23, e fl..., n. 23, e ahi a sua descendencia.

9. Francisca Nunes, mulher de Estevão Rodrigues do Porto, a fl...

De Jeronimo Rodrigues, acima, e de sua mulher Anna Lopes, foi tambem filha Gracia Lopes, que cazou com Francisco da Cruz Arraes, e teve filhos sacerdotes;

O padre Antonio da Cruz Arraes, e o padre Thomé da Cruz Arraes.

N. 6. Maria de Figueiró, filha Christovão de Aguiar Daltro e de sua mulher Izabel de Figueiró, a fi..., n. 6 cazou com Manoel Lopes Caldeira; * e teve filhos:

Anna, batizada a 6 de Março de 1622.

Antonio, batizado a 6 de Novembro de 1623.

Christovão, batizado a 11 de Março de 1626.

N. 21. Antonio Pereira da Silva, filho de D. Izabel de Figueiró e de seu segundo marido o capitão-mór Diogo Pereira da Silva, cazou com D. Ursula da Fonseca, filha de Agostinho Paes da Costa e de sua mulher Catharina da Fonseca, com filhos:

Diogo Pereira da Silva, cazado.

D. Catharina de Sande.

D. Thereza de Jezus.

---

* Cazaram a 16 de Fevereiro de 1620 em Colegipe.

Pedro de Aguiar Daltro, que era irmão de Christovão de Aguiar Daltro, o velho, foi cazado com Custodia de Faria.

A 3 de Maio de 1568, batizei a Christovão, filho de Pedro de Aguiar e de sua mulher D. Luiza. Madrinha Leonor de Aguiar. Livro da sé.

1. Antonio de Aguiar Daltro, que se segue.
2. Estevão de Aguiar, abaixo.
3. Thomé de Aguiar Daltro, adiante.
4. Manoel de Aguiar Daltro, ao depois.
5. Sebastião de Aguiar, no fim.
5. D. Jacinta de Aguiar, cazada, a fl...

N. 1. Antonio de Aguiar Daltro, filho de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custodia de Faria, cazou com Brites Barboza, filha de Sebastião Pedrozo e de sua mulher Maria Barboza, que era filha de Thomé Lobato de Lamego e de sua mulher Anna Barboza de Moraes de Viana, e teve filha :

6 D. Custodia Barboza, que se segue.

7 D. Maria de Aguiar, adiante.

Estevão Varela.

N. 6. D. Custodia Barboza, filha de Antonio de Aguiar Daltro, n. 1, e de sua mulher Brites Barboza, cazou com Antonio Ferraz de Abreo, filho de João de Araujo de Souza, que era filho de D. Ignez Deça e de seu marido Luiz Alvares de Espinola, o qual João de Souza cazou com D. Francisca Garcez, filha de Antonio Ferraz de Abreo, a fl..., n... De D. Custodia e seu marido foi filho :

8. Nicoláo de Souza Deça, que cazou com D. Catharina Deça, filha de Manoel de Souza e D. Maria Deça sua mulher, a fl..., n. 41, e depois cazou este Nicoláo de Souza com D. Ursula, e esta D. Maria Deça era filha de D. Izabel Deça e de seu marido Sebastião Pedrozo de de Viana, a fl... n. 35.

7. D. Maria de Aguiar, filha de Antonio de Aguiar, n. 1, e de sua mulher Custodia de Faria, cazou com Manoel Moniz Barreto, filho de Jorge Barreto de Menezes, a fl..., n. 4, e era neta de Pedro de Aguiar, acima.

N. 2. Manoel de Aguiar Daltro, filho segundo de

Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custodia de Faria, foi cazado com F. e teve filhos :

9. Gomes de Aguiar, que se segue.

10. Manoel, batizado a 30 de Agosto de 1609. Padrinhos Antonio de Aguiar, seu irmão, id est, de seu pae ; e Ignez Ribeiro, mulher de Sebastião de Aguiar, irmão tambem do pai do batizado.

N. 9. Gomes de Aguiar, filho de Manoel de Aguiar, n. 2, e de sua mulher, foi cazado duas vezes ; a primeira com D. Luzia de Espinoza, filha de Christovão de Espinoza e de sua mulher Anna Ribeiro, a qual D. Luzia de Epinoza era já viuva de Antonio Moniz Barreto, a fl..., n. 12, e ahi os filhos que teve d'este seu primeiro marido, e do segundo aqui, Gomes de Aguiar, * teve filhos :

11. Thomé de Aguiar, que se segue.

12. D. Brites de Aguiar, a qual, sendo batizada a 19 de Dezembro de 1604, foi cazada,como diz o assento assim: Ao 1°,de Fevereiro de 1665,recebi,n'esta matriz de Paripe, a Antonio Telles de Betencourt, o Carapeba, filho de Francisco Moniz Telles e de sua mulher D. Policena, com D. Brites de Aguiar, filha de Gomes de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Luzia de Epinoza, já defuntos. Teve D. Brites de Aguiar de seu marido Antonio Telles de Betencourt a geração, que fica a fl... n. 47.

Segunda vez cazou Gomes de Aguiar com D. Clara de Mello, a qual era tambem viuva e teve d'esta filho :

13. Manoel de Aguiar ; consta isto do assento da morte d'esta D. Clara, o qual diz assim: A 29 de Março de 1666 faleceu D. Clara, viuva de Gomes de Aguiar. Testamenteiro seu filho Manoel de Aguiar. Está sepultada na capella de S. Thomé.

N. 11. Thomé de Aguiar, filho de Gomes de Aguiar, n. 9, e de sua primeira mulher D. Luzia de Espinoza, foi cazado com Margarida de Araujo, e teve filhos :

14. Maria, batizada a 10 de Fevereiro de 1670.

---

* Faleceu Gomes de Agniar a 29 de Março de 1660, e D. Luzia faleceu a 7 de Fevereiro de 1646.

13. Vasco, batizado a 21 de Abril de 1673.
16. Antonio, batizado a 16 de Julho de 1674.
17. Antonio, batizado a 12 de Julho de 1676.
18. Francisco, batizado a 26 de Setembro de 1679.

N. 3. Thomé de Aguiar, filho terceiro de Pedro de Aguiar e de sua mulher Custodia de Faria, cazou com D. Maria de Lemos (1), viuva de Martim Carvalho, e teve filha:

19. D. Ignez de Aguiar Daltro, que cazou com o alferes Manoel de Souza de Abreo a 12 de Março de 1663, e faleceu ella no 1.º de Agosto do mesmo anno, e o marido em 7 de Junho do seguinte de 1664. Elle sepultado em S. Francisco, e ella no Carmo.

N. 4. Estevão de Aguiar, filho quarto de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custodia de Faria, cazou com D. Maria de Menezes (2), filha de Domingos Barboza de Amorim; a este Estevão de Aguiar chamavam o Gago, e teve filhos:

20. D. Francisca de Aguiar, que foi primeira mulher de Domingos Telles de Menezes, filho de Matheus Pereira de Menezes, a fl..., n. 4, sem filhos.

21. D. Maria, baptizada a 4 de Novembro de 1635.

N. 5. Sebastião de Aguiar, filho quinto de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher Custodia de Faria, cazou com Ignez Ribeiro, teve filhos:

22. Christovão, batizado a 3 de Fevereiro de 1599.
23. Maria, batizada a 27 de Março de 1601.
24. João, e Sebastião Thomé de Aguiar, este cazou com D. Maria Corrêa, filha de Pedro Vaz Corrêa e de sua mulher Maria do Campo; e viuva que ficou de Manoel de Souza: cazaram a 4 de Outubro de 1640.

N. 23. Maria de Aguiar, filha de Sebastião de Aguiar e de sua mulher Ignez Ribeiro, cazou com Bernardo de Aguirre, filho do capitão Pedro Aires de Aguirre e de sua mulher D. Catharina Quaresma, e teve filhos:

25. Pedro, batizado na sé a 21 de Junho de 1620.
26. Sebastião Carlos e Catharina Quaresma.

---

(1) Cazaram a 19 de Junho de 1639.
(2) Cazaram a 20 de Fevereiro de 1631, em Matuim.

27. Thomé de Aguiar.
28. Nuno Alvares Pereira.
29. Francisco Aires de Aguirre.

N. 5. D. Jacinta de Aguiar, filha de Pedro de Aguiar Daltro e de sua mulher D. Catharina Antunes * natural d'esta Bahia, cazou com Antonio Diniz Ribeiro, natural d'esta Bahia ; filho de Francisco Diniz e de sua mulher Catharina dos Reis, da freguezia do Socorro. Donde se segue, que foi cazado duas vezes Pedro de Aguiar Daltro, a primeira como fica a fl..., n. 1 ; e a segunda com esta D.Catharina Antunes,com a qual cazou, como consta do assento do livro da sé.

N. 24. Christovão de Aguiar Daltro, filho de Custodio Nunes Daltro, a fl... n. 20, e de sua mulher Angela da Cunha ahi, foi cazado com D.Maria de Vasconcellos, filha de Manoel Gomes Dias e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, a fl..., n. 14, e teve este Christovão de Aguiar d'esta sua mulher D. Maria de Vasconcellos filha:

D. Jozefa Maria do Socorro.

Por morte d'este seu marido Christovão de Aguiar Daltro, cazou segunda vez esta mulher D. Maria de Vasconcellos com o capitão Francisco de Brito Freire, natural do Socorro, filho de Jozé de Brito Freire e de sua mulher D. Clara dos Anjos ; cazou com este segundo marido a 28 de Maio de 1714, na capella do Carmo do Limoeiro.

PERADA

Henrique de Perada, que foi da caza da Excellente Senhora,e irmão de Antonio de Perada (a Excellente Sra. D.Joanna, filha de Henrique IV de Castella), e não achamos de quem eram filhos, foi cazado com Francisca de Siqueira Cabral, de quem tambem não achamos a sua ascendencia, e só que tiveram filhos :

---

* Cazaram a 21 de Março de 1658.

1. D. Francisca de Perada, que cazou com Manoel de Mello de Vasconcellos filho de Antonio de Oliveira de Carvalhal, a fl... n. 1; e ahi a sua decendencia.

2. Rafael de Perada, clerigo, cura da sé pelos annos de 1642, em que a 20 de Agosto do dito anno, em Nossa Senhora da Ajuda, administrou, ou foi ministro dos contrahentes Baltazar de Aragão e Leonor da Rocha Peixoto, e foi padrinho o governador Lourenço de Brito Corrêa.

Alvará

Eu el-rei faço saber a vós D. João da Silva, Conde de Porto-Alegre, mordomo-mór de minha caza, que eu aprezento ora de escudeiro fidalgo e cavalleiro a Henrique de Perada, que foi da Excellente Senhora, que santa gloria haja, irmão de Antonio de Perada, com trezentos moios mais em sua moradia em cada mez, além dos 550 réis, que até agora teve de escudeiro, e assim haverá d'aqui em diante de cavalleiro fidalgo 850 de moradia por mez, e um alqueire de cevada por dia, pagos segundo ordenança. Mando-vos, que façaes assim assentar em os livros de minhas moradias, e tanto que lhe fôr assentado lhe tornareis este alvará para sua guarda. Aires Tavares o fez aos 30 dias de Julho de 1550. *Rei.*

Requerimento da mulher d'este Henrique de Perada

Francisca Siqueira Cabral, D. viuva, que ella tem 150 réis de tensa em cada um anno, que lhe fez Sua Magestade mercê pelos serviços de seu marido Henrique de Perada, que Deus tem, e porque agora lhe é necessario aprezentar provizão, por onde o dito Senhor lhe fez essa mercê, e a propria se lhe queimou, ha muitos annos, queimando-se-lhe as cazas a seu genro Manoel de Mello em Paripe, onde ella supplicante estava, e tem a dita provizão registrada no livro da fazenda, por onde se lhe fez o seu pagamento. Pede a Vossa Magestade lhe mande dar o traslado da dita provizão na verdade, para o aprezentar. E. R. M. Desse-lhe, como pede. *Rorges.*

Em cumprimento do despaxo acima de Sebastião Borges, provedor mór da fazenda de Sua Magestade d'este estado, certifico eu Pedro de Vargas Giraldes, escrivão da fazenda de Sua Magestade, n'esta cidade da Bahia do dito estado, que no liv. 2.° dos registros das provizões, a fl. 250 verso estão registradas uma provizão de Sua Magestade e uma postilla cujo traslado é o seguinte:—Eu el-rei faço saber aos que este meu alvará virem, que, havendo respeito aos serviços de Henrique de Peiada, cavalleiro fidalgo de minha caza, apozentador dos fidalgos, e haver muitos annos que me servio em Africa, no reino, de ir com o Senhor rei, meu sobrinho, que Deus tem, na jornada de Africa, * e ficar, por seu mandado com os doentes que ficaram em Arzilla, por infermeiro mór, vindo de lá doente, faleceu n'esta cidade: Hei por bem de fazer mercê a Francisca Siqueira, sua mulher, 150 réis de tença cada um anno em dias de sua vida, que começará a vencer de 11 dias de Agosto d'este anno prezente de 1579 em diante; os quaes hei por bem, que lhe sejam pagos no recebedor do dinheiro de um por cento e obras pias; e portauto mando ao recebedor, que ora é e aodiante fôr, que dos ditos 11 dias de Agosto em diante, em cada um anno, pague á dita Francisca Siqueira os ditos 150 réis, aos quarteis do anno, por o traslado d'este, que será registado no livro de sua despeza pelo escrivão do seu cargo e conhecimento da dita Francisca Siqueira, mando aos contratadores, e levem em conta ao dito recebedor os ditos 150 réis, que lhe assigne pagar cada anno, e esto hei por bem, que valha pela minha chancelaria, sem embargo da ordenação do liv. 2 tit. 20, que o contrario dispõe. Luiz Henriques o fez, Lisboa a 26 de Agosto de 1579. E eu Alvaro Pires o fiz escrever. E não diz mais a dita provizão, que estava assignada por el-rei e com visto de D. Francisco de Faria.

O que tudo fiz trasladar por mim Simão Nunes Ultra, e concertado com o contador Antonio de Faria, hoje 11 de Agosto de 1591. *Simão Nunes Ultra. Antonio de Faria.*

---

* Perda de el-rei D. Sebastião em 4 de Agosto de 1578.

Affonso de Siqueira, amo da Excellente Senhora, e cazado com D. Brites Soares, filha de Fernão Soares de Albergaria e de sua mulher D. Izabel de Mello, filha de Estevão Soares de Mello, senhor de Mello, neta esta D. Bristes de Diogo Soares de Albergaria e de sua mulher D. Brites de Vilhenha, filha de Rui Vaz Coutinho, senhor de Ferreira, bisneta de Fernão Gonçalves de Santar, criado de el-rei D. João I e pagem dos infantes, e era filho este Fernão Gonçalves de Santar de D. Gonçalo, bispo de Vizeu. Cadern. ant. fol. 112 verso.

RAVASCO

Christovão Vieira Ravasco, * fidalgo da caza de Sua Magestade, descendente da nobre familia dos Ravascos da famoza praça de Moura da parte d'além do rio Guadiana, cazou com D. Maria de Azevedo, de quem diz o padre André de Barros na vida que compoz do padre Antonio Vieira, não achou lá mais noticia, do que ser natural da côrte de Lisbôa; d'estes foram filhos, e o primeiro:

1. O padre Antonio Vieira, que a 6 de Fevereiro nasceu em Lisbôa no anno de 1608, e a 15 do mesmo mez foi batizado, em uma quarta-feira, dia da trasladação de S. Antonio, na sé de Lisbôa, sendo seu padrinho D. Fernão Telles de Menezes, Conde de Unhão; antes de completar os oito annos partio de Lisbôa com seu pai e mãi para a cidade da Bahia; e n'ella faleceu em 1697.
2. Bernardo Vieira Ravasco, que se segue, batizado na sé a 3 de Julho de 1619.
3. D. Ignacia de Azevedo Ravasco, adiante.
4. D. Catharina Ravasco de Azevedo, ao depois, batizada a 24 de Outubro de 1620, cazou em 15 de Julho

* Faleceu a 1 Junho de 1667; sepultado em S. Bento.

de 1763. D. Catharina Ravasco, n. 4, cazou com o sargento mór Rui Carvalho Pinheiro, e não teve filhos e faleceu a 28 de Janeiro de 1662.

5. D. Leonarda de Azevedo Ravasco, que na Bahia cazou com o dezembargador Simão Alvares de la Penha Deosdará, filho de Manoel Alvares Deosdará, a fl..., o qual dezembargador Simão Alvares havia passado de Pernambuco para a Bahia, onde foi provedor mór da fazenda real, e o unico juiz dos cavalleiros, que houve, e embarcando-se da Bahia para Portugal com um filho Manoel Alvares de la Penha, quatro filhas, sua mulher, com toda a sua fazenda e bens, naufragaram todos nas ondas do mar.

N. 2. Bernardo Vieira Ravasco, * filho segundo de Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, acima, foi o primeiro secretario de estado, da Bahia feito por el-rei D. João IV, alcaide-mór da cidade da Assumpção do Cabo Frio; não cazou; mas de D. Felippa Cavalcante Albuquerque, filha de Lourenço Cavalcante e de sua primeira mulher D. Ursula Feio, a fl..., n. 3, teve bastardos filhos.

6. Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, que cazou duas vezes, a primeira com D. Antonia Maria de Vasconcellos, filha de Aleixo Paes de Azevedo e de sua mulher D. Francisca de Vasconcellos, a fl..., n. 25. E a segunda com D. Leonor Jozefa de Menezes, filha de Diogo Moniz Telles, o Gordo, a fl..., n. 27, a qual faleceu a 9 de Novembro de 1737; e de uma teve filhos. Foi fidalgo da caza de Sua Magestade. Sucedeu ao seu pai; foi commendador da ordem de Christo, alcaide-mór da cidade da Assumpção de Cabo-Frio, secretario de estado das guerras do Brazil, e repetidas vezes governou a republica da Bahia, servindo, como vereador mais velho, de juiz de fóra. Faleceu a 9 de Outubro de 1725, sepultado na sua capella do Carmo com 85 annos de idade.

Cazou a primeira vez a 26 de Julho de 1685.

Cazou segunda vez a 22 de Setembro de 1692.

N. 3. D. Ignacia de Azevedo, filha terceira de

---

* Faleceu em 1697.

Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, foi cazada com Fernão Vaz da Costa Doria, como vai na fl..., n. 10, e ahi a sua descendencia.

N. 4. D. Catharina de Azevedo Ravasco, filha de Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, foi primeira mulher do sargento mór Rui Carvalho Pinheiro ; filho do primeiro Rui Carvalho Pinheiro, chamado o velho, a fl..., n. 1, e seguinte e ahi o mais.

COSTAS

D. Duarte da Costa, governador da Bahia, que entrou n'ella pelo anno de 1553, e era tio de Fernão Vaz da Costa, de quem adiante se trata, e cazou este Fernão Vaz da Costa na mesma Bahia, para onde viera em companhia do dito governador, seu tio, com Clemencia Doria, de quem logo se dirá. Era este D. Duarte, governador da Bahia, filho segundo de D Alvaro da Costa e de sua mulher D. Magdalena da Silva, filha de Rodrigo Pimentel de Almeida, alcaide-mór de Torres Novas. Era o tal D. Duarte da Costa neto de D. Alvaro da Costa, deão da sé da Guarda ; e este era filho de D. Gilianes da Costa e de sua segunda mulher D. Joana da Silva, filha de D. Felippe de Souza, e irman do Barão de Alvito. E D. Glilianes da Costa era filho de D. Alvaro da Costa, camareiro-mór e armeiro-mór de el-rei D. Manoel, e vedor da fazenda da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, e foi cazado com D. Beatriz de Paiva, filha de Gilianes de Magalhães, o cavalleiro, pelo ser de Garrolhea, e de D. Izabel de Paiva, sua mulher. A este D. Alvaro da Costa, tronco dos Costas de Portugal, concedeo o dito rei D. Manoel o Dom ; e este D. João da Costa, terceiro neto d'este D. Alvaro da Costa, foi o primeiro Conde de Soure e d'este foi filho segundo D. Rodrigo da Costa, que foi governador da ilha da Madeira e da Bahia d'onde entrou no anno de 1702, e

depois vice-rei da India. De D. Duarte da Costa, acima, foi sobrinho, como se dice:

Fernão Vaz da Costa, que cazou com Clemencia Doria na fl... adiante:

Das inquirições com que se ordenou de sacerdote Francisco da Silva de Menezes, tiradas na Bahia no anno de 1634, consta o seguinte dos juramentos, que deram varias testimunhas:

Frei Bernardo de Azevedo, religiozo de S. Bento; certifico, que eu conheci a vizavó de Francisco de Menezes, chamada Clemencia Doria, pessoa muito nobre, a qual veio a esta terra por mandado da rainha D. Catharina, e assim conheci sua avó D. Luiza Doria, e seu avô Martim Carvalho, pessoa nobre, e foi provedor da fazenda em Pernambuco, e aqui sempre andou no governo da terra; e assim conheço tambem Braz da Silva de Menezes e D. Clemencia Doria, pai e mãe do ordenando. 10 de Dezembro de 1634.

Frei Vicente do Salvador, padre d'esta custodia de S. Francisco do estado do Brazil, que eu conheço a Francisco da Silva Menezes, filho do capitão Braz da Silva de Menezes e de sua legitima mulher D. Clemencia, a qual sei ser filha de Martim Carvalho e de D. Luiza Doria etc. Em 7 de Novembro de 1634.

Frei Placido das Chagas, religiozo de S. Bento, que eu conheço a Francisco da Silva de Menezes, filho do capitão Braz da Silva de Menezes e de sua mulher D. Clemencia Doria, neto de Martim Carvalho e de sua mulher D. Luiza Doria. 10 Setembro de 1634.

Francisco da Silva de Menezes, filho legitimo do capitão Braz da Silva de Menezes, natural da villa de Campo maior, e de sua mulher D. Clemencia Doria, natural da Bahia; e por via paterna, neto de Fernão da Silva de Menezes, natural da mesma villa de Campo-maior, e de sua avó Domingas Pereira, natural da mesma villa, e por via materna, de Martim de Carvalho, da ilha da Madeira, e de sua avó D. Luiza Doria, natural da Bahia diz petição, que fez para as ordens. Em 6 de Outubro de 1634.

DORIAS

Clemencia Doria, * descendente de Florintim Doria, que era sobrinho legitimo de André Doria, principe, e delfi de Genova, que com o favor de Carlos V, imperador de Allemanha, livrou aquella republica da sugeição que havia a varias potencias,e ultimamente de Francisco I de França no anno de 1528, ajudado do mesmo Carlos V, e dahi em diante a ficaram governando como doges, e senhores independentes André Doria e seus sucessores, dos quaes procedeu a sobredita Clemencia Doria, a quem uma memoria, que vai adiante trasladada, dá o nome de Martini Doria, a qual passou á Bahia, e não achamos a cauza, porque; e só, que na Bahia cazou esta Martini Doria, como traz o manuscrito que citamos, ou Clemencia Doria, como é mais certo, por constar assim do assento do livro dos batizados da sé da Bahia, que logo trasladaremos. Cazou na Bahia esta Clemencia Doria com Fernão Vaz da Costa, que era sobrinho do governador acima D. Duarte da Costa, e teve filhos:

1. Nicoláo, batizado na sé a 13 de Dezembro de 1558.

2. Christovão, batizado na sé, a 17 de Julho de 1560.

3. Guiomar, batizada na sé a 5 de Dezembro de 1561.

4. Francisco, batizado na sé a 17 de Outubro de 1563.

5. Clemencia, batizada na sé em 1565.

6. Maria, batizada na sé a 10 de Fevereiro de 1567.

7. Anna, batizada na sé a 31 de Julho de 1568.

---

* Outra memoria diz, que era esta Clemencia Doria, sobrinha tambem de André Doria.

Foi esta Clemencia uma das trez orfans, que tambem mandou a rainha D. Catharina, para na Bahia cazarem com as pessoas principaes.

A outra foi D. Ignez da Silva, que cazou com Christovão Brandão e a terceira D. Violante de Eça, que cazou com João de Araujo de Souza.

Quando foi batizada esta Anna, declara o assento, que seu pai Fernão Vaz da Costa era já falecido, e por consequencia faleceu entre o mez de Novembro do anno de 1567 até o principio de Julho de 1568.

N. 2. Christovão da Costa Doria, filho segundo de Fernão Vaz da Costa e de sua mulher Clemencia Doria, cazou com D. Maria de Menezes, que era filha de Jeronimo Moniz Barreto e de sua mulher D. Micia Lobo, a fl..., n. 3, e teve filhos:

8. Francisco da Costa, que se segue.

9. D. Antonia Doria, mulher de Antonio Moreira, de Gambôa, filho de Martim Affonso Moreira e de sua mulher D. Luiza Ferreira, a fl..., n. 2, e ahi a sua descendencia. Batizada na sé a 19 de Junho de 1606.

N. 8. Francisco da Costa, filho primeiro de Christovão da Costa Doria e de sua mulher D. Maria de Menezes, cazou com D. Clemencia Doria, sua tia, irman de seu pai Christovão da Costa Doria, e teve filhos:

10. Fernão Vaz da Costa Doria, que se segue.

11. D. Izabel Barbara de Menezes, que cazou com Antonio de Mello de Vasconcelos, a fl..., n. 14, e ahi a sua descendencia.

N. 10. Fernão Vaz da Costa Doria (1) filho de Francisco da Costa, n. 8, e de sua mulher Clemencia Doria, cazou com D. Ignacia de Azevedo, filha de Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo, e teve filho:

12. Francisco de Abreo da Costa Doria, que se segue.

N. 12. Francisco de Abreo da Costa Doria, (2) filho de Fernão Vaz da Costa Doria e de sua mulher D. Ignacia de Azevedo, foi cazado com D. Anna de Menezes, filha de Rui Dias de Menezes e de sua mulher D. Guiomar Ximenes, e teve filhos:

13. Manoel de Sá Doria Ravasco, que se segue.

14. D. Ignacia de Menezes, adiante, e D. Francisca.

---

(1) Faleceu a 2 de Agosto de 1606; sepultado na sé. Haviam cazado a 14 de Novembro de 1618.

(2) Foi degolado em estatua, veja-se a fl.. , n. 8.

N. 13. Manoel de Sá Doria Ravasco, filho de Francisco de Abreo da Costa Doria e de sua mulher D. Anna de Menezes, foi cazado com D. Mariana da Rocha de Afonceca, filha do captião Luiz Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Jeronima da Silva, e teve filha:

15. D. Anna de Menezes Alencastro, mulher de Nicoláo Carneiro da Rocha, a fl..., n. 8, faleceu a 10 de Dezembro de 1760, sepultada no Carmo.

N. 14. D. Ignacia de Menezes, filha de Francisco de Abreo da Costa Doria e de sua mulher D. Anna de Menezes Castro, foi cazada com Antonio Carneiro da Rocha. Faleceu esta a 12 de Novembro de 1737, e teve filhos:

16. Luiz Carneiro de Menezes, que cazou com D. Angela de Menezes, filha do doutor João Alvares de Vasconcellos, a fl..., n. 8, e ahi a sua descendencia.

17. Maria Magdalena de Sá Doria, segunda mulher do coronel Diogo de Sá Barreto.

N. 4. Francisco de Abreo da Costa Doria, filho quarto de Fernão Vaz da Costa e de sua mulher Clemencia Doria, cazou com Francisca de Sá, e teve filho:

17. Diogo, batizado na sé a 19 de Maio de 1591, diz o assento do seu batizado, e que fóra madrinha d'este Diogo Clemencia Doria, a moça.

Verba do testamento com que faleceu

Manoel de Sá Doria Ravasco, natural d'esta cidade da Bahia, filho legitimo do sargento-mór Francisco de Abreo da Costa Doria e de sua mulher D. Anna de Menezes, cazado com D. Mariana da Rocha da Fonseca, filha do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de D. Jeronima da Silva, de cujo matrimonio houve uma filha, por nome D. Anna de Menezes, e sobrinho do coronel Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque. Declaro, que sou neto por linha legitima da parte materna de Rui Diàs de Menezes, e bisneto de Damião Dias, e pela paterna quarto neto de Clemencia Doria, sobrinha do principe André Doria, cuja senhora cazou n'esta Bahia com o sobrinho

de D. Duarte da Costa, tronco da caza do armeiro-mór e Condes de Soure, e neto de D. Ignacia de Azevedo, irman do padre Antonio Vieira e de Fernão Vaz da Costa Doria, descendentes dos avós paternos. D. Duarte da Costa Junior, da Bahia, entrou em 1553.

Damião Dias de Menezes, foi filho de Rui Dias de Menezes, escrivão da fazenda e secretario das mercês, era neto de Duarte Dias de Menezes, escrivão da fazenda, e secretario das mercês, e bisneto de Damião Dias da Ribeira, alcaide-mór da Amieira, escrivão da fazenda do rei D. João III. Cazou com D. Anna de Castro, filha de Thomé de Castro do Rio, filho bastardo de Luiz de Castro do Rio, cavalleiro da ordem de Christo, (1) e teve filhos:

1. Rui Dias de Menezes, que se segue.
2. D. Brites de Menezes, adiante.

N. 1. Rui Dias de Menezes, filho de Damião Dias, acima, foi cazado com D. Guiomar Ximenes de Aragão (2) filha de Matheus Lopes Franco e de sua mulher D. Leonor Ximenes de Aragão, e teve filhos. Cazaram a 27 de Janeiro de 1648.

2. Rui Dias de Menezes, que se segue.

3. D. Brites Maria de Menezes, que cazou com o doutor Thomé Lopes de Magalhães, a 28 de Novembro de 1699. E a 22 de Fevereiro de .... tornou a cazar esta D. Brites, ou Beatriz, com João Pereira do Lago, filho de João Pereira do Lago e de D. Marianna de Barros, naturaes da freguezia de S. Jeronimo, termo da cidade de Braga.

D. Anna Maria de Menezes Castro, cazada com Francisco de Abreo da Costa Doria, que fica na fl... retro, n. 12, o qual foi degolado em estatua, pela cruel morte que mandou fazer a esta sua mulher. Foi fidalgo da caza de Sua Magestade, e teve:

N. 2. D. Brites ne Menezes, filha de Damião Dias, acima, cazou com D. Luiz Mascarenhas de Lancastro, filho

---

(1) Theatro Genealogico. Arvore n. 131.

(2) Faleceu D. Guiomar a 8 de Julho de 1908. Sepultada na igreja do colegio.

de D. Fernando Martins Mascarenhas, alcaide-mór de Montemor o novo, e Alcacer do Sal, senhor de Lavre e Estepa, commendador de Mertola, e de sua segunda mulher D. Catharina de Lancastro, filha de D. João de Lancastro, commendador de Christo, teve entre outros filhos:

D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, governador da India e Pernambuco.

N. 2. Rui Dias de Menezes, filho de Rui Dias de Menezes, n. 2, e de sua mulher D. Guiomar Ximenes de Aragão, foi cazado com Christina Coutinho, e teve filha, Christina de Almeida, diz o termo de batizado dos filhos.

Diogo, batizado na sé a 31 de Julho de 1639.

CAVALLOS, E CARVALHOS

O doutor Sebastião Cavallo de Carvalho foi natural da cidade do Porto, filho de André Cavallo e de sua mulher Margarida de Carvalho, moradores que foram na villa de Barcelos. Servio de ouvidor na cidade da Bahia, e foi cazado com D. Maria de Betencourt de Sá, filha de Francisco Alvares Ferreira de Betencourt, da ilha da Madeira, cavalleiro fidalgo, e professo na ordem de Christo, e de sua mulher Policena de Souza, a sobredita D. Maria de Betencourt de Sá, antes de cazar com este Sebastião Cavallo, era já viuva de Jorge Antunes, de quem tivera filhos, que aponta quaes foram o assento, que d'isto consta: mas d'este seu segundo marido Sebastião Cavallo, teve os seguintes:

1. Francisco de Betencourt*, que se segue.
2. D. Maria de Sá, primeira mulher do capitão Luiz de Mello de Vasconcellos, a fl..., n. 7, e ahi o mais.
3. O capitão André Carvallo de Carvalho, adiante.

Segunda vez cazou o doutor Sebastião Cavallo de

* Erro; este foi filho de Jorge Antunes, e d'este filho o foram D. Maria de Sá e o capitão André Cavallo. *Nota á margem.*

Carvalho com Victoria Barboza, filha de Gaspar Pires e de sua mulher Maria Barboza, de Porto-Seguro, e não teve filhos.

N. 1. Francisco de Betencourt, filho do doutor Sebastião Cavallo de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Betencourt de Sá,(1) cazou com D. Archangela de Mello, filha de Manoel de Mello de Vasconcellos e de sua mulher D. Francisca de Parada, a fl..., n. 1, e teve filhos:

4. D. Cecilia de Betencourt, batizada em caza e tomou os santos oleos a 27 de Novembro de 1608 em Matuim. Cazada com Fernão Alvares, e depois com Antonio Fernandes da Costa, sem filhos.

5. Manoel de Mello de Vasconcellos, batizado a 23 de Maio de 1611, que se segue.

6. D. Joana de Betencourt, batizada a 3 de Outubro de 1623, cazada com João de Miranda Henriques.

7. Jorge de Mello de Vasconcellos, batizado a 4 de Maio de 1616, que passou a Pernambuco.

8. D. Francisca de Perada, batizada a 7 de Outubro de 1618, cazou com Francisco Lopes Girão, e segunda vez cazou com Manoel Pereira de Faria, tudo fica a fl..., n. 1, e seguintes, cazou com este primeiro a 13 de Abril de 1651 e com o segundo a 25 de Outubro de 1654, a fl..., n. 97.

9. Antonio de Mello de Vasconcellos, batizado a 3 de Maio de 1621, cazado com D. Izabel de Macedo, com filhos, adiante.

10. Francisco de Betencourt, batizado a 6 de Agosto de 1623, cazou com D. Maria de Miranda Henriques, seu cunhado, acima.

N. 5. Manoel de Mello de Vasconcellos, filho de Francisco Betencourt de Sá e de sua mulher D. Archangela de Mello, cazou com D. Luiza Girão (2), filha de Diogo Varela de Macedo e de sua mulher D. Luiza Girão, e teve filhos:

11. Francisco de Betencourt de Sá.

---

(1) Faleceu elle a 19 de Abril de 1651. Faleceu ella a 20 de Fevereiro de 1668.

(2) Cazaram a 16 de Fevereiro de 1651 em Cotegipe.

12. Diogo Varela de Macedo, que cazou com D. Euzebia Girão, sua prima, filha de Diogo Varela, seu tio, irmão de sua mãi.

13. D. Maria de Mello, mulher de Estevão da Costa Peixoto.

N. 9. Antonio de Mello de Vasconcellos, filho de Francisco Betencourt, n. 1, e de sua mulher D. Archangela de Mello, cazou com D. Izabel de Macedo, filha de Diogo Varela e de sua mulher D. Maria de Macedo, e teve filhos :

14. D. Izabel, mulher de João Pereira de Faria, e depois de Pedro Tavares.

15. D. Mariana, segunda mulher de Antonio Moniz, e depois de Gaspar Pacheco Freire.

N. 3. O capitão André Cavallo de Carvalho, filho do doutor Sebastião Cavallo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Maria de Betencourt de Sá, cazou com D. Margarida Girão*, filha de Francisco Lopes Girão, o velho, e de sua mulher D. Maria Correia; d'essa sua mulher teve entre outros filhos, que faleceram pequenos, os seguintes :

16. Marcos de Betenconrt, que se segue.

16. D. Maria Girão, batizada a 15 de Dezembro de 1613, e cazada com Felippe Garção de Oliva; cazaram a 28 de Setembro de 1661.

17. D. Luiza Girão, mulher segunda de Cosme Pereira de Mendonça, a fl..., n. 12.

18. D. Anna de Girão.

19. Sebastião Cavallo de Carvalho, batizado a 2 de Maio de 1624, cazado com D. Simoa de Macedo, com filhos.

Segunda vez cazou com D. Brites de Oliva, viuva do capitão João Garção, filha de João Garcez, o velho, e de sua mulher Victoria de Oliva, e teve d'este segundo cazamento a

20. D. Benta de Oliva, primeira mulher de Gaspar Telles de Carvalhal, a fl..., n. 7, e ahi o mais.

---

* Cazaram a 25 de Novembro de 1603 em Cotegipe. Faleceu a 13 de Janeiro de 1661 e sepultado na sé, na cova de seus avós.

N. 16. O sargento-mór Marcos de Betencourt, filho do capitão André Cavallo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Margarida Girão, cazou com D. Jeronima de Menezes, (1) filha de Henrique Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria Soares, e d'ella não teve filhos.

Segunda vez cazou com D. Angela de Menezes, (2) filha de Matheus Pereira de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida, e teve filhos :

21. D. Margarida Telles de Menezes, segunda mulher do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos, a fl..., n. 25.

22. D. Maria de Menezes, mulher de João Paes Florião, sem filhos.

23. D. Antonia Telles de Menezes, cazada com o doutor João Alvares de Vasconcellos, a fl..., n. 6.

24. D. Leonor Telles, mulher do capitão João de Brito e Souza, sem filhos.

25. D. Luiza Telles de Menezes, cazada com Martinho de Freitas de Couros Carneiro.

N. 19. Sebastião Cavallo de Carvalho, filho do capitão André Cavallo de Carvalho e de sua primeira mulher D. Margarida Girão, cazou com D. Simoa de Macedo (3) filha de Agostinho da Costa de Moraes e de sua mulher D. Barbara de Macedo, teve filhos :

26. D. Maria de Betencourt, batizada a 28 de Setembro 1659.

27. Agostinho da Costa de Carvalho, batizado a 27 de Fevereiro 1661.

28. D. Margarida Girão, batizada a 25 de Setembro de 1663.

29. D. Izabel Corrêa de Almeida, batizada a 17 de Março de 1666.

30. D. Joana de Betencourt, batizada a 6 de Março de 16...

31. Alvaro Girão de Carvalho.

32. D. Barbara de Betencourt, batizada a 27 de Setembro de 1672.

---

(1) Cazaram a 10 de Outubro de 1638 em Cotegipe.

(2) Cazaram a 12 de Junho de 1650 em Paripe.

(3) Cazaram a 18 de Novembro de 1667, na capella de São João Baptista.

33. Manoel Girão de Carvalho, batizado a 18 de Outubro de 1674.

N. 27. Agostinho da Costa de Carvalho, filho de Sebastião Cavallo de Carvalho e de sua mulher D. Simoa de Macedo, cazou com D. Ignez Telles de Menezes (1) filha do capitão João de Ceitas e de sua mulher D. Barbara de Sá de Menezes, e teve filhos:

34. D. Barbara Telles de Menezes, mulher de Antonio dc Souza Freire, com filhos, batizada ao 1.° de Outubro de 1704.

34. D. Antonia Telles da Menezes, mulher de Pedro Barboza de Vasconcellos, com filhos, batizada a 8 de Setembro de 1702.

35. D. Joana Telles, cazada com Arnaldo Bezerra, batizada a 25 de Julho de 1706.

36. D. Maria Francisca de Betencourt, cazada com Francisco de Barros de Azevedo, batizada a 8 de Julho de 1708.

37. Sebastião Cavallo de Carvalho, batizado a 20 de Fevereiro de 1740.

38. D. Luzia Telles de Menezes, batizada a 9 de Abril de 1713.

39. D. Anna Telles de Menezes, batizada a 8 de de Janeiro de 1715.

34. D. Antonia Telles de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de sua mulher D. Ignez Telles de Menezes, cazou com Pedro Barboza de Vasconcellos, natural da Bahia, freguezia de Matuim, filho de Agostinho Corrêa e de sua primeira mulher D. Maria da Piedade Barboza, e teve filhos:

40. Agostinho, batizado a 26 de Março de 1720.

41. D. Ignez, batizada a 9 de Novembro de 1721.

42. D. Francisca, batizada a 10 de Maio de 1723.

N. 34. D. Barbara Telles de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de sua mulher D. Ignez Telles de Menezes, cazou com Antonio de Souza Freire, (2) natural de Pirajá, filho de Mathias de Souza

(1) Cazaram a 17 de Maio de 1701.
(2) Cazaram a 30 de Outubro de 1719.

Freire e de sua mulher D. Ignacia Jozefa Brandão, e teve filho :

43. Francisco.

Nota

Aos 20 dias do mez de Janeiro de 1582, recebi, em a sé d'esta cidade da Bahia, a Sebastião Cavallo, filho de André Cavallo e de Margarida de Carvalho, moradores que foram na villa de Barcelos, com Victoria Barboza, filha de Gaspar Pires e de Maria Barboza, moradores que foram na capitania de Porto-Seguro.

PARUI, BRITO E LOBO

O doutor Sebastião Parui de Brito (1), natural da cidade de Evora, filho de André Parui de Brito e de sua mulher D. Leonor de Brito, natural da villa de Castello-Branco, cazou na Bahia com D. Joana de Argôlo (2), filha de Paulo de Argôlo e de sua mulher Felicia Lobo, a fl..., a qual D. Joana era já viuva de Francisco Subtil de Siqueira, dezembargador e provedor da alfandega da Bahia, o qual officio servio Sebastitão Parui de Brito,(3) pelo tal cazamento, e havia feito d'elle mercê el-rei D. João III a Rodrigo de Argôlo, Espanhol, avô da sobretida D. Joana. D'ella teve filhos:

1. D. Leonor de Brito, mulher do tenente-general Antonio de Brito de Castro, a fl..., batizada na sé a 23 de Setembro de 1620.

2. Manoel de Brito Lobo, que se segue.

André e uma filha que faleceram sem sucessão.

N. 2. Manoel de Brito Lobo, filho do dezembargador Sebastião Parui de Brito e de sua mulher D. Joana de

(1) Faleceu a 20 de Janeiro de 1661, sepultado em São Francisco.
(2) Faleceu a 18 de Janeiro de 1626, sepultada em São Francisco.
(3) Servio de provedor-mór das fazendas dos defuntos e auzentes.

Argolo, foi cavalleiro professo na ordem de Christo, e cazou com D. Margarida de Araujo, filha de Feliciano de Araujo Soares e de sua mulher.

3. D. Antonia de Mello de Vasconcelos, terceira mulher de Pedro Baldes Barboza, sem filhos, batizada na sé a 8 de Maio da 1646.

4. D. Luiza de Mello, batizada no Socorro a 3 de Julho de 1649.

5. André Parui de Brito, que faleceu de poucos annos; batizado no Socorro a 25 de Maio de 1652.

6. Sebastião, batizado a 14 de Maio de 1657.

7. D. Leonor de Brito.

8. Manoel de Brito Lobo, que se segue.

9. Feliciano de Araujo de Brito.

10. Bento de Araujo de Brito, adiante, batizado na Purificação a 29 de Dezembro de 1660.

11. D. Anna de Brito, ao depois; batizada a 11 de Julho de 1662.

N. 8. Manoel de Brito Lobo, filho de Manoel de Brito Lobo, n. 2, e de sua mulher D. Margarida de Araujo, cazou com D. Thereza Borges de Abreo, * filha de Christovão Barboza Villas-Boas e de sua mulher Mariana Borges de Abreo, e teve filhos:

12. Manoel de Brito e D. Maria Magdalena.

N. 10. Bento de Araujo de Brito, filho de Manoel de Brito Lobo, o velho, e de sua mulher D. Margarida de Araujo, cazou com D. Thereza Ignacia de Menezes, filha do capitão-mór o doutor Manoel Botelho de Oliveira, fidalgo da caza de Sua Magestade, e de D. Antonia de Menezes, sua primeira mulher, e teve filhos:

13. Sebastião Parui de Brito, que se segue.

D. Thereza, que faleceu solteira.

N. 13. Sebastião Parui de Brito, filho de Bento de Araujo de Brito e de sua mulher D. Thereza Ignacia de Menezes, cazou, *in periculo mortis*, com D. Marcelina de Araujo de Vasconcellos, viuva de Antonio Rozado, da qual teve no tempo do dito Antonio Rozado uma filha, que foi:

---

* Cazaram na sé a 14 de Outubro de 1697.

14. D. Maria Thereza da Conceição Brito, que cazou com Jozé da Rocha Porto, natural do Porto.

N. 11. D. Anna de Brito, filha ultima de Manoel de Brito Lobo e de sua mulher D. Margarida de Araujo, cazou com Henrique da Cunha Barboza, e teve filha:

15. D. Leonor de Brito de Mello, que faleceu solteira.

BRITOS E CASTROS

Antonio de Brito de Castro,* filho de Francisco de Brito de Sampaio e de sua mulher D. Suzana Barboza, da caza de Amorim, neto paterno de Antonio de Brito de Castro e de sua mulher D. Antonia de Sampaio, filha esta de Antonio Mendes de Vasconcellos e de sua mulher D. Izabel Pereira, dama do paço, e foi este Antonio de Brito o primeiro d'este apelido, que com seu irmão Matheus Pereira de Sampaio passou á Bahia na armada real, e no anno de 1625 com o posto de capitão veio no navio S. Bartolomeu, de que era commandante Domingos da Camara Pinto, a militar contra os Olandezes, pelos quaes em guerra foi morto seu irmão Matheus Pereira de Sampaio; e continuando no serviço real foi tenente do mestre de campo general, e cavalleiro professo na ordem de Christo. Na Bahia cazou com D. Leonor de Brito, filha do doutor Sebastião Parui de Brito e de sua mulher D. Joana de Argolo, e em dote lhe fez data Sebastião Parui da propriedade de provedor, de que foi confirmado por alvará d'el-rei de 7 de Maio de 1640, e tomou posse em 12 de Janeiro de 1641, teve filhos:

1. Sebastião de Brito de Castro, que se segue.
2. Francisco de Brito de Sampaio, adiante.
3. André de Brito de Castro, ao depois.

* Faleceu Antonio de Brito a 9 de Abril de 1675, sepultado no convento do Carmo: faleceu D. Leonor a 2 de Maio de 1678, sepultada no mesmo convento.

4. D. Joana de Castro, que cazou com seu primo Francisco Pereira Ferraz, sem sucessão, a 23 de Junho de 1708. Batizada na sé, ao 1 de Março de 1645.

5. D. Antonia de Castro, que faleceu a 8 de Novembro de 1665, sepultada em S. Francisco.

6. Antonio de Brito de Castro, no fim.

1. Sebastião de Brito de Castro, (1) filho primeiro do tenente general Antonio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo e capitão, cazou com D. Maria de Aragão, (2) filha de Diogo de Aragão Pereira, da ilha da Madeira, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Izabel de Aragão, filha do capitão-mór Baltazar de Aragão, o Bangala, e sua mulher D. Maria de Araujo, bisneta de Diogo Alvares, o Caramurú, teve a capella de seu avô Francisco de Brito de Sampaio, de Mansos, junto á Villa-Real. Cazaram a 17 de Fevereiro de 1656 com o nome de Sebastião Parui de Brito, assim o diz e escreve o livro dos cazamentos. De sua mulher D. Maria de Aragão teve filhos:

7. D. Leonor de Brito de Castro, que se segue.

8. D. Izabel, religioza no mosteiro de Almoster. Lisbôa.

N. 7. D. Leonor de Brito de Çastro, acima, cazou com Pedro Garcia Pimentel, fidalgo da caza real, como fica a fl. 86, n. 7 e 289 n. 3.

N. 2. Francisco de Brito de Sampaio, filho segundo do tenente general Antonio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi capitão de infantaria na Bahia, fidalgo da caza real, e servio bem a Sua Magestade na praça d'esta cidade. N'ella cazou com D. Maria Francisca Xavier Aranha, filha do mestre de campo Nicolao Aranha Pacheco e de sua mulher D. Francisca de Sande: veja-se a fl... n. 6, e ahi o mais. Teve Francisco de Brito de Sampaio de sua mulher D. Maria Francisca filhos:

---

(1) Faleceu a 20 de Agosto de 1707, sepultado no Carmo.
(2) Faleceu a 27 de Fevereiro de 1716, sepultada em S. Francisco.

9. Francisco de Brito de Sampaio, com o mesmo foro de seu pai, e foi tenente do regimento de cavallaria d'esta cidade, da qual passou á India, onde faleceu solteiro.

10. D. Clara do Sacramento, batizada na freguezia de S. Pedro a 22 de Novembro de 1679. Amada Francisca das Chagas, faleceu a 30 de Março de 1779. Antonia do Salvador, que faleceu a 26 de Dezembro de 1738. Joana da Cruz. Francisca Catharina da Conceição, faleceu a 8 de Dezembro de 1774. Maria dos Prazeres, batizada na dita freguezia a 28 de Abril de 1689, e faleceu a 21 de Janeiro de 1774, sepultada no outro dia. Todas estas foram religiozas no convento de S. Clara do Desterro n'esta cidade da Bahia, e tambem: Leonor, etc.

11. Antonio e Nicoláo, que faleceram solteiros.

12. André de Brito de Castro, que viveu solteiro, e faleceu a 28 de Dezembro de 1773, sepultado no Carmo.

N. 3. André de Brito de Castro (1), filho do tenente general Antonio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, foi fidalgo da caza real, provedor e juiz da alfandega da Bahia, officio, que fora de seu pai e avô materno, por conceder el-rei D. João IV, o favor de se nomear a serventia e propriedade do dito officio em um de seus filhos. Foi capitão e professo na ordem de Christo, cazou com D. Francisca Maria Duarte Leite,(2) viuva de André da Costa de Barros, homem de negocio, que deixou por sua morte mais de trezentos mil cruzados; era D. Francisca filha de Sebastião Duarte, capitão de auxiliares, e familiar do santo officio, e de sua mulher Elena Leite teve filha legitima, e sua herdeira :

13. D. Leonor Maria de Brito, mulher do mestre de campo Alexandre de Souza Freire, a fl...

14. D. Joana de Brito, bastarda, que se segue depois.

---

(1) Cazaram na sé, a 26 de Julho de 1682.

(2) Faleceu a 12 de Fevereiro de 1721, de idade de 70 annos ; sepultada na sua capella de S. André, que tem na igreja do collegio.

CASTROS, FREIRES, SOUZAS E TAVORAS

N. 13. Alexandre de Souza Freire, fidalgo da caza real, foi filho de Bernardim de Tavora de Souza Tavares, governador de Mazagão e Angola, e de sua mulher D. Maria de Lima, sua sobrinha, neto pela parte paterna de Luiz Freire de Souza, senhor de Mira, e de sua segunda mulher D. Joana de Tavora, filha esta de Bernardim de Tavora Tavares, senhor de Mira, e de sua mulher D. Micia Mascarenhas; bisneto de Alexandre de Souza Freire, capitão-mór de uma armada da India e em Caul, filho este de João Freire de Andrade; e este de Gomes Freire de Andrade, commendador, senhor de Loca, na ordem de Santiago, e de sua mulher D. Maria de Aragão, filha de Luiz Carneiro, senhor da ilha do Principe, e de sua mulher D. Leonor de Aragão. Foi Alexandre este aqui mestre de campo de auxiliares na Bahia, onde exerceu o cargo de provedor da alfandega, por cazar com D. Leonor Maria de Castro, filha legitima e unica de matrimonio do capitão André de Brito de Castro e de sua mulher D. Francisca Maria Duarte Leite, como fica n. 13*. Foi estudante de Coimbra no direito civil e canonico, e teve de sua mulher filhos:

15. Bernardim de Souza Tavares, batizado pelo arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide no anno de 1707, e padrinho o governador Luiz Cezar de Menezes.

16. Luiz Freire, que faleceu a 19 de Novembro de 1743.

17. Antonio Jozé de Souza Freire, que se segue.

N. 14. Antonio Jozé de Souza Freire Castro Leal, filho do mestre de campo Alexandre de Souza Freire e de sua mulher D. Leonor Maria de Castro, e fidalgo da caza real e mestre de campo dos auxiliares das marinhas de Pirajá, vive solteiro n'este anno de 1771, mas de Roza Maria do Sacramento, moça branca recolhida,

---

* *Corografia Portugueza*, tomo II fl. 65.

filha de Manoel Martins de Souza e de sua mulher Francisca Xavier da Silva, teve filhos, que perfilhou por el-rei.

18. Alexandre de Souza Freire Tavares de Brito Castro.

N. 6. Antonio de Brito de Castro, filho ultimo do tenente-general Antonio de Brito de Castro e de sua mulher D. Leonor de Brito, teve o mesmo fôro de seu pai, e foi mui liberal. Este foi o que matou o alcaide-mór da Bahia, Francisco Telles de Menezes, no anno de 1683, e feita esta morte ás 10 horas do dia detraz da sé, vindo o matador com mascarados, e sendo governador Antonio de Souza de Menezes, o *Braço de Prata;* pela qual andou muitos annos homiziado até que se lhe perdoou, rogando o pontifice Innocencio XII a el-rei D. Pedro II por seu embaixador, por comprazer ao grão-duque de Florença e ao cardeal d'Este, que o pedio ao pontifice, e alcançando D. João de Alencastre, governador d'esta capitania, o perdão de Antonio Telles de Menezes, irmão do dito alcaide-môr, no anno de 1692, veio de Portugal para a Bahia Antonio de Brito no anno de 1694, e faleceu no de 1699. Não cazou, mas teve bastardos :

Antonio de Brito de Castro.

Francisco de Brito de Castro.

N. 14. D. Joana de Brito, filha bastarda do capitão André de Brito, n. 3, que a houve estando em Lisbôa de Maria de Araujo, mulher branca e christan velha, cazou com o capitão Jozé Lobo de Barros,* filho do doutor Nicoláo Mendes de Oliva e de sua mulher Victoria de Barros, filha esta de Francisco de Freitas e de sua mulher Micia de Lemos. De D. Joana e seu marido Jozé Lobo de Barros foram filhos :

Nicoláo Mendes de Oliva.

André Caetano de Brito de Castro, que viveu solteiro.

Anna Maria da Conceição e Clara Maria do Desterro, religioza no convento de S. Bernardo de Almoster.

D. Joana de Brito, filha bastarda do capitão André de Brito, n. 3, que a houve em Portugal.

---

* Cazaram a 3 de Julho de 1709.

SOUZAS DE ANDRADE

Gaspar Carvalho de Novaes ou Navaes, foi filho de Pero Vaz de Carvalho e de sua mulher Cecilia Feijó Barboza, naturaes todos de Entre Douro e Minho, e nascidos os filhos que teve o sobredito Gaspar Carvalho de Novaes na freguezia de S. Maria da Silva. Foi cazado Gaspar Carvalho de Novaes com Anna Brandão, filha de Gaspar de Caldas de Souza, juiz dos orfãos de propriedade do conselho de Loura, e de sua mulher Catharina de Andrade. De Gaspar Carvalho de Novaes e de sua mulher Anna Brandão foram filhos :

1. Antonio de Souza de Andrade, que se segue.

2. João de Andrade, sacerdote e abade de S. Miguel de Fontoura.

3. Anna Brandoa, sem cazar no anno de 1680.

4. Izabel Brandoa de Souza, viuva de Melchior Barboza de Lima, já no mesmo anno.

N. 1. Antonio de Souza de Andrade, filho de Gaspar Carvalho de Novaes, acima, e de sua mulher Anna Brandão de Souza, foi capitão e cazou com Agueda Gomes Viegas ou de Goes, a qual era já falecida em 24 de Julho de 1659, como consta dos autos e o inventario, que n'este anno por sua morte fez seu filho.

5. Nicoláo de Souza de Andrade, que cazou com D. Maria Furtado, que era falecida sem filhos em 1682.

6. Anna Brandoa, que cazou com Manoel Pereira de Goes, filho de Antonio Machado Velho, a fl... n. 2, e ahi a sua decendencia.

Do testamento do capitão Antonio de Souza de Andrade, feito a 19 de Novembro de 1680, consta, que no fim d'esse mesmo anno faleceu elle, pelas contas, que dos gastos do seu enterro deu o seu testamenteiro e genro Manoel Pereira de Goes, dizendo assim : conta dos gastos e enterro do capitão Antonio de Souza de Andrade no anno de 1680.

Dos mesmos autos consta, que a 24 de Julho de 1659 era já falecida Agueda Gomes Viegas, mulher do sobredito

Antonio de Souza de Andrade, porque n'esse anno e dia se fez o auto das partilhas com os dous filhos seus, o alferes Nicoláo de Souza de Andrade, que contava então 8 annos de idade, e Anna Brandoa tambem de menor idade e menos de 25 annos, mas já cazada com o sobredito Manoel Pereira de Goes, como tudo se declara n'aquelles autos.

Tambem consta de uma verba do mesmo testamento, que já, quando feito a 19 de Novembro de 1680, era falecido o alferes Nicoláo de Souza de Andrade, sem deixar filhos de sua mulher D. Maria Furtado Barbalho; porque diz assim o dito seu pai na tal verba:—Declaro que os herdeiros forçados que tenho são a minha filha Anna Brandoa de Souza, e seus filhos Antonio e Agueda.» Anna Brandoa de Souza, que era mulher de Manoel Pereira de Goes; Antonio, filho d'este, que foi Antonio Machado Velho, a fl..., n. 6; e Agueda, que foi Agueda de Goes, mulher do alcaide-mór Francisco de Araujo de Aragão, a fl..., n. 40.

Tambem consta dos autos acima, que, quando no anno de 1680 fez Antonio de Souza de Andrade seu testamento, era falecido aquelle seu filho Nicoláo de Souza de Andrade, porque nos mesmos autos e nos annos seguintes de 1681 e 1682, de 15 de Março,se acham certidões de D. Maria Furtado Bezerra, sobre algumas alforrias e deixas do testamento do sobredito seu sogro o capitão Antonio de Souza de Andrade, que ella as não passára, si fôra vivo o dito seu marido Nicoláo de Souza de Andrade.

ARAUJO E VELHO

Fernão Velho de Araujo foi senhor da caza dos Araujos da Barca, e fidalgo da caza real, cazado com Anna Nunes Bezerra, da qual teve filhos :

1. Paio de Araujo de Azevedo, que se segue.
2. Gaspar Barboza de Araujo, que cazou com D. Maria de Sá, filha de Diogo de Sá Soutomaior, a fl...

N. 1. Paio de Araujo de Azevedo, filho de Fernão Velho de Araujo e de sua mulher Anna Nunes Bezerra, era chamado vulgarmente o Par Deus homem. Foi comendador da ordem de Christo, e na Bahia cazou duas vezes, a primeira com D. Joana Lobo, (1) viuva de Francisco Barboza de Brito.

Segunda vez cazou com D. Anna de Souza, (2) filha de Duarte Lopes Sueiro, a fl. .., n. 9, e de sua mulher D. Maria de Souza Dormondo, e teve filhos :

3. Tristão Velho de Araujo, que se segue.

4. D. Catharina de Araujo de Azevedo, mulher de Vasco Marinho Pereira, a fl..., n. 25.

D. Luzia, batizada na Purificação a 22 de Agosto de 1661. Faleceu solteira a 22 de Fevereiro de 1723.

Paio de Araujo, batizado ao 1.° de Novembro de 1662.

N. 3. Tristão Velho de Araujo, filho de Paio de Araujo de Azevedo e de sua segunda mulher D. Anna de Souza, foi fidalgo da caza real, e cazou com D. Catharina da Franca Corte-Real, filha de Affonso da Franca Corte-Real, fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Maria Gomes, neta do marechal de campo Pedro Gomes, que governou o Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Izabel Madeira, filha legitima de Domingos Lopes Falcato e de Agueda da Costa, viuva do capitão de infantaria Lazaro Lopes Sueiro, a fl.... De Tristão Velho, acima, e de sua mulher D. Catharina da Franca foi filha :

5. D. Anna Maria da Franca Corte-Real, que cazou com Lopo Gomes de Abreo, que se segue.

N. 5. D. Anna Maria da Franca Corte-Real, filha de Tristão Velho de Araujo e de sua mulher D. Catharina da Franca Corte-Real, n. 3, cazou com Lopo Gomes de Abreo Lima, filho de Francisco Gomes de Abreo Lima e de Maria de Brito Cação, e teve filhos :

---

(1) Cazaram a 30 de Outubro de 1649, na capella do Rozario de Iguape.

(2) Cazaram ao 1.° de Setembro de 1653, na igreja do Rozario de Taripe.

1. Francisco Gomes de Abreo Lima Corte-Real, cavalleiro da ordem de Christo, que faleceu solteiro.

3. Lobo Gomes de Abreo Lima Corte-Real, capellão fidalgo da caza real, que vive sacerdote n'este anno de 1770, e foi vizitador das minas do arcebispado.

4. Manoel Caetano de Araujo Corte Real, clerigo.

5. D. Clara Maria da Abreo Lima.

6. D. Anna Maria Antonia da Franca.

7. Gançalo Gomes da Franca, solteiro.

8. D. Thereza Maria da Franca.

9. D. Izabel Clara de Abreo.

10. D. Catharina Jozefa da Franca.

CARVALHOS PINHEIROS

Manoel Pinheiro de Carvalho, natural de Portugal, donde passou para o Brazil em companhia de seus irmãos Rui Carvalho Pinheiro e Nicoláo Pinheiro Carvalho, foi fidalgo da caza real, e na Bahia cazou com D. Maria de Barros,* filha legitima de Manoel de Paredes da Costa, dos legitimos Paredes de Viana, e de sua mulher Paula de Barros, que era filha de Gaspar de Barros de Magalhães, o velho, fidalgo conhecido, e de Catharina Lobo, sua mulher, sobrinha do Conde de Sortella, uma das orfans que a serenissima rainha D. Catharina remetteu ao governador do Brazil para as cazar com as principaes pessoas, que vieram á fundação da nova cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos. De Manoel Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Barros foram filhos:

1. Nicoláo Carvalho Pinheiro, que se segue, nasceu em 1621.

2. D. Margarida de Barros, adiante.

3. D. Felicia Lobo, ao depois.

4. Manoel Pinheiro de Carvalho, adiante, nasceu em 1627.

* Faleceu D. Maria de Barros a 6 de Maio de 1680.

5. D. Maria de Barros Lobo, ao depois, a fl... Nasceu em 1628, e foi cazada com Francisco de Azevedo.

6.. Francisco Carvalho Pinheiro, adiante, nasceu em 1630.

7. André Pinheiro de Carvalho, que cazou com D. Ursula de Freitas, sem sucessão.

8. D. Brites de Barros, mulher do capitão-mór Antonio de Alemão. Nasceu em 1633.

9. Antonio Pinheiro, D. Ignez, e 5 mais que faleceram solteiros. Nasceu D. Ignez no anno de 1636.

N. 1. Nicoláo Carvalho Pinheiro, filho primeiro do capitão Manoel Pinheiro de Carvalho e de sua mulher D. Maria de Barros, teve o fôro de seu pai, e cazou com D. Maria de Aragão, * filha de Luiz Pereira de Aragão, natural da ilha da Madeira, e de sua mulher e prima D. Antonia de Aragão, irman de D. Izabel de Aragão, mulher de Francisco Barreto de Menezes, fidalgo da caza real, e senhor do engenho de Mataripe, por serem ambas filhas de Melchior de Aragão e de sua mulher Maria Dias. Teve Nicoláo Carvalho de sua mulher D. Maria de Aragão filhos:

10. D. Antonia de Aragão, que se segue, batizada no Soccorro a 20 de Setembro de 1671.

11. D. Izabel de Aragão, adiante, batizada a 26 de Outubro de 1672.

13. D. Angela de Aragão, ao depois. Angela Jozefa Pereira.

14. Nicoláo Carvalho Pinheiro, adiante. Batizado à 30 de Setembro de 1681.

12. Rui Carvalho de Aragão, que no batismo se chamou Rodrigo a 7 de Setembro de 1674.

N. 15. Izabel de Aragão Pereira. Batizada a 22 de Julho de 1688.

16. Francisco Pereira de Aragão, batizado a 28 de Setembro de 1688.

---

* Cazaram na capella do Desterro da freguezia de Iguape a 13 de Fevereiro de 1670 e faleceu elle a 10 de Setembro de 1696. Sepultado na matriz do Socorro. E faleceu ella a 12 de Janeiro de 1701, sepultada ahi.

16. Antonio e Manoel, que faleceram sem sucessão.

N. 10. D. Antonia de Aragão, filha de Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão cazou com Jozé Godinho Freire (1), filho do licenceado Domingos Ferraz de Souza e de sua mulher Catharina Godinho e teve filho unico:

17. Antonio Godinho Freire.

N. 11. D. Izabel de Aragão, filha segunda do capitão Nicolao Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Arrgão, cazou com Alberto da Silveira Gusmão, filho de Miguel Rodrigues de Gusmão, cavalleiro professo na ordem de Christo e de sua primeira mulher Maria da Silveira, e teve filhos:

18. D. Antonia de Aragão, mulher de Gonçalo Barboza de Mendonça, com filhos, e se segue.

19. Nicoláo Carvalho Pinheiro, cazado com D. Joana de Brito, filha de Thomé Lobo e de sua mulher D. Thereza de Brito, sem filhos.

Bento e Angela, que faleceram solteiros.

18. D. Antonia de Aragão, filha de D. Izabel de Aragão e de seu marido Alberto da Silveira de Gusmão, cazou com Gonçalo Barboza de Mendonça, e teve filhos:

20. Miguel Telles de Menezes, cazado.

21. D. Elena de Aragão, que cazou com seu tio Antonio de Aragão Pereira.

22. D. Izabel de Aragão, cazada com o capitão Jozé Luiz da Rocha, e teve dous filhos: Christovão da Costa Doria, cazado com D. Joana, sua prima, e Martim Affonso, cazado.

N. 12. Rui Carvalho Aragão ou Rodrigo etc., filho primeiro varão e terceiro na sucessão do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, cazou com D. Felippa da Silva (2), filha de Estevão Feio de Carvalho, natural de Lisbôa, e de sua mulhor D. Izabel Ferreira, e teve filhos:

23. Antonio de Aragão Pereira, que cazou com sua

(1) Cazaram na freguezia do Socorro a 5 de Junho de 1692.
(2) Cazaram na sé a 29 de Março de 1703.

sobrinha D. Elena de Aragão, filha de Antonia de Aragão e de seu marido Gonçalo Barboza, n. 18 e 21, sem filhos.

24. D. Anna Maria de Aragão, que se segue.

25. O alferes Estevão da Silva de Aragão, que viveu solteiro.

Francisco e João, que faleceram solteiros.

N. 24. D. Anna Maria de Aragão, filha de Rui, ou Rodrigo Carvalho de Aragão, n. 12, e de sua mulher D. Felippa da Silva, foi segunda mulher de Jozé de Mello de Vasconcellos, filho de Manoel de Araujo Telles e de sua mulher D. Brites de Mello de Vasconcellos; filha esta de João de Carvalhal de Oliveira e de sua mulher D. Joana Soares, a fl..., n. 6, e teve filhos :

26. D. Maria, D. Luiza, D. Clara e D. Roza, cazada esta com o bacharel Antonio de Brito da Assumpção.

N. 13. D. Angela Jozefa Pereira de Aragão, filha do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, cazou com Martim Affonso de Mendonça, * filho de João de Araujo Cabreira e de sua mulher D. Antonia de Mendonça; e teve filho :

27. João de Araujo Pereira, que se segue.

N. 27. João de Araujo Pereira, filho unico de D. Angela Jozefa Pereira de Aragão e de seu marido Martim Affonso de Mendonça, cazou com D. Antonia de Menezes, filha de Manoel Telles.

28. D. Joana de Aragão, que se segue.

N. 28. D. Joana de Aragão, filha unica de João de Araujo Pereira e de sua mulher D. Antonia de Menezes, cazou com João Batista Barreto de Vasconcellos, fidalgo da caza real, filho de Manoel Telles Barreto de Vasconcellos e de sua mulher D. Luzia Coutinho de Lacerda, e teve filhos, a fl..., n. 38.

N. 14. Nicoláo Carvalho Pinheiro, filho do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Maria de Aragão, n. 1. Cazou com D. Thereza Moniz Barreto, filha de Jeronimo Moniz Barreto, fidalgo escudeiro da caza real, e de sua mulher D. Maria de Souza, e foram

* Cazaram na capella de S. Paulo, freguezia do Socorro, a 23 de Novembro de 1698.

dispensados no 4.° gráo mixto com o 3.°; cazaram na capella de Santo Antonio de Mataripe a 13 de Outubro de 1706. Foi tenente coronel, e teve filhos:

29. D. Maria Moniz de Aragão.

30. Jeronimo Moniz Barreto.

31. D. Catharina de Aragão, mulher de Pedro Merélo de Cerqueira, sem sucessão.

32. D. Angela Moniz de Aragão.

N. 15. Jozé de Aragão Pereira, filho tambem do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro, e de sua mulher D. Maria de Aragão, cazou com D. Maria.

33. D. Maria Lucinda de Aragão, cazada com Manoel Moniz Barreto.

Francisco, que faleceu solteiro.

N. 16 Francisco Pereira de Aragão, filho ultimo do capitão Nicoláo Carvalho Pinheiro, e de sua mulher D. Maria de Aragão, cazou com D. Maria.

34. D. Joana, Jozé Pereira, D. Francisca de Aragão.

N. 2. D. Margarida de Barros, filha do capitão Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, cazou com o capitão Manoel Cardozo de Negreiros.

35. Manoel, Lourenço, D. Ignez de Barros.

36. D. Maria de Barros, cazada com Lourenço Lobo de Barros, com filhos.

N. 3. D. Felicia Lobo, filha de Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, cazou com o capitão Ignacio de Mello de Vasconcellos, filho de Antonio de Mello de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria de Paiva, e teve filhos:

37. Antonio de Mello de Vasconcellos, batizado a 14 de Fevereiro de 1649 no Socorro.

38. D. Maria Lobo, batizada a 25 de Julho de 1650.

39. D. Catharina de Mello, mulher de Antonio de Sá Peixoto, batizada a 8 de Outubro de 1651.

40. Manoel Pinheiro, batizado a 24 de Novembro de 1654.

41. Henrique de Mello, batizado no mesmo dia 24 de Novembro de 1654.

42. D. Angela, mulher de Domingos Rodrigues, da Caxoeira.

N. 4. Manoel Pinheiro de Carvalho, filho de Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher Maria de Barros Lobo, foi capitão, e cazou com D. Maria da Gama, filha de Diogo de Moraes e de sua primeira mulher Francisca da Gama, e teve filha:

43. D. Jozefa da Gama, que se segue.

N. 43. D. Jozefa da Gama, filha de Manoel Pinheiro de Carvalho, o moço, e de sua mulher D. Maria da Gama, cazou com Antonio da Silva de Menezes, filho do capitão Antonio da Silva de Menezes, commandante da fortaleza de Santo Antonio da Barra, e de sua mulher D. Francisca da Gama: cazaram no Socorro a 2 de Maio de 1695.

N. 5. D. Maria de Barros, filha de Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros Lobo, cazou com Francisco de Azevedo, filho de Affonso de Azevedo, e teve filhos:

44. Manoel de Barros Lobo, cazado com D. Joana Pimentel, sem filhos.

45. D. Ignez de Barros Lobo, batizada no Socorro a 28 de Maio de 1654.

46. D. Margarida Pinheiro, que se segue, batizada a 15 de Maio de 1656.

47. Alvaro de Azevedo, adiante, batizado a 11 de Maio de 1660.

48. Nicoláo Carvalho Pinheiro, ao depois, batizado a 26 de Junho de 1662.

N. 41. D. Margarida Pinheiro de Azevedo, filha de D. Maria de Barros e de seu marido Francisco de Azevedo, cazou com Theodorico de Moraes, filho de Manoel Corrêa de Moraes e de sua mulher D. Francisco Lopes de Paiva, natural de Lorvão, termo de Coimbra.

N. 47. Alvaro de Azevedo, filho de D. Maria de Barros Lobo e de seu marido Francisco de Azevedo, cazou com D. Archangela de Negreiros, filha de Lourenço Lobo de Barros e de sua mulher D. Maria de Negreiros, e foram dispensados no 2.° gráo de consanguinidade, e teve filhos:

49. Antonio de Azevedo.
50. Ricardo de Azevedo.
51. Francisco de Barros Lobo.

N. 48. Nicoláo Carvalho Pinheiro, filho de D. Maria de Barros Lobo e de seu marido Francisco de Azevedo, cazou D. Brites de Menezes, filha de Martim Affonso de Mendonça, fidalgo da caza real, e de sua terceira mulher D. Joana Barboza, a fl..., n. 20, e teve filhos:

52. Sebastião Muniz Telles, que se segue.
53. Antonio Moreira de Menezes, adiante.
54. D. Leonor Francisca de Menezes, mulher de seu primo Martim Affonso Moreira, a fl..., n. 25.
55. Jozé de Barros Lobo, sem filhos.
56. D. Eugenia de Jezus.
57. D. Maria de Menezes.
58. D. Joana Barboza de Menezes.

N. 52. Sebastião Moniz Telles, filho primeiro de Nicoláo Carvalho Pinheiro e de sua mulher D. Brites de Menezes, cazou com D. Jacinta Telles de Menezes, filha de Manoel Telles de Menezes, cazaram a 31 de Agosto de 1733 no Soccorro, e de sua mulher D. Brites Aires de Figueiredo teve filhos:

59. Antonio Moniz Telles.
60. Jozé Moniz Telles.
61. D. Brites de Menezes.
62. D. Michaela, cazada com Manoel de Lima, natural do reino, e tem engenho no Iguape, e era este Manoel de Lima enteado do capitão-mór Theotonio Teixeira, e tem filhos de menor idade.

N. 43. Antonio Moreira de Menezes, filho de Nicoláo Carvalho Pinheiro, n. 43, e de sua mulher D. Brites de Menezes, cazou com sua prima D. Joana Barboza, filha de Christovão da Costa Doria e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos, e foram dispensados no 2° gráo de consanguinidade, e teve filhos:

Christovão da Costa Doria.
Nicoláo Carvalho Pinheiro.
D. Joana Barboza.

N. 46. Francisco Carvalho Pinheiro, filho de Manoel

Pinheiro, o velho, e de sua mulher D. Maria de Barros, cazou com Leonor Telles de Escobar, filha de João Borges de Escobar e de sua mulher Joana Telles, e teve filhos:

Antonio, que faleceu sem filhos, batizado a 27 de Janeiro de 1653 no Socorro.

Maria Telles, primeira mulher de Antonio Rabelo de Macedo, batizada a 13 de Setembro de 1654.

Joana Telles Pinheiro, batizada a 25 de Fevereiro de 1666.

Ignez Lobo Pinheiro, batizada a 26 de Junho de 1661.

Ignacio Telles Pinheiro, que se segue, batizado a 31 de Dezembro de 1663.

Leonor Telles, que faleceu solteira.

N. Maria Telles Pinheiro, filha de Francisco Carvalho Pinheiro e de sua mulher Leonor Telles de Escobar, foi a primeira mulher de Antonio Rabelo de Macedo.

N. Ignacio Telles Pinheiro, filho de Francisco Carvalho Pinheiro e de sua mulher Leonor Telles de Escobar, cazou com D. Maria de Sá de Menezes, filha do capitão Francisco de Sá Barreto e de sua mulher D. Jeronima Denis, a fl..., n. 6 e 22.

Francisco de Sá, que faleceu solteiro.

O padre Antonio Telles de Menezes, sacerdote secular.

Claudio Telles de Menezes, cazado com D. Izabel Maria de Souza, sem filhos.

Rui Carvalho Pinheiro, a quem chamavam o velho e irmão de Manoel Pinheiro Carvalho, que já fica a fl... e passou com o dito seu irmão de Portugal para a Bahia, foi moço de camara, escudeiro e cavalleiro fidalgo, e teve o fôro no anno de 1577, dado pelo Duque de Bragança a rogo do Sr. D. Duarte, que lh'o encommendou muito em seu testamento. Na Bahia cazou este Rui de Carvalho trez vezes, como consta da verba do seu testamento, além de outras memorias manuscritas. A primeira com Ursula do Rego, filha de Salvador Fernandes do Rego, o moço, a fl..., n. 5, da qual teve filhos:

· 1. Rui Carvalho Pinheiro, que se segue.

2. Francisco, batizado a 2 de Janeiro de 1620.

Segunda vez cazou com D. Maria de Souza, e teve d'esta trez filhas:

3. D. Catharina de Souza, mulher do dezembargador João de Góes de Araujo, a fl..., n. 1.

4. D. Violante, que cazou com o capitão João da Silva Vieira.

5. D. Ignez de Castro, mulher de Simeão de Araujo de Góes, a fl...

Terceira vez cazou Rui Carvalho, acima, com D. Izabel de Almeida, e declara na tal verba do seu testamento, que d'esta não teve filhos. E faleceu elle a 31 de Março de 1645. Testamenteiro seu irmão Nicoláo Carvalho Pinheiro e seu filho Rui Carvalho Pinheiro, que se segue.

Por morte d'este seu marido, cazou esta D. Izabel segunda vez com o alferes Felippe Cardozo do Amaral, filho do capitão Manoel Cardozo do Amaral e de sua mulher D. Maria Pacheco. Cazaram a 3 de Maio de 1651.

N. 1. Rui Carvalho Pinheiro, filho do primeiro. Teve tambem o fôro de fidalgo dado por el-rei, sendo mordomo-mór o bispo de Coimbra. Foi cazado trez vezes; a segunda com D. Catharina de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo *, e d'esta não teve filhos. Cazaram a 10 de Janeiro de 1667.

Segunda vez cazou com D. Apolonia de Araujo, filha de Gaspar de Araujo de Goes e de sua mulher Maria do Rego, e tamtem não teve filhos, a fl..., n. 28. Faleceu a 10 de Janeiro de 1673, sepultado no Carmo.

Foi cazado este Rui Carvalho a primeira vez com D. Catharina Ravasco, fl...

N. 4. D. Violante Pinheiro, filha de Rui Carvalho Pinheiro, acima, e de sua segunda mulher D. Maria de Souza, cazou com o capitão João da Silva Vieira, natural da ilha da Madeira, freguezia da sé, filho de Jeronimo

---

* Catharina de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes do Rego, dizem o breve e autos da dispensa do 2.° grão de consanguinidade para cazar com o primeiro Rui Carvalho Pinheiro, seu primo legitimo.

Vieira Tavares e de sua mulher Catharina Machado; cazaram a 11 de Setembro de 1662.

Diz assim o livro da sé: Aos 10 de Janeiro de 1667, recebi dispensados no parentesco, que entre si têm, pelo sumo pontifice, ao sargente mór Rui Carvalho Pinheiro, viuvo que ficou de D. Catharina Ravasco, com D. Catharina de Azevedo, natural de Santa Barbara, filha de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes.

FEIO E CARVALHO

Diogo Feio de Carvalho, capitão de infantaria na côrte de Lisboa, cazado com D. Violante da Silva de Oliveira, e teve filhos:

1. Estevão Feio de Carvalho, que se segue

N. 1. Estevão Feio de Carvalho, natural de Lisboa, e filho de Diogo Feio de Carvalho e de sua mulher D. Violante da Silva Feio de Oliveira cazou com D. Izabel Ferreira, e teve filhos:

2. Gaspar Feio de Carvalho, que se segue.

3. D. Maria da Silva Feio, que cazou com Jozé de Abreo Castello-Branco, sem filhos.

4. D. Felippa da Silva Oliveira, cazada com Rui Carvalho Pinheiro, filho de Nicoláo Carvalho Pinheiro, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Aragão, de quem teve filhos, que já ficam a fl..., n. 12, e seguintes.

FEIO E FERREIRA

Manoel Ferreira, de quem não achamos a sua ascendencia e só que foi cazado com Maria Feio do Amaral, e que d'ella teve filhos:

1. Miguel Ferreira Feio, que se segue.

2. Luzia Ferreira do Amaral, que cazou com Martim Affonso Moreira, a fl...

3. Ursula Feio do Amaral, que cazou duas vezes, a primeira com Pedro Carneiro, e a segunda com Lourenço Cavalcante, como fica a fl...

4. Estevão Pereira. Padre da Companhia.

N. 1. Miguel Ferreira Feio, filho de Manoel Ferreira e de sua mulher Maria Feio do Amaral, cazou com Izabel Serrão, filha de Antonio Vaz.

5. Monica do Amaral, que se segue.

6. Antonio Ferreira e Gonçalo Ferreira, que faleceram sem cazar.

Por sua morte fez Miguel Pereira Feio testamento aos 9 dias do mez de Outubro de anno de 1625, e em uma das verbas do tal testamento diz assim : — Instituo uma capella perpetua de uma missa cada semana, por mim e por minha mulher Izabel Serrão, e deixo por administrador da dita capella a minha filha Monica do Amaral, e tendo filhos serão depois de sua morte d'ella os administradores, e não tendo filho, será a filha mais velha, e por sua morte a que se seguir, e não tendo a dita minha filha herdeiros, meu filho mais velho o será, o qual tendo herdeiros será sempre o administrador na fórma que declaro acima; e não tendo o dito meu filho mais velho herdeiros, virá ao outro meu filho e n'esta capella, em falta de descendentes, como digo, virá ao parente mais chegado. Declaro, que tenho dous filhos maxos, a saber : Antonio e Gonçalo Pereira. Mando, que meu corpo seja sepultado na caza da santa Mizericordia na sepultura de meu sogro Antonio Vaz ; testamenteiro Antonio Castanheira, meu primo.

N. 5. Monica do Amaral, filha de Miguel Ferreira Feio e de sua mulher Izabel Serrão, foi a administradora da capella, que instituio o dito seu pai e cazou com Miguel Brandão, * filho de Melchior Brandão Coelho e de sua primeira mulher Maria Pestana, a fl..., n. 2. De seu marido Miguel Brandão teve Monica do Amaral filhos, e foi este Miguel Brandão, seu primeiro marido, e filho d'este além dos que já ficam na sobredita fl...

---

* Cazaram a 11 de Agosto de 1629.

7. Francisco Soares Brandão, que se segue.

Segunda vez cazou Monica do Amaral com o capitão Constantino Pereira de Lacerda, * e teve filhos :

8. Francisco, que faleceu pequeno, e D. Anna de Lacerda.

N. 7. Francisco Soares Brandão, filho de Monica do Amaral e de seu primeiro marido Miguel Brandão, cazou com D. Francisca de Menezes, filha de Antonio Moreira de Gambôa, a fl..., e de sua mulher D. Antonia Doria de Menezes, e teve filha :

9. D. Monica Serrão de Menezes, que se segue.

N. D. Monica Serrão de Menezes, filha de Francisco Soares Brandão e de sua mulher D. Francisca de Menezes, cazou com Antonio Barboza de Araujo, filho este de Belchior Brandão Pereira e de sua mulher Izabel Barboza e Belchior Brandão Pereira, este aqui era filho de Braz Rabelo Falcão e de sua mulher Izabel Brandão, filha esta de Belchior Brandão Coelho e de sua primeira mulher Maria Pestana. D'esta Monica Serrão e de seu marido Antonio Barboza de Araujo foram filhos :

10. D. Francisca de Menezes, que cazou com Jozé de Argolo de Menezes, a fl..., filho de Antonio Moreira de Menezes, irmão este inteiro de D. Francisca de Menezes, cazada com Francisco Soares Brandão, acima, n. 7.

11. João Pereira Barboza, que se segue.

12. D. Izabel Maria de Jezus, que cazou com Francisco Gomes de Sá, irmão de Antonio Gomes de Sá e pai do marechal de campo Antonio Gomes de Sá.

13. D. Monica de Menezes, que vive solteira.

N. 11. João Pereira Barboza de Araujo, filho de Antonio Barboza de Araujo e de sua mulher D. Monica Serrão de Menezes, cazou com D. Joana Maria de Argôlo, filha de Paulo de Argôlo e de sua mulher D. Ignez de Gusmão, a fl..., n. 10 e 17, e teve filhos:

14. Antonio Barboza de Argôlo Araujo, que vive solteiro n'este anno de 1772.

15. D. Anna, D. Joana, e o padre Jozé Pereira, falecidos.

---

* Cazaram a 2 de Fevereiro de 1643.

16. D. Anna Maria Monserrate, solteira.
17. O padre Manoel Xavier do Nascimento.

Antonio Soares de Souza, cazou com D. Luiza Feia em 12 de Fevereiro de 1645, diz o assento da freguezia de Cogitepe, sem mais declaração.

PEIXOTO VIEGAS

João Peixoto Viegas, foi filho de Fernão Peixoto, que era natural de Viana, e cazado com Barbara Fernandes, de quem além de outros teve filho a este João Peixoto Viegas, que na Bahia cazou com Joana de Sá Peixoto, * que era filha de Cosme de Sá Peixoto e de sua mulher Maria de Novaes ; consta isto das inquirições de Jozé Peixoto Viegas, filho d'este João Peixoto Viegas, dizem as mesmas inquirições, que foi familiar do santo officio este João Peixoto Viegas, e teve mais filhos:

1. Jozé de Sá Peixoto.
2. Jozé Peixoto Viegas, que sendo já de maior idade se ordenou de sacerdote ; e passou ao sertão por vizitador, e tambem por vigario, e o matou um seu escravo.
3. Fernão Peixoto de Sá, batizado em Iguape a 30 de Setembro de 1661, e faleceu solteiro.
4. Francisco de Sá Peixoto, que se segue.
5. Cosme de Sá Peixoto, cazado com Maria de Novaes a 26 de Março de 1602, que tendo ordens o mataram seus sobrinhos abaixo. O assento do seu enterro diz assim: No mez de Abril de 1638 mataram os inimigos olandezes em Maré a Cosme de Sá Peixoto, enterrado na igreja de S. Sebastião.
6. Apolonia, batizada em Iguape a ... de Dezembro de 1662, e mais trez filhas, que foram para o reino, todas estas quatro, as trez foram freiras, e D. Apolonia cazou lá com um F. Vanique, que dizem era secretario do Duque de Cadaval, com o dote de 40 mil cruzados, teve filhos lá.

N. 4. Francisco de Sá Peixoto, filho de João Peixoto Viegas, acima, fugio a seu pai, e foi ter a Pernambuco, e lá

* Cazaram a 12 de Junho de 1650.

por requerimento do pai o prendeu o governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara no anno de 1689, em uma fortaleza, da qual sahio a cazar com D. Angela Bezerra, irman do secretario d'aquelle estado Bernardo Vieira, da familia dos Bezerras, e teve filhos.

7. O coronel João Peixoto Viegas, que cazou no Arraial.

8. Jozé de Sá Bezerra, que faleceu, sem cazar, de um tiro,como o havia feito a seu tio Cosme de Sá Peixoto.

9. D. Maria, que vive solteira na fazenda de S. Jozé das Taporócas, que herdou de seus pais e avós.

10. D. Joana, que tambem vive recolhida no convento das Mercês da Bahia.

Jozé de Sá Peixoto, Jozé Peixoto Viegas, Cosme de Sá Peixoto, e Fernão Peixoto de Sá, naturaes todos d'esta cidade da Bahia, filhos legitimos de João Peixoto Viegas, familiar do santo officio, natural da villa de Viana, e de Joana de Sá Peixoto, natural d'esta cidade da Bahia, netos parternos de Fernão Peixoto e de Barbara Fernandes, e pela materna de Cosme de Sá Peixoto e de Maria de Novaes. Dizem as inquirições d'estes.

Maria Corrêa, que já fica a fl..., e era filha ultima de Anna Alves e de seu marido Custodio Rodrigues, cazou esta Maria Corrêa com Aires da Rocha Peixoto, natural de Elvas, pessoas nobres, e era filho este Aires da Rocha de Leonor Gomes Peixoto, dos Peixotos e Alvarados do Porto. Consta isto de um instrumento, que tem em seu poder o sargento-mór Antonio Jozé Portugal.

A 6 de Junho de 1615, faleceu Antonio de Novaes, sepultado em São Francisco, testamenteiro Cosme de Sá, seu cunhado.

BETENCOURT DE SA'

D. Felix de Betencourt de Sá,que não achamos ainda quem foram seus pais, e só que descendia dos d'este apelido da ilha de São-Miguel. Na Bahia cazou este com

D. Catharina de Aragão de Aiala, que era filha de Diogo de Aragão Pereira, o moço, a fl..., n. 65, a qual D. Catharina era já viuva de Jorge de Brito.

1. D. Joana Catharina, mulher do capitão-mór Ignacio de Siqueira Villas-Boas, a fl..., n 9.

2. D. Antonio Manoel da Camara, que cazou com D. Maria de Barros, filha do capitão-mór Estevão Borges de Barros, a fl..., n. 4, e teve d'ella dous filhos o padre D. Estevão de Barros da Camara e D. Antonio Manoel da Camara.

3. D. Manoel Jozé de Betencourt de Sá, que se segue.

4. D. Caetano de Betencourt de Sá, adiante.

5. D. Felix de Betencourt de Sá, ao depois.

6. D. Francisca, mulher de Sebastião Gago da Camara, sem filhos.

7. D. Antonia Francisca de Aragão, que cazou com o capitão-mór Sebastião Borges de Barros, sem filhos.

8. D. Antonio Telles de Betencourt de Sá, que cazou com D. Thereza, filha do mestre de campo Caetano Lopes Villas-Boas, e tem filhos de menor idade.

9. D. Diogo de Betencourt, que faleceu decrepito, sem cazar, a 14 de Fevereiro de 1723.

10. Francisco, batizado na capella de Santo Antonio do Acu, a 11 de Julho de 1690, e Jozé Francisco, batizado na capela de Santa Maria Maior, a 29 de Dezembro do 1692.

N. 3. D. Manoel Jozé de Betencourt de Sá, filho de D. Felix de Betencourt de Sá e de sua mulher D. Catharina de Aragão de Aiala, cazou com D. Maria Barros* do capitão-mór Estevão Borges de Barros, a fl..., n. 11, e tem filhos :

11. D. Jozé Felippe de Betencourt.

12. D. Luiz, D. Ursula.

13. D. Catharina, cazada com Bento da Silva de Cerqueira.

N. 4. D. Caetano de Betencourt de Sá, filho de D. Felix de Betencourt de Sá e de sua mulher D. Catharina

* Cazaram a 28 de Maio de 1730, na capella do Carmo.

de Aragão de Aiala, cazou com D. Ignez da Silva Aragão (1), filha do coronel Francisco de Araujo de Aragão e de sua segunda mulher D.Perpetua da Silva,a fl..., n.71, a qual D.Perpetua era filha de Domingos da Silva Morro, e teve filhos :

14. D. Felix, Francisco, Perpetua, Antonia, Catharina, Roza e Joana.

N. 5. D.Felix de Betencourt de Sá,filho de D.Felix de Betencourt de Sá e de sua mulher D. Catharina de Aragão de Aiala, a fl... retro, cazou com D. Ursula Bezerra (2), filha do coronel Francisco de Araujo de Aragão e de sua segunda mulher já referida acima, D. Perpetua da Silva, e teve filho :

15. Francisco de Betencourt de Sá.

GIRÃO OU GIRÕES NA BAHIA

Francisco Lopes Girão ou Alves, faleceu a 23 de Março de 1652, sepultado na sé, o primeiro d'este nome na Bahia, foi cazado com D. Maria Corrêa (3) ; faleceu D.Maria Corrêa a 22 de Outubro de 1637, e d'este foram filhos :

D. Francisca, batizada na sé ao 1º de Janeiro de 1597.

1. Francisco Lopes Girão, que se segue, batizado na sé a 22 de Abril de 1600.

2. D. Margarida Girão, mulher de André Cavallo de Carvalho, o velho, a fl. . .

Manoel Girão, cazado com D. Catharina de Menezes, filha do alcaide mór Duarte de Menezes. Cazaram a 17 de Setembro de 1623.

---

(1) Cazaram no oratorio de D.Perpetua, sua sogra, a 19 de Setembro de 1721.

(2) Cazaram a 12 de Fevereiro de 1727, na capella das Larangeiras do Passé.

(3) Cazaram a 21 de Junho de1581.

N. 1. Francisco Lopes Girão, o segundo d'este nome, e filho do primeiro, cazou com D. Maria de Menezes,* filha de Gaspar Pereira,o velho, a fl. .., n. 8, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, a qual era viuva de Francisco de Carvalhal, a fl. .., n. 1, de quem teve alguns filhos, e d'este seu segundo marido teve mais:

3. Antonio Moniz, que se segue.

4. Thomé Girão, adiante.

D. Benta, depois.

Segunda vez cazou este Francisco Lopes Girão com D. Francisca de Betencourt, filha de Francisco de Betencurt, a 13 de Abril de 1651, a fl..., n. 8, a qual D. Francisca cazou ao depois com Manoel Pereira de Faria, e com este cazou a 25 de Outubro de 1654, e de Francisco Lopes Girão teve filha:

5. D. Archangela Girão, mulher de Antonio Moniz Telles, a fl. .., n. 1.

N. 3. Antonio Moniz, filho de Francisco Lopes Girão, o segundo d'este nome, e de sua primeira mulher D. Maria Corrêa, cazou com D. Luzia Barboza, filha de Baltazar Barboza e de sua mulher D. Ursula da Rocha, e d'elles foram filhos:

6. Francisco Moniz Barreto, que se segue.

7. Manoel Moniz Barreto, adiante.

8. Jozé Moniz Barreto, ao depois.

9. D. Ursula, mulher de Jozé Telles, filho de Luiz Alvares Franco, a fl. .., n. 37.

N. 6. Francisco Moniz Barreto, ou Francisco Lopes Girão, filho de Antonio Moniz Barreto, n. 3, e de sua mulher D. Luzia Barboza, cazou com Michaela de Azevedo da Silva, filha de Marcos da Silva e de sua mulher Anna de Azevedo, e teve filhos:

10. Antonio Moniz e Marcos da Silva.

N. 7. Manoel Moniz Barreto, filho de Antonio Moniz Barreto, n. 3, e de sua mulher D. Luzia Barboza, cazou com Theodora de Moraes, filha de Francisco de Moraes, e de sua mulher Anna de Azevedo, e teve filhos:

* Cazaram a 22 de Novembro de 1638.

11. Manoel Moniz Barreto.

N. 8. Jozé Moniz ou Telles Barreto, filho terceiro de Antonio Moniz Barreto e de sua mulher D. Luzia Barboza, cazou com D. Maria de Souza de Amorim, filha de Amaro de Souza de Amorim e de sua mulher D. Margarida de Barros, foi morto de um tiro, e não teve filhos.

Segunda vez cazou este Jozé, em Sergipe d'el-rei, com a filha de Jeronimo Paredes, ou da tal D. Ursula Rocha.

N. 4. Thomé Girão, filho segundo de Francisco Lopes Girão e de sua primeira mulher D. Maria de Menezes, cazou com D. Margarida, filha de Baltazar Barboza e de sua mulher D. Ursula da Rocha, e tiveram filhos:

12. Baltazar Barboza.

13. Jozé Telles.

14. Francisco Girão, que cazou com a filha de Jozé de Araujo.

15. D. Thereza Girão, mulher de Antonio Telles e depois de Jozé Godinho, filho do Lima.

Aos 16 de Novembro de 1648 recebi ao capitão Manoel Girão, viuvo com D. Felippa de Menezes, filha de Miguel Telles. Matuim.

Diogo Varela de Macedo, cazado com D. Luiza Girão, moradores em Cotegipe, teve filhos :

Francisco de Macedo, que cazou com D. Izabel de Araujo, filha do capitão Miguel Francisco e de sua mulher Maria de Araujo, cazaram a 16 de Agosto de 1654 em Cotegipe.

PAES E AZEVEDOS

Aleixo Paes, o velho, natural das parte de Portugal, na Bahia viveu honradamente, e n'ella cazou com Apolonia Nunes,irman do padre Antonio Nunes,da companhia, e teve filho:

1. Sebastião Paes, que se segue.

N. 2. Sebastião Paes, filho de Aleixo Paes, o velho,

e de sua mulher Apolonia Nunes, foi cazado duas vezes, a primeira com Izabel de Azevedo * de quem teve os filhos seguintes :

2. Aleixo Paes de Azevedo, que se segue, batizado a 30 de Outubro de 1622.

3. Manoel Nunes de Azevedo,cazado com D. Apolonia de Lacerda,com filhos,batizado a 9 de Novembro de 1626.

4. Antonio Paes, cazado com Maria Neri do Rego, e tem filhos. Cazaram a 27 de Agosto de 1663. Batizado a 25 de Outubro de 1628.

5. João, batizado a 11 de Maio de 1632.

6. Ursula de Azevedo, mulher de Miguel Moniz Barreto, com filhos, batizada a 8 de Agosto de 1633.

7. Angela Paes, cazada com o licenceado Estevão Gomes de Escobar, com filhos. Batizada a 4 de Outubro de 1635.

8. João Paes, religiozo do Carmo e provincial. Faleceu afogado, com outros religiozos seus, indo para Pernambuco. Batizado a 28 de Julho de 1637.

9. Jacome Paes, cazado com Izabel Godinho Freire, e teve filhos, e faleceu a 2 de Agosto de 1710, e foram testamenteiros seus filhos Domingos Ferraz de Souza, João Paes de Souza e sua mulher Izabel Godinho. Batizado a 20 de Junho de 1639.

10. Jozé Paes, que com ordens menores cazou a desgosto de seu pai.

11. Maria do Rego, cazada com Gaspar de Araujo de Goes, com filhos, a fl... e seguinte, batizado a ... de Agosto de 1620, e foi a primeira.

12. Luzia da Cruz, cazada com Jorge Antunes, e depois com Sebastião Pereira de Mello, filho de Christovão de Mello de Vasconcellos, sem filhos a fl. ..

13. Salvador, batizado a 10 de Agosto de 1640, padrinhos Aleixo Paes, seu avô, e Maria do Rego,na capella de Cotegipe.

14. Apolonia Nunes, cazada com Jacome Coelho, a fl. ..

* Vide a fl.... n... de quem era filha esta Izabel de Azevedo.

Segunda vez cazou Sebastião Paes com D. Maria de Lacerda Coutinho (1), filha de João Barboza Coutinho, natural da ilha de São-Miguel, e de sua mulher D. Francisca da Fonseca de Goes, natural do Cairú, e teve filhos:

13. D. Luzia Coutinho, cazada com João de Barros de Araujo, a qual faleceu deixando dous filhos menores, e era já falecida em 17 de Agosto de 1671, por um termo que se acha nos autos do testamento de D. Maria de Lacerda, avó d'estes dous menores.

14. D. Izabel Coutinho, cazada com Alonso Marques e depois com o capitão Jozé Teles de Menezes, ou de Barbuda, a fl.. , n. 6, e ahi o mais.

15. D. Ignez Coutinho, cazada com Manoel Fernandes Cordeiro; consta do recibo, que fez do dote a 7 de Maio de 1674, já cazado. Cazaram a 5 de Julho de 1671 em Cotegipe.

16. D. Francisca, cazada com Vicente Pereira de Mello; consta do recibo do dote a 22 de Julho de 1678.

17. D. Margarida, cazada com Francisco de Freitas de Menezes, a fl..., n. 7.

18. D. Thereza, cazada com Constantino Moniz Telles, e teve d'este 6 filhos mortos e Francisco Moniz Coutinho.

19. Bento Ferraz Coutinho, que faleceu solteiro, e já era falecido em 8 de Novembro de 1683.

20. Elias de Goes Coutinho.

21. D. Agueda Coutinho de Goes, que cazou com Manoel de Barbuda de Menezes.

N. 2. Aleixo Paes de Azevedo, filho de Sebastião Paes e de sua mulher Izabel de Azevedo, cazou com D. Francisca de Vasconcelos (2), filha de Gaspar de Araujo de Goes, a fl..., n. 2, e de sua primeira mulher D. Maria de Vasconcelos, filha de Paulo de Carvalhal, a fl. .., n. 3, e de sua mulher D. Francisca de Aguiar, e teve filhos:

22. Aleixo Paes de Vasconcellos.

---

(1) Faleceu este a 25 de Julho de 1668 e ella a 13 de Abril de 1677.
(2) Cazaram a 13 de Dezembro de 1650 em Cotegipe na capella de S. Luzia de Cotegipe.

23. Miguel de Goes de Vasconcellos.

24. D. Izabel Thereza de Vasconcellos, que cazou com Jozé de Araujo de Goes, em 23 de Março de 1674, a fl..., n. 10. Batizada na capella de S. Luzia a 5 de Setembro de 1654.

D. Antonia Maria de Vasconcelos, batizada na freguezia de Cotegipe a 12 de Maio de 1657.

25. D. Antonia de Araujo de Goes, mulher primeira de Barboza Leal, (1) e segunda de Ignacio Ravasco, coronel, a fl..., n. 6.

26. D. Maria de Vasconcellos, que se segue.

27. D. Luzia, cazada com o capitão Jeronimo da Costa Pinto, natural do Fundão, bispado da Guarda, filho de Ignacio Ferrão de Azevedo e de sua mulher Juliana da Costa Pinto; cazaram a 10 de Novembro de 1695.

D. Anna cazada com seu tio Jozé de Goes.

N. 26. D. Maria de Vasconcellos, filha de Aleixo Paes, o moço, e de sua mulher D. Francisca de Vasconcellos, cazou com Jozé Sanches de Goes, ou Delpoço (2), como se acha em alguns assentos, e era filho, diz um dos taes assentos, de Domingos Sanches Delpoço; e teve D. Maria de Vasconcellos de seu marido Jozé Sanches filha:

28. D. Francisca Sanches, que se segue, batizada a 31 de Março de 1672.

N. 28. D. Francisca Sanches Delpoço, acima, cazou com o capitão Luiz Braz Bezerra, natural de Pernambuco, filho de Luiz Braz Bezerra e de sua mulher T. Falcoa, e teve filhos:

29. Jozé Sanches Delpoço, que nasceu em Pernambuco no anno de 1697, para onde voltou seu pai depois de cazado, a fl. ..

30. D. Innocencia de Brito Falcão, que se segue, e nasceu em Pernambuco no anno de 1700.

N. 30. D. Innocencia de Brito Falcão, acima, cazou em Pernambuco com Manoel Rodrigues Campello, e teve filhos, a fl...., n. 1.

(1) Cazou com este a 2) de Julho de 1682.
(2) Cazaram ao 1º de Junho de 1671, em Cotegipe.

N. 14. Apolonia Nunes de Azevedo, filha de Sebastião Paes e de sua primeira mulher Izabel de Azevedo, cazou com Jacome Coelho,* natural de Barcelos, e teve filhos:

1. Catharina de Azevedo, cazada com Miguel Soares Brandão em 25 de Setembro de 1658.

2. Maria de Azevedo, mulher de Antonio Simões de Castro.

3. Jeronimo Coelho de Azevedo.

4. Jozé Coelho de Azevedo.

5. D. Luzia de Azevedo, cazada com o capitão Luiz de Matos Coutinho.

6. Sebastião Goes de Azevedo, que faleceu a 13 de Outubro de 1647.

7. Christovão Coelho, faleceu a 27 de Fevereiro de 1642.

N. 6. D. Ursula Paes de Azevedo, filha de Sebastião Paes, n. 1, e de sua primeira mulher Izabel de Azevedo, cazou com Miguel Moniz Barreto, dos do Socorro, sepultada na sé a 14 de Janeiro de 1729, sendo viuva com 109 annos de idade, e teve filhos:

32. O licenceado Jozé Telles de Menezes: 1682, 18 de Setembro.

33. João Batista Moniz.

34. D. Anna Teles, que se segue.

35. D. Izabel de Menezes, adiante, Paes de Avevedo 14.

N. 34. D. Anna Telles de Menezes, acima, cazou com Francisco de Sá Betencourt, filho de Manoel Pereira Faria, a fl..., n. 1, e teve filho:

36. Manoel Moniz Telles.

N. 35. D. Izabel de Menezes, filha de Miguel Moniz Barreto e de sua mulher D. Ursula Paes de Azevedo, cazou com João Borges David, e teve filha:

37. D. Antonia de Menezes.

N. 18. D. Thereza de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de

---

* Cazaram a 11 de... de 1637 na capella de Santa Luzia.

Lacerda Coutinho, a fl..., n. 18, cazou com Constantino Moniz Telles, do qual teve 4 filhos mortos, e

38. Francisco Moniz Coutinho, o qual dice assim em uma verba de seu testamento:— Declaro, que fui procurador do coronel Antonio Barreto de Menezes, emquanto o dito foi administrador da capella de Santo Antonio além do Carmo; declaro, que trago demanda com Aguiar Daltro sobre a administração da capella de Santo Antonio e faltando eu d'esta vida, a elle lhe toca e a seus irmãos, por direito, cazo o não queira meu primo o padre Goes Rabello de Menezes punir pela dita capella, porque ao dito meu primo toca primeiro, por descendente do primeiro matrimonio de D. Luiza de Espinoza, que esta cazou duas vezes. Declaro, que sou filho legitimo de Constantino Moniz Telles e de D. Thereza de Lacerda Coutinho.

AZEVEDOS E BARROS NA BAHIA

Francisco de Azevedo, filho primeiro de Affonso de Azevedo, passou á Bahia, e n'ella cazou com D. Maria de Barros Lobo, filha de Manoel Pinheiro de Carvalho, a fl..., n. 5, e teve filhos:

1. Manoel de Barros, que cazou com D. Joana Pimentel, filha de Manoel de Freitas Lobo e de sua mulher Felippa Pimentel, sem filhos. Cazaram a 13 de Novembro de 1690.

2. Alvaro de Azevedo, que se segue.

3. Nicoláo Carvalho, adiante.

4. D. Margarida, mulher de Theodozio de Moraes.

D. Ignez de Barros Lobo.

N. 2. Alvaro de Azevedo, filho segundo de Francisco de Azevedo, acima, cazou com D. Archangela de Negreiros, filha de Lourenço Lobo de Barros e de sua mulher D. Maria de Negreiros; eram primos segundos, por D. Maria de Barros ser irman de D. Ignez Lobo, mulher de Antonio Moniz de Lisboa, adiante a fl...; teve filhos:

5. Antonio de Azevedo, Ricardo e Francisco.

D. Joana de Menezes, filha do licenceado Jozé Telles de Menezes e de sua mulher D. Mariana de Menezes, cazou com Salvador Lobo de Barros, natural do Socorro, filho de Thomaz Lobo de Barros e de sua mulher D. Antonia das Candêas : Cazaram na capella do Carmo a 22 de Fevereiro de 1735.

N. 3. Nicoláo Carvalho, filho terceiro de Francisco de Azevedo, acima, cazou com D. Brites de Menezes, filha de Martim Affonso de Mendonça, a fl..., e de sua terceira mulher D. Joana Barboza, e teve filhos :

Martim Affonso, Jozé de Barros, D. Eugenia, D. Maria, Sebastião e Alvaro.

N. 32. Jozé Telles de Menezes, filho de Miguel Moniz Barreto e de sua mulher D. Ursula Paes de Azevedo, cazou com D. Mariana de Menezes, filha de Martim Affonso de Mendonça, a fl. .., n. 21, e de sua terceira mulher D. Joana Barboza de Azevedo :

1. Miguel Moniz Barreto, que se segue.

2. João Paes Barreto, filho do licenceado Jozé Telles de Menezes e de sua mulher D. Mariana de Menezes, cazou com D. Gertudes Maria de Sampaio, filha de Manoel Botelho de Sampaio e de D. Izabel Maria Caetana, dispensada no 3°. gráo de consanguinidade e legitimada a prole. Cazaram a 5 de Março de 1726 no Monte.

Miguel Moniz Barreto, filho do licenceado Jozé Telles de Menezes, acima n. 32, cazou duas vezes, a primeira com D. Luzia Moreira; a segunda com D. Maria Barboza de Amorim,* filha do sargento-mór Thomaz Ferreira da Cunha e de sua mulher Francisca de Freitas, dispensados no 4°. gráo. D. Luzia Moreira, primeira mulher de Miguel Moniz Barreto, era filha de Manoel Botelho de Sampaio e de sua mulher D. Jozefa ; cazou com esta a 25 de Fevereiro de 1721, na capella das Alagôas.

Alvaro de Azevedo passou á Bahia com seu irmão Francisco de Azevedo ; foi homem que servio bem a el-rei e á republica, e por seu merecimento chegou a ser mestre de campo de um terço na Bahia, e por morte

* Cazaram a 5 de Fevereiro de 1725, na capella da Bôa-Vista.

do governador Affonso Furtado de Mendonça, a 26 de Novembro de 1675, foi nomeado por um dos trez governadores interinos, junto com o chanceler e Antonio Guedes de Brito, cazou com D. Felippa.

NEGREIROS DE SERGIPE DO CONDE

Jorge Esteves, que era filho de Jeronimo Esteves, passou com sua mulher Dorotéa Fernandes, naturaes todos da villa de Agua Revez, do arcebispado de Braga, para a Bahia, e na villa de Sergipe do Conde foi juiz ordinario e dos orfãos, e teve filhos:

2. Domingos de Negreiros, que se segue.
3. Jeronimo de Negreiros.

N. 2· Domingos de Negreiros, filho de Jorge Esteves, acima, foi cazado com Maria Pereira* filha de Martim Lopes Sueiro e de sua mulher Anna Pereira a fl..., n. 2, e teve filhos:

3. Damião de Negreiros Sueiro, mulher sua D. Luzia de Souza, a fl...
4. O capitão Domingos de Negreiros Sueiro, que se ordenou de sacerdote no anno de 1645, e das suas inquirições consta, que era filho de Domingos de Negreiros, acima, e de sua mulher Maria Pereira, neto por parte paterna de Jorge Esteves e de sua mulher Dorotéa Fernandes, naturaes da villa de Agua Revez, do arcebispado de Braga, e por parte materna neto de Martim Lopes Sueiro e de sua mulher Anna Pereira. Batizado na capella de S. Germano da Patativa, pelo coadjutor Nicoláo Viegas, a 17 de Março de 1629. Padrinhos seu tio Jeronimo de Negreiros e D. Maria de Souza, mulher de Duarte Lopes Soeiro.
5. D. Anna de Negreiros, mulher de capitão Guilherme Barbalho, a fl... n. 2.
6. Francisco de Negreiros Sueiro, que se segue.

---

* Cazaram a 4 de Fevereiro de 1607.

N. 6. Francisco de Negreiros Sueiro, filho de Domingos de Negreiros, n. 2, e de sua mulher Maria Pereira, foi cazado com D. Cosma Barbalho, filha do mestre de campo Luiz Barbalho e de sua mulher D. Maria Furtado de Mendouça. a fl..., e teve filho :

7. Luiz Barbalho de Negreiros, que se segue.

N. 7. Luiz Barbalho do Negreiros, filho de Francisco de Negreiros, n. 6, e de sua mulher D. Cosma Barbalho, cazou com D. Luiza Côrte-Real, (1) filha de João Alvares da França, a fl..., e de sua mulher D. Catharina Côrte-Real, e teve filhos:

8. Francisco de Negreiros Côrte-Real, que se segue.

9. João Alves Soares Côrte-Real, batizado a 26 de Fevereiro de 1668.

10. Domingos Soares Barbalho, batizado a 23 de Março de 1669, cazou com D. Izabel Barboza a 15 de Fevereiro de 1700.

11. Antonio Barbalho da Franca, adiante, batizado a 7 de Novembro de 1670.

12. Gonçalo Soares da Franca, batizado a 10 de Janeiro de 1678, clerigo.

13. Jozé Barbalho Corte-Real, faleceu solteiro.

14. D. Maria Jozefa Côrte-Real, solteira.

N. 8. Francisco de Negreiros Côrte-Real, filho de Luiz Barbalho da Negreiros, n. 7, e de sua mulher D. Luzia Corte-Real, cazou com D. Antonia de Araujo ou Aragão (2) filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de sua segunda mulher D. Anna de Araujo, a fl..., n. 74, a qual D. Antonia era já viuva de Pedro Paes Machado, como fica ahi, e d'este seu segundo marido Francisco de Negreiros teve filhos; segunda vez cazou com D. Elena Maria de Argolo Menezes, filha do capitão Antonio Moreira de Menezes e de sua mulher D. Anna de Menezes, a qual D. Elena era já viuva do legado Bartolomeo Soares, não teve filhos.

15. D. Luiza Côrte-Real, mulher do alferes Sebastião da Rocha Pita a fl... n. 12, sem filhos.

---

(1) Faleceu esta a 23 de Janeiro de 1716.

(2) Cazaram a 7 de Outubro de 1697 na capella da Pena do engenho da Ponta.

16. Luiz Barbalho de Negreiros Côrte-Real, cazou com D. Anna Joaquina de Almeida, irman do mestre de campo Bernardino Marques; não teve filhos.

17. D. Anna de Araujo ou Aragão, vive solteira.

18. Antonio Jozé de Negreiros Côrte-Real; cazado com D. Catharina Jozefa, sua parenta, sem filhos.

N. 11. Antonio Barbalho da Franca, filho de Luiz Barbalho de Negreiros, n. 7, e de sua mulher D. Luzia Côrte-Real, cazou com D. Roza de Araujo de Aragão, (1) filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira, que já fica acima, e era esta D. Roza irman de D. Antonia, e filhas ambas do sobredito Pedro Camelo. De D. Roza e seu marido Antonio Barbalho da Franca foram filhos:

19. Ignacio, batizado a 8 de Dezembro de 1698.

20. Luiz Barbalho de Negreiros.

21. D. Anua de Aragão, mulher de D. Felix de Itaparica, sem filhos.

22. D. Antonia, mulher do doutor João Pereira de Vasconcellos, a fl... n. 76.

Segunda vez cazou Antonio Barbalho, acima, com D. Catharina Jozefa de Araujo Azevedo, filha do capitão Gaspar de Araujo Azevedo e de sua mulher D. Izabel Barboza, e teve tambem filhos:

Antonio e D. Cosma, que faleceram solteiros.

BARBALHOS

Luiz Barbalho, o velho, natural de Pernambuco, filho de Antonio Barbalho, foi mestre de campo na Bahia (2) e na armada do Conde da Torre, por ir esta derrotada para

(1) Cazaram a 7 de Outubro de 1697 na capella da Pena, do engenho da Ponta, dia em que cazou tambem seu irmão acima Francisco de Negreiros.

(2) Pelos relevantes serviços do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, lhe fez el-rei a mercê de uma commenda e para seus filhos outros beneficios com habitos.

as Indias de Castella, passou d'ella ao porto de Touro na costa do Brazil ao norte, donde caminhou por terra com a gente, que trazia, assim soldados, como moradores, rompendo matos, atravessando pelos sertões, vencendo as difficuldades dos rios e brenhas, soffrendo fomes e gentio selvagem; o que engrandecem muito todos os que isto escreveram com D. Francisco Manoel na Epana fora Triunfante, e foi esta armada do Conde da Torre derrotada no anno de 1639. Depois governou a Bahia com o senado da camara, o provedor da fazenda real Lourenço Corrêa, e o bispo D. Pedro da Silva* pela prizão do governador D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão, primeiro vice-rei d'este estado desde, 16 de Abril de 1641 até 26 de Agosto do mesmo anno. Cazou com D. Maria Furtado de Mendonça, filha de Aires Furtado de Mendonça e de sua mulher Cecilia de Andrade Carneiro, e teve filhos :

1. Agostinho Barbalho, que, servindo bem em todas as occaziões em que se achou, na remoção de Salvador Corrêa de Sá Benevides, governador do Rio de Janeiro, o degolaram. Foi senhor da ilha de Santa-Catharina, de que lhe fez mercê el-rei D. Affonso VI, por provizão de 4 de Fevereiro de 1664.

2. Guilherme Barbalho, que se segue.

3. Fernão Barbalho, que servio ao infante D. Pedro, e morreu vedor da India, sem filhos ; foi fidalgo da caza real, e capitão da fortaleza de N. S. do Populo.

4. D. Antonia, mulher de Antonio Ferreira de Souza, filho este de Euzebio Francisco e de sua mulher D. Catharina de Souza, e cazou D. Antonia com este Antonio Ferreira de Souza a 11 de Setembro de 1642, e foi ministro e padrinho o Sr. bispo D. Pedro da Silva na igreja de S. Bento da Bahia, padrinhos o mestre de campo Luiz Barbalho e o governador Lourenço Corrêa de Brito.

5. D. Cosma, mulher de Francisco de Negreiros, na Patatiba, a fl..., n. 6, e ahi a sua descendencia.

---

* Por provizão regia de 4 de Março de 1641.

6. Francisco Monteiro Barbalho Bezerra, que, diz d'elle o liv. 4. a fl. 304, que trata dos serviços das pessoas d'este estado, era fidalgo da caza de Sua Magestade, como era o dito seu pai o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, e natural de Pernambuco, e que este seu filho Francisco Barbalho Bezerra, de idade de 8 annos, assentou praça de soldado na companhia de seu irmão Agostinho Barbalho Bezerra, uma das do mestre de campo D. Felippe de Moura, com seis cruzados por mez, em 20 de Fevereiro de 1642, e servio de soldado em outras companhias até 17 de Março de 1667, em que, passando seu irmão Fernão Barbalho para o serviço do Sr. infante D. Pedro, como fica dito, entrou o dito Francisco Monteiro Bezerra, ou Barbalho Bezerra, por capitão do forte novo de N. Sra. do Populo do mar, de que era capitão o dito seu irmão Fernão Barbalho, servio n'este até 1704, que n'este anno, que requeria os seus serviços, faziam 24 annos 4 mezes e 17 dias, que servia; e é o que d'elle achamos.

N. 2. Guilherme Barbalho, filho segundo de Luiz Barbalho, o mestre de campo, e de sua mulher D. Maria Furtado de Mendonça, servio nas guerras de Pernambuco, foi fidalgo da caza real, cavalleiro da ordem de Christo, foi alcaide-mór da cidade de São-Christovão de Sergipe de el-rei, coronel de um partido de auxiliares na Bahia, onde cazou com D. Anna de Negreiros, filha de Domingos de Negreiros, a fl..., n. 2 e 5, e de sua mulher Maria Pereira, filha de Martim Lopes Soeiro e de sua mulher Anna Pereira, a fl..., e teve filhos:

7. Domingos Barbalho Bezerra, que se segue.

8. D. Mariana Barbalho, mulher de Manoel Alves da Silva, filho de Antonio Alves da Silva e de Luiza Freire, sua mulher, sem filhos.

Manoel Alves da Silva, cavalheiro professo na ordem de Christo.

N. 7. Domingos Barbalho Bezerra, filho de Guilherme Barbalho, n. 2, teve o fôro de fidalgo, e commenda e alcaidaria de seu pai e avô, viveu com seu pai na Patativa, solteiro.

FERREIRAS E SOUZAS

Euzebio Ferreira, natural do Porto-Santo da ilha da Madeira do reino de Portugal, filho de Leão Ferreira passou á Bahia, e n'ella cazou com D. Catarina de Souza (1), filha de Melchior de Souza Dormondo e de sua mulher D. Micia Darmas, filha de Luiz Darmas e de sua mulher Catarina Jaques. De Euzebio Ferreira e sua mulher D. Catarina de Souza foram filhos:

1. D. Francisca de Souza, que se segue.

2. Jeronimo de Souza, carmelita calçado.

3. D. Maria de Souza, segunda mulher de Rui Carvalho, o velho, á fl. 253, e ahi o mais.

4. D. Clara de Souza, mulher do capitão Melchior Barreto, ao depois.

5. Antonio Ferreira de Souza, adiante.

6. Francisco de Souza, carmelita calçado.

7. Ignacio Ferreira de Souza, ao depois.

8. D. Ignez de Castro, primeira mulher do capitão Damião de Lançóes de Andrade, sem sucessão. Cazaram a 7 de Julho de 1644.

D. Anna de Souza, cazada com Agostinho de Paredes, filho este de Manoel de Paredes, a fl... (Erro. *Nota á margem*).

N. 1. D. Francisca de Souza (2), filha de Euzebio Ferreira e de sua mulher D. Catharina de Souza, foi primeira mulher do capitão Christovão da Cunha de Sá Soto-maior, cavalleiro professo na ordem de São Bento de Aviz, filho de Melchior de Sá Soto-maior e de sua mulher Izabel Jaques Darmas, e teve D. Francisca de seu marido Christovão da Cunha filho unico:

9 Melchior de Sá, que faleceu solteiro.

N. 4. D. Clara de Souza, filha de Euzebio Ferreira

---

(1) Cazaram na sé a 13 de Maio de 1603, em caza, que os recebeu o coadjutor Antonio Viegas; testimunhas Christovão de Aguiar e Melchior de Sá. E faleceu ao 1º de Novembro de 1636

D. Catarina sua mulher faleceu a 21 de Agosto de 1649, sepultada no Carmo.

(2) Faleceu esta a 27 de Maio de 1665, sepultada no Carmo.

e de sua mulher D. Catharina de Souza, cazou com o capitão Melchior Barreto de Teves (1), fidalgo da caza real, filho de Pedro Teves, tambem fidalgo, e de sua mulher Leonor Barreto teve filhos.

10. Pedro de Teves Barreto, capellão fidalgo da caza real, e arcediago da sé da Bahia e vizitador etc., Batizado na sé a 26 de Outubro de 1639.

11. D. Joana Barreto, mulher do capitão Gaspar Maciel de Sá, a fl..., batizada a 25 de Junho de 1648.

12. D. Maria de Souza, mulher de João Soares Brandão, e depois de Miguel Rodrigues de Gusmão, a fl..., batizada a 20 de Abril de 1644 na sé.

13. Antonio de Teves Barreto, que mudou o nome na crisma em João de Teves; batizado a 9 de Julho de 1646, na Sé.

N. 5. Antonio Pereira de Souza, filho de Euzebio Ferreira e de sua mulher D. Catharina de Souza, cazou com D. Antonia Bezerra (2), filha do mestre de campo Luiz Barbalho, o velho, a fl..., batizada na capela do Nome de Jezus do Socorro a 27 de Agosto de 1656, e teve filhos:

14. D. Ignez Barbalho Bezerra, que cazou com o coronel Egas Moniz Barreto, a fl..., n. 12, e ahi a sua descendencia.

15. D. Thereza de Souza, mulher de Jeronimo Moniz Barreto, irmão de D. Victoria de Menezes, filha esta de Francisco Moniz de Menezes, a fl..., n. 4.

16. D. Catharina de Souza, mulher de Rafael Soares da Franca, a fl..., n. 2, e ahi a sua descendencia.

17. D. Maria Furtado de Souza, mulher do alferes Nicoláo de Souza de Andrade, sem sucessão. Euzebio Ferreira, que faleceu pequeno; batizado em Janeiro de 1651. D. Francisca Barbalho, segunda mulher de Diogo de Sá Soto-maior, a fl..., n. 6.

---

(1) Faleceu Belchior Barreto a 7 de Setembro de 1662, sepultado no Carmo; natural da ilha da Madeira.

(2) Cazaram na igreja do mosteiro de S. Bento a 11 de Setembro de 1642 e os recebeu o bispo D. Pedro da Silva, sendo padrinho juntamente com o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, e Lourenço de Brito Correa, provedor da fazenda real e um dos governadores interinos.

Antonio Ferreira de Souza, foi cavalleiro da ordem de Santiago, mercê que fez el-rei ao sogro d'este, para o sugeito que cazasse com sua filha, e habito de Aviz para dote da outra filha, e um da ordem de Christo para o filho segundo.

N. 7. Ignacio Ferreira de Souza, filho de Euzebio Pereira e de sua mulher D. Catharina de Souza, cazou com D. Margarida de Menezes, filha do capitão Antonio Coelho Pinheiro, familiar do santo officio, e de sua mulher D. Ignez de Menezes, que era filha de Henrique Moniz Telles e de sua mulher D. Leonor Antunes, e o dito Henrique Moniz Telles, ou Barreto, que com estes dous sobrenomes se acha em varios assentos, era irmão do alcaide-mór Duarte Moniz Barreto, e fidalgo da caza real. Teve Ignacio Ferreira de Souza de sua mulher os filhos seguintes:

18. D. Ignez de Souza, cazada com o sargento-mór Antonio Moniz, sem filhos; batizada na sé a 3 de Abril de 1647. Era já viuva de Amaro Homem de Almeida.

19. D. Mariana de Souza, mulher de Thomé Pereira de Faria, sem filhos; batizada em Matuim a 16 de Setembro de 1642.

20. D. Maria de Souza, mulher de Pedro Pereira de Menezes, sem filhos, a fl..., n. 22.

21. Antonio Ferreira de Souza, cazado com D. Brites de Menezes, sem filhos, batizado a 3 de Agosto de 1653.

22. Manoel Ferreira de Souza, que se segue.

João, Euzebio, Catharina, Apolonia, que faleceram sem estado.

N. 22. Manoel Ferreira de Souza, filho de Ignacio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Margarida de Menezes, cazou com D. Luiza Telles de Menezes, * filha do sargento-mór Antonio Moniz Telles e de sua mulher D. Arcangela de Mello, a fl..., n. 1, e teve filhos.

23. Ignacio Ferreira de Souza, cazado com D. Antonia Moniz Barreto, filha do dezembargador Francisco Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, sem filhos.

---

* Cazaram na capella do Monte a 8 de Dezembro de 1699.

24. D. Luzia Violante Barreto, mulher de Jozé Pereira de Souza, sem filhos.

25. Gonçalo Ferreira de Souza, cazado com D. Anna Maria de Jezus, sem filhos.

26. Antonio Moniz de Souza Barreto, cazado com D. Catharina de Goes de Souza, e até o prezente não tem filhos.

27. D. Arcangela, Margarida, Ignacia, Eugenia.

BORGES DE BARROS

O capitão João Borges de Macedo era filho de Domingos Borges, natural do lugar de Dom Durão, termo da villa de Cadaval, arcebispado de Lisboa, e de sua mulher Maria da Penha, natural dahi, e na Bahia cazou com Maria de Barros, que era filha de Salvador Vieira, natural da Ribeira de Suas, termo de Braga; e de sua mulher Maria de Barros teve João Borges os filhos seguintes:

1. O doutor Jozé Borges de Barros, mestre-escola da sé da Bahia, batizado a 5 de Março de 1657.

2. Maria, batizada a 19 de Setembro de 1658, faleceu solteira.

3. Salvador Borges de Barros, batizado a 29 de Agosto de 1660.

4. O capitão Estevão de Barros, que se segue. Batizado ao 1.° de Janeiro de 1662.

5. O doutor Manoel Vieira de Barros, batizado a 22 de Fevereiro de 1663.

6. O doutor João Borges de Barros, que foi cura da sé, batizado a 22 de Janeiro de 1666.

7. Manoel Borges de Barros, batizado a 5 de Março de 1667.

8. A madre Maria da Soledade, religioza no Desterro, onde faleceu com opinião de virtude a 30 de Outubro de 1719, batizada a 8 de Setembro de 1668.

9. O coronel Domingos Borges de Barros, que se segue, batizado a 26 de Maio de 1670.

N. 9. O capitão-mor Estevão Borges de Barros, filho do capitão João Borges de Macedo e de sua mulher Maria de Barros, acima, cazou com Eugenia de Jezus, que era filha de Pedro Ferreira, natural da villa de Serinhaen, bispado de Pernambuco, e de sua mulher Maria Barboza e teve filha: Maria Barboza de Amorim, natural da freguezia do Monte na Bahia.

10. D. Maria de Barros, que cazou com D. Antonio Manoel da Camara, filho de D. Felix de Betencourt de Sá, a fl..., n. 2, e ahi a sua descendencia.

11. D. Roza de Barros, mulher de D. Manoel Jozé de Betencourt, filho do mesmo D. Felix, a fl..., n. 4.

12. O sargento-mor Antonio Borges, cazado com D. Anna, viuva de Pedro Dias, sem filhos.

13. Francisco, que é religiozo capuxo, com o nome de frei Mauricio de S. Francisco.

14. O padre Miguel Thomaz.

15. João Borges de Barros, frade capuxo, chamado frei Estevão da Soledade.

15. D. Joana Maria do Socorro, mulher do capitão André Vaz Corte, capitão de cavallos, filho do capitão Alvaro Vaz Corte e de sua mulher Maria Bezerra. Cazaram a 25 de Novembro de 1727 na freguezia da Purificação.

N. 9. Domingos Borges de Barros, filho do capitão João Borges de Macedo e de sua mulher Maria de Barros, foi davalleiro da ordem de Christo e coronel de um regimentode auxiliares, cazou com D. Maria de Araujo Azeredo, filha de Luiz Ferreira de Araujo e de sua mulher D. Joana de Azeredo, a qual D. Maria de Araujo era já viuva do coronel Francisco de Brito Barboza, do qual tinha uma filha por nome D. Thereza Maria de Brito, que cazou com Jozé Pereira Sodré, filho do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira e de sua mulher D. Francisca de Aragão a fl..., n. 3, e por morte d'este, seo marido Jozé Sodré Pereira, que o mataram, se recolheo esta D. Thereza Maria ao Desterro. Do coronel Domingos Borges de Barros e de sua mulher D. Maria de Araujo foram filhos:

16. Sebastião Borges de Barros, que foi coronel e

capitão-mór na vila de Sergipe do Conde e cavalleiro da ordem de Christo, e cazado com D. Antonia Francisca de Menezes, filha de D. Felix de Betencourt de Sá, e de sua mulher D. Catharina de Aragão, e faleceu sem filhos a 6 de Dezembro de 1766.

17. João Borges de Barros, que foi conego thezoureiro-mór, e hoje deão na sé da Bahia.

18. Domingos Borges de Barros, que foi copitão de infantaria, com exercicio de ordens, adiante.

19. Luiz Antonio Borges de Barros, que é actual conego na sé da Bahia.

20. Jozé e Antonio, que faleceram meninos.

Além dos filhos acima teve mais o coronel Domingos Borges de Barros em solteiro um filho de uma D. Brites de Brito Faria.

21. Salvador Borges de Barros, bastardo.

N. 22. Salvador Borges de Barros, filho bastardo de Domingos Borges de Barros, n. 9, cazou com D. Thereza Angelica de Meirelles, filha de Custodio de Mereilles Machado e de sua mulher D. Florencia, e teve filhos :

22. Frei Domingos de Santa Thereza, religiozo franciscano.

23. João Borges de Barros, Jozé Borges, Custodio Borges, Francisco Xavier, Custodio Borges, todos sacerdotes seculares.

24. D. Mariana Thereza do Salvador, que cazou com Pedro Moreira e faleceu sem filhos.

25. D. Joana Clara do Paraizo, solteira.

26. Salvador Borges de Barros, que se segue.

N. 26. Salvador Borges de Barros, filho de Salvador Borges de Barros e de sua mulher D. Thereza Angelica de Meireles, é capitão-mór da villa de S. Amaro de Sergipe do Conde, cazou com D. Roza Maria de Lima, filha do dezembargador Thomé Moreira de Pinho e de sua mulher D. Maria Roza de Lima.

N. 18. Domingos Borges de Barros, filho do coronel Domingos Borges de Barros e de sua mulher D. Maria de Araujo Azeredo, cazou com D. Florencia Moreira de Almeida, viuva de João Domingues do Passo, e d'esta

não teve sucessão ; mas de uma moça branca teve filho natural :

Francisco Borges de Barros, que assiste em caza do deão da sé João Borges de Barros, seu tio.

A mãi d'este chama-se Florencia, cazada depois com Claudio Pereira da Silva, filho de Ignacio da Silva, moradores na villa de Sergipe do Conde. Era esta Florencia filha de uma irman das mãis dos religiozos menores frei Manoel da Conceição e frei Agostinho.

PINHO E MOREIRA

Thomé Moreira de Pinho, natural das partes do reino, cazado com Joana da Fonseca.

1. Thomé Moreira de Pinho, que se segue.

2. O padre-mestre frei Antonio de Santa Maria Traripe, franciscano.

3. O padre Francisco Moreira de Pinho, sacerdote.

4. Domingos Francisco de Pinho.

5. O capitão João Marinho da Fonseca, frei Jozé da Madre de Deus, religiozo carmelita calçado.

N. 1. Thomé Moreira de Pinho, filho de Thomé Moreira de Pinho, acima, e de sua mulher Joana da Fonseca, cazou com D. Roza Maria de Lima, e teve filha :

6. D. Roza Maria de Lima, que cazou com o capitão-mór Salvador Borges de Barros, que já fica na fl... retro.

BURGOS

O licencado Jeronimo de Burgos Contreiras, foi cazado com Maria Pacheco,* filha de Gaspar Ferreira Pacheco e de Maria de Barbuda, a fl..., n. 1, donde se diz Gaspar

---

* Cazaram a 24 de Janeiro de 1616 e falleceu elle a 26 de Janeiro de 1667. Sepultado em S. Francisco.

Fernandes da Fonseca e Micia Pacheco, sua mulher, e teve filhos.

1. O dezembargador Christovão de Burgos Contreiras, dezembargador dos agravos, e ouvidor do crime na relação da Bahia, e cavaleiro da ordem de Christo; cazou com D. Elena da Silva Pimentel, * viuva que era de Matheus Pereira de Menezes, a fl..., n. 3, filha de Bernardo Pimentel de Almeida, a fl..., n. 6, e de sua mulher D. Maria de Mello, filha de Duarte Moniz Barreto, alcaide-mór da Bahia, como fica a fl... D'este Christovão de Burgos e de sua mulher D. Elena da Silva não houve geração.

2. D. Maria de Burgos, que cazou com Manoel do Couto Deça, a fl .., n. 18, e ahi a sua descendencia.

3. Gaspar Pacheco de Contreiras, que não cazou, mas de uma D. Petronila teve uma filha natural e perfilhada, a qual cazou, e foi segunda mulher de Manoel Telles Barreto, como fica a fl..., n. 14, e ahi o mais que a este ponto pertence. Batizado na sé a 12 de Junho de 1619 e faleceu a 2 de Abril de 1720.

4. Gaspar Pacheco de Burgos, que diz um assento cazou sem lhe deixar o nome da mulher, que teve trez filhos, um clerigo e dous frades; e que faleceu a 2 de Abril de 1720. Batizado a 25 de Novembro de 1620.

5. Luzia, batizada na sé a 10 de Novembro de 1623.

N. 2 D. Maria de Burgos, filha do licenceado Jeronimo de Burgos Contreiras e de sua mulher Maria Pacheco, foi cazada, como fica acima, com Manoel do Couto Deça, e supposto diz um manuscrito donde tiramos esta noticia, foi cazada segunda vez com Manoel Telles Barreto, não é assim; porque a tal D. Maria de Burgos, que foi segunda mulher de Manoel Telles Barreto, era outra e filha de Gaspar Pacheco de Contreiras, filho do licenceado Jeronimo de Burgos; veja-se a fl..., n. 7.

* Cazaram em Paripe ao 1.º de Novembro de 1651.

EÇAS NOS ILHEOS E BAHIA

1. D. Violante de Eça, ou como pelo vulgar se escreve Deça (1), foi uma das trez orfans fidalgas, que no tempo do Sr. rei D. João III e de sua mulher a Sra. rainha D. Catarina mandaram estes monarcas ao governador da Bahia D. Duarte da Costa, para que as cazasse com pessoa de distinção. Era esta D. Violante Deça filha bastarda de D. João Deça, capitão de Gôa, e na Bahia cazou com João de Araujo de Souza, fidalgo gallego, da caza dos alcaides mores de Lindozo e Pertigueiras de Cela-Nova. D'este seu marido teve filhos

1. D. Ignez Deça, que se segue. Batizada na sé a 3 de Setembro de 1555, padrinho o governador D. Duarte da Costa, D. Alvaro da Costa, seu filho, e D. Leonor, mulher de Simão da Gama.

2. João de Araujo de Souza de Eça, adiante, batizado ahi a 30 de Junho de 1557.

3. D. Damiana Deça, batizada a 5 de Novembro de 1558.

4. Jeronimo de Araujo Souza Deça, batizado a 13 de Fevereiro de 1563.

5. D. Antonia Deça.

6. D. Maria Deça, mulher de Gaspar Lobo de Souza, sem filhos, batizada a 20 de Fevereiro de 1566.

N. 1. D. Ignez Deça, filha de D. Violante Deça e de seu marido João de Araujo de Souza, cazou nos Ilhéos com Luiz Alves de Espinha, (2) filho de Henrique Luiz de Espinha, capitão-mór dos Ilhéos, e de sua mulher D. Elena Gonçalves de Castro, e teve filhos :

7. Manoel de Souza Deça, que faleceu sendo governador no Maranhão, sem filhos.

8. Bartolomeo de Souza Deça, que se segue.

9. Henrique Luiz de Espinha, adiante.

---

(1) Faleceu D. Violante no 1°. de Junho de 1602, sepultada em S. Francisco.

(2) Faleceu Luiz Alves a 26 de Agosto de 1600, sepultado em S. Francisco.

10. João de Araujo de Souza, ao depois.
11. D. Elena de Castro, mulher de Cosme Barboza de Almeida.
12. D. Catharina Deça, mulher de João Nunes de Matos.
13. D. Izabel Deça, mulher de Sebastião Pedrozo de Viana.
14. D. Margarida Deça, mulher de Antonio de Araujo de Souza, a fl...
15. D. Magdalena de Castro Deça, mulher de Vasco Moniz Barreto, a fl... Cazaram a 21 de Janeiro de 1621.
16. D. Francisca Deça, mulher de Baltazar Peixoto da Silva Cabral.

ESPINHA COM EÇAS

N. 8. Bartolomeo de Souza Deça, filho de D. Ignez Deça e de seu marido Luiz Alves de Espinha, foi capitão mór dos Ilhéos, e cazou com D. Domingas de Almeida, filha de Manoel do Couto, e de sua mulher D. Luiza de Almeida, e teve filhos

17. Francisco de Souza Deça, que se segue.
18. Manoel do Couto Deça; adiante.
19. João de Araujo Deça, ao depois.
20. D. Anna Deça, mulher do capitão mór Bartolomeo Fernandes Albernaz.
21. D. Leonor de Souza, mulher do capitão-mór Antonio de Araujo de Souza, sem filhos.
22. D. Angela Deça, mulher de Marcos de Araujo de Brion, sem filhos.
23. D. Antonia Deça, mulher do capitão mór Pedro Pinto de Magalhães.

N. 17. Francisco de Souza Deça, filho de Bartolomeu de Souza Deça, n. 8, e de sua mulher D. Domingas de Almeida, cazou com D. Ursula da Fonseca, filha do capitão mór Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Góes Paes, a fl..., n. 13.

24. D. Domingas Deça, mulher do capitão-mór Nicoláo de Souza Deça.

24. Bartolomeu de Souza Deça, que cazou duas vezes, a primeira com D. Maria da Cunha, filha de Manoel Trinxão, a fl..., n. 5, cazou com esta a 11 de Julho de 1677 Cairú: a segunda vez cazou com D. Theotonia de Padua, filha de Gaspar Pinto da Fonseca e Góes, cazou com esta aqui a 7 de Janeiro de 1691 em Cairú. Da primeira teve 6 filhas e da segunda um filho e uma filha. Foi alcaide mór dos Ilhéos.

25. Francisco de Souza Deça, que cazou com sua cunhada D. Joana Trinxão, filha do sobredito Manoel Trinxão.

N. 18. Manoel do Couto Deça, filho segundo de Bartolomeo de Souza Deça, n. 8, e de sua mulher D. Domingas de Almeida, cazou com Maria de Burgos, * filha do licenceado Jeronimo de Burgos de Contreiras, juiz de orfãos de propriedade que foi d'esta Bahia, e de sua mulher Maria Pacheco, que era filha de Gaspar Fernandes da Fonseca e de Micia de Barbuda, sua mulher, e neta de Francisco de Barbuda, o velho, cavalleiro da caza d'el rei, e de sua primeira mulher Beatriz Pacheco. Teve Manoel do Couto Deça de sua mulher D. Maria de Burgos filhos seguintes:

26. Jeroimo de Burgos de Souza Deça, que cazou com D. Elena de Oliva, filha de Francisco de Oliva de Mello e de sua mulher Maria de Araujo, sobrinha do vigario de S. Amaro da Pitanga Domingos Fernandes, a qual D. Elena enlouqueceo no anno de 1702 sem remedio, e faleceu em Abril de 1727, sem filhos.

27. Manoel de Souza Deça, que morreo degolado na Bahia no 1º de Junho de 1702, adiante.

28. Joaquim de Souza Deça, cavaleiro da ordem de Christo, estudou leis em Coimbra, e cazou em Portugal com D. Maria de Mendonça Vasconcellos, moradores na villa de Catanhede, sobrinha do arcebispo da Bahia D. João Franco de Oliveira.

---

* Cazaram a 21 de Abril de 1657.

29. D. Gertrudes, D. Elena, e outra,que se recolheram religiozas na cidade de Evora em companhia de sua mãi.

N. 19. João de Araujo Deça, filho de Bartolomeo de Souza Deça, n. 8, e de sua mulher D. Domingas de Almeida, foi capitão mór da capitania dos Ilheos, e n'ella cazou com D. Angela Deça, filha de Manoel de Souza Deça, e de sua mulher D.Maria Deça, n..., o qual Manoel de Souza Deça era filho de D. Antonia Deça, n. 4, e teve filhos.

30. Bartolomeo de Souza Deça.

31. D. Ignez Deça e D. Mariana de Menezes, D. Antonia Deça, D. Angela e D. Joana.

N. 9. Henrique Luiz de Espinha, filho de D. Ignez Deça e de seo marido Luiz Alves de Espinha, n. 1, cazou com D Maria Ferraz de Garcez, filha de Antonio Ferraz de Abreo e de sua mulher.

32. D. Izabel Garcez, mulher de Zeno Luiz de Espinha, a fl...

N. 10. João de Araujo de Souza, filho de D. Ignez Deça e de seu marido Luiz Alves de Espinha, n. 1, cazou com D. Francisca Garcez, filha de Antonio Ferraz de Abreo, acima, e teve filhos :

33. Antonio Ferraz de Abreo, se que segue.

34. D. Iguez, mulher de Antonio de Couros Carneiro, capitão mór dos Ilheos.

N. 33. Antonio Ferraz de Abreo, filho de João de Araujo de Souza, n. 10, e de sua mulher D. Francisca Garcez, cazou com D. Custodia Barboza, filha de Antonio de Aguiar Daltro, a fl..., n. 1, e de sua mulher Brites Barboza, esta filha de Sebastião Pedrozo e de sua mulher Maria Barboza, filha de Thomé Lobato de Lamego e de sua mulher Anna Barboza de Moraes, de Viana,e Antonio de Aguiar Daltro, era filho de Pedro de Aguiar Daltro, e de sua mulher Custodia de Faria, teve filhos :

35. Nicoláo de Souza Deça, que cazou com D. Catharina Deça, filha de Manoel de Souza Deça, a fl..., n. 46, e de sua mulher D. Maria Deça, e depois cazou

este Nicoláo de Souza Deça com D. Domingas Deça, filha de D. Ursula da Fonseca e de seu marido Francisco de Souza Deça, e cazaram a 25 de Fevereiro de 1673 na freguezia do Cairú, a fl..., n. 21 e 24.

N. 13. D. Izabel Deça, filha de D. Ignez Deça, n. 1, e de seu marido Luiz Alves de Espinha, cazou com Sebastião Pedrozo, de Viana, e teve filhos:

36. D. Maria Deça, que cazou com Manoel de Souza Deça, filho de D. Antonia Deça, e era este Manoel de Souza Deça primo d'esta D. Maria Deça por serem filhos de suas irmans.

37. D. Brites de Souza, mulher de Vicente Fernandes Pereira.

N. 4. D. Antonia Deça, filha de D. Violante Deça, n. 1, e de seu marido João de Araujo de Souza, cazou com Bartolomeo Luiz de Espinha, filho de Henrique Luiz de Espinha, capitão-mór dos Ilheos, e de sua mulher Elena Gonçalves de Castro, o qual Bartolomeo Luiz de Espinha era irmão de Luiz Alves de Espinha, marido de D. Ignez Deça, irman d'esta D. Antonia, como fica dito, teve D. Antonia de seu marido filhos:

38. Antonio de Araujo de Souza, que se segue.

39. Manoel de Souza Deça, abaixo.

40. D. Elena de Castro, mulher de Jordão Salazar de Almeida.

41. D. Violante Deça, mulher de Duarte Osquer.

42. D. Maria Deça, mulher de Manoel Lobo de Souza.

43. D. Paula de Castro, mulher de Francisco Furtado de Mendonça.

D. Ursula de Souza, solteira.

N. 38. Antonio de Araujo de Souza, filho de D. Antonia Deça, n. 4, e de seu marido Bartolomeu Luiz de Espinha, foi capitão mór, cazou com D. Margarida Deça, sua prima, filha de D. Ignez Deça e de seu marido Luiz Alves de Espinha, e teve filhos:

44. Bartolomeu Luiz de Souza.

45. Francisco de Araujo Deça,

N. 39. Manoel de Souza Deça, filho de D. Antonia

Deça, n. 4, e de seu marido Bartolomeu Luiz de Espinha, cazou com D. Maria Deça,* filha de Sebastião Pedrozo, de Vianna, e de sua mulher D. Izabel Deça, n. 13, e teve filhos :

46. D. Catharina Deça, que cazou com Nicoláo de Souza Deça, filho de Antonio Torres de Abreo, n. 33, retro fl...

47. D. Angela Deça, mulher de João de Araujo Deça, n. 19, cazaram a 15 de Abril de 1658.

48. D. Arcangela Deça, mulher de João Furtado de Mendonça, a fl..., n. 1.

49. D. Izabel Deça, mulher de Francisco Furtado de Mendonça, a fl..., n. 2.

50. D. Maria Deça, que se segue.

N. 50. D. Maria Deça, filha de Manoel de Souza Deça, acima, n. 39, cazou com Vicente Fernandes de Betencourt, e teve filhos :

51. Thomé Fernandes de Betencourt.

52. D. Elena de Atouguia, mulher de Francisco Luiz.

N. 32. D. Izabel Garcez, filha de Henrique Luiz de Espinha e de sua mulher D. Maria Ferraz Soares, cazou com Zeno Luiz de Espinha, filho de Paulo Dias do Couto e de sua mulher D. Elena Gonçalves de Castro, e teve filhos :

53. Jozé Luiz de Espinha, cazado com D. Serafina de Oliveira, com filhos, avô do padre Jozé Luiz de Souza, a fl...

54. Henrique Luiz de Espinha, sacerdote secular.

55. Antonio de Abreo Ferraz.

56. João Garcez de Abreo.

57. D. Anna Garcez Deça, mulher de Francisco Saraiva Tourinho, com filhos, batizada nos Ilhéos a 30 de Agosto de 1635.

58. D. Margarida Garcez Deça, batizada a 18 de Outubro de 1637.

59. D. Maria Garcez Deça, mulher de Francisco Pinto, o velho, do Cairú.

---

* Cazaram a 2 de Fevereiro de 1633 em Ilhéos.

60. D. Izabel Garcez Deça, mulher de Manoel de Medeiros Perdigão, com filha, que se segue.

D. Antonia, que faleceu solteira.

N. 60. D. Izabel Garcez Deça, filha de Zeno Luiz de Espinha, acima, cazou com Manoel de Medeiros Perdigão, homem fidalgo da ilha de São-Miguel, da cidade de Ponta-Delgada, e teve filhos ;

61. D. Apolonia. D. Thereza, que faleceu menina.

62. Manoel de Medeiros de Souza, Daniel Furtado, João Furtado de Souza.

N. 53. Jozé Luiz de Espinha, filho de Zeno Luiz e de sua mulher D. Izabel Garcez, cazou com D. Serafina de Oliveira, natural da villa de Boipeba, e teve filhos :

63. João Furtado, que cazou, e faleceu sem filhos.

64. Diogo Luiz, cazado com Francisca.

65. D. Francisca, cazada com Gabriel da Silva.

66. D. Ignacia, mulher de Lucas da Fonseca Castello Branco, cazaram a 6 de Janeiro de 1687 na freguezia de Cairú.

67. D. Maria de Jezus, mulher de Vital Corrêa de Souza, a fl..., n. 16.

D. Ursula, religioza no convento da ilha de São-Miguel, que se diz estar o seu corpo inteiro, com a declaração de ser natural do Cairú.

N. 59. D. Maria Garcez Deça, filha de D. Izabel Garcez Deça, n. 32, e de seu marido Zeno Luiz, cazou com Francisco Pinto, o velho, do Cairú, e teve filhos.

68. O sargento-mór Francisco Pinto da Fonseca, que se segue.

69. O padre Simão Pinto de Góes, clerigo secular.

70. O alcaide-mór Jozé de Góes Pinto, cazado com D. Jacinta.

71. O alferes Antonio de Souza Deça, cazado com D. Custodia Deça, a 5 de Agosto de 1693, com filhos.

72. D. Izabel Garcez Deça, segunda mulher do capitão-mór Bento Ribeiro de Lemos.

73. D. Antonia Garcez Deça, cazada com seu tio Francisco Moniz Barreiros Côrte-Real, com filhos.

N. 78. O sargento-mór Francisco Pinto da Fonseca, acima, filho de D. Maria Deça e de seu marido Francisco

Pinto, o velho, e de sua mulher D. Maria Deça, cazou com D. Maria do Rozario, filha.

74. O padre Martinho Pinto, jezuita na Bahia.

N. 27. Manoel do Couto Deça, filho do capitão Manoel do Couto Deça, n. 18, e de sua mulher D. Maria de Burgos, cazou com D. Michaela de Azevedo, filha de Lourenço da Costa e de sua mulher D. Francisca de Souza, moradores que fôram na capitania de Sergipe d'El-rei; cazaram na caza do segredo da cadêa da Bahia a 31 de Maio de 1702, estando para ser degolado, como foi no seguinte dia, 1º de Junho do sobredito anno de 1702, por uma rezistencia que fez ao juiz de fóra, na qual foi morto de um tiro o meirinho Antonio Luiz, e escapou o juiz de fóra em caza de seu tio o doutor Christovão de Burgos. Da sobredita sua mulher D. Michaela teve filhos:

75. D. Florencia Maria Magdalena Deça Burgos Pacheco, que cazou com Manoel Rodrigues da Cunha, e teve filha: D. Izabel Violante de Menezes, cazada com Jozé de Mello Corrêa.

N. 41. D. Violente Deça, ou da Guerra, como se acha em papeis judiciaes, foi moradora em Jacuruna, e filha de Bartolomeu Luiz de Espinha e de sua mulher D. Antonia Deça, n. 4, foi cazada com Duarte Osquer, e teve filhos:

76. Henrique de Souza Deça

77. Manoel de Souza Deça

78. João de Aruajo Deça, que se segue.

79. D. Antonia Deça, adiante.

N. 78. João de Araujo Deça, filho de D. Violante da Guerra ou Deça e de seu marido Duarte Osquer, foi cazado com D. Maria da Conceição, da qual teve filhos:

80. D. Leonor de Souza, mulher de Gregoria Mendes Pimentel.

81. Manoel de Souza, João de Araujo, D. Antonia Deça, que se segue.

N. 81. D. Antonia Deça, filha de João de Araujo Deça e de sua mulher D. Maria da Conceição, cazou com D. Luiz de Veras, e teve filha:

82. D. Violente Deça, que cazou com João Pinto Vieira, e teve filhos:

N. 12. D. Catharina Deça, filha de D. Ignez Deça, a fl..., n. 1, e de seu marido Luiz Alves de Espinha, cazou com João Nunes de Matos, dos Ilheos, e teve filho:

83. Luiz Alves de Espinha, que se segue.

N. 83. Luiz Alves de Espinha, este aqui cazou com D. Izabel de Betencourt, filha do capitão Rui de Souza Carvalho e de sua mulher Antonia Corrêa, natural de Pernambuco e moradora n'esta cidade da Bahia. Cazaram a 13 de Abril de 1665.

FURTADOS MENDONÇAS E DEÇAS

1. João Furtado de Mendonça, cazou, como fica retro n. 49, com D. Arcangela Deça, filha de Manoel de Souza Deça, n. 39, e de sua mulher D. Maria Deça, e teve filhos:

82. Jozé Furtado de Mendonça, que cazou na Patatiba com D. Francisca.

83. O padre João Furtado, que faleceu, o padre Manoel de Souza de Menezes, Antonio de Souza, D. Ursula, e D. Leonor.

2. Francisco Furtado de Mendonça, irmão de João Furtado de Mendonça, cazou com D. Izabel Deça, n. 47, filha de Manoel de Souza Deça e de sua mulher D. Maria Deça acima nomeados, e teve filhos:

84. Francisco Xavier de Mendonça, que cazou com D. Maria, filha de João Tamirelo.

85. Jozé Furtado de Mendonça, que faleceu, estando para cazar com sua prima filha de João de Araujo Deça.

86. Baltazar Furtado de Mendonça, que cazou com uma filha de Agostinho Coelho e de sua mulher D. Paula, filha esta do capitão Pedro Pinto; e Baltazar Furtado foi capitão-mór.

DEÇAS, BARBOZAS

N. 7. Cosme Barboza de Almeida, * foi capitão-mór de Sergipe de el-rei, cazou com D. Elena de Castro, filha de Luiz Alves de Espinha e de sua mulher D. Ignez Deça, a fl..., n. 1 e 7; e teve filhos :

1. D. Violante Deça e Menezes.

2. D. Maria Barboza de Castro, mulher de D. Luiz de Souza.

3. D. Ignez Deça, mulher de Francisco de Souza de Vasconcelos.

4. D. Izabel Deça, que se segue.

N. 4. D. Izabel Deça, aqui cazou com Manoel Nogueira Freire, e teve filhos :

5. Francisco Barboza Deça, que se segue.

6. Cosme Barboza de Almeida.

7. D. Maria de Castro, mulher de Manoel de Souza Freire, a quem chamavam o *Menino-Diabo*.

N. 5. Francisco Barboza Deça, filho de D. Izabel Deça, n. 4, e de seu marido Manoel Nogueira Freire, foi coronel, e cazou com D. Margarida de Oliveira, filha de Antonio de Olivaira Carvalhal, homem fidalgo, segundo neto de Antonio de Oliveira, o primeiro alcaide-mór da Bahia, e de sua mulher D. Maria de Barros, e teve filhos:

8. Antonio de Oliveira de Carvalhal, foi prezo por umas mortes dos Farias, pai e filho, no sertão.

9. Manoel Barboza Deça, cazou com D Clara Eugenia Barboza, filha do doutor Francisco Rodrigues de Souza e de sua mulher D. Custodia Barboza de Vasconcellos, que era filha de Pedro Barboza de Vasconcellos, fidalgo, e com o fôro melhor que houve no Brazil, diz uma memoria.

Outra vez cazou o coronel Francisco Barboza Deça com D. Joana Francisca Deça, filha de Gaspar de Barros e

---

* Dizem que era filho de Fernão Barboza, da caza do Duque de Bragança, e de Izabel Jurdoa. Veja-se esses Barbozas no *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro a fl. 160 e 226.

de sua mulher D. Jeronima Garcez, que ficam a fl... e cazaram a 27 de Outubro de 1698, na capella de Bom Jezus do Socorro.

DEÇAS, PEIXOTO E BARRETO

Baltazar Peixoto da Silva Cabral, descendente de Baltazar Pereira Peixoto, que foi cazado com D. Catharina de Mello, irman de D. Iria de Mello, mulher do alcaide-mór primeiro da Bahia, Antonio de Oliveira de Carvalhal a fl... n. 8., foi capitão-mór dos Ilheos, e cazou com D. Francisca Deça, filha de D. Ignez Deça, a fl..., n. 1 e 8, e teve filhos:

1. Jeronimo Peixoto da Silva, conego doutoral na sé do Porto.

2. Baltazar Peixoto da Silva, João Peixoto da Silva, Jozé Peixoto de Menezes, Manoel Peixoto Deça, D. Maria, D. Ignez, mulher de Christovão Peixoto Cirne, D. Ursula, freira na Roza de Lisbôa.

N. 12. D. Magdalena de Castro, filha ultima de D. Ignez Deça, n. 1, etc., e de seu marido Luiz Alves de Espinha, cazou com Vasco Moniz Barreto, da Ilha, e teve filhos:

1. D. Violante Deça de Castro, que se segue.

N. 1. D. Violante Deça de Castra, acima, cazou primeiro com Antonio da Costa, filho de Jorge Lopes da Costa, e de Jeronima de Souza, sua mulher, cazou depois com Estevão de Brito Freire, a fl..., e teve do primeiro marido:

2. Antonio Moniz de Souza, que se segue, e D. Ignez, freira em Lisbôa.

3. D. Felippa de Castro, filha do segundo marido Estevão do Brito Freire, mulher de Manoel Botelho de Oliveira, a fl... n...

N. 2. Antonio Maria de Souza, filho de D. Violante e seu primeiro marido Antonio da Costa, cazou com D. Paula Vieira, filha de Antonio Gonçalves, do Cairú, e sua

mulher Maria des Côrtes, e era esta Paula viuva de Felippe Pereira Deça, filho de Pedro Francisco Crispim, e teve do primeiro marido:

3. Felippe Pereira; e do segundo:
4. Vasco, religiozo do Carmo.

SODRÉS NA BAHIA

Jeronimo Sodré Pereira, filho terceiro de Fernão Sodré Pereira, senhor de Aguas Bellas *, e de sua mulher D. Brites Tibáo, o qual Fernão Sodré Pereira, por morte d'esta sua mulher, se metteu frade de Nossa Senhora da Graça; era Jeronimo Sodré Pereira neto de Duarte Sodré Pereira, a quem chamaram o Estragado, e de sua mulher D. Guiomar de Souza; bisneto de Fernão Sodré Pereira e de sua mulher D.Branca Caldeira, terceiro neto de Duarte Sodré Pereira e de D. Luiza de Sande; e quarto neto de D.Violante Pereira, que era filha de João Pereira, quarto senhor de Aguas Bellas; d'esta Violante Pereira foi irmão mais velho Rui Pereira, cazado com Anna da Costa,dos quaes foi filho João Pereira, que herdou a caza e morgado de seu pai; foi este João Pereira mentecapto, e teve tutores, e por sua morte tomou a corôa posse do morgado por falecer elle sem filhos.

A esta posse se oppôz Violante Pereira, irman de Rui Pereira, e tia de João Pereira, o mentecapto, e passados muitos annos alcançou sentença por sua parte Duarte Sodré Pereira, terceiro avô d'este Jeronimo Sodré aqui, o qual Duarte Sodré Pereira era filho da sobredita Violante Pereira, a qual cazou com Francisco Sodré, que era filho de Duarte Sodré, que foi alcaide-mór das villas de Tomar e Cêa, veador da caza d'el-rei D. Manoel, e no dito seu filho Francisco Sodré instituio o morgado com obrigação do seu appellido, que hoje se conserva n'esta descendencia, e foi tambem este Duarte Sodré commendador da ordem de Christo, e foi neto de João Sodré, que

* *Corografia Portugueza*, tomo 3, pag. 211 e seg.

teve moradia de fidalgo na caza d'el-rei D. Affonso V. E assim por um e outro sobrenome, nobilissima ascendencia, de que se trata, por Sodrés, como se vê pelo quarto avô d'este Jeronimo Sodré, que foi Francisco Sodré, filho de Duarte Sodré, alcaide-mór, como já se dice; e por Pereiras, por sua quarta avó Violante Pereira, mulher d'este Francisco Sodré, por ser filha de João Pereira, neta de Galeote Pereira, e bisneta de Rodrigo Alvares Pereira, filho bastardo de D. Alvaro Gonçalves Pereira, D. prior do Crato, e de Iria Vicente; o qual Rodrigo Alvares foi legitimado por el-rei D. Pedro em Torres-Vedras a 26 de Agosto de 1367. Foi senhor de Aguas Bellas, e da villa de Souzel, Villa-nova, e Villa-Ruiva, e das avenhas de Anhalouro, e Bem-lhe-quero, no termo de Extremós, por doação, que lhe fez el-rei D. Fernando em 14 de Dezembro de 1413. Foi fidalgo Rodrigo Alvares Pereira dos mais respeitados d'aquelle tempo, e um dos que el-rei D. Henrique de Castela pedio a el-rei D. Fernando em refens da paz, como refere Duarte Nunes, na vida do dito rei D. Fernando. Acompanhou a seu irmão D. Pedro Alvares Pereira, prior do Crato, quando foi a governar Lisbôa, que estava sitiada pelos Castelhanos; seguio a el-rei D. João I, que lhe fez algumas das mercês referidas, morreu em Castela, e não se averigua a cauza que houve para isto: foi cazado com D. Maria Affonso do Cazal, de quem teve a Alvaro Pereira, que já se dice; e Gonçalo Pereira, o pai d'este Rodrigo Alvares Pereira; era, como já dicemos, D. Alvaro Gonçalves Pereira irmão do conde D. Nuno Alvares Pereira, e é o que basta.

N. 1. Jeronimo Sodré Pereira, de quem aqui se trata, filho terceiro de Fernão Sodré Pereira e de sua mulher D. Brites Tibáo, passou á Bahia e n'ella cazou duas vezes; a primeira com D. Maria, como se acha em assento do livro dos obitos, que diz assim: Em 22 de Maio de 1719, faleceu D. Maria, mãi do capitão Jeronimo Sodré.» E por consequencia foi este Jeronimo Sodré filho primeiro do sobredito acima e de sua mulher primeira D. Maria, de quem teve filho:

2. Jeronimo Sodré Pereira, que se segue, foi capitão,

e cazou com D. Catharina Bernarda de Menezes, filha de Jozé Garcia de Aragão, a fl..., n. 14. Cazaram a 14 de Fevereiro de 1719. Sem filhos. Foi cego este Jeronimo Sodré.

Segunda vez cazou Jeronimo Sodré Pereira, mestre de campo que era já da Bahia, com D. Francisca de Aragão, filha de Francisco de Araujo de Aragão, a fl..., n. 43, e irman do alcaide-mór da Bahia Francisco de Aragão; do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira e d'esta sua segunda mulher, foram filhos além de outros, que faleceram pequenos:

3. Jozé Sodré Pereira, que se segue.

N. 3. Jozé Pereira Sodré, filho do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira, n. 1, e de sua segunda mulher D. Francisca de Aragão, * cazou tambem duas vezes; a primeira com D. Leonor de Brito Castro, filha do capitão Sebastião de Brito Castro e de sua mulher D. Maria de Aragão, a fl..., n. 1 e 6; a qual D. Leonor de Brito Castro era viuva de Pedro Garcia Pimentel, o Capa-arrasto, do qual não teve filhos; como tambem os não teve d'este seu segundo marido Jozé Pereira Sodré, e cazaram na sé a 6 de Junho de 1709.

Segunda vez cazou Jozé Pereira Sodré com D. Thereza Maria de Brito, que era filha do coronel Francisco de Brito Barboza e de sua mulher D. Maria de Araujo Azeredo, que era filha de Luiz Ferreira de Araujo e de sua mulher D. Joana de Azeredo. D'esta sua segunda mulher D. Thereza Maria de Brito teve o alferes Jozé Sodré Pereira ou Pereira Sodré filhos:

4. Jeronimo Sodré Pereira, que se segue. A 21 de Fevereiro de 1719, na capella de S. Pedro do Traripe batizou o cura João da Sé Borges de Barros, a Jeronimo, filho do alferes Jozé Pereira Sodré e de sua mulher D. Thereza Maria de Brito.

5. Jozé Alvaro Pereira Sodré.

6. D. Francisca, D. Thereza e D. Anna, religiozas no Desterro da Bahia.

N. 4. Jeronimo Sodré Pereira, filho de Jozé Pereira

* Cazaram a 6 de Junho de 1709.

Sodré, n. 3, é capitão-mór e moço fidalgo da caza de Sua Magestade, cazado com D. Catharina Maria da Graça de Albuquerque, filha unica do sargento-mór João de Couros Carneiro e de sua mulher D. Anna Francisca de Albuquerque, filha de... e João de Couros Carneiro sobredito era filho do sargento-mór João de Couros Carneiro e de sua mulher D. Joana de Vasconcellos; e de Jeronimo Sodré Pereira, mestre de campo de auxiliares n'este anno de 1769, e de sua mulher D. Catharina são filhos:

7. João Sodré Pereira.

8. Jozé Alvaro Pereira Sodré, capitão.

9. Luiz Sodré Pereira, faleceu solteiro a 10 de Novembro de 1774.

9. Jeronimo Sodré Pereira, alferes.

10. Francisco Sodré, Rodrigo Sodré.

11. D. Anna, D. Caetana.

N. 1. Alvaro Gonçalves Pereira Sodré (1) era sobrinho de Jeronimo Sodré Pereira, do qual se dice já em o n 1, por ser este Jeronimo Sodré Pereira irmão segundo de Jozé Pereira Sodré, herdeiro e senhor das Aguas-Belas, e filhos ambos de Fernão Pereira Sodré e de sua mulher D. Brites Tibáo. De Jozé Pereira Sodré, irmão de Jeronimo Sodré Pereira, acima, além do filho morgado e outros, foi tambem filho:

Alvaro Gonçalves Pereira Sodré, n. 1, sobrinho de Jeronimo Sodré Pereira, n. 1, chegou á Bahia em 14 de Maio de 1700 como soldado da náo Nossa Senhora do Bom Sucesso, a qual se queimou na Bahia, e contava então 22 annos de idade, e assentou praça no terço do mestre de campo Jeronimo Sodré Pereira, seu tio (2). Na Bahia cazou com D. Thereza Pereira Verdox, e teve filhas:

Jozefa, batizada na capela de S. Gonçalo de Camarogi a 3 de Dezembro de 1722.

Maria, batizada a 26 de Janeiro de 1724, e foi padrinho João Gonçalves Pereira Sodré, irmão do pai da batizada.

---

(1) Corografia Portugueza pag. 211 e 212.
(2) Consta o referido aqui do livro 4 de serviços a fls. 277 vers.

LOPES SOEIRO

Martim Lopes Soeiro, (1) natural da ilha da Madeira, freguezia de S. Gonçalo do Canisso, cavalleiro fidalgo da caza del-rei, e professo na ordem de S. Bento de Aviz, e cazou na Bahia com D. Anna Pereira, natural da mesma Bahia, sobrinha do bispo do Brazil D. Miguel Pereira, natural de Viana, cavalleiro da ordem de Christo, sendo ainda inquizidor, e relator de Tomar, por ser filha de uma sua irman, cazada com Lazaro Colbert, fidalgo francez, que morreu de peste n'esta Bahia, por cujo cazamento teve o fôro e o habito, que o tomou sem dispensa de mecanica de seos avós, como consta dos alvarás, pelos quaes se lhe mandou lançar o dito habito. Teve de sua mulher os filhos seguintes:

1 Duarte Lopes Soeiro, que se segue.

2. D. Maria Pereira Soeiro, mulher de Domingos de Negreiros, a fl..., n. 2, e ahi o mais.

3. D. Cecilia, que faleceu menina, batizada na sé a 24 de Junho de 1589.

4. D. Cecilia Soeiro, mulher de Manoel de Barros, a fl... batizada na sé a 23 de Março de 1592.

5. D. Antonia Pereira Soeiro, mulher de Felippe Cavalcante, a fl...

6. Lazaro Lopes Soeiro, adiante.

7. Martim Lopes Soeiro, vigario de S. Gonçalo da Caxoeira, então curato. O padre Thomé Lopes, Matheus e Felippe, que faleceram solteiros.

N. 1. Duarte Lopes Soeiro (2) filho de Martim Lopes Soeiro e de sua mulher D. Anna Pereira, foi cavaleiro fidalgo, como seu pai, e cazou com D. Maria de

---

(1) Faleceu Martim Lopes Soeiro a 17 de Março de 1620, enterrado em São Francisco.

(2) Faleceu este Duarte no anno de 1651.

Aos 21 dias do mez de Maio de 1630 annos batizei a Luzia filha de Duarte Lopes Soeiro e de sua mulher D. Maria de Souza, na matriz de Sergipe do Conde. O padre *Ignacio Dias*.

Souza Dormondo, filha de Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza, a fl..., n. 1, com filhos:

8. D. Margarida de Souza, mulher de Paulo Coelho de Vasconcellos, e depois do capitão Constantino Lins de Vasconcellos, e de ambos não teve sucessão.

9. D. Anna de Souza de Barros, mulher do capitão Paio de Araujo de Azevedo, e foi a segunda á fl..., n. 1. e seguinte.

10. Antonio Lodes Soeiro.

11. D. Luzia de Souza, mulher do capitão Damião de Negreiros Soeiro.

12. D. Cecilia Soeiro, mulher segunda de Christovão da Cunha de Sá Souto-maior, batizada a 27 de Novembro de 1631.

BARROS DA ILHA DA MADEIRA

N. 4. Cecilia Soeiro, filha de Martim Lopes Soeiro e de sua mulher D. Anna Pereira, (1) cazou com Manoel de Barros, natural da ilha da Madeira, e tiveram filhos:

11. D. Maria de Barros Soeiro, que se segue.

12. D. Anna de Barros Soeiro, mulher de Francisco de Araujo de Aragão, a fl..., n. 32.

13. Francisco de Barros Soeiro, adiante.

14. O padre Martim de Barros Soeiro, vigario do curato de S. Gonçalo dos campos da Caxoeira, e depois de Itaparica.

15. Manoel de Barros Soeiro, ao depois cazado com Feliciana de Oliveira, com filhos; filha esta do capitão Antonio Moniz Botelho e de sua mulher Leonor de Oliveira : cazaram a 8 de Setembro de 1660.

Joana, que faleceu de menor idade a 20 de Julho de 1650.

N. 11. D. Maria de Barros Soeiro, (2) filha de D. Cecilia, acima, e de seu marido Manoel de Barros, cazou com

---

(1) Faleceu a 31 de Agosto de 1666: foi sepultada no Carmo.

(2) Cazaram na freguezia da Purificação de Sergipe do Conde a 24 de Junho de 1611.

Miguel Fernandes de Barros, da mesma ilha da Madeira, e tiveram filhos:

16. D. Maria de Barros, segunda mulher do coronel Christovão Cavalcante, seu parente, a fl..., n. 2, e ahi a sua decendencia :

17. Cecilia, Francisca, Victoria.

N. 13. Francisco de Barros, filha de D. Cecilia Soeiro, n. 2, e de seu marido Manoel de Barros, foi capitão e cazou com D. Anna de Souza, (1) filha do

18 O licenciado Martim de Barros, Antonio de Barros, D. Maria de Souza, D. Cecilia de Souza.

N. 6. Lazaro Lopes Soeiro, filho de Martim Lopes Soeiro, e de sua mulher D. Anna Pereira, foi capitão de infantaria, e teve o fôro de fidalgo, cazou com D. Izabel da Costa Madeira, filha de Domingos Lopes Falcato e de sua mulher Agueda da Costa, e teve filhos :

19. Alvaro Lopes Soeiro.

20. Francisco Lopes Soeiro.

21. Antonio Lopes Soeiro, capitão.

22. D. Anna Pereira, que se segue.

Manoel de Vargas Cirne, fidalgo da caza real, e natural da villa de Viana, Fóz do Lima, foi sargento-mor, era filho de Antonio de Vargas Cirne e de D. Gracia Maciel da Rocha, e na Bahia cazou com D. Anna Pereira, (2) filha do capitão Lazaro Lopes Soeiro e de sua mulher D. Izabel da Costa, a fl..., e teve filhos :

1. D. Maria de Vargas Cirne, mulher do capitão Miguel Bezerra, a fl...

2. Gaspar de Vargas Cirne Barboza, cazado com D. Ignez de Mello de Vasconcellos Corte-Real, que se segue.

3. D. Izabel de Vargas Cirne, cazada com Antonio Moniz Barreto, (3) e depois com Antonio Moreira de Gamboa, sem filhos : cazou com este a 17 de Setembro de 1693.

---

(1) Cazaram a 21 de Fevereiro de 1642 na freguezia da Purificação.

(2) Faleceu a 13 de Abril de 1678 D. Anna Pereira sua mulher, e elle faleceu a 21 de Setembro de 1691, e foi sepultado na capella da Copacabana, e ella na capella de S. Gonçalo.

(3) Cazaram a 25 de Junho de 1691.

4. Luzia Pereira de Vargas Cirne, mulher do alferes Martinho Soares da Cunha, com filhos, batizada na freguezia do Monte a 2 de Dezembro de 1674.

Gracia Maciel, que faleceu solteira.

N. 2. Gaspar de Vargas Cirne Barboza, filho do sargento-mór Manoel de Vargas Cirne, acima, e de sua mulher D. Anna Pereira, cazou com D. Ignez de Mello Vasconcellos, (1) natural da villa de Cairú, filha de Antonio de Couros Carneiro, capitão-mór da capitania dos Ilheos, e de sua primeira mulher D. Ursula de Mello, a fl..., e teve filhos :

5. D. Anna Vargas Cirne, cazada com Paulo de Magalhães de Azevedo, natural de Viana, sem filhos.

6. D. Catharina de Vargas Cirne, que se segue.

N. 6. Catharina de Vargas Cirne, filha de Gaspar de Vargas Cirne Barboza e de sua mulher D. Ignez de Mello Vasconcellos, acima, cazou com o sargento-mór Manoel de Magalhães de Azevedo ,(2) natural da vila de Viana, freguezia de S. Maria Maior, arcebispado de Braga, filho de Simão de Magalhães e de sua mulher Domingas Gonçalves ; e teve D. Catharina de seu marido filho unico :

7. Paulo de Vargas Cirne, que se segue.

N. 7. Paulo de Vargas Cirne, filho unico de D. Catharina de Vargas Cirne e de seu marido Manoel de Magalhães de Azevedo, cazou com D. Joana Marıa de Araujo, filha de João da Costa Pereira e de sua mulher D. Thereza de Jezus Pereira, naturaes todos da freguezia do Socorro, e até este anno de 1770 não tem filhos.

N. 3. D. Izabel de Vargas Cirne, filha do sargento-mór Manoel de Vargas Cirne e de sua mulher D. Anna Pereira, cazou duas vezes, a primeira com Antonio Moniz Barreto, filho do capitão Jeronimo Moniz Barreto e de sua

---

(1) Cazaram a 2 de Julho de 1685 em Cairú. Faleceu D. Ignez de Mello a 27 de Junho de 1724, tendo cazado segunda vez com Thomé Pereira de Menezes, a 18 de Fevereiro de 1727 e d'este deixou uma filha D. Joana Maria de Vasconcellos, que cazou com Elias de Souza Salgado.

(2) Cazaram a 23 de Setembro de 1715, na capella ou sitio de S. Domingos da Fazenda-grande.

segunda mulher D. Ignacia de Almeida, (1) e teve um filho, Antonio, que faleceu de 4 mezes. Segunda vez cazou esta D. Izabel com Antonio Moreira da Gamboa, (2) filho de Gaspar da Cunha Severim e de sua mulher D. Joana Moreira de Gamboa, a fl..., n. 10, dispensados no grão de afinidade, e não teve filhos.

N. 4. D. Luzia Pereira de Vargas Cirne, filha do sargento-mór Manoel de Vargas Cirne e de sua mulher D. Anna Pereira, cazou com o alferes Martinho Soares da Cunha, (3) filho do capitão Belchior Maciel de Andrade e de sua mulher.

Manoel de Vargas Cirne.

Antonio de Vargas Cirne.

D. Francisca de Vargas Cirne, cazada com Antonio Moniz Barreto, natural do Cairú, e morador na Jacobina, e teve filho:

BEZERRA, VARGAS E CIRNE

N. 1. D. Maria de Vargas Cirne, filha de D. Anna Pereira, e de seu marido o sargento-mór Manoel de Vargas Cirne, cazou duas vezes, a primeira com Manoel Rodrigues de Gusmão, sem filhos.

Segunda vez cazou com o capitão de cavallaria, Miguel Bezerra, (4) cavalleiro da ordem de Christo, filho de André Fernandes Bezerra e de sua mulher D. Marta de Cortes, teve filhos:

2. D. Catharina Ponciana de Vargas Cirne, segunda mulher de Jozé Argolo de Menezes, a fl..., n. 13, e ahi sua decendencia.

3. D. Antonia Izidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, primeira mulher do capitão Bartolomeu de Argolo de Menezes, a fl..., n. 17, e ahi o mais.

---

(1) Cazou a 25 de Junho de 1691 na freguezia do Monte, na capella de S. Domingos.

(2) Cazou a 17 de Setembro de 1693 na freguezia do Socorro.

(3) Cazaram na capela da Alagôa, freguezia do Monte, a 5 de Outubro de 1699.

(4) Faleceu a 29 de Agosto de 1706 sem testamento; sepultado na matriz do Monte.

4. D. Anna Maria de Vargas Cirne, mulher de Vicente de Argolo de Menezes, a fl..., n. 16.
5. Prudente, Manoel e D. Izabel, que faleceram solteiros.

VARGAS PISSARROS

O capitão Paulo Cardozo de Vargas, natural da ilha da Madeira, donde passou para a Bahia e ahi cazou com D. Margarida Diniz, (1) filha de Diniz Brabo e de sua mulher Beatriz Nunes Diniz, teve filhos :
1. João Cardozo Pissarro, que passou a Portugal.
2. Diogo Pissarro de Vargas, que se segue.
3. D. Maria de Vargas, mulher de Manoel de Mello de Quadros, com um filho.
4. D. Brites, D. Felippa e D. Ursula.
N. 2. Diogo Pissarro de Vargas, filho do capitão Paulo Cardozo de Vargas e de sua mulher D. Margarida Diniz, cazou com D. Melicia de Barros, (2) sua prima, filha do capitão Domingos de Barros, cavaleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Margarida de Menezes, dispensados no 3.º gráo de consanguinidade, tiveram filhos :
5. Ignacio Pissarro de Vargas, cazado com Thereza Henriques Soares, batizado a 5 de Agosto de 1668.
6. D. Maria de Vargas, batizada a 29 de Julho de 1669.
7. João Cardozo Pissarro, batizado a 12 de Junho de 1672.
8. Manoel de Barros Cardozo.
9. Francisco de Barros Cardozo, cazado com D. Antonia de Menezes.
10. Mathias Cardozo Pissarro.
11. Paulo Cardozo de Vargas, que se segue.

---

(1) Cazaram em caza, e tomaram as benções na sé a 8 de Agosto de 1627. Faleceu elle a 2 de Setembro de 1663. Sepultado em Nossa Senhora da Ajuda.
(2) Cazaram na igreja da Purificação. a 4 de Fevereiro de 1663.

N. 11. Paulo Cardozo de Vargas, filho de Diogo Pissarro e de sua mulher D. Melicia de Barros, cazou com D. Luzia Girão Telles de Menezes, * filha de Alvaro Girão Telles e de sua mulher D. Joana de Sá Betencourt; este Paulo Cardozo passou para Pernambuco.

UNHÃO CASTELLO BRANCO, E FERRÃO

Pedro de Unhão Castello Branco, foi professo na ordem de Christo, dezembargador na Bahia, e cazado com D. Damiana Francisca da Silva, natural de Lisbôa, e filha do tenente general Gonçalo da Silva Ferrão e de sua mulher D. Francisca da Silva Metello. Teve Pedro de Unhão de sua mulher D. Damiana os filhos seguintes:

1. D. Maria Francisca Castello Branco, que se segue.

2. Antonio Ferrão Castello Branco, adiante.

3. D. Feliciana Luiza Castello Branco, esta foi filha de Antonio Ferrão Castello Branco, acima, e não do dezembargador Pedro de Unhão, e cazou com o coronel Antonio Alvares Silva.

4. João Ferrão, religiozo da companhia.

D. Anna, D. Maria, e D. Joana, freiras no convento da Roza de Lisbôa.

N. 1. D. Maria Francisca Castello Branco, filha do dezembargador Pedro de Unhão, acima, e de sua mulher D. Damiana, foi cazada com Antonio Gomes, filho do mestre de campo Pedro Gomes, a fl..., e diz o assento de quando cazaram assim : Aos 20 de Outubro de 1687, o Revm. chantre Francisco Pereira, com licença do cabido, recebeu em caza a Antonio Gomes, filho do mestre de campo Pedro Gomes, com D. Maria Francisca Castelo Branco, filha do dezembargador Pedro de Unhão Castelo Branco e de D. Mariana da Silva, sendo testimunhas o governador d'esta praça Mathias da Cunha, o mestre

* Cazaram a 29 de Setembro de 1710, na freguezia da villa de São Francisco.

de campo Pedro Gomes, e D. Izabel, mulher do dezembargador Francisco da Silveira.

Por morte de seu marido Antonio Gomes, cazou segunda vez D. Maria Francisca, acima, em Lisbôa, intempestivamente, diz a verba do testamento de seu pai Pedro de Unhão, com o dezembargador Jeronimo da Costa de Almeida, de quem, diz, teve 5 filhos.

N. 2. Antonio Ferrão Castelo Branco, filho segundo do dezembargador Pedro de Unhão, foi tenente general, e governador da ilha de São Thomé, e cazou com D. Margarida Maria Teles, e teve filhos:

Pedro de Unhão, que faleceu a 28 de Junho de 1738.

D. Feliciana Luiza Castelo Branco, cazada com o coronel Antonio Alvares Lima.

GOMES, FRANÇAS, FERRÕES, CASTELLOS BRANCOS

Pedro Gomes, natural de Setubal, passou ao Brazil, e na praça da Bahia militou, foi capitão de infanteria, ajudante de tenente, e tenente general, mestre de campo de um terço dos do seu prezidio, donde passou a governar interinamente a capitania do Rio de Janeiro por algum tempo, o qual concluido, voltou para a sua praça. Pelos seus relevantes serviços, lhe fez el-rei D. João IV mercê do fôro de moço fidalgo e do habito da ordem de Christo, de quem foi professo. Cazou com D. Izabel da Costa Madeira, viuva do capitão Lazaro Lopes Sueiro, filha de Domingos Lopes Falcato e de sua mulher Agueda da Costa. Teve de sua mulher filhos:

1. Antonio Gomes, que se segue.

2. D. Agueda da Costa, segunda mulher de Salvador Corrêa de Sá, ou Vasqueanes, cazou a 30 de Setembro de 1676, batizada na sé a 25 de Julho de 1641.

3. D. Maria Gomes, mulher de Affonso da França, a fl..., n. 7.

4. D. Izabel de S. Antonio, freira no Desterro, e abadeça.

D. Brites, que faleceu solteira a 11 de Maio de 1672, sepultada em S. Francisco, D. Valeria, batizada na sé a 4 de Maio de 1645, Miguel batizado na sé a 14 de Maio de 1646, e faleceu solteiro.

N. 1. Antonio Gomes, filho primeiro do mestre de campo Pedro Gomes e de sua mulher D. Izabel da Costa, foi moço fidalgo da caza real, como seu pai, e cazou com D. Maria Francisca Castelo Branco, filha do dezembargador Pedro de Unhão, como fica na fl... retro, e teve filhos :

5. Alexandre Gomes Ferrão Castello Branco, que se segue.

6. Gonçalo Jozé Gomes Castello Branco, adiante.

N. 5. Alexandre Gomes Ferrão Castello Branco, filho de Antonio Gomes, acima, e de sua mulher D. Maria Francisca Castello Branco, foi moço fidalgo, como seu pai, e avô, cavaleiro da ordem de Christo, e coronel das ordenanças do rio de São Francisco, onde tinha o seu morgado. Cazou com D. Maria Cardozo de Oliveira, filha do coronel Salvador Cardozo de Oliveira e de sua mulher.

7. Antonio Gomes Ferrão Castelo Branco, que se segue.

8. Salvador Gomes Ferrão Castello Branco.

9. Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, sacerdote.

10. Diogo.

N. 7. Antonio Gomes Ferrão Castello Branco, filho do coronel Alexandre Gomes Ferrão Castello Branco e de sua mulher D. Maria Cardozo, é moço fidalgo da caza real, e sargento-mór pago do terço da Torre, cazou com D..., filha do tenente Thomaz Feliciano de Albernaz, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia Caetana.

N. 6. Gonçalo Jozé Gomes Castello Branco, filho segundo de Antonio Gomes, n. 1, e de sua mulher D. Maria Francisca Castello Branco, foi moço fidalgo da caza real, e cazou com D. Aldonça Francisca da Rocha Pita, filha do capitão Theodoro da Rocha Fienis e de sua mulher D...

CALMÕES

Esta familia dos Calmões procede do reino de França, na provincia da cidade de Cahors, aonde em distancia de uma legua se acha o castelo chamado Pin, antigo solar d'esta familia. Tem o dominio do dito castelo, sendo tambem senhores de uma legoa em circuito, e de sua povoação em o ultimo lugar da mesma cidade, em o qual está a igreja de S. Julião, e na sua capela-mór o jazigo ou sepultura d'esta familia; tendo o chefe d'ella sitial, e cadeira de espaldar, em que se senta, que em França se chama banco dobrado, e o vigario da dita igreja o vai receber, dando-lhe agoa benta, os ductos e as mais cerimonias, ou honras competentes, porque todos os que moram n'aquella povoação e terras do castelo são seus vassalos.

Nomêa justiçal e um procurador fiscal, que na auzencia do senhor por elle governa. Tem jurisdição nas cauzas civeis até a quantia de 24$ na nossa moeda sem apelação nem agravo, e nas crimes até sentença de morte com apelação para o parlamento de Toloza, onde, confirmando-se, se vem executar a sentença no dito castelo, e das penas pecuniarias, separado o salario da justiça, o mais pertence ao senhor. Nas posturas, faltando a ellas os seus vassalos, são multados, a metade para o procurador fiscal, e a outra parte para o senhor, que pelos pobres manda repartir.

São senhores e perpetuos governadores de juro e herdade da cidade de S. Antonio, por haverem herdado a caza de Monsieur Villit; e na cidade de Cahors são lentes na sua universidade por Sua Magestade Christinissima, tendo no mesmo colegio cazas, conferindo o gráo áquelles sugeitos, que na tal universidade andam os annos do seu estatuto, recebendo propina, além do ordenado da fazenda real, tendo na cathedral banco dobrado, honra que custumam ter os lentes em França.

D'esta caza é oriundo Beltrão Calmon, que, vindo de França para Portugal, cazou em Lisbòa com D. Maria de Tovar, e d'este matrimonio, entre outros filhos, teve a João

Calmon, que, seguindo as armas, passou ao Brazil na armada, que veio a cargo do Conde da Torre, que foi a primeira certidão, que teve do serviço d'el-rei, e voltando para o reino, foi servir na fronteira da Beira, onde, occupando o posto de alferes do commissario geral da cavallaria e de reformado, achando-se nas ocaziões, que se offereceram sem fazer auzencia do real serviço, passou a tenente-capitão da companhia de cavallos do commissario geral de cavallaria, e consta por certidões haver pelejado e roto o inimigo, ficando com uma ferida, e haver passado com sua companhia de socorro para a provincia do Alentejo, achando-se na campanha d'aquelle anno ; e haver pelejado e roto o inimigo ; governando as tropas da cavallaria com satisfação; e pela nona certidão consta haver pelejado e roto o inimigo, e ser parte e cauza de se alcançar uma victoria, ficando com trez feridas pelo empenho que fez da sua pessoa; e pela undecima certidão consta haver pelejado mais vezes, e governado as tropas. E pela duodecima certidão, passada pelo general das armadas, consta haver governado a cavallaria da provincia, e opôr-se com valor ao poder do inimigo; e o mesmo consta da certidão decima terceira na continuação do governo da cavallaria sem n'esse tempo o inimigo fazer dano, pelo seu cuidado e valor, e da certidão decima quarta, consta romper o inimigo, aprizionando-lhe seus cabos, pelo que o honrou S. Magestade com uma real carta de agradecimento, como se refere na dita certidão. Depois passado á côrte o mandou el-rei por um alvará governar a praça de Cascaes, que a fortificou, e o fez el-rei capitão de mar e guerra da corôa, como consta de sua patente, e vir por almirante na esquadra.

E da segunda patente de capitão de mar e guerra, vai de socorro á restauração de Pernambuco, em cujo sitio pelejou, e na volta para o reino com singular esforço, como consta da certidão decima setima, e da mesma consta passar ao Brazil com praça de reformado na armada, que veio a cargo do general Francisco de Brito Freire, que elle no seo livro Guerra Brazilica, entre as pessoas mais distintas que embarcaram faz menção do seu nome.

E finalmente assistindo na Bahia em occaziões que o inimigo infestava a barra, se aprestaram armados, que elle o fez sem soldo por nomeação da camara, ajudando com a sua fazenda a contribuição da gente de guerra, e com os seus escravos as fortificações, como tudo consta da certidão decima oitava, dos officiaes da camara. E ultimamente governando esta praça Alexandre de Souza, vindo noticia que o olandez aprestava uma armada, que se prezumia invadir a Bahia, o occupou nas fortificações, e particularmente reedificou o forte chamado Barbalho, com dispendio de sua fazenda, assim pelo sustento, que deu aos officiaes da obra, como o que gastou na doença de umas sezões rigorozas, que grangeou na dita obra ; por fazer serviço a el-rei, como consta das certidões do dito governador, e por uma d'ellas consta haver socorrido uma náo da India, que lastimozamonte ia dando á costa dentro na Bahia, e por estes seus tão relevantes e honrados serviços, foi despachado seu filho o coronel Francisco Calmon com a mercê de fôro de fidalgo da caza real.

CALMÕES NA BAHIA

Beltrão Calmon foi o primeiro d'esta familia, que vindo de França para Portugal cazou em Lisbôa com D. Maria de Tovar, e entre outros filhos teve d'esta a:

1. João Calmon, que se segue.

N. 1. João Calmon, * filho de Beltrão Calmon e de sua mulher D. Maria de Tovar, tendo servido a Portugal, e alcançado os premios pelos seus serviços, que ficam apontados, cazou em Lisbôa com D. Maria Malafaia de Brito, natural de Mazagão, filha de Francisco Caldeira de Brito e de sua mulher D. Izabel do Couto, e teve filhos :

2. D. Izabel, que faleceu menina, enterrada em Lisbôa na freguezia de N. Senhora dos Martires.

---

* Diz o assento do seu cazamento com D. Aleixa de Almeida ser estrangeiro.

3. Antonio Calmon de Brito, que, vindo de Lisbôa com seu pai de tenros annos, cursando os estudos geraes do collegio da Bahia, passou á universidade de Coimbra, e n'ella se graduou no direito canonico e civil, e indo á côrte se rezolveu a ser religiozo Agostinho descalço no convento, que está adiante de Xabregas, e se chamou frei Antonio da Penha de França, ocupando na sua religião as cadeiras de mestre de filozofia e teologia, em que se jubilou. Foi prior, definidor geral, e fundou os conventos da sua religião no estado do Brazil, e recolhendo-se para a côrte, o elegeram prior vizitador geral, e eleito tambem vigario geral da congregação; e no anno de 1696 o nomeou el-rei D. Pedro II bispo de São-Thomé, e sagrando-se no convento de São Bento da cidade da Bahia foi para o seu bispado, que logrou anno e meio, e faleceu em 19 de Dezembro de 1702.

Segunda vez cazou João Calmon, acima, na Bahia em 5 de Maio de 1659, com D. Juliana de Almeida, filha de Martinho Ribeiro e de sua mulher Maria de Almeida, senhores do engenho da Ilha das Fontes, e se recebeu no dito seu engenho, sendo ministro d'este sacramento frei Gregorio Pereira, religiozo de São Bento, o qual frei Gregorio era tio da noiva, por ser irmão inteiro da dita sua mãi, por serem filhos de Rodrigo de Almeida e de sua mulher Margarida Pereira de Castro, naturaes dos Arcos de Valdevez, da familia dos Pereiras de Viana, e veio o dito Rodrigo de Almeida com sua mulher para a Bahia com quatro filhas e um filho, que é o dito frei Gregorio Pereira, religiozo de São Bento, e este Rodrigo de Almeida é o tronco d'estes Calmões pela via materna. De João Calmon, * e de sua segunda mulher D. Juliana de Almeida foram filhos :

4. D. Margarida, que naceu em 4 de Março de 1660, e faleceu em 2 de Julho do dito anno.

5. D. Mariana, nasceu em 13 de Março de 1661,

---

* Por morte d'este João Calmon cazou sua segunda mulher D. Juliana de Almeida com o doutor Monteiro de Sá e teve d'este uma filha D. Anna de Almeida, que cazou com Antonio Moniz Barreto, filho de Diogo Moniz, o gordo, a fl..., n.

embarcou-se com seu irmão frei Antonio da Penha de França, que ao depois foi bispo de São Thomé, em 24 de Agosto de 1677, e se recolheu religioza no convento do Salvador de Lisbôa, da ordem de São Domingos, e se chamou soror Mariana da Penha de França, e varias vezes foi priora do seu convento, onde faleceu carregada de annos.

6. Miguel Calmon, nasceu em 22 de Setembro de 1662, e faleceu em 18 de Màio de 1735, enterrado na freguezia de São Pedro da Bahia; e seus ossos trasladados depois para a sepultura de seus paes, que está no mosteiro de São Bento da Bahia, no arco da capella mór, da parte do Evangelho.

7. Martinho Calmon, nasceu em 21 de Abril de 1665, foi religiozo da companhia do 4. voto, reitor do colegio de Pernambuco; e faleceu no da Bahia em Março de 1728.

8. João Calmon, que nasceu a 6 de Setembro de 1668, e batizado na sé; estudou latim, filozofia, e teologia nos estudos geraes do collegio da Bahia; e passando á universidade de Coimbra se graduou nos sagrados canones, e voltando para a patria se ordenou de sacerdote; foi vigario geral do arcebispado, e conego mestre escola, chantre, e dezembargador do numero; vizitador varias vezes, do arcebispado, provizor, juiz dos cazamentos, commissario da bulla, e do santo officio; procurador geral dos indios, juiz conservador dos religiozos de São Francisco, e de São Bento; promotor do sinodo que celebrou o Exm. arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide; protonatario apostolico, juiz dos reziduos, e varias vezes governador do arcebispado. Teve a patente do geral da ordem carmelitana para ser commissario geral da dita ordem na provincia do Brazil, que por razões particulares não quiz aceitar; foi consultado para bispo, e faleceu carregado de annos, e jaz na sepultura de seus paes no mosteiro de S. Bento.

9. Miguel Calmon de Almeida, segundo do nome, nasceu em 21 Maio de 1672, e se segue.

10. Francisco Calmon, adiante.

N. 9. Miguel Calmon de Almeida, * filho de João Calmon, n. 1, e de sua segunda mulher D. Juliana de Almeida. Foi coronel, depois que, graduado na universidade de Coimbra nos sagrados canones, voltou para a patria, donde foi por nove annos juiz dos orfãos, e cazou com D. Margarida Pereira de Andrade, senhora do engenho de Santo Antonio da Patatiba, reconcavo da Bahia, filha do alferes Felippe Rabelo de Andrade, natural de Bastos, e de sua mulher Antonia Pereira dos Santos, de cujo matrimonio teve :

11. D. Antonia Caetana Calmon, que cazou com o tenente-coronel Felippe da Silva Bezerra de Almeida, filho do tenente-coronel Amaro Francisco de Almeida e de sua mulher D. Barbara de Souza, adiante.

12. D. Clara Maria Calmon, que faleceu solteira no anno de 1737.

E D. Juliana, que faleceu na éra de 1758.

13. João Calmon, que cazou com D. Ignacia de Nazareth, adiante.

14. D. Ignacia Francisca Calmon, que cazou com o capitão da villa de Jaguaripe, reconcavo da Bahia, João de Souza Deça, e vive com o dito seu marido na sua fazenda da Jacuruna, e tem um só filho chamado Antonio Jozé Calmon de Souza Deça, o qual, cazando de proximo com uma filha do tenente-coronel do regimento novo da guarnição da praça da Bahia, João Pinto, já se acha desquitado d'ella, n'este anno de 1768.

N. 13. João Calmon, filho do coronel Miguel Calmon de Almeida e de sua mulher D. Margarida Pereira de Andrade, cazou com D. Ignacia de Nazareth, filha do capitão Antonio Dias de Macedo e de sua mulher D. Virginia de Afonceca, e teve filhos :

15. D. Margarida Jozefa Calmon de Almeida, mulher de Diogo Moniz da Silveira, seu parente.

18. D. Virginia Francisca Calmon, que se segue.

* Faleceu a 21 de Maio de 1735.

17. D. Anna Joaquina Calmon, adiante.

18. D. Joana Calmon, D. Maria Joaquina Calmon, D. Francisca Calmon.

19. Jozé Gabriel Calmon.

N. 16. D. Virginia Francisca Calmon, filha de João Calmon, n. 13, e de sua mulher D. Ignacia de Nazareth, cazou com seu primo Caetano Lopes Villas-Bôas, escudeiro fidalgo, dispensados do 3.° gráo de consanguinidade, no anno de 1767.

N. 17. D. Anna Joaquina Calmon, filha de João Calmon, n. 13, e de sua mulher D. Ignacia de Nazareth, cazou com seu primo Felippe Thomaz de Almeida Calmon, dispensados no 2.° gráo de consanguinidade, no anno de 1766, e teve filhas, duas pequenas.

N. 10. Francisco Calmon *, filho de João Calmon, n. 1, e de sua segunda mulher D. Juliana de Almeida, foi coronel, e fidalgo da caza de Sua Magestade, e cazou com sua prima D. Ignacia de Almeida Pereira, dispensados no 3.° gráo de consanguinidade, por a dita sua prima e mulher, filha de Bartolomeu de Barros, que foi jezuita, expulso pela religião no seculo passado, natural da villa de Thomar e de sua mulher Izabel de Almeida, filha de Adão Francisco Rabelo, fidalgo de cota de armas, natural de Penso, do concelho de Cavia, bispado de Lamego, descendente por baronia dos Rabelos do Grajal, que todos foram, nos tempos antigos, fidalgos de cota de armas, cujo brazão do dito Adão Francisco Rabelo se achará na ouvidoria geral do crime da cidade da Bahia, escrivão que foi d'estes autos crimes Manoel Teixeira de Carvalho, por cujo brazão de armas livrou seu sobrinho Gregorio Rabelo de Barros da Fonseca de pena vil de baraço e pregão pela morte que fez, e a dita Izabel de Almeida de Barros, filha do dito Antão Rabelo, proprietario que foi do oficio de escrivão do thezouro d'el-rei na Bahia, e de sua mulher Brites de Almeida, que é uma das filhas de Rodrigo de

---

* Faleceu na sua caza, em Cahipe, em 13 de Abril de 1716, e sepultado na sua capella de Cahipe da freguezia do Socorro; e sua mulher D. Ignacia Maria de Almeida, sepultada na igreja do Desterro da Bahia.

Almeida e de sua mulher Margarida Pereira de Castro,* natural dos Arcos de Valdevez, tronco d'esta geração pelas partes maternas. De Francisco Calmon, acima, e sua mulher são filhos:

20. João Calmon de Almeida, que naceu em 15 de Abril, foi fidalgo da caza de Sua Magestade, batizado por seu tio o Exm. bispo de São-Thomé, D. frei Antonio da Penha de França, recebendo as quatro tonsuras de ordens pelo senhor arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide. Faleceu em 3 de Maio de 1731 em Traripe em caza de sua avó materna, e foi enterrado na freguezia de Nossa Senhora da Purificação da villa de SantoAmaro.

21. D. Mariana, que, nascendo a 12 de Outubro de 1702, faleceu em 17 de Janeiro de 1703.

22. Francisco Calmon, que se segue. Foi batizado a 28 de Setembro de 1703.

23. D. Mariana da Penha de França, segunda d'este nome, nasceu em 21 de Setembro de 1707, e é religioza no Desterro de S. Clara da Bahia, e uma das fundadoras do convento da cidade do Rio de Janeiro, para onde partio com as mais em dia do Patrocinio de Nossa Senhora, do anno de 1748, e lá foi abadeça, e voltou para a Bahia no de 1762.

24. Antonio Calmon, que cazou com D. Guiomar Ximenes de Aragão, adiante.

25. Miguel Calmon de Almeida, que, nascendo em Cahipe a 22 de Maio de 1710, faleceu de poucos annos.

26. Rodrigo Calmon de Almeida, fidalgo da caza de Sua Magestade, naceu em Cahipe a 16 de Setembro de 1713, batizado na dita capella, e padrinho D. Rodrigo da Costa, vice-rei da India e do estado do Brazil, e indo ao sertão do rio de S. Francisco, faleceu no anno de 1743, e foi sepultado na igreja da Carunhanha, jurisdição de Pernambuco.

---

* Erro e muito grande; porque Beatriz de Almeida era filha legitima de André Ribeiro, morador na Patatiba, e de sua mulher Felippa de Almeida, que depois cazou, por morte d'aquelle, com Pedro de Almeida, consta do inventario, que se acha no cartorio antigo dos orfãos. Sim, si fôra Rodrigo de Almeida e sua mulher Margarida Pereira de Castro pais de Felippa de Almeida; e podia o autor indagar melhor para escrever. (*Nota á margem*).

27. D. Francisca Maria Calmon de Pin, nasceu em 9 de Março de 1715, batizada em Cahipe, e foi incluza no breve de educanda no convento de S. Clara do Desterro da Bahia, acompanhou a sua irman a madre Mariana da Penha de França, uma das fundadoras do convento do Rio de Janeiro, de quem já se dice acima, e professou n'aquelle convento com o nome de soror Francisca Mariana da Penha de França.

28. D. Antonia Calmon*de Pin, que nasceu em 23 de Junho de 1716, faleceu solteira no anno de 1732, e foi enterrada na freguezia de Nossa Senhora da Purificação de S. Amaro, na sepultura de seu primo Francisco Barreto de Menezes, fidalgo da caza de Sua Magestade.

Francisco Calmon,*filho de Francisco Calmon, n. 10, e de sua mulher D. Ignacia de Almeida Pereira, foi fidalgo da caza de Sua Magestade, estudou gramatica em estudo particular, e filozofia nos estudos geraes do collegio da Bahia, e cazou em 9 de Abril de 1731, na sé da Bahia, por procuração, com sua prima D. Luiza Maria de Almeida Pereira de Castro, dispensados no 2.° e 4.° gráo de consanguinidade, por ser esta filha do capitão Luiz de Barros Almeida, irmão de sua mãi inteiro, e de sua mulher Vicencia Pereira da Castro, esta filha de João Gomes Pereira de Castro, natural dos Arcos de Valdevez, da mesma familia dos Pereiras de Viana, proprietario do officio de escrivão do thezouro de el-rei da cidade da Bahia, e de sua mulher Maria de Almeida, irman da dita Izabel de Almeida de Barros, filhas de Adão Francisco Rabelo, fidalgo de cota de armas, como já se dice, por cujas estava o dito Francisco Calmon ligado com a dita sua prima D. Luiza Maria de Almeida Pereira de Castro no segundo e quarto gráo de parentesco; e é de notar, que a dita D. Luiza Maria de Almeida Pereira de Castro teve um irmão inteiro, chamado Bartolomeu de Barros de Almeida, com papeis correntes para se ordenar, de limpeza de sangue, que se acham na camara ecleziastica da Bahia, vindos do arcebispado de

* Nasceu em 18 de Setembro de 1703 em Cahipe. Cazou na sé a 9 de Março de 1731, sendo seu procurador o alferes Domingos Borges de Barros, e do contrahente o capitão Diogo Moniz Barreto, sendo testimunhas os padres arcediago Antonio Rodrigues Lima e o conego doutor Francisco Martins Pereira.

Braga; o que atalhou a morte. De Francisco Calmon, aqui, e sua mulher D. Luiza Maria foi filha unica:

29. D. Luiza Antonia Calmon, que se segue.

N. 29. D. Luiza Antonia Calmon, filha de Francisco Calmon, n. 22, e de sua mulher D. Luiza Maria de Almeida Pereira de Castro, nasceu em 2 de Setembro de 1751, batizada em caza com necessidade por seu avô materno o capitão Luiz de Almeida, e pôz os santos oleos, com licença do arcebispo D. Jozé Botelho de Matos, o reverendo vigário da freguezia da Purificação Jozé Nogueira da Silva, sendo padrinhos o dito seu avô materno Luiz de Barros de Almeida e sua tia D. Joana Thereza de Jezus. Cazou a dita D. Luiza Antonia Calmon em caza de seus pais em Traripe, com licença do arcebispo D. frei Manoel de Santa Ignez, com Jozè de Góes de Siqueira, filho do capitão Ignacio de Siqueira Villas-Bôas, a fl..., aos 2 de Fevereiro de 1768 a fl..., n. 11.

N. 24. Antonio Calmon, filho de Francisco Calmon, n. 10, e de sua mulher D. Ignacia de Almeida Pereira, nasceu em Cahipe em 5 de Março de 1709, padrinhos seu tio o conego João Calmon e sua tia Vicencia Pereira de Castro. Cazou em Matuim, freguezia de N. Sra. da Piedade, reconcavo da Bahia, com D. Guiomar Ximenes de Aragão, * senhora do seu morgado de S. João do dito Matuim, filho do capitão Diogo Lopes Franco, primeiro administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Leonor Ximenes de Aragão, que era filha do tenente general da praça da Bahia, Domingos Antunes, e de sua mulher D. Guiomar Ximenes, que era irman inteira de Estevão Fernandes Moreno, senhor do engenho da ilha da Maré, e de seu irmão Ignacio Fernandes Moreno. De Antonio Calmon e sua mulher D. Guiomar Ximenes de Aragão são filhos:

30. Leonor Francisca Calmon, que sucedeu no dito morgado, e cazou com Duarte Sodré Pereira, fidalgo da

---

* A 26 de Agosto de 1735 sepultei na capella de S. João Batista, filial d'esta matriz a D. Guiomar Ximenes de Aragão, mulher de Antonio Calmon.

caza de Sua Magestade, e até o prezente de 1768 não teve filhos.

31. D. Guiomar Calmon, que vive solteira.

N. 11. D. Antonia Caetana Calmon, filha do coronel Miguel Calmon de Almeida, n. 9, e de sua mulher D. Margarida Pereira de Andrade, foi cazada com o tenente-coronel Felippe da Silva Bezerra de Almeida, o qual teve um irmão inteiro padre da companhia chamado Francisco de Almeida, e teve D. Antonia Caetana Calmon de seu marido Felippe da Silva Bezerra os filhos seguintes:

32. D. Barbara Maria de Jezus.
33. D. Agueda de Souza Calmon.
34. D. Juliana Francisca Calmon.
35. Ignacia Vicencia Calmon.
36. D. Maria do Amparo Calmon.
37. Miguel Calmon de Almeida.
38. Felippe Calmon de Almeida.

VILLAS-BOAS

João de Aguiar Villas-Bôas, foi natural do reino de Angola, onde passou para a Bahia no anno de 1640, e era filho com outros irmãos do capitão Domingos Luiz de Andrade; que foi cazado com D. Violante Ferreira, o qual servio em Angola os cargos de provedor da fazenda real, ouvidor geral, e auditor do campo na villa da Victoria, prezidio de Massangano do dito reino de Angola por provizão do seu governador Pedro Cezar de Menezes de 2 de Março de 1644; e d'este Domingos Luiz e de sua mulher D. Violante Ferreira fôram filhos:

1. João de Aguiar Villas-Bôas, de quem aqui se trata.

O padre Ignacio de Andrade.

D. Izabel Pereira, mulher do capitão Luiz Pereira de Macedo.

D. Anna de Andrade, mulher do capitão Antonio de Estrada.

D. Serafina de Andrade, mulher do capitão Manoel Carneiro de Menezes.

D. Ursula de Andrade, mulher do capitão Affonso David.

D. Paula Ferreira, mulher do capitão Bento de Lemos Landim.

D. Catharina de Siqueira, mulher de Francisco de Latorre.

D. Maria de Andrade, mulher do capitão João Duque.

D. Monica de Andrade, mulher do capitão Lourenço de Andrade Collaço.

D. Violante Ferreira, mulher do capitão Francisco da Fonseca Saraiva.

D. Margarida, solteira, Ignacio ou Manoel e Jozé, que faleceram solteiros.

N. 1. João de Aguiar Villas-Bôas, acima, e de quem se trata, e chamavam o velho, primeiro filho do capitão Domingos Luiz de Andrade, e já referido, e de sua mulher D. Violante Ferreira, foi capitão e familiar do santo officio, vereador da camara e juiz ordinario na cidade da Bahia, e cazou com D. Catharina de Góes de Siqueira, * filha de Francisco da Fonseca e de sua mulher Maria de Góes, filha de Simeão de Araujo Góes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, a fl..., n. 8. D'este João de Aguiar Villas-Bôas e sua mulher D. Catharina de Góes de Siqueira foram filhos:

2. D. Maria de Araujo, que se segue, batizada a 3 de Agosto de 1651.

3. Jozé de Góes Siqueira Villas-Bôas, adiante.

4. Francisco da Fonseca Villas-Bôas, ao depois

5. O doutor João de Aguiar Villas-Bôas, que cazou com D. Joana de Souza Barreto, filha do capitão Jeronimo Moniz Barreto e de sua mulher D. Maria de Souza, a fl..., n. 37; e teve filhos: Caetano Luiz Villas-Bôas, que faleceu sem sucessão, e D. Threza Joana de Menezes, que vive solteira em idade avançada.

---

* Cazaram na freguezia de Matuim a 4 de Setembro de 1650.

6. Amaro Ferreira Villas-Bôas, que faleceu solteiro.

7. D. Maria de Góes, mulher de Cosme de Sá Peixoto, no fim.

N. 2. D. Maria de Araujo de Góes, filha de João de Aguiar Villas-Bôas, n. 1, e de sua mulher D. Catharina de Góes de Siqueira, cazou com Salvador Corrêa de Sá, * o qual era filho de Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, que no anno de 1625, estando a cidade da Bahia occupada pelos Olandezes desde o dia 12 de Maio do anno antecedente de 1624, o mandou o dito seu pai e governador do Rio de Janeiro, com 3 canôas armadas de gente, e indios da terra, e duas fragatas de guerra de socorro; e chegou á Bahia este socorro com Salvador Corrêa de Sá, a 15 de Abril do sobredito anno de 1625, vindo da capitania do Espirito-Santo; e lançados os Olandezes da cidade no 1° do mesmo mez de Maio do sobredito anno de 1625, foi cazar este Salvador Corrêa de Sá com a referida D. Maria de Araujo, que era filha do sobredito João de Aguiar Villas-Bôas, senhor do engenho de S. Amaro de Sergipe do Conde. Que este Salvador Corrêa de Sá se chamasse assim, e fôsse filho de Martim de Sá governador do Rio de Janeiro, e viesse á Bahia com o socorro que fica dito, e chegasse no dia assignalado, assim o refere Thomaz Tamoio de Vargas, Castelhano, no livro, que escreveu—*Restauracion de la Bahia* a fl. 128 § 29. D'este Salvador Corrêa de Sá e de sua mulher D. Maria de Araujo de Gôes foi filha:

8. D. Catharina Corrêa Vasqueanes, que cazou com Francisco Barreto de Aragão, a fl..., n. 68, e fl..., n. 78, e ahi a sua descendencia.

Nota.—Nas memorias manuscritas, de que tiramos estas noticias se acha nas que falam n'este Francisco Barreto de Aragão, fl..., n. 68, que esta sua mulher D. Catharina Corrêa Vasqueanes, era filha de Salvador Corrêa Vasqueanes e de sua mulher D. Antonia da Fonseca de Siqueira, filha de João de Aguiar Villas-Bôas,

* Foi esta terceira mulher e cazaram a 18 de Novembro de 1679, e elle faleceu a 4 de Novembro de 1685.

senhor de S. Amaro de Sergipe do Conde. Mas do assento do livro dos obitos da freguezia de Santiago de Iguape consta, que a mãi d'esta D. Catharina Corrêa Vasqueanes se chamava D. Maria de Araujo, e seu marido Salvador Corrêa de Sá; diz assim o tal assento: « Aos 31 de Maio de 1737 faleceu de bexigas D. Maria de Araujo, viuva, que ficou de Salvador Corrêa de Sá, e mostrava ter de idade mais de cem annos; não fez testamento, e foi sepultada no convento de Santo Antonio de Parauassú por direcção de sua filha D. Catharina Corrêa Vasqueanes, viuva do coronel Francisco Barreto de Aragão » (1). E é o que basta para a certeza de que este Salvador Corrêa era Salvador Corrêa de Sá, e não Vasqueanes, ou Benavides, ainda que este de Benavides lhe tocava por seus ascendentes.

Este mesmo Salvador Correia de Sá havia sido cazado primeiro com D. Margarida da Franca, filha de Manoel Sá Barros e de sua mulher D. Leonor da França, a fl..., e teve filhos ahi nomeados; e segunda vez cazado com D. Agueda da Costa, que faleceu a pouco tempo, sem filhos. Veja-se a fl.... Cazaram a 30 de Setembro de 1676. Foi capitão de auxiliares, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do santo officio, creado em 29 de Janeiro de 1700.

N. 3. Jozé de Goes de Siqueira Villas-Bôas, filho de João de Aguiar Vilas-Boas, n. 1, e de sua mulher D. Catharina de Goes de Siqueira, cazou com D. Maria de Bra Araujo. filha de Francisco de Bra e de sua mulher D. Apolonia de Araujo, a fl..., n. 4, e antes, e teve Jozé de Goes de sua mulher filhos:

9. Ignacio de Siqueira Villas-Boas, que se segue.

N. 9. Ignacio de Siqueira Villas-Boas, filho de Jozé de Goes de Siqueira Villas-Boas e de sua mulhor D. Maria de Bra, n. 3, é capitão-mór da ordenança de Sergipe do Conde, cazado com D. Joana Catharina de Menezes de Aragão, (2) filha de D. Felix de Betencourt de Sá, a fl..., e de sua mulher D. Catharina de Aragão Aiala, e teve filhos:

---

(1) Este faleceu a 2 de Setembro de 1736.

(2) Cazaram a 20 de Novembro de 1727, na freguezia do Monte, Sergipe do Conde.

João Felippe, capitão-mór da villa de Sergipe do Conde.

10. D. Catharina, freira professa no Desterro.

11. Jozé de Goes de Siqueira, que se segue.

12. D. Maria de Siqueira, ao depois.

13. D. Anna e D. Luiza, solteiras, e D. Anna, já cazada com Mathias Vieira de Lima, a fl...

N. 11. Jozé de Goes de Siqueira, filho do capitão-mór Ignacio de Siqueira Villas-Boas, n. 9, cazou com D. Luiza Antonia Calmon, filha de Francisco Calmon e de sua mulher D. Luiza Maria de Almeida, a fl..., n. 29. Cazaram a 2 de Fevereiro de 1768.

N. 12. D. Maria de Siqueira, filha do capitão-mór Ignacio de Siqueira Villas-Bôas, n. 9, cazou com Baltazar da Costa Bulcão, filho de Jozé da Costa Bulcão, a fl..., n. 2 e seg., e teve filhos :

15. Jozé Joaquim.

Joaquim Ignacio.

N. 4. Francisco da Fonseca Villas-Bôas, filho de João de Aguiar Villas-Bôas, n. 1, e de sua mulher D. Catharina de Goes de Siqueira, cazou com D.Maria de Mello, filha de Pedro de Goes de Araujo e de sua mulher D. Luiza de Mello, a fl..., n. 13, e teve filhos :

18. Francisco da Fonseca Villas-Boas, cazado, abaixo.

19. João de Aguiar Villas-Bôas, senhor da caza e fazenda de S. Amaro de Sergipe do Conde, que existe viuvo, e teve de sua mulher os filhos Francisco e Pedro, que faleceram sem filhos.

N. 5. O doutor João de Aguiar Villas-Bôas, filho de João de Aguiar Villas-Bôas, n. 1, cazou com D. Joana de Souza Barreto, filha do capitão Jeronimo Moniz Barreto e de sua mulher D.Thereza de Souza, filha de Antonio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Antonia Bezerra Barbalho, a fl..., n. 5 e seg.

20. Caetano Luiz de Menezes Villas-Bôas, que faleceu sem sucessão de sua mulher D. Virginia Calmon.

21. D. Thereza Joana de Menezes, que vive solteira em idade avançada n'este anno de 1768.

N. 7. D. Maria de Goes, filha tambem de João de Aguiar Villas-Bôas, n. 1, cazou com Cosme de Sá Peixoto

que diz uma memoria, que vimos, viera de Guimarães chamado por seu tio Cosme de Sá Peixoto, cazado este com D. Apolonia, e era senhor de engenho de Santa-Catharina e São-Cosme, o qual engenho o deixou por sua morte a este seu sobrinho Cosme de Sá Peixoto, que cazou com a sobredita D. Maria de Goes, acima, n. 7.

N. 18. Francisco da Fonseca Villas-Bôas, filho do capitão Francisco da Fonseca Villas-Bôas, n. 4, e de sua mulher D. Maria de Mello, cazou com D. Catharina Angelica de Almeida, natural do Monte, filha do capitão Luiz Pereira de Aguiar e de sua mulher D. Joana de Mello. Cazaram a 25 de Novembro de 1726 na capella do Desterro.

CORREA DE SÁ

Salvador Corrêa de Sá, (1) filho do governador do Rio de Janeiro Martim Corrêa de Sa, ou Martim de Sá, como assim descreve o autor da Restauração da Bahia D. Thomaz Tamaio de Vargas no seu livro impresso, á fl. 119 n. 29, faltando no Socorro, que da capitania do Espirito-Santo mandou o dito governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá por este seu filho Salvador Corrêa de Sá para a Bahia, ocupada dos Olandezes, e chegou este socorro á Bahia, diz o mesmo autor a 15 de Abril de 1625. Restaurada a Bahia em 1 de Maio deste mesmo anno de 1625, estando senhor da cidade os Olandezes desde 12 de Maio do anno antecedente de 1624, ficou rezidente n'ella Salvador Corrêa de Sá, e ahi cazou trez vezes. A primeira com D. Margarida da Franca Corte Real, (2) filha de Manoel Gonçalves Barros e de sua mulher D. Leonor da Franca, a fl..., n. 8, e teve os filhos seguintes:

1. D. Maria de Christo e D. Leonor, religiozas no

(1) Foi capitão na freguezia do Socorro, e faleceu a 4 de Novembro de 1685; em seu testamento declara ser irmão de Martim Corrêa Vasqueanes, a quem deixava por seu testamenteiro.

(2) Faleceu esta no Rio de Janeiro.

convento do Desterro, como fica ahi a fl..., n. 13, e Manoel que faleceu de 15 annos.

Segunda vez cazou Salvador Corrêa de Sá com D. Agueda da Costa, filha do mestre de campo Pedro Gomes e de sua mulher D. Izabel da Costa, como fica a fl..., n. 2; cazaram a 30 de Setembro de 1676, e faleceu ella dahi a pouco tempo, sem filhos.

Terceira vez cazou Salvador Corrêa de Sá, com D. Maria de Araujo, filha de João de Aguiar Villas-Bôas, e de sua mulher Catharina de Goes de Siqueira, a fl..., n. 1 e 2, e ahi o mais que se póde vêr ; cazaram a 18 de Novembro de 1679, e teve filhos :

2. D. Catharina Corrêa Vasqueanes, que cazou com Francisco Barreto de Aragão, a fl...,n. 68, e ahi o mais.

Ignacio Manoel.

Maria Jozefa.

FERNANDES E NUNES

Jorge Fernandes, cazado com Catharina Fernandes, eram naturaes ambos de Arouca, termo da cidade do Porto; passou á Bahia com sua mulher, da qual teve filhos :

1. Antonia Nunes, que se segue.
2. Apolonia Nunes, adiante, mulher de Aleixo Paz, o velho, a fl..., n. 1.

O padre João Nunes, sacerdote da companhia.

FERNANDES E REGOS COM NUNES

Salvador Fernandes, chamado o velho, passou á Bahia, e n'ella cazou com Maria Luiza Nunes, natural da ilha de Itaparica, e teve filhos :

1. João Alves do Rego, que se segue.
2. Izabel do Rego, mulher de Antonio Cordeiro Aires, a fl...

N. 1. João Alvares do Rego, filho de Salvador Fernandes, acima, e de sua mulher Maria Luiza Nunes, cazou com Beatriz de Freitas, * filha de Gaspar de Freitas de Magalhães, a fl..., e de sua mulher Policena de Souza, e teve filhos.

3. Policena de Souza de Betencourt, que não cazou.

4. Constança de Souza, que cazou com Antão Delgado, seu primo, filho de Antonio Cordeiro Aires, sem filho, a fl...

5. Salvador Pereira do Rego, que se segue. Batizado a 31 de Março de 1632.

6. Gaspar de Freitas de Magalhães, que cazou com sua prima Izabel Corrêa, filha de Bartolomeu Rabelo de Macedo, não teve filhos, e deixou por herheiro a seu pai João Alvares do Rego.

N. 5. Salvador Fernandes do Rego, o moço, filho de João Alvares do Rego e de sua mulher Beatriz de Freitas, cazou com Maria do Rego, sua prima, filha de Antonio Cordeiro Aires, a fl..., e teve filho:

7. Pedro de Freitas de Magalhães, que cazou com D. Mariana de Vasconcellos, filha de D. Maria de Menezes e de seu marido Francisco de Carvalhal, a fl..., n. 1 e 4.

ALVARES, FERNANDES E REGOS

Simão Alvares, cazado com Anna Fernandes, naturaes da Povoa de Varzim, passaram á Bahia com seu filho:

1. Salvador Fernandes do Rego, que se segue.

N. 1. Salvador Fernandes do Rego, filho de Simão Alvares do Rego e de sua mulher Anna Fernandes, na Bahia cazou com Antonia Nunes, natural da mesma Bahia, e filha de Jorge Fernandes e de sua mulher Catharina Fernandes e tiveram filhos:

2. Maria Nunes do Rego, cazada com Gaspar de Azevedo, adiante.

3. Francisco Nunes do Rego, que cazou com Barbara Antunes Rangel, e depois de viuvo se ordenou de

* Cazaram a 30 de Abril de 1627. Falleceu ella a 21 de Março de 1653.

sacerdote ; isto e o mais que fica acima consta das inquirições, que para se ordenar se tiraram no anno 1656, nas quaes se diz assim : Francisco Nunes do Rego, natural d'este bispado da Bahia, viuvo que ficou de Barbara Antunes Rangel, filho de Salvador Fernandes do Rego, natural da Povoa de Varzim, e de sua mulher Antonia Nunes, natural d'este bispado, neto por via paterna de Simão Alvares e Anna Fernandes, naturaes da mesma Povoa de Varzim ; e por sua via materna, neto de Jorge Fernandes e Catharina Fernandes, naturaes da Arouca, bispado do Porto.

4. Catharina do Rego, cazada com Antão Lopes Dorta, a fl...

5. Ursula do Rego, mulher de Rui Carvalho Pinheiro, o velho, a fl...

6. Anna do Rego, mulher de Manoel Ribeiro Carvalho, de quem teve um filho Francisco Pinheiro de Carvalho.

7. Izabel do Rego, mulher de Antonio Cordeiro Aires, a fl...

8. Felippa, Antonia, Francisca, Bento, Simão e o padre Manoel Fernandes, religiozo da companhia.

N. 4. Catharina do Rego, n. 4, de seu marido Antão Lopes Dorta, teve filhos :

9. Violante Dorta, Anna do Rego, Antonia Nunes, e Felippa Nunes.

AZEVEDOS

Gaspar de Azevedo, este aqui, foi cazado com Maria Nunes do Rego, filha de Salvador Fernandes do Rego, e da sua mulher Antonia Nunes, como fica a fl... retro, e da tal sua mulher teve filhos :

1. Catharina de Azevedo, primeira mulher de Rui Carvalho Pinheiro, o moço, que era seu primo legitimo, e foram dispensados por breve do papa Alexandre VII de 13 de Janeiro de 1665, e não houveram filhos.

2. Francisco Duarte de Azevedo, que se segue.

3. Izabel de Azevedo, primeira mulher de Sebastião Paez, filho de Aleixo Paez, o velho, a fl..., n. 1, e ahi seus filhos.

4. Gaspar de Azevedo.

5. Antonio Leitão de Azevedo, que se segue e o padre frei Antonio da Trindade, religiozo de S. Bento.

N. 5. Antonio Leitão de Azevedo, filho de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes do Rego, cazou com Margarida da Silva.

6. Mariana.

N. 2. Francisco Duarte de Azevedo, filho de Gaspar de Azevedo e de sua mulher Maria Nunes, a fl... retro, n. 2., cazou com Margarida Pinheiro, viuva, que ficou de Amador de Aguiar, que faleceu no Rio de Janeiro. Cazaram a 22 de Abril de 1662.

AIRES, CORDEIROS, DELGADOS

Antão Delgado Aires, natural do reino, cazado no Porto com F. de Cardiga, da qual tinha filhos e veio para a Bahia com alguns da dita sua mulher, e não se acha ao certo, si era já viuvo, e só que na Bahia cazou segunda vez com Branca de Peralta, da qual teve tambem varios filhos, como consta do inventario, que por sua morte fez a dita sua segunda mulher Branca de Peralta, no qual inventario se nomeam onze, que são os seguintes: Da primeira mulher foram.

1. Antonio Cordeiro Aires, que se segue.

2. Felippa de Cardiga, que cazou, e faleceu ainda em vida de seu pai, e deixou filhos:

3. Jeronimo de Cardiga.

4. Manoel Delgado.

Da segunda mulher teve os seguintes filhos:

5. Jeronimo Aires.

6. D. Anna, cazada com Simão Barboza.

7. D. Maria Cordeiro, de idade de 28 annos.

8. Gaspar Cordeiro, de idade de 24 annos.

9. Francisco Cordeiro, de idade de 22 annos.

10. Antão Delgado, de idade de 17 annos.

11. Izabel, de idade de 5 annos.

N. 1. Antonio Cordeiro Aires, filho de Antão Delgado Aires, acima, natural do Porto, d'onde veio para a Bahia, e n'ella cazou com Izabel do Rego, filha de Salvador Fernandes, o velho, e de sua mulher Maria Luiza Nunes, e teve filhos :

1. Antonio Cordeiro Aires, que foi mentecapto.

2. D. Felippa Aires, mulher de Manoel de Almeida Lobato; d'estes foi filha D. Felippa de Almeida, segunda mulher de Diogo Moniz Telles, filho de Henrique Moniz Telles e de sua segunda mulher D. Leonor Antunes, a fl..., n. 7, e seguintes.

3. D. Izabel Garcia, mulher de Francisco Moniz Telles, a fl...

4. Maria Cordeiro, mulher de Rodrigo Homem de Almeida.

5. Leonor Cordeiro, mulher de Bartolomeo Franco, sem filhos.

6. Manoel Fernandes Cordeiro, que cazou com D. Ignez Coutinho, filha de Sebastião Paes e de sua segunda mulher D. Maria de Lacerda, a fl...

7. Antão Delgado Aires, cazado com Constancia de Souza, sua prima, filha de João Alvares do Rego, a fl...

8. D. Ursula do Rego, que cazou com Antão de Mello Aires, seu primo, por ser sobrinho do pai d'ella, Antonio Cordeiro Aires, como Izabel do Rego, mulher do doutor Antonio Cordeiro Aires, declarou no seu testamento e se entende ser o dito Antão de Mello Aires, filho de Felippa de Cardiga, irman do dito Antonio Cordeiro Aires.

9. D. Brites Aires, segunda mulher de Miguel de Figueiredo Adorno, que se segue, cazou primeiro com Gaspar Monteiro Freire, filho de Bento Monteiro Freire, a fl...

10. Margarida Cordeiro, mulher de Antonio Monteiro Freire, a fl..., n. 9.

11. Maria do Rego, mulher de Salvador Fernandes do Rego, seu primo, a fl..., n. 6.

N. 7. Antão Delgado, filho de Antonio Cordeiro Aires, n. 1, e de sua mulher Izabel do Rego, cazou com Constancia de Souza, sua prima, filha de João Alvares do

Rego, a fl..., e não teve filhos ; mas de sua segunda mulher Branca de Peralta teve filhos :

12. D. Branca, D. Luzia, D. Jeronima, D. Maria, Luiz e Izidoro

N. 9. D. Brites Aires, filha de Antonio Cordeiro Aires, n. 1, cazou segunda vez com Miguel de Figueiredo Adorno, viuvo que era de D. Maria Cordeiro, filha de Antão Delgado Aires e de sua segunda mulher Branca de Peralta, e teve filhos

Foi cazada antes com Gaspar Monteiro Freire, filho de Bento Monteiro, a fl...

13. Antonio, Manoel, Miguel, Diogo, Ignacio.

N. 7. D. Maria Cordeiro, filha de Antão Delgado Aires e de sua segunda mulher Branca de Peralta, cazou com Miguel de Figueiredo Adorno, e foi esta sua primeira mulher.

Sebastião Soares Pinto, que servio de provedor da fazenda real da capitania de Sergipe de El-rei, e n'ella ouvidor : cazou com Maria Borges, da qual teve :

1. Lucas Pinto, que se segue.

2. Joana Soares, mulher de João de Carvalhal, e diz o termo do seu cazamento, que era irman de Lucas Pinto, e filhos ambos de Sebastião Soares Pinto.

N. 1. Lucas Pinto, filho de Sebastião Soares Pinto, cazou, como diz o termo assim : Em 7 de Maio de 1657 recebi a Lucas Pinto Coelho com D. Francisca, filha de Francisco de Carvalhal». Teve filha, a fl .., n.1, segunda vez cazou este Lucas Pinto Coelho com Anna Maria, como consta do termo do batizado de seu neto Lucas Pinto Coelho, n. 4, abaixo.

3. D. Mariana de Vasconcellos, que se segue, batizada a 6 de Dezembro de 1675 ; padrinhos Francisco de Carvalhal, seu avô, e D. Francisca, filha de João de Carvalhal.

N. 3. D. Mariana de Vasconcellos, filha de Lucas Pinto Coelho, cazou a 15 de Outubro de 1691, na capella de S. Thomé, com Pedro de Freitas de Magalhães, filho de Francisco de Magalhães e de sua mulher D. Custodia de Menezes, filha de Gaspar Pereira, o velho. Vide fl...

retro, n. 9. De Pedro de Freitas e de sua mulher D. Mariana de Vasconcellos foi filho :

4. Lucas Pinto Coelho, que se segue, batizado a 18 do Janeiro de 1694, padrinhos Lucas Pinto Coelho e Anna Maria, sua mulher.

N. 4. Lucas Pinto Coelho, filho de D. Mariana de Vasconcellos e seu marido Pedro de Freitas, cazou na igreja de S. Pedro dos Clerigos da Bahia a 18 de Outubro de 1728, com D. Apolonia Pereira, filha de Jozé Pacheco Freire e de sua mulher D. Mariana da Silva, a fl..., n. 12, e teve filho :

5. Jozé Pereira Pinto, batizado em Pirajá, a 8 de Setembro de 1730. Seu avô materno Jozé Pacheco Freire, filho de João Monteiro Freire ; e sua avó materna D. Mariana da Silva, filha do capitão Antonio Pereira Soares e de sua mulher D. Mariana da Silva.

O capitão Miguel Telles Barreto, filho de D. Felippa de Sá e de Valentim de Faria de Vasconcellos, cazou com D. Jeronima Corrêa, (1) filha de Pedro Vaz Corrêa, a quem el-rei fez merçe do fôro de fidalgo pelos relevantes serviços, que fez na India, e de sua mulher Felippa de Santiago, filha de Thomé Fernandes Baião e de sua mulher Leonor Dias ; teve Miguel Telles da dita sua mulher os filhos seguintes :

1. Antonio Moniz Telles, cazado com D. Arcangela de Mello de Vasconcellos, a fl..., n. 5. Faleceu em Julho de 1688. D. Antonia de Menezes, mulher d'este, era filha de Manoel Telles de Menezes e de sua mulher D. Izabel de Mariz.

2. Francisco Moniz Barreto, cazado com D. Antonia de Menezes, com filhos, Angela de Menezes, mulher do capitão Roberto da Silva e Henriques Baldez.

3. Diogo Moniz Telles, que faleceu solteiro.

4. D. Felippa de Menezes, segunda mulher do capitão Manoel Girão (2) e depois de Sebastião de Torres, e d'este teve filho o doutor Francisco Telles de Menezes, ou Barreto a fl..., n. 23.

---

(1) Faleceu esta a 26 de Agosto de 1661 ; sepultada no collegio.
(2) Cazaram em Matuim a 16 de Novembro de 1618.

N. 1. Antonio Moniz Telles, filho do capitão Miguel TellesBarreto e de sua mulher D. Jeronima Corrêa; foi capitão e sargento-mór, cazou com D. Archangela de Mello de Vasconcellos, filha de Francisco Lopes Girão, o segundo d'este nome a fl..., ns. 1 e 5., e de sua mulher D. Francisca de Perada, filha de Francisco de Betencourt a fl..., e de sua mulher D. Archangela de Mello de Vasconcellos. De Antonio Mariz Telles e de sua mulher D. Archangela, foram filhos:

5. O coronel Miguel Telles Barreto, que se segue.

6. D. Ursula de Menezes Vasconcellos, mulher do capitão Marcos de Betencourt Vasconcelos, sem sucessão.

7. D. Jeronima Telles de Menezes, mulher do capitão-mór Matheus Pereira Girão, e depois de Antonio de Castro de Souza Brito, e de nenhum teve filhos.

8. D. Maria Telles de Menezes, mulher de Jeronimo Girão, sem filhos.

9. D. Luiza Telles de Menezes, mulher de Manoela Ferreira de Souza, a fl..., n. 20, batizada no Monte a 20 de Janeiro de 1678.

Segunda vez cazou o sargento-mór Antonio Moniz Telles com D. Ignez dé Souza, viuva tambem de Amaro Homem de Almeida, e nem d'esta teve filhos; e era esta D. Ignez de Souza filha de Ignacio Ferreira de Souza.

N. 5. Miguel Telles Barreto, filho do capitão Antonio Moniz Telles e de sua mulher D. Arcangela de Mello de Vasconcellos (1) cazou com D. Elena Telles de Menezes, filhos:

10. Arcangela Telles de Menezes.

11. Antonio Moniz Barreto.

12. Maria Telles de Menezes.

N. 10. D. Luiz Telles de Menezes, filha do capitão Antonio Moniz Telles e de sua mulher D. Arcangela de Mello de Vasconcellos cazou com Manoel Ferreira de Souza (2) filho de Ignacio Ferreira de Souza e de sua mulher

---

(1) Cazaram na capella da Conceição do Monte a 4 de Outubro de 1693. E foi coronel.

(2) Cazaram na capella da Conceição da freguezia do Monte a 8 de Dezembro de 1699. Pelo conego Sebastião do Vale Pontes, fl..., n. 7

D. Margarida de Menezes, filha de Antonio Coelho Pinheiro, homem nobre, familiar do santo officio, e de D. Ignez de Menezes, filha de Henrique Moniz Telles, fidalgo da caza real e irmão do alcaide mór Duarte Moniz Barreto, e Jeronimo Moniz Barreto, o velho. Teve D. Luiza Telles de seu marido Manoel Ferreira de Souza os filhos seguintes :

13. Ignacio Ferreira de Souza, cazado com D. Antonia Moniz Barreto, filha do dezembargador Francisco Telles Barreto e de sua mulher D. Maria de Vasconcelos sem filhos.

14. D. Arcangela Telles, faleceu solteira.

15. D. Luiza Violante Barreto, cazada com Jozé Pereira de Souza, sem sucessão.

16. D. Margarida Telles de Menezes.

17. D. Ignacia de Souza.

18. D. Eugenia de Souza.

19. Gonçalo Ferreira de Souza, cazado com D. Anna Maria de Jezus, sem sucessão.

20. Sargento-mor Antonio Moniz de Souza Barreto, cazado com D. Catharina de Goes de Souza, que até o prezente não teve filhos.

N. 4. D. Felippa de Menezes, filha do capitão Mi guel Telles Barreto e de sua mulher D. Jeronima Correa, cazou segunda vez com Sebastião de Torres, e d'este teve filho :

21. O doutor Francisco Telles de Menezos, ou Barreto, cazado com D. Maria de Vasconcellos de Menezes, a fl.., n. 23, filha de Gaspar Telles de Menezes e de sua mulher D. Berta de Oliva, e ahi a sua descendencia.

22. O doutor Miguel Telles Barreto.

23. D. Clara.

24. Manoel Telles Barreto.

N. 2. Francisco Moniz Barreto, filho do capitão Miguel Telles Barreto e de sua mulher D. Jeronima Corrêa, * foi fidalgo da caza real, e cazou com D. An-

* Cazaram no Socorro a 8 de Maio de 1670. Faleceu em Julho de 1688:

tonia de Menezes, filha de Manoel Telles de Menezes e de sua mulher D. Izabel, e teve filhos:

D. Angela de Menezes, mulher do capitão Roberto da Silva Henriques Baldez:

D. Jeronima de Menezes, cazada.

Segunda vez cazou com D. Francisca de Araujo * filha de Fernão Pereira do Lago e de sua mulher Sebastiana de Queiroz, e teve d'esta filho unico:

Egas Moniz Barreto, cazado com D. Ignez Telles.

Terceira vez cazou Francisco Moniz Barreto com D. Maria Telles, filha de Francisco Moniz Telles e de sua mulher D. Izabel Garcia, e teve filhos:

D. Maria de Menezes, cazada com

Francisco Barreto, que faleceu solteiro.

CORREIAS DE SOUZA

Vital Correia de Souza, homem fidalgo, natural do reino, passando ao Brazil, cazou no Cairu com D. Maria de Alpoim, filha de D. Theodozio Cabral de Mello, governador, que foi da ilha da Madeira, que passaram para essa terra, onde cazaram e tiveram os filhos seguintes:

1. Frei Felippe, religiozo franciscano.
2. Domingos de Alpoim, que cazou no Camamú.
3. D. Maria de Alpoim, que se segue.
4. Bernardo Cabral de Mello, que faleceu solteiro.
5. José Cardozo de Mello, adiante.
6. Izabel Correia, ao depois.

N. 3. D. Maria de Alpoim, filha de Vital Correa de Souza e de sua mulher D. Maria de Alpoim, cazou com Miguel Cardozo, e teve filho:

7. Francisco Cardozo de Alpoim, que se segue.

N. 7. Francisco Cardozo de Alpoim, filho de Miguel Cardozo e de sua mulher D. Maria de Alpoim, cazou com D. Luiza de Mello, filha do licenceado João Pinheiro de

* Cazaram no Monte a 12 de Junho de 1675.

Lemos e de sua mulher D. Elena de Mello, como fica a fl..., n. 4 e seg. e teve filhos:

8. Frei João Batista e frei Francisco de Jezus Maria Cairú, que foi lente de teologia no convento da Bahia e ambos religiozos franciscanos.

9. F. cazada no Cairú.

10. Jozé Cardozo de Mello, que se segue, João e Bernardo, que faleceram sem estado.

N. 10. Jozé Cardozo de Mello, filho de Francisco Cardozo de Alpoim e de sua mulher Luzia de Mello, cazou com Joana Maria do Sacramento, filha legitima do capitão-mór Bernardino Pessoa de Almeida e de sua mulher Agueda Corrêa de Sá.

11. Joaquim Cardozo de Mello.

11. Frei Jozé de S. Bernardo, religiozo de S. Francisco.

12. João Cardozo, clerigo.

12. Jozé Caetano Vasco de Mello, cazado com D. Francisca Xavier de Macedo, e teve filhos D. Ricarda e Silvestre Cabral.

12. Francisco Cardozo de Mello, cazado com D. Anna Maria de Jezus, filha de Simeão de Araujo e de sua mulher D. Izabel Côrte-Real, e teve filhos: D. Joana Maria e Jozé Bernardo.

N. 6. Izabel Corrêa de Mello, filha de Vital Corrêa de Souza e de sua mulher D. Maria de Alpoim, foi cazada com João Coelho, homem principal da ilha São-Miguel, e teve filhos:

13. Frei João do Espirito Santo, religiozo franciscano, que faleceu no convento do Cairú, donde se fez conventual, com muitos annos de idade.

14. O padre Jozé, clerigo secular.

15. D. Ursula, religioza na ilha de São-Miguel.

16. Vital Correa de Souza, que se segue.

N. 16. Vital Correa de Souza, filho de Izabel Correa de Souza e de seu marido João Coelho, cazou no Cairú, donde era natural, com D. Maria de Jezus, * filha de

---

* Cazaram a 23 de Agosto de 1693.

Jozé Luiz de Espinola e de sua mulher D. Serafina de Oliveira, natural de Boipeba, e Jozé Luiz de Espinola era filho de Zeno Luiz de Espinola e de sua mulher D. Izabel, filha de Henrique Luiz de Espinola, ou Espinha, a fl..., n. 5 e seg. De Vital Correa e de sua mulher D. Maria de Jezus foram filhos:

17. D. Ursula das Virgens, que se segue.

18. O padre Jozé Luiz de Souza, capelão do regimento novo de Santa Graça, e o padre Ambrozio Correia de Souza, vigario que foi de Paripe, e D. Maria que faleceu menina.

N. 15. D. Ursula das Virgens, filha de Vital Correa de Souza e de sua mulher D. Maria de Jezus, cazou com Manoel Gomes da Silva, natural do Porto, terra da feira, freguezia de S. João da Madeira, e teve filhos:

19. Frei Antonio de Santa Ursula, religiozo de S. Francisco da Bahia.

20. Jozé da Conceição.

21. Manoel Gomes da Silva.

22. D. Maria do Rozario.

23. Ursula das Virgens.

24. D. Barbara da Conceição.

25. D. Anna Maria de S. Domingos.

MONIZES DO SOCORRO E FIUZAS

N. 1. **Francisco Moniz de Menezes**, * filho de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, e de sua segunda mulher D. Izabel de Lemos, a fl..., foi fidalgo da caza real e cazou com D. Maria Lobo de Mendonça, filha de Manoel de Freitas do Amaral e de sua mulher D. Victoria de Barros a fl...., n. 6, e teve filhos:

1. D. Victoria de Menezes, mulher de Vasco de Souza, a fl..., e depois de Jeronimo da Cruz, cazou com este a 30 de Abril de 1658.

---

* Faleceu a 1 de Abril de 1674, sepultado na capella-mór da Mizericordia na sepultura de seu avô Francisco de Araujo.

2. Jeronimo Moniz Barreto, que se segue.

N. 2. Jeronimo Moniz Barreto, filho de Francisco Moniz de Menezes, acima, e de sua mulher D. Maria Lobo de Mendonça, cazou com D. Thereza de Souza, (1), filha de Antonio Ferreira de Souza e de sua mulher D. Antonia Bezerra, a fl. 269, e teve filhos:

3. D. Francisca Izabel Barreto de Menezes, que se segue, batizada a 21 de Janeiro de 1666.

4. D. Joana de Souza Barreto, mulher do doutor João de Aguiar Villas Boas, a fl..., n. 5, batizada a 5 de Julho de 1667.

5. D. Eugenia Thereza de Menezes, adiante, batizada a 25 de Setembro de 1687.

6. D. Luiza Jozefa de Menezes, depois. Batizada a 3 de Setembro de 1673.

D. Antonia, que faleceu solteira, batizada a 25 de Abril de 1672.

D. Catharina Barreto de Menezes, batizada a 8 de Março de 1682.

Diogo Moniz Barreto, batizado a 2 de Agosto de 1677.

N. 3. D. Francisca Izabel Barreto de Menezes, filha de D. Thereza de Souza e de seu marido Jeronimo Moniz Barreto, cazou com o capitão Nicoláo Lopes Fiuza, (2) natural de Viana, freguezia de S. Maria Maior, filho d'este capitão Nicolau Lopes Fiuza e de sua mulher Izabel Lopes, o qual Nicolau Lopes Fiuza era viuvo de D. Izabel Maria de Aragão de Menezes, filha do coronel Egas Moniz Barreto e de D. Ignez Barbalho Bezerra, sua mulher, e a sobredita Izabel Maria de Aragão era tambem viuva do coronel Antonio Machado Velho. Não teve a dita D. Francisca Izabel Barreto de Menezes do dito Nicolau Lopes Fiuza filho algum.

Segunda vez cazou esta na freguezia de N. S. da

---

(1) Cazaram na capella do nome de Jezus da freguezia do Desterro a 24 de Junho de 1663, e os recebeu o padre frei Francisco de Souza, religiozo do Carmo, irmão do pai da nubente.

(2) Cazaram-se a 2 de Janeiro de 1707; sendo consorcio celebrado pelo vigario de S. Pedro Velho da Bahia doutor Francisco Pinheiro Barreto.

Ajuda da Bahia a 1 de Novembro de 1713, esta com o capitão de infantaria pago Francisco Moniz Barreto, fidalgo da caza real, e natural da ilha Terceira, filho de Guilherme Moniz Barreto, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Maria Faleiro, teve d'esse segundo marido os filhos seguintes:

7. D. Leonor Maria da Silva Corte-real, que se segue.

8. D. Mariana Antonia Corte-real, que vive solteira recolhida no convento do Desterro.

N. 7. D. Leonor Maria da Silva Corte-real, filha de D. Francisca Izabel Barreto de Menezes e de seu marido o capitão Francisco Moniz Berreto, cazou * com Martinho Affonso de Mello, natural da villa de Maragogipe, que a tirou por justiça, o qual era filho do sargento-mór Jozé Pereira da Cunha e de sua mulher D. Ignacia Pereira de Mello, natural da Bahia, e tiveram filhos:

9. D. Anna Maria de Mello, que se segue.

10. D. FranciscaIzabel Barreto de Menezes,adiante.

11. Jozé Manoel de Menezes Corte-real Sobrinho.

12. Martinho Francisco de Menezes Corte-real, solteiro.

N. 9. D. Anna Maria de Mello Corte-real, filha de D. Leonor Maria da Silva, e de seu marido Martinho Affonso de Mello, cazou com seu parente Antonio Galas da Silva, filho de Diogo Moniz da Silva da Silveira e de sua mulher D. Anna Maria da Fonseca, e foram dispensados not erceiro gráo de consanguinidade, e tiveram filhos:

13. Francisco Joaquim da Silveira.

14. Gonçalo Jozé Galas da Silveira.

15. Joana Senhorinha de Menezes Corte-real.

16. Diogo Muniz Barreto da Silveira.

17. Maria Francisca de Menezes Corte-real.

18. Victorino Moniz Barreto da Silveira.

Todos menores em 1770.

* Cazaram na capella da ordem terceira do Carmo a 12 de Dezembro de 1736 com licença do cabido pelo coadjutor Jorge Francisco de Souza.

N. 10. D. Francisca Izabel Barreto de Menezes, filha segunda de D. Leonor Maria da Silva Corte-real e de seu marido Martinho Affonso de Mello, cazou com Martinho Moniz Barreto, filho de Diogo Moniz da Silveira, e de sua mulher D. Anna Maria da Fonseca, e foi tambem dispensado no terceiro gráo de consanguinidade, por ser irmão de Antonio Galas, acima, e teve filhos :

19. D. Margarida Francisca de Menezes Corte-real.

20. Antonio Jozé Moniz Barreto.

22. D. Luïza Thereza de Menezes.

N. 5. D. Eugenia Thereza de Menezes, filha de D. Thereza de Souza e de seu marido Jeronimo Moniz Barreto, n. 2, cazou com o sargento mór João Lopes Fiuza,* cavaleiro professo na ordem de Christo, natural de Ponte de Lima, villa de Viana, filho de Sebastião Fiuza e de sua mulher Izabel Lopes ; e teve filhos :

22. João Lopes Fiuza Barreto, que se segue: batizado na sé a 12 de Outubro de 1714.

23. D. Thereza Eugenia de Menezes, cazada com o capitão-mór João Felix Machado Soares em Santo-Amaro, e depois com o doutor Francisco Gomes de Sá, e de ambos sem filhos. Batizada a 11 de Maio de 1713, na sé.

24. Jeronimo Moniz, religiozo da companhia e mestre de filozofia, do 4°. voto.

N. 22. João Lopes Fiuza Barreto, filho de D. Eugenia Thereza de Menezes e de seu marido o sargento-mór João Lopes Fiuza, é cavaleiro professo na ordem de Christo, e cazado com D. Luiza Thereza de Sant'Anna, filha do sargento mór Manoel Fernandes da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, homem de negocio n'esta praça, e de sua mulher D. Thereza de Jezus Maria, irman do reverendo thezoureiro da sé da Bahia, o doutor João de Oliveira Guimarães, commissario do santo officio, e da bulla da cruzada, e provizor do arcebispado. Tem João Lopes por filhos :

25. Manoel Felis Fiuza Barreto, cazado com D. Maria da Gama de Araujo Mello.

---

* Cazaram na Conceição da Praia a 9 de Fevereiro de 1709.

26. João Pedro Fiuza Barreto, cazado com D. Anna, irman de D. Maria, filha do capitão Domingos do Valle e de sua mulher D. Maria da Gama.

27. Jeronimo Moniz Fiuza Barreto.

28. Joaquim Jozé Fiuza Barreto.

N. 6. D. Luiza Jozefa de Menezes, filha quarta de D. Thereza de Souza e de seu marido Jeronimo Moniz Barreto, n. 2; cazou com Antonio Galas da Silveira, * que teve a mercê do habito da ordem de Christo, pelos serviços de seus avós, e não professou por falecer antes de o tomar; e era filho de Lourenço de Oliveira Pita e de sua mulher Agueda Pina Barboza, e para se receberem foram dispensados, e teve filhos:

29. Agueda, Joana e Thereza, que faleceram donzelas.

30. Diogo Moniz da Silveira, que se segue.

N. 30. Diogo Moniz da Silveira, filho ultimo de D. Luiza Jozefa de Menezes e de seu marido Antonio Galas da Silveira, cazou com D. Anna Maria de Afonceca, filha do capitão Antonio Diniz de Macedo, e de sua mulher D. Virginia da Fonseca, filha do sargento-mór Francisco Pinto da Fonseca Deça, e teve filhos:

31. Jozé Telles Moniz Barreto, solteiro.

32. Antonio Galas da Silveira, cazou com D. Anna Maria de Mello, filha de Martinho Alonso de Mello, n. 9.

33. Martinho Moniz Barreto, cazado com D. Francisca Izabel Barreto, filha do sobredito Martinho Affonso.

N. 34. Diogo Moniz da Silveira, cazou com D. Margarida Jozefa de Almeida Calmon, filha de João Calmon e de D. Ignacia de Nazareth, dispensados no parentesco por ser o dito Diogo primo co-irmão de sua espoza, e até este anno de 1770 não teve filhos:

35. Luiz Antonio Moniz da Silveira, cazado; mulher D. Apolonia.

---

* Cazaram na capella do Desterro da freguezia do Socorro a 2 de Fevereiro de 1690, e os recebeu o conego Pedro de Teive, sendo testimunhas o sargento mór Egas Moniz Barreto e o capitão Bartolomeu Vabo, e vigario João Ribeiro de Souza.

Segunda vez cazou com o capitão Martinho Ribeiro, sem filhos.

36. Martinho Moniz Barreto, cazado com sua prima segunda D. Francisca Izabel.

37. D. Maria Gertrudes, D. Anna Maria, donzelas.

Fr. Carlos de S. Bartolomeu, religiozo menor na Bahia.

N. 33. Marinho Moniz Barreto, filho de Diogo Muniz da Silveira, n. 30, e de sua mulher D. Anna Maria da Fonseca, cazou com sua prima segunda D. Francisca Izabel Barreto de Menezes, filha de D. Leonor da Silva Côrte-Real e de seu marido Martinho Affonso de Mello, e foram dispensados no 3°. gráo, e teve filhos :

38. Margarida Francisca de Menezes Côrte-Real.

39. Antonio Jozé Moniz Barreto.

40. D. Luiza Thereza de Menezes.

N. 35. Luiz Antonio Moniz da Silveira, filho de Diogo Muniz da Silveira e de sua mulher D. Anna Maria da Fonseca, cazou com D. Apolonia de Jezus Maria, filha do capitão Francisco de Souza Santos e de sua mulher Maria Leite, e teve filhos:

4. D. Antonia, D. Maria Joaquina, D Anna, Pedro e Franciso.

Miguel Moniz Barreto Filho, cazou com D. Ursula Paes de Azevedo, a fl..., n. 6 ; (1) e teve filho :

O licenciado Jozé de Menezes, que cazou com D. Mariana de Menezes filha de Martim Affonso de Mendonça e de sua segunda mulher D. Joana Barboza, a fl. n. 21, e fl... n. 21.

Miguel Moniz Barreto, filho d'este licenciado Jozé Telles de Menezes, cazou a primeira vez (2) com D. Luiza Moreira, e a segunda com D. Maria Barboza de Amorim, natural do Monte, e filha do sargento-mór Thomaz Ferreira da Cunha e de sua mulher D. Francisca de Freitas, dispensados no 4.° gráo

(1) Veja-se nos Monizes á fl. . n. 4 e fl. .., n. 6.
(2) Cazaram a 5 de Fevereiro de 1725.

ARAUJO E AZEVEDO

Gaspar de Araujo de Azevedo, era natural do arcebispado de Braga, e filho de Gonçalo Coelho de Araujo e de sua mulher D. Catharina Barboza, foi capitão; e cazou com D. Izabel Barboza, filha do capitão Belchior Brandão Pereira, a fl..., n. 13, e de sua mulher D. Izabel Barboza, e teve filhos:

1. D. Catharina de Araujo de Azevedo, segunda mulher de Antonio Barbalho da Franca, a fl...
2. D. Roza Maria de Araujo, que se segue.

N. 2. D. Roza Maria de Araujo, acima, cazou com o capitão-mór das conquistas Antonio Gomes de Sá, e teve filhos:

3. D. Antonia Thereza de Sá, mulher do capitão Pedro Marinho de Sá, a fl. .., n. 3., e ahi o mais.
4. Calisto Gomes de Sá, coronel, solteiro.
5. Gaspar de Araujo de Azevedo, clerigo, doutor.
6. Francisco Gomes de Sá de Araujo, doutor, cazado com D. Thereza Eugenia, sem filhos.
7. Antonio Gomes de Sá, que se segue.
8. Jozé David, religiozo da companhia, que sahindo de lá para clerigo, e indo para o reino, faleceu lá o anno passado de 1770.

N. 7. Antonio Gomes de Sá, filho do capitão-mór das conquistas Antonio Gomes de Sá e de sua mulher D. Roza Maria de Araujo, é mestre de campo, e cazado com D. Francisca, filha de Francisco da Rocha Pita e e de sua segunda mulher D. Leonor Pereira Marinho, viuva de Thomé Pereira Falcão, o moço, e teve filhos, a fl..., n. 61 e fl..., n. 7.

SA MACHADO

N. 1. Francisco de Sá, passou á Bahia com sua mulher Maria Machado, e eram naturaes de Ruivães, freguezia de S. Martinho do Campo, e trouxe comsigo seu filho:

2. Estevão Machado de Sá, que se segue.

N. 2. Estevão Machado de Sá, filho de Francisco de Sá e de sua mulher Maria Machado, cazou na Bahia com D. Antonia de Faria, natural da freguezia de Santiago de Iguape (1), filha de Francisco Rabelo de Macedo, da villa de Guimarães, freguezia de Nossa Senhora da Oliveira, e era filho de Antonio Rabelo de Macedo e de sua mulher Violante de Faria, e Francisco Rabelo de Macedo cazado no Iguape com Izabel Brandão, filha de Braz Rabelo Falcão, e de sua mulher Izabel Brandão, a fl. .., n. 3. e teve filhos :

3. Pedro Marinho, que se segue.

4. Frei David dos Reis, religiozo de S. Francisco e mestre na sua religião, faleceu a 20 de Outubro de 1758.

N. 3. Pedro Marinho, (2) filho de Estevão Machado de Sá e de sua mulher D. Antonia de Faria, cazou com D. Antonia Thereza de Sá, filha do capitão-mór de conquistas Antonio Gomes de Sá e de sua mulher D. Roza Maria de Araujo, filha do capitão Gaspar de Araujo de Azevedo, a fl... , n., e de sua mulher D. Izabel Barboza, e teve filhos :

5. Pedro Nolasco, que se segue.

6. D. Catharina, mulher de Manoel Fernandes da Costa.

7. D. Francisca Thereza, religioza no convento do Desterro.

8. D. Ignacia, mulher de Antonio da Rocha Pita, a fl. .., n. 4.

TRINXÃO

Manoel Trinxão Pinto, cazado com Catharina Moniz, naturaes ambos da villa de Boipeba, arcebispado da Bahia, e era a dita Catharina Moniz irman do conego Antonio da Rocha Moniz, filho de Diogo da Cunha Trinxão, adiante a fl. .., e de sua mulher Natalia Pinto.

(1) Cazou na freguezia de Santiago a 6 de Dezembro de 1691—em Iguape.

(2) Faleceu a 27 de Janeiro de 1770.

1. Diogo da Cunha Trinxão, sargento-mór cazado com D. Catharina Dça, que se segue

2. Ignacio da Cunha Trinxão, cazado com Maria Pereira da Cunha, irman do vigario Antonio de Souza de Brum.

3. Paulo da Cunha Trinxão, avô de frei Jozé de S. Rita, carmelita.

4. Jozé da Cunha Trinxão, cazado com Antonia da Silveira.

5. D. Maria da Cunha, primeira mulher do alcaide mór dos Ilheos Bartolomeo de Souza Deça, a fl. .., n. 24.

6. D. Joana Trinxão, primeira mulher de Francisco de Souza, irmão de Bartolomeu de Souza Deça, acima, e a fl. .., n. 25.

N. 1. Diogo da Cunha Trinxão, filho de Manoel Trinxão Pinto, acima, foi sargento mór, e cazou com D. Catharina Deça, filha de Francisco de Souza Deça, natural dos Ilheos, e de sua mulher D. Ursula da Fonseca, natural da villa do Cairú, e teve filhos.

7. Manoel Trinxão Pinto, clerigo.

8. Prudente Deça ou frei Prudente do Sacramento, religiozo de S. Francisco.

9. Antonio de Castro Trinxão, capitão, cazado com Joana Maria da Luz.

10. Vicente da Cunha Trinxão, cazado com D. Francisca, filha de Miguel Coutinho de Castro; e segunda vez com D. Margarida, sobrinha de frei Cipriano de S. Julião, religiozo de S. Francisco.

11. Agostinho Trinxão, solteiro.

12. Christovão da Cunha Trinxão, vigario.

13. Apolonia da Cunha, mulher de Manoel Trinxão, com filhos :

14. D. Maria Magdalena, mulher de Jozé Moniz Paiva, com filhos.

15. Leonor, mulher do alcaide mór João Vieira de Azevedo, com filha.

N. 2. Ignacio da Cunha Trinxão, filho de Manoel Trinxão Pinto, o 1.° acima, e de sua mulher Catharina Moniz, cazou com Maria Pereira da Cunha, irman do vigario Antonio de Souza de Brum, e teve filhos.

16. Manoel Trinxão de Brum, cazado com a filha de Joaquim de Afonceca, sem filhos e segunda vez cazou com D. Clara Maria, filha do sargento-mór Paulo de Araujo de Afonceca, da qual teve filhos.

17. Theotonio da Cunha Trinxão, cazado segunda vez com D. Antonia de Mello, filha de Jozé de Mello Varejão, e teve filhos.

18. Bartolomeo da Cunha Trinxão, capitão, e cazado com a filha do sargento mór Francisco Pinto de Faria, com filhos.

19. D. Maria da Cunha, mulher de Fernão Ribeiro de Souza, sem filhos.

N. 6. D. Joana Trinxão, filha de Manoel Trinxão Pinto e de sua mulher Catharina Moniz, foi cazada a primeira vez com Francisco de Souza Deça, filho de Francisco de Souza Deça, a fl. .., n. 25, e de sua mulher D. Ursula da Fonseca, e teve filhos.

20. Sebastião de Souza Deça, cazado com D. Maria Garcez, filha do sargento mór Francisco Pinto de Faria, sem filhos.

21. Bartolomeo de Souza Deça, cazado com a filha de Francisco Moniz Barreto Corte-Real, com filha.

22. Francisco de Souza Deça, cazado com D. Maria, filha do coronel João de Couros Carneiro, sem filhos.

23. D. Paula, cazada com seu primo-irmão Gaspar Pinto Deça, sem filhos.

24. D. Angela, cazada com Jozé Coutinho de Goes, com filhos.

25. D. Maria, cazada com Martinho de Freitas, com filhos, e D. Fabiana, que faleceu solteira. Segunda vez cazou com D. Joana Trinxão.

26. Jozé Francisco Moniz, cazado com a filha do sargento-mór Gonçalo de Araujo de Azevedo.

27. Martinho Pinto Deça, sacerdote,

28. Braz da Fonseca Deça, cazado com a filha do capitão João de Araujo Coutinho.

29. Bernardo Moniz Deça, sargento-mór, cazado com a filha de Antonio de Freitas de Mello, com filhos.

30. Joaquim de Souza Deça, cazado com a filha de

João Antonio, com filhos. E segunda vez com a filha de Manoel Cardozo.

Diogo da Cunha Trinxão, foi cazado com Natalia Pinto de Faria, e teve filhos

Manoel Trinxão Pinto, que cazou com Catharina Moniz, e teve filhos.

D. Margarida da Cunha, cazada com Antonio de Barros, filho de Gaspar de Barros de Magalhães e de sua mulher D. Antonia de Gambôa, a fl..., n. 3, e ahi a sua descendencia.

MONTEIROS

André Monteiro de Almeida, (1) morador em São-Miguel de Cotegipe, arcebispado da Bahia, foi cazado com Victoria de Barros, (2) filha de Manoel de Paredes e de sua mulher D. Paula de Barros, filha de Gaspar de Barros de Magalhães, a fl..., n. 6, e teve filhos :

1. Bento Monteiro Freire, que se segue, batizado na sé a 26 de Março de 1600.

2. Maria Monteiro, mulher de Marçal, ou Marcelino Pacheco, a fl..., n. 4.

3. Francisco Monteiro, que já fica a fl..., n. 11.

4. André Monteiro de Barros, que cazou com D. Angela, filha de Matheus de Aguiar Daltro, a fl..., n. 16.

5. Salvador Monteiro de Almeida, no fim.

N. 1. Bento Monteiro Freire, filho de André Monteiro, acima, cazou duas vezes ; a primeira com Elena Pacheco, (3) filha de Gaspar Fernandes da Fonseca e de sua mulher Micia Pacheco de Barbuda, a fl..., n. 10, e teve filhos.

5. João Monteiro Freire, batizado a 1 de Maio de 1622.

---

(1) Faleceu a 7 de Novembro de 1610, Sepultado em São Francisco.

(2) Cazaram a 31 de Janeiro de 1599.

(3) Cazaram na sé em Dezembro de 1620, e tomaram as bençãos em Cotegipe a 24 de Fevereiro de 1621, e faleceu elle a 3 de Agosto de 1642. Sepultado em S. Francisco.

6. Gaspar Monteiro Freire, batizado a 27 de Janeiro de 1628.

7. Apolonia, batizada ao 1°. de Abril de 1630.

8. Antonio, batizado a 15 de Agosto de 1632.

9. Manoel, batizado a 15 de Maio de 1636.

Jeronimo Monteiro.

Segunda vez cazou Bento Monteiro com Suzana Pereira, (1) a qual era tambem viuva de Melchior Barboza, do qual teve uma filha por nome Marta, batizada em São-Miguel de Cotegipe a 11 de Março de 1632, e cazou com Simeão de Araujo de Goes, o moço, a fl..., n. 16, e ahi a sua descendencia. De sua segunda mulher Suzana Pereira teve Bento Monteiro filhas.

10. Apolonia, batizada a 14 de Setembro de 1639, e cazou com Paulo de Carvalhal, a fl. . . , n. 6, e ahi o o mais : cazaram a 2 de Fevereiro de 1655.

11. D. Mariana, mulher de Antonio Rabelo, o Panica.

N. 5. João Monteiro Freire, (2) filho de Bento Monteiro Freire, n. 1, e de sua primeira mulher Elena Pacheco, cazou com D. Maria Barboza, filha de Melchior Barboza Pacheco e de sua mulher D. Suzana Pereira, que depois de viuva cazou, e foi segunda mulher de Bento Monteiro Freire, acima, n. 1, e pai d'este João Monteiro Freire. Teve este filhos :

12. Jozé Pacheco Freire, que se segue.

13. D. Elena, mulher de Francisco de Freitas de Magalhães, filho de Gaspar Pereira de Menezes, a fl. . ., n. 101.

14. O capitão Bento Monteiro Freire, cazado com D. Francisca da Silva, viuva do capitão Antonio Pereira Soares.

15. D. Luzia Pereira, mulher de Manoel Alvares, o velho, com filhos.

16. D. Antonia Freire, mulher de Estevão Telles.

17. D. Maria Freire e Baltazar Barboza.

---

(1) Cazaram a 28 de Outubro de 1638, em Cotegipe na capella de Santa Luzia. Era esta Suzana Pereira filha de João da Rocha de Andrade e de sua mulher D. Marta Pereira.

(2) Faleceu a 15 de Outubro de 1672, e foi sepultado em São Francisco.

N. 12. Jozé Pacheco Freire, filho de João Monteiro Freire, n. 5, e de sua mulher D. Maria Barboza, cazou com D. Mariana da Silva, filha do capitão Antonio Pereira Soares e de sua mulher D. Mariana da Silva, e teve filhos.

18. D. Apolonia Pereira, batizada a 15 de Abril de 1695, que cazou com Lucas Pinto Coelho, a fl. .., n. 4, e ahi a sua descendencia.

N. 6. Gaspar Monteiro Freire, filho de Bento Monteiro Freire, n. 1, cazou com D. Brites Aires, filha de Antonio Cordeiro Aires e de sua mulher Izabel do Rego, a fl. .., n. 1 e 9.

N. 8. Antonio Monteiro Freire, filho de Bento Monteiro Freire, n. 1, e de sua primeira mulher Elena Pacheco, cazou com Margarida Cordeiro, filha do sobredito Antonio Cordeiro Aires, e teve filha :

19. D. Antonia Barboza.

N. 9. Salvador Monteiro de Almeida, filho de André Monteiro de Almeida e de sua mulher Victoria, e teve filhos.

20. João Monteiro Lobo cazado com D. Leonarda de Menezes a fl.

21. Manoel Monteiro Lobo.

ROCHA, SA E SOTOMAIOR

Diogo da Rocha de Sá, o 1°. aqui.

Manoel de Sá Soutomaior, foi provedor da alfandega da Bahia, e cazado com Elena de Argollo, a fl. .. E era irmão de Diogo da Rocha de Sá, que aqui se segue, e naturaes da villa de Viana, Foz de Lima, dos Sás e Soutomaiores, e filhos legitimos de Leonardo de Sá Soutomaior, pessoas nobres e de familias principaes do reino de Portugal, donde se passaram para a Bahia nos principios de sua fundação, e n'ella cazou Diogo da Rocha de Sá com D. Ignez Barreto, irman do alcaide-mór Duarte Moniz Barreto, e filhos ambos, com outros mais, que já ficam a fl..., n. 1, e seus filhos e filhas com outros mais de Egas

Moniz Barreto ahi a fl. .., n. 1 e seg, e n'ella cazou Diogo da Rocha de Sá (1) e teve filhos :

1. Mem de Sá, que se segue.
2. D. Felippa de Sá, adiante.
3. Diogo da Rocha de Sá, ao depois.

N. 1. Mem de Sá, filho de Diogo da Rocha de Sá e de sua mulher D. Ignez Barreto, cazou com D. Maria Barboza, (2) filha de Francisco de Barbuda, o velho, cavalleiro da caza de el-rei, e de sua segunda mulher Maria Barboza, que era irman inteira de Gaspar Dias Barboza Mello, e teve no decurso de 21 annos, que viveram cazados, os filhos seguintes :

4. Diogo da Rocha de Sá, cazado com Catharina Barboza, viuva de Paulo da Rocha. Batizado a 7 de Dezembro de 1599. Padrinhos Francisco de Barbuda e Micia Barbuda Pacheco, sua tia.
5. D. Escolastica, mulher do capitão Gaspar Maciel, adiante.
6. Francisco da Rocha, cazado com D. Antonia Telles, com filhos.
7. D. Antonia de Menezes, mulher do capitão Diogo Pacheco de Castro, com filhos.

N. 4. Diogo da Rocha de Sá, filho de Mem de Sá e de sua mulher D. Maria Barboza, cazou com sua prima Catharina Barboza, e foram dispensados no 3°. grào de consanguinidade, por ser filha de Gaspar Dias Barboza, o moço, que era filho de Gaspar Dias Barboza, o velho, irmão de sua avó Maria Barboza, cazada com Francisco de Barbuda, pai de D. Maria Barboza, sua mãi. De Diogo da Rocha, aqui, e de sua mulher Catharina Barboza foram filhos :

◄ N. 6. Francisco da Rocha de Sá, filho de Mem de Sá, n. 1, e de sua mulher D. Maria Barboza, cazou com

---

(1) Consta o referido de sua justificação, feita no anno de 1645, na villa de Viana por Martim de Sá Soutomaior, bisneto de Diogo da Rocha de Sá, perante o juiz de fóra da dita villa o Dr. Manoel da Silveira Corrêa, cuja cópia a tem em seu poder Luiz Moniz de Souza, forriel do regimento de cavallaria com os alvarás dos seus fóros.

(2) Cazaram na freguezia da sé, em caza, com licença do prevedor a 23 de Julho de 1595. Faleceu essa Maria Barboza a 8 de Setembro de 1622. sepultada em Nossa Senhora da Ajuda.

D. Antonia Telles, a qual era cunhada de Luiz Alvares Franco, e teve filhos:

D. Mariana de Menezes.
D. Joana de Menezes.
Diogo Moniz de Sá.
Pedro Moniz Telles.
Sotero Telles de Menezes.

MACIEL E SA'

N. 6. Diogo de Sá Soutomaior, filho unico de D. Escolastica de Sá, n. 5, e de seu marido Gaspar Maciel, capitão de mar e guerra, cazou com D. Guiomar da Rocha, primeira mulher, e teve filhos:

7. Gonçalo de Sá Soutomaior, que foi coronel, cazado com D. Anna Corrêa Dantas, sem filhos.

8. Gaspar Maciel de Sá, que se segue.

9. Leonardo de Sá Soutomaior capitão, e cazado com D. Clara Soares, filha de João Soares Brandão e de D. Maria de Souza.

10. Mendo de Sá Soutomaior, cazado com D. Mariana.

11. D. Maria de Sá, mulher do coronel Gaspar Barboza de Araujo, com filhos.

12. D. Francisca de Sá, cazada com Timoteo Fagundes ou Manoel, ao depois.

13. D. Ignez Barreto, mulher de Diogo da Costa, com sucessão ; adiante.

14. D. Escolastica de Sá, cazada com Rodrigo de Mello, com filhos.

Segunda vez cazou Diogo de Sá Soutomaior com D. Francisca Barbalho, filha de Antonio Ferreira de Souza, filho de Euzebio Ferreira e de sua mulher Catharina de Souza, a fl..., n. 5 e 18 : cazaram na capela do Bom Jezus do Socorro no 1° de Dezembro de 1668.

N. 8. Gaspar Maciel de Sá, filho de Diogo de Sá Soutomaior, n. 6, e de sua primeira mulher D. Guiomar

da Rocha, cazou com D. Joana de Souza Barreto, (1) filha do capitão Belchior Barreto e de sua mulher D. Clara de Sonza, filha de Euzebio Pereira, a fl. .., n. 4, e de D. Catharina de Souza, sua mulher, e teve filhos :

15. Diogo de Sá Barreto, que se segue.

16. D. Cordula de Sá Barreto, que cazou com Antonio Cavalcante, a fl..., n. 7.

17. D. Roza Barreto de Sá.

18. Jozé Sotero Maciel de Sá Barreto, coronel, fidalgo da caza real e cavalleiro da ordem de Christo.

19. D. Guiomar Cassilda de Jezus Maria, que vive n'este anno de 1770 no estado de donzela com 96 annos de idade. (2)

20. D. Maria Jozefa de Sá Barreto, faleceu no anno de 1775, sepultada no convento de S. Francisco.

N. 15. Diogo de Sá Barreto, filho de Gaspar Maciel de Sá, n. 8, e de sua mulher D. Joana de Souza Barreto, cazou a primeira vez com D. Joana de Araujo, (3) filha de João Batista Vigri, e de sua mulher D. Joana de Araujo, e teve filho unico :

21. Gaspar Maciel de Sá.

Segunda vez cazou Diogo de Sá Barreto com D. Maria Magdalena de Sá Doria, filha de Antonio Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Ignacia de Menezes de Castro, filha de Francisco de Abreu da Costa Doria, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Anna de Menezes de Castro, e d'este segundo matrimonio não teve filhos, a fl. .., n. 17, e a fl. .., n. 8.

N. 21. Gaspar Maciel de Sá, filho de Diogo de Sá Barreto, n. 15, e de sua primeira mulher D. Joana de Araujo, foi coronel de um regimento de ordenanças, e cazou com D. Antonia Jozefa Gaiozo de Peralta, (4)

---

(1) Cazaram na freguezia do Socorro a 4 de Maio de 1673.

(2) Faleceu em 1775, sepultada no convento de S. Francisco.

(3) Cazaram na freguezia do Socorro na capela de Copacabana a 5 de Maio de 1704.

(4) Cazaram a 30 de Abril de 1730, no oratorio de Nossa Senhora da Conceição, em caza do coronel Jozé Sotero Maciel.

filha do coronel Jozé Gaiozo de Peralta, cavalleiro da ordem de Christo, provedor da caza da moeda da Bahia, e de sua mulher D. Maria Pereira, e teve filhos :

22. Diogo Antonio de Sá Barreto, que se segue.
23. Mendo de Sá, que vive solteiro.

N. 23. Diogo Antonio de Sá Barreto, filho do coronel Gaspar Maciel de Sá, n. 21, e de sua mulher D. Antonia Jozefa Gaiozo de Peralta, cazou com D. Maria Antonia Caetana de Aragão, filha do sargento-mór Manoel de Magalhães de Azevedo, natural de Viana, e de sua mulher D. Agueda Camilo de Aragão, e teve filhos :

24. Gaspar, D. Roza e D. Joana.

N. 16. D. Cordula de Sá Barreto, filha do capitão Gaspar Maciel de Sá, n. 8, e de sua mulher D. Joana Barreto, cazou com Antonio Cavalcante de Albuquerque, (1) filho do capitão Domingos Martins Pereira, da ilha da Madeira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Cavalcante de Albuquerque, que era filha de Francisco de Vasconcelos de Albuquerque, e de sua mulher D. Antonia Lobo, a fl..., n. 7, e teve filhos :

25. O padre Pedro Cavalcante de Sá.
D. Anna, que faleceu solteira a 16 de Fevereiro de 1732. Sepultada no convento de S. Francisco.

N. 2. D. Felippa de Sá, filha de Diogo da Rocha de Sá, o primeiro, e de sua mulher D. Ignez Barreto, cazou com Valentim de Faria Vasconcellos (2), homem forado, e teve filhos :

26. D. Antonia de Sá, mulher de Bento de Brito Castão, a fl...
27. Miguel Telles Barreto.
28. D. Maria de Vasconcellos.

N. 6. Francisco da Rocha de Sá, filho de Mem de Sá, n. 1, e de sua mulher D. Maria Barboza, cazou com D. Antonia Telles, a qual era cunhada de Luiz Alves Franco, e teve filhos :

---

(1) Cazaram na freguezia do Socorro na capela de S. João, a 18 de Maio de 1701.
(2) Sebastião de Faria, diz outro assento.

29. D. Mariana de Menezes.
D. Joana de Menezes.
Diogo Moniz de Sá.
Pedro Moniz Telles.
Soterio Telles de Menezes.

N. 13. D. Ignez Barreto, filha de Diogo de Sá Soutomaior, fl..., n. 6 e de sua primeira mulher D. Guiomar da Rocha, cazou com Diogo da Costa Feo, filho de Diogo da Costa Feo e de sua mulher Mariana da Serra: cazaram a 3 de Março de 1680, na capella de N. S. de Nazareth da cidade da Bahia.

N. 11. D. Maria de Sá, filha de Diogo de Sá Soutomaior, n. 6, e de sua mulher Guiomar da Rocha, cazou com Gaspar Barboza de Araujo, irmão de Paio de Araujo o Par Deus homem, a fl..., e teve filhos:

D. Maria de Sá Barboza, que se segue.
Gaspar Maciel de Sá.

D. Maria de Sá Barboza, filha de Gaspar Barboza de Araujo e de sua mulher D. Maria de Sá, n. 11, cazou com o coronel João Velho Maciel, filho de Claudio Maciel de Andrade e de sua mulher D. Thereza Correa de Vasconcellos, e teve filhos:

D. Anna Ferreira Maciel da Camara, que se segue.
Gaspar Maciel de Araujo, solteiro.
Mauricio Barboza de Araujo, adiante.

D. Francisca Maciel de Sá, mulher de João Pereira de Souza Vale.

D. Victorina Maciel, depois.

D. Christina, cazada com Manoel Fernandes, e depois com Manoel Pereira da Silva.

D. Guiomar da Rocha, mulher de João de Sá.

D. Joana Maciel, adiante.

D. Anna Ferreira da Camara Maciel, filha de D. Maria de Sá Barboza e de seu marido o coronel João Velho Maciel, cazou com Manoel Francisco de Freitas Barreto, filho de Antonio de Freitas de Moraes Barreto e de sua mulher Felippa de Andrade Soares Coitinho, e teve filhos:

Bonifacio Francisco de Freitas Barreto, solteiro.*

Manoel e Jozé Carlos, que, cazados, faleceram sem filhos.

Mauricio Barboza de Araujo, filho de D. Maria de Sá Barboza, n..., e de seu marido o coronel João Velho Maciel, cazou com D. Maria do Prado Pimentel, filha do sargento-mór Antonio Coelho do Prado Pimentel, irmão este de Albano do Prado Pimentel, e teve Mauricio Barboza de Araujo de sua mulher D. Maria do Prado, filhos:

D. Francisca Maciel da Sá, filha de D. Maria de Sá, n. e de seu marido o coronel João Velho Maciel, cazou com o capitão João Pereira do Valle, e teve filha, que cazou com Domingos Dias Coelho de Mello, filho do coronel Domingos Dias Coelho de Mello, familiar do santo officio, e de sua mulher D. Anna de Araujo, filha do coronel Francisco de Araujo e de sua mulher D. Maria de Mello.

D. Joana Maciel, filha de D. Maria de Sá, n..., e de seu marido o coronel João Velho Maciel, cazou com Albano do Prado Pimentel, e teve filhos:

Albano do Prado Pimentel, cazado.

Vicente Jozé do Prado, cazado com a filha do capitão-mór Manoel Dias.

D. Victorina Maciel, filha de D. Maria de Sá, n...,e de seu marido o coronel João Velho Maciel, cazou com o sargento-mór Braz Bernardino Soutomaior, filho do capitão Antonio Dultra de Almeida e de sua mulher D. Bernarda de Sá Soutomaior, filha de Timoteo Fagundes e de sua mulher D. Francisca de Sá, filha de Diogo de Sá Soutomaior, e de sua mulher D. Guiomar da Rocha.

D. Francisca de Sá, filha de Diogo de Sá Soutomaior, n... e de sua mulher D. Guiomar da Rocha, cazou com Timoteo Fagundes, e teve filhos:

---

* Erro, pois é falsa esta narração, não pelo padre que a escreveu, mas sim porque quem deu esta noticia enganou ao dito padre, porque dando um extracto a quem esta noticia escreveu no anno de 1771, e no de 1774 lhe tornou a dar outra noticia differente, entendendo haver deitado fóra a primeira e que se não lembrava d'ella. Este Bonifacio é um mentirozo, que aqui anda similhante ao grande Caim. (*Nota á margem*).

Urbano Pacheco de Sá, cazado com D. Jozefa, e teve filha: D. Francisca

D. Bernarda de Sá Soutomaior, que se segue

Antonio Telles, cazado com D. Benta.

Gonçalo de Sá, cazado.

Francisco Barreto.

Manoel Fagundes.

André da Rocha.

Bernabé de Sá.

D. Roza de Sá.

D. Bernarda de Sá Soutomaior, acima, filha de D. Francisca de Sá e de seu marido Timoteo Fagundes, cazou com o capitão Antonio Dutra de Almeida, e teve filho:

Braz Bernardino Soutomaior, sargento mór, e cazado com D. Victorina Maciel, filha de D. Maria de Sá e de seu marido João Velho Maciel, n. ..

N. 6. Mem de Sá Soutomaior, filho de Diogo de Sá Soutomaior, n. 6, e de sua mulher primeira D. Guiomar da Rocha, foi capitão-mór, cazou com D. Marianna Cecilia da Serra.

D. Roza Maria de Sá, que se segue.

N. D. Roza Maria de Sá, filha do capitão-mór Mem de Sá, n. 10, e de sua mulher D. Mariana Cecilia da Serra, cazou com Egas Moniz Barreto, filho do coronel Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Ignez Thereza Barbalho Bezerra, a fl. ..

O padre Gonçalo de Sá Soutomaior.

O capitão Roque Moniz Barreto, que faleceu solteiro.

Estacio de Sá Moniz Barreto, que se segue.

Egas Moniz Barreto, que faleceu solteiro.

Jozé Sotero Moniz Barreto, cazado em Pernambuco.

Nazario da Roza de Sá Soutomaior, que cazou duas vezes, a primeira com D. Roza Maria Florentina, filha de Manoel Nunes de Vasconcellos e de sua mulher D. Catharina Barboza, e d'esta teve seis filhos, que todos faleceram solteiros, que foram Manoel, Mario, Augusto, Antonio, Roza e Catharina.

Vicente Vasco Jozé, que faleceu solteiro.

D. Antonia Maria Francisca, adiante.

D. Roza Maria de Sá, ao depois.

D. Maria Sofia de Jezus Maciel, adiante.
D. Mariana Cecilia Bezerra, ao depois.

N... Estacio de Sá Moniz Barreto, filho de D. Roza Maria, fl.., n. .., e de seu marido Egas Moniz Barreto, cazou com D. Francisca Xavier de S. Jozé, filha do capitão Telles de Menezes e de sua mulher D. Mariana Bernardina de Mendonça, e teve filhos :

Ramundo.
João.
D. Mariana.
E outros.

N... D. Antonia Maria Francisca, filha de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Roza Maria de Sá, n..., cazou com seu primo Theodoro Moniz Barreto, filho do capitão Theodoro Moniz Barreto, e teve filhos :

D. Izabel.
D. Feliciana.

N. D. Roza Maria de Sá, filha de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Roza Maria de Sá, n. .., cazou com seu primo carnal Felis Jozé da Serra, filho de Theodoro de Sá Soutomaior e de sua mulher D. Maria de Góes, e teve filhos: Cosme, D. Joana, Vicente, Jeronimo, Demetrio. Este Theodoro de Sá Soutomaior era filho do capitão Mem de Sá.

N. D. Maria Sofia de Jezus Maciel, n. .., filha de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Roza Maria de Sá, n. .., cazou com Jozé Sotero, filho de Luiz Corrêa Dantas e de sua mulher D. Joana de Souza, e teve filhos: Luiz, Lourenço, D. Mariana, Jozé.

N. D. Mariana Cecilia Bezerra, filha de Egas Moniz Barreto e de sua mulher D. Roza Maria de Sá, n..., cazou com Gonçalo de Góes de Amorim, ou Telles, filho do tenente-coronel...

BRITO CASSÃO

Bento de Brito Cassão, escudeiro e fidalgo da caza de Sua Magestade por alvará de 21 de Março de 1647. Era natural da villa dos Arcos de Valdevez, arcebispado

de Braga, filho legitimo de Diogo Rodrigues Aranha e de sua mulher Jeronima dos de Guimarães, neto por parte paterna de João Dias Aranha e de sua mulher Francisca Rodrigues Gomes de Araujo, e bisneto de Diogo Anes Aranha, e terceiro neto de João Gonçalves Aranha; e pela parte materna, neto de Belchior Cassão e de sua mulher Leonor dos Guimarães; descendente por seu pai dos Aranhas, e Araujos; e por sua mãi dos Britos, e dos Guimarães. Na Bahia cazou com D. Antonia de Sá, filha de D. Felippa de Sá e de seu marido Valentim de Faria Vasconcellos, a qual D. Felippa de Sá era filha de Diogo da Rocha de Sá e de sua mulher D. Ignez Barreto, a fl..., n. 2 e teve filhos:

1. D. Felippa de Sá, cazada com Felippe de Almeida.

2. Martim de Sá Soutomaior, cazado com D. Paula de Menezes; que se segue.

3. D. Thereza de Brito, adiante, mulher de João de Freitas Madeira.

4. D. Ignez de Brito, mulher de Felippe Soares, filho de Manoel Soares Homem; cazaram a 16 de Fevereiro de 1653.

N. 2. Martim de Sá Soutomaior, filho de Bento de Brito Cassão e de sua mulher D. Antonia de Sá, foi escudeiro e cavalleiro fidalgo da caza real, e cazou com D. Paula de Menezes.

N. 3. D. Thereza de Brito, filha de Bento de Brito Cassão e de sua mulher D. Antonia de Sá, cazou com João de Freitas Madeira, filho de João de Freitas, tabelião n'esta cidade, e de sua mulher Maria de Aguiar, e foi senhor do cano, que chamam ainda agora, de João de Freitas, e teve de sua mulher filhos:

D. Maria de Brito, que se segue.

D. Antonia.

Bento de Brito, que faleceu depois de seu pai.

Antonio de Freitas Telles, que se segue, adiante.

D. Catharina Telles, mulher de Diogo Soares de Atahide.

D. Izabel de Brito.

D. Leonor, que faleceu solteira.

Segunda vez cazou D. Thereza de Brito com Thomé Lobo de Barros, do qual teve filhos :

D. Ignez de Menezes.

D. Francisca de Brito, cazada com Antonio de Freitas Lobo, filho de Bartolomeu de Azevedo Lobo e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos a fl..., n. 29, e 36, sem sucessão, dispensados no 4.° grão.

N. D. Maria de Brito, filha de D. Thereza de Brito e de seu primeiro marido João de Freitas Madeira, cazou com Antonio Soares de Atahide, irmão de Diogo Soares de Atahide, marido de D. Catharina Telles de Menezes, irman esta de D. Maria de Brito, aqui, os quaes Atahides são moradores em Jaguaripe, e pessoas foradas : d'esta D. Maria de Brito e seu marido Antonio Soares d'Atahide é filho :

Antonio Soares de Atahide, que cazou.

N. Antonio de Freitas Telles, filho de João de Freitas Madeira e de sua mulher D. Thereza de Brito, n. .., e cazou com D. Suzana de Vasconcelos Lobo, filha de Bartolomeo de Azevedo Lobo, a fl. .., n. 29 e 37, e teve filhos :

Ignacio de Freitas Telles de Menezes, que se segue.

Francisco Xavier de Vasconcellos, adiante.

D. Izabel Maria de Vasconcellos, ao depois.

D. Thereza de Brito, adiante.

N. Ignacio de Freitas Telles de Menezes, filho de Antonio de Freitas Telles, n. .., e de sua mulher D. Suzana de Vasconcellos Lobo, cazou com D. Gertrudes Maria da Encarnação, filha de Antonio de Sá de Souza e de sua mulher Izabel de Sá de Souza, filha esta de Antonio de Amaral de Lemos e de Guiomar, de Freitas, Antonio de Sá de Souza é filho do mestre de campo Christovão de Sá Soutomaior, senhor do engenho e capella das Almas de Parnamirim dos Arcos de Valdevez, cazado este com D. Cecilia de Souza, que é da gente da copa de Nigres ; e Antonio de Sá de Souza, acima, teve da dita sua mulher Izabel de Sá de Souza, 6 filhos, um sacerdote Francisco Xavier de Sá, e os mais já defuntos todos. De sua mnlher D. Gerturdes tem o dito Ignacio de Freitas Telles os filhos seguintes :

Lucas de Sá Souto-maior.
André Corsino de Brito.
Mais 5 já falecidos.

N... Francisco Xavier de Vasconcelos, filho de Antonio de Freitas Telles, n..., e de sua mulher D. Suzana de Vasconcellos Lobo, é sargento mór de granadeiros da praça da Bahia, e cazado com D. Thereza Nogueira, sobrinha do capitão de infanteria Lazaro Nogueira; e teve filhos:

Francisco Xavier de Vasconcellos, viuvo sem filhos.
D. Anna Maria das Neves, viuva de Custodio Gonçalves, sem filhos.
Antonio de Freitas Nogueira, solteiro.

N. D. Izabel Maria de Vasconcellos, filha de Antonio de Freitas Telles, n... e de sua mulher D. Suzana de Vasconcellos Lobo, cazou com o coronel Antonio de Aragão, e teve filho:

Antonio Telles de Aragão, que mora na Barroquinha.

N. D. Thereza de Brito, filha de Antonio de Freitas Teles, n. .. e de sua mulher D. Suzana de Vasconcellos Lobo, é viuva, e foi cazada com Antonio de Araujo Pestana, e teve um filho:

Antonio Reginaldo de Freitas, que assiste na Caxoeira.

DORMONDO

Antonio de Souza Dormondo, natural do Brazil, capitania dos Ilheos, era filho de João Gançalves Dormondo, da ilha da Madeira, da illustre familia dos Dormondos, e fidalgo, e de sua mulher D. Marta de Souza (1). Foi esse Antonio de Souza Dormondo, capitão, e na Bahia cazou com D. Joana Barboza, (2) filha de Baltazar Barboza de Araujo e de sua mulher Catharina Alvares, filha sesta de

(1) Falleceu D. Marta, mãi d'este Antonio de Souza Dormondo, a 6 de Julho de 1602.

Era D. Marta de Souza uma das fidalgas orfans, que mandou el-rei D. João III á Bahia para cazarem, como fica já dito de outras mais.

(2) Faleceu D. Joana a 27 de Janeiro de 1621: foi sepultada em S. Francisco.

Genebra Alvares e de seu marido Vicente Dias de Beja, a fl...,n. 1, e de sua mulher D. Joana Barboza teve o capitão Antonio de Souza Dormondo os filhos seguintes:

O padre Francisco de Souza Dormondo, clerigo secular.

1. D. Maria de Souza Dormondo, mulher de Duarte Lopes Soeiro a fl..., e ahi o mais.

2. D. Margarida de Souza, que se segue.

3. D. Marta de Souza, adiante.

4. D. Angela de Souza, ao depois.

5. Manoel de Souza Dormondo, cazado com D. Maria Corrêa, com filhos a fl..., n. 5.

6. Melchior de Souza Dormondo, adiante.

7. D. Anna de Souza, mulher do capitão Francisco de Barros Soeiro.

N. 2. D. Margarida de Souza, filha do capitão Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza. n..., cazou com Francisca Nunes de Freitas, e teve filhos:

8. Antonio de Souza Dormondo.

9. D. Thereza de Souza.

10. Miguel de Freitas.

O licenciado Sebastião de Souza Dormondo, clerigo. Faleceo a 6 de Julho de 1602. Testamenteiros seus filhos Antonio de Souza Dormondo e Melchior de Souza Dormondo.

N. 3. D. Marta de Souza, filha do capitão Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza, cazou com Domingos Alvares Serpa, e teve filhos:

11. D. Joana de Souza, cazada em Portugal com o capitão Manoel da Veiga, e depois com Manoel Rodrigues da Costa.

12. D. Luiza de Souza, primeira mulher do sargento-mór Ascenso da Silva.

13. D. Maria de Souza, mulher de Jeronimo de Azeredo Miranda, com filhos.

14. Antonio de Souza Dormondo.

15. D. Francisca de Souza, cazada com Francisco Soeiro da Gama, morador na cidade de Lisbôa.

N. 4. D. Angela de Souza, filha do capitão Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza, foi terceira mulher de Francisco de Paiva, natural do concelho de Paiva, do bispado do Porto, e teve filhos:

16. D. Brites de Souza, que se segue.

17. Antonio de Paiva Dormondo.

18. D. Joana de Araujo, cazada com João Baptista Nigre, com filhos, D. Francisca, mulher segunda de seu primo Antonio de Paiva, que faleceu solteiro.

Segunda vez cazou D. Angela de Souza com João Lobo de Mesquita, natural da villa de Caminha, filho de João de Cêa Marinho e de sua mulher Izabel da Rocha Lobo, e d'este segundo não teve filhos.

N. 16. D. Brites de Souza, filha de D. Angela de Souza e de seu primeiro marido Francisco de Paiva. Cazou com o capitão Francisco de Araujo de Brito, natural da vila de Viana, arcebispado de Braga, e teve filhos :

19. Antonio de Brito Corrêa, que se segue.

20. D. Maria de Brito, adiante.

21. Vasco de Brito de Souza, capitão de infantaria, que faleceu na India solteiro.

Francisco de Araujo, que tambem faleceu solteiro.

N. 19. Antonio de Brito Corrêa, filho de D. Brites de Souza e de seu marido o capitão Francisco de Araujo de Brito, foi coronel, e cazou duas vezes; a primeira com D. Izabel Maria, natural do bispado do Rio de Janeiro, filha do Dr. Bartolomeu de Oliveira e de sua mulher D. Maria de Galegos, e teve filhos :

22. Antonio de Brito de Araujo, que se segue.

23. O capitão Francisco de Araujo de Brito, cazado sem filhos.

D. Brites da Gloria, freira no convento do Desterro.

Segunda vez cazou o coronel Antonio de Brito Corrêa com D. Francisca de Araujo, sua prima, filha de D. Joana de Araujo, n. 18, e de seu marido João Baptista Nigre, e d'este segundo cazamento não teve filhos.

N. 22. Antonio de Brito de Araujo, filho do coronel

Antonio de Brito Corrêa, n. 19, e de sua mulher primeira D. Izabel Maria, cazou com D. Luzia Telles de Menezes, e teve filhos :

24. O capitão Antonio de Brito de Oliveira.

25. Francisco Telles de Brito Corrêa.

26. D. Joana Maria de Brito, cazada com Manoel da Cunha Fróes, com filhos.

N. 20. D. Maria de Brito Corrêa, filha de D. Brites de Souza, * e de seu marido o capitão Francisco de Araujo de Brito, n. 16, cazou com o capitão Francisco Dias do Amaral, escrivão proprietario da fazenda real da Bahia, e teve filhos :

27. O coronel João Dias da Costa, cazado com D. Joana de Mello Coutinho, sem filhos.

28. O capitão-mór Antonio de Brito de Souza, que se segue.

29. O capitão Vasco de Brito de Souza, ao depois, e trez femeas, que faleceram solteiras.

N. 28. O capitão-mór Antonio de Brito de Souza, filho de D. Maria de Brito Corrêa e de seu marido Francisco Dias do Amaral, cazou com D. Thereza Michaela de Jezus, filha de Manoel Machado de Mello e de sua mulher D. Maria Camelo de Aragão, e teve filhos

30. Francisco Dias do Amaral, que se segue.

31. O reverendo vigario Carlos Antonio de Brito.

32. D. Maria Lucinda do Loreto, solteira.

33. D. Maria Leocadia de Brito, solteira.

N. 30. Francisco Dias do Amaral, filho do capitão-mór Antonio de Brito de Souza e de sua mulher D. Thereza Micaela de Jezus, cazou com D. Joana Izabel de Vasconcellos, filha de Francisco de Braz Araujo e de sua mulher D. Antonia Brandão, e sem filhos.

34. D. Antonio de Vasconcellos.

D. Thereza.

N. 29. O capitão Vasco de Brito de Souza, filho de D. Maria de Brito Corrêa e de seu marido o capitão Francisco Dias do Amaral, cazou com D. Maria

* Cazaram a 13 de Maio de 1685.

Antonia de Abreo, filha do alferes pago Theodozio de Abreo e de sua mulher D. Catharina Baldez, e teve filhos:

35. O capitão Vicente Faria do Amaral, que se segue.

Felippe Dias do Amaral.

Theodozio Dias de Abreo.

D. Joana Jozefa do Amaral.

Segunda vez cazou o capitão Vasco de Brito de Souza com sua prima D. Anna Maria Caetana, filha de D. Angela de Souza e de seu marido Vicente Pereira do Lago, e teve filha :

36. D. Brites Angelica de Brito, que cazou com Francisco de Barros Cavalcante de Albuquerque, filho de Jozé de Barros Cavalcante e de sua mulher D. Izabel de Araujo; e teve D. Brites esta de seu marido filhos:

N. O capitão Vicente Ferreira do Amaral, filho do capitão Vasco de Brito de Souza e de sua primeira mulher D. Maria Antonia de Abreo cazou com D. Maria.

37. D. Maria, D. Joana, Vasco de Brito, Jozé.

N. 18. D. Joana de Araujo, filha de D. Angela de Souza, n. 4, e de seu primeiro marido Francisco de Paiva, cazou com João Batista Nigre, * natural da Bahia, filho de Gregorio Rodrigues Varela e de sua mulher Maria Bernardes, e teve filhos :

38. O reverendo João Batista Nigre, sacerdote secular, batizado a 26 de Janeiro de 1684, pelo arcebispo D. João da Madre de Deos.

39. O reverendo Manoel Batista de Araujo, conego da sé da Bahia.

40. D. Angela de Souza, que se segue. Batizada ao 1° de Setembro de 1669 no Socorro.

41. D. Joana de Araujo, adiante. Batizada a 28 de Abril de 1678.

42. D. Francisca de Araujo, segunda mulher de seu primeiro, o coronel Antonio de Brito Correia, sem filhos. Batizada a 28 de Fevereiro de 1675.

D. Antonia, que faleceu solteira.

N. 40. D. Angela de Souza, filha de D. Joana de

* Cazaram na freguezia do Monte a 28 de Janeiro de 1668.

Araujo e de seu marido João Batista Nigre, cazou com o capitão Vicente Pereira do Lago, natural da villa do Prado, comarca de Viana, arcebispado de Braga, filho de Alexandre Pereira do Lago, ouvidor, que foi annos mais na dita villa, e de sua mulher D. Maria de Andrade, o qual Vicente Pereira se passou ao Brazil em companhia do Marquez das Minas, que veio governar esta praça; teve d'este seu marido 9 filhos segnintes :

43. Manoel Pereira do Lago, clerigo secular.

44. Alexandre Pereira do Lago, clerigo secular.

45. João Batista de Araujo.

46. D. Antonia Maria de Araujo, cazada com Manoel Coelho de Escobar, e depois com Antonio Rodrigues Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, e de nenhum teve filhos.

47. D. Maria de Souza de Araujo, segunda mulher de Martim Affonso de Mendonça, sem filhos.

48. D. Izabel Maria de Souza, cazada com Claudio Telles de Menezes, sem filhos.

49. D. Anna Maria Caetana, segunda mulher de seu primo o capitão Vasco de Souza, sem filhos.

50. D. Joana de Araujo Pereira, que se segue.

51. D. Thereza Jozefa de Jezus Maria, adiante.

D. Francisca, que faleceu solteira.

N. 50. D. Joana de Araujo Pereira, filha de D. Angela de Souza e de seu marido Vicente Pereira do Lago, cazou com Luiz de Lacerda de Goes na capella da Copacabana no Socorro a 15 de Agosto de 1717, filho de Luiz de Goes de Mello de Vasconcellos e de sua mulher D. Anna de Lacerda, natural e morador que foi na Patativa, freguezia de Nossa Senhora da Purificação, e teve filhos:

52. D. Anna Maria de Lacerda, mulher do capitão João da Rocha Pita, a fl. .., n. 2.

53. D. Joana Maria de Lacerda, que vive solteira.

N. 51. D. Thereza Jozefa Maria de Jezus, filha de D. Angela de Souza e de seu marido o capitão Vicente Pereira do Lago, cazou com seu primo João da Costa

Pereira,(1) filho de Sebastião da Costa, natural de Cintra, e de sua mulher Joana Pereira da Silva, natural da freguezia da sé da Bahia, e teve filhos:

54. O licenciado Manoel Pereira do Lago, clerigo secular.

55. D. Joana Jozefa Maria do Espirito Santo, cazada com Paulo de Vargas Cirne, sem filhos, a fl..., n. 7.

N. 41. D. Joana de Araujo, filha de D. Joana de Araujo, n. 18, e de seu marido João Batista Nigre, cazou com o capitão Diogo de Sá Barreto, (2) filho de Gaspar Maciel de Sá e de sua mulher D. Joana Barreto, e teve filho unico:

56. Gaspar Maciel de Sá, que se segue.

N. 56. Gaspar Maciel de Sá, filho unico de D. Joana de Araujo e de seu marido o capitão Diogo de Sá Barreto, foi coronel, e cazou com D. Antonia Jozefa Gaiozo de Peralta, filha do coronel Jozé Gaiozo de Peralta, cavaleiro da ordem de Christo, provedor da caza da moeda da cidade da Bahia, e de sua mulher D. Maria Pereira, e teve filhos:

57. Diogo Antonio de Sá Barreto, que se segue.

58. Mem de Sá Barreto, que vive solteiro.

N. 57. Diogo Antonio de Sá Barreto, filho do coronel Gaspar Maciel de Sá e de sua mulher D. Antonia Jozefa Gaiozo de Peralta, cazou com D. Maria Antonia Caetana de Aragão, filha do sargento-mór Manoel de Magalhães de Azevedo, natural de Viana, e de sua mulher D. Agueda Camelo de Aragão, e teve filhos:

59. Gaspar, D. Roza, e D. Joana.

N. 6. Belchior ds Souza Dormondo, filho de Antonio de Souza Dormondo, a fl. .., cazou com D. Micia de Armas, (3) filha de Luiz de Armas e de sua mulher Catharina Jaques, e era já viuva de Rafael Telles, a fl...; e d'este seu segundo marido Belchior de Souza teve filhos:

(1) Cazaram na capella de S. Antonio dos Cinco-Rios a 15 de Fevereiro de 1719.

(2) Cazaram na capella da Copacabana do Socorro a 5 de Maio 1704.

(3) Cazaram a 18 de Agosto de 1581.

1. Luiz, batizado na sé a 10 de Agosto de 1582.
2. D. Catharina de Souza, mulher de Euzebio Ferreiro, a fl. .., e ahi a sua descendencia.
2. D. Marta de Souza, que se segue.
3. D. Anna de Souza, mulher de Agostinho de Paredes, a fl. ..
4. D. Maria de Souza, mulher de Leão Ferreira.
5. Frei Ignacio, religiozo do Carmo.

N. 2. D. Marta de Souza, filha de Belchior de Souza Dormondo e de sua mulher D. Micia de Armas, cazou com o capitão Francisco de Castro, (1) e teve filho e instituio uma capella, está no cartorio dos reziduos da igreja e dos orfãos da cidade da Bahia.

6. D. Anna Telles, mulher do coronel Baltazar dos Reis Barrenho, sem filhos. Segunda vez cazou este Baltazar dos Reis Barrenho com D. Elena do Espirito Santo, filha de Manoel Fernandes Flores e de sua mulher Brites de Almeida. Cazaram a 20 de Outubro de 1677.
7. D. Bernarda de Souza, que se segue.
8. Agostinho de Crasto Pereira, adiante.

N. 7. D. Bernarda de Souza, filha de D. Marta de Souza e de seu marido Francisco de Crasto, cazou com Miguel Fernandes Brandão, a fl. .., e teve filhos.

9. Ignacio de Souza.
10. D. Marta de Souza, que cazou duas vezes, a primeira com o capitão Bento Pereira Ferraz, e a segunda com o dezembargador João Pereira de Vasconcellos.

N. 8. Agostinho de Crasto Pereira, filho de D. Marta de Souza, n. 2, e de seu marido Francisco de Crasto, cazou com Catharina de Brito Corrêa, (2) filha de Catharina Corrêa de Brito, a fl. .., n. 2 e 3, e teve filho:

11. Francisco Pereira de Crasto, que se segue.

N. 11. Francisco Pereira de Crasto, filho de Agostinho de Crasto Pereira e de sua mulher Catharina de Brito, foi sargento-mór, e cazou com D. Maria.

12. D. Marta de Souza, que se segue.

---

(1) Faleceu este Francisco de Castro a 5 de Outubro de 1645.
(2) Cazaram a 12 de Outubro de 1618.

N. 12. D. Marta de Souza, filha de Francisco Pereira de Castro, sargento-mór, e de sua mulher, cazou duas vezes, a primeira com Faustino da Costa, do qual teve filha :

13. D. Maria da Costa de Souza, que se segne.

N. 13. D. Maria da Costa de Souza, filha de Faustino da Costa e de sua mulher ; cazou com Diogo Alvares de Brito Mascarenhas, e teve filho :

14. Manoel Alvares Carvalho Craveiro, que vive sem cazar n'este anno de 1772.

N. 5. Manoel de Souza Dormondo, filho de Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza, a fl. . ., n. 5, e cazou com D. Maria Corrêa, e teve filhos:

15. D. Clara, que cazou a 10 de Agosto de 1652 com Miguel Pereira Soares, filho de Francisco Pereira Soares e de sua mulher Maria Pereira, da freguezia de Paripe, a fl. . ., n. 17.

N. 12. Segunda vez cazou D. Marta de Souza, acima, e viuva de Faustino da Costa, com o alferes Baltazar Gonçalves de Paiva *, natural do arcibispado de Braga, freguezia de S. Salvador, comarca de Guimarães, filho de Domingos Jorge e de sua mulher Senhorinha Gonçalves, morador, que foi no sertão do Piancó, bispado de Pernambuco, á fl...

N. 5. Manoel de Souza Dormondo, filho de Antonio de Souza Dormondo e de sua mulher D. Joana Barboza, a fl. . ., n. 5, foi cazado com D. Maria Corrêa, e teve filho :

16. D. Serafina de Souza, que cazou com D. Luiz de Vera, a 16 de Junho de 1642, em Matuim.

Aos 4 de Julho de 1881 recebi na capella de S. Braz a Mathias de Souza Freire, filho de Antonio Ferreira Dormondo e de sua mulher D. Barbara de Menezes com D. Ignacia Jozé Brandoa, filha de Manoel Martins Brandão e de sua mulher Catharina Paes de Oliveira. Pirajá. Vigario Rebouças.

* Cazaram a 10 de Janeiro de 1719, na capella de Nossa Senhora da Victoria do Mato.

BEZERRAS

Luiz Braz Bezerra, a quem chamavam o velho, morador em Pernambuco, foi cazado ahi com D. Brazia Monteiro, e teve filhos :

1. D. Maria Paes Bezerra, que se segue.

N. 1. D. Maria Paes Bezerra, esta aqui cazou com Alvaro Teixeira de Mesquita, natural do reino, capitão de infantaria, e teve filho :

2. Luiz Braz Bezerra, que se segue.

N. 2. Luiz Braz Bezerra, filho de D. Maria Paes Bezerra e do capitão Alvaro Teixeira de Mesquita, cazou com D. Innocencia de Brito Falcão, e teve filho :

3. Luiz Braz Bezerra, que se segue.

N. 3. Luiz Braz Bezerra, filho de Luiz Braz, n. 2, e de sua mulher D. Innocencia de Brito Falcão, foi capitão de infantaria, e passando á Bahia cazou em Cotegipe com D. Francisca Sanches del Poço * filha do capitão Jozé Sanches del Poço, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, teve filhos :

4. O capitão Jozé Sanches del Poço, que segue adiante.

5. D. Innocencia de Brito Falcão, ao depois.

Nota. Estes dous filhos teve Luiz Braz Bezerra em Pernambuco, para onde se retirou, logo depois de cazado, Jozé Sanches del Poço, nascido no anno de 1697, e D. Innocencia no de 1700.

SANCHES DEL POÇO

Jozé Sanches del Poço, que não declaram as memorias, que vimos donde era natural, e só, que fôra capitão de infantaria, e professo na ordem de Christo, filho de Domingos Sanches del Poço, sem mais explicação, e que na Bahia cazara em Cotegipe com D. Maria de Vasconcellos, ou Paes, filha de Aleixo Poço, o moço, e de

* Cazaram a 20 de Fevereiro de 1693 em Cotegipe.

sua mulher D. Francisca de Vasconcellos, e teve de sua mulher uma filha :

1. D. Francisca Sanches del Poço, que se segue.

N. 1. D. Francisca Sanches del Poço, esta aqui cazou com o capitão Luiz Braz Bezerra, natural de Pernambuco, filho de Luiz Braz Bezerra e de sua mulher D. Innocencia de Brito Falcão, o qual Luiz Braz Bezerra, este de que acima se trata, foi capitão de infantaria, e passando á Bahia, cazou na freguezia de Cotegipe, arrabalde, com D. Francisca Sanches del Poço, * acima, filha de Jozé Sanches del Poço e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, e teve filhos :

2. Jozé Sanches del Poço, que nasceu em Pernambuco no anno de 1697, para onde voltou seu pai depois de cazado.

3. D. Innocencia de Brito Falcão, que cazou em Pernambuco com Manoel Rodrigues Campelo, a fl. .., e nasceu ali no anno de 1730.

N. 2. Jozé Sanches del Poço, este acima cazou em Pernambuco, onde era capitão de auxiliares e professo na ordem de Christo, com D. Thereza de Jezus, filha de Luiz Alvares da Costa, natural de Pernambuco, e de sua mulher D. Francisca de Barros, naturaes da freguezia de Ipojuca, e teve filhos:

4. D. Francisca de Barros, mantelada do habito descoberto de Nossa Senhora do Carmo. D. Maria Sanches, solteira. D. Innocencia, solteira. D. Anna Maria solteira. Felis Jozé Braz Bezerra, solteiro. Pedro Sanches del Poço, solteiro e cadete do regimento de infantaria, do Recife. Ignacio Sanches del Poço, cazado no sertão, e não se sabe com quem.

5. D. Joana Sanches del Poço, que se segue.

N. 5. D. Joana Sanches del Poço, filha de Jozé Sanches del Poço, n. 2., e de sua mulher D. Thereza de Jezus, cazou segunda vez com Manoel Carneiro Leão, primos co-irmãos, por ser esse Manoel Carneiro Leão filho de D. Maria Theodora de Barros, a qual era irman legitima de D. Thereza de Jezus, e filhas estas

* Cazaram a 20 de Fevereiro de 1693, em Cotegipe.

ambas de D. Francisca de Barros e de seu marido Luiz Alvares da Costa, e a dita D. Maria Theodora de Barros, mãi de Manoel Carneiro Leão, foi cazada com o sargento-mór Felippe Rodrigues Campelo, filho de Manoel Rodrigues Campelo, em Pernambuco, e de sua mulher D. Innocencia de Brito Falcão, filha do capitão Luiz Braz Bezerra e de sua mulher D. Francisca Sanches del Poço, como vai a fl... De Manoel Carneiro Leão e de sua mulher D. Joana Sanches del Poço foram filhos :

6. Jozé Caetano Carneiro Leão, Virginio Rodrigues Campelo, D. Paula Maria de S. Pedro, D. Anna Felippa Brizida, todos solteiros até esse anno de 1773.

CAMPELOS

Antonio Rodrigues Campelo, natural da villa de Viana, foi familiar do santo tribunal da fé e sargento-mór, e no Recife de Pernambuco cazou com D. Ignacia de Barros Rego, da familia dos Barros e Regos de Pernambuco, e teve filhos :

1. Manoel Rodrigues Campelo, que se segue.

N. 1. Manoel Rodrigues Campelo, filho do sargento-mór Antonio Rodrigues Campelo, acima, foi sargento dos auxiliares da guarnição da praça do Recife, cavalleiro fidalgo da caza real, e professo na ordem de Christo, e cazou ahi com D. Innocencia de Brito Falcão, filha do capitão Luiz Braz Bezerra e de sua mulher D. Francisca Sanches del Poço, a fl..., n. 1, e tiveram filhos:

2. Virginio Rodrigues Campelo, que se segue. Foi capitão de auxiliares do Recife, já defunto, e foi cazado com D. Francisca Thereza de Jezus, filha do capitão Manoel Carneiro Leão e de sua mulher D. Roza Maria de Barros. Teve o dito Virginio Rodrigues Campelo de sua mulher D.Francisca Thereza de Jezus os filhos seguintes: 1 Manoel Thomaz, clerigo *in minoribus*, ; 2 Virginio Rodrigues Campelo ; 3, Joaquim Jozé Rodrigues Campelo, cazado com D. Maria do Carmo Bezerra, filha do capitão Jozé Pedro dos Reis e de sua mulher D. Maria de Jezus ; 4 D. Roza Maria de Barros, que faleceu, e

foi cazada com o capitão Jozé Mendes, e deixou quatro filhos, trez maxos e uma femea.

3. D. Roza Maria de Barros Campelo, cazada com o capitão Jozé Teixeira, e d'este teve oito filhos, cinco maxos e trez femeas, e todos de menor idade.

4. Felippe Rodrigues Campelo, sargento, cavalleiro fidalgo da caza de el-rei c professo na ordem de Christo, e hoje viuvo, foi cazado com D. Maria Theodora de Barros, irmân legitima de D.Francisca Thereza de Jezus, acima nomeada, mulher de Virginio Rodrigues Campelo. De sua mulher D. Maria Theodora de Barros teve filhos: 1 Felippe Rodrigues Campelo Junior, cazado com D. Maria Clara, natural de Serihaem em Pernambuco; 2 Manoel Carneiro Leão, cazado com sua prima legitima D. Joana Sanches del Poço, acima nomeáda; 3 Jozé Caetano Carneiro Leão, solteiro; 4 Virginio Rodrigues Campelo, solteiro; 5 D. Paula Maria de S. Pedro, solteira; 6 D. Anna Felippa Brizida, solteira.

5. D. Francisca Ignacia Campelo, filha de Manoel Rodrigues Campelo, n. 1, e de sua mulher D. Innocencia de Brito Falcão, foi cazada com o capitão Antonio Cavalcante de Albuquerque, e tiveram filhos:

6. Luiz Braz Bezerra, Manoel Rodrigues Campelo, Lourenço Cavalcante de Albuquerque, D. Anna da Conceição, Antonio Cavalcante de Albuquerque, D. Ignacia de Barros Rego, Bernardino Cavalcante, D. Matildes da Conceição e D. Innocencia de Brito Falcão, cazada esta com Lourenço Cavalcante de Sá Albuquerque, filho de Antonio de Ollanda Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Francisca Barboza de Mello Albuquerque.

SUBTIL E SIQUEIRA

O doutor Francisco Subtil de Siqueira, * natural da villa de Tancos, reino de Portugal, e das primeiras familias por seus ascendentes. Foi familiar do santo officio, cavalleiro da ordem de Christo, e dezembargador da

* Faleceu a 4 de Abril de 1619 e foi sepultado no convento do Carmo.

relação da Bahia, provedor da alfandega d'ella por cazar com D. Joana de Argôlo, (1) filha de Paulo Argolo, o primeiro d'este nome, que era proprietario do dito officio, e de sua mulher Felicia Lobo, como se vê a fi...,teve filhos:

1. Frei Francisco dos Anjos, religiozo carmelita calçado, na Bahia.

2. Agostinho Subtil de Siqueira, que se segue.

N. 20. Agostinho Subtil de Siqueira, filho do dezembargador Francisco Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Joana de Argôlo, cazou com D. Francisca de Menezes, faleceu a 18 de Junho de 1683, e sepultou-se no Socorro.

3. Francisco Subtil de Siqueira, que se segue.

4. D. Joana de Argolo, mulher de Braz Lobo de Mesquita, ao depois.

5. D. Maria de Menezes, mulher de João de Barros Aranha.

6. D. Leonor de Menezes, batizada na capella de S. Paulo a 19 de Novembro de 1646.

7. D. Mariana de Menezes, mulher de Lucas Tavares de Alvim, com filhos, adiante.

8. D. Antonia de Menezes, cazada com Antonio Telles Pereira, sem filhos.

9. D. Angela, que faleceu de pouca idade.

N. 3. Francisco Subtil de Siqueira, filho de Agostinho Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Francisca de Menezes, cazou com D. Barbara de Azevedo Henriques (2) filha do licenciado Antonio Mendes de Oliva, já defunto, e de sua mulher Izabel de Azevedo Henriques, e teve filhos:

10. Agostinho Subtil de Siqueira, batizado a 26 de Fevereiro de 1668.

11. D. Izabel Maria de Azevedo, que se segue, batizada a 7 de Outubro de 1669.

12. Sebastião Subtil de Siqueira, batizado a 1 de Fevereiro de 1671 no Socorro; cazado com D. Anna de Figueiró, sem filhos, esta por affecto ao dito seu marido

---

(1) Faleceu a 18 de Janeiro de 1626, e foi sepultada no convento de S. Francisco.

(2) Cazaram na sé a 2 de Abril de 1667: faleceu elle a 3 de Setembro de 1693, e ella a 8 de Março de 1686.

se chamava Anna Subtil de Figueiró, e D. Francisca, que faleceu solteira.

13. D. Joana Luiza de Menezes, mulher de Luiz de Oliva da Franca, com filhos adiante.

N. 12. D. Izabel Maria de Azevedo, filha de Francisco Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Barbara de Azevedo Henriques, cazou com Manoel de Azevedo Negro, (1) filho do alferes Matheus Mendes e de sua mulher Apolonia Nunes, foram dispensados no gráo de parentesco por serem primos, e tiveram filhos :

15. D. Leonor Jozefa Subtil de Menezes, que se segue.

16. Francisco Subtil de Siqueira, solteiro.

17. Manoel de Azevedo Negro, solteiro.

18. Jozé.

19. João de Oliva.

20. Antonio Subtil.

21. Sebastião Subtil, todos solteiros.

N. 15. D. Leonor Jozefa Subtil de Menezes, filha de D. Izabel Maria de Azevedo e de seu marido Manoel de Azevedo Negro, cazou com o capitão Diogo Pereira da Silva, filho do doutor Manoel de Matos de Viveiros e de sua mulher D. Francisca da Silva, e d'este marido não teve filhos.

Segunda vez cazou com o coronel Francisco Vieira de Lima, (2) filho natural do coronel Antonio Vieira de Lima, filho este do senhor e morgado da Quinta da Cal na villa de Guimarães, e d'este segundo cazamento teve D. Leonor filho unico:

22. Mathias Vieira de Lima, como vai na fl. .., n. 13.

N. 13. D. Joana Luiza de Menezes, filha de Francisco Subtil de Siqueira e de D. Barbara de Azevedo Henriques, cazou com Luiz de Oliva da Franca, (3) filha do alferes Matheus Mendes de Oliva e de sua mulher

(1) Cazaram no Socorro a 26 de Novembro de 1692 na freguezia do Socorro.

(2) Cazaram na capella de Todos os Santos de Passé.

(3) Cazaram a 26 de Novembro de 1692 no Socorro.

Apolonia Nunes, foram dispensados no gráo de parentesco. D'estes foram filhos:

23. Matheus de Oliva da Franca.
24. O capitão-mór Agostinho Subtil de Siqueira.
25. Lourenço Subtil.
26. D. Barbara.
27. D. Antonia.
28. D. Maria.
29. D. Joana.
30. D. Clara.
31. D. Cordula. Todos solteiros.

N. 7. D. Mariana de Menezes, filha de Agostinho Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Francisca de Menezes, cazou como licenciado Lucas Tavares de Alvim; * filho de Thomé Tavares de Alvim e de sua mulher Barbara Pereira de Gusmão, e teve filhos:

32. D. Barbara de Gusmão Pereira, batizada a 29 de Outubro de 1668.

33. D. Joana de Argolo, batizada a 16 de Dezembro de 1669.

34. D. Francisca de Menezes, batizada a 22 de Abril de 1671.

36. D. Violante de Gusmão, batizada a 17 de Setembro de 1674.

35. Antonio de Alvim Brandão, batizado a 27 de Novembro de 1672.

38. Francisco Tavares Bezerra, batizado a 23 de Julho de 1677.

37. Antonio Tavares, que faleceu moço, batizado a 27 de Abril de 1676.

39. Roza Maria, batizada a 11 de Fevereiro de 1679.

40. D. Maria de Menezes.

N. 4. D. Joana de Argolo, ou de Menezes, filha de Agostinho Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Francisca de Menezes, cazou com Braz Lobo de Mesquita; cazaram a 5 de Dezembro de 1655, na freguezia de Passé.

---

* Cazaram na capella de S. Paulo do Socorro a 12 de Novembro de 1663.

41. D. Francisca de Menezes, batizada a 25 de Maio de 1656 no Socorro.

D. Maria de Menezes, batizada a 4 de Fevereiro de 1658 no Socorro.

D. Clara, batizada a 18 de Janeiro de 1660 no Socorro.

D. Anna, batizada a 22 de Novembro de 1664 no Socorro.

Baltazar Lobo, batizado a 16 de Janeiro de 1667 no Socorro.

Francisco, batizado a 15 de Dezembro de 1669 no Socorro.

D. Mariana de Menezes, batizada a 23 de Julho de 1673 no Socorro.

N. 7. D. Mariana de Menezes, filha de Agostinho Subtil de Siqueira e de sua mulher D. Francisca de Menezes, cazou com o licenciado Lucas Tavares de Alvim, * filho de Thomé Tavares de Alvim e de sua mulher Barbara Pereira de Gusmão, moradores na freguezia do Socorro, e teve filhos :

D. Barbara de Gusmão Pereira, batizada a 29 de Outubro de 1668.

D. Joana de Argolo, batizada a 16 de Dezembro de 1669.

D. Francisca de Menezes, batizada a 22 de Abril de 1671.

D. Violante de Gusmão, batizada a 17 de Setembro de 1674.

Antonio de Alvim Brandão, batizado a 27 de Novembro de 1672.

Francisco Tavares Bezerra, batizado a 23 de Julho de 1677.

D. Roza Maria, batizada a 11 de Fevereiro de 1679.

D. Maria de Menezes.

E outro Antonio, que faleceu moço.

---

* Cazaram a 12 de Novembro de 1663, na capella de S. Paulo do Socorro.

PEREIRA COUTINHO

Diogo Pereira Coutinho veio á Bahia com o bispo D. Constantino Barradas no anno de 1603, por seu sangrador e barbeiro, como consta de uma doação que o dito bispo lhe fez de um sitio e curral de gado em satisfação de o servir. Assim se acha em algumas memorias d'aquelles tempos. Em outras se acha tambem, que fôra fizico-mór na Bahia, tratando-se em alguns assentos por licenciado e em outros tambem por doutor. Na Bahia cazou com Luzia de Góes de Mendonça. Falleceu em 1666, como se vê do seu testamento, que está no cartorio ecleziastico, em que serve o licenciado Bernardo Botelho.

1. Manoel Pereira de Góes, que cazou, adiante.

1. Maria Pereira, que cazou com Francisco Pereira Soares, filha de Gaspar Pereira, o velho, de Paripe, a fl..., n. 1.

2. Agueda de Góes de Mendonça, mulher de Antonio Machado Velho, a fl. .., n.1, e ahi o mais.

3. Margarida de Góes de Mendonça, mulher do capitão João Machado de Mello, com filhos.

N. 1. Agueda Pereira de Góes, filha de Diogo Pereira Continho e de sua mulher Luzia de Góes de Mendonça, cazou duas vezes, a primeira com Fernando Antonio Machado Velho, como fica dito, e vai a fl..., e a segunda com o capitão Sebastião Pereira Bacelar, cavalleiro professo na ordem de Chisto, filho de Estevão Pereira Bacelar, cavalleiro fidalgo, e de sua mulher Apolonia de Siqueira de Brito, irmau do governador Lourenço de Brito Corrêa, e teve d'este seu segundo marido os filhos seguintes:

4. D. Felippa de Brito, mulher do coronel Sebastião de Araujo de Góes, a fl. .., n. 22, sem filhos.

5. Maria de Góes.

6. Estevão Pereira Bacelar.

7. Luzia de Góes.

N. 1. Manoel Pereira de Góes, filho do licenciado Diogo Pereira Coutinho, acima, e de sua mulher Luzia de

Góes de Mendonça, cazou com Mariana de Araujo de Góes, filha de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher Angela de Siqueira, e teve filho unico: Luiz, que faleceu de tenra idade.

Agueda de Góes de Mendonça, acima, n. 2, depois de viuva do capitão Antonio Machado Velho, cazou segunda vez com o capitão Sebastião Pereira de Bacelar, filho de Estevão de Bacelar e de sua mulher Apolonia de Siqueira de Brito, moradores n'esta cidade da Bahia ; cazaram a 8 de Abril de 1641.

N. 67. Antonio de Araujo de Góes, filho de Simeão de Araujo de Góes, n. 26, e de sua mulher D. Ignez de Castro, cazou com D. Anna Ursula de Souza, (1) filha de Jozé Rodrigues Chaves e de sua mulher D. Antonia da Silva, teve filhos :

1. D. Thereza Maria Alves, mulher do tenente Manoel Moniz Barreto.
2. Felis de Araujo Góes, que vive solteiro em 1771.
3. D. Lourença de Araujo Góes, que se segue.

N. 3. D. Lourença de Araujo de Góes, filha de Antonio Araujo de Góes e de sua mulher D. Anna Ursula de Souza, cazou com Dionizio Lourenço, alferes de infantaria pago.

4. Francisco.
5. D. Jozefa.
6. João.
7. D. Maria.

MACHADOS VELHOS

Manoel Machado Velho, cazado com Beatriz de Mello, naturaes da ilha Terceira, e n'ella tiveram filho :

1. Antonio Machado Velho, que se segue.

N. 1. Antonio Machado Velho, filho de Manoel Machado Velho, acima, e cazou na Bahia com Agueda Pereira de Góes de Mendonça (2), e era filha de Diogo

(1) Cazaram a 12 de Março de 1761.
(2) Cazaram a 2 de Março de 1631 em Paripe.

Pereira Coutinho e de sua mulher Luiza de Góes de Mendonça, e teve filhos :

Diogo Machado, jezuita.

2. Antonio Machado Velho, que se segue.

3. Manoel Pereira de Góes, adiante, batizado a 20 do Setembro de 1635 na freguezia do Monte.

N. 1. Antonio Machado Velho, filho de Antonio Machado Velho e de sua mulher Agueda de Goes de Mendonça, estudou nos pateos do collegio, no qual se recolheu, e passados alguns annos, antes de tomar ordens, sahio para fóra, e cazou na freguezia do Monte com Maria de Passos (1), que era irman do padre Francisco de Almeida Roza, vigario da mesma freguezia do Monte, e filhos com outros mais de Pantaleão da Costa Roza e de sua mulher Maria de Almeida, e teve filhos este Antonio Machado da dita sua mulher Maria de Passos :

3. D. Maria de Goes de Mendonça, que se segue.

N. 4. D. Maria de Goes, filha de Antonio Machado Velho e sua mulher Maria de Passos, cazou com Baltazar da Costa Bolcão (2), filho de Gaspar de Faria Bolcão, da ilha... e de sua mulher Guiomar da Costa. D'esta sua mulher D. Maria de Goes de Mendonça, como se acha no assento do seu cazamento, teve o capitão Baltazar da Costa Bolcão os filhos, que já ficam a fl..., e vão adiante na fl. .., n. 1, e seguinte :

N. 3. Manoel Pereira de Goes, filho de Antonio Machado Velho e de sua mulher Agueda de Goes de Mendonça, cazou com D. Anna Brandão de Souza (3), que era filha de Antonio de Souza de Andrade e de sua mulher Agueda Gomes Viegas, e Antonio de Souza de Andrade foi filho de Gaspar Carvalho de Novaes e de sua mulher Anna Brandôa de Souza. De Manoel Pereira de Goes e de sua mulher D. Anna Brandôa foi filha :

---

(1) Cazaram em 21 de Junho de 1670, na freguezia do Monte, e por morte d'esta se ordenou de sacerdote o licenciado Antonio Machado, diz o assento do seu cazamento.

(2) Cazaram a 13 de Agosto de 1689, e os recebeu o padre Antonio Machado, pai da nubente, sendo já sacerdote.

(3) Cazaram a 21 de Dezembro de 1658.

5. D. Agueda de Goes, que se segue.
6. Antonio Machado Velho, adiante.

N. 5. D. Agueda de Goes, filha de Manoel Pereira de Goes, n. 3, e de sua mulher D. Anna Brandão, cazou com o alcaide-mór da Bahia Francisco de Araujo de Aragão, a fl..., n. 40, e ahi a sua descendencia, e entre ella teve filha :

7. D. Anna de Souza Aragão, que se segue.

N. 7. D. Anna de Souza de Aragão, que cazou com Antonio Machado Velho, irmão de Jozé da Costa Bolcão e dos padres Gaspar de Faria Bolcão e Mathias Machado Palhares, a fl... D'esta D. Anna de Souza e de seu marido Antonio Machado Velho foi filha nnica :

8. D. Maria Bolcão, freira no Desterro da Bahia, que já fica a fl. .., n. 58, e ahi o mais.

N. 6. Antonio Machado Velho, filho de Manoel Pereira de Goes, n. 3, e de sua mulher D. Anna Brandôa, foi coronel, cazou com D. Izabel Maria de Aragão, * que era filha do coronel Egas Moniz Barreto, escudeiro fidalgo, a fl. .., n. 12, e d'este Antonio Machado Velho e sua mulher D. Izabel Maria foi filho :

9. Antonio Machado Velho, que se segue.

N. 9. Antonio Machado Velho, filho do coronel Antonio Machado Velho e de sua mulher D. Izabel Maria, acima, n. 6, cazou com D. Antonia Maria de Menezes, filha de Francisco Barreto de Aragão, a fl. .., n. 68 e 79. Foi senhor do engenho de Mataripe, e teve filha :

10. D. Maria Francisca de Conceição, que cazou com Egas Carlos de Souza Menezes, fidalgo da caza de Sua Magestade, a fl. .., n. 21, e teve filho, ahi n. 32, e aqui n. 11.

N. 11. Antonio Moniz de Souza Barreto, filho d'esta D. Maria Francisca da Conceição, que fica a fl. .., n. 32.

---

* Cazaram a 8 de Janeiro de 1698, na capella do Bom Jezus, e faleceu elle a 22 de Março de 1700, sepultado no Carmo da Bahia.

BOLCÕES

Gaspar de Faria Bolcão, natural das ... passou á Bahia, e n'ella cazou com Guiomar da Costa, (1) de quem ainda não achamos ao certo a sua ascendencia, e d'ella teve filhos:

1. Baltazar da Costa Bolcão, que se segue.

N. 1. Baltazar da Costa Bolcão, filho de Gaspar de Faria Bolcão e de sua mulher Guiomar da Costa, cazou com D. Maria de Góes de Mendonça (2) filha do licenciado Antonio Machado Velho, a fl...,e de sua mulher Maria de Passos, e cazou este Baltazar da Costa na freguezia do Monte, em 13 de Agosto de 1689, e foi recebido pelo padre Antonio Machado Velho, pai da nubente, já sacerdote ordenado depois de falecida sua mulher Maria de Passos; de Baltazar da Costa Bolcão e de sua mulher D. Maria Góes de Mendonça,(faleceu esta a 15 de Setembro de 1702);foram filhos:

2 Jozé da Costa Bolcão, que já fica a fl. .., n. 57 e a fl... aqui, e que se segue.

3. Antonio Machado Velho, que vai a fl. ..

4. O padre Gaspar de Faria Bolcão e o padre Mathias Machado Palhares.

N. 2. Jozé da Costa Bolcão, (3) filho de Baltazar da Costa Bolcão, acima, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Góes de Mendonca, cazou com D. Maria de Araujo de Souza Aragão, (4) filha do alcaide-mór da Bahia Francisco de Araujo de Aragão, a fl. .., n. 40, e teve filhos:

5. Baltazar da Costa Bolcão, que se segue.

6. D. Francisca de Araujo Aragão, que cazou com Antonio Manoel de Moraes Sarmento Portocarreiro, professo na ordem de Christo e corregedor que foi da comarca

---

(1) Faleceu esta a 11 de Janeiro de 1690, e elle a 21 de Março do dito anno na freguezia do Monte.

(2) Cazaram a 13 de Agosto de 1689.

(3) Faleceu a 17 de Julho de 1776, sepultado na igreja das Brotas.

(4) Cazaram a 6 de Fevereiro de 1720, e faleceu esta sua mulher D. Maria a 28 de Outubro de 1767; e n'este de 1768 a 20 de Outubro lhe fez seu marido Jozé da Costa Bolcão, no convento de S. Francisco de Sergipe do Conde, suas solemnes exequias.

da Bahia. Faleceu esta a poucos annos de cazada, deixando uma filha que tambem faleceu solteira.

7. Jozé, batizado a 21 de Janeiro de 1730, pelo padre ex-provincial de S. Francisco, frei Gonçalo de Santa Izabel.

8. Francisco, batizado a 21 de Maio de 1733. Religiozo da companhia.

9. Anna, batizada a 30 de Janeiro de 1735. Freira no Desterro da Bahia.

10. Antonio de Araujo Aragão, conego na sé da Bahia.

11. João de Aragão, clerigo.

12. Agueda, irman gemea de Jozé, acima,e batizada no mesmo dia 21 de Janeiro de 1730.

N. 5. Baltazar da Costa Bolcão, filho de Jozé da Costa Bolcão e de sua mulher D. Maria de Araujo, cazou com D. Maria Joana de Jezus de Aragão, filha do capitão-mór Ignacio de Siqueira Villas-Bôas e de sua mulher D. Joana de Betencourt Sá de Menezes, a fl. .., n. 7, e teve filhos:

13. Jozé Joaquim.

14. Jozé Ignacio.

N. 3. Antonio Machado Velho, filho de Baltazar da Costa Bolcão, n. 1, e de sua mulher D. Maria de Góes de Mendonça, cazou com D. Anna de Souza de Aragão, filha do alcaide-mór Francisco de Araujo de Aragão, a fl..., n. 40, e teve filha:

D. Maria Bolcoa, que é freira no convento do Desterro na Bahia, e seu pai Antonio Machado Velho por morte de sua espoza D. Anna de Souza se fez dahi a alguns annos religiozo de S. João de Deos no hospital da villa da Caxoeira, que elle para ali havia transferido do lugar de Paraguassú junto ao convento de Santo Antonio, e teve principio por um religiozo leigo d'aquelle convento frei Bernardo da Conceição, que ali faleceu com bôa fama, natural da cidade da Bahia. N'este hospital muitos annos depois de viuvo o sobredito Antonio Machado em habito de terceiro, ainda em vida de frei Bernardo e por morte d'este religiozo, mudou o hospital para a Caxoeira.

BRANDÕES DO IGUAPE

Melchior Brandão Coelho, de quem só achamos, que foi cazado duas vezes, a primeira com Maria Pestana, da qual diz assim o assento do seu enterro: « Em 8 de Agosto de 1653, faleceu Maria Pestana, mulher de Melchior Brandão Coelho, sepultada em Santiago de Iguape; testamenteiros seu marido e seu genro Braz Rabelo. D'esta primeira mulher teve filhos:

1. Sebastião Brandão Coelho, que se segue.

2. Miguel Brandão Coelho, adiante.

3. Izabel Brandão, mulher de Braz Rabelo.

3. Francisco Brandão Coelho, cazado, a fl... Segunda vez cazou Melchior Brandão Coelho com D. Anna Beltraite, e d'esta teve filha :

4. D. Anna Brandão, a respeito de quem, em 15 de Agosto de 1668, diz o vigario da matriz do Iguape : « Recebi a Manoel da Rocha do Rego, filho de Baltazar de Araujo Barboza e de Maria de Brito Corrêa, moradores no Couto de Corelhão, arcebispado de Braga, com D. Anna Brandão, filha do coronel Melchior Brandão Coelho e de D. Anna Beltraite, já defuntos. Testimunhas Gonçalo Rodrigues de Araujo e Francisco Rabelo de Macedo».

N. 1. Sebastião Brandão Coelho, * filho de Melchior Brandão Coelho e de sua primeira mulher Maria Pestana, foi capitão, cazou com Ignez de Novaes, e teve filhos:

5. Joana, batizada em 3 de Janeiro de 1651.

6. Francisco, batizado a 28 de Julho de 1653, e faleceu este Francisco Brandão a 18 de Agosto de 1681.

7. Anna, batizada a 10 de Janeiro de 1656, e cazou a 25 de Fevereiro de 1706 na capella de Guadalupe com Domingos Barboza de Araujo, filho de Pedro Correa e de sua mulher Margarida Barboza de Araujo, naturaes da

* Faleceu a 6 de Abril de 1675.

freguezia de S. Miguel da Faxa, do arcebispado de Braga, sem filhos.

8. Antonio Coelho Brandão, testamenteiro de seu pai, cazou com D. Anna Brandão a 16 de Agosto de 1694, na capella do Acupe.

FALCÃO

N. 2. Miguel Brandão, filho de Melchior Brandão Coelho e de sua primeira mulher Maria Pestana, cazou com Monica Amaral, (1) filha de Miguel Ferreira Feio e de sua mulher Izabel Serrão, e teve filhos:

9, Miguel, cazado com D. Francisca de Menezes, batizado a 2 de Maio de 1632.

10. Melchior, batizado a 2 de Outubro de 1633.

11. Maria, batizada a 13 de Dezembro de 1634.

12. Antonio, batizado a 10 de Fevereiro de 1636.

12. Francisco, cazado com D. Francisca de Menezes, e Izabel, a fl...

N. 3. Izabel Brandão, filha de Melchior Brandão Coelho e de sua mulher Maria Pestana, cazou com Braz Rebelo Falcão, e teve filhos:

12. Vasco Marinho Falcão, que fica a fl. .., n. 24.

13. Melchior Brandão Pereira, que se segue.

14. D. Francisca de Miranda, que cazou com o capitão Antonio da Serra de Figueiredo, filho de Antonio da Serra e de sua mulher Luiza de Figueiredo, natural da villa de Pombeiro, freguezia de S. Salvador, bispado de Coimbra, cazaram a 29 de Setembro de 1659, e faleceu esta D. Francisca a 2 de Novembro de 1680.

15. Izabel Brandão, que cazou com Francisco Rabelo de Macedo, (2) filho de Antonio Rabelo de Macedo e de sua mulher Violante de Faria, natural da vila de Guimarães, freguezia de N. S. da Oliveira, e teve filho o sargento-mór Fernão Pereira de Macedo. Cazaram a 3 de Abril de 1665.

---

(1) Cazaram a 11 de Novembro de 1629.

(2) Faleceu ella a 4 de Janeiro de 1713 e elle a 13 de Março de 1708.

16. D. Maria Falcão, que cazou com Valentim da Rocha Pita, a 19 de Janeiro de 1653, adiante.

17. Thomé Pereira Falcão, ao depois.

N. 13. Melchior Brandão Pereira, filho de Braz Rabelo Falcão e de sua mulher Izabel Brandão, n. 3, cazou com D. Izabel Barboza, e teve filhos. A este Melchior Brandão chamavam o moço; faleceu este a 21 de Junho de 1696, e ella a 28 de Agosto de 1689.

18 Izabel Barboza Pereira, batizada a 6 de Novembro de 1650, na matriz de Iguape, padrinhos o coronel Melchior Brandão Coelho e D. Francisca de Miranda, filha de Braz Rabelo, que se segue, a fl. ..

19. D. Maria de Araujo, mulher de João Brandão Pereira, adiante, batizada a 8 de Junho de 1655.

20. Antonio, batizado a 10 de Maio de 1657.

21. Melchior, batizado a 24 de Agosto de 1659.

22. Braz, batizado a 7 de Agosto de 1661.

23. Salvador, batizado a 11 de Outubro de 1664.

24. Sebastião, batizado a 15 de Setembro de 1669. cazado com D. Felippa Soares de Brito, com filhos Manoel e Izabel.

25. Vasco Marinho, adiante.

N. 18. D. Izabel Barboza Pereira, filha de Melchior Brandão Pereira, n. 13, e de sua mulher D. Izabel Barboza, cazou com Gaspar de Araujo de Azevedo, * filho de Gonçalo Coelho de Araujo e de sua mulher D. Catharina Barboza, do arcebispado de Braga, freguezia de S. Maria de Ponte de Lima, e tiveram filhos:

26. Catharina, batizada a 12 de Janeiro de 1680.

27. Roza Maria, batizada a 29 de Agosto de 1682.

N 19. D. Maria de Araujo, filha de Melchior Brandão Pereira, n. 13, e de sua mulher D. Izabel Barboza, cazou com João Brandão Pereira, e teve filhos :

28. Antonio Brandão Pereira, que se segue.

28. D. Maria Brandão, adiante, filha da segunda mulher.

---

* Cazaram a 21 de Janeiro de 1679. Filho este Gaspar de Araujo de Gonçalo Coelho de Araujo e de sua mulher D. Catharina Barboza, do arcebispado de Braga, freguezia de Santa Maria de Ponte de Lima.

Segunda vez cazou este João Brandão com Maria de Campina, a fl. .., n. 28.

N. 28. Antonio Brandão Pereira, filho de João Brandão Pereira, n. 19, e de sua mulher Maria de Araujo, foi coronel, e cazou com D. Francisca Gaiozo Xavier, (1) filha do coronel Jozé Gaiozo de Peralta e de sua mulher D. Maria Pereira, viuva, que era do coronel Manoel de Queiroz. De Antonio Brandão e sua mulher, acima, foi filha :

29. D. Luiza Brandão, que se segue.

N. 29. D. Luiza Brandão, filha do coronel Antonio Brandão, acima, n. 28, cazou com Gonçalo Marinho Falcão, (2) filho de Thomé Pereira Falcão, segundo do nome, e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho, filha de Vasco Marinho e de sua mulher D. Catharina de Araujo, e teve filhos.

N. 25. Vasco Marinho Pereira, filho de Melchior Brandão Pereira, o moço, n. 13, e de sua mulher D. Izabel Barboza, cazou com D. Catharina de Araujo, filha de Paio de Araujo de Azevedo, que era filho de Fernão Velho de Araujo, e teve filhos.

32. Paio de Araujo de Azevedo, cazado com D. Catharina de Goes.

31. Mariana, batizada a 26 de Outubro de 1688, adiante.

32. D. Leonor Pereira Marinho, que se segue ; batizada a 7 de Março de 1690.

33. Pedro Marinho Falcão, batizado ao 1°. de Novembro de 1692.

34. João, batizado a 13 de Julho de 1694.

35. Anna Maria, batizada a 13 Junho de 1696.

36. Vasco, batizado a 18 de Outubro de 1697.

N. 32. D. Leonor Pereira Marinho, filha de Vasco Marinho, n. 25, e de sua mulher D. Catharina de Araujo, foi cazada a primeira vez com Thomé Pereira Falcão, filho de Thomé Pereira Falcão o velho e de sua mulher D. Ignacia de Araujo, adiante, e teve filhos :

---

(1) Cazaram a 21 de Novembro de 1729.

(2) Cazaram a 28 de Janeiro de 1750 na matriz de Santiago do Iguape, e faleceu Gonçalo Marinho a 7 de Abril de 1773.

37. Gonçalo Marinho Falcão, que já fica n. 29, cazado com D. Luiza Brandão, e ahi a sua descendencia.

38. D. Leonor, que faleceu a 24 de Setembro de 1736 com 20 annos de idade, sendo já morto seu pai, e cazada já segunda vez sua mãi D. Leonor, diz o assento de seu enterro.

N. 17. Thomé Pereira Falcão, o velho, filho de Braz Rabelo Falcão, n. 3, e de sua mulher Izabel Brandão, n. 3, filha de Belchior Brandão Coelho e de sua mulher Maria Pestana, cazou com D. Ignacia de Araujo, (1) filha de Gonçalo Rodrigues de Araujo e de sua mulher Izabel Freire Baraxo, e cazaram a 21 de Julho de 1669, e tiveram filhos:

89. Thomé Pereira Falcão, que já fica cazado com D. Leonor Pereira Marinho, e batizado a 2 de Junho de 1680.

40. Vasco, batizado a 4 de Maio de 1670.

41. Izabel, batizada a 23 de Agosto de 1671, adiante.

42. Lancerote, batizado a 8 de Abril de 1674.

43. Michaela, batizada a 16 de Outubro de 1676.

44. Roza Maria, batizada a 24 de Julho de 1678 e foi cazada com Francisco da Rocha Pita, filho de Antonio da Rocha Pita, a fl..., n. 1.

45. Ignacia de Araujo, batizada a 16 de Abril de 1684, e cazou com Garcia de Avila, seu primo, a fl..., e fl..., e ahi a sua decendencia. Faleceu a 29 de Setembro de 1773 com 80 annos de idade, em que andava. Sepultada na sua sepultura do altar da Conceição de S. Francisco da Bahia.

N. 39. Thomé Pereira Falcão, filho de Thomé Pereira Falcão, o velho, n. 17, e de sua mulher D. Ignacia de Araujo, cazou, como já se dice acima n. 32, com D. Leonor Pereira Marinho, (2) filha do capitão Vasco Marinho Pereira e de sua mulher D. Catharina de Araujo de Azevedo, filha de Paio de Araujo de Azevedo, a quem chamavam o Par Deos homem, commendador da ordem

(1) Faleceu esta D. Ignacia a 10 de Julho de 1743, em idade de mais de 100 annos. Testamenteiros seus netos Gonçalo Marinho Falcão, Francisco Dias de Avila e João da Rocha Pita.

(2) Cazaram a 7 de Janeiro de 1715.

de Christo, e de sua mulher D. Anna, filha de Duarte Lopes Soeiro e de D. Maria de Souza, sua mulher. D'este Thomé Pereira e de sua mulher D. Leonor Pereira Marinho foram filhos:

46. Gonçalo Marinho, que cazou com D. Luiza Brandão, que já fica n. 29, e ahi a sua geração.

D. Leonor, que faleceu solteira, que já fica n. 38.

N. 16. D. Maria Falcão, filha de Braz Rabelo Falcão e de sua mulher Izabel Brandão, fl... n. 3, cazou com o capitão Valentim da Rocha Pita, e tiveram filhos. Cazaram a 19 de Janeiro de 1653, e faleceu elle a 13 de Novembro de 1665, e morto elle, cazou esta D. Maria a 26 de Maio de 1669 com o capitão João Peixoto da Silva, viuvo de D. Anna Cavalcante.

47. Christovão, batizado ao 1°. de Janeiro de 1662.

48. D. Maria da Rocha Pita, que cazou com Antonio da Rocha Pita, filho de Francisco da Rocha Pita e de sua mulher Beatriz de Lara, naturaes de Coura, e já ficam a fl. .., e ahi a sua decendencia.

N. 41. D. Izabel Brandão, filha de Thomé Pereira Falcão, n. 17, e de sua mulher D. Ignacia de Araujo, cazou com Manoel Marinho Brandão: cazaram a 7 de Outubro de 1697.

N. 31. D. Mariana Pereira, filha do capitão Vasco Marinho Pereira, n. 25, e de sua mulher D. Catharina de Araujo, cazou com Manoel Pereira de Souza, filho de Diogo Pereira do Lago e de sua mulher Luiza Barboza Souzeda, da freguezia de Santa Maria de Rebordão, arcebispado de Braga, cazaram a 8 de Janeiro de 1708, na capella de Guadalupe.

N. 28. D. Maria Campina Brandão, filha de João Brandão, n. 28, e de sua segunda mulher Maria de Campina, cazou com João Soares de Brito a 27 de Abril de 1653. Testimunha, além de outras, D. Maria Pestana, mulher do capitão Cosme de Sá Peixoto. Tiveram filhos:

49. Maria, batizada a 21 de Abril de 1655.

50. Margarida, batizada a 17 de Dezembro de 1656.

51. Anna, batizada a 13 de Setembro de 1658.

52. Francisca, batizada a 29 de Março de 1660.

53. Manoel, batizado a 13 de Abril de 1662.

6. Jacinto da Campos Baião, que se segue.
7. Anna de Campos, adiante.
8. Maria de Campos de Oliveira, adiante.
9. Francisco Dias Baião, sacerdote.
10. Felippa de Santiago, ao depois.

Beatriz de Gusmão, que cazou com Bento da Silva Baião a 29 de Setembro de 1648.

Segunda vez cazou com Maria Nunes, a 28 de Agosto de 1650, e era esta já viuva de Bartolomeu Rodrigues.

N. 5. Jacinto de Campos Baião, filho de Jacinto de Campos de Baião, n. 1, e de sua mulher Maria Rodrigues, cazou com D. Felippa de Mello, * filha de Miguel Bravo de Mello e de sua mulher Leonor, etc., e teve filhos:

11. Francisco, batizado a 11 de Abril do 1666.
12. Natalia, batizada a 2 de Janeiro de 1669.

N. 8. Maria de Campos, filha de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues, cazou com Duarte Ximenes, filho legitimo de André Lopes da India e de sua mulher Micia Lopes de Almeida, e teve filhos.

13. Mariana de Jezus, mulher de Antonio Mendes Bravo.

D'este André Lopes da India e de sua mulher Micia Lopes foi tambem filha Ignacia.

N. 9. O padre Francisco Dias Baião diz assim na verba do seu testamento:—«Declaro,que sou filho legitimo de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues.» Foi irmão de S. Pedro, como consta do termo, que fez a 6 de Outubro de 1661, no livro 1°. d'esta irmandade, a fl. 22 v.

N. 5. Felippa de Santiago, filha de Thomé Fernandes Baião e de sua mulher Leonor Dias, cazou com Pedro Vaz Corrêa, a quem el-rei deu fôro de fidalgo pelos relevantes serviços, que lhe fez na India, e teve filha:

D. Jeronima Corrêa, que cazou com o capitão Miguel Telles Barreto, a fl. .., e ahi a sua descendencia.

* Cazaram a 16 de Abril de 1661 em Paripe: filho de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues, já defuntos.—Diz assim o livro da sé a fl. ..

D. Maria Corrêa, mulher de Manoel de Souza Dormondo, avó de D. Izabel Maria Guedes de Brito.

N. 10. Felippa de Santiago, filha de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues, cazou com Estevão Rodrigues do Porto, (1) natural da Bahia, filho de Fernão do Porto e de sua mulher Maria da Cruz, ou Corrêa, e teve filha :

Branca Rodrigues, mulher de Ignacio Garcia.

Por morte de sua mulher Felippa de Santiago, n. 10, cazou Estevão Rodrigues do Porto com Francisca Nunes, filha de Domingos Rodrigues e de sua mulher Catharina Nunes, e teve filhos:

Ursula, Francisca, Felippa e Silvestre.

Terceira vez cazou Estevão Rodrigues do Porto com Maria Pereira de Goes, e teve filhos:

Jozé, Francisco e Thomazia.

Anna de Campos, filha de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues, cazou com Antonio Vieira, (2) filho de Antonio Vieira e de sua mulher Margarida Nunes, moradora em Pernambuco.

BRAVO

Antonio Bravo, foi natural do Porto, e cazado com Margarida Antonia, e teve filhos:

1. Antonio Mendes Bravo, que se segue.

N. 1. Antonio Mendes Bravo, filho de Antonio Bravo, acima, e de sua mulher Margarida Antonia, cazou com Maria Gaspar, que era filha de Antonio Gaspar (3) e de sua mulher, e teve filho :

2. Antonio Mendes Bravo, que se segue.

D'este Antonio Mendes Bravo e de sua mulher Mariana de Jezus tiveram os filhos seguintes : Ignacio

---

(1) Cazaram a 3 de Fevereiro de 1663.
(2) Cazaram a 12 de Agosto de 1646.
(3) Consta do testamento d'este Antonio Gaspar, que se acha-no car cartorio dos orfãos, de que era escrivão Manoel Rabello de Souza, no anno de 1696.

Mendes de Castro, sem sucessão, Anna Maria da Resurreição, cazada com Antonio Luiz Ferrão, alferes de infantaria, com o fôro de fidalgo, Leonor Maria da Fé, solteira, Antonia de S. Francisco, solteira, Agostinho de Castro, sem sucessão, e Leandro Jozé de Castro, solteiro, Bartolomeu Lopes de Castro, sem sucessão, Francisco Xavier de Castilho sem sucessão, já fica a fl. ..

N. 2. Antonio Mendes Bravo, filho de Antonio Mendes Bravo, n. 1,e de sua mulher Maria Gaspar, cazou com Mariana de Jezus, filha de Duarte Ximenes, e de sua mulher Maria de Campos de Oliveira, filha esta de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues, a fl..., e Duarte Ximenes, era filho legitimo de André Lopes da India e de sua mulher Micia Lopes de Almeida: de Antonio Mendes Bravo e de sua mulher Mariana de Jezus foi filho:

3. Francisco Xavier de Castilho, que cazou com Catharina de Santa Maria, e já ficam a fl. .., n. 36, e o mais.

4. Ignacio Mendes de Castilho, que se segue adiante.

Duarte Ximenes, de quem acima se diz era filho de Mariana de Jezus, que cazou com Antonio Mendes Bravo, e foram pais de Francisco Xavier de Castilho ; era o tal Duarte Ximenes filho legitimo de André Lopes da India e de sua mulher Micia Lopes de Almeida ; assim se acha no livro dos cazamentos da sé da Bahia pelos termos seguintes a fl. 210 : « Em 5 de Dezembro de 1666, cazou Duarte Ximenes, filho de André Lopes da India e de sua mulher Micia Lopes de Almeida, com D. Maria de Campos de Oliveira, natural d'esta Bahia ; filha de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues.» Cazaram a 5 de Dezembro de 1666.

N. 4. Ignacio Mendes de Castilho, filho de Antonio Mendes Bravo e de sua mulher Mariana de Jezus, passou á India, e lá cazou com Marta Maria Gonçalves, natural de Racol, freguezia de Neves da provincia de Salcete, do arcebispado de Gôa, e teve filho :

1. Ignacio, batizado em 23 de Abril de 1699 na freguezia de S. Pedro.

2. Anna, batizada em 1.º de Maio de 1702 na freguezia da sé.

3. Leonor, batizada em 7 de Fevereiro de 1705, na freguezia da sé.

4. Antonia, batizada em 29 de Maio de 1707, na freguezia da sé.

5. Agostinho, batizado em 25 de Julho de 1711 na freguezia da sé.

5. Agostinho Mendes, sacerdote, ordenado pelo arcebispo de Gôa, em sabado das temporas de Dezembro, a 20 de 1766. Livro das matriculas a fl. 75, consta por certidão do escrivão d'aquella camara ecleziastica de Gôa, João Pereira, passada a 14 de Janeiro de 1769; e hoje conego na sé primaz de Gôa.

6. Leandro, batizado em 10 de Março de 1715 na freguezia da sé.

7. Bartolomeu, batizado em 9 de Setembro de 1716 na freguezia da sé.

8. Francisco, batizado em 12 de Outubro de 1719 na freguezia da sé.

André Lopes da India, cazado com Micia Lopes de Almeida, * teve filhos. Filha esta de Izabel Lopes e de seu marido Antonio Serrão de Almeida.

1. Duarte Ximenes, que cazou com Maria de Campos de Oliveira, filha de Jacinto de Campos Baião e de sua mulher Maria Rodrigues.

2. Ignacia, que suposto não achamos nas memorias que vimos com quem foi cazada, no livro dos enterros da sé se acha o assento seguinte: « Aos 23 de Junho de 1664, faleceu D. Jeronimo de Valençóes, o genro que foi de Andre Lopes da India Valençóes.

Aos 7 de Julho de 1704, recebi a André Lopes da India, filho de Duarte Ximenes, já defunto, natural da cidade da Bahia, freguezia da sé, com D. Izabel de Oliveira, filha do capitão Gaspar Mendes Barboza e de sua mulher D. Leonor de Oliveira, já defunta, natural da freguezia de Passé, dispensados do 4º. grâo de parentesco mixto com o 3.º»

* Cazaram na sé a 8 de Janeiro de 1612.

Izabel Lopes, cazada com Antonio Serrão de Almeida
Micia Lopes de Almeida, mulher de André Lopes da India, acima.
Manoel Serrão.
André Serrão.
Pascoal Serrão.
Maria Serrão de Almeida.

GOES

Os Góes vieram da Bretanha, e foi o primeiro que veio a Portugal Martim Vasques de Góes, em tempo d'el-rei D. Pedro I, e um dos primeiros, que foram ajudar a el-rei D. Pedro de Castella contra o rei de Aragão. D'este Martim Vasques de Góes foi pai Vasco Rodrigues e avô Rui Dias; o qual Rui Dias era filho de Lopo de Góes. Cazou Rui Dias segunda vez com Felippa de Góes, da qual teve filho Frutuozo de Góes, que foi guarda-roupa d'el-rei D. Manoel, e cazou com D. Izabel Perdigão, filha herdeira de Eitor Nunes Perdigão, e teve d'ella filho a Antonio Perdigão de Góes, que cazou com D. Maria de Mendonça, filha de Affonso Furtado e d'esta D. Maria de Mendonça, e seu marido Antonio Perdigão de Góes foi filho Luiz de Góes Perdigão, que cazou com D. Margarida de Souza, ou Deça, filha de Manoel de Souza, capitão de Caul, e d'estes foi filha D. Madalena de Mendonça, que cazou com D. Antonio da Costa, filho bastardo e segundo de D. Alvaro da Costa, clerigo e deam da Guarda, e de uma D. Maria Manoel. * Era este D. Alvaro da Costa deam da sé da Guarda, a quem chamavam o Queimado por alcunha, porque sendo de idade de cinco annos queimou a cara com polvora; era irmão primeiro de D. João da Costa, e filho de D. Galianes da Costa, e neto de Alvaro da Costa, o primeiro em Portugal, como já fica a fl. . .

D. Antonio da Costa, acima, filho segundo bastardo do deam D. Alvaro da Costa, cazou, como fica dito, com

* Corografia Portugueza, tom. 2º. pag. 390.

D. Madalena de Mendonça, teve d'esta sua mulher filho D. Luiz da Costa, que cazou com sua parenta D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Pedro da Costa, armeiro-mór e commendador de S. Vicente da Beira na ordem de Aviz, e de D. Violante de Noronha, da qual D. Maria de Noronha teve filho a D. Antonio da Costa, como se póde vêr na Corografia Portugueza, citada.

PEDROZO GOES E SIQUEIRAS

Sebastião Pedrozo, que passou aos Ilheos, capitania do Brazil, foi cazado com Maria Barboza, que era filha de Thomé Lobato de Lamego e de sua mulher Anna Barboza de Moraes, de Viana. De Sebastião Pedrozo, acima, e de sua mulher Maria Barboza foram filhos:

1. Brites Barboza, que cazou com Antonio de Aguiar Daltro, filho de Pedro de Aguiar Daltro, a fl..., n. 1.

2. Sebastião Pedrozo Barboza, que se segue.

N. 2. Sebastião Pedrozo Barboza ou Viana, como se acha em outros assentos, e se póde vêr a fl. .., n. 13 e 39, filho de Sebastião Pedrozo e de sua mulher Maria Barboza, cazou duas vezes, uma no Cairú, para onde havia passado dos Ilheos, com Maria de Góes de Macedo, filha de Melchior de Armas de Brum e de sua mulher Francisca de Araujo, que era filha de Gaspar de Araujo e de sua mulher Catharina de Góes, a fl..., e teve filhos:

1. Jorge de Araujo de Góes.

3. Francisco de Góes de Macedo, que se segue.

4. Diogo de Araujo Barboza, adiante.

5. Rodrigo Pedrozo, ao depois.

6. D. Brites Barboza, mulher do sargento-mór Pedro da Franca de Andrade, com filhos.

7. D. Luzia de Góes, cazada.

8. O padre Sebastião Pedrozo de Góes, vigario na parochial de Sergipe d'El-rei. Assim se acha no termo de um cazamento n'aquella matriz: Em 2 de Julho de 1679

recebeu o reverendo vigario Sebastião Pedrozo de Góes a Maria da Rocha Barboza, filha do capitão Belchior Dias Barboza e de sua mulher Maria da Rocha Pita, com o capitão Simão de Villas-Bôas, n'esta matriz.

9. Jorge de Araujo de Góes, que no anno de 1645, a 5 de Janeiro, tirou inquirições para frade de S. Francisco da Bahia, e professou no mesmo convento a 14 de Janeiro do anno seguinte de 1646, com o nome de frei Bernardo da Encarnação.

10. D. Barbara de Góes de Macedo, mulher do capitão Manoel de Uzeda Aiala, com filhos, a fl...

11. D. Maria de Siqueira, mulher de Simão de Araujo Góes, a fl. ..

12. D. Angela de Siqueira, mulher de Jorge de Araujo de Góes, a fl. ..

13. Os padres Antonio de Araujo e Luiz de Góes, ambos jezuitas.

N. 3. Francisco de Góes de Macedo, filho de Maria de Góes de Macedo e de seu marido Sebastião Pedrozo Barboza, cazou com D. Mariana Mexias, filha de Melchior Mexias Barboza e de sua mulher D. Antonia de Padua, e foram dispensados no 3°. gráo de cousaguinidade mixto com o 3°. e tiveram filhos.

Outra vez foi cazado Sebastião Pedrozo Barboza ou Viana, que assim se acha em outro assento, com D. Izabel Deça, filha de D. Ignez Deça e de seu marido Luiz Alvares Espinha, a fl. .., ns. 13, 36 e 39, da qual sua mulher D. Izabel Deça teve filhos :

14. D. Maria Deça, que cazou com seu primo Manoel de Souza Deça, ali a fl..., n. 39.

15. D. Brites de Souza, mulher de Vicente Fernandes Pereira, ali.

N. 3. Francisco de Góes de Macedo, filho de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua primeira mulher Maria de Góes de Macedo, cazou com D. Maria Mexias, filha de Melchior Mexias Barba e de sua mulher D. Antonia de Padua, e

foram dispensados no 3°. gráo de consanguinidade misto com o 3°. e tiveram filhos :

16. O sargento-mór Francisco de Góes Barboza, cazado com D. Maria Moniz, sem filhos.

17. D. Maria Mexias de Góes, cazada com Gaspar Tourinho Maciel, com filhos.

18. D. Luzia de Góes Barboza, mulher do sargento-mór Jozé de Mello de Vasconcellos, com filhos.

N. 4. Diogo de Araujo Barboza, filho de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua primeira mulher Maria de Góes de Macedo, cazou com Luzia de Oliveira, filha de Simão de Oliveira Serpa e de sua mulher Agostinha de Medeiros. Cazaram a 11 de Novembro de 16.. na sé.

N. 6. Rodrigo Pedrozo, filho de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua primeira mulher D. Maria de Góes de Macedo, cazou com D. Antonia de Menezes, natural da villa do Cairú, filha de Diogo da Rocha de Sá e de uma de suas mulheres, D. Izabel da Silva, da qual teve filhos.

19. João Pedroso, cazado com filhos.

20. D. Izabel de Menezes, que se segue, cazou com Luiz de Góes da Fonseca, a fl..., n. 16,e ahi o mais.

Por morte de seo marido Rodrigo Pedrozo cazou segunda vez D. Antonia.

O capitão Luiz Pedrozo, que cazou com D. Leonor de Siqueira, filha de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher D. Angela de Siqueira, a fl... Cazaram em 8 de Setembro de 1644.

Mathias Pedrozo, cazado com Maria Corrêa, teve filha :

Izabel de Góes, que cazou com Pantaleão Freire Porto, viuvo de Elena de Mendonça, a 26 de Setembro de 1690 em Cotegipe.

João Pedrozo Barboza, filho do capitão João de Ceitas, já defunto, e de sua mulher D. Barbara de Sá de Menezes, cazou com D. Thomazia Batista, filha de Manoel Lopes Batista e de sua mulher Maria da Encarnação : cazaram a 20 de Outubro de 1698 na igreja de N. S. de Oliveira, de Sergipe do Conde, de que é administrador Vicente da Costa Cordeiro.— O vigario *Luiz de Souza Marques*.

Segunda vez cazou D. Antonia de Menezes, acima, n. 6, com Gregorio da Cunha de Barbuda, filho do capitão Francisco de Barbuda, o moço, a fl. .., n. 16, e a fl. .., ahi os filhos que teve.

D. João Pedrozo Barboza, n. 19, cazou com D. Luiza Uzeda.

GOES, FONSECAS E SARAIVAS NA BAHIA, ILHEOS E CAIRU' ETC.

Gaspar de Araujo e sua mulher Catharina de Góes, sendo moradores na cidade Lisboa, donde ella era natural, e elle nascido na villa de Arcos, parte de Viana, ou Ponte de Lima, passaram ao Brazil, e foram aportar á villa de São-Jorge, capitania dos Ilhéos, que n'aquelle tempo estava já florente, e foi pelos annos de 1563; trouxeram comsigo dous filhos, que já tinham, e foram:

1. Antonia de Padua de Góes, que se segue.
2. Simeão de Araujo de Góes, ao depois.

Passados ao Brazil, e moradores já nos Ilhéos, tiveram ahi mais os filhos seguintes:

3. Francisca de Araujo, cazada com Belchior de Armas de Brum, a fl. ..
4. Mariana de Góes, cazada.
5. Clara de Góes, mulher de Thomé Lobato Pedrozo.
6. Jorge de Araujo de Góes, cazado a fl..., n. 6.

Tendo já cazado todos esses filhos, e tendo falecido sua mulher Catharina de Góes, com fama conhecida de bôa christan, e mui virtuoza, se passou Gaspar de Araujo dos Ilhéos para a Bahia, e ahi na cidade arrebatado de superior espirito, depois de muitas e repetidas instancias, se recolheu ao collegio dos padres jezuitas, e lhe lançaram a sua roupeta, com a qual, e mui humildes exercicios, consummou com bôa opinião o curso da vida.

N. 1. Antonia de Padua de Góes,* filha primeira de

* Faleceu com 82 annos de idade no de 1643 e foi sepultada na igreja parochial do Cairú.

Gaspar de Araujo e de sua mulher Catharina de Góes, foi cazada com Domingos da Fonseca Saraiva, natural da villa de Armamar, bispado de Lamego, um dos segundos fundadores, e o primeiro entre elles, dos que passaram ao distrito do Cairú, e era filho de Diogo Affonso da Veiga, e segundo neto d'aquelle grande Francisco da Fonseca Saraiva, senhor da villa de Trancozo, e dos Ilhéos; tinha comprado engenho e terras, e foi bastantemente rico. Fundou a capella do gloriozo padre São Francisco. Teve Antonia de Padua de seu marido Domingos da Fonseca Saraiva os filhos seguintes:

7. Catharina de Góes Paes, que se segue.

8. Mariana de Góes de Afonseca, cazada com Simão Pinto de Faria, com filhos.

9. Suzana de Góes, cazada com Gonçalo Falcão Pereira.

10. Francisca da Fonseca, cazada com João Barboza Coutinho, com filhos.

11. Antonio da Fonseca Saraiva, cazado com Ursula Serrão de Medeiros, com filhos.

12. Simeão de Araujo de Góes, ou de Afonseca, cazado, a fl...

E quatro mais, que faleceram de menor idade.

Por espaço de 20 annos viveu Antonia de Padua, e seu marido Domingos da Fonseca Saraiva nas suas fazendas no distrito dos Ilhéos, e no fim d'elles se retirou por cauza das invazões do gentio para terra firme do distrito do Cairú, sendo um dos segundo povoadores da dita villa.

N. 7. Catharina de Góes Paes, filha de Antonia de Padua de Góes e de seu marido Domingos da Fonseca Saraiva, cazou com o capitão Lucas da Fonseca Saraiva.

13. Ursula da Fonseca, cazada com Francisco de Souza Deça, a fl..., n. 17.

14. D. Antonia de Padua de Afonseca, mulher de Melchior Mexias Barba, a fl...

15. Cecilia da Fonseca, mulher de Marcos de Araujo de Brum a fl. .

16. Luiz de Góes da Fonseca, que se segue.

17. Lucas da Fonseca Saraiva, cazado com Catharina de Souza da Fonseca, a fl..., n. 17.

18. Antonio de Araujo da Fonseca, cazado com D. Anna Maria de Aiala, a fl..., n. 17.

N. 16. Luiz de Goes da Fonseca, filho do capitão Lucas da Fonseca Saraiva, n. 7, e de sua mulher Catharina de Goes Paes, filha esta de Antonia de Padua, a velha, e de seu marido Gaspar de Araujo, a fl. .., n. 1. Cazou este Luiz de Goes da Fonseca com D. Izabel de Menezes,* filha de Rodrigo Pedrozo, a fl..., e de sua mulher D. Antonia de Menezes. De Luiz de Goes da Fonseca e de sua mulher D. Izabel de Menezes foi filho:

1. Antonio de Menezes Telles, e cazou com D. Margarida de Souza, sua prima, filha de D. Antonia de Padua e de seu marido Manoel Telles de Menezes, a fl... n. 1 e 4, e ahi o mais.

2. D. Arcangela de Menezes, cazada com Ignacio de Araujo de Souza, com filhos.

Joaquim de Afonseca e Goes, cazado com D. Ignez de Souza.

N. 17. Lucas de Afonseca Saraiva, filho do capitão Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Goes Paes, n. 7, foi cazado com Catharina de Souza da Fonseca, e teve filhos.

4. Catharina de Goes Paes, que cazou com Francisco de Araujo, filho de Manoel de Araujo Brum e de sua mulher Cecilia da Fonseca, filha do capitão Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Goes Paes, fl. . . n. 7, e teve filha D. Catharina de Souza, que cazou com Diogo Moniz Barreto, filho de D. Antonia de Padua e de seu marido Manoel Telles, filho de Diogo da Rocha de Sá e de sua mulher Margarida de Anseres, a fl. .., 2.

N. 12. Simeão de Araujo da Fonseca, filho de Antonia de Padua e de seu marido Domingos da Fonseca Saraiva, a fl. .., n. 1 cazou com Joana de Souza de Vasconcellos, filha de Fernão Ribeiro de Souza e de sua

* Foram dispensados no 4°. grão de consanguinidade mixto com o 3°.

mulher D. Antonia de Menezes, a fl. .., n. 1, e teve filhas:

1. D. Antonia de Padua, que cazou com Manoel Telles de Menezes, filho de Diogo da Rocha de Sá e de sua mulher D. Margarida de Anseres, a fl. .., n. 1 e 2, e ahi o mais.

2. D. Margarida de Souza, mulher de...

Melchior de Armas de Brum foi cazado com Francisca de Araujo, filha de Gaspar de Araujo e de sua mulher Catarina de Góes, a fl. ..n. 3.

1. Gaspar de Armas de Brum, que se segue.

2. D. Margarida de Anseres, adiante.

3. Marcos de Araujo de Brum, ao depois, e cazado tambem com D. Angela Deça, sem filhos, filha esta de Bartolomeu de Souza Deça, a fl. . . n. 8.

4 Maria de Goes, que cazou com Sebastião Pedrozo Barboza, a fl. .. n. 2.

N. 1. Gaspar de Armas de Brum.

N. 3.Marcos de Armas de Brum,filho de Melchior de Armas de Brum e de sua mulher Francisca de Araujo, acima, foi cazado com Cecilia da Fonseca, filha de Catharina de Goes Paes e de seu marido o capitão Lucas da Fonseca Saraiva, a fl. .., n. 7 e 15, e teve filhos :

1. Francisco de Araujo.

Francisco de Araujo, filho de Marcos de Araujo de Brum e de sua mulher Cecilia da Fonseca, foi cazado com Catharina de Goes Paes, que era filha de Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Souza da Fonseca, que era esta filha de Francisco de Souza Castello Branco, irmão de Diogo da Rocha, e filho de Fernão Ribeiro de Souza. D'este Francisco de Araujo, acima,e de sua mulher Catharina de Goes Paes, foi filha

2. D. Catharina de Souza, que cazou com Diogo Moniz Barreto, adiante a fl..., n. 3.

Fernão Ribeiro de Souza, cazado com D. Antonia de Menezes, e teve filhos :

1. Diogo da Rocha de Sá, que se segue.

2. D. Joana de Souza, cazada com Simeão de Araujo da Fonseca, a fl. .., n. 12.

3. Francisco de Souza Castello Branco, a fl...

N. 1. Diogo da Rocha de Sá, filho de Fernão Ribeiro de Souza e de sua mulher D. Antonia de Menezes, foi cazado duas vezes, uma com D. Margarida de Anceres, filha de Melchior de Armas de Brum e de sua mulher Francisca de Araujo, a fl. .. retro, e teve filho:

2. Manoel Telles de Menezes, que se segue.

N. 2. Manoel Telles de Menezes, filho de Diogo da Rocha de Sá e de sua mulher D. Margarida de Anceres, cazou com D. Antonia de Padua, filha de Simeão de Araujo da Fonseca e de sua mulher D. Joana de Souza de Vasconcellos, a fl..., n. .., e teve filhos:

3. Diogo Moniz Barreto, que se segue.

4. D. Margarida de Souza, adiante.

5. D. Mariana de Menezes, cazada com Francisco Pimentel de Oliveira. Cazaram a 28 de Junho de 1688.

N. 3. Diogo Moniz Barreto, filho de Manoel Telles de Menezes e de sua mulher D. Antonia de Padua, foi cazado com D. Catharina de Souza, sua parenta, filha esta de Catharina de Goes Paes, cazada com Francisco de Araujo, e neta de Cecilia da Fonseca, mulher da Marcos de Araujo de Brum, pai de Francisco de Araujo, e bisneta de outra Catharina de Goes Paes, irman esta de Simeão de Araujo da Fonseca, filhos ambos de Domingos da Fonseca Saraiva, e de sua mulher Antonia de Padua. Para cazarem Diogo Moniz Barreto com D. Catharina de Souza, foram dispensados na Bahia no 3°. e 4°. grão de consanguinidade por sentença de 4 de Agosto de 1702, e tiveram filhos.

N. 4. D. Margarida de Souza, filha de D. Antonia de Padua e de seu marido Manoel Telles de Menezes, cazou com Antonio de Menezes Telles, seu primo, filho de Luiz de Goes da Fonseca e de sua mulher D. Izabel de Menezes, a fl. .., n. 16.

6. Antonio Telles de Menezes, que se segue.
7. D. Bernarda de Menezes, mulher de Francisco Moniz Barreto Côrte-Real.
8. D. Maria, cazada.
9. D. Aurelia.

N. 6. Antonio Telles de Menezes, filho de D. Margarida de Souza e de seu marido Antonio de Menezes Telles, cazou com sua parenta D. Maria de Vasconcellos, filha de D. Monica Côrte-Real, filha esta de D. Margarida de Souza, irman esta, como já se dice, de D. Antonia de Padua, e filhas ambas estas de Simeão de Araujo da Fonseca e de sua mulher Joana de Souza de Vasconcellos; e D. Monica Côrte-Real, mãi d'esta D. Maria de Vasconcellos, era cazada com Gaspar de Armas de Brum.

Outra vez foi cazado Diogo da Rocha de Sá com D. Izabel da Silva, da qual não declara o assento, que d'ella trata, de quem era filha,e só, que d'esta sua mulher D. Izabel da Silva teve filha:

10. D. Antonia de Menezes, que cazou com Rodrigo Pedrozo, filho de Sebastião Pedrozo, a fl. .., n. 16 e ahi o mais.

Segunda vez cazou esta D. Antonia de Menezes, por morte de seu primeiro marido Sebastião Pedrozo, com Gregorio da Cunha de Barbuda,filho do capitão Francisco de Barbuda,o moço, a fl. .., n. 16,e ahi os filhos que teve d'este.

N. 3. Francisco de Souza Castello-Branco, filho de Fernão Ribeiro de Souza e de sua mulher D. Antonia de Menezes.

GOES DE MATUIM e COTEGIPE

N. 2. Simeão de Araujo de Góes, o velho, e seu irmão Jorge de Araujo de Góes foram filhos de Gaspar de Araujo, cavalleiro fidalgo, faleceu a 1 de Janeiro de 1662. Foi morador no rio de Matuim, e cazou com Maria de Siqueira, filha de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua mulher Maria de Góes de Macedo, moradores

estes na capitania dos Ilheos. Faleceu Maria de Siqueira a 14 de Agosto de 1664.

1. Antonia de Góes, que faleceu sem sucessão, batizada em Matuim a 26 de Outubro de 1604.

2. Gaspar de Araujo de Góes, que se segue, batizado a 26 de Novembro de 1606.

3. Maria de Góes, mulher de Francisco da Fonseca, o Caboto, batizada a 21 de Dezembro de 1608.

4. João de Araujo de Siqueira, cazado com sucessão, batizado a 20 de Fevereiro de 1688.

5. Leonor de Siqueira, que faleceu sem sucessão, batizada a 24 de Outubro de 1612.

João de Araujo de Góes, que faleceu sem sucessão, batizado a 1 de Dezembro de 1613.

7. Mathias Pedrozo de Góes, cazado, com sucessão, batizado a 1 de Março de 1615.

8. Jozé de Siqueira de Góes, sem sucessão, batizado a 8 de Setembro de 1616.

9. Antonio de Araujo de Góes, sem sucessão, batizado a 17 de Dezembro de 1617.

10. Capitão Francisco de Góes de Araujo, sem sucessão, batizado a 21 de Fevereiro de 1619.

11. Ignacio de Araujo de Góes, que faleceu na guerra dos Olandezes, no anno de 1638, batizado a 20 de Junho de 1620.

12. O capitão Lourenço de Araujo de Góes, batizado a 16 de Março de 1622.

13. Pedro de Goes de Araujo, cazado com sucessão, batizado em caza por necessidade, tomou os santos oleos a 7 de Junho de 1623.

14. Maria de Siqueira, mulher de Baltazar Dias Aranha, batizada a 30 de Maio de 1623.

15. Bernardo de Góes, religiozo da companhia, batizado a 3 de Agosto de 1625.

16. Simeão de Araujo de Góes, cazado com D. Marta Barboza, com sucessão; batizado a 4 de Setembro de 1627.

17. Francisco de Siqueira de Góes, sem filhos, capitão de infantaria na Bahia, cavalleiro do habito de

Christo, e faleceu em Portugal, batizado em caza, e tomou os santos oleos a 18 de Outubro de 1632.

N. 2. Gaspar de Araujo de Góes, filho segundo de Simeão de Araujo de Góes e de sua mulher Maria de Siqueira, cazou com D. Maria de Vasconcellos, * filha de Paulo de Carvalhal, a fl..., n. 3, cavalleiro fidalgo da caza d'el-rei, e de sua mulher D. Francisca de Aguiar, filha esta de Christovão de Aguiar Daltro, o velho, fidalgo mui esclarecido, e neto de Pedro Vaz, colaço d'el-rei D. Pedro I, e de sua mulher Izabel de Figueiró, a fl..., n. 3, e Paulo de Carvalhal de Oliveira era filho de Antonio de Oliveira de Carvalhal, cavalleiro fidalgo e primeiro alcaide-mór, que teve a cidade da Bahia por mercê do senhor rei D. João III; teve Gaspar de Araujo de Góes, de sua primeira mulher D. Maria de Vasconcellos, filhos seguintes:

18. D. Antonia, morta pelos Olandezes, no anno de 1638, batizada a 6 de Agosto de 1632.

19. D. Maria de Vasconcellos, que se segue, batizada a 18 de Abril de 1633, morta pelos Olandezes no mesmo anno.

20. D. Francisca, mulher de Aleixo Paes de Azevedo, a fl. .. n. 20, batizada a 13 de Março de 1635.

21. Manoel, morto pelos Olandezes no mesmo anno, batizado a 8 de Fevereiro de 1637.

Segunda vez cazou Gaspar de Araujo de Góes com Maria de Rego, filha de Sebastião Paes e de sua mulher Izabel de Azevedo, e teve filhos. Vide a fl. .., n. 11. Cazaram a 24 de Outubro de 1638 na capella de Santa Luzia.

22. O coronel Sebastião de Araujo de Góes, cazado com D. Felippa de Brito, sem filhos, a fl. ..

23. O capitão Jozé de Araujo de Góes, cazado adiante, n. 40, batizado em Cotegipe a 3 de Julho de 1642.

24. D. Izabel de Azevedo, adiante.

25. Francisco de Góes de Araujo.

* Cazaram a 8 de Setembro de 1630 em Cotegipe. Faleceu sua mulher D. Maria: foi morta pelos Olandezes a 8 de Setembro de 1698, com outros filhos.

26. Simeão de Araujo de Góes, cazado com D. Ignez de Castro, a fl..., batizada na sé a 14 de Fevereiro de 1647.

27. O licenciado Antonio de Araujo de Góes, que servio de vice-vigario da freguezia de Santo Antonio do Carmo.

28. D. Apolonia de Araujo, mulher do sargento-mór Rui Carvalho Pinheiro, o moço, a fl..., e cazada segunda vez, a fl...

29. Jozé de Góes de Araujo.

30. João de Góes de Araujo, que faleceu solteiro.

Terceira vez cazou Gaspar de Araujo de Góes com Anna de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo e de Maria Nunes, e cazaram a 4 de Março de 1650, da qual não teve filhos, e por morte d'esta cazou quarta vez em 11 de Maio de 1655 com D. Izabel Telles, filha de Antonio Moniz Telles, fidalgo escudeiro, e de sua mulher D. Christina Coutinho, a fl..., n. 34, o qual Antonio Moniz Telles era filho de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, e de sua segunda mulher D. Izabel de Lemos, a fl..., n. 4, e d'esta sua quarta mulher teve filhos:

31. Gaspar de Araujo de Góes.

32. Ignacio de Araujo de Góes, cazado com D. Maria de Souza.

33. Bento e Antonio, carmelitas na Bahia, frei Bento, que faleceu a 28 de Fevereiro de 1781, e frei Antonio, que faleceu a 11 de Julho de 1756.

N. 20. D. Francisca de Vasconcellos, filha de Gaspar de Araujo de Goes e de sua mulher primeira D. Maria de Vasconcellos, cazou com Aleixo Paes de Azevedo,* filho de Sabastião Paes e de sua mulher Izabel de Azevedo, e neto de Aleixo Paes, o velho, e de sua mulher Apolonia Nunes, filho de Francisca, e de seu marido Aleixo Paes foram filhos:

34. Aleixo Paes de Vasconcellos, cazado.

35. Miguel de Goes de Vasconcellos, que se segue.

---

* Cazaram em Cotegipe a 13 de Dezembro de 1650, na capella de Santa Luzia.

36. D. Izabel Thereza de Goes, adiante, batizada a 5 de Setembro de 1654.

37. D. Antonia Maria de Vasconcellos, mulher de Pedro Barboza Leal, e depois do coronel Gonçalo Ravasco, batizada a 12 de Maio de 1657.

38. D. Maria de Vasconcellos, mulher do capitão Jozé Sanches de Goes, ou Delpoço, a fl. .., n. 26, e ahi o mais.

39. D. Luzia de Vasconcellos, mulher do capitão Jeronimo da Costa.

40. D. Anna de Vasconcellos, cazada com seu tio Jozé de Goes, n. 23, e teve filha D. Luzia de Goes, mulher de Sebastião de Bra, a fl. .., n. 1.

N. 35. Miguel de Goes de Vasconcellos, filho de Aleixo Paes de Azevedo e de sua mulher D. Francisca de Vasconcellos, cazou com D. Jozefa de Goes,(1) sua sobrinha e filha de sua irman D. Izabel Thereza de Goes e de seu marido Jozé de Goes de Araujo, que era filho de Jorge de Araujo de Goes, cavalleiro fidalgo e irmão de seu bisavô Simeão de Araujo de Goes e de sua mulher Angela de Siqueira. Teve Miguel de Goes de sua mulher filhos seguintes:

41. D. Roza, religioza do convento de S. Gonçalo da ilha Terceira.

42. D. Izabel de Goes.

43. D. Thereza e D. Maria, religiozas no mesmo convento.

44. Dionizio de Araujo de Goes.

N. 36. D. Izabel Thereza de Goes, filha de D. Francisca de Vasconcellos e de seu marido Aleixo Paes de Azevedo, cazou com Jozé de Goes de Araujo,(2) filho de Jorge de Araujo de Goes, cavalleiro fidalgo da caza real, e de sua mulher Angela de Siqueira, a fl. .., n. 10, e teve filhos:

45. D. Jozefa de Goes, mulher de seu tio Miguel de Goes, acima.

---

(1) Cazaram a 23 de Março de 1674 em Cotegipe.
(2) Cazaram a 23 de Março de 1674 em Cotegipe.

46. D. Joana de Goes, que se segue.

47. Frei Francisco de Santa Thereza, religiozo carmelita.

48. D. Francisca de Goes, mulher de Antonio Brandão de Araujo.

N. 46. D. Joana de Goes, filha de D. Izabel Thereza de Goes e de seu marido Jozé de Goes de Araujo, cazou com Antonio Barboza de Vasconcellos, filho do coronel Pedro Barboza Leal e de sua mulher D. Antonia Maria de Vasconcellos, filha esta de D. Francisca de Vasconcellos e de seu marido Aleixo Paes de Azevedo, a fl..., e teve filhos. Cazaram no convento de S. Francisco a 2 de Março de 1696.

49. Jozé de Goes de Araujo, sacerdote e vigario de Itapicurú de cima.

50. Antonio Barboza Leal.

51. D. Mariana de Goes, mulher de Félis de Araujo de Goes.

52. D. Antonia de Goes, mulher de Cipriano de Oliveira, com filhos.

N. 50. Antonio Barboza Leal, filho de Antonio Barboza de Vasconcellos e de sua mulher D. Joana de Goes, cazou com D. Bernarda de Menezes Doria, filha de Antonio Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Ignacia de Menezes Castro, a fl..., e teve filhos:

53. D. Ignacia Maria de Menezes Doria.

54. D. Joana de Sá Doria.

55. Pedro Barboza Leal.

56. Bernardino Barboza Leal.

57. Mathias Barboza Leal.

58. Jozé Vicente Barboza Leal.

N. 52. D. Antonia de Goes, filha de D. Joana de Goes e de seu marido Antonio Barboza de Vasconcellos, cazou com Cipriano de Oliveira, cavalleiro professo da ordem de Christo, e teve filhos. Era natural de Portugal, filho do mestre de campo Manoel Jaques de Paiva e de sua mulher D. Eufrazia Carvalhal de Oliveira.

59. Manoel Jaques de Magalhães, sacerdote.

60. D. Eufrazia de Goes, mulher de Domingos Alvares Moreira, sem filhos.

61. Ursula e Magdalena, religiozas ursulinas.
62. D. Joana Carvalhal de Oliveira, que se segue.

N. 62. D. Joana Carvalhal de Oliveira, esta acima, cazou com o capitão de cavallos Jozé Pereira Brandão, filho do sargento-mór Gregorio de Castro Brandão e de sua mulher D. Pascoa de Oliveira, e teve filhos:

63. Cipriano de Oliveira.
64. D. Anna.
65. D. Maria.
66. Antonio.

N. 23. Jozé de Araujo de Goes, filho da Gaspar de Araujo de Goes, o velho, e de sua segunda mulher Maria do Rego, foi cazado com Ursula Feio, (1) teve filhos:

67. D. Antonia.
68. D. Izabel.
69. D. Maria do Rego.

N. 24. D. Izabel de Azevedo, filha de Gaspar de Araujo de Goes e de sua segunda mulher Maria do Rego, cazou com Pedro Carneiro Brandão, de quem não teve filhos, e por morte d'este cazou segunda vez com Antonio de Queiroz Cerqueira, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Manoel Queiroz, natural de Amarante, e de sua mulher Maria Cerqueira, e teve filho:

N. 26. Simeão de Araujo de Goes, filho de Gaspar de Araujo de Goes, o velho, e de sua segunda mulher Maria do Rego, cazou com D. Ignez de Casco, (2) filha de Rui Carvalho Pinheiro, o velho, a fl. .., e de sua segunda mulher D. Maria de Souza, e teve filhos.

70. Jozé de Araujo de Goes, cazado com D. Francisca de Freitas Pimentel, filha de Pascoal de Freitas Pimentel, e de sua primeira mulher D. Joana de Uzeda Aiala.

71. Antonio de Araujo de Goes, que cazou a 6 de Março de 1707 na capella de N. S. das Neves da Maré em Matuim, com D. Anna Ursula de Souza, filha de Jozé Rodrigues Chaves e de sua mulher D. Antonia da Silva.

72. Manoel de Araujo de Goes, d'este foi filho Manoel

---

(1) Cazaram a 10 de Setembro de 1656.
(2) Cazaram a 6 de Julho de 1669 no Socorro.

de Araujo de Goes, cazado com D. Roza Pimentel, filho tambem de Pascoa de Freitas Pimentel e de sua primeira mulher D. Joana de Uzeda Aiala.

73. D. Maria de Souza, mulher de Ignacio de Araujo, adiante.

74. D. Anna de Goes, mulher de Antonio de Barros, com filhos, que faleceram pequenos, e ficam a fl. .., n. 21.

N. 26. Simeão de Araujo de Goes, filho de Simeão de Araujo de Goes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, cazou com D. Marta Barboza, baptizada a 11 de Março de 1632, e cazaram a 8 de Abril de 1646 em Cotegipe, filha de Melchior Barboza e de sua mulher D. Suzana Pereira de Mesquita ; teve filhos:

75. Melchior Pereira, ou Barboza Goes.

76. João da Rocha de Andrade.

77. Antonio de Araujo de Goes Siqueira, adiante.

78. D. Maria Barboza, mulher de Luiz de Goes Siqueira.

79. D. Suza Pereira de Goes.

N. 32. Ignacio de Araujo de Goes, filho de Gaspar de Araujo de Goes, n. 2, e de sua quarta mulher D. Izabel Telles, cazou com D. Maria de Souza, filha de Simeão de Araujo de Goes, n. 26, e de sua mulher D. Ignez de Crasto, e teve filhos:

80. O reverendo doutor Gaspar de Araujo de Goes.

81. D. Izabel Telles, que se segue.

82. D. Jozefa de Goes, adiante.

83. Sebastião de Araujo de Goes, que cazou com D. Catharina, sem filhos, e segunda vez com D. Thereza.

84. D. Ignacia de Góes, que cazou com Francisco de Mello de Vasconcellos, e teve filha D. Francisca.

Bernardo, Anna, Antonia, e Rita, que faleceram e tambem faleceu o padre Antonio de Araujo.

Fr. Angelo da Encarnação, religiozo carmelita.

N. 81. D. Izabel Telles de Goes, filha de Ignacio de Araujo de Goes e de sua mulher D. Maria de Souza Góes, cazou com o doutor Jeronimo Rodrigues Garcia, e teve filhos:

85. Ignacio Garcia, cazado com D. Francisca.

86. D. Francisca Telles de Goes, que se segue.

87. D. Jeronima Telles Garcia.
88. D. Caetana Telles Garcia.
89. D. Anna Telles Garcia.
90. Bento Rodrigues Garcia.
91. D. Izabel Telles Garcia.
92. João Garcia.

N. 86. D. Francisca Telles de Goes, filha de D. Izabel Telles de Goes e de seu marido o doutor Jeronimo Rodrigues Garcia, cazou com o tenente Ignacio da Soledade, filho de Antonio da Cruz, e teve filhos :

93. Ignacio da Soledade.
94. Antonio da Cruz.

N. 82. D. Jozefa de Góes, ou Telles de Góes, filha de Ignacio de Araujo de Góes, n. 58, e de sua mulher D. Maria de Souza, cazou com o alferes de infantaria André Pessanha e teve filhos :

95. D. Ignacia Telles de Góes, cazada.
96. Jozé de Araujo e Jozé Pessanha.

N. 13. Pedro de Góes de Araujo, filho de Simeão de Araujo de Góes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, foi cazado com D. Luiza de Mello, filha do coronel Luiz de Mello de Vasconcellos e de sua segunda mulher D. Antonia Garcez de Oliva, filha de João Garcez e de sua mulher Victoria de Oliva, a fl..., e teve filhos :

97. O sargento-mór João de Oliva de Góes.
98. D. Anna de Góes, mulher de Manoel Pereira Pinto.
99. D. Maria de Mello, mulher de Francisco da Fonseca Villas-Bôas, a fl. ..

N. 4. João de Araujo de Siqueira, filho de Simeão de Araujo de Góes, o velho, e de sua mulher Maria de Siqueira, a fl. .., n. 4, cazou com D. Maria de Menezes, * filha de Antonio Moniz.

1. Jozé de Araujo de Góes, filho de Simeão de Araujo de Góes, n. 26, e de sua mulher D. Ignez de Castro, cazou com D. Francisca de Freitas Pimentel, filha de

* Cázaram na capella de S. João a 25 de Novembro de 1610 em Matuim.

Pascoal de Freitas Pimentel e de sua primeira mulher D. Joana de Uzeda Aiala, e teve filhos :

D. Ignez de Castro, que cazou com Francisco Moniz Barreto, (1) filho de Braz Lobo de Mesquita e de sua mulher D. Joana de Menezes.

12. Manoel de Araujo de Góes, filho de Simeão de Araujo de Góes, n. 26, e de sua mulher D. Ignez de Castro, cazou com D. Rozaria Pimentel (2) filha tambem de Pascoal de Freitas Pimentel, acima, e de sua mulher D. Joana de Uzeda Aiala, e teve filhos :

Francisco Xavier de Araujo, cazado com D. Luiza de Souza, filha de João Pereira de Souza, e de sua primeira mulher D. Clara de Araujo: cazaram a 1 de Maio de 1734.

Manoel de Araujo de Góes, que se segue.

Manoel de Araujo de Góes, filho de Manoel de Araujo de Góes, acima, cazou com D. Joana Maria de Jezus, (3) filha do capitão Jozé Ferreira de Moura e de sua mulher D. Roza Maria, da freguezia do Monte.

GOES E SIQUEIRA

N. 6. Jorge de Araujo de Góes, (4) filho de Gaspar de Araujo e de sua mulher Catharina de Góes, a fl..., n. 6., foi cazado com Angela de Siqueira, sua cunhada, mulher de Simeão de Araujo de Góes, o velho, seu irmão, e filhas ambas de Sebastião Pedrozo Barboza e de sua mulher Maria de Góes, a fl..., foi cavalleiro da caza real, e teve filhos.

1. João de Góes de Araujo, que se segue.

2. O licenciado Jozé de Góes de Araujo, cazado a primeira vez com D. Maria de Menezes, filha de Matheus

(1) Cazaram a 30 de Novembro de 1719.—Socorro.

(2) Cazaram a 17 de Julho de 1697 no Socorro.

(3) Cazaram a 16 de Fevereiro de 173? na igreja do Rozario.

(4) Faleceu a 2? de Novembro de 1657. Sepuliado em S. Francisco. Consta do testamento d'este Jorge de Araujo de Góes, que se acha no cartorio de orfãos da Bahia.

Pereira, a fl..., e segunda vèz cazou com D. Izabel Thereza de Góes, filha de D. Francisca de Vasconcellos, a fl. .., e de seu marido Aleixo Paes de Azevedo, e ahi a sua descendencia.

3. Jorge de Arauio de Góes, que cazou com D. Antonia de Menezes, sua cunhada, e filha do sobredito Matheus Pereira de Menezes, ahi, e teve um filho, Maximiano de Goes. Cazaram a 25 de Agosto de 1646.

4. Francisco de Araujo de Goes.

5. André de Goes de Siqueira.

6. D. Mariana de Araujo, que cazou trez vezes, a primeira com Manoel Pereira de Goes, a segunda com Paulo Ignacio de Lemos, a terceira com Eitor Gonçalves Lima.

7. D. Catharina de Goes, mulher do capitão Valentim de Barros (1). Batizada na sé a 9 de Janeiro de 1621, e cazou em 1641 a 18 de Fevereiro.

8. D. Apolonia de Araujo de Goes, que cazou duas vezes, a primeira com o dezembargador Gaspar Cerqueira Ribeiro em 1639, a segunda vez com o capitão Antonio de Queiroz Cerqueira, adiante, a fl. . .

9. D. Leonor de Siqueira, que cazou duas vezes, a primeira com o capitão Luiz Pedrozo em 8 de Setembro de 1644, e a segunda com Pedro Jaques de Almeida.

N. 1. João de Goes de Araujo, filho de Jorge de Araujo de Goes e de sua mulher Angela de Siqueira, foi dezembargador na Bahia e ouvidor geral do civel. Veio de Coimbra para a Bahia em 1651, onde exerceo os taes cargos, e ahi cazou com D. Catharina de Souza, (2) filha de Rui Carvalho Pinheiro, o velho, a fl. .., n. 3, e de sua segunda mulher D. Marta de Souza, e teve filhos :

10. D. Maria de Souza, mulher do capitão Jeronimo Moniz Barreto, a fl. ..

11. D. Antonia de Góes, mulher do sargento-mór Melchior de Afonseca Saraiva.

---

(1) Cazaram a 10 de Fevereiro de 1641. Era filho de Pedro Vaz de Barros e de sua mulher Luzia Leme, moradores na villa de São-Paulo, hoje cidade.

(2) Cazaram a 16 de Julho de 1652, em caza.

N. 2. Jozé de Góes de Araujo, filho de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher D. Angela de Siqueira, foi licenciado e cazou duas vezes, a primeira com D. Maria de Menezes, * filha de Matheus Pereira de Menezes, a fl..., e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida, e teve filhos :

12. Matheus de Góes de Araujo, cazado.

13. Felippe de Góes de Araujo, cazado com D. Mariana de Menezes, sem filhos.

14. Jozé e Antonio, que faleceram solteiros, e D. Angela de S. Jozé, religioza no Desterro.

Segunda vez cazou Jozé de Góes de Araujo, acima, com D. Izabel Thereza de Góes, filha de D. Francisca de Vasconcellos e de seu marido Aleixo Paes de Azevedo, a fl. .., n. 36, e teve filhos :

15. D. Jozefa de Góes, mulher de seu tio Miguel de Góes, ahi, fl. .., n. 35.

16. D. Joana de Góes, ahi mesmo.

17. D. Francisca de Góes, tambem ahi, e frei Francisco de S. Thereza, religiozo carmelita.

N. 3. Jorge de Araujo de Góes, filho de Jorge de Araujo de Góes e de sua mulher D. Angela de Siqueira, foi cazado com D. Antonia de Menezes, sua cunhada, e filha de Matheus Pereira de Menezes e de sua primeira mulher D. Izabel de Almeida já nomeados, e teve filho unico :

18. Maximiano de Góes.

Por morte de seu marido Jorge de Araujo de Góes, acima, cazou segunda vez D. Antonia de Menezes com Francisco de Barros Machado, e teve filhos :

19. Gonçalo de Barros Machado.

20. D. Leonor de Menezes.

N. 8. Antonio de Queiroz Cerqueira, cavalleiro da ordem de Christo, capitão pago do regimento velho, e natural da villa de Amarante, e filho de Manoel de Queiroz e de sua mulher Maria de Cerqueira, na Bahia, cazou com

---

* Cazaram a 23 de Janeiro de 1656.

D. Apolonia de Araujo de Góes, (1) a primeira vez, e diz assim no seu testamento :—Declaro,que n'esta cidade (da Bahia), fui primeiro cazado com D. Apolonia de Araujo de Góes, filha de Jorge de Araujo de Góes e de Angela de Cerqueira, de quem não tive filhos. Segunda vez fui cazado com D. Izabel de Azevedo de Góes, (2) de quem entre os mais filhos que tive, foram:

1. Jozé de Queiroz, que faleceu de pouca idade.
2. D. Maria Michaela de Queiroz, que se segue.
3. Ignacio Telles de Araujo de Góes.

N. 2. D. Maria Michaela de Queiroz, filha do capitão Antonio de Queiroz Cerqueira e de sua segunda mulher D. Izabel de Azevedo de Góes, foi cazada com o capitão Gonçalo da Rocha Serrão, a primeira vez, do qual não teve filhos.

Segunda vez cazou com Antonio de Araujo de Góes, e teve filhos :

4. Antonio de Queiroz, faleceu a 5 de Novembro de 1771, e Simeão, sacerdotes.
5. D. Luiza de Queiroz, que se segue.

N. 5. D. Luiza de Queiroz, filha do capitão Antonio de Araujo de Góes e de sua mulher D. Maria Michaela de Queiroz, cazou com Antonio Gonçalves da Rocha, do qual teve os filhos, que se seguem:

D. Leonor Francisca de Araujo Queiroz, que se segue, e cazou com Paulo de Argolo, a fl. .., n. 18.

7. Antonio Gonçalves da Rocha Queiroz, que se segue aqui.
8. D. Luiza, D. Clara e D. Francisca Custodia, todas freiras do Desterro, e soror Francisca, que foi ao Rio de Janeiro por fundadora.

Por morte de seu primeiro marido Antonio Gonçalves da Rocha, cazou segunda vez com o dezembargador Manoel Vieira Poderoza, do qual não teve filhos, e faleceu este em 1770, e ella faleceu n'este mesmo anno a 23 de Agosto, e foi sepultada em São Francisco.

---

(1) Cazaram a 19 de Agosto de 1652 e faleceu a 15 de Agosto de 1686. Sepultou-se no Carmo.

(2) Faleceu esta a 2 de Setembro de 1677, sepultada no Carmo. Cazaram a 30 de Maio de 1663.

N. 7. Antonio Gonçalves da Rocha Queiroz, filho de Antonio Gonçalves da Rocha e de sua mulher D. Luiza de Queiroz, foi cavalleiro da ordem de Christo, e cazou com D. Joana e Bernardina de Almeida, filha de

9. André Marques da Rocha Queiroz, que se segue.

10. D. Anna Izabel Queiroz Marques, mulher de Pedro Nolasco Marinho de Sá.

11. D. Francisca da Rocha Queiroz, cazada com o capitão Fernão Pereira de Macedo.

Antonio, que faleceu pequeno.

André Marques da Rocha Queiroz, acima, é cavalleiro professo da ordem de Christo, cazou duas vezes a primeira com D......

BRÁ

N. 28. D. Apolonia de Araujo de Góes, filha de Gaspar de Araujo de Góes, e de sua segunda mulher Maria do Rego, cazou com o sargento-mór Rui Carvalho Pinheiro, (1) filho de Rui Carvalho, o velho, e de Ursula do Rego, sua primeira mulher. Era este Rui Carvalho Pinheiro viuvo já de D. Catharina Ravasco, sua segunda mulher, irman do padre Antonio Vieira, a fl..., a qual havia falecido a 28 de Janeiro de 1662, e d'ella não teve filhos e não os teve d'esta sua segunda mulher D. Apolonia de Araujo. Por morte d'este Rui Carvalho, cazou D. Apolonia de Araujo com o sargento-mór Francisco de Brá, (2) cavalleiro da ordem de Christo, de quem adiante se dirá, e teve filhos, que se seguem, e era já viuvo em Lisbôa de D. Catharina de Mello Sampaio:

1. Sebastião de Brá, que se segue.

2. Antonio de Brá, cavalleiro da ordem de Christo, e capitão de auxiliares no terço do mestre de campo Alexandre de Souza Freire, como se acha no livro 4°. de serviços, a fl...

(1) Cazaram a 6 de Agosto de 1639 na capella de Santa Luzia.
(2) Cazaram a 9 de Abril de 1673.

3. D. Anna de Brá, cazada com Gabriel da Rocha Moutinho, com filhos.

4. D. Maria de Brá, mulher de Jozé de Góes de Siqueira Villas-Bôas, a fl..., n. 3, e ahi o mais.

5. D. Izabel de Brá, cazada com o tenente-coronel Marcelino Soares Ferreira, com filhos.

6. Ignacio de Brá, sacerdote e cavalleiro da ordem de Christo.

D. Luzia de Brá, que faleceu a 14 de Julho de 1768, sepultada em S. Francisco.

Jozé, Francisco, Manoel, Gaspar, Ignacio, João, Francisco e Mariana, todos falecidos.

N. 18. Antonio de Araujo da Fonseca, * filho do capitão Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Góes Pires, filha esta de Antonia de Padua e de seu marido Domingos da Fonseca Saraiva, a fl..., n. 7, cazou com D. Anna Maria de Aiala, sua parenta, filha do capitão Manoel de Azeda Aiala e sua mulher Barbara de Góes de Macedo, n. 10, filha esta de Sebastião Pedrozo de Barboza, ou de Viana, como se acha em outros assentos, como se póde vêr a fl. 304, n. 13 e 39, e aqui a fl..., n. 2 e 10. D'esse Antonio de Araujo e de sua mulher D. Anna Maria de Aiala foram filhos :

1. D. Ignez de Araujo de Góes, mulher de Antonio Moniz Cabral.

2. O capitão Antonio de Araujo da Fonseca.

3. O sargento-mór Lucas da Fonseca Saraiva, que se segue.

4. João de Araujo de Góes, cazado com D. Severina Barboza, ao 1.° de Setembro de 1687 na freguezia da Purificação.

5. D. Anna Maria, mulher de Antonio Dormondo Pimentel.

6. D. Mariana de Góes.

7. D. Barbara Maria, cazada com o alferes Antonio Dias Coutinho, com filhos.

---

* Faleceu este Antonio a 17 de Janeiro de 1683, e sua mulher D. Antonia Maria a 31 de Maio de 1702.

8. Francisco, que faleceu a 30 de Setembro de 1684.

8. Manoel, que faleceu moço, a 2 de Julho de 1677.

9. O alferes Domingos da Fonseca Saraiva,, cazado com D. Maria de Mello, com filhos.

N. 3. O sargento-mór Lucas da Fonseca Saraiva, filho de Antonio de Araujo da Fonseca e de sua mulher D. Anna Maria de Aiala, cazou com D. Antonia Moniz da Cunha, filha de Manoel Trinxão Pinto, e de sua mulher Catharina Moniz, a fl..., e teve filho :

10. Paulo Trinxão, cazado com D. Maria Cardozo, com filhos :

O capitão Manoel de Uzeda Aiala, foi cazado com D. Barbara de Góes de Macedo, filha de Sebastião Pedrozo Barboza de Viana e de sua mulher Maria de Góes de Macedo, filha de Melchior de Armas de Brum e sua mulher Francisca de Araujo, a fl..., n. 2, e teve filhos :

1. D. Anna Maria de Aiala, mulher de Antonio de Araujo da Fonseca, fl. .., n. 18.

Melchior Mexias Borba, foi cazado com D. Antonia de Padua de Afonseca, filha do capitão Lucas da Fonseca Saraiva e de sua mulher Catharina de Góes Paes, a fl. .., n. 7, e teve filhos :

1. D. Mariana Mexias, que cazou com Francisco de Góes de Macedo, sua parenta, a fl. .., n. 3.

PAREDES NA BAHIA

Manoel de Paredes da Costa, * o velho, que dizem era barqueiro, natural de Viana, donde se passou para esta Bahia nos principios de sua fundação, e n'ella se cazou a furto com D. Paula de Barros, filha de Gaspar de

* Faleceu a 12 de Janeiro de 1619, sepultado no convento de S. Francisco da Bahia; e do seu testamento consta o referido, que se acha no cartorio dos orfãos em que serve o capitão João da Costa Ferreira. Cazaram na sé a 20 de Janeiro de 1583.

Barros de Magalhães, fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Catharina Lobo, orfan das que mandou a serenissima rainha D. Catharina, mulher do senhor rei D. João III, e descendente dos condes de Portella, por ser filha de Baltazar Lobo da Silveira, general da carreira da India, e de sua mulher.

1. Vicente, batizado na sé e ao 1.° de Outubro de 1583.

2. Gaspar de Barros Lobo.

3. Catharina Lobo, batizada na sé, a 15 de Abril de 1585.

4. Victoria de Barros, mulher de André Monteiro.

5. Maria do Barros, cazada com Manoel Pinheiro de Carvalho, o velho, a fl...

6. Agostinho de Paredes de Barros, que se segue, batizada na sé ao 1.° de Junho de 1589.

7. Ignez Lobo, batizada na sé a 8 de Setembro de 1590, cazada com Antonio Moniz de Lisbôa.

8. Anna Lobo, cazada com Salvador Monteiro de Almeida, irmão de André Monteiro de Almeida, a fl...

9. Antonio de Barros Lobo, batizado na sé a 20 de Janeiro de 1600.

10. Felicia Lobo, Antonia e Francisco, que faleceram de menor idade, e foi batizada esta Antonia a 15 de Fevereiro de 1601, e faleceu Francisco a 10 de Janeiro de 1618.

Por morte de seu marido Manoel de Paredes, cazou segunda vez D. Paula de Barros com Manoel Antunes de Almeida.

N. 6. Agostinho de Paredes de Barros, filho de Manoel Paredes e de sua mulher D. Paula de Barros, foi um dos sugeitos de respeito do seculo passado, viveu em Cotegipe, * e cazou por industria com D. Anna de Souza, filha de Belchior de Souza Dormondo e de sua mulher D. Micia de Armas, pessoas illustres e mui classificadas, irman tambem de D. Catharina de Souza, mulher de Euzebio Ferreira, e de Francisco Ignacio de Souza; teve filhos:

---

* Erro, não é assim: viveo na freguezia do Socorro na sua fazenda de Cahipe, e foi o que erigio a capella da Santissima Trindade. (*Nota á margem*).

Ribeiro (1) cazou com D. Izabel de Lacerda Coutinho, filha do capitão Jozé Telles de Barbuda, a fl..., n. 17, e de sua mulher D. Izabel de Lacerda Coutinho. Teve filhos:

30. D. Antonia Telles de Menezes, que se segue.

31. D. Anna Telles de Menezes, mulher do capitão João de Carvalhal de Vasconcellos, com filhos.

32. D. Joana Telles de Menezes, solteira, batizada a 20 de Julho de 1722.

33. Domiciano de Amorim Salgado, cazado, sem filhos.

34. D. Maria de Lacerda Coutinho, adiante; e Francisca, que faleceu menina.

N. 30. D. Antonia Telles de Menezes, filha do capitão Nuno de Amorim Salgado e de sua primeira mulher D. Izabel de Lacerda Coutinho, cazou com Anacleto de Magalhães de Menezes (2), fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Francisca Maria de Magalhães, e viuvo de D. Mariana Jozé do Amaral. Teve D. Antonia de seu marido os filhos seguintes:

35. D. Izabel Telles de Menezes.

36. Antonio de Magalhães de Menezes.

37. D. Francisca Michaela.

38. Bernardino Jacinto de Magalhães.

39. Jozé Carlos de Magalhães.

N. 34. D. Maria de Lacerda Coutinho, filha do capitão Nuno de Amorim Salgado e de sua mulher D. Izabel de Lacerda Coutinho, primeira mulher, cazou com o capitão João da Costa Ferreira (3) natural da freguezia de de S. João das Caldas, termo da villa de Guimarães, arcebispado de Braga, filho de Jozé da Costa e de sua mulher Catharina Gonçalves, e teve filhos:

40. Miguel da Costa Ferreira.

41. O doutor Jozé Antonio da Costa Ferreira, professor em medicina.

42. O tenente de infantaria João da Costa Ferreira.

43. O doutor Thomaz da Costa Ferreira Bahia.

---

(1) Erro, porque este Nuno de Amorim foi filho de Gaspar de Brito Freire e D. Angela de Souza, n. 20.

(2) Cazaram na caza da Mizericordia a 2 de Fevereiro de 1739.

(3) Cazaram na freguezia da Victoria a 29 de Setembro de 1743.

44. D. Maria Joana Catharina do Sacramento.
45. D. Anna Joaquina do Nascimento.
46. Ezequiel da Costa Ferreira.
47. D. Elena Roza de Lacerda.
48. Antonio Pedro da Costa Ferreira.
49. Agostinho da Costa Ferreira.
50. D. Joaquina Maria de Lacerda.

N. 14. D. Angela de Souza, filha do capitão Agostinho de Paredes de Barros e de sua mulher D. Anna de Souza Dormondo, cazou com Baltazar de Amorim Pereira, (1) filho de Jacome Barboza de Amorim e de sua mulher Izabel Soares, e teve filhos:

50. Euzebio Pereira Freire, cazado com D. Leonor Pereira. Batizado a 9 de Novembro de 1652.

51. D. Agueda de Souza, cazada com Lourenço Barboza de Brito. Batizada a 25 do Maio de 1657.

Seguuda vez cazou D. Angela de Souza (2) com Jorge Barreto de Mello, filho unico de Duarte Moniz Barreto, capitão-mór e fidalgo da caza real, e de sua mulher D. Maria de Veloria, e teve d'este segundo marido filho; cazaram na capella da Santissima Trindade a 3 de Setembro de 1665.

52. Thomé Barreto de Mello.

N. 50. Euzebio Pereira Freire, filho de D, Angela de Souza, e de seu marido Baltazar de Amorim Pereira, seu primeiro marido, cazou com D. Leonor de Mello, filha de Cosme Pereira de Mendonça e de sua primeira mulher D. Maria de Vasconcellos e foram dispensados no segundo grão de parentesco mixto com o terceiro.

VAZ SARRAXE

Fernão, ou Fernando Vaz Sarraxe, (3) cazado com D. Guiomar de Almeida, passou de Portugal para a Bahia na era de 1550, e tiveram entre outros filhos:

---

(1) Cazaram na freguezia do Socorro a 13 de Maio de 1656.

(2) Foi morta por esse seu marido como fica a fl..., n..., e faleceu a 17 de Outubro de 1670.

(3) Era irmão de Lopo Vaz de Sampaio, primeiro governador interino da India por morte do governador D. Henrique de Menezes no fim de Janeiro de 1526.

1. Simão de Almeida, que se segue.

N. 1. Simão de Almeida, filho de Fernando Vaz Sarraxe e de sua mulher D. Guiomar de Almeida, foi cazado com Maria Barboza, da qual teve filhos:

2. Magdalena de Almeida, que se segue.
3. Maria de Almeida, adiante.
Magdalena Carvalho, cazada com Agostinho Rodrigeus de Macedo.
Manoel Carvalho, solteiro.

N. 2. Magdalena de Almeida, filha de Simão de Almeida e de sua mulher Maria Barboza, cazou com Antonio Martins de Azevedo, e teve filhos:

4. Izabel de Azevedo, que se segue
5. Catharina de Azevedo, adiante.
André e Paula, solteiros.

N. 4. Izabel de Azevedo, filha de Magdalena de Almeida e de seu marido Antonio Martins de Azevedo, cazou com Pedro Moreira, e teve filhos:

6. Simão Moreira, que se segue.
7. Maria Moreira, adiante.

N. 6. Simão Moreira, filho de Izabel de Azevedo e de seu marido Antonio Martins de Azevedo, cazou com Joana da Silva, e teve filhos:

8. Pedro Moreira, que cazou com Ignacia Cardozo.
9. Maria Jozefa

N. 7. Maria Moreira, filha de Izabel de Azevedo, e de seu marido Antonio Martins de Azevedo, cazou com João Machado de Miranda, e teve filhos:

10. Joana de Azevedo, que se segue
11. Ignacia Barboza, cazada com Pedro da Silva.
12. Pedro Moreira Salgado, que cazou com Esperança da Silva.
13. Antonio de Miranda.

N. 1. Joana de Azevedo, filha de Maria Moreira, e de seu marido João Machado de Miranda, cazou com Luiz Ferreira de Araujo, e teve filha:

14. Maria de Araujo, que cazou com Domingos Borges de Barros, coronel, a fl..., n. 9.

N. 5. Catharina de Azevedo, filha de Magdalena de Almeida, n. 2, e de seu marido Antonio Martins de Azevedo, cazou com Domingos Moniz Aranha, e teve filhos.

N. 3. Maria de Almeida, filha de Simão de Almeida e de sua mulher Maria Barboza, cazou com Miguel Martins, e teve filhos:

15. Antonio de Almeida, que se segue:

16. Domingos Martins, adiante.

17. Maria Barboza, ao depois.

18. Clara Martins, que cazou com Baltazar de Noronha.

N. 13. Antonia de Almeida, filha de Maria de Almeida, n. 3, e de seu marido Miguel Martins, cazou com Gaspar Moreira, e teve filhos:

19. Maria Moreira, que se segue.

20. Manoel Moreira e João Batista, solteiros.

N. 19. Maria Moreira, filha de Antonia de Almeida, acima, e de seu marido Gaspar Moreira, cazou com Manoel de Torres, natural da villa de Cintra, do arcebispado de Lisboa, filho de João de Torres e de sua mulher Nataria.

21. Maria de Almeida, que se segue.

Manoel de Torres, religiozo da companhia.

N. 21. Maria de Almeida, filha de Maria Moreira, e de seu marido Manoel de Torres, cazou com Antonio Velho Maciel, natural de Viana, e teve filhos:

22. Florença de Almeida, que se segue.

23. Maria Maciel da Paz, ao depois.

Frei Pedro, religiozo de S. Bento.

Antonio Velho Maciel, sacerdote.

N. 22. Florencia de Almeida, filha de Maria de Almeida e de seu marido Antonio Velho Maciel, cazou duas vezes, a primeira com João Domingues do Paço, e teve filhos:

24. Frei João de Santa Florencia, religiozo franciscano.

Frei Miguel, carmelita calçado.

Segunda vez cazou Florencia de Almeida com Domingos Borges de Barros, do qual não teve filhos.

N. 16. Domingos Martins, filho de Maria de Almeida, n. 3, e de seu marido Miguel Martins, cazou com Maria Francisca, e teve filhos:

25. Manoel Martins, cazado com D. Maria.

26. Anna de Almeida, cazada com Paulo de Sampaio.
27. Maria da Purificação, que se segue.
Frei Ignacio de Santo Antonio, franciscano, professo a 24 de Agosto de 1695 em Paraguassú.

N. 27. Maria da Purificação, filha de Domingos Martins, acima, e de sua mulher Maria Francisca foi mulher de Domingos Cazado, e teve filhos:

28. Maria Euzebia, que se segue.
29. D. Anna, cazada com Manoel Rolim.
30. D. Antonia, cazada com João Leitão.

N. 28. Maria Euzebia, filha de Maria da Purificação e de seu marido Domingos Cazado, cazou com Manoel Alves Pinto, e teve filha.

31. Antonio Alves Pinto, que cazou com Thereza Barboza, e teve filho Jozé Alves Pinto, cazado com Antonia Elena.

N. 23. Maria Maciel da Paz, filha de Maria de Almeida, n. 21, e de seu marido Antonio Velho Maciel, cazou com Antonio Domingues do Paço, e teve filhos:

32. Frei Domingos dos Passos, franciscano.
33. O doutor Antonio Domingues do Paço, hoje mestre do principe.
Manoel de Almeida Maciel, sacerdote que foi da companhia.
34. Pedro Domingues do Paço, solteiro.
Gonçalo Domingues do Paço, clerigo, doutor, e quatro religiozas em Portugal.

COUROS CARNEIRO

Antonio de Couros Carneiro, o velho, foi natural do reino de Portugal, filho de Antonio de Freitas, primo co-irmão de João de Paiva, o velho. Passou ao Brazil, e fez a sua rezidencia na villa do Cairú. Foi cavalleiro na ordem de Christo, capitão-mór, e governador da

gente, que mandou o governador da Bahia contra o gentio. Teve de D. Serafina de Góes, com quem se cazou *in articulo mortis* (1) e legitimado por el-rei, filho:

1. Antonio de Couros Carneiro, que se segue.

N. 1. Antonio de Couros Carneiro, filho legitimado do capitão-mór Antonio de Couros Carneiro, foi capitão-mór e cavalleiro da ordem de Christo, e cazou com D. Ursula de Mello, filha do capitão Martim de Freitas de Oliva e de sua primeira mulher D. Serafina de Mello, (2) foram dispensados no segundo gráo de consanguinidade em 25 de Outubro de 1658, e teve filhos:

2. D. Ignez de Mello de Vasconcellos,(3)cazada duas vezes, a primeira com Gaspar de Vargas Cirne, a fl. ... Segunda vez cazou esta D. Ignez,(4) com Thomé Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira de Magalhães, a fl. ..., ns. 67 e 74, e ahi o mais.

3. Antonio de Couros Carneiro, que se segue.

4. João de Couros Carneiro, adiante.

5. D. Maria de Vasconcellos, ao depois.

6. D. Catharina de Vasconcellos, cazada com o sargento-mór Lucas da Fonseca Saraiva

7. Martim de Freitas de Couros Carneiro, cazado com D. Luzia Telles de Menezs.

N. 3. Antonio de Couros Carneiro, filho do capitão-mór Antonio de Couros Carneiro e de sua mulher D. Ursula de Mello, cazou com D. Catharina de Souza,(5) filha do licenciado Francisco de Araujo e de sua mulher Catarina de Góes Paes, e teve filhos:

8. D. Ursula de Mello, cazada com o sargento-mór Paulo de Araujo da Fonseca.

9. Angelo de Couros, que faleceu solteiro e dois mais.

---

(1) Cazaram em 18 de Março de 1671, e faleceu elle a 2 de Abril do mesmo anno, sepultado na portaria do convento de Cairú. Faleceu ella a 28 de Março de 1681; sepultada no mesmo convento.

(2) Faleceu elle a 7 de Novembro de 1696. Faleceu ella a 28 de Abril de 1701.

(3) Cazou com esta a 2 de Julho de 1635.

(4) A segunda vez cazou a 18 de Fevereiro de 1697 e faleceu a 27 de Junho de 1722.

(5) Cazaram na freguezia do Cairú a 13 de Agosto de 1685 e faleceu elle a 15 de Dezembro de 1699.

Por morte d'este seu marido, cazou segunda vez a tal Catharina de Souza com Diogo Moniz Barreto, filho de D. Antonia de Fonseca e de seu marido Manoel Telles de Menezes, como fica a fl. .., n. 2.

N. 4. João de Couros Carneiro, filho do capitão-mór Antonio de Couros Carneiro e de sua mulher D. Ursula de Mello, foi coronel ; e cazou na villa de Camamú com D. Ignacia Ribeiro de Lemos, filha do capitão-mór Bento Ribeiro de Lemos, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór da mesma villa, e de sua segunda mulher D. Izabel Garcez Deça, filha de Francisco Pinto, o velho, e de sua mulher D. Maria Garcez Deça, a fl..., n. 59, e fl..., n. 72, e teve filhos, além de seis que faleceram pequenos, os mais que se seguem.

10. Francisco de Couros Carneiro, cazado com D. Mauricia Moniz, filha de Antonio Moniz Cabral e de sua mulher D. Ignez de Afonseca de Góes.

11. D. Izabel Garcez Deça, que se segue.

12. Antonio de Couros Carneiro, cazado com D. Maria.

13. D. Joana Maria da Luz, cazada com o capitão Antonio de Castro Trinxão, sem filhos.

14. Bento Bernardo Ribeiro de Lemos, adiante.

15. D. Anna Maria, cazada com Diogo da Cunha Trinxão, com filhos.

16. Jozé Felix de Vasconcellos, cazado com D. Izabel Garcez Deça.

17. D. Maria Ribeiro, mulher do coronel Francisco de Souza Deça, sem filhos.

N. 11. D. Izabel Garcez Deça, filha do coronel João de Couros Carneiro e de sua mulher D. Ignacia Ribeiro de Lemos, cazou com o sargento-mór Jozé Pereira Mascarenhas, natural de Aveiro, e teve filhos :

18. D. Thereza Garcez Deça.
Sebastião Pereira.
Bento Ribeiro.
Felis Pereira.
D. Anna.

N. 7. Bento Bernardo Ribeiro de Lemos, filho do coronel João de Couros Carneiro e de sua mulher D. Ignacia Ribeiro, foi capitão, e cazou com D. Maria Ribeiro Deça, filha do alferes Antonio de Souza Deça, e de D. Apolonia de Moraes, sua segunda mulher; foram dispensados no terceiro gráo de consanguinidade, misto com o segundo, e teve filhos:

23. Bernardo de Couros Carneiro, clerigo secular.

24. Francisco Jozé de Lemos, que se segue.

25. D. Izabel Garcez Deça, que vive solteira.

26. Frei Bernardo de S. Bento, religiozo de S. Francisco na Bahia.

27. D. Anna Maria de S. Jozé, cazado com Joaquim Coutinho, sem filhos.

28. D. Maria Bernarda do Caração de Jezus, cazada com Manoel Dias.

29. D. Ignacia Francisca do Coração de Maria, que vive solteira.

N. 24. Francisco Jozé de Lemos, filho do capitão Bento Bernardo Ribeiro de Lemos e de sua mulher D. Maria Ribeiro Deça, cazou com D. Anna Maria de S. Jozé, filha de Francisco de Souza Deça e de D. Margarida Moniz Côrte-Real, sua segunda mulher, foram dispensados no quarto gráo de consanguinidade misto com o terceiro, e teve filhos.

N. 5. D. Maria de Vasconcellos, filha do capitão Antonio de Couros Carneiro e de sua mulher D. Ursula de Mello de Vasconcellos, cazou com o licenciado Diogo Mascarenhas da Silveira, * natural da cidade de Lisbôa, freguezia de Nossa Senhora do Socorro, filho do capitão Luiz de Mesquita e de sua mulher D. Brites Mascarenhas, do qual foram filhos:

1. Diogo Mascarenhas de Vasconcellos, cazado com D. Anna Maria de Vasconcellos, com filhos.

2. Carlos de Azevedo de Vasconcellos, solteiro.

D. Felicia de Vasconcellos, cazada com Paulino Duarte Rodrigues.

3. D. Jozefa de Vasconcellos, cazada com Francisco de Oliveira.

---

* Cazaram na freguezia do Cairú a 8 de Setembro de 1691.

CARNEIRO E ROCHA

O capitão Jozé Carneiro de Freitas, cazado com Mariana da Rocha de Afonseca, naturaes e moradores na cidade do Porto, tiveram filhos :

1. Luiz Carneiro da Rocha, que se segue.
D. Margarida Carneiro.
D. Catharina de Afonseca.

N. 1. Luiz Carneiro da Rocha, filho do capitão Jozé Carneiro de Freitas, nasceu no Porto, e passou para a Bahia, e n'ella foi capitão, e cazou com Jeronima da Silva, e teve filhos:

2. Antonio Carneiro da Rocha, que se segue.
3. Luiz Carneiro da Rocha, cazado e morador em villa do Conde.
4. Jeronimo Carneiro de Freitas, que embarcou para a India, e passou dahi para o grão-mogol e no serviço d'este faleceu.
5. D. Mariana da Rocha de Afonseca, mulher do capitão Manoel de Sá Doria Ravasco, a fl..., n 13.
6. Bernardo Carneiro da Rocha, adiante.

N. 2. Antonio Carneiro da Rocha, filho do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de sua mulher Jeronima da Silva, foi capitão, e cazou com D. Ignacia de Menezes, e teve filhos.

7. Luiz Carneiro de Menezes, que cazou com D. Angela de Menezes, a fl... n. 8 ; e ahi a sua descendencia. Foi capitão maior.

N. 6. Bernardo Carneiro da Rocha, * filho do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de sua mulher Jeronima da Silva, foi capitão de cavallos, e cazou com D. Guiomar de Souza, e teve filho :

8. Nicoláo Carneiro da Rocha, que se segue.

N. 8. Nicoláo Carneiro da Rocha, filho de Bernardo Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Guiomar de Souza, cazou com D. Anna de Menezes Alencastro, sua prima legitima, por ser filha de Manoel de Sá Doria Ravasco, a fl..., n. 15, e tem filho :

---

* Faleceu este Bernardo Carneiro a 17 de Fevereiro de 1727.

9. Ignacio Carneiro da Rocha, que se segue.

N. 9. Ignacio Carneiro da Rocha Menezes, filho de Nicoláo Carueiro da Rocha e de sua mulher D. Guiomar de Souza, cazou com D. Barbara da Rocha Souza, filha do tenente-general João da Rocha e de sua mulher D. Leonor de Souza, e teve filhos.

LIMA

Diogo Lopes de Lima, foi copeiro-mór d'el-rei, alcaide-môr da villa de Guimarães, e era filho dos Viscondes da Villa Nova de Cerveira, que hoje se intitulam Viscondes de Ponte de Lima. D'este foi filha bastarda havida em uma mulher nobre :

1. D. Maria Dias de Lima, que se segue.

N. 1. D. Maria Dias de Lima, filha de Diogo Lopes de Lima, foi senhora da quinta da Preza, sita na freguezia de S. Estevão, e cazou com Antonio Vieira, das principaes familias da villa de Guimarães, e teve filhos:

2. Francisco Vieira de Lima, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da caza de Sua Magestade, o qual passou para a côrte, e foi lá capitão de cavallos.

3. Domingos Vieira de Lima, que passou a cidade da Bahia, e lá foi chanceler da sé.

4. Marcos Vieira de Lima, que passou para Angola, e ahi fez caza, que dizem ser a do secretario de estado.

5. E duas femeas ; uma que cazou na caza do Borgoceto, junto a villa de Amarante, de que procedem nobres familias, e outra que cazou na caza de Angocinha, freguezia de S. Verissimo de Lagares, duas leguas desviado de Guimarães, com Bernardo da Cunha.

6. Anna Vieira de Lima, que se segue.

N. 6. Anna Vieira de Lima, filha de D. Maria Dias e de seu marido Antonio Vieira, cazou com Francisco Gonçalves Ribeiro, senhor da caza e quinta da Cal, freguezia de S. Estevão de Urguezes, e teve filhos :

7. Antonio Vieira de Lima, que se segue.

8. Domingos Vieira de Lima, que passou á Bahia e foi arcediago da sé.

9. Frei Alvaro, religiozo de S. Domingos.

10. Jozé Vieira de Lima, que ficou senhor da caza da Cal, e não cazou, e faleceu sem sucessão.

11. Joana Vieira de Lima, adiante.

Maria Vieira de Lima, que cazou com Domingos de Araujo, com sucessão.

N. 7. Antonio Vieira de Lima, filho de Anna Vieira de Lima e de seu marido Francisco Gonçalves Ribeiro, passou á Bahia, foi n'ella coronel, e teve de sua mulher branca, e christan velha, como consta de certidões, por nome Antonia Maciel da Cruz, filho bastardo:

12. Francisco Vieira de Lima.

N. 12. Francisco Vieira de Lima, filho natural do coronel Antonio Vieira de Lima, foi coronel; e cazou com D. Leonor Jozefa Subtil de Menezes, filha de D. Izabel Maria de Azevedo e de seu marido Manoel de Azevedo Negro, como fica na fl., .. n. 12, e teve filho unico:

13. Mathias Vieira de Lima, sargento-mór, que cazou com D. Anna Custodia de Jezus Aragão, filha legitima do capitão-mór Ignacio de Siqueira Villas-Bôas e de sua mulher D. Joana Catharina de Menezes Aragão, natural da freguezia do Monte, Reconcavo da Bahia, a fl. .., n. 13.

N. 11. Joana Vieira de Lima, filha de Anna Vieira de Lima e de seu marido Francisco Gonçalves Ribeiro, cazou com o capitão Bento Corrêa Peixoto, e teve filhos:

Manoel Vieira de Lima, que ficou senhor da caza da Cal, por falecimento de seu tio Jozé Vieira de Lima.

Anna Vieira de Lima, que cazou, e tem entre outros filhos a Rodrigo Vieira de Lima.

PALHA

João Rodrigues Palha, de quem não achamos noticia certa donde fosse natural, e só que fôra dos primeiros povoadores da nova cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, e que tivera o fôro de escudeiro fidalgo e morador na freguezia de Matuim, e cazado com Micia de Lemos,

que era irman de Beatriz de Lemos, (1) e do chantre Jorge de Pina, filhos estes de Fernão de Lemos, fidalgo cavalleiro. De sua mulher Micia de Lemos teve João Rodrigues Palha os filhos seguintes :

1. Constancia de Pina, que se segue.

2. Vicente Rodrigues Palha, (2) que ordenado de sacerdote foi doutor formado na universidade de Coimbra em ambos os direitos, conego, vigario geral na sé da Bahia, e governador do seu bispado, e renunciando todas estas honras se recolheu religiozo no convento de S. Francisco na cidade da mesma Bahia, no qual professou a 30 de Janeiro do anno de 1600; foi o 7.° custodio, e prelado maior da dita custodia antes de ser elevada a provincia, e n'ella faleceu com boa opinião no convento da Bahia, pelos annos de 1636 para 1639, com o nome de frei Vicente do Salvador.

3. Izabel de Lemos, segunda mulher de Jeronimo Moniz Barreto, o velho, a fl. .., e ahi o mais. Batizada na sé a 25 de Março de 1568.

4. Maria de Lemos Landim, adiante. Batizada a 26 de Abril de 1571.

5. Felippe de Lemos, cazado com filhos,e teve o fôro de escudeiro fidalgo, e logo o de cavalleiro fidalgo por alvará de 18 de Janeiro de 1620, batizado na sé a 7 de Maio de 1576.

6. Agueda de Lemos, primeira mulher de Egas Moniz Barreto, a fl. .., batizada na sé a 12 de Fevereiro de 1583.

7. Paula de Pina, batizada na sé a 26 de Junhode 1581.

N. 1. Constancia de Pina, filha de João Rodrigues Palha e de sua mulher Micia de Lemos, cazou com João Serrão. Foram recebidos em caza de João Rodrigues Palha pelo reverendo mestre-escola Jorge de Pina a 1 de Maio de 1580.

---

(1) Cazada esta Beatriz com Antonio da Mota Fidalgo.
(2) Batizada na sé a 28 de Janeiro 1567.

8. Micia de Lemos, cazada com Francisco de Freitas de Barros, filho de Victoria de Barros e de Manoel de Freitas do Amaral, a fl..., n. 6 e 28, batizada na sé a 20 de Setembro de 1581.

9. Jorge de Pina, batizado a 3 de Outubro de 1584.

10. Valentim Serrão, batizado a 20 de Fevereiro de 1587.

11. Francisco de Pina, batizado a 2 de Maio de 1588.

12. Fulgencio de Lemos, batizado a 11 de Março de 1592.

13. Micia, outra, batizada a 9 de Novembro de 1597.

N. 3. Maria de Lemos Landim, filha de João Rodrigues Palha e de sua mulher Micia de Lemos, cazou com licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, filho de Pedro Madeira e de sua mulher Ignez de Sá. Cazaram na sé a 10 de Novembro de 1599.

14. Ignez Madeira da Trindade.

15. João de Lemos de Sá, que se segue.

16. Izabel de Lemos de Sá, cazada com Domingos Barboza de Araujo, filho de Baltazar Barboza de Araujo e de sua mulher Catharina Alvares. Cazaram a 9 de Julho de 1623 em Paripe.

17. Elena de Sá, mulher de Diogo Corrêa de Sande, adiante.

18. Micia de Lemos, mulher de Belchior dos Reis, ao depois.

19. Angela de Lemos, cazada duas vezes, batizada em Paripe a 5 de Dezembro de 1608.

20. Francisco de Lemos Landim, cazado com Margarida Soares, batizada a 5 de Outubro de 1611.

21. Constancia de Sá, mulher de Bartolomeu Pires, cazaram a 21 de Dezembro de 1635 : era natural este Bartolomeu Pires de Coira do arcebispado de Braga.

Ignacio, que faleceu solteiro, batizado a 1 de Março de 1610.

N. 15. João de Lemos Pina, filho de Maria de Lemos andim e de seu marido o licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, cazou com Paula do Amaral, (1) filha de Antonio Serrão da Vara e de sua mulher Maria da Palma, e teve filhos:

22. Miguel de Sá da Palma, batizado a 18 de Maio de 1625.

23. Francisco de Lemos de Sá, batizado a 14 de Junho de 1626.

24. Fernando de Lemos Palha, cazado, adiante.

25. Antonio do Amaral de Lemos, cazado, ao depois, batizado a 27 de Novembro de 1630.

26. Bartolomeu Madeira de Sá, batizado a 2 de Agosto de 1633.

27. Maria de Lemos, batizada a 4 de Fevereiro de 1635.

28. Manoel de Lemos, batizado a 9 de Novembro de 1638.

29. João de Lemos Pina, cazado com sua prima Feliciana de Sá.

N. 24. Fernando de Lemos Palha, filho de João de Lemos de Sá e de sua mulher Paula do Amaral, teve o fôro de cavalleiro fidalgo com 750 reis de moradia por mez, e um alqueire de cevada, por alvará d'el-rei de 21 de Fevereiro de 1650, e antes d'este já tinha o de escudeiro fidalgo, como teve seu bisavô João Rodrigues Palha, e Felippe de Lemos, filho do sobredito João Rodrigues Palha, como se declara no mesmo alvará. Cazou Fernando de Lemos Palha com Domingas da Palma, filha de André da Costa de Andrade e de sua mulher Feliciana de Abreo, e viveram em Passé.

N. 25. Antonio do Amaral de Lemos, filho de João de Lemos de Sá e de sua mulher Paula do Amaral, cazou com Guiomar de Freitas, (2) filha de Antonio Fernandes Côxo e de sua mulher Maria Moreira, e teve filhos:

31. Fernando de Lemos Palha de Sá.

(1) Cazaram em Paripe a 19 de Agosto de 1621.
(2) Cazaram em caza a 15 de Agosto de 1655, pelo cura Manoel Nunes.

8. Micia de Lemos, cazada com Francisco de Freitas de Barros, filho de Victoria de Barros e de Manoel de Freitas do Amaral, a fl..., n. 6 e 28, batizada na sé a 20 de Setembro de 1581.

9. Jorge de Pina, batizado a 3 de Outubro de 1584.

10. Valentim Serrão, batizado a 20 de Fevereiro de 1587.

11. Francisco de Pina, batizado a 2 de Maio de 1588.

12. Fulgencio de Lemos, batizado a 11 de Março de 1592.

13. Micia, outra, batizada a 9 de Novembro de 1597.

N. 3. Maria de Lemos Landim, filha de João Rodrigues Palha e de sua mulher Micia de Lemos, cazou com licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, filho de Pedro Madeira e de sua mulher Ignez de Sá. Cazaram na sé a 10 de Novembro de 1599.

14. Ignez Madeira da Trindade.

15. João de Lemos de Sá, que se segue.

16. Izabel de Lemos de Sá, cazada com Domingos Barboza de Araujo, filho de Baltazar Barboza de Araujo e de sua mulher Catharina Alvares. Cazaram a 9 de Julho de 1623 em Paripe.

17. Elena de Sá, mulher de Diogo Corrêa de Sande, adiante.

18. Micia de Lemos, mulher de Belchior dos Reis, ao depois.

19. Angela de Lemos, cazada duas vezes, batizada em Paripe a 5 de Dezembro de 1608.

20. Francisco de Lemos Landim, cazado com Margarida Soares, batizada a 5 de Outubro de 1611.

21. Constancia de Sá, mulher de Bartolomeu Pires, cazaram a 21 de Dezembro de 1635 : era natural este Bartolomeu Pires de Coira do arcebispado de Braga.

Ignacio, que faleceu solteiro, batizado a 1 de Março de 1610.

N. 15. **João de Lemos Pina**, filho de Maria de Lemos Landim e de seu marido o licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, cazou com Paula do Amaral, (1) filha de Antonio Serrão da Vara e de sua mulher Maria da Palma, e teve filhos:

22. Miguel de Sá da Palma, batizado a 18 de Maio de 1625.

23. Francisco de Lemos de Sá, batizado a 14 de Junho de 1626.

24. Fernando de Lemos Palha, cazado, adiante.

25. Antonio do Amaral de Lemos, cazado, ao depois, batizado a 27 de Novembro de 1630.

26. Bartolomeu Madeira de Sá, batizado a 2 de Agosto de 1633.

27. Maria de Lemos, batizada a 4 de Fevereiro de 1635.

28. Manoel de Lemos, batizado a 9 de Novembro de 1638.

29. João de Lemos Pina, cazado com sua prima Feliciana de Sá.

N. 24. Fernando de Lemos Palha, filho de João de Lemos de Sá e de sua mulher Paula do Amaral, teve o fôro de cavalleiro fidalgo com 750 reis de moradia por mez, e um alqueire de cevada, por alvará d'el-rei de 21 de Fevereiro de 1650,e antes d'este já tinha o de escudeiro fidalgo, como teve seu bisavô João Rodrigues Palha, e Felippe de Lemos,filho do sobredito João Rodrigues Palha,como se declara no mesmo alvará. Cazou Fernando de Lemos Palha com Domingas da Palma, filha de André da Costa de Andrade e de sua mulher Feliciana de Abreo, e viveram em Passé.

N. 25. Antonio do Amaral de Lemos, filho de João de Lemos de Sá e de sua mulher Paula do Amaral, cazou com Guiomar de Freitas, (2) filha de Antonio Fernandes Rôxo e de sua mulher Maria Moreira, e teve filhos:

31. Fernando de Lemos Palha de Sá.

---

(1) Cazaram em Paripe a 19 de Agosto de 1621.

(2) Cazaram em caza a 15 de Agosto de 1655, pelo cura Manoel Antunes.

32. Elena de Sá, mulher de Domingos Fernandes do Couto, com filhos.

33. Guiomar de Freitas.

34. Paula do Amaral de Lemos, mulher de Francisco Gomes da Maia.

35. Mariana de Freitas.

36. Antonio de Freitas do Amaral de Lemos.

37. Barbara de Abreo, mulher de Manoel Luiz da Costa.

38. Izabel de Sá, cazada com Antonio de Sá de Souza.

39. Frei Salvador da Encarnação, carmelita calçado.

N. 17. Elena de Sá, filha de Maria de Lemos Landim e de seu marido o licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, cazou com Diogo Corrêa de Sande, (1) filho de Baltazar Aranha e de sua mulher Maria Corrêa de Sande, e teve filhos :

40. O padre Vicente Corrêa, clerigo, Francisco Corrêa de Sande, Diogo Corrêa de Sande, Francisca Thereza, Anna Corrêa, Bernardo Corrêa.

41. Maria de Sá, mulher de Fernão de Souza.

N. 18. Micia de Lemos Palha, filha de Maria de Lemos Landim e de seu marido o licenciado Bartolomeu Madeira de Sá, cazou com Belchior dos Reis, (2) filho de Sebastião Pires e de sua mulher Lucrecia Luiz, da freguezia de S. Martinho de Sande, do bispado do Porto, e teve filhos :

42. Miguel de Sá, D. Barbara, Ignacio dos Reis, Anna dos Reis, o padre Rafael dos Reis Palha, clerigo secular.

43. Luiza de Sá, mulher de Simão Borralho.

44. Maria de Sá, cazada com Simão de Sá e Avelar.

N. 19. Angela de Lemos, filha de Maria de Lemos Landim e do licenciado Bartolomeu Madeira de Sá,

(1) Cazaram em Paripe a 16 de Novembro de 1625.
(2) Cazaram em Paripe a 30 de Agosto de 1626.

cazou trez vezes: a primeira vez com Baltazar Gonçalves, (1) da ilha Terceira, filho de João Pires e de sua mulher Francisca Fernandes, sem filhos; a segunda vez cazou com Bartolomeu Filgueiras Soares, da villa de Monção, filho de Antonio Filgueiras e de sua mulher Maria Soares, e d'este segundo teve filhos:

45. Bartolomeu Filgueira Soares, cazado com Luiza da Silva.

46. Francisco Corrêa Filgueiras, cazado com Agueda da Costa.

Terceira vez cazou Angela de Lemos, acima, com Antonio Borralho.

N. 5. Felippe de Lemos, filho de João Rodrigues Palha e de sua mulher Micia de Lemos, foi cazado com Francisca Barboza, (2) filha de Baltazar Barboza de Araujo e de Catharina Alvares, sua mulher, e era já viuva esta Francisca Barboza de Christovão de Sá de Betencourt, do qual tinha dois filhos, Joana Barboza, cazada com Miguel Telles de Menezes, e Francisco de Sá de Betencourt, cazado com D. Anna de Souza, e d'este Felippe de Lemos teve mais:

Vicente Palha de Lemos, Lourenço de Lemos, Maria de Lemos ou Barboza e Agueda de Pina, cazada com Lourenço de Oliveira Pita, com filhos.

Beatriz de Lemos, irman de Micia de Lemos e do chantre Jorge de Pina, e filhos estes de Fernão de Lemos, fidalgo cavalleiro, como fica já na fl... Faleceu a 20 de Outubro de 1593, sepultada no collegio. Testamenteiro o chantre Jorge de Pina, seu irmão. Foi cazada duas vezes; a primeira com Antonio da Mota, fidalgo da caza real, do qual teve filhos:

1. O padre Calisto da Mota, clerigo secular.
2. Gonçalo da Mota.
3. Manoel de Lemos, ou da Mota.
4. Paulino da Mota.

---

(1) Cazaram em Paripe a 15 de Fevereiro de 1632.

(2) Cazaram a 25 de Janeiro de 1598 na freguezia da Purificação. Segunda vez cazou este Felippe de Lemos com D. Maria de Souza de Betencourt, filha de Gaspar de Freitas de Magalhães e de sua mulher Policena de Souza de Betencourt.

Segunda vez cazou com Gaspar Barboza de Araujo, do qual não teve filhos: cazaram a 2 de Setembro de 1592.

FREITAS E MAGALHÃES

Francisco Alvares Ferreira de Betencourt, natural da ilha da Madeira, fidalgo na caza de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, foi cazado com Policena de Souza, da qual teve trez filhas, que foram:

1. Policena de Souza de Betencourt, que se segue.

2. Constancia de Souza de Betencourt, que cazou com Felippe de Lemos, de que procedem os Lemos da freguezia de Nossa Senhora do Socorro e reconcavo da Bahia.

3. Maria de Souza de Betencourt, que cazou com Jorge Antunes, e teve filhos, e por morte d'este cazou com Sebastião Cavallo, o velho, que foi pai de André Cavallo, o velho.

Gaspar de Freitas de Magalhães, natural de Guimarães ou de Ponte de Lima, pessoa nobre, e com fôro de fidalgo, veio para a Bahia por provedor da alfandega, e n'ella cazou com Policena de Souza de Betencourt, (1) filha primeira de Francisco Alvares Ferreira de Betencourt, e de sua mulher Policena de Souza, e d'ella teve filhos:

1. Francisco de Freitas de Magalhães, que se segue.

2. D. Izabel de Almeida, mulher de Matheus Pereira de Menezes, a fl. .., e ahi a sua descendencia.

3. D. Beatriz de Freitas, mulher de João Alvares do Rego, a fl..., n. 1, e ahi a sua descendencia.

4. Constancia de Souza de Betencourt, adiante.

5. Antonio do Freitas, que não consta fôsse cazado.

6. Maria de Souza de Betencourt, ao depois.

N. 1. Francisco de Freitas de Magalhães, filho de Gaspar de Freitas de Magalhães, acima, cazou trez vezes; a segunda vez com D. Brites de Menezes, (2) filha do alcaide-mór Duarte Moniz Barreto, sem filhos. Primeira

---

(1) Cazaram a 20 de Outubro de 1589.

(2) Cazaram a 28 de Janeiro de 1620, e era já viuvo de D. Maria Barboza. Pirajá.

vez cazou com Maria Barboza de Almeida, * filha de Francisco de Barbuda, o velho, e de sua mulher Maria Barboza, a fl..., n. 4, da qual teve filha:

6. D. Maria Barboza, que cazou com Gaspar Pereira de Menezes, filho de Gaspar Pereira, o velho, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, a fl..., n. 5, e foi esta D. Maria sua segunda mulher, e teve d'ella os filhos, que já ficam ahi, n. 3 e seguinte.

Terceira vez cazou Francisco de Freitas de Magalhães com D. Custodia de Menezes (falecida a 24 de Fevereiro de 1668), filha de Gaspar Pereira, o velho, de Paripe, e de sua segunda mulher D. Angela de Mendonça, e teve d'esta terceira os filhos seguintes :

7. D. Angela de Menezes, que cazou com Baltazar de Barbuda, a fl. .., n. 5, e com este nome de D. Angela se acha no termo do seu cazamento, que é o certo, e não com o de D. Custodia, como anda em assentos avulsos. Cazaram a 15 de Dezembro de 1645.

8. D. Maria de Mendonça, mulher de Nicoláo de Freitas Lobo, sem filhos.

9. Pedro de Freitas, que cazou com uma filha de Pascoal Bravo, sem fihos, e chamava-se ella D. Guiomar de Menezes, e sua mãi Milicia Gomes, e teve um só filho, João, que faleceu.

N. 4. D. Constancia de Souza de Betencourt, filha de Gaspar de Freitas de Magalhães e de sua mulher Policena de Souza, cazou com Bartolomeu Rabelo de Macedo, e teve filhos :

10. D. Policena de Souza, que cazou com Francisco Moniz Telles, a fl. .., n. 14, e ahi o mais.

11. D. Maria de Souza, que cazou com Antonio Vaz Soure, e teve entre outros filhos o padre Alvaro de Souza.

12. Gaspar de Freitas.

13. Izabel Corrêa de Almeida, que cazou com Gaspar de Freitas, seu primo, filho de Beatriz de Freitas, irman de sua mãi Constancia de Souza, e d'elle não teve filhos.

14. Ignez e Francisca.

* Esta D. Maria Barboza era já viuva de Mem de Sá, a fl..., n. 2, e cazou segunda vez com esse Francisco de Freitas a 11 de Novembro de 1618, filha esta de Francisco Dias de Almeida e de sua mulher D. Agueda Barboza, diz o assento d'este segundo cazamento em Paripe.

André de Freitas, que, diz a memoria, donde se tiraram essas noticias, era irmão de Gaspar de Freitas de Magalhães, que já fica a fl..., que viera com elle para a Bahia, e ahi cazou com Victoria Teixeira, sem mais explicação, e que d'esta teve filhos.

15. O padre Valerio de Freitas de Brito, vigario que foi de S. Amaro de Itaparica.

Nota. Aos 4 de Outubro de 1654, recebi Nicoláo de Freitas de Barros, filho de Manoel de Freitas Lobo e de sua mulher Felippa Pimentel, moradores na freguezia de Nossa Senhora do Socorro, com D. Mariana de Menezes, filha de Francisco de Freitas de Magalhães, já defunto, e de sua mulher D. Custodia de Menezes, moradores n'essa freguezia (de Paripe). O vigario *Melchior Pereira*.

MACHADOS PEÇANHA

Francisco Machado Peçanha, natural de Lisbôa, passou a Pernambuco no tempo das guerras dos Olandezes, foi sargento-mór de infantaria, mestre de campo, tenente-general, e cazou em Pernambuco com D. Maria Gomes Carneiro, natural de Olinda; filha de Bento Carneiro de Couros, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Margarida Gomes, natural de Olinda; e era o tal Francisco Machado Peçanha, filho de João Machado Peçanha e de sua mulher Catharina de Leão, naturaes ambos de Lisbôa. Do sobredito Francisco Machado Peçanha * e de sua mulher D. Maria Gomes foram filhos:

1. O padre Jozé Machado Peçanha, cavalleiro do habito, vigario encomendado de Nossa Senhora d'Ajuda da freguezia de Jaguaripe, e depois colado na freguezia de Passé, e vizitador dos sertões debaixo.

2. Antonio Machado Peçanha, cavalleiro do habito de Christo, capitão de infantaria, e tenente da sala.

3. Frei João de Santa Roza, religiozo franciscano.

---

* Faleceu Francisco Machado Peçanha a 22 de Maio de 1719; sepultado em S. Francisco.

4. D. Jozefa Maria Peçanha, mulher de Manoel de Brito, adiante.

A madre Margarida de S. Jozé, e a madre Ignacia Francisca, religiozas no convento do Desterro.

Faleceu D. Maria Gomes Carneiro, mulher do mestre de campo Francisco Machado Peçanha, a 26 de Abril de 1728, e foi sepultada no convento de S. Frаucisco. Diz assim o assento dos obitos da sé da Bahia.

BRITOS, MACHADOS, PEÇANHAS

Manoel de Brito, filho de Pascoal Rodrigues de Brito› familiar do santo-officio, e professo na ordem de Christo, natural de Viana, e de sua mulher Simoa de Brito, cazou na Bahia com D. Jozefa Maria Peçanha, filha de Francisco Machado Peçanha, que já fica a fl..., e de sua mulher D. Maria Gomes, e teve filhos:

5. Antonio de Brito Machado Peçanha, que se segue.

6. O padre Pascoal Rodrigues de Brito, clerigo.

7. Frei João da Assumpção, religiozo de S. Francisco.

8. Francisco Machado Peçanha, solteiro.

9. Felis Jozé Machado Peçanha, solteiro.

10. O padre Ignacio de Brito, carmelita provincial.

11. Pedro de Brito, adiante.

12. Leonor Maria do Sacramento, e Maria Luiza Bernarda, religiozas no convento do Desterro.

12. D. Anna Francisca da Cruz, D. Thereza, D. Margarida, recolhidas no mesmo convento.

13. D. Quiteria Maria do Sacramento, que,depois de recolhida no Desterro, sahio e cazou com o alferes Antonio Luiz de Medeiros.

N. 11. Pedro de Brito, filho de Manoel de Brito e de sua mulher D. Jozefa Maria Peçanha, cazou com D. Jozefa Maria do Carmo, filha de Francisco de Souza Santos e de sua mulher.

Anna, Maria, Leonor, Antonia, Anna, Bernarda.

Francisco, Manoel, Antonio.

N. 1. Antonio de Brito Machado Peçanha, filho primeiro de Manoel de Brito e de sua mulher D. Jozefa Maria Peçanha, é ajudante de infantaria, cazado com D. Florencia Maria do O, filha de João Mendes e de sua mulher D. Mariana; teve filhos, duas femeas gemeas, e um maxo.

VAREJÕES FARIAS DE PASSÉ

Dioniz Gonçalves Varejão, cazou com Maria de Faria, na freguezia de Passé, e se diz, que era viuva de João Gonçalves São Thomé, homem preto, e teve seu engenho data de duas leguas de comprido e meia de largo, e teve com filhos:

1. André Golias, que se segue.
2. Pedro Alvares, adiante.
3. Francisco Alvares Varejão, ao depois.
4. Gonçalo de Faria.
5. Catharina de Faria, mulher de Francisco Machado.
6. Cecilia de Faria, mulher de Baltazar Velho Brandão.
7. Sebastiana de Azeredo, mulher de Angelo da Fonseca, que fôra marido de Maria de Avila.

N. 1. André Golias, foi cazado com Severina de Barros, mulher parda, e teve filhos:

8. Anna de Azeredo, que se segue.
9. Gonçalo de Faria, cazado com Agueda Pereira, sem filhos.
10. Antonio de Faria Varejão, que cazou com Apolonia do Valle, sem filhos.
11. Catharina de Faria, mulher de Francisco Pinheiro Favaxo, pescador.
12. Andreza de Faria, adiante.

N. 8. D. Anna de Azeredo, filha de André Golias, cazou com André Alvares, filho de Francisco Alvares Varejão, e teve filhos:

13. Jozé Alvares, que se segue.

14. Izabel, mulher de Manoel Carvalho.

E uma que faleceu pequena.

N. 13. Jozé Alvares, filho de Anna de Azeredo e seu marido André Alvares, cazou com Guiomar de Góes, filha de Manoel de Carvalho e de sua mulher Joana de Aguiar, e teve filhos :

15. Francisco Alvares.

16. Maria de Góes, mulher de Manoel Lourenço.

N. 12. Andreza de Faria, filha de André Golias e de sua mulher Severina de Barros, cazou com Manoel Mendes, e teve filhos :

17. Estevão da Silva, que cazou com Maria de Oliveira, e teve filhos : Jozé e Perpetua.

18. Antonia de Azeredo, mulher de João Fernandes Maia, e teve filhos · Lourenço, Ignacio, Anna, Bernarda e Joana.

N. 2. Pedro Alvares de Faria, filho segundo de Dioniz Gonçalves e de sua mulher Maria, cazou com Maria de Araujo, e teve filhos :

19. Margarida de Araujo, que se segue.

20. Izabel de Araujo, que cazou com Sebastião de Mendonça Espinola, no sertão.

N. 19. Margarida de Araujo, filha de Pedro Alvares de Faria, n. 2, e de sua mulher Maria de Araujo, cazou com Antonio Viegas a primeira vez, e teve filhos :

21. Barbara de Araujo, mulher de João Lopes Tição.

Segunda vez cazou Margarida de Araujo com Manoel de Almeida, de quem teve :

22. Thomé de Araujo e Luiz Alvares, ambos sem filhos.

N. 3. Francisco Alvares Varejão, filho terceiro de Dioniz Gonçalves Varejão e de sua mulher Maria de Faria, cazou com Anna de Aguiar, filha de Jeronimo de Barros de Magalhães, a fl..., n. 1, e teve filhos :

23. Maria de Azeredo, mulher de Pedro Pereira da Silva.

24. Micia Lobo, que não cazou, sem filhos.

25. Izabel de Faria, mulher de Ignacio, que se segue.

26. Jeronima de Barros, que não cazou, teve bastarda Izabel de Barros.

27. André Alvares, que cazou com Anna de Azevedo, filha de André Golias.

28. Francisco Alvares, e Joana de Faria, sem filhos.

N. 23. Maria de Azevedo, filha de Francisco Alvares Varejão, n. 3, cazou com Pedro Pereira da Silva, foi para o sertão, e teve filhos:

29. Custodia de Barros Lobo, que se segue.

N. 29. Custodia de Barros Lobo, filha de Maria de Azevedo, acima, cazou no sertão com Antonio Pereira Pinto, e teve filhos:

30. Francisco Pereira de Barros, que cazou com Apolonia Soares, viuva de Jozé Corrêa Ximenes, de quem teve um filho: Dioniz Corrêa.

N. 25. Izabel de Faria, filha de Francisco Alves Varejão, n. 3, cazou com Ignacio de Miranda, homem humilde, e teve filhos:

31. Ignacio de Miranda, que não cazou, e teve bastardos: Manoel e Leonor.

32. João de Barros, que não cazou, e teve bastardos: Ignacio e Leonor; cazou depois com Angela Martins, filha de Pedro Velozo.

33. Ignez Lobo, mulher de seu primo Atanazio de Barros Lobo, filho de Felippe de Barros, a fl...

34. Jeronima de Barros, que não cazou, teve bastarda: Izabel de Barros.

35. André Alvares, que cazou com Anna de Azevedo.

36. Antonia de Azevedo, mulher de João Batista Serafim.

37. Sebastiana de Azevedo, mulher de Antonio Serafim.

João Gonçalves São Thomé, homem preto, como fica na fl... retro, foi cazado com Maria de Faria, e teve um engenho com data de uma legua de comprido e meia de largo no rio, que fica na matriz de Passé para a parte do poente, e de sua mulher, que dizem era branca, teve filha:

Catharina, batizada a 6 de Fevereiro de 1571.

GASPAR PEREIRA, O VELHO, E D. ANGELA DE MENELE, SEGUNDA MULHER.

Filho

Matheus Pereira de Menezes e sua mulher D. Izabel de Almeida, filha esta de Gaspar de Freitas, que vai em frente, e cazado com D. Custodia, e teve filha.

Filha

D. Custodia de Menezes, cazada com Francisco de Freitas de Magalhães, filho da Gaspar de Freitas de Magalhães, provedor, que foi da alfandega da Bahia, e fidalgo da caza de Sua Magestade, e de sua mulher D. Policena de Souza de Betencourt, filha de Francisco Alvares Ferreira de Betencourt, natural da ilha da Madeira, fidalgo da caza de Sua Magestade, e professo na ordem de Christo, teve filha.

Neta

D. Angela de Menezes, mulher do sargento-maior Marcos de Betencourt, filho de André Cavallo de Carvalho e de sua mulher D. Margarida Girão, filha de Francisco Lopes Girão e de sua mulher D. Maria Corrêa, e teve filha.

Neta

D. Angela de Menezes, que foi cazada com Baltazar de Barbuda, e teve filho.

Bisneta

D. Antonia de Menezes, mulher do dezembargador João Alvares de Vasconcellos, filho de Metheus de Aguiar d'Altro e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos, filha de Bartolomeu de Vasconcellos e de sua mulher D. Luiza Pacheco, e teve filha.

Bisneto

Jozé Telles de Barbuda, que cazou com D. Izabel Coutinho, filha de Sabastião Paes de Azevedo e de sua mulher segunda D. Maria de Lacerda de Goes, filha de João Barboza Coutinho e de sua mulher D. Francisca da Fonseca de Goes, natural do Cairú, e teve filha.

Terceira neta

D. Angela de Menezes de Aguiar, que cazou com o capitão-mór Luiz Carneiro de Menezes, filho de Antonio Carneiro da Rocha e de sua mulher D. Ignacia de Menezes Castro, filha de Francisco de Breè da Costa Doria, fidalgo de Sua Magestade, que foi degolado em estatua na Bahia pela morte que fez á sua mulher D. Anna de Menezes Castro, filha de Rui Dias, e teve filha.

Terceira neta

D. Elena, que cazou com Domingos Barboza da Franca, filho de Luiz Paes Floriano e de sua mulher D. Clara da Franca, filha de Domingos Barboza de Araujo e de sua mulher D. Gracia da Franca Côrte-Real, com filhos.

Quinta neta

D. Luiza Arcangela de Menezes, mulher do sargento-mór Antonio Jozé de Souza Portugal, filho do coronel Manoel Domingues Portugal e de sua segunda mulher D. Jozefa Maria de Moniz Girão.

Quartos netos

O padre Jozé Barboza da Franca, o capitão Luiz Paes Floriano, o padre Manoel Paes, D. Clara, mulher de João de Betencourt, e depois de Domingos Simões, D. Leonor mulher do capitão-mór João Teixeira de Mendonça.

Jeronimo de Albuquerque, natural de Serenhaen, Pernambuco.

Paula de Brito de Vera, moradora no Cabo, de Pernambuco.

Dispensados no quarto gráo mixto com o terceiro de consanguinidade por sentença do cabido da Bahia em séde vacante, dada a 1 de Setembro de 1670.

Porque os oradores são parentes no terceiro e quarto gráo de consanguinidade por ser ella a dita depoente Paula de Brito, filha de Faustina de Brito, a qual foi filha de Gregorio Soares Viegas, e este foi filho de Francisco Alvares Viegas, o qual foi pai de Catharina Alvares, e esta foi mãi de D. Maria Soares, e esta foi mãi de Salvador de Mello, e este foi pai de Jeronimo de Albuquerque, orador, por onde se mostra ser parente no terceiro e quarto gráo de consanguinidade por ser o dito Francisco Alvares Viegas o tronco, donde nasceram o avô primeiro d'ella oradora, e segundo avô d'elle orador. E assim mais que entre elles assim pela parte d'ella oradora, como d'elle orador havia casta de neofitos da India por serem descendentes de Violante Soares, a qual foi mulher legitima de Francisco Alvares Viegas, onde procedem as mesmas linhas, acima declaradas, e assim tambem pela parte de seu pai d'ella oradora, dice ser neta de Ilaria da Veiga, mãi do dito seu pai Simão de Veras, a qual Ilaria da Veiga era filha de uma mulher da India, cujo nome se não lembra, etc.

FRANCISCO ALVARES VIEGAS
Violante Soares

Filha		Filho
Catharina Alvares Viegas.	— Irmãos — 1° gr.	Gregorio Soares Viegas.
Filha		Filha
D. Maria Soares	— 2° gr. —	Faustina de Brito Simão de Vera
Filha		Filha
Salvadora de Mello D. Maria Lins.	— 3° gr. —	Paula de Brito Oradora.
Filho		
Jeronimo de Albuquerque	— 4° gr. mixto com o 3°.*	

* Segue um quadro genealogico, que daremos em outro volume. Este quadro incompleto consiste em mera nomenclatura, mostrando a descendencia de Francisco Alvares Viegas, de que aqui se trata.

(*Nota da Redacção*).

FIALHOS

*Sua descendencia tirada da Torre que dizem do Tombo**

No tempo de Noé, depois do diluvio, nasceo Linho Gonçalves, filho de Linhaça Rodrigues e de Torrão Mendes, e tiveram muito herdamento, principalmente em Monte-mór, o velho. Este Linho Gonçalves cazou com Roca Esteves, que herdou o morgado de seus irmãos Fuzo Pires e D. Estriga, e d'esse matrimonio nasceu D. Fio, senhor de Linhares, que correu as sete partes do mundo. Esse D. Fio cazou com D. Massaroca Delgada, que depois se ajuntou com D. Sarilho, e tiveram uma filha por nome D. Linha, comadre e grande amiga de D. Agulha, de que não houve geração.

D. Sarilho dos Matos de Obidos cazou com D. Doubadora, e tiveram a extremada Meada, que já n'aquelle tempo teve grandes herdamentos, e nome na côrte, e foi cazada com D. Novelo, de quem houve uma filha por nome Canella Dias, contra Urdedura Vaz, senhora de Sarnaxe, esta Canella Dias e Urdedura Vaz herdaram a caza de seus pais D. Novello e D. Meada, e cazaram com o gigante D. Tear, senhor da ilha da Madeira, de quem houveram D. Téa, o principe D. Lançol, e a infanta D. Camiza, senhora de Mijãofrio, que morreu sem geração.

Procede d'este D. Lançol Caçole, que antes do descobrimento da India houve muitas terras, principalmente as da Feira, e cazou entre Douro e Minho com a infanta D. Estopa, sua parenta, a mais grossa senhora d'aquellas partes, e houve o valerozo cavalleiro D. Canhamaço, e teve mais herdamentos entre forros e outros morgados, e dizem alguns, que teve uma filha por nome D. Fralda, que houve de D. Lona, senhora dos estados de Flandres,

---

* Esta genealogia fabuloza dos Fialhos parece aqui enserida como critica jocoza do autor aos amantes de origens obscuras dadas as familias, que julgam-se enobrecidas, quando buscam em tempos remotos o principio da sua prozapia.

(*Nota da Redacção*).

herdados de seu tio D. Barbante, marido D. Guita Fialha, e tiveram o principe D. Brim, que cazou na India com D. Bengala, e por morte de sua tia D. Catonea herdou a caza de D. Lambel, e d'elle nasceu Esguião, principe muito amado, por se avantajar a seus antepassados, e cazou em França com D. Bretanha, e d'ella houve a D. Ruam, por alcunha o Cobre, e a D. Nabal, gemeos.

Este D. Ruam cresceo em estados, e cazou por amores com D. Olanda, condessa de Flandres, e deixou por universal herdeiro a D. Cambrai, o qual como era amado e querido de todas cazou em Castella com a infanta D. Goma, neta do Grão Trigo, principe de Bretanha, de cuja geração se não sabe mais. D. Cambrai deixou dous filhos bastardos, D. Canequim e D. Bofeta.

Este Canequim cazou na India com D. Colxa, a quem lá couberam mais herdamentos. Herdou a D. Alcatifa, sua tia, que perfilhou a D. Bofeta, e cazou n'aquellas partes com a rainha D. Semeaça, e antes de se receberem tiveram um filho por nome D. Godorim, que conservou a caza, e uma filha D. Caça, que morreu no Malabar.

Este D. Godorim conservou a caza de seu pai, e cazou com D. Baetilha, moça orfan e d'ella houve uns bens por partilha, que seu tio D. Roturas lhe tomou, e depois se ajuntou com D. Monturo, com quem viveu xanmente, e d'elle houve dois filhos, D. Trapo e D. Farrapo, homem de grande animo, e soffredor de trabalhos, que por suas cavallarias, depois de viuvo, foi gram-mestre do hospital de Rodes.

Teve de uma donzela duas filhas bastardas, uma D. Torcida, senhora do lagares de Thomar, e D. Isca, senhora da Pederneira, mulher de D. Funil, de quem nasceo D. Lume e D. Torcida, por ser mais velha, cazou em França com um senhor de Cadilhos, filho de D. Chaga, e tiveram um filho por nome D. Fialho, donde vêm e procedem os d'este appellido n'este reino, chamados Fialhos, como se verá pelo livro das gerações da Torre do Tombo.

INDICE

DAS

Familias de que trata este catalogo

A

B

E

F

G

L

NOTA ADITIVA

AO

CATALOGO GENEALOGICO*

Bernardo Vieira Ravasco

1650. D. João etc., Faço saber aos que esta minha carta virem, que tendo consideração do cuidado e zelo com que o padre Antonio Vieira, da companhia de Jezus,e meu pregador, se empregou sempre nas couzas de meu serviço, do que por varias vezes foi encarregado, e a satisfação que em todas as occaziões deu do que se lhe encarregou, e assim a vontade com que de prezente se dispoz para me servir na jornada, a que ora é enviado, hei por bem de fazer mercê a seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, que sirva sem limitação de tempo o cargo de secretario de estado do Brazil, de que é provido por trez annos, e que seja tambem das materias do estado e guerra do Brazil ; e esta mercê lhe faço além de outras que pelos mesmos respeitos lhe fiz, com o qual cargo haverá o mesmo ordenado etc., 7 de Março de 1650.(Extrahido de cópia moderna existente na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro).

---

* Pareceo-nos util adicionar aqui as seguintes peças relativas á familia do padre Antonio Vieira, de quem se trata no Catalago Genealogico.

(*Nota da Redacção*).

1676. *Alvará de S. Alteza porque faz mercê a Bernardo Vieira Ravasco, que por sua morte possa nomear o officio de secretario de estado em seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante, para que o sirva em sua vida.*

Eu o principe como regente e governador dos reinos de Portugal e Algarves: Faço saber aos que este meu alvará virem, que tendo respeito ao que se me reprezentou por parte de Bernardo Vieira Ravasco, fidalgo de minha caza, alcaide-mór da cidade de Cabo-frio, e secretario de estado do Brazil em razão dos serviços que me tem feito por espaço de 14 annos nas guerras do mesmo estado em praça de soldado, alferes e capitão de infantaria, achando-se no sitio que o Conde de Nassau pôz a cidade da Bahia, de que sahio ferido de uma alcanzia e depois se achar em tudo o que se offereceu, quando o general Segismundo se foi fortificar na ilha de Taparica, passando com grande risco de sua vida por meio de uma grande tempestade em uma canoa á dita ilha por acudir a uma caza forte, da qual com a sua companhia fez desalojar o inimigo, achando-se tambem em todas as entradas que os Olandezes fizeram pelo reconcavo d'aquella cidade a queimar os engenhos, procedendo em tudo com muita satisfação, e com igual procedimento se haver tambem na occupação do cargo de secretario d'aquelle estado, em que continua, ha vinte e cinco annos, sendo creado em sua pessoa, ordenando e dando-lhe a fórma que hoje tem, a qual não havia até aquelle tempo por servirem de secretarios pessoas da obrigação dos governadores, com grandes confuzões com que as partes padeciam grande detrimento, e os governadores muita falta das noticias e informações necessarias, reduzindo tudo á bôa fórma com sua intelligencia e bom expediente ; e tendo tambem consideração ao bom procedimento de Manoel Alvares Deosdará, que com tanto zelo e dispendio de sua fazenda serviu nas guerras de Pernambuco, e aos serviços do doutor Simão Alvares de la Penha e de Christovão Vieira Ravasco, filho do dito Bernardo Vieira, que faleceu em meu serviço, sendo capitão de infantaria e juntamente aos do padre Antonio Vieira, que por muitas vezes passou a

França, Olanda e a Roma a negocios de muita importancia tocantes a meu serviço ; e visto tudo o que fica referido, e o dito Bernardo Vieira se achar entrado na idade e com axaques, e seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante haver tambem servido na praça da Bahia de soldado e capitão de infantaria com bom procedimento e assistir na secretaria nas occaziões de impedimento do dito seu pai com muita intelligencia nos negocios d'ella, em satisfação de tudo o referido, hei por bem fazer mercê ao dito Bernardo Vieira Ravasco de lhe conceder licença para que por sua morte possa nomear o dito officio de secretario do dito estado do Brazil em seu filho Gonçalo Ravasco, para que o sirva em sua vida sómente assim e da maneira que o faz o dito seu pai.

Pelo que mando ao prezidente e conselheiros do meu conselho ultramarino, que aprezentando-lhe o dito Gonçalo Ravasco instrumento justificado, porque conste nomear n'elle o dito Bernardo Vieira o officio de secretario do estado do Brazil, lhe façam passar carta em fórma d'elle, para o servir em sua vida sómente, como fica referido, na qual carta se trasladará este alvará, que quero se cumpra muito inteiramente como n'elle se contém e que valha como carta sem embargo da Ordenação do livro 2°. tit. 40 em contrario, e pagou de novo direito cincoenta mil réis, que se carregaram ao thezoureiro João de Freitas de Almeida, a folhas 7 verso, e se passou por duas vias. Pascoal de Azevedo o fiz em Lisboa a 13 de Julho de 1676. O secretario, *Manoel Barreto de Sampaio* o fiz escrever. PRINCIPE. *Conde de Val de Reis*, prezidente.

(Extrahido de um dos livros manuscriptos da thezouraria geral da Bahia).

Alvará porque Sua Magestade fez mercê a Bernardo Vieira Ravasco, secretario de estado do Brazil, que no cazo que elle faltar e fique seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante continuando no dito officio emquanto se demanda encartar n'elle : com declaração que será obrigado depois do falecimento do dito seu pai a mandar ao reino em termo de dois annos a tirar carta de propriedade.

Eu el-rei faço saber aos que este meu alvará virem, que tendo respeito a haver concedido a Bernardo Vieira Ravasco, fidalgo da minha caza, licença para por sua morte poder nomear o officio de secretario de estado do Brazil, de que é proprietario, em seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcanti, para que o sirva em sua vida sómente, e que o dito seu filho o possa exercitar nos seus impedimentos e assistir com elle no expediente da secretaria, e ora se me reprezentar por parte do dito Bernardo Vieira Ravasco achar-se muito velho, cheio de axaques, pobre e com dividas, e recear que falecendo duvide o governador geral prover ao seu dito filho na serventia do dito officio emquanto se não encartar, o que servirá de grande damno a sua caza e fazenda. Tendo a tudo consideração e ao bem que o dito Bernardo Vieira Ravasco me tem servido no exercicio do dito officio a tantos annos, e o dito seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante ser mais capaz de lhe suceder n'elle, hei por bem fazer-lhe mercê, que no cazo d'elle lhe faltar fique o dito seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante continuando no dito officio e emquanto se manda encartar n'elle ; com declaração que será obrigado depois do falecimento do dito seu pae a mandar ao reino em termo de dois annos a tirar carta da propriedade.

Pelo que mando ao meu governador e capitão geral do estado do Brazil cumpra e guarde este alvará a seu tempo, e o faça cumprir e guardar inteiramente como n'elle se contém sem duvida alguma, o qual valerá como carta sem embargo da Ord. do liv. 2.° tit. 40 em contrario ; e se passou por duas vias e pagou de novo direito reis 540, que se carregaram ao thezoureiro João Ribeiro Cabral a fl..., cujo conhecimento em fórma se

registrou no registro geral a fl... Manoel Gomes da Silva o fez em Lisbôa a 12 de Janeiro de 1696. O secretario André Lopes de Lavre o fiz escrever. *Rei.* Conde d'Alvor.

Gonçalo Ravasco teve carta de propriedade de Sua Magestade de 28 de Janeiro de 1700, como se declara nos dizeres finaes d'este documento.

(Extr. da copia do livro 2.° do *Registo de provizões reaes* de 1693 a 1699, pertencente a thezouraria geral de fazenda da Bahia.)

Christovão Vieira Ravasco, pai do padre Antonio Vieira e Bernardo Vieira Ravasco

Sr.—Diz Christovão Vieira Ravasco, que por mandado executivo do provedor-mór da fazenda real d'este estado se fez penhora em umas cazas, em que elle supplicante vive, e em outras mais d'elle supplicante e senhor, para pagamento de um conto e tantos mil réis, que se diz dever elle supplicante do recebimento que sobre elle carregou dos direitos dos quatro vintens por caixa de assucar, que se pagam n'esta cidade; e porque as ditas caixas são o total remedio d'elle supplicante e de sua familia por não ter outros em que poder viver, nem outros bens alguns de que sustentar-se. E fica elle supplicante, arrematando as ditas cazas, perdido de todo. E aventar donde puder recolher-se com sua familia, sendo um homem de 97 annos, entrevado em uma cama; e a fazenda real póde mui bem pagar-se da dita quantia no ordenado vencido do mesmo officio, que elle supplicante serve, e a mais de trez annos que esta faz cobrar e em os bens que no Recife de Pernambuco estam depozitados na mão de Gonçalo Monteiro da Silva, que ficaram por morte do Dr. Simão Alvares de la Penha, que pertencem a elle supplicante por sentença que passou em couza julgada, contra a qual não ha parte alguma que se opponha, a cujo respeito sem nenhuma difficuldade se póde fazer a cobrança do dito dinheiro, que excede á quantia de que elle supplicante é devedor, em uma e outra couza elle supplicante offerece para pagamento d'ella a quantia que na mesma fazenda real d'esta cidade está devendo a D. Maria de Azevedo, sua

filha, a qual, por fazer bôa obra a elle supplicante e se compadecer do damno que da dita execução lhe rezulta, está prestes para fazer todos os termos necessarios em que ha por bem, que na dita sua divida se castigue até a concurrente quantidade o pagamento d'elle supplicante, esta divida está liquida e mandada pagar com mandado corrente por provizão de S. Ex. Pede a S. Ex., que, havendo respeito a todo o referido, lhe faça mercê, que o dito provedor mór da fazendo real aceite em pagamento do que constar, que o supplicante deve dos effeitos sobreditos ; o que mais util fôr para a fazenda real, e se não proceder na execução das ditas cazas, ficando ellas debaixo da mesma penhora obrigadas ao pagamento d'elle supplicante, em cazo que os sobreditos effeitos, que elle nomeia, não tenham effectiva cobrança ; com o que fica a fazenda real sempre segura e sem prejuizo algum. E receberá mercê. *Christovão Vieira Ravasco.*

Não traz data ; mas o primeiro despaxo do governador geral Conde de Obidos, a quem é dirigida esta petição, foi lançado a 20 de Abril de 1667. Acha-se intercallada na provizão do referido governador datada da Bahia a 6 de Maio de 1667 : « para o provedor de Pernambuco pôr em arrecadação os bens, que ficaram do doutor Simão Alvares de la Penha pelos haver nomeado Christovão Vieira Ravasco, para pagamento do que deve á fazenda real. »

(Extrahido de cópia do liv. 7.° de registo de provizões de Sua Magestade e dos governadores geraes do Brazil, pertencente á thezouraria geral de fazenda da Bahia.)

Christovão Vieira Ravasco de Albuquerque, fidalgo da caza real; filho de Bernardo Vieira Ravasco.

Foi provido no posto de capitão de uma companhia da infantaria do prezidió da praça da Bahia, terço do mestre de campo Alvaro de Azevedo, por patente do governador geral Alexandre de Souza Freire de 8 de Junho de 1670. (Doc. da thezouraria geral da Bahia).

Já era falecido a 13 de Julho de 1676, como se vê

no alvará d'esta data, passado em Lisboa, dando licença a Bernardo Vieira Ravasco para por sua morte nomear seu filho Gonçalo Ravasco Cavalcante secretario do estado do Brazil. (E' o que vai por copia).

Não sei, si frei Antonio Jaboatam o accuza.

Christovão Vieira Ravasco. Em 1649 era escrivão dos orfãos da cidade da Bahia.

Bernardo Vieira Ravasco, falecido no Rio a 20 de Julho de 1697, foi sepultado na egreja do convento do Carmo, por debaixo do altar da capella do Santissimo Sacramento « Foi dada esta sepultura n'este logar pela entrega que fez de 50 arrobas de assucar branco, as quaes seriam tiradas do engenho de Cotegipe annualmente do primeiro e melhor, que se tirasse do dito engenho, a qual pensão é eterna e passa a quem possue o dito engenho, para ornato da dita capella, por ser esse o ajuste que se fez e não houve clareza alguma sinão bocalmente. (*Livro de varias noticias e clarezas do convento do Carmo da Bahia*).

As 50 arrobas de assucar foram sempre cobradas pelos padres até 1856 ou 1857 ; o proprietario do engenho excuzou-se então a esse pagamento eterno. (*Informação que deu o actual provincial.*)

Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, filho natural de Bernardo Vieira Ravasco, foi sepultado na igreja do convento do Carmo da Bahia, ao centro da capella do Santissimo Sacramento, abaixo dos trez degráos que dam accesso ao altar. Sua sepultura tem inscripção aberta em marmore de Lisboa. Sua mulher chamava-se Leonor.

QUESTÕES A ESTUDAR

em relação aos principios da nossa historia

(Lido na sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de 26 de Abril de 1889)

Trata-se de um systema de viação existente em epoca muito remota, talvez anterior á descoberta do Brazil.

Foi-me isso suggerido por factos que observei durante a minha estada no territorio de Missões em 1887.

E' sabido que o *adelantado* Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, vindo da Hespanha, desembarcou em Santa Catharina no anno de 1541, a 29 de Março (*Commentarios*, II), e d'ali se dirigiu por terra para Assumpção, no Paraguay.

Seguiu elle pelo rio Itapocú, ao sul da barra do S. Francisco, em direcção ao oeste, galgou a Serra e em vez de continuar no mesmo rumo, que o levaria direito ao seu destino, tomou para o norte e atravessou *tres vezes o Iguassú*, o que se deve entender por *atravessou tres grandes rios*, o que effectivamente se realisou, tendo elle tido de passar o rio Negro, o rio da Vargem e o rio Grande de Curityba (o actual Iguassú), para chegar ao Atibagiba (o Tybagy). O Dr. Luiz Cleve, incansavel investigador das cousas do Paraná, é de opinião que Cabeça de Vacca passou pelos lugares onde mais tarde se fundou a villa do Principe, hoje cidade da Lapa, e a villa de Palmeiras e a cidade de Ponta Grossa.

Ahi, nas margens do Tibagy, demorou-se Cabeça de Vacca entre os indios, para os quaes, tendo montado uma forja, mandou fazer ferramentas em troca de viveres com que o forneceram, e depois seguiu novamente derrota para oeste atravessando o Ubahy, nome que ainda em 1840 era usado (erradamente escripto na relação de viagem *Ubuhy*) e hoje transformado em Ivahy. Desceu o Pequiri, e antes de chegar á sua foz no Paraná, tomou rumo do sul até encontrar o Iguassú, pelo qual desceu, e seguiu viagem pelo rio fronteiro, o Mondahy.

Veio, pois, Cabeça de Vacca buscar o mesmo parallelo que elle havia abandonado nas cabeceiras do Itapucú para dar uma volta de 80 leguas.

Pelo que? O que o demoveu de seguir sempre para oeste?

Não existiam ainda os Campos de Palmas, que começam nas cabeceiras do Chopim?

Ou seriam estes habitados por hordas bravias que seria necessario guerrear?

Ou ainda se opporiam extensas mattas a longas viagens?

Cabeça de Vacca no Mondahy encontrou um indio brazileiro, de nome Miguel Christão, que vinha de Assumpção; elle o tomou como guia e despediu os *praticos* que trouxera de Santa Catharina.

Isto prova que nessa provincia havia gente que viajava para o Paraguay e era conhecedora dos caminhos.

Posteriormente veio de Assumpção Schmiedel, tambem por terra, conduzindo officios para Carlos V, os quaes levára a salvamento a seu destino.

Evidentemente era conhecido o territorio ao norte do Iguassú, e havia caminho que d'elle conduzia ás margens do Pequeri sem costear o Paraná.

Ainda mais: era já habitada em 1532 a costa de Santos: Martim Affonso de Souza, que chegára ao porto de S. Vicente a 22 de Janeiro d'esse anno, fundára em Maio as villas de S. Vicente e de Piratininga (*Diario* de Pero Lopes de Souza). Esta devia estar povoada antes da chegada de Martim Affonso. Em Janeiro de 1554 (*Cartas*

do Padre Manoel da Nobrega e *Cartas avulsas* dos Jesuitas) os Jesuitas alli fundaram o collegio de S. Paulo, nome que depois passou á cidade e á capitania. Em 1553 fôra acclamada villa a povoação de Santo André, que se mudou em 1560 para Piratininga de S. Paulo.

Antes de aportar Martim Affonso ás costas de S. Vicente, existiam na capitania Aleixo Garcia com um filho menor e mais tres portuguezes. Por occasião da chegada existiam o *bacharel de Cananéa*, que é o fidalgo portuguez Duarte Pires, degradado por D. Manuel, com genros castelhanos, Francisco Chaves, João Ramalho, Antonio Rodrigues, mais um portuguez e talvez Pero Capico.

A famosa bandeira de Aleixo Garcia, talvez a primeira brazileira, data de 1526, segundo a *Argentina* de Gusman. Martim Affonso só chegou a S. Vicente em 1531, a 12 de Agosto. A bandeira expedida por elle partiu de Cananéa a 1 de Setembro d'este anno de 1531, dirigida por Francisco Chaves, já morador e lingua da terra, e Pero Lobo.

Cabeça de Vacca na sua viagem encontrou entre os indios noticias de Aleixo Garcia e igualmente a nova do destroço da expedição de Pero Lobo.

Garcia entranhara-se pelos sertões, desceu o Paraná, foi ao Paraguay e seguiu para o Perú, de onde voltou. Esta viagem de Garcia parece tão pouco emprehendida ao acaso, como a de Cabeça de Vacca.

Em 1557, tres annos depois de S. Paulo, fundou-se perto da embocadura do Pequeri, no Paraná, a Cidade Real de Guayrá, e vinte annos mais tarde, em 1576, approximando-se a S. Paulo, a Villa Rica do Espirito-Santo. Parece pois que essas povoações foram-se estabelecendo ao longo de uma via de communicação que se dirigia ao porto de S. Vicente e por onde transitáram Aleixo Garcia, Schmiedel e Cabeça de Vacca por outro ramo da mesma estrada.

Depois de fundadas as villas de Guayra e do Espirito-Santo, com certeza havia bôa communicação para S. Paulo, cujos habitantes eram vezeiros em ali buscar escravos, e em 1631 destruiram estas villas, principaes

povoados da provincia de Vera dos Jesuitas, que se retiraram, conduzindo Montoya, Paraná abaixo, o resto dos Guaranys que escaparam ao captiveiro, e foi estabelecel-os *ao sul do Uruguay*.

Por que evitaram os Jesuitas o territorio entre este rio e o Iguassú, como já o fizera, quasi um seculo antes, Cabeça de Vacca?

E no entretanto na margem direita do Iguassú houve moradores, pois o engenheiro Odebrecht, quando procedeu com pessoal telegraphico á sua exploração, encontrou em muitos lugares onde aportaram canôas, laranjaes, como os de Guayrá, sobre cujo sitio elle acampou.

Parece que o motivo que obrigava a evitar aquelle terreno eram seus habitantes, indios ferozes, mais valentes que os Guaranis.

Os antigos demarcadores de 1759 e 1789 os denominavam *Tupis infieis*; encontraram-os no Pepery-guassú e no Chapecó, e temiam-os; elles atravessaram por vezes o Uruguay para fazer correrias e depredações ao sul do mesmo.

Oyarvide apanhou uma mulher d'essa tribu nas margens do Chapecó cuja lingua ninguem entendia.

Referem tambem que um capitão Silveira, que descêra com uma expedição de Curityba pelo Iguassú, fugira para Missões com medo *de los indios coronados*.

Já vemos naquella epoca mencionados os *Coroados*, nome que ainda hoje conservam, no municipio de Palmas, onde igualmente se denominam *Tupis*.

Era pois o territorio entre o Uruguay e o Iguassú, a léste da cordilheira que une os grandes *saltos* dos dous rios, o de Mucunã e o de Santa Maria, interdicto. E' essa opinião apoiada ainda pela circumstancia de que os affluentes da margem esquerda do Uruguay tinham nome, como *Mberuy*, *Uruguay-pitá* ou *Iandaity*, *Uruguay-mini*, e da margem direita só tinham denominação os dous mais proximos ao Salto Grande (Mucunã), que eram o Pepery, e mais acima o Apetereby, os quaes vêm mencionados, ora nas antigas memorias, ora nos mappas, já desde 1722.

Naquelle tempo viajava-se, parallelamente á margem esquerda do Uruguay, das Missões aos campos da Vaccaria, encontrando a estrada que vinha de S. Paulo e Curityba, passando pela matta do Castelhano ao Rio Grande; naquellas paragens, até perto das cabeceiras do Chopim e do Rio do Peixe, mencionam-se roças dos Paulistas. Conhecia-se no norte do Iguassú só o valle do Piquiri, e quasi todo o territorio do Uruguay para o sul.

Só depois de 1820 apparecem vagas noticias da existencia dos campos de Palmas, cuja descoberta e posseamento datam de 1840, por duas partidas, uma vinda de Guarapuava e outra da Palmeira.

Encontraram esses intrepidos exploradores o terreno occupado pelos *Tupis* ou *Coroados*, os mesmos de outr'ora, fallando lingua inteiramente diversa do Guarany.

Encontraram os dous grandes rios que atravessam esses campos com *nomes coroados*, o *Chapecó* e o *Chopim*; ao primeiro deu Oyarvide, por não lhe conhecer nome nem ter tido contacto com os habitantes de suas margens, que lh'o revelassem, o nome de Pequery-guassú, porque encontrára nelle cardumes de pequenos lambarys— *pikii* em guarany;— essa denominação não teria sido dada por selvagens a um rio que se distinguia pela existencia de peixes grandes, como os dourados, piáus, surubys, e jaús.

E', pois, fóra de toda a duvida que o territorio comprehendido entre os rios Iguassú e Uruguay, limitado a oeste pela cordilheira que fórma os dous grandes saltos, e a léste pela matta do rio do Peixe e do Jangada, era de todo desconhecido e de longa data habitado pelos *Coroados*.

Esses indios, porém, não eram filhos da terra; foi tribu que emigrou de Matto-Grosso, do que existe vaga tradição.

E no entretanto notaveis vestigios, que ainda hoje se encontram, e que tive occasião de ver, attestam que aquelle territorio era frequentado, cortado por uma estrada admiravelmente traçada, passando pela divisa de aguas desde o Paraná até Palmas de baixo, onde se perdem esses vestigios.

Partia essa estrada do Paraná pela lombada que divide aguas entre Iguassú e o Uruguahy, que nasce na mesma cordilheira onde brotam o Peperyguassú e o Santo Antonio, correndo este de sul a norte e aquelle de norte a sul sensivelmente pelo mesmo meridiano, e o Uruguay de léste para oeste.

Nos dous Irmãos, coxilha proxima á campina do Americo, referem-me que se encontra uma cava larga, a qual mostra ter sido estrada ; mais adiante, nas proximidades do rio *Tracutinga*, se encontram de novo em diversos lugares vestigios de estrada com declives muito suaves, e que parece ter servido para carretas.

No *Campo Eré* (nome tambem *coroado*) póde-se acompanhar essa estrada, que ainda se acha bem conservada, sobretudo na entrada dos *Muros*, onde ella atravessa um banhado com um aterrado.

Esses aterrados se formam frequentemente no Paraná pelas aguas de chuva, que descem pelas estradas escavando-as e depositando na depressão do terreno a terra de erosão, que os transeuntes calcam no meio formando um rego que conduz novo material, e assim cresce o aterro até unir-se de ambos as lados.

O aterrado da antiga estrada está nas mesmas condições, mas vê-se ao lado excavação de onde foi tirada a terra. E', pois, obra do homem.

Mais para léste, além da serra de Sant'Anna, depara-se novamente com a mesma estrada entrando na matta virgem, e crescendo no seu leito grossas arvores. Assevera-me um morador das visinhanças que nas margens do rio de Sant'Anna se reconhece o lugar onde elle era atravessado pela estrada.

Ainda mais para léste, cerca de tres kilometros da falda occidental da serra da Fartura, vê-se, no terreiro de uma fazenda, muito distinctamente, a bifurcação d'esta antiga estrada, seguindo um ramo em direcção á colonia militar do Chopim, buscando para NE. os Campos de Guarapuava ; o outro ramo segue para SE. em busca dos campos de Palmas, de onde poderiam seguir pelos Campos de S. João a encontrar as cabeceiras do Itapucú.

O que, porém, em todo o percurso d'esta estrada se encontra de mais notavel é um acampamento entrincheirado em um ponto estrategico admiravelmente escolhido, são os *Muros*. E' uma construcção collocada no ponto mais exposto á aggressão, pois fica proximo ao primeiro grande salto do Chapecó, até onde sobe o peixe do Uruguay, e existem ainda os pesqueiros dos indios que, encontrando abundancia de alimento, ali de preferencia se agglomerariam, e ainda em não remotadata nas immediações do rio da Saudade(antigo Bermejo de Oyarvide)havia numerosos toldos de coroados, que foram expulsos pelo seu director sob pretexto que lhe pertenciam aquellas terras.

Estes *Muros* são um cone truncado, cuja parte superior é formada por uma plataforma horizontal com 36 metros de diametro, em que crescem velhos pinheiros. O talude tem a altura de cerca de 3 metros,acha-se no cimo de uma collina que descamba para todos os lados, e era cercado por uma especie de trincheira circular com 340 metros de diametro. O ponto é elevado e podia corresponder-se por signaes com a serra da Fartura, as montanhas que cercam a colonia militar do Xanxerê e até a serra do Gregorio na estrada de Guarapuava a Nonohay.

Espalhou-se entre o povo, ha pouco tempo, a noticia de que esses *muros* eram deposito dos thesouros dos Jesuitas, e por isso houve quem nelles fizesse excavação bastante profunda, encontrando a 2^m, 10 abaixo da superficie uma camada de cinza com fragmentos de carvão. Eu mandei augmentar a excavação até essa camada, e até a borda.

Encontrei cinza ora em camadas mais espessas, ora mais tenues, entremeada com carvão de taquara, e algumas folhas d'esta; por baixo em diversos pontos estava calcinada a terra.

Posso concluir que estes *muros* tinham sido um acampamento circular rodeado por uma taipa formada por dupla estacada cheia de terra, ou um parapeito só de terra. O que é menos provavel, porque não explica bem o deposito de aterro de mais de 2100 metros cubicos acima das cinzas.

Dentro da taipa havia armazens e ranchos de palha, que foram queimados e naturalmente a estacada interior ardeu conjunctamente,o que deu lugar a desmoronamento successivo do enchimento de terra que, levado pelas chuvas, se foi acamando. Mais tarde,apodrecendo a estacada exterior, formou-se a rampa; talvez para oeste d'essa fortificação existissem as roças, a provavel origem do campo Erê, que se estende d'ahi até o rio Capitinga, o que parece certo, pois asseveram-me que nessa mesma direcção existe outra fortificação semelhante, porém mais pequena; não me foi possivel vêl-a,por não encontrar guia, propositalmente negando-se os moradores.

Assevera-me Fructuoso Dutra que na margem opposta do Paraná, em territorio Paraguayo,pouco acima do ponto de onde devia partir a antiga estrada, se encontra semelhante fortificação, mas muito desfigurada pelas excavações feitas em cata de thesouros.

Referiram-me que perto de Curitybanos (onde dominam os *botocudos*) ha tambem um entrincheiramento circular. Isto pode ser algum cemiterio, como existe um em Palmas de cima. Se, porém,fôsse realmente fortificação, denotaria a existencia de uma linha com pontos de abrigo ou defeza, ou mesmo estações de abastecimento para os que transitavam desde o Paraguay até Santa Catharina.

Esta communicação deve em todo o caso ser anterior a 1540 e já então abandonada, do contrario Cabeça de Vacca a teria aproveitado. O abandono só poderá ser attribuido á invasão dos *Coroados*.

Nenhuma tradição existe sobre essa estrada, nem o proprio investigador Dr. Cleve tem noticia alguma?

Só se podem formular conjecturas até que se encontrem documentos que esclareçam o facto.

1.° Seria essa estrada protegida por obras de defeza, devida aos Incas, de cujo tempo se affirma existirem vestigios de estrada na Bolivia até o Paraguay? Teriam elles communicação por ali com o Atlantico?— Por que não? pois os Hespanhóes depois da conquista fizeram o Perú cabeça do vasto Vice-reinado comprehendendo Paraguay e Buenos-Ayres, provavelmente a isso foram

levados pela noticia que havia da existencia de communicação, talvez parte da mesma de que se aproveitou Aleixo Garcia.

Tambem pode essa estrada ter favorecido a invasão dos *Coroados*.

2.° Seria ella obra dos Jesuitas que abriram caminho para, pelos Campos de Guarapuava, irem á Villa-Rica do Espirito-Santo, evitando a passagem pela pestifera região da Cidade Real de Guayrá ? Quando assim fôsse, além da serra da Fartura teriam feito a bifurcação para por Palmas, S. João e Curitybanos sahirem no Itapocú ou antes no Itajahy ? Os Jesuitas teriam creado povoação das quaes haveria noticia.

3.° Fraca hypothese seria que os Paulistas nas suas correrias abrissem caminho para mais facilmente darem caça e conduzirem as grandes levas de escravos, communicando-se por um lado com Villa-Rica, e por outro com o Rio-Grande pela matta do Castelhano.

A falta de documentos historicos pode ser apparente, por se não ter encontrado o lugar onde existem ; parece que já de longa data estavam taes documentos ou occultos propositalmente, ou disseminados e esquecidos, pois ainda em 1790 discutiam os commissarios hespanhóes da demarcação de limites a identidade do rio Peperiguassú, negando ser o rio que os portuguezes como tal reclamavam ; o seu argumento foi : de nem em 1759 nem então ter-se podido encontrar, subindo por elle, a nascente do S. Antonio, que lhe devia formar contravertente, a qual devia se achar seguindo de uma das nascentes, pelo mais alto terreno, até a outra.

No entretanto já em 1775 o geographo do rei de Castella, D. Juan de la Cruz Cano e Olmedilla, imprimiu por ordem do mesmo rei um mappa que traz com admiravel exactidão a posição dos dous rios, quer em rumo, quer em distancia. De onde tirou elle esses exactos dados, que não foram fornecidos pelos demarcadores de 1759 e que, ainda 15 annos depois, os novos demarcadores ignoravam ? o que foi feito d'esses documentos ? Olmedilla conhecia a embocadura do rio que desagua no Iguassú abaixo do Chopim, mas não a foz d'este, de onde tirou a posição, pois os demarcadores de 1759 não subiram além do S. Antonio?

Elle conhecia a foz do Chapecó e o curso do Uruguay exacto até o Uruguay-Mini (além não posso verificar). Esses elementos elle tomou dos antigos demarcadores em parte, mas de onde houve o resto não se sabe.

Olmedilla sabia da existencia do rio da Saudade, que 15 annos depois de o ter consignado, foi reconhecido braço do Chapecó e denominado rio Bermejo. Elle conhecia a nascente do rio Sant'Anna que corria para o norte.

Porém de nenhum dos dous sabia qual o curso; por isso fez do primeiro cabeceira do Chapecó, e do segundo, que é affluente do Chopim, nascente do rio denominado ultimamente Cotegipe pelo major Dantas, director da colonia do Chopim.

A prova incontestavel de que houve esploração depois da demarcação de 1759, feita com cuidado, é esse mappa de Olmedilla, e ella foi feita seguindo a estrada mysteriosa que passa pelas nascentes do Pepery-guassú, atravessa o rio Sant'Anna e seu braço austral, o Saudade.

Apparecendo os documentos d'essa exploração, é provavel que nelles se encontre alguma referencia á antiga estrada.

Outra viação abandonada parece ter seguido do Pequery para léste. Ao menos referio-me um antigo morador da colonia Thereza que seu fundador, o Dr. Favre, quando tentou abrir caminho para sahir nos Campos Geraes encontrou uma estrada antiga que contornava os grotões, procurando sempre logares enxutos e evitando declives asperos; afastando-se, porém, essa estrada do rumo que o Dr. Favre seguia, abandonou-a, e teve de atravessar uma serra com bastantes difficuldades; do lado opposto, porém, encontrou novamente a estrada que deixou ao lado: ella ou havia contornado a serra, ou procurado facil desenvolvimento.

Estradas assim planejadas são obra de profissionaes e revelam tendencia de estabelecer communicação com o littoral para transporte de productos; pelos paulistas, que só corriam á caça de escravos, ellas não podem ter sido feitas;

denunciam pelo contrario a existencia de um plano geral bem combinado, com fins economicos e politicos, o que só pode ter emanado da sagacidade e espirito methodico dos Jesuitas, e datam pois de mais de dous seculos e meio.

Interessante seria compulsar documentos que revelem esses planos tendentes a aproveitar o valle do Paranápanema, dando-lhe facil communicação para o oceano, plano que dormiu durante o longo espaço de pelo menos 250 annos, para hoje reviver e levar-se a cabo.

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1889.

CAPANEMA.

VOCABULARIO PURI

PALAVRAS COLHIDAS PELO ENGENHEIRO

Alberto de Noronha Torrezão

A

Achar............ Iah.
Acender.......... Kandú.
Aduecer.......... kondón'.
Agarrar.......... Iahga.
Agua............ m'nhâmã.
Amargo.......... kandjuh.
Amarello...... ... putuhra.
Andar........... kehmûm.
Anta............ pennân.
Arara........... djasvatahra.
Arco............ ohmrin.
Arroz........... mem'rina.
Arvore.......... mpó.
Assar........... mbôri.
Avô........... .. antah.
Avó............. titinhan'.

B

Banana maçan.... baoh.
Barbado (macaco).. tokeh.
Barriga.......... tikim.
Batata........... churumûm.
Beiço............ tsché.
Bocca............ tschoré.
Bocaina.......... djareh.
Beber............ tch'mbá.
Boi.............. tapira.
Bom.............. schuteh.
Bonito........... schuteh.
Braço............ lacareh.
Brajahuba (palm.).. pahtan.
Branco (homo).... haranjúa.
Branco (color)..... ohkarôna.

C

Cabeça........... nguê.
Cabello.......... què.
Cacao....... ..... tembóra.
Café............. pahrahda.
Caitetu.......... solakon.
Calor............ prehtôma.
Canna de assucar.. tupânãrikê.
Cantar........... ndl'ôno.
Capim............ chipampeh.
Capiuara......... bodaqueh.
Capuêra.......... chicopó.
Carne............ arikê.
Carvão........... mbórvan.
Casca............ popeh.
Caxorro.......... shindeh.
Caza............. nguára.
Cazar............ djeeh.
Cégo............. ahmripapú.
Chover........... nhãma ku-uh
Cobra............ shahmûm.
Colerico......... kochna.
Comer............ maschê.
Conversar........ tschóre bacoiah,
Corda............ tumah.
Corrego.......... nhãmanrúri.
Couro............ peh.
Curar (eu curo).... ah ndond.
Cutia............ bohkôn.

D

Deitar........... katahra.
Dente............ utsché.
Dentro........... kschê.

Deus.............. tupã,
Dia................ opeh.
Diabo .... ahndl'ahman.
Dinheiro.......... mretetêno.
Dormir .... katahra.

E

Em pé............ pl'euâk.
Entanha.......... kopahra.
Estrella .... churi.
Espingarda........ bôah.
Estrada............ chiman.
Eu................ ah.

F

Faca.............. hum'ran.
Falar.............. koiah.
Farinha........... makiprahra.
Feijão............ chumbêna.
Feio .... krohkon.
Ferro .... hum'ran.
Filha .... chambé.
Filho.............. chambé.
Flexa............. aphon.
Flor .... pl'okeh.
Florzinha.......... pô-pâna.
Fogo.............. boteh.
Foice.............. hum'ran. (*)
Folhas............ djop'leh.
Fome.............. temembôno.
Força............. mehtl'on.
Frio............... nhamaitû.
Fumo .... pokeh.
Fui................ mahmûm.

G

Gambá............ scháriuô.
Gostar............ tl'amatl'i.

H

Homem........... hakorrema.

I

Irmão .... schahtâm'.

J

Jacucaca.......... schák-on.
Jacutinga......... pittah.
Jaguatirica........ jogót-ahmûm.
Jaó............... mboré.
Joelho............ tuonri.

(*) Todo o objecto de ferro é *hum'ran*.

L

Lagoa.............. nhâma-rorá.
Lagarto............ appehrtô.
Levantar.......... ml'itôn
Lingua .... toppeh.
Lindo .... schuteh
Lua .... petahra.
Luz................ poteh.

M

Macaco .... tanguah.
Macuco............ shipahra.
Madrugada. .... vemudah.
Mãi................ inhan.
Mamar............ nhamantá-hm'bâ.
Maminha.......... nhamantah.
Mão .... chapeprera.
Mandioca .... Veijuh.
Mata (com ferro).. mòm'ran.
Matar (com pau)... mopô.
Mato virgem ...... tschóre.
Mau .... krohkon.
Meio dia.......... huáratirukah.
Mel............... butan.
Meu .... ah.
Milho............. maki.
Moça.............. mbl'èma schu. teh.
Mono.............. pahra.
Morar .... lekah.
Morder .... trchemurung.
Morrer............ mbôno.
Mulher .... mbl'èma.

N

Nariz. .... ahm'ni.
Nhambú.......... shaprúra.
Noite............. mripôn.
Nuvem............ huerahschka.

O

Olho .... mri.
Onça.............. pon-an.
Osso .... am'mi.
Ouro.............. mretetèna.

P

Paca.............. arotah.
Papagaio (jurujuba)........... shitrohra.
Passarinho........ chipú.
Pai................ charé.
Palmito (palm.)... ehkah.
Pé................ chapêprêra.

Pedra............	uk'huá.
Peixe............	nhamaquê.
Penna............	chipupé.
Perna............	katehra.
Póte..............	pon.
Pombo	schandô.
Porco.............	sotanxira.
Porco castrado.....	açohtl'axira.
Preto.............	pehuôno.
Pud. mulieris.....	tocoh.
Pud. hominis.....	ashim.
Pular	guaschantl'eh.

Q

Quati.............	schamutan.
Queixada...... ...	sôtan.
Quixerenguengue.	peh'oh.

R

Ramo............	pôtl'ica.
Rapadura.........	capôna.
Restillo	canjâna.
Rio.........	mnhâma-rôra.
Rir...............	l'ipon'.
Roupa	antuh.
Rusga............	guaschê.

S

Sal...............	horvi.
Sangue	ahtl'im.
Santo............	tupan.
Sapo.............	shaluh.
Sauá (macaco)....	beht-amûm.
Sol	oppeh.

T

Tacuara..........	uhtl'an.
Tardinha.........	toschá.
Tatú.............	tutú.
Terra............	uchô.
Testa............	poreh.
Toucinho........	ahnhimim.
Trepar (em arvore)	bocuah.
Trovejar....... .	tupan ruhûhû.
Tumbaca (passaro)	kupan.

U

Umbigo..........	kah'ira.
Unha	chapepreraquè.

V

Veado	nôm'ri.
Velho............	tahé.
Verde............	tongôna.
Você.............	dieh.

Acenda o fogo—poteh kanduh.
Agua está fervendo—munhâmá pre-htôn.
Cala a bocca—kandl'ô.
Eu fui-me embora—ah mahmûm.
Eu moro aqui—ah! lekah!
Fogo apagou—poteh ndran.
O tempo está ruim—ohpúêráschka.
Quebro-te a cabeça com um páo—guê ah mopô!
Quero beber caxaça—ah canjana muiá. (Ah canjana rumbáo.)
Vá-se embora—má-ndohm'.
Vou-me embora—ah! ndômo!

Dos individuos que me forneceram estes vocabulos, o primeiro, já muito velho, pois tem a cabeça completamente grizalha, diz ter assistido ás guerras dos Coropós com os Botocudos, e acompanhando os primeiros atravessou duas vezes o Rio-Doce em perseguição dos segundos, tendo perdido um irmão n'esses combates. Diz elle, que o terreno aquem do Rio-Doce ficou limpo de Botocudos, mas que os mineiros acabando com os Puris, os Botocudos passaram-se outra vez para cá e dizimados como se achavam não puderam os Puris e os Coropós rezistir-lhes sinão mais para cima, onde estavam os Coropós com os Coroados, para os lados de Muriahé. N'essa época estava elle cazado de pouco.

E' a mais antiga tradição, de que se lembra. Tem um 1,m42 de alto, tronco do corpo desproporcionado ás pernas, cabeça grande, rosto feio, mas bondozo, olhos quazi horizontaes, nariz estremamente xato.

já vê pouco, mas faz sem difficuldade viagens de 4 e 5 leguas a pé; é dotado de barba.

O segundo, sobrinho neto do primeiro, já tem a barba pintando, assim como os cabellos; fizionomia mais intelligente, cabeça e rosto menores que os do primeiro, olhos mais obliquos, nariz afilado, labios delgados, parecendo mesclado de sangue guarani. Tem 1,m50 de estatura, mãos e pés menores do que os do outro; pouco se lembra de seus pais, que, segundo elle, moravam para os lados de São-Lourenço, donde disseminou-se sua familia, expellida pelos mineiros.

Taes são os apontamentos, que, apenas em 2 dias que aqui se demoraram, pude obter d'esses dois indigenas; esperando mais tarde completal-os com alguma couza mais de que elles se lembrarem; pois prometteram-me voltar daqui a mez e meio.

Acham-se elles domiciliados em terras dos Srs. Frades, na localidade do Gramma, a 3 leguas approximadamente d'este arraial do Abre-Campo, e chamam-se, o 1º. Manoel Jozé Pereira, e o 2º. Antonio Francisco Pereira.

Abre-Campo 6 de Setembro de 1885.

Alberto de Noronha Torrezão, engenheiro.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LII.

PARTE SEGUNDA

PAGS.

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E

GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S M I

O Sr. D. Pedro II

TOMO LII

PARTE II

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per anno.
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1889

VIDA

DO

Padre Estanisláo de Campos

da sociedade de Jezus *

SACERDOTE NA PROVINCIA DO BRAZIL

CAPITULO I

Seo nacimento e educação

§ 1. N'essa região do Brazil, que fica quazi nos confins d'ele, está situada a cidade de São-Paulo no interior do paiz, em 23 gráos meridionaes e 36 milhas distante do mar. Aqui naceo Estanisláo, aquele sobre cuja vida e costumes determinamos escrever as poucas couzas, que, escapas da calamidade e injuria dos tempos, foi-nos possivel conhecer.

VITA

PATRIS STANISLAI DE CAMPOS

e societate Jesu

IN BRASILIENSI PROVINCIA SACERDOS

CAPUT I

Ortus ejus, et educatio

§ 1. In eà Brasiliæ regione, quæ pars ejusdem est ferè ultima, in vigesimo tertio meridionali gradu, ab ora maritima in mediterraneum sex et triginta milliaribus, Urbs Paulopolitana sita est. Hic natus est Stanislaus is cujus de vita et moribus pauca, quæ temporum calamitati injuriæque prærepta, ac nobis esse comperta potuerunt, scribere statuimus.

---

* Esta biografia foi escrita em Roma em 1765. A prezente tradução portugueza, que fazemos, vae impressa com a ortografia fonica, de que uzamos, como o permite o Instituto. Veja-se no fim a nota sob o titulo:—OBSERVAÇÃO.

T. Alencar Araripe.

§ 2. Seos progenitores (para de mais alto buscarmos a sua geração) procedem da Espanha e da Belgica, n'aquele tempo sugeita ao rei da Espanha, pelo motivo que agora exporei.

§ 3. Filipe de Banderborg, nobre Belga, fôra pelos seos patricios mandado duas vezes como embaixador ao rei : da primeira vez certamente o exito correspondeo aos seos dezejos ; da segunda porém baldados foram o trabalho e o cuidado da embaixada, e inuteis foram os rogos junto ao rei.

Assim envergonhado, não animou-se a voltar para os seos concidadãos, e renunciou a patria. Dominado pela angustia em consequencia de similhante motivo, e mudando de parecer (como costuma suceder) não demorou-se na Espanha : cazou-se com Antonia del Campo, e transferindo dali o domicilio, passou da Espanha para Portugal.

§ 4. Então Filipe de Campos Banderborg, o mais moço dos trez filhos aqui gerados, vendo agitadas as couzas pelos sucessos da guerra, e concitado pelo amor da gloria umana, alistou-se como soldado voluntario, veio para o Brazil, e do Rio de Janeiro, que é a metropole do Brazil, trasladou-se para Paulopolis, * que é outra cidade da mesma região.

---

§ 2. Progenitores (ut ejus genus altius repetamus) ab Hispaniis ac Belgio Hispaniarum regi eo temporis subjecto originem duxêre, ea porrò occasione, quam mox subjicio.

§ 3. Philippus Banderborg nobilis Belga semel à suis atque iterum fuerat ad regem legatus: prima quidem vice par votis successus, alterà verò nequicquàm labor ac cura fuit, legationesque, irritis apud regem precibus, infelix eventus. Ad suos proindè reverti ob pudorem non ausus, Patriæ nuntium remisit, nec longam in Hispaniis moram concepta ob id ipsum, et amaritudo animi, et ejusdem (ut fit) ad meliorem frugem conversio permisere :etenim juncta sibi in uxorem Antonia del Campo domicilium aliò transmittens pro Lusitania Hispaniam mutavit.

§ 4. Igitur ex tribus filiis hic procreatis Philippus de Campos Banderborg natu minimus, cum eo maxime temporis arderent omnia belli tumultibus, inter milites voluntarios humanæ gloriæ cupidine adscriptus in Brasiliam venit, et à Januarii Flumine, quod Brasiliæ urbs est, alteram ejusdem civitatem rigionis Paulopolim se contulit.

---

* Cidade de São-Paulo.

§ 5. N'esta cidade cazou-se com Margarida Pires, natural d'esta ilustre terra, e não menos recomendavel pela riqueza do que pela nobreza da prozapia: com este matrimonio estabeleceo a primeira estirpe da familia, que denominam Campos, oje extensamente propagada.

§ 6. De Margarida teve duas filhas e cinco filhos, dois dos quaes, isto é, Filipe e Estanisláo, deveriam militar sob a diciplina ecleziastica, e deram seos nomes, um á sociedade de Jezus, o outro á ordem dos clerigos.

§ 7. Quão santa e piamente vivêra Filipe perante Deos, embora nenhuns monumentos nos restem da sua inteireza e santidade, assás o demonstra o seo nobre despojo corporeo, sendo a cabeça admiravelmente conservada, e espargindo de si grato perfume em todos os sabados.

§ 8. Conta-se além d'isso, que Filipe, depois de morto, aparecêra a Bartolomeo de Quadros, sacerdote verdadeiro e probo, e lhe lembrara o pacto, que em vida ambos fizeram acerca da morte, para que aquele que primeiro morresse viesse certificar ao superstite o dia proximo do obito. Na verdade a morte de Bartolomeo aconteceo no dia que fôra dezignado pelo predefunto amigo, que assim cumprio o pacto, e o divulgou.

§ 9. De taes progenitores naceo Estanisláo no anno de 1649 da redenção, governando a Luzitania João IV

---

§ 5. Hac in civitate uxorem duxit Margaritam Pires, nobili loco natam, nec minus divitiarum copià, quàm claritate generis commendabilem: quo matrimonio primam posuit stirpem familiæ, quam Campos vocant, injustam hodiè amplitudinem propagatæ.

§ 6. Duas ex Margarita suscepit filias, filios quinque, quorum duo, Philippus silicet et Stanislaus, sub ecclesiastica disciplina militaturi, alter societati *Jesu*, alter clericorum ordini nomen dedère.

§ 7. Quam sancte pièque apud Deum vixerit Philippus, quandoquidem nulla de ipsius probitate ac sanctimonià monumenta ad nos pervenerunt, insigne ejusdem spolium, caput nimirùm decentèr servatum, et jucundum singulis sabbatis odorem spirans, non obscure demonstrat.

§ 8. Traditur præterea Philippum cuidam sacerdoti Bartholomæo de Quadros, vero etiam probo, se post obitum spectandum dedisse, ac de morte præmonuisse ex pacto, quod dum agerent in vivis, mutuò inierant, ut videlicet qui primus obiisset, superstitem de proximo ipsius obitu faceret certiorem. Sanè Bartholomai mors eodem secuta die, qui à præmortuo amico fuerat designatus, et implevit pactum et manifestavit.

§ 9. Iis itaque parentibus natus est Stanislaus anno salutis millesimo sexcentesimo quadragesimo nono, regente Lusitaniam Joanne

d'este nome, o qual, expelido o jugo da Espanha, fôra aclamado em Lisbôa como rei de Portugal no anno de 1640.

§ 10. Educado por seos paes conforme os preceitos de piedade, apenas xegou á idade considerada idonea para o ensino das letras, incetou os primeiros rudimentos sob a diciplina e cuidado dos padres da sociedade de Jezus, entrando para as escolas dos mesmos.

§ 11. Embora por vicio ingenito a mocidade em geral seja mais accessivel e inclinada ao mal, todavia com igual proveito corresponde á industria e ao trabalho dos preceptores nas letras e virtudes : assim o nosso mancebo já então dava claros indicios da futura probidade.

§ 12. Quanto a Deos agradou esta inocencia de vida, e quão amparado e defendido foi por especial favor providencial é facil conjeturar pelo iminente perigo de vida, de que foi salvo por intercesssão divina, como devemos crer. Pois conflagrada a cidade de São-Paulo pela guerra intestina, que entre si faziam as duas mais poderozas familias, Pires principalmente e Camargos, com grande alvoroço e incomodo dos cidadãos, foi contra Estanisláo disparada uma bala de espingarda, a qual o mataria, si acazo Deos por particular proteção não permitisse, que o atirador errasse o tiro, quando aliás era perito e bom escopeteiro.

---

hujus nominis IV, qui excusso Hispanorum jugo Ulyssipone salutatus fuerat rex Lusitaniæ anno millesimo sexcentesimo quadragesimo.

§ 10. A suis pié educatus, cum ad eam pervenisset ætatem, quæ addiscendis litteris censetur idonea, prima ipsarum rudimenta posuit sub disciplina et cura Patrum societatis Jesu, eorundem scholas ingressus.

§ 11. Licèt naturæ vitio ad malum plerumque facilior ac pronior sit juventus, non minori tamen in litteris, quàm in virtutibus profectu præceptorum industriæ ac labori respondit; non levia jam tum præbens futuræ probitatis indicia.

§ 12. Quantum hac vitæ innocentià Deo placuerit, et quàm speciali providentià protectus ab ipso fuerit atque defensus, facile est conjicere ex imminenti vitæ periculo, ex quo divinitus, ut est par credere, ereptus fuit. Cum enim Paulopolitana urbs intestino bello flagraret, quod inter se duæ ex potentioribus familiæ, Pires nimirum et Camargos, ingenti civium tumultu atque incommodo promovebant, explosa in Stanislaum fuit glans plumbea, qua trajectus efflasset animam, nisi Deus pro peculiari in eum cura falli jaculatorem, alioquin peritum atque erroris plerùmque nescium permisisset. Nec alia suberat causa, cur innocens hæc victima eo vulnere peteretur, nisi quod ex altera dissidentium familia originem duxerit ac naturam.

Nem outra cauza podemos prezumir, que existisse para contra esta inocente vitima dirigir-se o golpe, sinão porque de outra familia de dissidentes tirava a sua origem e condição.

CAPITULO II

O que fez desde a sua entrada na sociedade até o seo magisterio de filozofia

§ 1. A sua virtude e inteireza tornaram-se assás notorias ainda na licencioza juventude de modo tal que, como digno de nós, foi aceito na sociedade.

Admitido pois n'ela pelo padre Antonio Gonçalves, comissario geral do Brazil, seguio para o seo colegio do Rio de Janeiro, onde tambem era o noviciado; e no dia 1°. de Abril de 1667 foi alistado entre os alunos, quando contava 17 annos e alguns mezes de idade.

§ 2. Vestindo o ábito da sociedade, satisfez vantajozamente a esperança e expectação dos padres, pois embora as novas vestes, que tomára, o constituissem entre os mais recentes alunos, todavia a virtude, que rapida se robustecêra, o colocára entre os mais provectos.

CAPUT II

Quæ egerit ab ingressu in societatem usque ad philosophiæ magisterium.

§ 1. Hunc maximè in modum absoluta juventute, satis nota ejus virtus ac probitas extitit, ut a nostris dignus, qui societati posset adscribi, judicaretur. In eam igitur admissus à P. Antonio Gonsalves Brasiliæ commissario generali, ad collegium Fluminis Januarii, ubi etiam domus probationis erat, se contulit, et die prima Aprilis anni millesimi sexcentesimi sexagesimi septimi inter tyrones cooptatus est, cum menses aliquot supra septemdecim ætatis suæ annos numeraret.

§ 2. Societatis veste indutus Patrum spei, ac expectationi non œgre satisfecit: nam etsi nova, quam induerat, vestis eum tyrones inter nuperrimos constitueret, virtus tamen, quam brevi adultam fecerat, inter provectiores collocabat.

Assim conformou as suas ações e vida com as normas e regras da sociedade de tal maneira, que depois ainda creceo na inteireza de costumes, a qual, emquanto ele permaneceo entre os noviços, trazia ao seo preceptor grande consolação e não pequena gloria.

§ 3. No tirocinio teve por mestre o padre Alexandre de Gusmão, varão famozo tanto por insigne virtude como por extraordinarios feitos : este depois, quando falava da louvavel vida e santidade de Estanisláo, afirmava com certa exaltação de animo, que não podia deixar de assás gloriar-se e comprazer-se, porque fôra ele o primeiro em dar a provar e a sugar o leite, com que a nossa sociedade costuma alimentar na primeira infancia a virtude de seos filhos.

Felicissima foi certamente a sorte de Estanisláo por incetar a via espiritual sob a direção de tal guia : e claramente podemos conjeturar qual seria a santidade do mesmo Estanisláo, quando pôde excitar o elogio de um varão santissimo, e mereceo ser por este recomendado.

§ 4. Feitos os votos depois do bienio do tirocinio, por ordem dos seos superiores permaneceo no colegio fluminense,afim de estudar retórica,a qual então ensinava-se aos seculares promiscuamente com os nossos mancebos em aulas publicas, e não em escolas particulares, como agora sucede.

Adèo enim societatis norma ac regulis se, actiones, vitam composuit, ut in illam exinde creverit morum probitatem, quæ suo, dum inter novitios ageret, præceptori magnum deinde solatium, et gloriam afferebat non exiguam.

§ 3. Magistrum in tyrocinio habuit P. Alexandrum de Gusmam, virum non minus insigni virtute, quàm prodigiis clarum : hic postea, cum de laudabili Stanislai vita et sanctimonia haberetur sermo, identidem et quadam animi exultatione, affirmabat, se non parum gloriari, neque sibi gratulari non posse, quod spiritualis doctrinæ lac, quo in tenera virtutem infantia filios suos alere societas solet, Stanislao primus ipse gustandum prœbuerit, atque sugendum. Felicissima quidem fuit Stanislai sors tali sub duce spiritualem viam capessere : neque obscure conjici potest, qualis esse debuerit ipsius sanctitas, ut sanctissimi viri animo invidere potuerit, ab eodemque meruerit commendari,

§ 4. Emissis post biennium tyrocinii votis,in eodem collegio januariensi superiorum jussu permansit, ut studio rhetoricæ operam daret, quæ tunc sæcularibus promiscue ac nostris junioribus publice, non verò, ut fieri nunc solet, privatim legebatur. Que ut plane assequeretur

Para conseguir adiantamento n'essa diciplina com o vigor, que fortalecêra o seo engenho, aplicou assiduo cuidado, e com perseverante diligencia obteve realmente ser enumerado entre os mais adiantados cultores d'essa faculdade, de modo que, cursando-a por um bienio, foi considerado perfeitamete abilitado.

§ 5. O amor da virtude, que por cauza da umana corrução, torna-se mais remisso, si lhe adimos o amor das letras, Estanisláo não o vio desmerecer em si ; conservou sempre o mesmo teor de vida, que tivera durante o tirocinio, tornando-se mais proficiente nas letras ; por isso resplandecia nas virtudes, e a todos mostrou, que as obras divina e umana não são opostas entre si, e podem exercitar-se com amigavel concordancia, e coadjuvar-se mutuamente. Por isso servio de admiração aos escolares externos, e nas nossas escolas deo norma e exemplo de vida.

Não foi menos amante cultor das virtudes no tempo em que aplicou-se á filozofia e á teologia ; pois nunca o rumor e o trabalho d'estas poderam obliterar no seu animo o afecto d'aquelas.

§ 6. Iniciado no sacerdocio, xamou como da sombra á luz meridiana as palestras meramente literarias em beneficio das almas.

Em verdade n'esse tempo, por dispozição da providencia de Deos, axou campo mais amplo, onde mais

---

disciplinam vivido, quo pollebat ingenio, diligentem curam adjunxit : qua certe diligentia obtinuit, ut inter primores hujus facultatis cultores immeraretur, ut ad eam per biennium tradendam maximè idoneus haberetur.

§ 5. Jam verò virtutis studium, quod, humana exigente corruptione, remissius fit, si cum studio litterarum conjungatur, Stanislaus nihil imminui passus est : eumdem, quo vixerat in tyrocinio, vitæ tenorem plane servavit ; imò quo plus in litteris proficere; eo videbatur in virtutibus splendere, et utramque facultatem divinam scilicet ac humanam non nihil inter se oppositas amicabili quadam in illo frui concordia posse, mutuoque juvari omnibus patuit.

Unde externis scholaribus admirationi fuit, nostris vivendi in scholis normam ac exemplar se exhibuit. Nec perinde minus fuit studiosus virtututum cultor, quo tempore philosophiæ ac theologiæ incubuit, cum nunquàm in jus animo illarum amori ac cultui obesse potuerint harum strepitus ac labor.

§ 6. Sacerdotio initiatus, à litterarum palæstra ad animarum lucra tractanda, velùt ex umbra in solem evocatur. Quo sane tempore, Dei

largamente espalhasse os raios da sua virtude, que aliás fulgia em particular.

§ 7. Como no governo de Pedro Segundo, que administrava a Luzitania em nome de seo irmão Affonso, foram entregues aos nossos cuidados trez povoações de indios no distrito de Pernambuco, aconteceo por felicidade de Estanisláo ser ele adido como sexto aos cinco companheiros destinados para essa expedição. Aceitando com animo alegre a comissão, e conformado sobretudo com a vontade do superior, não o dissuadiram da empreza nem a barbaria do gentio, nem a aspereza do lugar, distante mais de 200 milhas do colegio de Pernambuco.

§ 8. Com quanta benignidade começasse a tratar de rustico rebanho confiado ao seo zelo, e quanto fruto correspondesse aos seos pios desvelos, embora nos não xegasse noticia, ou pela incuria dos nossos antepassados, ou pela injuria dos tempos, nos levam a conjeturar já a sua insigne virtude, já a sua pericia na lingua brazileira, em que primava : duas couzas que a experiencia tem mostrado serem as mais idoneas para abrandar os barbaros, e inclinal-os á piedade.

§ 9. Aqui porém não pôde demorar-se por muito tempo, sendo pelos superiores xamado para outro lugar. Assim provado e assás conhecido nas letras mais severas,

---

providentia disponente, campum invenit ampliorem ubi virtutis suæ radios, quæ adèo fulserat in privato, latius explicaret.

§ 7. Cum enim ex imperio Petri II, qui Alphonsi fratris nomine Lusitaniam administrabat, tres Indorum pagi in Pernambucano tractu nostris curandi traderentur, felicissimum id accidit Stanislao, quod sociis quinque ad hanc expeditionem abeuntibus sextus adderetur. Nec ab ea alacri animò suscipienda, hominem ad superioris voluntatem maxime conformatum vel gentium barbaries, vel asperitas loci a Pernambucano collegio ducentis plusquam milliaribus dissiti demovere potuerunt.

§ 8. Jam verò quonam studio rusticum gregem sibi commissum excolere, aggrederetur, quantusve fructus piis ejus sudoribus responderet, etsi vel majorum incuria, vel temporum injuria ad nos usque non pervenerit, conjecturæ locum faciunt tum insignis ipsius virtus, tum linguæ brasilicæ, qua imprimis valebat, peritia : quæ duo molliendis barbaris, et ad omnem pietatem inclinandis aptiora esse jamdudum docuit experientia.

§ 9. Sed diu hic immorari non potuit, a superioribus aliò vocatus. Nam ipsis probato ac plane noto ejus in litteris etiam severioribus, et scientiis profectu, á sylvis in scholas reducitur, designa-

e aperfeiçoado nas siencias, foi xamado dos bosques para as escolas, sendo dezignado para ensinar filozofia aos nossos alunos e aos estudantes externos no colegio de Olinda, onde felismente permaneceo no exercicio de cursos regulares.

CAPITULO III

Gozou do munus apostolico

§ 1. Entretanto ocorreo um acontecimento adverso, que veio provar quanta e quão solida era a sua virtude.

Ignoro, porque motivo dezavieram-se alguns cidadãos notaveis de Olinda e o bispo, e porque circunstancia não coube a Estanisláo interpor previo juizo sobre a controversia.

Consultado pelos dissidentes, que muito confiavam na sua opinião, pronunciou-se ele com inteira sinceridade a favor dos cidadãos e contra o bispo, convencido de que jamais devêra praticar acto algum, que se afastasse da justiça e equidade.

§ 2. Mal podemos crer qual foi a ofensa do prelado, que por tal modo avultou, que nenhum outro remedio pode aplacal-a, sinão a retirada de Estanisláo da cidade de Olinda. Portanto os seus superiores determinam

---

turque, ut in collegio olindensi philosophiam nostris ac externis legeret, quo feliciter exacto curriculo in eodem collegio jussus permansit.

CAPUT III

Apostolico munere perfungitur

§ 1. Adversus interim fuit eventus, quo perspicue, quanta et quàm solida fuerit ejus virtus probaretur. Super re nescio qua, primores quidam Olinda cives ac episcopus inter se dissidebant: nec potuit Stanislaus, quin suum hac in controversia judicium interponeret. A' dissidentibus, qui ejus doctrinæ plurimum deferebant, consultus, ea qua par erat, modestia pro civibus adversus episcopum pronuntiavit; certus nihil unquàm committere, quod ab æquo justoque declinaret.

§ 2. Credi vix potest, quantam incurrerit præsulis offensionem, quæ adèo crevit, ut nullum aliud ejus sedandæ extiterit remedium, quam Stanislai ab Olindensi urbe remotio. Ipsi ergo discessum imperant supe-

retiral-o, e o mandam para o Maranhão, onde para o seo fervor apostolico preparava-se abundante mésse.

§ 3. Acatando com umildade e placidez o dever de obediencia, prontamente tomou o caminho ordenado, e em breves dias xegou á provincia do Ceará, creada junto aos limites do Maranhão. Como porem por urbanidade e costume procurasse os companheiros, que n'aquela região tinham um ospicio de estreitas proporções, foi obrigado, por cauza de molestia, a ter entre os seos confrades maior demora do que esperava, e a permanecer ali por algum tempo.

§ 4. Entretanto mudava a face dos negocios, acalmava-se o tumulto dos discordantes, o prelado, voltando a si, abrandava, e finalmente desvanecia-se a cauza da ofensa, que Estanisláo pagava com o exilio, embora muito immerecidamente.

Por isto os superiores, mudando de parecer, o xamam da começada viagem, e mandam, que o padre João Antonio Andrioni parta da cidade de Olinda para a Bahia, vizitando todos os lugares de missões intermedias, e dezignam Estanisláo como seo companheiro no ministerio apostolico.

§ 5. Aceito por cartas o mandato, inceta com maximo fervor o trabalho, que se lhe destinára. N'esse labor parecia totalmente esquecido de si, e só lembrado e solicito da salvação do proximo.

---

riores, ac Maragnoniæ, ubi multa apostolico ejus fervori parabatur messis operarium deputant.

§ 3. Obedientiam humiliter et pacatè reveritus, imperatum iter prompte suscepit brevique ad Cearaensem venit provinciam, non procul à Maragnoniæ finibus constitutam. Cum verò ad socios, qui ea in regione angustæ domus utebantur hospitio, urbanitatis et consuetudinis causa divertisset, infirmata apud eos valetutudine longiorem spe moram trahere, et aliquandiu subsistere coactus est.

§ 4. Inter hæc rerum facies mutari, dissidiorum componi tumultus, præsul ad se reversus mansuescere, eaque demum evanescere offensionis causa, quæ Stanislai exilio, etsi prorsus immerito, luebatur. Quare superiores, mutata sententia, eum ab inceptò itinere revocant, et P. Joanni Antonio Andrioni, qui Olindensi ab urbe ad Bahiensem, omnia quæ interjacent loca missionibus excurrendo, iter facturus erat, apostoloci ministerii socium designant.

§ 5. Ille, accepto per litteras mandato, laborem, cui destinabatur, fervore aggreditur, quam qui maximo. Quo in opere sui planè oblitus, proximorum verò salutis unice memor, sollicitusque videbatur.

Assiduo em ouvir os confitentes, infatigavel em congregar e instruir, prezente e aplicado a todas as demais funções do oficio apostolico, constante e paciente em tolerar as atribulações ocurrentes da vida, a ponto de excitar a admiração dos circunstantes,—nenhum maior empenho tinha do que dedicar-se ao culto e salvação das almas.

§ 6. Certamente n'esta narração geral eu deceria a cada uma das circunstancias, em que mais se manifesta o espirito d'este missionario, si por ventura a procela, que arrancou-nos do Brazil para Roma, não incumbisse a outrem o comentario das nossas couzas.

Não falta quem, revolvendo os monumentos dos archivos bahianos, se recorde de aver encontrado, em mais de um d'eles, que Estanisláo fôra decorado com o titulo de *egregio missionario*.

Pois si aos nomes e titulos devem corresponder os meritos, quanto merecimento não devemos atribuir a este omem? Certamente o padre Andrioni, varão egregio, que teve Estanisláo por companheiro na excursão, de que falamos, muitas vezes o comparava a um engenho de assucar, para exprimir a opinião, que da sua indole formava.

§ 7. Esta explicação, embora pareça rustica, não é desgracioza, nem inadequada ao omem, que definia. Por-

---

Nihil antiquius habuit, quàm animarum cultui ac curæ omninò vacare, confessionibus audiendis assiduus, concionandi instruendique munere infatigabilis, cæteris officii apostoloci functionibus præsens et intentus, atque in ærumnis quæ passim occurrunt, tolerandis ad videntium usque admirationem constans ac patiens.

§ 6. Enim verò ad singula, in quibus manifestior apparuit hujus missionarii spiritus, a generali ista enarratione descenderem, nisi eadem procella, quæ nos e Brasilia avulsos Romam transtulit, omnia rerum nostrarum commentaria detulisset alio. Non desunt tamen, qui meminerint, se, cum bahiensis archivii monumenta pervolverent, Stanislaum *egregii missionarii* titulo decoratum non una in pagina offendisse.

Jam si nominibus ac titulis debent merita correspondere, quot hominis istius merita ex hoc titulo manent inferenda? Certè Pater Andrioni, egregius sane vir, qui Stanislao ad illam, de qua diximus, excursionem usus est socio, eum sacchareæ arcæ, ut conceptam de ipsius indole opinionem exprimeret, sæpenumero comparabat.

§ 7. Quæ sanè explicatio, etiamsi rustica videri possit, nec illepida est, nec homini definiendo incongrua. Quemadmodum enim sacchàrea

quanto não obstante ser o engenho de assucar aspero e rude no exterior, no interior porem é xeio de suavidade e doçura; assim Estanisláo, posto que rude no aspecto e austero no teor de vida, encerrava no animo mirifica doçura e costumes suavissimos.

§ 8. Quando os pecadores apreciavam a amenidade d'este varão, não podiam deixar de patentear-lhe todos os segredos da consiencia, e entregar-se completamente á sua direção.

CAPITULO IV

E' promovido á prefeitura

§ 1. No dia 15 de Dezembro de 1693 foi nomeado reitor do colegio do Espirito-Santo, onde, mediante paternal caridade para com os suditos e zelo na restauração da diciplina, realizou a observancia das nossas leis, que tambem persuadia com o exemplo.

§ 2. Confessavam todos os suditos, que tributavam-lhe reverencia e amor igual ao de filho para pae; e isto fazia a sua prezença formidavel ao invizivel inimigo da salvação umana.

---

arca exterius, rudis est atque aspera, intùs verò suavitatis plena atque dulcedinis, sic Stanislaus, etsi rudis aspectu esset ac vitæ ratione austerus, mirificam animo dulcedinem moresque condebat suavissimos.

§ 8. Quam hominis dulcedinem quotquot semel gustabant peccatores, non poterant quin eidem omnes conscientiæ latebras patefacerent, seque omnimò traderent dirigendos.

CAPUT IV

Promovetur ad præfecturas

§ 1. Primum Spiritus Sancti collegio datus est rector die decima quinta Decembris anni millesimi sexcentesimi nonagesimi tertii: ubi tum paterna in subditos charitate, tum disciplinæ vindicandæ cura, integram legum nostrarum observantiam, quam etiam exemplo suadebat, per diligentem operam exegit.

§ 2. Id subditi fatebantur omnes, dum illum pari, ut filii parentem, reverentia et amore prosequerentur; idque fortasse invisibili salutis humanæ hosti formidabilem vel ejus aspectum fecerat.

Pois, quando a certo individuo mal-assombrado aplicavam-se exorcismos, o demonio,constrangido pela virtude d'estes, declarou, que pouco antes entrára na fabrica de assucar do colegio, e excitando o vento, dispersara uma porção de algodão, que estava exposta ao sol para secar ; porem tentando de novo entrar no mesmo lugar, vira em pé e olhando da janella o filho de Ignacio, cuja prezença lhe impedira o ingresso,e o obrigára a retroceder

Por diligente indagação do lugar, das circunstancias e do tempo conheceo-se, que Estanisláo fora o filho de Ignacio, que o inimigo comun declarára ter visto n'aquele lugar.

§ 3. A concordancia de tão insigne prudencia e virtude induzio os superiores logo a promover a maiores magistraturas o omem,que mostrava-se assás preparado para governar.

Por este motivo, entregue a outrem a administração do colegio do Espirito-Santo, foi ele reger o colegio de Olinda aos 6 do mez de Setembro do anno de 1698. Como o seu fim era a aquizição de bens, isto é, espirituaes, para mais facilmente conseguil-os cuidou do seo governo com a industria e solicitude costumada.

§ 4. O primeiro estudo foi unir a si os companheiros de oficio,e o segundo foi aumentar as forças do colegio;

Nam, cum obsesso cuidam exorcismi adhiberentur, horum virtute constrictus dæmon fassus est, sacchaream collegii officinam se non ita pridem ingressum, et quamdam gossipii portionem, aprico, ut exsiccaretur, expositam turbine excitato dispersisse; verúm, cum eumdem ingredi locum rursus tentaret, stantem vidisse atque a fenestra respicientem Ignatii filium, cujus aspectu fuerat et ab ingressu prohibitus, et reverti coactus. Quare facta loci, circumstantiarum, ac temporis diligenti perquisitione cognitum est Stanislaum eum fuisse Ignatii filium, quem in illo se loco vidisse communis hostis pronunciarat.

§ 3. Tam insignis prudentiæ, ac virtutis concordia superiores vel imprimis impulit, ut hominem, qui ad regendum maxime comparatus videbatur, ad ampliores magistratus in dies proveherent.

Quare Spiritus Sancti collegii cura alteri tradita, Olindense excepit moderandum octavo idus Sptembris anni millesimi sexcentesimi nonagesimi octaví. Jam veró ut propositum sibi finem, bonorum videlicet spiritualium comparationem, assequeretur facilius, ea qua solebat, industria et sollicitudine congrua ad illum media curavit.

§ 4. Primum ipsi studium socios continere in officio: alterum collegii facultates augere: cum probe sciret spiritualia bona, nisi temporalia accedant ad victum necessaria, difficulter posse per legum obser-

pois bem sabia, que os bens espirituaes, si acazo não se proporcionam os temporaes necessarios á subzistencia, dificilmente podem obter-se com a observancia das leis.

E para o aumento das forças do colegio não empregou outra industria sinão a ereção de fazendas n'aqueles lugares, em que reconhecia darem as despezas da cultura lucros avultados.

§ 5. Por esta razão no terreno, que xamam Cursahi, construio um engenho de assucar; e em pouco tempo obteve rendimentos, com que não só provêo á sustentação de numeroza familia, mas tambem pôde acudir á mizeria dos pobres; e porque importava ao seo oficio, tratou mais livremente de vigiar sobre as ações dos seos subalternos para conformarem-se com as normas e regras da sociedade.

Pelo contrario porem os que tiveram a administração do colegio de Olinda, depois de Estanisláo, sofreram todos grande carencia de viveres, desde que, embora por justa cauza, mas com exito infeliz, transferiram o predio para outro local; pois dahi por diante a abundancia converteo-se em penuria, e contrahidas muitas dividas, mal podiam manter pequena familia dos socios.

§ 6. Estanisláo ocupava-se da comodidade dos seos subditos, e tamanha era a liberalidade para com elles, que só julgava-se suficientemente provido, quando os viveres preparados para um anno pudessem ser consumidos com fartura e sobras.

vantiam acquiri. Neque ad facultates augendas alia usus est industria, quàm fundorum iis in locis erectione, quos noverat culturæ expensas magnò cum fœnore reddituros.

§ 5. Quare in eo terræ tractu, quem Corosaim vocant, sacchaream officinam construxit: ac brevi eos inde redditus accepit, ex quibus non alendæ solum numerosæ familiæ necessaria paravit, sed inopum etiam miseriis potuit occurrere, et quod sui officii intererat, suorum actionibus ad normam societatis ac regulas componendis liberius invigilare.

Contra verò magnam annonæ difficultatem, qui post Stanislaum olindensis collegii præfecturam inierunt, experti sunt omnes, ex quo prædium illud justa quidem de causa, eventu tamen non pari, alio transtulere; cum deinceps, rerum affluentia in penuriam versa, multisque contractis nominibus, vix exiguam sociorum familiam alere potuerint.

§ 6. Adeo subditorum commodis vacabat Stanislaus, tantaque in eos erat liberalitate, ut quidquid ipsi de parato ad annum victu etiam ultra mensuram insumpsissent, optime collocatum æstimaret.

§ 7. Alguem denunciou-lhe os irmãos ajudantes do arranjo domestico, porque uzavam com demazia do vinho. Porventura (perguntou Estanisláo) amam o vinho ao ponto da embriaguez? Respondendo negativamente o delator, acrecentou ele, que portanto consentiria, que esses irmãos consultassem a sua sede, como quizessem, e so não queria, que bebessem alem das duas ou trez pipas de vinho do consumo uzual.

§ 8. De quanta benevolencia uzava para com os seos subditos, de outra tanta por esse tempo uzou para com a barbara nação dos Tapuias; e por este meio obteve xamar a conselhos de paz esses animos ferozes e acerrimamente infensos aos soldados paulistas e indigenas d'aquele territorio, e arredal-os da sociedade e da federação com outros barbaros, com cuja multidão podiam ser oprimidas as poucas tropas luzitanas, afligidas então pela peste da variola.

§ 9. N'este tempo outra ocazião apareceo a Estanisláo para exercer e comprovar a sua caridade.

Dôze companheiros nossos, partindo do porto de Cadiz para transportar-se á provincia de Buenos-Aires, por erro do piloto foram ter ás praias do Rio-Grande em terras de Pernambuco, consumido todo o mantimento e periclitando o navio: e recebendo-os Estanisláo com paternal caridade, ospitaleiramente os agazalhou durante

---

§ 7. Fuit qui fratres rei domesticæ adjutores apud illum deferret, quod vino largius uterentur. An usque ad ebrietatem (delatorem rogavit Stanilaus) vino indulgerent? Illo negante, addidit; sineret ergo siti illos suæ, ut libuerit, consulere, nec eosdem potiús sitire, quàm duo vel tria vini dolia ultra solitum consumi vellit.

§ 8. Quanta in subditos benevolentia tanta per id temporis erga barbaram Tapujarum nationem usus est: qua obtinuit industria ut ferocientes animos, et Paulopolitanis militibus indigenisque illius territorii acritèr infensos ad pacis consilia revocaret; averteretque a societate ac fœdere aliis cum barbaris ineundo, quorum multitudine paucæ ac variolarum morbo affectæ Lusitanorum cohortes opprimi potuissent.

§ 9. Alia sub id tempus Stanislao se obtulit exercendæ ac probandæ charitatis occasio. Duodecim ex familia nostra socii, cum e Portu Gaditano solvissent ad Boni aeris provinciam transmissuri, errore navarchi ad Flumen Magnum in ora Pernambucana appulerunt, consumptis omnino comeatibus, et nave periculum minitante: hos Stanislaus paterna charitate amplexus, partem in olindensi collegio, partem

quatro mezes, parte no colegio de Olinda e parte em outras rezidencias, e os obzequiou com oficios de benevolencia, que mal se poderiam esperar de outro.

§ 10. Todo o detrimento sofrido ele reparou, e deo dinheiro, com que comprassem victualhas para o resto da viagem; finalmente aparelhado navio menor, em que mais depressa alcançassem o porto do destino, e satisfeitas liberalmente as obrigações de todos, os despedio cativos de tanta benignidade.

§ 11. Julgo não dever omitir quanta foi a gratidão d'eles para com o beneficentissimo ospedeiro. Em verdade por algum tempo todos eles viveram no Paraguai, e foram pregoeiros do beneficio recebido, recommendando aos posteros a memoria de varão tão benemerito ante eles.

§ 12. Ainda depois de muitos annos os nossos confrades d'aquela provincia lembravam-se d'ele, não se esqueciam de perguntar por noticias suas, e queixavam-se com pezar de nunca lhes ter pedido obzequio algum aquele que cumulára os seos antecessores de tantos e tamanhos beneficios.

§ 13. Por isso buscando ocazião de corresponder ao favor, apareceo oportuno ensejo de o fazerem.

Certo sugeito, Paulista de nacimento e sobrinho de Estanisláo, conforme se dizia, fôra levado aos carceres de Buenos-aires como suspeito de crime, embora fôsse

---

in residentiis quibusdam, per quatuor menses habuit hospitaliter, iisque fovit benevolentiæ officiis, quæ vix ab alio expectari possent.

§ 10. Nam quidquid detrimenti acceperant, reparavit; pecuniam contulit, qua reliquæ navigationi necessaria emerent: ac tandem minori navigio parato, quo ad destinatum portum citiùs accederent, omniumque condonata liberaliter solutione, eos insigni captos begnitate a se demisit.

§ 11. Neque hic omittendum censeo, quænam ipsorum fuerit erga beneficentissimum hospitem gratitudo. Siquidem omnes, cum accepti beneficii, quandiu in Paraquaria vixere præcones extitissent, benemeriti erga se viri memoriam ad posteros transmisere commendandam.

§ 12. Unde multis etiam post annis ejus meminisse, ac de ipso sciscitari non destiterunt illius provinciæ socii, hoc ægre ferentes quod ab iis nihil unquam obsequii postulasset, qui majores suos tot, tantisque beneficiis cumulaverat.

§ 13. Quare omnem occasionem captantibus, qua eidem gratiam rependerent, opportuna se obtulit id exequendi ratio.

Ad Boni aeris carcerem ductus fuerat vir quidam, domo Paulopolitanus, et Stanislai, ut ferebatur, sobrinus, quod in suspicionem

inocente. Sabido o cazo pelos padres, intentaram por todos os meios livral-o da prizão e das penas. Não tardou muito; pois, reconhecida logo a sua inocencia, e livre do carcere e da pena, o enviaram ao tio na patria com demonstrações de gratidão.

CAPITULO V

Governa o colegio da Bahia

§ 1. Emquanto pela India ocidental percorria a fama da caridade de Estanisláo, preparava a Divina Providencia nuncios, que tambem a levassem aos indios do oriente.

Estanisláo governava o colegio da Bahia desde o dia 17 de Outubro de 1705, quando Francisco Laines, que fôra tirado da nossa sociedade para ir ás ilhas de Meliapor, xegou á Bahia aos 2 de Agosto de 1708, trazendo um esquadrão de quazi 30 confrades, com os quaes partira do porto de Lisbôa para as missões da India oriental.

§ 2. Embora fôsse mais estreito do que convinha o espaço d'aquele colegio para comportar o numero de confrades sôbrevindos, todavia a ampla caridade do reitor fez com que se contentassem todos com a ospitalidade, que efectuou-se á custa da propria comodidade dos seus.

---

criminis cujusdam, et si insons, venisset. Re patres cognita, cum vinculis, ac pænis subducere per omnem operam aggressi sunt. Nec diu fuit, quin, cúm de ejus innocentia brevi constitisset, et a carcere, et a pæna subeunda liberum, suæ erga avunculum gratitudinis nuntium in patriam rimitterent.

CAPUT V

Præficitur collegio bahiensi

§ 1. Dum hac de Stanislai charitate per occidentalem Indiam vagaretur fama, non pauci a Divina Providentia parabantur nuntii, qui eam ad orientales Indos etiam deferrent.

Collegio bahiensi a die vigesima septima Octobris anni millesimi septingentesimi quinti præerat Stanislaus, cum Franciscus Laines, qui à societate nostra ad Meliaporenses infulas assumptus fuerat, postridie kalendas Augusti anni millesimi septingentesimi octavi Bahiam attigit, agmen ducens sociorum fere triginta, quibus cum ex Lisbonensi portu ad orientalis Indiæ missiones navigabat.

§ 2. Enim verò angustius erat illius collegii spatium, quàm ut supervenientium sociorum numero posset sufficere : ampla tamen rectoris charitas fecit, ut omninò consuleretur hospitalitati, quam me-

Assim mandados para uma quinta suburbana os mancebos estudantes de retórica com o seo professor, depois distribuio os demais confrades de maneira que cedessem aos socios forasteiros, como mais necessitados, quazi toda a capacidade do colegio.

Acolhendo-os na abitação mais comoda, que tinha, e tratando-os com franca liberalidade, reparou-lhes as forças abatidas pela prolongada navegação, e a quazi perdida saude.

§ 3. Como já se aproximasse a monção oportuna para a navegação, nada omitio para que os viajantes tudo tivessem abundantemente para o espaço de trez mezes, e os premunio copiozamente de tudo quanto fôsse necessario para a diuturna viagem maritima. As quaes couzas preparou com tanto afecto de caridade, que cauzou não pouca admiração aos estranhos e aos familiares.

E posto que Estanisláo primasse em caridade para com todos, e nada poupasse em seo detrimento para acudir a todos os necessitados, comtudo maior era a sua solicitude para com aqueles a quem administrava. Não só os confrades, mas tambem os famulos, principalmente infermos e valetudinarios, o encontravam benefico é liberal.

§ 4. D'entre os predios rusticos pertencentes ao colegio da Bahia o mais notavel era a fazenda da Pitanga, util pela fabrica de assucar, e frequentada por grande numero de escravos, que avultam nas oficinas d'este genero.

---

ritò duxit proprio suorum commodo præferendam. Itaque junioribus, qui rhetoricæ operam dabant, in suburbanam villam cum præceptore dimissis, reliquos deindè socios ea distribuit ratione, ut peregrinis totam fere collegii amplitudinem utpote egentioribus concederent. Nec eos tantúm commodiore, qua potuit, habitatione, sed larga etiam liberalitate excepit, nullis parcens sumptibus, quo ipsorum vires longa navigatione fractas, valetudinemque penè amissam repararet.

§ 3. Jam verò, cum tempus instaret navigationi opportunum, nihil non egit, ut quos trium mensium spatio laute habuerat, eosdem copiose instrueret rebus omnibus, diuturno itineri, eique maritimo necessariis. Quæ omnia tanto præstitit charitatis affectu, ut externis æque atque domesticis admirationi fuerit non exiguæ.

Et si verò Stanislaus eximia in omnes charitate flagraret, nullique parceret sui detrimento, ut calamitosis quibuslibet opem afferret; eorum tamen, quorum pro numere curam gerebat, attentior illi erat sollicitudo. Nec socii modò sed etiam mancipia, infirma præsertim et valetudinaria, beneficum experiebantur ac liberalem.

§ 4. Ex prædiis, quæ ad Bahiense collegium spectant, insignius erat Pitangense, officina saccharea utile, eaque frequens servorum multitudine, quæ in officinis hujusmodi nequit esse non magna.

Quando Estanisláo ia a esse predio, não indagava logo da cultura dos campos, nem da quantidade e qualidade do assucar, perguntava porém pela saúde dos servos e pelo cuidado com que eram tratados.

§ 5. Vizitando as cazas, onde abitavam, inquiria d'eles, si sofriam algum mal, si padeciam molestias, e si eram tratados com brandura ; e os exortava a que, si de alguma couza precizassem, claramente o dicessem com inteira confiança.

Si descobria alguma falta, logo provia e mandava providenciar para que dali por diante por nenhum motivo de despeza ela se reproduzisse.

§ 6. A esta pia liberalidade correspondiam largos gastos ; mas tambem Estanisláo nenhuma industria poupava para aumentar decentemente os reditos do colegio. Dotou a fabrica da Pitanga,cujos gastos quazi todos os annos consumiam a receita, com moenda d'agua, e por meio d'esta conseguio, que se fabricasse com maior celeridade maior quantidade de assucar,do que antes se fazia, e com despeza menor.

§ 7. Edificou cazas na cidade para alugal-as aos moradores, afim de que não proviessem as rendas de uma só fonte. Na execução d'estas couzas consumio tudo quanto podia obter de parentes a titulo de esmola, de sorte que,

---

Prædium istud quoties adiret Stanislaus, non prius de agrorum cultura, de sacchari copia et bonitate, aut aliis de fructibus rationem exigebat, quàm de servorum valetudine, deque cura circa ipsos adhibita interrogaret.

§ 5. Domos, ubi jacebant, invisens, ab eisdem, quid paterentur, quo afflictarentur morbo, qua sedulitate curarentur, quæritabat ; hortabaturque, ut si cujusquam rei indigerent, apertè exponerent et confidenter. Defectui, siquem deprehenderet, providebat, et provideri deinceps, nulla sumptuum habita ratione, imperabat.

§ 6. Piæ huic largitati non poterant magni sumptus non respondere : at Stanislaus nulli etiam parcebat industriæ,qua collegii redditus honestè augendos reputaret. Pitangensem officinam, cujus expensæ singulis ferè annis cum lucro certabant, aquaria instruxit machina, eaque obtinuit, ut magna sacchari copia et celerius, quam antea, et minoribus expensis deindé conficeretur.

§ 7. Domos etiam in urbe extruxit civibus locandas, ut non uno ex capite facultatum augmento provideret.

In his verò moliendis perficiendisque rebus, quæcumque a consanguineis eleemosinæ nomine corrogare poterat, consumebat omnia ut collegio, cui operum laborumque fructum destinabat, lucrum

removida toda a ocazião de dispendio, coubesse mais solido lucro ao colegio, a quem destinava o fruto das suas obras e trabalhos.

Procedia de maneira, que a sua solicitude não ficava absorvida pelo cuidado das couzas temporaes; antes cumpria com tanto ardor a observancia da diciplina regular, como si por seu oficio outra couza lhe não tocasse fazer. E promovia a disciplina não só com palavras e aplicação de penas, mas principalmente com o exemplo.

§ 8. Como admoestava os companheiros por tudo aquilo que ofendia o uzo comun, assim tambem d'este nunca afastava-se um apice. Fugia da nota de singularidade em qualquer couza, e principalmente a evitava na comida e no vestuario; por isso reputava como ofensa, si era tratado com mais distinção do que outro qualquer por aqueles que tratavam dos negocios domesticos.

§ 9. Aconteceu, que o servente do colegio colocou no seo logar certa iguaria além das que tinham-se preparado para os demais confrades.

Exaltou-se com isto o piedozo monge, e esteve a ponto de punir publicamente a culpa; pois si o obzequio parecia inocente ao servo, ao reitor parecia grande pecado, e intoleravel ofensa á comunidade.

§ 10. Era porém despido de severidade nas couzas relativas ao comodo dos suditos; pois embora fôsse

---

afferret solidius, amota omni expendendi occasione. Aberat tamen, ut ejus sollicitudo una temporalium cura absorberetur: imò regularis disciplinæ observantiam tanto exigebat ardore, ac si ex officio nihil aliud haberat commendatum. Eam verò non verbis tantùm, aut pænarum inflictione, sed exemplo maximè promovebat.

§ 8. Quemadmodum enim reprehendebat in sociis, quidquid communem usum offendisset, sic etiam nihil unquam admisit, quod ab eo transversum vel unguem declinaret.

Qua singularitatis notam cùm cæteris in rebus effugeret in victu præsertim vestituque oderat infensissime: adeò ut offensionis loco haberet, si ab iis, quibus erat rei domesticæ cura, delicatius quam cæteri tractaretur.

§ 9. Contigit, ut ei præter obsonia quæ sociis parata fuerant, nescio quid exquisitius apponi fecerit collegii minister. Exarsit homo re illa commotus, vixque abstinuit ab eo publice puniendo, quod ministro innocens quidem obsequium, ipsi veró grande piaculum, et non toleranda comunitatis offensio videbatur.

§ 10. Ab hac porrò severitate alienus erat in iis, quæ ad subditorum commoda pertinerent: nam, etsi in asserenda disciplina constans

constante e incansavel na pratica da diciplina, inteiramente repelia a austeridade, e procedia em tudo como pai verdadeiramente benevolo.

Por isso sempre intentou e pretendeo conseguir a emenda das ofensas, quando tinha cabimento, sem o emprego de pena mais acerba do que a repreensão. Por este motivo uzava de calçado bulhento, para que, si encontrasse confrades conversando fóra do tempo da recreação, os advertisse com o estrepito, e os corrigisse, sem confundir os culpados com outra mais pozitiva exprobração.

§ 11. Si lhe pediam licença para receber alguma soma de dinheiro emprestado de estranhos, primeiramente perguntava de quanto precizavam, e conhecida a justa cauza do pedido, contava toda a quantia do seo peculio. Isto que fazia com os mais necessitados, tambem praticava com aqueles que em suas mãos tinham dinheiro depozitado.

Estes na verdade julgavam gastar do proprio depozito; mas depois, quando recebiam inteira a soma depozitada, sabiam então, que não tinham despendido do seo dinheiro, porém sim do dinheiro do reitor.

A ele porém nada jamais impedio de sustentar essa beneficencia; e não cauzava detrimento ás posses do colegio, pois uzava da liberalidade dos seos parentes, que para com ele eram dadivozos.

---

omninò esset atque indefessus, austeritatem maximè abhorruit, et quidquid aliud patrem vere benevolum dedeceret.

Undè noxarum emmendationem, si locus daretur, absque acerbiori pæna, aut etiam reprehensione consequi et semper habuit in animo, et conatus est. Quamobrem calceis non nihil strepitantibus utebatur, ut siquos offenderet extra recreationis tempus colloquentes, edito admoneret strepitu, atque corrigeret, quin objurgatione alia propriùs confunderet deprehensos.

§ 11. Siquis pro pecuniæ sùmma ab externis accipienda facultatem peteret; primum, quanam in re foret expendenda, interrogabat: cognita deinde justa petendi occasione, totam pecuniæ summam numerabat de suo; id quod cum egentioribus præstabat, atque etiam cum iis, qui tenuem summam apud ipsum depositam haberent.

Hi equidem de proprio deposito putabant se expendisse; at cùm integram, quam deposuerant summam, postea reciperent, non sua, sed rectoris pecunia usos se illatenus fuisse deprehendebant.

Huic vere beneficentiæ sustentandæ nihil unquam impendit, quod collegii facultatibus detrimentum afferret, usus cognatorum liberalitate, quæ erga ipsum erat non mediocris.

§ 12. Quanta fôsse a sua beneficencia para com os seos companheiros é facil deduzir do cuidado, que aplicava para que lhes não faltasse couza alguma necessaria ao bom passadio da vida.

Procurou manter exatamente tudo quanto estava prescrito nos cadernos de apontamento dos costumes em relação á economia dos alimentos e vestuarios, embora essa observancia algumas vezes custasse mais do que permitiam as forças do colegio.

§ 13. Por estes meios ligou a si o animo dos suditos por tal fórma que o amavam quazi como pai, e apenas algum avería, que, advertido por ele, molestamente o sofresse, ou o contraditasse.

Posto que porém fugisse a toda a especie de austeridade, como acima dice, não podia absolutamente dispensal-a n'aqueles cazos, em que alguem procedia pouco umildemente, e então posposta qualquer intercessão, aplicava o castigo.

§ 14. Por acazo viera á cozinha um dos nossos novatos para n'aquele lugar receber os vazos de ablucão, como muitas vezes se pratica em sinal de umildade. Como porém n'este trabalho, que costuma ser feito por dous, visse, que a ele se não reunia companheiro, que fôsse de condição religioza, arrogantemente perguntou ao cozinheiro, si por ventura lhe destinavam fazer o serviço de parceria com um escravo? pois lhe não cabia emparelhar com servos.

---

§ 12. Cum autem ea in socios esset beneficentia, planum est intelligere, quantam adhiberet curam, ne quid ipsis deficeret ad vitam ducendam necessarium. Certe quidquid ad victus vestitusque œconomiam in consuetudinum adversariis esset præscriptum, servari omnino curabat, etsi hæc observantia cariùs aliquandò constaret, quam collegii rationes paterentur.

§ 13. Quibus omnibus adeò sibi devinxerat subditorum animos, ut eum quasi parentem diligerent, ac vix unus aliquis fuerit, qui factam ab illo animadversionem aut ægre ferret, aut recusaret.

Verùm etsi omnem, quod superius dixi, fugeret austeritatis speciem, ea in quibus parum demissè quis ageret, omninò sustinere non poterat, quin, postposita qualibet intercessione, puniret.

§ 14. Forte coquinam adierat junior quidam ex nostris, ut eo in loco, quemadmodum humilitatis causa persæpe fit, vasa susciperet abluenda. Cum verò ad opus istud, quod a duobus præstari solet, nullum sibi videret adjungi socium qui religiosæ conditionis foret, coquum petulanter rogaverat: an esset cum mancipio destinatum laborem aggressurus? quasi ipsum mancipii societas dedeceret.

Estanisláo, por isso que tratava-se de umildade, recebeo com desgosto a noticia do facto, e não dispensou o mancebo do merecido castigo, apezar de interpor-se a autoridade do principal religiozo.

§ 15. Foi constante defensor do livre ensino dos mestres e principalmente d'aqueles que explicavam tudo quanto pertencia á boa governação.

Advertira, que os mancebos estudantes externos das nossas escolas de filozofia, aplicavam-se menos cuidadozamente do que era necessario para fazerem progressos reaes.

Por tanto dando oportuno remedio a este mal estatuio e determinou, que dahi em diante ninguem fosse admitido ao exame necessario para obter aprovação sem que soubesse de cór e recitasse todos os argumentos, com que pretendesse defender as suas concluzões, antes que satisfizesse as objeções propostas contra um e outro; de maneira que por este modo se pudesse mais facilmente indagar e conhecer quem estivera ociozo e quem ocupado no estudo.

§ 16. Dentre os estudantes nenhum apareceo, que quizesse sugeitar-se a esse grave onus, e que o não recuzasse com animo obstinado; pois esperavam n'este facil negocio mudar o parecer do reitor, apenas interpuzessem suplicas das pessoas notaveis da cidade para o conseguir.

Falhou porém o dezejado intento. Porquanto não

Stanislaus pro eo, quem gerebat erga humilitatem, affectu rem sibi delatam gravissime tulit, ac debit pæna carere juvenem passus non est, nequicquam interposita religiosi etiam primarii auctoritate.

§ 15. Constans perinde fuit præceptorum assertor, eorumque maximè, quæ ad rectam gubernationem spectarent. Animadverterat, quòd externi juvenes philosophiæ nostris in scholis novantes operam, studio minùs accuratè pergerent applicari, quàm est congruos exinde progressus facere possent.

Igitur malo huic opportunum allaturus remedium, statuit præcepitque, nequisquam ad examen pro laurea obtinenda necessarium admitteretur deinde, quin argumenta, quibus tuendæ inniterentur conclusiones, memoriter priús teneret recitaretque omnia, quàm objectionibus contra unum vel aliud propositis satisfaceret, ut hac ratione, utrum otio, an studio vacaverit unusquisque, explorari faciliús posset, atque cognosci.

§ 16. Nemo ex scholaribus fuit unus, qui grave illud onus subire vellet, atque obfirmato, animo non detrectaret; sperabant enim facili negotio mutandam rectoris sententiam, quam primùm dynastarum preces ad id obtinendum interposuissent.

obstante intervirem tambem o bispo e o governador, Estanisláo permaneceo firme em sua opinião, e por fim solvidas as razões de um e outro com modestia e evidencia, continuou a exigir a observancia da sua determinação.

§ 17. Vencida esta dificuldade, outra logo sobreviera. Por antigo costume da sua provincia eram dezignados dois moços para cada uma das questões de filozofia, um secular e outro religiozo ; o primeiro dos quaes preparava á sua custa o que necessario era para a função, o outro porém ficava izento de qualquer pensão além da reprezentação literaria.

Assim Estanisláo deveria deferir a petição dos alunos, ou mandar o colegio fazer as despezas. Como porém prezasse menos as caducas riquezas do que o bem da republica, de modo algum dezistio da exata observancia do estatuto, com cujo cumprimento preparava-se a utilidade da republica, que não é pequena com o progresso dos alunos.

§ 18. Por esta razão, xegado o tempo destinado aos exames de filozofia, mandou, a expensas do colegio, ornar a sala da escola, vir os principaes muzicos da cidade, e fazer outros preparativos, afim de que os estudantes externos perdessem a falsa opinião, em que estavam, de não poderem os nossos estudantes assistir a festas literarias, si não fossem coadjuvados por suas riquezas.

At omnes concepta fefellit opinio. Nam, intercedentibus etiam episcopo et gubernatore, firmus in sententia perstitit Stanislaus, atque tandem, utrinsque rationibus modestè quidem, sed evidenter solutis, præcepti observantiam exigere perrexit.

§ 17. Ea victa difficultate, alia supererat expedienda. Pro antiqua illius provinciæ consuetudine duo ad singulas philosophiæ disputationes designabantur juvenes, alter sæcularis, religiosus alter : quorum primus, quidquid ad functionem opus erat, propriis parabat expensis, alius veró cujuscumque pensionis præter unam litterariam manebat immunis. Itaque vel scholarium postulationibus concessurus erat Stanislaus, vel sumptus faciendos collegio imponere debuisset.

At cum minoris faceret caducas opes, quam bonum reipublicæ, ab incepto nequaquám destitit, ut omninò servaretur statutum, cujus beneficio ea reipublicæ comparabatur utilitas, quæ ab scholarium progressu solet esse non parva.

§ 18. Quarè, adventante tempore subeundis philosophiæ examinibus destinato, scholasticam ornari aulam, primarios civitatis musicos collegii sumptibus conduci, et id genus alia imperavit, ut externi

Com este facto reconheceram emfim o seo erro, e no proprio mal aprenderam não ser tanta a sua influencia, que pudessem a seo arbitrio alterar aquilo que o diretor dos estudos prudentemente rezolvêra e determinára.

CAPITULO VI

Administra por trez annos a fazenda da Pitanga, e é nomeado vizitador da parte meridional da provincia.

§ 1. Entretanto quazi decorrido o quatrienio do seu governo entregou o cargo ao seu sucessor aos 13 de Julho do cadente anno de 1709. Não passou muito tempo sem que se recolhesse ao predio da Pitanga, assumindo a administração d'ele conforme as ordens dos seos superiores, no dezempenho da qual realizou em beneficio e comodidade do mesmo predio tudo quanto o reitor planejára.

§ 2. Estas couzas ele executou com tanta alacridade, quanto mais desprezivel e umilde era decer da onorifica prefeitura do maior dos colegios ao dezempenho do oficio de feitor; no que claramente mostrou, que não dezaprendêra a faculdade de obedecer com o exercicio de mandar, antes

---

scholares falsam, qua laborabant, opinionem deponerent, non posse juniores nostros litterarias obire functiones, nisi eorum opibus adjuvarentur. Quo facto suum tandem illi errorem agnoverunt, proprio malo docti se suaque tanti non esse, ut propterea ipsorum mutaretur arbitrio, quod ab studiorum rectore prudenter constitutum fuerat; atque prœceptum.

CAPUT VI

Pitangense prœdium triennio administrat, et visitator pro parte provinciœ meridionali instituitur.

§ 1. Intereà elapso magistratûs fere quadriennio, regimen apud successorem deposuit decima tertia Junii vertente anno millesimo septingentesimo nono. Nec diu fuit, quin ad pitangense prædium se reciperet, ejusque administrationem iniret superiorum imperio commendatam : quo in munere cuncta, quœ rector moliri curaverat, magno illius prædii emolumento, commodoque perfecit.

§ 2. Hæc verò tanta executus est alacritate, quanto abjectius erat. atque humilius ab honorifica collegii maximi prœfectura ad munus villici obeundum descendere; quo luculentèr ostendit, se diuturno

estava igualmente bem preparado para as funções onorificas e para as ignobeis.

§ 3. Decorria o terceiro anno d'esta sua administração, isto é, o anno da graça de 1712, quando Estanisláo foi mandado vizitar a parte meridional da provincia pelo padre Mateos de Moura, regedor da provincia do Brazil. Então eram infestas todas as couzas n'estes lugares.

§ 4. A cidade do Rio estava entregue á depredação dos inimigos ; o colegio na comun calamidade fóra abandonado pelos nossos ; e outras couzas iguaes aconteceram, como passo a expôr.

§ 5. Os Francezes com uma esquadra beligera dirigiram-se para as plagas fluminenses; e feito o dezembarque em praia distante, procuraram a cidade com exito infeliz. Porquanto, repelidos com grande estrago dos seos, recolheram-se aos navios e depois partiram para França.

§ 6. Aparelhada porém outra esquadra de dezoito embarcações, voltaram no fim de um anno; e ocupada a ilha contigua á cidade, dahi por espaço de oito dias arremessaram sobre a cidade vizinha bombas igneas e outros projetis.

§ 7. Não faltaram valorozos defensores ; porém o governador portuguez, com pleno indicio de traição, mandou

---

imperandi exercitio facultatem obediendi minimè dedoctum, imò paratum omninò esse ad munera et honorifica et abjecta pari animo ineunda.

§ 3. Tertius decurrebat hujus administrationis annus, salutis verò millesimus septingentesimus decimus secundus, cum a P. Matthæo de Moura, brasiliensis provinciæ moderatore, Stanislaus ad meridionalem provinciæ partem visitandam legatus est. Omnia per id tempus iis in locis erant infesta.

§ 4. Urbs fluminensis hostibus in spolium tradita : collegium in communi calamitate a nostris derelictum ; atque id genus alia, quæ occasione, quam mox subjicio, evenerunt.

§ 5. Galli classe ad bellum instructa oræ fluminensi appulerant, urbemque, facta ad littus non longè dissitum excensione, adorti fuerant infelici eventu. Nam ingenti suorum strage repulsi, se ad naves primùm, deinde in Galliam recepere.

§ 6. At comparata octodecim navium classe eódem rediere post annum ; occupataque insula, quæ urbi adjacet, inde octo dierum spatio tomenta, igniariasque ollas in proximam civitatem librarunt.

§ 7. Non deerant defensoribus animi : lusitanus tamen gubernator, haud levi proditionis indicio, milites, præsidiariosque omnes urbe

retirar da cidade todos os soldados e a guarnição da praça.

Com este facto ficou livre a entrada ao inimigo, sendo entregues á preza e rapina as riquezas dos cidadãos.

§ 8. Os Francezes ameaçavam a cidade com incendio e destruição ; e já começavam a escavar minas sob os alicerces de quatro das paredes do nosso colegio, para introduzir polvora e lançar fogo, afim de destruir toda a fabrica do edificio. Por isso tratou-se de paz com o inimigo e a cidade foi remida por 600.000 cruzados, 200 bois e 100 caixas de assucar, das quaes levaram algumas nossas.

Nem foi este o unico detrimento do colegio, pois ficamos despojados de todas as alfaias, dano que mal poderia reparar-se com cem mil cruzados.

§ 9. Estanisláo, mandado para esses lugares, precizava mostrar no dezempenho do seu oficio muita destreza e sagacidade. Assim partio do porto da Bahia, e passando pela rezidencia de Camamú, e pelo convento de Porto-Seguro, com prospera navegação xegou á cidade do Espirito-Santo.

§ 10. Aqui porém sabendo pelos que voltavam do Rio de Janeiro, que a cidade tinha sido saqueada pelos Francezes e não julgando assás seguras estas paragens, mandou demorar o navio, em que vinha, para que (como podia acontecer) não sofresse algum dano dos mesmos Francezes.

---

jussit abscedere. Quo factum ut liber hosti pateret aditus, universaque civium gaza in prædam cederet, atque rapinam.

§ 8. Incendium Galli ac excidium captæ urbi minitabantur; jamque cœmentarios collegii nostri parietes quatuor suffoderant cuniculis, ut nitrato pulvere, adhibito injectoque igne, tota ædificii moles dirueretur. Quarè paciscendum fuit cum hoste; urbsque sexcentis aureorum millibus, bobus ducentis, et tribus mille sacchari congiis redimenda : quorum alia alii, saccharum nostri contulerunt.

Nec unum istud fuit illius collegii detrimentum; nam supellectile spoliatum omni eam fecit jacturam, quæ vix centum aureorum millibus reparari posset.

§ 9. Unde Stanislaus, cum ad ea mitteretur loca, magnam debuit in præstando munere dexteritatem adhibere, atque solertiam. Solvit itaque Bahiensi è portu, atque Camamûensi residentia, et Portus securi domo in cursu perlustratis, Spiritus Sancti oppidum prospera tenuit navigatione.

§ 10. Hic verò, cum fluminensem oram à Gallis spoliata urbe redeuntibus minimè tutam crederet, nostràm, qua vehebatur, navem jussit subsistere aliquandiù, ne (quod impune evenire poterat) aliquid ab iis damni pateretur.

§ 11. Ele tomou caminho por terra para o Rio de Janeiro, afim de que, conhecido o estado da cidade, depois providenciasse sobre a vinda do navio ; e arranjadas as couzas do colegio fluminense conforme a necessidade dos tempos, seguisse para a cidade de São-Paulo e Santos, e tambem para outras rezidencias situadas na região interior.

§ 12. Executou felizmente todas as couzas, que com acerto determinára. Depois, devendo regressar á Bahia, mandou partir para o porto do Espirito Santo o navio, que já tinha vindo para o Rio de Janeiro, emquanto ele, percorrendo algumas rezidencias que faltava inspecionar, seguia a mesma viagem por caminho terrestre.

§ 13. Porém o navio sahido antes d'ele, combatido por violenta tempestade, e ultrapassando a cidade do Espirito Santo, procurou a Bahia em direitura, e só depois de alguns mezes, acalmados os ventos, pôde xegar ao porto. Pelo que Estanisláo, a quem faltavam outros meios de transporte, fez a viagem por caminho xeio de perigos e raramente frequentado por outras pessoas além dos barbaros indigenas. Nem esteve longe do termo da vida antes de xegar ao termo da viagem.

§ 14. Porquanto, passando junto á foz do rio de São-Mateos, foi levado pela forçoza corrente das aguas para o mar, e infalivelmente pereceria, si, contra toda a esperança, não fôsse livre do perigo por singular favor divino.

---

§ 11. Ipse ad Flumen Januarium terra iter suscepit, ut explorato urbis statu, navi prospiceret eodèm postea venturæ, atque, inde rebus fluminensis collegii pro temporis necessitate compositis, Paulopolitanum, et Sanctense, unaque residentias in ulteriori regione positas etiam adiret.

§ 12. Omnia, quæ decreverat ratione, feliciter implevit. Bahiam deinde reversurus, navem à Fluminensi, quò jam appulerat, ad Spiritus Sancti portum solvere imperavit, dum ipse non nullas, quæ invisendæ supererant, residentias lustrando, eamdem itinere terrestri viam conficeret.

§ 13. At sæva tempestate effectum, ut præmissa navis, prætergresso Spiritus Sancti oppido, Bahiam recta contenderit, non ampliùs nisi post aliquot menses, iis cadentibus ventis, reditura. Quamobrem Stanislaus, cui alia deerat transfretandi commoditas, terram iter suscepit periculis plenum, et raró ab aliis, quam a barbaris indigenis frequentatum. Nec longe abfuit, quin priùs ad vitæ, quàm viæ terminum perveniret.

§ 14. Nam cum Sancti Mathæi flumen transiret prope ostium præcipit aquarum cursu abreptus in mare periturus omninò erat, nisi præter omnium spem singulari Dei beneficio eriperetur.

CAPITULO VII

Exercita o governo de toda a provincia.

§ 1. Estava passada quazi metade do anno de 1713, quando, findos estes perigos, aportou Estanisláo á cidade da Bahia, onde, em virtude do diploma do prepozito geral, pouco antes expedido de Roma, é declarado governador de toda a provincia aos 3 de Junho do mesmo anno.

§ 2. N'este cargo mais evidentemente manifestou quão adornado era de virtudes. Resplandeceo principalmente pela prudencia, sob cujo ditame dirigem-se as obras das demais virtudes; pois entre todos fazia reinar e permanecer admiravel concordia.

§ 3. Por isso entregava tudo á mansuetude e mizericordia, afim de que nada sofressem a justiça e a constancia; cultivou a umildade e a paciencia de fórma que nunca deprimisse a autoridade do cargo; e na observancia da diciplina uzou de tal moderação, que em todos os castigos, que infligia a severidade emparelhava com a brandura.

§ 4. Vizitando a provincia todos os annos, como era costume, foi-lhe denunciado no colegio do Rio de Janeiro

---

CAPUT VII

Juit universæ provinciæ magistratum

§ 1. Anni millesimi septingentesimi decimi tertii pars fluxerat pene dimidia, cum his perfunctus periculis urbem tenuit Bahiensem; ubi præpositi generalis diplomate, Roma paulo ante expedito, renuntiatus est universæ provinciæ moderator tertia Junii ejusdem anni.

§ 2. Hoc in munere evidentius patuit, quot ille virtutibus ornaretur. Prudentia, cujus dictamine reliquarum virtutum diriguntur opera, præsertim enituit, dum mira omnes inter se concordia non conjungeret modò, sed exerceret.

§ 3. Adeò mansectudini, ac misericordiæ deferebat, ut nihil justitiæ atque constantiæ detrahi pateretur: humilitatem, ac patientiam ita excoluit, ut muneris auctoritatem nunquam deprimeret; quemadmodum in asserenda disciplina eo est usus temperamento, ut in omnibus, quæcumque infligeret, suppliciis mixta cum lenitate severitas videretur.

§ 4. Cum provinciam, ut moris est, quotannis lustraret, delatus apud ipsum fuit in fluminensi collegio quidam ex nostris sacerdos,

um dos nossos padres, e feita a indagação da culpa, Estanisláo o axou tão maculado de crimes, que o considerou merecedor de ser despedido da sociedade e o conservou incarcerado em quanto esperava o consentimento do prepozito geral para a expulsão do culpado.

§ 5. Como porem o padre, emquanto estava no carcere, exprimisse verdadeiro arrependimento com taes lagrimas e palavras que persuadiam emenda futura, Estanisláo não só compadeceo-se do filho arrependido, mas tambem, interpondo a sua autoridade junto ao geral, pedio o perdão e a conservação do delinquente na sociedade.

§ 6. Qual fôsse a mizericordia de Estanisláo para com os arrependidos, tambem a experimentou outro individuo, que reunira grave desprezo do superior com declarada dezobediencia.

Não sei que ordem lhe dera Estanisláo concernente ao governo domestico ; porém tal foi a temeridade d'esse omem, que ouzadamente negou-se a cumpril-a, e logo retirou-se dezatenciozo da prezença do provincial. Este guardou silencio, esperando que o companheiro, acalmado o impeto da furia, voltasse a melhor conselho, e retratasse por qualquer motivo o cometido crime da dezobediencia.

§ 7. Estanisláo não enganou-se no seo juizo ; pois o réo, ponderando na sua temeridade, e arrependido do

---

eum Stanislaus, acta criminum inquisitione, tot sceleribus maculatum invenit, ut omninò dignum judicaverit, qui è socitale dimitteretur tandiuque in carceris detineretur custodia, quandiù generalis præpositi ad illius dimissionem expectaretur consensus.

§ 5. At cum sacerdos, dum carcere custodiretur, veram cordis pœnitentiam ita verbis expressisset lacrymisque, ut futuram persuaserit emendationem ; Stanislaus non modò resipiscentis misertus est filii sed sua etiam auctoritate apud generalem interposita, et veniam, et conservationem deprecatus est.

§ 6. Quænam fuerit Stanislai erga resipiscentes misericordia, etiam expertus est alius qui gravem ipsius contemptum cum aperta inobedientia conjunxerat.

Nescio quid ei præceperat Stanislaus, gubernationi domesticæ opportunum: at ea fuit hominis temeritas, ut se id facturum petulanter negaverit, statimque à provincialis conspectu recesserit inurbanè. Rem hic silentio tenuit, sperans fore ut socius, mitigato furoris impetu, ad mentem rediret saniorem, commissumque inobedientiæ crimen ratione tandem aliqua retractaret

§ 7. Nec sua Stanislaum decepit opinio: reus enim, temeritatem suam cum perpenderet paulo maturius, facti pœnitens ad ipsum rediit, paratum se affirmans ad omnia, quæcumque præceperat, exequendum.

facto, voltou afirmando estar pronto para cumprir tudo quanto lhe determinasse.

Sendo governador excelente, e inclinado á mizericordia, aceitou benignamente a desculpa, e admoestando com brandura o companheiro, congratulou-se, por aver-se este arrependido e ter mudado do primeiro conselho, que lhe traria infalivel ruina.

§ 8. Procurou sempre a perseverança dos suditos na vida religioza; e assim nunca consentio, que alguem se despedisse da sociedade, embora com razão, si ainda alguma esperança avia de emenda.

Certo companheiro, dominado pelo tedio da diciplina religioza, solicitára durante um anno e com grande obstinação dispensa da sociedade. Todavia Estanisláo, comizerado da sua fatal sorte, negou deferimento a esta petição; não preterio preces, exortações ou qualquer sinal de benevolencia até que, afastado o máo pensamento, volveo o suplicante a melhor alvitre, e permaneceo na religião até a morte.

§ 9. Assim como n'estas e outras couzas mostrou-se mizericordiozo e benigno, assim tambem quando as circunstancias o exigiam, mostrava inabalavel firmeza d'alma.

Entre os confrades brazileiros contava-se um sacerdote, a quem todos muito temiam, porque, em lugar de outro que faltava na suprema curia da sociedade, a muitos

---

Quam optimus moderator, ut erat ad misericordiam pronus, retractationem exsepit benigne, sociumque blande compellans ipsi gratulatus est, quod resipuerit, primumque mutaverit consilium, quo ad certam perniciem ferebatur.

§ 8. Adèo ipsi semper cordi fuit subditorum in religiosa vita perseverantia, ut nullum unquam, etiam merente, e societate dimitti passus fuerit, si modo aliqua emendationis spes affulgeret.

Socius quidam religiosæ disciplinæ tædio affectus, dimissionem è societate, magna animi obstinatione per annum petierat. Stanislaus tamen fatalem illius sortem miseratus, negavit unquam se ipsius petitioni consensurum: neque preces, adhortationes, au nullum benevolentiæ signum prætermisit, donec ille, insana mente deposita, ad meliorem frugem se convertit, et in religione ad mortem usque perseveravit.

§ 9. At quemadmodum in his, aliisque misericordem se prœbuit, ac benignum, sic etiam cum res postularet, animi constantiam ostendit, quam qui magnam.

podia prejudicar ou aproveitar; nem era tamanha a probidade d'esse omem, que não désse cauza a recear-se d'ele algum dano injusto.

§ 10. Embora na exata observancia das leis ele claudicasse em alguns pontos, e fôsse isso exemplo para claudicar em outros, todavia ninguem animava-se a arguil-o como culpado, para não incorrer em odio, que então era temivel.

Estanisláo ouvio estas couzas, quando vizitava o colegio fluminense, e posposta toda contemplação de motivos particulares, que sempre contrariam a cauza publica, repreendeu aquele sacerdote com tanta aspereza de palavras quanta convinha.

§ 11. Bem sabia ele, que dahi lhe proviria mal, como depois sucedeo; mas antes quiz adquirir inimizades, que outros evitavam, do que faltar aos deveres do seo cargo e oficio.

Argumento foi este de grande constancia; comtudo em poucas palavras exporei outro, que mais claramente a demonstra.

§ 12. Conheceo Estanisláo, quando na fórma do costume vizitava a provincia, certo confrade italiano, o qual

---

Socios inter brasilienses quidam numerabatur sacerdos, quem propterea reverebantur omnes, quod per alium, in suprema societatis curia degentem, multis obesse poterat, aut prodesse: nec tanta erat hominis probitas, ut nihil ab eo damni timeri posset non injustum.

§ 10. Quamobrem, etsi ab exacta legum observantia et ipse deficeret in aliquibus, et aliis ad deficiendum exemplo esset, nemo audebat unus peccantem arguere, ne odium fortasse incurreret ea tempestate metuendum.

Audiit hæc Stanislaus, dum fluminense collegium inviseret, nulloque habito rerum privatarum respectu, quæ semper officere publicis, sacerdotem illum tanta, quanta par erat, verborum gravitate reprehendit.

§ 11. Noverat sane aliquid calamitatis, ut postea evenit, sibi hac de causa moliendum: at omninò maluit, quas vitabant cæteri, inimicitias subire quam suo deesse muneri, atque officio.

Magnæ hoc fuit argumentum constantiæ; aliud tamen, quod eamdem luculentius ostendit, paucis subjiciam.

§ 12. Cognovit Stanislaus, cum provinciam de more lustraret, Italum quendam socium, qui apostolici ministerii causa in Brasiliam venerat, eam tenere cum externis agendi rationem, quæ apostolicum

viera ao Brazil por cauza do ministerio apostolico ; e tinha para com pessoas extranhas procedimento, que pouco convinha ao munus apostolico, e não pequenas maculas lançava sobre o bom nome da sociedade. Communicou o cazo por cartas ao prepozito geral; e tardio seria o remedio ao mal, si esperasse resposta das cartas enviadas a Roma.

§ 13. Nada parecia mais necessario para reparar a fama da sociedade do que arredar da provincia braziliense similhante colega.

Isto porém era dificil, pois elle tinha grande valimento na autoridade e favor do prefeito geral do Brazil. Não obstante Estanisláo julgou dever mandal-o para Roma e anunciou-lhe a partida, que ele com industria, mas debalde, tentou procrastinar.

Na verdade o provincial procurou tenasmente dissolver o impedimento oposto á viagem, e intimidou o reluctante com imperio e constancia, desprezado o empenho dos seus prot··tores.

§ 14. Feito isto, com o que destruio-se completamente o germen do mal, ficou assás manifesto quanta fôsse a fortaleza de Estauisláo na rezolução das emprezas, e quanta a constancia na execução d'elas, quando o exigia o bem da sociedade.

---

munus parum decebat, et bono societatis nomini maculas inusserat non exiguas.

Rem per litteras aperuit præposito generali : at serum esset mali remedium, si differendum esset, quoad litterarum, quas Romam dederat, haberetur responsum.

§ 13. Nihil reparandæ societatis famæ videbatur præsentius, quam hujusmodi socium à Brasiliense provincia longe arcere.

Verùm et hoc arduum, cum is apud summum Brasiliæ præfectum et auctoritate et gratia multum valeret. Nihilo tamen minus Romam, unde venerat, mittendum censuit. Stanislaus, hominique profectionem indixit, quam ille industria protrahere, sed frustra tentavit.

Siquidèm provincialis objectum navigandi impedimentum expedivit strenuè, rel uctantemque et imperio, et constantia terruit, contempta ipsi faventium invidia.

§ 14. Quo factum, ut mali germen funditus avelleretur, palamque fieret quanta esset Stanislao, quoties id societatis bonum exigeret, in rebus aggrediendis fortitudo, constantia in exequendis.

CAPITULO VIII

Outros factos do seo provincialato

§ 1. Emquanto Estanisláo praticava estas couzas, nem por isso preteria o cuidado de outras, que a obrigação do cargo pedia, que fôssem averiguadas com atenciozo exame, por isso cogitava ele, si por ventura na familia da sociedade jezuitica se deveriam admitir individuos, que antes lhe servissem de decoro do que de futuro detrimento.

§ 2. Assim ele renunciava ora aos mais estrictos vinculos da necessidade, ora aos da amizade. Certo parente seo dezejava alistar um filho na nossa sociedade, e confidencialmente declarou-lhe isto, feito o requerimento de admissão. Perguntou-lhe Estanisláo, si nas escolas fóra da sociedade o mancebo aplicava-se aos estudos ?

Dada resposta afirmativa, então replicou ele, que ninguem podia ser admitido na sociedade, si, previamente examinado, não fôsse julgado idoneo e digno ; e isto não podia fazer-se sem perigo, si acazo não frequentasse as nossas aulas para ser diariamente observado pelos mestres ; e por esta razão, si dezejava, que seu filho fôsse contado entre os nossos confrades, convinha sugeital-o á nossa disciplina social.

CAPUT VIII

Alia in provincialatu gesta

§ 1. Neque verò, dum hæc agerent Stanislaus, aliorum prætermisit curam, quæ suscepti muneris ratio postulabat sedulo scrutabatur examine, an in societatis familiam cooptandi tales existerent, qui decori potiùs essent, quàm detrimento futuri ?

§ 2. Ad id autem strictioribus etiam tum necessitudinis, tum amicitiæ vinculis constanter renuntiabat. Suum familiæ nostræ adscribi filium cupiebat quidam ejus cognatus, idque ipsi, facta postulatione, confidenter aperuit. Num extra societatis scholas, rogavit Stanislaus, adolescens ille operam daret litteris ?

Affirmante alio ; tum reposuit non posse quemquam in societatem admitti, quin exploratum prius diligenter fuerit, an idoneus existeret, ac dignus ; hoc autem vix posse periculum fieri, nisi a præceptoribus quotidie observandus scholas nostras frequentaret : quapropter, si filium cuperet suum inter nostros numerari, eorum submitti disciplinæ pateretur.

Não agradou esta resposta ao pretendente, o qual por isso retirou-se queixozo; Estanisláo porém despedio-se do óspede satisfeito, porque com esta repulsa ao parente consultára os interesses da sua carissima sociedade.

§ 3. Não confiando de ninguem o cuidado do rebanho, fazia por si a vizita. Percorria as cazas, rezidencias e colegios, ainda os mais remotos. Antes quiz efectuar a viagem, embora ardua, e todos os annos mais dificil em razão da idade e de sofrer os graves incommodos e trabalhos dahi rezultantes, do que vêr com olhos alheios o rebanho, que recebêra para governar.

§ 4. Quando viajava, evitava toda a ospedagem secular, e quazi esquecido de si, buscava a sombra das arvores ou algum tugurio, onde se abrigasse do ardor do sol meridiano e refizesse as forças corporeas com a refeição. Em igual pouzada passava as noites, acostumado a uzar do leito familiar dos indios, principalmente a rede pensil atada em estacas enfincadas no solo.

§ 5. Quando vizitava alguma caza ou colegio, com maduro conselho providenciava sobre tudo quanto pertencia ao bem temporal e espiritual dos mesmos.

Nada ele com mais solicitude recomendava a si e aos companheiros, e mais encarecidamente exortava a todos

---

Non adeo homini placuit ista responsio, proindeque mœstus recessit : at contra Stanislaus ab hospite se lætus collegit, quòd eâ vel consanguineo facta repulsa charissimæ societatis bono consuluisset.

§ 3. Sollicitudinem gregis nulli committens, id quod erat onus officii gravius, visitationem obibat per se ipsum. Domos, residentias, collegia, etiam remotiora, perlustrabat.

Arduum propterea iter, atque sibi devexam ob ætatem difficilius quotannis suscipere, gravia exinde in commoda laboresque perferre maluit, quam alienis tantùm oculis gregem aspicere, quem susceperat moderandum.

§ 4. Dum verò iter faceret, sæcularium hospitia sibi interdicebat omninò : ad arboris proinde umbram, aut tugurium, quoad imminentis solis ardor remitteret, ciboque corpora reficerentur, sui quasi oblitus divertebatur.

Simili plane diversorio noctes ducebat, lectum Indis familiarem usurpare solitus, rete nimirum pensile, deffossisque hinc inde perticis alligatum.

§ 5. Quoties domum aliquam, aut collegium inviseret, maturo concilio providebat, quidquid ad ejus emolumentum cum temporale, tùm spirituale pertineret. Nihil illi prius, quam sociis vitæ innocentiam commendare, hortarique omnes, ut suos quisque mores ad instituti nostri regulas exacte componeret.

do que que cada qual conformasse bem os seus costumes com as regras do nosso instituto.

Tambem lhe era uzual rememorar o exemplo dos antigos padres da provincia, cuja imitação procurava inculcar com palavras e factos, e ardentemente imprimir no animo dos companheiros.

§ 6. Por isso, finda a vizita, deixava por escrito aquilo que se deveria observar, concluindo as suas determinações com estas palavras: « Finalmente advirto e mando, que todos comportem-se com modestia nos costumes, no gesto e nas ações, e sigam os exemplos de virtudes, em que brilharam outr'ora os nossos antecessores, cujas pégadas cada um deve esforçar-se por acompanhar.

§ 7. Admitio varões idoneos para promover beneficios taes, e costumava não admitir nos encargos da sociedade sinão colegas de provada virtude e prudencia.

Seguindo as pégadas dos mais velhos, nunca pôde rezolver-se a utilizar-se do trabalho e serviço de qualquer famulo, nem em razão da avançada idade, nem do decoro da pessoa, a que ordinariamente pouco atendia.

Nunca recebia donativo dos seos colegas; antes porém, quando vizitava as aldêias dos indios, ou as rezidencias dos nossos confrades afligidos pela inopia, dava aos mais necessitados qualquer dinheiro, que nos colegios recebia para os gastos da viagem.

Id etiam habuit familiare, ut antiquorum provinciæ patrum commemoraret exempla, quorum imitationem verbis factisque inculcare, sociorumque animis imprimere ardenter curabat.

§ 6. Unde, cum peracta visitatione quædam in scriptis relinqueret observanda, his fertur verbis ordinationes suas clausisse: Tandem adverto ac mando, ut singuli in moribus, gestu, et actionibus modestiam præ se ferant, et quibus olim claruere seniores nostri, virtutum exempla sequantur, quorum sibi quisque vestigia omninò observanda proponat.

§ 7. His promovendis idoneos ubique viros adhibuit; neque enim socios, nisi probatæ virtutis, et prudentiæ ad publica societatis officia assumere consuevit.

Seniorum itaque vestigiis ipse plane insistens, neque ætate in senium devexa, neque personæ dignitate, cui ferme parum consuluerat, potuit unquam adduci, ut operam, aut servitio cujusquam famuli uteretur.

A sociis donum accepit nullum: imò verò indorum pagos, aut nostrorum residentias cum inviseret inopia laborantes, quidquid ad itineris sumptus pecuniæ acceperat in collegiis, egentiori donabat.

§ 8. Não contente com estas pequenas couzas, tambem praticava ações de maior importancia.

Nos canhenhos da aldeia de Guajurú lê-se, que com suma liberalidade ornára o templo com ombreiras de madeira dourada, e tambem dera paramentos sagrados para os altares e calice.

Era para com os escravos e indios tão benevolente e mizericordiozo, que recuzava nas vizitas da provincia ser levado nos ombros d'essa gente, dizendo não atrever-se a ser carregado em ombros umanos, quando com seos pés ou a cavalo podia andar embora com incomodo.

§ 9. A esta sua comizeração para com aqueles omens nem sempre os caminhos correspondiam em razão da aspereza; e quando algumas vezes não podia vencer arduos obstaculos, era então carregado em uma grosseira cadeirinha pelos escravos.

Quando porém vencida a dificuldade dos caminhos, xegava aos colegios ou cazas, não ficava em ocio ou socego; e não só cuidava com todo o empenho das couzas respectivas á vizita, como tambem, para tratar dos objétos estranhos, ocupava-se em receber assiduas confissões.

§ 10. Estava tão abituado ao ministerio do confissionario, em quanto ocupou o provincialato, e o exercia

---

§ 8. Neque his minutioribus contentus majora etiam faciebat. In Guajurúensis pagi adversariis legitur, summa illum liberalitate templum ligneo pigmate deaurato exornandum curavisse, nec non sacra altari ornamenta, calicemque donasse.

Utque erat erga mancipia, Indos que lenis et misericors, humeris eorum portari, dum provinciam percurreret, recusabat omninò, non audere se, inquiens, hominum deferri humeris, cum pedibus aut equo iter peragere, quanquàm ægre, posset.

§ 9. Huic tamen ejusdem erga homines illos commiserationi non semper itinera, ut erant difficilia, respondebant, cùm ardua eorum impedimenta superare aliquando non posset, quin a mancipiis vili quadam lecticulà gestaretur.

Cum verò, superata viarum difficultate, ad collegia pervenisset ac domos, nihil sumebat otii ad quietem: nec tantùm illa, quæ visitationis intererant, omni curabat studio, verùm etiam, ut externis consuleret, accipiendis eorum confessionibus operam dabat, quamqui maximam.

§ 10. Hoc enim habuit in more, ut confessarii munus, dum provincialem egit, tanta exerceret perseverantia, ac si nullis occupationibus destinaretur.

com tanta perseverança, como si a nenhum outro serviço se destinasse.

Embora envolvido em grandes negocios, dezempenhava por si este oficio util á salvação das almas; porém por via dos companheiros buscava fazer outras couzas, que julgava poder bem executar-se por imediatos coadjutores.

Por isso conhecendo por experiencia propria quão util era o trabalho dos nossos padres, quando percorriam as povoações ruraes em missões, diligentemente providenciava para que em todos os annos se fizessem taes excursões, quanto o permitissem as demais ocupações.

§ 11. E logo no primeiro anno, em que Estanisláo recebeo a provincia para governar, sahiram dous confrades do colegio da Bahia, e outros tantos do colegio de Olinda e do colegio de São-Paulo, os quaes, percorrendo os lugares suburbanos e os mais remotos, espalharam a semente da palavra evangelica, e colheram mésse aumentativa dos celeiros celestiaes.

§ 12. Igualmente sahiram em excursão quatro confrades fluminenses. Dividida a região em duas porções, partiram dous para cada uma d'elas com grande proveito dos povos.

Depois outra missão creou-se no sertão de Pernambuco; assim tambem dous padres do colegio da Bahia penetraram no interior das terras por mais de 210 milhas.

Id profectò curæ, magnis licet implicatus negotiis, animarum saluti adhibebat per se ipsum: at per socios alia præstare curavit, quæ proximis adjuvandis maximè noverat opportuna.

Unde, cum proprio sciret experimento, quàm utilis evaderet nostrorum opera, quoties ad rurales populos sacris excurrerent missionibus, diligentèr providit, ut singulis fere annis, quantùm per alias occupationis liceret, ejusmodi fierent excursiones.

§ 11. Et quidem primo statim anno, quo Stanislaus provinciam suscepit moderandam, duo ex Bahiensi collegio socii, totidem ex Olindensi, et Paulopolitano egressi sunt, qui suburbana, remotioraque loca peragrantes, Evangelici verbi semen spargerent, messemque exinde colligerent cælestibus horreis inserendam.

§ 12. Procursum æque fuit à sociis Fluminensibus quatuor. Hi, regione in duas partes divisa, bini ad singulas profecti suut magno, populorum emolumento.

Alia deinde in agro Pernambucano missio instituta: ut etiam Bahiensis collegii duo in mediterraneum ad milliaria decem supra ducenta penetrarunt.

§ 13. Qual o fruto rezultante d'estas excursões não nos consta com certeza, porque pereceram os documentos d'aquele tempo.

Esta perda porém é compensada por outra missão feita entre os Paulistas no anno de 1715 : pois d'esta, como atestam as cartas annuas então enviadas a Roma, tão copiozo foi o fruto, que induzio o governador a pedir por cartas oficiaes ao provincial esse trabalho dos nossos confrades no anno subsequente.

§ 14. Entretanto não deixou cessar o trabalho dos nossos predicantes nas cidades ; e dezignou para cada colegio pregadores que, na praça publica e em dias determinados atemorizassem os omens com o orror dos vicios, e os convidassem á piedade. Providenciou para que ao povo e aos meninos não faltasse catechista, que no templo e nos caminhos explicassem a catecheze cristan.

A estes adicionou outros, que ensinassem os sacramentos e a doutrina da religião cristan aos escravos transportados do reino de Angola, falando-lhes no seo idioma nativo.

§ 15. Entretanto Estanisláo praticou outras couzas, em que empregou bem o seu trabalho e o dos companheiros

N'este tempo a provincia de Pernambuco ardia em ferinas dissenções e era despedaçada por tumultos de guerra intestina com perigo de extrema ruina. Eis a origem das dissenções, e a cauza da guerra.

---

§ 13. Quisnam harum excursionum fructus extiterit, nobis certò non constat, quandoquidem illius temporis monumenta perierunt.

Hæc tamen jactura utcumque compensatur in alia missione, anno millesimo septingentesimo decimo quinto ad Paulopolitanos facta; hujus enim, ut annuæ testantur litteræ sub idem tempus Romam datæ, *adeò copiosus fuit ubique fructus ut magistratum etiam induxerit ad postulandam scriptis ad provinciatem litteris, eamdem nostrorum operam in sequentem annum.*

§ 14. Neque interim eamdem nostrorum operam cessare in urbibus permisit : in singulis enim collegiis concionatores, qui statis in foro diebus, et a vitiis homines absterrerent, et ad pietatem moverent deputavit. Providit, ne plebi, puerisque erudiendis deessent catechistæ qui in templo, et in viis christianam catechesim exponerent.

Iis áddidit, qui mancipia e regno Angolano asportata proprio ipsorum idiomate christianæ religionis sacris, doctrinàque instituirent.

§ 15. Hæc inter aliud habuit Stanislaus in quo suam, et sociorum operam satis consumeret.

Acribus ea tempestate dissidiis flagrabat Pernambucensis provincia, et intestini belli tumultibus discerpta erat, non sine extremæ cladis periculo. Hæc dissidiorum origo, ac belli causa.

§ 16. Como os Recifenses aumentassem constantemente em riquezas e em numero, receberam do rei facuIdade para eleger o seo senado ; e suspeitando com razão o que aconteceria, nas trevas da noite levantaram na praça publica a coluna indicativa do poder recebido.

Os Olindenses, que não queriam aquela cidade subtrahida á sua jurisdição, e reputavam o direito a ela outorgado como injuria propria, manifestaram o furor excitado por esta cauza, commetendo grande flagicio.

Assim com trez tiros de bacamarte feriram a Sebastião de Castro Caldas, governador da provincia, o qual abertamente favorecia os Recifenses ; e por tal sorte o aterraram, que, preparada com toda pressa uma embarcação, fugio ele para a Bahia com alguns membros do novo senado do Recife.

§ 17. Os Olindenses, agitados por este facto, e convocadas tropas do resto da provincia, rezolveram invadir e assolar o Recife; e posto que diminuissem o rigor da deliberação mediante suplica dos nossos confrades, todavia de mão armada entraram na vila do Recife, derribaram o pelourinho, e depozeram o novo magistrado.

§ 18. A estes males dos Recifenses acreceo outro, e foi a substituição do governador auzente pelo bispo de Olinda Don Manoel Alvares da Costa, a quem reputavam pouco justo n'esta questão. Portanto recorrem ás armas para sustentar a sua cauza e o seo direito, visto como por mimilhante

---

§ 16. Recifenses cùm opibus et numero augerentur in dies, protestatem eligendi sibi senatùs a rege acceperant, nec temere id, quod erat futurum, suspicati, per noctis tenebras medio in foro columnam erexerant, acceptæ potestatis indicium.

Olindenses, qui oppidum illud suæ jurisdictioni subtractum nollent, jusque ipsi collatum propriam reputabant injuriam conceptum his de causis furorem ingenti prodidere flagitio.

Nam Sebastianum de Castro Caldas provinciæ prefectum, qui Recifensibus aperte favebat, explosis tribus sclopis vulnerarunt, adeòque terruere, ut cum aliquibus ex novo senatu Recifensibus, parata quàm festine potuit naviculam, Bahiam se fuga eripuerit.

§ 17. Qua recommoti Olindenses Recifium, convocatis ex reliqua provincia copiis, invadere populareque decreverunt; et quanquàm nostrorum precibus consilii acerbitatem minuerint, nihilominus armata manu Recifense ingrediuntur oppidum, columnam evertunt, novumque magistratum exautorant.

§ 18. His Recifensium malis illud etiam accessit, quod Olindensis episcopus Dominus Emmanuel Alvares da Costa. quem rebus suis parum œquum arbitrabantur, absenti præfecto successerat, ab

motivo não havia meio de proceder em contrario. Assim excitados os animos de ambas as partes, por alguns annos tudo alterou-se e confundio-se com motins.

§ 19. Na verdade muito trabalharam os nossos padres, mas debalde, no fervor da discordia : todavia d'entre eles alguns apareceram, que, esquecidos das nossas leis, aderissem a um dos partidos e de certo modo favorecessem aos Recifenses.

Aos padres, em quem falecia o amor da sua profissão, Estanisláo repreendeo conforme a gravidade do delito, mandando-os retirar para outro lugar, e aos demais impoz severamente, que, afastado todo o espirito de partido, se empenhassem pela obtenção da paz.

§ 20. Este cordato procedimento não agradou aos Recifenses, que só queriam protetores. Por esta razão acuzaram Estanisláo e a todos os companheiros, embora com injustiça, nas cartas dirigidas ao rei.

Os nossos companheiros, porém sofrendo estas e outras mais graves injustiças, continuaram a esforçar-se por armonizar as couzas e restabelecer a paz entre os contendores, até que, correspondendo o feito á obra e ao trabalho, desvaneceram-se todos os incitamentos das sinistras suspeitas contra os membros da sociedade, pois eram vans e temerariamente concebidas.

---

eodem subrogatus. Igitur ad arma confugiunt, causæ merito jurique suo, quandoquidem secus agendi locus non esset, ea ratione consulturi. Unde, incensis utrinque animis, omnia per aliquot annos miscere tumultibus, atque confundi.

§ 19. Multum quidèm, sed frustra, ut in flagranti discordiarum incendio elaboratum a nostris : ex quibus tamen fuere nonnulli, qui legum nostrarum immemores, alteri adhærerent parti, et Recifensibus utcumque faverent. Hos, quem admodum sui officii intererat, juxta delicti meritum reprehensos alió abire jussit Stanislaus, cæterisque districte imposuit, ut paci componendæ, secluso partium studio, invigilarent.

§ 20. Non placuit Recifensibus, qui ubique fautores vellent, prudens hæc agendi ratio; propterea que Stanislaum, sociosque omnes tanquam rebus suis iniquos, datis ad regem litteris, accusarunt.

At nostri hæc, et graviora constantèr passi, componendis tamen rebus insudare, ac paci inter dissidentes restituendæ perrexerunt, quoad operæ ac labori fructu respondente, omnia sinistrarum contra societatis homines suspicionum incitamenta, ut erant vana ac temere concepta evanuere.

§ 21. Sendo estes os factos, bem mostram quão prudentemente procedêra Estanisláo na direção das couzas, e quanto esforço e solicitude empregaram os seos companheiros na extinção do incendio, e quanto louvor mereceram todos pelo empenho na restauração da paz.

Por isso foram xamados *Anjos da paz*, e o rei João V d'este nome, em atencioza carta de agradecimento por este serviço, os elogiou.

CAPITULO IX

Couzas por elle pacientemente toleradas emquanto exerceo o provincialato

§ 1. Embora fôsse este o modo de Estanisláo governar a provincia, todavia não faltavam pessoas, até entre os famulos, que lhe apurassem a paciencia com actos e palavras.

Aconteceo, que no colegio do Rio de Janeiro ele repreendesse com paternal caridade a um dos nossos sacerdotes, porque vivia afastado dos uzos da comunidade.

---

§ 21. Nec id tantùm, sed etiam patuit, quàm in re dirigenda prudenter se gesserit Stanislaus, quantam socii opem et sollicitudinem extinguendo adhibuissent incendio, et quantum laudis restaurandæ pacis studio comparassent. *Angeli* idcirco *pacis* vocati, et a serenissimo rege Joanne hujus nominis V, datis humanissimis cum gratiarum actione litteris, collaudati.

CAPUT IX

Quædam ab eo, dum provincialem ageret, patientèr tolerata.

§ 1. Etsi verò hæc Stanislao fuerit provinciæ gerendæ ratio, non defuere aliqui, etiam ex domesticis, homines, qui ejus patientiam dictis, fatisque exercerent.

Accidit in Fluminensi collegio, ut quemdam ex nostris sacerdotem, quod vitam viveret a societatis usibus alienam, paterna charitate

Passou-se o cazo em particular; porém o padre, pretendendo destruir os crimes contra ele articulados, exaltou-se por tal fórma, que lançou sobre Estanisláo, que tal não merecia, apodos xeios de falsidade e ignominia.

§ 2. Maior do que a grande temeridade do companheiro foi a paciencia do prelado, o qual não punio com pena alguma aquele convicio, embora gravissimo, nem o repelio com palavras.

A noticia do facto divulgou-se, mas nunca ninguem persuadio-se, que em couza referente a mera individualidade uzasse ele da sua autoridade contra um companheiro

Como é familiar aos varões santos, antes quiz ele tolerar as injurias, que lhe eram dirigidas, do que punir, quando aliás louvavel é buscar meios de atenuar a culpa do ofensor.

§ 3. Por justas cauzas transferio ele da fazenda de Camamú outro padre, que a administrava para a fazenda da Tijupeba. Dezagradou ao padre essa mudança de clima; e não tardou, que com insolita ouzadia propalasse a raiva contida em sua alma.

Pois sabendo que Estanisláo viria por vizita em dia proximo á fazenda da Tijupeba, partio para os indios Sachenses na distancia de 100 milhas, sómente para não receber o provincial no ospicio, e não saudal-o pessoalmente.

---

reprehenderet. In privato res agebatur : at sacerdos, dum objecta crimina conatur diluere, adèo commotus est, ut Stanislaùm, nihil tale merentem, probro affecerit falsitatis æque, ac ignominiæ pleno.

§ 2 Magna socii temeritate maior fuit moderatoris patientia, qui convicium illud, etsi gravissimum, nec ulla vindicavit, pæna, nec verbo quidem refellit.

Imò cum facti hujus notitia ad alios pervenisset, nunquam ab iis adduci potuit, ut in re, quæ unum se tangeret, sua in socium potestate uteretur. Id enim viris sanctis familiare est, ut quibus afficientur, injurias tolerare maluit, quàm punire ; aliquam rimantes viam, qua offensoris culpam extenuent.

§ 3. Sacerdotem alium e Camamuensi prædio, cujus procuratorem agebat, justis de causis ad Tijupebense transtulerat. Displicuit homini hæc cæli mutatio : nec diu fuit, quin conceptam animo rabiem propalaret insolenti facto.

Nam, cum audisset Stanislaum ad Tijupebæ prædium, visitandi causa, propediem venturum, ipse ad Sacchenses indos centum milliarium itinere profectus est, alio quidem prætextu, re tamen ipsa, ne provincialem hospitio exciperet, præsensque salutaret.

§ 4. Que esta fôsse a intenção do padre, bem o conheceu o prudente provincial, e como, avizando-o da sua chegada, debalde o esperasse, retirou-se d'aquele lugar, depois de razoavel demora, afim de percorrer os demais lugares que devia vizitar.

Este insolente facto abalaria o animo mais paciente. Estanisláo porém procedeu com inteira moderação de palavras, e de ações, como si reputasse justa e necessaria a auzencia do procurador, que assim abertamente quizera menoscabal-o.

§ 5. Em verdade embaraçado d'este modo pelos proprios companheiros, conseguio muitas vezes triunfar; e não superou com menor louvor aquelas couzas, que padeceo dos extranhos por cauza dos seus confrades.

Determinára Estanisláo a um confrade, que se mudasse de uma aldeia de indios, que dirigia, para outro lugar, deixando o encargo da administração. Esta transferencia do padre não pôde fazer-se sem que muito dezagradasse a certa pessoa extranha, que com elle contrahira amizade.

§ 6. Com efeito essa pessoa privada da abitual convivencia do amigo, escandalizou-se por tal fórma, que, exarando em carta a sua ira, vomitou contra Estanisláo tantos improperios quantos pôde proferir em plena liberdade, e no primeiro impeto de furor.

Como porém, contra toda a espectativa, recebesse

---

§ 4. Quænam homini mens esset, prudens agnovit moderator, cumque illum de suo adventu monitum frustra expectasset, post justum moræ tempus discessit e loco, cætera, quæ lustranda erant excursurus.

Insolens hoc factum etiam patientissimo cuique stomachum movere posset: nihil ominus ea tum verborum, tum animi moderatione se gessit Stanislaus, ac si procuratoris absentiam, qua illudi sibi aperte noverat, justam, necessar:amque reputaret.

§ 5. Hac porrò ratione, cum a suismet circumveniretur sociis, sæpe alias triumphavit: nec minore superavit laude, quæ ab externis suorum occasione perpessus est. Socio imperaverat Stanislaus, ut ab Indorum pago, cui præerat, alium in locum, deposita administrationis cura, se conferret. Fieri non potuit hæc socii translatio, quin externo cuidam, quo cum ille amicitias contraxerat, mirum displiceret in modum.

§ 6. Siquidem amici consuetudine orbatus homo adeo excanduit, ut, exarata ad id epistola, tot in Stanislaum probra evomerit, quot per summam licentiam, et in primo furoris impetu effundi poterant.

resposta xeia de palavras cortezes, mudou inteiramente de opinião, e transformado o descomedimento em admiração e urbanidade, mostrou-se agradecido pelo mesmo facto, que temeraria e impudentemente reprovára.

§ 7. Leve tempestade agora levantaram os Recifenses, si a compararmos com aquela que suscitou-se contra Estanisláo por ocazião do grave tumulto da guerra civil, de que acima falei.

Dous eram os alegados motivos de ofensa contra ele. O primeiro, porque mandára para fóra certos confrades imprudentes, que lhes favoreciam o partido ; o segundo, porque entregára ao bispo de Olinda, a quem odiavam, uma carta onroza escrita pelo prepozito geral da companhia, não sei sobre que motivo.

§ 8. Daqui grandes queixas contra a companhia ; as principaes porém erguiam-se contra Estanisláo, a quem por estes motivos acuzavam como fautor dos Olindenses. Nada deixaram de tentar, por meio de cartas escritas ao rei, para o macular com a infamia d'este crime.

Tanta porém foi a tolerancia de Estanisláo em sofrer estas couzas, quanto foi o agradecimento dos Recifenses para com ele e seos colegas, depois que, aplacados os animos, tornaram a si, e á sua indole nativa.

Verum, cum præter omnem suam opinionem responsum accepisset verborum comitate plenum, sententiam omnino mutavit, conversàque in admirationem, et urbanitatem licentia, gratias referre non destitit pro ea ipsa dispositione, quam temere, impudenterque reprobaverat.

§ 7. Levis hæc tempestas, si cum ea comparetur, quæ in Stanislaum flagrante, quod superiùs dixi, civilis belli tumultu à Recifensibus mota est.

Duo erant, quibus se ab eo putabant offensos. Primum, quod imprudentes quosdam socios, qui eorum favebant partibus, aliò misisset; alterum, quòd Olindensi episcopo, quem maximè oderant, honorificam tradidisset epistolam ab universæ societatis præposito, nescio qua occasione, conscriptam.

§ 8. Hinc magnæ in societatem querelæ; maximæ verò in Stanislaum, quem ex his capitibus, quasi Olindensium fautorem, accusabant. Nihil non tentatum, ut eum, datis ad regem litteris, hujus criminis infamia macularent.

At verò, quanta fuit Stanislai in his perferendis tolerantia, tanta erga ipsum, sociosque extitit Recifensium gratia, postquam, sedatis animis, ad se ipsos, nativamque indolem redierunt.

§ 9. Arduo e dificil certamente é sofrer injuria grave ; porém si esta procede de alguem de infima condição, maior virtude é sofrel-a com animo tranquilo, do que quando a recebemos de pessoas vulgares. Nem a Estanisláo faltou ocazião, durante o provincialato, de tirar dahi cauza de louvor.

§ 10. Retirava-se ele de certo predio rural do colegio fluminense, cuja vizita acabava de fazer, e o acompanhavam por curto espaço os confrades encarregados da administração d'esse predio, e os escravos empregados no fabrico do assucar.

Pouco tinham andado, quando do meio da turba dos escravos uma vil serva começou a bradar : — que ela admirava-se de que o padre provincial perante suas parceiras dicesse d'ela couzas, que se envergonharia de proferir qualquer omem dissoluto ; que ela era de condição, cuja fama pouco se prezava; mas que não podia deixar de doer-se, porque n'aquele coloquio fôra difamado outrem, cuja onra se deveria poupar.

§ 11. Com estas palavras alguns ficaram absortos, outros estremeceram, e todos anciozos esperavam as determinações do provincial sobre essa mulher dezavergonhada. Então Estanisláo, falando-lhe com rosto sereno, dice : *Retira-te, estás bem ensinada.*

---

§ 9. Gravem sustinere injuriam arduum profectò est, atque difficile : verùm, si ab infimæ conditionis aliquo irrogetur eam pacato animo ferre majoris videtur esse virtutis, quàm quæ vulgo haberi soleat. Nec defuit Satanislaò, cum provincialem ageret, unde hanc sibi laudem promereret.

§ 10. A quodam Fluminensis collegii prædio, cujus visitationem absolverat, recedentem ad breve comitabantur spatium et socii, quibus prædii ejusdem cura erat, et famuli, quorum opera in saccharo conficiendo utebantur.

Parum processerant, cum e media servorum turba clamore cæpit vilis ancilla : *mirari se, quod P. provincialis quædam de ipsa cum suis conservis oblocutus fuisset, quæ vel perditus homo proferre erubesceret, ejus se conditionis esse, cujus fama parùm curatur ; verum non posse non dolere, quòd alius fuerit eo in colloquio diffamatus, cujus honori parcendum erat.*

§ 11. Ad hæc verba alii obstupescere, fremere alii, omnes, quid provincialis in effrontem fæminam decerneret, avide expectare. Tum Stanislaus eam alloquens sereno vultu : *Facesse*, inquit *bene edocta es.*

Com estas palavras despedio a escrava furioza e o obsequiozo acompanhamento; e jamais castigou com pena alguma a audacia d'aquela mulher mentiroza.

§ 12. Em razão d'essa sua indulgencia para com os seos confrades persuadiram-se todos, que nenhum meio melhor avía de evitar qualquer castigo por parte de Estanisláo do que irrogar-lhe alguma injuria grave.

Nem por isto devemos julgar, que todos quantos contra ele pecaram foram induzídos ao acto por esta persuasão. Pois pelo contrario sucedia, que por essa cauza não diminuia a sua autoridade, quando alias ela crecia na estimação de todos, porque assim aparecia mais adornado de virtudes.

§ 13. E' certo, que a Estanisláo nenhuma infamia trouxeram as couzas,que lhe foram assacadas como cauza de oprobrio ; pois era tão notoria de todos a sua inocencia, que a não poderia expugnar a mais acrimonioza maledicencia.

Quão aceita de Deos fôra a sua tolerancia em suportar oprobrios, os sucessos o mostraram por mais de uma vez ; porquanto esta mansidão mais facilmente conseguio a emenda dos pecadores do que costuma fazer a acerbidade das penas.

Quibus verbis et furentem ancillam, et officiosum comitatum dimisit; quin mendacis fœminæ audaciam ulla unquam pœna mulctaret.

§ 12. Jam verò ex hac erga offensores suos indulgentia non uni persuasum est, viam cujusvis pœnæ sub Stanislao evadendæ nullam esse aptiorem, quàm ipsum gravi aliqua affecisse injuria.

Nec propterea opinandum est omnes, quotquot in illum quandoque peccarunt, ea fuisse ductos persuasione. Longe enim aberat, ut hac de causa ejus minueretur auctoritas, cum apud omnes èo plùs existimatione cresceret, quò virtutibus ornatior comparebat.

§ 13. Idque certum Stanislào nullam peperisse infamiam, quæ in ipsum opprobrii causa jactata fuerunt; siquidem omnibus notior erat ejus probitas, quàm ut a vehementiore etiam maledicentia expugnari posset.

Imò; quantum Deo accepta fuerit ejus in sustinendis opprobrils tolerantia, non semel probavit eventus ; cum hæc plerumque mansuetudo facilius, quàm solet pœnarum acerbitas, peccantium emendationem obtineret.

CAPITULO X

Fica na Bahia com poder absoluto

§ 1. Passado o trienio do governo, e deixada a administração da provincia, Estanisláo ficou no colegio da cidade da Bahia, onde depuzera o cargo.

§ 2. Aqui excitava todos á perfeição com o exemplo de sua vida e com a inocencia dos seos costumes; pois n'ele foi constante o amor da virtude e a solicitude na observancia da diciplina, quer obrasse como particular, quer procedesse como superior.

Embora cultivasse com esmero as virtudes convinhaveis a um religiozo, todavia em nenhuma d'elas punha maior empenho do que na umildade, como si fosse ela o fundamento de toda a perfeição.

§ 3. Não sei sob que pretesto pedio e obteve para abitar um cubiculo na parte inferior do convento destinada á moradia dos irmãos serventes.

Entre eles vivia satisfeito, como si nunca exercera o supremo regimen da provincia, e si na sua pessoa não estivesse ali prezente um conselheiro da ordem.

Acostumado a despensar famulos para o seo serviço pessoal, executava por si tudo quanto precizava. Frequentemente com suas proprias mãos lavava lenços e

---

CAPUT X

Bahiæ perstat magistratu absoluto

§ 1. Elapso regiminis triennio, curâque provinciæ dimissa, permansit Stanislaus in Bahiensis urbis collegio, ubi magistratum deposuerat.

§ 2. Hic exemplo vitæ, morumque innocentia reliquos ad perfectionem excitabat: nam constans in eo fuit, vel privatum ageret vel superiorem, tum virtutis amor, tum observandæ disciplinæ sollicitudo.

Etsi verò singulas, quæ religiosum decent, virtutes coleret diligenti opera, nihil humilitate, quasi totius perfectionis fundamento, antiquius habuit.

§ 3. Cubiculum, nescio cujus commodi prætextu, ad habitandum petiit, obtinuitque in ima ædium parte, quæ adjutorum fratrum habitationi destinata erat.

Hos inter degebat contentus, omni seclusa auctoritatis specie; ac si supremum provinciæ regimen exercuisset nunquam, neque ejusdem in præsentia consultor existeret.

meias do seo uzo, e a quem se lhe oferecia para taes serviços agradecia com urbanidade, dizendo que ninguem o servia tão bem como ele proprio.

§ 4. Procurou sempre viver ignorado, e não consentia facilmente em ser vizitado, principalmente por pessoas extranhas, com as quaes quazi não tinha outras relações alem das do confissionario.

Em funções publicas, que alias buscava escuzar, embora sempre aceito com onra, nunca entrava sinão coagido.

Era infenso á ostentação de conhecimentos doutrinarios, e engenhozamente evitava ocaziões de os exhibir: e antes queria parecer ignorante, do que fazer ostentação de siencias, em que aliás era perfeitamente instruido, com prejuizo da umildade.

§ 5. Este era o seo modo de viver e obrar, quando foi mandado para uma caza de noviciado ultimamente construida, mas ainda não acabada, nos arrebaldes da cidade, levando como companheiro um joven estudante, que convalecia de recente infermidade.

Não trouxe ninguem para esta abitação antes que podesse observar as leis da sociedade, e exigir a observancia d'elas, quanto o permitisse a saude do companheiro.

Embora este não suportasse a rigida destribuição do tempo, nem todos os deveres da sua condição, Estanisláo

---

Alterius sibi famulatum ubique solitus interdicere, quidquid opus haberet, per se ipsum exequebatur. Cum sudaria, tibialiaque suis ipse manibus passim lavaret, cuilibet operam ad id suam offerenti grates urbanè referebat, neminem sibi inquiens gratius famulari se ipso.

§ 4. Latere ubique studuit, nec adiri se facile patiebatur, maximè ab externis; quibus cum nihil ferè habebat commercii extra pænitentiæ tribunal. Publicis functionibus, in quibus se honore exceptum iri prævideret, nunquam intererat nisi coactus.

Doctrinæ ostendendæ perhorrebat occasiones, et industriosè vitabat; maluitque indoctus videri, quam scientiarum, quibus erat pulchrè instructus, spcimen dare cum aliquo humilitatis dispendio.

§ 5. Hæc illi erat vivendi, agendique ratio, cum ad probationis domum, nuper in suburbio extructam, nec dum perfectam, missus est; addito in comitem, qui e recenti ægritudine convalescebat, scholastico juniore. Hanc natus habitationem nihil duxit prius, quàm ut societatis leges servaret ipse, earumque exigeret observantiam, quantum socii valetudo ferret.

predispoz as couzas por tal forma que consultasse a caridade e a diciplina.

§ 6. Portanto assim dispoz tudo, que por muito tempo ficou por costume: rezar quotidianamente a missa na ora, que menos incomoda fosse ao mancebo infermo; não xamal-o para a missa antes de estarem prontas todas as couzas para o sacrificio da consagração da ostia; concluida a ação de graças, lêr para ele ouvir durante meia hora o livro das couzas sagradas; explicar a lição com os devidos comentarios; então preparar por suas proprias mãos uma porção de xocolate para o companheiro; e depois fazer tudo aquilo que o exigissem as condições do lugar e tempo.

Por isso para este mancebo nada jamais foi tão grato como a memoria d'aquele tempo, em que experimentou a eximia caridade do emerito ancião, bem como outras suas virtudes.

§ 7 Tamanha era a sua caridade, que não podia ficar contida nas estreitezas do claustro. Não foi Estanisláo n'aquela epoca bemfazejo somente para o companheiro, com quem abitava; a outros, que viviam nas vizinhanças do colegio, tambem extendeo a sua beneficencia.

Entre estes avia certo mancebo, a quem faltavam quazi todos os livros, que o uzo da sua escola exigia para poder proseguir no estudo das letras superiores.

Quoniam verò is nec rigidæ temporis distributioni, nec omnibus conditionis suæ officiis par erat, res ita disposuit Stanislaus, ut charitati æquè consuleret, ac disciplinæ.

§ 6. Igitur hæc statuit, diuque habuit in more: quotidiè sacrum hora illa conficere, quæ valetudinario juveni minus videbatur incommoda: eum non prius ad sacrum vocare, quam omnia in promptu essent immolandæ hostiæ necessaria; peracta gratiarum actione, librum de piis rebus tractantem eidem legere per semihoram: lectionem additis comentationibus explanare: tum chocholatæ potum suis ipse manibus socio parare: alia deinde agere, quæ loci, temporisque ratio postularet.

Undè nihil erat, quod illum postea juvenem demulceret suavius, quàm temporis illius memoria, quo emeriti senis tum eximiam erga se charitatem, cum virtutes alias expertus est.

§ 7. Major erat ejus charitas, quam ut se intra domus illius septa contineret. Non illi tantum, quocum habitabat, socio beneficus per id temporis fuit Stanislaus: ad eos etiam, qui proxime in collegio degebant, suam ipse beneficentiam extendit.

Hos inter quidam erat juvenis, cui libri deerant ferè omnes, quos, ut humanioribus litteris navaret operam, illius scholæ usus postulabat.

§ 8. Apenas Estanisláo soube d'isso dirigio-se por carta a um seo parente, que pertencia ao gremio da nossa sociedade, para que á sua custa remediasse a indigencia e necessidade do mancebo.

Não recomendou somente, que lhe comprasse os livros, que o uzo da escola exigia, mas tambem que adicionasse outros, com que ele podesse instruir-se mais dezembaraçadamente, e estudar com maior comodidade.

Com este mancebo Estanisláo não tinha comunhão de sangue nem de patria; todavia mui estreito era o vinculo da caridade, a qual, quando é sincera, não ama somente com palavras e com a lingua, mas tambem com obras e com a verdade.

§ 9. Da liberalidade de que costumava uzar para com os outros, procurou sempre evitar a reciproca retribuição.

Isto experimentou certo confrade, que, vindo da India para Portugal, tocára no porto da Bahia, como era costume, e se demorara n'aquela caza.

Lembrado talvez da caridade, com que outr'ora Estanisláo recebera no seo ospicio varios alunos da sua provincia, ofertou-lhe consideravel donativo de objétos da India, que como couzas peregrinas costumam apreciar-se.

---

§ 8. Simul atque id cognovit Stanislaus, consanguineo suo, qui et ipse de societate erat, per litteras injunxit, ut juvenis indigentiæ, detrimentoque suis expensis consuleret. Nec tantum præscripsit, ut libros emeret, quos exigeret scholæ usus, verà etiam ut alios adderet, quibus erudiri liberius, atque instrui commodius posset.

Et quidem eo cum juvene nulla erat, Stanislao nec sanguinis, nec patriæ communio: arctius tamen erat charitatis vinculum, quæ sane, cum sincera est, *non verbo tantum atque lingua, sed opere diligit ac veritate*.

§ 9. At verò qua largitate in alios ut consueverat, eamdem in se vicissim usurpari omninò voluit interdictum.

Id, cum ea in domo commorantem inviseret, quidam expertus est socius, qui ab orientali India in Lusitaniam pergens, Bahiensem portum de more attigerat.

Hic fortasse charitatis memor, qua olim Stanilaus, dum collegium regeret Bahiense, plurimos suæ provinciæ alumnos hospitio exceperat, indicarum rerum, quæ uti peregrinæ amari solent, donum ipsi obtulit non exiguum.

§ 10. Estanisláo porém recuzou o donativo com tal insistencia, que o socio de Goa perdeo toda a esperança de o dobrar; por isso durante a auzencia de Estanisláo buscou introduzir no cubiculo d'este os sobreditos objétos; e feito isto, retirou-se para o colegio antes que se descobrisse a fraude.

Soube Estanisláo do facto, assim transformado em obzequio, e xegando logo o óspede, entregou-lhe generozamente tudo quanto axára no cubiculo, rezervando tamsomente para uzo dos sacros altares os mais preciozos estofos de seda.

§ 11. O dinheiro, que seos parentes repetidas vezes lhe mandavam, punha ele á dispozição dos superiores, deduzindo apenas a quantia necessaria para comprar xocolate para uzo dos companheiros, que d'essa bebida careciam.

§ 12. Deixando o ospicio do noviciado, voltou para o colegio, e dentro de pouco tempo foi mandado como vice-provincial das regiões interiores da prefeitura da Bahia.

Era Estanisláo maior de 70 annos, e tinha a saúde arruinada; por isso parecia impossivel meter-se a caminho em regiões distantes quazi 900 milhas, e dificeis de tranzito em varias localidades pela falta de mantimentos e pela penuria d'agua. Todavia como era omem disposto á obediencia, pronto e satisfeito obedeceo, e executou a viagem ordenada.

---

§ 10. Quod Stanislaus tanta recusavit constantia, ut Goanus socius omnem ejus flectendi amiserit spem, proindèque in ipsius cubiculum, dum abesset, res illas introduci curaverit: quo facto, antequam fraus detegeretur, in collegium profectus est.

Non sine animi aflictione rem, utut, in obsequium adornatam, agnovit Stanislaus, statimque accersito comite, quiquid inductum reperit, elargitus est: pretiosiore tantum serico ad sacri altaris usum reservato.

§ 11. Nummos perinde, qui passim a propinquis mittebantur, superiorum arbitrio statuebat omninò, emendæ tantum chocholatæ parem summam accipiens, unde etiam sociis ejusdem potionis egentibus subveniret.

§ 12. Cum, relicta probationis domo, in collegium rediisset, non diu fuit, quin ad mediterraneas Bahiensis præfecturæ regiones pro-provincialis mitteretur.

Erat Stanislaus septuagenario major, et affecta gravatus valetudine; proindeque impar videbatur itineri suscipiendo in regiones nongentis

Com este exemplo de obediencia a todos servio de modelo, e mostrou quanta perfeição n'esta virtude tinha ele conseguido; assim como pouco antes ja tinha dado prova da sua completa umildade, quando sujeitou-se a vêr publicados os seos defeitos, e a ser punido com severidade.

§ 13. Com efeito ordenou o supremo prepozito, que ele com publica admoestação lavasse a culpa, que, como provincial, parecia ter cometido, deixando de executar certas ordens do mesmo prepozito; o qual todavia permitio, que a arbitrio do culpado ficasse a satisfação da pena.

Sobravam razões, pelas quaes poderia Estanisláo não só desculpar a sua omissão perante o prepozito geral, mas tambem aprezental-a como couza louvavel; todavia preferio sugeitar-se a grave pena, quando aliás a propria consiencia testimunhava a sua inculpabilidade.

E para servir de exemplo não só referio a sua culpa perante os companheiros, e beijou os pés dos que sentavam-se á meza, como tambem, inclinado sobre o xão, assistio á ceia, e flagelou-se com aspero azorrague.

Partindo para percorrer os pontos interiores como provincial, deixou estes recentissimos exemplos de obediencia e de umildade.

---

fere milliaribus remotas, atque victus, et aquæ penuria multis etiam in locis perdifficiles. Attamen, quæ erat hominis ad obediendum alacritas, promptus libensque obtemperavit, atque præscriptum iter suscepit.

Quo obediendi exemplo magnæ omnibus fuit ædificationi, atque una ostendit, quantam fuerit ejus virtutis perfectionem adeptus: quemadmodum in eo, quòd voluerit defectus suos palam exponi, et cum severitate puniri, humilitatis eximiæ paulo ante argumentum præbuerat.

§ 13. Etenim ipsi mandaverat supremus societatis præpositus, ut animadversione publica noxam elueret suam, quam, dum provincialem egerat, contraxisse videbatur in omittenda quorumdam ipsius præpositi ordinum executione: pœnam tamen subeundam ejus arbitrio permiserat.

Rationes suberant bene multæ, quibus posset Stanislaus omissionem suam non modò apud generalem præpositum excusare, verùm et laudabilem persuadere: maluit tamen, quem propria conscientia innocuum testabatur, grave se pœnæ subjicere.

Quod ut præstaret, non tantùm suam ipse coram sociis recitavit culpam, simulque pedes in triclinio sedentium osculatus est, at humi etiam accumbens cænam habuit, seque verberatione affecit severissima.

Hac ille, cum ad lustranda provincialis loco mediterranea profectus est, recentissima tum obedientiæ, tum humilitatis exempla reliquit.

§ 14. Feita a vizita, dentro de poucos mezes regressou ao colegio da Bahia, onde não afrouxou na cultura de uma e outra virtude, como anteriormente costumava praticar.

Com grande reverencia cumpria a vontade de qualquer superior, embora relativa a couzas despreziveis; e nunca a idade avançada nem outra qualquer circunstancia servio de pretesto á sua decrepitude para não obedecer aos preceitos dos governantes.

§ 15. Não obstante amar o silencio e a solidão, estava sempre pronto para acompanhar aos confrades que tinham de sahir do convento para qualquer fim, quando ao reitor assim aprazia determinar.

Certo da sua dezignação para este mister, respondia á notificação com admiravel placidez d'alma, que ficava siente, e com igual satisfação indagava da óra destinada para a sahida, afim de oportunamente colocar-se na porta, e não cauzar ao confrade o incomodo da espera.

CAPITULO XI

Passa do colegio da Bahia para o de São-Paulo.

§ 1. Xegando Estanisláo quazi á extrema velhice, e aumentando necessariamente as infermidades proprias da

---

§ 14. At verò, cum paucos intra menses, peracta visitatione, ad Bahiense collegium rediisset, non destitit ab utraque virtute colenda, quemadmodum omni antea tempore consueverat.

Superioris cujuscumque, abjectiora etiam imperantis, summa reverentia voluntatem exequebatur: nec unquam aut ætatem senio gravem, aut quid aliud causatus est, ne moderatorum nutui obtemperaret.

§ 15. Quamquàm silentium amaret ac solitudinem, paratus omninò erat, ut quoties rectori placeret, omnes quotquot essent domo egressuri, comitaretur.

Audita sui ad hoc munus designatione, dicto audientem se fore mira animi æquitate respondebat, horamque exeundo destinatam inquirebat pari alacritate, ut opportune ad januam veniret, nec socium afficeret expectandi molestia.

CAPUT XI

E Bahiensi collegio ad Paulopolitanum emigrat

§ 1. Cum ad ultimam ferè ætatem pervenisset Stanislaus, ægritudinesque ætati coævas auctum iri necesse esset, visum est superioribus eum ad urbem Divi Pauli transmittere, ubi senectutis incommoda

idade, pareceo aos superiores conveniente, que ele se transportasse para a cidade de São-Paulo, onde menos penozamente suportaria os incomodos da senectude em consequencia da benignidade do clima patrio, e ao mesmo tempo esmolando entre os seos conterraneos (conforme lhe permitisse a molestia) obtivesse algum dinheiro, com que se podesse promover a beatificação do veneravel padre Jozé d'Anchieta.

Portanto, correndo o anno de 1722 e tendo Estanisláo 74 annos de idade, transferio-se ele para São Paulo.

§ 2. Nem esta mudança de lugar trouxe acontecimento algum dezagradavel.

Pois sendo confessor do vice-rei da Bahia, n'esta auzencia axára meio de dispensar-se da onra d'aquele encargo, como muito dezejava, sem ofensa alguma do mesmo vice-rei.

§. 3. Aportando com feliz navegação ao Rio de Janeiro, como lhe fôra recomendado, declarou o encargo de que fora incumbido de vizitar no seo tranzito, e com os poderes e predicamento de provincial, o convento de S. Miguel na cidade de Santos, e o de S. Ignacio entre os Paulistas, assim como as aldeias adjacentes dos indios e as nossas rezidencias.

Por esta razão começada a viagem e partindo para ali, executou equitativamente todos os encargos da sua comissão com tanto louvor, quanto já merecêra no dezempenho de outras funções do seo ministerio.

---

minus ægrè patri cæli beneficio perferret, simulque a suis quoad per valetudinem liceret) aliquam emendicando coligeret pecuniæ summam, qua venerabilis patris Josephi Anchietæ beatificatio promoveri posset.

Igitùr, vertente anno millesimo septingentesimo vigesimo secundo, ætatis verò suæ septuagesimo quarto, eò se retulit Stanislaus.

§ 2. Neque injucunda illi contigit hæc loci mutatio. Nam, cum esset Bahiensi pro-regi a confessionibus, ea tandem absentia modum invenerat, quo illius muneris honorem, ut summis optarat votis, nulla pro-regis justa offensione declinaret.

§ 3. Secunda navigatione ad Januarii Flumen appulsus, quod in mandatis deferebat, munus exprompsit, loco videlicet provincialis, ipsiusque nomine tum Divi Michaelis in opido Sanctorum, tum Divi Ignatii apud Paulopolitanos collegium, unàque adjacentes Indorum pagos, ac nostrorum residentias in transcursu perlustrandi.

Quare, instaurato itinere, eò profectus, muneris commissi partes tanta implevit æquitatis laude, quantam sæpe alias eodem in officio promeruerat.

§ 4. Assim deo exemplo de perfeição evangelica digno da imitação dos varões religiozos, e da admiração dos demais omens.

Na verdade o principio da vizita deo logo em rezultado a despedida de um filho de sua irman do gremio da companhia, desprezado o vinculo do sangue. Tal era a dezapego d'este omem polos parentes!

§ 5. Percorridos os ospicios do Brazil austral, dos quaes falei, fixou rezidencia no colegio de São-Paulo. Aqui disposto para o exercicio do sagrado ministerio, nada fez antes de dar conta da sua vida.

§ 6. Era costume recebido por uzo antigo dos nossos templos celebrar os oficios divinos todos os dias de madrugada, para que não faltasse comodidade de ouvir missa aos que vivem do trabalho diario. Esta óra escolhêra ele no colegio da Bahia para consagrar as primicias do dia á ostia celestial; a mesma conservára em São-Paulo, onde o clima é frigido.

Porquanto em toda a parte costumava despertar os outros, e isto que outr'ora fazia por piedade, agora determinára cumprir por caridade, afim de que livrasse de incomodo os seos companheiros.

Por isso, advertido o sacristão, acautelou, que dali por diante ninguem fosse xamado para celebrar n'esse tempo; ele porém dezempenharia o sagrado oficio na fórma estatuida.

---

§ 4. Imò evangelicæ perfectionis exemplum edidit, non minus imitatione dignum apud reliogiosos viros, quàm apud cæteros admiratione. Siquidem visitationis initium ab eo duxit, quòd, spreto consanguinitatis vinculo, sororis filium è Societati demitteret. Tanta hominis erat à propinquis alienatio.

§ 5. Lustratis, de quibus dixi, Australis Brasiliæ domibus, habitationem fixit in Paulopolitano collegio. Hic otium natus ad exercenda societatis ministeria, nihil egit prius, quàm ut vitæ suæ rationem institueret.

§ 6. Mos erat in templis nostris antiquo usu receptus, ut quotidie sacrum fieret sub auroram, ne iis, qui ex diurno labore victitant, audiendæ missæ commoditas deesset. Hanc sibi horam, ut diei primitias cœlesti hostiæ consecraret, in Bahiensi collegio elegerat Stanislaus: eandem in Paulopolitano, ubi frigidius est cælum, etiam retinuit.

Nam, ut erat aliis sublevandis ubique pronus, id, quod ex pietate olim susceperat, etiam ex charitate obire decrevit, ut socios ab incommodo liberaret.

Quare ædituum præmonendo cavit, nequis deinceps ad celebrandum eo tempore vocaretur; siquidem ipse statutum sacrum obire poterat.

§ 7. Isto nunca preterio; sinão quando era detido por molestia grave; e depois consumido longo espaço de tempo em ação de graças, e empregados breves momentos no trato corporal, voltava ao templo para acudir á confissão dos penitentes.

Tão assiduo freguentava o tribunal sagrado, que d'ele não se arredava (couza assás admiravel em um velho septuagenario e fraco) sem verificar que ninguem mais avía para expiar culpas.

§ 8. Então o infatigavel velho vinha para a sala proxima da porta principal, onde, em tribunaes a cada passo levantados, se costuma ouvir os omens, como as mulheres ouvem-se no templo, afim de ajudar ali aos companheiros dedicados ao mesmo ministerio até que recebessem a confissão de todos quantos acudiam.

Com este procedimento não só prestava grande serviço aos penitentes, como excitava os confrades a praticar a mesma couza.

§ 9. Na verdade o reitor do colegio acostumado a empregar-se com Estanisláo em ouvir os confitentes, ingenuamente confessava, que nunca atrevia-se a deixar o trabalho emquanto tinha diante dos olhos o exemplo do venerando ancião, que proximo estava.

Quando porém concorria multidão de povo com maior frequencia, concluida a ação de graças depois da missa,

---

§ 7. Ilud propterea, nisi gravi detentus morbo, intermisit nunquam: longo deinde temporis spatio gratiis agendis collocato, curandoque corpori brevissimè consulens, ad excipiendas accurrentium confessiones redibat in templum.

Atque adeò sacro tribunali adhærebat assiduus, ut (quod in septuagenario, debilitatoque seni valde mirum) non prius ab eo recederet, quàm superesse neminem cognovisset a noxis expiandum.

§ 8. Tum verò ad aulam communi januæ proximam, ubi erectis passim tribunalibus viri, sicut in templo fœminæ, audiri solent, indefessus accurrebat senex, ut ibi socios eidem ministerio intentos adjuvaret, donec, quotquot confluxerant, omnium confessiones exciperentur.

Qua agendi ratione non modò strenuam ipse pænitentibus expiandis præstabat operam, verùm etiam alios ad idem præstandum excitabat.

§ 9. Equidem collegii rector, unà cum Stanislao confessionibus audiendis vacare solitus, fatebatur ingenuè nunquam a labore ausum se paulisper cessare, cum venerandi senis, qui proximè aderat, sibi ante oculos obversaretur exemplum.

Quoties verò frequentiores populi multitudo conflueret, absoluta

Estanisláo dirigia-se ao tribunal da penitencia, esquecido da uzual refeição matutina.

Algumas vezes suportava a fraqueza do estomago para não demorar o sacramento da reconciliação aos que o procuravam.

§ 10. Este genero de austeridade porém, que ele por umildade buscava encobrir, não tardou em manifestar-se pela debilidade das forças corporaes.

Em certo dia, ouvindo penitentes, por ocazião de mais diuturno e numerozo concurso, o ancião desfaleceo, e por fim cahio em deliquio.

Por isso o reitor do colegio, conhecida a origem do mal, diligentemente prevenio para que dali por diante Estanisláo não ocupasse o confessionario, estando em jejum.

Cumprio Estanisláo o preceito; mas todo o tempo, que perdia com esta obediencia, recuperava com a omissão do jantar todas as vezes que, dado o sinal do refeitorio, ainda existiam penitentes por confessar.

Afligia-se então o reitor, quando por qualquer circunstancia ou por negligencia não xamavam o retardatario confessor e assim o não afastavam do trabalho.

§ 11. Como porem a caridade é engenhoza, accedendo prontamente á voz da obediencia, ele na verdade deixava os penitentes, porém advertidos que de tarde voltassem para o mesmo fim, afirmando que então de boa

---

post sacrum gratiarum actione, statim ad pænitentiæ tribunal currebat Stanislaus, cura matutinæ refectionis omissa.

Satius enim ducebat aliquandiu debilis stomachi sustinere languorem, quàm differri petentibus reconciliationis sacramentum.

§ 10. Verum tamen hoc austeritatis genus, quod ille præ humilitate occultum vellet, diu passa non est, quin manifestum redderet, virium corporalium tenuitas.

Quadam enim die, cum diuturnius, frequentioris concursùs occaione, confitentibus præbuisset aures, ita defecit longævus senex, ut exanimis tandem corruerit.

Undè rector, cognita mali origine, diligentèr cavit, ne deinceps ad sacrum tribunal jejunus accederet. Morem illi gessit Stanislaus: at quidquid temporis ea in obedientia consumeret, totum rependere prandii omissione paratus erat, quoties dato ad illud signo pænitentes supererant audiendi.

Satagebat proinde rector, ne morantem vocare ad prandium, et ab opere arcere casu aliquo, aut negligentia omitteretur.

§ 11. Cæterùm, ut ingeniosa est charitas, obedientiæ voci promptè obsecundans, pænitentes quidem relinquebat, monitos tamen, ut vespere

mente lhes prestaria os seos serviços, pois agora era ocazião de obedecer.

Passado breve tempo necessario ao jantar e ao descanso da sésta meridiana, via-se ele voltar ao confessionario para renovar e completar a obra interrompida pelo preceito da obediencia.

§ 12. Por isso muitos fiéis, na ora do dia em que mais comodamente o podiam fazer, frequentavam a nossa caza para confessar os pecados, dezejozos de ter como confessor o fiel Estanisláo.

Embora admitisse todos os freguezes sem distinção de pessoas, comtudo costumava receber de melhor vontade e mais benignamente os umildes, os quaes, como destituidos do favor umano, muito recomenda a sua mizera condição.

§ 13. Não era novo em Estanisláo o amor d'este ministerio; pois, como algures foi comemorado, nunca se absteve de o exercitar entre os cuidados das prefeituras, que exerceo.

N'estes ultimos tempos porém, reconhecendo-se menos apto para outros ministerios em razão da idade, aplicou-se a este unico exercicio, no qual nenhum outro sacerdote postoque robustissimo o poderia talvez exceder.

---

ad propositum reverterentur, affirmans operam tunc illis suam libentissime collocaturum, quandoquidem in præsenti obediendum erat.

Hinc visus identidem fuit, interposito brevi tempore ad prandium. et pomeridianam quietem necessario. rursus ad tribunal redire, ut interruptum obediendi causa opus instauraret, atque compleret.

§ 12. Multi propterea, qua commodiùs poterant diei hora, domum nostram ad peccata confitenda ventitabant, sibi certò polliciti paratum in Stanislao confessarium habituros.

Quamquàm verò, nulla fermè personarum acceptione venientes admitteret, libentiùs tamen, atque beniguiùs humiles amplexari consuevit, quos apud ipsum, humanà quasi ope destitutos, plurimùm commendabat eorum abjecta conditio.

§ 13. Haud novus erat in Stanislao hujus ministerii amor; nam, ut alibi memoratum est. etiam inter præfecturarum, quas obivit, curas ab eo exercendo nunquam abstinuit.

Sed postremis hisce temporibus, cùm se ministeriis aliis præ senectute minus aptum cognosceret, huic uni eo insudavit studio, quo fortasse majus neque a robustissimo aliquo expectari posset.

Ad sellam pœnitentiæ diebus etiam profestis se referebat, tametsi unus, alterve. et quandoque nullus per confessionem expiandus accederet.

Ainda nos dias festivos recolhia-se á cela da penitencia, embora aparecesse apenas um ou outro e ás vezes nenhum penitente em busca da confissão.

§ 14. Então para que nenhum cabimento désse ao ocio, ocupava o tempo em recitar as oras canonicas, e outras preces; e este costume ele manteve até o dia do seo falecimento.

Assim contrahio tão arraigado o abito de administrar este sacramento, que em certa ocazião, ardendo em febre, como si ouvisse de confissão a um penitente, que em seo delirio julgava ter ante si relatando pecados, perguntou, si por ventura comia carne em dia prohibido, e com palavras ajustadas deo-lhe a absolvição.

CAPITULO XII

Promove a observancia da diciplina interna

§ 1. O verdadeiro filho da companhia, si, em conformidade do seo dever, tem zelo pelas almas e pela gloria divina, convem sobre tudo, que o exerça dentro das paredes conventuaes, e procure em espirito agradar a todos aqueles com quem vive.

---

§ 14. Tum verò, ut, locus otii restaret nullus, horis canonicis, aliisve precibus recitandis tempus collocabat: quam ille consuetudinem ad eam usque diem, qua decubuit ad interitum, prosecutus est.

Quo pacto tantum sacramenti istius ministrandi usum contraxit, ut febri etiam laborans auditus fuerit pænitentem, quem apud se peccata deponere per delirium putabat interrogare, an carnibus die vetito pastus esset, eidemque absolutionem, statis verbis impertiri.

CAPUT XII

Disciplinæ observantiam domi promovet

§ 1. Verus societatis filius, si prout debet, zelum animarum, et gloriæ divinæ habeat, imprimis illum oportet intra domesticos parietes exerceat, et nostros omnes, quibuscum vivit, in spiritu juvare contendat.

Como a perfeição da nossa sociedade seja couza de tamanha importancia para a gloria de Deus e para a salvação do proximo, não póde o varão pio trabalhar devidamente em favor dos fieis com aquela diligencia, a que é obrigado, si por ventura tambem não se empenha pelo bem espiritual da sociedade.

Por isso emquanto trabalhava por limpar a consciencia das pessoas extranhas á comunidade, Estanisláo tambem cuidou por todos os meios possiveis de excitar os confrades á perfeição da vida.

§ 2. O seo principal cuidado foi proceder de modo que servisse de exemplo a todos os companheiros, não se subtraindo á lei ou a trabalho algum, afim de que os mais moços não tivessem pretesto para desvios.

Pois assim como nas familias regulares dos religiozos nada é mais perniciozo do que a vida dos mais velhos pouco conforme com á diciplina claustral, assim tambem com razão persuadia-se de que a reverencia dos mesmos pelas leis, sendo constante e perfeita, muito contribuia para conter os demais na diciplina.

§ 3. Conhecia por experiencia repetida, que os religiozos eram tanto mais facilmente impedidos de alcançar o seo fim quanto mais facilmente mantinham relações externas, sem urgente necessidade.

Por isso muito dezejava Estanisláo, que os confrades

Cum enim societatis perfectio tanti sit momenti ad Dei gloriam, et proximorum salutem, his cooperari, qua tenetur diligentia, omninò non potest, nisi spirituali societatis bono etiam studeat.

Quarè, mundandis extemorum conscientiis dum navaret operam id etiam curavit Stanislaus, ut socios, quibus poterat industriis, ad vitæ perfectionem excitaret.

§ 2. Præcipua illi cura fuit ita se gerere, ut reliquis esset exemplo, nulli aut legi, aut labori se subtrahens, ne libertatis etiam quærendæ ansam caperent juniores.

Nam, quemadmodum sacris religiosorum familiis nihil est perniciosius, quàm antiquiorum vita minus ad religiosam disciplinam composita, sic meritò sibi persuaserat ipsorum erga leges reverentiam, si constans ea sit atque perfecta, plurimum valere ad reliquos in disciplina continendos.

§ 3. Multiplici noverat experientia religiosos eò impediri faciliùs, ne ad suum finem perveniant quò frequentiùs cum externis, nulla urgente necessitate, commercium exercent.

Quare vehementer optabat Stanislaus, ut a nostris quàm rari domo

pouco saissem do convento, e sómente o fizessem, quando o exigisse a salvação do proximo, ou qualquer outra necessidade verdadeira.

§ 4. Isto ele conseguio no colegio de São-Paulo, não coagindo os animos á solidão com violencia, mas sim incitando-os com atrativos para que, tentando e paulatinamente operando, acendesse nos colegas o amor d'essa mesma solidão.

Portanto nos dias feriados, nos quaes costumavam sair do convento á ora do meio dia, convidava todos os confrades para que a uma óra da tarde reunissem-se em certo logar do colegio. Ahi propostos premios, consistentes principalmente em bentinhos, rozarios, retratos de santos, disputavam sobre todas essas couzas, que na sociedade se permitem como entretenimento; e assim os detinha até xegar a noite.

D'este modo insensivelmente obteve, que, moderado o dezejo de passear, ninguem se afastasse do convento sem justa cauza.

§ 5. Ele tambem tomava parte no passatempo, e permitindo a ocazião, introduzia pios coloquios, com que se sucitasse o amor e o exercicio da virtude, quando nenhuma circunstancia vinha preterir ou interromper o assunto.

---

egressus lierent, nisi eos aut proximorum salus, aut vera alia necessitas postularet.

§ 4. Idque in paulopolitano collegio assecutus est, non quidem vi ad solitudinem animos impellendo, sed illiciis potiùs inescando, quoad ejusdem amorem sensim conando agendoque in illis accenderet.

Igitur feriatis diebus, quibus domo egredi pomeridiano tempore consueverant, socios invitabat omnes, ut ad certum collegii locum altera post meridiem hora convenirent.

Propositis ibi præmiis, in cunculis nimirum, rosariis, depictis sanctorum imaginibus, idque genus aliis, de quibus per ludos in societate permissos decertarent, eos ad primam noctem morabatur.

Quo sensim obtinuit, ut, frigescente vagandi desiderio, nullus domo, nisi justa de causa, pedem efferret.

§ 5. Ipse quoque ludis intererat, nactusque occasionem pia ininserebat colloquia, unde virtutis amor ac studium, si non nihil sopiri, aut remitti contingeret suscitarentur.

Idque evenit, quod erat præcipùe ab Stanislao intentum, ut domesticæ recreationis locus, qui adiri cæperat animi relaxandi causa, etiam ex religione, ac virtutis amore frequentari deinceps pergeret.

Aconteceo, como era principal intento de Estanisláo, que o lugar da recreação domestica, que começára a ser concorrido para refocilar o espirito, depois era frequentado por cauza da religião e por amor da virtude.

Nem faltou alguem d'entre os nossos confrades, que atestasse com formaes palavras, que repetidas vezes se retirára d'aquele lugar muito mais imbuido na piedade do que para ali tinha ido ; e em razão do piissimo costume de Estanisláo, sentia surgir em si novo fervor de animo, com que inflamava-se na virtude.

Não é mera conjetura, que o mesmo acontecesse a outros, quando quazi todos os confrades n'esse tempo porfiavam por maior perfeição propria e alheia.

§ 6. Emquanto os irmãos leigos do convento ocupavam-se com os exercicios espirituaes do nosso santo padre, costumava Estanisláo vizital-os de noite, e os exortava a entregar-se diligentemente a essas meditações, e mostrar depois na perfeição aquele cuidado, que a nossa sociedade espera de seos filhos por meio d'estes exercicios.

§ 7. Lembrado de que d'entre os negocios atinentes ao destino do nosso instituto, nenhum outro é mais util do que a educação da mocidade, de que nos incumbimos, ardentemente anhelava, que os mancebos se instruissem nas letras e nas virtudes com toda a possivel aplicação.

Neque defuit ex nostris, qui conceptis verbis testaretur, non semel ab eo se loco recepisse pietati multo affectiorem, quàm venerat; piissimaque Stanislai consuetudine novum animi concepisse fervorem quo se ad virtutem inflamari sentiebat.

Id quod etiam aliis evenisse non inanis est conjectura, cum omnes ferè socii majus tum propriæ, tum alienæ perfectionis studium ea tempestate præseferrent.

§ 6. Adjutores rei domesticæ fratres, dum spiritualibus beati patris nostri exercitiis vacarent, solitus erat Stanislaus quotidie sub noctem invisere, hortarique, ut commentationes illas diligenter peragerent, eamque deinde ostenderent perfectionis curam, quam per hæc exercitia de filiis suis expetit societas.

§ 7. Nec immemor ipse ex negotiis, quæ ad instituti nostri rationem pertinent, vix aliud esse utilius, quàm suscepta puerorum educatio, vehementer optabat, ut litteris, ac virtutibus, quàm rectissimè poterant, imbuerentur.

Para esse fim pois cogitou na construção de um seminario; perdida porem a esperança de ser coadjuvado pela riqueza dos parentes, como dezejava, vio-se coagido a renunciar á projetada construção.

CAPITULO XIII

Acode á pobreza do colegio de São-Paulo, e da provincia de Malabar

§ 1. Depois d'estas couzas, para que nada faltasse á caridade, Estanisláo tambem aplicou o seo animo e cuidado ao bem temporal dos companheiros. O colegio de São-Paulo sofria tamanha carencia das couzas, que mal podia manter decentemente comunidade de numero diminuto de pessoas.

Estanisláo não tolerou esse estado de couzas; e como era varão de insigne prudencia, que olhava não só para o prezente mas tambem para o futuro, determinou constituir uma fonte de renda, donde tirasse subsidio annual

---

Quem in finem etiam de condendo seminario cogitavit: sed a consanguineis, quorum opibus ædificare constituerat, præter spem repulsus ædificationem deponere coactus est.

CAPUT XIII

Paulopolitam collegii et provinciæ Malabaricæ paupertatem sublevat.

§ 1. Post hæc temporali etiam sociorum bono, nequa ex parte charitati deesset, animum curamque adhibuit Stanislaus. Laborabat paulopolitanum collegium tanta rerum inopia, ut exigui numeri familiam vix alere decentèr posset.

Non tulit hoc Stanislaus, utque erat insigni prudentia vir, non solum in præesens, verum etiam in posterum longe prospiciens,

para a sustentação da gente e para as despezas do culto, e podesse assim constantemente rezistir á atribulações da penuria, e ás dificuldades da carestia dos generos.

§ 2. Assim com rogos induzio Jozé de Campos, seo irmão germano, e abundante de bens da fortuna, a doar ao colegio certo terreno situado no lugar denominado Guarehi; depois persuadio o reitor a comprar o campo contiguo para de ambos os terrenos formar uma fazenda de criação de gados, com que podesse suprir a inopia das couzas.

Feito isto, faltava axar um administrador diligente para a fazenda; o numero exiguo dos confrades, apenas suficiente para prestar serviços na cidade, dificilmente podia dispensar alguem para outro mister.

Estanisláo porém, embora parecesse debil para esse trabalho por cauza da idade octogenaria, animado por sua caridade e demais virtudes, ofereceo-se espontaneamente aos colegas para a laborioza administração do novo predio.

§ 3. Prometeo dezempenhar a sua incumbencia de forma que nem faltasse aos companheiros nos trabalhos proprios da cidade, nem aos encargos da fazenda, embora podesse ele eximir-se de uma e outra obrigação em

---

fundum aliquem moliri statuit, undè annuo ad victum cultumque accepto subsidio, inopiæ ærumnas, et annonæ difficultatem perpetuò arceret.

§ 2. Itaque Josephum de Campos, fratrem suum germanum et fortunæ bonis affluentem, precibus induxit, ut quemdam terræ tractum collegio donaret, in Guarehiensi, quam vocant, regione situm: rectori deindè persuasit, ut campum emeret primo contiguum, ex quibus prædium fieret armentorum capax, unde rerum inopiæ subveniri posset.

His rectè constitutis, supererat diligentem prædii curatorem invenire: exiguus enim sociorum numerus, præstandisque in urbe muneribus vix sufficiens, alio distrahi difficultèr poterat. Verum Stanislaus, quamquàm huic impar labori per octogenariam ætatem videretur, sua in socios charitate, aliisque animatus virtutibus, ad laboriosam novi prædii curam sponte se obtulit.

§ 3. Ad id verò ita operam promisit suam, ut nec sociis in civitatis excolendæ negotio, nec prædii rationibus deesset, gravi licet ætate, infirmàque valetudine ab utroque eximi omninò posset.

virtude da sua avançada idade, e da fraqueza da sua saúde.

Assim percorria a fazenda todos os annos, e considerando atentamente o que convinha fazer ou omitir, mandava executar as suas deliberações por omens escolhidos para esse fim; depois regressava ao colegio para entretanto dedicar-se á obra da salvação das almas.

Com este modo de proceder não pôde deixar de excitar a admiração dos contemporaneos, e de oferecer exemplo de infatigavel caridade ainda oje memorada pela posteridade.

§ 4. Para que bem possamos compreender de quanto trabalho encarregou-se este ilustre confrade, convem ponderar, que o novo predio, de que falamos, dista 90 milhas da cidade de São-Paulo.

Assim Estanisláo na excursão annual de ida e vinda percorria 180 milhas, e isto fazia andando por lugares em grande parte dezertos, não totalmente privados de abitantes, porém xeios de perigos.

§ 5. Era precizo a cada passo evitar animaes ferozes; vencer montes ingremes; sofrer a intemperie do clima, e outras couzas iguaes, que na verdade pareciam arduas ainda para omem de idade vigoroza.

Novum igitur quotannis lustrabat prædium, et quid fieri, quid omitti deberet, maturè perspiciens, conductis ad id hominibus exequendum mandabat: se deindè ad collegium referebat, operam interim suam animarum saluti collocaturus.

Qua agendi ratione non potuit, quin præsentibus admirationem excuteret, indefessæque charitatis exemplum relinqueret tota deinde posteritate memorandum.

§ 4. Ut verò concipi omninò valeat, quantus ab eo fuerit susceptus labor, perpendatur opportet novum, quo deloquimur, prædium ab urbe divi Pauli dissitum esse milliaribus nonaginta.

Quare ab Stanislao, dum quotannis iret, rediretque, centum et octoginta milliarium iter conficiendum, idque per loca magnam partem deserta, nec modò incolis vacua, sed periculis plena.

§ 5. Immanes belluæ passim declinandæ: prærupti superandi montes: ferenda aeris intemperies, idque genus alia, quæ vel robustæ ætatis viro ardua profecto viderentur.

Todavia quiz ele, velho octogenario, suportar estas couzas para que prestasse ao colegio algum auxilio, e ajudasse aos seos companheiros no exercicio dos sacramentos.

§ 6. Não devemos omitir, que todo o fardel das viagens, e as couzas necessarias para as obras do predio, Estanisláo fazia a espensas de seo irmão Jozé, emquanto o colegio de São-Paulo não recebia, mas esperava com certeza receber pingues rendimentos d'esse predio.

§ 7. Por esse tempo aconteceo, que na regia oficina da fundição do ouro axou-se certa quantidade d'este metal com indicação do nome de Estanisláo avaliada em mais de 540 escudos.

Pela inscrição claramente conhecia-se ser o donativo feito a Estanisláo; quem fosse porém o autor do donativo ficou tão oculto que nem o proprio Estanisláo, nem outra qualquer pessoa jamais o pôde saber, nem ao menos suspeitar.

Por tanto uzando de pia munificencia, como outras muitas vezes fizera, doou á igreja do colegio de São-Paulo toda a quantidade de ouro axado, com a condição porém de aplicar-se a uma capela do veneravel padre Jozé

Hæc tamen subire voluit octogenarius senex, ut aliquod emolumentum collegio afferret, simulque socios in exercendis ministeriis adjuvaret.

§ 6 Nec omittendum, quòd omnia, tum parando itineris viatico, tum prædii operis necessaria, sumptibus Josephi fratris redimeret Stanislaus dum interim paulopolitanum collegium pingues ex eodem prædio redditus aut reciperet, aut certò speraret.

§ 7. Per id etiam tempus evenit, ut in regia auri fundendi officina quodam hujus metalli inveniretur pondus, Stanislai inscriptum nomine, et scutorum quadraginta supra quingenta pretio æstimatum.

Id factum Stanisláo donum ex inscriptione plane dignoscebatur: quis tamen fuerit doni auctor, eum latuit in modum, ut nec Stanislaus ipse, nec quisquam alius, aut de illo fieri certior, aut saltem conjicere unquam potuerit.

Pia igitur, ut identidem aliàs, usus munificentia, totum, quod inventum fuerat auri pondus, paulopolitani collegii templo donavit, hac tamen lege, ut venerabili patri Josepho Anchietæ dicaretur

d'Anchieta, quando pela sé apostolica lhe fôsse decretada a onra do culto publico.

§ 8. Grande era o amor de Estanisláo para com a sociedade; por isso preferio esta ao colegio de São-Paulo para conferir-lhe o beneficio.

Aumentou a riqueza de todos os colegios e cazas, que administrou, restaurando os seus predios com maxima solicitude; para o que servia-se da grande liberalidade dos seus parentes e principalmente de seu irmão Jozé.

Não contentava-se com os beneficios feitos á provincia do Brazil; pois consta ter despendido as riquezas de seus parentes em proveito de provincias instituidas fôra do Brazil.

§ 9. O padre Brolhas Antonio Brandolini, mandado com o cargo de procurador para a provincia do Malabar, regressando da India oriental para Portugal por via da Bahia, testifica, que 500 e ás vezes 600 escudos eram todos os annos enviados por Estanisláo aos confrades do Malabar, os quaes por isso o consideravam e respeitavam como pae.

Podemos pois prezumir, que ele socorria com dinheiro outras missões, sem que aliás, por cauza da distancia dos lugares, xegasse a nós a noticia do facto, como costuma suceder.

---

sacellum, quoties illi à sede apostolica publici cultus honor decerneretur.

§ 8. Major erat Stanislai erga societatem amor, quam ut uni paulopolitano collegio beneficia conferret. Quot rexit collegia, domosque, tot etiam divitiis auxerat, eorum prædia, quanta potuit sollicitudine, instaurando, magnaque propinquorum, ac Josephi præcipue largitate usus.

Nec his contentus est erga brasiliensem provinciam beneficiis: in alias item societatis domos, extra Brasiliam constitutas, propinquorum opes dispensasse constat.

§ 9. Pater Brolhas Antonius Brandolini, Romam pro Malabarica provincia missus procuratoris munere, ab India orientali cùm transiret in Lusitaniam, Bahiæ testatus est, quingenta scuta, interdum etiam sexcenta ad malabaricos socios mitti ab Stanislao quotannis consuevisse, a quibus propterea quasi parens habebatur, colebaturque.

Unde moveri suspicio potuit, illum aliis etiam missionibus subvenisse, pariaque misisse pecuniæ subsidia, quin ad nos rei hujus notitia, ut in aliis frequenter evenit, ob locorum distantiam pervenisset.

CAPITULO XIV

Sua comizeração para com os pobres e doentes

§ 1. A mizericordia, que para com os pobres Estanisláo mostrou em toda a parte, não deminuio no colegio de São-Paulo, antes porém aumentou. Quanto mais se adiantava em idade, tanto maior era o dezejo de entregar-se ao alivio dos pobres.

Apenas alguma couza xegava-lhe ás mãos, logo ele a transmitia aos indigentes; assim acostumou-se á privação constante d'aquelas couzas, de que necessitava para a conservação da vida e para o uzo quotidiano, afim de que, por todos os modos possiveis, acudisse ás precizões alheias.

§ 2. A certa mulher, que pedia esmola, não tendo ele o que dar, entregou o cobertor destinado a abrigal-o do frio, julgando mais acertado atender á indigencia d'essa pobre creatura do que á propria necessidade.

Por algum tempo sofreria o incomodo do frio noturno, que n'essa região ainda aos moços é penozo, si acazo o reitor, advertido por outrem, não tratasse de substituir o cobertor dado de esmola.

CAPUT XIV

Ejus in pauperes, ægrotosque commiseratio.

§ 1. Quam erga pauperes misericordiam ubique ostenderat, eam in Paulopolitano collegio non retinuit modò, sed auctiorem exhibuit Stanislaus. Quò magis ætate creverat, eò sublevandis pauperibus majore incumbebat studio.

Vix aliquid erat, quod illi cum venisset in manus, non statim ad egenos transiret: iis etiam, quibus vitæ conservandæ, aut usui quotidiano indigebat, se aliquando privare solitus, ut qua poterat ratione, aliorum inopiæ subveniret.

§ 2. Roganti stipem fæminæ, cum nihil haberet porrigendum, stragulum præbuit arcendo frigori destinatum, rectius acturum se judicans si pauperis indigentiæ, quàm propriæ necessitati consuleret.

Et quidem nocturni frigoris incommodum, quod ea in regione etiam junioribus molestum est, aliquandiu tolerasset, nisi rector ab alio monitus curasset novum stragulum erogato substitui.

§ 3. A fama d'este facto percorreo toda a cidade; os extranhos e principalmente os parentes, movidos pela admiravel caridade d'este omem, quizeram que as esmolas dos pobres fossem distribuidas por mão de Estanisláo, julgando que as suas dadivas seriam mais bem aceitas de Deos em razão dos merecimentos do esmoler.

Por esta razão, auxiliado com estes subsidios, não conhecia necessidade alguma, a que logo não acudisse, buscando com solicito exame aqueles a quem espontaneamente e sem pedido levasse oportuna esmola.

§ 4. De igual mizericordia uzava para com os infermos, de qualquer condição que fossem; principalmente porém socorria os nossos famulos, aos quaes lhe era licito mais frequentemente vizitar.

A estes de varios modos costumava socorrer, já sujeitando-se, por cauza d'eles, a actos infimos, e já tambem cuidando das couzas necessarias a aqueles, que poderiam padecer penuria em razão das tenues posses do colegio.

Depois vizitava-os e consolava, confortando-os com palavras afaveis; e embora estivesse de aspecto triste e pezarozo, todavia mostrava rosto prazenteiro de fórma que désse aos doentes esperanças de bom rezultado.

§ 5. Tendo vizitado a todos, costumava dar escondidamente a cada um uma moeda de ouro de quatro escudos, e feita a saudação de despedida, punha a moeda debaixo

---

§ 3. Cujus rei fama, cum totam pervasisset urbem, externi, ac præsertim consanguinei, mirà hominis charitate permoti, quidquid in pauperes distributum vellent, per Stanislai manus erogabant, acceptiores Deo eleemosinas ejus meritis censentes fore.

Quare his auctus subsidiis penuriam passus est nullam, cui non statim occurreret, sollicità quærens indagine, quos sponte, nec rogatus opportunà stipe sublevaret.

§ 4. Parem in ægros, cujuscumque forent conditionis, misericordiam usurpavit: maxime verò in nostros, quos adire frequentiùs licebat. Hos variis modis adjuvare solitus erat, nunc ad infima quæque eorum gratia se abjiciendo, nunc etiam necessaria curando, quorum penuria ob tenuitatem collegii laborare poterant.

Eos subinde invisebat solabaturque, verbis confirmans humanissimis; et quamquàm aspectu subtristi esset, atque obducto, vultum ad hilaritatem componebat, ut omnem benè sperandi ansam ægrotis daret.

§ 5. Cum ipsos primùm inviseret, singulis aureum quatuor scutorum nummum solebat clàm deferre, eumque, præmissa salutatione,

do travesseiro, dizendo ao doente que ali axaria algum dinheiro, com que pudesse comprar qualquer couza necessaria.

E proseguia n'este modo de socorrer os doentes emquanto durava a molestia, ou emquanto o exigia a debilidade das forças; querendo dos doentes o segredo do acto afim de fexar portas á vaidade.

§ 6. Era-lhe uzual, quando assistia á refeição dos doentes, dar-lhes agua para lavar as mãos, e praticar actos de caridade e outros oficios de umildade, que incumbiam ao servente do infermo.

E quando a necessidade urgia, aplicava certos remedios na falta de outros devidamente preparados.

Por isso si alguem era repentinamente acometido de qualquer dôr aguda, como muitas vezes acontece, era Estanisláo o primeiro a xegar; e si julgava precizo agua quente ou brazas para fomentar a parte ofendida, corria logo para a cozinha, onde tudo preparava convenientemente.

§ 7. Era admiravel a presteza, com que n'estas couzas procedia este omem, aliás debil e carregado de annos. Trazia sempre um saquinho xeio de caróços de milho, que tinha á mão para aplicar n'esse genero de molestias repentinas; e como estes grãos conservam por

---

pulvinari supponens, ægrotum monere paucos ibi esse, quos attulerat nummulos, quibus ad necessarium aliquid emendum uti poterat.

Atque hanc ægros adjuvandi rationem tandiu prosequebatur, quandiu vel diuturnitas morbi, vel imbecillitas virium postulabat; rem tamen ab infirmis secretam teneri voluit, ut vanitati aditum omninò præcluderet.

§ 6. Familiare illi erat, cum ægrorum aderat refectioni aquam manibus abluendis ministrare, atque alia tum charitatis, tum demissionis officia haud secus obire, quam a valetudinarii ministro fieri debuisset. Imò quotiès urgeret necessitas, quædam ipse medicamenta, quibus aliquando nihil præsentius, adhibere consuevi.

Undè siquis acuto aliquo dolore, ut passim evenit, repentè afficeretur, omnium primus aderat Stanislaus; moxque si calidam, vel prunas affecta parti fovendæ parandas judicaret, ad culinam properans omnia exequi opportunè curabat.

§ 7. Idque mirum, qua celeritate homo alioquin debilis, annorumque gravis pondere, in his peragendis uteretur. Quandoque sacculum afferebat milii granis fartum, quem ad manum semper habuiti repentinis hoc genus morbis affecturus; eoque, ut erat concepto calor,

muito tempo o calor, que recebem, com eles aquecia a parte dolorida até que se dissipasse a constipação, e dezaparecesse a dôr por ela motivada.

D'este modo tão eficazmente dedicava-se ao auxilio do proximo, que muitas vezes o viram com suas proprias mãos preparar a bebida do xocolate e outras couzas, com que podesse o doente confortar-se: com tanta e tamanha solicitude costuma operar o amor da verdadeira caridade!

§ 8. Com igual caridade tratava dos companheiros, que adoeciam, e cuidava dos sãos para que não infermassem. Era zelozo da alimentação de todos, portanto examinava os generos alimenticios, verificando si as frutas eram maduras, si as carnes eram perfeitamente sans, e si as demais couzas eram idoneas á conservação da saúde.

Quando acontecia aver negligencia do comprador ou de algum outro agente contra o que ele dezejava, afligia-se muito, e em coloquios particulares moderadamente dezafogava a sua dôr, insinuando o exemplo tirado dos rebanhos, como frequentemente sucede aos religiozos, quando não são bem alimentados.

§ 9. Quando exercia o oficio de monitor, por vezes procurava o reitor e advertia, que os companheiros deviam ser decentemente alimentados, dando-se-lhes mais pingue

---

diutius retinendo aptior, tandiu affectam fovebat partem, donec soluta constipatione, dolorem hac ex causa ortum dissiparet.

Nec hujusmodi tantùm adhibere præsidia, sed aliquando chocolatæ potum, aut etiam alia, quibus refici ægrotus posset, suis conficere manibus visus est, tantâ quidem sollicitudine quanta veræ charitatis amor operari solet.

§ 8. Qua erga socios, dum ægrotarant, charitate usus est, eadem consuevit etiam curare, nesani aliquem in morbum inciderent. Auxius erat de ipsorum victu, explorabatque, an qui ipsis apponebantur, fructus maturi essent, carnes omninò sanæ, cæteraque tuendæ valetudini satis commoda?

Siquando, emptoris, alteriusve negligentia, præter id, quod optabat, forte contingeret, ingenti afficiebatur dolore, quem in privatis colloquiis modeste relaxabat, sumpto ab armentis exemplo leviter insinuans, quid religiosis, nisi congrue alantur, passim eveniat.

§ 9. Cumque admonitoris fungeretùr officio, aliquando rectorem adiit, monuitque, ut socios, apposita pinguiori pubula, decentius aleret,

pasto, e que não permitisse, que os fraudassem na parte pricipua da alimentação.

E assim obteve do reitor o que pedia, como era justo e esperado.

CAPITULO XV

Sua paciencia em sofrer as injurias recebidas em Paulopolis *

§ 1. Na verdade d'estes meritos rezultava,que todos os companheiros em geral dedicavam a Estanisláo amor e reverencia.

Ele porem no exercicio das suas magistraturas notára outr'ora costumes viciozos e punira culpas ; por isso contrahira odios, que (pois depravada é a indole dos omens, embora religiozos) nem o lapso de tempo, nem tantas provas de benevolencia tinham extinguido completamente.

§ 2. Por esta razão já na extrema velhice ainda teve ocazião de exercer a paciencia, cujos exemplos repetidas vezes déra, como algures fica memorado.

---

neque ipsos primaria victûs parte fraudari permitteret. Atque ita cum a rectore, ut par erat, magnopere suspiceretur, id quod expetebat, obtinuit.

CAPUT XV

Ejusdem in acceptis Paulopoli injuriis patientia.

§ 1. His quidem debebatur meritis, ut Stanislaum omnes, quotquot erant, socii amore, ac reverentia prosequerentur.

At ille, cum in magistratibus olim gestis pravos notasset mores, noxasque punivisset, non nullorum odia contraxerat, quæ (ut ferè depravata sunt hominum, etiam religiosorum, ingenia) nec temporis beneficio, nec tot benevolentiæ signis omninò extinxerat.

§ 2. Quapropter exercendæ patientiæ, cujus exempla, ut memoratum est alibi, toties ediderat, non semel, etiam in extrema senectute, materiam habuit. Nescio quid olim a se decretum, cum provincialem egerat, coram sociis prisco loquendi candore narravit Stanislaus.

Aderat, qui narrationem sinistre interpretatus est, eaque se tangi existimans, venerabilem senem pungenti verbo excepit.

---

* Cidade de São-Paulo.

Relatou Estanisláo aos seos companheiros com a antiga candura de linguagem certa providencia por ele tomada, quando provincial.

Alguem, que prezente estava, interpretou mal a narração, e julgando-a aplicavel a si, surprendeo o veneravel anciāo com palavras ofensivas.

A agressão do ofensor era tanto mais dura de sofrer quanto mais injusta era : Estanisláo porém tudo suportou sem proferir uma só palavra, com que aliviasse a dôr do golpe contra ele dirigido.

§ 3. Entre os confrades paulistas contava-se um sacerdote, que mantinha contra Estanisláo, desde o tempo em que este governára a provincia, entranhada aversão, e em toda a parte aproveitava ocazião de exercer o seo odio.

Por vezes atreveo-se a gabar-se de ter enganado a Estanisláo, quando outr'ora exercia o cargo de provincial, partindo da fazenda da Tijupeba, que administrava, para outro lugar afim de não receber o vizitante.

Tal era a impudencia d'este omem, que dice estas couzas em prezença do padre Manoel Dias, prepozito de toda a provincia, e do proprio Estanisláo. Este ouvio agora o parvo falador com a mesma tolerancia, com que outr'ora suportara a desconsideração do subalterno.

O provincial porém, conhecendo não dever deixar impune o reo,que gloriava-se do antigo crime,incontinente determinou impor a devida pena ao maleficio; todavia por instancias de Estanisláo foi obrigado a remitir o castigo.

Pungentis acumen eò durius ferendo erat, quò injustius: illud tamen sustinuit Stanislaus, ne una quidem prolata voce, qua inflicti sibi vulneris dolorem levaret.

§ 3. In paulopolitanis sociis quidam numerebatur sacerdos, qui pravam in Stanislaum, ex quo is provinciam rexerat, animo fovebat simultatem, ejusque exercendæ occasionem ubique captabat.

Ausus est aliquando se palam jactare, quòd Stanislao munus provincialis agenti quondam illusisset e Tijupebensi, quod administrabat, prædio alium divertens in locum, ne illum venientem exciperet.

Tanta erat hominis impudentia, ut hæc diceret coram P. Emmanuele Dias provinciæ universæ præposito, eodemque Stanislao. Hic eadem tolerantia, qua se olim contemni sustinuerat, nunc etiam garrientem audivit.

At verò provincialis, religioni discens reum impunitum relinquere de antiquo crimine gloriantem, debitam sceleri pœnam statim decrevit: eam tamem remittere Stanislai precibus coactus est.

§ 4. Com esta moderação de animo, Estanisláo conseguio grande louvor de todas as pessoas sabedoras do facto; pois é argumento de insigne paciencia sofrer a mesma injuria duas vezes, e outras tantas subtrahir ao castigo o autor da ofensa.

§ 5. O facto porém, que então aconteceo, tornou muito maior a boa fama de Estanisláo.

Porquanto não contente de tolerar o companheiro, que notoriamente o desconceituava, cercou-o de muitos oficios de benevolencia, e prestando-lhe oportuno socorro em certa ocazião de perigo, retribuio antigas injurias com beneficios.

CAPITULO XVI

Outras suas virtudes

§ 1. Tão benignamente procedia para com os outros, quão rigorozo era para comsigo. Recuzava toda a indulgencia, que lhe era devida já por cauza da idade e já em razão da debilidade da saude.

Era tão rigido observador do jejum, que não tomava outra refeição além d'aquela com que mui parcamente

---

§ 4. Hac patientis animi moderatione apud omnes rei conscios magnam sibi laudem peperit Stanislaus; cùm insignis patientiæ argumentum sit injuriam bis eamdem perferre, totidemque illius auctorem pœnæ subducere.

§ 5. At verò id, quod sub idem evénit tempus, opinionem de Stanislao conceptam longe reddit auctiorem.

Nam hujusmodi socium, quem sui contemptorem noverat, haud tolerasse contentus, eumdem plurimis benevolentiæ officiis amplexus est, ipsique opem, cum in quodam versaretur discrimine, opportunè ferens, acceptas olim injurias non uno beneficio rependit.

CAPUT XVI

Aliæ ipsius virtutes

§ 1. Quam benigne cum aliis, tam rigidè secum ipso agere consuevit. Omnem aversatus est indulgentiam, quam sibi concedere, cum ætatis, tum infirmæ valetudinis causa, potuisset. Hinc erat observandi jejunii adeò tenax, ut esurialibus feriis, quamqàm octogenario, major unica comestione reficeretur, eaque, ut in more habuit, satis parca.

costumava alimentar-se, como em dias de abstinencia, não obstante ser octogenario.

Embora aumentasse a fraqueza das forças com a mortificação do jejum, todavia jamais convenceo-se de que devia abster-se da penitencia, sinão obrigado pelo preceito da obediencia.

Na verdade progredindo cada vez mais a debilidade das forças, em que cahira, ordenou-lhe o reitor e prevenio, que dahi por diante não se sugeitasse o ancião a tamanha maceração.

Estanisláo aquieceo á ordem do reitor por tal fórma, que nenhum cuidado maior tinha de submeter alma e corpo ao arbitrio dos prelados.

§ 2. Uzava de vestuario modesto, e alfaias pobres; evitando totalmente couzas inuteis para não ofender nem de leve a pobreza, que muito amava.

Recuzava os donativos quanto podia; si porem os aceitava, tratava logo de dar-lhes destino. Nunca quiz conservar em seo poder as somas de dinheiro, que os seos parentes lhe mandavam para gastar a seo arbitrio, até que foi a isso coagido por ordem dos seos superiores para que não se dirigisse a eles todas as vezes que aparecia ocazião de socorrer algum pobre.

Com isto na verdade Estanisláo deo tanto á obediencia e caridade, quanto parece negar á pobreza religioza.

Etsi verò jejunii molestia virium augeretur infirmitas, nunquam tamen, ut ab eo desisteret adduci potuit, nisi obedientia constrictus. Siquidem illi, animadversa, qua laborabat in dies, virium tenuitate, præcepit rector, cavitque, ne hujusmodi macerationi deinceps vacaret.

Cui rectoris imperio acquievit Stanislaus, utpote nihil habebat antiquius, quàm moderatorum arbitrio mentem, corpusque suum omninò subjicere.

§ 2. Tristis utebatur vestibus, paupereque supellectile; aditum rebus vel minime superfluis omninò interdicens, ne paupertatem, quam impense colebat, levi etiam offensa violaret.

Dona, quoad fieri posset, recusabat omnia: admissa verò quam primùm a se removeri curabat. Pecuniæ summas, quæ à consanguineis mittebantur ipsius arbitrio dispensandæ, apud se retinere nunquam est ausus, donec ad id coactus fuit superiorum jussu, ne illos toties adiret, quoties alicujus pauperis sublevandi daretur occasio.

In quo sane tantum obedientiæ, charitatique detulit Stanislaus, quantum religiosæ paupertati videbatur detrahere.

§ 3. Com a mesma solicitude, com que sempre fugira ao aplauzo dos omens, agora ja na velhice procurou evital-os. Por esta razão procedia circunspectamente para não ser por eles enganado por imprudencia sua, ou para não ter oportunidade de desprezal-os.

Indo Estanisláo da cidade de São-Paulo á vila de Itú, propoz-lhe o vigario d'este lugar, vãrão aliás douto, certo ponto de doutrina moral.

Sabiamente respondeo Estanisláo; como porém outro companheiro, com quem viera, reprovasse a resposta dada, calou-se o respondente, embora podesse perfeitamente sustentar a opinião, que emitira.

§ 4. Realmente perito n'esta faculdade, como em outras, sabia tão acertadamente discernir qual fosse a opinião verdadeira, qual a opinião falsa, e qual a provavel,que consta ter escrito sobre esta materia um livro, que por lamentavel acazo dezaparecera.

§ 5. Todavia o vigario de Itú, assim como depois louvava a doutrina, assim tambem admirava o umilde silencio, com que Estanisláo procurou ocultal-a, em vista da impugnação do companheiro.

Para explicar o cazo em prezença de outrem aduzio certa similhança digna de aplauzo, e logo acrecentou : Os

---

§ 3. Eadem sollicitudine, qua hominum plausus ubique fugerat, eos jam senex declinare studuit. Quare circumspecte agebat, ne ab iis circumveniretur imprudens aut illos contemnendi opportunitatem aliquam intercidere pateretur.

Stanislao, cum a Divi Pauli urbe ad ituense divertisset oppidum, nescio quid ad morum doctrinam spectans loci parochus, vir alioquin doctus, proposuerat. Scite respondit Stanislaus; verùm alio, quocum venerat, socio datam responsionem improbante, siluit omninò, etsi, quam tenuerat sententiam, utpote solidiorem haud ægre confirmare posset.

§ 4. Siquidem illius facultatis, uti et cæterarum, peritus, quæ vera quæ falsa, quæ probabilis esset opinio, ita discernere noverat, ut librum etiam, qui casu nescio quo periit, hac de re scripsisse, constet.

§ 5. Attamen ituensis parochus, ut ejus doctrinam postea laudabat, sic humile mirabatur silentium, quo eam occultare, socio impugnante, contenderat. Rei coram alio explicandæ cùm similitudinem adduxisset plausu dignam, statim subjunxit : *mei utique similes, rudes nimirum ac rustici homines, ea aliquando afferre solent exempla, quæ rem apte explicent, nec incongrue declarent.*

individuos similhantes a mim, especialmente os omens rudes e rusticos, costumam aprezentar exemplos, com que expliquem bem a couza e a exprimam com exatidão.

Assim pois costumava ele, conforme pedia o cazo, ora uzar de frazes exemplificativas, ora recorrer ao silencio, para que a todos inspirasse a idéa umilde e deprimente, que de si formava.

§ 6. E com este juizo de si e das suas couzas abrio a si proprio facil caminho para, por meio da oração assidua fervorozamente tratar com Deos, que olha para as couzas umildes. Com efeito entregou-se ao exercicio continuo da prece e da meditação.

O amor da prece se nos patenteou no costume, que tinha de sair da sua céla recitando salmos e outras orações,quando passeiava; o da meditação porém revelou-nos depois o padre Manoel de Oliveira,que fora seo confessor.

Por testimunho d'este consta, que Estanisláo, quando esteve no colegio de São-Paulo, além da óra imposta por preceito da companhia, empregava muitas outras na contemplação quotidiana das couzas divinas.

§ 7. Daqui certamente procede, que jamais se conheceo transgressão das nossas leis por ele praticada, nem jámais ouvio-se por isso censura alguma contra ele articulada; antes porém todos o mencionavam com onra e louvores, quando de similhante assunto se tratava.

Sic equidem, prout res postularet, nunc ad hujusmodi verba, nunc ad silentium confugere solitus erat, ut omnibus, quam conceperat ipse, vilem abjectamque sui opinionem inspiraret.

§ 6. Atque hoc sui, rerumque suarum judicio facilem sibi aditum aperuit, ut cum Deo, qui humilia respicit, per orationem assidue ac studiose ageret. Equidem precandi, contemplandique studio deditus fuit, quamqui maxime.

Precandi studium ipsa nobis prodidit consuetudo, qua e cubiculo etiam egressus psalmos, aliasque preces inter deambulandum recitabat: contemplandi verò postea revelavit, qui ei fuerat a confessionibus, P. Emmanuel Oliveira.

Hujus enim testimonio constat Stanislaum, cum in collegio paulopolitano degeret, præter horam, quam suis alumnis præscribit societas, quotidianæ divinarum rerum commentationi multas insuper alias tribuisse.

§ 7. Atque hinc sane ortum,quòd in illo deprehensa sit legum nostrarum transgressio nulla audita nullius detractio, sed obsequiosa de omnibus mentio, ac laudis plena, quoties sermonis instituendi locus daretur.

§ 8. Praticando estas e outras obras de virtude, de cuja noticia fomos privados pela calamidade dos tempos e principalmente por sua umildade, passava vida xeia de meritos, quando em avançada idade cahio em molestia, leve no juizo de todos, não letal no conceito do infermo, mas que deveria ser a derradeira.

CAPITULO XVII

Morte de Estanisláo

§ 1. A egregia santidade d'este varão o levara a antever a morte ; pois faltando-lhe as forças todos os dias a tinha sempre diante dos olhos, e como anhelava migrar para a patria celeste, a esperava a cada momento.

Era assaltado por frequentes molestias ; e a ultima infermidade lhe sobreveio sem cauza, por onde se podesse suspeitar perigo.

§ 2. Criam-se no Brazil uns insectos mui similhantes ás pulgas e de grandeza pouco menor.

Estes insectos perfuram a cutis umana, especialmente nos pés, alojam-se sob a epiderme, e dentro de breve tempo crecem quazi do tamanho de um grão de mostarda, tendo a côr negra, que depois transmuda em branco.

---

§ 8. His aliisque virtutum operibus, quæ temporis calamitas, ac potissimùm ejus humilitas nobis præripuit, vitam agebat meritis plenam, cùm cælo maturus in morbum delapsus est, omnium judicio levem, ipsi tamen non lethalem modò, sed etiam extremum.

CAPUT XVII

Stanislai obitus

§ 1. Egregia hominis sanctitas fecerat, ut illi mors, quacumque accideret ratione, nunquam esset non prævisa, cum, deficientibus in dies viribus, eam præ oculis ubique ferret, atque, ut erat migrandi in patriam cupidus, etiam in horas expectaret.

Etsi verò assiduis tentaretur morbis, postremum ea contraxit ex causa, unde vix aliquid periculi timeri posset.

§ 2. Quædam in Brasilia gignuntur insecta, pulicibus valdè similia, magnitudine tamen non nihil minora.

Hæc, humana cute ac pedum maximè terebrata, inter cutem sibi locum efficiunt, brevique ad molem excrescunt sinapis grano ferè, æqualem nigro colore, quem antea habuerant, in album mutato.

E' quazi nenhuma a dor da perfuração da cutis; o purido da péle porém é assás incomodo.

Os insectos ou tenham já crecido desformemente, ou tenham recentemente entrado, tiram-se com facilidade. O buraco, que fica na péle, fexa-se sem demora independente de remedio algum; as pessoas mais acauteladas porém costumam entupil-o com pó de tabaco.

Todavia tendo Estanisláo extrahido um d'esses insectos, rezultou dahi uma erizipela, em consequencia da qual transmitio-se o mal aos intestinos por força do retrocesso dos umores, conforme dizem; e depois seguio-se a gangrena, que trouxe-lhe a morte, suavissima, como adiante diremos.

§ 3. Morrendo Estanisláo, deo notavel exemplo de todas as virtudes e principalmente da paciencia.

Era atormentado por acerbissimas dôres; mas ninguem ouvia queixa de palavras, nem gemido, nem increpação aos famulos, cuja negligencia (pois em tamanha falta de irmãos ajudantes o serviam famulos rudes e grosseiros) aumentava os incomodos da molestia; porquanto ou preparavam as couzas necessarias tardiamente, ou as davam fóra de tempo.

O seo rosto com grata serenidade recebeo o alado mensageiro da propinqua morte, afirmando que preparado de boamente submetia-se e entregava-se em todas as couzas á vontade divina.

Dolor terebratæ cutis ferè nullus, at pruritus quidam utcumque molestus. Jam vero insecta, vel injustam molem excreverint, vel sint recenter ingressa, facili eruuntur negotio. Relictum in cute foramen brevi obducitur, nullo adhibito medicamento; etsi cautiores illud nicosiaco pulvere obturare soleant.

Attamen ex hujusmodi vulnere erysipelatis morbum contraxit Stanislaus, quod facto, ut vocant, retrocessu humoris malignitatem ad intestina transmisit, ortaque exinde gangræna mortem illi attulit, ut postea dicemus, suavissimam.

§ 3. Præclara tamen, cum decumberet, virtutum omnium exempla, ac patientiæ præsertim edidit Stanislaus.

Acerbissimis quidem torquebatur doloribus; sed nulla in ore querimonia, aut gemitus, nulla ministrantium incusatio, quorum negligentia (nam in magna adjuctorum fratrum paucitate famuli ministrabant planè rudes) ægritudinis molestiam augebat, dum necessaria aut minùs opportunè pararent, aut submitterent importunè.

Allatum imminentis mortis nuncium grata vultus serenitate accepit, paratum se affirmans divinæ in omnibus voluntati libenter subjici, atque committi.

§ 4. Recebidos depois os sacramentos, quando xegou ao derradeiro momento, deo sinaes de grande alegria, juntou as mãos batendo palmas, e as conservou erguidas para o céo bem como os olhos, até que, dentro do espaço exáto de meia hora, expirou placidamente, deixando n'esta alegria final claro argumento da sua salvação eterna.

E realmente foi admiravel e novo, que sem o minimo tremor levantasse agora as mãos, as quaes, desde alguns annos antes da sua morte, tremiam sensivelmente.

§ 5. Portanto com razão persuadiram-se todas as pessoas prezentes, que Etanisláo prelibava a eterna beatitude, e que isto demonstrava-se com permissão do supremo nume já n'esse aplauzo das mãos, e já na insolita alegria do rosto.

Creceo depois a suspeita, que o rumor espalhado entre os confrades excitava, de ter Estanisláo previsto o termo da sua vida por inspiração divina, pois, quando procurava o padre Manoel de Oliveira, que era o seo confessor, durante a noite fóra da óra destinada á purificação da sua consciencia, para declarar-lhe os seos pecados, como costumava, ouvira inuzitado son funereo, por onde certificou-se não estar longe o dia, em que os sinos soariam por seo falecimento.

---

§ 4. Susceptis deinde sacramentis, cum ad extrema devenisset, ingentis lætitiæ signa edere, facto palmis strepitu manus jungere, easque simul cum oculis in cælum elatas sustinere, quoad exacto mediæ horæ spatio animam efflavit placidissimè, non obscurum æternæ suæ salutis argumentum relinquens eà moriendi lætitià.

Et sane mirum, ac novum fuit, quod nullo tremoris vestigio manus extolleret, quæ ab aliquot ante mortem annis tremore vehementi laboraverant.

§ 5. Unde singulis, qui aderant, non immerito persuasum est, aliquid æternæ beatitudinis prægustasse Stanislaum, idque supremi numinis dispensatione tum eo manuum plasu, tum insolita oris lætitià demonstrasse.

Aucta deinde suspicio, quam movit perlatus ad nostros rumor, Stanislaum vitæ suæ terminum divinitus præcognovisse; nam, cum P. Emmanuelem Oliveira, qui erat illi à confessionibus, post horam excutiendæ noctu conscientiæ destinatam adiret, ut noxas de more aperiret suas, ignotum audierat æris campani sonum, ex quo certè præsensit non procul abesse diem, quo campana æra pro se vita defuncto pulsarentur.

§ 6. Ao rumor deo forças o seguinte facto. Sendo o referido confessor interrogado por um dos nossos confrades dezejozo de conhecer a verdade, si por ventura era verdadeiro o boato, respondeo o padre, que não convinha indagar por mera curiozidade de couzas, que pouco sabidas deviam ser. Com esta resposta deo claro indicio do cazo ignorado.

O mesmo Estanisláo, no momento de morrer, proferio algumas palavras, por onde se póde conjeturar sem temeridade, que lhe fora antecipada, por graça de Deos, a noticia da sua morte.

§ 7. Faleceo a 12 de Julho do anno de 1734, uma ora antes de meia noite da vespera da festa do Espirito Santo. Na mesma noite foi sepultado, para que o corpo corrompido pela malignidade dos umores não infeccionasse a caza.

Divulgada a sua morte, afluio ao convento grande concurso de pessoas, de sorte que as damas e os omens mais nobres da cidade ocupavam não só o templo do colegio, mas tambem as demais repartições do edificio; e todos, como costuma suceder nas calamidades publicas, manifestavão sinaes de dor e tristeza.

§ 8. Apenas alguem averia, a quem Estanisláo não tivesse ajudado com obras ou conselhos, por isso era pranteado como pae de toda a cidade.

Ainda por muitos annos perdurou no animo de todos a saudade por este varão, porém principalmente

---

§ 6. Rumori viris addidit. Confessarius is enim, cum ab uno ex nostris explorandæ veritatis cupido rogaretur, an vere id, quod ferebatur, accidisset? respondit: neu curaret ea curiose inquirere, quæ parum sciri referebat. Quo respondendi modo clarum rei latentis indicium fecit.

Ipse deinde Stanislaus, cum postremò decumberet, nonulla protulit verba, ex quibus haud temere conjici potuit mortis illum suæ notitia Dei beneficio præventum.

§ 7. Obiit duodecima Junii, anno millesimo septingentesimo trigesimo quarto, una ante mediam noctem hora pridie Divini Spiritus celebritatem. Eadem nocte sepultus est, ne corruptum humoris malignitate corpus domum inficeret.

Vulgata ejus morte, ingens populi concursus domum est factus; adeo ut collegii templum nobiliores civitatis fæminæ viri ædes etiam reliquas occuparent: omnes, ut in publica calamitate solet, dolore ac mæstitia pleni.

§ 8. Vix erat ullus, quem Stanislaus operà non adjuvisset, aut consilio; proindeque, ut communis universæ civitatis parens, lugebatur.

quando a piedade persuadia a depor os encargos da consciencia, ou o preceito a isso obrigava.

Os pobres recordavam-se d'ele ainda com mais profunda magua, pois viam-se privados do principal alivio e do mais eficaz remedio das suas necessidades.

§ 9. Na verdade a provincia do Brazil perdeo um excelente patrono, os colegios um insigne bemfeitor, os confrades um modelo de virtudes, os forasteiros um refugio e um consolador, os doentes pobres o seo auxilio ; pois Estanisláo, emquanto viveo, a todos eles ajudou e favoreceo.

CAPITULO XVIII

Opinião acerca da sua santidade

§ 1. Si outros argumentos faltassem para comprovar a santidade d'este varão, bastaria o que se deduz da opinião geral, que o considera bom e probo.

A ninguem, que conheceo Estanisláo, ouvi falar d'este omem, que o não mencionasse com louvor e saudades.

Idem multis deinde annis hominis desiderium fuit apud omnes, præsertim verò quoties ad deponenda conscientiæ oneravel suaderet pietas, vel urgeret præceptum

Dolentiùs ejusdem recordabantur inopes, cum ereptum sibi viderent præcipuum inopiæ suæ levamen, atque remedium.

§ 9. Et quidem brasiliensis provincia optimum parentem, collegia insignem benefactorem, socii virtutum exemplar, peregrini refugium, consolatorem, ægri subsidium pauperes, amisère; siquidem his omnibus, quoad vixit, adfuit, ac favit Stanislaus.

CAPUT XVIII

De ipsius sanctitate opinio concepta

§ 1. Id unum, si alia deessent, probandæ hominis sanctimoniæ argumentum sufficeret, quod omnium fere sententia bonus, probusque fuerit existimatus. Neminem, qui Stanislaum noverit, de ipso loquentem audivi, quin ejus mentionem cum laude haberet, ac desiderio.

§ 2. O padre Jozé de Viveiros, que foi reitor do collegio de São-Paulo, era familiar d'esse venerando frade, e quando em minha prezença recordava os seos actos, jâmais o fazia sem verter afectuozas lagrimas.

§ 3. O que d'ele pensava o padre italiano João Antonio Andrioni, varão insigne por sua piedade e por seos cargos, assás já o exprimio, quando, como acima referimos, o comparou com um engenho de assucar.

Depois escrevendo ao padre Miguel Angelo Tamburini, prepozito geral da ordem, não deixou de repetir a mesma couza, inculcando-o como varão digno, por sua grande fé e por sua probidade, não só de governar qualquer provincia, como de ser consultado com proveito, quando se precizasse de ajustado parecer sobre a administração.

§ 4. Da igual opinião foi Alexandre de Gusmão, grande onra e ornamento da nossa sociedade no Brazil.

Este foi mestre no tirocinio de Estanisláo, e depois cultivou intimamente a sua amizade; e tendo-o em grande apreço, costumava congratular-se por ter tão felizmente implantado n'este aluno os primeiros germens da virtude.

§ 5. Ainda mais onorificamente pareceo pensar o padre Domingos Gomes, sacerdote insigne pelo desprezo de si e do mundo.

Porquanto já proximo da morte, sendo interrogado acerca de Estanisláo, recordou alguns factos, e

---

§ 2. P. Josephus Viveiros, qui collegii Paulopolitani rector viri consuetudine usus fuerat, nunquam ejus meminisse sine lacrymis potuit, dum ipsius gesta, me audiente, commemoraret.

§ 3. Quid de Stanislào senserit P. Joannes Antonius Andrioni Italus, vir non minus pietate quam magistratibus insignis, jam tum satis expressit, cum, ut supra tradidimus, eum arcæ sacchareæ comparavit.

Idem postea P. Michàeli Angelo Tamburino generali societatis præposito scribens, ab eo inculcando non destitit, quasi fide tanta digno, ejusque probitatis homine, ut illum non modo provinciæ universæ præficere, verùm etiam tuto consulere posset, quoties id recta gubernandi ratio postularet.

§ 4. Sententiæ ejusdem fuit P. Alexander Gusmanus, ingens Brasiliæ societatis decus ac ornamentum. Hic, Stanislai in tyrocinio magister, ejus deinceps amicitiam intime coluit; atque id ipsum magni habens, subinde gratulari sibi consueverat, quod eo in alumno prima virtutis documenta adèo feciliter collocasset.

§ 5. Altiùs de Stanislao sentire visus est P. Dominicus Gomes, sui ac mundi contemptu insignis. Nam Romæ morti jam proximus, cum aliqua de Stanislao interrogatus memorasset, hæc ultimo non sine

por fim acrecentou com lagrimas nos olhos :— Finalmente foi varão de consumada perfeição, e distinto em todo o genero de virtudes ; e posto que muitas couzas podesse eu dizer, jámais explicaria cabalmente quem foi esse omem e qual o seo valor.

§ 6. Igual foi o juizo dos extranhos a respeito de Estanisláo. Por esta razão emquanto viveo, as pessoas ecleziasticas e seculares constantemente o consultavam; estas para que mais retamente formassem os seos costumes; aquelas para que mais segura e expeditamente procedessem na direção dos outros.

Todos pensavam a respeito das virtudes e da doutrina d'este omem tão vantajozamente, que recebiam e acatavam as suas respostas como outros tantos oraculos da verdade.

Daqui procedeo, que, sabida a morte de Estanisláo, muitas pessoas de familias devotas, concorreram para a nossa caza, afim de prestarem ao finado o derradeiro obzequio pessoal tão merecidamente devido, e testificarem com esta especie de culto a sua opinião acerca da santidade d'este virtuozo sacerdote.

§ 7. Não de modo contrario pensava sobre a sua probidade o bispo fluminense Antonio de Guadelupe, varão notavel pela doutrina e pela devoção.

Percorrendo este a dioceze, que então abrangia o

---

lacrymis verba subjunxit : *Demum vir profectò extitit consummatæ perfectionis, omnium virtutum genere clarus: etsi verò plurima velim dicere, nunquam tamen, qualis ipse fuerit, ac quantus, informare possem.*

§ 6. Par fuit externorum de Stanislao judicium. Qua de causa eum passim, dum viveret, sacri profanique homines consulebant: hi ut mores suos rite formarent : illi ut in aliis dirigendis tutiùs procederent, ac expeditiùs.

Utrique verò de hominis tum virtutibus, tum etiam doctrina adeò magnifice sentiebant, ut ejus responsa, quasi totidem veritatis oracula, exciperent, colerentque.

Hinc fuit, quòd multi etiam ex religiosis familiis homines, audita Stanislai morte, domum nostram confluxere, ut viro de ipsis optime merito supremum præstarent obsequium, suamque de illius sanctitate opinionem ea cultùs specie testarentur.

§ 7. Haut secus de hominis probitate sensit fluminensis episcopus Antonius de Guadalupa, vir doctrina æque, ac sanctimonia clarus.

distrito de São-Paulo, foi recebido em nosso ospicio, e tal opinião formava de Estanisláo, que diariamente ouvia o santo sacrificio da missa por ele celebrado.

§ 8. Costumava Estanisláo, como já dicemos, celebrar missa pela madrugada ; mas o prelado nem pela intempestividade da óra, nem pelo perigo da saúde dezistio do seo propozito.

Pois antes quiz sofrer o incomodo do que não assistir ao sacrificio celebrado por sacerdote tão digno em seo juizo, ou interromper o pio costume do oficiante por comodidade sua. Tanto apreço tinha no animo do prelado a santidade do benemerito varão !

§ 9. Rodrigo Cezar de Menezes, irmão do vice-rei do Brazil, e governador da provincia de São-Paulo, recebeo a Estanisláo, quando foi para ali, com tanta veneração, que festejou a sua xegada com fogos artificiaes.

Dali por diante nada fez no que respeitava á cauza publica sem consultar a Estanisláo, e para o consultar, dirigia-se frequentemente ao nosso convento. E ainda em alta noite, si o cazo não permitia demora, procurava Estanisláo, afim de não rezolver materia alguma sem conselho d'este religiozo.

Diariamente mandava-lhe xocolate preparado para o

Is, cum Fluminensem, quæ tunc temporis orbem D. Pauli complectabatur, diœcesim lustraret, hospitio a nostris exceptus tantam de Stanislao concepit opinionem, ut peractum ab eo sacrum quotidie audiret.

§ 8. Erat Stanislao, ut dictum est alibi, sub auroram sacrificandi consuetudo : at præsulem neque intempestivitas horæ, neque valetudinis periculum a proposito unquam deterresit.

Maluit quidem ipse hoc, quidquid erat, incommodi tolerare, quam optimi suo judicio sacerdotis aut sacrificio non interesse, aut piam consuetudinem, sui commodi gratia, interpellare. Usque adèo tanti præsulis animum occupaverat hominis sanctitas !

§ 9. Rodericus Cæsar Menezes, Brasiliæ proregis frater, idemque provinciæ D. Pauli gubernator, èo venientem Stanislaum tanta excepit veneratione, ut festis etiam ignibus ejus adventum celebraverit.

Nihil deinde, quod publicam rem spectaret, inconsulto Stanislao egit, illiusque consulendi causa domum ipse nostram frequenter adibat. Adeò ut etiam intempesta nocte, si res nullam pateretur moram, ad Stanislaum properaret, nequid absque ipsius consilio statueret.

almoço, como si quizesse com este tributo quotidiano significar a sua veneração para com o respeitavel sacerdote.

§ 10. A preclara fama de Estanisláo xegou até o serenissimo rei de Portugal João, quinto d'este nome.

Por isso sendo aprezentadas certas arguições contra a probidade de Rodrigo Cezar, governador de São-Paulo, mandou o rei abrir inquerito para averiguar a verdade da acuzação, e ordenou, que Estanisláo désse parecer escrito sobre o procedimento do governador.

Estanisláo escrevendo acerca do merecimento e probidade do mesmo governador, o izentou inteiramente da calunia. Isto dezagradou aos inimigos de Rodrigo Cezar, os quaes pretenderam por via de cartas deprimir o conceito de Estanisláo.

O rei porem respondeo, que estava certo da inocencia do governador, fundada no testimunho de um omem, a cuja fidelidade ninguem excedia no territorio da capitania de São-Paulo.

§ 11. Era esta a opinião formada a respeito de Estanisláo na patria e fóra d'ela. Todavia apraz-nos confirmal-a com o testimunho do padre Manoel de Oliveira, o qual merece tanto maior fé quanto mais perfeitamente conhecera os intimos pensamentos de Estanisláo em razão do exercicio do confissionario.

Panem illi quotidie mittebat paratæ in jentaculum chocolatæ miscendum, quasi suam erga eum observantiam quotidiano id genus tributo profiteri vellet.

§ 10. Egregia vel ad serenissimum Lusitaniæ regem, Joannem hujus nominis quintum, pervaserat Stanislai fama.

Unde, cum adversus Roderici Paulopolitani præfecti integritatem quædam fuissent ad se delata, plenam de rei veritate inquisitionem facturus, Stanislao mandavit, ut suam de Roderico sententiam per litteras aperiret.

Stanislaus juxta præfecti merita, ac probitatem scribens, eumdem omninò liberavit a calumnia. Displicuit ea res Roderici hostibus, qui proinde Stanislai in scribendo fidem elevare conati sunt.

Rex tamen certum se esse respondit de Roderici innocentia, quippe viri testimonio assertâ, quo neminem esse in præfectura D. Pauli fideliorem plane sibi constabat.

§ 11. Hæc de Stanislao domi, forisque opinio concepta. Juvat tamen eamdem confirmare P. Emmanuelis Oliveiræ testimonio, qui eò majorem promeretur fidem, quò intima Stanislai consilia ex confessionarii munere perfectiùs noverat.

Acontece, que tanta fôra a santidade da sua vida comprovada por numerozos prodigios, que não preciza o escritor empregar lizonja nem embustes.

Este escritor consagrava a Estanisláo tamanha veneração, que, por conhecer a santidade de tal varão, não duvidava consideral-o entre os bemaventurados.

§ 12. Por esta razão não costumava suplicar em favor d'ele, porem rogava a Deos por intercessão dos seos merecimentos.

O relicario, que outr'ora fôra de Estanisláo, o padre Manoel de Oliveira trazia pendente ao pescoço, porque, como ele dizia, tinha subida estimação por ser-lhe dado pelo santo confrade.

Ao reitor, que com palavras piedozas exortava Estanisláo nas ancias extremas da morte para que se consolasse, respondeo com firmeza, que não necessitava de conforto algum mundano, e so dezejava ouvil-o dizer couzas, que servissem de consolação e de ensino aos companheiros prezentes.

Divulgadas estas couzas em conversação, escreveo o confessor em mais copiozo estilo o elogio, que agora traduzimos em latim com toda a fidelidade.

Accedit, quòd tanta fuerit vitæ sanctimonia, totque etiam prodigiis comprobata, ut neque adulationi, neque deceptioni videatur abnoxius.

Hic Stanislaum tanta prosequebatur veneratione, ut mature-perpensa, quàm probe noverat, hominis sanctitate eum beatis adscribere neutiquàm dubitaret.

§ 12. Quamobrem non pro eo preces fundere, sed per ipsius merita Deum precari consuevit. Reliquiarum thecam, quæ olim Stanislai, fuerat, gestabat e collo pendulam sibi propterea, ut aiebat, æstimabiliorem, quòd ab illo donata.

Hortanti rectori, ut in extremis agentem Stanislaum piis solaretur verbis, securus respondit nullius egere illum humani solatii. contra cupere se maxime aliquid ab eodem audire, quod adstantibus sociis consolationi esset, atque doctrinæ.

His obiter, atque inter loquendum jactatis addidit elogium stilo fusiori conscriptum, quod hic latine reddimns summa fide.

CAPITULO XIX

Elogio de Estanisláo escrito pelo padre Manoel de Oliveira

§ 1. O padre Estanisláo de Campos naceo em Paulopolis, e morreo no colegio d'esta cidade a 12 de Junho do anno de 1734, uma óra antes de meia noite da vespera da festividade do Espirito Santo, tendo de idade 86 annos.

§ 2. Profesára os quatro votos; governou toda a provincia, e administrou alguns colegios da provincia, e entre eles o mais importante.

Este bom padre era consumado em todas as virtudes, que convem ao omen religiozo, e por isso foi bem reputado em toda a provincia.

§ 3. Quando exercia os cargos ecleziasticos grangeava o amor e respeito dos súditos; sendo para com todos afavel, pacifico e mansueto; na execução porém das couzas interessantes á diciplina era severo e inabalavel.

§ 4. Tão mizericordiozo era, que não sofria o minimo desfalecimento nos direitos da justiça, juntando uma e outra virtude, isto é, a justiça e a mizericordia,

---

CAPUT XIX

Stanislai elogium a P. Emmanuele Oliveira conscriptum

§ 1. P. Stanislaus de Campos, Paulopoli natus, obiit in ejusdem urbis collegio 12 Junii, anno 1734, una ante mediam noctem hora, pridie Divini Spiritus celebritatem, annum agens sextum et octogesimum.

§ 2. Quatuor votorum professionem emiserat: provinciæ præfuit universæ: aliquod ejusdem collegia, etiam maximùm, administravit.

Erat bonus hic pater in omni, quæ religiosum hominem decet, consummatus virtute, ac pro eo habitus totà provincià.

§ 3 Cum magistratus ageret, pari subditis amore, ac veneratione acceptus, mitis erga omnes, pacificus, ac mansuetus: in iis tamen exequendis, quæ promovendæ disciplinæ opus erant, rectissimus, et imperterritus.

§ 4. Ita misericors, ut justitiæ imminui jura minimè pateretur, utramque virtutem, misericordiam scilicet ac justitiam, tanta conjungens dexteritate, ut ipsi haud incongrue aptari posset illud Psalmi 84: *Justitia et pax osculatæ sunt.*

com tanta pericia, que com verdadeiro acerto lhe poderiamos aplicar o testo do salmo 84:— *Justitia et pax osculatæ sunt.* (Oscularam-se a paz e a justiça).

Isto tambem póde deduzir-se do que dice ao confessor trez dias antes da sua morte. Perguntára este, si lhe restava algum escrupulo relativo aos actos, que praticára para conter os seos subalternos.

Ao que ele respondeo com grande tranquilidade de animo e firmeza, que sempre obrava o que perante Deos julgava direito e justo, e nunca dera entrada ao odio ou ira contra o proximo.

Isto coligia-se do modo de falar, de que por toda a parte se uzava ; e na verdade nunca a sua fama foi prejudicada ou contestada em conversações e palestras.

§ 7. Foi eximio na caridade, tanto para com Deos, em cuja meditação todos os dias consumia largas óras, como para com o proximo, por cuja cauza no tempo do jubilêo, nos dias de maior concurso de freguezes e durante a quaresma conservava-se no tribunal da penitencia por cinco óras pelo menos.

Isto ele praticou por mezes e dias consecutivos não so no verdor da idade, mas tambem nos ultimos annos da

---

Idque etiam ostendi ex eo potest, quod ipse confessario dixit tertio ante obitum die. Rogaret iste, an ex iis, quæ incontinendis in officio subditis egerat, aut omiserat, scrupulus ipsi superesset aliquis?

Cui ille magna cum animi quiete, ac securitate respondit, egisse se semper, quod rectum coram Deo, justumque judicaverat, nullique in proximum odio aut indignationi dedisse aditum.

Id quod vel ex ea collegi poterat, quam usurpavit ubique, loquendi ratione; siquidem ejus sermone nullius unquam fama aut læsa est, aut in discrimen adducta.

§ 5. Charitate fuit eximia, tum erga Deum, quocum plures quotidie morabatur horas, tum etiam erga proximos, quorum causa, tempore jubilæi, concursus frequentioris, et quadragesimæ, quinque ad minimum horas in pænitentiæ tribunali perseverabat.

Id quod non viridi solum ætate, sed ultimis etiam vitæ annis, mensibus, diebusque prosecutus est: adeò ut reliquis confessariis rubori esset, adminirationi, atque exemplo.

§ 6. Igitur non immeritò lugent cives, multisque post annis lugebunt tantum pænitentiæ ministrum, qui ut animabus remedio aderat præsentissimo, sic etiam corporibus opem ferebat opportunam: Divinà ad id concurrente Providentià, dum Stanislai consaguineos, aliosque hujus regionis ditissimos passim moveret ad faciendos eleemosynarum sumptus.

vida, de maneira que· assim servia de admiração e de exemplo aos demais confessores.

§ 6. Com razão pois o xoram os cidadãos, e por muito tempo ainda prantearão tão grande ministro da penitencia, o qual assim como levava pronto remedio ás almas, assim tambem prestava oportuno socorro ao corpo ; concorrendo para isso a divina Providencia, quando movia os parentes de Estanisláo e outars pessoas ricas da região paulista a fazer constantemente o gasto das esmolas.

E eles, conhecendo a caridade de Estanisláo, não duvidaram transferir para o céo os seos tezouros por intermedio das mãos do conspicuo sacerdote.

§ 7. Não menos insigne foi no merito e exercicio da paciencia, quando espontaneamente perdoava as injurias, e tambem com admiravel tolerancia relevava a temeridade de um seo sudito.

Pois este no primeiro impeto da ira atreveo-se a molestal-o com palavras indecentes, e prorompeo em vozes de manifesta dezobediencia.

Licito era a Estanisláo exercer o poder autoritario e punir o crime com a merecida repreensão, conforme os uzos da nossa sociedade ; todavia antes quiz dissimular até que o réo, aplacada a comoção d'alma, voltasse a si, e consiente reconhecesse o erro.

Com effeito ele o reconheceo, e aproximando-se de Estanisláo, dice, que faria o que lhe determinasse. Como não tinha por palavras relevado o excesso de linguagem anteriormente praticado, Estanisláo recebeo o insubordinado confrade com benevolencia, e dirigindo-se a ele com

---

Atque illi quidem, cognitâ Stanislai charitate, suos in cælum thesauros per ipsius manus transferre non destiterunt.

§ 7. Neque minus patientiæ merito, ac exercitio insignis fuit, dum injurias ultrò dimitteret, atque etiam subditi cujusdam temeritatem exsorpserit mirabili tolerantia.

Hic enim, primo iracundiæ furore raptus, eum verbis indecentibus ausus est impetere, adeo ut in voces etiam prorumperet apertam inobedientiam spirantes.

Fas erat Stanislao officii potestatem exerere, et merita animadversione juxta societatis usum crimen illud excipere: maluit tamen dissimulare, donec reus, sedata animi commotione, ad se rediret, suique compos errorem utcumque agnosceret.

com brandura, proferio estas palavras:—Ide, meo irmão: folgo por teres tomado tão bom conselho.

Com este procedimento o colega reconciliou-se com Deos e com a sociedade, mostrando ter seguido o conselho do apostolo, quando diz:— *Si peccaverit adversus te frater tuus, corripe eum in spiritu lenitatis.* (Si teo irmão pecar contra ti, adverte-o com espirito de mansidão).

§ 8. Outro acontecimento d'este genero prezenciei eu, que escrevo estas couzas.

Certo confrade nosso, arrebatado pelo primeiro impeto da raiva, dirigio contra Estanisláo grave e indigno oprobrio; mas ele tudo ouvio silenciozo, imitando ao nosso redentor, que não procedeo de diverso modo no meio das afrontas, como si fôra surdo e mudo: *Como surdo não ouvia; como mudo, não abria a boca.*

Por modo não diferente Estanisláo respondeo ao adversario, ja auxiliando-o em seos negocios, e já acudindo-o com admiravel benevolencia em suas precizões.

N'este facto, que servio de admiração a todos quantos o souberam, deixou aos vindouros exemplo de insigne paciencia e de perfeição religioza.

§ 9. Estanisláo foi alheio á familiaridade de pessoas extranhas ao nosso instituto; por isso mostrava-se

---

Agnovit quidem ille, aditoque Stanislao facturum se dixit, quod præceptum fuerat. Quamquàm verò usurpatam antea loquendi licentiam ne verbo quidem excusasset, illum officiose excepit Stanislaus, miraque compellans mansuetudine, his verbis allocutus est: *Age, frater mi: consilium adeò bonum cepisse te gaudeo.*

Quo pacto socium illum Deo, societatique re onciliavit, ostendens eo se duci consilio dicentis Apostoli: *Si peccaverit adversus te frater tuus, corripe eum in spiritu lenitatis.*

§ 8. Alterum hujus generis eventum præsens ipse vidi, qui hæc scribo. Quidam è nostris, primo ductus naturæ impetu, Stanislaum gravi æque, ac indigno affecit opprobrio, ille audivit omnino silens, nostrum imitatus redemptorem, qui non alitèr se gessit inter opprobria, quàm si mutus, surdusque esset: *Quasi surdus non audiebam, et quasi mutus non aperiens os suum.*

Neque deinde adversario secùs respondit Stanislaus, quàm rebus ipsius opem ferendo, occurrendoque indigentiis benevolentia mirabili.

Quo facto, ut ejus rei consciis admirationi fuit, sic etiam posteris et insignis patientiæ, et religiosæ perfectionis exemplum reliquit.

§ 9. Alienus fuit Stanislaus ab externorum familiaritate, adeòque taciturnus, ut raro verbis, nisi admodum necessariis, indulgeret. Undè loquacibus, festivi que ingenii hominibus non adeo placuit.

taciturno, e quando falava, servia-se das palavras tamsomente necessarias ao assunto. Por isso não agradou aos omens loquazes e de animo jovial.

Porem um sacerdote eximio (o padre João Antonio Andrioni), que andára nas missões com Estanisláo, e que pela experiencia dos omens mais intimamente os penetrava, costumava dizer :—O padre Estanisláo é como os engenhos de assucar dulcissimos no interior, mas no exterior rudes e grosseiros.

§ 10. Finalmente tal foi a sua vida qual foi a sua morte.

Depois de proferir palavras ambiguas, pelas quaes podemos conjeturar, que ele teve noticia certa do seo tranzito final, meia óra antes de meia noite começou a dar sinaes de grande contentamento, principalmente batendo palmas com as mãos, já a alguns annos tremulas, e levantando-as para o ceo sem indicios de tremura, e antes mais firmes do que nunca.

Conservando essa pozição, morreo placidamente, deixanda n'estes claros sinaes argumento, por onde podemos razoavelmente julgar, que ele, como se esperava, sentira os preludios do premio e da eterna bemaventurança. »

§ 11. Tal é a opinião do padre Manoel de Oliveira sobre Estanisláo.

At eximius quidam pater (erat is Joannes Antonius Andreoni) qui missiones obierat socio Stanislao, ejusque consetudine usus hominem penitius introspexerat, dicere identidem consuevit : *Pater Stanislaus de Campos instar est sacchareæ arcæ intus dulcissimæ, exterius, rudis et impolitæ.*

§ 10. Demum qualis ejus vita, talis mors extitit. Nam, præter quam quod verba quædam protulit ambigua, ex quibus conjici poterat certà illum transitùs sui notitià præventum, media ante mortem hora summi gaudii signa edere cæpit, manus nimirum aliquot jam annis tremulas percutere, easque ad cælum tendere nullo tremoris vestigio, et nunquam antea firmiores.

Quare retenta positione animam quietè efflavit, ultimis hisce, plenisque gaudii signis argumentum reliquens, unde non incongruè judicetur non nulla jam tum vidisse illum, quod sperabat, præmii ac beatitudinis æternæ præludia. »

§ 11. Atque hæc P. Emmanuelis Oliveiræ de Stanislao sententia.

CAPITULO XX

Couzas maravilhozas sobre Estanisláo

§ 1. A conhecida benevolencia de Deos para com os seos famulos parece confirmar a opinião dos omens a respeito de Estanisláo, sendo este interprete e manifestante de couzas, que são do futuro, e estão postas fora do alcance dos conhecimentos umanos.

§ 2. Todas as vezes que viajava para a fazenda de Guarehi, de que acima falei, costumava passar algum tempo com seo irmão Jozé, que morava perto da estrada da vila de Itú.

Aconteceo em certo dia, que, ao entrar em caza do irmão e saudado por este immediatamente, perguntou, si uma das suas irmans estava bôa ?

Respondeo Jozé, que ela adoecera pouco antes ; todavia passava melhor, e brevemente estaria san.

Então Estanisláo buscou persuadil-o a ir immediatamente ver a irman, pois axava-se ela em perigo extremo.

Declarou Jozé não ser isto exáto, pois acabava de receber portador da irman, rezidente na vizinhança, e

---

CAPUT XX

Quædam de Stanislao mira

§ 1. Hanc hominum de Stanislao opinionem confirmare vtsa es antiqua Dei erga famulos suos beneficentia, quædam, eo interprete, manifestando, quæ aut futura erant, aut occulta, et humanam supra vim cognoscendi posita.

§ 2. Quoties ad Guarehiense prædium, de quo superiùs dictum, iter agebat Stanislaus, apud Josephum fratrem, qui prope viam Ituensi habitabat in opido, aliquandiu divertire solitus erat.

Accidit quadam die, ut vix fratris ingressus domum eoque salutato, statim quæsierit: num quædam utrius soror bene valeret? Eam non ita pridem ægrotasse respondit Josephus; melius tamen se habere, ac propediem fore, ut convalesceret. Tunc fratrem hortatus est Stanislaus, ut statim se ad sororem conferret; nám in extremo periculo versabatur.

Hoc ita esse negavit Josephus, cum a sorore, quæ non procul

sabia, que nenhum perigo se devia receiar. Instando porèm Estanisláo para que o irmão se apressasse, accedeo este em razão da reverencia, que lhe consagrava, e sahindo, encontrou a irman moribunda.

Com efeito agravando-se repentinamente a molestia, a doente agonizava, e logo faleceo, apenas recebidos os sacramentos, que a ocazião permitio.

§ 3. Pasmou Jozé com o acontecimento, e acreditou que ao irmão eram as couzas reveladas por influxo divino ; pois estava certo de que ninguem poderia tel-o informado do perigo, e nem da molestia da irman. Regressando, narrou depois a morte, a que acabava de assistir.

Ouvida a noticia, Estanislão recolheo-se a lugar secreto, onde esteve por algum tempo em oração, e dahi sahindo com palavras consoladoras ao irmão, e rosto alegre, dice : — Já não temos motivo de pezar ; nossa irman vive com Deos e goza da patria celestial.

§ 4. Facil foi crer em quem tal couza annunciava, pois o primeiro acontecimento induzia a prestar-lhe fé.

Por isso posta do lado a tristeza, começou a conversação sobre outras couzas ; e prezente estava Maria, outra irman de ambos.

E quando todos conversavam amigavelmente, Estanisláo perguntou ao irmão qual dos prezentes morreria primeiro ?

---

habitabat, paulo ante nuntium accepisset, sciretque nihil esse pericali quod eidem timeri posset. At urgenti Stanislao, ut properaret, obtemperavit reverentiæ causa, sororemque invenit vix non mortuam.

Siquidem, aggravato repente morbo, animam agebat, quam brevi deinde efflavit, sacramentis, quæ per tempus licuit, festine susceptis.

§ 3. Ad eventum obstupuit Josephus, fratremque divinitus de re tota edoctum credidit: certus enim erat extitisse neminem, a quo tum sororis periculum, tum etiam morbum cognovisset. Ad eundem postea reversus enarravit sororis obitum. Quo audito, se ad secretiorem partem recepit Stanislaus ; cumque orationi aliquandiu vacasset, fratrem compellans, vultuque ad lætitiam composito, *nulla*, inquit, *jam superest luctùs causa. Deo vivit soror nostra, et cœlesti patria perfruitur.*

§ 4. Facile fuit hac in re loquenti credere, cum fidem ipsi adhibendam primus docuisset eventus.

Quare, luctu deposito, aliis de rebus institutus est sermo: præsente etiam Maria, altera utriusque sorore.

Calando-se ele, Estanisláo acrecentou :— Tu, Jozé, primeiro te apartarás da vida; eu te seguirei depois; esta porem (apontando para a irman) igualará os anno da serpente.

Com este modo de falar, que entre os Portuguezes fraze proverbial, queria significar, que Maria viveria longamente.

§ 5 E todas as couzas aconteceram na ordem, em que foram preditas.

Pois morto Jozé e depois Estanisláo, Maria, sobrevivente a ambos, xegou á tamanha velhice, que, perturbada pela decrepitude a faculdade agnitiva, ja não conhecia os filhos, nem o lugar da sua propria abitação.

§ 6. O mesmo Jozé em certa ocazião tratava com Estanisláo de outras couzas, quando queixou-se de um filho, porque demorava-se nas minas auriferas, que xamam Cuiabá, e não obedecêra á ordem, que lhe dera para regressar.

A quem Estanisláo observou:—Não te irrites contra teo filho, pois ele virá mais cedo do que esperas e do que pensas.

Dizia o irmão, que assim não sucederia, ja porque o filho nas suas cartas declarava, que não viria este anno, e já porque perdêra a oportunidade da viagem. Pois xeios

---

Dum amice colloquuntur omnes, fratrem quasi per ludum rogavit Stanislaus: quis eorum primus moriturus esset? Tacente illo: *Tu Josephe*, addidit Stanislaus, *prior è vita discedes: te deindè sequar ego: hæc antem* (simulque sororem ostendit) *serpentis æquabit annos*.

Qua loquendi ratione, quæ apud Lusitanos proverbii loco usurpari solet, Mariam diutissime victuram significavit.

§ 5. Et quidem omnia, quo prædixit ordine, evenerunt.

Nam, mortuo Josepho deinde que Stanislao, Maria utrique superstes ad tantam pervenit senectutem, ut nec filios, nec habitationis locum, interturbata senio cognoscendi virtute, amplius cognosceret.

§ 6. Idem Josephus, dum alia data occasione cum Stanislao ageret, questus est apud ipsum de filio, quòd in aurifodinis Cuiabá, quas appellant, morari pergeret, sibique reditum imperanti non obedierit. Cui Stanislaus: *ne fustra irascaris filio, spe citius ac opinione venturo*.

Nullatenús id fieri posse aiebat frater: tum quia filius, datis ad ipsum litteris, eo se anno venturum negabat; tum quia penitus

os rios com as xuvas do inverno e devendo navegar de rio acima, as canoas não podiam vencer o curso forçozo das aguas.

E como Estanisláo persistisse n'este parecer, Jozé entretanto aquietou-se, esperando que brevemente se manifestaria a verdade do cazo. Não tardou em realizar-se o sucesso vaticinado ; com efeito contra toda a sua esperança e opinião, passadas poucas semanas, recebeo o filho.

§ 7. Na ultima doença, de que faleceo, Estanisláo escreveo a este seo sobrinho, dizendo-lhe entre varias couzas, que o não veria mais.

Julgou o mancebo, que estas expressões do tio significavam somente, que ele morreria dentro de poucos dias.

Por isso preparadas as cavalgaduras, partio para a cidade de São-Paulo, esperando assistir á morte de Estanisláo, ou ao menos vêr o cadaver. Debalde porem correo; pois entrando na cidade soube, que o tio estava morto e sepultado.

Conhecido então o sentido da carta, doêo-se profundamente, porque, acreditando no tio que afirmava ir morrer, não acreditou, que o não veria mais.

---

amissa erat veniendi opportunitas. Nam, aucto pluviis hyemalibus flumine, quo adverso navigandum erat, nulla vi scaphæ contra præcipitem aquarum cursum impelli possent.

At cum Stanislaus in sententia persisteret, acquievit interim Josephus, sperans brevi manifestam iri rei veritatem. Nec diu fuit, quin vaticinii prædicaret ev·ntum : siquidem præter omnem suam spem ac opinionem, elapsis aliquot hebdomadis, filium recepit.

§ 7. Ultimo ex morbo cum decumberet, litteras ad hunc fratris filium dedit Stanislaus, in quibus præter alia se non amplius ab eo videndum asserebat. Id unum existimavit juvenis à patruo significari, nimirùm se non multos post dies moriturum.

Quare, citatis equis, ad S. Pauli urbem profectus est, spirans fore ut Stanislao adesset morienti aut mortui cadaver saltem aspiceret. Frustra tamen cucurrit : nam urbem ingressus, patruum et mortuum, et elatum fuisse cognovit.

Tunc, percepto verborum sensu, alte indoluit, quód patruo credens moriturum se affirmanti, eidem se videndum neganti non credidisset.

§ 8. O padre Manoel de Oliveira, digno de constante louvor, assistia a Estanisláo, quando este morreo. Como era velho e adoentado, julgava não poder viver por muito tempo; por isso dice a Estanisláo, que seria o primeiro a seguil-o no tumulo.

Assegurou Estanisláo, que tal não sucederia, e acrecentou, que ele ainda lhe sobreviviria tantos annos quantos lhe faltavam para ser octogenario. Manoel de Oliveira considerou isto como infalivel vaticinio; e convencidamente afirmava, que morreria, quando xegasse ao seo octogezimo anno de idade.

Por isso a certo confrade, que n'esse tempo o felicitava por gozar de vigoroza saude, deo a seguinte resposta:—Quem predice, que eu agora morreria, goza da eterna bemaventurança; portanto julgo, que não enganou-se.

Certamente não expressou o nome de Estanisláo; porem facilmente podemos conjeturar ser este o vaticinador de quem ele falava. Nem a predição falhou: pois no mesmo anno Manoel de Oliveira faleceo.

§ 9. Omito factos iguaes, que Estanisláo profetizou, principalmente aos parentes, entre os quaes tamanho era o conceito em que o tinham, que quazi todas as suas

---

§ 8. Aderat Stanislao, cum postremò decubuit, sæpè laudatus P. Emmanuel Oliveira. Is, ut erat senex, morbosusque, non diu se victurum putabat, proindeque dixit Stanislao se primum fore, qui eum sequeretur.

Hoc eventurum negavit Stanislaus, addiditque tot illum annos superstitem sibi futurum, quot erat octogenario minor. Hæc vaticinii loco accepit Emmanuel Oliveira; cum que ad octogesimu pervenisset annum, eo se moriturum abque ulla hæsitatione affirmabat.

Unde quemdam ex sociis ipsi per id tempus gratulantum, quòd saniore uteretur valetudine, hac excepit responsione: *Qui me nunc moriturum pædixit, æterna fruitur beatitudine; proinde cum minime deceptum puto.*

Non quidem Stanislai nomen expressit: hunc tamen esse, de quo loquebatur, facile conjici potest. Nec prædictio fefellit: siquidem eodem anno mortus est Emmanuel Oliveira.

§ 9. Mitto hujusmodi alia, quæ prædixit Stanislaus, cognatis præsertim: apud quos tanta fuit ejus opinio, ut omnia fere ipsius verba

palavras reputavam-se como vaticinio, embora por vezes Estanisláo explicasse, que apenas como conjeturas inculcava as couzas futuras e ocultas.

Não devemos todavia preterir o que o padre Cristovão Cordeiro, varão ilustre entre os nossos confrades pela doutrina e tambem pela modestia da sua vida, refere ter-lhe acontecido no colegio da Bahia.

Ajudava outr'ora a Estanisláo na celebração da missa, e começou entretanto a volver mil couzas na fantazia, uma das quaes lhe ficou por muito tempo na lembrança, e foi—si xegaria á idade senil?

Concluida a missa, quando já na vestiaria despia os paramentos, Estanisláo, voltando-se para ele, perguntou, por que razão dezejava viver até a senectude?

Admirado de taes palavras, o padre Cristovão Cordeiro teve como certo, que a Estanisláo se não ocultavam os mais reconditos pensamentos: o que ele então apregoou e ainda oje (pois ainda vive) publica em altas vozes.

§ 11. Todas estas couzas atestam os nossos confrades rezidentes em Roma, a maior parte dos quaes (o que aumenta o valor do testimunho) conheceram Estanisláo pessoalmente.

Alguns d'eles indiquei no curso d'esta istoria; outros,

---

pro vaticiniis haberent, quamquám non semel tentaret Stanislaus, quæ de futuris rebus occultisque disserebat, quasi conjecturas inculcare.

§ 10. Præterire tamen non libet, quod sibi in Bahiensi collegio accidisse testatus est P. Christophorus Corderius, vir non minus doctrina, quam vitæ modestia apud nostros clarus.

Hic olim, cum peragenti sacrum Stanislao ministraret, varia interim mente percurrebat; ex quibus id unum fuit, quod diutius retinuit, volutavitque: an ipse ad ætætem usque senilem esset perventurus?

Absoluto sacrificio, cum se jam in vestiario exuisset, ad illum conversus rogavit Stanislaus: cur villet ad senectutem usque vivere? Ad quæ verba miratus Christophorus Corderius certum omnino habuit, mentis etiam secretiora Stanislaum minimè latere: quod ille et tum prædicavit, et hodie (nam, dum hæc scribo, in vivis est) magnis vocibus prædicat.

§ 11. Atque hæc socii Romæ comorantes testati sunt, quorum plerique (quod testimonio pondus addit non exiguum) Stanislaum in vivis agentem cognovere.

Ex his nonnullos in historiæ decursu indicavi, cæteros, non tamen

mas não todos, apontarei n'este lugar, para que com a autoridade dos seos depoimentos confirmem aquilo que escrevi.

§ 12. Os companheiros que julgo dever nomear são: os padres Felix Xavier, Manoel Ferraz, Melchior Mendes, Francisco Monteiro, Jozé Castilho, Manoel da Fonseca, Benedito Soares e frei Francisco da Silva: todos, calando maiores encomios, possuem tanta probidade quanta basta para serem tidos por pessoas dignissimas de fé.

Os dous ultimos d'estes assistiram á morte de Estanisláo; e assim tiveram ocazião de observal-o em sua ultima infermidade.

FIM

Protesto do autor

O autor declara, que entende, e quer, que as demais pessoas entendam, que as couzas, que escreveo n'esta obra, são inteiramente conformes ao sentido dos decretos do Pontifice. Por isso confessa, que os factos, que narra, não devem merecer outra fé sinão aquela que vulgarmente se costuma dar ás istorias umanas.

---

omnes, hoc loco indicaturus, ut quæcumquæ scripsi, testantium quoque auctoritate firmentur.

§ 12. Sunt veró, quos hic sensui appellandos patres Felix Xaverius, Emmanuel Ferrâz, Melchior Mendes, Franciscus Monteiro, Josephus Castilho, Emmanuel Fonseca, Benedictus Soares, et frater Franciscus da Silva: omnes, ut alia taceam, tanta probitate viri, quanta sat est, ut apud omnes fide habeantur dignissimi.

Quorum postremi duo, morienti cum adfuerint Stanislao, plura observandi occasionem vel in ultima ægritudine nacti fuerunt.

FINIS

Protestatio auctoris

Declarat auctor se omnia et singula, quæ hoc in opere scripsit, sensu Pontificiis decretis prorsùs conformi et acipere, et ab aliis accipi velle. Quamobrem profitetur non aliam iis, quæ narrat, deberi fidem, quam quæ vulgò humanis historiis præstari solet.

OBSERVAÇÃO

Manuscrito. Tradução. Ortografia

§ 1

O nosso consocio Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, rezidente em Campinas, ofereceo ao Instituto Istorico um opusculo escrito em latim.

O opusculo trazia no frontespicio esta declaração do punho do ofertante : « Vida do padre mestre Estanisláo de Campos, S. J., escrita em Roma, e de lá trazida em manuscrito. Ignora-se quem seja o autor. O original manuscrito, do qual o prezente é copia fiel, foi trazido da Italia pelo finado padre Jozé da Costa Lara, que foi uma das vitimas da cruel perseguição, que aos padres da santa e ilustre sociedade de Jezus fez o Marquez de Pombal ; e foi sobrinho do padre mestre Estanisláo de Campos. »

Em 1884 por ocazião de publicar-se o catalogo dos nossos manuscritos, recordou ele a sua oferta, manifestando dezejos de vel-a publicada na *Revista Trimensal*.

Como membro da comissão de redação aprezentei aos colegas a indicação do ilustrado ofertante, e então não tomou-se rezolução alguma sobre essa publicação.

Ultimamente lembrei os dezejos do ilustre consocio, e novamente submiti a indicação ao exame da comissão, sendo impugnada a publicação por ser a obra escrita em latim, dificuldade que procurei solver declarando que faria a tradução para linguagem vernacula.

No entretanto o nosso consocio Dr. Ricardo Gumbleton pensava, que o merito da publicação consistia em ser feita na lingua, em que fora o opusculo escrito. Em carta a mim dirigida dizia ele : « Fico certo do conteúdo da sua carta, mas peço venia para dizer, que discordo *toto cœlo* da sua opinião quanto á prévia tradução da biografia do grande Paulista padre mestre Estanisláo de Campos, si fôr impressa (como faço votos para que seja) na

Revista Trimensal. No meo entender o verter em linguagem uma peça d'esta ordem tira a esta quazi todo o interesse, toda a sua graça, e sem ser vetusto archeologo, direi, que é uma especie de sacrilegio. Si existem oje poucos capazes de apreciar o trabalho na lingua, em que foi escrito por piedozo colega, é isto uma vergonha nossa, pois que no seculo passado em São-Paulo não faltariam inumeros bons latinistas para se deleitar na leitura. »

Com este pensar estava de acordo o nosso mui digno 1.° secretario Barão Homem de Mello, que tambem opinava pela publicação em latim, considerando que assim far-se-ia bom serviço ás nossas letras.

Propuz então, que a publicação se fizesse nos dous idiomas ; porque assim satisfaziam-se duas condições : aos antiquarios amantes do latim dava-se o prazer da leitura na lingua do Lacio, a outros, que a não conheciam, facilitava-se o conhecimento da obra, lendo-a em linguagem vernacula.

§ 2

Fiz a tradução do latim para o portuguez sem alterar testo original ; apenas subdividi os capitulos, em paragrafos para maior comodidade da lição, e para que mais facilmente se cotege o original com a tradução.

Esta vae com a maior aproximação possivel do testo, pois procurei seguir de perto os termos e a frazeologia do autor do opusculo, evitando construir méra parafraze.

Si não consegui traduzir fielmente, ahi fica o testo, e outros o farão melhor.

§ 3

Devo uma satisfação ao leitor, quanto á ortografia d'esta publicação.

A muitos cauza estranheza a ortografia fonica, que pena é não estar aperfeiçoada e aceita geralmente.

So o ábito do orgão vizual nos produz essa estranheza

no curso da leitura. Quem está abituado a escrever etimologicamente, sente dezagradavel impressão ao ver escritas certas palavras sem letras superfluas, e prezume ser esse movimento o impulso natural contra a pratica do erro.

Assim não é ; porquanto depois que tomamos o costume de escrever fonicamente, sentimos o mesmo dezagrado e repulsa, quando encontramos letras, que não concorrem para a formação dos sons, mas que somente servem para recordar a origem do vocabulo ; origem que para a maxima parte dos leitores é de nenhum valor.

So o literato sabe, porque esta ou aquela palavra tem letras dobradas ou caracteres dispensados na pronunciação ; pois conhecem as linguas mortas ou vivas, donde taes palavras se derivam.

Mas que importa isso para a clareza da significação ou da idéa, que a palavra reprezenta ? Nada.

A ortografia etimologica é uma idolatria ao uzo, e tambem uma ostentação de siencia, que não deve ter cabimento na escritura comun do povo, onde a simplicidade é a couza principal.

A ortografia etimologica é um embaraço, e deve ser banida do uzo vulgar ; fique para os doutos e para os dicionarios ou vocabularios.

Nem consequentes são os escritores etimologistas ; porque em parte seguem a etimologia, e em parte a desprezam.

Porque pois isto ? Porque é um sistema contrario á razão da couza.

Não venho discutir sistemas ortograficos, nem é ocazião para isso ; todavia não é fóra de propozito justificar o uzo que faço em publicações da *Revista Trimensal* da escritura fonetica.

Nem se considere o uzo d'esta escritura como caprixo futil, quando ela faz objeto do estudo dos sabios, e já um governo europeu tenta admitil-a oficialmente e generalizal-a.

Em Portugal literatos notaveis a aceitam e buscam regularizal-a ; e a lingua espanhola escreve-se no antigo e novo mundo com a grafia fonetica, que tambem na Italia é seguida.

A grafia fonetica do portuguez era uzual até meados do seculo passado; mas o comercio dos escritores de então com o latim, sucitou o gosto da grafiae timologica, que por fim tem prevalecido nos nossos uzos por imitação dos Francezes, a cuja literatura especialmente nos aplicamos.

Entre nós não é de oje a aceitação do sistema fonetico; e para não acumnlar citação de autoridades, mencionarei apenas dous exemplos: falo do bispo Azeredo Coutinho, literato ilustre, e do padre Diogo Feijó, notavel politico, ex-regente do imperio.

Do famozo bispo temos no archivo do Instituto Istorico uma estensa memoria autografa escrita foneticamente; e do sacerdote patriota temos cartas particulares, documentos politicos, e a erudita memoria sobre o celibato clerical, onde vê-se empregado o sistema fonetico.

Para generalizal-o bastariam dicionarios bem organizados, que nas mãos dos instrutores da mocidade, e dos escritores da imprensa diaria fariam rapida transformação.

No seio do nosso Instituto ja foi aventada a questão da ortografia fonica por ocazião de publicações feitas na *Revista Trimensal* com essa ortografia; e então a sociedade tomou o razoavel alvitre de permitir, que os trabalhos dos seos membros se imprimissem como eram escritos, desde que os autores declaradamente assumissem a responsabilidade da inovação.

Este procedimento do Instituto é mais um documento da liberdade e franqueza, com que ali tratamos os assuntos, a que nos aplicamos.

Outr'ora dizia eu em uma publicação feita em 1874:

Este trabalho vae impresso com a ortografia, com que costumo escrever. Sei, que cauzará reparo.

Conhecem todos, que não temos regras ortograficas invariaveis; cada qual adota um sistema, ora seguindo o rigor etimologico, ora aceitando a praxe uzual.

Na variedade dos sistemas pareceo-me sempre melhor o mais simples; por isso escrevo com a ortografia fonica ou natural, na qual empregam-se tamsomente os caracteres necessarios para reprezentar os sons, com que formalizamos a palavra.

A ortografia etimologica constitue uma siencia de ninharia, que bem póde ser escuzada. Para os doutos ela não ensina novidade, porque eles conhecem a origem e a derivação das palavras; para os iliteratos constitue apenas uma dificuldade, sobrecarregando-lhes a memoria sem acrecentar clareza nas idéas, que as palavras figuram.

Saber si uma palavra deve escrever-se com letras dobradas ou sem duplical-as é exercicio esteril da memoria. Dahi não se colhe proveito; pelo contrario a escritura com sinaes duplices tem as seguintes inconveniencias de intuição:

1.° Cria uma siencia superflua;

2.° Consome tempo com a figuração de caracteres inuteis;

3.° Ocupa maior espaço sem necessidade.

Aos lexicons fique rezervada a tarefa de memorar a etimologia das palavras, conservando as *origens* ou *raizes* ao lado das palavras vernaculas.

A ortografia tem por fim consignar no papel, marmore ou bronze os sons, de que as palavras se compõem; a escritura fonica satisfaz cabalmente este fim: d'ela portanto convem uzar como mais facil e singela. »

Rio 20 de Abril de 1889.

T. Alencar Araripe.

ISTORIA DE UMA VIAGEM FEITA Á TERRA DO BRAZIL

POR

JOÃO DE LERI

TRADUZIDA EM LINGUAGEM VERNACULA

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

E OFERECIDA AO

Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

ADVERTENCIA

A obra de João de Leri foi publicada em 1578, sendo por isso escrita em francez do antigo estilo ; dahi vem, que está em linguagem antiquada, xeia de termos obsoletos, de transpozições repetidas, e periodos longos.

A leitura pois da obra exige frequentemente o uzo dos dicionarios antigos para os termos dezuzados, e é penoza por necessitar o leitor de constante atenção para compreender o sentido d'esses periodos interrompidos por continuados ipérbatos.

Esta obra é um dos primeiros monumentos graficos da nossa istoria primitiva, e convem encorporal-a ao nosso peculio istorico d'esses tempos do primevo descobrimento da nossa terra, e essa encorporação convem fazer na lingua nacional.

Por isso pareceo-me, que faria serviço aproveitavel, traduzindo em linguagem vernacula a *Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil* por João de Leri.

Alem dos termos obsoletos e das transpozições, o estilo irregular do autor dificulta a inteligencia do testo, e exige acurada atenção e a repetição da leitura para combinar os periodos e perceber o sentido das orações.

Quem duvidar do que dizemos procure o original francez, e leia ; e estou certo, que terá repetidamente de parar na leitura para refletir, organizar a locução, e comprehender o sentido d'essa frazeologia antiquada e d'esse estilo incorreto e xeio de continuadas transpozições, que perturbam a clareza do pensamento, e interrompem a propozição principal com incidentes e circunstancias numerozas, cuja multiplicidade escurece e baralha as idéas, que se vam deduzindo no discurso.

A tradução facilita ao leitor nacional a leitura, e ficarei satisfeito do enfadonho trabalho, a que me dei, si com efeito assim suceder.

Procurei seguir o testo com escrupulo, e ser exáto na interpretação do pensamento do autor.

Si alguem de futuro quizer confrontar a tradução e o original, corrigirá qualquer desvio, que eu tenha porventura cometido, fazendo serviço ás letras patrias.

Darei tambem a tradução das obras de Hans Staden, Andre Tevet, e Alvaro Nunes Cabeça de Vaca como documentos primitivos da nossa istoria.

Varias cronicas temos dos primeiros vizitantes da nossa terra escritas em lingua estranha, e parece-me, que util seria passal-as todas para a linguagem patria. Ja o nosso prestimozo consocio doutor Cezar Augusto Marques traduzio e publicou os trabalhos de Claudio de Abeville e Ivo d'Ivreux, padres francezes, que vieram ao Maranhão nos primeiros tempos de seo descobrimento, e bom seria, que outros imitassem tam louvavel empenho.

O primeiro escreveo a *Istoria da missão dos padres capuxinhos na ilha do Maranhão* ; o segundo publicou a *Viagem ao norte do Brazil.*

O doutor Jozé Igino Duarte Pereira, nosso ilustrado consocio, tem feito bom serviço ao estudo da istoria patria, traduzindo varios documentos relativos ao tempo do dominio olandez em Pernambuco, e fazemos votos para que ele prosiga em tão meritoria empreza.

Os escritores primitivos tem maior graça, e nos dam melhor idéa das couzas,que viram e descreveram, do que os subsequentes expozitores, que ja escreveram extratando das obras originaes.

Falta sensivel é ainda não termos no idioma nacional obras como a de Gaspar Barleo sobre o governo do Conde de Nassau em Pernambuco (*Res Brasiliæ imperante Comite Joanne Mauritio*) e outras de incontrastavel merecimento e valor para o conhecimento da istoria de nossa patria.

Rio 5 de Agosto de 1887.

T. Alencar Araripe.

Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil

POR JOÃO DE LERI

CAPITULO I

Motivo e ocazião, que nos fez empreender esta longinqua viagem á terra do Brazil

§ 1. Como alguns cosmografos e outros istoriadores do nosso tempo já escreveram sobre o comprimento, largueza, formozura e fertilidade d'esta quarta parte do mundo, xamada America ou terra do Brazil, e tambem sobre as ilhas proximas e terras adjacentes inteiramente desconhecidas dos antigos, e sobre diversas navegações, que para ahi se fizeram n'estes primeiros 80 annos depois do seo descobrimento, não me demorarei em tratar d'este argumento com extensão e generalidades ; minha intenção e meo objeto será n'esta istoria sómente declarar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar e em terra, indo e vindo, quer entre os selvagens americanos, no meio dos quaes andei e vivi quazi um anno.

E afim de que tudo seja melhormente conhecido e entendido de cada leitor, começando pelo motivo, que nos levou a empreender tam penoza e longinqua viagem, direi brevemente qual foi a ocazião d'ela.

§ 2. No anno de 1555 um fulano Nicoláo de Villegagnon, cavaleiro da ordem de Malta, tambem conhecida por ordem de São João de Jeruzalém, desgostozo da França, e axando-se tambem descontente da Bretanha, onde então rezidia, manifestou em diversos lugares do reino

de França a varios personagens notaveis de todas as graduações, que desde muito tempo não só tinha extremo dezejo de retirar-se para algum paiz longinquo, onde podesse livre e puramente servir a Deus, conforme a reforma do Evangelho, mas tambem que dezejava ahi preparar pouzo para todos aqueles que quizessem para ahi retirar-se com o fim de evitar perseguições; as quaes de fato eram taes, que n'esse tempo muitas pessoas, de todos os sexos e condições, eram em todos os lugares do reino, por edictos do rei e por decizões dos parlamentos, queimadas vivas, sendo seos bens confiscados, por cauza de religião.

Declarava além d'isso Nicoláo de Villegagnon, tanto vocalmente a aqueles que viviam perto d'ele, como por cartas que dirigia a alguns particulares, que tinha ouvido falar e referir tam bôas noticias da formozura e fertilidade da parte da America xamada terra do Brazil, que, para abituar-se ahi e efectuar o seo dezignio, tomaria de bôamente este caminho.

§ 3. E de fato sob este pretesto conseguio a vontade de alguns grandes senhores da religião reformada, os quaes dominados pelo mesmo aféto, que ele dizia ter, dezejavam axar similhante refugio: entre estes figurava o finado senhor Gaspar de Coligni, de feliz memoria, almirante de França, o qual, bem visto e bem aceito, como era, do rei Enrique Segundo, então reinante, reprezentou, que si Nicoláo de Villegagnon fizesse esse viagem, poderia descobrir muitas riquezas e outras comodidades em proveito do reino; em vista do que mandou-lhe o rei dar dois bons navios aparelhados e providos de artilharia, e dez mil francos para os gastos da viagem.

Assim Nicoláo de Villegagnon, antes de partir de França, prometeo a alguns onrados personagens, que o acompanharam, que estabeleceria puro serviço de Decs no lugar em que rezidisse, e depois de prover-se de marinheiros e artistas, que trouxe comsigo, no mez de Maio do dito anno de 1555, sahio ao mar, onde sofreo muitas tormentas; mas emfim, não obstante todas as dificuldades, em Novembro seguinte xegou ao dito paiz.

§ 4. Xegado ahi, dezembarcou e tratou primeiramente de alojar-se em um roxêdo na embocadura de um braço de mar ou rio d'agua salgada, xamado pelos indigenas *Guanabára*, o qual (como em lugar competente descreverei) fica aos 23 gráos alem do equador, isto é, quazi debaixo do tropico do Capricornio; porem as ondas do mar dali o expeliram.

Assim foi constrangido a retirar-se dali, avançou quazi uma legoa buscando as terras, e acomodou-se em uma ilha antes dezabitada, na qual, tendo dezembarcado a artilharia e demais bagagem, começou a construir uma fortificação, afim de ficar em maior segurança, tanto contra os selvagens como contra os Portuguezes, que viajam e já têm fortalezas n'esse paiz.

§ 5. Ora dahi, fingindo sempre arder em zelo por adiantar o reino de Jezus Cristo, e persuadindo-o com empenho á sua gente, quando os seos navios ficaram carregados e prestes para regressar á França, escreveo e mandou em um d'eles expressamente uma pessoa a Genebra, requizitando igreja e ministros do dito lugar para o ajudarem e socorrer, quanto lhes fosse possivel, n'esta sua tam santa empreza.

Mas sobretudo afim de proseguir e avançar com diligencia na obra, que empreendera, e que dezejava, conforme dizia, continuar com todas as suas forças, pedia instantemente não só que lhe enviassem ministros da palavra de Deos, mas tambem que, para melhormente reformar a si e a sua gente, e para xamar os selvagens ao conhecimento da sua salvação, algumas outras pessoas bem instruidas na religião cristan acompanhassem os ditos ministros, afim de virem ter com ele.

§ 6. A igreja de Genebra, recebidas as suas cartas e ouvidas as suas noticias, rendeo primeiramente graças a Deos pela amplificação do reino de Jezus Cristo em paiz tam longinquo, em terra estranha e no meio de uma nação, que inteiramente ignorava o verdadeiro Deos.

Depois, para satisfazer a requizição de Nicoláo de Villegagnon, o finado senhor almirante, a quem para o mesmo efeito tambem escrevera, solicitou por cartas

a Filipe de Corguillerai, senhor Dupont (que avia-se retirado para perto de Genebra, e fôra seo vizinho em França, perto de Chastillon sur Loing)para empreender a viagem, afim de dirigir aqueles que se quizessem encaminhar para Nicoláo de Villegagnon n'essa terra do Brazil. O dito senhor Dupont foi tambem solicitado pela igreja e pelos ministros de Genebra, embora já fosse velho e caduco; mas ainda animado pelo grande dezejo que tinha de empregar-se em tam boa obra, e pospondo e abandonando todos os outros seos negocios, e até deixando seos filhos e sua familia para ir para tam longe, accedeo em fazer o que lhe requeriam.

§ 7. Feito isto, tratou-se em segundo lugar de axar ministros da palavra de Deos. Portanto depois que Dupont e outros seos amigos falaram a alguns escolares, que então estudavam teologia em Genebra, os ministros Pedro Richier, já idozo, tendo então 50 annos, e Guilherme Chartier lhe prometeram, que, no cazo de se conhecer por via ordinaria da igreja, que eles eram aptos para esse encargo, estavam prontos para dezempenhal-o.

Assim depois que estes dous sacerdotes aprezentaram-se aos ministros de Genebra, que os ouviram sobre a expozição de certas passagens da Escritura-santa, e os exortaram acerca dos demais deveres, voluntariamente aceitaram, com o seo condutor Dupont, transpor o mar para irem ter com Nicoláo de Villegagnon, afim de annunciarem o Evangelho n'America.

§ 8. Ora, faltava ainda axar outros personagens instruidos nos principaes pontos da fé, e tambem artistas peritos nas suas artes, como Nicoláo de Villegagnon pedia; mas para a ninguem iludir, Dupont alem de declarar o longo e fastidiozo caminho, que convinha fazer, a saber, quazi 150 legoas por terra, e mais de 2.000 por mar, acrecentava, que, xegando a essa terra da America, cumpria contentar-se com o alimento de certa farinha feita de raizes, em lugar de pão, e quanto a vinho, nem noticias d'ele, pois ahi não crece a parreira; emfim dizia, que como em novo mundo (conforme advertia a carta de Nicoláo de Villegagnon) conviria uzar ahi de modo de vida e de viandas inteiramente diferente dos da nossa Europa:

todos aqueles, digo eu, que amavam mais a teoria do que a pratica d'essas couzas, e não apeteciam mudar de ares, nem suportar as ondas do mar e o calor da zona torrida, nem ver o pólo antartico, não quizeram entrar em liça, nem alistar-se, nem embarcar-se em tal víagem.

§ 9. Todavia depois de muitos convites e solicitações por todos os lados, alguns, como me parece, mais corajozos do que os outros, aprezentaram-se para acompanhar a Dupont, Pedro Richier e Guilherme Chartier, e esses foram: Pedro Bordon, Mateos Verneuil, João du Bordel, André Lafon, Nicoláo Denis, João Gardien, Martin David, Nicoláo Raviquet, Nicoláo Carmeau, Tiago Rousseau, e eu João de Leri, que, tanto pela bôa vontade que Deos me déra para servir á sua gloria, como por curiozo de ver o novo mundo, fiz parte da comitiva; de sorte que fômos em numero de 14 os que partimos da cidade de Genebra aos 16 de Setembro do anno de 1556.

Seguimos e fômos passar por Chastillon sur Loing, no qual lugar axamos o senhor almirante, e este não só nos encorajou cada vez mais a proseguir na nossa empreza, mas tambem fez promessa de nos coadjuvar pelo lado da marinha; e aprezentando muitas razões, deu-nos esperança de que Deos nos concederia a graça de vermos o fruto do nosso trabalho.

§ 10. Encaminhamos-nos dahi para Paris, onde, durante um mez em que ahi permanecemos, alguns gentis omens e outras pessoas, advertidas do motivo da nossa viagem, reuniram-se á nossa companhia.

Dahi passamos a Rouen, e dirigindo-nos a Onfleur, porto de mar, que nos era assinalado no paiz da Normandia, ahi fizemos os nossos preparativos, esperamos, que se aprestassem os nossos navios para a partida, e demoramos-nos quazi um mez.

pouco o deixaram de saquear. Conforme o que já dice, os nossos trez navios estavam bem providos de artilharia e outras munições de guerra; por isso os nossos marinheiros mostravam-se altivos e fortes, quando navios mais fracos apareciam á sua dispozição, e não tinham por tanto segurança alguma.

E cumpre (pois vem a propozito), que eu diga aqui de passagem, que, n'este primeiro encontro de navio, vi praticar no mar o que mais frequentemente tambem se pratica em terra; a saber, que aquele que tem armas em punho e é mais forte, supera e dá leis ao companheiro.

Verdade é,que os senhores marinheiros, fazendo arriar velas, e aproximar os mizeros navios mercantes, alegam ordinariamente, que andam por muito tempo, forçados pelas tempestades e calmarias, sem poder tomar terra nem porto, e estam no mar necessitados de viveres, de que pedem para ser supridos, mediante pagamento.

§ 6. Si porém sem este pretesto podem pôr pé a bordo do vizinho, não pergunteis, si vam impedir o navio de afundar-se; ali o descarregam de tudo quanto lhes parece bom e proveitozo.

E si por ventura alguem adverte (como de fato sempre o faziamos),que nenhuma ordem existe para assim saquearem indiferentemente amigos e inimigos, respondem com o estribilho comum dos nossos soldados de terra em cazo similhante, dizendo ser da guerra e de costume, e que portanto dezempenha o seo oficio quem segue os estilos.

§ 7. Além d'isso direi, á maneira de prefacio, bazeado em exemplos adiante expostos, que os Espanhóes, e ainda mais os Portuguezes, gabando-se de serem os primeiros descobridores da terra do Brazil, e tambem de todo o continente desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos do lado do pólo antartico, até o Perú, e ainda áquem do equador, sustentam, que sam senhores d'esse paiz, e alegam, que os Francezes, que por ele viajam, sam uzurpadores; e por isso si os encontram no mar, e contam vantagem, fazem-lhes tal guerra, que xegam a ponto de os esfolar vivos, e dar-lhes outros generos de morte cruel.

Os Francezes, sustentando o contrario, afirmam, que têem parte n'esses paizes novamente conhecidos, e não cedem voluntariamente aos Espanhóes e menos aos Portuguezes, mas defendem-se valentemente, e muitas vezes dam o troco aos seos inimigos ; os quaes (falando sem jatancia) não ouzariam abordal-os nem atacal-os, si não se considerassem muito mais fortes e em maior numero de navios.

§ 8. Ora, voltando á nossa viagem, direi, que o mar continuou empolado, e esteve por espaço de seis ou sete dias tam rude, que não só vi por muitas vezes as vagas altearem-se e correrem por cima do convés do nosso navio, mas tambem rezamos todos nós o salmo 107 por cauza do furor das ondas, tinhamos desfalecidos os sentidos, cambaleavamos como ebrios, e o navio abalava tanto que não avia marinheiro, por mais veterano que fôsse, que se podesse conservar de pé.

E com efeito (como diz o mesmo salmo) quando d'este modo em tempo de tormenta no mar somos repentinamente levados ácima d'essas espantozas montanhas d'agua, que parece subirmos até o céo, entretanto subitamente decemos tam baixo, que parece querermos submergir-nos nos mais profundos abismos, subzistindo assim, digo eu, no meio de um milhão de sepulcros, não é vêr as grandes maravilhas de Deos ? E' bem certo, que sim.

§ 9. Como em consequencia de tal agitação das furiozas ondas o perigo muitas vezes aproxima-se dos embarcadiços tanto quanta é a espessura das taboas, de que sam construidos os navios, lembrei-me do poeta, que dice, que aqueles que andam no mar apenas distam da morte quatro dedos, e ás vezes menos ; por isso parafrazeei e amplifiquei, para mais expressa advertencia aos navegantes, os seguintes versos :

Quoy que par la mer par son onde bruyante,
Face herisser de peur cil qui la hante,
Ce nonobstant l'homme se fie au bois,
Qui d'espesseur n'a que quatre ou cinq doigts

De quoy est faict le vaisseau, que le porte
Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte
Qu'il a la mort á quatre doigts de luy.
Reputer fol on peut donc bien celuy
Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,
Car c'est Dieu seul qui peut sauver sa vie.

§ 10. Depois de cessar a tempestade, aquele que torna o tempo calmo e tranquilo, quando-lhe apraz, mandou-nos vento galerno, xegamos ao mar de Espanha, e no quinto dia de Dezembro axamos-nos na altura do cabo de São-Vicente.

N'este logar encontramos um navio da Irlanda, no qual os nossos marinheiros, sob o pretesto já dito de falta de viveres, tomaram seis ou sete pipas de vinho de Espanha, figos, laranjas, e outras couzas, de que vinha carregado.

§ 11. Passados sete dias aproximamos-nos de trez ilhas, xamadas pelos pilotos da Normandia Gracioza, Lancerote, e Forteaventura, que sam as ilhas Afortunados.

Prezentemente sam em numero de sete, conforme julgo, todas abitadas por Espanhóes; e embora marquem alguns nas suas cartas e ensimem nos seos livros, que estas ilhas Afortunadas estam situadas apenas em 11 gráos aquem do equador, e por consequencia, no entender d'eles, estariam dentro da zona torrida, eu digo por ter visto tomar altura com o astrolabio, que elas com certeza ficam aos 28 gráos na direção do pólo artico. Por tanto cumpre confessar, que existe erro de 17 gráos, e que esses autores, enganando a si e aos outros, as afastam de nós.

§ 12. N'esses lugares, em que puzemos bateis ao mar, 20 pessoas nossas, entre soldados e marinheiros, meteram-se nos bateis com falconetes, mosquetes, e outras armas, e tratavam de ir prear n'essas ilhas Afortunadas; quando porem estavam a bordo, os Espanhóes, que já os tinham descoberto, os repulsaram de tal modo, que em vez de saltarem em terra, apressadamente retiraram-se para o mar.

Todavia voltearam, e tanto giraram, que por fim encontraram uma caravela de pescadores (os quaes, vendo os nossos dirigirem-se a eles, salvaram-se em terra, e abandonaram a sua embarcação), e depois de terem-se

apossado d'ela, não só tomaram grande quantidade de lixa seca, bussolas, e tudo quanto axaram, incluzive algumas velas, que trouxeram, mas tambem, não podendo fazer maior mal aos Espanhoes, dos quaes pretendiam vingar-se, meteram a pique com golpes de maxado uma barca e um batel, que estavam proximos.

§ 13. Durante trez dias, por que nos demoramos perto d'estas ilhas Afortunadas, emquanto o mar esteve calmo, apanhamos tamanha quantidade de peixe com redes de pescaria e com anzoes, que, depois de comermos á farta, fomos obrigados a lançar ao mar mais de metade do pescado, porque não tinhamos agua doce com abundancia para nos saciar a sede.

As especies eram dourados, lixa, e varias outras qualidades, cujos nomes ignoramos ; todavia algumas eram das que os marinheiros denominam sardas, que é uma especie de peixe, que não so tem corpo tam pequeno que parece estarem juntas a cabeça e cauda (a qual não obstante é proporcionalmente larga), mas ainda a cabeça imita a um capacete de crista, e é de forma assás estraordinaria.

§ 14. Na quarta feira pela manhan, 16 de Dezembro, o mar agitou-se repentinamente e as vagas enxeram tam subitamente a barca, que desde o regresso das ilhas Afortunadas estava amarrada ao nosso navio, que não so submergio-se e perdeo-se, mas tambem dois marinheiros, que n'ela estavam para guarnecel-a, ficaram em tamanho perigo, que apenas os podemos salvar e recolher ao navio, atirando-lhes cabos apressadamente.

E alem d'isso direi tambem, como couza notavel, que quando o nosso cozinheiro durante essa tempesdade (que durou quatro dias) poz pela manhan toucinho em uma grande celha de madeira para tirar o sal, veio um golpe de mar, que deo com impeto sobre o convés, e lançando a celha fora do navio na distancia de mais do comprimento de um dardo, outra vaga veio subtimente do lado oposto, e sem entornar a vazilha atirou-a sobre o convés com o conteúdo, de modo que isso restituio-nos o jantar, o qual, como se costuma dizer, já ia por agua abaixo.

§ 15. Ora, na quinta-feira, 18 do dito mez de Dezembro, descobrimos a Gran-Canaria, da qual no domingo seguinte nos aproximamos até muito perto ; mas por cauza do vento contrario, embora tivessemos deliberado tomar refrescos ali, não nos foi possivel por pé em terra.

E' uma formoza ilha abitada prezentemente por Espanhóes, na qual crece muita cana de assucar, e bom vinhedo ; e é ela tam alta, que a podemos ver da distancia de 25 ou 30 legoas. Alguns a xamam por outro nome Pico de Tenerife, e pensam ser a que os antigos denominavam monte Atlas, donde procede a denominação do mar Atlantico.

Todavia afirmam outros, que a Gran-Canaria e o Pico de Tenerife sam duas ilhas separadas ; mas eu refiro-me ao que na verdade é.

§ 16. N'este mesmo dia domingo descobrimos uma caravéla de Portugal, a qual ficava ao nosso sotavento ; e vendo por isso os que n'ela estavam, que não poderiam rezistir nem fugir, arriaram vélas, e vieram entregar-se ao nosso vice-almirante.

Assim os nossos capitães, que já muito antes tinham combinado entre si arranjar-se (como oje se diz) com algum navio, que sempre esperaram tomar dos Espanhóes ou dos Portuguezes, meteram gente nossa na caravéla, sem licença, afim de melhor dominal-a, e assegurar-se d'ela.

Todavia por considerações que tiveram para com o mestre d'esta, diceram, que no cazo de que ele podesse rapidamente descobrir e aprezar outra caravéla n'essas paragens, lhe restituiriam a sua, e que por sua parte ele antes dezejaria, que a perda recahisse sobre o vizinho do que sobre ele ; depois do que, conforme o seo pedido, deo-se-lhe uma das nossas xalupas armada de mosquetes com 20 dos nossos soldados e parte da sua gente, e por ser verdadeiro pirata, como eu creio que o era, seguio muito adiante dos nossos navios, afim de melhormente dezempenhar o seo papel e não ser descoberto.

§ 17. Ora, costeamos então a Barbaria, abitada por Mouros, da qual estavamos afastados mais de duas leguas, e conforme foi cuidadozamente observado por muitos d'entre nós, é terra plana e tam baixa, que, quanto nossa

vista podia estender-se, sem divulgar montanhas nem outros objétos, parecia-nos, que estavamos superiores a toda essa região, a qual devia incontinente submergir-se, e que nós e os nossos navios iamos passar por cima d'ela.

E na verdade, parecendo á inspeção vizual ser assim em quazi todas as praias do mar, n'este lugar ainda mais notavel tornava-se o espectaculo, contemplando-se do outro lado o mar agitado, erguido em grande e espantoza montanha ; e recordando-me do que a este respeito diz a Escritura, eu contemplava esta obra de Deus com suma admiração.

§ 18. Volto aos nossos piratas, os quaes, como já dice, nos tinham precedido na barca, e aos 25 de Dezembro, dia de natal, encontraram uma caravéla espanhola, e dirigindo-lhe alguns tiros de mosquete, a tomaram á força e a trouxeram para junto dos nossos navios.

E como era bonita embarcação, e estava carregada de sal, isto agradou muito aos nossos capitães, e conforme a combinação, que já mencionei, de pretenderem arranjar algum navio, a trouxeram comnosco para a terra do Brazil ás ordens de Nicoláo de Villegagnon.

Verdade é, que manteve-se a promessa feita aos Portuguezes, autores da preza, de se lhes entregar a sua caravéla; mas os nossos marinheiros (crueis como o foram n'esse lugar), pondo os Espanhóes esbulhados do seo navio de mistura com os Portuguezes, não só não deixaram a essa pobre gente um pedaço de biscouto nem de outros viveres, como tambem (o que ainda é peior) rasgaram-lhes as velas, e até tiraram-lhes o escaler, sem o qual não poderiam aproximar-se de terra nem dezembarcar ; e assim, creio eu, melhor seria então afundal-os do que deixal-os em tal estado.

Com efeito, ficando assim á mercê das ondas, si algum barco não sobreveio para socorrel-os, é certo, que por fim ou submergiram-se ou morreram de fome.

§ 19. Depois de praticada esta barbara proeza, realizada com grande pezar de muitos, fomos impelidos por vento de lessuéste, que nos era propicio, e penetramos assás no mar alto.

E afim de não ser enfadonho ao leitor, referindo particularmente todas as tomadias de caravélas, que fizemos,

direi, que no dia seguinte e depois a 29 do dito mez de Novembro aprezamos mais duas embarcações, as quaes nenhuma rezistencia offereceram.

A primeira era de Portugal, e embora os nossos marinheiros e principalmente os que estavam na caravéla espanhola, que conduziamos, tivessem grande dezejo de saqueal-a, em razão de terem dado alguns tiros de falconete na ocazião do encontro, os nossos mestres e capitães, depois de falarem com a gente de bordo, a deixaram seguir sem lhe cauzar dano.

A outra era de um Espanhol, e d'ela tomaram vinho, biscoutos e outras victualhas. Mas o dono sobretudo lamentava a perda de uma galinha, que lhe tiraram; pois, como ele dizia, por maior tormenta que ouvesse, ela não deixava de pôr, fornecendo-lhe todos os dias um ovo fresco no seo navio.

§ 20. No domingo seguinte o omem, que estava de vigia no mastro grande do nosso navio, gritou na fórma do costume: *Vela, Vela*. Descobrimos então cinco caravelas ou navios grandes (pois os não podemos bem distinguir), e os nossos marinheiros, que se descontentaráõ, si aqui relato as suas façanhas, não perguntavam sinão onde está? isto é, entoavam canticos ante o triunfo, e já pensavam ter os navios seguros em suas mãos; mas como os ditos navios iam adiante de nós, e nós tinhamos vento contrario, e eles no entretanto singravam, e fugiam quanto podiam, não nos foi possivel alcançal-os, nem abordal-os, não obstante a violencia feita aos nossos navios, que, por amor da preza e com perigo de submergir-nos e virar de crena, armaram todas as velas.

E para que ninguem considere extraordinario o que digo aqui, e em que já antes toquei, a saber, que aprezentando-nos assim bravamente no mar, indo para a terra do Brazil, todos fugiam ou amainavam vélas diante de nós, direi mais, que embora so tivessemos trez navios (alias bem providos de artilharia, pois aquele em que eu ia trazia 18 peças de bronze e mais de 30 falconetes e mosquetes de ferro, fóra as outras munições de guerra) todavia os nossos capitães, mestres, soldados e marinheiros, a mor parte Normandos, nação tam valente e belicoza no mar como

qualquer outra que oje navegue no Oceano, tinham rezolvido n'esta jornada atacar e combater o exercito naval do rei de Portugal, si o encontrassemos, lizongeando-se de poder alcançar vitoria.

CAPITULO III

Bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores, e outros de varias especies que vimos e apanhamos na zona torrida.

§ 1. Desde então tivemos mar xam, e vento tam bonançozo que fomos impelidos até 3 ou 4 gráos aquem da linha equinocial.

N'estas paragens apanhamos muitos golfinhos, dourados, albacores, bonitos e grande quantidade de outras especies de peixes; e como eu sempre julgára, que os marinheiros, dizendo que avia uma especie de peixes voadores, contavam petas, a experiencia então mostrou-me, que o fato era verdadeiro.

Começamos pois a ver sair do mar e levantar-se no ar cardumes de peixes voando fóra d'agua (como em terra vemos as cotovias e estorninhos) quazi da altura de uma lança, e algumas vezes na distancia de perto de 100 passos; e acontecendo frequentemente baterem alguns d'eles nos mastros dos nossos navios e cahirem no convés, nós assim facilmente os apanhavamos ás mãos.

§ 2. Para descrever este peixe, conforme o que observei n'uma infinidade, que vi e examinei, indo e regressando da terra do Brazil, direi, que é de fórma mui similhante ao arenque, embora um pouco mais comprido e mais redondo; tem pequenas barbatanas nas fauces, azas como as do morcego, e quazi tam extensas como o corpo, e é de muito bom gosto e sabor ao paladar.

Alem d'isso, como os não vi aquem do tropico de Cancer, penso (sem todavia pretender afirmar o contrario), que, amando o calor e vivendo sob a zona torrida, não ultrapassam para uma e outra banda dos polos.

Outra couza ainda observei; e é, que esses pobres peixes voadores, quer estejam n'agua, quer no ar, nunca ficam em socego; pois estando no mar os albacores e outros peixes grandes os perseguem para os comer, e fazem-lhes continua guerra; e si para evitar o dano, buscam salvar-se no vôo, certas aves marinhas os pream e d'eles se alimentam.

§ 3. E para dizer tambem alguma couza d'estas aves, que assim vivem de preza no mar, sam tão mansas, que muitas vezes acontecia pouzarem nas bordas, cordas e mastros dos nossos navios, deixando-se apanhar com a mão; e por tel-as comido, e tel-as visto por fóra e por dentro, dou aqui a descrição d'elas.

Sam de plumagem parda, como os gaviões; mas quanto ao esterior parecem tamanhas como gralhas, acontecendo todavia que quando depenadas não aprezentam mais volume do que um pardal; de sorte que maravilha serem tão diminutas no corpo, e poderem prear e comer peixes maiores e mais volumozos do que elas; alem d'isso possuem apenas uma tripa, e têem pés xatos como os adens.

§ 4. Voltando agora a falar dos outros peixes, de que já fiz menção, direi, que o bonito, que é dos melhores no paladar, é quazi da feição das nossas carpas comuns; todavia não tem escamas, e em nossa viagem vi muitos, que por espaço de quazi seis semanas não sahiam de roda dos nossos navios, aos quaes verosimilmente assim acompanhavam por cauza do breo e alcatrão, de que sam untados.

§ 5. Quanto aos albacores, embora sejam mui similhantes aos bonitos, todavia, tendo eu visto e comido bem boa porção d'eles, que tinham perto de cinco pés de comprimento, e tão grossos como o corpo de um omem, posso dizer, que não existe comparação entre uma e outra especie a respeito da grandeza.

Alem d'isso como este peixe albacor não é fibrozo, e pelo contrario se esmigalha e tem a carne tão friavel como a truta, aprezentando apenas uma espinha em todo o corpo e mui poucas visceras, devemos colocal-o entre os melhores peixes do mar.

Com efeito como não tinhamos com suficiencia as couzas precizas para bem preparal-o (como não têem todos

os passageiros de longas viagens) nós o preparavamos simplesmente com sal, para assar grandes postas em brazas, e o axavamos estremamente bom e saborozo guizado d'este modo.

Portanto si os senhores gulozos, que não se querem arriscar no mar e todavia (como geralmente se diz, que fazem os gatos sem molhar as patas) querem comer bom peixe, terão em terra tam facilmente como no mar, mandando-o preparar com molho da Alemanha, ou de qualquer outro modo; e duvidareis, que não lamberiam bem os dedos? Digo, si por ventura o tivessem em terra; pois, como referi do peixe voador, não penso, que estes albacores, que têem os seos pouzos principalmente entre os dois tropicos e no alto mar, aproximem-se tanto das praias, que os pescadores os possam trazer sem se estragarem e corromperem.

O que digo todavia é em relação a nós, abitantes d'este clima; porque emquanto aos Africanos, que vivem nas praias do lado de léste, e emquanto aos moradores do Perú e vizinhanças do lado do oéste, bem póde suceder, que os tenham facilmente.

§ 6. O dourado, que no meo intender é assim xamado, porque n'agua parece amarélo, e reluz como ouro puro,aproxima-se na configuração algum tanto do salmão; todavia difere d'este em ser como deprimido no dorso.

No demais porém, por tel-o provado, reputo, que esse peixe não só é melhor do que todos os supramencionados, mas tambem que nem na agua salgada nem na agua doce axar-se-á outro mais delicado.

§ 7. Emquanto aos golfinhos,sam de duas qualidades, pois quando uns têem o focinho quazi tam xato como bico de pato, outros ao contrario o têem tam redondo e rombo, que, quando põem as ventas fóra d'agua, parecenos ver uma bóla.

Por isso em razão da similhança, que estes ultimos têem com os capuxinhos, quando estavamos no mar, os xamavamos *cabeça de frade*.

Quanto ao resto da fórma das duas especies, vi alguns de cinco a seis pés de comprimento, os quaes tinham a cauda mui larga e aprezentavam todos um furo na cabeça, por

onde não só recebiam ar e respiravam, mas tambem, nadando no mar, lançavam algumas vezes agua por essa abertura.

Mas sobretudo quando o mar começa a agitar-se, esses golfinhos, surgindo repentinamente á tona d'agua mesmo de noite, no meio das ondas e das vagas encrespadas, tornam o mar quazi verde, e parecem verdes.

Apraz ouvil-os soprar e roncar de tal modo que dirieis serem realmente porcos terrestres. Quando os marinheiros os vêem d'esta sorte nadar e mover-se presagiam e asseguram proxima tempestade;o que muitas vezes vi acontecer.

E assim em tempo regular, isto é, estando o mar simplesmente ondulado, os viamos algumas vezes em tamanha abundancia, que todo o mar em redor de nós, quanto a vista podia alcançar, parecia constar de golfinhos; e como não se deixavam apanhar tam facilmente como muitas outras especies de peixes, nem sempre os tinhamos, quando queriamos.

§ 8. Para melhor satisfazer ao leitor n'este ponto, vou ainda declarar o meio, de que vi uzarem os nossos marinheiros para os apanhar.

Um d'eles, mais acostumado e déstro em tal pescaria, conservava-se de espreita junto ao mastro do gurupés na prôa do navio, tendo na mão um arpão de ferro, encabado em uma vara da grossura e comprimento de uma lança, e amarrado em quatro ou cinco braças de corda; e quando via aproximarem-se os bandos, escolhia o golfinho, que lhe ficava ao alcance, e arremessava esta machina com tal vigor, que, si acertava o golpe, não deixava de ferral-o.

Ficando assim ferida a preza, o arpoador solta e deixa correr a corda, cuja ponta retem firme; depois do que o golfinho, debatendo-se e visgando-se cada vez mais, perde n'agua o sangue, e debilita-se. Então os outros marinheiros vêem em auxilio do companheiro com um ganxo de ferro, a que xamam *gafe* (tambem encabado em comprido varapáo) e á força de braços o puxam para bordo. Na nossa ida, apanhámos talvez 25 por este modo.

§ 9. A respeito das partes interiores e do intestino do golfinho, direi, que si como ao cerdo, em lugar das quatro

pernas, se separarem as quatro rebarbas, e tirarem-se as tripas (ou a fressura, si o quizerem) e as costelas, aberto e pendurado, direis ser um verdadeiro porco terrestre: tem figado com o mesmo gosto; verdade é, que a carne fresca é muito adocicada, e não é saboroza.

Quanto ao toucinho, todos os que eu vi, não tinham mais de uma polegada de gordura, e creio, que nenhum excederá de dois dedos.

E ninguem se engane, quando os negociantes e peixeiros de Paris e de outros lugares apregoam o seo toucinho de quaresma, que tem mais de quatro dedos de espessura; pois com certeza o que vendem é toucinho de balêia.

Como no ventre de alguns golfinhos, que apanhamos, axaram-se filhotes (os quaes assámos como leitões) sem nos determos no que outros já escreveram em contrario, penso, que os golfinhos, como as porcas, geram seos fetos, e não se reproduzem por meio de ovos, como quazi todos os outros peixes.

Entretanto si alguem me quizesse arguir, louvando-se para este fato antes n'aqueles que viram a experiencia, do que n'aqueles que somente leram os livros, eu não quereria outra decizão; e ninguem me impedirá de crer no que vi.

§ 10. Apanhamos igualmente muitos tubarões, que emquanto estam no mar, embora esteja este tranquilo e socegado, parecem verdes; e vê-se, que têem mais de quatro pés de comprimento com grossura proporcional; todavia por não ser a carne boa, os marinheiros só a comem em cazo de necessidade e na falta de peixe melhor.

Quanto ao mais esses tubarões têem a péle tão rija e aspera como uma lima, a cabeça xata e larga, e a boca tam rasgada como a do lobo, ou do dogue d'Inglaterra; e não só sam por isto monstruozos, mas tambem por terem os dentes cortantes e mui aguçados sam tam perigozos, que, si apanham algum omem pela perna ou por outra qualquer parte do corpo, levam o sacabocado, ou o arrastam para o fundo d'agua.

§ 11. Por isso quando os marinheiros algumas vezes banhavam-se no mar em tempo de calma, os temiam muito;

e acontecia, que quando os pescavamos (e varias vezes o fizemos com anzóes de ferro da grossura de um dedo) e estavamos no tombadilho do navio, não nos descuidavamos menos do que em terra fariamos entre cães bravios e perigozos.

Como pois esses tubarões não sam bons para alimento, e quer estejam prezos, quer estejam n'agua, não fazem sinão mal, depois de termos, como a brutos nocivos, pungido e atormentado aqueles que podiamos apanhar, como si fossem mastins raivozos, ou os matavamos com golpes de vergas de ferro, ou então cortavamos-lhes as barbatanas, e amarrando-lhes na cauda um arco de pipa, os atiravamos ao mar ; e porque, antes de poderem mergulhar, ficavam por muito tempo flutuando e debatendo-se em cima d'agua, tinhamos assim bom divertimento.

§ 12. Embora muito falte ás tartarugas, que vivem n'esta zona torrida, para serem tam exorbitantemente grandes e monstruozas que com um só casco d'elas se possa cobrir uma caza abitavel, ou fazer um barco navegavel, como Plinio diz axarem-se taes nas costas das Indias e nas ilhas do Mar-vermelho, todavia encontram-se algumas tam compridas, largas e grossas, que não é facil fazel-o acreditar a quem as não vio ; por isso de passagem aqui farei menção d'elas.

E sem fazer longo discurso, deixarei por um exemplo o leitor julgar quaes elas podiam ser, dizendo que entre outras uma foi apanhadada no navio do nosso vice-almirante de tal grandeza, que 80 pessoas, que estavam no dito navio, jantaram d'ela fartamente (vivendo como no mar se costuma em taes viagens).

A conxa oval superior, que foi tirada para mimozear ao senhor de Santa Maria, nosso capitão, tinha mais de dois pés e meio de largura, sendo forte e espessa correspondentemente. No demais a carne aproxima-se muito da do vitélo ; e sobretudo quando é lardeada e assada, oferece ao paladar o mesmo gosto d'esse animal.

§ 13. Eis pouco mais ou menos como vi apanhal-as no mar.

Em tempo bom e calmo (pois do contrario pouco aparecem) elas sobem e permanecem em cima d'agua, e apenas o sol aquece-lhes as costas e o casco, e elas não podem mais suportar o calor, viram-se e voltam ordinariamente o ventre para cima afim de refrescar; então os marinheiros, vendo-as d'este modo, aproximam-se na sua barca o mais placidamente possivel, e quando estam perto, as suspendem pelos dois cascos com esses ganxos de ferro, de que falei, e então á força de braços ás vezes de quatro e cinco omens as puxam e trazem comsigo no batel.

§ 14. Eis aqui sumariamente o que pretendi dizer das tartarugas e dos peixes, que então apanhamos; pois adiante ainda falarei dos golfinhos, das balêias, e de outros monstros marinhos.

CAPITULO IV

Equador ou linha equinocial, e tambem tempestades, inconstancia dos ventos, calôres, sêde e outros incomodos, que tivemos e passamos nas vizinhanças e sob a mesma linha.

§ 1. Para voltar á nossa navegação direi, que, faltando-nos bom vento aos 3 ou 4 gráos áquem do equador, tivemos então não só tempo muito máo, e entremeado de xuvas e calmaria, mas tambem dificil e mui perigoza navegação nas proximidades da linha equinocial, e ahi observei, que, por cauza da inconstancia dos diversos ventos que sopram conjuntamente, não obstante andarem os nossos trez navios mui perto uns dos outros, não podiam os diretores do rumo e do leme seguir marxa uniforme e cada navio era impelido por vento diferente; de tal sorte que, como em um triangulo, um ia para léste, outro para o norte, e outro para o oéste.

Verdade é, que isso não durava muito, pois subitamente levantavam-se tufões, a que os marinheiros da Normandia xamam *grains* (borrasca), os quaes depois de nos esbarrarem algumas vezes completamente, de repente davam com tal violencia sobre as nossas velas, que maravilhava não nos virarem cem vezes os mastros para baixo e a quilha para cima, isto é, revolverem tudo ás avessas.

§ 2. Além d'isso a xuva debaixo e nas vizinhanças d'esta linha não só é fetida e xeira mal,mas tambem é tam contagioza, que,si cáe nas carnes de alguem, levanta pustulas e grossas empôlas, e até manxa e estraga as roupas. Ainda mais: o sol é ardentissimo, e além dos fortes calores, que padeciamos, ainda sucedia não termos, fóra das duas parcas comidas, agua doce nem outra bebida com suficiencia; por isso eramos tam cruelmente vexados pela sêde, que por minha parte,e por têl-a experimentado, faltou-me quazi o folego e a respiração, e perdi a fala por espaço de mais de uma óra.E eis por que em taes necessidades n'essas longas viagens os marinheiros ordinariamente dezejam, como suprema ventura, ver o mar convertido em agua doce.

§ 3. Si alguem, para não imitar a Tantalo morrendo de sêde no meio d'agua, perguntar si não seria possivel em tal extremidade beber ou pelo menos refrescar a boca com agua do mar, responderei a quem inculcar a receita de fazel-a coar em cêra, ou destilal-a por outra qualquer fórma (acrecendo que os abalos e movimentos de navios flutuantes no mar não permitem fazer fornos, nem prezervar as garrafas de quebrarem-se), que a questão não é delibar e menos engolir, salvo si querem lançar as tripas e os intestinos logo depois de a ingerir no estomago.

Todavia quando a vemos em vidro, ela é tão clara, pura e limpida esteriormente, como nenhuma agua de fonte nem de róxa o será.

E alèm d'isso (couza que admiro, e entrego á disputa dos filozofos), si meteis n'agua do mar toucinho, ou outras carnes e peixes por mais salgados que sejam, perderão o sal melhormente e mais depressa do que se conseguirá n'agua doce.

§ 4. Ora, proseguirei no meo assunto dizendo, que o cumulo da nossa aflição n'essa zona ardente foi tal, que, por cauza das grandes e continuas xuvas, que tinham penetrado até os paióes, estragou-se e mofou a nossa bolaxa ; e como cada um de nós tinha mui pouca munição, e eramos obrigados não só a comel-a apodrecida, mas tambem a não esperdiçal-a, sob pena de perecer á fome, engoliamos os vermes (que constituiam metade da ração) fazendo de tudo migalhas ou bolas.

Além d'isso a nossa aguada estava tam corrompida, e por isso tam xeia de bixos, que, tirada a agua das vazilhas, onde estava depozitada a bordo, não avia quem a não repugnasse ; mas o que era muito peior era, que, quando a bebiamos, precizavamos ter a taça em uma das mãos, e tapar o nariz com a outra.

§ 5. O que porém direis vós, delicados senhores, que quando vos molesta o calor, depois de mudar a camiza e tervos penteado bem, tanto apreciaes repouzar em elegante sala fresca, sentado em boa cadeira, ou em leito macio, e que tambem não sabeis tomar a vossa refeição, si acazo não estiverem a louça bem luzidia, os copos bem enxaguados, os guardanapos brancos como a neve, o pão limpo da codea, a carne, por mais delicada que seja, bem preparada e servida, e o vinho ou outra qualquer bebida limpida como esmeralda ? Querereis embarcar para viver por tal maneira ?

Como não vol-o aconselho, e menos dezejos ainda tereis, quando ouvirdes o que nos aconteceo no regresso d'America, por isso eu vos pediria, que, quando se falasse de mar e sobretudo de taes viagens, não conhecendo vós as couzas sinão pelos livros, ou o que ainda peior é, tendo sómente ouvido falar aqueles que nunca as experimentaram, não vendaes os vossos cacaréos (como geralmente se diz) aos devotos de São Miguel, isto é, que n'este ponto vos demoreis um pouco, e deixeis discorrer aqueles que padeceram taes trabalhos e têem pratica das couzas, as quaes, a falar verdade, não se podem bem insinuar no cerebro nem no entendimento dos omens, sem que eles (como diz o proverbio) comam pão amassado pelo rabo do demo.

§ 6 Ao que acrecentarei tanto sobre o primeiro assunto, em que toquei relativamente á variedade dos ventos, tempestades, xuvas, insétos, calores, como relativamente ao que em geral se vê no mar, principalmente sob o equador, que vi um dos nossos pilotos xamado João de Meun, de Onfleur, o qual embora não soubesse A nem B, tinha-se todavia, por longa experiencia de suas cartas, do astrolabio, e da balestilha, aperfeiçoado tanto n'arte da navegação, que em qualquer momento, e especialmente durante as tormentas, faria calar um douto personagem (que não nomearei), o qual no nosso navio em tempo calmo triunfava no ensino da teoria.

Não se julgue por isso, que eu condene, ou queira de qualquer modo censurar as siencias, que se adquirem e aprendem nas escolas e pelo estudo dos livros ; não é esta a minha intenção ; pedirei porém, sem sugeitar-me á opinião de outrem, que jamais se me alegue razão contra a experiencia. Peço pois aos leitores, que me tolerem, si, recordando-me do nosso pão podre e das nossas aguas fétidas, e tambem dos outros incomodos, por que passamos, e comparando isto com a opipara meza d'esses grãos senhores, tenho-me um pouco exacerbado contra eles na prezente digressão.

§ 7. Por cauza das sobreditas dificuldades, e pelas razões adiante mais amplamente espostas, muitos navegantes, depois de consumirem todos os viveres n'essas paragens, isto é, na zona torrida, sem poderem ultrapassar o equador, viram-se forçados a arribar e regressar do ponto, a que tinham xegado.

Quanto a nós, depois da mizeria já relatada, parámos, volteámos e retrocedêmos por espaço de sete semanas nas adjacencias d'essa linha ; finalmente pouco a pouco d'ela nos aproximámos, e quiz Deos, a nossos rogos, mandar-nos vento de nordeste, e no quarto dia de Fevereiro investimos sobre ela.

§ 8. Esta linha denomina-se equinocial, não so por que em todos os tempos e estações os dias e as noites sam sempre iguaes, mas tambem por que, quando o sol está sobre ela, o que acontece duas vezes no anno, a saber, a 11 de Março

e a 13 de Setembro* os dias e as noites sam tambem iguaes em todo o mundo; de tal sorte que os abitantes dos dois pólos artico e antartico somente n'estes dois dias do anno partecipam do dia e da noite, e logo no seguinte dia uns e outros (cada um por sua vez) perdem o sol de vista por meio anno.

N'este sobredito dia pois, 4 de Fevereiro, em que passamos pelo centro, ou antes cintura do mundo, os marinheiros praticaram as ceremonias por eles costumadas em tam dificil e perigoza passagem.

Para lembrança dos que nunca passaram o equador, os amarram com cordas e mergulham no mar, ou com trapos passados no fundo das caldeiras lhes tisnam e sujam o rosto, si o paciente não se resgata e livra-se d'isso, como eu fiz, pagando-lhes o vinho.

§ 9. Assim sem interrupção singramos com bom vento nordeste até 4 gráos alem da linha equinocial. Dahi começamos a ver o pólo antartico, que os marinheiros da Normandia xamam estrêla do sul, perto da qual, como então observei, estam outras estrelas em cruz, a que xamam cruzeiro do sul.

Provavelmente por isso alguem já escreveo, que os primeiros navegantes, que em nossos tempos fizeram esta viagem, referiam, que perto d'este pólo antartico ao sul, avista-se quazi sempre uma nubecula branca e quatro estrelas em cruz com mais trez, que se assimilham ao nosso setentrião.

Ora, muito tempo já avia, que tinhamos perdido de vista o pólo artico; e aqui direi de passagem, que não so, conforme alguns pensam (e parece tambem provar-se pela esfera) não podemos ver os dois pólos, quando estamos debaixo do equador, mas tambem não podemos ver nem um, nem outro, e é precizo estar afastado quazi 2 gráos do lado do norte ou do sul para ver o artico ou o antartico.

§ 10. No decimo terceiro dia do dito mez de Fevereiro, quando o tempo estava limpo e claro, depois de terem os nossos pilotos e mestres de navio tomado altura

* O autor escrevia antes da reforma gregoriana do calendario. O equinocio oje é a 21 de Março e 22 de Setembro.

com o astrolabio, asseguraram-nos, que tinhamos o sol no zenit e a zona tam réta e diréta sobre a cabeça que mais não podia ser.

E de fato, embora por experiencia colocassemos no convés punhaes, facas, ponteiros e outros objétos, os raios solares davam por tal sorte a prumo, que n'esse dia, principalmente ao meio-dia, não vimos sombra alguma em nosso navio.

Quando xegamos aos 12 gráos, tivemos tormenta, que durou por trez ou quatro dias. E depois d'isto (caindo no extremo oposto) o mar ficou tam manso e calmo, que durante esse tempo os nossos navios pareciam fixos n'agua; e si o vento se não levantasse para nos fazer passar alem, nunca nos abalariamos dali.

§ 11. Ora, em toda a nossa viagem não tinhamos ainda visto balêias; mas n'essas paragens não so vimos balêias, como as tivemos assás perto para bem observal-as, e apareceo-nos uma, que, surgindo perto do nosso navio, cauzou-me tamanho susto, que realmente emquanto a não vi demover-se, pensei ser um roxedo, contra o qual o nosso navio ia bater e despedaçar-se.

Observei, que quando ela quiz mergulhar, levantou a cabeça fóra d'agua, e lançou ao ar pela boca mais de duas pipas d'agua; depois sumio-se, e fez tal e tam medonho redomoinho, que novamente temi, que, arrastados após ela, nos submergissemos n'essa voragem. E na verdade (como nos Salmos e em Job se diz) é um orror ver esses monstros marinhos folgar a belprazer n'essa imensidão das aguas.

§ 12. Vimos tambem golfinhos, que, acompanhados por varias especies de peixes, todos dispostos e ordenados como uma companhia de soldados em seguimento do seo capitão, pareciam de côr avermelhada dentro d'agua, e um ali esteve, que por seis ou sete vezes, como si nos quizesse comprazer e agradar, girou e volteou ao redor do nosso navio.

Em compensação d'isso fizemos toda a diligencia para apanhal-o; mas ele, fazendo déstra retirada com o seo regimento, impedio-nos de o aprezar.

CAPITULO V

Descobrimento e primeira vista que tivemos tanto da India ocidental ou terra do Brazil, como dos selvagens abitantes d'ela com tudo quanto nos aconteceo no mar até o tropico de Capricornio.

§ 1. Depois d'isto tivemos vento do oéste, que nos era propicio, e durou-nos tanto, que, no vigecimo-sesto dia de Fevereiro de 1557, cahido na festa da natividade, quazi pelas 8 óras da manhan, tivemos vista da India ocidental ou terra do Brazil, quarta parte do mundo, desconhecida dos antigos, tambem xamada America em razão do nome d'aquele que pelos annos de 1497 primeiramente a descobrio.

Ora, não é precizo perguntar, si, achando-nos tam proximos do lugar, que buscavamos na esperança de pormos brevemente pé em terra, alegramos-nos, e rendemos graças a Deos com boa vontade. De fato, como avia perto de quatro ou cinco mezes, que sem vêr porto nos moviamos e flutuavamos no mar, muitas vezes sobresaltou-nos a idéa de axarmos-nos como exilados, e de não podermos jamais sair de tal exilio.

§ 2. Portanto, depois de termos observado e percebido bem claramente, que o que descobriamos era terra firme (pois frequentemente enganamos-nos com nuvens que se desvanecem) tendo vento propicio e aproando á terra, no mesmo dia (indo adiante o nosso almirante) viemos surgir e ancorar meia legua perto de uma terra e lugar montuozo xamado Uassú * pelos selvagens; onde, depois de pormos n'agua o escaler, e de termos, conforme o costume de quem xega n'esse paiz, disparado alguns tiros de artilharia para advertir os abitantes, vimos repentinamente grande numero de omens e de mulheres na praia do mar.

Nenhum dos nossos marinheiros, que para ali tinham viajado, reconheceo bem o sitio; entretanto os selvagens eram da nação dos Maracajás, aliada dos Portuguezes, e

* O autor escreve :—*Huuassou.*

por consequencia inimiga dos Francezes, e si nos apanhassem, certamente não teriamos pago resgate algum, mas lhes teriamos servido de pasto, depois de mortos e espostejados.

§ 3. Começamos então por ver logo, mesmo n'este mez de Fevereiro (no qual por cauza do frio e do gelo todas as couzas estam ainda sumidas e ocultas no seio da terra aqui e emquazi toda a Europa) as florestas, arvores, e ervas d'esse paiz tam verdes como as da nossa França nos mezes de Maio e Junho: o que sucede em todo o anno e em todas as estações n'esta terra do Brazil.

Ora, não obstante essa inimizade dos nossos Maracajás com os Francezes, a qual eles e nós dissimulamos quanto podiamos, o nosso contra-mestre, que sabia engrolar a sua linguagem, meteo-se n'um escaler com alguns marujos, e dirigio-se para a praia, onde viamos os selvagens reunidos em grandes magotes.

§ 4. Todavia a nossa gente não se fiava n'eles sinão com muita cautela, afim de obviar o perigo de serem agarrados e moqueados, isto é, assados; por isso aproximando-se de terra, ficaram todavia fóra do alcance de suas frexas.

Assim os nossos marujos mostraram-lhes de longe facas, espelhos, pentes e outras bugiarias, com as quaes os xamavam e pediam viveres; apenas alguns, que aproximaram-se o mais possivel, ouviram as nossas vozes, não fizeram-se mais rogados, e apressaram-se com outros a procurar os nossos companheiros.

D'este modo o nosso contra-mestre em seo regresso trouxe-nos farinha fabricada de certa raiz, que os nossos selvagens comem em lugar de pão, pernas e carne de certa especie de javali com outras victualhas e frutas, que o paiz produz em abundancia; e n'esta ocazião seis homens e uma mulher não opuzeram dificuldade em embarcar para nos virem ver no navio, aprezentarem-se-nos, e darem-nos as boas vindas.

§ 5. E porque foram os primeiros selvagens, que vi de perto, deixo-vos pensar, si os olhei e contemplei atentamente; e embora rezerve-me para descrevel-os e pintal-os minuciozamente em lugar proprio, todavia quero desde já dizer aqui de passagem alguma couza a respeito d'eles.

Primeiramente tanto os homens como as mulheres estavam tão completamente nús como quando sahiram do ventre materno : todavia para aprezentarem-se mais galhardos estavam pintados e manxados de preto por todo o corpo. Além d'isso os omens traziam a parte dianteira da cabeça tosqueada rente á maneira de uma corôa de frade, e tinham na parte posterior os cabelos compridos, que estavam aparados ao redor do pescoço, como entre nós fazem as pessoas que andam de cabeleira.

Ainda mais : todos tinham o labio inferior furado e fendido, e cada um trazia metida no beiço uma pedra verde, mui polida, convenientemente aplicada, e como engastada, a qual era da largura e redondeza de um tostão, e a tiravam e metiam, quando queriam.

Ora, eles trazem taes couzas, julgando ficar assim mais bem adornados; mas, para dizer a verdade, quando tiram a pedra, a grande fenda do labio inferior figura segunda bôca, e isso os afeia estremamente.

Quanto á mulher, além de não ter o beiço fendido, trazia, como todas as demais mulheres de lá, os cabelos compridos; mas em relação ás orelhas as tinha tam cruelmente furadas, que se poderia meter o dedo atravez dos buracos, e trazia n'elas grandes pendurezas de osso branco, as quaes batiam-lhe nos ombros.

Rezervo-me para a diante refutar o erro d'aqueles que nos quizeram fazer crer, que os selvagens sam cabeludos.

§ 6. Antes de se separarem de nós, aqueles de quem falo, os omens, e principalmente dois ou trez velhos, que pareciam ser os mais notaveis da sua freguezia (como cá dizemos) afirmavam, que avia nas suas terras o mais excelente páo-brazil, que se poderia encontrar no paiz, e prometiam ajudardar-nos a cortar e conduzir a madeira, e tambem a ministrar-nos viveres, fazendo todo o esforço para persuadir-nos a carregar o nosso navio.

Como porém eles eram nossos inimigos, como já fica dito, isto tendia a xamar-nos astuciozamente e fazer-nos pôr pé em terra, para terem vantagem sobre nós, e depois nos desbaratarem, e comerem ; e porque era nosso

intento dirigir-nos a outros lugares, não nos detivemos ali.

§ 7. Assim depois que os nossos Maracajás com grande admiração viram a nossa artilharia e tudo quanto quizeram no navio, por consideração a perigozas consequencias (como a possibilidade de pagarem o dano outros Francezes, que dezapercebidos ali aparecessem) não os quizemos molestar nem reter; e pedindo eles regresso para terra em busca dos seos companheiros, que na praia os esperavam, tratamos de pagar e satisfazer os viveres, que nos tinham trazido.

E porque entre eles não uzam de moeda, o pagamento, que lhes fizemos, foi de camizas, facas, anzóes de pescaria, espelhos e outras mercadorias e veniagas proprias para o trafico d'esse povo.

Mas, por fim de contas, assim como esta boa gente, totalmente nua, na sua xegada não tinha sido avára em mostrar-nos tudo quanto trazia, assim tambem ao partir já vestidos de camizas, que lhes deramos, quando iam sentar-se no escaler (não estando acostumados a trazer roupa, nem vestuario de qualquer especie) as arregaçaram até o embigo, afim de as não estragar, e descobriram o que antes convinha ocultar, querendo ainda, ao despedirem-se, que lhes vissemos as nadegas e o trazeiro.

Não temos aqui onestos cavalheiros e invejavel cortezia de embaixadores?

§ 8. Pois não obstante o proverbio tam comun na boca de todos nós, a saber, que a carne nos é mais conxegada e mais cara do que a camiza, eles ao contrario para mostrar, que assim não eram bem ospedados com a magnificiencia de seo paiz em nossa caza, aprezentavam-nos o sedeiro, prefirindo as camizas á propria péle.

Ora, depois de tomarmos alguns refrescos n'esse lugar, não obstante nos pareceram em principio ruins as viandas, que tinham trazido, não deixámos todavia de comel-as, atenta a necessidade: no dia seguinte, que era um domingo, levantámos ancora, e démos á vela.

§ 9. Assim costeando a terra na direção do ponto, para onde pretendiamos ir, apenas navegámos nove ou dez legoas, axámos-nos no lugar de um fortim dos Portuguezes

por eles denominado Espirito-Santo (e pelos selvagens Moab), os quaes reconheceram a nossa tripolação bem como a da caravéla, que traziamos (que julgaram termos tomado aos seos compatriotas) e dirigiram-nos trez tiros de canhão, aos quaes respondemos com trez ou quatro contra eles; como porém estavamos muito fóra do alcance da artilharia, eles não nos ofenderam, assim tambem nós, segundo creio, a eles não ofendemos.

Proseguimos pois em nosso caminho, e costeando sempre a terra passámos perto do lugar xamado Itapemirim, (1) onde, na entrada da terra firme e na embocadura do mar, estam pequenas ilhas; e creio, que os selvagens abitantes d'esse lugar sam amigos e aliados dos Francezes.

Pouco mais adiante, aos 20 gráos, abitam os Parahibas, (2) outros selvagens, em cujas terras, como já observei, vêem-se pequenas montanhas ponteagudas e com a fórma de xaminé.

§ 10. No primeiro dia de Março estavamos na altura de pequenos baixos, isto é, escolhos e restingas entremeadas de pequenos roxedos prolongados para o mar, os quaes os marinheiros, com temor de bater n'eles, evitam, afastando-se quanto podem.

No lugar d'esses baixos descobrimos e avistámos bem claramente uma terra plana, a qual na extensão de quinze legoas é possuida e abitada pelos Goitacazes, (3) selvagens tam ferozes e bravios, que não podem viver em paz com outros, e têem sempre guerra aberta e continua não só com todos os seos vizinhos, mas tambem com todos os estrangeiros.

Quando sam apertados e perseguidos por seos inimigos (os quaes ainda os não poderam vencer nem domar) andam tam rapidos a pé, e correm tam ligeiros, que não só d'este modo evitam o perigo da morte, mas tambem no exercicio da caça apanham na carreira certos animaes silvestres, especie de veados e corsas.

---

(1) O autor escreve: —*Tapemeri.*
(2) O autor escreve: —*Paraibes.*
(3) O autor escreve: —*Ouetacas.*

Andam nús, assim como o fazem todos os Brazileiros, e trazem os cabelos compridos e pendentes até as nadegas, contra o costume mais ordinario dos omens d'esse paiz, os quaes (como já dice, e ainda mais amplamente direi) tonsuram o cabelo na frente, e o cerceam na nuca.

§ 11. Em suma esses diabolicos Goitacazes, invenciveis n'esta limitada região, comedores de carne umana como cães e lobos, e possuidores de linguagem não entendida pelos vizinhos, devem ser considerados e postos na ordem das nações mais barbaras, crueis e terriveis, que se possam axar em toda a India ocidental e terra do Brazil.

E como não têem, nem querem ter conhecimento nem trafico com os Francezes, Espanhóes e Portuguezes, nem com outras gentes tranzatlanticas, por isso ignoram em que consistem as nossas mercadorias.

§ 12. Todavia, conforme o que depois eu ouvi de um interprete da Normandia, quando os seos vizinhos os procuram e eles os querem agazalhar, eis o seo modo e maneira de permuta.

O Maracajá, Carijó, ou Tupinambá, * (que sam os nomes das trez nações vizinhas), ou outro qualquer selvagem d'esse paiz, sem fiar-se nem aproximar-se do Goitacaz, mostra-lhe de longe o que tem, quer seja fouce, faca, pente, espelho ou qualquer outra mercadoria ou veniaga, que traz, e dá-lhe a intender por sinaes, si quer trocar isso por outra couza. Si o convidado por seo lado concorda, mostra-lhe em reciprocidade plumas, pedras verdes, que põem nos beiços, ou outras couzas das que têem no seo territorio, e combinam o lugar a 300 ou 400 pés de distancia, onde o ofertante depozita em uma pedra ou pedaço de páo o objéto da permuta, e afasta-se para o lado ou para traz.

Depois d'isto o Goitacaz vem tomar o objéto, e deixa no mesmo lugar a couza, que mostrára, e arredando-se do lugar permitirá, que o Maracajá, ou quem quer que seja, venha buscal-a; entretanto mantem seos compromissos.

Feita porém a troca, apenas cada qual volta e ultrapassa os limites, em que a principio se aprezentára,

* O autor escreve:—*Margaiat, Cara ia, Tououpinambaoult.*

rompem-se as tregoas, e então cada um procura alcançar e agarrar o companheiro, afim de arrebatal-o com o que trazia; e deixo ao vosso criterio decidir, si o Goitacaz, corredor como o galgo, terá vantagem, e si, em perseguição do o seo competidor, acelerará a carreira.

Pelo que não sou de parecer, que vam negociar nem permutar com este gentio os coixos, ou gotozos, ou outros mal empernados, que não queiram perder as suas mercadorias.

§ 13. E' verdade, que, conforme se diz, os Biscainhos tambem têem linguagem especial, e por serem, como sabemos, facetos e ageis reputam-se os melhores lacaios do mundo; e assim como os poderiamos n'estes dois pontos comparar com os nossos Goitacazes, assim tambem parece, que seriam mui idoneos para jogar com eles a malha.

Tambem poderiamos pôr em paralélo certos omens moradores na região da Florida, perto do rio de Palmas, os quaes (como se tem dito) sam tam fortes e ligeiros na carreira, que acompanham um veado, e correm um dia inteiro sem descansar, bem como os grandes gigantes, que vivem no rio da Prata, os quaes tambem (diz o mesmo autor) sam tam ageis, que na carreira agarram com as mãos certos cabritos ali existentes.

Soltando porém rédeas ao pescoço e largando a tréla a todos esses corseis e cães corredores de dois pés, para deixal-os ir celeres como o vento e algumas vezes tambem (como é verosimil) dando furibundas cambalhotas, cair como xuva, uns em lugares diversos da America (distantes todavia uns dos outros, principalmente os das proximidades do Prata e da Florida, mais de 1.500 legoas) e outros na nossa Europa, passarei ao fio da minha istoria.

§ 14. Depois de termos assim costeado e deixado atrás de nós a terra d'esses Goitacazes, passámos á vista de outra região proxima, xamada Macahé *, abitada por outros selvagens, dos quaes apenas direi, que pelas couzas sobreditas cada qual póde julgar, si eles não fazem

* O autor escreve: — *Maq-he.*

gosto (como se costuma dizer), nem tratam de dormir perto de vizinhos tam brutaes e inquietos madrugadores, como sam os Goitacazes.

Nas suas terras e á borda do mar vê-se uma grande róxa erguida em fórma de torre, a qual, quando o sol lhe bate em cima, reluz e sintila tanto, que pensam alguns ser ela uma especie de esmeralda; e com efeito os Francezes e Portuguezes, que por ali viajam, a denominam a Esmeralda de Macahé.

Dizem, que o lugar, onde ela está, fica rodeado de uma infinidade de pontas de pedra á flôr d'agua, que avançam pelo mar quazi duas legoas, e por isso ninguem póde ter ingresso por esse lado; e tambem consideram, que por parte de terra é inteiramente inaccessivel.

§ 15. Igualmente existem trez pequenas ilhas xamadas ilhas de Macahé, junto das quaes fundeámos, e dormimos uma noite; e velejando no dia seguinte, pensavamos n'esse mesmo dia xegar ao Cabo-frio, * mas em vez de progredirmos, tivemos vento tam contrario, que foi precizo arribar e voltar para o ponto, donde tinhamos partido pela manhan, e onde estivemos ancorados até quinta-feira á tarde; e como vereis, pouco faltou para ali ficarmos definitivamente.

Pois na quarta-feira 2 de Março, dia em que principiava a quaresma, depois de a terem os marinheiros festejado, como é costume, aconteceo, quazi pelas 11 óras da noite, quando começavamos a repouzar, levantar-se tam subita tempestade, que o cabo, que sustentava a ancora do nosso navio, não póde rezistir ao impeto das vagas furiozas; e o nosso navio, assim combatido e agitado pelas ondas, impelido como era para o lado da praia, veio a ficar apenas em duas braças e meia d'agua (a menos que podia ter para flutuar descarregado), e pouco faltou para bater na areia e naufragar.

§ 16. Com efeito o mestre e o piloto, que sondavam á proporção que o navio descahia, em vez de serem os mais imperturbaveis e animarem os companheiros, quando

---

* O autor escreve: — *Cap de Frie.*

virem, que tinhamos xegado a tal ponto de perigo, clamaram duas ou trez vezes:— Estamos perdidos.

Todavia os nossos marinheiros com grande diligencia lançaram outra ancora, que permitio Deos ficar segura; e isto impedio de sermos levados sobre os roxêdos de uma d'essas ilhas de Macahé, os quaes, sem duvida alguma e sem esperança de salvação nossa (tam violento estava o mar), teriam despedaçado o nosso navio.

Este temor e assombro durou quazi trez óras, durante as quaes de nada servia gritar— bombordo! estibordo! segura o leme! mete de ló! ala a bolina! larga a escota! porque isto só se faz em pleno mar, onde os marinheiros não temem tanto a tormenta quanto temem perto de terra, como então estavamos.

§ 17. Ora,a nossa aguada,ja dice,estava corrompida, e vindo a manhan,e cessada a tormenta,alguns dos nossos marujos foram procurar agua fresca em uma d'essas ilhas dezabitadas, e axámos todo o terreno d'ela coberto de ovos e de aves de diversas qualidades, aliás diferentes das nossas, e por não estarem acostumadas a ver gente, eram tam mansas, que se deixavam apanhar á mão ou matar a pauladas; por isso enxemos o nosso escaler com porção d'elas, e trouxemos para o nosso navio quanto podemos.

E embora fosse este o dia xamado de cinzas, os nossos marinheiros, aliás verdadeiros catolicos romanos, xeios de apetite em razão do trabalho da noite precedente, não ezitaram em comer de taes aves.

E certamente quem contra a doutrina prohibio em certos tempos e em determinados dias o uzo da carne aos cristãos, não tinha ainda penetrado n'esse paiz, onde não é nova a pratica das leis d'esta supersticioza abstinencia, e parece dever o lugar dispensal-os do preceito.

§ 18. Na quinta-feira, em que partimos d'estas trez ilhas, tivemos vento tam á feição, que no dia seguinte quazi pelas quatro óras da tarde xegámos ao Cabo-frio,enseada e porto dos mais afamados d'esse paiz para a navegação dos Francezes.

Ali, depois de fundeados, e depois de darmos alguns tiros de artilharia para sinal aos abitantes, o capitão e

mestre do navio com alguns de nós outros, dezembarcamós, e axamos na praia grande numero de selvagens xamados Tupinambás, * aliados e confederados da nossa nação, os quaes, alem do agrado e bom acolhimento, que nos fizeram, deram-nos noticia de Paicolás (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon); com o que mui contentes ficamos.

§ 19. N'este mesmo lugar (com rede e anzoes que traziamos) pescámos grande quantidade de peixe de variadas especies, todas diversas das nossas de cá. Entre outros peixes porém avia um todo sarapintado, disformissimo e monstruozo, o qual por esta cauza quero descrever aqui.

Era quazi tamanho como um vitélo de anno, e tinha focinho do comprimento de quazi cinco pés com largura de pé e meio, armado de dentes de uma e outra banda, tam afiados e cortantes como uma serra; de modo que quando o vimos em terra mover tam rapido essa tromba mestra, coube prevenir-nos, sob pena de sermos maltratados, e clamar uns aos outros, que acautelassem as pernas.

A carne era tam dura que não obstante termos todos bom apetite, e a termos cozinhado por mais de 24 óras, não a podemos jamáis comer.

Além d'isso foi tambem ahi, que pela primeira vez vimos papagaios voando muito alto e em bandos, como fazem os pombos e gralhas na nossa França, e tambem, como então observei, andam sempre em cazaes e juntos, quazi á maneira das nossas rólas.

§ 20. Ora, estando nós assim na distancia de 25 ou 30 legoas do lugar aonde pretendiamos xegar, nada dezejavamos mais do que ahi aportar com toda a brevidade; por esta cauza não tivemos em Cabo-frio detença tam longa, como queriamos.

Por isso na tarde d'esse mesmo dia, preparadas e desfraldadas as vélas, singrámos tam vantajozamente, que no domingo, 7 de Março de 1557, deixámos o alto mar á esquerda do lado de léste, e entrámos no braço

---

* O autor escreve :— *Toüoupinambaults*, como sempre o faz.

de mar e rio d'agua salgada, xamado Guanabara pelos selvagens e Geneure * pelos Portuguezes, que assim o denominaram, em consequencia de o terem descoberto no primeiro dia de Janeiro, como dizem.

§ 21. Conforme já mencionei no capitulo primeiro d'esta istoria, e adiante ainda descreverei mais circunstanciadamente, axamos Nicoláo de Villegagnon rezidindo, desde o anno precedente, em uma pequena ilha situada n'este braço de mar; e depois que na distancia de quazi um quarto de legoa o saudámos com tiros de canhão, e ele por sua parte nos correspondeo, viemos emfim surgir e ancorar junto á dita ilha.

Eis em suma qual foi a nossa navegação, e o que nos aconteceo e vimos, indo para a terra do Brazil.

CAPITULO VI

Nosso dezembarque no fortim de Coligni, na terra do Brazil; acolhimento que nos fez Nicoláo de Villegagnon e comportamento tanto relativamente á religião como ás demais partes do seo governo n'esse paiz.

§ 1. Depois que os nossos navios entraram no porto d'este rio de Guanabara, mui perto da terra firme, cada qual arranjou e trouxe a sua pequena bagagem para os escaleres e fomos todos dezembarcar na ilha e fortim de Coligni.

E porque nos viamos então livres dos riscos e perigos, de que tantas vezes estiveramos cercados no mar, e tambem por termos sido conduzidos tam felizmente ao porto dezejado, a primeira couza que fizemos, depois de pôr pé em terra, foi todos juntos dar graças a Deos.

Feito isto, fomos ter com Nicoláo de Villegagnon, que esperava-nos em lugar conveniente, saudamos todos

* Os Portuguezes certamente diriam—*Rio de Janeiro*, que os Francezes converteram em—*Geneure*. O autor escreve sempre—*Ganabara*.

uns aos outros; e ele com semblante rizonho, como parecia, recebeo-nos, abraçando e fazendo mui bom acolhimento.

§ 2. Depois d'isto o senhor Dupont, nosso condutor, com Pedro Richier e Guilherme Chartier, ministros do Evangelho, declararam logo a cauza principal, que nos movera a fazer esta viagem, e passar o mar com tantas dificuldades para ir ter com ele, a saber, conforme as cartas por ele escritas para Genebra, que era para erigir n'esse paiz uma igreja reformada, concordante com a palavra de Deos; e ele respondendo ao esposto, uzou d'estas formaes palavras:

« Quanto a mim, tenho na verdade desde muito tempo, e de todo o meo coração dezejado tal couza, e recebo-vos de mui bôa vontade com estas condições; até porque dezejo, que a nossa igreja tenha fama de ser a mais bem reformada de todas. Desde já quero, que os vicios sejam reprimidos, que o luxo do vestuario seja reformado, e em suma que do meio de nós remova-se tudo quanto nos possa impedir de servir a Deos.»

Depois, levantando os olhos ao céo e juntando as mãos, dice:— Senhor Deos, rendo-te graças de me teres enviado o que desde tanto tempo tenho ardentemente pedido.

E de novo aos nossos companheiros dice: — Meos filhos (pois quero ser vosso pai), assim como Jezus Cristo n'este mundo nada fez para si, e tudo fez por nós, assim tambem eu (esperando que Deos me conserve a vida até que nos fortifiquemos n'este paiz e possaes despensar-me) tudo quanto pretendo fazer aqui é para todos aqueles que vêem ao mesmo fim que vós viestes. Delibero constituir aqui um refugio para os pobres fieis, que fôrem perseguidos em França, na Espanha, e em outra qualquer parte de além-mar, afim de que, sem temor do rei, nem do imperador ou de outros potentados, possam servir a Deos com pureza, conforme a sua vontade.

Eis as primeiras propozições, que Nicoláo de Villegagnon dirigio-nos por ocazião da nossa xegada, que foi n'uma quarta feira decimo dia de Março de 1557.

§ 3. Depois d'isto mandou logo reunir toda a sua gente comnosco em uma pequena sala, que avia no meio da ilha. e depois que o ministro Pedro Richier invocou a Deos e cantou-se em côro o salmo quinto nas palavras: — Quero dizer etc., o dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo vegesimo setimo : — Pedi ao senhor uma couza que ainda reclamarei, e é que eu abite na caza do Senhor todos os dias de minha vida — fez a primeira predica no fortim de Coligni na America.

Durante ela Nicoláo de Villegagnon, pretendendo espor a materia, não cessou de juntar as mãos, levantar os olhos para o céo, dar altos suspiros, e fazer varios outros gestos, com que cauzava admiração a todos nós

Por fim acabadas as preces solenes, conforme o ritual costumado das igrejas reformadas em França, e determinado para elas um dia em cada semana, dissolveo-se a reunião.

§ 4. Nós, os recem-xegados, ficamos e jantamos n'esse dia na mesma sala, onde por vianda tivemos farinha feita de raizes, peixe moqueado, isto é, assado á maneira dos selvagens, e outras raizes cozidas no borralho (das quaes couzas e dos seos prestimos, para não interromper agora a minha espozição, falarei em outro logar), e por bebida, porque não existe n'esta ilha fonte, poço, nem rio, agua de uma cisterna ou antes de um esgoto de toda a xuva, que cahia na ilha, a qual agua era tam esverdinhada, porca e suja, como é um xarco antigo coberto de rans.

Verdade é, que esta agua tam fetida e corrompida ainda axavamos bóa em comparação da que bebiamos no navio, como atraz fica dito.

Finalmente o nosso ultimo manjar, para refazer-nos dos trabalhos do mar, foi conduzirem-nos dali para carregar pedras e terra para esse fortim de Coligni, cuja construção proseguia.

Foi este o bom tratamento, que nos deo Nicoláo de Villegagnon desde o primeiro e grato dia da nossa xegada.

Além d'isso, á noite, quando tratou-se de arranjar apozento, o senhor Dupont e os dois ministros foram acomodados em uma camara tal qual no meio da ilha, e

afim de obzequiar a nós outros da religião, deram-nos um cazebre, que um selvagem escravo de Nicoláo de Villegagnon acabava de cobrir de ervas e construir ao seo modo á borda do mar, e ahi, na fórma do costume dos Americanos, penduramos lençóes e leitos de algodão para nos deitarmos suspensos no ar.

§ 5. Assim logo no dia seguinte e nos posteriores, Nicoláo de Villegagnon,sem necessidade forçoza, sem nenhuma atenção a esta mos mui debilitados pelo tranzito do mar, sem consideração ao calor que ordinariamente faz n'esse paiz,e sem atender á parca alimentação, que tinhamos, que era para cada um por dia duas taças de farinha dura, feita de raizes, de que acima falei (de parte da qual com essa agua turva da dita cisterna faziamos papa, como a gente do paiz, e o resto comiamos seca), obrigou-nos a carregar terra e pedras para o seo fortim e isto com tal diligencia que forçava-nos, apezar dos nossos incomodos e da nossa debilidade a rezistir ao labor desde a madrugada até a noite; e bem parecia, que ele tratava-nos um pouco mais rudemente do que o dever de bom pai (como dicera na nossa xegada querer tratar-nos) exigiria para com sèos filhos.

Todavia tanto pelo dezejo, que tinhamos, de que se concluisse tal edificio e refugio, que ele dizia querer fabricar para os fieis n'esse paiz, como porque o nosso mestre Pedro Richier, nosso mais antigo ministro, afim de mais encorajar-nos, dizia, que tinhamos axado novo S. Paulo em Nicoláo de Villagagnon (como de fato nunca ouvi alguem falar melhor da religião e reforma cristan como ele então fazia), não ouve nenhum de nós, que alegremente se não empregasse, para assim dizer, além de suas forças, por espaço de quazi um mez, na execução de um mister, a que aliás não estavamos acostumados.

E posso afirmar, que Nicoláo de Villegagnon injustamente queixa-se: porque, emquanto professou o Evangelho n'esse paiz, tirou de nós todo o serviço, que exigio.

§ 6. Ora,para voltar ao assunto principal,devo dizer, que desde a primeira semana, em que xegamos, Nicoláo de Villegagnon não só constituio, mas tambem ele proprio

estabeleceo esta ordem, a saber, que além das preces publicas que faziam-se todas as noites, depois de findo o trabalho, os ministros pregariam duas vezes no domingo e nos dias de trabalho durante uma ora; declarando tambem expressamente, que ele queria e dezejava, que sem contemplações umanas fossem os sacramentos administrados conforme a palavra pura de Deos, e que no de mais fosse a diciplina ecleziastica aplicada contra os pecadores.

Conforme esta policia ecleziastica, no domingo 21 de Março, em que pela primeira vez celebramos a santa ceia de nosso senhor Jezus-Cristo no fortim de Coligni,na America, os ministros,com a devida antecedencia, prepara am e catechizaram todos aqueles que deviam comungar,porque não tinham bôa opinião de um tal João Cointa, que ora apelidava-se senhor Eitor, ora doutor da Sorbona, o qual tinha passado o mar comnosco: foi rogado, que, antes de aprezentar-se á comunhão, fizesse confissão publica da sua fé; o que ele fez, e por este modo perante todos abjurou o papismo.

§ 7. Igualmente quando terminou o sermão, Nicoláo de Villegagnon, aparentando zêlo, levantando-se, e alegando que os capitães, mestres de navio, marujos e outras pessoas ahi prezentes ainda não tinham professado a religião reformada, nem eram capazes de tal misterio, os fez sahir, e não quiz, que vissem administrar o pão e o vinho.

Além d'isso ele proprio, conforme dizia, para dedicar o seo fortim a Deos e para fazer confissão de sua fé em face da igreja, ajoelhou-se em um coxim de veludo (que o pagem ordinariamente trazia atraz d'ele), e pronunciou em voz alta duas orações, das quaes obtive cópia; e afim de que cada um melhor compreenda quanto era ingrato conhecer o coração e o interior d'esse omem, aqui as ensiro palavra por palavra sem mudar uma só letra.

§ 8. «Meo Deos, abre os olhos e a boca do meo entendimento, prepara-os para te dirigir confissão, preces e ações de graças pelos excelentes bens, que nos tens feito! Deos onipotente, vivo e imortal, pai eterno de teo filho Jezus-Cristo, nosso senhor, que por tua providencia com teo filho governas todas as couzas no céo e na terra, assim

como por tua bondade infinita fizeste ouvir os teos escolhidos desde a creação do mundo, especialmente por teo filho, que enviaste á terra, pelo qual te manifestas, tendo dito em voz alta : Ouvi-o ;— e depois de tua acenção por teo espirito-santo difundido sobre os apostolos : — reconheço de coração ante a tua magestade e perante a tua igreja, plantada por graça tua n'este paiz, que nunca axei, pela prova que fiz e pelo ensaio de minhas forças e prudencia, sinão que o exito, que podemos ter é tudo obra pura das trevas, sapiencia da carne, poluta no zêlo da vaidade, tendente apenas ao fim e utilidade do meo corpo.

Portanto protesto e confesso francamente, que sem a luz do teo espirito santo não sou idoneo sinão para pecar ; e despojando-me de toda a gloria, quero, que se saiba de mim,que, si existe luz ou sentelha de virtude na obra pia, que por meo intermedio fizeste, a atribuo a ti só, fonte de todo o bem.

N'esta fé pois, meo Deos, te rendo graças de todo o meo coração, por te averes dignado xamar-me dos negocios mundanos, entre os quaes vivia por apetite de ambição, aprazendo-te por inspiração do teo espirito-santo colocar-me no lugar, onde com toda a liberdade eu possa servir-te com todas as minhas forças para aumento de teo santo reino.

E assim faço para preparar lugar e morada pacifica para aqueles que estam privados de invocar publicamente o teo nome para santificar-te e adorar o teo nome em espirito e verdade, reconhecer teo filho, nosso senhor Jezus Cristo, e ser o unico mediador, nossa vida e consolo, e o unico merito da nossa salvação.

Além d'isso eu te agradeço, oh! Deos de suprema bondade, porque, conduzindo-me a este paiz de ignorantes de teo nome e da tua grandeza, mas possuidos de Satan, como erança sua, tu me prezervaste da sua malicia, embora fôsse eu destituido de forças umanas ; mas tu lhes incutiste terror de nós por fórma tal que com a simples menção nossa tremem de medo, e os despersaste para alimentar-nos com o seo trabalho.

E para refrear a sua brutal impetuozidade, os afliges com trez crueis molestias, preservando-nos d'elas ; tiraste

da terra os que nos eram mais perigozos, e reduziste os outros a tal fraqueza, que nada ouzam enpreender contra nós.

Por cujo motivo tendo eu ocazião de lançar raizes n'este lugar e assim tambem a companhia, que te aprouve trazer aqui sem perturbação, estabeleceste o regimen de uma igreja para manter-nos em unidade e temor de teo santo nome, afim de guiar-nos para a vida eterna.

Ora, Senhor, pois que te aprouve estabelecer em nós o teo reino, peço-te por teo filho Jezus Cristo, de quem quizeste fazer ostia para confirmar-nos em tua predileção, que aumenteis as tuas graças e a nossa fé, fortificando-nos e iluminando-nos com teo santo espirito, para dedicar-nos ao teo serviço por tal fórma que todo o nosso esmero empregue-se em tua gloria; queiras tambem, senhor e pai nosso, estender a tua benção sobre este sitio de Coligni e paiz da França antartica para que seja inespugnavel refugio d'aqueles que com bôa consiencia e sem ipocrizia ahi se abrigarem para dedicar-se comnosco á exaltação da tua gloria, e possamos invocar-te no seio da verdade, sem a perturbação dos eréges.

Permití tambem, que o teo Evangelho reine n'este lugar, fortificando os teos servos para que não caiam no erro dos epicuristas e outros apóstatas; mas sejam constantes em perseverar na verdadeira adoração da divindade, conforme a tua santa palavra.

Praza a ti tambem, oh! Deos de suma bondade, proteger o rei, nosso soberano e senhor, segundo a carne, sua mulher, sua progenie e seo conselho, o senhor Gaspar de Coligni, sua mulher, e sua progenie, conservando-os na vontade de manter e favorecer esta tua igreja; e queiras a mim, teo umilissimo escravo, dar prudencia para dirigir-me, de sorte que me não desvie do verdadeiro caminho e possa rezistir a todos os obstaculos, que Satan me possa opor na auzencia do teo auxilio; que te reconheçamos perpetuamente por nosso Deos mizericordiozo, justo juiz, e conservador de todas as couzas com teo filho Jezus Cristo, reinante comtigo, e teo Espirito-Santo, baixado sobre os apostolos.

Cria pois em nós um coração réto, mortifica-nos com o

pecado, regenera-nos como omen interior para vivermos com justiça, sugeitando nossa carne para tornal-a idonea para as ações da alma inspirada por ti, e fazermos a tua vontade na terra, como no céo fazem os anjos.

Mas para que a urgencia de satisfazer as nossas necessidades nos não faça cair em pecado por desconfiança da tua bondade, queiras prover a nossa vida e conservar a nossa saude.

E assim como a carne terrestre com o calor do estomago converte-se em sangue e nutrimento do corpo, assim tambem queiras nutrir e sustentar as nossas almas com a carne de teo filho até consubstanciar-se ele em nós e nós n'ele; expelindo toda a malicia (pasto de Satan) e subrogando em lugar d'ela a caridade e fé, afim de sermos conhecidos de ti como teos filhos; e quando te ouvermos ofendido, permiti, senhor de mizericordia, lavar os nossos pecados no sangue de teo filho, lembrando-te que somos concebidos na iniquidade, e que naturalmente pela dezobediencia de Adão em nós rezide o pecado.

Além d'isso conhece, que a nossa alma não póde executar o santo dezejo de obedecer-te pelo orgão do corpo imperfeito e rebelde.

Igualmente pelos merecimentos de teo filho Jezus Cristo não nos imputes as nossas faltas, antes nos imputes o sacrificio da sua morte e paixão, que pela fé temos sofrido com ele, tendo penetrado n'ele pelo recebimento do seo corpo no misterio da eucaristia.

Da mesma forma concede-nos graça para que perdoemos aos que nos ofenderam, e em vez de vingança procuremos o seo bem, como si fossem nossos amigos, seguindo assim o exemplo de teo filho, que pedio por aqueles que o perseguiram.

E quando formos instigados pela lembrança dos bens, esplendores; pompas e onras d'este mundo, estando aliás abatidos pela pobreza e pelo pezo da cruz de teo filho, seja a tua vontade exercer-nos para tornar-nos obedientes, e para que, engolfados na felicidade mundana, não nos rebelemos contra ti, sustenta-nos e adoça a agrura das aflições, afim de que estas não sufoquem a semente, que lançaste em nossos corações.

Nós te rogamos tambem, pai celestial, que nos guardes das tentações, com que Satanás busca desviar-nos; preserva-nos dos seos ministros e dos selvagens insensatos, no meio dos quaes te aprouve trazer-nos e conservar; livra-nos dos apostatas da religião cristan espalhados no meio d'eles; e sejas servido xamal-os á tua obediencia, afim de que se convertam, o teo Evangelho se publique por toda a terra, e em todas as nações se anuncie a tua bemaventurança.

Que vivas e reines com teo Filho e o Espirito-Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.»

§ 9. « Jezus-Cristo, filho de Deos vivo, eterno e consubstancial, esplendor da gloria de Deos, sua imagem viva, por quem foram feitas todas as couzas, tu viste o genero umano condenado pelo infalivel juizo de Deos, teo pai, em consequencia da culpa de Adam, o qual poderia gozar da vida do reino eterno, tendo sido creado por Deos de terra não poluida por semente viril, donde se póde tirar necessidade de pecado, dotado de toda a virtude, com liberdade de amplo arbitrio de conservar-se na sua perfeição, todavia incitado pela sensualidade da carne, solicitado e movido pelos inflamados dardos de Satan, deixou-se vencer, e assim incorreo na ira de Deos; do que seguia-se a infalivel perdição dos omens sem ti, senhor nosso: tu, movido por tua immensa e indivizivel caridade, te aprezentaste a Deos, teo pai, umilhando-te a ponto de substituires a Adam para sofrer todas as ondas do mar da indignação de Deos, teo pai, para nossa purificação.

E assim como Adam fôra feito de barro não corrompido, sem semente viril, foste concebido do Espirito-Santo em uma virgem para ser feito e formado em verdadeira carne, como a de Adam, sugeita á tentação, e constantemente exercitada mais que a de todos os omens, sem pecado; e finalmente querendo admitir por ti em teo corpo o de Adam e toda a sua posteridade, alimentando as suas almas com a tua carne e o teo sangue, tu quizeste sofrer morte, afim de que, como membro de teo corpo, eles se alimentassem em ti, e agradassem a Deos, teo pai, oferecendo tua morte em satisfação das suas ofensas, como si fôssem seos proprios corpos.

E assim como o pecado de Adam se inoculára na sua posteridade, e pelo pecado a morte, tu quizeste e impetraste de Deos, teo pai, que tua justiça fôsse imputada aos crentes, os quaes, pela manducação da tua carne e do teo sangue, tu fizeste uns comtigo, e transformaste em ti como alimentados por tua carne e substancia, seo verdadeiro pão, para viverem eternamente como filhos da justiça e não da ira.

Ora, pois que aprouve-te fazer-nos tantos bens, e sentado á mão direita de Deos, teo pai, és ahi eternamente constituido nosso intercessor e soberano sacerdote, conforme a ordem de Melchizedec, tem piedade de nós, conserva-nos, fortifica e aumenta a nossa fé, oferece a Deos, teo pai, a confissão que faço de coração e boca, em prezença da tua igreja, santificando-me por teo espirito, como prometeste, dizendo : — Não vos deixarei orfão.

Aumenta a tua igreja n'este lugar, de modo que em plena paz aqui sejas adorado com pureza.

Que vivas e reines com ele e com o Espirito-Santo por todos os seculos eternamente. Amen. »

§ 10. Findas estas duas preces, Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se logo na meza do Senhor, e recebeo de joelhos o pão e o vinho da mão do ministro.

Entretanto verificamos logo o justo conceito de um antigo escritor, quando dizia, que é dificil simular a virtude por muito tempo;e assim percebiamos, que avia apenas ostentação no seo procedimento. Embora ele e João Cointa tivessem abjurado publicamente o papismo,tinham todavia mais dezejos de discutir e contender do que de aprender e aproveitar; por isso não tardaram muito em mover disputas relativas á doutrina.

E principalmente sobre o ponto da ceia: ambos regeitavam a transubstanciação da igreja romana, como opinião que eles diziam abertamente ser grosseira e absurda, e tambem não aprovavam a consubstanciação; por isso consentiam, que os ministros ensinassem e provassem com a palavra de Deos, que o pão e o vinho não se convertiam realmente em corpo e sangue do Senhor, o qual por isso não se encerrava n'essas duas especies materiaes assim

como Jezus Cristo está no céo, donde aliás, por virtude do seo Espirito-Santo, comunica-se em alimento espiritual aos que recebem os sinaes da fé.

Ora, como quer que seja, Nicoláo de Villegagnon e João Cointa diziam estas palavras : — Este é meo corpo, este é o meo sangue — e ellas não podem significar sinão que ali se contém o corpo e sangue de Jezus Cristo.

§ 11. Si perguntardes porem : como pois as entendiam eles, visto dizeres, que rejeitavam as duas sobreditas opiniões da transubstanciação e da consubstanciação ?

Como nada sei a esse respeito, por isso creio firmemente, que eles nada entendiam ; pois quando se lhes mostrava por outras passagens, que essas palavras e locuções sam figuradas, isto é, que a Escritura costuma xamar e apelidar os sinaes do sacramento com o nome da couza significada, embora eles não podessem refutar com argumentos procedentes para provar o contrario, nem por isso deixavam de continuar obstinados ; de tal sorte que sem saber como isto se fazia, queriam comtudo não só naturalmente, mas tambem espiritualmente comer a carne de Jezus Cristo ; e o que era peior, á maneira dos selvagens xamados Goitacazes, de que atraz falei, os quaes mastigam e engolem a carne crua.

§ 12. Todavia Nicoláo de Villegagnon, aprezentando sempre rosto alegre e protestando não dezejar sinão ser bem instruido, mandou para a França o ministro Guilherme Chartier em um dos navios (o qual, depois de carregado de páo-brazil e de outras mercadorias do paiz, partio a 4 de Junho com destino de voltar), afim de que sobre a contenda da ceia trouxesse as opiniões dos nossos doutores e principalmente a do mestre João Calvino, a cujo parecer dizia ele querer submeter-se.

E com efeito por muitas vezes o ouvi dizer e repetir estas palavras: — O senhor João Calvino é um dos mais doutos personagens, que tem aparecido depois dos apostolos, e não li doutor, que, no meo entender, tenha melhor e mais puramente esposto e tratado a Escritura Santa do que ele o tem feito.

§13. Por isso para mostrar, que ele o acatava, na resposta dada ás cartas, que lhe trouxemos, não só lhe participou

mui longamente qual o seo estado em geral, porém mui particularmente (como dice no prefacio e ainda se vê no fim do original da sua carta com data do ultimo de Março de 1557, que temos bem guardada) escreveo com tinta de páo-brazil e do seo proprio punho o seguinte:

« Acrecentarei o conselho, que me destes em vossas cartas, esforçando-me com toda vontade por não desviar-me d'ele em couza alguma. Pois de fato estou bem persuadido, que não póde aver outro mais santo, réto e perfeito. Por tanto mandamos lêr as vossas cartas em reunião do nosso conselho, e depois registal-as, afim de que, si nos desviarmos do bom caminho, sejamos pela leitura d'elas advertidos e apartados do estravio.»

Tambem um tal Nicoláo Carmeau, que foi portador d'essas cartas, e que partira no primeiro dia de Abril no navio *Rozee*, ao despedir-se de nós, dice-me, que Nicoláo de Villegagnon lhe determinára, que vocalmente dicesse ao senhor João Calvino, que ele lhe rogava, que acreditasse, que, para perpetuar a memoria do conselho, que lhe dera, ia mandar graval-o em cobre; como tambem encarregara o dito Nicoláo Carmeau de lhe trazer de França algumas pessoas, omens, mulheres e meninos, prometendo satisfazer e pagar todas as despezas, que os sectarios da religião fizessem com o arranjo d'essa gente.

§ 14. Antes porém de passar adiante, não quero omitir aqui a menção de 10 rapazes selvagens de idade de 9 a 10 annos, e de menos, tomados na guerra pelos selvagens amigos dos Francezes, e vendidos como escravos a Nicoláo de Villagagnon, os quaes depois que o ministro Pedro Richier, no fim de uma predica, impôz as mãos sobre eles, e todos rogamos a Deos lhes fizesse a graça de serem os primeiros d'esse pobre povo xamados ao conhecimento da sua salvação, foram embarcados nos navios, que, como dice, partiram a 4 de Junho para irem para a França, onde os ditos rapazes xegaram e foram aprezentados ao rei Enrique Segundo, então reinante, sendo depois dados de mimo a varios magnatas, e entre outros deo um d'eles ao falecido senhor de Passi, que o mandou batizar, e eu depois do meo regresso o reconheci em caza d'este senhor.

Além d'isso aos 3 dias de Abril, dois mancebos, criados de Nicoláo de Villagagnon, despozaram na ocazião da predica, á maneira das igrejas reformadas, duas d'essas raparigas, que tinhamos trazido de França para este paiz.

§ 15. Do que aqui faço menção, não só porque foram as primeiras nupcias e cazamentos feitos e solenizados ao modo cristão na terra da America, mas tambem porque muitos selvagens, que nos tinham vindo vêr, ficaram mais admirados de vêr mulheres vestidas (pois antes nunca tinham visto) do que de vêr as ceremonias ecleziasticas, às quaes aliás lhes eram totalmente desconhecidas.

Igualmente aos 17 de Maio João Cointa despozou outra rapariga, parenta de um tal Laroquete de Rouen, a qual transpassára o mar comnosco; mas tendo este falecido algum tempo depois da nossa xegada ali, deixou esta sua parenta como erdeira de toda a fazenda, que trouxera e consistia em grande quantidade de facas, pentes, espelhos, frizas de côr, anzóes de pescaria, e outros insignificantes objétos proprios do trafico com os selvagens; o que conveio a João Cointa, que soube arranjar tudo.

As outras duas raparigas (pois, eram cinco, como vimos no nosso embarque) foram tambem logo depois cazadas com dois interpretes da Normandia (*truchemens*), de sorte que não ficaram mais entre nós mulheres nem raparigas cristans por cazar.

§ 16. E para não calar o que era louvavel nem o que era censuravel em Nicoláo de Villegagnon, direi de passagem, que, por cauza de certos Normandos, que muito tempo antes d'ele xegar a esse paiz tinham se salvado de um navio, que naufragára, e aviam ficado entre os selvagens, onde viviam sem temor a Deos, e se amaziavam com mulheres e raparigas (como vi alguns que tinham filhos já de 4 a 5 annos de idade), tanto para reprimir isso como para obviar, que d'aqueles que faziam sua rezidencia em nossa ilha e em nosso fortim não abuzassem por essa fórma, Nicoláo de Villegagnon, ouvido o parecer do conselho, prohibio sob pena de morte, que ninguem, que tivesse o titulo de cristão, abitasse com as mulheres dos selvagens.

E' certo, que a ordenança determinava, que, si algumas fossem atrahidas e xamadas ao conhecimento de Deos, seria permitido despozal-as, depois de serem batizadas.

Mas assim sendo, não obstante as admoestações por nós muitas vezes feitas a esse povo barbaro, não appareceo um só individuo, que deixasse o antigo vezo, e quizesse confessar Jezus Cristo como seo salvador; por isso em todo o tempo, em que lá estive, não vi Francez algum, que tomasse mulher selvagem.

§ 17. Todavia como esta lei tinha claro fundamento na palavra de Deos, foi por isso tam exatamente observada, que nenhum dos sequazes de Nicoláo de Vilegagnon, nem nenhum dos nossos companheiros a transgredio; e embora depois do meo regresso eu tenha ouvido dizer, que ele, quando estava na America, poluia-se com as mulheres selvagens, darei testimunho, de que ninguem em nosso tempo d'isto o suspeitava.

E o que mais é: ele tam severamente recommendava a observancia da sua ordenança, que em certa ocazião, algumas pessoas da sua maior confidencia tiveram de interceder por um trugimão, que, indo á terra firme, fôra convencido de ter copulado com uma mulher, de que outr'ora abuzava, afim de que fôsse punido com a calceta no pé e posto entre os escravos, quando Nicoláo de Villegagnon, o queria enforcar.

Pelo que sei pois em relação a sua pessoa como a outros individuos, ele era louvavel n'este ponto; e prouvera a Deos, que para o adiantamento da igreja, e para o fruto, que muita gente agora receberia, ele se tivesse portado tam acertadamente em todas as outras couzas.

§ 18. Guiado porém no mais, como era, por um espirito contraditorio, não pôde contentar-se com a simplicidade, que a Escriptura mostra aos verdadeiros cristãos deverem ter a respeito da administração dos sacramentos: xegou o dia de pentecostes seguinte, em que celebramos a ceia pela segunda vez, e ele (infringindo dirétamente o que tinha dito, quando estatuio a ordem da igreja, como acima vimos, a saber, que queria, que todas as invenções umanas fôssem regeitadas) alegou, que

S. Cipriano e S. Clemente tinham escrito, que na celebração da ceia cumpria pôr agua e vinho, e não só pretendia obstinadamente, que isso se fizesse, mas tambem afirmava e queria, que crêssemos, que o pão consagrado aproveitava ao corpo e á alma.

Além d'isso sustentava,que cumpria pôr sal e oleo na agua do batismo, e que um ministro não podia cazar-se em segundas nupcias,citando a passagem de S.Paulo a Timoteo,quando diz,que o bispo seja marido de uma só mulher.

Em suma não querendo mais depender de outro conselho além do seo, aliás sem fundamento na palavra de Deos para o que dizia, rezolveo absolutamente mover tudo ao seo caprixo.

§ 19. Mas afim de que conheçam todos como ele argumentava tanazmente, aprezentarei aqui apenas uma d'entre muitas sentenças da Escriptura, que ele alegava, pretendendo com elas provar as suas propozições.

Eis pois o que um dia ouvi ele dizer a um dos seos sequazes : — Não leste no Evangelho do leprozo, que este dice a Jezus Cristo : Senhor, si quizeres, podes limparme, e que apenas Jezus dice : Quero, fica limpo, o leprozo ficou são ?

Assim (afirmava este bom espozitor) quando Jezus Cristo dice : Este é o meo corpo — cumpre crêr sem interpretação alguma, que ele ali está, e deixemos essa gente de Genebra falar.

Não é pois isto interpretar bem uma passagem por outra ? E' certamente tam cabido como o conceito d'aquele que nos debates de um concilio alegou, que como está escrito : Deos creou o omen á sua imagem— convém por isso ter imagens.

Portanto julguemos agora por este exemplo da teologia escolar de Nicoláo de Villegagnon, que tamanho rumor levanta sobre a sua pessoa, si, tendo siencia tam perfeita da Escritura, não era bastante (como jata-se depois da sua apostazia) tanto para fexar a boca de João Calvino, como para fazer frente nas disputas a todos quantos não quizessem aceitar a sua doutrina.

Poderia accrecentar muitas outras propozições tam ridiculas como a precedente, que o ouvi proferir

relativamente a esta materia dos sacramentos. Mas como, quando ele voltou á França, não só Pedro Richier (Petrus Richelius) o pintou com todas as suas côres, mas tambem outros depois o almofaçaram e escovaram completamente, temo enfadar os leitores, e agora nada mais direi.

§ 20. N'esse tempo João Cointa, querendo tambem mostrar a sua sapiencia, começou a dar lições publicas; mas tendo principiado pelo Evangelho de S. João (materia tal e tam sublime como o sabem os que professam teologia) descorria tam a propozito as mais das vezes como comumente se diz das *magnificat* para matinas; todavia era n'esse o paiz unico sustentaculo de Nicoláo de Villegagnon para impugnar a verdadeira doutrina do Evangelho.

E aqui dirá talvez alguem: — Como pois calava-se então o frade franciscano André Tevet, que na sua Cosmografia tanto se queixa de que os ministros enviados á America por João Calvino, invejozos de seos bens, e ambicionando-lhe o encargo, o impedissem de ganhar as almas desgarradas do pobre povo selvagem, conforme os seos proprios termos?

Era mais afeiçoado aos barbaros do que á defeza da igreja romana, de que faz-se fortissima coluna?

§ 21. A resposta a este embuste de André Tevet n'este lugar será, como já em outra ocazião o dice, que ele estava de regresso em França antes da nossa xegada a esse paiz; por isso peço de novo aos leitores para notarem aqui de passagem, que, si ainda não fiz nem farei menção alguma d'ele em todo o prezente discurso a respeito das disputas, que Nicoláo de Villegagnon e João Cointa tiveram comnosco no forte de Coligni na terra do Brazil, é porque ahi nunca ele vio os ministros, de que fala, nem estes tambem o viram.

Esse bom catolico André Tevet, como já provei no prefacio d'este livro, não esteve ahi no tempo em que la estivemos; por tanto existia um intervalo de 2.000 leguas de mar entre nós e ele para impedir, que os selvagens por nossa cauza caissem sobre ele e o matassem (como contra a verdade ouzou escrever), e não precizava alimentar o mundo com taes frioleiras para alegar outro exemplo do seo zelo além do que diz ter tido na conversão

dos selvagens, si os ministros o não tivessem impedido ; pois de novo digo, que isto é falso.

§ 22. Ora, volto ao meo assunto. Logo depois d'esta ceia de pentecostes, Nicoláo de Villegagnon declarou abertamente ter mudado da opinião outr'ora manifestada a respeito de João Calvino, e sem esperar por sua resposta mandada pedir em França por via do ministro Pedro Chartier, dice, que ele era um máo eretico transviado da fé ; e com efeito mostrou-nos desde então má vontade, e dizendo que queria, que a predica não durasse mais de meia óra do fim de Maio em diante, mui poucas vezes a ela assistia.

Direi em concluzão, que a dissimulação de Nicoláo de Villegagnon se nos patenteou tam clara, que, conforme vulgarmente se diz, conhecemos logo com que lenha ele se aquecia.

Agora si nos perguntarem o que motivou tal revolução direi, que alguns dos nossos sustentavam, que o cardeal de Lorena e outros persouagens lhe aviam escrito de França pelo mestre de um navio, que n'esse tempo veio a Cabofrio, 30 legoas aquem da ilha, onde estavamos, censurando-o acremente em suas cartas por aver deixado a religião catolica romana, e que, receiozo da arguição, mudára subitamente de opinião.

§ 23. Todavia depois do meo regresso ouvi dizer, que Nicoláo de Villegagnon ainda antes de partir de França, para melhor servir-se do nome e autoridade do falecido senhor almirante de Chastillon, e tambem para poder mais facilmente abuzar da igreja de Genebra em geral e de João Calvino em particular (tendo como vimos no começo d'esta istoria escrito a uns e a outros afim de obter gente que o buscasse) aconselhara-se com o dito cardeal de Lorena para mascarar-se com a religião.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que na ocazião da sua rebeldia, como si tivesse um carrasco na consiencia, tornou-se tam pezarozo, que jurava a cada momento pelo corpo de Santiago (seo juramento ordinario), que quebraria a cabeça, braços e pernas do primeiro que o importunasse, e ninguem ouzava mais buscar a sua prezença.

E porque vem a propozito, referirei a maldade, que n'esse tempo o vi praticar com um Francez xamado Laroche, que ele conservava prezo em grilhões.

Tendo-o pois feito deitar de costas no xão mandou por um dos seos satelites dar-lhe tanta pancada no ventre, que o paciente quazi perde o folego e a respiração; e depois que o pobre omen ficou assim maxucado de um lado, esse dezumano verdugo dizia :—Corpo de Santiago, frascario, faze outra!

E com incrivel piedade deixaria assim esse pobre corpo estendido, quebrantado e semi-morto, si d'ele não precizasse para trabalhar no seo oficio, pois era marcineiro.

Geralmente outros Francezes, que ele conservava prezos pelo mesmo motivo, porque prendera Laroche, a saber, por que em razão do máo tratamento, que lhes dava antes dá nossa xegada a esse paiz, tinham conspirado entre si para lançal-o ao mar; e estando mais estragados do que si estivessem nas galés, alguns dentre eles, carpinteiros amestrados, abandonaram a ilha e preferiram antes ir para terra firme viver com os selvagens (que aliás os tratavam mais umanamente) do que permanecer com ele.

§ 24. Talvez 30 ou 40 omens e mulheres selvagens Maracajás, que os Tupinambás, nossos aliados, tinham aprezado na guerra, e tinham vendido como escravos, eram ahi tratados ainda mais cruelmente.

E com efeito uma vez o vi mandar amarrar a um d'eles, xamado Mingau, em uma peça de artilharia; e por uma couza que nem repreenção merecia, mandou derreter toucinho, e derramar bem quente nas nadegas do paciente: por isso esta mizera gente dizia repetidas vezes em sua lingua : — Si pensassemos, que Paicolá (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon) nos trataria d'este modo, deixariamos antes que os nossos inimigos nos comessem do que virmos procural-o.

Eis ligeiro traço da sua umanidade; e eu aqui passaria sem falar mais d'ele, si já não tivesse mencionado, que, quando puzemos pé em terra na sua ilha, ele nos dice pozitivamente, que dezejava, que fôsse reformada a superfluidade dos vestuarios.

E' precizo pois,que eu ainda diga qual o bom exemplo e a boa pratica, que n'este ponto mostrou.

§ 25. Ele não só tinha grande quantidade de roupas de seda e lan, que antes queria deixar apodrecer nas suas arcas, do que com elas vestir a sua gente (parte da qual aliás estava quazi toda nua),mas tambem possuia camelões de todas as côres. Mandou fazer para si seis trages de muda para todos os dias da semana; a saber : cazaca e calções todos iguaes, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azues e verdes : de sorte que, si isso assentava bem á sua idade, profissão e proeminencia, que pretendia ter, cada qual o póde julgar. Nós conheciamos pouco mais ou menos pela côr do vestuario, que ele trajava, de que umor estaria n'esse dia; como quando vemos a verdura e a amarelidão dos campos, assim podemos dizer, si temos ou não bôa estação.

Sobretudo porèm quando vestia comprido cazaco de camelão amarélo, bandado de veludo preto, desvanecia-se com esse trage, e diziam os seos mais gracizos sequazes, que ele então parecia menino travesso.

Portanto si aquele ou aqueles que depois do seo regresso para cá o mandaram pintar nú como selvagem, em cima do fundo de grande marmita, tivessem noticia d'esse formozo cazaco, não duvidamos, que por joias e ornatos tambem lhe o dariam, como fizeram com a cruz e a flauta pendentes do pescoço.

Si alguem agora dicer, que não tenho razão para procurar couzas minimas (como na verdade confesso não valer a pena tocar principalmente n'este ultimo ponto), respondo a isto, que como Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se qual Rolando furiozo contra os da religião reformada, especialmente depois do seo regresso á França, voltando-lhes assim as costas, parece-me dever cada um saber como ele portou-se em todas as religiões, que seguio ; e acrece, que, pela razão já mencionada no prefacio, muito convem, que eu diga tudo quanto sei.

§ 26. Ora, finalmente depois que por via do senhor Dupont lhe fizemos saber, que, visto ele repudiar o Evangelho, não eramos mais seos subditos, nem queriamos mais estar ao seo serviço, e menos queriamos continuar a

carregar barro e pedra para o seo fortim, julgou ele enxer-nos de pasmo, isto é, fazer-nos morrer de fome, si o podesse, e prohibio, que nos dessem mais de duas taças de farinha de raiz, que cada um de nós costumava receber por dia, como já dice.

Mas isto longe esteve de incomodar-nos, porque além de termos mais farinha por uma foice, ou por duas ou trez facas que davamos aos selvagens (os quaes frequetemente vinham nas suas pequenas barcas ver-nos na ilha, ou nós iamos procural-os nas suas aldeias) do que ele nos distribuia em meio anno, ficamos satisfeitissimos com tal recuza por ver-nos inteiramente fóra da sua sugeição. Entretanto si ele fosse mais forte, e si parte da sua gente e alguns dos nossos principaes companheiros não tomassem o nosso partido, não duvidamos, que ele então arranjasse mal os nossos negocios, isto é, teria tentado domar-nos por força.

§ 27. E com efeito para tentar, si o poderia conseguir, quando em certa ocazião um fulano João Gardien e eu xegamos de volta de terra firme (onde d'esta vez estivemos entre os selvagens quazi 15 dias), fingio ignorar a permissão, que antes da nossa partida pediramos ao senhor Barré, seo lugar-tenente, e pretendeo assim, que transgrediramos a ordenança, que fizera prohibindo, que ninguem saisse da ilha sem licença; por cuja cauza não só nos quiz prender, mas, o que peior era, ordenara, que nos pozessem grilhões aos pés, como aos seos escravos.

E estivemos em tanto maior perigo quanto o senhor Dupont, nosso diretor (o qual, como alguns companheiros nossos diziam, atenta a sua qualidade, muito abatia-se ante ele), em vez de nos sustentar e impedir o ato, pedia-nos, que por um dia ou dois sofressemos a pena, porque nos faria libertar, quando passasse a colera de Nicoláo de Villegagnon.

Mas declaramos formalmente, que não suportariamos o castigo, tanto por que não tinhamos infringido a ordenança, como principalmente porque já lhe tinhamos declarado, que nada dependiamos d'ele, por ter ele rompido a promessa de manter-nos no exercicio da religião evangelica, não obstante o exemplo de tantos outros que

ele conservava em grilhões, e viamos diariamente diante de nossos olhos ser tam cruelmente tratados.

Ouvindo ele esta resposta, e sabendo tambem que, si quizesse passar além,estavamos 15 ou 16 companheiros tam unidos e ligados pela amizade, que quem ofendesse a um ofenderia a todos, como se diz, não nos forçou, abrandou e dezistio do intento.

§ 28. E' além d'isto certo, como tantas vezes tenho mencionado, que os principaes da sua gente eram da nossa religião, e por consequencia estavam mal satisfeitos com ele por cauza da sua rebeldia; e si não temessemos, que o senhor almirante, que, sob a autoridade do rei (como em principio dice) o tinha mandado sem o conhecer tal qual agora se mostrava, se desgostasse, e si não atendessemos a outras considerações, alguns companheiros aproveitariam esta ocazião para acometel-o, e lançal-o ao mar, afim de que, diziam eles, a sua carne e largas espaduas servissem de alimento aos peixes.

Todavia a mor parte axava mais conveniente, que nos portassemos com moderação, desde que faziamos sempre e publicamente a predica (que ele não ouzava ou não podia impedir), e que, para obviar que ele nos perturbasse e embaraçasse, celebrassemos a ceia e fizessemos a predica dahi por diante de noite e sem sua siencia.

E porque depois da ultima ceia, que n'esse paiz celebramos, apenas ficou-nos um copo do vinho, que tinhamos trazido de França, e não tinhamos meio de aver esse licor de outra parte, moveo-se questão entre nós, a saber, si por falta de vinho poderiamos celebrar esta ceremonia religioza com outros licores.

§ 29. Alegavam alguns, entre outras passagens, que Jezus Cristo, na instituição da ceia, depois da ação de graças, dice expressamente: — Não beberei mais do fruto da vinha etc., e estes eram de opinião, que na auzencia do vinho,era melhor abster-se do sinal do que substituil-o.

Outros ao contrario diziam, que, quando Jezus Cristo instituio a ceia,estava no paiz da Judéa; por isso falava da bebida, que ali era uzual, e que, si estivesse em terra de selvagens, é verosimil, que tivesse não só feito menção da bebida, de que estes uzassem em vez de vinho, quando o

não podessem alcançar, mas tambem na falta d'ela não duvidariam celebrar a ceia com as couzas mais comuns (em substituição do pão e do vinho) no alimento dos omens do paiz, onde estivessem.

Embora porém muitos se inclinassem a esta ultima opinião, ficou a materia indeciza; porquanto não xegamos até essa extremidade.

Todavia o cazo apenas produzio alguma divergencia entre nós; e logo por graça de Deos ficamos todos sempre em tal união e concordia, que eu dezejava, que todos, que oje professam a religião reformada, marxassem no mesmo ton, como nós então o fizemos.

§ 30. Ora para concluir o que tinha de dizer a respeito de Nicoláo de Villegagnon, acrecentarei o seguinte. Aconteceo que ele, conforme o proverbio que diz, que quem quer desfazer-se de alguem procura ocazião, detestando cada vez mais a nós e a nossa doutrina, declarou que não nos queria mais sofrer nem tolerar no seo fortim nem na sua ilha, e ordenou no fim do mez de Outubro, que nos retirassemos.

Verdade é (como acima mencionei), que tinhamos meios suficientes para o expulsarmos, si o quizessemos; mas tanto para lhe tirar todo o motivo de queixar-se de nós, como por que, entre as razões já mencionadas, estando a França e outros paizes na espectativa de termos ido além-mar viver na observancia da reforma do Evangelho, tememos lançar macula sobre a nova doutrina, e preferimos obedecer a Nicoláo de Villegagnon, e sem mais contestação deixar-lhe a praça.

§ 31. Assim depois de termos estado quazi oito mezes n'esta ilha e fortim de Coligni, que tinhamos ajudado a construir, nos retiramos e passamos para terra firme, na qual estivemos dois mezes, esperando que um navio vindo do Havre de Graçe carregar páo-brazil, (com cujo mestre contratamos nosso transporte para França) se apromtasse para partir.

Acomodamos-nos na praia do mar do lado esquerdo da entrada d'este rio de Guanabara, no lugar xamado pelos Francezes Briqueterie (olaria), o qual apenas dista meia legoa do fortim.

E como de lá iamos e vinhamos frequentemente, comiamos e bebiamos entre os selvegens, os quaes foram para nós incomparavelmente mais umanos do que aquele que nos não pode suportar, sem lhe termos aliás feito agravo algum. Por isso eles, por sua parte, para nos trazerem viveres e outras couzas, de que careciamos, vinham frequentemente vizitar-nos.

§ 32. Ora, tendo sumariamente descrito n'este capitulo a inconstancia e variação, que descobri em Nicoláo de Villegagnon em materia de religião ; o tratamento, que nos deo a pretesto d'ela ; suas disputas e ocazião, que aproveitou para desviar-se do Evangelho ; seos gestos e assersões ordinarias n'esse paiz ; a dezumanidade, que empregava para com a sua gente, e como ele andava magistralmente trajado ; adiarei o que tenho de dizer do nosso embarque de regresso, quer em relação á licença, que nos concedeo, quer acerca da traição, que nos fez na ocazião da nossa partida da terra dos selvagens, afim de tratar de outros pontos.

Eu o deixarei por ora espancar e atormentar a gente do seo fortim, o qual, juntamente com o braço de mar, em que está situado, vou primeiramente descrever.

CAPITULO VII

Descrição do rio Guanabara, tambem denominado Geneure, na America, da ilha e do fortim de Coligni, que n'ela foi edificado, e juntamente das outras ilhas circumvizinhas.

§ 1. Este braço de mar e rio de Guanabara, assim xamado pelos selvagens, e Geneure pelos Portuguezes (pois assim o denominam, porque, como dizem, o descobriram no dia primeiro de Janeiro) fica aos 23 gráos além da linha equinocial, e sob o tropico de Capricornio; e como tinha sido um dos portos de mar da terra do Brazil

mais frequentado em nossos tempos pelos Francezes, julguei não ser fóra de propozito fazer aqui particular e sumaria descrição d'ele.

Sem pois deter-me sobre o que outros já escreveram, começo por dizer (tendo estado e navegado n'ele quazi um anno), que penetra no interior das terras, e tem quazi dôze legoas de comprimento, e em alguns lugares sete ou oito de largura; e quanto ao mais, embora as montanhas, que por todas as partes o rodeiam, não sejam tam altas como as que cercam o grande e espaçozo lago d'agua doce de Genebra, todavia a terra firme aproxima-se por todos os lados, e o torna por sua situação assás similhante a este.

§ 2. Quem deixa o mar grande, preciza costear trez pequenas ilhas dezabitadas, contra as quaes os navios, si não sam bem dirigidos, correm grande perigo de bater e despedaçar-se, e a embocadura é bastante penoza.

Depois d'isto é precizo passar um estreito, que não xega a ter um quarto de legua de largura, e é limitado do lado esquerdo, ao entrar, por uma montanha e roxedo piramidal, que não é sómente de maravilhoza e excessiva altura, mas tambem, ao vel-a de longe, dir-se-ia, que é artificial; e com efeito por ser ela redonda, e similhante a uma grossa torre, nós os Francezes, por modo iperbolico, a denominavamos—Pote de manteiga (*Pot de beurre*).

Pouco adiante subindo o rio, está um roxedo bastante razo, que pode ter 100 ou 120 passos de circunferencia, ao qual tambem denominavamos Ratier, sobre o qual Nicoláo de Villegagnon em sua xegada, depois de dezembarcar as suas alfaias e sua artilharia, pensou em fortificar-se; mas dahi o expelio o fluxo e o refluxo do mar.

Uma legoa adiante está a ilha, onde estacionavamos, a qual, como alhures mencionei, era dezabitada antes de Nicoláo de Villagagnon xegar n'esse paiz; mas como aliás não tinha sinão meia milha franceza de circuito, e era seis vezes mais comprida do que larga, cercada, como era, de pequenos roxedos á flor d'agua, que impedem os navios de aproximar-se mais perto do que o alcance do canhão, é naturalmente fortissima.

E com efeito ninguem pode n'ela atracar, ainda em

pequenos barcos, sinão do lado do porto, o qual fica da parte oposta á entrada do mar alto ; e si fosse bem guarnecida, não seria possivel forçal-a nem surpreendel-a, como depois do nosso regresso os Portuguezes o fizeram, por culpa dos que lá deixamos.

§ 3. Além d'isso nas extremidades d'ela estam dois montes, em cada um dos quaes Nicoláo de Villegagnon mandou fazer uma cazinhola assim como tambem mandára edificar a sua caza de rezidencia em uma pedra de 50 ou 60 pés de altura, que fica no meio da ilha.

De um e outro lado d'este roxedo, tinhamos aplainado e preparado pequenos espaços, nos quaes estavam construidas não só a sala, onde nos reuniamos para a predica e para a refeição, como tambem varias camaras, nas quaes nos alojavamos, e nos acommodavamos quazi 80 pessoas (incluzive a comitiva de Nicoláo de Villegagnon), que rezidiamos n'este lugar.

Notai porém, que á excéção da caza situada sobre o roxedo, na qual algum madeiramento existe, e de alguns baluartes, nos quaes estava posta a artilharia, e que sam revestidos de alvenaria, tudo o mais consiste em cazebres ou antes camarotes, e como foram os selvagens os architetos d'eles, por isso os construiram ao se modo, isto é, de madeiras toscas com a cobertura de ervas.

Eis em poucas palavras qual era o artificio do fortim, que Nicoláo de Villegagnon denominou Coligni, na França antartica, pensando fazer couza agradavel ao senhor Gaspar de Coligni, almirante de França, sem o favor e auxilio do qual, como eu dice em principio, ele jámais teria meios de fazer a viagem, nem de edificar fortaleza alguma no Brazil.

§ 4. Mas intentando ele assim perpertuar o nome d'este excelente varão, cuja memoria na verdade será para sempre onrada entre os omens de bem, deixo ao criterio de todos avaliar, si Nicoláo de Villegagnon, além de rebelar-se contra a religião (com desprezo da promessa por ele feita antes de sair de França de estabelecer o puro serviço de Deos n'esse paiz), abandonando a praça aos Portuguezes, que agora sam possuidores d'ela, deo motivo para os seos triunfos, para onra do nome de Coligni, e para gloria do nome de França antartica dado a esse paiz.

Sobre tal assunto direi, que não cesso de admirar muito o procedimento de André Tevet no anno de 1558, quazi dois annos depois do seo regresso d'America ; pois provavelmente para agradar ao rei Enrique Segundo, então reinante, não só em uma carta, que mandou levantar d'esse rio Guanabara e do fortim de Coligni, fez pintar ao lado esquerdo d'ele, na terra firme, uma cidade, a que xamou *Ville-Henri*, mas tambem a inclue na sua *Cosmografia*, embora depois tivesse muito tempo para pensar, que isso era pura zombaria.

Pois quando partimos d'essa terra do Brazil, mais de 18 mezes depois de André Tevet, sustento, que não existia fórma alguma de edificios e menos qualquer aldeia, nem cidade no sitio, onde ele nos forjou e assinalou uma cidade inteiramente fantastica.

Por isso ele mesmo incerto como devia proceder a respeito do nome d' esta cidade imaginaria, á maneira dos que disputam, si convêm dizer barrete vermelho, ou vermelho barrete, tendo apelidado *Ville-Henri* na sua primeira carta, e *Henriville* na segunda, leva-nos a conjeturar, que tudo quanto ele dice não passa de imaginação e couza por ele suposta ; de sorte que sem temor de equivoco póde o leitor escolher d'estes dois nomes o que quizer, e axará sempre a mesma couza, a saber, nada mais do que a pintura.

Assim concluo, que André Tevet desde então não só escarneceo do nome de rei Enrique Segundo, como fez Nicoláo de Villegagnon com o de Coligni dado ao fortim, mas tambem que com esta reiteração profanou a memoria do seo principe, quanto lhe foi possivel.

§ 5 E afim de prevenir quanto ele poderia alegar em contrario, negando formalmente que o lugar por ele inculcado não é o sitio denominado Briqueterie (olaria), no qual os nossos operarios construiram algumas xoupanas, confesso, que n'esse ponto existe uma montanha, a qual os Francezes, que primeiro ali se acomodaram, xamaram *Mont-Henri*, em lembrança do seo soberano senhor, assim como em nosso tempo denominamos outra montanha Corguillerai, em razão do sobrenome de Filipe de Corguillerai, senhor Dupont, que nos conduzira além-mar ;

si porém tanta diferença existe de uma montanha para uma cidade, como realmente existe entre um sino e uma igreja, segue-se que André Tevet, assinalando essa cidade Ville-Henri ou Henriville nas suas cartas, deslembrou-se, ou quiz exagerar a couza.

E para que ninguem pense, que falo diversamente da verdade, apelo novamente para todos aqueles que fizeram esta viagem ; e até para a gente de Nicoláo de Villegagnon, muitos dos quaes ainda sam vivos, a saber, si avia aparencia de cidade, onde pretenderam situar aquela que eu despeço como as ficções dos poetas.

§ 6. Como André Tevet quiz sem cauza alguma, como fica dito no prefacio, escaramuçar com os meos companheiros e comigo, si ele axar esta especial refutação das suas obras sobre a America de dura digestão, e vir que, defendendo-me contra as suas calunias, lhe arrazei aqui uma cidade, saiba, que não estam notados todos os seos erros, os quaes bem me recordo, e os apontarei pelo miudo, si ele não se contentar com o pouco que menciono n'esta istoria.

Peza-me, que, interrompendo tantas vezes o meo assunto, seja ainda agora obrigado a fazer esta digressão ; constituo porém os leitores por meos juizes, para decidirem em vista dos motivos sobreditos, si tenho razão ou não.

§ 7. Proseguirei pois no que resta escrever, tanto do nosso rio de Guanabara, como do que n'ele está situado.

Quatro ou cinco legoas adiante do fortim supramencionado, existe outra ilha formoza e fertil, com quazi seis legoas de circuito, a qual xamavamos Ilha-grande. E porque n'ela estam muitas aldeias abitadas por selvagens xamados Tupinambás, aliados dos Francezes, ordinariamente iamos em nossos escaleres ali buscar farinha e outras couzas necessarias.

Além d'esta existem n'este braço de mar outras pequenas ilhas dezabitadas, nas quaes entre outras couzas axam-se volumozas e mui saborozas ostras : os selvagens mergulham nas praias do mar e trazem grandes pedras, ao redor das quaes está uma infinidade de pequenas ostras, a que xamam *leripés*, tam agarradas ou antes tam

coladas ao calhão, que precizo é arrancal-as á força. Ordinariamente mandavamos cozinhar grandes paneladas d'estas ostras, em algumas das quaes, quando as abriamos e comiamos, axavamos pequenas perolas.

§ 8 Este rio está xeio de varias especies de peixes, como adiante mais amplamente direi ; convindo desde já menccionar excelentes sargos, tubarões, arraias, golfinhos e outros peixes medios e miudos, alguns dos quaes descreverei minuciosamente no capitulo dos peixes.

Não quero principalmente deixar de fazer aqui menção das orriveis e espantozas baleias, as quaes mostrando-nos diariamente suas grandes barbatanas fóra d'agua, e folgando n'este vasto e profundo rio, aproximavam-se tanto da nossa ilha, que as podiamos alcançar com tiros de arcabuz.

Todavia, como têem o couro assás duro, e toucinho espesso, não creio, que as balas penetrassem a ponto de ofendel-as ; e assim elas proseguiam em seo caminho, e por certo não morreriam.

§ 9 Emquanto estivemos além-mar, apareceo um d'estes cetaceos na distancia de 10 ou 15 legoas do nosso fortim, na direção de Cabo-frio, e aproximou-se tanto da terra que não teve bastante agua para voltar ao alto mar, encalhou e ficou em seco na praia.

Mas ninguem animava-se a aproximar-se da baleia, antes de a verem morta ; e emquanto debatia-se, não só fazia estremecer a terra ao reder d'ela, mas tambem ouvia-se o arruido e estrondo por mais de duas legoas ao longo da costa.

Não obstante muitos selvagens e muitos dos nossos companheiros irem ali e trazerem quanto lhes aprouve, ainda assim ficaram mais de dois terços do cetaceo, que se perderam e apodreceram no lugar do encalhamento.

A carne fresca não era muito boa, e pouco comemos da que trouxeram para a nossa ilha;e afóra alguns pedaços de gordura,que derretiamos para nos servirmos do azeite, que produzia,para alumiar-nos de noite, deixamos a carne restante em pilhas exposta á xuva e ao vento, e a consideramos apenas como esterco. Todavia a lingua, que

era a melhor couza, foi salgada em barris e mandada para a França ao senhor almirante.

§ 10. Finalmente (como já indiquei) na terra firme circunvizinha d'este braço de mar existem na extremidade e no fundo mais dois formozos rios d'agua doce, afluentes d'ele, nos quaes naveguei com outros Francezes em bateis perto de 20 legoas pelo interior das terras, e estive em muitas aldeias entre os selvagens, que os abitam de um e outro lado.

§ 11. Eis abreviadamente o que observei n'este rio de Geneure ou Guanabara, da perda do qual e do fortim, que edificáramos, tanto mais me lastimo, quanto é certo, que,si tudo fosse bem acautelado, como podia sèl-o, constituiria não só bom e aprazivel abrigo, mas tambem grande comodidade da navegação n'esse paiz para todos os viajantes da nossa nação franceza.

Em distancia de 28 ou 30 legoas para adiante, no rumo do Rio da Prata e do estreito de Magalhães, existe outro grande braço de mar, a que os Francezes xamam rio de Vases (lama), no qual aportam, quando viajam n'esse paiz; o que tambem fazem na enseada de Cabo-frio, na qual, como já dice, aportamos e dezembarcamos primeiramente na terra do Brazil.

CAPITULO VIII

Indole, força, estatura, nudez, dispozição e ornatos do corpo, quer dos omens, quer das mulheres selvagens brazilienses, abitantes da America, entre os quaes permaneci quazi um anno.

§ 1. Tendo até aqui espendido tanto o que vimos no mar, indo para a terra do Brazil, como as couzas passadas na ilha e fortim de Coligni, onde rezidia Nicoláo de Villegagnon, emquanto ali permanecemos, e igualmente o que seja o rio Guanabara na America, a respeito do

qual assás adiantei em materia relativa aos fatos anteriores ao meo embarque em regresso para a França, quero tambem discorrer sobre o que observei acerca do modo de vida dos selvagens e sobre outras couzas singulares e desconhecidas aquem mar, que vi no seo paiz.

§ 2. Afim de começar pela couza principal e proseguir por ordem direi em primeiro lugar, que os selvagens da America, abitantes da terra do Brazil, xamados Tupinambás, entre os quaes rezidi e tratei familiarmente quazi durante um anno, não sam maiores, mais grossos ou mais pequenos de estatura do que somos na Europa; não têem corpo monstruozo nem desmedido em comparação comnosco; sam porém mais fortes, mais robustos, mais fornidos, mais bem dispostos, e menos sugeitos a molestias, e quazi não teem côxos, tórtos, aleijados, nem doentios.

Além de xegarem muitos até a idade de 120 annos (pois sabem muito bem contar e decorar as suas idades pelas lunações), poucos sam os que na velhice têem cabelos brancos ou grizalhos. Couzas que por certo demonstram não só os bons ares, e a boa temperatura do seo paiz, no qual, como algures dice, sem geadas nem grandes frios, as arvores, ervas e campos estam sempre verdejantes, mas tambem o pouco cuidado e nenhum desvélo, que têem pelas couzas d'este mundo, bebendo todos eles na fonte de Juvencia.

E de fato como eles não aurem por nenhum modo n'essas fontes lodozas ou antes pestilenciaes, de que dimanam tantos regatos, que nos corroem os ossos, sucam a medula, debilitam o corpo, e consomem o espirito, e em suma nos envenenam e matam nas nossas côrtes de ca, a saber, com a desconfiança e a avareza, que dahi procede, com os processos e intrigas, com a inveja e ambição, nada de tudo isso os inquieta, e menos os domina e apaixona, conforme mais amplamente adiante mostrarei.

§ 3. Quanto á sua cor natural, atenta a região quente que abitam, não sam negros; sam porém apenas morenos, como dirieis dos Espanhoes ou dos Provençaes.

Couza não menos estranha quam dificil de crer para aqueles que o não viram, é que omens, mulheres e meninos

vivem e andam uzualmente tam nus como sahiram do ventre materno, não só sem ocultar parte alguma do corpo, como tambem sem mostrar sinal algum de pejo nem vergonha.

Entretanto não sam, como alguns pensam, e outros o querem fazer crer, cabeludos nem cobertos de pelos ; ao contrario não sam mais peludos do que somos n'este paiz aquem mar, e acontece, que apenas começa a apontar e sair o cabelo, que lhes aparece em qualquer parte do corpo, até mesmo no mentò, nas palpebras e sobrancelhas (o que torna-lhes a vista zarolha, vesga, transviada e feroz) ou o arrancam com as unhas, ou, depois que os cristãos os frequentam, com pinças que estes lhes dam : o que tambem se tem escrito, que praticam os abitantes da ilha de Cumana no Perú. Excetuo sómente quanto aos nossos Tupinambás os cabelos da cabeça, os quaes em todos os maxos, desde a juventude, sam tosquiados mui rentes na parte superior e anterior do craneo como corôa dos frades, e na nuca ao modo dos nossos antepassados e d'aqueles que deixam crecer a cabeleira e a aparam sobre o pescoço.

§ 4. E para nada omitir (si me é possivel) sobre esta materia, acrecentarei n'este lugar, que existem n'esse paiz certas ervas da largura de quazi dois dedos, as quaes crecem concavas e arredondadas, como sam os canudos que cobrem a espiga d'esse milho grosso, que em França xamamos trigo mourisco ; e conheci velhos (mas não todos, nem nenhum mancebo, e menos os meninos), que tomavam duas folhas d'estas ervas e as metiam e amarravam com um fio de algodão em roda do membro viril, como tambem o envolviam em lenços e outros pequenos panos, que lhes davamos.

Pareceria por isso á primeira vista, que ainda lhes restava algum resquicio de vergonha natural, si por ventura fizessem isto em atenção ao pejo; pois embora não me tenha bem informado sobre este ponto, sou de opinião, que assim praticam para ocultar alguma infermidade, que na velhice tenham n'essa parte do corpo.

§ 5. Além d'isso todos os rapazes têem por costume desde a infancia furar o beiço inferior acima do mento, e cada um ordinariamente traz no buraco certo osso bem

polido, tam alvo como marfim, feito á similhança de um d'esses páozinhos com que na meza jogamos a carrapeta; e como a parte despontada sae uma polegada ou dois dedos, e fica o osso detido por um esbarro entre o beiço e a gengiva, eles o tiram e metem, quando querem.

Mas só trazem este ponteiro de osso branco na adolecencia; quando sam grandes, os xamam *conomiuassú* * (isto é, rapaz grande) e em vez d'isto aplicam e encaixam no furo dos beiços uma pedra verde (especie de esmeralda falsa), a qual é retida por um esbarro interior, e no esterior parece da redondeza e largura do tostão e duas vezes mais grossa do que este; e na verdade alguns trazem pedra tam comprida e roliça como um dedo. Uma d'estas pedras trouxe eu para a França.

Si por ventura os nossos Tupinambás tiram a pedra da fenda do beiço, e por divertimento metem a lingua n'esse operculo, aprezentam então duas bocas ao espectador; e deixo á vossa apreciação considerar, si esta feição lhes dá bonita aparencia, e si isso os deforma ou não.

Emquato a isto vi omens, que não contentes de trazer estas pedras verdes nos beiços sómente, as traziam tambem nas duas faces, que igualmente furavam para esse fim.

§ 6. Quanto ao nariz, quando as nossas parteiras de cá na ocazião do nacimento das crianças apertam as ventas com os dedos para tornal-as mais bonitas e maiores, bem pelo contrario os nossos Americanos fazem consistir a formozura de seos filhos em serem de nariz xato, e apenas estes saem do ventre materno (como vedes em França praticar com os cadelos e caxorrinhos), esmagam e axatam-lhes as ventas com o dedo polegar. No entretanto diz alguem existir certa região do Perú, onde os indios têem o nariz tam ultrajozamente grande, que n'ele penduram esmeraldas, turquezas, e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

§ 7. Além d'isso os nossos Brazileiros pintam muitas vezes o corpo com diversos dezenhos e variadas cores; mas sobretudo costumam empretecer tanto as coixas e as

* O autor escreve: — *conomiouassou*.

pernas com o suco de certo fruto, xamado *genipapo* [1], que, ao vel-os assim de longe, julgarieis estarem vestidos com calções de padre; e imprime-se tantó na carne essa tintura negra do fruto do genipapo, que embora estes selvicolas metam-se n'agua, e lavem quanto quizerem, não a podem apagar durante déz ou dôze dias.

Tambem têem crecentes de mais de meio pé de comprimento, feitos de ossos mui lizos, tam brancos como alabastro, aos quaes xamam *jaci*, do nome da lua, que assim denominam; e quando lhes apraz, os trazem pendentes ao pescoço seguros por um cordão feito de fio de algodão, e batendo de xapa no peito,

Provavelmente com grande consumo de tempo pulem em um pedaço de gré uma infinidade de pequenas peças de uma grande conxa marinha xamada *vignol*, as quaes arredondam e fazem tam primorozas, redondas e delgadas como um dinheiro tornez. Depois sam furadas no centro, e enfiadas em um cordão, e com elas fazem colares que xamam *boré* [2] e que enrolam no pescoço, quando bem lhes parece, como nos paizes europeos fazem os com os trancelins de ouro.

No meo entender é a isto, que algumas pessoas xamam porcelana, de que vemos muitas mulheres de cá trazerem cintos, de mais de trez braças de comprimento e tam bonitos, quanto é possivel, como observei, quando xeguei á França.

Os selvagens fazem tambem esses colares xamados boré de certa especie de madeira preta, que é mui idonea para esse mister, por ser quazi tam pezada e luzente como o azevixe.

§ 8. Afóra isso os nossos Americanos têem grande quantidade de galinhas comuns, cuja raça os Portuguezes lhes deram.

Depenam constantemente as galinhas brancas, e com instrumentos de ferro, depois que os tiveram, e antes de os terem, com peças aguçadas recortam o frouxel e as penas miudas, reduzindo tudo a particulas mais

---

1 O autor escreve:—*Genipat.*
2 O autor escreve:—*Bou-re.*

deminutas do que a carne de pasteis; depois do que fervem e tingem de vermelho com páo-brazil, e esfregando-se com certa rezina apropriada para isso, cobrem-se com o cotão, emplumam-se e sarapintam o corpo, os braços e as pernas; de sorte que n'esse estado parecem ter penugem como os pombos e outras aves recem nacidas.

E' bem certo, que algumas pessoas d'estas nossas terras de ca, quando pizam nas regiões americanas, vêem os selvagens enfeitados d'este modo, e voltando sem maiores informações das couzas, divulgam e propalam o boato de serem cabeludos os selvagens; mas estes não sam taes por natureza, como acima já dice; portanto foi ignorancia e couza mui levianamente recebida.

Alguem já escreveo, que os Cumanezes untam-se com certa rezina ou unguento glutinozo, e depois cobrem-se de penas de diversas côres, não ficando mal parecidos com similhante trage.

§ 9. Quanto ao ornato da cabeça dos nossos Tupinambás, além da corôa na frente e das guedelhas pendentes sobre as costas, de que fiz menção, atam e arranjam penas encarnadas, vermelhas e de outras côres, da aza de certas aves, das quaes fazem frontaes mui similhantes na feição aos cabelos verdadeiros ou falsos, a que xamam *raquetes* ou *ratepinades*, com que as damas e donzelas de França e de outros paizes de cá costumam adornar-se; e diriamos, que elas receberam essa invenção dos nossos selvagens, que a esse aparelho denominam *jempenambi*.

Trazem tambem arrecadas nas orelhas, feitas de ossos brancos, quazi da mesma forma dos ponteiros, que eu dice acima, que os rapazes trazem nos beiços furados.

Possuem os selvagens no seo paiz uma ave, xamada tucano, a qual (como mais amplamente descreverei em lugar competente) tem toda a plumagem negra como o corvo, excéto no papo que tem quazi quatro dedos de comprido e trez de largo, e é todo coberto de pequenas e subtis penas amarelas orladas de encarnado na parte inferior. Esfolam o papo, ao qual tambem xamam tucano em razão do nome da ave, de que o tiram, juntam em grande quantidade, e depois que os secam, pregam com cêra, que eles denominam *ira-ietic*, um de cada lado do rosto,

abaixo das orelhas, de tal sorte que, vendo-se assim esses cartazes amarélos nas faces, parecem duas xapas de cobre dourado nas caimbas do freio ou brida dos cavallos.

§ 10. Além de tudo isso, si os nossos Brazileiros vam á guerra, ou si matam solenemente um prizioneiro para comer, pelo modo por que em outro lugar direi, querendo então adornar-se e mostrar-se mais bravos, enfeitam-se com vestes, carapuças, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas, azues e de outras côres naturaes, singelas e de incomparavel beleza.

Depois que taes penas sam por eles diversificadas, mescladas e mui convenientemente ligadas umas ás outras em pequenas taliscas de madeira com fio de algodão, ficam por tal modo ajustadas que nenhum plumaceiro em França melhor as manejaria, nem mais destramente as arranjaria; e julgareis, que os vestuarios assim feitos sam de veludo felpudo.

Com igual artificio fazem as guarnições das suas espadas e clavas de madeira, as quaes, assim decoradas e enriquecidas com plumas bem ajustadas e bem applicadas a esse uzo, produzem deslumbrante aspecto.

§ 11. Para preparo dos seos vestuarios, obtêem dos vizinhos grandes penas de avestruz; o que mostra a existencia d'estas grandes e volumozas aves em alguns lugares d'esse paiz, onde todavia, para nada dissimular, as não vi. Estas penas de côr parda sam ligadas pelos tubos da aste central, ficando soltas as pontas, que espalham-se em roda á maneira de pequeno pavilhão, ou de uma roza, e formam um grande penaxo, a que xamam *arasoia*, o qual atam na cintura com um cordel de algodão; a parte estreita liga-se á carne e a parte larga afasta-se, e quando com ele se adornam (pois não lhes serve para outra couza) vós dirieis, que trazem uma capoeira de frangos atada na cintura.

Direi mais amplamente em outro lugar como os seos maiores guerreiros, afim de mostrarem valentia, e sobretudo quantos inimigos mataram e quantos prizioneiros sacrificaram para comer, retalham o peito, os braços e as coxas, e depois esfregam as incizões com certo pó negro, o qual as torna subzistentes por toda a vida;

de modo que, ao vel-os assim, parece estarem de calções, e gibões suissos, e com grandes gilvazes.

§ 12. Si tratam de dansar, beber, e *cauinar*, o que quazi constitue a sua ocupação ordinaria, procuram alguma couza, que lhes excite o animo, além do canto e da voz, de que uzam abitualmente em suas dansas; por isso colhem certo fruto, que é do tamanho da castanha d'agua, com ela um tanto parecido e de casca mui rija, e quando está bem seco, tiram-lhe o caroço, e metem em lugar d'este algumas pedrinhas, fazem uma enfiada d'eles e formam grevas, as quaes, atadas ás pernas, fazem tanta bulha como fariam conxas de caracoes, assim dispostas, isto é, quazi como os guizos europeos de que aliás sam mui cubiçozos, quando lhes os mostram.

Tambem existe n'este paiz uma especie de arvores, que dam fruto do tamanho do ovo do avestruz, e com a mesma figura. Os selvagens o furam no meio, como em França os meninos furaram grandes nozes para fazer molinetes; depois o ócam, metem-lhe pedrinhas redondas, ou caroços de milho, de que logo falarei, atravessam-lhe um páo de pé e meio de comprimento, e assim fazem um instrumento, a que xamam *maracá*, o qual estronda mais do que uma bexiga de porco xeia de grãos de ervilha, e os nossos Brazileiros o trazem ordinariamente na mão.

Quando eu tratar da sua religião, direi a opinião, que formam d'esse maracá, e da sua sonoridade, depois de o enfeitarem com lindas plumas, e dedicarem ao uzo, que logo veremos.

Eis em suma quanto sei relativamente á indole, vestuarios, e ornatos, com que os nossos Tupinambás costumam paramentar-se em seo paiz.

§ 13. Verdade é, que além de tudo isso, tendo nós trazido em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas e de outras côres, lhes mandavamos fazer cazacos e calções sarapintados, os quaes lhes davamos em troca de viveres, bugios, papagaios, páo-brazil, algodão, pimenta e outras couzas do seo paiz, com as quaes os nossos marinheiros ordinariamente carregam os seos navios.

Uns porém sem ter nada no corpo, vestindo algumas vezes calças largas de marujo, outros ao contrario sem calças vestindo saiotes, que apenas lhes xegavam ás nadegas, depois de contemplarem-se um pouco e passearem com similhante vestuario (que nos excitava gargalhadas), despiam esses trages, e os deixavam em caza até que lhes desse na vontade de os vestir de novo : outro tanto faziam com os xapéos e camizas, que lhes davamos.

§ 14. Tenho assim expendido amplamente tudo quanto se póde dizer a respeito do exterior do corpo, quer dos omens, quer dos meninos americanos. Si agora porem, acompanhando esta descrição, quereis figurar um selvagem, imaginai em vosso entendimento um omem nû bem conformado e proporcionado de membros, tendo arrancado todo o pelo, que lhes crece, trazendo tosqueados os cabelos, do modo por que já dice, aprezentando labios e faces fendidas com ossos despontados ou pedras verdes introduzidas nas aberturas, exhibindo orelhas perfuradas com arrecadas nos operculos, mostrando corpo pintado, e côxas e pernas enegrecidas com tinta extrahida do fruto genipapo já mencionado, e carregando, pendentes do pescoço, colares compostos de uma infinidade de pequenas peças d'essa grande conxa marinha, que eles xamam *vignol*, taes como já os descrevi; e então vereis tal qual é ordinariamente o selvagem no seo paiz, e tal como adiante o vereis retratado somente com a sua coleira ossea bem polida no peito e com a sua pedra no buraco do beiço, e garbozo com seo arco ao lado, e suas frexas na mão.

E' verdade, que para completar este quadro devemos pôr junto a esses Tupinambás uma das suas mulheres, a qual, na forma do seo costume, traz o filho em uma cinta de algodão, e em compensação o filho, conforme o modo porque o carregam, abraça com as pernas as ilhargas da mãe ; e junto dos trez um leito de algodão, feito como rede de pescaria, suspenso no ar; pois assim deitam-se os selvicolas no seo paiz. Cumpre tambem aditar o fruto xamado ananás, cuja fórma logo descreverei, o qual é dos melhores que esta terra do Brazil produz.

§ 15. Para considerar um selvagem por novo aspecto, tirae-lhe todos estes aparelhos, untae-o com rezina

glutinoza, e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas de pequenas plumas recortadas e miudas, como crina tinta de vermelho, e estando assim artificialmente coberto d'essa penugem, podeis então idear, si tal figura reprezenta garbozo rapaz.

Tambem podemos consideral-o, quer fique na côr natural, quer seja pintado ou emplumado; e assim revisti-o com os seos trages, carapuças e braceletes tam industriozamente fabricados com essas lindas e singelas penas de diversas côres, de que tenho feito menção, e podeis dizer, que está solenemente paramentado.

Ainda podemos encaral-o, pela maneira por que já vos dice que procedem os selvagens. Si deixando-o semi-nu e semi vestido, o calçaes, e vestis com as nossas frizas de cores, tendo uma das mangas verde e outra amarela, considerae, que apenas falta-lhe o cetro de palhaço.

Finalmente acrecentae todas as sobreditas couzas, pondo-lhe na mão, o instrumento xamado maracá, na na cintura, o penaxo de plumas xamado arasoia, e ao redor das pernas, as campainhas fabricadas de caroços, e o vereis então trajado do modo por que ele está, quando dansa, salta, bebe e cabriola, como adiante ainda o reprezentarei.

§ 16. Quanto ao demais artificio uzado pelos selvagens para adornar e enfeitar o corpo, conforme a descrição completa feita acima, além de ser precizo muitas figuras para bem reprezental-os, ainda assim os não fariamos parecer bem sem acrecentar-lhes a pintura; o que requereria um livro especial.

Todavia afóra o que já dice, quando eu falar das suas guerras e armas, os descreverei mais furibundos, golpeando-lhes o corpo e pondo-lhes na mão a espada ou clava de madeira, o arco e a frexa.

§ 17. Deixando porém agora por um pouco os nossos Tupinambás em sua magnificencia medrar, e gozar do passatempo, que sabem procurar, cumpre ver si suas mulheres e filhas, que xamam *cunhan*, * e *Maria* em

---

* O autor escreve: — *Quoniam*

alguns lugares, depois que os Portuguezes os vizitam, andam mais bem ornadas e ataviadas.

Já dice no começo d'este capitulo, que as mulheres andam ordinariamente nuas, como os omens; agora convém acrecentar, que elas, como eles, arrancam todo pêlo que lhes aparece, incluzive pestanas e sobrancelhas.

E' verdade, que a respeito dos cabelos elas não os ungem ; pois ao passo que os omens, como já fica dito, os tosqueiam na frente, e os aparam na nuca, as mulheres ao contrario não só os deixam crecer e ficar compridos, mas tambem (como as mulheres de cá) os penteiam, e lavam mui cuidadozamente : os entrançam algumas vezes com um cordão de algodão tinto de vermelho; todavia andam quazi sempre desgrenhadas, deixando mais comumente fluctuar os cabelos sobre os ombros.

§ 18. Além d'isso tambem diferem dos omens em não furarem os labios nem as faces; por consequencia não trazem pedras no rosto : quanto porém ás orelhas, as furam órrivelmente para pôr arrecadas, e quando tiram, taes enfeites meteriam facilmente os dedos nos buracos. Estas arrecadas feitas d'essa grande conxa marinha xamada *vignol*, de que falei, sam brancas, redondas e tam compridas como uma vela de sebo meian; quando penteiam-se, batem-lhes as arrecadas nos ombros e tambem nos peitos, e parece, ao vel-as longe, que sam orelhas de sabujo, que lhes pendem de um e outro lado.

A respeito do rosto, eis o modo por que elas o enfeitam. A camarada ou companheira com pequeno pincel na mão começa uma pequena roda no centro da face d'aquela que se quer pintar, contornea em fórma de caracol, e assim continúa até que com as cores azul, amarela e vermelha lhe tenha mosqueado e sarapintado todo o rosto; e tambem no lugar das palpebras e sobrancelhas arrancadas não deixa de dar pinceladas, como se diz, que em França praticam as mulheres impudicas.

§ 19. Elas fazem grandes braceletes, compostos de varias peças de ossos brancos, cortados e talhados á maneira de grossas escamas de peixe, que sabem reunir umas ás outras com cera e varias rezinas misturadas em guiza

de cola, combinando o artefacto com tal acerto que melhor não é possivel fazer.

Assim fabricam os braceletes do comprimento de quazi pé e meio, e só os podemos bem comparar aos braçaes, com que cá jogamos a péla.

Igualmente trazem colares brancos xamados *borê* * na sua linguagem, os quaes acima descrevi; não os trazem porém pendentes do pescoço, como fazem os omens, pois os enrolam no braço.

E eis por que e para servir ao mesmo uzo, elas axavam tam lindas as pequenas contas de vidro amarelas, azues, verdes e de outras cores, enfiadas á maneira de rozarios, que elas xamam *morubi*, † dos quaes tinhamos levado grande quantidade para traficar ali.

E com efeito ou fossemos nós ás suas aldeias, ou viessem elas ao nosso fortim, para obter taes missangas, aprezentavam-nos frutas ou outra qualquer couza de seo paiz e com o modo de falar xeio de lizonjas, de que ordinariamente uzam, atordoavam-nos a cabeça, e estavam constantemente comnosco, dizendo: *Mair, deagotorem amabe morubi*, isto é: — Francez, tu és bom, dá-me dos teos braceletes de contas de vidro.

Elas faziam o mesmo para aver de nós pentes, que xamam *guap* ou *kuap*, espelhos, que xamam *aruá* ‡ e todas as demais veniagas e mercadorias, que tinhamos, e elas apeteciam.

§ 20. Mas entre as couzas duplamente anormaes e verdadeiramente maravilhozas, que observei n'essas mulheres brazileiras, é que não obstante não pintarem o corpo, os braços, as côxas e as pernas, como fazem os omens, nem cubrirem-se de penas, nem de outras couzas proprias da sua terra, todavia nunca podemos conseguir fazer com que se vestissem, embora por muitas vezes lhes dessemos vestidos de xita e camizas (como dice termos feito com os omens, que algumas vezes vestiam); de

---

* O autor escreve: — *Boure*.

† O autor escreve: — *Mauroubi*.

‡ O autor escreve: — *Aroua*.

sorte que estavam sempre rezolvidas a não sofrer nem ter sobre si qualquer objeto; e creio não terem ainda mudado de parecer.

Verdade é, que, como pretesto para izentar-se d'isso e ficar sempre nuas, alegavam o seo costume, conforme o qual em todasas fontes e rios claros,que encontram,acocoram-se na margem, ou entram n'agua, molham a cabeça, lavam-se e mergulham todo o corpo como caniços, e em alguns dias o fazem mais de dôze vezes.

Dizem elas,que lhes custaria muito trabalho despir-se assim tantas vezes.E não é isto mui boa e mui procedente razão ? Mas tal qual é, a devemos aceitar; pois contestal-a seria baldado esforço, e nada conseguiriamos.

E com efeito esta gente bruta deleita-se tanto com a nudez, que não só, como já dice, as mulheres dos nossos Tupinambás, que vivem na terra firme em plena liberdade com seos maridos, paes e parentes, obstinavam-se em não querer vestir-se de modo algum, mas tambem as prizioneiras de guerra, que tinhamos comprado, e conservavamos como escravas para trabalhar no nosso fortim, embora as cobrissemos á força, apenas xegava a noite, despiam secretamente as camizas e outros andrajos, que lhes davamos, e por mero prazer, antes de deitar-se, passeavam nuas na nossa ilha.

Em suma si ficasse ao arbitrio d'essas mizeras creaturas, e não fossem obrigadas a xicotadas a vestir-se, prefeririam antes sofrer a calma e o calor do sol, e esfolar os braços e os ombros na condução continua da terra e pedras, do que suportar sobre o corpo qualquer objeto.

Eis sumariamente quaes sam os ornatos, aneis, e joias ordinarias das mulheres e raparigas americanas. E sem fazermos aqui outro epilogo, contemple-as o leitor por esta narração, como lhe aprouver.

§ 21. Quando adiante tratar do cazamento dos selvagens, direi como os seos filhos vestem-se na infancia; mas a respeito dos meninos acima de trez ou quatro annos, tinha eu grande prazer em ver os rapazes,a que xamam *curumimirim*, * os quaes, nadegudos, gorduxos e

---

* O autor escreve: *Conomis-miri.*

fornidos, muito mais do que sam os meninos europeos, aprezentavam-se enfeitados com seos ponteiros de osso branco nos beiços furados, com os cabelos tosqueados ao seo modo e algumas vezes com o corpo pintado, e nunca deixavam de vir em grupos dansar diante de nós, quando nos viam xegar em suas aldeias.

E para serem recompensados, afagando-nos e acompanhando-nos de perto, não se esqueciam de dizer e repetir constantemente na sua acanhada giria: *Cutuassá, amabé pinda*, * isto é, meo amigo e aliado, da-me anzoes para pescar.

E si para satisfazer o pedido (o que muitas vezes fiz), metiamos na areia ou na terra dez ou doze anzóes pequenos, eles abaixavam-se rapidamente, e era agradavel diversão ver essa turba de fedelhos nus, que na busca e apanhadura dos anzoes escavavam e esgravatavam a terra, como laparos de coelheira.

§ 22. Finalmente durante um anno, que passei n'esse paiz, fui curiozo em contemplar os individuos adultos e as crianças; por isso quando recordo-me de taes garotos, parece-me tel-os sempre diante dos olhos, e terei sempre no pensamento a idéa e imagem d'eles; todavia por cauza dos seos gestos e aspecto inteiramente diferentes do porte dos nossos rapazes, confesso ser dificil reprezentar bem os meninos selvagens, quer por escrito, quer mesmo pela pintura. Por esta razão para sentirmos verdadeiro prazer, precizo é vel-os e vizital-os no seo paiz.

Em verdade porém direis vós, que extensissima é a viagem. Isto é certo; portanto, si não tiverdes bom pé e olho bom, e temeis tropeçar, não vos arrisqueis a incetar o caminho.

Ainda veremos mais amplamente, conforme se aprezentarem as materias, de que eu tratar, como sam as cazas, os utensis domesticos, o modo de pernoitar e o teor de outros procedimentos dos selvagens.

§ 23. Todavia antes de encerrar este capitulo, pede a ocazião, que eu responda aos que escreveram, bem como aos que pensam, que a assistencia entre os selvagens nús

* O autor escreve:—*Coutouassat.*

e principalmente entre as mulheres, incita a lacivia e impudicicia.

Sobre isto direi em uma palavra, que, embora pareça dezonestidade e incitamento á concupicencia ver mulheres nuas, todavia essa nudez grosseira da mulher é muito menos atraente do que se pensa, como então geralmente observamos.

Portanto sustento, que os atavios, rebiques, cabeleiras postiças, cabelos encrespados, pescocinhos enrugados, anquinhas, saias dobradas, e outras infinitas bagatelas, com que as mulheres e raparigas de cá se transfiguram, e de que nunca se fartam, sam cauza de males incomparavelmente maiores do que a nudez uzual das mulheres selvagens, as quaes entretanto, em relação ás feições, nada devem ás outras damas em formozura.

Si a decencia me permitisse dizer mais alguma couza, ufano de solver todas as objeções, que em contrario se oferecessem, daria razões tam evidentes, que ninguem as recuzaria. Sem proseguir pois n'este assunto, refiro-me no pouco que tenho dito áqueles que têem viajado á terra do Brazil, e que, como eu, viram umas e outras couzas.

§ 24. Não quero entretanto por este modo aprovar a nudez, contra o que a Escritura Santa refere de Adão e Eva, os quaes, depois do pecado, reconheceram estarem nús e envergonharam-se; antes detestarei os criticos, que a quizeram introduzir entre nós, contra a lei natural, a qual todavia n'este ponto não é por fórma alguma observada pelos nossos mizeros selvagens americanos.

O que pois dice d'estes selvagens é para mostrar, que não somos talvez mais louvaveis, si os condenamos tam austeramente, porque sem pejo algum andam assim com o corpo inteiramente descoberto, quando alias os excedemos no vicio oposto, isto é, em nossas comezanas e superfluidades de vestuario.

E praza a Deos, para findar este ponto, que cada um de nós vista-se modestamente, mais por decencia e necessidade do que por vangloria e mundanidade.

CAPITULO IX

Grossas raizes e milho, de que os selvagens fabricam farinha, que comem em vez de pão; bebida xamada cauim.

§ 1. Depois de ter exposto no precedente capitulo como os nossos selvagens enfeitam-se e vestem-se no exterior, parece-me, deduzindo as couzas por ordem, não ser fóra de propozito tratar agora dos viveres, que lhes sam comuns e ordinarios.

Cumpre primeiramente notar, que embora os selvagens não tenham trigo, e por consequencia o não semeem, nem plantem vinha nas suas terras, comtudo nem por isso deixam de tratar-se bem e ter boa comida sem vinho, conforme vi e experimentei.

§ 2. Os indigenas americanos têem nas suas terras duas especies de raizes, a que xamam *aipim* e *mandioca*,* as quaes em trez ou quatro mezes crecem no solo e ficam tam grossas como a côxa de um omen, com o comprimento de pé e meio, mais ou menos: quando as arrancam, as mulheres (pois os omens não ocupam-se d'isso) secando-as ao fogo no *moquem*, † tal como logo descreverei, ou tomando-as ainda frescas, as ralam á força em pontas de pedras miudas fixadas e arranjadas em uma peça xata de madeira (como ralamos e raspamos o queijo e a noz moscada), e as reduzem a farinha alva como a neve.

Então esta farinha ainda crua, e a semea branca que d'ela sae, e de que logo falarei, aprezenta o verdadeiro odor do amido feito de trigo puro por muito tempo diluido n'agua, quando ainda está fresco e liquido; de sorte que, depois do meo regresso para cá, axando-me em lugar onde esta preparação se fazia, o xeiro d'ela recordou-me o xeiro ordinariamente sentido nas cazas dos selvagens, quando fazem farinha da raiz da mandioca.

---

* O autor escreve:—*Aipi* e *maniot*.

† O autor escreve:—*Boucan*.

Para preparal-a essas mulheres brazileiras têem grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire, por elas mesmas fabricadas mui convenientemente para esse mister, e as põem ao fogo, com certa porção d'essa farinha dentro: e em quanto coze a massa, não deixam de mexel-a com cuias de cabaça, das quaes se servem como nós nos servimos das escudelas. Esta farinha assim cozida toma a fórma de granitos ou confeitos de botica.

§ 3. Ora, elas fazem a farinha de dois modos, a saber, farinha muito cozida e dura, a que os selvagens xamam *uhi-antan*, da qual se proveem, quando vam á guerra, por melhor se conservar; e outra menos cozida e mais tenra, a que xamam *uhi-pon*, * a qual é muito melhor do que a primeira, porque, pondo-a na boca e comendo-a, quando está fresca, dirieis ser miolo de pão branco ainda quente. Ambas, sendo cozinhadas, mudam esse primeiro sabor, de que falei, em outro mais agradavel e delicado.

Comquanto essas farinhas, principalmente quando estam frescas, sejam de mui bom gosto, de facil digestão e bom alimento, comtudo não se prestam por fórma alguma ao fabrico do pão, como experimentei.

Verdade é, que d'elas fazem massa, a qual, inxando como a do trigo com o levêdo, é tam macia e branca como si fosse farinha de frumento; porém assando-se, a crôsta e toda a parte superior séca e queima, e quando abre-se ou parte-se o pão, axareis o interior resequido e reduzido a farinha.

§ 4. Creio portanto, que quem referio, que os indios, que abitam aos 22 ou 23 gráos alem da linha equinocial, e que certamente sam os nossos Tupinambás, viviam de pão feito de páo ralado, equivocára-se por não ter bem observado o que eu digo, querendo falar das raizes, de que agora trato.

Todavia uma e outra farinha é boa para papas, a que os selvagens xamam *mingáo*, † principalmente

* O autor escreve:— *Oui-entan e oui-pon.*
† O autor escreve:— *Mingaut.*

quando a dissolvem em caldo gordo, pois torna-se então granulada como arroz, e assim preparada é de optimo sabor.

Como quer que seja porem, os nossos Tupinambás, quer omens, quer mulheres ou meninos, acostumados desde a infancia a comel-a sêca em vez de pão, estam por tal forma afeitos e acostumados a isso, que, tomando-a com os quatro dedos na vazilha de barro ou outro qualquer vazo, em que a conservam, ainda que a atirem de muito longe, acertam na bôca com tal destreza que não perdem um só farelo.

Si nós os Francezes os quizessemos imitar, e procurassemos comel-a por esse modo, não estando avezados como eles, em lugar de acertar na bôca, a espargiriamos nas boxexas, e sujariamos todo o rosto; por isso eramos obrigados a tomal-a com colheres, salvo aqueles que quizessem aprezentar-se como farcistas, principalmente tendo barbas compridas.

§ 5. Acontece algumas vezes, que depois que essas raizes do aipim e da mandioca sam raspadas ainda frescas (do modo por que já dice), as mulheres fazem grandes bolas da farinha fresca e umida, rezultante d'essa operação, apertam, comprimem bem nas mãos, e espremem o suco quazi tam branco e claro como o leite, o qual deitam em pratos e vazilhas de barro, e expõem ao sol, cujo calor o condensa e coagula como coalhada de queijo; e quando o querem comer, o derramam em outros alguidares de barro, o cozinham no fogo, como fazemos com as fritadas de ovos, e torna-se, assim preparado, mui bom manjar.

Ainda mais: a raiz do aipim não só é boa transformada em farinha, mas tambem pode comer-se assada inteira no borralho ou no fogo; pois assim fica tenra, abre-se, e torna-se farinacea como a castanha assada nas brazas, cujo gosto é quazi igual.

Entretanto o mesmo não acontece com a raiz da mandioca, pois serve somente para fazer farinha, e é venenoza, si a comermos de outro modo.

§ 6. Ainda mais: as plantas ou as astes de ambas sam pouco diferentes quanto á forma, crecem do tamanho de pequenos zimbros, e têem folhas mui similhantes á erva da peonia, ou *pivoine* em francez.

A circunstancia porém mais admiravel e digna de grande consideração n'estas raizes do aipim e da mandioca da nossa terra do Brazil é a multiplicação d'elas. Pois como os ramos sam quazi tam moles e frageis como bouceiras, basta quebral-as e enterral-as bem no xão, para sem mais cultura alguma termos grossas raizes no fim de dois ou trez mezes.

§ 7. Ainda mais: as mulheres d'esse paiz, infincando na terra um bastão pontudo, plantam assim duas especies de milho, a saber, branco e vermelho, que vulgarmente em França xama-se trigo sarraceno, e os selvagens xamam *avatí*, do qual igualmente fazem farinha, a qual coze-se e come-se do modo por que acima dice, que se pratica com a farinha de raizes.

E creio (aliás contra o que eu dicera na primeira edição d'esta istoria, onde eu distinguia duas couzas, as quaes todavia, quando pensei bem, reconheci fazerem uma só), que este *avati* dos Americanos é o que o istoriador indiano denomina *maiz*, o qual, conforme ele refere, serve tambem de trigo para os indios do Peru: e eis aqui a descrição, por ele aprezentada.

O talo do maiz (diz ele) crece da altura de um omem e mais, é bastante grosso, e lança folhas como as da cana das lagoas; a espiga é como uma glande do pinho silvestre, o caroço é grosso, e não é redondo nem quadrado, nem tam comprido como a nossa baga; amadurece em trez ou quatro mezes, e nas terras banhadas de ribeiros em mez e meio.

Por um grão produz 100, 200, 400, 500, e alguns multiplicam-se até 600; o que tambem demonstra a fertilidade d'essa terra agora possuida pelos Espanhóes.

Alguem já escreveo, que em alguns lugares da India oriental o terreno é tam bom, que o trigo, o centeio e o milho excedem a quinze covados de altura, conforme referem os que o viram.

§ 8. O que acima digo é a suma de tudo quanto vi uzar ordinariamente como especies diversas de pão dos selvagens na terra do Brazil, xamada America.

Entretanto os Espanhóes e Portuguezes, prezentemente estabelecidos em diversos pontos das Indias

ocidentaes, têem agora muito trigo e muito vinho, que essa terra do Brazil lhes produz, e deram prova de que não é por defeito do terreno, que os selvagens não possuem estas couzas.

Como tambem nós outros, os Francezes, por ocazião da nossa viagem levamos trigo em grão e cepas de vinha, vi por experiencia, que uma e outra couza dariam bem, si os campos fossem cultivados e laborados, como fazemos cá.

E de fato a vinha, que plantamos, pegou bem, lançou mui bonito tronco, deo folhas viçozas, e exhibia manifesta demonstração da excelencia e fertilidade do solo.

§ 9. E' verdade, que relativamente á frutificação, durante quazi um anno que lá estivemos, apenas produzio agraços, os quaes nem mesmo amadureceram, e antes empedraram e secaram; mas como agora sei por informação de bons vinhateiros, que regularmente as plantas novas só dam no primeiro e segundo anno frutos pecos e xôxos, de que ninguem faz cazo, sou de opinião, que si os Francezes e outros individuos que ficaram n'esse paiz continuaram, depois de nós, a beneficiar a nossa vinha, nos annos seguintes tiveram uvas bonitas e boas.

Quanto ao trigo e centeio, que semeamos, eis o defeito que apareceo; e foi, que embora surdissem folhas viçozas e espigas, todavia o grão não se formou.

Mas como a sevada granulou, e amadureceo, e multiplicou muito, é verosimil, que a terra por substancioza apressasse e adiantasse com excesso o trigo e o centeio (os quaes pedem maior demora na terra antes de produzir, os frutos do que a sevada, como vemos cá na Europa) e assim subiram com demaziada rapidez; pois o fizeram repentinamente, e não tiveram tempo para florar, e formar o grão.

§ 10. Na nossa França estrumam-se e estercam-se os campos para tornal os mais ferteis; porem n'essa terra nova sou de opinião, que seria precizo cançal-a e enfranquecel-a com alguns annos de cultura, afim de que ela produzisse melhor o trigo e outros cereaes similhantes.

E como o paiz dos nossos Tupinambás com certeza é capaz de alimentar dez vezes mais gente do que atualmente nutre, eu, quando ali estive, podia gabar-me de ter

ás minhas ordens mais de mil geiras de terras melhores do que as de toda a Beausse; e quem duvidaria, que si os Francezes ali tivessem permanecido (o que teriam conseguido e agora já lá estariam mais de dez mil pessoas, si Nicoláo de Villegagnon não se tivesse rebelado contra a religião reformada) não teriam recebido e tirado o mesmo proveito, que colhem os Portuguezes, que ali estam bem acomodados?

Seja isto dito de passagem para satisfazer aqueles que dezejarem saber, si o trigo e o vinho, sendo semeados, cultivados e plantados na terra do Brazil, podem prosperar.

§ 11. Ora, volto ao meo assunto, e afim de melhor distinguir as materias, que me incumbi de tratar, antes de falar das carnes, peixes, frutas e outros mantimentos inteiramente diversos dos da nossa Europa, de que se nutrem os selvagens, convem, que eu diga qual é a sua bebida e o seo modo de fazel-a.

A esse respeito cumpre logo notar, que, si os omens não se envolvem de maneira nenhuma na fabricação da farinha, antes deixam todo esse incargo ás mulheres, como acima declarei, a mesma couza fazem, e ainda com muito mais escrupulo, a respeito da preparação da bebida, na qual não tomam parte.

As raizes do aipim e da mandioca, preparadas pelo modo por que já expliquei, servem de principal alimento aos selvagens; e eis como d'elas se servem para a fabricação da sua bebida uzual.

Depois de as cortarem em rodelas miudas, como cá fazemos com os rabanetes para pôr na panela, fervem os pedaços em grandes vazilhas de barro xeias d'agua até ficarem tenros e moles, e então os tiram do fogo, e os deixam esfriar.

Feito isto, acocoram-se algumas mulheres em torno d'essas grandes vazilhas, tomam as rodelas de raizes assim amolecidas e depois de as mastigarem bem e remexerem na boca sem engolir, retirando com a mão um pedaço e depois outro, os lançam em outros vazos de barro, já postos no fogo, e dam nova fervura.

Assim mexendo sempre esta salsada com um páo até

conhecerem, que está tudo bem cozido, tiram do fogo segunda vez sem coar nem peneirar, e antes derramam tudo em outros vazos de barro maiores, tendo cada um capacidade quazi igual á de meia pipa de vinho de Borgonha. Depois que isto escuma e fermenta, cobrem os vazos, e n'eles deixam essa bebida até que a queiram beber, como adiante direi.

E afim de melhor exprimir as couzas, direi, que estes grandes vazos ultimos, de que acabo de fazer menção, sam quazi do feitio das grandes cubas de barro, nas quaes, vi fazerem a lixivia em alguns lugares do Bourbonez e da Alvernia, sendo todavia mais estreitos na boca e na parte superior.

§ 12. Ora, os nossos Americanos tambem fervem e mastigam porção do milho xamado *avati* na sua linguagem, e assim fazem uma bebida pelo mesmo processo, porque fazem o das raizes supramencionadas, como acabo de indicar.

Repito especialmente, que sam as mulheres, que dezempenham este mister; pois embora não tenha visto fazer distinção entre raparigas solteiras e mulheres cazadas (como alguem já escreveo), todavia os omens têem a firme opinião de que, si mastigarem as raizes, ou o milho para fazer a bebida, esta não sahirá bôa; e reputam tam indecente ao seo sexo meter-se n'esse trabalho, como com toda a razão axariamos estranhavel vêr esses camponezes semi-nús de Bresse e de outros lugares nossos pegar na roca para fiar.

Os selvagens xamam esta bebida *cauim*, a qual é turva e espessa como borra, e tem quazi o gosto do leite azêdo; têem cauim vermelho e branco, como temos o vinho.

§ 13. Como essas raizes e o milho, de que falei, crecem em todo o tempo no seo paiz, os selvagens, quando lhes apraz, fazem essa bebida em qualquer estação; e algumas vezes em tal quantidade, que em certa ocazião vi mais de 30 dos taes vazos grandes (os quaes vos dice conter cada um mais de 30 de canadas de Pariz,) * xeios

* O autor diz: — *Plus de 60 pintes de Pariz*. A *pinte de Paris* continha 48 polegadas cubicas.

e dispostos em fila no meio da caza, onde estam sempre cobertos até o momento de *cauinar*.

Antes porém de xegar ahi peço-vos (sem que eu todavia aprove o vicio), que seja-me permitido á maneira de prefacio dizer: — Fóra Alemães, Flamengos, soldados de infanteria, * Suissos e todos quantos fazeis brodios e bebedeiras ca em nossa terra; por quanto, depois de saberdes como os nossos Americanos se dezempenham no oficio, confessareis, que nada entendeis da materia em comparação d'eles; por isso cumpre, que n'este assunto lhes cedaes a preeminencia.

Quando pois querem divertir-se e principalmente quando com ceremonias, que logo veremos, matam solenemente um prizioneiro de guerra para o comer, o seo costume (inteiramente contrario ao nosso em materia de vinho, que apreciamos fresco e limpido) é beber esse *cauim* amornado, e a primeira couza, que as mulheres fazem, é um pequeno fogo ao redor dos potes de barro, para aquecer a bebida ahi depozitada.

§ 14. Feito isto, começam por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote, e a remexer e turvar a bebida, que depois tiram dos potes com cuias de cabaça, algumas das quaes têem quazi trez quartilhos de Pariz, † e assim os omens, dansando, passam uns após outros por junto das mulheres, as quaes aprezentam, e dam a cada um na propria mão um d'esses copazios xeios, e no dezempenho do oficio de despenseiras não olvidam beberricar sofrivelmente, e quer uns quer outros não deixam de beber e embigar tudo de um só trago.

Sabeis porém quantas vezes? Serão repetidas tantas vezes até que os potes, dos quaes ali está uma centena, se esvaziem, e não fique n'eles uma só gôta de *cauim*.

E com efeito eu os vi não só beber trez dias e trez noites continuas, mas tambem depois de saciados e bebados a mais não poder ser, vomitar quanto tinham bebido, e recomeçar ainda mais bem dispostos que d'antes;

* O autor emprega o vocabulo *Lansquenets* dado outr'ora aos soldados da infanteria aleman.

† O autor diz: *Trois chopines de Pariz*. Cada *chopine* continha metade da *pinte*, e equivalia a 5 decilitro.

pois deixar a função seria expôr-se a ser considerado efeminado, e mais que *schelm* entre os Alemães.

§ 15. E o que ainda mais estraordinario e notavel torna-se entre os Tupinambás é, que assim como não comem couza alguma durante as suas bebedeiras, assim tambem, quando comem em seos banquetes, não tomam bebidas : de sorte que, vendo-nos entremear uma e outra couza, axavam assás estranhavel o nosso costume.

Diremos pois, que eles fazem como os cavalos? A resposta dada a isto por um *quidam* galhofeiro da nossa companhia era, que, além de não ser precizo esfregal-os e conduzil-os ao rio para beber, estam fóra do perigo de se lhes arrancar o rabixo.

Cumpre entretanto notar, que embora não observem óras de jantar, ou ceiar, ou merendar, como nós cá fazemos, nem mesmo ponham duvida em comer á meia noite ou ao meio dia, si têem fome, todavia jamais comem sem ter apetite, e póde dizer-se, que tam sobrios sam no comer como excessivos no beber.

Alguns tambem têem o decente costume de lavar as mãos e a boca antes e depois da comida : o que todavia fazem a respeito da boca (creio eu), porque do contrario a teriam sempre viscoza em razão da farinha de raizes e de milho, de que dice uzarem ordinariamente em lugar do pão.

Quando comem, observam admiravel silencio, de sorte que, si têem alguma couza para dizer, esperam até acabar a comida. Quando nos ouviam tagarelar e galhofear na ocazião das refeições, como entre Francezes é costume, punham-se a motejar.

§ 16. Proseguindo no meo assunto, direi, que emquanto dura a *cauinagem*, os nossos patifes e bregeiros americanos, para esquentar o cerebro, cantam, assobiam, incitam-se, exortam-se uns aos outros para portarem-se valentemente e fazer muitos prizioneiros, quando fôrem á guerra, enfileiram-se como grous, e não cessam de dansar, entrar e sair na caza onde estam reunidos, até que tudo se conclua, isto é, não se retiram dahi emquanto nos potes existir bebida, como já relatei.

E certamente para melhor verificar quanto digo, isto

é, que sam os primeiros e os mais refinados beberrões, creio aver alguns, que por sua parte em uma reunião xupistam mais de vinte potes de *cauim*.

§ 17. Já os pintei no precedente capitulo, quando eles emplumam-se, e com este trage matam e comem um prizioneiro de guerra, fazendo assim bacanaes á maneira dos pagãos, e ebrios figuram como sacerdotes; então os vereis de olhos torvos e cabisbaixos.

Acontece, algumas vezes sentarem-se em leitos de algodão suspensos no ar, e fronteiros uns aos outros, bebem de modo mais modesto; mas é costume entre eles reunirem ordinariamente todos os omens de uma aldeia ou de muitas para beber (o que nunca fazem para comer), e esses beberetes especiaes não sam frequentes.

§ 18. Igualmente ou bebam pouco ou muito, além do que já dice, convem acrecentar, que como não sofrem de melancolia, costumam congregar-se todos os dias para dansar e folgar nas suas aldeias. Os mancebos cazados têem a singularidade de adornarem-se com um d'esses grandes penaxos, a que xamam *arasoia*. Atada a arasoia na cintura e empunhando algumas vezes o maracá e dispostos e amarrados nas pernas os frutos secos (de que acima falei) sonantes como conxas de caracol, quazi não fazem outra couza todas as noites sinão entrar e sair de caza em caza, dansando e saltando; de sorte que quando eu os via e ouvia fazer tantas vezes a mesma couza, lembrava-me d'aqueles sugeitos, que em certas aldeias nossas sam conhecidos pela denominação de *valets de la feste*, os quaes no tempo do seo oficio e das festas, que fazem aos santos padroeiros de cada parochia, andam vestidos de bobos com cetro na mão e guizos nas pernas, brincando e dansando á mourisca nas cazas e nas praças.

Cumpre aqui notar, que todas as dansas dos nossos selvagens, quer sigam-se uns após outros, quer se disponham em roda, como direi, quando falar da sua religião, nunca as mulheres nem as raparigas misturam-se com os omens; e si estas querem dansar, o fazem em grupo separado.

§ 19. Finalmente, antes de acabar o assunto relativo modo de beber dos nossos Americanos, de que agora trato,

convem, que os leitores se convençam, que si eles tivessem vinho á vontade, enxugariam galhardamente as taças; por isso contarei aqui uma istoria jocoza e todavia tragica, a qual um *mussacá*, * isto é, bom pai de familia, que dá comida aos viajantes, contou-me em sua aldeia.

Falando ele no seo idioma nativo dice-me: Nós sorpreendemos uma caravela de Peros (isto é, Portuguezes, os quaes, como em outro lugar já referi, sam inimigos mortaes e irreconciliaveis dos nossos Tupinambás), na qual, depois de termos morto e comido todos os omens n'ela encontrados, e termos recolhido as mercadorias existentes, axamos, entre estas, grandes *caramemos* (assim xamam eles os toneis e outras vazilhas de madeiras) xeios de bebida, e alçando-os e destampando-os, quizemos provar o que era tal beberagem.

Tadavia (dizia-me o velho selvagem), não sei de que qualidade de *cauim* estavam xeios, nem si o tendes no vosso paiz; só sei dizer, que, depois de bebermos o nosso codorio, ficamos por dois ou tres diaz por tal fórma prostrados e adormecidos, que não estava em nosso poder despertar.

Assim era verosimil ser toneis de bom vinho de Espanha, com os quaes os selvagens, sem o pensar, tinham festejado Baco; e não nos devemos admirar, si o nosso omem, depois de bem acordado, dizia, que tinham subitamente recobrado as forças.

§ 20. Pelo que nos respeita, quando xegamos a esse paiz, procuramos evitar a mastigação, que essas mulheres fazem na compozição do seo *cauim*, como acabo de espender, por isso pilamos raizes de aipim e mandioca com milho, e cuidando fazer tal bebida de modo mais decente, fervemos tudo; mas, para dizer a verdade, a experiencia mostrou, que assim feita a potagem não era boa; comtudo pouco a pouco nos acostumamos a beber o *cauim* da outra especie, embora o não bebessemos ordinariamente; pois como tinhamos bastantes potes de assucar, o faziamos e o deixavamos de infuzão n'agua por alguns dias para poder resfriar, por cauza dos calores ordinarios d'esse

---

* O autor escreve: —*Moussacat*.

lugar ; assim assucarado nós o bebiamos com grande satisfação.

Como as fontes e os rios sam de aguas claras e mui boas em razão da temperatura do clima (e direi, incomparavelmente mais sadias do que as nossas), essas aguas não fazem mal, embora bebamos á fartar. Nós bebiamos ordinariamente agua purissima, e sem compostura alguma.

Convem advertir, que os selvagens xamam a agua doce *uh-ete*, e a agua salgada *uh-eeu*. Esta é uma dição, que eles pronunciam na garganta, como os Ebreos fazem com as letras, que denominam guturaes, e era para nós a mais penoza de pronunciar entre todas as palavras do idioma indigena.

§ 21. Finalmente como eu não duvide, que algumas pessoas, ouvindo o que acima dice sobre a mastigação e revolvimento das raizes e do milho na boca das mulheres selvagens, quando preparam a bebida do *cauim*, enjoem e engulhem, por isso, afim de lhes diminuir de algum modo esse desgosto, peço-lhes, que lembrem-se do modo por que cá se procede na fabricação do vinho.

Pois si considerarmos, que nos sitios, onde crecem os bons vinhedos, os vinhateiros, no tempo da vindima, metem-se dentro das tinas e das cubas, nas quaes com lindos pés, e algumas vezes calçados de sapatos, maxucam as uvas, como tenho prezenciado, e ainda depois as enxuvalham na lagariça, veremos, que n'este mister passam-se muitas couzas, que não sam talvez mais apraziveis do que esse metodo de mastigar, abitual ás mulheres americanas.

Poder-se-á dizer, que o vinho, azedando e fermentando, lança fóra de si toda a impureza ; mas eu respondo, que o nosso *cauim* purga-se tambem, e por tanto n'este ponto existe a mesma razão para uma e outra couza.

CAPITULO X

Animaes, veação, lagartos, serpentes e outros animaes monstruozos da America

§ 1. Começando este capitulo, advertirei, que a respeito dos animaes quadrupedes em geral e sem exceção

não existe na terra do Brazil na America um só, que seja em tudo e por tudo similhante aos nossos, e direi tambem que os nossos Tupinambás mui raramente alimentam-se com animaes domesticos.

Para descrever pois os animaes silvestres do seo paiz, por eles genericamente xamados *sóo*, começarei pelos que servem de alimentação.

§ 2. O primeiro e mais comun é um, a que xamam *tapirussú*, * o qual tem o pêlo avermelhado e assás comprido; tem quazi a dimensão, grossura e forma de uma vaca, todavia não tem xifres; tem o pescoço mais curto, as orelhas mais longas e pendentes, as pernas mais finas e delgadas, e o pé inteiriço com a forma do casco do asno; e pode dizer-se, que, participando de uma e outra alimaria, é semi-vaca e semi-asno.

Todavia difere ainda inteiramente de ambos, quer na cauda, que é mui curta (e notae aqui, que na America axam-se muitas alimarias absolutamente descaudatas), quer nos dentes, que sam muito mais cortantes e agudos; entretanto não é animal perigozo, por isso que só tem rezistencia na fuga.

Os selvagens o matam a frexadas como o fazem a muitos outros viventes, ou o apanham com laços e outras armadilhas feitas com muita industria.

§ 3. Alem d'isso este animal é muito estimado entre os indigenas por cauza da péle; pois quando o esfolam, cortam em roda todo o couro do dorso, depois de estar bem seco, e fazem rodelas tamanhas como o tampo de um tonel médio, das quaes se servem para amparar os golpes das frexas inimigas, quando vam á guerra.

Com efeito esta péle assim sêca e preparada é tam rija, que não creio, que aja frexa, por mais violentamente expedida que seja, que possa fural-a.

Trazia por curiozidade para a França, dois d'esses broqueis; mas quando em nosso regresso a fome assaltou-nos no mar, depois de faltarem-nos os viveres, e servirem-nos de alimento os bugios, papagaios e outros animaes, que traziamos d'esse paiz, foi-nos ainda precizo comer as

* O autor escreve: — *Tapiroussou*.

nossas rodelas tostadas nas brazas, e tambem todos os couros e peles, que vinham no navio, como em lugar competente direi.

A respeito da carne do tapirussú, tem ela quazi o mesmo gosto que a do boi; mas quanto ao modo de cozinhal-a e preparal-a, os nossos selvagens a fazem moquear, na forma de seo costume

§ 4. E porque já falei n'isso, e ainda será precizo repetir muitas vezes a palavra moquear, quero declarar o modo de proceder a tal respeito, afim de não conservar o leitor suspenso, pois oferece-se agora ocazião oportuna de instruil-o.

Os nossos Americanos pois infincam em suficiente profundidade da terra quatro forquilhas de páo da grossura de um braço, em quadro, na distancia de trez pés, e com igual altura de dois pés e meio, atravessando n'elas varas com uma polegada ou dois dedos de distancia uma da outra, e d'este modo formam uma grande grelha de madeira, que na sua linguagem xamam *moquem*. *

Têem muitos em suas cazas, e quando têem carne, a colocam ali cortada em pedaços, e com lenha seca, que não faça muita fumaça, acendem fogo lento por baixo, volteam a carne, revirando-a de meio quarto em meio quarto de ora, e assim a deixam assar por todo o tempo necessario.

E por que não salgam suas viandas para guardal-as, como nós cá fazemos, não têem outro meio de as conservar sinão fazendo-as assar.

§ 5. Si em um dia apanham trinta animaes ferozes ou outros dos que descrevemos n'este capitulo, afim de evitar a putrefação, cortam logo todos em pedaços e colocam no moquem, de maneira que, virando e revirando a carne, como já dice, ahi ás vezes a deixam por mais de 24 oras, até que a parte media e a parte aderente aos ossos fique tam assada como a parte esterior.

Assim fazem com os peixes, quando os têem em grande porção, principalmente da especie denominada *piraparatí*, que sam verdadeiros sargos, de que adiante falarei; e depois de os secarem bem, os reduzem a farinha.

---

* O autor diz: — *Boucan* e *boucaner*.

Em suma esses moquens lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida; por isso não ireis ás suas aldeias sem vel-os-guarnecidos não só de veações ou peixes, como tambem mais frequentemente os axareis cobertos de coxas, braços, pernas e outras grandes postas de carne umana dos prizioneiros de guerra, que matam e costumam comer, como adiante veremos.

Eis aqui quanto cabe dizer sobre o moquem e a moqueação, isto é, sobre a caza de assados dos nossos Americanos; os quaes aliás (salvo a reverencia devida a quem o contrario escreveo),quando lhes apraz, não deixam de cozinhar as suas viandas.

§ 6. Ora, afim de proseguir na descrição dos seos animaes, convem dizer, que os mais volumozos, que têem depois do asno-vaca, de que acabamos de falar, sam certas especies de veados e corsas, a que xamam *suassú* * ; mas além de estarem longe de ser tamanhos como os nossos e de terem xifres muito menores, ainda se deferenciam em terem o pêlo tam comprido como o das cabras cá daEuropa.

Quanto ao javali d'esse paiz, que os selvagens xamam *taiassú*, † embora seja de fôrma similhante ao das nossas florestas, e tenha parecidos a cabeça, orelhas, pernas e pés, comtudo os dentes sam mui compridos, curvos e ponteagudos, e por consequencia perigozissimos. E' muito mais magro e descarnado, tem grunhido e grito espantozo, e tem uma deformidade notavel, a saber, um operculo natural nas costas (como dice, que o golfinho tinha na cabeça), por onde sopra, respira e aspira, quando quer.

E para que não pareça isto extraordinario notese, que o autor da *Istoria geral das Indias* diz, que tambem no paiz de Nicaragua, perto do reino da Nova-Espanha, existem porcos, que têem o embigo no espinhaço; e por certo sam da mesma especie dos que acabo de descrever.

Os trez supramencionados animaes, isto é, tapirussú, suassú, e taiassú sam os maiores d'essa terra do Brazil.

* O autor escreve:—*Seouassous*.
† O autor escreve:— *Taiassou*.

§ 7. Passando pois a outras alimarias bravias dos nossos Americanos, têem eles um animal vermelho xamado *aguti*, * do tamanho de um porco de mez, o qual tem o pé fendido, a cauda mui curta, o focinho e as orelhas quazi como as da lebre, e é de sabor agradabilissimo.

Outros, de duas ou trez especies, xamados *tapitis*, sam todos mui similhantes ás nossas lebres, e quazi do mesmo gosto; mas quanto ao pêlo, o têem mais avermelhado.

Apanham tambem nos bosques certos ratos do tamanho do esquilo e quazi do mesmo pêlo, os quaes têem a carne tam delicada como a do coelho.

Pag ou *pague* (pois não podemos bem distinguir a pronuncia) é animal da grandeza do cão perdigueiro mediano; tem a cabeça felpuda e mui mal feita, a carne oferece o mesmo gosto que a do vitelo, e quanto á pele é mui bonita e manxada de branco, pardo e preto; e si nós cá a tivessemos, seria mui valioza e apreciada para guarnições.

Vê-se outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo pardacento, ao qual os selvagens xamam *sariguá* † e como fede muito, o não comem de boa vontade.

Todavia nós outros esfolamos alguns d'estes animaes, e conhecendo que sómente a gordura dos rins lhes dá o máo odor, tiramos-lhes esta viscera, e não deixamos de os comer; pois a carne é tenra e boa.

§ 8 Quanto ao *tatú* ‡ da terra do Brazil, é animal (como os ouriços de cá), que não pode correr tam rapido como o fazem muitos outros, por isso arrasta-se pelas moutas; mas em compensação está armado e coberto de escamas fortes e duras, e bem creio, que um golpe de espada o não ofenderá. Quando o esfolam, ficam as escamas ligadas e seguras na pele, da qual os selvagens fazem cestinhos xamados *caramemo*. Sendo dobrada, direis ser panopla de armadura : a carne é branca e mui saboroza.

Quanto á fórma porém, não vi n'esse paiz nenhum quadrupede similhante na altura das pernas ao que Belon

* O autor escreve : —*Agouti*.
† O autor escreve : — *Sarigoy*. É certamente a maritacaca.
‡ O autor escreve:—*Tatou*.

reprezentou em dezenho no fim do terceiro livro das suas observações, e ao qual ele todavia denominou *tatú* do Brazil.

§ 9. Ora, além de todos os sobreditos animaes, que sam os mais uzuaes na alimentação dos nossos Americanos, tambem comem crocodilos, xamados *jacarés*, os quaes teem a grossura da coxa do omem, com proporcional comprimento; mas longe de serem perigozos, ao contrario vi muitas vezes os selvagens trazerem vivos para suas cazas esses jacarés, ao redor dos quaes seos filhos brincavam sem receberem mal algum.

Todavia ouvi os velhos dizerem, que, andando nas matas, sam algumas vezes assaltados, e têem grande dificuldade de defender-se com frexadas contra uma especie de jacarés grandes e monstruozos, os quaes, quando de longe percebem e presentem vir gente, saem dos caniçaes aquaticos, onde fazem o seo covil.

E a tal respeito, além do que Plinio e outros referem dos crocodilos do Nilo no Egipto, diz o autor da *Istoria geral das Indias*, que matou crocodilos n'esse paiz, perto da cidade de Panamá, que tinham mais de 100 pés de comprimento: o que é couza quazi incrivel.

Observei nos jacarés medianos, que vi, que têem a boca mui rasgada, as pernas altas, a cauda não redonda nem despontada, antes xata e aguda na extremidade. Cumpre porém confessar, que não dei bem atenção, si estes anfibios não movem a mandibula superior, como geralmente se crê.

§ 10. Os nossos Americanos tambem apanham lagartos, xamados *teiús* * que não sam verdes como os nossos, mas cinzentos e com a pele aspera como as nossas lagartixas. Embora sejam do comprimento de quatro a cinco pés, e proporcionalmente grossos e de fórma repulsiva á vista, e conservem-se ordinariamente nas margens dos rios e lugares pantanozos como as rans, nem por isso sam mais perigozos do que estas.

E direi mais, que esfolados, destripados, lavados e bem cozinhados, aprezentam carne tam branca, delicada,

* O autor escreve: — *Touous*.

tenra e saboroza como o peito do capão, e constituem uma das boas viandas, que comi na America.

Verdade é, que em principio repugnava-me esse manjar; mas depois que o provei,não cessava de pedir lagarto.

§ 11. Tambem os nossos Tupinambás têem certos sapos grandes, os quaes sam moqueados com o couro, intestinos e tripas, e servem-lhes de alimento.

Assim atento o que os nossos medicos ensinam, e o que cada qual de nós crê, a carne, sangue e geralmente todo o corpo do sapo é mortifero; e sem que eu diga couza diversa dos sapos da terra do Brazil, de que acabo de falar, poderá o leitor dahi facilmente concluir, que por cauza da temperatura do paiz (ou talvez por qualquer outra razão que ignoro), taes sapos não sam ruins e venenozos, nem perigozos, como os nossos.

§ 12. Os selvagens tambem comem serpentes tam grossas como um braço de omem,e do comprimento de uma vara de Pariz;* e até vi os mesmos selvagens pegarem e trazerem (como dice que fazem com os crocodilos)uma especie de serpentes rajadas de preto e vermelho, as quaes em caza soltavam uivos no meio das mulheres e crianças, que, em vez de as temerem, as acariciam com as mãos.

Preparam e cozinham em pedaços essas grossas enguias terrestres; para dizer porém o que sei, é vianda mui insipida e adocicada.

Não lhes faltam outras especies de serpentes, e principalmente nos rios, onde encontram-se serpes compridas, delgadas, e tam verdes como acélga, cuja mordedura é muito venenoza; mas pela seguinte narração podereis compreender, que além dos teiús, de que acima falei,existe nos bosques outra especie de lagartos grandes que sam mui perigozos.

§ 13. Em certa ocazião dois Francezes e eu cometemos o erro de metermos-nos a caminho para vizitar o paiz, como costumavamos, sem levar selvagens por gúia, e nos transviamos nos bosques;e quando ladeavamos profundo vale, ouvimos o ruido e andadura de um bruto, que

* O autor diz:— *Anne de Paris*. A *anne de Paris* corresponde a 1 metro e 194 milimetros.

vinha em nossa direcção ; e pensando ser animal silvestre, não paramos, nem damos importancia ao cazo.

Mas de repente,á destra e quazi a trinta passos de distancia, vimos na encosta da montanha um lagarto muito mais volumozo do que o corpo de um omem com o comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, asperas e escabrozas como cascas de ostras: ergueo um dos pés dianteiros, e com cabeça levantada, e olhos sintilantes, parou firme para encarar-nos.

Vendo isto,e não tendo então nenhum de nós arcabuz nem pistola, pois só traziamos espadas, e arco e frexa na mão (armas que não podiam servir-nos contra esse furiozo animal tam fortemente armado), tememos, que si fugissemos, o bruto coresse mais do que nós, nos alcançasse, empolgasse e devorasse. Assombrados como estavamos, olhando uns para os outros, ficamos quedos e immoveis.

Depois este monstruozo e medonho lagarto, abrindo a boca por cauza do grande calor que fazia (pois o sol brilhava e era então quazi meio dia) e soprando tam fortemente, que o ouviamos distintamente, contemplou-nos perto de um quarto de ora, volveo-se de repente e fugio pelo monte acima, fazendo maior barulho e estrepito nas folhas e ramos, por onde passava, do que faria um veado correndo na floresta.

E nós, que raspamos tamanho susto, não tivemos por certo a lembrança de perseguil-o, e louvando a Deos por ter-nos livrado do perigo, proseguimos no passeio.

Pensei depois, seguindo a opinião d'aqueles que dizem, que o lagarto deleita-se com o aspecto do rosto do omem,que o bixo tivera grande prazer de olhar para nós, que aliás tranzidos de medo o contemplavamos.

§ 14. N'esse paiz existe uma alimaria, xamada *jaguára* * pelos selvagens, a qual tem pernas quazi tam altas e é tam veloz na carreira como o galgo ; mas como tem cabelos compridos no mento e a péle linda e mosqueada como a da onça, tambem no mais muito se parece com esta féra.

* O autor escreve:— *Ian-ou-are.*

Os selvagens com razão temem muito esta alimaria; pois vivendo de preza, como o leão, mata-os, despedaça, e come, quando os póde agarrar.

E como os selvagens sam crueis e vingativos contra tudo quanto os prejudica, quando podem apanhar algumas d'essas alimarias nas armadilhas (o que muitas vezes conseguem), não lhes podendo fazer maior mal, as ferem, e golpeam a frexadas, e as deixam assim por muito tempo desfalecer nos fóssos, onde cahiram, antes de as acabar de matar.

E afim de que melhor se entenda como esta alimaria os maltrata, referirei o seguinte:

Em certo dia em que cinco ou seis Francezes e eu passamos para a grande ilha, * os selvagens do lugar advertiram-nos, que nos acautelassemos contra o *jaguára* e diceram, que durante a semana tinha ele comido trez pessoas em uma das aldeias indigenas.

§ 15. Tambem divaga n'essa terra do Brazil grande abundancia de pequenos macacos pretos, que os selvagens xamam *cahi*: e porque vêem muitos para cá, escuzada será qualquer descrição d'eles aqui.

Todavia direi, que vivem nos bosques d'esse paiz, sempre trepados em certas arvores, que produzem um fruto com caroços quazi como as nossas grandes favas, do qual se alimentam. Reunidos ordinariamente em bandos, principalmente no tempo das xuvas, é grande prazer ouvil-os gritar e celebrar o seo sabado n'essas arvores, como cá fazem os gatos nos telhados.

Este animal só traz no ventre um feto; o filho tem a natural industria de abraçar, e agarrar-se no pescoço do pai ou da mãi, logo que nace: quando sam perseguidos pelos caçadores, saltam de galho em galho e salvam-se por este modo.

Por esta cauza os selvagens não podem facilmente apanhar os individuos novos e velhos, e não têem outro meio de pegal-os, sinão derribando-os das arvores á frexadas ou reboladas, donde caem atordoados e algumas

* E' a actual ilha do Governador.

vezes mal feridos. Depois que os curam, e domesticam em caza, os trocam por qualquer mercadoria com os estrangeiros, que por ali viajam.

Digo especialmente domesticados, porque esses macacos, quando sam recem apanhados, sam tam ferozes, que mordendo os dedos, e lacerando com os dentes as mãos dos apreensores, cauzam tamanha dor, que os pacientes os matam a pancadas para livrarem-se da agressão.

§ 16. Tambem existe na terra do Brazil um genero de macacos, que os selvagens xamam *saguim* * iguaes no tamanho ao esquilo e de pêlo ruivo igual ao d'este; quanto á figura têem o focinho, pescoço, rosto, e quazi tudo o mais como o leão; bravio como é, todavia foi o mais lindo animalzinho, que lá vi.

Com efeito si ele fôsse tam forte no tranzito do mar, como é o mono, seria muito mais apreciado; mas é delicadissimo, não póde suportar o balanço do navio no mar, e é tam melindrozo, que com qualquer contrariedade, que se lhe cauze, deixa-se morrer de desgosto.

Entretanto cá na Europa vêem-se alguns d'estes animalejos, e creio ser a tal quadrumano, que Marot alude, quando, introduzindo seo servo Fripèlipes a falar com um certo Sagon, que o censurára, assim se exprime:

> Conbien que Sagon soit un mot,
> Et le nom d'un petit marmot.

§ 17. Ora, embora eu confesse (apezar da minha curiozidade) não ter notado todos os animaes d'essa terra d'America, tam cuidadozamente como eu dezejára, todavia, para finalizar, ainda descreverei dois, os quaes sobre todos os outros sam de fórma estraordinaria e singular.

O maior, xamado *ahi* † pelos selvagens, é do tamanho de um grande cão d'agua, e tem cara de bugio, parecida com rosto umano, ventre pendurado, como o de porca prenhe, pêlo pardo-escuro, como lan de carneiro preto, cauda curtissima, pernas cabeludas, como as do urso, e unhas mui compridas.

---

* O autor escreve: — *Sagouim*.

† O autor escreve: — *Hay*.

E posto que nos matos seja mui feroz, quando é pegado, torna-se facil de amansar. Verdade é, que por cauza das unhas os nossos Tupinambás, sempre nús como andam, não gostam muito de folgar com este quadrupede.

Mas (couza que parecerá fabuloza) ouvi os moradores da terra não só selvagens mas tambem adventicios com longa rezidencia no paiz, dizerem, que ninguem jamais vio este animal comer, quer no campo, quer em caza; de sorte que julgam algumas pessoas, que ele vive de vento.

§ 18 O outro animal, de que tambem quero falar, e ao qual os selvagens xamam *coati*, é da altura de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas e pontudas; a cabeça é pouco volumoza, o focinho começa desde os olhos, tem comprimento de mais de um pé, é redondo como um bastão, afina de repente, e é tam grosso em cima como junto da boca (a qual alias é tam diminuta, que apenas caberia a ponta do dêdo minimo); esse focinho, digo, similhante ao bordão ou canudo da gaita de foles, é tal, que não é possivel aver outro mais estravagante, nem de fórma mais monstruoza.

Quando este animal é apanhado, conserva os quatro pés juntos e por este modo cae sempre para um ou para outro lado, ou esparra-se no xão, de sorte que ninguem póde fazel-o ter-se em pé : só come formigas, de que nos bosques ordinariamente se alimenta.

Quazi oito mezes depois de xegarmos á ilha, onde estava Nicoláo de Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um d'estes *coatis*, o qual por cauza da novidade foi por todos nós muito apreciado, como podeis imaginar.

Com efeito sendo assás defeituozo, comparado com os animaes da nossa Europa (como ja dice), muitas vezes pedi a um tal João Gardien, pessoa da nossa comitiva, perito na arte de retratista, para dezenhar este e outros muitos animaes, não só raros, como tambem cá desconhecidos; o que ele todavia, bem a meo pezar, nunca rezolveo executar.

CAPITULO XI

Variedade de aves da America, todas diferentes das nossas; bandos de grandes morcegos, abelhas, moscas, varejas, e outros vermes singulares d'esse paiz.

§ 1. Começarei tambem este capitulo das aves, que em geral os Tupinambás xamam *urá*, * pelas que nos servem de alimento.

Primeiramente direi, que os indigenas têem muita abundancia d'essas galinhas grandes, que nós xamamos galinhas da India, e eles xamam *arinhan-ussú* †, cumprindo acrecentar que os Portuguezes, depois que vizitaram esse paiz, deram-lhes raça das galinhas pequenas comuns, que os indigenas xamam *arinhan-mirim*, e que dantes não conheciam.

Todavia, como em outra ocazião já dice, embora façam cazo das galinhas brancas para tirar as penas, afim de tingil-as de vermelho e com elas ornar o proprio corpo, com tudo quazi não comem umas nem outras.

E como pensam, que os ovos, que eles xamam *arinhan ropia*, sam venenozos, quando nos viam sorvel-os, não só ficavam mui admirados, mas tambem diziam, que, por não termos paciencia para deixal-os xocar, praticavamos a gulodice de comer uma galinha, quando comiamos um ovo.

§ 2. Portanto não dam maior importancia ás suas galinhas, do que ás aves silvestres; por isso as deixam andar pôr onde elas querem, e elas trazem os pintos dos matos e moutas, onde xocaram, de sorte que as mulheres selvagens não têem o trabalho de criar os pintainhos com gemas de ôvo, como entre nós se pratica.

E com efeito as galinhas multiplicam de tal fórma n'esse paiz, que vereis localidades e aldeias das menos frequentadas pelos estrangeiros, onde por uma faca do valor de um *carolus* tereis uma galinha da India, e por um de dois *liards* ‡, ou por cinco ou seis anzóes de pescaria obtereis trez ou quatro galinhas pequenas comuns.

---

* O autor escreve: —*Oura*.

† O autor escreve: —*Arignan-oussú*.

‡ O *liard*, antiga moeda de cobre franceza, equivale a um quarto do soldo (*sou*).

Ora, com estas duas especies de aves domesticas os nossos selvagens alimentam domesticamente adens, a que xamam *upec* ; como porém estes mizeros Tupinambás têem arraigada na cabeça a louca opinião de que, si comessem d'este animal, que anda vagarozamente, isso os impediria de correr, quando fossem expulsos e perseguidos por seos inimigos, abilissimo será quem os persuadir a provar d'ele : pela mesma razão abstêem-se de todos os animaes, que andam com lentidão, e até de peixes, como arraia e outros, que não nadam com rapidez.

§ 3. Quanto a aves silvestres, apanham-se nos bosques algumas do tamanho de capões, de trez especies, que os Brazilienses xamam *jacutinga, jacupema e jacuassú*, * os quaes todos têem a plumagem preta e parda ; creio serem especies de faizões, e por isso posso assegurar não ser possivel comer melhor vianda do que a d'estes jacús.

Têem ainda especies excelentes, xamados *mutuns* †, que sam tamanhos como pavões, e com plumagem igual á dos jacús; todavia sam raros, e poucos se encontram.

O *macuco* e o *inambuassú* sam duas especies de perdis do tamanho do pato ; têem o mesmo sabor dos precedentes.

Como estes sam os trez seguintes, a saber : *inambú-mirim*, do mesmo tamanho das nossas perdizes, *pegassú*, da grandeza do pombo-trocaz, e *paiacú*, como a rôla.

§ 4. Deixando por brevidade de falar da caça, que axa-se em grande abundancia nos bosques, nas praias do mar, nas lagôas e nos rios d'agua doce, tratarei das aves, que não sam comuns na alimentação d'essa terra do Brazil.

Entre outras aves duas existem da mesma grandeza ou pouco mais ou menos, a saber mais volumozas do que o corvo, as quaes, como quazi todas as aves da America, têem unhas e bico aduncos, como papagaios, em cujo numero as poderiamos incluir.

Quanto porém á plumagem (como julgareis depois de ouvir-me), não creio podermos axar em todo o mundo aves

---

* O autor escreve:—*Iacoutim, iacoupen, iacououassou.*

† O autor escreve:—*Moutou.*

de mais deslumbrante beleza ; por isso, contemplando-as, somos forçados a magnificar, não a natureza, como fazem os profanos, mas o excelente e admiravel Creador de maravilhas taes.

Para dar pois prova d'isso, direi, que a primeira, a que os selvagens xamam *arara*, tem as penas das azas e da cauda, que mede pé e meio de comprimento, metade tam vermelha como fino escarlate, e metade de côr celeste tam brilhante como o mais fino escarlatim que possa aver ; o resto do corpo é azul, sendo que a nervura de cada pena separa sempre as cores opostas dos dois lados.

Quando esta ave expõe-se ao sol, como ordinariamente sucede, não se fartam olhos umanos de contemplal-a.

A outra ave, xamada *canindé*, tem toda a plumagem do papo em roda do pescoço tão amarela como ouro fino ; o dorso, as azas e a cauda sam de azul tão lindo que mais não é possivel; e quando observamos, que ela reveste-se da côr do ouro por cima, sombreada de roxo, pasmamos de tanta formozura.

§ 5. Os selvagens em suas canções fazem frequente menção d'esta ave, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : —*Canindé-june, canindé-june, euraouech*, isto é, ave amarela, ave amarela, etc.; pois *june* ou *jup* na sua linguagem significa amarelo.

Embora estas duas aves não sejam domesticas, axam-se todavia mais uzualmente nas grandes arvores existentes no meio das aldeias do que nos bosques, e os nossos Tupinambás as depenam cuidadozamente trez e quatro vezes por anno, e fazem (como alhures dice) mui bonitos vestidos, carapuças, braceletes, guarnições de espadas de páo e outras couzas d'essas lindas penas, com que adornam o seo proprio corpo.

Trouxera eu para França muitas d'essas penas, e sobretudo das grandes caudas, que já dice serem naturalmente matizadas de vermelho e azul celeste ; em meo regresso porém, de passagem por Pariz, um *quidam* da caza real, a quem as mostrei, não cessou de importunarme emquanto as não obteve de mim.

§ 6. Os papagaios n'essa terra do Brazil sam de trez ou quatro especies; os maiores e mais bonitos, que os selvagens xamam *ajurús*,* têem a cabeça rajada de amarelo, vermelho e rôxo, a ponta das azas encarnada, a cauda comprida e amarela, e o resto do corpo verde; poucos podem vir cá; e todavia sam notaveis pela linda plumagem, e quando ensinados sam os que melhor falam, e por consequencia os de maior estimação.

Com efeito, um trugimão prezenteou-me com um d'estes passaros, que ele por espaço de trez annos conservava em seo poder, e pronunciava tam perfeitamente as palavras da lingua selvagem e da franceza, que, não se vendo o papagaio, ninguem distinguia a sua voz da voz do omem.

§ 7. Era porém ainda maior maravilha um papagaio d'esta especie, que certa mulher selvagem possuia em uma aldeia distante duas legoas da nossa ilha; pois esta ave obrava como si tivesse entendimento para compreender e distinguir o que sua dona lhe dizia. Quando passavamos por ali, esta dizia-nos na sua linguagem: Dás-me um pente ou um espelho, para eu fazer já em vossa prezença meo papagaio cantar e dansar? Si para termos tal divertimento davamos o que ela pedia, apenas falava com o passaro, começava ele a saltar na vara em que pouzava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens, quando vam para a guerra, de modo incrivel. Em suma, quando bem parecia á dona, dizia-lhe esta: canta, ele cantava; dansa, ele dansava. Si ao contrario não lhe aprazia ou nada lhe davamos, apenas ela dizia com aspereza ao papagaio —*augé*—isto é, pára, ele aquietava-se, sem proferir palavra, e por mais que lhe dicessemos qualquer couza, não estava mais em nosso poder fazel-o mover nem pé, nem lingua.

Si os antigos Romanos, sabios e ilustrados, faziam suntuozos funeraes ao corvo, que em seos palacios os saudava por seos proprios nomes, e até tiravam a vida a quem o matava, como nos refere Plinio; imaginai agora o

---

* O autor escreve—*Aeourous*.

que fariam eles, si possuissem um papagaio tam perfeitamente ensinado!

Essa mulher selvagem o xamava *xirimbabo*,* isto é, couza que muito amo, e o apreciava tanto que quando perguntavamos, si o queria vender e quanto por ele pedia, respondia por motejo: *Mocauassú*, isto é, uma artilharia; de sorte que nunca o podemos aver á nossa mão.

§ 8. A segunda especie de papagaios, xamados *marganaz* pelos selvagens, sam d'aqueles que de lá trazem os viajantes, e que mais comumente vemos em França; não logram entre eles grande estimação; pois lá sam em tam grande abundancia, como entre nós sam os pombos; e embora a carne seja algum tanto dura, todavia como tem sabor de perdiz, nós muitas vezes os comiamos, pois os tinhamos com fartura.

A terceira especie de papagaios, xamados *tus* † pelos selvagens, e *moissons* pelos marinheiros normandos, não sam maiores do que os estorninhos; quanto á plumagem porém, têem o corpo todo verde como a pera, excéto a cauda, que é mui comprida e entremeada de amarelo.

Lembrando-me ter alguem dito na sua *Cosmografia*, que os papagaios fazem os seos ninhos pendentes dos ramos das arvores, afim de que as serpentes não lhes comam os ovos, não terminarei este capitulo sobre taes passaros sem dizer ligeiramente, que vi o contrario na terra do Brazil, onde os papagaios fabricam os ninhos redondos e durissimos no ôco das arvores: portanto considero tal asseveração como pêta e conto imaginado pelo autor d'esse livro.

§ 9. As outras aves principaes do paiz dos nossos Americanos sam aquelas que eles xamam *tucano* ‡, de que a outro propozito acima fiz menção. Sam do tamanho do pombo trocaz, e têem toda a plumagem tam negra como a gralha, excéto o papo.

Este, como em outro lugar já dice, tem quazi quatro

---

* O autor escreve: —*Cherinabané*.
† O autor escreve: —*Tous*.
‡ O autor escreve: *Toucou*.

dedos de comprimento e trez de largura, e é mais amarelo do que o assafrão, e cingido de vermelho por baixo: os selvagens o esfolam, e d'ele servem-se para lhes cobrir e ornar as faces e outras partes do corpo, e costumam trazel-o, quando dansam, e por este motivo o denominam *tucantaburacé*,* isto é, pena de dansar, e muito o apreciam.

Todavia como possuem grande quantidade d'essas penas, não põem dificuldade em as dar e trocar por qualquer mercadoria, que lhes dam os Francezes e Portuguezes, que ali traficam.

Ainda mais: esta ave *tucano* tem o bico mais comprido do que o resto do corpo, com grossura proporcional: sem o equiparar nem o contrapor ao bico do grou, que em nada se lhe compara, cumpre consideral-o não só como o bico dos bicos, mas tambem como o mais descomunal e monstruozo, que podemos encontrar entre todas as aves do universo.

De sorte que não é sem razão, que Belon, tendo obtido um, o aprezentou por singularidade dezenhado no fim do seo terceiro livro das aves; pois embora o não nomêe, o que ali está configurado é sem duvida o bico do nossso tucano.

§ 10. N'essa terra do Brasil vive outra especie de passaro, que é do tamanho do melro, e tambem preto, fóra o peito, que é vermelho como sangue de boi; os selvagens o esfolam, como ao precedente, e xaman esta ave *panon*.

Existe outra especie de ave do tamanho do tordo, que os selvagans xamam *quiampiau*, a qual tem toda a plumagem vermelha como escarlate.

Como singular maravilha e obra prima de pequenhez, não devemos omitir um passarinho, que os selvagens xamam *guanumbi* †, de penas esbranquiçadas e reluzentes, o qual, embora não tenha o corpo maior do que um bezouro ou escaravelho, prima no canto. Este pequenissimo passarinho quazi não se arreda de cima dos pés de milho, que os selvagens xamam *avati*, ou de cima de outros arbustos,

---

* O autor escreve: —*Toucantabouracé*.
† O autor escreve: —*Gonambuch*.

tendo sempre o bico e guela aberta ; e si o não vissemos e ouvissemos, jamais acreditariamos, que de tam diminuto corpo podesse sair canto tam solto e alto, e até direi, tam claro e nitido, que em nada cede ao rouxinol.

§ 11. Como eu não poderia especificar com minudencia todas as aves existentes na terra do Brazil, as quaes não só diversificam nas especies das da nossa Europa, mas tambem aprezentam diferente variedade de cores, como vermelho, encarnado, rôxo, branco, cinzento, matizado de purpura, e outras côres, finalizarei descrevendo uma, que os nossos selvagens (pela razão que adiante direi) têem em tal estimação que muito se penalizariam de lhes cauzar qualquer mal ; e si souberem, que alguem matou alguma d'estas aves, estou certo, que o fariam arrepender-se de tal procedimento.

Esta ave é maior do que o pombo, e de plumagem parda cinzenta ; o misterio porem, em que dezejo tocar, é que, tendo ela a voz penetrante e ainda mais plangente do que a da coruja, os nossos mizeros Tupinambás, que a ouvem assim clamar mais de noite do que de dia, têem no cerebro impressa a idea de serem seos parentes e amigos finados, que enviam estas aves em sinal de bôa fortuna, e sobretudo para os encorajar a portar-se valentemente na guerra contra os inimigos : creem firmemente, que, si observarem o que lhes é indicado n'estes agouros, não só vencerão os inimigos n'este mundo, como tambem, quando morrerem, o que mais importante é, irão suas almas ter com os seos predecessores alem das montanhas para dansar com eles.

§ 12. Em certa noite dormi em uma aldeia xamada Upec pelos Francezes ; e ali á tarde ouvi esses passaros cantarem lamentozamente, e vi os mizeros selvagens atentos em escutal-os. Sabedor da razão de tal procedimento, quiz admoestal-os contra essa alucinação ; mas apenas assim falei-lhes e comecei a rir-me com outro Francez, um ancião, que ali estava, dice-me rudemente : « Cala-te, e não nos embaraces de ouvir as noticias, que os nossos avós agora nos anunciam ; pois quando ouvimos estas aves, ficamos todos contentes, e recebemos novas forças. »

Portanto sem replicar (pois seria trabalho perdido) lembrei-me d'aqueles que acreditam e ensinam, que as almas dos finados, voltando do purgatorio, os vêem advertir dos seos deveres, e pensei, que o que fazem os mizeros e cegos Americanos é mais suportavel nas suas brenhas ; pois embora confessem a imortalidade d'alma, como direi, quando falar da sua religião, longe estam de crer, que as almas voltem depois de separadas dos corpos, e apenas dizem, que estas aves sam seos mensageiros.

Eis quanto eu tinha de dizer acerca das aves da America.

§ 13. N'esse paiz existem morcegos quazi tam grandes como as nossas pequenas gralhas, os quaes entram de noite nas cazas, e si axam alguem dormindo com os pés descobertos, dirigem-se sempre ao dedo maximo, e não deixam de xupar sangue ; e xegam algumas vezes a tirar mais de um pucaro, sem que o paciente o sinta.

De sorte que quando pela manhan despertavamos, ficavamos admirados de vêr a roupa da cama e as adjacencias ensanguentadas ; entretanto os selvagens, quando vêem isso, quer aconteça a uma pessoa das suas, quer a um estrangeiro, apenas riem-se do cazo.

E com efeito eu mesmo fui assim surpreendido, e alem do motejo a que me expunha, acontecia ainda, que por dois ou trez dias só com dificuldade podia calçar-me, por estar ofendida a extremidade mole do dedo maximo do pé, embora não fôsse grande a dôr.

§ 14. Os moradores da costa de Cumana, terra situada a quazi 10 gráos aquem da linha equinocial, sam igualmente molestados por esses grandes e maleficos morcegos, a cujo respeito o escritor da *Istoria geral das Indias* refere um conto jocozo. Diz ele:« Estava em Santafé de Caribici o criado de um frade sofrendo de um pleuriz, e como não encontrou-se a veia para sangral-o, foi deixado por morto ; mas durante a noite veio um morcego, que o mordeo junto ao calcanhar, que axou descoberto, donde tirou sangue para fartar-se ; e como deixasse

---

* Choucas, diz o original.

a veia aberta, sahio tanto sangue quanto bastou para curar o paciente. »

Ao que acrecento com o istoriador, que foi o morcego excelente e graciozo cirurgião para o pobre doente.

De sorte que não obstante o mal, que recebemos d'esses grandes morcegos d'America, este ultimo exemplo mostra, que longe estam de ser tam nocivos como eram essas aves sinistras, xamadas estrigias pelos Gregos, as quaes, como diz Ovidio, *Fastos liv.* 6, sugavam o sangue dos meninos no berço, por cuja razão depois esse nome foi dado ás feiticeiras.

§ 15. As abelhas d'America não sam similhantes ás nossas de cá, antes parecem-se mais com as pequenas moscas pretas, que temos no estio, principalmente no tempo das uvas.

Fazem o mel e a cera nos bosques em ôcos de páo, produtos que os selvagens sabem aproveitar.

Emquanto estam misturados, xamam a tudo isso *ira-ietic*, pois *ira* é mel e *ietic* é cera; depois de os separarem, comem o mel, como nós cá praticamos, e quanto a cêra, que é quazi tam preta como o pez, a reunem em rolos da grossura de um braço. Não fazem todavia arxotes ou velas; pois de noite não uzam de outra luz sinão de madeiras, que dam flama clarissima, e servem-se d'esta cera principalmente para betumar os grossos canudos de cana, em que guardam as suas plumas, afim de as preservar de certa especie de borboletas, que do contrario as estragariam.

§ 16. E afim de que seguidamente eu descreva estes animaculos xamados *aravers* pelos selvagens, direi, que não sam mais corpulentos do que os nossos grilos, e saindo de noite em cardumes buscam o fogo, e não deixam de roer quanta couza encontram. Lançam-se sobre os cabeções e sapatos de marroquim com tal gana que comem a parte esterior, e os donos de taes objetos, ao levantarem-se pela manhan, os axam brancos e roidos; e acontecia, que, si de noite deixavamos galinhas ou outras quaesquer aves assadas e mal guardadas, esses *aravers* as roiam até os ossos, e assim não podiamos ter certeza de axal-as no dia seguinte.

§ 17. Os selvagens tambem sam perseguidos em suas pessoas por outra especie de pequeno insecto xamado *tu*, * o qual vive metido na terra, e em principio não passa do tamanho de uma pequena pulga; mas fixando-se na carne, especialmente debaixo das unhas dos pés e das mãos, ahi, como o oução, produz subita comixão, si não se tem logo cuidado de arrancal-o.

Penetrando sempre mais, tornar-se-á em pouco tempo do tamanho de uma ervilha, e então não poderá ser extirpado sem grande dór.

E não sam sómente os selvagens, que andam nús e descalsos, que sam atacados e molestados por tal insecto; nós os Francezes tambem, por melhor vestidos e calçados, que andassemos, tinhamos tanta necessidade de acautelar-nos, que, por mais cuidadozo que eu fôsse em revistar-me, tiraram-me de diversos lugares do corpo mais de vinte em um so dia.

Em suma vi pessoas deleixadas em precaver-se por tal modo danificadas por essas traças-pulgas, que não só tinham as mãos, pés e dedos estragados, mas até o sovaco e outras partes moles do corpo estavam cobertas de pequenos relevos como verrugas provenientes d'este mal.

§ 18. Por isso tenho como certo, que é a este pequeno verme, que o istoriador das Indias ocidentaes xama *nigua*; o qual, como ele diz, tambem existe na ilha Espaniola. Eis-aqui o que escreveo: — A *nigua* é como uma pequena pulga, que salta; gosta muito da poeira; só morde nos pés, onde mete-se entre a pele e a carne, e logo põe lendeas em maior quantidade do que poderiamos pensar, atenta a sua pequenhez, e estas produzem outras, e si as deixam sem prevenção alguma, multiplicam-se tanto que se não podem expelir nem remediar sinão com fogo ou ferro; mas si as tiram cedo, cauzam pouco mal.

Alguns Espanhoes (acrecenta o autor) perderam os dedos dos pés, e outros todo o pé.

§ 19. Ora, para remediar o mal, os nossos Americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés, e outras partes do corpo, em que os taes vermes buscam aninhar-se, com

* O autor escreve: — *Tou*.

certo oleo avermelhado e espesso, estrahido de um fruto, xamado *couroq*, que é quazi como uma castanha encascada; o que nós tambem lá faziamos.

E convem dizer, que este unguento é tam soberano para curar xagas, fracturas e quaesquer dores, que sobrevem ao corpo umano, que os nossos selvagens, conhecedores da sua eficacia curativa, o reputam tam preciozo, como alguns individuos de cá consideram o xamado oleo santo.

Por isso o barbeiro do navio, em que regressamos à França, tendo-o experimentado em muitas ocaziões, trouxe dez ou doze potes grandes xeios d'esse oleo e outros tantos de gordura umana, que ajuntára, quando os selvagens cozinhavam e assavam os prizioneiros de guerra, do modo porque direi em lugar oportuno.

§ 20. Os ares d'essa terra do Brazil tambem produzem certa especie de pequenos mosquitos, que os seos abitantes xamam *jetim*, os quaes ferroam tam vivamente, ainda atravez de roupas delgadas, que dir-se-ia serem pontas de agulha.

Por tanto podeis imaginar quam divertido é ver os selvagens nús perseguidos por taes insectos; pois batendo com as mãos nas nadegas, côxas, espaduas, braços e em todo o corpo, dirieis então serem carreiros açoutando os cavalos com seos xicotes.

§ 21. Acrecentarei ainda, que, remexendo a terra, e debaixo das pedras, na região do Brazil, axam-se escorpiões, os quaes, não obstante serem muito menores do que os que se vêem em Provença, comtudo nem por isso deixam de ter ferrões venenozos e letaes, como experimentei. Costuma este animal procurar os objetos claros; por isso aconteceo, que, tendo eu mandado lavar a minha rede, e extendel-a ao ar, ao modo dos selvagens, aparecesse um escorpião, que ocultava-se em uma dobra do pano da rede. Quando quiz deitar-me sem o ter visto, ferroou-me no dedo grande da mão esquerda, que inxou tam rapidamente, que, si não recorresse logo a um dos nossos boticarios, que tinha alguns lacráos mortos em conserva de azeite n'uma garrafinha, e aplicou-me um

sobre o dedo, o veneno ter-se-ia rapidamente espalhado por todo o corpo.

Com efeito não obstante este remedio, alias considerado como o mais poderozo para este mal, o contagio foi tamanho, que por espaço de 24 oras fiquei em tal aflição, que não podia conter-me com a violencia da dôr.

Os selvagens, quando sam mordidos por estes escorpiões, uzam de igual receita, isto é, matal-os e esmagal-os imediatamente sobre a parte ofendida, si os podem apanhar.

§ 22. Ja dice, que os selvagens sam mui vingativos e furiozos contra tudo que os ofende; assim si topam como pé em alguma pedra, a morderão ás dentadas, como fazem cães enraivecidos; por isso perseguindo os animaes que os danificam, despovoam d'eles o paiz quanto podem.

§ 23. Finalmente existem caranguejos terrestres, que os Tupinambás denominam *ussá*,* e surgem em bandos, como gafanhotos grandes, nas praias do mar e em outros lugares alagados e pantanozos.

Quando xega alguem a estes sitios, vê estes crustaceos fugirem de costas, e salvarem-se com celeridade em buracos que fazem nos troncos e raizes das arvores, donde com dificuldade só os podem tirar depois de nos maltratarem os dedos com suas grandes patas, embora possamos xegar em seco até esses buracos, que têem a abertura superior patente e descoberta.

Sam muito mais magros do que os caranguejos marinhos; e como quazi não têem carne, e exhalam xeiro de raizes do canamo, não têem sabor agradavel.

CAPITULO XII

Alguns peixes mais comuns entre os selvagens da America, e seo modo de pescar

§ 1. Afim de obviar repetições, que evito quanto posso, envio os leitores para o terceiro, quinto e setimo capitulo d'esta istoria, bem como para outros lugares, em

* O autor escreve:— *Oussa.*

que fiz menção das baleias, verdadeiros monstros marinhos, dos peixes voadores e de outros de varias especies, e tratarei n'este capitulo principalmente dos mais frequentes entre os nossos Americanos, e dos quaes todavia ainda não falei.

§ 2. Começarei dizendo que os selvagens dam a todos os peixes a denominação generica de *pirá* ; quanto porém ás especies, têem duas qualidades de sargos verdadeiros, a que xamam *curiman** e *parati*, os quaes, quer cozidos, quer assados (sobretudo o segundo) sam excelentes e saborozos.

Estes peixes andam abitualmente em bandos, como sucede cá na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subir do mar. Os selvagens, quando os vêem em cardumes compactos, aproximam-se de repente, atiram sobre eles grandes frexas tam certeiras, que em poucos momentos fisgam muitos peixes, os quaes assim feridos não podem ir ao fundo. Então os frexadores os vam apanhar a nado.

A carne d'estes peixes é sobre todas mui friavel ; e quando os selvagens os apanham em grande quantidade, os secam no moquem, esmigalham, e reduzem á farinha.

§ 3. O *camurupim-uassú* † é um peixe mui grande (pois *uassu* em linguagem brazilica significa grande ou volumozo, conforme a acentuação que se lhe dá) do qual os nossos Tupinambás, quando dansam e cantam, fazem menção, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : *Pirá-uassu a uêh* : *camurupim-uassu a uêh* etc., etc., — é mui bom de comer.

Existem outros dois peixes xamados *uára* e *acara-uassú*, que sam quazi da mesma grandeza que o precedente, porém melhores ; e até direi, que o *uára* não é menos delicado do que a nossa truta.

Temos outro peixe xamado *acarapeh* ; é xato, e cozido desprende gordura amarela, que lhe serve de molho. A carne é optima.

Temos tambem o *acara-buten*, peixe viscozo de côr trigueira ou avermelhada, o qual, sendo muito menor do

---

* O autor escreve : *Kurema*.

† O autor escreve : *Camouroupony-ouassou*.

que os supramencionados, não tem gosto agradavel ao paladar.

Outro peixe xamado *pira-ipoxi* * é do comprimento da enguia, e não é bom; *ipoxi* na linguagem indigena quer dizer isto mesmo.

Emquanto ás arraias, que os selvagens pescam no rio de Geneure, e nos mares adjacentes, sam mais amplas do que as que vemos na Normandia, na Bretanha e n'outros lugares cá da Europa, têem dois xifres compridos, cinco ou seis gretas no ventre (parecendo artificiaes), cauda longa e fina; sam timiveis e venenozas.

Um dia apanhamos uma arraia; e na ocazião de metel-a na embarcação picou a perna de um companheiro nosso, e imediatamente tornou-se vermelho e inxado o lugar ofendido.

Eis ahi o que podemos sumariamente dizer a respeito de alguns peixes d'agua salgada da America, cuja multidão aliaz é inumeravel.

Os rios d'agua doce d'esse paiz estam xeios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos, que os selvagens geralmente xamam *pirá-mirim* (pois *mirim* no seo idioma quer dizer pequeno); mas apenas descreverei ainda duas especies enormemente disformes.

O primeiro, xamado *tamuatá* pelos selvagens, não tem ordinariamente sinão meio pé de comprimento, tem a cabeça mui grande, isto é, monstruoza em comparação do resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, os dentes mais aguçados de que os do lucio, as aréstas penetrantes, e todo o corpo armado de escamas tam rezistentes que não creio que uma cutilada lhes faça móça, como sucede com o *tatú*, animal terrestre, conforme já dice alhures: a carne é mui tenra, boa e saboroza.

Os selvagens denominam *pana-pana* outro peixe, que é de grandeza mediana; quanto porém á fórma tem corpo, cauda, e pele similhante ao precedente, e tam aspera a mesma pele como a do tubarão.

Tem aliás a cabeça tam xata, sarapintada e mal

---

* O autor escreve: *Pirá-ypochi.*

conformada que, estando fóra d'agua, divide-se e separa-se em duas, como si a tivessemos propozitalmente partido, e assim oferece o mais orrendo aspecto de uma cabeça de peixe.

§ 4. Quanto ao modo de pescar dos selvagens, cumpre notar, que já dice, que eles apanham o sargo a frexadas; e isto deve entender-se acerca de todas as outras especies de peixe, que podem distinguir n'agua, convindo observar que omens e mulheres da America todos sabem nadar como cães d'agua para irem buscar n'agua a caça e a pesca; assim tambem os meninos apenas começam a caminhar, metem-se nos rios e nas praias, e mergulham como patinhos.

Para exemplo d'isto referirei brevemente, que, em um domingo pela manhan, passeavamos na plataforma do nosso fortim, quando vimos no mar virar uma canoa de casca de páo (feita como adiante descreverei), na qual estavam mais de trinta individuos selvagens, grandes e pequenos, que vinham vêr-nos.

Pressurozos acudimos com um escaler em socorro dos periclitantes; mas axamos todos rizonhos nadando nas ondas, dizendo-nos um d'eles :—E onde ieis tão apressadamente, vós outros Mairs? (assim xamam os Francezes).

Respondemos:—Vinhamos para salvar-vos, e tirar-vos d'agua.

Ao que replicou :—Na verdade agradecemos a vossa bôa vontade; mas pensaveis, que, por termos cahido no mar, estavamos em perigo de afogar-nos? Pois sem tomar pé, nem xegar á terra, ficariamos oito dias em cima d'agua, como agora vêdes; por tanto temos muito mais medo, que algum peixe grande nos puxe para o fundo do que tememos afundar-nos.

E os outros que nadavam todos como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da cauza da nossa vinda repentina, zombavam, e pozeram-se a rir tanto, que os viamos e ouviamos soprar e roncar em cima d'agua, como um bando de golfinhos.

Com efeito embora estivessemos ainda a mais de um quarto de legoa de distancia do fortim, comtudo só quatro

ou cinco quizeram entrar no nosso batel, mais por conversar comnosco do que por temor do perigo.

Observei, que os outros, adiantando-se algumas vezes a nós, não só nadavam tam dezafrontados e galhardos quanto queriam, mas tambem descansavam sobre as aguas, quando bem lhes aprazia.

Submergiram-se algumas rêdes de algodão, viveres e outros objétos, que vinham na canôa, e traziam para nós, mas nem por isso se importaram mais do que nós nos importariamos com a perda de uma maçan ; pois diziam, que em terra tinham couzas iguaes.

§ 5. Sobre este assunto da pesca dos selvagens, não quero omitir a narração do que ouvi um d'eles contar, a saber : que estando em certa ocazião com outros em um d'esses barcos de casca de páo muito amarados, e fazendo aliás tempo calmo, veio um grande peixe, que segurou-o com as garras, e queria ou viral-o, ou meter-se dentro do barco, conforme lhe pareceo.

Vendo isso (dizia ele) cortei-lhe rapidamente a mão com uma fouce, e caindo e ficando a mão no nosso barco, vimos, que ela tinha cinco dedos como a mão de um omem ; e o peixe excitado pela dôr, que sentio, mostrou fóra d'agua cabeça de fórma umana, e soltou pequeno gemido.

Sobre tam estranho conto d'este Americano, deixo o leitor filozofar, e atendendo á comum opinião, que admite no mar todas as especies de animaes terrestres, e especialmente em vista do que escreveram alguns autores sobre os tritões e sereias, julgar si era um tritão, sereia, macaco ou bugio marinho este, cuja mão o selvagem afirmava ter cortado.

Todavia sem condenar a existencia de taes couzas, direi francamente, que durante nove mezes de permanencia no alto mar sem pôr pé em terra sinão uma vez, e durante as navegações costeiras que por vezes fiz, não observei couza igual a isto ; nem vi, no meio de uma infinidade de especies de peixes, que apanhamos, peixe algum que se aproximasse da fizionomia umana.

§ 6. Para terminar o que tinha de dizer a respeito da pescaria dos nossos Tupinambás, cumpre declarar, que

além d'este modo de flexar os peixes, de que tantas vezes tenho falado, eles tambem acomodam espinhas á feição de anzoes, seguindo o seo antigo metodo, fabricam linhas de uma planta xamada *tucum*, * que desfia-se como o canhamo, e é muito mais forte, e com isso pescam de cima das ribanceiras e margens das aguas.

Tambem penetram no mar e rios d'agua doce em jangadas, denominadas *piperis*, e compostas de cinco ou seis páos redondos mais grossos do que o braço de um omem, juntos e bem ligados com vergonteas retorcidas. Sentados n'esta armadilha com as pernas estendidas, dirigem-se para onde querem com um pequeno bastão xato, que lhes serve de remo.

Como estes *piperis* não têem mais de uma braça de comprimento e apenas quazi dois pés de largura, não rezistem a qualquer tormenta, e mal póde cada um suster um omem ; de sorte que quando os nossos selvagens em tempo bom estam nús e separados pescando no mar, direis ao vel-os de longe, que sam macacos ou antes (tão pequenos parecem) rans aquecendo sol em axas de lenha no meio das aguas.

Todavia como estas jangadas, arranjadas como canudos de orgãos, sam assim fabricadas, fluctuam n'agua como uma pranxa grossa, penso, que si cá as construissemos, teriamos meio bom e seguro de passar os rios, os pantanos e lagos d'aguas mortas ou de fraca corrrenteza; junto aos quaes vemo-nos ás vezes bem embaraçados, quando temos pressa de tranzito.

§ 7. Ora, além de quanto fica relatado, acrecentarei, que, quando os selvagens nos viam pescar com redes, que tinhamos trazido, e que eles xamam *pussa-uassú* †, mostravam grande satisfação de ajudar-nos e vêr-nos apanhar tanto peixe de um só jacto, e si por ventura nós os deixavamos manejar as redes, eles por si já sabiam pescar com elas.

---

* O autor escreve :— *Toucon*.
† O autor escreve:—*Puissá-ouassou*.

Depois que os Francezes traficam além-mar, os Brazilienses colhem vantagens das mercadorias, que recebem, e muito louvam os traficantes, porque nos tempos passados os indigenas eram obrigados (como já dice) a pôr espinhas de peixe na ponta das suas linhas de pesca em lugar de anzóes, e agora têem a vantagem da gentil invenção d'esses pequenos ganxos de ferro tam adoptados ao mister da pescaria.

Por isso, como alhures dice, os rapazes d'essa terra aprenderam a dizer aos estrangeiros, que andam por lá: —*De agatorem amabe pinda*, isto é: - Tu és bom, da-me anzóes. Pois *agatorem* no seo idioma quer dizer bom, *amabe* dá-me, e *pindá* anzol.

Si não se lhes dá o que pedem, a caniçalha, voltando subitamente o rosto, repete com insistencia:—*De engaipa ajuca*, isto é,—Tu não prestas, devemos matar-te.

§ 8. Sobre este assunto direi, que si quizermos ser primos (como comumente dizemos) quer dos grandes quer dos pequenos, cumpre não negar-lhes nada.

Verdade é, que não sam ingratos, principalmente os velhos, pois, quando nem no obzequio pensamos, lembram-se do donativo, e agradecidos vos retribuirão com alguma couza.

Como quer que seja porém, observei, que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberaes,e ao contrario aborrecem os taciturnos, avaros e melancolicos ; portanto posso assegurar aos somiticos, vizionarios e forretas, e aos que comem o pão no saco, como se costuma dizer, que não serão bem vindos entre os nossos Tupinambás, pois estes por natureza detestam tal qualidade de gente.

CAPITULO XIII

Arvores, ervas, raizes e frutos deliciozos, que a terra do Brazil produz

§ 1. Tenho já falado tanto dos animaes quadrupedes como das aves, peixes, reptis e couzas dotadas de vida, movimento e sensibilidade, existentes n'America ; e antes de falar da religião, guerra, policia, e outros modos

de proceder dos nossos selvagens, de que ainda não tratei, descreverei as arvores, ervas, plantas, frutos, raizes, e em suma tudo quanto comummente se diz ter alma vegetativa vivente n'esse paiz.

E porque entre as arvores mais notaveis prezentemente conhecidas entre nós, o páo-brazil (do qual esse paiz tomou o nome por nosso respeito) é uma das mais apreciadas por cauza da tinta, que d'ele se extrae, farei a sua descrição em primeiro lugar.

§ 2. Esta arvore pois, que os selvicolas xamam *arabutan*, * crece ordinariamente e esgalha tanto como o carvalho das nossas florestas, e axam-se algumas tam grossas, que trez omens não abarcariam o tronco.

A respeito de arvores grossas, o escritor da *Istoria geral das Indias ocidentaes* diz, que n'essas regiões foram vistas duas arvores, cujos troncos tinham estraordinaria grossura: um tinha mais de oito braças de circunferencia, e outro mais de dezeseis, de sorte que, diz ele, na primeira arvore, que era tam alta, que ninguem lhe poderia alcançar o cimo com uma pedra atirada pela simples força do braço umano, um cacique, por segurança propria, fabricara sua xoçazinha; do que riam-se os Espanhoes ás gargalhadas, vendo-o ali pouzado como cegonha. Mencionavam tambem a segunda como couza maravilhoza.

O sobredito autor ainda refere, que existe no paiz de Nicaragua uma arvore xamada *cerba*, a qual engrossa tanto, que quinze omens a não poderiam abarcar.

Voltando ao páo-brazil, direi, que tem a folha como o do buxo, todavia de côr puxando mais para o verde claro, e esta arvore não frutifica.

§ 3. Dezejo aqui fazer menção do modo de carregar os navios com esta mercadoria.

Notae, que tanto por cauza da dureza e consequente dificuldade de cortar essa madeira, como porque não existem cavalos, asnos, nem outros animaes para carregar, carrear, ou arrastar fardos n'esse paiz, é indispensavel, que muitos omens façam este serviço; si os estrangeiros, que viajam por ali, não fossem ajudados pelos

* O autor escreve: —*Araboutan*.

selvagens, não poderiam em um anno carregar qualquer navio mediano.

Os selvagens, mediante alguns vestidos de friza, camizas de pano de linho, xapeos, facas e outras veniagas que se lhes dá, como maxados, cunhas de ferro, e outras ferramentas ministradas por Francezes e outros Europeos, cortam, serram, raxam, toram e desbastam o páo-brazil, e depois o transportam nos ombros nús, e muitas vezes de duas e trez legoas de distancia, por montes e lugares escabrozos até a borda do mar junto aos navios ali ancorados, onde os marinheiros o recebem.

Digo propozitalmente, que os selvagens, depois que os Francezes e Portuguezes frequentam o seo paiz, cortam o páo-brazil ; pois antes, conforme ouvi os velhos dizerem, não tinham industria alguma para derrubar uma arvore, sinão pôr-lhe fogo ao pé.

Ca da Europa pensam muitas pessoas, que os toros redondos, que vêmos nas cazas dos negociantes, sam da grossura das arvores ; mas para mostrar, que taes pessoas enganam-se, observarei já ter dito axarem-se arvores mui grossas, e acrecentarei, que os selvagens desbastam os tóros, e os arredondam, afim de lhes ser mais facil o carreto e o manejo nos navios.

§ 4. Como durante o tempo que estivemos n'esse paiz, fizemos boas fogueiras com o páo-brazil, observei, que não era umido (como a maior parte das outras madeiras), antes era naturalmente sêco ; poi isso queimado expede mui pouca ou quazi nenhuma fumaça.

Direi mais, que, indo um dos nossos companheiros lavar nossas camizas, deitou por ignorancia do efeito cinzas de páo-brazil na lixivia ; e em lugar de alvejal-as, tornou-as tam vermelhas, que, não obstante lavarem-se e ensaboarem-se depois, não axamos meio de tirar-lhes a coloração, de maneira que tivemos de as vestir e uzar d'elas com essa tintura.

Si aqueles que mandam de propozito branquear suas camizas ou outras roupas alcatroadas, duvidam d'isto, façam a experiencia ; e para mais brevemente conseguil-o, poderão mandar lustrar os seos coleirinhos, ou grandes

babados (de mais de pé e meio de laigura como oje uzam) tingindo-os de verde, si assim lhes aprouver.

§ 5. Os nossos Tupinambás ficam pasmos de vêr os Francezes e outros estrangeiros ter o trabalho de ir buscar o seo *arabutan*, isto é, páo-brazil. Uma vez um velho fez-me esta pergunta: — O que quer dizer virdes vos outros, *Mairs* e *Peros*, isto é, Francezes e Portuguezes, de tam longe buscar lenha para vos aquecer? Não tendes páo na vossa terra?

E respondi, que tinhamos, e em grande quantidade, mas não da qualidade dos seos, nem tinhamos páo-brazil, que nós não queimavamos, como ele supunhantes; o queriamos para fazer tinta, e empregar como eles faziam, uzando d'ela para tingir os seos cordões de algodão, plumas e outras couzas.

Replicou o velho imediatamente: — E porventura precizaes de muito?

Sim (dice-lhe eu no intuito de interessal-o); pois no nosso paiz existem negociantes, que têem mais frizas, panos vermelhos e até (procurando sempre falar-lhe de couzas suas conhecidas) facas, tezouras, espelhos e outras mercadorias, do que nunca vistes por cá; e tal negociante por si só comprará todo o páo-brazil, com que muitos navios voltam carregados do teo paiz.

E o meo selvagem dice:—Ah! ah! tu me contas maravilha! E depois tendo compreendido bem o que eu acabava de dizer, interrogou-me de novo e dice:—Mas esse omem tam rico, de que me falas, não morre? Sim, sim (dice-lhe eu); morre como os outros.

E como sam grandes discursadores os selvagens e proseguem mui bem em qualquer assunto até o fim, de novo perguntou-me:— E quando ele morre, para quem fica o que ele deixa? Respondi:—Para seos filhos, si os tem; na falta d'estes para seos irmãos ou mais proximos parentes.

Na verdade (dice então o velho, que, como julgareis não era nenhum tôlo) agora conheço, que vós outros *Mairs*, isto é, Francezes, sois grandes loucos; pois è precizo trabalhar tanto em passar o mar, onde sofreis tantos incomodos, como nos dizeis, quando aqui xegaes, para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos

sobrevivem? A terra, que vos nutrio,não é tambem suficiente para nutril-os? Temos (acrecentou ele) paes mães e filhos, aos quaes, amamos e prezamos; mas como estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra, que nos nutrio, tambem os nutrirá, por isso descansamos sem o minimo cuidado.

Eis aqui sumariamente o discurso, que ouvi da boca de um pobre selvagem americano.

§ 6. Assim esta nação, que reputamos barbara,zomba desdenhozamente d'aqueles que com perigo de vida passam os mares para ir buscar páo-brazil afim de enriquecer-se; e por mais obtuza que seja, atribuindo maior importancia á natureza e á fertilidade da terra do que nós damos ao poder e providencia de Deos,insurge-se contra esses rapinadores denominados cristãos, de que a terra cá pela Europa está tam repleta, quanto vazia está lá na região dos selvicolas.

Os Tupinambás, como já dice, odeiam mortalmente os avarentos; e prouvera a Deos, que fossem todos os avaros lançados entre os selvagens, que serviriam de demonios e furias para atormentar os nossos insaciaveis abismos, que nunca temem bastante, e só cuidam de sugar o sangue e a substancia alheia.

Precizo era, que eu fizesse esta digressão para vergonha nossa, e para justificação dos selvagens pouco cuidadozos das couzas d'este mundo.

E bem a propozito poderia eu ainda acrecentar o que o istoriador das Indias ocidentaes escreveo acerca de certa nação de selvagens abitadores do Perú. Diz ele, que quando os Espanhoes começaram a navegar para esse paiz, os selvagens, vendo-os barbados, delicados e mimozos, temiam, que os corrompessem, e mudassem os seos antigos costumes, por isso não os queriam receber, e os xamavam *escuma do mar*, gente sem paes, omens sem descanso, que não páram em parte alguma para cultivar a terra e ter o que comer.

§ 7. Continuando agora a falar das arvores d'esta terra da America direi, que axam-se n'ela quatro ou cinco especies de palmeiras, das quaes as mais comuns sam as denominadas *geraú* e *iri* pelos selvagens; e como

nunca vi támaras em nenhuma d'elas, creio, que as não produz.

E' verdade, que o *iri* produz frutos redondos como abrunho, pequenos e reunidos, bem similhantes a um bom caxo de uvas ; e cada penca tem pezo tal que um omem pode levantar e trazer na mão, mas so presta o caroço, que não é maior do que o da cereja.

Entre as folhas superiores das palmeiras novas brota um renovo, que cortavamos para comer, e dizia o senhor Dupont, que sofria de emorroidas, que esse palmito servia de remedio : sobre este ponto reporto-me aos medicos.

§ 8. Outra arvore existe xamada *airi* pelos selvagens, a qual tem as folhas como a palmeira, o caule rodeado de espinhos finos e penetrantes como agulhas, e dá fruto de mediana grandeza, no qual se contém com caroço branco como neve, que aliás não é comivel.

No meo entender esta arvore é uma especie de ebano ; pois alem de ser preto e servir aos selvagens para fazerem espadas e clavas e pontas de frexas (que descreverei, quando falar das suas guerras), é mui polido e luzente, quando trabalhado em obra, sendo tam pezado que posto n'agua vai ao fundo.

§ 9. Antes de passar adiante, convém dizer, que existem muitas especies de madeiras de côr n'esta terra da America, ignorando eu o nome de todas essas arvores.

Entre elas vi algumas tam amarelas como o buxo ; outras naturalmente violetas, das quaes troxera eu para a França algumas amostras ; outras brancas como o papel ; outras tam vermelhas como o páo-brazil, das quaes os selvagens fazem bastões e arcos.

Existe tambem uma arvore xamada *copahiba*,* a qual parece na forma com a nogueira, sem aliás dar nozes; a taboa, sendo empregada em obras de marcenaria, apresenta os mesmos veios da nogueira, como observei.

Igualmente existem algumas, que têem as folhas mais espessas que a moeda de tostão ; outras as têem da

---

* O autor escreve:— *Copau*.

largura de pé e meio; e ainda existem muitas outras especies, que seria fastidiozo mencionar com miudeza.

§ 10. Cumpre porém dizer, que n'esse paiz existe uma arvore, que dá bonita madeira, a qual recende agradavel xeiro, quando os marceneiros a lavravam ou cepilhavam, e si tomavamos nas mãos cavacos ou fitilhas, sentiamos o verdadeiro odor da roza fresca.

Existe outra ao contrario, denominada *aouai* pelos selvagens, que fede e exhala xeiro de alho tam ativo, que, quando a cortam e põem no fogo, ninguem póde ficar ao pé: esta arvore tem as folhas quazi como as das nossas macieiras.

No demais porém o fruto (algum tanto parecido com a castanha d'agua) e o caroço contido no fruto, é tam venenozo, que quem o comesse sentiria o efeito imediato de verdadeiro veneno.

Todavia como este fruto é aquele de que alhures dice, que os nossos Americanos fazem as campainhas, que põem ao redor das pernas, por essa razão o têem em grandissima estimação.

§ 11. E cumpre aqui notar, que embora esta terra do Brazil produza mui bons e excelentes frutos, como veremos n'este capitulo, todavia muitas arvores existem, que dam frutos formozissimos, e entretanto inaceitaveis ao paladar.

Especialmente nas praias do mar vivem muitos arbustos, que dam frutos quazi similhantes ás nossas nesperas, porém mui perigozos de comer.

Por isso os selvagens, vendo os Francezes e outros estrangeiros aproximar-se d'essas arvores para colher o fruto, dizem-lhes em sua linguagem:— *Ipahi*, isto é, não é bom, advertindo-os assim para acautelarem-se.

O *iuarare* * tem a casca de meio dedo de espessura, é mui agradavel ao paladar, principalmente quando tirada fresca da arvore, e é uma especie de guaiaco, conforme vi afirmarem dois botanicos, que comnosco atravessaram o mar.

Com efeito os selvagens a empregam contra uma

* O autor escreve:— *Hiuouaré*.

infermidade por eles xamada *pian*, a qual, como logo direi, é tam perigoza entre eles como entre nós é a bexiga.

§ 12. A arvore xamada *xoane** pelos selvagens é de grandeza media, tem as folhas verdes similhantes ás do loureiro; dá um fruto do tamanho da cabeça de um menino, e aprezenta a fórma de um ovo de avestruz; todavia não serve para se comer.

Como porém este fruto tem a casca dura, os Tupinambás o conservam inteiro, o perfuram ao comprido e através, e fazem d'ele o instrumento xamado *maracá* (do qual já fiz, e ainda farei menção).

Para fazerem as taças, em que bebem, e outras pequenas vasilhas, de que se servem para outros uzos, escavam esse fruto, e o dividem pelo meio.

§ 13. Continuando a falar das arvores da terra do Brazil, mencionarei uma xamada *sapucaia* † pelos selvagens, que dá um fruto maior do que os dois punhos juntos; é formado á feição de uma taça, na qual encerram-se pequenos caroços como amendoas e quazi do mesmo gosto.

O casco d'este fruto é mui apropriado para fazer vazos; e julgo ser o que xamamos côco da India: estes vazos, quando torneados e ageitados ao feitio conveniente, encastoam-se uzualmente em prata lá na Europa.

Quando estavamos no ultramar, um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fez mui bonitos vazos e outros utensilios d'esses frutos da sapucaia, e de varias madeiras de côr, e prezenteou com alguns d'eles a Nicoláo de Villegagnon, que muito os apreciava; todavia o pobre omem foi tam mal recompensado, que foi um dos que o verdugo mandou submergir e afogar no mar por cauza do Evangelho, como em lugar competente direi.

§ 14. N'esse paiz existe tambem uma arvore, que crece tam alta como lá na Europa a sorveira, e dá um fruto xamado *cajú* ‡ pelos selvagens, o qual é do tamanho e figura de um ovo de galinha.

---

* O autor escreve: — *Choine*. E certamente o coité.
† O autor escreve: — *Sabaucaié*.
‡ O autor escreve: — *Acaiou*.

Quando esta fruta amadurece, fica mais amarela do que o marmelo, e não só tem bom sabor, como dá um caldo acidulo, aliás agradavel ao paladar. Aquecido este licor constitue refresco tam excelente que não é possivel axar melhor; todavia é assás dificil tirar as frutas das grandes arvores, que as produzem, e quazi não tinhamos outro meio de obtel-as, sinão quando os macacos subiam para comel-as, e as derribavam em grande quantidade.

§ 15. A *pacoveira* * é um arbusto, que geralmente crece de dez a doze pés de altura; mas quanto ao tronco, embora alguns sejam tam grossos como a côxa de um omem, é todavia tam mole que com uma espada bem afiada derribareis e poreis por terra uma d'essas plantas com um só golpe.

Quanto ao fruto, que os selvagens xamam *pacova*, tem mais de meio pé de comprimento, e é de fórma mui similhante ao pepino, sendo amarelo como este, quando maduro. Crecem os frutos sempre 20 ou 25 unidos e juntos em um só caxo, e os nossos Americanos os colhem em grandes pencas, que possam sustentar nas mãos, e assim as trazem para suas cazas.

E' boa essa fruta; e quando xega á madureza, tira-se-lhe a casca como a do figo fresco, e sendo gomoza como este, direis, ao comel-a, que saboreaes um figo.

Por esta razão nós os Francezes davamos a essas pacovas o nome de figos. E' verdade, que tinham gosto mais doce e mais saborozo do que os melhores figos de Marselha; portanto deve a pacova contar-se como um dos bonitos e excelentes frutos d'essa terra do Brazil.

Contam as istorias, que Catão, voltando de Cartago para Roma, trouxera figos de espantoza grandeza; como porém os antigos não mencionam figos iguaes aos de que agora trato, é verosimil, que os figos africanos não seriam da qualidade dos figos americanos.

As folhas da *pacoveira* sam na forma mui similhantes ás do *lapathum aquaticum*; sam porém tam excessivamente grandes, que cada uma tem ordinariamente seis

* O autor escreve:— *Pacoaire.*

pés de comprimento e mais de dois de largura; e creio, que na Europa, na Azia, nem n'Africa se axarão folhas tamanhas.

Ouvi um boticario assegurar ter visto uma folha de tussilagem, que tinha uma auna e um quarto de largura, isto é, trez aunas e trez quartos de circunferencia, por ser a folha redonda; mas ainda assim não aproxima-se da nossa *pacoveira*.

E' certo, que as folhas da pacoveira não sam espessas á proporção do tamanho, e antes sam mui delgadas, comtudo estam sempre erectas; e quando o vento é um pouco impetuozo (como frequentemente sucede n'essa terra da America), somente o talo central da folha oferece rezistencia; por isso todas as mais partes aderentes despedaçam-se por tal forma que, si a virdes de longe, julgareis ao primeiro lance de vista serem grandes penas de avestruz, de que estam revestidos os arbustos.

§ 16. Quanto á arvore do algodão, que crece em mediana altura, existem muitas na terra do Brazil; a flor aparece em pequenas campanulas amarelas, como as das abboras da Europa; mas quando o fruto está formado, tem a configuração aproximada da *feinte des costeaux* das nossas florestas, e quando está maduro, fende-se em quatro partes, e o algodão (que os Americanos xamam *ameni-ju*) sae em frocos ou capulhos, grossos como a péla, no meio dos quaes estam varios caroços pretos mui unidos em forma de rin, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres indigenas preparam mui bem e fiam o algodão para fazer camas do feitio já em outra parte descrito.

§ 17. Embora antigamente não existissem larangeiras nem limoeiros n'essa terra d'America, como ouvi dizer, todavia apenas os Portuguezes plantaram e edificaram nas praias e adjacencias do mar, que frequentavam, essas plantas multiplicaram admiravelmente e produzem laranjas (que os selvagens xamam *morgonia*) doces do tamanho de dois punhos, e limões ainda maiores e em maior abundancia.

§ 18. Acerca da cana de assucar, crece mui bem e em grande quantidade n'esse paiz; todavia nós outros os

Francezes, quando eu lá estava, ainda não tinhamos gente e as couzas necessarias para extrair o assucar (como têem os Portuguezes nos sitios por eles posseados), conforme acima dice no capitulo nono, a propozito das bebidas dos selvagens; por isso somente faziamos infuzão n'agua para a fazer assucarada, ou então quem queria xupava e bebia o suco.

Sobre este assunto observarei uma couza, de que muitas pessoas talvez se admirem. E é, que não obstante ser o assucar, como todos sabem, de natureza extremamente doce, algumas vezes cortavamos as canas, as deixavamos abolorecer, e depois de assim detioradas, as punhamos de molho n'agua por algum tempo; e o caldo azedava por tal modo que servia-nos de vinagre.

§ 19. Em certos lugares dos bosques crecem muitas canaranas e taquaras, tam grossas como a perna de um omem, mas, á similhança da pacovèira, têem o tronco tam mole que de um só golpe de espada podemos facilmente derribar um pé; e quando secam sam tam duras, que os selvagens as lascam em pedaços, e as afeiçoam em fórma de lancetas, ou lingua de serpentes, com que armam e guarnecem as pontas das suas frexas, que, desparadas com violencia, matam qualquer animal silvestre.

E a propozito de canas e canaranas, Calcondilo na sua istoria da guerra dos Turcos refere, que na India oriental existem plantas d'esta especie de tam excessiva grandeza e grossura, que d'elas fazem-se barcas para passagem dos rios, e até diz ele, que carregam bem quarenta moios de trigo, contendo cada moio seis alqueires, segundo a medida dos Gregos.

§ 20. A almecega procede de pequenos arbustos indigenas da terra da America, os quaes com uma infinidade de ervas e flores odoriferas espalham na terra bom e suave aroma.

No lugar, onde estavamos, a saber, debaixo do Capricornio, aparecem grandes trovões, que os selvagens xamam *tupan*, xuvas torrenciaes, e fortes ventanias, todavia não gela, nem neva, nem jamais graniza; por

consequencia as arvores não sam acometidas nem deterioradas pelo frio e por tempestades, como o sam as plantas na Europa; por isso o arvoredo está sempre coberto de verde folhagem, e tambem durante o anno inteiro as florestas permanecem verdejantes, como em França se conserva o loureiro.

§ 21. E já que toco n'este objéto, convem dizer, que quando no mez de Dezembro temos aqui os dias mais curtos, e tranzidos de frio sopramos os dedos e temos o caramelo pendente do nariz, é então que os nossos Americanos têem os seos dias mais longos, e sofrem o maximo calor no seo paiz, como eu e meos companheiros de viagem experimentamos; por isso nos banhavamos no natal para refrescar-nos.

Todavia os dias não sam tam longos, nem tam curtos debaixo dos tropicos, como os temos no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera; e assim não só os abitantes dos tropicos têem dias mais iguaes, como tambem as estações ahi sam incomparavelmente muito mais temperadas, embora o contrario d'isso julgassem os antigos.

Eis o que cabia-me dizer a respeito das arvores da terra do Brazil.

§ 22. Quanto ás plantas e ervas, que agora quero mencionar, começarei por aquelas, cujos frutos e efeitos me parecem mais excelentes.

Primeiramente a planta, que produz o fruto xamado *ananás* pelos selvagens, é de figura similhante á espadana, tendo as folhas um pouco concavas, estriadas nas bordas, assimilhando-se muito com as do aloes.

Crece em touceira como grande cardo, e o fruto, que é do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sae da planta como as nossas alcaxofras, sem pender nem inclinar-se para um ou outro lado.

Quando esses ananazes amadurecem, ficam de côr amarelo-azulada e têem xeiro da frambroeza tam ativo, que ao longe o sentimos, quando percorremos os bosques, onde eles crecem; si os levamos á boca, oferecem sabor tam doce, que não vemos n'este paiz confeitos que os excedam

em doçura: reputo este fruto como o mais primorozo da America.

Com efeito, quando la estive, expremi um ananás, que deo perto de um copo de suco ; e este licor não me pareceo insalubre.

Entretanto as mulheres selvagens nos traziam grandes alcofas, que xamam *panacús*,* xeias de ananazes, de pacovas, de que já falei, e de outras frutas, que aviamos d'elas por um alfinete ou por um espelho.

§ 23. A respeito de plantas oficinaes, que a terra do Brazil produz, uma existe entre outras, que os nossos Tupinambás xamam *petun*. Esta planta aprezenta a fórma da azedeira, pouco mais alta do que esta, e tem folhas mui similhantes e parecidas com as da *consolida maior*.

Esta erva, por cauza da singular virtude a ela atribuida, goza de grande estimação entre os selvagens, e eis aqui como uzam d'ela.

Depois de a colherem, a penduram em pequenas porções, e secam em suas cazas. Feito isto, tomam quatro ou cinco folhas, que envolvem em uma grande folha de palma, dando-lhe o feitio de cartuxo de especiaria; então xegam fogo á ponta mais fina, a acendem e põem a outra ponta na boca para tirar a fumaça, que, não obstante lhes sair pelas ventas e pelos operculos dos labios, todavia os sustenta de tal forma, que passam trez ou quatro dias sem alimentar-se com outra qualquer couza, principalmente si vam á guerra, e si a necessidade obriga-os a essa abstinencia.

Verdade é, que os selvagens tambem uzam do *petun* por outro motivo, qual é o de fazer distilar os umores superfluos do cerebro ; por isso não vereis os nossos Brazilienses sem terem o competente cartuxo de erva pendente ao pescoço. Quando conversam têem por garbo sorver a fumaça; a qual, fexada a boca repentinamente, lhes sae pelas ventas e pelos operculos labiaes, como de um turibulo, conforme já fica dito. O xeiro não é dezagradavel.

Entretanto não vi as mulheres uzarem d'esta erva,

---

* O autor escreve:— *Panacous*. Sam cabazes de palha trançada.

nem sei qual a razão d'isso; direi porém, que experimentei a fumaça do *petun*, e conheci, que ela sacia e mitiga a fome.

§ 24. Atualmente cá na Europa denominam *petun* á *nicotiana* ou á erva da rainha; esta porém é bem diversa d'aquela de que falo; pois estas duas plantas nada têem de comum na forma, nem na essencia, com o *petun*. Afirma o autor da *Maison Rustique* (liv. 2 cap. 79), que a *nicotiana*, cujo nome diz ele proceder do senhor Nicot, que primeiro a mandou de Portugal para França, fôra trazida da Florida, distante mais de 1.000 leguas da terra do Brazil, pois toda a zona torrida fica de permeio entre os dois paizes. Acontece tambem, que por mais indagações, que tenha feito em varios jardins, onde gabavam-se de possuir o *petun*, o não vi até agora em nossa França.

Não pense quem de novo nos prezenteou com o seo *angoumoise*, dizendo ser verdadeiro *petun*, que ignoro o que ele escreveo; e si o original da planta por ele mencionada assimilha-se ao dezenho anexo á sua *Cosmografia*, digo acerca d'esse *petun* o mesmo que acerca da *nicotiana*; e n'este cazo não lhe concedo o que ele pretende, a saber, que foi ele o primeiro portador da semente do *petun* á França, onde julgo, que dificilmente poderia esse vegetal vingar por cauza do frio.

Tambem vi alem-mar uma especie de couve a que os selvagens xamam *cajuá*,* e da qual algumas vezes fazem sôpa. Esta planta tem folhas largas e similhantes ás do nenufar, que vegeta nas lagôas do nosso paiz.

§ 25. Alem da mandioca e do aipim, de que as mulheres dos selvagens fabricam farinha, como dice no capitulo nono, existem outras raizes bulbozas xamadas *etic* †, as quaes crecem em tamanha abundancia na terra do Brazil, como no Limosin e na Saboia crecem os rabanetes: é frequente axarem-se tam grossas como os dois

---

* O autor escreve: — *Caiou-a*.
† O autor escreve: — *Hetich*.

punhos da mão juntos, tendo o comprimento de pé e meio, pouco mais ou menos.

Vendo-as arrancadas fóra da terra, e considerando a similhança d'elas,julgamos ao primeiro lance de vista, que sam todas da mesma especie; existe porém grande diferença; pois cozinhadas umas tornam-se rôxas como certas partinacas do nosso paiz, outras ficam amarelas, como marmelos ,e outras esbranquiçadas; portanto julgo aver trez especies.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que, sendo assadas no borralho, principalmente as que amarelecem, não sam menos saborozas do que as nossas melhores peras.

As folhas alastram pelo xão como a *hedera terrestris*, e sam mui similhantes ás do pepino ou ás dos maiores espinafres, que se encontram por cá, embora não sejam tam verdes; pois emquanto á côr puxa mais para a *vitis alba.*

Como estas plantas não dam semente, as mulheres selvagens,empenhadas em propagal-as,apenas (obra maravilhoza, na agricultura) as cortam em pequenos pedaços, como aqui praticamos com a cenoura para fazer salada, e os semeam pelos campos; e d'este modo no fim de algum tempo obtêem (obra espantoza d'agricultura) tantas raizes de *etic* quantos pedacinhos semearam.

Todavia é o melhor maná d'esta terra do Brazil, e quando percorremos o paiz, quazi não vemos outra couza; creio por isso, que na maior parte rebenta sem trabalho algum do omem.

Os selvagens tambem possuem uma especie de fruta xamada *manobi*. As plantas crecem na terra, como trufas, ligam-se entre si por meio de delgados filamentos; a fruta tem caroço do tamanho da avelan, cujo sabor imita.

E' de côr parda, e a casca não é mais dura do que a vagem da ervilha; dizer agora porem, si tem folhas e pevides, confesso não o ter bem observado, nem me recordo, embora por muitas vezes tivesse comido tal fruta.

§ 26. Existe tambem abundancia de pimentão, de que os nossos comerciantes somente servem-se para a tinturaria; mas os selvagens o pilam e maxucam com sal,

que sabem optimamente fabricar, retendo agua do mar em fossos. A essa mistura xamam *ionquet* e d'ela uzam como nós uzamos do sal em nossas mezas; sem todavia praticar como nós com a carne, peixe ou outras viandas, salgando os pedaços antes de meter na boca, pois eles tomam primeiro o bocado em separado, depois tiram com dois dedos de cada vez uma porção d'esse *ionquet*, e engolem para dar sabor á comida.

Finalmente crece n'esse paiz uma especie de favas grossas como um dedo polegar, as quaes os selvagens xamam *comanda-uassú*, * e vegetam pequenas ervilhas brancas e pardas xamadas *comanda-mirim*.

Crecem tambem limões redondos denominados *morugans* †, mui doces e suaves ao paladar.

§ 27. Eis aqui não tudo quanto se poderia dizer das arvores, ervas, e frutos d'essa terra do Brazil, mas tudo quanto observei durante quazi um ano de minha estadia ali.

Direi em concluzão, que, não existem n'America quadrupedes, aves, peixes, nem outros animaes em tudo e por tudo similhantes aos animaes da Europa, como acima declarei; que tambem não vi arvores, ervas, nem frutas, que não divergissem das nossas, excéto trez ervas, a saber, a beldroega, o mangericão, e o féto, que vivem em diversos lugares, como tudo cuidadozamente observei nas digressões, que fiz pelos bosques e campos d'esse paiz.

Por isso quando a imagem d'esse novo mundo, que Deos me permitio vêr, aprezenta-se ante meos olhos, e contemplo a serenidade do ar, a densidade dos animaes, a variedade das aves, a formozura das arvores e das ervas, a excelencia das frutas, e em geral as riquezas, com que decora-se essa terra do Brazil, imediatamente acode-me á lembrança esta exclamação do profeta contida no salmo 104:

> O' seigneur Dieu, que tes œuvres divers
> Sont merveilleux par le mond univers:
> O' que tu as tout fait par grand sagesse!
> Bref, la terre est pleine de ta largesse.

---

* O autor escreve:— *Commanda-ouassou*.

† O autor escreve:— *Maurougans*.

Felizes pois seriam os povos de tal terra, si conhecessem o autor creador de todas essas couzas; como porém assim não sucede, vou tratar das materias, que nos devem mostrar quam longe d'isso estam.

CAPITULO XIV

Guerra, combates e bravura dos selvagens

§ 1. Os nossos Tupinambás seguem o costume de todos os outros selvagens, que abitam esta quarta parte do mundo, a qual estende-se por mais de 2.000 legoas em latitude, desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos, na direcção do polo antartico, até as terras novas, que jazem quazi 60 gráos aquem do nosso polo artico; por isso sustentam guerra mortal com varias nações d'esse paiz; todavia os seos mais proximos e mais encarniçados inimigos sam os indigenas xamados Maracajás, e os Portuguezes, aos quaes xamam *Peros*, e dam o titulo de aliados dos seos adversarios. Os Maracajás, retribuindo este sentimento, não odeiam somente aos Tupinambás, mas tambem aos Francezes, confederados d'estes ultimos.

Estes barbaros não fazem guerra entre si para conquistar paizes e terras uns dos outros, pois cada um d'eles tem mais terreno do que preciza; ainda menos pretendem os vencedores enriquecer com despojos, resgates e armas dos vencidos; não é nada d'isso, digo eu, que os move.

Eles mesmos confessam não serem impelidos por outro incentivo sinão o de vingar paes e amigos, que no tempo preterito foram prezos e comidos do modo porque diremos no seguinte capitulo; e sam tam encarniçados uns contra os outros, que quem cae em poder do inimigo deve esperar sem remissão alguma ser tratado da mesma fórma, isto é, morto e comido.

§ 2. Declarada a guerra entre quaesquer d'essas nações, alegam todos, que, visto dever o inimigo, paciente da injuria, sentil-a para sempre, é covardia deixar o

prezo escapar, quando está a mercê do vencedor; seos odios sam por tal sorte inveterados, que conservam-se perpetuamente irreconciliaveis.

Podemos por isso dizer, que Machiavel e os seos dicipulos (dos quaes a França por infelicidade sua agora está repleta) sam verdadeiros imitadores de barbaras crueldades. Estes ateos, contra a doutrina cristan, ensinam e praticam, que os novos serviços jàmais devem preterir as antigas injurias, isto é, que os omens, dotados de indole diabolica, não devem perdoar uns aos outros; e assim bem mostram, que seos corações sam mais tredos e malignos do que os dos proprios tigres.

§ 3. Ora, conforme observei, é este o modo, porque os Tupinambás procedem para reunirem-se afim de irem á guerra. Embora não reconheçam reis nem principes entre si, por consequencia sejam quazi tam magnatas uns como outros, todavia ensinou-lhes a natureza a mesma couza praticada entre os Lacedemonios, e é, que os velhos, aos quaes xamam *peorerupixé*, * por cauza da experiencia do passado, devem ser respeitados e obedecidos em cada aldeia, quando se oferece ocazião. Os velhos perambulando, ou sentados em suas camas de algodão suspensas no ar, exortam os companheiros d'esta ou similhante maneira:

Nossos predecessores (dizem eles, falando uns após outros sem interromper-se) não só combateram valentemente, mas tambem subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim onrozos exemplos; e como nós, fracos e cobardes, permanecemos sempre em caza? Será precizo, para vergonha e confuzão nossa, que agora os nossos inimigos tenham o rigorozo dever de vir procurar-nos no nosso lar, quando outr'ora a nossa nação era por tal modo temida e respeitada de todas as outras nações, que de nenhuma sofria rezistencia? Nossa cobardia permitirá aos Maracajás, e aos *Peros-engaipa*, isto é, que estas duas nações aliadas, que nada valem, invistam contra nós?»

Depois o orador, que assim fala, bate com as mãos nos ombros e nas nadegas, e exclama :— *Erima, erima,*

* O autor escrve:—*Peorcreaupicheh.*

Tupinambá, curumim uassú, tan, tan, etc.* Isto é:—Não, não, gentes da minha nação, poderozos e fortissimos mancebos, não é assim, que devemos proceder; antes dispondo-nos para buscar o inimigo, cumpre, que todos nós morramos e sejamos devorados, ou que vinguemos nossos paes. »

Acabada assim a arenga dos velhos (que ás vezes dura mais de seis oras) os ouvintes, que tudo escutam atentos e não perdem uma palavra, sentem-se animados, fazem, como diz o rifão, das tripas coração, e depois de percorrerem pressurozos as aldeias, congregam-se em grande numero em lugar dezignado. Antes poém de marxarem os nossos Tupinambás para a batalha, cumpre saber quaes sam as suas armas.

§ 4. Mencionaremos primeiramente os seos tacapes, isto é, espadas ou clavas feitas umas de madeira vermelha, outras de madeira preta, ordinariamente do comprimento de cinco a seis pés; e quanto a sua fórma, sam redondas ou ovaes na extremidade com largura de quazi dois palmos. Estes tacapes têem a espessura de mais de uma polegada no meio, e sam trabalhados nas bordas com tanta perfeição, que, por serem de madeira dura e pezada como buxo, cortam quazi como maxado; e opino, que dois dos nossos mais destros espadaxins de cá teriam bem dificuldade de aver-se com um dos nossos Tupinambás, si enraivecido empunhasse o tacape.

Em segundo logar indicaremos seos arcos, que xamam *orapás,*† feitos das ditas madeiras pretas, e sam muito mais compridos e mais fortes do que os que cá temos, de tal sorte que um omem dos nossos não os póde brandear, e menos atirar com eles; o que aliás pode fazer um dos rapazes indigenas de nove ou dez annos de idade.

As cordas dos arcos sam feitas de uma planta xamada *tucum* pelos selvagens, as quaes, embora sejam assás delgadas, sam todavia tam fortes que um cavalo com elas poderia puxar qualquer vehiculo.

---

* O autor escreve:— *Erima, erima, Tououpinambaoults, conomi ouasson, tan, tan.*

† O autor escreve:—*Orapats.*

Quanto ás suas frexas, têem estas quazi uma braça de comprimento, e compõem-se de trez peças, a saber: a parte média de caniço e as outras duas de madeira preta, juntas e ligadas com fitas de cascas de arvore tam acertadamente, como não é possivel adaptal-as melhor. Cada uma tem duas penas com um pé de comprimento, as quaes sam perfeitamente ligadas e ageitadas com fio de algodão na falta do uzo da cola.

Na ponta de umas frexas põem ossos ponteagudos, na de outras um pedaço de caniço seco e duro e acerado com a forma delanceta, e algumas vezes encaixam o ferrão da cauda da arraia, que, como alhures já dice, é mui venenozo.

Depois que os Francezes e Portuguezes frequentam esse paiz os selvagens, á imitação d'estes estrangeiros, põem nas frexas uma ponta de prego por não terem arpéo proprio.

§ 5. Já dice como os indigenas manejam déstramente as suas espadas; mas quanto ao arco, aqueles que os viram em exercicio d'essa arma dirão comigo, que sem braçaes, e antes com os braços nús, o envergam e atiram tam dezembaraçados, tam rapidamente, que não desagrada aos Inglezes (considerados aliás optimos frexeiros) verem estes selvicolas, tendo molhos de frexas na mão, com que seguram o arco, despedirem mais depressa uma duzia de setas do que os mesmos Inglezes disparavam seis tiros.

Finalmente têem rodelas feitas do couro seco e da parte mais espessa do dorso de um animal, que xamam *tapirussú* (do qual acima falei), e sam largas, xatas e redondas, como o fundo de um tamboril d'Alemanha.

E' verdade, que, quando brigam, não cobrem-se com elas, como cá os nossos soldados praticam com as suas; mas servem-lhes apenas para no combate amparar os golpes das frexas inimigas.

Em suma sam estas as armas, que os nossos Americanos possuem; não cobrem o corpo com couza alguma. e ao contrario (afóra barretes, braceletes, e curtos vestuarios de penas, com que eu dice, que ornam o corpo) si tivessem vestida uma simples camiza, quando entram em combate, julgariam, que isso os embaraçaria de agir, e se despojariam d'ela.

Para completar o que devo dizer sobre este objéto, acrescentarei, que, si damos aos indigenas espadas afiadas (como dei de mimo uma das minhas a um bom velho), apenas as empolgam, tiram as bainhas, como praticam com os estojos das facas, que lhes dam, tendo mais prazer em vel-as logo reluzir, ou em cortar os ramos das arvores, do que em conserval-as para combater.

Na verdade essas espadas em suas mãos seriam mais perigozas, si eles as manejassem, como eu dice saberem manejar os seos tacapes.

§ 6. Além d'isso temos levado para la porção de arcabuzes de pouco preço para negociar com os selvagens; e vi, que eles sabem servir-se de taes armas tam convenientemente que, estando trez a atirar com uma escopeta, um segurava, outro apontava, e outro punha fogo ; e como carregassem e enxessem o cano até á boca, si tivesse avido a explozão, e lhes não tivessemos dado a polvora com metade de carvão moido, é certo, que com perigo de vida tudo teria arrebentado em suas mãos.

Devo acrecentar, que em principio admiravam-se os selvagens, quando ouviam o son da nossa artilharia e os tiros de arcabuz, que disparavamos ; e quando nos viam derribar uma ave de cima de qualqer arvore, ou algum animal silvestre nos campos, não vendo a bala sair, nem aparecer no trajecto, isto ainda mais os esbabacava ; mas depois que conheceram o artificio, diziam (como aliás é verdade),que com os seos arcos mais depressa despediriam cinco ou seis frexas do que nós carregamos e disparamos um só tiro de arcabuz, e começaram a perder o pavor.

Si dicerem : Isto é certo ; porém o arcabuz faz muito maior estrago — eu respondo a esta objeção, que embora nos revistamos de cabeções de péle de bufalo, saias de malha ou outras armas, ainda as mais rezistentes, os nossos selvagens, fortes e robustos como sam, atiram com tal impeto, que traspassariam o corpo de um omem com um jacto de frexa, como outro qualquer fará com um tiro de arcabuz.

Será mais oportuno expor este assunto, quando adiante falar dos seos combates, e para não confundir as materias vou pôr os nossos Tupinambás em campo e de marxa contra os seos inimigos.

§ 8. Reunem-se eles pois pelo modo porque expuz, em numero de oito ou dez mil omens, aos quaes agregam-se muitas mulheres, não para combater, mas apenas para carregar as camas de algodão (redes de dormir), farinhas, e outros viveres, e depois que os velhos, que, por já terem matado e comido mais inimigos, sam por seos companheiros nomeados xefes e condutores, pôem-se todos a caminho sob a direção dos mesmos xefes.

Na marxa não observam ordem nem categorias; acontece todavia, que, si andam por terra, os mais valentes vam sempre na frente, e marxam todos unidos, sendo couza quazi incrivel ver acomodar-se tamanha multidão de gente sem apozentador, nem alguem, que pelo general ordene pouzo: sem confuzão os vereis sempre prontos para marxar ao primeiro sinal.

Tanto no acto da sahida do seo paiz, como na ocazião da partida de cada lugar, onde param e demoram-se, aparecem sempre varios individuos, que, armados de cornetas, a que xamam *inubia*, da grossura e comprimento de metade de um dardo,mas com quazi pé e meio de largura na extremidade inferior, como um oboé, troam no meio das tropas afim de as advirtir e alvoroçar.

Alguns trazem pifanos e gaitas feitas de ossos dos braços e pernas dos inimigos, que mataram e comeram, e com taes instrumentos não cessam em caminho de tocar, para incitar o bando guerreiro a fazer outro tanto com os adversarios, contra os quaes se dirigem.

§ 9. Si vam por agua (como fazem muitas vezes), beiram sempre a costa, e não penetram muito no mar, mantendo-se nas suas barcas, xamadas *igara*, * feitas de uma só casca de arvore, propozitalmente arrancada de cima abaixo para esse fim ; e todavia sam tam grandes, que 40 ou 50 pessoas podem caber dentro de cada uma d'elas.

Vogam assim todos em pé ao seo modo com um remo xato nas duas pontas, o qual seguram no meio: essas barcas (xatas como sam) não calam n'agua mais do que calaria uma taboa, e sam mui faceis de dirigir e manejar.

---

* O autor escreve:—*Ygat.*

Verdade é, que não poderiam suportar mar alto e agitado, e menos a tormenta; mas quando em tempo calmo os nossos selvagens vam á guerra, vereis algumas vezes mais de 60 canoas formando todas uma frota, as quaes, seguindo proximas umas das outras, correm tam rapidas, que em poucos momentos as perdemos de vista.

Eis pois os exercitos terrestres e navaes dos nossos Tupinambás nos campos e no mar.

§ 10. Ora, assim vam ordinariamente a 25 e 30 legoas de distancia buscar o inimigo, e quando aproximam-se d'este, eis aqui as primeiras astucias e estratagemas de guerra, de que uzam para surpreendel-o.

Os mais abeis e valentes, deixando os companheiros com as mulheres a uma ou duas jornadas atraz de si, aproximam-se cautelozamente para emboscar-se nas florestas, e sam tam afeitos em surpreender seos inimigos, que ficam assim escondidos ás vezes mais de 24 óras.

Si os adversarios saem descuidados, sam todos agarrados, omens, mulheres e meninos ; e levados pelos apreensores em regresso para as suas terras, ahi sam todos os prizioneiros mortos, depois espostejados para o moquem, e finalmente comidos.

Estas surprezas sam tanto mais faceis, quanto além de não serem fexadas as suas aldeias (pois não possuem cidades), as suas cazas não têem portas, sendo aliás as as mesmas cazas pela maior parte do comprimento de 80 a 120 passos, e abertas em varios lugares; pois apenas colocam algumas folhas de palmeira, ou d'essa grande planta xamada *pindá* como anteparo nas suas portas.

Bem verdade é, que em roda de algumas aldeias fronteiras dos inimigos, os mais belicozos infincam troncos de palmeiras com cinco a seis pés de altura, e na entrada dos caminhos tortuozos colocam estrepes agudos á flor da terra, de sorte que si os assaltantes tentam entrar de noite (como costumam fazer), os de dentro da aldeia, conhecedores dos desvios por onde podem passar sem ofensa alguma, saem e rexaçam os agressores de tal modo que, ou estes queiram fugir ou combater, sempre ficam alguns cahidos, porque ferem os pés, e os apreensores os aproveitam nas grelhas.

§ 11. Si porém os inimigos presentem os adversarios, os dois exercitos encontram-se, e ninguem crê quam terrivel e cruel é o combate. Como já fui espectador, posso falar com exatidão.

Eu e outro Francez, arrostando o perigo de sermos agarrados e imediatamente mortos e comidos pelos Maracajás, e excitados pela curiozidade, acompanhamos em certa ocazião os nossos selvagens em numero de quazi 4.000 omens em uma escaramuça, que fizeram na praia do mar, e vimos esses barbaros combater com tal furia que gente alucinada e insana não poderia fazer peior.

Apenas os nossos Tupinambás, na distancia de quazi meio quarto de legoa, avistaram os inimigos, começaram a gritar por tal forma que nem os nossos caçadores de lobos fazem tanto barulho; e comovido o ar com essa gritaria e clamor, ainda quando os ceos trovejassem, não o teriamos ouvido.

A proporção que aproximavam-se, redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantavam os contendores os braços em sinal de ameaça, e mostravam uns aos outros os ossos dos prizioneiros, que tinham comido, e os dentes enfiados em coleiras, que alguns traziam pendentes do pescoço com mais de duas braças de comprimento: orrivel era o conspecto d'essa gente.

§ 12. Ao reunirem-se porém foi ainda peior; pois apenas estiveram a 200 ou 300 passos uns dos outros, saudaram-se com medonhos tiros de frexas, e desde o começo d'essa escaramuça verieis uma infinidade de sétas voar nos ares tam densas como moscas esvoaçando em torvelinho.

Si alguem era ferido, como foram muitos, depois de arrancarem com extrema coragem as setas do corpo, as quebravam, e como cães raivozos mordiam os pedaços; mas nem por isso deixavam todos de voltar ao combate.

Sobre isto convem notar, que esses Americanos sam tam encarniçados em suas guerras, que, emquanto podem mover braços e pernas, combatem constantemente sem recuar nem voltar costas.

Quando travaram peleja, alçavam com ambas as mãos as espadas e clavas de páo, e descarregavam taes golpes, que, si acertavam na cabeça do inimigo, não só

o derribavam, mas o matavam, como entre nós os magarefes abatem os bois.

§ 13. Não declaro, si os combatentes estavam bem ou mal montados, porque suponho, que o leitor se recordará já ter eu dito, que os selvagens não possuem cavalos, nem outras montarias; todos estavam e andam sempre bem a pé e sem lança.

Emquanto estive ali na terra do Brazil, sempre dezejei, que os nossos selvagens vissem cavalos; mas então ainda maior foi o meo dezejo de ter um bucefalo debaixo de minhas pernas.

Acredito, que si eles vissem um dos nossos gendarmes bem montado e armado de pistola em punho, fazendo o cavalo pular e genetear, ao ver sair fogo de um lado e de outro a furia do omen e do cavalo, pensariam logo ser algum *anhanga* *, isto é, o diabo, conforme a sua linguagem.

Todavia a este respeito escreveo alguem couza notavel, e é, que comquanto Atabalipa, grande rei do Perú, submetido em nossos tempos por Francisco Pizarro, nunca tivesse visto cavalos, aconteceo, que o capitão espanhol, que primeiro foi ter com ele, fez por gentileza e para causar admiração aos indios, voltear o seo ginete até xegar perto da pessoa de Atabalipa, o qual permaneceo tranquilo, e embora lhe saltassem no rosto alguns respingos da escuma do freio, não deo demonstrações de medo; mandou porém matar os vassalos, que tinham fugido diante do cavalo: couza (diz o istoriador) que espantou aos seos e maravilhou aos nossos.

§ 14. Volto agora ao meo propozito, e si perguntardes: — O que fizestes tu e o teo companheiro durante esta peleja? Não combatieis com selvagens?

Não disfarçarei couza alguma, e respondo, que, contentes por termos praticado esta grande loucura de arriscar-nos assim entre barbaros, em cuja retaguarda ficavamos, tinhamos sómente o prazer de apreciar as peripecias do cazo.

* O autor escreve—*Aygnan*.

E entretanto direi, que muitas vezes vi regimentos de infantaria e de cavalaria nos paizes europeos, todavia nunca tive tanto contentamento em meo espirito de ver as companhias de infantes com seos elmos dourados e armas reluzentes, quanto prazer senti então ao ver esses selvagens combater.

Pois além da diversão de vel-os saltar, assobiar e manejar com destreza e rapidez para os lados e para a frente, cauzava maravilhozo encanto o espetaculo de tantas frexas com seos grandes frócos de plumas vermelhas, azues, verdes, encarnadas e de outras côres que voavam nos ares por entre os raios do sol, que as faziam reluzir ; sendo igualmente aprazivel ver os roupões, bonés, braceletes e outros adereços feitos d'essas penas naturaes e singelas, de que se revestiam os selvagens.

§ 15. Ora, tendo a peleja durado quazi trez óras, e avendo de uma e outra parte muitos feridos e mortos, os nossos Tupinambás finalmente ficaram vitoriozos, e fizeram mais de trinta prizioneiros Maracajás, entre omens e mulheres, que trouxeram para as suas terras.

Nós, os dois Francezes, não fizemos outra couza (como já dice) sinão ter empunhadas as nossas espadas dezembainhadas e dar alguns tiros de pistola para o ar, afim de encorajar a nossa gente ; todavia não podiamos cauzar maior prazer aos selvagens do que ir á guerra com eles, como tanto dezejavam; por isso os velhos das aldeias, que frequentavamos, cada vez mais nos estimavam.

Os prizioneiros, pois colocados no centro dos aprizionadores e de alguns dos omens mais fortes e robustos, foram, para maior segurança, reunidos e amarrados, e nós voltamos para o nosso rio de Geneure, em cujos arredores abitavam os nossos selvagens.

Nós porém estavamos a doze ou quinze legoas de distancia do dito rio; por tanto não precizareis perguntar, si na passagem pelas aldeias dos nossos aliados vinham estes encontrar-nos : dansando, pulando e batendo palmas nos afagavam e aplaudiam.

Em concluzão quando xegamos em frente da nossa ilha : meo companheiro e eu passamos em uma barca para o fortim, e os selvagens foram cada um para as suas aldeias da terra firme.

§ 16. Entretanto, passados dias, alguns dos nossos Tupinambás, que tinham prizioneiros em caza, vieram vizitar-nos na ilha ; e por mais solicitados e rogados que fossem pelos trugimões para vendel-os, advertindo que os comprariamos, apenas podemos conseguir o resgate de parte d'esses prizioneiros.

Todavia era isso mui contra a vontade dos possuidores, como reconheci pela compra de uma mulher e de um seo filho de idade de perto de dois annos, os quaes custaram quazi trez francos em mercadorias; pois dizia-me o vendedor:— Não sei o que será de óra em diante ; por quanto depois que *Paicolá* (entendendo por este nome Nicoláo de Villegagnon) veio para cá, já não comemos metade dos nossos inimigos.

Pretendia rezervar o rapazinho para mim ; porém Nicoláo de Villegagnon mandou restituir a minha mercadoria, e quiz tudo para si; e sucedeo, que,quando eu dizia á mãe, que no meo regresso para aqui o traria comigo, respondeo ela, que tinha esperança de que o filho,quando crecesse, poderia fugir, e procurar os Maracajás para vingal-os; e assim antes preferia a possibilidade de vel-o comido pelos Tupinambás do que afastal-o para longe de si. Tam arraigado é no coração d'essa gente o sentimento de vingança !

Quazi quatro mezes depois da nossa xegada a esse paiz, como já dice, escolhemos dentre 40 ou 50 escravos, empregados nos trabalhos do nosso fortim, e comprados aos selvagens nossos aliados, dez rapazes, que nos navios em regresso enviamos para a França ao rei Enrique Segundo, então reinante.

CAPITULO XV

Como os Americanos tratam os seos prizioneiros de guerra, e ceremonias observadas na ocazião de matal-os e de comel-os.

§ 1. Resta agora saber como os prizioneiros de guerra sam tratados no paiz inimigo.

Apenas ahi xegam, não somente sam alimentados com as melhores viandas, que se podem encontrar, mas

tambem concedem-se mulheres (e não maridos ás mulheres), e o aprizionador não duvida dar a propria filha ou irman ao prizioneiro em cazamento, conforme este quizer, tratando-o bem e satisfazendo-lhe todas as necessidades.

Não marcam termo prefixo para a vitimação, antes si conhecem serem os omens bons caçadores ou bons pescadores, e as mulheres idoneas para tratar dos jardins (roças) ou apanhar ostras, os conservam por mais ou menos tempo, e depois de os engordarem finalmente os matam e comem, praticadas as seguintes ceremonias.

§ 2. Todas as aldeias circumvizinhas d'aquela em que está o prizioneiro sam avizadas do dia da execução, e logo começam a xegar de todas as partes omens, mulheres e meninos, e consomem toda a manhan em dansar, beber, e *cauinar*.

O mesmo prizioneiro, que não ignora, que a assembléa reune-se por sua cauza, e que ele vai ser morto dentro de poucas óras, depois de enfeitado de penas, longe de aprezentar se pezarozo, ao contrario, saltando e bebendo, mostra-se como um dos mais alegres convivas.

Ora, depois de ter com os demais comido e cantado durante seis ou sete oras, dois ou trez dos mais considerados do bando agarram o prizioneiro e o amarram pela cintura com cordas de algodão, ou cordas feitas de embira de uma arvore xamada *vuire*, similhante á nossa tilia, sem que ele faça rezistencia alguma; deixam-lhe os braços livres, e assim o fazem passear pela aldeia em procissão durante alguns momentos.

§ 3. Pensaes porém, que com isto o prizioneiro ficaria cabisbaixo, como entre nós fariam os criminozos? Tal não faz: pois ao contrario com audacia e incrivel segurança, jacta-se das suas proezas passadas, e diz aos que o seguram amarrado :—Eu mesmo, valente como sou, já amarrei e sufoquei vossos paes. » E exaltando-se cada vez mais com fero aspecto, volta-se para ambos os lados e diz a um :—Comi teo pai, a outro :—Matei e moqueei teos irmãos,—e acrecenta :—Em suma comi tantos omens e mulheres, isto é, filhos de vós outros Tupinambás, que capturei na guerra, cujos nomes não poderei

dizer, e não duvideis, que para vingar a minha morte, os Maracajás da nação, a que pertenço, não comam ainda daqui em diante tantos quantos possam agarrar.

Finalmente depois de ter estado assim exposto ás vistas de todos, os dois selvagens, que o conservam amarrado, afastam-se d'ele, um para a direita e outro para a esquerda, quazi trez braças, segurando cada um em cada ponta da corda, ambas de igual comprimento, e esticam com tal firmeza que o prizioneiro, seguro pela cintura, como dice, fica parado e não póde ir nem vir para um ou outro lado. Então trazem-lhe pedras e cacos de potes ; depois os dois seguradores das cordas, receiozos de serem feridos, cobrem-se com rodelas de couro de tapirussú, de que já falei, e dizem-lhe : —Vinga-te antes de morrer.

Começa o prizioneiro a atirar projetís e investir rijo e forte contra quantos ali estam reunidos ao redor d'ele, algumas vezes em numero de trez ou quatro mil pessoas. Desnecessario é perguntar, si a vitima escolhe individuo contra quem arremete.

§ 4. Com efeito, estando em uma aldeia xamada Sariguá *, vi um prizioneiro, que d'este modo deo tam forte pedrada na perna de uma mulher, que supuz avel-a quebrado.

Ora, consumidas as pedras e tudo quanto ele, abaixando-se, póde apanhar junto de si inclusive torrões, o guerreiro dezignado para dar o golpe, que permanece retirado do concurso do dia, sae então de uma caza com uma grande espada de páo na mão, ricamente decorado com bonitas e excelentes plumas, e tambem com um barrete e outros ornatos no corpo, aproxima-se do prizioneiro, e dirige-lhe ordinariamente estas palavras :— Não és da nação dos Maracajás, que é nossa inimiga ? Não tens morto e comido nossos pais e amigos?

O prizioneiro, mais altaneiro que nunca, responde no seo idioma (pois os Maracajás e os Tupiniquins entendem-se reciprocamente):—*Pa xe tan tan ajuca atupave*†, isto é:—Sim, sou mui valente, e na verdade matei e comi muitos. »

---

* O autor escreve:—*Sarigoy*

† O autor escreve—*Pa che tan tan aiouca atoupave.*

Depois para excitar maior indignação dos inimigos, põe as mãos na cabeça, e exclama :—Oh ! eu não sou fingido : oh ! quam ouzado fui em assaltar e forçar os vossos, a tantos dos quaes matei e comi !

E assim outras similhantes couzas vae dizendo. E por esta cauza o contendor,que lhe fica em frente prestes a matal-o, dirá:—Tu agora estás em nosso poder,e serásjá morto por mim, depois moqueado e comido por todos nós.

E tam rezoluto a morrer por sua nação, como Atilio Regulo foi constante em sofrer a morte por sua republica romana, a vitima responde ainda : — Pois bem, meos parentes me vingarão.

Embora estas nações barbaras assás temam a morte natural, todavia os seos prizioneiros julgam-se felizes de morrer assim publicamente no meio dos seos inimigos, e não mostram o minimo pezar ; para mostrar o que citarei um exemplo.

§ 5. Em certo dia inopinadamente axei-me em uma aldeia da ilha grande xamada Piranijú,* onde estava uma mulher prizioneira prestes a ser morta do modo ja descrito.

Aproximei-me d'ela e para acomodar-me á sua linguagem dice-lhe, que se encomendasse a Tupan, pois Tupan não quer dizer Deos entre os selvicolas, mas sim trovão, e que orasse como,eu lhe ensinasse. Ela em resposta, meneando a cabeça e motejando de mim, dice:— O que me darás para que eu faça o que dizes?

Ao que lhe repliquei :—Pobre coitada, já não precizas de nada n'este mundo, e como crês n'alma imortal (o que todos os selvagens confessam, como no capitulo seguinte direi), pensa no que lhe sucederá depois da tua morte.

Ela porém novamente rio-se e foi morta, sucumbindo pela fórmula do barbaro sacrificio.

§ 6. Continua o coloquio entre varias contestações, falando muitas vezes um e outro; então o campeão, predisposto para praticar a morte, levanta a clava de madeira com ambas as mãos e com a rodela da ponta descarrega tam violenta pancada na cabeça do mizero

* O autor escreve:— *Pirani-iou*.

prizioneiro, que o vi com o primeiro golpe cair redondamente morto, sem mover braço ou perna, como os magarefes abatem os nossos bois.

E' verdade, que, estendidas, as vitimas em terra, as vemos estrebuxar e estremecer por cauza do sangue e dos nervos, que se contraem; mas como quer que seja os executores da operação ordinariamente batem com tal destreza na testa, ou escolhem a nuca com tal precizão que não pricizam repetir o golpe para tirar a vida, sem sair da vitima quazi sangue algum.

E' modo uzual de falar n'esse paiz dizer:—*Quebro-te a cabeça* *, por isso os Francezes constantemente empregavam esta frazeologia dos indigenas americanos em substituição da fraze:—*Arrebento-te* †, de que costumam entre nós uzar os soldados e pessoas rixozas, quando brigam.

§ 7. Ora, apenas o prizioneiro é assim morto, a mulher, si a tem (pois já dice, que a concedem a alguns), coloca-se junto ao cadaver e levanta curto pranto; digo propozitalmente curto pranto, por que essa mulher, imitando o crocodilo, que mata o omem, e xora junto d'ele antes de comel-o, lamenta-se e derrama fingidas lagrimas sobre o marido morto; mas si poder, será a primeira que d'ele comerá.

Feito isto as outras mulheres e principalmente as velhas (as quaes, mais gulozas de carne umana do que as moças, solicitam constantemente os possuidores de prizioneiros para os despaxar brevemente) aprezentam-se com agua quente já pronta, esfregam e escaldam o corpo morto de forma que arrancam-lhe a epiderme e o tornam tam branco como os cozinheiros fazem com os leitões, que preparam para assar.

Depois d'isto o dono do prizioneiro com alguns coadjutores tomam o mizero corpo, o abrem, e o espostejam tam rapidamente, que nenhum carniceiro da nossa terra poderá mais depressa esquartejar um carneiro.

* Je te casseray la tete.
† Je te creveray.

Então (oh ! crueza mais que prodigioza) assim como os nossos caçadores depois de apanharem um veado dão encarne aos cães circunstantes, assim tambem esses barbaros pegam os filhos uns após outros, e com o sangue do inimigo lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas, afim de os estimular e tornar mais encarniçados.

§ 8. Depois que os cristãos frequentam esse paiz, os selvagens cortam e retalham o corpo dos prizioneiros e dos animaes e outras viandas com facas e ferramentas, que lhes dam os estrangeiros. Antoriormente porém não tinham outro meio de o fazer sinão com pedras aguçadas, que preparavam para esse uzo, conforme ouvi os velhos dizerem.

Ora, todas as peças do corpo e as mesmas tripas, depois de bem lavadas, sam imediatamente postas no moquen, junto aos quaes, emquanto tudo se assa ao seo modo, as mulheres velhas (as quaes, apetecem gulozamente a carne umana como já dice) estam todas reunidas para recolher a gordura, que escorre pelas varas d'essas grandes e altas grelhas de madeira, e exortam os omens a proceder de modo que elas tenham sempre taes viandas, lambem os dedos e dizem: — *Iguatú*, isto é, está muito bom.

Eis pois como os selvagens Americanos cozinham a carne dos seos prizioneiros de guerra, aliás *moqueam*, que é um modo de assar por nós desconhecido. Isto eu testimunhei.

Como já no capitulo decimo dos animaes, falando assás longamente do tapirussú, expliquei a fórma do *moquem*, peço aos leitores, que, afim de obviar repetições, recorram a esse capitulo para formar melhor idéa da couza.

§ 9. Entretanto aqui refutarei o erro d'aqueles que, como podemos vêr em suas cartas universaes, não só nos reprezentaram e pintaram os selvagens da terra do Brazil, que sam os de que agora falo, assando a carne umana em espetos, como fazemos com as postas de carneiros e outras viandas, mas tambem fingiram, que com grandes cutelos as cortavam em bancos, as penduravam, e expunham os pedaços á amostra, como os carniceiros aqui fazem com a carne dos bois.

Estas couzas não sam mais verdadeiras do que os contos de Rabelais a respeito de Panurgio, que escapulio do espeto, lardeado e semi-cozido; portanto facil é julgar, que os escritores de taes cartas sam pessoas ignorantes, que nunca tiveram conhecimento das couzas, que noticiam.

Em confirmação do que acrecentarei, que o modo porque os Brazilienses cozinham a carne dos seos prizioneiros, ao menos emquanto estive entre eles, é como fica esposto; e por tal sorte ignoravam o nosso modo de assar, que em certo dia, em que alguns meos companheiros e eu n'uma aldeia faziamos em um espeto de páo voltear uma galinha da India e outras aves, eles riam-se e zombavam de nós, não querendo crer que, assim movidas constantemente, pudessem as mesmas aves ficar assadas, e só acreditaram, quando a experiencia lhes mostrou o contrario.

§ 10. Voltando ao meo assunto direi, que quando a carne de um prizioneiro ou de muitos (pois ás vezes em só um dia matam dois e trez) está assim cozida, todos os assistentes ao funesto sacrificio reunem-se de novo ao redor dos moquens, nos quaes, com olhaduras e esgarres ferocissimos, contemplam as postas de carne e membros dos inimigos: por maior que seja o numero dos assistentes, cada qual, antes de sair dali, terá o seo pedaço, si é possivel.

Entretanto não fazem isso, como aliás poderiamos julgar, por consideração ao alimento; pois embora confessem todos ser essa carne umana maravilhozamente bôa e delicada, acontece todavia, que a sua principal intenção, perseguindo e roendo assim os mortos até os ossos, é cauzarem temor e espanto aos vivos; move-os a vingança e não a gula (salvo o que especialmente dice das mulheres velhas, que sam apaixonadas da carne umana). Com efeito, para satisfazer essa coragem ferina, devoram tudo quanto axam no corpo dos prizioneiros, desde a ponta dos dedos dos pés até o nariz e o cocuruto da cabeça, excéto os miolos, em que não tocam.

§ 11. Os nossos Tupinambás conservam as caveiras em tulhas nas aldeias, como por cá vemos os restos mortaes dos finados nos cemiterios. A primeira couza que fazem, quando os Francezes os vam vèr e vizitar, é contar-lhes

as suas valentias, e mostrar-lhes como troféos essas caveiras assim descarnadas, dizendo que o mesmo farão a todos os seos inimigos.

Mui cuidadozamente guardam quer os ossos mais grossos das coxas e dos braços para fazer pifanos e flautas (como dice no precedente capitulo), e tambem os dentes, que arrancam e enfiam á maneira de padre-nosso, e os trazem enrolados ao pescoço.

O autor da *Istoria da India*, falando dos abitantes da ilha de Zamba, diz, que estes selvagens pregam nas portas de suas cazas as cabeças das vitimas, que mataram e sacrificaram, e por mais bazofia trazem tambem os dentes pendurados no pescoço.

§ 12. Quanto ao executor ou executores de taes omicidios, reputam o acto por gloria e grande onra; e logo no dia em que praticam a façanha, retirados e sós, fazem nos peitos, braços, coxas, barriga das pernas e outras partes do corpo incizões sangrentas; e para que estas perdurem toda a vida, esfregam os gilvazes com certa mistura de pó negro, que jámais se extingue: de sorte que tanto mais retalhados sam, quanto mais se conhece terem morto muitos prizioneiros; consequentemente sam pelos outros considerados valentes.

Para vos dar melhor idéa da couza, de novo aqui dezenhei a figura de um selvagem assim retalhado, junto ao qual está outro selvagem atirando com arco.

Si no fim de tam singular tragedia acontece ficarem gravidas as mulheres concedidas aos prizioneiros, os selvagens matadores dos paes, alegando que taes filhos procedem de semente dos seos inimigos (couza orrivel de ouvir e ainda mais de vêr), os comem apenas nacidos, ou si assim lhes apraz, os deixam ficar taludos para então comel-os.

§ 13 Estes barbaros não limitam o seo extremo deleite em exterminar, quanto assim lhes é possivel, a raça d'aqueles contra quem mantiveram guerra (pois os Maracajás dam igual tratamento aos Tupinambás, quando os apanham); eles tambem exultam de prazer, vendo os estrangeiros, seos aliados, praticar a mesma couza.

De sorte que quando os selvagens nos aprezentavam essa carne umana dos seos prizioneiros para comermos, si recuzavamos, como eu e muitos outros dos nossos sempre faziamos, não esquecidos, graças a Deos, da nossa fé, parecia-lhes por isso, que não lhes eramos bastante leaes.

Por isso com grande pezar meo, sou forçado a recordar aqui,que alguns trugimões da Normandia,que tinham estado n'esse paiz por oito ou nove annos, acomodando-se aos uzos bestiaes, passam vida de ateos,e não só poluiam-se com toda a sorte de impudicicias e obscenidades com as mulheres e raparigas, mas tambem excediam os selvagens em dezumanidade, e jactavam-se de aver morto e comido prizioneiros, conforme ouvi dizer.

No meo tempo um rapazote de quazi treze annos de idade * já poluia-se com mulheres.

§ 14 Continuo a descrever a maldade dos Tupinambás para com os inimigos. Durante a nossa estadia ali aconteceo lembrarem-se taes barbaros, que na grande ilha, de que já falei, existia uma aldeia abitada por Maracajás, seos inimigos, que aliás tinham se rendido,quando começou a guerra, a saber, averia quazi vinte annos ; embora, digo, desde esse tempo os tivessem sempre deixado viver em paz no meio d'eles, todavia em certa ocazião, em que bebiam *cauim*, entre reciprocas excitações, rezolveram saquear tudo, alegando ser essa gente decendente de inimigos mortaes, como acabei de dizer.

Em uma noite pondo em pratica a sua rezolução, apanharam a pobre gente desprevenida, e fizeram tal carnificina e tal estrago, que cauzava profunda lastima ouvir as vitimas clamar.

Muitos dentre os nossos Francezes, advertidos quazi á meia noite, partiram bem armados, e dirigiram-se em uma barca com grande pressa para a sobredita aldeia, que distava quatro ou cinco legoas do nosso fortim.

§ 15. Antes porém de xegarem ali os auxiliantes, os selvagens, enraivecidos e encarniçados, já tinham feito a preza,e lançado fogo ás cazas para obrigar a sair d'elas as pessoas, muitas das quaes mataram, e ja poucas restavam.

---

* No original está :—*Un garçon aagé d'environ trois ans.*

Ouvi alguns dos nossos afirmar, em seo regresso, que não só tinham visto espostejados e carbonizados nos moquens omens e mulheres, mas tambem meninos de mama assados inteiros.

Alguns individuos corajozos, que tinham se lançado ao mar com o favor das trevas da noite, salvaram-se a nado, e vieram-se nos aprezentar na nossa ilha ; do que certificados os nossos selvagens alguns dias depois, mostravam-se descontentes, e murmuravam contra nós por conservarmos em nosso poder esses infelizes.

Todavia depois de aplacados com donativo de mercadorias, parte por força, parte por vontade, os deixaram como escravos em nosso poder.

§ 16. Em outra ocazião, quatro ou cinco Francezes e eu estavamos em uma aldeia da mesma ilha grande, xamada *Piranijú*. Estava ahi um prizioneiro, mancebo formozo e robusto, metido em ferros adquiridos pelos selvagens por negocio com os cristãos ; aproximou-se de nós o prizioneiro, e dice-nos em linguagem portugueza (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o entenderam bem), que tinha estado em Portugal, era cristão, tinha sido batizado, e xamava-se Antonio.

Embora o mancebo fosse Maracajá de nação, tinha todavia com a sua estada em outro paiz perdido o barbarismo ; por isso deo a entender, que dezejava libertar-se das mãos dos seos inimigos.

Era dever nosso salval-o de tal situação, si podessemos, tanto mais quanto nos moviam á compaixão a qualidade de cristão e o nome de Antonio ; por isso um companheiro nosso, que entendia o espanhol, e era serralheiro de profissão, dice-lhe, que na seguinte manhan lhe traria uma lima para limar os ferros ; e portanto que apenas ficasse livre, e sem estorvo algum, emquanto com conversas entretivemos os seos algozes, se escondesse na praia do mar em certas moitas que indicamos, onde, no nosso regresso, o iriamos buscar para leval-o na nossa barca, e tambem lhe dicemos, que combinariamos com os seos dententores, afim de poder conserval-o no nosso fortim.

§ 17. O pobre omem satisfeitissimo com o meio inculcado, e agradecendo o esperado favor, prometeo fazer tudo quanto lhe tinhamos aconselhado. A turba dos selvagens porém, embora não tivesse entendido o nosso coloquio, desconfiou todavia, que nós queriamos arrancar de suas mãos o prizioneiro; e apenas sahimos da aldeia, xamaram com toda a pressa unicamente os vizinhos mais proximos para espectadores da morte dos seos prizioneiros, e imediatamente a victima foi sacrificada.

D'este modo quando no dia seguinte, sob pretesto de irmos buscar farinha e outros viveres, voltamos á aldeia, levando a lima, e perguntamos aos selvagens pelo lugar, onde estava o prizioneiro, que no dia anterior tinhamos visto, levaram-nos a uma caza, onde vimos os pedaços do corpo do podre Antonio postos no *moquem*; e porque conhecessem, que nos tinham enganado, mostrando-nos a cabeça, deram grandes gargalhadas.

§ 18. Em certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois Portuguezes em um pequeno cazebre de barro, onde estes viviam nos bosques, perto da sua fortaleza denominada Morpion. Os agredidos defenderam-se valentemente desde a manhan até a tarde, e depois de esgotadas as munições de arcabuz e as setas das béstas, sahiram ambos de espada na mão, com que fizeram tal estrago nos assaltantes, que muitos foram mortos e outros feridos; comtudo os selvagens, cada vez mais obstinados na intenção de antes ficarem todos espedaçados do que retirarem-se vencidos, tanto insistiram que por fim agarraram e conduziram prizioneiros os dois Portuguezes, de cujos despojos um selvagem vendeo-me algumas vestimentas de couro, assim como tambem um dos nossos trugimões obteve uma salva de prata, que os mesmos selvagens tinham roubado com outras couzas da caza, que fora forçada; e por ignorarem o valor de tal objéto, este apenas custou duas facas ao comprador.

Regressando para as suas aldeias, os selvagens, arrancadas as barbas dos dois Portuguezes por ignominia, depois os mataram cruelmente; e como esses pobres omens assim flagelados e percutidos pela dôr queixavam-se, os barbaros vencedores, zombando das

vitimas, diziam:—Como pois sucede, que vos tenhaes tam valentemente defendido e agora, quando deveis morrer com onra, mostraes não terdes mais coragem do que as mulheres ?

E d'esta maneira foram mortos e comidos ao modo selvatico.

§ 19. Poderia ainda aduzir outros iguaes exemplos a respeito da crueldade dos selvagens para com os seos inimigos, si me não parecesse, que quanto tenho dito basta para cauzar orror, e arripiar aos leitores os cabelos da cabeça. Todavia quantos lerem tam orriveis couzas, diariamente praticadas entre as nações barbaras da terra do Brazil, reflitam tambem no que se faz por cá entre nós; pois si em bôa e san consiencia considerarmos a materia, diremos, que sam mais crueis do que os selvagens, de que falo, os nossos grandes uzurarios, que, sugando o sangue e o tutano, conseguintemente comem vivos viuvas, orfãos e outras pessoas mizeraveis, a quem melhor seria cortar a garganta de um só golpe do que esgotal-as lentamente.

Eis aqui porque dice o profeta, que taes individuos esfolam a pele, comem a carne, quebram e espedaçam os ossos do povo de Deos, como si os aferventassem na caldeira.

§ 20. Ainda mais : si quizermos xegar á ação real de mastigar e comer (no sentido proprio da palavra) a carne umana, não axamos nas nossas regiões de cá, e até entre os mesmos condecorados com o titulo de cristãos, quer na Italia, quer alhures, alguns que, não contentes de trucidar cruelmente os seos inimigos, só saciaram a sua colera, devorando-lhes o figado e o coração?

Refiro-me á istoria. E sem ir mais longe, o que vêmos em França (sou Francez e peza-me dizel-o) durante a sanguinoza tragedia, que começou em Pariz a 24 de Agosto de 1572?

Não acuzo aos que não foram cauza; mas entre outros actos de orrenda recordação, perpetrados então por todo o reino, não é sabido, que foi publicamente vendida ao maior lançador a gordura dos corpos umanos, que de modo mais barbaro e mais cruel do que o dos selvagens foram trucidados em Lião, depois de tirados do rio Saona?

O figado, coração e outras partes do corpo de alguns individuos foram comidos pelos furiozos assassinos, de que se orrorizam os infernos.

Depois de mizerandamente morto um fulano Coração de Rei (*Cœur de Roi*), confessor da religião reformada na cidade de Auxerre, os perpetradores d'este assassinato não lhe cortaram o coração em pedaços, não os expozeram á venda a creaturas odientas, e finalmente não os comeram assados em grelhas para saciar a raiva, como mastins?

§ 21. Existem ainda vivas milhares de pessoas, que testimunharam essas couzas dantes nunca ouvidas entre quaesquer povos ; e os livros já impressos as atestaram á posteridade.

Depois d'esta execravel carniceria do povo francez, reconhecendo alguem, cujo nome protesto ignorar, que a maldade excedia a todas quantas eram sabidas, para as expressar, compoz os seguintes versos :

Riez Pharaon,
Achab, Neron,
Herodes aussi :
Votre barbarie
Est ensevelie
Par ce faict icy.

De ora em diante pois não abominemos tanto a crueza dos selvagens antropofagos, isto é, comedores de omens ; por quanto existem individuos taes ou antes mais detestaveis e peiores no meio de nós do que aqueles que só investem contra nações suas inimigas, como vimos, quando estas aliás mergulham-se no sangue dos seos parentes, vizinhos e compatriotas ; e nem é precizo ir fóra do nosso paiz, ou xegarmos á America para vêr couzas tam monstruozas e extraordinarias.

CAPITULO XVI

O que podemos xamar religião entre os selvagens Americanos ; erros em que os mantêem certos trapaceiros, que entre eles vivem, xamados carahibas ; grande ignorancia de Deos, em que andam mergulhados.

§ 1. Embora a sentença de Cicero, a saber, que não existe povo tam bruto, nem nação tam barbara e selvagem, que não tenha idéa da existencia de alguma divindade, seja aceita e recebida por todos como maxima indubitavel, todavia quando atentamente considero nos nossos Tupinambás da America, vejo-me aigo embaraçado na aplicação d'essa maxima a similhante gente.

Pois além de não terem conhecimento algum do unico e verdadeiro Deos, sam taes,que não confessam, nem adoram deozes celestiaes nem terrestres, nada obstante o costume de todos os antigos pagões, que tiveram a pluralidade de deozes, e a despeito da opinião dos idólatras de oje, incluzive os indios do Perú, terra firme e distante quazi 500 legoas, sacrificadores ao sol e á lua.

Não têem ritual, nem lugar determinado de reunião para praticar qualquer serviço ordinario, por isso não oram em fórma religioza em publico ou em particular por couza alguma.

Ignorantes da creação do mundo, não distinguem os dias por denominações, nem fazem diferença entre uns e outros, bem como não contam semanas, mezes,nem annos; apenas calculam e assinalam o tempo por luas.

§ 2. Quanto á escritura, quer santa quer profana, não só desconhecem o que ela seja, mas não possuem caracteres para significar couza alguma ; o que ainda maior importancia tem.

Quando xeguei ao seo paiz, e comecei a aprender a sua linguagem, escrevia algumas sentenças, e depois as lia em prezença d'eles. Julgavam ser isso feitiçaria, e diziam uns aos outros: —Não é maravilha, que quem ontem não sabia dizer uma só palavra em nosso idioma, seja agora entendido por nós, em virtude d'esse papel,que tem, e o faz falar assim?

Esta opinião é a mesma dos selvagens da ilha Espaniola, que foram os primeiros a emitil-a ; pois o autor da istoria d'estes insulares diz, que os indios, conhecendo que os Espanhoes, sem se verem nem falarem, e apenas mandando cartas de um a outro lugar, entendiam-se, acreditavam ou que os Espanhóes tinham o don da proficia, ou que as missivas falavam, e acrecenta o mesmo autor:—De maneira que os selvagens, temerozos de serem descobertos e surpreendidos em qualquer falta, continham-se no dever, e não ouzavam mais mentir nem furtar aos Espanhoes.

Portanto digo, que, para quem quizesse aqui amplificar esta materia, aprezenta-se bonito assunto, tanto para louvar e exaltar a arte da escritura, como para mostrar quanto as nações, que abitam essas trez partes do mundo, Europa, Azia e Africa, devem louvar a Deos pela superioridade sobre os selvagens d'esta quarta parte xamada America; pois quando estes não podem comunicar couza alguma sinão por via da palavra, nós ao contrario temos a vantagem de não mover-nos de um logar, e podermos por meio da escritura e das letras, que enviamos, declarar os nossos segredos a quantas pessoas nos apraz, embora estejam estas mesmas pessoas nas extremidades do mundo.

Assim além das siencias que aprendemos nos livros, que os selvagens certamente não possuem, acontece ainda, que a invenção da escritura, que nós temos, e de que eles estam inteiramente privados, deve ser posta na ordem dos singulares dons, que os omens de cá receberam de Deos.

§ 3. Para voltar agora aos nossos Tupinambás, proseguirei dizendo, que, quando conversavamos com taes selvagens, e vinha a couza a propozito, lhe diziamos, que acreditavamos em um só Deos soberano, creador do mundo, o qual fez o céo e a terra com todas as couzas n'ele contidas, governa e tambem dispõe de tudo como lhe apraz.

Quando nos ouviam recordar esse artigo, olhavam uns para os outros, empregando esta intergeição de espanto:—*Teh*! que lhes é abitual, e significava a sua admiração.

Quando ouvem o trovão, a que xamam *Tupan* *, ficam muito assustados, como adiante mais extensamente direi, e por isso de acordo com a sua rudeza aproveitamos a ocazião para dizer-lhes, que era Deos, de que lhe falavamos, quem assim fazia tremer o ceo e a terra para mostrar a sua grandeza e poder.

A sua pronta resposta a isto era, que, si ele assim os intimidava, então não valia nada.

Eis aqui o deploravel estado, em que vive essa mizera gente.

Como então (dirá alguem) pode suceder, que esses Americanos vivam quaes brutos animaes, sem religião alguma?

Certamente pouco diferem do bruto, como já dice, e penso, que na terra não existe nação alguma, que mais afastada viva de qualquer idéa religioza.

Entrando em materia, começo por declarar, que reconheci, que alguma luz ainda lhes restava, no meio das espessas trevas da ignorancia, em que se conservam, e digo antes de tudo, que não so crêem na imortalidade da alma, mas tambem firmemente acreditam, que, depois da morte dos corpos, as almas que viveram virtuozamente, isto é, na conformidade das idéas barbaras, que vingaram-se bem, e comeram muitos inimigos, vam para além de altas montanhas, onde dansam em formozos jardins com as almas dos seos avós (sam os campos Elizeos dos poetas); ao contrario as almas dos cobardes, e das pessoas somenas, que não se importaram da defensão da patria, vam com Anhanga †, nome dado ao diabo na sua linguagem, pelo qual, dizem, sam constantemente atormentadas.

§ 4. A este respeito cumpre notar, que essa pobre gente, durante a vida, é afligida por esse espirito maligno, a que tambem xamam *kaegerre*, e quando nos falavam, como muitas vezes prezenciei, sentindo-se atormentados e clamando subitamente como enraivados, diziam: — Ah! defendei-nos de *Anhanga*, que nos espanca. » E diziam, que realmente o viam, ora em forma de quadrupede, ora de ave, ora de qualquer outra estranha figura.

---

* O autor escreve: — *Toupan*.
† O autor escreve: — *Aygnan*.

Admiravam-se muito, quando lhes diziamos, que não eramos assaltados pelo espirito máo, e que essa izenção vinha do Deos, de quem tanto lhes falavamos, o qual, por ser sem comparação muito mais forte do que *Anhanga*, prohibia, que este nos molestasse e nos fizesse mal; por isso acontecia algumas vezes, que eles, sentindo-se vexados, prometiam crer na divindade como nós, mas conforme o proverbio, que diz, que passado o perigo, zomba-se do santo, apenas viam-se livres, não recordavam-se mais das promessas.

Entretanto para mostrar, que o alegado sofrimento não é brinco infantil, como se diz, eu muitas vezes os vi por tal modo apreensivos d'essa furia infernal, que quando se recordavam do que já tinham padecido, batendo com as mãos nas coxas e em estado de verdadeira aflição, com suores na fronte, queixando-se a mim ou a qualquer outra pessoa da nossa comitiva, diziam:—*Mair atu-assap, acequeiei anhanga atupané* *, isto é, Francez, meo amigo, (ou meo perfeito aliado) temo o diabo (ou o espirito maligno) mais do que tudo.

Si porventura aquele a quem se dirigiam lhes dizia:—*Nacequeiei Anhanga*, isto é, eu não o temo, eles deplorando a sua condição respondiam:—Ah! quão felizes seriamos, si fôssemos prezervados do mal como vós. » Ao que replicavamos:—E' precizo confiar como nós n'aquele que é mais forte e mais poderozo do que o diabo.

Mas embora algumas vezes, vendo o mal proximo ou já realizado, protestassem crêr, tudo isso depois se lhes varria da lembrança, como já dice.

§ 5. Ora, antes de passar adiante, acrecentarei em referencia ao assunto da crença dos nossos Brazilienses americanos sobre a alma imortal, que o istoriador das Indias ocidentaes diz, que os selvagens da cidade de Cusco, capital do Perú, e os das circumvizinhanças professam igualmente a imortalidade da alma, e o que mais é, creem na resurreição dos corpos, não obstante a maxima sempre aceita geralmente pelos teologos, a saber, que todos os filozofos pagãos, e outros gentios barbaros tinham ignorado e negado a resurreição da carne. E eis o exemplo por ele citado.

---

* O autor escreve:—*Mair atou-assap, acequeiey aygnan atoupané.*

Os indios (diz ele) vendo que os Espanhoes, quando abriam os sepulcros para apossar-se do ouro e das riquezas ali existentes, atiravam para aqui e para ali os ossos dos mortos, pediam que os não espalhassem assim, afim de que isto os não impedisse de resuscitar; pois (acrecenta, falando dos selvagens d'esse paiz) crêem na resurreição dos corpos e na imortalidade da alma.

Outro autor profano tambem afirma, que em tempos idos certa nação pagan acreditava n'este artigo, e exprime-se d'este modo:—Depois que Julio Cezar venceo Ariovisto e os Germanos, que eram omens extraordinariamente grandes e mui valorozos, eles investiam intrepidamente, e não temiam a morte, esperando resucitar.

Isto quiz eu expressamente narrar aqui, afim de que entendam todos, que, si os mais endiabrados atêos, de que a nossa terra agora está coberta, têem de comum com os Tupinambás o quererem fazer crer, aliás de modo mais estranho e bestial do que os selvagens, que não existe Deos; ao menos estes lhes ensinam, que existem diabos para atormentar, ainda cá n'este mundo, aos que negam Deos e o seo poder.

§ 6. Si replicarem, que não existem outros diabos além dos máos afectos dos omens, como alguns pretenderam sustentar, e que portanto é loucura persuadirem-se os selvagens de couzas fantasticas, eu responderei, que, si atendermos ao que já dice, e é mui verdade, a saber, que os Americanos sam real e vizivelmente atormentados pelos espiritos malignos, facil será julgar com quanto dezacerto é isto atribuido ás paixões umanas; pois por mais violentas que estas sejam, como afligiriam os omens d'este modo?

Deixo de falar da experiencia, que temos por cá d'essas couzas; e si não fosse lançar perolas aos porcos, que agora repilo, poderia alegar o que dice o Evangelho de tantos endemoniados, que foram curados pelo filho de Deos.

Demais como esses atêos negam todos os principios, e sam por isso indignos de se lhes alegar o que as Escrituras santas tam magnificamente dizem da imortalidade da alma, eu ainda lhes anteporei os nossos pobres Brazilienses, os quaes na sua cegueira ensinam, que no omem não só existe

um espirito, que não morre com o corpo, mas tambem que, separado d'este, fica sugeito á felicidade ou infelicidade perpetua.

E quanto ao terceiro ponto relativo a resurreição da carne, bem que esses cães se capacitem, que, quando o corpo morre, jamais se levanta, eu lhes oponho os indios do Perú; os quaes no meio da sua falsa religião, sem terem aliás outro criterio, além do senso natural para desmentir estes entes execrandos, erguer-se-ão como juizes contra eles.

E porque, como já dice, sam peiores do que o prios diabos, os quaes, conforme diz Santo Iago, crêem na existencia de um Deos, e o temem, faço-lhes ainda mui grande onra em dar-lhes esses barbaros por doutores. Sem falar mais por ora de tam abominaveis creaturas, eu as envio diretamente ao inferno, onde colherão o fruto dos seos monstruozos erros.

§ 7. Assim para voltar ao meo objéto principal, que é proseguir no que podemos xamar religião entre os selvagens da America, digo antes de tudo, que, si bem examinarmos o assunto, veremos, que, em vez de ficarem tranquilos os selvicolas, quando ouvem o trovão, sam por irrezistivel potencia constrangidos a tremer; e daqui poderemos coligir, que não só verifica-se n'eles a sentença de Cicero, por mim já citada, afirmando não existir povo algum falto da noção da existencia da divindade, mas tambem que o temor d'aquele a quem não querem conhecer os torna completamente inescuzaveis.

Quando o apostolo dice, que Deos, permitindo outr'ora aos gentios diversas vias, beneficiando entretanto a todos com a xuva do céo, e dando fertilizadoras estações, nunca ficára sem testimunho, isto assás demonstra, que, si os omens não conhecem o seo creador, procede o fato da sua propria malicia.

E para mais os convencer diz em outro lugar, que aquilo que é invizivel em Deos, vê-se na creação do mundo.

Embora os nossos Americanos o não confessem de boca, sucede todavia estarem por si mesmos convencidos da existencia de alguma divindade; por tanto concluo,

que não serão escuzados do pecado, quando não podem alegar ignorancia.

Além do que já dice acerca da imortalidade da alma, em que acreditam, do trovão, com que se aterram, e dos diabos e espiritos malignos, que os espancam e atormentam (que sam os trez pontos, que cumpre antes de tudo notar) mostrarei ainda em quarto lugar como esta semente de religião (si todavia as praticas dos selvagens merecem este titulo) brota e não póde extinguir-se n'eles, não obstante as obscuras trevas em que vivem submersos.

§ 8. Proseguindo n'esta materia cumpre saber, que os selvagens admitem certos falsos profetas xamados *carahibas*, os quaes, andam de aldeia em aldeia, como os tiradores de ladainha no papado, e fazem crer, que comunicam-se com os espiritos, e que por esse meio não só podem dar força a quem lhes apraz, como vencer e suplantar os inimigos, quando vam á guerra ; igualmente persuadem terem a virtude de fazer crecer e engrossar as raizes e os frutos, que a terra do Brazil produz, como alhures já dice.

Ouvi trugimões da Normandia por muito tempo rezidentes n'esse paiz dizerem, que os nossos Tupinambás costumam reunir-se com grande solenidade de trez em trez ou de quatro em quatro annos, e como axei-me em uma d'essas reuniões, sem o pensar, como vereis, eis o que com verdade posso dizer.

Em ocazião em que eu e outro Francez xamado Tiago Roussau, com um trugimão, percorriamos esse paiz, dormimos em certa noite n'uma aldeia xamada Cotina, e quando pela madrugada seguiamos caminho, vimos os selvagens dos sitios vizinhos xegarem de todas as partes, com os quaes os moradores d'esta aldeia, saindo de suas cazas, ajuntaram-se e foram imediatamente para uma grande praça reunidos em numero de 500 ou 600.

Paramos então, e voltamos para saber com que fim reunia-se esta assembléa, quando vimos os selvicolas de subito separarem-se em trez bandos, a saber, todos os omens ficaram em uma caza, as mulheres em outra, e os meninos em outra.

E como vi dez ou dôze dos taes senhores *carahibas*, que estavam entre os omens, suspeitei, que fariam alguma couza extraordinaria, e pedi instantemente aos meos companheiros para demorar-nos ali a fim de vermos esse misterio; no que consentiram.

§ 9. Os *carahibas*, antes de separarem-se das mulheres e meninos, prohibiram-lhes severamente, que não saissem das cazas, para onde iam, devendo de lá escutar atentamente, quando os ouvissem cantar, e tambem ordenaram, que nos conservassemos encerrados no apozento, em que estavam as mulheres.

Quando almoçavamos, sem sabermos ainda o que pretendiam os selvagens fazer, começamos a ouvir na caza, onde estavam os omens (a qual não distava talvez trinta passos d'aquela em que estavamos) um surdo murmurio, como recitação de rezas devotas; o que ouvido pelas mulheres, que eram em numero de quazi 200, puzeram-se todas de pé, e atentas ajuntaram-se em um só feixe.

Depois os omens pouco a pouco levantaram a voz, e mui distintamente os ouvimos cantar todos reunidos, e repetir esta intergeição de encorajamento:—*Hê, hê, hê, hê.* Ficamos espantados, quando as mulheres, respondendo do seo lado com voz tremula, e repetindo esta mesma intergeição:—*Hê, hê, hê, hê,* começaram a gritar por espaço de mais de um quarto d'ora, de tal modo que não sabiamos o que fizessemos.

Elas assim urravam, saltavam com grande violencia, agitavam as mamas e escumavam pela boca, e algumas cahiam desmaiadas como os pacientes da gota coral; por isso não posso deixar de crer, que o diabo lhes entrasse no corpo, e elas de repente se tornassem possessas.

Tambem viamos os meninos agitados e torturados da mesma fórma no apozento, em que estavam separados, e que ficava mui perto de nós; e embora por mais de seis mezes já eu frequentasse os selvagens, e já estivesse um tanto acostumado no meio d'eles, direi sem desfarçar couza alguma, que tive medo, e ignorando o exito do estranho cazo, dezejei antes axar-me no nosso fortim.

§ 10. Cessando o ruido e urros confuzos, os omens fizeram pequena pauza, e ficando então as mulheres e meninos todos calados e quietos, os ouvimos de novo cantar, resoando vozes com tão maravilhoza armonia, que, já acalmado do susto e ouvindo sons doces e graciozos, não me devem perguntar, si dezejei ver tudo de perto.

Quando porém quiz sair para aproximar-me, não só as mulheres me obstaram, mas tambem o nosso trugimão dice, que vivia n'esse paiz por seis ou sete annos, e nunca se atrevera a estar no meio dos selvagens por ocazião d'estas festas; acrecentando que, si eu ali fosse, não obraria prudentemente, pois correria perigo.

Ezitei por um momento; todavia como interrogado o trugimão não me dava razão suficiente do seo dito, e eu confiava na amizade dos bons velhos moradores da aldeia, na qual anteriormente eu estivera por quatro ou cinco vezes, arrisquei-me a sair, parte por força, parte por vontade.

Aproximei-me pois do lugar, donde eu ouvia a cantilena: e como acontece serem as cazas dos selvagens mui compridas, arredondadas na parte superior como as latadas dos nossos jardins, e cobertas de ramos, cujas pontas tocam no sólo, abri com as mãos um buraco na coberta para ver a couza á minha vontade.

Fazendo isto, dei sinal com o dedo aos dois Francezes, que me observavam; e eles, com o meo exemplo, animaram-se, aproximaram-se sem embaraço nem dificuldade, e todos nós trez entramos na caza.

Vendo pois que os selvagens (em contrario do que pensava o trugimão) não se espantavam comnosco, antes conservavam os respectivos lugares e ordem de modo admiravel, e continuavam com as suas cantorias, acomodamosnos mui bem em um lado da caza e os contemplamos com toda a satisfação.

§ 11. Quando acima falei das suas dansas nas ocaziões de beberronias e *cauinagens*, prometi mencionar tambem outra maneira de dansarem, afim de melhormente retratar os selvagens; e eis aqui o entono, gestos e garbo, que aprezentam.

Unidos uns aos outros, soltas as mãos, fixos no mesmo lugar, formados em roda, curvados para a frente,

suspendendo algum tanto o corpo, movendo sómente a perna e o pé direito, tendo cada um a mão direita nos quadris e o braço e a mão esquerda pendentes, assim cantavam e dansavam.

Em razão do numero das pessoas, formavam trez rodas, no meio de cada uma das quaes estavam trez ou quatro dos taes *carahibas*, ricamente adornados de roupas, carapuças e braceletes feitos de lindas penas naturaes, novas e de diversas côres; tinham em cada mão um maracá, que faziam resoar em todo aquele ambito. Estes maracás sam campainhas feitas de certo fruto, maior do que o ovo do avestruz, e destinadas a esse uzo.

Não poderei dar melhor idéa dos taes carahibas no estado em que então se axavam do que comparando-os com esses esmoleres devotos, tocadores de guizos, que enganam a nossa pobre gente, e andam de lugar em lugar com relicarios de Santo Antonio e São Bernardo e outros similhantes instrumentos de idolatria.

Além da prezente descrição, quiz dar idéa da couza, aprezentando o seguinte dezenho * do dansarino tocador de maracá.

Os carahibas, avançando e saltando para diante, e depois recuando para traz, não se mantinham sempre no mesmo lugar, como faziam os outros assistentes; e observei, que eles muitas vezes tomavam uma vara de madeira, do comprimento de quatro ou cinco pés, na extretremidade da qual avia certa porção de erva *petun*, já mencionada em outra parte, seca e aceza, voltava-se para todos os lados, e soprando a fumaça sobre os outros selvagens, dizia: — Para que vençaes os vossos inimigos, recebei o espirito da força.

E isto repetiram por muitas vezes os autuciozos carahibas.

§ 12. Ora estas ceremonias duraram perto de duas óras, e esses 500 ou 600 omens selvagens nunca cessaram de dansar e cantar, avendo tal melodia, que aqueles que os não ouviram não creriam jamais, que eles combinassem tam perfeito acôrdo, visto não saberem muzica.

---

* Falta aqui o dezenho, que não reproduzimos.

E com efeito no começo d'esta algazarra, estando eu na caza das mulheres, como dice, sofri algum susto; mas então tive em compensação tanta alegria, que fiquei absorto, ouvindo acordãos tam armonicos de tamanha multidão, sobre tudo pela cadencia do estribilho da balata, em cada copla da qual todos, prolongando a voz, diziam: — *Heu, heuaû, heura, heuraura, heur, heura, ouêh.* Quando d'isso me recordo, palpita-me o coração, e parece-me ainda estar ouvindo tudo.

Quando quizeram terminar, bateram com o pé direito no xão com mais força, e depois de cada um cuspir para a frente, todos unanimemente, com voz rouca, pronunciaram duas ou trez vezes:—*Hê, hua, hua, hua.* E assim findaram.

§ 13. E como então eu ainda não entendia bem a linguagem dos selvagens, e tinham eles dito muitas couzas, que eu não comprehendêra, pedi ao trugimão para me as esclarecer.

Dice-me, que primeiramente insistiram muito em lamentar os seos avós mortos, celebrados como valentes; mas por fim consolavam-se; porque depois da morte esperavam ir ter com os finados além de altas montanhas, onde dansariam e se regozijariam no meio d'esses seos avoengos.

Tinham depois ameaçado, que, a todo o trance, como afiançavam os seos carahibas, prenderiam e comeriam os Goitacazes, * nação inimiga, e selvagens tam valentes, que os Tupinambàs nunca os puderam submeter, como atraz fica dito.

Finalmente tinham em suas canções intrometido e celebrado, que as aguas em certa época tinham trasbordado por tal fórma, que cobriram toda a terra, afogando todos os omens do mundo, excéto os seos avós, que salvaram-se nas mais altas arvores do seo paiz: e este ultimo ponto, que entre eles é a couza que mais os aproxima da Escritura Santa, muitas vezes depois os ouvi repetir.

Com efeito verosimil é, que de paes a filhos ouvissem contar alguma couza do diluvio universal e do tempo de

---

* O autor escreve:—*Ouetacas.*

Noé, e tinham corrompido e transformado a verdade em mentira, como costumam os omens; acrecendo que, privados de toda a especie de escritura, como acima vimos, lhes é dificil conservar a noticia das couzas com toda a pureza ; por isso adicionaram essa fabula, como fazem os poetas, de se terem seos avós salvado nas arvores.

§ 14. Voltando aos nossos *carahibas*, cabe dizer, que n'esse dia foram bem recebidos por todos os selvagens, que os trataram magnificamente com as melhores viandas que tinham, sem esqecer-se de fazel-os, na forma costumada, beher e *cauinar*, e tambam eu e dois Francezes, meos companheiros, que inopinadamente axamos-nos n'esta confraria de bacanaes, como já dice, tivemos por essa cauza boa xira com os nossos *mussacás,** isto é, bons paes de familia, que dam comida aos passageiros.

Além de tudo quanto acima fica exposto, convém dizer, que, passados os dias solenes, nos quaes os nossos Tupinambás de trez em trez annos, ou de quatro em quatro annos e algumas vezes depois de maior espaço praticam essas macaquices os carahibas vam de aldeia em aldeia, e enfeitam com as mais bonitas penas, que encontram em cada familia, trez ou quatro bagatelas xamadas maracás, ou quantas bem lhes parece. Assim adornados os maracás, infincam no vão a parte maior do páo que os atravessa, os dispõem em linha no meio das cazas, e ordenam depois, que lhes dêem comida e bebida.

De sorte que esses embusteiros fazem crer aos outros pobres idiotas, que esses frutos, especies de cabaça, assim cavadas, enfeitadas e consagradas comem e bebem de noite; e como cada dono de caza acredita n'isso, não deixa de pôr junto aos seos maracás farinha, carne e peixe, e tambem a bebida xamada *cauim*.

§ 15. Ordinariamente os deixam assim infincados no sólo por quinze dias ou trez semanas, sempre servidos da mesma fórma; e depois de praticadas estas bruxarias formam opinião tam extravagante sobre esses maracás, que lhes atribuem santidade, e trazendo-os quazi sempre empunhados na mão, dizem, que, quando os fazem soar repetidas vezes, algum espirito lhes vem falar.

---

* O autor escreve : —*Moussacats*.

E estam encasquetados d'esse erro por tal fórma que, si, passando por suas cazas e compridos apozentos, viamos carnes bôas oferecidas a esses maracás, as tomavamos e comiamos, como muitas vezes fizemos, julgavam os nossos Americanos, que isso nos cauzaria desgraças, e não se consideravam menos ofendidos do que se reputam os superstíciozos e sucessores dos sacerdotes do Baal de vêr tomar as oferendas consagradas aos seos bonifrates, das quaes entretanto, com dezonra de Deos, alimentam-se gorda e ociozamente com as suas marafonas e bastardos.

O que mais é: si aproveitavamos a ocazião de advertil-os dos seos erros, e diziamos, que os carahibas não só os enganavam, quando os faziam acreditar, que os maracás comiam e bebiam, mas tambem os iludiam, quando falsamente se gabavam de serem eles que faziam os frutos e raizes crecer e engrossar, pois quem tudo isso fazia era o Deos, em quem nós criamos, e que anunciavamos; isto valia tanto como si por cá falassemos contra o papa, ou dicessemos em Pariz, que a reliquia de Santa Genoveva não faz xover.

Assim esses trapaceiros carahibas não nos aborreciam menos do que os falsos profetas de Jezabel (receiozos de perder seos gordos nacos) odiavam ao verdadeiro servo de Deos Elias, quando descobria os seos abuzos; e começando por ocultar-se de nós, temiam vir ou dormir nas aldeias, onde sabiam, que estavamos.

§ 16. Os nossos Tupinambás, conforme o que **dice no principio d'este capitulo, e nada obstante as ceremonias por eles praticadas, não adoram com a genuflexão ou outros meios externos aos seos carahibas, nem aos seos maracás, nem a quaesquer creaturas, e menos as suplicam e invocam ; todavia para continuar a dizer quanto entre eles observei em materia de religião, citarei ainda um exemplo.**

Achava-me em outra ocazião com alguns meos patricios em uma aldeia xamada *Ocarentin*, distante duas legoas de *Cotina*, de que já fiz menção, e quando ceavamos no meio de uma praça, os selvagens do lugar reuniram-se para contemplar-nos e não para comer, pois, si querem onrar a algum personagem, não comem com ele.

Os selvagens, orgulhozos de ver-nos na sua aldeia, davam-nos todas as possiveis demonstrações de amizade, e tendo cada um na mão um osso do focinho de certo peixe do comprimento de dois ou trez pés, formado á feição de serra, estavam em roda de nós como nossa guarda de arxeiros, para afugentar os meninos, aos quaes diziam na sua linguagem: — Miunçalha, retirae-vos, pois não sois dignos de aproximar-vos d'esta gente.

Toda essa turba não interrompeo uma só palavra da nossa conversação, e deixou-nos ceiar em paz; mas um velho, que observára termos orado a Deos no começo e no fim da refeição, perguntou-nos:—O que significa este procedimento, que acabaes de ter, tirando por duas vezes o xapéo sem proferir palavra alguma, excéto um que falava, quando todos os mais estavam calados? A quem dirigia-se o que ele dizia? Dirigia-se a vós, que estaes prezentes, ou a alguem que axa-se auzente?

§ 17. Aproveitamos a ocazião, que tam a propozito se nos aprezentava, para falar-lhes da verdadeira religião, convindo acrecentar, que essa aldeia de Ocarentin é das maiores e mais povoadas d'esse paiz; e como parecia-me vêr esses selvagens mais bem dispostos e mais atentos em escutar-nos do que de costume, pedi ao nosso trugimão para ajudar-me a dar-lhes a entender o que eu ia dizer.

Depois de dizer em resposta á pergunta do velho, que era a Deos, a quem tinhamos dirigido as nossas preces, e que embora ninguem o visse, todavia tinha ele ouvido tudo perfeitamente, e conhecia o que pensavamos e tinhamos no coração, comecei a falar da creação do mundo, e sobretudo insisti no ponto de fazer os selvagens bem compreenderem, que, si Deos tinha feito o omem excelente sobre todas as outras creaturas, era para que o mesmo omem glorificasse ainda mais o seo creador; acrecentando que como o serviamos, ele prezervava-nos de perigo, quando atravessavamos os mares, nos quaes, para ir buscal-os, andavamos ordinarimente quatro ou cinco mezes sem pôr pé em terra.

N'esta ocazião inculcamos, que não temiamos, como eles, ser atormentados por Anhanga n'esta vida nem na

outra ; e assim dizia-lhes eu, que si eles quizessem converter-se dos erros, em que os seos carahibas mentirozos e enganadores os mantinham, e deixar a barbaria de comer a carne dos seos inimigos, teriam as mesmas graças, que por experiencia conheciam, que nós gozavamos.

Em suma para dar-lhes noções da perdição do omem, e preparal-os para receber Jezus Cristo, aprezentavamos sempre comparações de couzas d'eles conhecidas, e empregamos mais de duas óras n'esta materia da creação, acerca da qual por brevidade não farei aqui mais longo discurso.

§ 18. Ora, todos com grande admiração prestavam ouvidos e escutavam atentamente; de modo que findo o pasmo do que tinham ouvido, apareceo outro velho, que tomou a palavra e dice:— Certamente tendes dito maravilhas, e couzas mui bonitas, que nunca tinhamos ouvido; todavia a vossa arenga faz-me recordar o que muitas vezes ouvimos os nossos avós repetir, isto é, que desde muito tempo e desde certo numero de luas, que não podemos conservar na memoria, um Mair, isto é, Francez ou estrangeiro, vestido e barbado, como alguns de vós, veio a este paiz, e para os persuadir á obediencia do vosso Deos, falou-lhes a mesma linguagem, que agora nos dirigis; mas, conforme ouvimos de paes a filhos, nossos avós o não acreditaram.

Partindo este, veio outro, que, em sinal de maldição, deo-lhes a espada, com que depois d'isso nos matamos uns aos outros, de maneira que estamos em longa posse do seo uzo, e si agora deixassemos o nosso costume, dezistissimos d'ele, todas as nações nossas vizinhas zombariam de nós. A isto replicamos com grande vehemencia, que não deveriam eles importar-se com o motejo dos outros, pois ao contrario, si quizessem, como nós, adorar e servir ao verdadeiro Deos do céo e da terra, que anunciavamos, derrotariam e venceriam a todos os inimigos, que agora os viessem tacar.

Em suma pela eficacia que Deos então outorgou ás nossas palavras, os Tupinambás ficaram tam abalados, que não só muitos prometeram d'ora em diante viver como ensinavamos e não comer mais carne dos seos inimigos ;

mas tambem logo depois d'esse coloquio, o qual durou muito tempo, como já dice, ajoelharam-se comnosco, e um dos nossos companheiros, dando graças a Deos, fez a prece em alta voz no meio d'essa turba, a quem o trugimão depois explicou tudo.

§ 19. Concluido isto, eles nos fizeram deitar, na forma do seo costume, em leitos de algodão suspensos no ar ; antes porém de dormirmos, os ouvimos todos reunidos cantar, que para vingar-se dos inimigos, cada vez mais precizo se tornava agarral-os e comel-os, como antes sempre praticavam.

Eis aqui a inconstancia d'esse mizero povo, insigne exemplo da natureza corrompida do omem.

Penso todavia, que, si Nicoláo de Villegagnon se não rebelasse contra a religião reformada, e tivessemos ficado por muito tempo n'esse paiz, teriamos atrahido e xamado alguns d'esses selvagens a Jezus Christo.

Ora, acredito pelo que nos diceram ter sabido dos seos antepassados, que avia muitos centenares de annos um Mair, isto é, omem da nossa nação, (sem discutir si seria Francez ou Alemão), tinha estado na sua terra, e lhes anunciára o verdadeiro Deos ; talvez fosse algum dos apostolos.

Com efeito, ponho de parte livros fabulozos, e pondero, que, além da palavra de Deos e do que se tem escrito sobre as viagens e peregrinações d'esses varões santos, Niceforo, referindo a istoria de São Mateos, expressamente diz, que este apostolo pregou o Evangelho no paiz dos Canibaes, que comem gente, povo não mui afastado dos Brazilienses Americanos.

Considero porém muito melhor fundamento a passagem de São Paulo, constante do salmo 19, a saber : —A sua voz percorreo toda a terra e suas palavras xegaram ás extremidades do mundo. » Alguns bons expozitores referem esta passagem aos apostolos ; e atendendo que eles perlustraram varios paizes longinquos por nós desconhecidos ; pergunto eu, que incongruencia averia em crer, que um ou muitos tenham estado na terra d'esses barbaros ?

Isto até serviria de farol e geral expozição exigida por alguns autores para a sentença de Jezus Christo, quando declarou, que o Evangelho seria pregado em todo o mundo.

Não quero afirmar o contrario em relação ao tempo dos apostolos; assegurarei todavia, como já acima mostrei n'esta istoria, que vi e ouvi em nossos dias anunciar o Evangelho até aos antipodas; de sorte que, além de ser assim rezolvida a objeção formulada contra essa passagem, ainda daqui rezultará serem os selvagens menos escuzaveis no dia final.

§ 20. Quanto a outra asserção dos nossos Americanos, quando dizem, que os seos predecessores não quizeram acreditar n'aquele que lhes quiz ensinar o bom caminho, e veio outro, que por cauza d'essa recuza os amaldiçoou e deo-lhes espada, com que ainda matam-se todos os dias, lemos no *Apocalipse*, que ao personagem, que estava montado no cavalo branco, que, na opinião de certos exegetas, significa perseguição por fogo e guerra, foi dado poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros, sendo lhe tambem dada uma grande espada.

Eis o testo, que na letra muito aproxima-se da asserção e da pratica dos nossos Tupinambás; todavia receiando transtornar o seo verdadeiro sentido, e para que se não julgue, que busco as couzas de mui longe, deixarei a outros a devida aplicação.

Entretanto recordando-me ainda de um exemplo, que poderá mostrar, que essas nações selvagens, abitadoras da terra do Brazil, seriam assás doceis para aceitar o conhecimento de Deos, si tomassemos o trabalho de as doutrinar, eu aqui o aprezento.

§ 21. Com o fim de ir buscar viveres e outras couzas necessarias, passei um dia da nossa ilha para a terra firme, acompanhado por dois selvagens Tupiniquins * e por outro da nação xamada Oneanen, sua aliada, o qual com sua mulher viera vizitar os amigos e voltava para a sua terra.

* O autor escreve—*Tupinenquins*.

Atravessava eu com eles uma grande floresta, contemplando arvores diversissimas, ervas verdejantes e flores odoriferas, e ouvindo o canto de infinidade de aves, que gorgeavam no meio do bosque, onde então resplandecia o sol. Assim digo, eu via-me como convidado a louvar a Deos por todas essas couzas, e tendo aliás o coração alegre, comecei em voz alta a cantar o psalmo 104: Exulta, exulta, minha alma. etc ; que repeti todo.

Os trez selvagens e a mulher, que vinham atraz de mim, tiveram tamanho prazer (isto é, quanto ao son, porque quanto ao sentido nada percebiam), que, quando acabei, o *Oneanen* comovido de alegria, com face rizonha, avançou para mim e dice :—Na verdade cantaste maravilhozamente bem, o teo canto estridente fez-me recordar do cantar de uma nação nossa vizinha, e muito contente fiquei de ouvil-o. Mas (dice-me ele) nós entendemos a sua linguagem, não a tua ; portanto rogo-te,que nos digas de que trata a tua cantiga.

Como era eu o unico Francez ali prezente e so devia encontrar dois patricios no lugar, onde ia dormir, expliquei, como pude, que não só eu tinha louvado a Deos em geral, na formozura e governo das suas creaturas, mas tambem o tinha em particular aplaudido como o unico creador dos omens e de todos os animaes, e unico motor do crecimento das arvores, frutos e plantas espalhas pelo mundo inteiro : expliquei mais, que a canção, que eu acabava de entoar, era ditada pelo espirito d'esse Deos magnifico,cujo nome eu tinha celebrado, e fôra primeiramente cantada, avia mais de 10.000 luas (pois assim os selvagens contam o tempo) por um dos nossos grandes profetas, o qual a deixára á posteridade para ter o mesmo uzo.

§ 22. Repito ainda aqui, que os selvagens não interrompem discurso, e sam mui atentos ao que se lhes diz. O meo interlocutor e os companheiros caminharam por espaço de mais de meia óra, ouvindo o meo discurso, e proferindo a costumada intergeição exclamativa :—*Teh!* e depois diceram : — Oh ! como vós os *Mairs* (isto é, Françezes) sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres e mizeraveis !

E como para agradar-me, dizendo: — Toma lá, porque cantas bem » fez-me dadiva de um agoti, que trazia, isto é, de um pequeno animal, que com outros descrevi no capitulo decimo.

Para melhor provar, que estas nações da America, por mais barbaras e crueis que sejam para com seos inimigos, nam sam tão ferozes, que não atendam ao que se lhes diz com boas razões, entendi dever ainda fazer esta digressão.

Com efeito quanto à indole dos omens sustento, que discorrem melhor do que o fazem a mor parte dos camponios e outras pessoas cá da Europa, gente aliás reputada como abil.

§ 23. Resta agora finalmente tocar na questão, que poderia sucitar-se n'esta materia, de que trato, a saber, donde procedem estes selvagens.

Sobre isto digo antes de tudo, que bem certo é, decenderem de um dos trez filhos de Noé; afirmar porém de qual d'eles, creio ser dificilimo, quer pela Escritura Santa, quer pelas istorias profanas.

Verdade é, que Moizés, fazendo menção dos filhos de Jafet, diz, que as ilhas foram abitadas por eles; mas (conforme todos explicam) o escritor ebrêo falou das terras da Grecia, Galia, Italia, e outras regiões nossas, que o mar separa da Judéa, e por isso sam consideradas ilhas por Moizés: e assim não existiria fundado motivo para abranger a America, nem as terras adjacentes a ela.

Dizer tambem que venham de Sem, do qual procede a geração bemdita e os Judeos, aliás corrompidos por tal fórma que com justiça fôram regeitados por Deos, em razão de diversas cauzas, que poderiamos alegar, ninguem o fará, conforme creio.

§ 24. Quanto ao que concerne á beatitude e felicidade eterna (que cremos e esperamos unicamente por Jezus Cristo), constituem os selvagens um povo maldito e dezamparado de Deos, não obstante as imperfeitas noções e sentimentos, que têem da vida futura; e nem existe outro povo igual; pois a respeito da vida terrena já mostrei, e mostrarei ainda, que, quando os abitadores da

Europa mostram-se avidos dos bens mundanos, os selvagens ao contrario os desprezam e vivem alegremente izentos de cuidados.

Parece, que a opinião mais provavel acerca da sua origem é, que decendem de Cam; e eis a meo vêr a conjectura mais verosimil, que podemos formar.

Atesta a Escritura Santa, que quando Jozué penetrou na terra de Canaan, e começou a ocupal-a, conforme a promessa de Deos feita a ele e aos patriarcas, e conforme a ordem especialmente a ele dada, os povos abitadores d'essa região intimidaram-se por tal fórma, que perderam toda a coragem. Assim poderia acontecer (o que digo sob correção), que os avós e antepassados dos nossos Americanos, expelidos de varias partes da terra de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado em navios entregues á discrição do mar, e arrojados pelos ventos, fossem aportar ás terras da America.

Com efeito o autor espanhol da *Istoria geral das Indias*, varão versadissimo nas bôas siencias, é de opinião, que os indios do Perú, terra contigua ao Brazil, de que agora falo, sam decendentes de Cam, e sucederam-lhe na maldição lançada por Deos; couza, como acabo de dizer, que eu tambem tinha meditado e escrito nas memorias, que fiz da prezente istoria, mais de dezeseis annos antes de ter visto o seo livro.

Todavia como poderiam levantar-se objeções, sobre isto, e eu não queira aqui decidir couza diversa, deixarei cada um crêr no que lhe aprouver.

§ 25. Como quer que seja porem, por minha parte reputo rezolvido, que essa pobre gente decende da raça corrompida de Adam; e considerando-a aliás balda e destituida de todo o bom sentimento de Deos, não basta isso para que se abale a minha fé, a qual, graças a Deos, é firme e segura.

Menos dahi concluo com os atêos e epicuristas, ou que não existe Deos, ou então que ele não se importa com os omens; pois bem pelo contrario reconheço claramente a diferença existente entre as pessoas, que sam iluminadas pelo Espirito Santo e Escritura Santa, e os

individuos que sam abandonados aos seos sentidos e deixados á sua cegueira ; por isso confio muito mais na segurança da verdade de Deos.

CAPITULO XVII

Cazamento, poligamia, e gráos de parentesco observado pelos selvagens, e tratamento das suas crianças.

§ 1. Acerca do cazamento dos nossos Americanos cumpre dizer, que eles observam tam sómente estes trez gráos de parentesco, a saber, ninguem toma em cazamento a propria mãe, nem a irman, nem a filha; quanto ao tio porém, caza-se com a sobrinha, e em todos os demais gráos de consaguinidade não existe impedimento.

Emquanto ás ceremonias, não praticam outra além do seguinte: quem quer ter mulher, ou seja viuva ou seja donzela, indaga da vontade d'esta, e depois dirige-se ao pae, e na falta d'este ao mais proximo parente, e pergunta, si lhe quer dar a pessoa pedida em cazamento.

Si lhe respondem, que sim, desde então, sem lavrar contrato (pois ali os notarios não têem lucros), leva a noiva comsigo como sua mulher.

Si ao contrario lhe a recuzam, sem mais formalidades o pretendente desterra-se.

§ 2. Notae porém, que a poligamia, isto é, a pluraralidade das mulheres, quando é cabivel, é permitida aos omens ter tantas quantas lhes apraz, e aqueles que maior numero de mulheres têem sam considerados mais valentes e ouzados, convertendo-se assim o vicio em virtude. Alguns vi, que tinham oito, cuja enumeração ordinariamente fazia em seo louvor.

E' admiravel, que n'esta multidão de mulheres aja uma sempre mais amada do marido, e nem por isso as outras têem ciumes, nem murmuram, ou ao menos não dam demonstrações d'isso; de sorte que vivem juntas em paz, ocupadas todas no arranjo das cazas, no tecimento de redes de algodão, limpeza das ortas, e plantação de raizes.

E quando não fôsse prohibido por Deos ter mais de uma mulher, deixo a cada um dos meos leitores considerar, si seria possivel, que as mulheres européas se acommodassem com esse sistema matrimonial.

Melhor seria por certo condenar um omem ás galés do que metel-o no meio d'esse certame de altercações e rixas; pois seria indubitavelmente testimunha do que aconteceo a Jacob por ter tomado Lia e Rachel em cazamento, não obstante serem irmans.

Como porém poderiam as nossas damas permanecer muito unidas, si tam sómente o preceito imposto por Deos á mulher de ajudar e socorrer ao marido a constitue especie de demonio familiar na propria caza?

Dizendo isto, não pretendo censurar aquelas que fazem o contrario, isto é, que prestam o obzequio e obediencia, que por direito devem aos maridos; aliás praticando elas assim o seo dever, eu as julgo tam dignas de louvor, quanto considero as outras merecedoras de vituperio.

§ 3. Voltando ao cazamento dos nossos Americanos cabe dizer, que o adulterio por parte das mulheres cauza-lhes tal oror, que, si a mulher cazada entrega-se a outro omem além do marido, este póde matal-a ou pelo menos repudial-a, e despedil-a com ignominia, regendo-se apenas pela lei natural.

E' certo, que os paes, antes de cazar as filhas, não põem duvida em prostituil-as com qualquer varão. Antes da nossa estada na terra braziliense os trugimões de Normandia tinham abuzado das raparigas em muitas aldeias, como atraz declarei, mas nem por isso elas ficavam infamadas, e si cazavam, tinham todo o zelo em não claudicar, sob pena de serem mortas, ou ignominiozamente despedidas, como já dice.

Direi mais, que as pessoas nubeis quer mancebos, quer donzelas d'essa terra, não sam tam entregues á devassidão, como poderiamos supor em vista da região calida, em que abitam, e não obstante o conceito formado dos orientaes; e prouvéra a Deos, que por cá tambem não reinasse a impudicicia: todavia para não aprezental-os como gente mais onesta do que sam, cumpre saber, que, quando

despeitados uns com os outros, apelidam-se *tivira*, isto é, sodomita; e podemos conjeturar (pois nada afirmo), que entre eles exista esse abominavel pecado.

§ 4. Quando uma mulher está gravida, não deixa aliás de cuidar do seo labor ordinario, evitando apenas carregar fardos pezados.

Na verdade as mulheres dos nossos Tupinambás trabalham incomparavelmente mais do que os omens; pois excéto o trabalho de cortarem e roçarem o mato para as ortas, o que sempre fazem pela manhan, e nunca em alto dia, quazi não fazem outra couza além de irem á guerra, á caça e á pesca e fabricarem espadas de páo, arcos, frexas, vestuarios de pena, e outras couzas, que já tenho especificado, e com que adornam o corpo.

Quanto ao parto, eis o que posso dizer com verdade, por ter prezenciado.

Pernoitando eu e outro Francez em certa ocazião em uma aldeia, quazi á meia noite ouvimos uma mulher gritar, e pensamos ser a fera carniceira xamada *jaguara*, destruidora dos selvagens, como já dice, que a queria devorar.

De pronto acudimos, e vimos não ser isso; verificamos porém, que as dores do parto obrigavam a parturiente a gritar por este modo.

Vi então o pai receber a criança nos braços, e depois amarrar o cordão umbilical e cortal-o com os dentes.

Em seguida, servindo sempre de parteira, esmagou e comprimio com o dedo polegar o nariz do filho, como entre os selvagens praticam todos os pais. As nossas parteiras pelo contrario apertam o nariz dos recem-nacidos para dar-lhes maior beleza, afilando-os, quando os selvagens reputam mais formozo o nariz xato.

§ 5. Apenas o menino sae do ventre materno é bem lavado, e logo pintado com côres pretas e vermelhas pelo pae, o qual sem enfaxal-o, deita-o em um leito de algodão suspenso no ar. Si é maxo, faz-lhe uma pequena espada de páo, um arco pequeno, e frexas curtas preparadas com penas de papagaio; depois pondo tudo isso junto ao menino, e beijando-o com rosto rizonho lhe diz:—Meo filho, quando creceres, sejas déstro nas armas, forte, valente, e belicozo para te vingares dos teos inimigos.

Emquanto ao nome, o pai do menino, que vi nacer, o denominou *Oropacen*, isto é, arco e corda ; pois esta palavra compõe-se de *oropá*, que significa arco, e de *cen*, que significa corda do arco.

E eis como praticam com todas as crianças, ás quaes, como por cá fazemos com os caxorros e outros brutos, dam indiferentemente nomes de couzas, que lhes sam conhecidas, bem como *Sariguê*, que é um animal quadrupede, *Arinhan*, galinha, *Arabutan*, páo-brazil, *Pindóba*, especie de arbusto grande, e outros similhantes.

§ 6. A alimentação das crianças consiste em certas farinhas mastigadas e carnes mui tenras, com o leite da mãe, a qual apenas demora-se no leito um ou dois dias. Depois coloca o filho pendente ao pescoço em uma cinta de pano de algodão expressamente feita para isso, e vae tratar da órta e de quaesquer outros negocios.

O que digo não é para derogar o costume das nossas damas, as quaes, por cauza dos máos ares do paiz, ficam na cama quazi sempre quinze dias ou trez semanas; e além d'isso na maior parte sam tam delicadas, que, sem padecerem molestia, que as impeça de amamentar os filhos, como fazem as mulheres americanas, sam tam dezumanas, que logo os entregam a pessoa estranha, mandando-os para longe, onde morrem sem que as mães o saibam, e si se criam, só os têem junto a si depois de grandezinhos, afim de lhes servirem de entretenimento.

Si algumas damas milindrozas julgarem, que as ofendo em comparal-as com as mulheres selvagens, cujo trato rural (dir-me-ão) em nada se iguala com os seos corpos franzinos e delicados, contentar-me-ei em adoçar esse amargor, enviando-as para a escola dos brutos animaes, os quaes, desde os passarinhos, lhes ensinam esta lição, que é ter cada especie o cuidado e o trabalho de criar a sua progenie.

Mas afim de prevenir as replicas, que poderiam opor, direi, que essas damas não serão mais delicadas do que o foi outr'ora certa rainha de França, a qual, impelida pela afeição maternal, como leio na istoria, ao saber que seo filho mamára em outra mulher, ficou tam enciumada que não

socegou emquanto não fez a criança vomitar o leite sugado de tetas diversas da de sua propria mãe.

§ 7. Ora voltando ao assunto declaro, que geralmente na Europa consideramos, que, si os meninos em sua fraqueza da primeira infancia não forem apertados e enfaxados, ficarão aleijados e terão pernas tortas; cumpre porém dizer, que isso absolutamente se não verifica com os meninos dos nossos Americanos, pois desde o nacimento conservam-se em pé ou deitados sem enfaxamento, e todavia não é possivel vêr crianças caminhar e andar mais dezempenadas do que fazem os filhos dos selvagens, como tudo já tenho exposto.

Admitindo porém ser em parte cauza d'isto a benignidade e bôa temperatura do ar d'esse paiz, concordo, que no inverno convem termos ca os meninos enroupados, cobertos e bem apertados nos berços, porque do contrario não poderiam rezistir ao frio; mas no estio e nas estações temperadas, principalmente quando não gela, parece-me (todavia sob correção) pela experiencia que tenho, que melhor seria deixar os meninos dezembaraçados espernearem á vontade em leitos convenientemente feitos, donde não pudessem cair, do que tel-os constrangidos.

Com efeito penso, que muito prejudica a essas pequenas e tenras creaturas estarem durante grandes calores aquecidas e semi-assadas n'esses cueiros, onde as conservam como no inverno.

Todavia afim de que se não diga, que intrometo-me em muitas couzas, deixo aos paes, mães e amas, nossas patricias, governarem seos filhos, acrecentando ao que já dice dos meninos da America, que embora as mulheres d'esse paiz não tenham panos para limpar a trazeira dos filhos, nem sirvam-se de folhas de arvores e outras plantas, de que aliás têem grande abundancia, todavia sam tam pixozas, que sómente com pauzinhos quebrados em fórma de pequenas cavilhas os limpam com tanto aceio, que nunca os vereis emporcalhados.

Fazendo digressão sobre materia imunda, quero apenas dizer agora, que os meninos selvagens, quando crecem, ordinariamente mijam no meio das cazas, as quaes todavia não exalam fedor, por cauza dos fogos acendidos em varios

lugares e por serem areiadas: os escrementos os meninos vam deitar longe das cazas.

§ 8. Os selvagens cuidam de todos os filhos, que aliás sam numerozissimos. Não diremos, que entre os Brazilienses encontre-se um pae com 600 filhos, como vemos escrito de um rei das Molucas, que tivera esse numero de filhos; o que reputamos sucesso prodigiozo.

Os filhos varões sam mais estimados do que as femeas por cauza da guerra; pois entre os selvagens só omens combatem, e só eles têem especialmente a seo cargo a vingança contra os inimigos.

Agora si me perguntarem, que condição os selvagens conferem aos filhos e o que lhes ensinam, quando grandes, respondo, que nos capitulos 8, 14 e 15, e em outros lugares d'esta istoria falei da sua indole, guerras e modo de comer os inimigos, e mostrei ao que aplicam-se; por onde era facil julgar, que não possuem colegios nem outro meio de aprender as siencias onestas, e menos ainda as artes liberaes; por isso grandes e pequenos têem a ocupação ordinaria de caçadores e guerreiros, como verdadeiros successores de Lamech, Nemrod e Ezaú, e tambem a de matadores e comedores de gente.

§ 9. Continuando a falar do cazamento dos Tupinambás, tanto quanto o permite a decencia, afirmo em contrario do que outros imaginaram, que os omens guardam entre si a onestidade natural, nunca copulam publicamente com suas mulheres, e n'isto sam preferiveis a esse torpe filozofo cinico, que, apanhado no acto genezico, não envergonhou-se, dizendo que plantava um omem. Tambem sam inconparavelmente mais infames do que os selvagens esses bodes fedorentos, que nos nossos dias vemos não ocultar-se para praticar obsenidades.

Estanceamos n'esse paiz por espaço de quazi um anno, e n'esse tempo vizitamos frequentemente os selvagens, mas nunca divulgamos nas mulheres os sinaes da menstruação.

Penso, que elas os afastam e empregam modo de purgar-se diverso do das mulheres européas; pois vi raparigas, na idade de doze e quatoze annos, cujas mães ou parentas as punham com os pés juntos sobre uma pedra

lioz, faziam incizões sangrentas com um dente de animal afiado como faca, desde o sovaco, decendo pelas costelas e côxas, até o joelho: de sorte que essas raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo; e penso, que logo em principio empregam este remedio para obviar, que se lhes vejam as impurezas, como fica dito.

Si os medicos, ou outros mais doutos do que eu em taes materias objétarem dizendo: — como poderemos combinar teres dito serem mui prolificas as mulheres cazadas, si, cessando a menstruação, não podem conceber nem procrear; e si alegarem, digo, que taes couzas não podem acordar-se entre si, responderei, que não é minha intenção rezolver esta questão, nem adiantar aqui qualquer discussão.

§ 10. No fim do capitulo 8 refutei o que alguns individuos escreveram, e outros pensaram, sobre a nudez das mulheres e raparigas selvagens, crendo que nuas excitam mais os omens á concupicencia do que andando vestidas; tambem ahi declarei outros pontos concernentes á alimentação, costumes, e maneira de viver dos meninos americanos: para suprir pois a falta de mais ampla dedução, que o leitor aqui dezeje n'esta materia, convem recorrer ao sobredito capitulo, si assim lhe aprouver.

CAPITULO XVIII

O que podemos xamar leis e policia entre os selvagens; como tratam e recebem umanamente os amigos vizitantes; prantos e festivos discursos das mulheres por ocazião da xegada e boa vinda dos vizitantes.

§ 1. Os selvagens com sua policia se mantêem e vivem com tanta paz e socego, que é couza quazi incrivel, e se não pode dizer sem cauzar vergonha a esses individuos, que consideram as leis divinas e umanas como simples meios de satisfação da sua indole, por mais corruta que seja.

Falo todavia de cada nação de persi, ou das que sam confederadas; pois quanto aos inimigos, já vimos em lugar competente como sam mal tratados.

Si entretanto acontece alguns individuos brigarem (o que tam raro é, que, durante quazi um anno de assistencia entre eles, só duas vezes os vi debaterem-se), os outros não procuram separal-os, nem apazigual-os; antes pelo contrario si os contendores buscam furar os olhos uns dos outros, os circunstantes os deixam agir sem dar palavra.

Todavia si alguem é ferido por outrem e o ofensor é prezo, recebe dos parentes proximos do ofendido igual ofensa no mesmo lugar do corpo; e si segue-se morte ou si o ofendido morre imediatamente, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino.

Assim para dizer tudo em uma palavra: é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc. Isto porém sucede mui raramente entre os selvagens, como fica dito.

§ 2. Os imoveis d'este povo consistem em cazas, e em excelentes terras muito mais amplas do que as necessarias para sua subzistencia, como já dice. Em algumas aldeias moram na mesma caza 500 a 600 pessoas, e as vezes mais, ocupando cada familia lugar distinto para o marido com sua mulher e filhos, embora as cazas não tenham separações, que impeção de ver-se de uma a outra extremidade. Ordinariamente as cazas têem mais de 60 passos de comprimento.

Cumpre notar (couza singularissima n'esse povo), que os Brazilienses não persistem ordinariamente sinão cinco ou seis mezes em um lugar. Assim carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmeiras de pindoba,* com que construem e cobrem as suas cazas, e repetidamento mudam de uns para outros lugares as aldeias, as quaes todavia conservam sempre os mesmos antigos nomes; de maneira que ás vezes as axavamos afastadas um quarto ou meia legoa do ponto, onde antes estiveramos.

---

* O autor escreve:—*Pindo.*

Como pois os seos tabernaculos sam faceis de transportar, somos induzidos a crer, que não possuem palacios altaneiros, como alguem escreveo terem os indios do Perú cazas de madeira bem edificadas, com salas do comprimento de 150 passos e de largura de 80. Tambem devemos supor, que ninguem d'essa nação dos Tupinambás, de que falo, começa moradia ou edificio, que não possa vêr acabar, e vêr fazer e refazer mais de vinte vezes na sua vida, si por ventura xegar á idade viril.

§ 3. Si lhes perguntaes, porque tam frequentemente removem as suas moradias, não têem outra resposta sinão dizer, que, mudando de ares, passam melhor, e que, si fizessem o contrario do que fizeram seos avós, morreriam depressa.

A respeito de campos e terras, cada pai de familia tem tambem algumas geiras separadas, que escolhe ou quer para sua comodidade, e para fazer suas roças, e plantar mandioca e outras raizes; mas quanto á divizão de eranças e pleitos para firmar limites e separar terras, deixam esse cuidado aos erdeiros avarentos e demandistas cá da Europa.

§ 4. Quanto aos seos trastes, já em varios lugares d'esta istoria tenho dito quaes sam; mas para não deixar em esquecimento quanto sei pertencer á economia dos nossos selvagens, quero desde já declarar aqui o método observado pelas mulheres na fiação do algodão. Tambem declararei o modo de que se servem para fazer cordões e outras couzas e especialmente leitos de algodão (redes de dormir). Eis como procedem.

Depois de tirarem os cazulos, em que se cria o capuxo, o estendem com os dedos, sem aliás o cardar, como acima dice, descrevendo a planta produtora do algodão, e reunem em pequenos acervos junto de si, no xão ou sobre qualquer objeto; e porque não uzam de rocas, como as mulheres européas, o seo fuzo consiste em um páo redondo, da grossura de um dedo e do comprimento de quazi um pé, com um trinxo de madeira da mesma grossura n'ele atravessado: ligam o algodão na parte mais comprida do dito páo, e depois rodando-o nas côxas e soltando-o da mão, como fazem as fiandeiras com as maçarocas, volteando

assim esse rôlo como uma grande carrapeta no meio da caza ou em qualquer outro lugar, fórmam não só fios grosseiros para fazer leitos (redes), mas tambem fios delgadissimos e bem torcidos.

Trouxe eu para França uma porção d'esse fio, do qual mandei alcoxoar um gibão de pano branco, e todos que o viam o julgavam feito de brilhante sêda.

§ 5. Para fabricar os leitos de algodão, que os selvagens xamam *inis*, as mulheres têem teares de madeira, os quaes não são orizontaes, como os dos nossos tecelões, nem têem tantos machinismos, mas sam perpendiculares e levantados até a altura d'elas. Depois de urdirem a seo modo, começam a tecer as redes pela parte inferior do tear: umas sam á maneira de renda ou de redes de pescar, e outras de teçume apertado, como brim grosso. Estas redes sam pela maior parte do comprimento de quatro, cinco ou seis pés, e da largura de uma braça mais ou menos; têem duas argolas ou dois punhos tambem feitos de algodão, nos quaes os selvagens atam cordas para amarral-as e suspendel-as no ar em páos fronteiros expressamente infincados para isso em suas cazas.

Quando vam á guerra ou andam em caçadas nos bosques, ou estam em pescarias á beira-mar, ou á margem dos rios, suspendem entre duas arvores as suas redes para dormir.

§ 6. E para dizer tudo sobre esta materia acrecentarei, que, quando esses leitos de algodão ficam sujos, ou pela fumaça dos fogos, que constantemente fazem nas cazas, onde estam suspensas, ou seja por outra qualquer cauza, as mulheres americanas colhem nos matos certo fruto silvestre da fórma da abobara liza, porém muito mais volumozo, de maneira que mal podemos trazer um na mão: depois o cortam em pedaços, maxucam na agua em qualquer vazilha de barro, batem com paozinhos, e formam tamanha quantidade de escuma, que lhes servem de sabão para lavar as redes, que ficam tam alvas como neve ou pano de pizoeiro.

No demais refiro-me aos que o experimentaram para dizerem, si taes leitos não dam comodo mais agradavel, do que as camas comuns, principalmente no verão, e si foi

sem razão, que eu dice na istoria de Sancerre ser em tempo de guerra muito mais facil suspender lençoes d'este modo no corpo das guardas para descanso de parte dos soldados, que dormem, emquanto outros velam, do que acostumal-os a espojar-se em cima de enxergões, nos quaes sujam os vestidos, enxem-se de piolhos, e quando levantam-se para fazer o serviço, têem as costelas magoadas pelas armas, que trazem sempre á cinta, como as tivemos estando sitiados n'essa cidade de Sancerre, onde por espaço de um anno, quazi sem intervalo algum, o inimigo não afastou-se das nossas portas.

§ 7. Darei agora o sumario dos outros trastes dos nossos americanos. As mulheres a quem incumbe todo o encargo do trabalho domestico, fabricam muitos potes e grandes vazilhas de barro para fazer e conservar a bebida do *cauim*, e tambem panelas redondas e ovaes, frigideiras medianas e pequenas, pratos e outra especie de vazo de barro, que não é bem liza por fóra, mas é tam perfeitamente polida no interior, e tam completamente vidrada com certo licor branco, que endurece, que não é possivel aos nossos oleiros de cá prepararem melhor as suas louças de barro.

Estas mulheres diluem certas tintas pardacentas idoneas para isso, e fazem com pinceis infinidade de pequenos enfeites, como ramagens, lavores eroticos, e outras galanterias no interior d'essas vazilhas de barro, principalmente n'aquelas em que guardam farinha e outros mantimentos, de sorte que sam servidos com aceio, e direi, mais decentemente do que os que por cá uzam de vazilhas de madeira.

E' verdade, que n'essas pinturas americanas nota-se um defeito, e é, que feito a pincel o que lhes vem á fantazia, si depois pedis a taes pintoras para fazer couza igual, não imitarão a primeira obra, porque não tem outro modelo, dezenho, nem lapis sinão o requinte do seo cerebro, que vagueia livre; por isso jámais vereis duas pinturas simillhantes.

§ 8. Além d'isso, os nossos selvagens têem cabaças e outros frutos grossos e ôcos, de que fazem taças para beber xamadas *cuia*,* bem como outros pequenos vazos, de que

* O autor escreve:—*Coui*.

se servem para diversos uzos, como em outro lugar já mencionei: tambem possuem certa especie de grandes cestas e pequenas alcofas feitas e tecidas com muita delicadeza, umas de junco e outras de ervas flexiveis, como vime ou palha de trigo. A estas cestas ou alcofas xamam *panacuns*, e n'eles guardam farinha e outras couzas.

Quanto ás suas armas, vestuarios de penas, instrumento xamado *maracá* e outros utensilios, os não menciono aqui por brevidade, e porque já em outro lugar os descrevi.

Eis aqui as cazas dos nossos selvagens construidas e mobiliadas; é tempo agora de irmos vel-as como domicilio.

§ 9. Para tomar esta materia de mais alto, direi, que os nossos Tupinambás recebem mui benignamente os estrangeiros amigos, que os vam vizitar; todavia como os Francezes e outros conterraneos nossos não entendem a linguagem d'estes selvagens, ficam em principio absortos no meio d'eles.

Eu os vizitei pela primeira vez trez semanas depois da nossa xegada á ilha de Villegagnon, quando um trugimão levou-me comsigo a trez ou quatro aldeias da terra firme.

Xegamos á primeira aldeia xamada *Jaburaci** em linguagem indigena, e denominada *Pepin* pelos Francezes, em razão de um navio que ali outr'ora carregára, e cujo mestre tinha esse nome. Esta aldeia apenas distava duas legoas do nosso fortim, e quando ali entrei, vi-me repentinamente rodeado de selvagens, que me perguntavam: *Marapê-dererê*, *marapê-dererê*, isto é: — Como te xamas, como te xamas? E eu entendia d'isto tanto como do grego: nada comprehendia.

Finalmente um d'eles pegou no meo xapeo e poz na cabeça; outro agarrou na minha espada e cinto, e cingio no seo corpo nu; outro tirou-me o cazaco, e o vestio; todos, digo, aturdiam-me os ouvidos com enorme gritaria, e começaram a discorrer pela aldeia com os meos trajes, que julguei perdidos. No meio d'essa confuzão nem sabia onde estava.

---

* O autor escreve: — *Yabouraci*.

Este meo enleio porém provinha da ignorancia, em que me axava do seo modo de proceder, como depois por muitas vezes mostrou-me a experiencia; pois praticando do mesmo modo com todos os vizitantes, e principalmente com aqueles a quem nunca viram, depois de terem-se divertido com os trastes alheios, os trazem e restituem tudo aos seos donos.

§ 11. O trugimão me advertira, que os selvagens dezejariam sobretudo saber o meo nome; mas dizer-lhes *Pierre, Guillaume ou Jean*, seria inutil, pois não poderiam pronunciar nem reter na memoria taes nomes, como de fato, em vez de dizerem *Jean*, diziam *Nian*. Portanto era precizo sugeitar-me a nomear alguma couza, que eles conhecessem; e vindo a propozito que o meo sobrenome *Leri* significasse ostra na linguagem dos selvagens, como me explicou o trugimão, eu lhes dice, que xamava-me *Leri ussú*, isto é, ostra grande.

Com isto mostraram se mui satisfeitos, e uzando da costumada exclamação *Teh!* começaram a rir, e diziam: — Na verdade eis um bonito nome, e ainda não tinhamos visto *Mair*, isto é, Francez, que assim se xamasse.

Em verdade posso com segurança dizer, que nunca Circe metamorfozeou um omem em ostra tam linda, nem descreteou tam acertadamente com Ulisses, como eu o fiz com os selvagens de então por diante.

E convêm notar, que têem tam bôa memoria, que apenas alguem lhe diz o seo nome, ainda quando passem cem annos sem vêr a pessoa, não o esquecerão jámais.

§ 11. Adiante referirei outras ceremonias, que observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar. Mas por ora proseguirei na relação de parte das couzas notaveis acontecidas na minha primeira viagem entre os Tupinambás, dizendo que eu e o trugimão n'esse mesmo dia passamos adiante, e fomos dormir em outra aldeia xamada *Euramíri*, que os Francezes denominam Goset por cauza de um trugimão assim xamado e ali assistente.

Quando xegamos ao pôr do sol, axamos os selvagens dansando e acabando de beber *cauím* de um prizioneiro, que tinham morto, ainda não avia seis horas, cujos destroços vimos no moquem.

Não pergunteis, si com este inicio fiquei assombrado, vendo similhante tragedia ; todavia isto nada foi em comparação do medo, que logo depois sofri, como vereis.

Entramos n'uma caza d'esta aldeia, onde, conforme o costume da terra, sentamo-nos cada um em seo leito de algodão suspenso no ar. Depois as mulheres carpiram pelo modo porque logo direi, e o velho dono da caza fez a sua arenga pela nossa bôa vinda : então o trugimão, para quem esse procedimento dos selvagens não era novo, e que aliás tambem gostava de beber e *cauinar*, como os indigenas, sem dizer-me palavra, nem fazer-me advertencia alguma, seguio para a turba dos dansadores, e deixou-me ali em companhia de poucas pessoas. Como eu estava fatigado, e só dezejava descanso, depois de ter comido alguma farinha de raizes e outros mantimentos, que nos aprezentaram, inclinei-me, e deitei-me no leito de algodão, em que estava sentado.

§ 12. Mas por cauza da bulha que os selvagens, faziam aos meos ouvidos, dansando e assobiando toda a noite, emquanto comiam o prizioneiro, conservei-me vigilante ; entretanto um dos convivas trouxe na mão um pé da vitima assado e moqueado, aproximou-se de mim, perguntou-me si eu queria comer, como depois vim a saber, pois então não o entendia. Isto cauzou-me tal medo, que desnessario é indagar, si perdi toda a vontade de dormir.

Pensei com efeito, que esse acto de aprezentação da carne umana, que o selvagem comia, significava uma ameaça, pretendendo o mesmo selvagem dizer-me e dar-me a entender, que brevemente eu tambem seria preparado para o festim ; e como uma suspeita produz outra, suspeitei logo, que o trugimão por deliberada traição tinha-me abandonado e entregue nas mãos dos barbaros indigenas.

Si eu visse alguma abertura, por onde pudesse sair e escapulir dali, teria fugido. Vendo-me porém por todos os lados cercado por individuos, cujas intenções eu ignorava (pois não pensavam em fazer-me maleficio algum, como sabereis), acreditava firmemente e esperava ser brevemente comido ; por isso durante toda a noite invoquei a Deos com todo o fervor do meo coração. Deixo aos que

compreenderem bem o que eu digo, e colocarem-se em meo logar, que avaliem quam longa pareceo-me essa noite.

§ 13. Ora amanhecendo o dia, o trugimão, que em outras cazas da aldeia tinha por toda a noite patuscado com os galhofeiros selvagens, veio ter comigo, e vendo-me não só palido e desfigurado, como me dice, mas tambem quazi febril, perguntou-me, si estava incomodado, e si não tinha descançado bem; ao que ainda estupefacto, como estava, respondi encolerizado, que longe estivera de dormir, e que ele era um máo omem por ter-me deixado no meio de gente, a quem eu não entendia; e ainda xeio de sustos, pedi para sairmos dali sem demora alguma.

Dice-me ele então, que eu não tivesse medo, e que não era a nós que os selvagens apeteciam: depois relatou tudo aos selvagens, os quaes, satisfeitos com a minha bôa vinda, e por quererem agradar-me, não tinham-se arredado de junto de mim durante toda a noite.

Diceram, que não tinham por fórma alguma percecebido, que eu tivesse medo d'eles, e estavam penalizados do que me sucedera; e como sam galhofeiros, dezataram em rizadas, considerando terem-me involuntariamente cauzado tamanha tribulação.

O trugimão e eu fomos dali a outras aldeias; e contentando-me com referir, para exemplo, o que aconteceome na minha primeira viagem entre os selvagens, proseguirei em generalidades.

§ 14. As ceremonias, que os Tupinambás observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar, sam estas:

Apenas o viajante xega á caza do *mussacá* (isto é, bom pae de familia, que dá comida aos passageiros), a quem escolheo como ospedeiro, senta-se em um leito de algodão suspenso no ar (rede), e ahi fica por algum tempo sem proferir palavra.

E' costume todo o vizitante escolher em cada aldeia um amigo, a cuja caza deve logo dirigir-se, sob pena de o descontentar.

Depois vêm as mulheres, rodeiam o leito, e acocoradas no xão com as mãos sobre os olhos, pranteam a boa vinda do ospede prezente, e dizem mil couzas em seo

louvor, como por exemplo : — Tomastes tanto trabalho para vir ver-nos. E's bom. E's valente.

E si é Francez ou qualquer outro estrangeiro europeo, acrecentaráõ : — Tu nos trouxestes couzas mui bonitas, que não temos cá n'esta terra.

Em suma estas mulheres, derramando grossas lagrimas, dirão muitas palavras similhantes de aplauzo e lizonja, como já referi.

Si o recem-vindo, que está no leito suspenso quer corresponder, mostra-se plangente ; si não quer devéras xorar ao menos dando suspiros, cumpre fingil-o : o que vi fazerem alguns dos da nossa nação, os quaes, ouvindo as lamurias d'essas mulheres selvagens junto d'eles, procuravam imital-as.

§ 15. Feita assim a primeira saudação festiva por essas mulheres americanas, o *mussacá*, isto é, o velho dono da caza, que, tambem por sua parte ocupado em fazer frexas ou outra qualquer couza (como vereis no dezenho junto) permanecerá por um quarto de óra sem parecer avistar-vos (carinho bem diverso das nossas mezuras, abraços, beijos, e apertos de mão na xegada dos amigos).

Depois dirige-se para vós e dirá antes de tudo :— *Erê jubê* ? isto é, vieste ? E depois :—Como estás ? O que dezejas ? etc.*

A isto cabe responder o que vereis no seguinte coloquio formulado em linguagem brazilica.

Feito isto, vos perguntará, si quereis comer. Si responderdes, que sim, mandará depressa aprontar e trazer em bonita vazilha de barro farinha da que comem em vez de pão, veações, aves, peixes e outras viandas, que tiver ; como porém os selvagens não têem mezas, bancos, nem cadeiras, o serviço far-se-á em xão razo diante de vossos pés.

Quanto á bebida, si quereis *cauim*, e o tem feito, vos dará tambem.

Depois de terem as mulheres pranteado junto ao viajante, lhe trarão frutas ou qualquer insignificante mimo de couzas da terra, afim de obterem pentes, espelhos ou missangas, que lhes damos para enfeitar os braços.

* O autor escreve —*Erê ioube*.

§ 16. Quando alguem quer dormir na aldeia, onde xega, o velho manda logo armar bonita rede branca; embora não faça frio n'esse paiz, manda tambem acender tres ou quatro pequenas fogueiras ao redor da rede, por cauza da umidade, e conforme o costume dos selvagens. Estas fogueiras durante a noite sam repetidas vezes acezas com pequenos abanos xamados *tatapecuá**, feitos á simihança das ventarolas com que as nossas damas anteparam o rosto junto ao fogo, afim de que o calor lhes não estrague as faces.

Tratando de policia dos selvagens, vim a falar do fogo, a que xamam *tata*, xamando a fumaça *tatatim*; por isso devo agora declarar a primoroza invenção por nós desconhecida, e por eles uzada, de fazerem fogo, quando lhes apraz ; couza não menos maravilhoza do que a pedra de Escocia, que, conforme o testimunho do escritor das singularidades d'este paiz, tem a propriedade de inflamar a estopa ou a palha pelo simples contacto e sem artificio algum.

Sam mui amantes do fogo, e não param em lugar algum sem tel-o, principalmente de noite, quando temem extraordinariamente ser surprendidos pelo Anhanga, isto é, pelo espirito maligno, o qual, como alhures tenho dito, frequentemente os espanca e atormenta.

Quer andem em caçadas no mato, quer á margem dos rios e lagos nas ocaziões de pescaria, quer em excursões nos campos, não servem-se, como nós, da pedra e do fuzil, cujo uzo ignoram, mas possuem no seo paiz duas especies de madeira, uma das quaes é quazi tam mole, como si estivesse apodrecida, outra pelo contrario tam rija como a de que os nossos cozinheiros fazem lardeadeiras. Quando querem acender fogo, as empregam do seguinte modo.

§ 16. Depois de terem preparado e despontado como fuzo um páo d'esta ultima qualidade, do comprimento de quazi um pé, colocam a ponta no centro da outra peça de madeira, que dice ser muito mole, a qual deitam no xão, ou põem sobre um tronco ou trave grossa, depois rodam

---

* O autor escreve—*Tatapecoua*.

com rapidez o páo despontado entre as palmas das mãos, como si quizessem furar ou traspassar a peça inferior. Acontece, que com o violento e rapido movimento das duas peças de madeira, uma das quaes fica assim intrometida na outra, não só dezenvolve-se fumaça, mas tambem tal calor, que pondo-se ali algodão, ou folhas secas de arvores dividamente preparadas (como costumamos fazer com pano queimado ou qualquer outra isca para encostar ao fuzil) o fogo pega perfeitamente, e asseguro aos que me quizerem crer, que eu mesmo fiz fogo por esse modo.

Entretanto não quero com isso dizer e menos crer ou fazer crer o que alguem mencionou em seos escritos, a saber, que os selvagens da America, que sam os mesmos de que agora falo, secavam suas carnes ao fumo antes d'essa invenção de produzirem fogo.

§ 18. Como tenho por veracissima esta maxima de fizica convertida em proverbio, a saber, que não existe fogo sem fumaça, por isso considero não ser bom naturalista quem nos quer fazer crer,que existe fumaça sem fogo.

Falo da fumaça, que pode curar carnes, como aquela de que trata o indicado inventor ; e si ele queria falar dos vapores e exalações, embora lhe concedamos, que as aja calidas, todavia não poderiam secar a carne ou peixe, antes pelo contrario os tomaria enxarcados e umidos : a resposta pois será, que isso é zombar da gente.

E como este autor, na sua *Cosmografia*, bem como em outros lugares, queixa-se muito e repetidas vezes d'aqueles que não falam ao seo sabor das materias por eles expostas, e diz assim procederem por não lerem atentamente os seos escritos, rogo aos leitores, que notem bem a passagem escolastica, a que me refiro, da sua nova fumaça quente e granuloza, que envio ao seo cerebro vazio.

§ 19. Volto a falar do tratamento, com que os selvagens obzequiam aos seos vizitantes.

Depois que os ospedes bebem, comem, e descansam, ou dormem em suas cazas, pelo modo porque já expuz, si sam onrados, ordinariamente dam aos omens facas ou tezouras, ou pinças de arrancar barba ; ás mulheres dam pentes e espelhos, e aos meninos distribuem anzóes de pescaria.

Si afinal dezejam negociar viveres ou outras couzas, que os selvagens têem, perguntam quanto querem; e entregue o que é convencionado, podem levar o objéto procurado e retirar-se.

§ 20. E porque não existem cavalos, asnos nem outros animaes de carga n'esse paiz, como já dice, o modo ordinario de transporte é andar a pé, si os viandantes estrangeiros cansam, mostram uma faca, ou outra qualquer couza aos selvagens, e estes, dispostos a agradar aos seos amigos, oferecem-se para carregal-os.

Quando andei n'America alguns selvagens avia, que para nos carregarem metiam a cabeça entre as nossas coxas e nos suspendiam nos ombros, deixando as nossas pernas cahir-lhes sobre a barriga, e assim nos transportavam por mais de uma boa legua sem descansar.

E si por ventura algumas vezes os queriamos deter para descansarem, zombavam de nós, dizendo em sua linguagem:— Pois julgaes, que somos mulheres ou tam cobardes e fracos de animo que desfaleçámos debaixo do pezo? Um d'eles que trazia-me ao pesco, dice-me uma vez: — Eu te carregarei um dia inteiro sem parar. Por isso nós, montados n'essas cavalgaduras de dois pé, riamos ás gargalhadas, e vendo-os lestos com os aplauzos, fazer das tripas coração, como diz o rifão, lhes diziamos: Vamos, vamos.

§ 21. Quanto á caridade natural, os selvagens a exercitam, prezenteando-se diariamente uns aos outros, e distribuindo as veações, peixes, frutas, e outros bens, que possuem no seo paiz; e de tal modo prezam esta virtude, que um selvagem, para assim dizer, morrerá de vergonha, si visse o proximo ou o vizinho junto a si sofrer falta do que ele tem, uzando da mesma liberdade para com os estrangeiros, seos aliados, como experimentei.

Para exemplo d'isto referirei, que em certa ocazião dois Francezes e eu, transviados nos bosques, pensamos ser devorados por um grande e medonho lagarto, como referi no capitulo 10. Depois de andarmos perdidos por espaço de dois dias e uma noite e sofrermos muita fome, finalmente fomos ter a uma aldeia xamada *Pano*, onde outr'ora tinhamos estado, e ahi fomos recebidos pelos

selvagens d'esse lugar, com tal agazalho que melhor não era possivel.

Antes de tudo ouviram-nos contar os males, porque tinhamos passado, e o perigo em que nos axaramos, não só de ser devorados pelos animaes ferozes, mas tambem de ser agarrados e comidos pelos Maracajás, nossos inimigos e seos, de cujas terras, sem querermos, nos tinhamos assás aproximado; e por que, digo, no tranzito por lugar dezerto os espinhos nos tinham arranhado orrivelmente, os selvagens, vendo-nos em tal estado, demonstraram-nos tanta compaixão, quam longe estam da umanidade d'essa gente, que aliás denominamos barbara, as recepções formalisticas d'aqueles dentre nós, que para consolação dos aflitos apenas têem palavras vans.

§ 22. Passando aos fatos, trouxeram agua limpida, que foram buscar de propozito, e começaram (o que nos recordou o costume dos antigos) a lavar os pés e pernas de nós trez os Francezes, que estavamos cada um em rede separada. Logo que xegamoss mandaram os velhos trazer-nos comida, determinaram ás mulheres, que com toda a pressa fizessem farinha mole, que eu gostava de comer, como gósto do miolo de pão branco quente, como alhures dice. Vendo-nos refrigerados, serviram-nos então de muito bôa carne de veações, de aves, de peixes e de saborozas frutas, de que nunca sentem falta.

Quando sobreveio a tarde, o velho nosso ospedeiro mandou retirar todos os meninos de junto de nós, para descançarmos mais á vontade; e na seguinte manhan dice-nos: *Atono assats*, isto é, bom aliado, dormiste bem esta noite?

E sendo-lhe respondido que sim, e muito bem, dice ele: — Descançae mais, meos filhos, pois ontem á tarde bem vi, que estaveis muito cansados.

§ 23. Emfim é dificil expressar a bôa pitança, que nos foi então servida pelos selvagens, os quaes na verdade para dizer tudo em uma palavra, fizeram n'esta ocazião o que diz São Lucas nos *Actos dos Apostolos* terem os barbaros da ilha de Malta praticado com São Paulo e seos companheiros, depois de escapos do naufragio, de que ali se faz menção.

Ora, como não andavamos n'esse paiz sem trazer um saco de couro com mercadorias, que nos serviam como dinheiro para tratar com esse povo, ao partirmos dali damos o que nos aprouve, a saber, facas, tezouras, e pinças, aos bons velhos, pentes, espelhos, braceletes e missangas ás mulheres, e anzoes de pesca aos rapazes, como já muitas vezes tenho dito ser costume.

§ 24. Afim de melhor dar a entender quanto cazo fazem d'estas couzas, referirei, que, estando eu em certo dia n'uma aldeia, o meo *mussacá*, isto é, o individuo que me tinha recebido em sua caza, pedio- me para mostrar-lhe o que eu tinha no meo *caramemo*, isto é, saco de couro; depois do que mandou trazer uma grande e bonita vazilha de barro, na qual arranjei toda a minha fazenda. Admirou-se de vêr tudo isso, e xamando de repente todos os outros selvagens, dice: — Peço-vos, meos amigos, que considereis um pouco no personagem, que tenho em minha caza; pois si ele tantas riquezas tem, não devemos confessar, que é um grande senhor?

E entretanto rindo-me para um companheiro, que ali comigo estava, dice, que tudo isso, que o selvagem tanto apreciava, rezumia-se em cinco ou seis facas encabadas de diversas fórmas, outros tantos pentes, dois ou trez espelhos grandes, e outras miudezas, que nem dois tostões valeriam em Pariz.

Prezam eles sobretudo as pessoas liberaes, como já alhures tenho dito; e querendo eu ainda exaltar-me mais do que ele o fizera, dei-lhe publica e gratuitamente, perante todos os circunstantes, a maior e mais bonita das minhas facas; da qual fez ele tanto apreço, quanto em nossa França faria alguem, a quem se fizesse mimo de um trancelim de ouro do valor de 100 escudos.

§ 25. Si perguntardes agora mais alguma couza sobre vizitas aos selvagens da America, dos quaes prezentemente me ocupo, a saber, si estavamos seguros entre eles, respondo, que assim como odeiam mortalmente os seos inimigos, aos quaes, quando os agarram, matam e comem sem remissão, como sabeis, assim tambem amam tam vivasmente aos seos amigos e confederados, que, quando não têem motivos de desgosto, não duvidam deixar-se cortar

em cem mil pedaços para os defender. Eramos amigos e confederados dos Tupinambás; por tanto gozavamos de plena segurança no meio d'eles.

Fiava-me d'eles; e como os experimentei, considerava-me então mais seguro no meio d'esse povo, que apelidamos selvagem, do que me considerarei em varios lugares da nossa França com Francezes desleaes e degenerados: falo d'aqueles que sam taes, pois quanto á gente onesta, de que aliás o reino não está vazio, muito me pezaria de ofender o seo melindre.

§ 26. Todavia afim de dizer o *pro* e o *contra* do que conheci, vivendo entre os Americanos, relatarei ainda um fato com aparencias de supremo perigo, em que axei-me entre eles.

Em certo dia encontramos-nos inopinadamente seis Francezes na linda aldeia d'*Ocarantin*, da qual varias vezes tenho falado, distante dez ou doze legoas do nosso fortim, e rezolvemos ahi dormir. Dividimos-nos em duas partidas de trez e trez para adquirir galinhas da India, e outras couzas para a nossa ceia.

Aconteceo, que fui eu um dos extraviados, quando procurava aves na aldeia para comprar. Apareceo então um d'esses rapazes francezes, que em principio eu dice termos trazido no navio *Rosee* para aprender a lingua indigena, o qual permanecia n'essa aldeia, e dice-me:— Eis ali um bonito pato da India, matae, e ficareis quite pagando-o.

Não tive duvida em realizar o conselho; pois muitas vezes tinhamos morto galinhas em outras aldeias; com o que os selvagens se não zangavam, contentando-se com algumas facas. Depois apanhei o pato morto, e fui para uma caza, onde quazi todos os selvagens do lugar estavam reunidos para *cauinar*.

Perguntando ali de quem era o pato, afim de pagal-o, apareceo um velho, o qual com muito má carranca dice-me — E' meo! « O que queres que te dê pelo pato? dice eu. E ele respondeo: — Uma faca.

Quiz imediatamente dar uma faca; e quando a vio, dice:—Quero uma mais bonita». E sem replicar aprezentei outra; mas ele dice, que não queria esta.

O que queres pois, que te dê? dice eu. Uma foice »: dice ele.

Além de ser preço excessivo n'esse paiz, dar uma foice por um pato, acontecia, que eu ali não tinha tal instrumento ; por isso dice-lhe então, que se contentasse com a segunda faca aprezentada, pois outra couza não daria.

§ 27. Mas o trugimão, que melhor conhecia o seo modo de proceder (embora n'esta ocazião, como direi, enganou-se como eu) dice-me, que o indigena estava muito zangado, e que convinha, fosse como fosse, arranjar uma foice.

Pedi ao rapaz, de quem falei, uma foice emprestada, e quando a quiz dar ao selvagem, fez nova recuza, como d'antes recusara as duas facas; de sorte que enfadando-me com isso, dice-lhe pela terceira vez:—O que queres pois de mim?

Ao que furiozo replicou, que queria matar-me, como eu matára o seo pato : pois (dice ele) como aquele pato fôra de seo irmão já falecido, o estimava mais do que todas as outras couzas, que possuia.

E com efeito o meo bronco interlocutor sahio e foi buscar uma espada, aliás clava de grossa madeira de cinco a seis pés de comprimento, e voltou rapidamente sobre mim, continuando sempre a dizer, que queria matar-me.

Quem pois ficou assombrado, fui eu : todavia como n'este gentio ninguem deve meter o rabo entre as pernas, como vulgarmente se diz, nem parecer mofino, convinha mostrar-me destemido.

O trugimão, que estava sentado n'uma rede de algodão entre mim e o brigador, advertia-me do que eu não entendia, e dice-me : — De espada em punho e arco e frexas na mão, significae-lhe, que tem de aver-se comvosco ; pois sois forte e valente, e não vos deixareis matar tam facilmente como ele pensa.

Em suma fazendo boa cara e máo jogo, como se costuma dizer, depois de muitos outros ditos, que trocamos eu e o selvagem, sem que os outros selvagens prezentes tratassem de acomodar-nos (conforme o que dice no principio d'este capitulo), o meo agressor, ebrio como estava

pelo *cauim* bebido durante todo o dia, foi dormir e cozinhar a bebedeira: e eu e o trugimão fomos cêar e comer o pato com os nossos companheiros, que nos esperavam na parte superior da aldeia, e ignoravam a nossa contenda.

§ 28. Ora, bem sabiam os Tupinambás, que já tinham os Portuguezes por inimigos como o exito o demonstrou, e que, si matassem um Francez, guerra irreconciliavel lhes seria declarada e ficariam para sempre privados das mercadorias; assim tudo quanto o meo contendor fizera fôra por mero gracejo.

Com efeito despertando quazi trez óras depois, mandou-me dizer por outro selvagem, que eu era seo filho, e que tudo quanto fizera comigo era sómente para experimentar-me e reconhecer por meo porte, si combateria bem contra os Portuguezes e os Maracajás, nossos inimigos comuns.

Por meo lado porém quiz tirar-lhe todo o motivo de repetir o mesmo fato comigo ou com qualquer outro dos nossos patricios, e significar-lhe não serem agradaveis taes brinquedos; por isso não só mandei dizer-lhe, que não queria saber d'ele, nem queria pae, que me experimentasse com espada na mão, mas tambem no dia seguinte entrei na caza, onde ele estava, e para dar-lhe melhor lição e mostrar, que similhante gracejo me dezagradava, dei facas e anzoes de pesca a todos os outros ali prezentes e o exclui da distribuição.

Podemos pois coligir, quer d'este exemplo, quer do outro já referido na minha primeira viagem entre os selvagens, quando por ignorancia dos costumes supuz axarme em perigo, que é sempre verdadeiro e certo tudo quanto afirmei da sua lealdade para com os amigos, a saber, que muito se molestam, quando lhes cauzam desgostos.

§ 29. Concluindo esta materia, acrecentarei, que os velhos sobretudo a quem nos tempos passados faltavam maxados, foices e facas, que agora axam tam convenientes para cortar madeiras, e fazer arcos e frexas, não só tratam mui bem os Francezes, que os vizitam, mas tambem exortam aos mancebos para praticarem o mesmo no futuro.

CAPITULO XIX

Como os selvagens tratam-se nas suas molestias; lugar das suas sepulturas e funeraes, e prantos levantados junto aos seos defuntos.

§ 1. Para concluzão do que tenho de dizer sobre os nossos selvagens da America, explicarei como procedem em suas molestias e nos seos ultimos dias, isto é, quando aproximam-se da morte natural.

Si acontece cair doente algum d'eles, depois de mostrar e fazer conhecer onde sente o mal, ou nos braços ou nas pernas, ou em qualquer outra parte do corpo, é esse lugar xupado com a boca por algum amigo, e algumas vezes por uma especie de embusteiros, que entre eles vivem com o nome de *pagé*, que equivale a barbeiro ou medico (diverso dos *carahibas*, de que falei, quando tratei de sua religião). Estes pagés fazem crer não só que lhes arrancam as molestias, mas tambem que lhes prolongam a vida.

§ 2. Além das febres e doenças dos nossos Americanos, a que não sam tam sujeitos, como nós o somos cá na Europa, em razão da benigna temperatura do paiz, conforme já referi, sofrem uma molestia incuravel xamada *pian*, a qual ordinariamente se adquire, e provem da lassivia; todavia observei meninos cobertos d'ela, como os vêmos por cá cobertos da variola.

Este contagio converte-se em pustulas mais grossas do que o dedo polegar, as quaes espalham-se por todo corpo e até pelo rosto. Os individuos, que as padecem, ficam com as marcas d'elas por todo a vida, como cá sucede aos galicados, e cancerozos em rezultado de torpezas e impudicicia.

Com efeito vi n'esse paiz um trugimão, natural de Rouen, que, tendo-se xafurdado em toda a sorte de obcenidades com as mulheres e raparigas selvagens, recebera tam amplo e bem merecido salario, que o seo corpo e rosto estavam cobertos e desfigurados por esses

pians, como si fôra verdadeiro leprozo, em quem as cicatrizes se imprimem por tal fórma que impossivel é jámais dezaparecerem : por isso esta molestia é a mais perigoza da terra do Brazil.

§ 3. Voltando ao meo primeiro propozito, direi, que os Americanos têm por costume, empregando nos doentes o tratamento da sucção da boca, nada darem a quem está no leito, si acazo não péde, ainda quando passasse um mez sem comer, e por mais grave que seja a doença os que estam bons de saude nem por isso deixam de beber, cabriolar, cantar, fazendo bulha em roda do mizero paciente; o qual por sua parte sabe, que nada lucraria agastando-se por isso, e antes quer ter atordoados os ouvidos do que proferir palavra alguma.

Todavia si acontece morrer o doente, e si este é bom pae de familia, converte-se a cantarola em subito pranto, fazem taes lamentações, que si nos axarmos em alguma aldeia, onde aja defunto, e ahi tenhamos de pernoitar, ninguem espere poder dormir durante a noite.

E' principalmente admiravel ouvir as mulheres, as quaes reunidas fazem lamentações e dialogos, gritando tanto e tam alto, que dirieis ser uivos de cães e de lobos.

Umas arrastando a voz dirão :—Morreo quem era tam valente e tantos prizioneiros nos deo a comer.

Outras rompendo no mesmo ton responderão : —Oh ! como era bom caçador e excelente pescador.

Dirá outra no meio d'elas :—Ah ! que bravo matador de Portuguezes e Maracajás, dos quaes tam galhardo nos vingava.

Assim no meio taes lamentações, excitam-se todas para levantar maior prantina, abraçando-se umas com outras pelas costas, como vereis no dezenho anexo ; e emquanto o cadaver está prezente não cessão de fazer longa ladainha dos seos louvores, expondo e relatando tudo quanto em vida o defunto dice e praticou.

§ 4. As mulheres de Bearn, conforme dizem, fazendo do vicio virtude no pranto que levantam em prezença do corpo dos maridos falecidos, cantam : —*La mi amon, la mi amon, cara rident, œil de splendon* : *cama*

leugé, bel dansandon : lo mé balen, lo m'es burbat : mati depes : fort tard au lheit.

Quer dizer : — Meo amor, meo amor, cara rizonha, olhos luzentes, perna ligeira, bom dansador, omem valente, meo madrugador, cedo de pé, tarde na cama.

E dizem alguns que as mulheres da Gascunha acrecentam,: — *Vere vere : ô le bet renegadon, ô le bet iongadon qu'here.*

O que significa : —Ah ! Ah ! que lindo arrenegado, e que lindo jogador era ele !

Assim fazem os nossos pobres Americanos, os quaes ao estribilho de cada estancia acrecentam sempre : — Morreo, morreo, aquele que agora carpimos.

E os omens respondendo, dizem : —Ah ! é verdade, não o veremos mais sinão quando formos para além das montanhas, onde, como nos ensinam os nossos carahibas, dansaremos com ele.

E a isto acrecentam muitas outras couzas.

§ 5. Ora, estas lamurias duram ordinariamente meio dia, pois quazi nunca conservam por mais tempo insepultos os cadaveres.

Depois de aberta a cova, não comprida, como sam as nossas, porém redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo, logo depois do obito e amarram os braços rodeando as pernas, e o enterram quazi em pé.

Si o finado è algum velho estimado, como já dice, sepulta-se na propria caza, envolvido no seo leito de algodão (rêde), e com ele enterram colares, plumas e outros objétos, com que andava, quando vivia.

A este respeito poderiamos alegar muitos exemplos dos antigos, que uzavam couza simillhante : assim Jozefo nos diz, que depozitaram-se certas couzas no tumulo de David ; e varios istoriadores profanos testificam a respeito de varios personagens, que depois de falecidos foram adornados com joias preciozissimas, que apodreceram com os cadaveres.

Para não irmos mais longe dos nossos Americanos direi, que os indios do Perú, terra contigua aos selvagens brazilienses, enterram com os seos reis e caciques grande quantidade de ouro e pedras preciozas, comò atraz declarei.

§ 6. Muitos dos primeiros Espanhoes, que foram a esse paiz, ficaram riquissimos, buscando os despojos dos cadaveres nos tumulos e nas cavernas, onde os podiam encontrar.

De modo que bem podemos aplicar a estes avarentos o qui diz Plutarco da rainha Semiramis, que mandara gravar na pedra da sua sepultura, a saber, por fóra o seguinte (traduzido em francez):

> Quiconque soit le roi de pecune indigent,
> Ce tombeau ouvert prenne autant qu'il veut d'argent

Quem abrio o sepulcro pensava axar valioza preza, mas em vez d'isso vio dentro este letreiro:

> Si tu n'estoit meschant insatiable d'or,
> Jamais n'eusses fouillé des corps morts le thrésor

§ 7. Volto aos nossos Tupinambás, dizendo que depois que os Francezes se relacionaram com eles, já não enterram abitualmente com os seos defuntos couzas de valor, como dantes costumavam fazer; o que porém é muito peior, como ides ouvir, é manterem a mais extravagante superstição, que podemos imaginar.

Crêem firmemente, que si *Anhanga*, isto é, o diabo na sua linguagem, não axar outras viandas, preparadas junto á sepultura, dezenterrará e comerá o defunto; por isso não só na primeira noite depois de sepultado o cadaver, como fica dito, põem sobre a cova, grandes alguidares de barro xeios de farinha, aves, peixes e outras viandas bem assadas com a bebida xamada *cauim*, mas tambem continuavam a prestar este serviço verdadeiramente diabolico, emquanto o corpo não apodrece.

Doqual erro era-nos bem dificil advertil-os, porquanto os trugimões da Normandia, que nos tinham precedido n'esse paiz, imitando aos sacerdotes de Baal, de que fala a Escritura, tiravam de noite essas viandas excelentes; e assim os entretinham e confirmavam em tal crença de modo que, embora por experiencia mostrassemos, que as couzas ali depozitadas na vespera no dia seguinte ali permaneciam, apenas a mui poucos podemos persuadir o contrario.

§ 8. Assim podemos dizer, que este delirio dos selvagens não é mui diferente da insania dos rabinos, doutores judaicos, nem da vezania de Pauzanias.

Sustentam os rabinos, que o corpo morto fica em poder de um diabo, que eles xamam Zabel ou Azazel, o qual dizem ser denominado no Levitico principe do dezerto; e para confirmar este erro torcem a passagem da Escritura, onde se diz á serpente:—Tú comerás terra por todo o tempo da tua vida.

Dizem eles, que o nosso corpo é creado do limo e do pó da terra, que é a carne da serpente; por tanto fica-lhe sugeito até transformar-se em natureza espiritual.

Pauzanias tambem fala de outro diabo xamado Eurinomo, do qual diceram os interpretes dos Delfios, que devorava a carne dos mortos, e só deixava os ossos; o que em suma redunda no mesmo erro dos nossos Americanos, como acima dice.

§ 9. Finalmente já mostramos no capitulo precedente o modo pelo qual os selvagens renovam e transferem as suas aldeias de uns para outros lugares, e quanto ás sepulturas dos seos finados, eles colocam pequenas cobertura do arbusto xamado *pindoba*, e assim não só os tranzeuntes reconhecem esta fórma de cemiterio, mas tambem as mulheres, quando andam nos bosques e por ali passam, si se recordam dos finados maridos, fazem as costumadas xoradeiras, gritando de tal modo que sam ouvidas na distancia de meia legoa.

E como acompanhei os selvagens até o sepulchro, deixando as mulheres prantear até fartarem-se, rematarei aqui o discurso sobre o procedimento d'essa gente relativamente aos seos defuntos: todavia poderão os leitores ainda vêr alguma couza no seguinte coloquio, que compuz, no tempo em que estive na America, com o adjutorio de um trugimão, o qual bem o podia explicar, não só por ter ali estado sete ou oito annos e entender perfeitamente a linguagem da gente do paiz, mas tambem porque a tinha estudado proveitozamente, confrontando-a com o idioma grego, do qual, como os entendedores já terão podido observar, esta nação dos Tupinambás tem algumas palavras.

CAPITULO XX

Coloquio da entrada ou xegada nà terra do Brazil entre a gente indigena xamada Tupinambás ou Tupiniquins em linguagem selvagem e franceza. *

§ 1. TUPINAMBÁ. *Eré-ioubé.* Vieste.
FRANCEZ: Sim, vim.
T. *Teh! auge-ny-po.* Muito bem.
T. *Mara-pe-dereré?* Como te xamas?
L. *Lery oussou.* Ostra grande.
T. *Ere-iacassopienc?* Deixaste teo paiz para vir morar aqui?
F. *Pa.* Sim.
T. *Eori deretani ouani repiac.* Vem ver o lugar, onde deves morar.
F. *Augé-bé.* Muito bem.
T. *I-endé-repiac? Aout i-euderépiac aouté ĕhérare.*

---

* As palavras indigenas vam escritas com a ortografia da pronunciação franceza. Si tivessemos de exprimir a pronuncia com a ortografia portugueza, fariamos alterações graficas, que desfigurariam o tipo original do autor.

Quem conhecer o idioma indigena verá, que muitos vocabulos estam estropiados pela pronuncia figurada pèlo autor; e cada qual poderá restabelecel-os e escrevel-os conforme os escrevem os escritores nacionaes entendidos no mesmo idioma.

O autor escreve, por exemplo, *Arasatuve*, Kariauc, Tapiroussou, Toucouar-oussou-tuve, Tupen, os quaes entre nós escrevem-se: — *Araçatiba*, Carioca, Tapirussú, Taquarussutuba, Tupan, etc.

A reprezentação grafica da pronuncia dos vocabulos brazilicos entre os escritores patrios não é identica, e mostra quam diversamente percebiam a linguagem dos nossos indigenas os primeiros exploradores, que com eles se relacionaram e os ouviram falar. Não temos oje meio de verificar qual a verdadeira e exata pronunciação das palavras tupicas ou guaranis, porque já não temos quem as profira com a dição primitiva; pois faltam individuos que falem a lingua dos aborigines, como estes a falavam nos tempos do descobrimento do Brazil.

Não admira, que no idioma dos indigenas americanos encontremos variedade na escrituração das palavras, quando das linguas vivas nenhuma tem sistema uniforme de pronunciação e ortografia.

O testo francez correspondente ás palavras do dialogo acima vae vertido em portuguez. Quem dezejar conhecer o mesmo testo francez, o axará na obra original de João de Leri, que agora damos traduzida.

Teh! ouèretê kernois Lery-ousson yemèen! Ah pois veio para cá, meo filho, lembrando-se de nós.

T. *Erèron dê carameino*? Trouxeste as tuas caixas? Entendem por isto quaesquer outras vazilhas de guardar fato, que alguem possa ter.

F. *Pa arout*. Sim; eu as trouxe.

T. *Mobouy*? Quantas?

Poderemos por palavras exprimir quantas tivermos até o numero de 5, nomeando-as assim:

Augê-pê 1, *mocouein* 2, *mossaput* 3, *oiocondic* 4, *ecoinbo* 5.

Si tiveres duas, bastará nomear quatro ou cinco. Bastará dizer *mocouein* por trez e quatro.

Similhantemente si tens quatro dirás *oiocondic*.

E assim por diante; mas si passar o numero de 5, deves mostrar pelos teos dedos e pelos dedos das pessoas prezentes para completar o numero, que quizeres significar. Pois não têem outro modo de contar.

T. *Maé pérérou, de caramêmo poupé*? Que couza trazes dentro das tuas caixas?

F. *A-aub*. Vestimentas.

T. *Mara-vaê*? De que qualidade ou côr?

F. *Sobouy-été*, azul. *Pirenc*, vermelho. *Ioup*, amarelo. *Son*, preto. *Sobouy-masson*, verde. *Pirienc*, de muitas côres. *Pagassou-aue*, rôxo. *Tin*, branco. E entende-se de camizas.

T. *Mae-pamo*? O que mais?

F. *A cang aubé-roupé*. Xapeos.

T. *Seta-pé*? Muitos?

F. *Icatoupané*. Tantos que não podemos contar.

T. *Ai-pogno*? E' tudo?

F. *Erimen*. Não, de modo nenhum.

T. *Esse non bat*. Nomeio tudo.

F. *Coromo*. Espera um pouco.

T. *Nein*. Ora, sus.

F. *Mocap* ou *mororocap*. Arma de fogo, como arcubús grande ou pequeno; pois *mocap* significa toda a especie de arma de fogo, quer canhões de navio, quer outros quaesquer.

Parece algumas vezes, que pronnnciam *Bocap* (com *b*), e seria bom escrever esta palavra com *M B*.

Mocap-coui é polvora, ou póde fogo, e tambem falca, polvarinho, etc.

T. *Mara-vaé?* Quaes sam?

F. *Tapiroussou-alc.* Xifre de boi.

T. *Augé-gaton-tegué.* Muito bem dito.

Múe pé sepouyt rem? O que daremos por isto?

F. *Arouri.* Apenas os trouxe. Como si dicesse: Não tenho pressa em desfazer-me d'isto. Como dando a entender ser bom.

T. *Hé!* E' uma intergeição, que costumam proferir quando pensam no que se lhes diz, querendo replicar de bôa vontade. Todavia calam-se, afim de não parecerem importunos.

F. *Arrou itayygapen.* Trouxe espadas de ferro.

T. *Naoepiac-icho pené?* Não as verei?

F. *Bégoé irem.* Dia de descanso.

T. *Néréroupé guya-pat?* Não trouxestes inxós.

F. *Arrout.* Trouxe.

T. *Igatou-pé?* Sam bonitas?

F. *Guiapao-eté.* Sam inxós excelentes.

T. *Aua-pomoquem?* Quem as fez?

F. *Pagé onassou remymognen.* Quem as fez foi aquele que sabeis, que assim se xama?

T. *Augé-terah.* E faz muito bem.

T. *Acepiah momen.* Ah! Eu as veria de bôa vontade.

F. *Karanmoussee.* Em outra ocazião.

T. *Tacépiah taugé.* Queria ver agora.

F. *Embereingué.* Espere ainda.

T. *Eréroupè itaxé amo.* Trouxestes facas?

F. *Aroureta.* Trouxe com abundancia.

T. *Cecouarantin vaé.* Sam facas de cabo fendido.

F. *En-eu non ivetin.* De cabo branco.

Ivèpép. Navalhas.

Taxe miri. Facas pequenas.

Pinda. Anzoes.

Montemonton. Facões.

Arroua. Espelhos.

Knap. Pentes.

Mourobouy eté. Colares ou braceletes azues.

Cepiah yponyéum. Não temos costume de vêr. Sam os mais bonitos que temos visto depois que começaram a vir cá.

T. *Easo ia-voh de caramemo t'acepiah dè maè*. Abre a tua caixa para eu vêr as tuas fazendas.

F. *Aimossaênen*. Não posso. *Acepiah-ouca iren desne*. Mostrarei, quando eu vier aqui.

T. *Narour ichop' iremmae desnem?* Não te trago fazenda algumas vezes ?

§ 2. F. *Mae pererou potat*. O que queres trazer ?

T. *Sceh de*. Não sei, mas tu ?

Mae perei potat ? O que queres tu ?

F. *Soo*. Quadrupedes.

Ourá. Aves.

Pirá. Peixe.

Ouy. Farinha.

Ietio. Nabo.

Commenda-ouassou. Favas grandes.

Commenda-miri. Favas pequenas.

Morgonia-ouassou. Laranjas e limões.

Maé tironen. Todas ou muitas couzas.

T. *Mara-vaé soo ereiuscch?* De que qualidade de quadrupede queres comer ?

F. *Nacepiah que von gonacuré*. Não quero dos d'este paiz.

T. *Aa sienon desne*. Eu os nomearei.

F. *Nein*. Ora, la.

T. *Tapiroussou*. Animal assim chamado por eles, semi-asno, semi-vaca.

Seouassou. Especie de veado e corsa.

Taiassú. Javali do paiz.

Agouti. Animal avermelhado do tamanho de um bacorinho de trez semanas.

Pague. E' um animal do tamanho de um leitão de mez, raiado de branco e preto.

Tapiti. Especie de lebre.

F. *Esse non ooca y chesne*. Nomêe as aves.

T. *Iacou*. E' ave do tamanho do capão, similhante á galinha de Guiné, e da qual existem trez especies, a

saber: *iacoutin*, *iacoupem* e *iacou-ouassou*; sam de mui bom sabor, e tam apreciaveis como outras aves.

Moutou. Pavão selvagem, de que existem duas especies, pretos e pardos, tendo o corpo da grandeza do pavão europeo (ave rara).

Mocacouà. E' uma especie de perdiz grande, tendo corpo maior do que o capão.

Inambou-oassú. E' uma perdiz grande, do tamanho da acima nomeada.

Inambou. E' uma perdiz quazi do tamanho das nossas em França.

Pegassou. Rôla do paiz.

Paicacu. Outra especie de rôla menor.

§ 3. F. *Seta pepira senaé?* Existem muitos peixes bons?

T. *Nan*. Temos alguns.

Kurema. Barbo.

Parati. Especie de barbo.

Acara-oassou. Outro peixe grande assim xamado.

Acara-pep. Peixe xato ainda mais delicado, e assim xamado.

Acara-bouten. Outro peixe de côr trigueira e de menor tamanho.

Acara-miri. Peixe de tamanho mui pequeno, víve n'agua doce e é saborozo.

Ouara. Peixe grande de bom sabor.

Kamouroupoui-ouassou. Certo peixe grande.

§ 4. F. *Mamo pe deretam*. Onde é tua caza?

T. Aqui o selvagem noméa o logar da sua moradia: —*Kariauh*, *Ora-ouassou-onée*, *Iaueu-ur assic*, *Piracan i o-pen*, *Eircisa*, *Itanen*, *Taracouir-apan*, *Sarapo-u*.

Sam estas as aldeias ao longo da praia entrando no rio de *Geneure* do lado da mão esquerda, declaradas por seo proprio nome; e não sei, que tenham tradução a significação d'estes nomes.

Keriú, *Acara-u*, *Kouroumouré*, *Ita ané*, *Ioirarouen*, que sam as praias do dito rio do lado da mão direita.

As maiores aldeias na terra firme, quer de um quer de outro lado, sam: *Taucouaroussou-tuve*, *Oca-rentin*, *Sapopem*, *Nouroucuve*, *Arasa-tuve*, *Usu-portuve*, e muitas

outras, de cuja gente teremos mais amplo conhecimento pelo trato d'ela, bem como poderiamos julgar dos pais de familia frustraneamente xamados reis, e moradores n'essas mesmas aldeias, si os conhecessemos.

F. *Mobouy-pé, tupicha gaton heuou*? Quantas aldeias grandes existem por cá?

T. *Seta-gue*. Existem muitas.

F. *Essenon auge pequoube ychesne*. Nomêa algumas.

T. *N'âu*. E' uma palavra para xamar a atenção da pessoa a quem queremos dizer alguma couza.

E apirau i-ioup. E' nome dado a um omem, com a cabeça semi-calva, e que quazi não tem cabelos; careca.

F. *Mamo-pè se tam*? Onde é sua caza?

T. *Kariauh-bé*. Na aldeia assim denominada ou xamada, que é nome de um pequeno rio, de que a aldeia tira a sua denominação, em razão de estar situada mui perto d'ele, e signfica caza dos *Karios*, composto de *Karios* e *auq*, que significa caza, e tirando *os* e acrecentando *auq* fará *Kariauh*. *Bé* é artigo do ablativo, que significa o lugar, pelo qual se pergunta e para onde se vae ou se quer ir.

Mosseu y gerre. Significa guardador de remedio; ou a quem pertence o remedio; e uzam d'essa expressão, quando querem xamar uma mulher feiticeira, ou que está possessa do espirito máo; pois *mosseu* é remedio; e *gerra* é pertenças.

T. *Ourauh-oussou au areutin*: grande penaxo da aldeia xamada Desestorts.

F. *Tau-couar-oussac-tuve gonare*, etc. N'essa aldeia existe um lugar, onde tiram-se bambus mui grossos.

T. *Ouacau*: principal d'esse lugar, isto é, seo cabeça.

Souar-oussou: isto é, folha que cae da arvore.

Morgonia-ouassou: assim xama-se um limão grande ou laranja.

Mae-du: que está xamuscado pelo fogo de alguma couza.

Maraca-ouassou: campainha grande ou sino.

Mae-nocep: couza que vae saindo da terra ou de qualquer lugar.

Karianpiare: caminho para ir aos Karios.

Sam estes os nomes dos principaes do rio de *Geneuré* e dos seos arredores.

§ 5. T. *Che ropup-gatou, derour ari.* Estou muito contente por teres vindo.

Nein tereico, pai Nicolas irou. Ora, fale com o senhor Nicoláo.

Nere roupe déré micceo? Não trouxeste tua mulher?

F. *Arrout iran chereco angernie.* Eu a trarei, quando os meos negocios estiverem arranjados.

T. *Marapè d'érécoran?* O que tens de fazer?

F. *Cher auc-ouam.* Minha caza póde ficar.

Mara-vae-auc? Que especie de caza?

F. *Seth, daè ehèréco-rem couap rengue.* Não sei ainda o que devo fazer.

T. *Nein tèreie ouap dèrècorem.* Ora pois, pensa no que tens de fazer.

F. *Peretan repiac-iree.* Depois que eu tiver visto vosso paiz e vossa moradia.

T. *Nereico-icho-pe deauen a irom?* Não te averás com a tua gente, isto é, os do teo paiz?

F. *Marà amo-pè?* Porque perguntas?

T. *Aipo-gué.* Direi a razão.

Che pontoupagué-déri. Estou assim incomodado, como dizendo: Bem queria saber.

F. *Nên pé amotareum pè orèroubicheh?* Não aborreceis o nosso principal, isto é, o nosso velho?

T. *Erymen.* De modo nenhum.

Séré cogaton pouy eùm-eié mo. Si não fosse couza de que se devesse acatar; dever-se-ia dizer:

Sécouaè aponan-é engatouresme y potèré cogaton. E' costume de bom pai respeitar o que ama.

§ 6. T. *Neresco-icho pirem-ouarini?* Não irás á guerra futura.

F. *Asso irénué.* Irei para o futuro.

Marapé peronagérè? Que nome têem os vossos inimigos?

T. *Touaiat* ou *Margaiat.* E' uma nação, que fala como os Tupinambas, e com os quaes os Portuguezes se relacionam.

Ouëtaca. Sam verdadeiros selvagens, que vivem entre o rio de Macahé e da Parahiba.*

Ouëauem. Sam selvagens, ainda mais barbaros, que vivem nos bosques e nas montanhas.

Caraia. Sam gentios de mais nobre aspecto e mais abastados de bens, quer em viveres quer em outros generos, do que os supra nomeados.

Karios. Sam outros gentios, que abitam além dos *Tonaire*, para o lado do Rio da Prata, os quaes usam de mesma linguagem que os *Toüoup. Toupinenquin*.

Existe diferença na linguagem da terra entre as nações acima nomeadas.

Toüoupinambaoults, Toupinenquin, Touaiaire, Teureuminon e Karios falam a mesma linguagem, ou pelo menos pouca diferença existe entre eles tanto nas expressões como no mais.

Os Karaias têem outras expressões, e diverso modo de falar.

Os Ouetacas diferem quer na linguagem quer nos vocabulos de uma e outra parte.

Os Oneanens tambem uzam de expressões diversas e de outro modo de falar.

§ 7. T. *Teh oivac poeireca a' paau ué, iendêsnê*. A gente busca a um e outro para o nosso bem.

Esta palavra *iendêsnê* é um dual, de que os Gregos uzam, quando falam de duas couzas. Todavia aqui é tomado por esse modo de falar.

Ty ierobah apoau ari. Ficamos ufanos da gente que nos busca.

Apoan ae mae gevre, iendesne. Essa gente existe para nosso bem. E' quem nos dá dos seos bens.

Ty réco-gaton indesne. Defendamos bem, e a tratemos de modo que ela esteja contente comnosco.

Iporenc eté-amreco iendesne. Eis uma couza bonita, que se nos oferece.

Ty maran gaton apoau-apé. Sejamos por este povo aqui.

---

* O autor escreve:—*Maoh-hé e Parai*.

Ty momouron, mé mac gerre iendesne. Não façamos injuria a pessoas que nos dam dos seos bens.

Ty poih apoaué iendesne. Damos-lhes bens para viver.

Ty porraca apoaué. Trabalhemos para fazer prezas para eles.

Esta palavra *yporraca* é especialmente empregada nas pescarias; mas uzam d'ela em qualquer outro artificio de apanhar quadrupedes ou aves.

Tyrrout maê tyronam ani apè. Tragamos todas as couzas que podermos aver.

Ty re com remoich-meiendé-maé recoussaué. Não tratemos mal aqueles que nos trazem seos bens.

Pe-poirone aun-mecharaire-ouch. Não sejaes máos, meos filhos.

Ta pere coihmaé. Afim de que tenhaes bens.

Toerecoih peraire amo. E vossos filhos tenham.

Ny recoih ienderamouyn maè ponaire. Não temos bens de nossos avós.

Opap cheramouyn maè ponaire aitih. Desperdicei tudo quanto meo avô me deixou.

Apoan maè ry oi ierobiah. Fico ufano com os bens que essa gente me traz.

Ienderamouyn remiè piac potategue aouaire. Isto quereriam nossos avós ter visto, mas nunca viram.

Teh! oip ot arhètè ienderamouyn recohiare ete iendesme. Ora, tudo vae bem; e coube-nos melhor sorte do que a nossos avós.

Iende porrau oussou vocare. Isto nos tira a tristeza.

Iende-co ouassou gerre. Quem nos faz ter grandes ortas (roças).

En sassi piram, ienderè memy non apê. Não faz mal ás nossas criancinhas, quando as tonsuramos.

Entendo esse diminutivo creancinhas como filhos dos nossos filhos.

Tyre coih apouan, ienderoua gerre-ari. Levemos estes comnosco contra os nossos inimigos.

Toere coih mocop ò mae-ae. E tenham arcabuzes, que vieram com eles.

Mara-mo senten goton-enin amo? Porque não serão fortes?

Meme-tae morerobiarem. E' uma nação, que não tem medo.

Ty senenc aponau, maram iende iron. Experimentemos a sua força estando comnosco.

Meure-tae moreroar roupiare. Sam eles que destroçam os que vencem os outros, a saber, os Portuguezes.

Agne he oueh. Como se dicessem: E' verdade tudo o que digo.

Nein-tyamoneta iendere cassoriri. Conversemos com aqueles que nos procuram.

Querem os selvagens falar de nós em bom sentido, como a fraze o inculca.

F. *Nein-che atam-assaire.* Ora pois, meo aliado.

Sobre este ponto porem cumpre notar, que as palavras *atour-assap* e *coton-assap* diferem de sentido; pois a primeira expressão significa perfeita aliança entre si e entre eles e nós, de que rezulta serem comuns os bens entre uns e outros.

Todavia os dezignados pela primeira expresão não podem receber a filha nem a irman do seo aliado. O segundo modo de exprimir a aliança consiste n'um meio passageiro de xamarem-se uns aos outros por nomes diversos dos nomes proprios, como: minha perna, meo olho, minha orelha, e outros similhantes.

§ 8. T. *Maé resse iende moneta?* De que falaremos nós?

F. *Séeh mae tirouen resse.* De muitas e diversas couzas.

T. *Mara-pieu y vah reré?* Como se xama o céo?

F. Céo.

T. *Cyh-rengne tassenouh maetironen desne.*

F. *Auge-bè.* E' bem dito.

T. *Mac.* Céo.

Couarassi. Sol.

Iasce. Lua.

Iassi tata ouassou. A grande estrela da manhan e da tarde, que commumente xamamos Lucifer.

Iassi-tata-miri. Sam todas as demais estrelas pequenas.

Ubouy. E' a Terra.
Paranan. O mar.
Uh-été. E' agua doce.
Uh-een. Agua salgada.
Uh-een buhe. Agua que os marinheiros mais frequentemente xamam *sommaque*.

Ita é propriamente tomado por pedra, e tambem por toda a especie de metal e fundamento de edificio, como *aoh-ita*, pilar da caza.
Iapurr-ita. Frente de caza.
Iura-ita. Traves grossas da caza.
Igourahon y bouirah. Toda a especie e qualidade de madeira.

Ourapat. Arco. Embora seja nome composto de *ybouirah*, que significa madeira, e *apat*, que significa ganxo, ou parte, todavia pronunciam *orapat* por sincope.
Arre. Ar.
Arraip. Máos ares.
Amen. Xuva.
Amen-poyton. Tempo disposto e prestes a xuver.
Toupen. Trovão.
Toupen-verap. E' o relampago que o precede.
Ibuoytin. Nuvens, ou nevoeiro.
Ibue-tare. Montanhas.
Guum. Campos ou terra plana, onde não existem montanhas.
Taue. Aldeias.
Auc. Caza.
Uh-ecouap. Rio ou agua corrente.
Uh-paon. Ilha cercada d'agua.
Kaa. E' toda a especie de mato e floresta.
Kaa-paon. E' um bosque no meio de um campo.
Kaa-onau. Couza creada nos bosques.
Kaa gerre. E' um espirito maligno, que constantemente os prejudica nos seos negocios.

Igat. Barquinha de casca de páo, com capacidade para conter 30 ou 40 omens de guerra.
Tambem toma-se por embarcação, a que xamam *Yguerossou*.

Puissa ouassou. E' uma bolsa para apanhar peixe.

Inguea. E' uma canoa grande para apanhar peixe.

Inquei, diminutivo. Canoa que serve, quando as aguas transbordam do seo curso.

Nomognot maè tasse nom dessue. Não nomêa outras couzas.

§ 9. *Emourbeon deretam ichesne*: Fala-me do teo paiz e da tua moradia.

F. *Augè-bé derengueè pourendoup.* E' bem dito: inquire primeiramente.

T. *Ia-eh mèrape deretani-ere.* Concordo n'isto. Que nome tem o teo paiz e a tua moradia?

F. *Rouen*; assim xama-se a minha cidade.

T. *Tan-ouscou-pe-ouim?* E' aldeia grande?

Os selvagens não fazem diferança entre cidade e aldeia em razão do seo costume, pois não possuem cidades.

F. *Pa.* Sim.

T. *Moboü-pe-reroupichah-gatou?* Quantos senhores tendes?

F. *Auge-pé.* Um somente.

T. *Marape-sere:* Como se xama?

F. Enrique.

Foi no tempo do rei Enrique Segundo, que fizemos esta viagem.

T. *Tere-porrem.* Eis um nome bonito.

Mara-pe peron pichau-eta-enin? Porque não tendes muitos senhores?

F. *Moroéré chih-gué.* Não temos mais de um.

Ore ramouin-aué. Desde o tempo dos nossos avós.

T. *Mara pieuc-pee?* Quem sois vos outros?

F. *Oroicogné.* Estamos contentes assim.

Oree-maè gerre. Nos somos os que temos riquezas.

T. *Epé nocré-coih? peronpichah-maè?* E vosso principe tem muita riqueza?

F. *Oerecoig.* Tem muita, muita:

Oree-mae-gerre-ahepé. Tudo o que temos está debaixo de suas ordens.

T. *Oraini-pe ogèpé?* Vai á guerra?

F. *Pa.* Sim.

T. *Mobouy-tane-pe-ionca ny maé* ? Quantas cidades ou aldeias tendes?

F. *Sela-gaton*. Tantas que não posso dizer.

T. *Nirèsce mouih-icho-pene* ? Não as nomearás?

F. *Ipoicopouy*. Seria mui longo, ou prolixo.

T. *Iporrenc-pe-peretani* ? O lugar, d'onde sois, é bonito?

F. *Iporren-gaton*. E' muito bonito.

T. *Eugaya-pe-per-auce* ? Vossas cazas sam assim? Isto é, como as nossas.

F. *Oicoe gaton*. Tem muita diferença.

F. *Mara-vae*? Como sam?

F. *Ita-gepe*. Sam todas de pedra.

F. *Youroussou-pe* ? Sam grandes?

F. *Touroussou-gatou* ? Sam muito grandes?

F. *Vaton-gaton-pé* ? Sam muito grandes? A saber, altas.

F. *Mahono*. Muito.

Esta palavra exprime mais do que *muito*, pois a empregam na significação de couza maravilhoza.

T. *Eugaya-pe-pet aut ynim* ? O interior é assim? a saber, como das d'eles.

T. *Erymen*. De modo nenhum.

§ 10. T. *Esce non de rete renondau cta ichesne*. Nomêa as couzas pertencentes ao corpo.

F. *Escendu*. Escuta.

T. *Yeh*! Estou pronto.

F. *Che-acan*. Minha cabeça.
Dea-can. Tua cabeça.
Y-acan. Sua cabeça.
Ore-acan. Nossa cabeça.
Pé-acan. Vossa cabeça.
Anat-can. Suas cabeças.

Para melhor compreender de passagem estes pronomes declarei sómente as pessoas quer do singular quer do plural.

Primeiramente *che* é a primeira pessoa do singular, que serve em todos os modos de falar quer primitivos, quer derivados, possessivos ou não. E as outras pessoas tambem.

Chè-anè. Minha cabeça, ou meos cabelos.
Chè-vona. Meo rosto,
Chè-membi. Minhas orelhas,
Chè-sshua. Minha testa.
Chè-ressa. Meos olhos.
Chè-tin. Meo nariz.
Chè-iourou. Minha boca.
Chè-retoupanê. Minhas faces
Chè-redmina. Meo queixo.
Chè-redmina-anê. Minha barba.
Chè-ape-con. Minha lingua.
Chè-ram. Meos dentes.
Chè-aiouré. Meo colo, ou minha garganta.
Chè-poca. Meos peitos.
Chè-rocapê. Minha dianteira em geral.
Chè-atoucoupé. Minhas costas.
Chè-pouy-assoo. Meo espinhaço.
Chè-rousbouy. Meos rins.
Chè-reniré. Minhas nadegas.
Chè-innanpouy. Meos ombros.
Chè-inna. Meos braços.
Chè-papouy. Meo punho.
Chè-po. Minha mão.
Chè-ponen. Meos dedos.
Chè-puyac. Meo estomago, ou figado.
Chè-reguie. Meo ventre.
Chè-pourou-assen. Meo umbigo.
Chè-cam. Minhas mamas.
Chè-oup. Minhas côxas.
Chè-roduponam. Meos joelhos.
Chè-porace. Meos cotovelos.
Chè-redemen. Minhas pernas.
Chè-pouy Meos pés.
Chè-pussempé. As unhas dos meos pés.
Chè-ponampe. As unhas das minhas mãos.
Chè-gui eucq. Meo coração e pulmão.
Chè-eucq. Minha alma, ou meo pensamento.
Chè-eucq-gouere. Minha alma, depois de sahida do corpo.

Nomes das partes do corpo, que por decencia se não declaram. *Cheren-couen*, *chè-rementien*, *chè-rapoupit*.

Por brevidade não darei mais explicações.

E' de notar, que não deveremos nomear a maior parte das couzas, quer as já escritas, quer outras, sem acrecentar o pronome, tanto na primeira como na segunda e terceira pessoa, tanto no singular como no plural.

E para melhor compreensão apontarei separatim :

Singular : *Chè*, eu. *Dè*, tu. *Ahé*, ele.

Plural : *Oree*, nós. *Pêe*, vós. *Au-aé*, eles.

Quanto á terceira pessoa *ahè* é masculino, e para o feminino e neutro emprega-se *aé* sem aspiração.

E no plural *au-aé* serve para os dois generos, tanto masculino como feminino, e por consequencia póde ser comun.

§ 11. Couzas pertencentes ao arranjo domestico e á cozinha :

Emi redu tata. Acende o fogo.

Emo-goep tata. Apaga o fogo.

Erout-che-rata-rem. Traga com que acender o meo fogo.

Emogip-pira. Vae cozinhar o peixe.

Essessit. Assa-o.

Emoui. Aferventa-o.

Fa vecu ouy amo. Fáze farinha.

Emogip caouin-amo. Faze o vinho ou potagem assim xamada.

Coein-upé. Vai á fonte.

Erout vichesne. Traze-me agua.

Chè-renni-auge-pe. Dá-me de beber.

Guere me che-renuyon-recoap. Vem dar-me de comer.

Taie poch. Eu lavo ao minhas mãos.

Tae-iourouh-eh. Eu lavo a minha boca.

Chè-embouassi. Tenho fome.

Nam chè iouron-eh. Não tenho vontade de comer.

Ehe-usseh. Tenho sede.

Che-reaic. Tenho calor; eu suo.

Che-rou. Tenho frio.

Che-racoup. Estou com febre,

Che-carouc-assi. Estou triste. Embora *carouc* signifique vespera ou tarde.

Aicotene. Estou incomodado, por qualquer negocio que seja.

Chè porora oussoup. Sou tratado incomodamente, ou sou mizeravelmente tratado.

Chèroemp. Estou alegre.

Aicome mouoh. Sou objéto de zombaria, ou zombam de mim.

Aico-gaton. Estou a meo gosto.

Chè-remiac-oussou. Meo escravo.

Chère miboye. Meo servo.

Chè-roiac. Aqueles que estam abaixo de mim, sam para me servir.

Chè pora cassare. Meos pescadores de peixes e de mariscos.

Chè-maé. Meos bens, minhas mercadorias, alfaias, ou qualquer couza que me pertença.

Chè-remig-mognen. E do meo gosto.

Chèrere-couarré. Minha guarda.

Chè-roubichac. Aquele que é maior do que eu. Aqueles a quem xamamos rei, duque ou principe.

Moussacat. E' o pai de familia, que é bom e dá de comer aos viandantes, quer estrangeiros quer patricios.

Querre-muhau. Poderozo na guerra e valente em praticar façanhas.

Teuten. O que é forte em aparencia na guerra ou fóra d'ela.

§ 12. Da parentela:

Chè roup. Meo pai.

Chè-requeyt. Meo irmão mais velho.

Chè-rebure. Meo filho mais moço, caçula.

Chè-renadire. Minha irman.

Chè-rure. Filho de minha irman, sobrinho.

Chè-aiché. Minha tia.

Ai, mãe. Tambem se diz *chè-fi*, minha mãi, e mais frequentemente falando d'ela.

Chè-siit. Companheira de minha mãi, que é mulher de meo pai, como minha mãi.

Chè-raut. Minha filha.

Chè-reme mynon. Filhos de meos filhos e de minhas filhas, netos.

Convem notar, que vulgarmente tratam o tio por pai, e similhantemente o pai xama a seos sobrinhos e sobrinhas meo filho e minha filha.

§ 13. A palavra que na nossa lingua os gramaticos qualificam e xamam verbo, na lingua brazilica é *guengane*, que equivale a locução ou modo de falar. E para melhor inteligencia aprezentarei alguns exemplos.

Primeiramente. Singular indicativo ou demonstrativo *aico*, eu sou; *ereico*, tu és ; *oico*, ele é.

Plural: *Oroico*, nós somos; *peico*, vos sois; *aurae-ico*, eles sam.

A terceira pessoa do singular e do plural sam similhantes, mas no plural acrecenta-se *au ae*, pronome que significa *eles*, como é claro.

No tempo passado imperfeito, e não inteiramente transacto, pois póde ainda ser o que então era, o singular rezolve-se pelo adverbio *aquoémé*, isto é, n'esse tempo.

Assim : *aico aquoémé*, eu era então; *ereico-aquoémé*, tu eras então; *oico-aquoèmé*, ele era então.

Plural imperfeito: *Oroico-aquoémé*, nós eramos então; *peico-aquoémé*, vós ereis então; *auraé-oico-aquoémé*, eles eram então.

Quanto ao tempo perfeitamente passado, e totalmente tranzacto. Singular: toma-se o verbo *oico* como antes, e se acrecentará o adverbio *aquoé-memé*, que equivale ao tempo findo e perfeitamente passado sem mais esperança de sermos do modo porque eramos ao tempo da ação.

Exemplo: *Assavoussou-gaton-aquoé mené:* Eu amei perfeitamente n'esse tempo ; *quovénen-gaton-tegné*, mas agora absolutamente não. Como antes ele devia ligar-se á minha amizade durante o tempo em que lhe tinha amizade. Pois ninguem pode voltar a ela.

Quanto ao tempo vindouro que xamamos futuro : *aico iren*, eu serei no porvir.

E assim indo por diante as outras pessoas tanto no singular como no plural.

Quanto ao determinativo, que se xama imperativo: *oico*, sê tu; *toico*, seja ele ; *toroico*, sejamos nós ; *tapeico*, sêde vós; *aurae-toico*, sejam eles.

E quanto ao futuro, basta acrecentar *iren;* como já

fica explicado; e quanto ao prezente do imperativo, convem dizer *tangé*, que equivale a agora, atualmente.

Quanto á simpatia e afeição que temos a alguma couza, a que xamamos optativo : *Aico-mo men*, oh! quam bem estaria eu. E segue como já fica dito.

Quanto á couza que pretendemos juntar, e xamamos conjuntivo, rezolve-se com o adverbio *iron*, que significa aquilo que dezejamos juntar. Exemplo : *Taico de iron*, eu seja comtigo. E assim nos cazos similhantes.

O participio é tirado do verbo : *chè recoruré*, estando eu. Este participio não póde ser bem entendido só, sem se lhe acrecentar no singalar o pronome *ahe* e *aé* ; e similhantemente no plural é *ore*, *peè*, *au*, *aé*.

O tempo indefinido d'este verbo póde ser tomado por infinitivo ; mas quazi nunca uzam d'ele.

Conjugação do verbo *aiout*. Exemplo do indicativo ou demonstrativo no tempo prezente. Na nossa lingua franceza é duplo, e assim tem fórma diversa para exprimir o prezente do passado.

Numero singular : *Aiout*, eu venho, ou eu vim; *ereiout*, tu vens, ou tu vieste ; *oout*, ele vem, ou ele veio.

Numero plural : *Ore iout*, vos vindes, ou viesteis; *au ae o out*, eles vêem, ou eles vieram.

Quanto aos demais tempos, deve se tomar sómente os adverbios acima declarados; pois nenhum verbo se conjuga por outra fórma, que se não rezolva por um adverbio, tanto no preterito, prezente, imperfeito, e plusquamperfeito indefinido, como no futuro ou tempo vindouro.

Exemplo do preterito imperfeito, que não está totalmente acabado : *Aiout agnomène*, eu vinha então.

Exemplo do preterito perfeito, e totalmente acabado: *Aiout agnoèmènè*, eu vim, ou tinha vindo, ou fui vindo n'esse tempo. *Aiout dimaè nè*, vae muito tempo que eu vim.

Estes tempos podem ser mais ou menos indefinidos, conforme as circunstancias de quem fala.

Exemplo do futuro ou tempo vindouro. *Aiout irau nè*, eu virei em algum dia. Tambem podemos dizer *irau* sem acrecentar *nè*, como o exigir a fraze no modo de falar.

Cumpre notar, que, acrecentando os adverbios, convem repetir as pessoas, como no prezente do indicativo ou demonstrativo.

Exemplo do imperativo ou determinantivo.

Numero singular. *Eori*, vem. Só tem a segunda pessoa: *Eyot*, pois n'esta lingua não se póde mandar a terceira pessoa, que não vemos, mas póde-se dizer: *Emot-out*, faze-o vir; *pe-ori*, vinde; *pe-iot*, vinde.

Os sons escritos *eiot* e *pe-iot* têem sentido identico, mas o primeiro *eiot* é mais decente para dizer-se entre os omens, entretanto que o ultimo *pe-iot* é comumente empregado para xamar os animaes e aves, que os selvagens criam.

Exemplo do optativo, embora pareça mandar pedindo, ou ordenando.

Singular. *Aiout-mo*, eu queria vir, ou viria de bôa vontade. Seguem-se as pessoas como na conjugação do indicativo. Tem tempo futuro, acrecentando o adverbio como acima está exemplificado.

Exemplo do conjuntivo. *Ta-iout*, eu venha. Para melhor enxer a significação acrecenta-se a palavra *nein*, que é adverbio para exortar, mandar, incitar, ou rogar.

Não conheço indicativo n'este verbo; mas d'ele forma-se o participio *touume*, vindo.

Exemplo. *Chè-rourmé-assoua-nitin*. *Che-remiereco-ponére*. O que significa: Vindo, encontrei o que outr'ora guardei.

Senoyt-pe. Sanguesuga.

Inuby-a. Buzina de madeira, de que os selvagens se servem como corneta.

§ 14. No demais afim de que não só aqueles com quem na ida e na vinda atravessei o mar, mas tambem aqueles que me viram n'America (muitos dos quaes ainda vivem) e até os marinheiros e outros, que viajaram e estanciaram por algum tempo no rio de Geneure ou Guanabara, sob o tropico de Capricornio, julguem melhor e mais prontamente dos discursos, que acima tenho feito, a respeito das couzas por mim observadas n'esse paiz, quero ainda, particularmente em bem d'eles, adicionar a este coloquio o catalogo de 22 aldeias, onde estive comunicando familiarmente com os selvagens americanos.

Primeiramente mencionarei as que estam do lado esquerdo de quem entra no dito rio, e sam:

1. *Keriauc*.

2. *Jubarici*. Os Francezes xamam esta segunda aldeia *Pepin* por cauza de um navio, que ali carregou uma vez, e cujo mestre tinha esse nome.

3. *Euramyry*. Os Francezes a xamaram *Gosset* por cauza de um trugimão, que tinha esse nome e ali estivera.

4. *Pira-ouassou*.

5. *Sapopem*.

6. *Ocarentin*, bonita aldeia.

7. *Oura ouassou-onée*.

8. *Tentimen*.

9. *Cotina*.

10. *Pano*.

11. *Sarigoy*.

12. Uma xamada *Pedra* pelos Francezes, em razão de um pequeno roxedo, quazi do feitio de uma mó de moinho, que assinalava no bosque a entrada do caminho que la ia ter.

13. Outra xamada *Upec* pelos Francezes, porque avia ali muito caniço da India, a que os selvagens dam esse nome.

14. Item uma que denominamos Aldeia das Flexas, porque da primeira vez que ali fomos pelo mato atiramos muitas flexas sobre um páo seco grosso e alto, as quaes ali permaneceram cravadas, e assim o fizemos para depois mais facilmente axarmos o caminho.

As do lado direito sam:

15. *Keri-u*.

16. *Acara-u*.

17. *Morgouia-ouassou*.

As da ilha grande sam:

18. *Pindo-oussou*.

19. *Corouque*.

20. *Piraunou*.

21. E outra, cujo nome me escapou da lembrança, entre *Pindo-oussou* e *Piraunou*, na qual em certa ocazião ajudei a resgatar alguns prizioneiros.

...o 22. Depois outra entre *Corouque* e *Pindo-ouassu*, da ...al me esqueci o nome.
... Em outro logar ja dice como sam essas aldeias, e o ...io das cazas.

CAPITULO XXI

...ossa partida da terra do Brazil, xamada America, e tambem naufragios e primeiros perigos, de que escapamos no nosso regresso por mar.

§ 1. Para bem compreender o motivo da nossa partida ...a terra do Brazil, cumpre trazer á memoria o que eu dice ...o fim do capitulo 6, a saber, que depois de estarmos oito ...es na ilha, onde permanecia Nicoláo de Villegagnon, ele, ...itado por sua rebeldia contra a religião reformada, al...gando autoridade sobre nós, e não podendo domar-nos ...la força, coagio-nos a sair dali; retiramos-nos por isso ...ra a terra firme e buscamos o lado esquerdo ao entrar no ...de Ganabara, tambem xamado Geneure, na distancia de ...ia legoa do fortim de Coligni situado na dita ilha, fi...ndo-nos no lugar que xamamos Olaria (Briqueterie), ...le estivemos quazi dois mezes em cazinholas, que os ...rarios francezes tinham construido para abrigo seo, ...ndo iam á pescaria, ou iam tratar de quaesquer outros ...ocios.

Durante esse tempo os senhores de Lachapelle e ...si, que tinhamos deixado com Nicoláo Villegagnon, o ...donaram pela mesma cauza, pela qual o tinhamos feito, ...ber, porque ele tinha voltado costas ao Evangelho, ...am reunir-se á nossa companhia, e foram compreen...s no ajuste das 600 libras tornezas e viveres do paiz, ...tinhamos prometido pagar e fornecer, como fizemos, ...estre do navio, em que atravessamos o mar.

§ 2. Na fórma do que em outra parte prometi, ...pre, que eu, antes de proseguir, declare já como

Nicoláo de Villegagnon portou-se para comnosco por ocazião da nossa partida da America.

Constituindo-se vice-rei d'esse paiz, todos os maritimos francezes, que por ali viajavam, não ouzavam fazer couza alguma sem o seo consentimento. Emquanto o navio em que regressamos, estava ancorado no porto d'esse rio de Geneure, onde carregava para partir, não só Nicoláo de Villegagon mandou-nos licença assinada de seo punho, mas tambem escreveo uma carta ao mestre do dito navio, pela qual lhe declarava, que por cauza d'ele não opozesse dificuldade em transportar-nos.

Ahi dizia ele dolozamente :— Pois assim como alegrei-me com a sua vinda, pensando encontrar o que buscava, assim tambem fico contente, que eles voltem, visto não estarem de acordo comigo.

Sob este especiozo pretesto tinha traçado a traição, que ouvireis; e foi, que, dando a esse mestre de navio uma pequena caixa envolta em pano encerado (por cauza do mar) contendo cartas dirigidas a varios personagens, incluira tambem um processo formado contra nós e sem siencia nossa, com ordem expressa ao primeiro juiz, a quem fosse entregue em França, para prender-nos e fazer-nos queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

D'esta sorte em recompensa dos serviços, que lhe tinhamos prestado, ele selava e firmava a nossa licença com esta deslealdade, a qual todavia Deos por sua admiravel providencia converteo em alivio nosso, e confuzão do traidor, como adiante se verá.

§ 3. Ora, depois que este navio, que denominava-se *Jacques*, carregou de páo-brazil, pimentão, algodão, bugios, saguins, papagaios e outras couzas raras da terra, com que a maior parte dos passageiros tinham-se premunido, embarcamos em regresso para a Europa a 4 de Janeiro de 1558, dia da natividade.

Antes porém de encetarmos a viagem, afim de dar melhor a entender, que Nicoláo de Villegaignon é a cauza unica de não se terem os Francezes antecipado e permanecido n'esse paiz, não devo esquecer-me de dizer, que um tal Fariban de Rouan, que era o capitão do navio, empreendeo a sua viagem, por solicitação de varios personagens

notaveis, adeptos da religião reformada no reino de França, com o propozito de vir explorar a terra e escolher sitio para morar; e declarou-nos, que n'esse anno se ouvéra deliberado a passar 700 a 800 pessoas em grandes urcas * de Flandres para começar a povoação do lugar, onde estavamos, si não fôra a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon.

Com efeito creio firmemente, que si isso não tivesse acontecido, e si Nicoláo de Villegagnon se tivesse mantido fiel, estariam ali mais de 10.000 Francezes, os quaes além da bôa defeza, que prestariam á nossa ilha e ao nosso fortim contra os Portuguezes, que jamais o teriam podido tomar, como o fizeram depois do nosso regresso, possuiriam agora sob a obediencia do rei estensa região na terra do Brazil, a qual n'este cazo com toda a razão poderia continuar a xamar-se França antartica.

§ 4. Volto agora ao meo assunto. Como o navio mercante, em que regressamos, era de mediana capacidade, o mestre d'ele, xamado Martim Boudouin, do Havre de Grace, tinha apenas 25 marinheiros e mais 15 individuos da nossa companhia, formando tudo o numero total de 45 pessoas; e logo no mesmo dia 4 de Janeiro levantamos ancora, e pondo-nos sob a proteção de Deos, começamos a navegar n'esse grande e impetuozo mar Oceano do ocidente.

Não o fizemos todavia sem grandes temores e apreensões; pois, por cauza dos trabalhos passados na ida, muitos dentre nós, encontrando ali meios de servir a Deos, como dezejavamos, e tambem tendo experimentado a bondade e fertilidade da terra, não teriam deliberado regressar á França, onde as dificuldades eram então, e ainda sam incomparavelmente muito maiores, tanto em referencia á religião como a respeito das couzas concernentes a esta vida, si por ventura os não movêra o máo tratamento recebido de Nicoláo de Villegagnon.

Assim dizendo adeos á America, aqui confesso pelo que me respeita, que amei, e ainda amo a minha patria;

---

* Especie de embarcação olandeza.

todavia vejo a pouca e quazi nenhuma fidelidade, que ahi encontramos, e o que peior é, as deslealdades de que uzam uns para com os outros, bem como que tudo entre nós agora está italianizado e só consiste em dissimulações e palavras vans; por isso lamento muitas vezes não axar-me entre os selvagens, nos quaes, como amplamente demonstrei n'esta istoria, reconheci mais franqueza do que em muitos patricios nossos, os quaes para a propria condenação trazem o rotulo de cristãos.

§ 5. Ora no começo da nossa navegação era-nos precizo dobrar os grandes baixos, isto é, uma ponta de areia e pedras, avançada quazi trinta legoas pelo mar e assás temida dos marinheiros; e porque o vento servia mal para afastar-nos de terra sem costeal-a, como convinha, estivemos a ponto de arribar.

Todavia depois de andarmos vagando por espaço de sete a oito dias, e sermos atirados para um e outro lado por esse máo vento, que não nos adiantava a marxa, sucedeo, quazi á meia noite (mal muito peior do que os precedentes), que, fazendo os marinheiros o quarto do costume, abrisse agua na popa do navio, e embora ali se conservassem por muito tempo, até contarem mais de 4.000 zonxaduras (os que frequentam o mar Oceano com os Normandos compreendem bem este termo), não poderam esgotar nem estancar a agua.

Depois de cansados de tocar a bomba, o contra-mestre para verificar d'onde provinha a agua, deceo pela escotilha do navio, e não só o axou aberto em varios pontos, mas tambem já tam xeio d'agua (entrando sempre com violencia) que com o pezo já não governava, e começava a afundar pouco a pouco.

§ 6. Assim ninguem deve perguntar, si o fato cauzou estremo assombro a todos nós, quando fômos despertados e soubemos do perigo, que corriamos; e na verdade parecia tam evidente, que a todo o instante nos submergiriamos, que muitos, perdida toda a esperança de salvação, ja faziam conta de morrer e ir ao fundo.

Todavia quiz Deos, que alguns passageiros, em cujo numero entrei eu, rezolutos a prolongar a vida, quanto podessem, tomassem tal coragem, que com duas bombas

sustentaram o navio até meio-dia, isto é, perto de doze oras, durante as quaes a agua entrou no navio com tanta abundancia, que, ainda sem descanso de um minuto, não o podemos esgotar com as ditas duas bombas; e porque a agua enxarcára o páo-brazil, de que o navio ia carregado, corria pelos canaes tam vermelha como sangue de boi.

§ 7. Durante esta diligencia requerida pela necessidade, empregavamos todo o esforço para volvermos á terra dos selvagens, a qual não distava muito, e a avistamos quazi pelas onze oras do mesmo dia; e deliberados a salvar-nos, si podessemos, dirigimos-nos para o cabo fronteiro.

Entretanto os marinheiros e o carpinteiro, que estavam debaixo do convés, procurando os rombos e as fendas por onde entrava agua, que tam violenta nos salteava, tanto trabalharam com toucinho, xumbo, panos e outras couzas, largamente empregadas, que entupiram os buracos mais perigozos; de sorte que quando ja não podiamos mais, fomos um pouco aliviados do nosso trabalho.

Todavia depois que o carpinteiro revistou bem o navio, dice, que este era muito velho e carcomido dos vermes, e não tinha rezistencia para fazer a viagem, que empreendiamos, e foi seo parecer, que voltassemos ao ponto, d'onde vinhamos, para ali esperarmos a vinda de outro navio de França, ou que fizessemos navio novo: o que foi muito debatido.

§ 8. Objetava porem o mestre, que bem via, que, si voltasse para terra, os marinheiros o abandonariam, e que preferia (tam pouco assizado era) arriscar a vida a perder assim o seo navio e mercadorias, e concluio no proposito de proseguir na sua derrota apezar do perigo manifesto.

Dice, que, si o senhor Dupont e demais passageiros, que estavam sob o seo governo, queriam regressar ao Brazil, lhes daria uma barca; ao que o senhor Dupont imediatamente respondeo, que estava rezolvido a seguir para França, e por isso aconselhava a todos os seos camaradas a fazer a mesma couza.

Então manifestou o mestre, que, alem do perigo da navegação, ele previa, que estariamos no mar por muito tempo, e que não avia bastantes viveres no navio para alimentar a todos que n'ele estavam; por isso seis companheiros, considerando por um lado o naufragio, e por outro a fome, que se nos antolhava, deliberamos voltar á terra dos selvagens, da qual apenas distavamos nove ou déz legoas.

§ 9. E com efeito para realizar este dezignio pozemos apressadamente o nosso fato na barca, que nos foi dada, com alguma farinha de mandioca e bebidas. Quando nos despedimos dos nossos companheiros, um d'eles, penalizado pela minha partida, e impelido por singular afeição da amizade, que me votava, estendeo-me a mão para a barca, onde eu estava, e dice-me .—Peço-vos, que fiqueis comnosco; pois embora não saibamos si poderemos aportar em França, comtudo mais esperança temos de salvarnos do lado do Perú, ou em alguma ilha, que possamos encontrar, do que si retrocedermos para Nicoláo de Villegagnon, o qual, como podeis imaginar, jamais vos deixará aqui em socego.

O tempo não permitia longos discursos, e atentas estas observações deixei na barca parte da minha bagagem, subi aceleradamente para o navio, e d'este modo fui prezervado do perigo, que meo amigo previra, como vereis.

Quanto aos outros cinco, cujos nomes convem aqui especificar, a saber, Pedro Bourdon, João Bordel, Mateos Verneuil, André Lafon, e Tiago Leballeur, despediram-se xorozos de nós e voltaram para a terra do Brazil, onde aportaram com grande dificuldade ; e voltando a ter com Nicoláo de Villegagnon, este mandou matar os trez primeiros por cauza da confissão do Evangelho, como no fim d'esta istoria direi.

§ 10. Assim preparados e dando vélas ao vento, buscamos novamente o mar n'esse velho e máo navio, no qual como em verdadeiro sepulcro, esperavamos mais a morte do que a vida.

E com efeito, além de passarmos os ditos baixos com muita dificuldade, tivemos continuas tormentas durante

todo o mez de Janeiro, e o nosso navio não cessava de fazer grande quantidade d'agua ; si não estivessemos sempre prontos para tocar a bomba, teriamos, para assim dizer, perecido cem vezes no dia. Assim por muito tempo navegámos entre tormentos sucessivos. Depois de toda essa fadiga, estavamos afastados de terra firme mais de 200 leguas, quando avistamos uma ilha dezabitada, redonda como uma torre, a qual, no meo entender, teria meia legoa de circuito.

Quando a costeavamos e a deixavamos á esquerda, vimos, que a ilha era xeia de arvoredo verdejante n'este mez de Janeiro, e tambem observamos, que d'ela sahia multidão de aves, muitas das quaes vinham pouzar nos mastros do nosso navio, e deixavam-se apanhar á mão ; de sorte que vendo isto assim de longe dirieis ser um pombal.

Esvoaçavam passaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras côres, os quaes no vôo pareciam volumozos; mas quando apanhados e depenados, não aprezentavam mais carne do que um pardal.

§ 11. Na distancia de quazi duas legoas, á mão direita, divulgamos roxêdos levantados sobre o mar tam pontudos como sinos; o que incutia-nos grande temor de aver alguns á flôr d'agua, contra os quaes fôsse o nosso navio roçar, sendo nós obrigados a estancal-o, si tal acontecesse.

Durante toda a nossa viagem de cinco mezes, que passamos no mar em regresso, não vimos outra terra além d'estas ilhotas, as quaes os nossos mestres e pilotos não axaram ainda assinaladas nas suas cartas maritimas; e possivel é não terem jamais sido descobertas.

§ 12. No fim do mez de Fevereiro tinhamos xegado a 3 gráos da linha equinocial, pois perto de sete semanas tinham-se passado sem avermos feito a terça parte do caminho, e entretanto os nossos viveres diminuiam assás, por isso estivemos em deliberação, si deviamos arribar ao cabo de São-Roque, abitado por certos selvagens, dos quaes, conforme diziam alguns dos nossos companheiros, não avia meio de obter refrescos.

Foi a maioria dos consultores de parecer, que, para poupar os viveres, era preferivel matar parte dos bugios

e papagaios que traziamos e seguir avante; o que foi executado.

§ 13. Ja declarei no capitulo 4 as aflições e trabalhos, que tivemos na ida, ao aproximar-nos do equador; mas vendo por experiencia que sam menores os embaraços voltando do lado do polo antartico para cá (o que mui bem sabem todos os que passaram a zona torrida), acrecentarei aqui o que me parece dever naturalmente cauzar taes dificuldades.

Supondo pois que esta linha equinocial, tirada de léste a oéste, seja como o dorso e espinhaço do mundo para aqueles que viajam do norte para o sul, e reciprocamente (pois bem sei, que não existe alto nem baixo em uma bola considerada em si) digo, que para xegar ahi de uma e outra parte, não basta somente o trabalho de subir a esta sumidade do mundo, mas tambem sucede, que as correntes maritimas, que podem vir dos dois lados sem alias as percebermos no meio de tamanho abismo das aguas, e tambem os ventos inconstantes que saem d'esse ponto, como de seo centro, e sopram em sentido oposto, repelem os navios em viagem de tal sorte que estas trez couzas, no meo entender, fazem com que o equador seja assim de dificil accésso; e o que me confirma n'esta minha opinião é, que, quando na ida xegamos a quazi um gráo alem da linha equinocial, ou no regresso um gráo aquem d'ela, os marinheiros jubilozos por terem, para assim dizer, transposto este salto, agouram bem da viagem, e exortam-se a regalar-se com refrescos, isto é, com tudo aquilo que tinham sempre cuidadozamente guardado na incerteza de poderem ou não passar além.

De maneira que quando os navios estam no declivio do globo, como si corresse para baixo, não sam impedidos do modo porque o foram na subida.

§ 14. Acrecente-se a isto, que todos os mares communicam-se uns com os outros, sem que pelo admiravel poder e providencia de Deos cubram a terra, embora eles sejam mais altos e fundamentados n'ela, antes apenas as dividem em muitas ilhas e parcelas, as quaes igualmente considero estarem conjuntas e como ligadas por meio de raizes, si assim podemos falar, lançadas na profundeza e

interior dos abismos: este grandiozo montão d'aguas, está assim suspenso com a terra girando sobre dois quicios (os quaes imagino nos dois quadrangulos opostos aos dos pólos, de sorte que os quatro formam dois cruzeiros em roda e em semi-circulo, que volteam toda a esfera) em perpetuo movimento, como o demonstram as marés e o fluxo e refluxo do mar; e como esse movimento geral tem seo ponto de partida debaixo da linha equinocial, é certo, que, quando o emisferio das aguas meridionaes, em relação a nós, avança, volvendo-se até as estremidades e limites, que lhe sam prescritos, o emisferio setentrional recúa outro tanto; por isso aqueles que estam no meio e na cintura da bola, sam sacudidos e agitados como si estivessem sobre algum ponto culminante ou alça, que constantemente abaixa e ficam d'este modo impedidos de avançar.

A tudo isto acrecento o que já apontei em outro lugar, a saber, que a intemperança do ar, e as calmarias, que frequentes reinam no equador, prejudicam-nos assás, e forçam-nos a permanecer por muito tempo nas suas proximidades e perto d'ele sem o podermos atingir.

§ 15. Eis sumariamente e de passagem o meo parecer sobre esta importante materia, que aliás julgo tam questionavel, que só a póde bem compreender quem creou esta grande machina redonda composta de agua e terra, e miraculozamente a sustem suspensa nos ares; por isso estou certo que nenhum omem, por mais sabio que seja, poderá discorrer em contrario sem estar sugeito á correção.

Na verdade poderiamos com aparente razão contraditar a maior parte dos argumentos, que formalizam nas escolas, e não sam aliás inuteis para aguçar as inteligencias; devendo-se todavia considerar tudo isso como couza secundaria e não como razão suprema, como pretendem os atêos.

Em concluzão nada absolutamente creio a este respeito sinão o que dizem as santas Escrituras; pois como elas procedem do espirito d'aquele de quem toda a verdade depende, tenho por unica indubitavel a autoridade d'elas.

§ 16. Proseguimos em nosso caminho e tendo-nos pouco a pouco e com dificuldade aproximado do equador,

o nosso piloto alguns dias depois tomou altura no astrolabio, e assegurou, que estavamos exatamente n'essa zona e cintura do mundo no dia equinocial, em que o sol ahi entrava, a saber a 11 de Março;* o que dice nos ele por obzequio e como couza poucas vezes acontecida a outros navios.

Daqui já se vê, que n'este lugar tinhamos o sol no zenit e em linha vertical sobre a cabeça; e deixo cada qual julgar quam extremo e intenso calor sofriamos então.

Em outras estações o sol, correndo alternadamente de um e outro lado para os tropicos, desvia-se e afasta-se d'essa linha; portanto impossivel é axar-se em parte alguma do mundo, quer no mar, quer em terra, onde faça mais calor do que no equador; e fico, para assim dizer, mais que maravilhado do que dice alguem, que reputo digno de fé, e escreveo acerca de certos Espanhoes. Refere esse escritor, que, passando taes individuos em certa região do Peru, ficaram surpreendidos de ver nevar sob a linha equinocial, e com grande fadiga e trabalho atravessaram montanhas situadas debaixo d'essa linha cobertas de neve, experimentando ahi frio tam violento que muitos d'eles ficaram enregelados.

§ 17. Não vejo fundamento na comun opinião dos filozofos, a saber, que a neve forma-se na região media do ar, si atendermos, que o sol, dando perpetuamente aprumo n'esta linha equinocial e sendo portanto o ar sempre calido, não póde naturalmente sofrer, e menos congelar a neve; e nem a respeito de similhante clima se me póde objetar a altura das montanhas e a frialdade da lua, salvo a correção dos doutos.

Portanto concluo de minha parte, que este cazo é extraordinario e constitue excéção na regra de filozofia; assim creio, que não temos solução mais certa para esta questão sinão a que o proprio Deos aprezentou a Job, quando, para mostrar que os omens, por mais subtis que sejam, não xegariam a compreender todas as suas magnificentissimas obras, e menos a perfeição d'elas, dice

---

* Ja observamos em nota anterior cair atualmente o equinocio em 21 de Março em razão da reforma gregoriana do calendario cristão.

entre outras couzas: — Entraste nos tezouros da neve? Viste tambem os tezouros do granizo?

Como si o Eterno, esse grande e excelentissimo obreiro, dicesse ao seo servo Job: — Em que celeiro tenho eu essas couzas, conforme o teo endendimento? Darias a razão d'isso? Não, de certo; não te é possivel, pois não és bastante sabio.

§ 18. Voltando agora ao meo assunto, direi, que depois que o vento sudoéste impelio-nos e tirou-nos d'esses grandes calores, no meio dos quaes eramos assados como no purgatorio, avançamos e começamos novamente a ver o nosso pólo artico, cuja elevação tinhamos perdido, avia mais de um anno.

Para evitar porém prolixidade, envio os leitores aos discursos já feitos anteriormente, quando tratei das couzas notaveis, que vimos na ida, e não reitero aqui o que já referi, quer sobre os peixes voadores, quer sobre outros peixes monstruozos e sarapintados de diversas especies, que se encontram na zona torrida.

Assim para proseguir na narração dos estremos perigos, de que Deos nos livrou no mar durante a viagem de regresso, direi, que foi um d'eles a contenda entre o nosso contra-mestre e o nosso piloto, sucitada porque nem um nem outro, por mutuo despeito, desempenham os deveres de seo cargo.

A 26 de Março o dito piloto fazia o seo quarto, isto é, vigiando por trez óras, conservava levantadas e abertas todas as vélas, sem acautelar-se contra *un grain*, isto é, um furacão, que se preparava, e deixou cair sobre as vélas (que deveria ter com antecedencia mandado ferrar) com tal impeto que derriou o navio sobre o costado a ponto de mergulhar os cestos de gavea e a ponta dos mastros, e atirou ao mar os cabos, copoeiras das aves e todos os mais objétos, que não estavam bem amarrados, os quaes perderam-se, e pouco faltou para virarmos de crena.

Todavia depois de cortadas a toda pressa as enxarcias e escotas da vela grande o navio aprumou-se pouco a pouco; mas, como quer que seja, o tivemos por perdido, e bem podemos dizer, que só por milagre o vimos salvo.

Entretanto nem por isso os dois cauzadores do mal quizeram conciliar-se, não obstante os rogos de todos; pois ao contrario, apenas passou o perigo, a sua ação de graças foi engalfinharem-se e baterem-se com tal furia, que julgamos, que se matassem na luta.

§ 19. Ainda tivemos novo perigo. Alguns dias depois correo o mar calmo; e o carpinteiro e outros marinheiros, durante essa tranquilidade, pensaram em aliviar-nos e livrar-nos do trabalho, em que lidavamos de dia e de noite, tocando a bomba; por isso procuraram no porão do navio os buracos, por onde entrava agua, e sucedeo, que, mexendo em um d'eles, que tentavam concertar no fundo do navio perto da quilha, despegou-se uma peça de madeira de quazi um pé em quadro, por onde a agua entrou em tanta quantidade e com tal rapidez, que obrigou os marinheiros a deixar o lugar, abandonando o carpinteiro, e subindo para o convez, onde estavamos, e sem poderem referir o fato, gritavam: — Estamos perdidos, estamos perdidos!

Pelo que vendo o capitão, mestre e piloto evidente perigo, trataram de dezamarrar e pôr ao mar com toda a pressa a barca, e mandaram alijar os toldos do navio, que nos abrigavam, e grande quantidade de páo-brazil e outras mercadorias no valor de 1.000 francos, deliberados a deixar o navio e salvar-se na barca. O piloto, temendo que o grande numero de pessoas, que arrojavam-se na barca, fizesse carga excessiva, saltou n'ela com um grande cutelo na mão, e dice, que cortaria os braços do primeiro que pretendesse entrar.

Assim vendo-nos dezamparados á mercê das ondas, conforme nos parecia, lembramos-nos do primeiro naufragio, de que Deos nos livrára; e rezolvidos a morrer e a viver, empregamos todas as forças em esgotar a agua afim de sustentar e impedir o navio de afundar-se: tanto trabalhamos que a agua não nos superou.

§ 20. Nem todos foram corajozos, pois a maior parte dos marinheiros, só entretidos em beber áfarta, e todos dezatinados, temiam por tal modo a morte, que não se importavam com couza alguma.

Estou certo, que si os rabelistas, * escarnecedores e desprezadores de Deos, que em terra e sentados á meza tagarelam e motejam ordinariamente dos naufragios e perigos, em que muitas vezes axam-se no mar os viajantes, aqui estivessem, os seos gracejos se transmudariam em pavorozo assombro; por isso não duvido, que muitos d'aqueles que lerem isto e os demais perigos de que já fiz e ainda farei menção, e pelos quaes passamos n'esta viagem, dirão conforme o proverbio: — Ah! quanto é bom plantar couves, e quanto melhor é ouvir discorrer sobre o mar e os selvagens do que ir vel-os!

Oh! quam sabio era Diogenes em apreciar aqueles que, tendo deliberado navegar, todavia não navegavam!

Entretanto ainda não estava tudo acabado; e porque, quando isto nos aconteceo, estavamos a mais de 1.000 legoas do porto, que buscavamos, ainda tivemos de sofrer muitos outros males e passamos por grande fome, a que muitos sucumbiram, como adiante vereis; todavia eis aqui como nos livramos do prezente perigo.

O nosso carpinteiro, mancebo animozo, não abandonara o porão do navio, como os marinheiros, antes pelo contrario meteo o seo capote de marujo no grande buraco que se abrira, e conservou-se com ambos os pés em cima d'ele para rezistir ao impulso d'agua, a qual, como depois nos dice, muitas vezes o arredou com a sua impetuozidade. N'esta pozição gritou quanto pôde para os que, amedrontados, estavam no convez, pedindo que lhe levassem roupas, redes de algodão, e outras couzas proprias para impedir a entrada d'agua, quanto fôsse possivel, emquanto ele concertava a peça, que se tinha levantado; e sendo assim socorrido, fômos salvos por esforço seo.

§ 21. Depois d'isto tivemos ventos tam insconstantes, que o nosso navio era impelido e corria ora para léste, ora para oéste (que não era o nosso caminho, pois buscavamos o sul), e o nosso piloto, aliás pouco entendido no seo oficio, não soube mais dirigir o rumo, e assim navegamos incertos até sob o tropico de Cancer.

---

* Sectarios do escritor satirico Francisco Rebelais. O autor emprega a expressão *rabelistes*.

N'essa paragem, por espaço de quazi quinze dias, andamos por entre ervas, que fluctuavam no mar, tam espessas e em tamanha quantidade que, si as não tivessemos cortardo a maxado para abrir caminho ao navio, que com dificuldade as rompia, creio, que ali ficariamos detidos.

E porque essa relva tornava o mar algo turvo, ocorreo-nos a idéa de estarmos em lagoas lamacentas, e conjeturamos, que deveriamos estar perto de ilhas; mas não obstante lançarmos a sonda com mais de 50 braças de corda, não axamos fundo nem margem, e ainda menos descobrimos terra alguma; a respeito do que, citarei o que o istoriador indiano escreveo sobre este objéto.

Ele diz :—Cristovão Colombo na primeira viagem que fez para o descobrimento das Indias, que foi no anno de 1492, refrescou em uma das ilhas das Canarias, e depois de ter singrado por muito dias encontrou tanta relva que parecia verdadeiro prado; o que incutio-lhe medo, embora nenhum perigo ouvésse.

Ora, para descrever estas ervas marinhas, de que fiz menção, cumpre dizer, que elas ligam-se entre si por longos filamentos como *hedera terrestris*, fluctuando no mar sem raizes, tendo as folhas mui similhantes ás da arruda dos jardins, baga redonda e não maior do que a do zimbro; sam de côr alvacenta ou esbranquiçada como feno seco; no demais, tanto quanto observamos, não offerecem perigo ao tacto, como sucede com certas immundices vermelhas, que varias vezes vi no mar, com o feitio de crista de galo, as quaes eram tam venenozas e pestilenciaes, que apenas as tocavamos, a mão ficava rubra e inxada.

§ 22. Tendo agora falado da sonda, da qual muitas vezes ouvi referir contos, que parecem extrahidos do livro das rócas *, a saber, que os navegantes a deitam ao fundo do mar e trazem na extremidade d'ela terra, por meio da qual conhecem a região, onde se axam, cabe-me declarar, que isto é falso em relação ao mar do ocidente, e vou dizer o que vi, e para o que serve a sonda.

---

* O autor diz :—*Livre des quinouilles*.

A sonda é um aparelho de xumbo do feitio do páo meião do jogo da malha, com que os rapazes ordinariamente folgam nas praças e nos jardins. Furado na extremidade despontada, os marinheiros passam e amarram a corda necessaria, e põem sebo ou outra qualquer gordura na extremidade inferior.

Quando se aproximam do porto ou julgam estar em sitio. onde possam ancorar, a soltam e deixam correr para baixo; e quando a suspendem, si vêem cascalho pegado e seguro n'essa gordura, sinal é de aver bom fundo; mas si pelo contrario nada traz, concluem ser lama ou pedra, onde a ancora não póde agarrar e prender, e vam sondar adiante.

Foi o que eu quiz dizer de passagem para reparar o sobredito erro; pois além de testimunharem todos aqueles que têem estado no grande mar Oceano ser absolutamente impossivel axar-lhe fundo, ainda quando, para assim dizer, dispuzessemos de toda a cordoalha do mundo, é certo, que, quando venta, somos forçados a andar sem pauza de dia e de noite, e em tempo calmo a fluctuar e parar de repente, porque os navios não podem andar a remo como as galés; donde se vê, digo, que, sendo insondaveis esses pégos e abismos, é pêta dizer-se, que a sonda traz terra para conhecermos em que situação nos axamos.

Por tanto si isto acontece em outros mares, como no Meditarraneo, ou em terra, tranzitando nos dezertos da Africa, onde tambem o viajante dirige-se pelas estrelas e pela bussola, conforme vemos escrito, não o contesto; mas em relação ao mar do ocidente, sustento ser verdade o que acabo de dizer.

§ 23. Sahimos d'esse mar relvozo; e como temiamos ser ali encontrados por piratas, não só assestamos quatro ou cinco peças de artilharia de ferro, que estavam no nosso navio, mas tambem para defender-nos em cazo de necessidade preparamos alcanzias e outras munições belicas que tinhamos.

Todavia por cauza d'isso eis que novo perigo sobreveio: pois quando o nosso artilheiro secava a polvora em uma panela de ferro, deixou-a por tanto tempo no fogo que ela encandeceo, a polvora inflamou-se, e a

flama correo de uma a outra estremidade do navio por tal fórma, que estragou velas e maçame, e por pouco não pegou fogo na gordura e breo, de que o navio estava untado e alcatroado, com risco de sermos todos queimados no meio das aguas.

Com efeito um grumete e mais dois marujos ficaram tam maltratados das queimaduras, que um d'eles morreo poucos dias depois.

Por minha parte, si eu não tivesse tam rapidamente levado ao rosto o meo boné de bordo, teria ficado com a face ofendida ou queimada; mas tendo-me assim abrigado livrei-me de ter a ponta das orelhas e os cabelos xamuscados; e isto aconteceo-nos talvez aos 15 de Abril.

§ 24. Tomemos folego aqui, e eis-nos até agora, por graça de Deos, não só escapos dos naufragios e das ondas, em que por muitas vezes julguei ficarmos submergidos, como estaes informados, mas tambem livres do fogo que quazi nos devora.

CAPITULO XXII

Fome estrema; tormentas e outros perigos, de que Deos prezervou-nos em nosso regresso á França.

§ 1. Ora, depois que todas as sobreditas couzas aconteceram, sahimos das brazas e cahimos na lavaredá, como se costuma dizer.

Ainda distavamos da França mais de 500 legoas, quando a nossa provizão ordinaria de bolaxa e outros viveres e bebidas, que ja era pouca, foi subitamente reduzida á metade.

O retardamento da viagem não proveio sómente do máo tempo e ventos contrarios, que tivemos; pois, como ja dice, o piloto por não ter dirigido bem a derrota, enganou-se por tal forma que quando nos dice, que nos aproximavamos do cabo Finisterra (que jaz na costa de

Espanha), estavamos ainda n'altura das ilhas dos Açores, * que ficam a mais de 300 legoas do dito cabo.

Este erro pois em materia de navegação deo cauza a que no fim do mez de Abril estivessemos inteiramente desfalcados de todos os viveres ; de sorte que por ultimo já se sacudia e varria o paiol, isto é, o cubiculo caiado e engessado, onde guarda-se a bolaxa nos navios, no qual axavam-se mais vermes e bostas de ratos do que migalhas de pão, que todavia repartiamos ás colheradas, e mandavamos fazer papa, a qual era tam preta e amarga como fuligem ; por onde podeis avaliar, si teria agradavel paladar.

Aqueles que ainda tinham bugios e papagaios (pois muitos já anteriormente tinham comido os seos) para ensinal-os a dizer palavras, que ainda não sabiam, os conservaram no gabinete da memoria, e os entregaram para servir de alimentação.

Em suma desde principio do mez de Maio todos os viveres ordinarios faltaram entre nós, e morrendo dois marinheiros de idrofobia da fome, foram sepultados no mar, conforme o estilo maritimo.

§ 2. Durante a fome a tormenta continuou de dia e de noite por espaço de trez semanas ; e por cauza do mar levantado e agitadissimo não só fomos obrigados a ferrar todas as vélas e amarrar o leme, mas tambem, por não podermos dirigir o navio, foi precizo entregal-o á discrição das ondas e dos ventos ; de maneira que isto impedio-nos em todo esse tempo, e com grande detrimento nosso, de poder pescar um só peixe.

Emfim eis-nos de novo expostos á repentina e orroroza fome, assaltados d'agua por dentro, e atormentados das vagas por fóra.

Como aqueles que não têm andado no mar, principalmente em tal emergencia, apenas viram metade do mundo, cumpre aqui repetir, que com razão dice o salmista a respeito dos marinheiros, que eles, fluctuando, subindo e

* O autor escreve : — *Essores*.

decendo em tam terrivel elemento, e subzistindo no meio da morte, viam realmente os maravilhas do Eterno.

Entretanto não pergunteis, si os marinheiros papistas, vendo-se em tal estremidade, prometiam, si conseguissem xegar á terra, oferecer a São Nicoláo uma imagem de cera do tamanho de um omem, e faziam outros estupendos votos; mas isto era gritar por Baal, que nada ouvia.

Nós outros aliás julgavamos muito melhor recorrer a aquele, cujo auxilio tantas vezes tinhamos experimentado, como o unico, que, sustentando-nos extraordinariamente durante a fome, podia mandar ao mar, e aplacar a tempestade, a ele por isso, e não a outros, nos dirigiamos.

§ 3. Ora, estavamos já tam magros e debilitadss que apenas podiamos suster-nos de pé para fazer as manobras do navio; todavia a necessidade no meio d'esta asperrima fome sugeria a cada um pensar e refletir com madureza sobre o modo porque podesse enxer o ventre. Lembraram-se alguns de cortar pedaços de rodelas feitas de couro do animal xamado tapirussú, já mencionado n'esta istoria, e os fizeram fever n'agua, imaginando poder comel-os d'este modo; esta receita porém não aproveitou.

Por este motivo outros, que por seo lado tambem buscavam todas as invenções, de que podiam lembrar-se para remediar a fome, puzeram pedaços d'essas rodelas de couro nas brazas, e depois de as tostarem, rasparam com faca a parte queimada; o que deo tam bom rezultado que aqueles, que comiam essa raspagem, declaravam parecer torresmos de toucinho.

Assim feito o ensaio, quem tinha rodelas logo as aprezentava; e porque eram tam duras como couro seco de boi, foram todas cortadas em pedaços com fouces e outras ferramentas; e aqueles, que traziam pedaços em azelhas de seos pequenos sacos de pano, não lhes davam menos importancia do que entre nós os grandes uzurarios cá em terra dam ás suas bolsas rexeadas de escudos.

§ 4. Assim como Flavio Jozefo diz, que os sitiados na cidade de Jeruzalem alimentaram-se com as correias e couro dos seos broqueis, assim tambem entre nós alguns xegaram a comer suas gravatas de marroquim e a sola dos

sapatos ;e os pagens e grumetes do navio, apertados pela furia da fome, comeram todos os xavelhos das lanternas, de que sempre existe grande numero nas embarcações, e quantas vélas de sebo puderam apanhar.

Não obstante porem a nossa debilidade, precizo era com supremo esforço estarmos constantemente tocando a bomba, sob pena de irmos ao fundo, e bebermos mais do que tinhamos para comer.

§ 5. Aos 5 dias de Maio, ao pôr do sol, vimos rutilar e voar no espaço aereo um grande clarão de fogo, que produzio tal reverbero nas vélas do nosso navio, que julgamos terem-se elas incendiado ; todavia sem danificar-nos, passou em um momento.

Si me perguntarem donde podia isso proceder, responderei, que a razão será tanto mais dificil de dar, quanto estando nós na altura das terras novas, onde se pesca o bacalháo, e do Canadá, regiões onde ordinariamente faz estremo frio, não podemos dizer, que o fenomeno proviesse das exalações calidas existentes no ar.

E afim de que sofressemos por todos os modos, fomos n'essas paragens batidos pelo vento de nordeste, quazi o verdadeiro nordeste,* o qual cauzou-nos tal frio, que durante mais de quinze dias não tivemos alivio.

§ 6. Aos 12 do dito mez de Maio, conforme a minha lembrança o nosso artilheiro, ao qual, antes de desfalecer, vi comer as tripas cruas de um papagaio, por fim morreo de fome, e foi, como os precedentes finados da mesma molestia, lançado e sepultado no mar; e a sua falta quanto ao seo encargo foi tam indiferente, que, si fosemos assaltados, em vez de defender-nos, dezejariamos antes ser aprezados e levados por qualquer pirata que nos désse de comer ; tam extenuados nos axavamos!

Como porém aprouve a Deos afligir-nos em toda a prolongação da nossa viagem de regresso, vimos apenas um navio, do qual nem nos podemos aproximar, quando o avistamos, por não nos permitir a nossa fraqueza aparelhar e erguer as velas.

---

* O testo diz:—*Presque droite bise.*

Ora, faltando totalmente as rodelas, de que falei, todos os couros até da cobertura dos bahús, com tudo quanto em nosso navio axou-se capaz de alimentar, pensavamos ter xegado ao termo da nossa viagem.

§ 7. Mas a necessidade, inventora de todas as artes, despertou no animo de alguns caçar os ratos e ratazanas, os quaes mortos de fome, porque tinhamos-lhes tirado as migalhas e todas as demais couzas, que poderiam roer, corriam pelo navio em grande numero ; foram tam perseguidos por meio de toda a sorte de ratoeiras ideadas pelo genio inventivo de cada um, e tam espreitados por olhos vigilantes como gatos, ainda quando sahiam de noite ao clarão da lua, que, por mais escondidos que estivessem, apenas algum escaparia vivo, como suponho.

Com efeito quando alguem apanhava um rato, julgava possuir couza mais valioza do que um boi em terra. Vi venderem cada peça por dois, trez até quatro escudos; e mais notavel é que tendo o nosso barbeiro apanhado dois de uma vez, um dos companheiros ofereceo-lhe, que, si lhe quizesse ceder um, no primeiro porto, a que xegassemos, vestil-o-ia dos pés até á cabeça ; o que todavia o barbeiro não quiz aceitar, preferindo a vida ao vestuario.

Em suma tivemos de cozinhar ratos n'agua salgada com intestinos e tripas; e quem podia apanhar estas visceras, dava-lhes mais apreço do que ordinariamente damos em terra aos lombos do carneiro.

§ 8. Para mostrar, que então nada perdiamos, citarei entre outras couzas notaveis o seguinte.

O nosso contra-mestre apanhou um grande rato ; e para cozinhal-o cortou-lhe as quatro patas brancas, as quaes deixou no convés ; e logo um *quidam* as apanhou, apressadamente as foi assar nas brazas, e as comeo, dizendo nunca ter provado aza de perdiz mais saboroza.

E para tudo dizer em uma palavra, o que em tamanha penuria não teriamos comido ou antes devorado?

Pois em verdade para saciar-nos dezejariamos ossos velhos e outras iguaes imundices, que os cães carregam para os monturos; nem duvideis, que, si tivessemos ervas verdes, ou feno ou folhas de arvores, que aliás em terra poderiamos obter, nós as comeriamos como brutos animaes.

§ 9. N'isto não consiste tudo: pois no espaço de trez semanas, porque durou esta rigoroza fome, não tivemos noticias de vinho nem de agua doce, que desde muito tempo era racionada, nem já nosrestava para beber sinão um pequeno tonel de *cistre*: em consequencia do que os mestres e guardiães o poupavam, e regravam tanto, que ainda quando algum monarca estivesse comnosco n'este navio no meio de tamanha necessidade, não teria maior porção do que outro qualquer, a saber, um pequeno copo por dia.

Como eramos mais vexados pela sêde do que pela fome, não só quando xuvia estendiamos lençóes com uma bala de ferro no centro para distilar a agua da xuva, que d'este modo recolhiamosem vazilhas,mas tambem apanhavamos a agua, que escorria do convés; e embora esta agua fosse mais turva pelo alcatrão e sugidade dos pés do que a que corre nas ruas, nem por isso a deixavamos de beber.

§ 10. Em concluzão direi, que embora a fome que no anno de 1573 sofremos durante o cerco de Sancerre, deva ser colocada na ordem das mais terriveis de que jamais tenhamos ouvido falar, como se póde ver na istoria que imprimi d'esse cerco; todavia não faltou agua nem vinho, não obstante ser mais longa, como ali notei; e posso dizer,que ela não foi tam rigoroza como a fome de que aqui se trata; pois ao menos em Sancerre tinhamos algumas raizes, ervas bravias, rebentos de videira, e outras couzas, que em terra podiamos axar.

Aprouve a Deos abençoar as creações, e ainda aquelas que não entram no uzo comun da alimentação dos omens, como péles, pergaminhos e outras iguaes mercearias, cujo catalogo fiz, e de que vivemos n'esse assedio; e como experimentei, que isso tem valor em cazo de necessidade, devo declarar, que, si eu estivesse assediado em qualquer praça por amor de uma bôa cauza, não me renderia com temor da fome emquanto tivesse cabeções de couro de bufalo, vestuarios de camurça e couzas similhantes, em que existe suco ou umidade.

No mar porém, na viagem de que falo, estivemos reduzidos á estremidade de só termos páo-brazil, madeira

seca e sem umidade, e todavia muitos companheiros, urgidos pela mizeria, a mascavam na falta de outra couza: de sorte que o senhor Dupont, nosso condutor, mastigando um pedaço d'essa madeira em certa ocazião, diceme, soltando grande suspiro :—Ah! de Leri, meo amigo, tenho em França uma partida de 4.000 francos: e prouvéra a Deos podesse eu dal-a para ter um pão grosseiro e um copo de vinho.

Quanto ao mestre Pedro Richier, atualmente ministro da palavra de Deos na Roxéla, dirá esse bom omem, que por debilidade esteve durante a viagem estendido a fio comprido no seo pequeno belixe, sem poder erguer a cabeça para orar a Deos, a quem, apezar de prostrado como estava, fervorozamente invocava.

§ 11. Ora antes de terminar este assunto, direi aqui de passagem ter não só observado nos outros, mas tambem sentido em mim, durante essas duas rigorozissimas fomes, porque passei, e de que ninguem escapava, que, quando os corpos se extenuam, a natureza desfalece, os sentidos se alienam, e o animo dezaparece: isto não só torna as pessoas ferozes, mas tambem produz certa colera, que bem podemos denominar uma especie de raiva; de sorte que mui acertada é a comun opinião, quando diz :—*Fulano enraivece de fome*, querendo assim significar que alguem sofre falta de alimento.

Como a experiencia faz mais compreensiveis os fatos, não foi sem razão, que Deos na sua lei, ameaçando seo povo de mandar-lhe a fome, si o não obedecesse, diz expressamente, que fará com que o omem tenro e delicado, isto é, de indole alias benigna e branda, e antes de esfomeado infenso a atos crueis, se desnaturará por forma tal, que, encarando o proximo e até a propria espoza e filhos, apetecerá comer-lhes as carnes.

Entre exemplos por mim citados na istoria de Sancerre, de pais e mãis, que comeram os proprios filhos, como de soldados, que provando a carne de corpos umanos, mortos na guerra, depois confessaram, que, si a aflição continuasse, estavam deliberados a investir contra os vivos, posso assegurar, alem d'essas couzas prodigiozas, que durante a nossa fome no mar andavamos tam

pezarozos, que, si nos não contivesse o temor de Deos, não poderiamos falar uns com outros sem nos agastarmos; e o que peior era (e Deos nos queira perdoar) sem lançar olhadelas e esgares acompanhados de má dispozição tocante a esse acto barbaro.

§ 12. Ora, proseguindo na expozição do final da nossa viagem, cabe dizer, que iamos sempre em declinação, e a 15 e 16 de Maio morreram dois marinheiros, que finaram-se da idrofobia da fome.

Imaginaram alguns d'entre os nossos companheiros, que, atento o prolongado tempo que sem vêr terra vagavamos no mar, deviamos estar, para assim dizer, em novo diluvio, e os vimos lançar-se n'agua como alimentação dos peixes ; então já não esperavamos outra couza sinão ir logo após eles.

Entretanto não obstante este padecimento e inexprimivel fome, durante a qual, como já dice, foram comidos todos os bugios e papagaios, que traziamos, eu pude todavia até então guardar cuidadozamente um papapaio, que tinha, tam grande como um pato, bom falador e de linda plumagem, e porque muito dezejava conserval-o para prezentear ao senhor almirante, o tive por cinco a seis dias escondido, sem poder dar-lhe comida alguma ; mas tanto urgio a necessidade, e tal foi o receio de me o furtarem de noite, que passou pela sorte dos outros.

Lançadas fóra somente as penas, o corpo, tripas, pés, unhas e o bico adunco serviram para mim e alguns amigos meos irmos vivendo por trez ou quatro dias ; todavia grandissimo foi o meo pezar, quando avistamos terra cinco dias depois de o ter morto ; e como esta especie de aves passa bem sem beber agua, bastariam trez nózes para alimental-a por todo esse tempo.

§ 13. Mas para que (dirá alguem), sem particularizar aqui o teo papagaio, com o qual nos não importamos, nos conservarás sempre suspensos a respeito dos teos padecimentos ? Duraram por muito tempo todos esses generos de aflições ? Nunca teriam fim na vida ou na morte ?

Ah ! eles findaram ; pois Deos, que sustenta os nossos corpos com outras couzas além do pão e da carne, apontou o porto com a mão, e permitio por sua graça,

que aos 24 dias do mez de Maio de 1558 tivessemos vista de terras da baixa Bretanha, quando todos nós, estendidos no convéz, já quazi não podiamos mover braços nem pernas.

Por muitas vezes tinhamos sido enganados pelo piloto, que em vez de terra nos mostrára nuvens, que se desvaneciam no ar; por isso embora o marinheiro, que estava de vigia no cesto grande de gavea, gritasse por duas ou trez vezes:—Terra! Terra! pensamos ser gracejo; mas sendo o vento propicio e aproâando ao ponto divulgado, logo depois certificamos-nos ser na realidade terra firme.

§ 14. Emfim para consolação de tudo quanto acima tenho exposto a respeito das nossas aflições, para melhor explicar a angustioza estremidade, em que nos axavamos, e quando já não tinhamos recurso em tamanha necessidade, Deus a piedou-se de nós e acudio-nos.

Rendemos-lhe graças por nosso proximo livramento; depois do que dice-nos o mestre do navio, em alta vóz, que, si continuassemos ainda por um dia n'esse estado, tinha deliberado e rezolvido, não lançar sortes, como em tal mizeria praticam comandantes de barcos, mas, sem dizer palavra, matar a um de nós para servir de alimento aos outros; o que nenhum susto me cauzou em relação á minha pessoa; porque embora não ouvésse em nenhum de nós a bordo farta gordura, todavia não seria eu o escolhido, si por ventura não quizessem comer sómente péle e ossos.

§ 15. Ora, como os nossos marinheiros tinham deliberado descarregar e vender o seo páo-brazil na Roxéla, quando estavamos a duas ou trez legoas da terra da Bretanha, o mestre do navio com o senhor Dupont e algumas outras pessoas deixaram-nos fundeados, e foram n'um escaler a um lugar vizinho xamado Hodierne, afim de comprar viveres; e como dois companheiros nossos tambem se meteram n'esse escaler, dei-lhes dinheiro para trazerem-me refrescos: mas eles apenas viram-se em terra, pensando estar a fome encerrada no navio, abandonaram as malas e fatos deixados a bordo, e protestaram não pôr mais pés ahi; e com efeito seguiram róta batida, e nunca mais os vi.

§ 16. Em quanto estivemos ali ancorados, aproximaram-se alguns pescadores, aos quaes pedimos viveres; mas eles, julgando que nós zombavamos, ou que com esse pretesto queriamos incomodal-os, quizeram immediatamente retirar-se.

Forçados pela necessidade, fomos mais ligeiros do que os pescadores, e arrojamos-nos com tal impeto no batel, que pensaram logo ser saqueados; todavia sem lhes tirarmos couza alguma contra vontade, e não axando doque buscavamos sinão alguns pedaços de pão negro, um mizeravel apareceo, que, não obstante a penuria em que lhe mostravamos estar, em vez de compadecer-se de nós, não teve duvida em receber de mim dois totões por um pequeno pedaço, que então em terra não valeria um vintem. *

Ora, voltando a nossa gente com pão, vinho e outras provizões, não deixamos mofar nem azedar, como podeis imaginar.

§ 17. Pensavamos sempre em ir á Roxéla, e tinhamos navegado duas ou trez legoas, quando fomos advertidos pela gente de um navio, que comunicou-se comnosco, de que certos piratas assolavam toda a estensão d'esta costa.

Pelo que considerando que, depois de tamanhos perigos, de que Deos, por sua infinita graça, nos salvára, seria tental-o e procurar nosso infortunio, arriscando-nos em azares novos, logo no mesmo dia 26 de Maio, sem demorarmos-nos em tomar terra, entramos na linda e espaçoza enseada de Blavet, paiz da Bretanha, aonde tambem xegava grande numero de navios de guerra, que regressavam de viagem a diversos paizes; e dando tiros de artilharia e fazendo as fanfarrices costumadas na entrada dos portos de mar, rejubilavam-se de suas vitorias.

§ 18. Entre outros navios avia um de São-Maló, cujos marinheiros tinham pouco antes capturado e conduziam um navio espanhol, que voltava do Perú, carregado de boas mercadorias avaliadas em mais de 60.000 ducados.

Isto já estava divulgado por toda França, e muitos

---

* O autor emprega as expressões: —*Deux reales* e *un liard*.

negociantes parizienses, lionezes e outros aviam xegado a este lugar para as comprar; e sucedendo axarem-se alguns d'eles perto do nosso navio, quando saltavamos em terra, nã só deram-nos o braço para ajudarem a suster-nos, em razão da nossa debilidade, como tambem, sabendo dos nossos sofrimentos de fome, acertadamente nos exortaram a absternos de comer com demazia, e uzar em principio pouco a pouco de caldos de galinha bem cozida, de leite de cabra, e de outras couzas proprias para nos alargar as tripas, que tinhamos assás comprimidas.

Com efeito aqueles que acreditaram no conselho, deram-se bem; mas quanto aos nossos marinheiros, que logo no primeiro dia quizeram fartar-se, de vinte escapos da fome, mais de metade, creio eu, empanzinaram e morreram subitamente por comerem com excesso.

Quanto porém a nós outros quinze passageiros, que, como dice no principio do capitulo precedente, tinhamos embarcado na terra do Brazil, n'este navio, para regressar á França, não morreo nenhum no mar nem em terra.

§ 19. Bem certo é, que apenas tinhamos salvo a péle e os ossos; e si olhasseis para nós, dirieis, que eramos cadaveres dezenterrados. Apenas respiramos o ar da terra, ficamos possuidos de tal desgosto e aborrecemos por tal fórma os alimentos, que, falando particularmente de mim, quando xeguei á caza, e senti o xeiro de vinho, que me ofereciam em uma taça, cahi de costas sobre um bahú, e pensaram os circunstantes, que eu ali expiraria, atenta a minha fraqueza.

Todavia não me fez isto grande mal. Por mais de dezenove mezes não me tinha deitado á franceza, como oje se diz; e como puzeram-me em um leito, aconteceo, que contra a opinião d'aqueles que dizem, que, quando estamos acostumados a deitar-nos em cama dura, não podemos muito tempo depois repouzar em colxão macio, eu dormi tam profundamente d'esta primeira vez, que só despertei no dia seguinte ao nacer do sol.

§ 20. Depois de nos demorarmos trez ou quatro dias em Blavet, fómos para Hanebon, pequena cidade distante dali duas legoas, onde durante quinze dias de estada nos tratamos de acordo com o conselho dos medicos.

Por melhor regimen, que podessemos ter, quazi todos inxaram desde a planta dos pés até o cocuruto da cabeça; e apenas eu e mais dois ou trez inxamos da cintura para baixo sómente.

Além d'isso todos tivemos um fluxo de ventre, e tal desmanxo de estomago, que impossivel era conservar qualquer couza em nosso organismo, salvo certa receita, que nos ensinaram, a saber, suco de *hedera terrestris* e arroz bem cozido, o qual, tirado do fogo, devia ser abafado na panela com panos velhos, devendo-se depois tomar gemas de óvos e misturar tudo em um prato no rescaldo.

Comendo isso com uma colhér, como caldo, ficamos logo fortificados; e creio, que sem este recurso, que Deos nos sucitou, em poucos dias o mal nos teria arrebatado.

§ 21. Eis em suma qual foi a nossa viagem, a qual na verdade não se reputará entre as menores, si considerarmos, que navegamos quazi 73 gráos, redundando tudo isso em perto de 2.000 legoas francezas, na direção do norte a sul.

Mas para dar a onra, a quem pertence, o que é ela em comparação da que fez o insigne piloto espanhol João Sebastião del Cano, o qual circundou o globo, isto é, volteou toda a redondeza do universo (o que julgo não ter omem algum jamais feito antes d'ele), e estando de regresso em Espanha, mandou, com toda a razão, pintar o mundo com suas armas, em torno das quaes pôz esta diviza: *Primus me circumdedisti*, isto é, fôste o primeiro que me rodeaste.

§ 22. Ora, para completar a parte final da nossa redenção, cumpre dizer, que parecia devermos com este golpe estar izentos de todos os males ; mas não teriamos evitado a propria ruina, si aquele que tantas vezes prezervou-nos dos naufragios, tormentas, aspera fome e outras mizerias, de que foramos assaltados no mar, não dirigisse em terra os nossos negocios.

Pois Nicoláo de Villegagnon, na ocazião do nosso embarque de regresso, sem que o soubessemos, como já fica notado, entregou ao mestre do navio, em que voltavamos (que tambem o ignorava), um processo, que fizera e organizára contra nós, com ordem expressa ao primeiro

juiz, a quem fôsse aprezentado em França, não só de prender-nos, mas tambem de mandar matar-nos e queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

Aconteceo, que o senhor Dupont, nosso xefe, tinha conhecimento com algumas pessoas da justiça territorial afeiçoadas á religião, que professamos; e aberta a caixa coberta de panno encerado em que estavam o processo, e muitas cartas dirigidas a varias pessoas, foram entregues processo e cartas. Viram então essas mesmas pessoas o que lhes era ordenado, e longe estiveram de tratar-nos como dezejava o nosso perseguidor, pois bem pelo contrario obzequiaram-nos com bôa meza, offereceram aos nossos companheiros necessitados recursos, e emprestaram dinheiro ao senhor Dupont e a outros.

Eis como Deos, que surpreende os astuciozos em suas machinações, não só livrou-nos por meio d'essas boas pessoas do perigo, em que nos colocára a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon, mas tambem, o que é de maior valor, permitio, que a traição urdida contra nós assim se descobrisse para confuzão do traidor, voltando-se tudo em nosso favor.

§ 23. Depois de recebermos este novo beneficio da mão de quem, como já dice, tánto no mar como em terra mostrou-se nosso protetor, os nossos marinheiros partiram d'esta cidade de Hanebon com o fim de irem para a sua terra da Normandia; e nós, para sairmos dentre esses Bretões bretonizados, cuja linguagem entendiamos menos do que a dos selvagens americanos, dentre os quaes vinhamos, apressamos-nos em vir para a cidade de Nantes, da qual apenas distavamos 32 legoas.

Entretanto não corriamos na posta; e como em razão da nossa debilidade não tinhamos forças para dirigir os cavalos, em que montavamos, nem suportar o trote, cada um de nós tinha um omem para guiar a montaria pela brida.

E porque n'esse começo era-nos precizo como que renovar os corpos, não só apeteciamos tudo quanto nos vinha á fantazia, como dizem, que comumente sucede ás mulheras gravidas, de que citaria exemplos extravagantes, si não temesse enfadar o leitor, mas tambem alguns

aborreceram o vinho por modo tal, que passaram mais de um mez sem poder sentir-lhe o xeiro, e menos beber.

§ 24. Por cumulo de nossas mizerias, quando xegamos a Nantes, pareciamos ter os sentidos completamente transtornados, e passamos quazi oito dias com as ouças tam duras, e com a vista tam obscurecida, que pensei ficar surdo e cego.

Todavia excelentes doutores medicos e outros notaveis personagens, que repetidamente nos vizitavam em nossas cazas, tiveram tal cuidado de nós, e nos socorreram tam benignos, que, quanto a mim especialmente, não me restou mal algum, e antes pelo contrario, passado quazi um mez, eu ouvia tam claro como nunca, e jamais tive vista mais perfeita.

E' verdade, que em relação ao estomago, depois sempre o tive mui fraco e debilitado ; e dando-se repetição do mal, no fim de quazi quatro annos, durante o cerco e a fome de Sancerre, como tantas vezes tenho declarado, posso dizer, que sentirei as suas consequencias por toda a minha vida. Assim depois de recuperarmos por um pouco as nossas forças em Nantes, aonde fomos mui bem tratados, como já dice, cada um de nós deliberou seguir para onde quizesse.

§ 25. Só resta agora para dar fim á prezente istoria saber qual a sorte dos nossos cinco companheiros, que, como acima ficou dito, voltaram para a terra do Brazil, depois do primeiro naufragio, de que estivemos ameaçados : e eis aqui por que meio soubemos do cazo.

Pessoas fidedignas, que deixamos n'esse paiz, donde voltaram quazi quatro mezes depois de nós, encontraram o senhor Dupont em Pariz, e asseguraram não só que, com grande pezar seo, tinham sido espectadores da sena do afogamento de trez d'eles no fortim de Coligni ordenado por Nicoláo de Villegagnon por cauza do Evangelho, a saber Pedro Bourdon, João Bordel, e Mateos Verneuil, mas tambem que tinham trazido por escrito tanto a sua confissão de fé, como todo o processo contra eles feito por Nicoláo de Villegagnon, e o entregaram ao dito senhor Dupont; o qual processo eu obtive logo depois.

Vendo assim que, emquanto rezistiamos ás ondas e tempestades do mar, esses fieis servos de Jezus Cristo suportavam tormentos e a morte cruel, que lhes infligia Nicoláo de Villegagnon ; lembrando-me que da nossa companhia só eu (como vimos em lugar competente) sahira da lanxa, em que estava prestes para regressar com eles ; tendo materia para dar graças a Deos por esta minha salvação individual, julgo-me mais obrigado que todos os outros a cuidar, que a confissão de fé d'esses trez bons personagens seja registrada no catalogo d'aqueles que em nosso tempo constantemente afrontaram a morte em testimunho do Evangelho ; por isso a entreguei logo n'esse mesmo anno de 1558 ao impressor João Crespin ; o qual com a narração das dificuldades, que padeceram para aportar na terra dos selvagens depois que nos deixaram, a inserio no livro dos martires, ao qual envio o leitor. Si não fôra a sobredita razão, não faria menção aqui d'esta circunstancia.

Todavia direi ainda, que foi Nicoláo de Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deos n'esse paiz novamente conhecido ; e assim por cauza d'esse acto alguem com inteira justiça o denominou *Caim da America*.

§ 26. Para satisfazer aqueles que quizerem perguntar o que lhe sucedeo, e qual foi o seo fim, direi, que o deixamos aclimado n'esse paiz no fortim de Coligni, e depois nada indaguei a seo respeito, nem ouvi dizer d'ele outra couza, sinão que, quando regressou á França, depois de aver infamado o mais possivel, quer de palavra quer por escrito, aos sectarios da religião evangelica, morreo afinal revestido da sua antiga péle, em uma commenda da ordem de Malta, que fica perto de São João de Nemours.

Por via de um seo sobrinho, a quem vi com ele no dito fortim de Coligni, soube, que o tio deo tam má direção aos seos negocios, quer durante a molestia quer antes d'ela, e foi tam indisposto contra os parentes, que, sem estes darem motivo algum, nada aproveitaram dos seos bens, nem na vida nem depois da morte d'esse omem.

§ 27. Em concluzão : si não só em geral mas tambem em particular fui livre de toda a sorte de perigos, e

de tantos ameaços de morte, como n'esta istoria tenho mostrado, não poderei dizer com essa santa mulher, mãi de Samuel, que eu experimentei ser o Eterno quem faz viver e faz morrer? quem faz decer á tumba e surgir d'ela? Certamente que sim.

Boas razões persuadem, que o omem aqui vive para o dia de oje; e si isto pertencesse á prezente materia, ainda acrecentaria, que por sua infinita bondade Deos salvou-me de muitas outras angustias, por que passei.

Finalmente ahi fica relatado quanto observei tanto no mar indo e vindo da terra do Brazil xamada America, como entre os selvagens abitantes do mesmo paiz, o qual, pelos motivos já por mim amplamente expendidos, bem póde denominar-se mundo novo a nosso respeito.

Todavia bem sei, que, tendo assunto tam excelente, não tratei as materias, de que me ocupei, com o estilo e gravidade, que convinha; e entre outras couzas confesso ainda n'esta segunda edição ter algumas vezes amplificado muito um objeto, que devia ser rezumido, e ao contrario caindo em estremidade oposta toquei mui brevemente em outros, que deviam ser com mais largueza deduzidos.

§ 28. Peço de novo aos leitores, que supram os meos defeitos de linguagem; e considerando quam penoza e dura foi a tarefa do relator d'esta istoria, recebam em compensação a minha boa vontade e o meo afecto.

Agora, ao rei dos seculos, immortal e invizivel, a Deos, unico sabio, tributemos onra e gloria eternamente. Amen.

FIM

NOTA

N'esta tradução segui o testo da edição de Pariz de 1880 anotado por Paulo Gafarel.

A primeira edição d'esta obra apareceu em 1578 com o seguinte titulo: —*Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amerique, contenant la navigation et choses remarquables, vues sur mer par l'auteur: le comportement de Villegagnon en ce pais la, les mœurs et façon de vivre estranges des sauvages ameriquains: avec un colloque de leur langage, ensemble la description de plusieurs animaux, herbes et autres choses singulières; et de tout inconnues par deça: dont on vera les sommaires dans les chapitres au commencement du livre. Le tout recueilli par Jean de Léry, natif de la Margelle, terre de Sainct-Sene, au duché de Bourgogne. A la Rochelle, par Antoine Chuppin.* 1578.

Em 1580 foi publicada em Genebra segunda edição correcta e aumentada, a qual servio para a referida edição de Pariz de 1880.

Seguiram-se varias outras edições d'esta obra, que teve duas traduções latinas.

A primeira, publicada em 1586, tem por titulo:—*Historia navigationis in Brasiliam, quæ et América dicitur.* Genevæ etc.

A segunda, impressa em 1592 na coleção de viagens de Teodoro de Bri, tem por titulo:—*Navigatio in Brasiliam Americæ, qua auctoris navigatio, quæ memoriæ prodenda in mari viderit, Brasiliensium victus et mores a nostris valde alieni, animalia etiam, arbores, herbæ et reliqua singularia a nostris penitus incognita describantur: adiectus insuper dialogus, eorum lingua conscriptus; a Joanne Lerio Burgundo gallice primum scripta, deinde latinitate donata.*

ACTAS DAS SESSÕES EM 1889

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE MARÇO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, conselheiro Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Pinheiro de Campos, Henrique Raffard e Dr. João Severiano da Fonceca, abre-se a sessão, e o Sr. prezidente lê a allocução seguinte :

SENHORES.—Na fórma dos nossos estatutos reunimos-nos hoje, em 1ª. sessão annual, para a posse da nova directoria, leitura de expediente, e si houver tempo— propostas e leitura. As nossas férias fôrão luctuozas : não nos poupou a morte em nosso tranquillo descanso, e roubou-nos dois dos nossos consocios. Pagaram o tributo fatal, a que o Creador condemnou a humanidade, o dezembargador Ernesto Ferreira França e o conselheiro Barão de Cotegipe.

O dezembargador Ernesto França, nosso consocio desde 1860, era uma das nossas illustrações. Frequentou a nossa associação por algum tempo ; mas aquelle entuziasmo que elle mostrava pelas letras patrias foi arrefecido pela tenaz molestia, que lentamente lhe minou a existencia, e dahi o desgosto cruel, que o acompanhou durante toda a sua vida, pois o gôzo do estudo se lhe convertia em um mal-estar inexplicavel, e assim algumas poezias e outras obras, que imprimira em sua mocidade, resentem-se

do seo estado morbido. Foi pois a morte para elle a terminação de seos males, um descanso abençoado e por assim dizer o seo primeiro e ultimo dia.

O conselheiro Barão de Cotegipe finou-se, quando menos o esperava. Já em avançada idade ainda se sentia com forças para novos embates. Foi uma das figuras politicas mais imponentes do segundo reinado. A imprensa de todo o imperio e de todos os partidos já o julgou com mais ou menos justiça, e o Instituto apreciará pela voz do seo orador o seo elogio historico imparcial e justo. Era elle socio do Instituto desde 1845 e durante tão longo espaço de tempo nunca tomou parte nos nossos trabalhos, limitando-se a assistir a algumas sessões magnas. Ultimamente porém despertou d'essa longa inercia, tocado pela mão da justiça da historia. A *Memoria da rebellião bahiana*, lida aqui pelo nosso conspicuo consocio o Sr. Dr. Sacramento Blake, continha, á seo vêr, muitas apreciações inexactas, porque elle conhecia essa tentativa revolucionaria como testimunha ocular, e até tomára parte n'ella, figurando como advogado de alguns dos implicados na rebeldia. Protestou pois contra as inexactidões e prometteo restabelecer a verdade dos factos. Vio-se por muito tempo o nobre Barão frequentando as nossas bibliothecas e archivos, em busca de documentos,... mas a morte o conteve em tão justa missão, privando esse periodo da historia brazileira de tantas luzes.

Peço ao Instituto, que se insira na acta de hoje um voto de profundo pezar por perdas tão sensiveis.

Inaugurou o gabinete portuguez de leitura os seos trabalhos no seo novo edificio, monumento de architectura que faz honra não só á capital do imperio, como á colonia portugueza n'esta côrte, que tanto se tem assignalado por actos patrioticos dignos de todos os encomios. Assistio á ceremonia, a convite do mesmo gabinete, uma commissão composta de membros do nosso Instituto. Outra commissão assistio á inauguração da expozição geographica sul-americana, que faz n'esta côrte a sociedado de geographia. Para essa expozição pôz o Instituto Historico a sua bibliotheca e archivo á dispozição da benemerita associação. Cumpre agora, que a nossa commissão de

geographia examine e informe a sua importancia, quanto á parte relativa á nossa patria.

Acha-se prompto o catalogo da nossa bibliotheca. Falta imprimil-o; mas convem demorar a sua impressão. Vê-se pelo seo exame a falta que se dá de obras interessantissimas sobre o Brazil, e que entretanto existem á venda por preços commodos nas principaes livrarias da Europa. Figuram tambem no catalogo muitas obras cuja incluzão se torna irrizoria, pois são de todo o ponto extranhas aos nossos estudos; e conviria antes trocal-as por obras mais adequadas á nossa bibliotheca ou doal-as a outras repartições, como se procedeo com o muzeo nacional. Não fazem mais do que occupar lugar, quando o espaço nos vai faltando para livros mais proprios de uma bibliotheca especial, como é a nossa.

E' tambem da maior necessidade augmentar a verba para encadernação. Ha grande numero de broxuras e jornaes, que necessitam d'esse melhoramento, pois torna-se incommodo o seo exame e leitura, além de estragos a que estão sugeitos.

Sendo os mappas geographicos de difficil accommodação, dirigi-me ao nosso digno 2°. vice-prezidente, director da secção geographica, pedindo-lhe se dignasse de vêr o melhor meio de guardal-os, de modo que não só se prestem promptamente ao estudo, como que occupem o menor espaço. Bati em bôa porta. S. Ex. tem por invenção sua um methodo excellente, que se presta a esses dois fins; e com toda a sua proverbial bondade ficou de explical-o para ser posto em execução.

Existe uma porção de livros que não são de maior importancia e que se acham reduzidos á completa inutilidade. Convém eliminal-os, pois os insectos que os accommettem propagam-se facilmente, demorando-se pelas estantes.

Além de reduzido numero dos empregados que temos, não são elles obrigados a frequentar a caza sinão em dias intercalados. Da falta de continua frequencia rezultam numerozas difficuldades para o regular serviço do Instituto, que deve ser como uma repartição com o seo regulamento. Desde 1881 que lutamos para que tudo

entre em ordem e methodo. Já se conseguio muito, como foi a abertura da nossa bibliotheca, que se conservava por dias sem luz, nem ar, e sem frequencia, não falando em outros melhoramentos e fiscalização.

Infelizmente os que se acham á frente da administração do Instituto não se podem dedicar excluzivamente ao que lhes determinam os estatutos, porque têm outras occupações, e ainda assim se inutilizam arruinando a sua saude, com o pezo de tão árduas tarefas, como são exemplos vivos o ex-1°. secretario, nosso incansavel consocio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. »

O 1°. secretario interino, Dr. João Severiano da Fonseca, dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios:

Dos prezidentes das provincias de Alagoas, Bahia, Paraná e Piauhi, remettendo collecções das leis e rezoluções promulgadas no anno de 1888, nas respectivas provincias.

Do prezidente da Parahiba, participando ter assumido a administração da provincia em 4 de Fevereiro passado.

Do ministerio do imperio, estabelecendo a norma que o Instituto terá de observar para receber a subvenção do estado.

Da directoria geral dos correios, pedindo alguns numeros da *Revista Trimensal*, que lhe faltam.

Do circulo dos officiaes do exercito, convidando o Instituto a assistir á sua installação em 1° de Março no salão da bibliotheca do exercito.

Do socio o Sr. Luiz da França Almeida Sá, communicando mudar sua rezidencia para o *Tubarão*, na provincia de Santa Catharina.

Do socio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, participando não poder comparecer ás sessões por seo máo estado de saude.

Do socio coronel Augusto Fausto de Souza, pedindo exoneração do cargo de 2°. secretario por estar muito sobrecarregado de trabalho e não poder assistir regularmente ás sessões.

Do socio Barão de Tefé, propondo que o Instituto admitta como socios os senhores, general de divizão espanhol Carlos de Ibanez, Bouquet de la Grye, da academia de sciencias de Paris e o major general italiano Anibal Ferrari.

De Adolfo Alexandre de Queiroz Ferreira, porteiro do Instituto, solicitando licença de trinta dias, com metade dos vencimentos.

OFFERTAS

Pelo Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, seo discurso proferido na sessão magna de 15 de Outubro findo.

Pela secretaria da camara dos deputados os *Annaes do Parlamento Brazileiro*, ns. 1 a 7 de 1888.

Pelo Sr. Angel Auguiano o *Annuario del observatorio astronomico nacional de Tucubaia*, para 1889.

Pelo Sr. Vivien Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de géographie universelle*.

Pela typographia nacional a *População, territorio e reprezentação nacional do Brazil, comparada com a de diversos paizes do mundo*, por J. F. Favilla Nunes.

Pela sociedade, scientifica argentina *Annales de Julio* — Setembro 1889.

Pelos Srs. Lombaerts & C., *Catalago dos jornaes mais importantes do estrangeiro*.

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Berlin, Pariz, Mexico, Bruxellas, Lisbôa e Italiana os seos *boletins*.

Pelo instituto geographico argentino, real academia de historia de Madrid, instituto de Toronto, sociedade imperial dos naturalistas de Moscowa, sociedade africana de Italia, sociedade dos estudos indo-chinezes de Saïgon, club naval, bibliotheca nacional, centro Victorio-Emanuel, de Roma, e o de Osterland, os seos *boletins*.

Pelo curso pratico e theorico da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, instituto do Ceará, sociedade de geographia de Tours, Monitor de la education, direcção da Revista Italiana, il Brasile, direcção da Revista Maritima Brazileira as suas *revistas*.

Pela bibliotheca da faculdade de medicina do Rio de Janeiro 586 exemplares de theses de doutorandos.

Pelas respectivas redacções : *Jornal do Recife, Jornal da Parahiba, Diario Popular, Diario Mercantil, Diario de Sorocaba, Revista sul-americana, Revista dos Constructores, Revista do imperial observatorio, Gazeta de Mogimirim, Gazeta da Bahia, Gazeta do Povo, Gazeta de Campinas, Liberal Mineiro, La Geographie, Publicador Goiano, Industrial, Treze de Maio, Immigração, Espirito Santense, Paraná, Trabalho, Baependiano, Caxoeirano, Patria, Imprensa, Geographica Brazileira, Brésil, Etoile du Sud, Noveau Monde, Carbonario, Reformador, Echo do Sul, Revista de Medicina, Boletim da alfandega*, e pelo imperial observatorio o seo *Annuario* para 1889, 5°. anno.

ORDEM DO DIA.—1ª PARTE

O Sr. prezidente submette á consideração da caza a petição do porteiro Adolfo Alexandre de Queiroz Ferreira, que fica autorizado a auzentar-se por um mez, para tratar de sua saude, deixando metade do seo ordenado em favor de quem o substituir.

O 1°. secretario interino procede á leitura dos socios eleitos para a meza administrativa do anno corrente; e a convite do Sr. prezidente o Sr. Barão Homem de Mello passa a occupar a sua cadeira de 1°. secretario, e o 1.° supplente Dr. João Severiano da Fonseca a de 2°. secretario, em consequencia da escuza do socio coronel Augusto Fausto de Souza.

E nada mais havendo que tratar, levantou-se a sessão ás 10 1/4 horas da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca
2°. secretario interino.

2ª. SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE MARÇO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da noite prezentes os Srs. Souza Silva, Barão Homem de Mello, Drs. Teixeira de Mello e Luiz Cruls, conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros, 1º. tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard e Dr. João Severiano da Fonseca, abre-se a sessão, e lê-se a acta da antecedente,que é approvada. O Sr. prezidente communica,que participára ao imperador haver o Instituto começado seos trabalhos ; dignando-se Sua Magestade declarar que por ora não podia frequental-os; o que faria quando regressasse á côrte. Essa declaração é recebida com geral agrado.

O Sr. 1º. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. sub-director do correio geral, agradecendo a remessa da *Revista Trimensal* para a bibliotheca da sua repartição, e solicitando a sua continuação.

OFFERTAS

Pelo socio Sr. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, suas *Viagens pelo interior de Minas e Goiaz*.

Pelo Sr. Pedro L. Figueiroa : *Estudios historicos sud americanos*.

Pelo Sr. Henrique Raffard trez discursos sobre a *immigração chineza*, pronunciados pelo bacharel Oscar Varady na sessão passada da assembléa provincial fluminense ; *Empire du Brésil ; Guide de l'Etoile du Sud*.

Pelas respectivas redações : *Jornal do Recife*, *Gazeta da Bahia*, *Revista do club de engenharia*, *Revista Sul-americana*, *Revista do imperial observatorio astronomico*, *Boletim da alfandega do Rio*, *Boletim do Club naval*, *Boletin de la societé de géographie de Paris*,

Almanach bibliographico do Rio, *Anales de la sociedad cientifica argentina*, *Reforma Medica*.

Do instituto historico mexicano : La*Geographie et le Brésil*.

O Sr. socio Garcez Palha offerece ao Instituto e aos membros prezentes um fasciculo do seo trabalho *Combates de terra e mar*.

O Sr. Barão Homem de Mello communica ao Instituto ter cumprido a sua commissão na sessão inaugural do *circulo dos officiaes do exercito*, em 1 do corrente.

O Sr. thezoureiro communica, que as medalhas commemorativas ao grande acto da abolição estão quazi promptas, conforme se infere do officio que aprezenta, do director interino da caza da moeda. Aprezenta as contas relativas á receita e despeza no anno social findo, e junta a ellas algumas considerações sobre o titulo *Observações sobre o balanço*. * E declara, que o ministerio do imperio, para fazer effectiva a subvenção que do estado o Instituto recebe, exigio, que este lhe remettesse, em tempo, uma explicação das suas despezas.

O Sr. Dr. João Severiano informa, que em 11 e 12 de Dezembro findo recebeo dois officios d'aquelle ministerio, um exigindo até 28 de Fevereiro uma expozição succinta, das occurrencias do Instituto, para d'ellas se fazer menção no relatorio ministerial, e outro exigindo dados sobre a gestão financeira do Instituto, afim de fazer effectiva aquella subvenção ; requizições que satisfez no relatorio, que remetteo.

O balanço e papeis relativos são remettidos á commissão de fundos e orçamento.

O Sr. prezidente propõe e são eleitos por acclamação membros honorarios os effectivos os Srs. Barão de Capanema e Visconde de Souza Fontes.

Inscreve-se para leitura na proxima sessão o Dr. João Severiano da Fonseca.

E nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2o. secretario interino.

---

* Vão no fim da acta.

Observações sobre o balanço

§ 1. *Impressão do balanço*

Aprezento agora o balanço da tezouraria do Instituto correspondente ao anno proximo findo de 1888.

Desde que tomei o encargo da tezouraria tenho sempre mandado imprimir o balanço annual de nossa receita e despeza, e distribuir pelos nossos consocios, afim de que pela publicidade tenham todos conhecimento do nosso estado financeiro, e vejam como são gastas as nossas rendas, sobre tudo porque, consistindo a principal verba da nossa receita no subsidio, concedido pelo estado, convem, que não fique sem exame o seo emprego.

As despezas são todas justificadas por documento, e nenhum pagamento faço sinão em vista de conta vizada pelo nosso 1.° secretario, de acordo com as regras dos nossos estatutos. Esta pratica tenho observado desde que em 1881 entrei no exercicio do cargo, com que me onraes.

§ 2. *Receita e despeza*

Conforme demonstra o balanço, a nossa receita em 1888 foi de 12.009$540 e a despeza de 10.173$130, aparecendo um saldo de 1.836$410, o qual alias deve dezaparecer com o pagamento da impressão da 2.ª parte da *Revista Trimensal* do dito anno, cuja conta ainda não foi aprezentada.

A comparação dos nossos balanços de 1881 para cá dá a conhecer, que a nossa renda tem sido ora de perto de 10.000$ e ora pouco superior a 12.000$.

Sendo fixa a principal verba da receita, qual é a do subsidio concedido pelo estado na importancia de 9:000$

a variação procede da maior ou menor pontualidade no pagamento das contribuições sociaes.

Depois que por efeito das vossas providencias conseguimos saldar os debitos antigos do Instituto, temos sempre podido manter as nossas despezas em condições de não exceder á receita, em alguns annos anteriores a 1887 tinhamos podido rezervar quantia para a compra de 2 apolices, com que annualmente iamos aumentando o fundo pecuniario, destinado a dar acrescimo á renda do Instituto.

Nos dois ultimos annos não foi porém possivel fazer esta rezerva, sendo no anno proximo findo motivado este facto pela despeza com a celebração do nosso jubilêo, determinado pelo complemento do 50.° anno da nossa existencia social.

Esta despeza elevou-se á quantia de 3.733$110, sendo gastos 805$360 com a decoração da sala da sessão extraordinaria e com annuncios feitos na imprensa; e 2.928$750 com a publicação do volume suplementar da *Revista Trimensal* destinado a comemorar a nossa festa.

A primeira quantia foi paga com a receita do anno proximo preterito, a segunda o foi com a renda do corrente anno, e figurará no balanço futuro.

§ 3. *Verba do expediente*

Cabe observar, que nos nossos orçamentos de 1882 em diante sempre se tem marcado para expediente a quantia de 150$, e com esta importancia e ás vezes com pequeno excesso tem-se feito este serviço; nos dois ultimos annos porém este mesmo serviço elevou a despeza muito além da verba votada.

No anno de 1887, o dispendio subio a 646$840, e no anno de 1888 ainda subio á maior soma.

Por conta d'essa despeza do expediente de 1888 já foi paga a importancia de 480$, que entrou no balanço de 1888; restando pagar talvez igual importancia por contas ainda não liquidadas.

O que fica declarado mostra, que ou devemos reduzir a despeza d'esta verba, ou augmental-a nos orçamentos futuros.

§ 4. *Contribuições sociaes*

As nossas contribuições sociaes têm sido regularmente satisfeitas por muitos dos nossos consocios, que estão em dia, como vereis pela relação sob n. 1, sendo elles em numero de 40.

Alguns estão atrazados, como vereis pela relação sob n. 2.

A todos estes tenho previnido sobre o estado de sua conta corrente com o Instituto.

Pelo exame d'esta relação vê-se, que o debito actual dos nossos consocios para com tezouraria do Instituto é do valor de 4.056$000.

Esta elevada cifra porém pouco valor real significa; porquanto n'ella entra o debito de socios, que por muitos annos têm deixado de satisfazer as suas contribuições, apezar de repetidos avizos do seo atrazo, donde colijo não dezejarem continuar no nosso gremio.

O debito proveniente de contribuições atrazadas foi outr'ora muito maior; porém depois da vossa deliberação de 9 de Setembro de 1881, permitindo a remissão dos debitos antigos, isto é, dos debitos anteriores a 10 annos, varios consocios nossos fizeram efectiva essa remissão; os demais que o não tem feito até agora parecem deliberados a não fazel-o jamais.

Estes consocios são em numero de 12: todavia continuarei a solicitar d'elles a devida satisfação do seo compromisso social.

Os nossos estatutos mandam eliminar o socio remisso por 3 annos; o Instituto porém tomou por norma não excluir ninguem do seo seio por esta cauza, parecendo-me que tal pratica deve continuar para com aquelles que por não solicitados e auzentes cahiram em sensivel mora.

Na sobredita relação n. 2 incluem-se alguns socios

com pequena demora de pagamento, o qual certamente se efectuará na proxima cobrança, que deve começar de Junho em diante.

§ 4. *Socios falecidos com debito*

Pela relação n. 3 vereis, que monta a 5.704$000 a importancia do debito de 28 socios, que faleceram com atrazo de suas contribuições sociaes desde 1881 até 1888.

Na maxima parte esse debito pertence a socios de antiga data, que não remiram as suas prestações atrazadas.

§ 5. *Izenção de contribuição*

Pelos nossos estatutos são izentos das contribuições semestraes os socios nacionaes onorarios, os remidos e os rezidentes no estrangeiro, emquanto ahi se axarem.

Os onorarios e remidos constam da relação sob n. 4, e são em numero de 29.

Os socios actualmente rezidentes na Europa vão mencionados na relação sob n. 5., e são em n. de 6.

§ 6. *Joias não pagas*

Alguns socios têm deixado de pagar a joia de entrada; e os que a pagaram desde 1860 estão declarados na relação sob n. 6.

Estas joias pagas montam ao valor de 1.660$000.

§ 7. *Remissão do debito social*

Tem-se remido das contribuições sociaes, desde 1880 até agora, 32 socios, importando o valor d'estas remissões em 1.920$, como vereis da relação sob n. 7.

§ 8. *Distribuição da Revista Trimensal*

Quando tomei conta da tezouraria não axei inventario do depozito da nossa *Revista Trimensal*, nem avia nota de entradas e sahidas.

Fiz o inventario, e incumbi o porteiro de tel-o a seo cargo, cumprindo-lhe notar as entradas e sahidas da mesma *Revista*, bem como de outras obras impressas pelo Instituto.

O inventario só ficou concluido em Novembro de 1881 e tinhamos então em depozito 5.716 exemplares distribuidos pelos respectivos annos. Em 1884 esse depozito era de 9.791 exemplares, em 1885 era de 13.565. Tudo consta da nota aqui junta sob n. 8.

O depozito actualmente, isto é, em 31 de Dezembro de 1888, xega a 17.216 exemplares, como se mostra da nota sob n. 9, assinada pelo porteiro.

Este avultado numero de volumes, que temos em depozito, exige novas acomodações para melhor dispozição e conservação dos exemplares da nossa *Revista*, cujo acervo no correr dos annos vae em progressão.

As sahidas da nossa *Revista* por entrega aos socios, remessa para o estrangeiro, concessão de coleções a estabelecimentos publicos e particulares e por venda mostram, que de 1881 para cá temos distribuido mais de 20.000 exemplares avulsos da mesma *Revista*, e 60 coleções.

Além da *Revista Trimensal* temos algumas obras em depozito impresas pelo Instituto, como são a *Chronica da Companhia de Jezus* por Simão de Vasconcellos, o *Diccionario historico, geografico, biografico, estatistico e noticiozo da provincia de São-Paulo*, por Azevedo Marques, o *Novo Orbe serafico Brazileiro* por frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, e outras de menor importancia, como vereis da nota sob n. 10.

§ 9. *Folhas avulsas da Revista Trimensal*

Em annos anteriores a 1881 deixou-se de broxar todos os numeros da *Revista Trimensal*, preparando-se apenas os exemplares necessarios para a distribuição ordinaria.

Daqui rezultou o extravio de muitas folhas de impressão, de sorte que logo faltaram exemplares nas respectivas coleções.

Para suprir esta lacuna mandei coordenar as folhas existentes, mas não foi possivel formar volumes completos; todavia parte das folhas existentes em maior quantidade respectiva a cada tomo foi aproveitada, mandando-se imprimir algumas que completaram volumes exgotados; com o que evitou-se a impressão total.

Ainda assim restaram muitas folhas de diversos tomos, que se estão coordenando afim de conhecermos si convem aproveital-as, reimprimindo-se as folhas deficientes.

Do rezultado darei noticia ao Instituto para rezolver como melhor convier.

§ 10. *Recebimento do subsidio do estado*

Até agora recebiamos o subsidio prestado pelos cofres publicos no principio de cada semestre dos exercicios financeiros, tendo-se apenas em consideração o acto legislativo, que autorizava o subsidio.

Requizitava-se a entrega d'elle por semestres adiantados, e recebida a respectiva importancia nenhuma dependencia tinhamos de fiscalização externa, prestando o tezoureiro do Instituto as suas contas como negocio de nossa economia interna.

Mas o actual ministro do imperio por avizo de 16 de Janeiro ultimo determinou, que, para entregar-se a subvenção de um anno, convem, que previamente sejam prestadas as contas do emprego da mesma subvenção no exercicio anterior.

O avizo não diz a quem e como devam ser prestadas tees contas; procurarei porém solicitar os necessarios esclarecimentos, para saber como devemos proceder; convindo declarar aqui que já em data de 6 do mez proximo passado me foi entregue a quantia correspondente á metade da subvenção do corrente anno de 1889, na importancia de 4.500$000.

Rio 15 de Março de 1889. *T. Alencar Araripe.*

3ª. SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE MAIO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume abre-se a sessão, prezentes os senhores Joaquim Norberto, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Joaquim Portella, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cezar Marques, commendador Jozé Luiz Alves, 1.º tenente Garcez Palha, Dr. Pinheiro de Campos, Henrique Raffard. Lê-se a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Barão de Abiahi, 1º. vice-presidente da Parahiba, participando ter assumido a administração da provincia em 17 do mez passado; do Sr. secretario do governo do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da collecção das *leis provinciaes,* promulgadas em 1887; do secretario geral da commissão central brazileira para a expozição universal de Pariz, em 1889, pedindo ao Sr. thezoureiro se digne de providenciar para que seja entregue ao lycêo de artes e officios uma collecção

completa, ou, si não fôr possivel, mesmo incompleta da *Revista Trimensal*; e do socio o Sr. 1°. tenente Jozé Egidio Garcez Palha, pedindo exoneração do cargo de membro da commissão subsidiaria de geographia, por não ser possivel exercer o cargo.

OFFERTAS

Pelo prezidente, o Sr. commendador Joaquim Norberto, *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil*, por John Luccock ; *Life in Brasil*, por Thomas Ewbanck ; *A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*, por Alfredo R. Wallace ; *Travels in the interior of Brazil*, por George Gardner ; *A History of the Brasil*, por James Henderson.

Pelo Sr. Lafayette de Toledo, *Almanack da Caza Branca*, para 1889.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin, *Nouveau Dictionnaire de Géographia Universelle*.

Pela universidade central de Venezuela, a sua *Revista Mensal ns.* 8, 9 e 10, *tomo* 1°.

Pelas sociedades de geographia de Pariz, Tours, New-York, Bordeaux, Italiana e National Geographie Magasin de Washington os seos *boletins*.

Pela sociedade africana da Italia, academia real de historia de Madrid, instituto do Ceará, instituto milaneze de exportasione, e instituto meteorologico nacional os seos *boletins*.

Pelo observatorio imperial do Rio de Janeiro e o Monitor de la educacion commum, suas *revistas*.

Pela academia dei Lincei, *Atti della R. Accademia*, 2ª. serie, vol. IX ; *clase de ciencias morales, istoricas e filologicas*, 3ª serie vols. XII e XIII ; *clase de ciencias fisicas, matematicas e naturales*, 3ª serie vols. XVIII e XIX, e 4ª serie vol. I.

Pelo Dr. D. Antonio F. Crespo o *Censo municipal de Buenos Aires*, 1887, vol. I.

Pelo Sr. engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna a *Revista dos constructores*.

Pela sociedade de geographia do Rio de Janeiro a

acta da sessão extraordinaria que teve logar no dia 23 de Fevereiro, e o discurso inaugural do orador official Sr. Barão Homem de Mello.

Pelas respectivas redacções a *Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Diario Popular, Liberal Mineiro, Provincia do Espirito Santo, Espirito Santense, Gazeta de Mogimirim, Imprensa, Paraná, Geographie, Jornal da Parahiba, Nouveau Monde, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo Sr. Barão de Macahubas o seo oppusculo *Description de l'appareil cosmographie et intructions sur son emploi.*

Pelo Sr. chefe de divizão Ignacio Joaquim da Fonceca dois minuciozos trabalhos do capitão de fragata Lourenço Amazonas, relativamente ao estudo das *costas do norte do Brazil*, manuscriptos.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

Communicações verbaes e propostas.—O Sr. Dr. Cezar Marques communica, que faltou ás ultimas sessões por gravemente infermo. Identica participação do Sr. monsenhor Manoel da Costa Honorato, e que por ora não poderá frequentar o Instituto. O Sr. Dr. Teixeira de Mello manda á meza uma indicação para que ao cavalheiro Pedro Mallan, redactor unico da interessante revista *il Brasile*, que, tantas, tão valiozas e sérias informações tem dado acerca das nossas couzas, seja dada, como elle pede, por seo intermedio, a *Revista Trimensal*, para melhor poder ainda escrever a nosso respeito. E' concedido.

Vêm á meza os seguintes requerimentos e propostas:

Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. capitão Bazilio de Carvalho Daemon, rezidente na capital do Espirito Santo, servindo de titulo de admissão a obra que agora offereço intitulada *Provincia do Espirito Santo, sua descoberta, historia chronologica, sinopse e estatistica*, impressa na

cidade da Victoria. Dr. *Cezar Augusto Marques*. O Sr. Dr. Teixeira de Mello pede permissão para tambem fazer sua esta proposta. Vae, com a offerta, á commissão de historia.

Do Sr. Dr. Cezar Marques: 1°. uma reclamação contra a troca de nomes, que nota em relação á sua pessoa, no ultimo volume da *Revista*; 2°. pedindo dispensa do cargo de membro da commissão subsidiaria de historia ; e 3.°. que se consigne em acta o seguinte voto de pezar :

«A patria está de luto rigorozo. Uma de suas glorias mais puras, um de seos filhos mais distinctos, acaba ella de perder na pessoa do Exm. marechal Barão de Alagoas, ajudante-general do exercito. Não pertenceo ao nosso Instituto, embora lhe servissem de titulos de admissão, e á farta, as esplendidas e heroicas paginas da historia patria, que, com a ponta de sua espada, sempre corajoza e vencedora, elle escreveo em muitos e muitos combates, arriscando com tanta abnegação quanto denodo a sua gloriuza existencia. Requeiro pois, em nome da Patria, que em honra do heroico general Severiano Martins da Fonseca, Barão de Alagoas, se lance na acta um voto de profundo pezar pelo seo passamento.»

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan diz, que o Sr. Dr. Cezar Marques adiantou-se-lhe na mesma idéia, que tinha, de consignar-se esse voto de pezar do Instituto Historico, pela morte d'esse general, que tantas paginas de gloria enchêra na historia patria. Foi unanimemente approvado.

O Sr. Dr. João Severiano pede licença para dar sciencia á caza do succinto relatorio, que remetteo ao ministerio do imperio, em cumprimento ao por este ordenado ; e que por um descuido não foi aprezentado nas sessões passadas.

Instituto Historico e Geographico Brazileiro.—Secretaria em 22 de Janeiro de 1889. Illm. e Exm. Sr. Satisfaço o ordenado por V. Ex. em circular n. 3880 de 11 do mez passado para remetter-lhe uma expozição succinta das occurrencias havidas n'este Instituto durante o anno de 1888, relatando o seguinte :

Em Janeiro, o 2°. secretario coronel Augusto Fausto de Souza, tendo seguido para a provincia de Santa Catharina como seo prezidente, passou o exercicio d'aquelle cargo ao 1°. supplente de secretario Dr. João Severiano da Fonseca, que mais tarde, em 18 de Agosto, assumio o de 1°. secretario por falecimento do Dr. João Franklin da Silveira Tavora; passando o cargo de 2°. secretario a ser exercido pelo Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 2°. supplente. Durante o anno leram memorias : o socio Dr. Cezar Augusto Marques (uma intitulada *Manoel Odorico Mendes*), senador Alfredo d'Escragnolle Taunay (*Indios Caingangs e seo dialecto*), Barão Homem de Mello (*Excursões geographicas*), Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello (*Biographia do conselheiro Jozé Bernardino Baptista Pereira d'Almeida*) e Dr. João Severiano da Fonseca *Brazões de Cuiabá e Mato-Grosso* e *Novas investigações sobre a provincia do Mato-Grosso.*

Para celebrar o facto da abolição dos captivos no Brazil e a data da aurea lei de 13 de Maio, determinou o Instituto fazer gravar uma medalha commemorativa, cujos exemplares serão, dois de ouro para S. M. o Imperador e S. A. Imperial, cincoenta de prata para o ministerio de 10 de Março e outras pessoas e trezentas de cobre. Festejou condignamente o quinquagenario da sua fundação, fazendo por essa occazião publicar um volume especial em supplemento ao n.51 da sua *Revista* : em livro adornado com os retratos do Augusto protector do Instituto, dos seos dois fundadores, dos seos prezidentes e 1.° secretarios mortos e do prezidente actual e illustrado com gravuras e mappas, é um formozo volume, que, colligido e impresso em pouco mais de mez e meio, não destôa em valor dos outros da precioza collecção da *Revista,* pelo alto interesse e variedade de seos artigos.

Faleceram os socios Domingos Soares Ferreira Penna, Dr. Demetrio Ciriaco Tourinho, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Barão de Catuama, João da Silva Carrão, Manoel Soares da Silva Bezerra, coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, dezembargador Ernesto Ferreira França e o general argentino Domingo Faustino de Sarmiento. Foram admittidos como correspondentes os

doutores Luiz Cruls, Virgilio Martins de Mello Franco, 1°. tenente da armada Arthur Indio do Brazil, o Marquez de Paranaguá, e os commendadores Jozé Luiz Alves e Luiz Rodrigues de Oliveira.

Passaram á classe de honorarios os conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, o senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, os doutores Maximiano Marques de Carvalho e Cezar Augusto Marques e o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira; e a effectivos os oito correspondentes mais antigos, rezidentes n'esta capital.

Do balancete aprezentado em 12 de Outubro pelo thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, extraio o seguinte :

RECEITA

Saldo de 1887	576$650
Subsidio do tezouro	9.000$000
Juros de apolices	1.010$000
Joias e mensalidades de socios	752$000
Venda da *Revista Trimensal*	28$000
Donativos dos socios para a festa do jubileo	100$000
Somma	11:466$450

DESPESA

Impressão da *Revista Trimensal*	2.576$000
Remessa d'ella para o estrangeiro	293$000
Encadernação	120$700
Compra de livros	20$000
Expediente	361$060
Vencimento dos empregados, em trez quartéis do anno	2.744$994
Porcentagem da cobrança	107$400
Eventuaes	196$020
Somma	6.419$174
Saldo	5.047$275

OBSERVAÇÕES.— Este saldo está sugeito ás seguintes despezas:

1.° Reimpressão do tomo xv (1852) da *Revista*

2.° Impressão da 2ª. parte da *Revista* de 1888.

3.° Cunhagem das medalhas.

4.° Dois armarios grandes para guarda dos manuscritos.

5.° Vencimento dos empregados no ultimo quartel do anno.

6.° Despezas do jubileo, expediente, impressão do livro do quinquagenario etc.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

LEITURA

O Dr. João Severiano pede desculpa de não continuar hoje a sua leitura. O Sr. Dr. Cezar Marques lê uma pequena memoria intitulada *Primeira graça feita por S. M. o Imperador á provincia do Maranhão.*

E nada mais havendo que tratar levantou-se a sessão ás 9 1/4 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2°. secretario interino.

4ª. SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE ABRIL DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A' hora do costume abre-se a sessão, estando prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello e Alencar Araripe, Drs. Sacramento Blake, Teixeira de Mello, Cezar Marques, Pinheiro de Campos, Luiz Cruls e commendador Jozé Luiz Alves.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.
O Sr. 1°. secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE

Officios :
Ministerio dos negocios do imperio. Rio de Janeiro 9 de Abril de 1889. — Illm. e Exm. Sr. A intenção do avizo de 16 de Janeiro ultimo, a que se refere o officio de V. Exc. de 4 do mez proximo findo, * não foi a de exigir a prestação de contas do Instituto Historico, Geographico Brazileiro de cada exercicio, perante a repartição fiscal, mas sómente a declaração do emprego do subsidio relativo ao exercicio findo, perante este ministerio, para servir de justificação da proposta do orçamento futuro, de igual, maior ou menor subsidio, conforme as necessidades d'esse importante Instituto; e bastará sua declaração para que este ministerio determine o pagamento do subsidio, como já fez a respeito de outras instituições igualmente subvencionadas. Deos guarde a V. Ex. *Antonio Ferreira Vianna*. Sr. Thezoureiro do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

Recife 18 de Março de 1889.—Exms. Srs. Em meo nome e no da commissão central da colonia portugueza de Pernambuco, que promoveo e levou a effeito uma manifestação de regozijo pelo acabamento da escravatura no Brazil, tenho a honra de offerecer á illustrada corporação, que V. Exs. prezidem, um exemplar, em cobre, da medalha commemorativa de tão notavel acontecimento, cujo exemplar é n'esta occazião registrado no correio. Forão cunhados cincoenta e um exemplares d'esta medalha, sendo um em prata, que se acha depozitado no Instituto archeologico e geographico Pernambucano, e os restantes exemplares em cobre. Queiram pois V. Exs. acceitar esta modestissima offerta, que reprezenta, ainda que mal, o quanto os Portuguezes no Brazil se regozijam com os progressos materiaes e moraes da grande nação,

* Está no fim d'esta acta.

de que são hospedes. Apprezento a V. Exs. os meos protestos de subida estima e alta consideração. Deos guarde a V. Exs. Exms. Srs. presidente e membros da direcção do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *A. J. Barboza Vianna*, secretario.

OFFERTAS

Do Sr. A. Borges de Sampaio, *Amores de Ovidio Nazão*, parafraze de Castilho, 1858, onze tomos em 5 volumes, *Relatorio e contas* da subscripção em favor das victimas das inundações de Portugal feitas no Brazil em 1876, *Carta topographica das linhas do Porto* 1832, *Mappa topographico dos districtos eleitoraes de Minas* 15° e 16" com tabellas de distancias, 1884; *Os centenarios*, por Matheos Porto, 1882, e nove cedulas de diversos valores do thezouro nacional, já recolhidas.

Do socio o Sr. Estanisláo S. Zeballos *El matrimonio civil*, discurso feito na camara dos deputados da Republica Argentina em 18 e 19 de Outubro do anno passado; *Discripcion amena de la Republica Argentina*, tomo 3°.

Pela sociedades de geographia de Paris, Berlin, Italiana e Instituto Argentino, seus boletins.

Pelo centro bibliographico vulgarisador a sua *Revista*.

Pelo Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado a *Revista do Ensino*, publicação quinzenal.

Por intermedio do Instituto Smithsoniano *Denkschriften der Akademie*, vols. 50, 51 e 53, *Sitzungsberichte der Akademie philosophich-historiche classe*, vols. 90 a 94 incluzive, *Mathematisch-naturwissens chaftliche-classe*, 1ª secção, vols. 91 a 94, incl. 2ª secção, vols. 91 a 95, incl. 3ª secção vols. 91 a 94, incl., *Archiv-Osterreichische geschichte*, vols. 67 a 70, incl. e *Fontes rerum austriacarum* vol. 44; todos provenientes da Academia de sciencias de Vienna.

Da academia de sciencias de Munich o *Sitzungsberichte der philosophisch-philologischen und historischen classe*, 1886 e 1887, o *Sitzungiberichte der mathematisch-physikalischen classe* 1886 e 1887, o *Abhandlungen der mathematisch-physikalischen classe*, vol. 15 e 16.

Da sociedade de geographia de Vienna os *Mittheilungen*, vols. 28 e 29.

Da academia real de sciencias, letras e bellas artes da Belgica, *Mémoires de la Académie*, etc. vol. 46, *Mémoires couronnées* vols. 47 e 48, *Mémoires couronnées et autres mémoires*, toms. 17 e 19, *Bulletins de l' Académie*, 5ª serie tomos 9, 10, 11 e 12, *Annuaire de l' Académie*, 1886 e 1887, *Catalogue des livres de l'Académie*, 3 vols. e *Notices biographiques et bibliographiques*, 1886.

Da sociedade physico-economica de Konisgberg, *Schriften yahrgang*, 1, 2, 4, a 11, 17, a 22, 25 a 27.

Da academy of sciences, *Bulletin*, vols. 2°. ns. 5, 6 e 7.

Da associação americana do progresso das sciencias, *Proceedings*, vols. 34 e 35.

Da academia de sciencias, artes e letras de Madison *Transactions*, vols. 6°, *The Pensylvania Magazine* vol. 10.

Da academia de sciencias physicas e mathematicas, de .... *Rendiconto*, anno XXV.

Do muzeo do Mexico, *Anales*, toms. 3°. e 4°.

Da academia de S. Luiz *The transactions*, vol 4° n. 4.

Da academia de Davenport, *Proceedings*, vol. 4°.

Da sociedade de geographia de Leipsig, *Muttheilungen*, 1885, e pelo proprio Instituto Lunthsoniano o *Annual Rappert*, 1884-85 e o *Geographical survey*, 6.

Pelas respectivas redacções : *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Liberal Mineiro*, *Immigração*, *Paraná*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Cachoeirano*, *Provincia do Espirito Santo*, *Imprensa*, *Patria*, *Espirito-Santense*, *Nouveau Monde*, *Géographie*, *Étoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pede em nome do consocio o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, que se remetta uma collecção da *Revista Trimensal* á bibliotheca publica do Paraná, conforme o pedido que esta faz.—E' concedido.

O Dr. João Severiano da Fonseca offerece ao Instituto as copias de trez documentos importantes relativos á provincia de Mato-Grosso; a *carta-patente* de D. Antonio Rolim de Moura, de governador e capitão-general, passada em 25 de Setembro de 1748, *instrucções dadas pela*

rainha a D. Antonio Rolim de Moura, em 19 de Janeiro de 7749, e as *instrucções* para o capitão-general D. Antonio Rolim de Moura, dadas pelo rei em 26 de Agosto de 1758.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan offerece um exemplar do seu *Diccionario dos vocabulos brazileiros.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Dr João Severiano continua a leitura de sua memoria *Novas investigações sobre a provincia de Mato-Grosso.*

O Sr. Dr. Cezar Marques inscreve-se para a leitura de um trabalho historico.

Em tempo declaro, que o Sr. thezoureiro aprezentou seis medalhas, das mandadas cunhar pelo Instituto em commemoração á lei de 13 de Maio, sendo duas de ouro, duas de prata e duas de cobre. E nada mais havendo que tratar-se, levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca.
2º. secretario interino.

Officio

Rio 4 de Março de 1889. Illm. e Exm. Sr.

Por avizo de 16 de Janeiro ultimo determinou V. Ex., que para o Instituto Historico e Geografico Brazileiro receber o subsidio concedido pelo estado, cumpria previamente prestar contas do subsidio recebido no anno antecedente. Este avizo foi entendido no Tezouro Nacional como si estabelecesse obrigatoriedade de prestação directa de contas perante a repartição fiscal. Similhante inteligencia tem para o Instituto verdadeiras inconveniencias, sendo a principal a de trazer impossibilidade de se receber o subsidio annual em tempo oportuno, isto é, no principio de cada semestre do exercicio financeiro. Na verdade mostra a experiencia não ser

pronta a tomada de contas nas repartições fiscaes, sendo necessario para isso mezes e as vezes annos. Dahi rezultaria, que, aprezentadas as contas e demorada a sua tomada, ficaria o Instituto privado do subsidio por tempo indeterminado. Desde que o Instituto recebe o subsidio publico, o costume é ser a entrega d'elle pedida por oficio do 1°. secretario da sociedade, e mandar o governo fazel-a por semestres adiantados. Recebido o subsidio annual, e findo o exercicio, organiza o tezoureiro do Instituto o balanço da receita e despeza social, que submete documentadamente ao exame e aprovação do mesmo Instituto, na conformidade dos seos estatutos; e esse balanço faz-se na forma por que consta dos balanços impressos, que aqui junto desde 1881 até 1888. Esta pratica sempre observada será alterada, si prevalecer a inteligencia dada ao referido avizo no Tezouro Nacional, e a prestação de contas dos fundos sociaes ja não será questão de economia interna da sociedade, mas sugeição á jurisdição fiscal. E porque assim não deva ser, rogo a V. Ex., que se sirva explicar o referido avizo no sentido de continuar a pratica anterior da prestação de contas dos fundos sociaes, que alias não consistem somente no subsidio do governo, mas tambem em outras verbas de receita, como se vê dos sobreditos balanços impressos aqui juntos. Deos guarde a V. Ex. Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, D. ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio. —*Tristão de Alencar Araripe*, Tezoureiro do Instituto Historico.

5ª. SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE ABRIL DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Achando-se prezentes ás horas do costume os Srs.: Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Visconde de Beaurepaire Rohan, conselheiro Alencar Araripe, 1°. tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard e os Drs. Sacramento Blake, Pinheiro de

Campos e Teixeira de Mello, o Sr. prezidente abre a sessão e designa o socio Teixeira de Mello para occupar o lugar de 2°. secretario. Procede este á leitura da acta da sessão anterior, que é sem contestação approvada. Comparece n'esse acto o Barão de Capanema.

O Sr. 1°. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do socio o Sr. coronel Antonio Borges Sampaio, datado de Uberaba a 8 do corrente mez, enviando ao Instituto o quadro, que promettêra, do juramento da constituição prestado pelo 1°. imperador, acompanhado de uma prova photographica do mesmo quadro. Fôra este dado como brinde, por parte do governo de então, aos que haviam concorrido com a quantia de vinte mil réis para cima para as despezas das festas officiaes effectuadas por occazião da solemnidade; segundo referio muitas vezes o capitão das antigas ordenanças Manoel Rodrigues da Cunha Matos e é tradição corrente em Uberaba.

Circular impressa da *Societé de Geographie* de Pariz, communicando o seo intento de convocar, por occazião da expozição universal proxima futura, um *Congresso internacional de sciencias geographicas*, transmittindo ao mesmo tempo as decizões tomadas pela commissão organizadora d'aquelle congresso e o programma dos respectivos trabalhos. A sociedade de geographia rezolvêra pedir a todas as associações congeneres uma expozição summaria das viagens e publicações que têm contribuido, em cada região do globo, para os progressos da geographia durante o seculo actual e esboços de cartas e mappas com o traçado dos itinerarios seguidos, acompanhados de uma succinta noticia dos descobrimentos feitos no decurso das viagens descriptas e dos movimentos economicos e commerciaes, a que ellas deram origem. Pedia pois um indice bibliographico das principaes publicações relativas ás sciencias geographicas realizadas no paiz, que se fizer reprezentar no congressso. Em circular anterior eram

convidados os prezidentes das sociedades de geographia do mundo para tomarem parte no referido congresso, dando-lhes antecipadamente conhecimento dos seos nomes, pronomes, predicamentos e qualidades. — Fca o 1°. secretario incumbido de providenciar.

OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia de Pariz, Berlin e Italiana e o Instituto Argentino os respectivos *boletins*.

Pelo centro bibliographico vulgarisador o ultimo fasciculo da *Revista Sul-americana*.

Pelo Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado o n. 17 da sua *Revista do Ensino* (Ouro-Preto).

Das academias de sciencia de Vienna e de Munich as suas *memorias*.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular* (São Paulo) *Jornal do Recife*, *Liberal Mineiro*, *Immigração*, *Espirito-Santense*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Caxoeirano*, *Patria*, *Imprensa*, *Nouveau Monde*, *E'toile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

ORDEM DO DIA

Tratando-se em seguida da cunhagem das medalhas commemorativas da extinção do elemento servil no imperio, dá o Sr. conselheiro Alencar Araripe explicações que satisfazem aos Srs. prezidente, 1°. secretario, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, que tomaram parte na discussão.

Insistindo por escripto o Sr. 1°. tenente Garcez Palha pela exoneração, que pedira, de membro da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, o Sr. prezidente o dispensa da commissão até ulterior deliberação da assembléa geral.

O Sr. Dr. Pinheiro do Campos offerece o numero da *Gazeta da Tarde* do dia 26 de Abril, contendo apontamentos aproveitaveis para a biographia do finado

consocio e profundo historiador nacional João Francisco Lisbôa.

O Sr. prezidente aprezenta a indicação seguinte, assignada por elle e pelos socios prezentes á sessão: Propomos o seguinte :

A nossa primeira sessão ordinaria do mez de Julho proximo futuro será celebrada na quinta-feira 4 d'esse mez, e não na sexta-feira seguinte, por ser aquelle dia o do centenario da morte de Claudio Manuel da Costa, a quem a Arcadia de Roma chamou *Glauceste Saturnio*, os posteros deram a qualificação de *Metastasio brazileiro*, e o destino tornou o primeiro martir da liberdade nacional, pondo em seos labios o lemma—*Aut libertas aut nihil*! —que é o nosso bordo : *Independencia ou morte*.

Depois do expediente e da primeira parte da ordem do dia será a segunda parte consagrada á commemoração do centenario do martir da patria.

Iniciada a commemoração por uma alocução do prezidente, seguir-se-ão as demais leituras :

1.° Pelo 3°. vice-prezidente, director do archivo publico, do appenso n. 4 á *Devassa*, a que se procedeo na capitania de Minas-Geraes, do auto do corpo de delicto, e da sentença da alçada na parte que se refere ao poeta ;

2.° Pelos socios que se inscreverem, das suas compozições em proza ou verso;

3°. Pelos socios, que não se inscreverem para leituras proprias, de uma ou mais poezias do poeta, segundo a sua escolha ;

4.° Pelo orador, do seo elogio historico.

Todos estes trabalhos ou escriptos, quer sejam lidos, quer não, por falta de tempo, serão impressos e formarão parte do numero IV do tomo em via da publicação da nossa *Revista Trimensal*, que além d'elles sómente conterá as actas das sessões ordinarias e da sessão magna, seguida das peças officiaes que lhe são peculiares.

A sessão será modesta, izenta de toda a côr politica, e o salão franqueado aos convidados dos socios e da meza, sendo o numero dos convites limitado á lotação da caza.

A despeza que se tiver de fazer será a menor possivel, ficando autorizado o thezoureiro a despender até a quantia de cem mil réis.

Sala das sessões do Institnto Historico em 26 de Abril de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Visconde de Beaurepaire Rohan. Barão Homem de Mello. J. Egidio Garcez Palha. T. de Alencar Araripe. Jozé Luiz Alves. Felizardo Pinheiro de Campos. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Jozé Alexandre Teixeira de Mello. Barão de Capanema. Henri Raffard.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Barão de Capanema lê uma nota sua, sob o titulo *Questões a estudar em solução aos principios da nossa historia*, dirigida não só ao Instituto como a todos os estudiozos das couzas patrias, relativas a duvidas que tem sobre a expedição do celebre *adelantado* Alvaro Nunes Cabeza de Vacca pelo territorio comprehendido entre o Iguassú e o Uruguay, partindo de Santa Catharina, em viagem por terra, para Assumpção do Paraguay, e sobre *bandeiras* e expedições anteriores.

Não havendo nada mais a tratar-se, levanta o Sr. prezidente a sessão.

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello,
2º. secretario supplente

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE MAIO DE 1889

Prezidencia do commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume, prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Alencar Araripe

e Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Capanema, Barão de Miranda Reis, Drs. João Severiano da Fonseca, Cezar Marques, Sacramento Blake, Pinheiro de Campos e Teixeira de Mello, capitão-tenente Garcez Palha, Henrique Raffard, commendador Jozé Luiz Alves e tenente-coronel Francisco Jozé Borges, o Sr. prezidente declara aberta a sessão. Na auzencia do Sr. Barão Homem de Mello, serve o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca de 1°. secretario, e o secretario adjunto Teixeira de Mello como 2°. secretario lê a acta da ultima sessão, que é approvada.

Em seguida o Sr. prezidente communica nos seguintes termos ao Instituto o falecimento do consocio Baráo de Maruiá :

« SENHORES !—No dia 3 d'este mez perdeo o nosso Instituto mais um de seos illustres socios. O conselheiro João Wilkens de Matos, Barão de Maruiá, deixou de pertencer ao numero dos vivos e sua perda foi geralmente sentida. Era um dos mais sinceros caracteres da nossa sociedade, votado em extremo gráo da virtude de fazer bem. Servio altos e honrozos cargos. Foi prezidente do Amazonas, e da provincia do Ceará. Occupou uma cadeira na camara dos deputados eleito pela provincia do Amazonas. Esteve como consul do Brazil em Caiena e em Loreto. Mereceo as honras dos suffragios do povo fluminense para vereador da camara municipal. Exerceo os empregos de director geral dos correios e de chefe de secção da secretaria da agricultura, em que se apozentou. Fez parte de varias associações e companhias importantes. Foi agraciado com a commenda da ordem de Christo de Portugal e do habito da mesma ordem do Brazil e com a commenda da ordem da Roza. Tinha a patente de coronel reformado da guarda nacional e o titulo de conselho. Era socio effectivo do nosso Instituto desde o anno de 1875. Frequentou por algum tempo as nossas sessões e tomou parte em nossos trabalhos como membro de commissões. Votou-se ultimamente de todo o coração á sociedade amante da instrucção e como seo prezidente prestou-lhe relevantes serviços. Peço, que se

insira na acta da prezente sessão um voto de pezar pela sua eterna auzencia. »

O Sr. 1°. secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, de 9 do corrente, communicando não poder ainda comparecer á sessão do Instituto, em cujos trabalhos espera porém em breve poder tomar activa parte e para cuja revista prepara uma descripção das mais interessantes curiozidades dos *Campos Geraes*, na provincia do Paraná.

Do Dr. Jozé de Oliveira Campos, director da bibliotheca publica da Bahia, de 10 de Setembro, communicando ter recebido do Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe os fasciculos da *Revista Trimensal*, que faltavam áquella bibliotheca.

Do Sr. Manoel S. Ribeiro Carneiro, bibliothecario da bibliotheca publica do Paraná, de 23 de Abril, accuzando o recebimento de 35 volumes da dita *Revista* remettidos áquella bibliotheca pelo mesmo Sr. thezoureiro de ordem do Instituto.

OFFERTAS

Da prezidencia da provincia de Santa Catharina o *Relatorio* com que ao Sr. Dr. Jozé Ferreira de Mello passou à administração da provincia ao Sr. coronel Augusto Fausto de Souza em 15 de Fevereiro de 1889.

Pela redacção os ns. X e XII do 2°. anno e 2°. numero do 3°. anno da *Revista mensal do club de engenharia*.

Pelo director do escriptorio de estatistica geral de Buenos-Aires, um exemplar do *Annuaire Statistique* d'aquella provincia, correspondente ao anno de 1887.

Pela academia pontificia de *Nuovi Lincei* os seos *Atti* do anno XLII, Dezembro de 1888 e Janeiro do corrente anno.

Pela sociedade de sciencias deNeufchatel o tomo XVI do seo *boletim*.

Pelas sociedades de geographia de Paris,Saint—Gall (Suissa) Bordeaux e Italiana os seos *boletins* e *revistas*.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Rio*, *Imprensa Constitucional*, *Géographie* (de Paris), *Nouveau Monde*, *E'toile du Sud* e *Brésil* (de Paris).

Passando-se á 1ª. parte da

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques aprezenta a seguinte proposta, que o Sr. prezidente declara adoptar por sua:

« Proponho,que seja elevado á classe de membro honorario monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, nosso consocio desde 1881, que durante o longo intervallo de 18 annos tem justificado o honrozo conceito,que d'elle formou o nosso venerando consocio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, quando o chamou illustrado e patriota sincero, com dispozições naturaes para trabalhos geographicos, sendo reforçado esse juizo pelos nossos consocios Barão de Capanema e Dr. Perdigão Malheiro, de saudoza memoria. Julgando-o portanto muito digno d'essa distinção, hoje que é monsenhor, protonotario apostolico, prelado domestico de Sua Santidade, commendador por Portugal e pela Italia, eu o proponho com toda a satisfação, e estou certo, que este meo acto será apoiado pela justiça de todos os meos consocios. Sala das sessões em 10 de Maio de 1889. O socio honorario *Dr. Cezar Augusto Marques*.»

Posta a votos é unanimemente approvada e declarado socio honorario o Sr. monsenhor Manoel da Costa Honorato.

Depois de agradecer ao Sr. prezidente a gentileza de ter aceitado esta proposta como sua, o mesmo Sr. Dr. Cezar Marques lê a seguinte:

« MEOS SENHORES! Faz hoje um anno, que o Brazil inteiro estremeceo de sul a norte, porque percorreo por toda a parte, com a rapidez da electricidade, a noticia de que estava gravemente enfermo Sua Magestade o Imperador. O susto e as agonias não eram em vão, pois Sua Magestade foi desde 7 de Abril de 1831 considerado, e com razão, como o penhor da futura felicidade d'este vasto imperio, a qual elle tem realizado desde 23 de Julho de 1840 até hoje.

Felizmente para todos os habitantes d'esta formoza região, abençoada por Deos, como muito bem dice o sabio viajante francez João de Lery, é Sua Magestade o amigo de todos os Brazileiros e estrangeiros, o protector dos que trabalham, a garantia da ordem e bem-estar de que gozamos, o autor da prosperidade, que tem elevado o Brazil ao nivel das nações mais adiantadas do mundo, o sabio, que tem excitado a admiração dos homens mais notaveis da culta Europa, o alto magistrado, que no exercicio de suas arduas e espinhozas funcções magestaticas tem sempre diante de si a justiça, quando não é illudido por informações inexactas de alguns dos seos ministros, do cidadão, que, como particular, é o modelo de todas as virtudes domesticas, mais abrilhantadas pela excelsa senhora, que com elle compartilha o unico throno assentado na America do sul. Por tudo isto o Sr. D. Pedro II não é só respeitado como monarca, e sim geralmente estimado como pai extremozo.

Pelo pezar, que cada um de nós sentio por longos mezes passados entre sustos e dôres, ancias e afflicções, avaliamos o soffrimento geral sem distinção de matizes politicos, nem de nacionalidades. Era geral a dôr, e incessantes a Deos eram os votos, unidos aos rogos e ás supplicas da Augusta Princeza Imperial e de sua virtuosa familia, que n'essa occazião não eraa regente, e sim uma irman extremoza, que comnosco repetia as orações elevadas ao Omnipotente. Foram-se os máos dias, nasceo a esperança, e o mal extingui-se, e nós tivemos a satisfação de vêr restituido á nossa cara patria, aos nossos braços e amo nosso amor o venerando e sempre querido Sr. D. Pedro II, graças em primeiro logar á Divina

Providencia, que não se cansa de proteger o Brazil. Já nos templos, mais de uma vez e em diversas solemnidades religiozas, temos elevado a nossa alma á prezença de Deos para agradecer-lhe tão grande ventura.

Justo é, senhores, que paguemos tambem o nosso tributo de gratidão ao respeitavel cidadão, que, como medico illustrado e talentozo, guiou pelo intrincado dedalo da medicina o tratamento tão sensato das graves molestias, que mortificaram o Sr. D. Pedro II; que não abandonou um só momento o seo leito de dôr ; que, quazi como filho extremozissimo, se esforçou o quanto cabia em forças humanas, de dia e de noite, sem cansar e nem descansar, para salvar existencia tão precioza a todos, e mui especialmente para a nossa associação, que tem a gloria de possuil-o como seo protector.

Bem vê o Instituto Historico e Geographico, que o Sr. Conde de Mota Maia prestou singular e notavel serviço ao Brazil, e na primeira pagina de um livro eu escrevi, que por este facto os Brazileiros todos lhe deviam offertar, cada um conforme suas posses, um mimo como prova de gratidão. Com taes crenças eu julgo, que o Instituto a tão distincto e caridozo medico deve dar uma prova de muito apreço e de sua gratidão, e assim proponho, que se lhe offereça, por intermedio de uma commissão, a collecção completa da nossa *Revista Trimensal*, competentemente encadernada, tendo na primeira pagina, escripta pelo nosso respeitavel prezidente, a cauza da tal dadiva.

Parece-me, que, si assim não pagámos, como era para dezejar, a nossa divida, como que a amortizámos d'alguma fórma reunindo n'esta festa de corações agradecidos os espiritos das nossos consocios, de saudoza memoria, que nos precederam desde 21 de Outubro de 1839, e os reunimos aos sinceros votos dos que actualmente existem para dizermos e gravarmos nas paginas da nossa *Revista* : Seja para sempre elogiado, seja para sempre protegido por Deos o Sr. Conde de Mota Maia, pelo maior serviço, que podia prestar ao Brazil, salvando, como medico, da morte quazi certa Sua Magestade o Imperador.

Estou certo, senhores, que este requerimento será

approvado sem discussão, pois o que acabo de dizer está no meo coração, e encontra-se tambem no de nós todos aqui prezentes.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, na noite de 10 de Maio de 1889. O socio honorario *Dr. Cezar Augusto Marques.* »

Submettido pelo Sr. prezidente á consideração do Instituto, è sem discussão e unanimemente approvado.

O Sr. prezidente communica, que, estando promptas as medalhas commemorativas da extinção da escravidão no Brazil e proximo o dia anniversario da promulgação da lei respectiva, nomeia os socios prezentes para a commissão que tem de entregar a S. M. o Imperador e a S. A. a Princeza Imperial os dois exemplares de ouro a esse fim destinados e designa o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro para relator d'aquella commissão.

Quanto á distribuição das medalhas de prata e bronze, propõe o Sr. conselheiro Alencar Araripe, que o Sr. prezidente constitua uma commissão especial para acordar nas associações e pessoas, ás quaes tenham ellas de ser offerecidas. Concorda-se, depois de algumas observações do Sr. Henrique Raffard, que faça o mesmo Sr. conselheiro a indicada relação e a aprezente na primeira sessão.

O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca communica, que o Sr. Dr. Machado Portella pedia por carta, então recebida, desculpa ao Instituto de não ter comparecido ultimamente ás sessões; que molestia gravissima em pessoas de sua familia motivou e continúa a motivar a sua auzencia.

O mesmo Dr. João Severiano da Fonseca aprezenta um officio do Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, da prezente data, remettendo o opusculo recentemente publicado do Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, intitulado *Origem das especies e America prehistorica*, para servir de titulo á sua admissão ao Instituto: o mesmo Dr. João Severiano formula a proposta para a sua admissão, que é remettida á commissão de trabalhos historicos.

São distribuidos aos socios prezentes exemplares impressos da proposta feita na sessão passada acerca da

commemoração do centenario da morte do poeta mineiro Claudio Manuel da Costa.

Passando-se á 2ª. parte da

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques, para se defender de accuzações infundadas de plagio, a respeito de discursos que lhe têm sido assacadas na imprensa, lê um estudo comparativo dos diccionarios historicos e geographicos da provincia do Espirito-Santo compostos, um pelo falecido consocio Braz da Costa Rubim, e outro por elle doutor, com a intenção de demonstrar « como entre nós se aprecia o trabalho alheio, não se recuando ás vezes até o uzo de negras calumnias».

Terminada esta leitura e confronto, levanta o Sr. prezidente a sessão.

Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*,
servindo de 2.º secretario

7.ª SESÃO ORDINARIA EM 24 DE MAIO DE 1889.

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Abre-se a sessão, ás 7 horas da noite, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca e Teixeira de Mello, conselheiros Alencar Araripe, Manoel Francisco Correia e Pereira de Barros, Drs. Cezar Marques e Luiz Cruls, capitão de fragata Jozé Candido Guilhobel, Dr. Nogueira Jaguaribe, commendadores Rodrigues de Oliveira e Jozé Luiz Alves, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard.

O 2º. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada ; e o Sr. prezidente a seguinte allocução :

Ha mais de meio seculo prenunciavam os fundadores da nossa nacionalidade a extinção da escravidão como o complemento necessario da nossa emancipação politica; o fanal que nos guiaria seguros na marcha do progresso e da civilização; o titulo de honra que faria do Brazil uma nação livre, feliz e respeitada.

Foi ardua a empreza; longo e dolorozo o estadio percorrido; mas somos alfim chegadados á dezejada méta das nossas mais justas e nobres aspirações. A's negras sombras da triste escravidão succederam as rutilantes galas do astro, que illumina um povo inteiramente livre.

Bem hajam áquelles que tão alto souberam elevar o monumento de nosas grandezas nacionaes!

A vós, Senhor, cujos sentimentos de encendrado patriotismo e indefectivel amor da justiça e da humanidade se manifestaram sempre favoraveis á cauza sacrosanta da liberdade, cabe a immarcessivel gloria de haver iniciado o generozo movimento, que, de acôrdo com a opinião nacional, veio em bôa hora realizar a inestimavel conquista da razão esclarecida sobre os deploraveis erros do passado; a vós, Senhora, a ineffavel satisfação de haver assellado com o vosso bem louvado nome a liberal reforma, dictada pela religião, pela moral, e pelo direito, e que hoje constitue o mais esplendido padrão da nossa dignidade nacional.

As bençãos do Deos da igualdade, de caridade e de amor, as cordiaes saudações e fervorozas preces dos mizeros redimidos, a estima e a veneração da patria e da posteridade, serão em todo o tempo a solemne consagração das glorias, que reflectem purissimas e serenas sobre as augustas frontes dos bemfeitores de uma raça inteira de opprimidos.

Senhor, quando longe da patria, ha um anno, sentieis vossas forças alquebradas ao pezo de cruel infermidade que vos affligia, e a todos nós profundamente magoava, transpondo os mares, vos enviámos a feliz nova, que com tanto jubilo acolhestes, de que reinaveis já sobre uma nação em que todos os vossos subditos eram tambem vossos concidadãos.

São hoje nossos mais ardente votos, que a Deos praza conceder-vos ainda vida bastante para que possais testimunhar o engrandecimento progressivo d'esta patria, que vos é tão cara, que tanto vos deve, e á qual tendes dedicado todos os esforços, todos os affectos de vossa illustrada intelligencia e magnanimo coração.

Assim presta o Instituto suas respeitozas homenagens á Vossa Magestade e á Sua Alteza Imperial, no primeiro e faustozo anniversario da Lei de 13 de Maio de 1888, que, com geraes applauzos do mundo civilizado, declarou para sempre extincta a escravidão no Brazil. »

Ao qual S. M. o Imperador dignou-se de responder : « Agradeço muito ao Instituto ; e nada mais digo, porque o Instituto bem sabe, que eu sou todo d'elle.»

O Sr. prezidente declara, que o Instituto ouve reverente e com o mais profundo reconhecimento as palavras do soberano, as quaes, sendo mais uma revelação do seo devotamento e entranhado amor ao Instituto, são tambem uma affirmativa de que o Instituto não tem desmerecido do seo alto apreço, e a maior e a mais significativa recompensa aos nossos esforços em buscarmos corresponder com o trabalho a essa especial protecção, toda originada no desvelado e inexcedivel culto á sciencia, por parte do Imperador. E que palavras tão significativas e tão honrozas deverão perdurar em letras de ouro nos annaes do Instituto, como indeleveis ficam nos corações dos seos associados.

Em seguida o mesmo Sr. prezidente, annunciando a morte do socio correspondente estrangeiro, conselheiro Antonio Jozé Viale, lê as seguintes palavras : « Senhores, noticias recebidas de Lisboa nos trouxeram a triste nova do falecimento do nosso consocio e emerito literato, o conselheiro Antonio Jozé Viale, de quem tanto realce colheram as letras portuguezas. Amava sincera e enthuziasticamente o Brazil, como se vê dos seos escriptos ; e muitos Brazileiros, apezar da distancia interposta pelo oceano, o consultavam como um dos mais prestigiozos mestres da lingua commum aos dois povos, dos dois hemispherios. Era socio correspondente desde o anno de 1885. Peço ao Instituto, que se insira na acta de hoje

um voto de muito pezar pelo seo desapparecimento d'este mundo, onde seo nome fica gravado nas suas obras.»

O Sr. 1°. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Dos socios os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e Moreira de Azevedo, communicando não poderem por infermos comparecer á sessão. O Sr. Moreira d'Azevedo, no mesmo officio, accuza a remessa de varias propostas, que estão em seo poder para, como relator da commissão de historia, dar parecer; e offerece duas obras, uma, *Empire du Brésil*, de J. J. E. Roy, e outra, um volume das poezias de Castro Alves, notavel por trazer, autografa, uma dedicatoria do poeta. E do Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, remettendo em nome do autor, o Sr. Evaristo Affonso de Castro, um volume impresso, intitulado *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul.*

OFFERTAS

Pelo Sr. coronel Francisco Rafael de Mello Rego *Roteiro e noticias da expedição da commissão alleman em* 1887 *ás cabeceiras do Xingú*, pelo alferes de infantaria Luiz Perrot; pela secretaria da camara dos deputados o *Relatorio e sinopse* dos seos trabalhos no anno de 1888; pelo imperial observatorio, centro vulgarisador, e sociedade de geographia de Tours, suas *revistas*; pela real academia de historia de Madrid e sociedade adriatica de sciencias naturaes, em Trieste, os seos *boletins*; pelas respectivas redacções os jornaes seguintes: *Brésil, Géographie*, e *Noveau-Monde*, de Pariz, *Mouvement géographique*, de Bruxellas, *Immigração, E'toile du Sud* e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro, Espirito-Santense* e *Caxoeirano, Provincia do Espirito-Santo*, todos do Espirito-Santo, *Liberal Mineiro* e *Baependiano*, de Minas, *Gazeta de Mogimirim, Gazeta da Bahia, Jornal*

do Recife, *Imprensa*, de Therezina, *Respigador*, dos Açores, e a *Revista Treze de Maio*, n. 7, 2°. anno, d'esta cidade; pelo Sr. Leonardo Castro Lafayette o seo *Novo Vocabulario universal portuguez* ; e pelo Sr. Henry, trez medalhas, uma de prata, dedicada pela cidade do Porto a D. João, principe regente de Portugal, outra de prata, commemorativa do cazamento de D. Maria Izabel, filha d'este principe, com Fernando de Espanha, e a terceira, de cobre, a D. Pedro IV e D. Maria II, commemorativa das campanhas da liberdade, de 1826 a 1834.

O mesmo Sr. 1°. secretario lê a seguinte proposta:

« Propomos para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Evaristo Affonso de Castro, rezidente no Rio-Grande do Sul, e autor da *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul*, impressa na cidade da Cruz-Alta, e que offerece um volume como titulo para sua admissão. Rio de Janeiro 24 de Maio de 1889. *Augusto Fausto de Souza*. *Barão Homem de Mello*. *João Severiano da Fonseca*.

E' remettida à commissão subsidiaria de geographia.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede informações sobre o fim que levaram as propostas feitas, ha tempo, e bem assim os trabalhos que aprezentaram os candidatos majores João Vicente Leite de Castro e Gomes Neto.

O Sr. Dr. Sacramento Blake communica, que agora mesmo acaba de receber do Sr. Moreira de Azevedo algumas obras, que estavam em seo poder para serem por elle julgadas, bem como as respectivas propostas, sem os pareceres: são ellas dos senhores major João Vicente Leite de Castro, hoje tenente-coronel, 1°. tenente da armada Antonio Alves da Camara, João Carlos de Souza Ferreira e Clovis Lamarre.

O Sr. prezidente designa o Sr. Dr. Sacramento Blake para relator.

O Sr. Jozé Luiz Alves lê o *relatorio* da commissão de fundos e orçamento sobre o balanço do anno proximo findo, dando por boas as contas prestadas. E' approvado sem discussão.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe submette á consideração da caza a relação das pessoas a quem devem ser distribuidas as medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888, mandadas cunhar pelo Instituto.

O 2°. secretario, chama a attenção do Instituto para os muitos e relevantes serviços a elle prestados pelo socio correspondente o Sr. Antonio Borges de Sampaio, de Uberaba, e propõe, que a elle seja conferido uma das medalhas de prata não sómente como prova de reconhecimento e gratidão, mas tambem como um incentivo, ao ficar publico que o Instituto sabe ser reconhecido a quem por elle se esforça. E' approvada.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves requer, que seja de ouro a medalha destinada ao chefe da christandade, Sua Santidade o papa; offerecendo-se para mandal-a cunhar a expensas suas e do nosso consocio o Sr. commendador Rodrigues de Oliveira. Sendo porém informado que o cunho respectivo já foi inutilizado, e que um novo com difficuldade sahirá igual ao primeiro, retira sua proposta.

O Sr. Dr. Sacramento Blake, referindo-se á proposta ultimamente approvada do Sr. Dr. Cezar Marques, relativamente ao offerecimento da *Revista Trimensal*, encadernada, ao Sr. Conde da Mota Maia, pede licença para fazer sua, tambem essa proposta; e entrando em largas considerações sobre a vida e saude de S. M. o Imperador, e acerca dos desvelos, amor e serviços por elle feitos ao Brazil, dos quaes o menor é ter sido o primeiro e unico Brazileiro, que o fez conhecido na Europa, propõe, que em signal de gratidão o Instituto nomêe seos membros honorarios os medicos, que conseguiram salvar e restituir ao Brazil o seo mais caro penhor, o Sr. D. Pedro II.

Requerido o adiamento da proposta, é approvado. E nada havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 9 1/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca
2.° secretario interino.

8ª. SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE JUNHO DE 1889

Prezidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume abre-se a sessão, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, Cezar Marques, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Miranda Reis, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, Dr. Pinheiro de Campos, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard. O 2º. secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada, com uma modificação proposta pelo Sr. conselheiro Alencar Araripe.

Os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e senador Alfredo d'Escragnolle Taunay justificam sua falta á sessão de hoje, pedindo este digno consocio para fazer a leitura de um seo trabalho na proxima sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo remette para ser impresso um artigo relativo ao centenario de Claudio Manoel da Costa.

O Sr. 1º. secretario lê officios do prezidente do Rio-Grande do Sul, remettendo a *fala* e *relatorio* do vice-prezidente Barão de Santa Tecla, ao passar-lhe a administração, e a com que abriu a 1ª. sessão de 23ª. legislatura provincial, em 1 de Março ultimo; do Srs. socios Jozé Candido Guillobel e Moreira de Azevedo remettendo os pareceres das commissões de historia e geographia sobre os trabalhos para a admissão dos Srs. major, hoje tenente-coronel, João Vicente Leite de Castro, Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencort, Bazilio de Carvalho Daemon e Evaristo Affonso de Castro, pareceres que adiante constam d'esta acta.

São aprezentadas ao Instituto as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de geographie universelle*; pelo editor *A' Memoria*

de Victor Hugo, homenagem da provincia do Paraná, e pelas redacções respectivas : *Almanack do municipio neutro*, de Laemmert, para 1889, boletíns das sociedades de geographia de Bordeos e de Giésen e da de estudos indo-sinicos de Saigon ; do club naval, do observatorio imperial, o *Liberal Mineiro*, *Revista Maritima*, *Constitucional*, *Jornal do Recife*, *Caxoeirano*, *Espirito-Santense*, *Gazeta de Mogimirim*, *Ensaio Juvenil*, *Provincia do Rio de Janeiro* e *Imprensa*. E o mesmo 1°. secretario communica, que expediram-se programmas para a celebração do centenario de Claudio Manoel aos seguintes jornaes : *Provincia de Minas*, *União*, *Liberal Mineiro*, *Minas Altiva*, de Ouro-Preto, *Pharol*, *Diario de Noticias* e *Gazeta da Tarde*, de Juiz de Fóra, *Monitor Sul-Mineiro*, da Campanha, *Gazeta de Uberaba* e *Uberabense*, de Uberaba, *Gazeta Mineira* e *Arauto de Minas*, de São-João d'El-rei, *Leopoldinense* e *Irradiação* da Leopoldina. *Sete de Setembro*, de Diamantina, *Folha de Minas*, de Cataguazes, *Municipio*, de São Jozé de Além-Parahiba, e *Gazeta de Passos*, de Passos.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe consulta o Instituto sobre o pedido do medico Dr. Paulo Shrenreich, de uma collecção da *Revista Trimensal*. E' concedida.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves justifica a auzencia do socio o Sr. bispo do Pará, que allega não ter comparecido por incommodos graves de saude, promettendo vir na 1ª. sessão. E tratando-se de medalhas para Sua Santidade o papa, o Instituto rezolve, que seja de ouro, como a do chefe do estado.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello lembra á commissão de admissão de socios o parecer relativo ao Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, medico, natural de Serpige, proposto desde o anno passado. O Sr. Dr. Cezar Marques aprezenta os seguinte requerimentos :

1°. Quazi que não se passa uma só sessão, sem que o o nosso illustrado prezidente nos participe, que foi tirado da communhão dos vivos um dos nossos consocios, aqui, nas provincias e na Europa. Vai assim diminuindo o numero dos nossos companheiros, deixando-nos sós n'esta lida, e legando-nos muitas saudades. Poucos são os que

obra acha-se publicada no 50°. volume da *Revista Trimensal*, paginas 197 a 266 da parte 2.ª, abrangendo a letra A., e é bastante conhecida do Instituto. Essa publicação, feita nas columnas da nossa revista já demonstra, que está reconhecido o merito da obra; entretanto a commissão de trabalhos historicos dirá sempre, que um livro em que se registram tantos combates e actos de heroismo praticados pelos exercitos alliados, e em que descrevem os lugares, que se tornaram notaveis nas memoraveis lutas, que o Brazil foi obrigado a sustentar, é de incontestavel valor para a historia e geographia patria. Escripta em vista de documentos officiaes e por quem testimunhou os factos narrados, percorrendo os lugares mencionados, si não completa a historia da guerra de mais gigantescas proporções da America meridional, fornece sem duvida os melhores e mais seguros dados a quem tiver de completal-a. A obra do major Leite de Castro merece por tanto o acolhimento, que o Instituto deo-lhe, e seo autor o titulo que aspira.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

2°. A commissão de trabalhos historicos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro vem dar seo parecer acerca do livro aprezentado para admissão, como socio correspondente, do major Bazilio Carvalho Daemon, nascido e rezidente na provincia do Espirito Santo. *Provincia do Espirito Santo, sua descoberta, historia chronologica, sinopsis e estatistica*, é o titulo d'esse livro, publicado na cidade da Victoria em 1880, de 513 pags. *in* 4°, dividido em trez partes e offerecido a S. M. o Imperador.

Na primeira parte, *estudos sobre o descobrimento da provincia*, dá o autor noticia de todos os navegadores, que descobriram ou aportaram em terras do Brazil desde Pedro Alvares Cabral em 1500, e conclue, que foi Christovam Jacques, quem, sahindo de Lisbôa a 10 de Junho de 1503 com ordem expressa do rei de Portugal para explorar as costas do Brazil, primeiro fez o reconhecimento da provincia de 4 a 8 de Julho do anno seguinte, de 1504, aportando em muitas paragens, onde collocou

alguns marcos, sendo impossivel (diz elle) que á vista do rio São-Matheos, Rio-Doce, rio Santa Cruz, bahia da cidade da Victoria, Guaraparim, rio Benevente, Itapemirim e rio Itabapoana, não lhe chamasse a attenção para pontos tão salientes na commissão, de que se achava encarregado.

Não duvida o major Bazilio Daemon, que posteriormente outros navegadores tocassem a essa costa, e que tambem a descrevessem para a planejada capitania do Espirito Santo, dada a Vasco Fernandes Coutinho; mas affirma, que muito tarde foi ella explorada, sendo seos primeiros exploradores Sebastião Fernandes Coutinho e outros companheiros, vindos de Porto-Seguro, que navegaram o Rio-Doce acima, e examinaram suas lagôas, rios e confluentes até as Escadinhas. A respeito da questão, que hoje preoccupa os investigadores de nossa historia, a do actual Porto-Seguro, só *per accidens* diz o major Bazilio Daemon, que é o mesmo descoberto em 1500 por Pedro Alvares Cabral.

A segunda parte do livro, a mais volumoza, *datas e factos historicos da provincia*, de pags. 49 a 468, é escripta chronologicamente e abrange datas e factos desde o descobrimento do Espirito Santo por Christovam Jacques até 1879.

Fecha-se finalmente o livro com a *descripção topographica, estatistica, monumentos e nomenclatura*, demonstrando o autor, em todo elle, muito estudo e paciencia, e portanto tornando-se digno de ser admittido ao gremio do Instituto.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

3°. Para admissão do Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro como socio correspondente foi aprezentado o livro « *Origem das especies e America prehistorica*, conferencias effectuadas na escola publica da Gloria » publicado no Rio de Janeiro 1889.

A primeira parte d'essa obra nada tem com a historia do Brazil; mas é de alto valor scientifico, e só por ella vê-se, que seo autor está habilitado a ser um excellente

auxiliar nos nossos trabalhos. Sendo natural, como elle diz, que o homem dezeje conhecer sua origem, seos antepassados, a época de sua apparição sobre a terra, assim como o ponto ou pontos em que appareceo, começa o Dr. Pinheiro de Bitencourt a estudar essas questões e declara-se francamente poligenista e sectario da theoria dos centros multiplos de creação.

Tratando-se da antiguidade do homem sobre a terra, diz elle, que é dogma scientifico ter o homem vivido no periodo quaternario ou glacial, anterior ao actual; que está mais que demonstrado ter sido elle contemporaneo do elefante primitivo (mammouth), do rhinocerente, do urso das cavernas, da hiena fossil etc.; que não se póde contestar no seculo actual o facto de haver elle lutado com esses animaes e tel-os vencido com o auxilio de seos rudes instrumentos de pedra lascada. Em seguida occupa-se do darwinismo ou transformismo em duas conferencias e passa a tratar da America prehistorica e de outros assumptos, que pertencem á nossa historia, como dos aborigenes da America; dos mound-builders, de sua ceramica, sua religião e templos; dos sacrificios de victimas humanas; da cremação dos cadaveres; das explorações de minas de cobre e sistema de canaes, com que procuravam elles facilitar suas communicações.

Desenvolvendo suas observações acerca da antiguidade do homem sobre a terra, o Dr. Pinheiro de Bitencourt faz detalhada menção dos trabalhos do naturalista dinamarquez, Dr. Pedro Lund, nosso consocio, falecido em Maio de 1880, que tão incansavel foi no estudo das riquezas naturaes do Brazil, como nas arduas investigações de paleontologia brazileira, investigações, a que foi o mesmo nosso consocio o primeiro no Brazil a dar-se.

A commissão de trabalhos historicos é de parecer, que seja o Dr. Pinheiro de Bitencourt admittido ao gremio do Instituto.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

4.° A obra, que tem por titulo *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul* pelo

O Sr. Cezar Marques lê um pequeno trabalho intitulado : *Porque por longos annos esteve em confuzão o nome do Maranhão, sendo por muito tempo conhecido por tal o rio Amazonas.*

E nada mais havendo que tratar, o Sr. prezidente levanta a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2°. secretario interino.

9ª. SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE JUNHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume, prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, Cezar Marques, senador Manoel Francisco Corrêa, Barão de Capanema, commendador Jozé Luiz Alves, Pinheiro de Campos e Henrique Raffard, abre-se a sessão. O 2°. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio tenente-coronel Antonio Borges de Sampaio, enviando o manuscripto *Apontamentos que futuramente podem servir para a historia da recente cidade e municipio do Funchal da comarca de Uberaba,* provincia de Minas-Geraes ; do director da bibliotheca nacional, agradecendo, o exemplar da medalha de bronze commemorativa da lei de 13 de Maio do anno passado, com que o Instituto distinguio a bibliotheca, e enviando um exemplar do fasciculo I vol. XIII dos *Annaes da bibliotheca,* e bem assim

um exemplar de cada uma das duas edições especiaes extrahidas do mesmo fasciculo e volume ; do socio Dr. Moreira de Azevedo, offerecendo a obra *L'Empire du Brésil*, de Angleviel La Beaumelle, e o primeiro numero do jornal *Tribuna Liberal* ; do prezidente do Rio-Grande do Sul, Joaquim Galdino Pimentel, enviando o relatorio com que o Dr. Rodrigo de Azambuja Villanova passou a administração provincial, em 9 de Agosto findo, ao Exm. Barão de Santa Tecla ; da legação do Chile, ministro Manoel de Villamil Blanco, enviando por parte de D. Anibal Echeverrica y Reys, chefe de secção no ministerio do interior, sua obra intitulada *Geografia Politica do Chile*, e o opusculo *Disquicisionis* ultimamente publicado ; do secretario da academia real de sciencias, letras e bellas-artes da Belgica, agradecendo o 1°. e 2°. folhetos do tom. 50 da *Revista Trimensal do Instituto*, e accuzando os numeros que lhe faltam para completo da collecção ; da bibliotheca da universidade real da Noruega, em Christiania, remettendo *Antinoos, Catulo Digtring*, e agradecendo os folhetos 1°. 2°. e 3°. tom. XLIV da *Revista Trimensal do Instituto*.

OFFERTAS

Pela sociedade literaria e historica de Quebec, no Canadá, suas *Transations* ; pela academia de sciencias moraes e politicas de Madrid as suas *Memorias*, tom. VI e a *Rezenha historica*, anno de 1889 ; pela sociedade de geographia de Pariz, Neufchatel e Bordéos, pela alfandega do Rio de Janeiro, pelo club naval do Rio e sociedade africana da Italia os seos boletins ; pelas respectivas redacções : *Diario Popular, Jornal do Recife, Liberal Mineiro, Constitucional, Gazeta de Mogimirim, Immigração, Baependiano, Imprensa, Brésil, Nouveau Monde.*

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

O Sr. 1°. secretario lê o parecer da commissão de historia e geographia sobre o trabalho aprezentado pelo Sr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz, para sua admissão no Instituto. E' remettido á commissão de admissão de socios.

O Sr. Dr. Cezar Marques requer, que o Instituto destine uma medalha de prata em substituição á de bronze para a illma. camara municipal da côrte, a primeira em todo o imperio, que na prezença de SS. MM. e AA. II., em dias de festas solemnes, quebrou as cadeias da escravidão a muitos dos infelizes captivos; e uma de honra para o Dr. Jozé Ferreira Nobre, creador e fundador do *Livro de Ouro*, para a inscripção de donativos para a libertação dos escravos. O Sr. commendador Jozé Luiz Alves pede, que igual concessão se faça ao Conde de São-Clemente, ao Conde de Nova Friburgo, ao Conde de Araruama, ao Visconde de Quissaman e ao Visconde de Ururahy, os primeiros a libertarem centenas e centenas de escravos.

O Sr. 1°. secretario lê a seguinte proposta:—Propomos para membro correspondente do Instituto o Illm. Sr. Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, servindo de titulo para a sua admissão o seo *Diccionario brazileiro da lingua portugueza, elucidario ethymologico-critico das palavras e phrazes que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos diccionarios da lingua portugueza, ou n'elles vêm com fórma ou significação differente*, ultimamente publicado pela bibliotheca nacional. Sala das sessões em 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar A. Marques*. Dr. *João Severiano da Fonseca*. *Barão Homem de Mello*. *Dr. Teixeira de Mello*. A' commissão de estudos ethnographicos e historicos.

SEGUNDA PARTE

O Sr. Dr. Cezar Marques lê uma rectificação sobre a noticia dada pelo consocio o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, sobre o obelisco de Nazareth, que o mesmo consocio no

seo *Indice dos artigos conti los nos cincoenta tomos da Revista do Instituto,* dá como no Maranhão, quando é em Belem, no Pará.

Não tendo comparecido o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, que estava inscripto para leitura de trabalhos, o Sr. prezidente communica, que, antes de levantar a sesão, deve participar ao Instituto, que, a sessão extraordinaria commemorativa do centenario de Claudio Manoel da Costa terá lugar no dia 4 do proximo mez de Julho, nas salas do Instituto.

O Sr. 1°. secretario dá parte, que o Sr. Visconde de Baurepaire Rohan não póde comparecer por infermo. O Sr. Cezar Marques propõe-se a lêr uma memoria historica sob o titulo : *Os Jezuitas no Maranhão,* na sessão seguinte.

E ás 8 3/4 o Sr. prezidente levanta a sessão. Annexos á esta acta vão os requerimentos do Sr. Dr. Cezar Marques, sendo os mesmos remettidos á commissão de fundos e orçamento para interpôr parecer.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2°. secretario interino.

1°. A illm. camara municipal da côrte reprezentou papel saliente nas lutas pela libertação dos escravos. Foi ella a primeira em todo o imperio, que em prezença de S. M. o imperador e da augusta familia imperial, em dia solemne de rigozijo publico, celebrou festas solemnes, onde por entre galas e flôres, canticos e outras demonstrações de prazer quebrou as cadeias de muitos infelizes prezos ao barbaro captiveiro. Foi ella a primeira, que deo tão brilhante exemplo, depois seguida por outras camaras, e por isso merecia ser por nós brindada, com medalha, não igual, e sim muito distincta da concedida ás outras municipalidades. Infelizmente o plano, que seguimos, privou-nos do cumprimento d'esse acto de rigoroza justiça. Para attenual o requeiro, que, praticando assim um acto de pura justiça, seja substituida a medalha de bronze por uma de prata. Rio 21 de Julho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

2°. O Instituto Historico e Geographico não pôde dispôr de medalhas com certas gradações para attender ao merito e serviços de diversos cidadãos, que lutáram na tenaz e porfiada campanha do abolicionismo. Si assim fôsse por certo que ao Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre não seria offerecida uma simples medalha de bronze, e para isso basta lembrarmos-nos, que foi elle o creador e o fundador do *Livro de Ouro*, cujo fim foi a inscripção de donativos para a alforria dos infelizes escravos. Quando o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre teve essa inspiração divina, a luta estava muito renhida, era crime até fallar-se em liberdade, jogou elle com as suas aspirações politicas, creou grande numero de inimigos, perdeo amigos, nos campos eleitoraes soffreo renhida guerra, curtio profundos desgostos, e seo coração foi ferido dolorozamente até no exercicio de sua profissão de advogado. Para tudo isto achou elle conforto em seos sentimentos de verdadeiro christão, e em sua consciencia. Dentro de pouco tempo o *Livro de Ouro* servio de exemplo para serem creados outros iguaes em diversas localidades do imperio. A arvore do bem, plantada aqui na côrte, espalhou suas raizes, e produziu bons frutos em diversas provincias do imperio. Estava por tanto reconhecido o valiozo serviço, que á cauza santa da liberdade prestou o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre. Requeiro, que seja substituida a medalha de bronze por uma de prata. Rio 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques*.

Rectificação. Com todo o interesse, que sempre me inspiram os escriptos do nosso talentozo collega o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, li o seo *Indice* dos artigos contidos nos 50 tomos da *Revista Trimensal do Instituto Historico* em relação a cada uma das provincias do imperio, e n'elle sob o titulo *Maranhão*, logo na 2ª. linha vi, que ahi foi considerado como pertencente a essa provincia o *obelisco da estrada de Nazareth*, o qual pertence ao Pará, como se verifica na «conta que deo da instauração do obelisco da estrada de Nazareth ao Exm. Sr. Dr. João Antonio de Miranda, prezidente da provincia do Pará, o tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena»

impressa nas pags. 204 a 208 do 3°. vol da nossa *Revista Trimensal*, pertencente ao anno de 1841. Foi um simples engano, que convem ser desfeito em homenagem á verdade. Rio 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques*.

SESSÃO SOLEMNE EM 4 DE JULHO DE 1889

A acta d'esta sessão encontrar-se-á na parte 1ª da *Revista Trimensal* de 1890 com as peças da commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa.

10.ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JULHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, tendo comparecido os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Cezar Marques, Henrique Raffard, capitão-tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Rodrigues de Oliveira e Dr. Teixeira de Mello, o Sr. prezidente abre a sessão e designa este ultimo para proceder a leitura da acta da sessão anterior na falta do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca. Lida esta e posta em discussão, é approvada depois de algumas rectificações reclamadas pelo Sr. Cezar Marques.

Em seguida o Sr. prezidente lê a seguinte expozição, referente á sessão commemorativa, realizada no dia anterior, do centenario da morte de Claudio Manoel da Costa:

« Hontem celebrámos, como sabe o Instituto Historico, a sessão solemne da commemoração do centenario da morte de Claudio Manoel da Costa, honrada com a

augusta prezença de S. M. o Imperador. Não tenho sinão palavras de louvor para as pessoas que me auxiliaram, afim de que a solemnidade fôsse digna da deliberação tão patrioticamente tomada pelo Instituto Historico.

O nosso digno 3°. vice-prezidente, o Sr. Dr. Machado Portella, encarregou-se da cópia de documentos historicos existentes no archivo publico do imperio, de que é digno director, não comparecendo á sessão, com grande pesar seu, por graves incommodos de pessoa de sua familia. O nosso 1°. secretario supplente Dr. Teixeira de Mello auxiliou-nos na parte literaria, fazendo extractos das obras em que mais de quarenta autores nacionaes e estrangeiros se occupam com o nosso infeliz poeta, e tirando cópia de varias poesias suas, apenas conhecidas de poucos amadores. O nosso consocio o Sr. Henrique Raffard, com a sua invejavel actividade, prestou-nos a sua boa coadjuvação para o ornamente do salão. O nosso consocio o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, digno director do arsenal de guerra, forneceo-nos objectos necessarios para realce da festa.

O Sr. almoxarife do paço da cidade, cumprindo as ordens de S. M. o Imperador, transmittidas pelo nosso consocio o Sr. mordomo Visconde de Nogneira da Gama, esmerou-se em nos fornecer tudo quanto precizámos do mesmo paço. O Sr. Jozé Maria Vieira, honrado proprietario, cedeo-nos gratuitamente as plantas ornamentaes.

Fez a leitura das peças historicas o nosso 1°. secretario o Sr. Barão Homem de Mello, supprindo a auzencia do Sr. Dr. Machado Portella. Abrilhantaram a parte literaria da cerimonia commemorativa os Srs. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Teixeira de Mello, João Severiano da Fonseca e Cezar Marques e commendador Jozé Luiz Alves. Fechou a sessão elegantemente o elogio historico, que leo o nosso orador o Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay. Deixaram de comparecer por incommodo de saude os socios, que se haviam inscripto para leitura, os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro e Dr. Moreira de Azevedo.

S. M. o Imperador mostrou-se agradavelmente satisfeito e prometteo comparecer a algumas sessões

o exemplar d'aquella medalha que lhe foi offerecido ; do socio coronel Antonio Borges de Sampaio, da cidade de Uberaba, remettendo o manuscripto : *A Muzica em Uberaba*, 1889, » acompanhado dos estatutos das trez corporações muzicaes ali existentes actualmente e copia de uma compozição das que se guardam no archivo de cada uma d'ellas.

OFFERTAS

Pela repartição hidrographica do Chile um exemplar do *Anuario Hidrografico de la Marina de Chile* ; pela academia de medicina os seos *boletins* e *annaes* ; pelo Sr. Dr. Gusmão Lobo o relatorio e annexos aprezentados á assembléa geral legislativa na 4.ª sessão da 20ª. legislatura pelo ministro da agricultura conselheiro Rodrigo Agusto da Silva; pelo Sr. Elias Lobo mais um exemplar da sua obra *Contributions de Metereology*; pelas sociedade de geographia de Madrid, Italia, Hamburgo e Bordeaux, os seos boletins; pela sociedade africana de Italia em Napoles o respectivo *boletim* ; pela sociedade de geographia de Tours e o imperial observatorio astronomico do Rio de Janeiro as suas *revistas*. Pelas redações: — *Jornal do Commercio, Jornal do Recife, Gazeta de Noticias, Gazeta da Bahia, Diario Popular* (São-Paulo), *Diario do Commercio, Diario de Noticias, Paiz, Tribuna Liberal, Liberal Mineiro, Constitucional, Espirito-Santense, Gazeta de Mogimirim, Paraná, Brésil, Nouveau Monde, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro* e *Archivo Comtemporaneo*.

ORDEM DO DIA

O consocio capitão-tenente J. E. Garcez Palha aprezenta a seguinte proposta:

« Propomos para socio correspondente d'este Instituto Historico e Geographico Brazileiro o commendador Jozé Carlos de Carvalho, nascido no Rio de Janeiro em 2 de Setembro de 1847, condecorado com as ordens imperiaes do Cruzeiro, de Christo e da Roza do Brazil, com as de Christo de Portugal, de Carlos III de Espanha, a

medalha da campanha do Paraguay, a medalha de merito militar, ex-primeiro-tenente da armada e membro effectivo do instituto polytechnico brazileiro e socio benemerito da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da propagadora das bellas artes e do lyceo de artes e officios. E' autor das narrativas de viagem ás provincias do sul e dos guias de immigrantes para as provincias de São-Paulo e Rio de Janeiro e chefe da commissão de remoção do meteorito de Bendegó, servindo o respectivo relatorio de titulo de admissão. Sala das sessões 5 de Julho de 1889. *T. Alencar Araripe. Henri Raffard. J. E. Garcez Palha.*— A' commissão de trabalhos geographicos.

Sendo favoraveis tanto o parecer da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, como o da commissão de admissão de socios os Srs. Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajós, requer o Sr. Henrique Raffard, que, si não houver n'isso inconveniente, seja a proposta relativa áquelle candidato submettida á approvação do Instituto na prezente sessão. O Sr. prezidente, recordando que tem havido mais de um precedente n'esse sentido, submette a escrutinio secreto a proposta. Corrido este, é unanimemente approvado socio correspondente do Instituto o Sr. bacharel Torquato Xavier Monteiro Tapajós e proclamado n'essa qualidade pelo Sr. prezidente.

Aprezentada a proposta do consocio Dr. Sacramento Blake para que o Instituto confira o titulo de socios honorarios aos notabilissimos medicos, que trataram de S. M. o Imperador na Europa e ao Sr. Conde de Mota Maia, medico effectivo de S. M., segundo a letra do art. 4.° dos estatutos vigentes, rezolve o Instituto, que seja ella enviada á commissão de admissão de socios.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, em solução ao officio que em data de 7 de Dezembro do anno passado, lhe dirigira o Sr. prezidente sobre o meio pratico mais apropriado para se guardarem na devida ordem mappas geographicos, aprezenta o modelo de um apparelho, simples mas engenhozo, que preenche o dezejado fim, e sobre cujo emprego dá S. Ex. algumas explicações. Este modelo foi pelo Instituto recebido com o maior agrado e o Sr. prezidente pede, que se lance na acta um voto de

agradecimento e louvor a seo auctor, digno chefe da secção geographica do Instituto.

O Sr. thezoureiro, conselheiro Alencar Araripe, lê o balancete da despeza e receita do Instituto no semestre de Janeiro a Junho do corrente anno, do qual se verifica, que a receita sobe á quantia de 6:931$130 réis e a despeza é de 6:809$750 réis; havendo em caixa um saldo de 121$380 réis, sugeito ao pagamento da cunhagem das medalhas commemorativas da lei, que extinguio a escravidão. — E' remettido á commissão do orçamento.

O Sr. Henrique Raffard propõe, que o Instituto conceda a collecção completa da *Revista Trimensal* ao consocio commendador Jozé Luiz Alves, em attenção aos seos relevantes serviços ás letras e ao Instituto.— Concedido.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques procede á leitura, para a qual se inscrevêra, de parte da sua memoria historica os *Jezuitas no Maranhão*, propondo-se continual-a nas sessões subsequentes.

Não havendo nada mais a tratar-se, o Sr, prezidente levanta a sessão.

Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*,
2.º secretario supplente.

11.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE JULHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde, na augusta prezença de S. M. o Imperador, o Sr. prezidente, pedindo a competente venia, abrio a sessão, tendo comparecido os Srs. commendador Rodrigues de Oliveira, Barão Homem

de Mello, Dr. Cezar Marques, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, capitão-tenente Garcez Palha, Henrique Raffard, Barão de Miranda Reis e senador Alfredo de E. Taunay, Dr. Pinheiro de Campos e commendador Jozé Luiz Alves.

Lêm-se as actas da 10ª. sessão ordinaria e a da sessão solemne do centenario de Claudio Manoel da Costa, que são approvadas.

O Sr. prezidente dirige a S. M. o Imperador a seguinte allocução.

« Um attentado louco, sinão inqualificavel, acaba de encher de espanto e indignação a Nação Brazileira,— que vos idolatra, e o mundo que vos admira. Felizmente não cabe ao Instituto Historico o triste dever de inscrever nefasta data em pagina tarjada de luto ; antes, em laudas douradas dos nossos annaes tem de burilar o hymno de suprema gratidão, que de todos os angulos do Imperio se eleva á Divina Providencia, que protege a terra de Santa Cruz. Recebei portanto, Senhor, por tão grande milagre as congratulações de uma associação, que vos é tão cara, qual o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.»

S. M. agradeceo.

O Sr. 1° secretario accuza o seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

O socio o Sr. Dr. Teixeira de Mello, participando que, tendo assumido a direcção da bibliotheca nacional, não pôde, emquanto esteve n'esse cargo, comparecer ás sessões do Instituto; dos Srs. socios Marquez de Paranaguá, senador Pereira da Silva, e Visconde de Nogueira da Gama, e dos Srs. Visconde de Jaguaribe e Felizardo Pinheiro de Campos Muller, agradecendo as medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888, com que o Instituto os distinguio ; do socio Dr. Moreira de Azevedo, offerecendo para a bibliotheca o livro intitulado *Evaristo e Gonçalves Dias*, onde vêm collecionados, discursos e poezias á memoria d'esses dois distinctos Brazileiros, e appensos, discursos e

poezias á do fundador do imperio; do director da escola normal de São-Paulo, Manoel Jorge Rodrigues, pedindo a collecção da *Revista Trimensal*, para a respectiva bibliotheca; o Instituto rezolve, que se conceda. Os Srs. socios senador Manoel Francisco Correia e Dr. Joaquim Portella justificam a sua auzencia n'esta sessão.

OFFERTA

Pelo socio correspondente o Sr. Jozé Verissimo os seos *Estudos Brazileiros*; pelo Sr. Vivien de Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universele*, 47.° *fascicule*; pelo Sr. Hachette & C. o prospecto para a qualificação do *Atlas de Geographia Moderna*; pelo instituto homæopathico mexicano *La Reforma Medica* (*II época*, tomo IV; pela universidade central de Venezuela e instituto archeologico e geopraphico pernambucano as suas *revistas*; pela societé de géographie de Paris, societé de geographie commerciale de Bordeaux, società geografica italiana, societé imperiale des naturalistes de Moscow, e real academia de historia de Madrid os seus *boletins*; e pelas respectivas redacções, os jornaes: — *Revista Sul-Americana*, *Revista Maritima Brazileira*, *Revista de Ensino*, *Etoile du Sud*, *Nouveau Monde*, *Brêsil*, *Respigador*, *Geographie*, *Baependiano*, *Imprensa*, *Provincia do Espirito Santo*, *Liberal Mineiro*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Diario Popular*.

O Sr. prezidente offerece um trabalho do finado artista Luiz Boulanger, no qual a efigie do Sr. D. Pedro I apparece por um processo especial.

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

Leitura de pareceres. Fica adiada.

2ª. PARTE

O Sr. doutor Cezar Marques continua a leitura da sua memoria os *Jezuitas no Maranhão*.

Com permissão do imperador suspende-se a sessão, retirando-se S. M. com as formalidades de estilo ás 7 3/4 de noite. A's 8 horas continuam os trabalhos.

Achando-se na sala immediata o Sr. Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajós, ultimamente eleito socio correspondente, o Sr. prezidente nomeia os Srs. Drs. Cezar Marques e Pinheiro de Campos para o receberem. Tomando assento, o Sr. prezidente dá-lhe a palavra. A seo discurso de agradecimento responde o orador do Instituto.

Ficam inscriptos para a leitura os Srs. Dr. Cezar Marques e senador Alfredo de E. Taunay.

E nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca,
2°. secretario interino.

12ª. SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE AGOSTO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde o Sr. prezidente declara aberta a sessão, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, commendador Rodrigues de Oliveira, Drs. Cezar Marques e Pinheiro de Campos, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, commendador Jozé Luiz Alves, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Nogueira da Gama, Henrique Raffard, senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, Barão de Capanema e Dr. João Severiano da Fonseca.

Justificam suas auzencias os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, senador Manoel Francisco Correia e Dr. Joaquim Portella. O 2°. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. 1°. secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do Sr. Francisco Luiz da Gama Roza, participando ter assumido em 15 de Junho a prezidencia da provincia

da Parahiba; do Sr. socio Antonio Borges de Sampaio, congratulando-se com o Instituto por ter S.M. o Imperador sahido illezo do infausto attentado de 15 do passado; dos Srs. socios Americo Braziliense, Visconde de Valdetaro e Paulino Nogueira, agradecendo a medalha que o Instituto remetteo-lhes; dos Srs. Francisco de Sales de Macedo e commandante do collegio militar, dando iguaes agradecimentos, e o Sr. Jozé Albano, filho, rezidente no Ceará, agradece a medalha a elle conferida, e remette dois documentos comprobativos de seos esforços em prol da libertação dos captivos.

OFFERTAS

Pelo socio, o Sr. senador Joaquim Floriano de Godoy, seu livro intitulado: *Provincia do Rio Sapucahy*; pela secretaria da marinha, o regimento interno da escola naval; pelas respectivas secretarias da justiça e da agricultura os relatorios ministeriaes de 1888; pelo club naval, academia imperial de medicina e alfandega do Rio de Janeiro, os respectivos boletins; pelo secretario da escola naval o *relatorio da directoria da associação mantenedora do muzeo escolar em* 1888, *o parecer sobre objectos aprezentados á expozição escolar, em* 1888; pelas respectivas reparticções, o *Boletim Postal*; o *programma da* 1.ª *cadeira do* 1.º *anno de engenharia civil da escola polytechnica, Primeiro Congresso Brazileiro de medicina e cirurgia no Rio de Janeiro, relatorio do ministro da marinha Barão de Guahy*; e pelas respectivas redações: *Etoile du Sud, Geographie, Nouveau Monde, Liberal Mineiro, Baependiano, Provincia do Espirito Santo, Imprensa, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Diario Popular* e *Gazeta da Bahia.*

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos offerece, em nome do Sr. conselheiro dezembargador Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, um volume manuscripto contendo a 1ª. parte do seo trabalho intitulado:— *Geographia da provincia do Rio-grande do Sul.*

O Sr. conselheiro Alencar Araripe informa ao Instituto saber, que existe algures desprezado em um quintal

um busto em marmore do finado socio o commendador Antonio Jozé de Miranda Falcão; e parecendo que será de utilidade, pelo menos para a conservação d'essa obra d'arte, a sua acquizição, pede autorização para obtel-a para o Instituto, preservando-a assim do abandono em que se acha. E' concedido.

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê o parecer da commissão de fundos e orçamento sobre os requerimentos do Sr. Dr. Cezar Marques para substituir-se por medalhas de prata as concedidas á Illm. camara municipal e a seo prezidente o Dr. Jozé Ferreira Nobre, opinando que deve fazer-se a substituição:

« A commissão de fundos e orçamento d'este Instituto vem aprezentar parecer sobre as duas propostas assignadas pelo nosso illustrado consocio o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, versando ambas sobre a natureza do metal das medalhas, que o Insiituto Historico e Geographico Brazileiro mandou cunhar para perpetuar a memoria da passagem da lei 13 de Maio de 1888, que extinguio a escravidão no Brazil, e que deliberou offertar á Illma. camara municipal d'esta capital uma, e outra ao seo digno prezidente o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre. A commissão em vista das razões com que o nosso illustrado consocio justifica as suas propostas acha justo, que ambas as medalhas sejam de prata e não de bronze, porquanto a Illma. camara municipal d'esta capital é mais que digna d'esta distincção pela attitude que tomou no movimento emancipador, e a idéa suggerida por seo digno prezidente o Sr. Dr. Ferreira Nobre da creação do Livro de Ouro, muito concorreo para dar impulso a fazer desapparecer a mancha negra da escravidão, e tanto assim que conseguio em limitados annos arrancar do captiveiro a 876 infelizes : o autor d'essa idéa é por certo digno de receber a medalha de prata. E' esta a opinião dos abaixo assignados. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 2 de Agosto de 1889. *Jozé Luiz Alves*, relator. *Luiz Rodrigues de Oliveira*.

O mesmo senhor lê o parecer sobre o balancete do 1.° semestre do corrente anno, aprezentado pelo Sr. thezoureiro, sendo approvado o mesmo parecer, que é o seguinte :

« A commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, recebendo por cópia o balancete do 1° semestre do corrente anno social, que foi aprezentado e lido na sessão do dia 19 do proximo passado mez, vem cumprir o seo dever, dando sobre elle parecer.

A receita arrecadada de Janeiro a Junho foi de 5:095$, que junto ao saldo de 1:836$130, que passou do anno findo monta a 6.931$130. As despezas realizadas n'esse periodo fôram de 6.809$750, que deduzidos da receita deixa um saldo da quantia de 121$380, que passou ao 2.° semestre. Esse saldo, segundo a nota do Sr. conselheiro thezoureiro terá de desapparecer e é insufficiente para pagar na caza da moeda a cunhagem das medalhas, que monta na de 420$023.

Para fazer face a esse compromisso e ás despezas imprescindiveis, que montam a 5:130$, conta o mesmo Sr. conselheiro thezoureiro com as seguintes verbas : 4.500$, 2.ª prestação do subsidio do estado, 505$, juros das apolices do 2.° semestre do corrente anno, 800$ das annuidades dos socios, e o saldo de 121$380, que passou do 1.° semestre, o que tudo reunido somma em 5.926$380. Entre a receita provavel, as despezas imprescindiveis ha um saldo de 796$380, mas que será absorvido pelo custo da impressão do 2.° volume da *Revista* e mais despezas do expediente, que, sendo muito superiores, mostrarão o *deficit*.

Ainda uma vez a commissão lembra a conveniencia de solicitar-se dos altos poderes do estado o augmento do subsidio, porque só assim se poderá evitar *deficits* e attender ás despezas de urgente necesidade, taes como o preenchimento das lacunas que existem na collecção da *Revista*, despeza que de certo importará em cifra importante, e por melhor que seja a dedicação, zelo e bôa vontade do mesmo Sr. conselheiro thezoureiro e da severa economia dos dinheiros sob sua guarda, nada poderá fazer sem o augmento do subsidio.

A commissão conformando-se com o balancete aprezentado e vendo que está elle de accordo com os documentos é de parecer que seja approvado.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 2 de Agosto de 1889. — *Jozé Luiz Alves*, relator.—*Luiz Rodrigues de Oliveira.*

Distribuindo-se pelos socios a 2.ª serie do *Catalogo dos manuscriptos do Instituto* organizado por ordem alphabetica e dividido em 4 partes: *Biographias, Documentos, Memomorias e Poezias*, o Sr. Henrique Raffard propõe e é approvado unanimemente, que se consigne em acta um voto de louvor por tão relevante serviço prestado pelo digno socio o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, que cada vez mais tem demonstrado seo muito zelo e inexcedivel dedicação ao Instituto.

O Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay, compartilhando essa demonstração de apreço a tão digno socio, protesta porém contra a orthographia ahi seguida, tanto mais inadmissivel quanto desvirtua completamente a autographia dos proprios autores: acha, que o illustrado socio deve nos trabalhos sociaes, de cuja publicação se encarregar, cingir-se á orthographia uzual. O Sr. barão Homem de Mello, concordando com as observações precedentes, pondera comtudo, que no prezente catalogo o autor seguio a orthographia uzual. O Sr. conselheiro Alencar Araripe explica o modo por que compoz o catalogo, conservando geralmente a orthographia do titulo dos manuscriptos, que incluio; o que é facil de verificar confrontando os dizeres do catalogo com esse manuscriptos.

O Dr. Cezar Marques requer, que Sr. prezidente lhe mande passar por certidão o theor do requerimento, que fez relativamente ás medalhas para a Illm. camara municipal e seo presidente.— E' approvado.

Propostas. Lêm-se as seguintes:

1.ª Propomos seja admittido ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro como socio honorario Sua Alteza o principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, servindo de titulo de admissão os seos bellos

trabalhos mineralogicos publicados aqui e na Europa, e que têm merecido inserção nos annaes scientificos de Paris e Vienna. Sala das sessões 2 de Agosto de 1889. *Alfredo de Escragnolle Taunay. João Severiano da Fonseca. Henri Raffard. Felizardo Pinheiro de Campos. Jozé Luiz Alves.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Luiz Rodrigues de Oliveira. Barão de Capanema. Visconde de Nogueira da Gama. Barão Homem de Mello.*

O Sr. prezidente declara, que estando a proposta assignada por grande maioria dos socios prezentes, na conformidade dos estatutos no que respeita aos socios honorarios, proclama socio honorario S. A. o principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha.

2.ª Propomos seja admittido no gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como socio correspondente o Sr. Annibal Echeverria y Reys, cidadão chileno, servindo de titulo de admissão sua *Geographia Politica de Chile* em dois grossos volumes, offerecida ao Instituto. Sala das sessões 2 de Agosto de 1889. *Alfredo de Escragnolle Taunay. João Severiano da Fonseca. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Barão de Capanema. Felizardo Pinheiro de Campos.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Luiz Rodrigues de Oliveira. Visconde de Nogueira da Gama.*

Na fórma dos estatutos vai á commissão de geographia.

3.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. conselheiro Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, servindo de titulo de admissão o prezente trabalho, por elle offerecido ao Instituto, intitulado *Geographia da provincia do Rio-Grande do Sul.* Sala das sessões em 2 de Agosto de 1889. *Felizardo Pinheiro de Campos. Barão Homem de Mello. João Severiano da Fonseca. Luiz Rodrigues de Oliveira.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay occupa a attenção da caza, lendo o começo de uma memoria

intitulada : — *Curiozidades naturaes da* ... *ranã.*

O Sr. prezidente inscreve-se para ... sessão uma sua memoria intitulada *a* ... *leira.*

E nada havendo mais que tratar, le... ás 8 horas da noite.

Dr. *João Severiano* ...
2°. secretario i...

13.ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE A...

Prezidencia do Sr. commendador Joaq... Souza Silva.

A's 7 horas da noite o Sr. prezident... estando prezentes os socios, Srs. Barão ... Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. Cez... dores Manoel Francisco Correia e Alfre... Taunay, Henrique Raffard e commendado... E' lida e approvada a acta da antecede... dente, tomando a palavra, lê o seguinte ...

Senhores ! Perdemos no dia 4 do cor... da tarde, o nosso consocio Antonio Alvare... Nasceo na provincia do Rio-Grande d... 1806; e quando a sua provincia natal, de... politica mesquinha, quiz quebrar os laç... e deixar de fazer parte da união brazilei... grandeza e prosperidade, abraçou elle a... naria, mas foi mandado sahir da provi... estabelecer-se n'esta côrte, onde, mel... tomou a si o collegio Minerva e entrego... pacificas da intelligencia e deo-se á educa... Compoz e imprimio alguns compendios d... veram grande voga. Ha cincoenta annos... da nossa associação, pois foi admittido ...

foi thezoureiro do Instituto e como tal bons serviços lhe prestou. Ha na nossa *Revista Trimensal* alguns trabalhos devidos a suas locubrações,e que não peccam por falta de interesse. Infelizmente os ultimos annos de sua longa existencia foram amargurados por contrariedades da fortuna, e ainda mais, pela recente perda de seo filho, digno da consideração da sociedade fluminense, na qual se distinguia pela sua intelligencia e moralidade, e grande amor pelo trabalho. Para assistir a missa do setimo dia, pelo repouzo de sua alma, nomeei uma commissão composta dos Srs. Dr. Cezar Marques, Pinheiro de Campos e Henrique Raffard. Peço ao Instituto, que se lance na acta da sessão de hoje um voto de pezar pelo seo passamento.

E' tambem digno de igual voto o nosso sabio consocio D. Domingo de Santa Maria, cuja noticia de obito acaba de chegar-nos pelo telegrapho. Foi um dos mais notaveis filhos da republica do Chile, e seo prezidente durante a guerra com a Bolivia. Ha pouco tempo distinguido pelo nosso governo com a gran-cruz da honrozissima ordem do Cruzeiro, talvez que não tivesse occazião de receber tão alta e merecida honra esse eminente Americano, que tanto honrava sua patria e tão apreciado e respeitado era entre nós.

O Sr. prezidente communica igualmente ao Instituto, que,havendo-se levado á hasta publica, na alfandega de Santos, o mauzoléo, que se destina a guardar as cinzas de Jozé Bonifacio, o velho,n'aquella sua cidade natal, levantou a imprensa do sul do imperio justos protestos ; e tendo declarado o *Paiz*, importante folha d'esta côrte, que depois de meio seculo de haver falecido o patriarcha da Independencia, é que se lembraram de erigir-lhe um tumulo, havendo apenas se lhe erigido uma estatua, *quazi ridicula,* elle orador, como autor da proposta para o eregimento d'essa estatua e de um tumulo,e como secretario que foi da commissão executora do primeiro d'aquelles monumentos, durante dez annos, vira-se na obrigação de escrever uma carta ao notavel redactor-chefe do *Paiz*, rezumindo a longa historia d'aquelle monumento, as difficuldades que surgiram, e a razão por que se não levou a effeito, por parte do Instituto, o tumulo proposto, afim de

que nossa associação apparecesse justificada de toda a censura. O illustrado redactor, o Sr. Quintino Bocayuva, publicou com toda a gentileza, e em novo artigo, essa carta historica e justificativa, o que o orador agradece perante o Instituto, pedindo que seja ella transcripta, como supplemento á acta da sessão de hoje. Aproveitando a occazião, promette escrever uma memoria sobre a estatua, trabalho que pretendera fazer o nosso falecido prezidente Visconde do Bom-Retiro, si bem que lhe faltavam muitos documentos,que se extraviaram em tempos do passamento do conselheiro Euzebio de Queiroz, primeiro prezidente d'aquella commissão.

O Sr. Torquato Tapajós communica a auzencia do Sr. Barão de Miranda Reis, motivada por serviço publico.

EXPEDIENTE

O Sr. 1°. secretario communica, que fez acquizição para a bibliotheca do Instituto das obras seguintes, que aprezenta: *Memoria da campanha do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil,* pelo general Raimundo Jozé da Cunha Matos, em 2 tomos. Rio de Janeiro, 1833; e *Guerra da triplice aliança,* pelo conselheiro Schneider, traducção, vols. I e II, de 1875 e 1876.

O Sr. prezidente offerece duas molduras e quadros para a bandeira da Confederação do Equador (1824), e para o *fac-simile* da assignatura de Claudio Manoel da Costa, afim de melhor figurar no muzeo do Instituto.

O Sr. 1.° secretario lê os seguintes

OFFICIOS

Do Sr. commandante do imperial collegio militar, remettendo varios exemplares do *discurso official* pronunciado na inauguração d'aquelle estabelecimento em 6 de Maio do corrente anno pelo socio Sr. conselheiro Barão Homem de Mello, decano do seo corpo docente e seo professor de historia e geographia; do Sr. Antero Ferreira da Rocha, enviando um numero da *Gazeta de Uberaba,* em que fez publicar o acto de installação d'essa villa; das camaras municipaes de Ouro-Preto e São-Paulo, liceo de

artes e officios, sociedade de geographia do Rio de Janeiro, associação commercial da Bahia, associação promotora da instrucção, do Revm. D. abbade do mosteiro de S. Bento, do Exm. Sr. ministro da republica oriental do Uruguay, e do socio o Sr. Antonio Borges de Sampaio, agradecendo a remessa da medalha commemorativa da lei 13 de Maio. Dos Srs. Jozé do Patrocinio e Luiz de Andrade, devolvendo as que lhes foram offerecidas, por julgarem não lhes pertencerem e sim a outros de igual nome.

Do socio Borges de Sampaio, offerecendo um manuscripto relativo ao falecimento do Dr. Zefirino de Almeida Pinto, juiz de direito da comarca de Uberaba, acompanhado do seo retrato em photographia, assignatura autografa e exemplar do seo sinete em lacre; do Sr. socio João Brigido, pedindo o volume do *jubileo*, que allega não ter recebido; e do socio o Sr. Luiz da França de Almeida Sá, fazendo igual pedido e o do volume ultimo da *Revista Trimensal*.

OFFERTAS

Pelo Sr. senador Alfredo de E. Taunay, para que seja publicado no proximo numero da *Revista* o trabalho, que aprezenta do Sr. tenente-coronel de estado-maior de artilharia Francisco Raimundo Ewerton Quadros, intitulado *Zona do Paranapanema e Rio-Pardo*.

Pelo Sr. Cezar Marques, um volume em manuscripto do Sr. Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, já proposto para socio do Instituto, intitulado *Chronica do municipio de Campo-Largo,* até 1877, seguida da *Nobiliarchia Campo-Larguense*, até 1881. — São remettidos á commissão de geographia.

Pela real academia dei Lincei, *Atti* vols. 3ª e 4º, serie 4ª, 1886 - 1887; pela legação brazileira em Madrid: *Programa del certamen internacional, con el canon del 4.° centenorio del descubrimiento de America*; pela imprensa nacional o *programma do ensino das materias da 4.ª serie da faculdade de medicina do Rio de Janeiro*, para 1889; *Brazil*, boletim postal n. 3, Julho de 1889, 1º. anno; *programmas das diversas cadeiras da escola polytechnica*;

programma das lições das diversas cadeiras e aulas da escola superior de guerra, no triennio de 1889 - 91, *rezolução de consultas do conselho de estado* de 22 de Junho de 1889; pelo imperial observatorio astronomico, sociedade de geographica do Rio de Janeiro, bibliotheca da marinha, suas *Revistas;* pelo Institut Canadian de Toronto, academia nacional de ciencias em Cordoba, Arkeologickoga Drustva e sociedade africana da Italia, societé de geographie de Paris, de New-York, de Greifswold, de Santiago do Chile e de Berlim os seos *boletins*. E pelas respectivas redações:—*Gazeta da Bahia, Gazeta de Mogimirim, Diario Popular, Imprensa, Liberal Mineiro, Provincia do Espirito-Santo, Publicador Goiano, Geographie, Nouveau Monde, Brésil, Etoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. Dr. Cezar Marques dá por escripto informações rectificando o que se lê no *Catalogo Genealogico* de frei Antonio Jaboatão, publicado no ultimo volume da *Revista Trimensal* no artigo de *Eça dos Ilhéos e Bahia*, onde diz, que Manoel de Souza d'Eça falecêra sendo governador do Maranhão. Essa informação vae appensa a esta acta.

O Dr. Severiano diz, que é desnecessario, que o trabalho do Sr. Dr. Macedo Soares, hoje aprezentado, vá a estudos da commissão de geographia, visto não ser trabalho inicial, e já aquelle distincto homem de letras ter outros trabalhos, aprezentados para sua admissão no Instituto. O Sr. senador Alfredo d'E. Taunay pergunta porque não publicou se no jornal as propostas dos Srs. Echevarria e Trigo de Loureiro. O 2.º secretario explica.

2.ª PARTE

O Sr. prezidente lê a sua memoria intitulada: *Bandeira Nacional.*

Ficam inscriptos para leitura os Srs. Dr. Cezar Marques e senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

E nada mais havendo a tratar-se, levanta-se a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2.° secretario interino.

Supplemento á acta de 16 de Agosto de 1889

Lê-se no *Paiz*, importante folha que se publíca n'esta côrte,* o seguinte artigo :

O MAUZOLÉO EM LEILÃO

Como se devia esperar, abundam agora as explicações do estranho cazo do leilão do mauzoléo destinado a ser erigido na igreja do convento do Carmo, em Santos, sobre a sepultura onde jazem os despojos do venerando patriarca da independencia, Jozé Bonifacio de Andrada e Silva.

Temos em primeiro lugar a carta, que nos dirigio o illustre esculptor e estatuario brazileiro Rodolfo Bernardelli, e que aqui publicamos na integra para defeza do honrado artista.

. . . .

No *Diario Popular* de São-Paulo vem transcripta a informação prestada ao Sr. prezidente da provincia pelo inspector da thezouraria provincial.

. . . .

Finalmente até o Instituto Historico, pelo orgão do

* Numero 227 de 15 de Agosto de 1889.

seu digno prezidente, julgou-se aggravado
do nosso artigo (que aliás não se dirigia a

Compendiando o historico da erecção
se vê no largo de S. Francisco de Paula e
o honrado prezidente do Instituto.

No artigo editoral de hoje classifica
tatua de Jozé Bonifacio de *quazi ridicula*
uma censura ao Instituto Historico, a c
deve o que foi possivel fazer sob propo
annos lutou a commissão, que teve po
conselheiro Euzebio de Queiroz e o Visco
tiro, com os maiores obstaculos, afim d
meios necessarios para occorrer ás despe
pital do imperio apenas concorreo com a
levantaram as companhias de bonds pa
inauguração.

Quando o Visconde de Bom-Retiro
companhia do imperador, levou plenos pode
executora da estatua para a concluzão
pelo escultor Rochet, autor da magnifica
do heróe do Ipiranga. Não havia sinão 6
Mauá, rezultado da susbscripção da popu
imperio, mas o imperador ordenou, que
falta de dinheiro que se não fizesse a esta
concorreria de seo bolsinho com o que falt
ficou contractada para ser inaugurada no d
de 1872, quinquagesimo da independeci
n'esse dia o estado concorreo sequer ac
anno da pensão, que teve o patriarca d
Não palpita muito de enthuziasmo pelas g
o coração brazileiro.

Quando um prezidente de provinc
um engenheiro fizesse uma chorographi
mediante a quantia de 1:000$, mostrou
admirado ao vêr a obra prompta em 8 dia
a quatro ou cinco quadernos de papel.

— Então, perguntou elle, é isto a
provincia ? !

—Sim, Exm., respondeo a engenh
chorographia de 1:000$000.

Tambem a estatua de Jozé Bonifacio é um monumento de 60:000$. E de quem é a culpa? Eu lavo as minhas mãos.

Não fôsse Francisco Octaviano, que em nome do partido liberal instava com o Visconde de Bom-Retiro para que se fizesse *alguma couza*; não fôsse o imperador, que se obrigou a pagar de seo bolsinho o que faltasse para cobrir o seo custo, que apezar de todos os esforços do Instituto Historico não teria ainda hoje Jozé Bonifacio essa estatua, modesta sim, mas não ridicula, sinão quando em dia de luminarias a rodeam de bicos de gaz, e que tendo sido entregue á guarda da Illma. camara municipal, não achou ainda a illustre municipalidade occazião para restituir a penna e a espada que um louco lhe arrancára. O enthuziasmo para a erecção da estatua não passou dos estudantes de medicina da faculdade desta côrte. Honra lhes seja feita.

Cumpre-me tambem dizer alguma couza, sobre o tumulo.

Si ha meio seculo, que é falecido Jozé Bonifacio, e ainda não tem um mauzoléo digno de suas cinzas, não é tambem culpa do Instituto Historico. Quando propuz, que se lhe erigisse a estatua, inclui na proposta, que se lhe fizesse igualmente um tumulo, em Santos. Offendeo-se com tão generoza idéa o amor proprio dos santistas e uma commissão chamou a si tão santa missão. Desistio o Instituto e nada fez a commissão santista. E' o nosso séstro.

Com a qualificação de *quazi ridicula*, dada á estatua, renovaram-se os desgostos, que tive como secretario da commissão executora, que até nos dias proximos á inauguração, em que cresceo o trabalho, que todo recahio sobre mim, me negaram a dispensa de alguns dias de ponto, sem que depois se lembrassem de me dizer— obrigado.

Rio de Janeiro 13 de Agosto de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva.*

INFORMAÇÕES

Na parte I (1.° e 2.° trimestre) do tomo LII lendo o *Catalogo Genealogico*, escripto pelo Reverendo frei Antonio de Santa Maria Jaboatão no anno de 1768, encontrei na pag. 321 o seguinte:

Eças nos Ilheos e Bahia

N. 1. D. Ignez Deça, filha de D. Violante Deça e de seo marido João de Araujo de Souza, cazou nos Ilhéos com Luiz Alves de Espinha etc. etc., e teve filhos.

Manoel de Souza Deça, que *falleceo sendo governador no Maranhão.*

Aqui finda a transcripção.

Prestando ainda uma vez sentida homenagem de profundo respeito a tão distincto Pernambucano, notavel chronista da provincia de Santo Antonio, e frade tão trabalhador, que ainda na idade de 73 annos, quando o corpo pede repouzo e a alma socego, se entregava a um trabalho tão insano, não posso deixar correr tal asserção, pois no *livro de posse* dos governadores e capitães generaes do Maranhão do antigo *Estado do Maranhão e Grão-Pará* e depois do *Estado do Maranhão* não achei tal nome entre os seos governos.

Compulsei esses livros, não uma porém muitas vezes em diversos mezes e annos, sempre com muita prudencia, paciencia, e descanso, e nunca achei tal nome.

Não digo, que seja erro ou descuido, porém sem duvida ha engano, e como dezejo esclarecel-o, já escrevi para Lisbôa a um amigo muito dedicado, para consultar os livros do *Conselho Ultramarino* a vêr si na verdade houve este governader.

O assumpto leva-me a communicar-vos outro ponto, tambem do Maranhão.

Na pag. 452 da *Revista Trimensal* do nosso Instituto, tomo XXII, anno de 1859, encontrei a *Relação dos documentos*, que organizou o Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, dezembargador do paço e procurador

da real corôa de S. M., acha-se mencionada a patente, com que foi nomeado governador do Maranhão em 25 de Janeiro de 1774 o cidadão Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Sello, doutor na faculdade de canones, pela universidade de Coimbra, e capitão de uma companhia de dragões no Piauhi.

O Dr. Pereira Ramos fez esta observação « Faleceo em Lisbôa, antes de emprehender a viagem para Maranhão, já tendo para isso despendido mais de dez mil cruzados.»

Não encontrei nos *livros de posse* uma observação siquer a tal respeito, porém, graças á bondade de um amigo em Lisbôa, soube, que na verdade houve esta nomeação.

Frei Antonio Jaboatão assevera, que Manoel de Souza Deça faleceo como *governador no Maranhão.*

Basta o que dice para mostrar o engano.

Vou porém mais longe, e do resultado das minhas investigações darei conta em tempo proprio.

Rio 10 de Agosto de 1889.

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

14ª. SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE AGOSTO DE 1889

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

As 6 1/2 horas da tarde, achando-se prezentes os Srs.: commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, Barão Homem de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar Augusto Marques, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos e Henrique Raffard,

foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as formalidades do estylo, tomou assento, e o Sr. prezidente, obtendo a imperial venia, declarou aberta a sessão.

Comparecendo o Sr. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, todos os socios conservaram-se levantados até que S. A. tomasse assento pela primeira vez como membro d'este Instituto e então o Sr. prezidente pronunciou o discurso seguinte:

« Achando-se S. A. o principe D. Pedro Augusto pela primeira vez prezente ao Instituto como seo socio honorario, tenho a honra de saudar a S. Alteza em nome d'este Instituto. O Instituto espera, que S. Alteza, que em tão verdes annos tem demonstrado tanto talento em varios ramos de conhecimentos, inscrevendo o seo nome no livro da sciencia, se mostrará digno cooperador nas suas pesquizas.»

S. Alteza respondeo agradecendo ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro a prova de tanta consideração, admittindo-o no seo gremio, e que pela sua parte procurará corrresponder dignamente trabalhando quanto em si couber.

O Sr. Henrique Raffard, servindo de segundo secretario, fez leitura da acta da sessão antecedente, que foi approvada.

Em seguida o Sr. prezidente participa o falecimento do socio conselheiro Quintiliano Jozé da Silva n'estes termos:

« Senhores. Temos de lamentar a falta de mais um socio, de um illustre varão, de um conspicuo magistrado, que muito honrou a patria. Faleceo no dia 25 do corrente o illustrado conselheiro Quintiliano Jozé da Silva. Nascêra na provincia de Minas-Geraes no dia 6 de Junho de 1807. Estudou os seos preparatorios na terra natal. Matriculou-se na universidade de Coimbra, mas os acontecimentos politicos o obrigaram a vir concluir os seos estudos na faculdade de São-Paulo, onde foi um dos bachareis da primeira turma, que ali se formou. Entrando para logo

na carreira da magistratura, prestou assignalados serviços como ouvidor da comarca de Paracatú, como juiz de direito das comarcas do Rio das Velhas e de Ouro-Preto, e como dezembargador da cidade d'este ultimo nome, tendo sido procurador da corôa. Foi finalmente apozentado com o titulo de conselheiro e honras de ministro do supremo tribunal de justiça.

Prestou á administração publica a sua aptidão como prezidente de sua provincia durante quatro annos e como deputado provincial em mais de uma legislatura; e em 1847 entrou na lista sextupla para senador. Era condecorado com o habito e a commenda das ordens de Christo e da Roza. Fez parte de nossa associação pelo espaço de quarenta e quatro annos e si não tomou parte activa em nossos trabalhos é que não o deixaram os seos serviços fóra da côrte. Comparecendo á festa de nosso jubileo procurou conhecer todos os seos collegas, abraçando-os com enthuziasmo; felicitando-os com reconhecimento pelos seos escriptos, que conhecia graças a seos estudos e ao seo amor pelas nossas couzas.

Era um homem amavel, um cidadão illustrado e um magistrado integro e digno das maiores considerações e que levou toda a sua vida a compôr essa mortalha tecida de modestia, de illustração e de probidade, na qual se envolveo para descer á sepultura, lamentado pelos seos amigos e chorado pela sua numeroza e honrada prole.

Peço a inserção na acta de um voto de pezar e nomeio os Srs. conselheiro Olegario, Alencar Araripe e senador Corrêa para assistirem á missa de setimo-dia. »

O Sr. 1° secretario, Barão Homem de Mello, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Exm. Sr. Visconde de Ouro-Preto, prezidente do conselho de ministros e ministro da fazenda, dispensando o pagamento da importancia do metal empregado no fabrico das medalhas commemorativas da lei aurea. Agradeça-se. Do Exm. Sr. Visconde de Ibituruna, prezidente de Minas-Geraes e socio do Instituto, remettendo alguns

apontamentos relativos ao Dr. Claudio Manoel da Costa. Agradeça-se. Dos Exms. e Rvms. Srs. internuncio apostolico, arcebispo-primaz da Bahia, bispos de Marianna e de São-Paulo, dos Exm. Srs. ministro dos Estados-Unidos, de Portugal, das Republicas Argentina e do Chile, da academia imperial de medicina, da bibliotheca da faculdade de direito do Recife, da bibliotheca publica da Porto-Alegre, das escolas militares de Porto-Alegre e do Ceará, das camaras municipaes de Nicteroy, Porto de Cima, e da Bahia, da associação commercial do Rio de Janeiro, e dos Srs. J. P. Malan e Augusto Aguiar — agradecendo a offerta da medalha commemorativa de lei de 13 de Maio de 1888. Do Sr. consul geral do Perú em Southampton, pedindo que se lhe remetta a carta do coronel Labre. — Ao bibliothecario do Instituto para informar por escripto. Do club literario portuguez, convidando o Instituto para se fazer reprezentar na sua sessão solemne no dia 24 ás 7 1/2 horas da noite. Providenciou-se em tempo opportuno.

OFFERTAS

Pelo socio Henrique Raffard : *um autographo* do fallecido Dr. Caio da Silva Prado, que foi prezidente das Alagôas e do Ceará. Pelo socio Barão de Ourém : *Notice génèrale sur la session parlamentaire de* 1877. Pelo socio commendador Joaquim Norberto de Souza Silva : *Historia da literatura brazileira* ; rezumo publicado no *Mozaico Poetico* em 1844, e do qual em parte é autor o offertante. Pelo Sr. Francisco Gomes de Amorim o seo trabalho : *Os Luziadas de Luiz de Camões*. Pelo Sr. J. P. Malan uma collecção da sua revista *Il Brazile*, acompanhada de um mappa da provincia do Rio de Janeiro. Pelo Sr. Argemiro da Silveira o seo folheto : *Breve memoria historica sobre a fundação da cidade de São-Roque*, provincia de São-Paulo. Pela sociedade scientifica argentina : *Annales*, entregas 4ª e 5ª de 1889. Pelo Instituto cartographico italiano em Roma : *Annuario*, 1889. Pelo centro bibliographico vulgarizador : *Revista Sul-Americana*. Pelo club de engenharia, instituto do Ceará e sociedade de geographia de Tours as suas revistas. Pelas sociedades de geographia de Roma, de Bordeaux, real academia de historia

de Madrid e sociedade imperial dos naturalistas de Moscova os seos boletins. Pelas respectivas redações:— *Diario Popular*, *Liberal Mineiro*, *Imprensa*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Publicador Goiano*, *Caxoeirano*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Géographie*, *Etoile du Sud*, *Brésil*, *Nouveau-Monde e Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*. Pela imprensa nacional : *relatorio* aprezentado á assembléa geral legislativa pelo ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça conselheiro Francisco d'Assis Roza e Silva, lista geral dos estudantes matriculados na faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1889, estatutos da companhia industrial Guanabara ; parecer da junta de saude da armada sobre o beri-beri, estrada de ferro D. Pedro II, 4.° additamento á broxura das modificações feitas nas tarifas.

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

O Sr. 1°. secretario leo a seguinte proposta :

Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por occazião da proxima chegada dos officiaes de marinha do Chile, celebre uma sessão solemne extra ordinaria, para a qual serão convidados os mesmos officiaes, e que em discurso analogo, ou pela fórma que parecer mais conveniente, se agradeça a obzequiozidade com que foram acolhidos e tratados os officiaes brazileiros, quando ultimamente vizitaram o Chile; que se mencione com o devido apreço as cordiaes e amistozas relações, que de longa data tem o Brazil entretido com essa adiantada nação ; bem como as valiozas offertas de trabalhos literarios, que têm sido feitas ao Instituto em nome de escritores chilenos; dando-se por ultimo breve noticia biographica dos cidadãos mais notaveis d'aquelle paiz, muitos dos quaes fazem ou fizeram parte d'este Instituto. Rio de Janeiro 30 de Agosto de 1889. *D. Pedro Augusto, Joaquim Norberto de Souza Silva. O. H. de Aquino e Castro. Barão Homem de Mello. T. de Alencar Araripe.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Henri Raffard. José Luiz Alves. Felizardo Pinheiro de Campos.*

O Sr. prezidente pondera, que a proposta, achando-se assignada por todos os membros prezentes, não póde soffrer discussão, mas que no entanto convida os socios, que tenham de adduzir algumas considerações a pedirem a palavra. S. M. o Imperador dignou-se externar a sua opinião de applauzo sobre a proposta e aprezentou algumas ideias relativas ao seo modo exequendo, as quaes foram acceitas com muito especial agrado. O Sr. prezidente declara tomar o encargo de providenciar para que a projectada festa corresponda aos dezejos do Instituto.

2ª. PARTE

O Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, a pedido do Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espozel, offerece ao Instituto a *rezolução de consulta do conselho de estado* de 22 de Junho de 1889 sobre a sua reintegração no emprego de secretario da relação d'esta côrte.

O Dr. Cezar Augusto Marques participa, que a commissão nomeada para reprezentar o Instituto compareceo na sessão solemne do liceo literario portuguez.

O Dr. Felizardo Pinheiro de Campos communica, que a respectiva commissão assistio á missa de 7°. dia do falecido socio Antonio Alvares Pereira Coruja.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. Dr. Cezar Marques proseguio na leitura de sua memoria historica *Jezuitas no Maranhão*.

As 7 1/2 horas, obtendo venia de S. M. o Imperador, o Sr. prezidente levanta a sessão.

Henri Raffard,
servindo de 2°. secretario.

15.ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE SETEMBRO DE 1889.

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Barão Homem de Mello, Barão de Miranda Reis, Dr. Cezar Augusto Marques, Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira e Henrique Raffard, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as formalidades do estilo, tomou assento, e o Sr. prezidente, tendo obtido a imperial venia, declarou aberta a sessão. O Sr. Henrique Raffard, servindo de 2°. secretario, leo a acta da sessão anterior, que ficou approvada.

E depois o Sr. prezidente proferio as palavras seguintes:

« SENHORES! Cada uma das nossas ultimas sessões tem correspondido á perda de um de nossos antigos collegas. Hoje é o desapparecimento de um magistrado distincto pela sua illustração e integridade como foi o Conselheiro João Lopes da Silva Coito.

Nasceo este benemerito Brazileiro n'esta capital no dia 6 de Julho de 1807 e faleceo na cidade de Nicteroy aos 30 de Agosto de 1889, contando 82 annos de idade. Estudou aqui os seos preparatorios; encetou na universidade de Coimbra os seos estudos sobre jurisprudencia e os continuou em São-Paulo. Graduado em direito. exerceo successivamente os seguintes cargos com intelligencia, sem que jámais deixasse de merecer elogios pela rectidão de seos julgamentos e independencia de seo caracter: juiz de direito das comarcas de Vassouras,

Cantagallo e Campos, chefe de policia da côrte, chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro, prezidente da provincia do Espirito Santo, dezembargador da relação de Pernambuco, dezembargador da relação da côrte, fiscal e prezidente do tribunal do commercio d'esta capital, ministro do tribunal de justiça, logar em que foi apozentado em virtude de sua avançada idade.

Recuzou-se a reprezentar a provincia do Espirito Santo na camara dos deputados, quando foi chamado a supprir a falta de um membro, que falecêra, allegando que se não considerava reprezentante de uma provincia, que apenas lhe dera um voto na eleição.

Era commendador das ordens da Roza e da Conceição de Villa Viçoza e gran-gruz de Christo do Brazil. Foi durante meio seculo socio correspondente do Instituto Historico. Tornou-se sempre distincto pelas suas virtudes e amado e respeitado por todos quantos o conheceram.

Durante a sua longa carreira não adquirio uma inimizade siquer, nem desmerecêra da magistratura brazileira, que tão brilhante e independente se patenteia aos olhos do mundo. Lucrava-se sempre com a sua conversação, porque era elle como que um thezouro de preciozidades tradicionaes, sendo para se lastimar que nada escrevesse. Fizeram outros por elle, porque, praticando-se com elle, lia-se como que n'um grande livro e jámais sem proveito.

Peço, que se consigne na acta de hoje um voto de pezar pelo seo falecimento.»

O Sr. prezidente accrescentou, que para assistir á missa do setimo dia nomeou os Srs. tenente-coronel Francisco Jozé Borges, conselheiro Tristão de Alencar Araripe e Henrique Raffard.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do Exm. Sr. conselheiro Lourenço Cavalcanti de

Albuquerque, participando ter expedido as ordens necessarias para que pelas repartições a seo cargo sejam cedidos temporariamente todos os objectos e obras que possuirem referentes á republica do Chile. Da sociedade de geographia de Lisboa para que se tome nota do seo protesto contra a linha divizoria de Moçambique, indicada no mappa do Transwall de Zeppe de Pretoria. Do socio Dr. Joaquim Pires Machado Portella, remettendo em nome do commendador Pedro Francisco Correia de Araujo, ministro do Brazil no Chile, um folheto de Jozé Carlos de Carvalho *Alla Provincia di S. Paulo nel Brasile*, e as obras seguintes de Julio Bañados Espinosa : *Historia de America y de Chile*, *Gobierno parlamentario y sistema representativo*, *La Batalla de Roncagua*, *Ensaios y bosquejos e Letras y Politica*. Dos Exms. e revdms. Srs. bispo do Maranhão, vigario capitular do Rio-Grande do Sul, governador do bispado de Pernambuco, da associação commercial beneficente de Pernambuco e do Sr. João Ramos, agradecendo o exemplar da medalha que o Instituto fez cunhar para commemorar a lei aurea de 13 de Maio de 1888. Do prezidente das Alagôas, remettendo o relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Arístides Augusto Milton passou a administração provincial ao Dr. Jozé Cezario de Miranda Monteiro de Barros a 6 de Janeiro do anno corrente.

OFFERTAS

Pela imprensa nacional : *collecções das leis e decisões do Brazil*, dos annos de 1820 e 1888. Pelo departamento nacional de estatistica em Buenos-Aires : *Datos trimestrales del commercio exterior*. Pela academia pontificia de nuovi Lincei em Roma : *actas da mesma academia* (mezes de Fevereiro a Maio de 1889). Pela sociedade de geographia commercial de Bordéos o seo boletim. Pela sociedade de geographia de Tours o seo boletim. Pela sociedade de geographia de Washington *The National geographic Magasin*. Pela sociedade physica economica de Konigsberg o seo relatorio. Pelas respectivas redacções :— *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal*

O Sr. prezidente communica acharem-se as referidas propostas assignadas por todos os socios prezentes, mas que entretanto dará a palavra para toda e qualquer consideração, que se queira fazer; não havendo ninguem pedido a palavra, o Sr. prezidente declara as propostas unanimemente approvadas.

2ª. PARTE

O Sr. Henrique Raffard participa, que o Instituto foi reprezentado na missa de 7°. dia do finado conselheiro João Lopes da Silva Coito, e a convite do Sr. prezidente dá conta ao Instituto das providencias tomadas para a realização da sessão solemne e expozição em via de execução em honra da officialidade chilena.

Sua Magestade o Imperador dignou-se mostrar-se satisfeito e pôz á dispozição do Instituto diversos livros e objectos curiozos de sua propriedade para figurarem na expozição, os quaes o prezidente declarou aceitar com especial agrado.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente, o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques proseguio na leitura de sua memoria os *Jezuitas no Maranhão*.

A's 7 1/2 horas, obtida a venia de Sua Magestade o Imperador, o Sr. prezidente declarou finda a sessão.

Henri Raffard,
servindo de 2°. secretario.

16ª SESSÃO EM 17 DE SETEMBRO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite o Sr. prezidente declara aberta a sessão, estando prezentes os Srs. 1°. vice-prezidente conselheiro de estado Olegario H. d'Aquino Castro, 1°. secretario Barão Homem de Mello, 2°. secretario interino

Dr. João Severiano da Fonseca, thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, e os socios Dr. Teixeira de Mello, Cezar Marques, Torquato Tapajós, Jozé Luiz Alves, Rodrigues de Oliveira, Garcez Palha e Henrique Raffard. Compareceram mais tarde os Srs. Barão de Capanema, João Capistrano de Abreo e senador Manoel Francisco Correia. E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. prezidente lê as seguintes palavras:

Senhores. No dia 12 d'este mez faleceo n'esta côrte e enterrou-se a 13 o Dr. Francisco Jozé Ferreira Baptista. Desappareceo com elle o ultimo socio quinquagenario, que nos restava, e é o terceiro, que desce ao tumulo este anno. Em cada uma das nossas ultimas sessões temos tido de lamentar successivas perdas de nossos mais antigos consocios. O Dr. Ferreira Baptista, depois de formado em direito, no curso juridico de São-Paulo, foi nomeado lente do mesmo curso, lugar que deixou por desgosto, retirando-se inopinadamente, e quando menos se esperava para esta côrte. exerceo aqui, e por muito tempo o emprego de promotor publico, e por tal modo habiltou-se no papel de accuzador, que tornou-se notavel pela sua dialectica, de modo tal que difficultava a defeza dos advogados contrarios. Demittido por cauzas que me são desconhecidas, deixou a tribuna da accuzação, em que figurára por muitos annos e veio sentar-se na banca da advocacia, na qual se conservou todo o resta de sua vida. Era um homem alto e magro, e de poucas palavras, mesmo no seio da mais intima amizade. Passou sempre por muito probo e gosava da fama de illustrado na sua profissão. Nada escreveo; e durante 50 annos que fez parte da nossa associação, limitou-se a estrictas obrigações. Nunca assistio, siquer, a uma de nossas sessões ordinarias. Na fórma dos estatutos, peço um voto de pezar pela sua morte, que será inserido na acta d'esta sessão.

Em seguida o mesmo senhor declara, que nomeou os Srs. Dr. Cezar Marques, Felizardo de Campos e Henrique Raffard, para assistirem á missa de 7°. dia e darem pezames á familia, por parte do Instituto.

Não ha expediente.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. 1°. secretario lê as seguintes propostas:

1ª. Proponho para socio honorario o Exm. Sr. conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de S. M. F. n'esta côrte ; o qual assignou a convenção sobre a propriedade literaria entre Portugal e Brazil. Sala das sessões em 17 de Setembro de 1889. *O. H. de Aquino e Castro. João Severiano da Fonseca. Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Dr. Cezar Marques. T. Alencar Araripe. Jozé E. Garcez Palha. Torquato Tapajós. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira.*

Estando a proposta assignada por todos os membros prezentes, o Sr. prezidente assim o declara e na fórma dos estatutos proclama membro honorario o Exm. Sr. conselheiro ministro Duarte Gustavo Nogueira Soares.

2ª Considerando o grande alcance da convenção que, no dia 7 do corrente, anniversario da independencia do Brazil, foi assignada em Buenos-Aires, entre o imperio e a Republica Argentina, para a solução da questão de Missões, propomos, que seja conferido o titulo de membro honorario do Instituto ao Exm. Sr. Dr. D. Norberto Quirno Costa, ministro das relações exteriores da republica, que assignou aquelle acto, conjunctamente com o ministro do Brazil. Sala das sessões em 17 de Setembro de 1889. *Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Dr. Cezar Augusto Marques. T. Alencar Araripe. Jozé Egidio Garcez Palha. Torquato Tapajós. Dr. Jozé A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira. João Severiano da Fonseca.*

Estando tambem esta proposta assignada por todos os membros prezentes, o Sr. prezidente proclama membro honorario do Instituto o Exm. Sr. Dr. D. Norberto Quirno Costa.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, obtendo a palavra, declara, que o Sr. Rodolfo Theofilo, haverá trez

para quatro annos, aprezentou um excellente trabalho seo intitulado : *Historia da seca do Ceará*, 1877—1880, o qual servio de baze para ser prosposto membro correspondente ; mas como até hoje não tenha havido solução, offerece novamente aquelle livro e igualmente a *Monographia da mucunan,* do mesmo autor, e pede que, remettendo-se á commissão de historia, se lhe peça urgencia no parecer.

O 2.° secretario interino pede tambem informações sobre o parecer dado pelo Sr. conselheiro Ladisláo Neto relativamente aos livros aprezentados ao Instituto pelo Sr. Vianna de Lima, e ultimamente aprezentados em sessão. O Sr. prezidente informa, que se acham com o Sr. Barão de Capenema.

O Sr. Henrique Raffard faz identica interpellação sobre a proposta relativa ao Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro. O Sr. Barão de Capanema informa, que de facto tal parecer lhe foi remettido, estando elle fóra da côrte, e que só hontem o recebêra.

Declara o Sr. prezidente, que esta sessão foi convocada para tratar-se da recepção dos socios honorarios, que devem vir tomar assento na primeira sessão, e indica os meios de tornar esse acto mais solemne e formal.

Após breve discussão em que se allude ao modo por que tem sido recebidos os outros socios honorarios, decide-se, que, procedendo-se de igual fórma, compareçam os socios em trajo de côrte.

Trata-se em seguida do programma para a sessão solemne, que tem de celebrar-se em honra á nação chilena, reprezentada pela officialidade do couraçado *Almirante Cochrane.* Fica assentado, que, recebida esta á entrada do salão por uma commissão, e por outras commissões o corpo diplomatico e as senhoras, e por todo o Instituto Suas Magestades e Altezas Imperiaes, o prezidente, após as formalidades do estilo, abrirá a sessão, dando a palavra ao 1°. vice-prezidente, que lerá uma allocucão; ao 1°. secretario, que pronunciará um discurso, e o prezidente lerá uma poezia analoga e encerrar-se-á a sessão com um discurso do orador.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello informa, que as obras

relativas ao Chile, existentes na bibliotheca nacional, ascendem a quazi mil e quinhentas.

E nada mais havendo que tratar-se, o prezidente levanta a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2.º secretario interino.

17ª. SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE SETEMBRO DE 1889

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR E DE SS. AA. O SR. CONDE D'EU E D. PEDRO AUGUSTO

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 3/4 da tarde, estando reunidos os Srs. Barão Homem de Mello, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Taunay, senador Manoel Francisco Correia, Barão de Capanema, commendadores Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, Dr. Teixeira de Mello, Torquatro Tapajós, Visconde de Nogueira da Gama, Dr. Sacramento Blake, Dr. Cezar Marques, Henrique Raffard e aprezentando-se Sua Magestade o Imperador e Suas Alteza Imperiaes, e sendo recebidos com as formalidades do costume, o Sr. prezidente, pedindo a devida venia, abre a sessão.

Achando-se na sala immediata o Exm. Sr. Dr. D. Enrique B. Moreno, ministro plenipotenciario da republica Argentina, ultimamente eleito membro honorario, o prezidente convida os Srs. Barão Homem de Mello e conselheiro Alencar Araripe para recebel-o, e tomando assento, o Sr. prezidente lê o seguinte discurso:

« Senhores. Acha-se prezente a esta sessão a que, como quazi sempre, se digna de honrar S. M. o Imperador com a sua augusta prezença, o Sr. Dr. D. Enrique B. Moreno, illustrado reprezentante da republica Argentina

O Sr. prezidente continua o seo discurso :

Senhores ! E' sempre occazião de maior jubilo para o Instituto Historico a recepção de novos socios notaveis pelas considerações, que os cercam, e que se honram com os nossos diplomas, como ainda mais nos honramos ao vêl-os aqui sentados, attestando ante o mundo culto o valor e o acolhimento que nossa associação merece. E quanto mais illustre tornamos o Instituto, tanto mais somos obrigados a redobrar de esforços para que seja elle tão digno de nossa patria, como do sabio e venerando principe, que o prezide, ha perto de meio seculo.

Senhores ! A questão das Missões envelhecêra nas pastas da diplomacia. Reviveo-se na actualidade e força era terminal-a. O povoamento de duas possessões vinha trazendo os povos á face um do outro, e convinha saber onde cada um devia parar. Não era um ponto de honra decidir entre a dignidade de duas nações, mas uma questão de fronteiras a interpretar entre dois povos vizinhos, e sobre esta terra immensa, que Deos formára para tamanho imperio, fôra ironia disputarmos tenazmente um palmo de terreno, como disputam as nações do velho mundo. Contemplando do marco internacional, que vamos plantar para todo o sempre, e vendo todo o territorio, que possuimos com o seo vastissimo litoral, recortado por magnificas bahias, cavado por esses rios oceanicos, que se despenham de alterozas cordilheiras, e serpeiam por infindas e uberrimas planicies, atravessando labirintos de florestas seculares, primeiro que levem seos turbilhõos de aguas ao Oceano, no qual ainda cortam leguas e leguas para seos leitos ;—podemos dizer com o orgulho do nosso grande poeta BAZILIO DA GAMA :

Isto nos basta a nós e ao nosso mundo !

O tratado ajustado entre as duas prosperas e poderozas nações sul-americanas, quer de uma quer de outra maneira, isto é, ou pela justa interpretação de um tratado antigo elucidado pela sciencia, ou pelo arbitramento de uma nação amiga, tem de dizer a verdadeira palavra sobre a questão secular das Missões. E' a aurora

de um grande dia, que vem raiando para a constante e intima amizade de dois povos, que, juntos, têm combatido em differentes periodos pela santa cauza da liberdade d'esta parte da America.

E' da bôa politica a paz entre os vizinhos povos, e ainda tempo virá em que a humanidade chamará a guerra, com todo o seo poder material, ao seo supremo juizo. Será esse o seo ultimo dia. O ferro voltará ao seo primitivo emprego; e milhões e milhões de guerreiros, ameaça constante á paz e á liberdade, voltarão ás suas pacificas occupações. E' pois com a penna do arbitramento e não com a espada do conquistador, aos hymnos da harmonia das nações e não ao clangor dos clarins da guerra, que se tem de decidir e já vae-se decidindo das questões internacionaes. A esse acertadissimo passo da politica americana de nossos dias, já o Brazil, graças á sua integridade e firmeza, tem sido chamado a dar seo voto no tribunal da civilização, á face de Deos e da eterna justiça.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que, como dice o notavel visconde de São-Leopoldo, é o reprezentante das idéas de illustração, que em differentes épocas se tem manifestado em nosso continente, não podia olhar com indifferença para um facto tão transcendente, que a posteridade acolherá benigno e que registrará nas paginas de seos annaes como um triunfo de gloria para a diplomacia americana.

«Conferindo tão honrozos diplomas aos factores d'esses triunfos diplomaticos, offerece o Instituto a prova não só da importancia, que lhe merece acto tão justo, como da consideração em que tem a tão conspicuos varões, tanto nossos concidadãos como os reprezentantes da grande republica, que nos patenteia por assignalados modos a sua estima e amizade. A voz unanime da imprensa fluminense, que applaudio esse acto de nossa cortezia e consideração, dá sobejo testimunho do nosso acerto, e bem assim da geral simpathia, que entre nós gozam os Argentinos.

Como orgão d'esta benemerita Instituição, a qual não cessa o Imperador de amar e engrandecer aos olhos do

mundo, inclino-me cheio do mais profundo respeito e da maior satisfação para saudar os esclarecidos chefes da republica Argentina e do Imperio Brazileiro, os ministros dos negocios estrangeiros de um e outro Estado, e os eximios representantes de ambas as nações, os quaes tão reaes serviços acabam de prestar á sua e á nossa Patria.

Pedindo a palavra o Sr. D. Enrique B. Moreno lê o seguinte discurso :

Señor:—Sñr. Presidente del Instituto.—Señores. Al tomar posesion del alto cargo, con que me ha honrado el Instituto Historico Geografico del Brazil, siento mi espirito fortalecido, porque pienso, que esta insigne distincion simbolisa mas bien el aplauso á una idéa, que el premio á um indibiduo. El Instituto Historico del Brazil, la institution cientifica mas antigua de la America, la mas respetada en Europa entre sus congeneres del continente americano, la que guarda en sus archivos riquezas incalculables, que serviran mas tarde para levantar el monumiento de nuestra historia, ha querido consagrar con las honras personales discernidas á algunos de mis conciudadanos el triunfo de una idéa, que sintetiza las aspiraciones del siglo. El antigo litigio territorial que Brazileiros y Argentinos recebimos en herancia de nuestras metropolis respectivas, acaba de encontrar una fórmula que hace desaparecer en un instante las asperezas del pasado, y nos vincula para lo porvenir de una manera indestructible. El Instituto Historico robustece con este acto las convenciones de los que han dedicado su vida á luchar por la fraternidad americana. Mientra, ilega hasta el seno de esta noble assemblea la espresion de gratitud de aquelles de mis conciudadanos, que merecieron el titulo de Miembros Honorarios, yo diré á los señores aqui presentes :

Señores, esta altissima honra se traduce en fuerza, porque es estimulo. Prometo dedicar á los trabajos del Instituto tantas fuerzas cuantas sean necessarias para hacer-me digno de ocupar un lugar entre un grupo de hombres, que, presididos por el mas sabio de los soberanos

contemporáneos, han levantado ante proprios y ante estraños el nivel intelectual de la América.»

O Sr. prezidente, dando a palavra ao Sr. senador conselheiro de estado Manoel Francisco Correia, para responder, este consocio lê o seguinte discurso :

Cabe-me a agravel tarefa de responder ao eloquente discurso, com que acaba de expressar seo reconhecimento ao Instituto, o illustrado cavalheiro, que com tanto brilho e simpathia reprezenta no Brazil a valoroza Republica Argentina. Si foi apreciada pelo digno ministro a rezolução do Instituto Historico, collocando-o no numero de seos socios honorarios, não menos se congratula esta corporação pela acertada escolha que fez, e por ter tido ensejo de dar novo testimunho da alta estima, que S. Ex. goza entre nós, não só por suas excellentes qualidades pessoaes, como pelo constante empenho com que, no interesse de ambas as nações, se ha esforçado por estreitar ainda mais as relações amigaveis que as ligam. D'esse esforçado empenho deu S. Ex. recente e inequivoca prova. Urgia decidir, e não pelas armas, a antiga questão de limites entre a Republica e o Imperio. Urgia decidil-a de modo que não motivasse queixa para os estados interessados. Nenhum d'elles necessita accrescentar a seo tão vasto territorio qualquer porção arrancada violentamente do outro. Para a patriotica actividade de seos filhos sobeja aquelle em que domina incontestada a sua glorioza bandeira, e estes povos que já em commum derramaram preciozo sangue para restaurar os fóros da civilização ultrajada, fôra falta igual á que souberam nobremente vingar, o entregar á sorte dos combates cauza, que, sem quebra da honra e do pundonor reciproco, podia ter pacifica solução no meio dos applauzos de todas as nações cultas, e das bençãos de quantos prezam os triunfos da humanidade. Dedicando-se sinceramente a esta solução o Sr. D. Enrique Moreno, além de benemerito de sua patria, tornou-se credor do nosso particular apreço. Manifestou S. Ex. os sentimentos, que, em relação ao Instituto, animam ao homem illustre, que com tanta pericia prezide os destinos do povo argentino, tão saliente

em nosso continente, e bem assim os do distincto ministro das relações esteriores da Republica. Distinguindo a esses vultos notaveis da politica americana, o Instituto distinguio-se tambem; pois é acto de justiça, que engrandece, render preito aos estadistas que merecem. Não me é licito terminar sem dezejar aos demais membros honorarios, ultimamente admittidos, as minhas mais cordiaes felicitações.

Tem em seguida a palavra o Sr. orador, senador Visconde de Taunay, que profere o seguinte discurso:

Senhor. Assignalada para todo o sempre ficará nos annaes a sessão de hoje. Sem grande esforço vêmos com effeito sentado ao lado de Vossa Magestade, no topo da meza de nossas deliberações, o grande e refulgente vulto de uma nacionalidade amiga, a prezidir conjunctamente com o indefesso protector do Instituto Historico, esta significativa reunião, cujo alcance nos infunde as maiores impressões, e tão grande repercussão já tem na opinião publica, quer do paiz, quer do estrangeiro. E, Senhor, permitti, que, na expansão de nossa alma, deixemos bem saliente uma verdade. A republica Argentina, que muito aprendeo em dias de cruel adversidade e nas convulsões da ambição dos homens, ao vosso lado, personificação de um principio tão velho como o mundo, mas que parece antagonico a aspirações por que ella sempre anhelou e que afinal vio realizadas, não se sente por fórma alguma enleiada e constrangida e pelo contrario, commovida e grata vos aperta a dextra, pois sabe e conhece bem, que sois um monarca excepcional, chefe de uma monarchia tambem excepcional, cujas inspirações se radicam na lealdade e no estremecimento do povo brazileiro e de continuo se fortalecem aos vividos ares da liberdade americana! Dahi provém e deve provir a alegria do plenipotenciario, que reprezenta essa republica no nosso modesto recinto, o nosso illustre consocio, e, podemos com ufania proclamar, nosso bom amigo o Sr. ministro D. Enrique Moreno.

Muito orgulho vos é hoje, Exm. Sr., permittido, a par do jubilo, que nos corações bem formados sempre

incutem as festas da paz e da sciencia. Reprezentais com effeito uma victoria, em que não ha vencidos, e que é, para assim dizer, ainda desconhecida ás nações européas, embora marchem á frente da civilização. E é ella devida, não sómente á indole generoza e larga, que preside já os destinos do novo continente, mas tambem á evolução que habil e honestamente operaste no espirito de duas nações ha largos seculos contestantes, pela amabilidade de vosso caracter, pela meiguice do vosso trato, pela cordialidade de vossa convivencia, e tudo isso sem esforço, sem calculo, sem plano, a caminhardes sereno e rizonho pela linha recta, justiceiro sempre para com os vossos compatriotas e brazileiro e mais profundo e geitoso diplomata, com aquelles simples elementos de acção, do que muito negociador, perspicuo e tão conhecedor dos homens quanto habituado a enganal-os.

Na solução da espinhoza e interminavel de limites nas Missões foste um factor da maior importancia, e legitimo desvanecimento devem de vós ter a patria argentina e a diplomacia universal, que ainda uma vez applaudirá tambem a superioridade de vistas e a cordura da nação brazileira.

E de quanta gratidão não se fizeram de vós credores a humanidade, a mãi de familia e a infancia?! Quantas lagrimas não custa o simples movimento de mao humor e impaciencia de um plenipotenciario! Quantos thezouros mal baratados, quanto preciozo sangue vertido, quantas calamidades, a zurzirem impiedozas, sobretudo os velhos, as mulheres, e a crianças!

Mil hosannas, Sr. ministro, á vossa brandura e incansavel amabilidade, tão bem correspondidas pela lhaneza e affabilidade do povo brazileiro. Emfim tudo está terminado; e uma nesga de territorio invio, montanhozo e coberto de asperas florestas, sulcado de rios barrentos e impetuozos, o dominio dos quaes nem os mesmos selvicolas quizeram, não obriga duas nações, de posse de vastissimas terras, e destinadas a abrir os braços aos infelizes e desalentados da Europa, a se degladiarem encarniçadas e sanguinarias, como duas féras do dezerto a disputarem, nos arrancos da fome, escassa e ambicionada preza. Na

historia dos grandes acontecimentos, não ficareis esquecido, Sr. ministro, nem delembrada será a iniciativa, que tomou o Instituto Historico, afim de commemorar o grandioso successo, não diremos do imperio do Brazil e da Republica Argentina, mas de todas as Americas, e ainda mais, de todo o mundo civilizado.

E' pois com immenso estremecimento, que esta associação abre agora de par em par as suas portas, para receber o eminente reprezentante de uma nação vizinha nossa, já poderoza, nobre, alevantada, e que se guia pelos mais adiantados principios d'este seculo de progresso, de justiça e de respeito reciproco! Comprimentando-vos, peço-vos, em nome do Instituto Historico Geographico Brazileiro, transmittais ao Exm. Sr. Dr. D. Miguel Juarez Celman, illustre prezidente da Republica Argentina, aos eminentes Exms. D. Estanisláo Zeballos, ministro de estrangeiros, e Dr. Norberto Quirino Costa os nossos cordiaes emboras e mais vivas felicitações.

O 2°. secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do Exm. Sr. plenipotenciario argentino. «Exm. Sr. Baron Homem de Mello, Secretario del Instituto Historico y Geografico del Brazil. Distinguido Sr. Baron. Tengo el pracer de enviarle con estas linas copia del télegrama, que acabo de recibir del Exm. Sr. Presidente de la Republica. Asi que el Sr. Presidente reciba la comunicacion official del Instituto, contestará directamente y como és de su deber la altisima distincion, que acaba de conferirle aquella noble associacion. Aprovecho esta oportunidad para reiterar a V. Ex. el ofericimento de mi sincera amistad. De V. Ex. att°. S. S. *Enrique Moreno.*»

Do secretario da sociedade de geographia do Rio de Janeiro: o 1°. de 6 do corrente, dando conhecimento que a sociedade, em sessão de 5, rezolveo pôr á dispozição do Instituto os livros, mappas e mais objectos concernentes

á republica do Chile existentes no seo archivo; o 2°. de 16 do corrente, enviando varias obras para figurarem na expozição, que o Instituto pretende effectuar em homenagem á officialidade do encouraçado *Almirante Cochrane*, as quaes vêm devidamente relacionadas.

Do nosso consocio, o Sr. João Barboza Rodrigues, communicando ter recebido para si é para o muzeo botanico do Amazonas os dois exemplares da medalha de bronze, que o Instituto lhes conferio. Da camara municipal do Recife, da praça dó commercio do Pará, do gremio literario portuguez do Pará, e dos Srs. A. Eloy da Camara, D. Claudio Jozé, bispo e Goiaz, socio correspondente Antonio Ribeiro de Macedo, de Paranaguá, fazendo igual communicação. Do director da bibliotheca nacional de Lisboa, communicando o recebimento de um exemplar do livro do *quinquagenario*.

Do. Exm. Sr. ministro da fazenda, communicando que autorizou o administrador da imprensa nacional a mandar fazer na respectiva officina a encadernação, que deverá ficar prompta até o dia 18 deste mez, da *Revista Trimensal* destinada á bibliotheca do encouraçado chileno *Almirante Cochrane*.

OFFERTAS

Pelo Sr. M. Vivien de Saint Martin *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, 48 fasciculos; pelo socio Virgilio Martins de Mello Franco o seo trabalho *Provincia de Minas Geraes perante o immigrante estrangeiro;* pelo Sr. Alfred Marc, *Un explorateur brésilien*; pelo club naval, sociedade de geographia de Lisboa e alfandega do Rio de Janeiro os seos boletins; pelo Sr. Visconde de Taunay, *Questões da immigração* e *Cartas Politicas*; pelo Sr. Dr. Pires de Almeida, *Instruction publique du Brésil;* pelas respectivas redacções : —*Diario da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Liberal Mineiro*, *Provincia do Espirito Santo*, *Gazeta de Mogimirim*, *Baependiano*, *Imprensa*, *Publicador Goiano*, *Caxoeirano*, *Novidades*, *Géographie*, *Nouveau Monde*, *Brésil* e *Etoile*

du Sud, e pelo Sr. conselheiro Alencar Araripe, uma nota do Banco Mauá & C.,de Montevidéo, de 20 centesimos, e quatro notas do Paraguay em circulação actualmente, sendo ellas de 50, 20, 10, e 5 centavos fortes.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Visconde de Taunay, pedindo a palavra, lê o discurso,com que,como orador da commissão do Instituto, felicitou o imperador no dia 7 de Setembro do corrente anno :

Senhor! Pela segunda vez, apoz a glorioza data da abolição, que abrio para o Brazil éra nova, tem o Instituto Historico e Geographico Brazileiro o intenso jubilo de comparecer ante o throno imperial, afim de se associar ás galas e triunfaes recordações do grande dia da nossa Independencia.

Quanto caminho andado, Senhor, desde a memoravel época, em que o augusto pai de V. Magestade cortou com a espada de Alexandre, isto é, com a rezolução e a fé dos espiritos fortes os laços, que nos prendiam ao velho Portugal ! E por mais que nos tenhamos adiantado, sempre havemos de ficar aquem da convicção arraigada e do admiravel optimismo, que de continuo alentaram o vosso peito, crente no esplendido porvir rezervado á Patria, que nos é tão cara ! Para vós nunca houve negros vaticinios, nem sombrias vacillações, que conturbassem essa esperança viva, e cada vez mais roborada, filha já do conhecimento intimo que tendes do Brazil, já da certeza de que caminhar vigilante pela linha recta é a garantia da victoria na orbita moral e nas contingencias physicas. Na esphera dos maiores conseguimentos todo vos pareceo possivel, e tudo se fez,—até o arrancar d'esse pungente e venenoso espinho, profundamente cravado nas carnes, que nos empecia a marcha, e nos ameaçava, quiçá, de morte ingloria e cruel.

Hoje, novo leão de Andrócles, caminha o Brazil a largos passos e seguros, e de certo a gratidão, quando

não outros sentimentos mais calculados e menos impressionistas, jámais consentirá, que elle se volte, sanguinario e temerozo, contra aquelles, cujas mãos amigas e suaves lhe extirparam o dolorozo e fatal acúleo, para lhe dar vida nobre, serena, digna, cheia de altiva expansão e pujante de magestatica força. Venham, venham medidas novas, estas relativamente bem faceis, e a terra Brazileira será, com a monarchia, que tanto e tão bem a tem servido, justo motivo de orgulho para as Americas e até para a humanidade em pezo. Taes são, Imperial Senhor, os sentimentos e os votos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por nós trazidos hoje á prezença do inclito soberano, que para a nossa associação tem sido, mais que zelozo e constante Protector, um Pai, todo de meiguice e adoravel estremecimento!

O Sr. 1°. secretario lê os seguintes pareceres das commissões de admissão de socios e de historia:

1.° A commissão de admissão de socios examinou attentamente os pareceres das respectivas commissões e propostas acerca de varios illustres cidadãos chamados a fazer parte da nossa associação, e por encontrar n'aquelles illustres cavalheiros todos os requizitos necessarios, é de parecer, que sejam admittidos ao gremio do Instituto Historico e Geographico na qualidade de socios honorarios os eminentes professores Drs. Charcot, Giovanni, Semmola e Conde de Mota Maia, pelo relevantissimo e inexcedivel serviço de haverem conservado a vida do Sr. D. Pedro II, na occazião mais critica e perigoza, salvando na pessoa do inclito soberano o indefeso protector d'este Instituto. E na qualidade de socios correspondentes os Srs. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida, Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt e Annibal Echeverria y Reyes, cidadão chileno, Marquez de Mulhacen (general espanhol Carlos de Ibanez,); Bouquet de la Grye, membro do Instituto de França e general Ferrero, chefe do serviço geographico de Italia, sendo estes trez ultimos propostos pelo nosso distinctissimo consocio o Sr. Barão de Teffé, actualmente na

Europa, e que ali tem reprezentado o Brazil scientifico de modo brilhante e applaudido. Sala das sessões 27 de Setembro de 1889. *Visconde de Taunay. Manoel Francisco Correia.*

2.° A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido como socio correspondente do Instituto o Dr. Clovis Lamarre, natural da França, e administrador do estabelecimento de educação Sainte-Barbe, vem aprezentar seo parecer acerca da mesma proposta. Foi offerecido como titulo á sua admissão o livro *Camões et les Luziades, étude biographique e littéraire, suivie du poème annoté*, impresso em Pariz, 1878, com 21 pags. in-8°. Divide-se este livro em quatro partes, a saber: *Vida de Camões, noticia historica sobre os Luziadas, noticia literaria sobre os Luziadas, os Luziadas;* traducção acompanhada de notas mithologicas e georgraphicas, etc.

Bem que muito se tenha escripto, quer em sua patria, quer no estrangeiro, acerca do grande vulto das letras portuguezas e uma das glorias de Portugal; bem que o poema já esteja traduzido com annotações em varias linguas, o livro do illustre tradutor encerra considerações de valor historico e literario e revela muito estudo sebre o assumpto. Entende portanto a commissão, que o Dr. Clovis Lamarre merece ser admittido ao nosso gremio. Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.* Dr. *J. A. Teixeira de Mello.*

3.° A commissão de trabalhos historicos vem aprezentar seo parecer acerca do livro offerecido como titulo de admissão do pharmaceutico Rodolfo Marcos Theofilo, natural do Ceará, ao gremio do Instituto como socio correspondente. Este livro *Historia da seca do Ceará* (1877-1880) publicado na cidade da Fortaleza em 1883, de 505 paginas in-8°, abre-se com ligeira noticia sobre a situação, limites, superficie, litoral, configuração physica, constituição geologica, orographia e hydrographia da provincia; sobre seo clima, estações, secas e grandes

invernos, riquezas mineraes e vegetaes; sobre a industria agricola, a extractiva e a creadora ou pastoril; sobre o commercio, movimento maritimo, estradas de ferro, rendas geraes e provinciaes; sobre a população, reprezentação, força publica, divizão civil, judiciaria, policial e eccleziastica; sobre estabelimentos pios, instrucção publica e sua respectiva despeza, matriculas de 1845, exames geraes, instrucção particular, bibliotheca e jornaes.

D'estes assumptos occupa-se o autor ligeiramente, como ficou dito, até a pag. 76. Dahi em diante trata elle desenvolvidamente da seca de 1877 a 1880, começando comemorar a seca de 1845, que descollocára a população do interior, atirára ás ruas da capital mendigos de todas as classes, ceifára milhares de victimas, mas cujas scenas horriveis já iam sendo esquecidas, quando surgio a nova calamidade, que é descripta com todas as dôres e flagellos, quer physicos, quer moraes, que a acompanharam durante tão longo periodo. Faz ao mesmo tempo minucioza menção dos actos da administração provincial e do governo geral, dos socorros á população flagellada e de tudo quanto se prende ao assumpto. Este livro é adornado de dezenhos de alguns vegetaes, de que se alimentavam os infelizes Cearenses, como a macambira, o xique-xique, o fructo e a raiz da mucunan, a raiz da maniçobinha e do páo de mocó, e ainda de duas estampas, reprezentando o lastimavel estado a que tamanha desgraça reduzia a creatura humana. E' um livro escripto por testimunha occular de tão deploravel calamidade e que merece ser lido e meditado pelos altos poderes do estado, mormente no que se refere a socorros publicos.

O autor escreve depois a *Monographia da mucunan*. E' um opusculo de 23 paginas in-8°, publicado em 1888, acerca da leguminoza brazileira, de que se trata na obra mencionada, mas ainda não devidamente conhecida, como se demonstra. Estudando essa planta, de cuja acção physiologica e therapeutica já havia tratado, e submettendo-a a analises, o autor teve por fim principal saber si os damnos ou por ella cauzados, eram devidos a principio toxico, ou si a dyscrasia do sangue era rezultado da insufficiencia e má qualidade da alimentação.

O pharmaceutico Rodolfo Marcos Theofilo, pelos titulos que exhibe, merece ser admittido ao Instituto.

Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.* Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello.* »

4.° A commissão de trabalhos historicos vem apresentar seu parecer acerca do Dr. José Ricardo Pires de Almeida, proposto para socio correspondente do Instituto.

Foram juntas á proposta, como titulo á sua admissão, duas monographias: uma sobre D. Pedro I e outra sobre D. João VI, enriquecidas com documentos acima de toda excepção, e onde se expoem os factos de modo condigno e verdadeiro. Na primeira ha um apanhado da independencia em todos os estados da America, que, confrontado com os acontecimentos de 1822, mostra a espontaneidade d'este acto, que se fez sem o derrame de uma só gota de sangue.

Publicou o autor depois, em 1887, na *Gazeta da Noticias* no Rio de Janeiro um estudo sobre o Sete de Abril, que passou sem contestação por parte da critica, embora ahi se declarasse, que, perante a historia, a magnanimidade do acto de D. Pedro I deixou a perder de vista generosidade do povo brazileiro. Tendo sempre em vista a manter seo juizo sobre a grandeza e espontaneidade dos actos do fundador do imperio, além dos documentos citados e que encontrou em abandono no archivo da camara municipal, conhecendo por tel-as vista no litoral, arrecadou e trouxe para esta cidade com immenso sacrificio as peças mandadas collocar em todo litoral por esse soberano para defeder-se de aggressões que se esperavam por parte da metropole. Ainda sobre a historia patria escreveo em francez por destinar-se a dar fóra do paiz a medida exacta de nosso adiantamento em materia de instrucção a *Historia e legislação da instrucção publica no Brazil*, livro que acaba de ser publicado com 1138 pags. in-8° e que está sendo distribuido gratuitamente na Europa.

No lugar, que exerce, de archivista da camara municipal, o Dr. Pires de Almeida salvou do esquecimento

e provavelmente da ruina, o archivo historico, já promovendo uma expozição na propria camara, já effectuando outra por occazião da expozição da sociedade de geographia.

Além das obras citadas e do seo drama *os Martires da liberdade*, em que se trata de assumpto historico, ha varias outras de não somenos valor, umas literarias e outras scientificas. Entre as ultimas salientam-se : *Tratado de percussão e escuta*; *Analise medico-pratica dos generos alimenticios*, em dois volumes com 300 gravuras; *Guia da mulher pejada*; *A tizica e os tizicos*, hygiene e tratamento; *Formulario internacional*, livro ainda não concluido, mas já com 1.500 paginas impressas in 4° com duas columnas; *Considerações sobre os pantanos da bahia do Rio de Janeiro, como cauza efficiente da febre amarella; Constituição medica do Rio de Janeiro de accordo com os quizitos formulados pela inspectoria geral de hygiene; Hygiene das habitações; Officina na escola.*

Dr. Pires de Almeida emfim tem titulos bastantes, que o tornam merecedor de occupar uma cadeira no Instituto.

Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1879. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.

5.° A commissão de trabalhos historicos, em consideração á proposta para que seja admittido como socio correspondente do Instituto o chefe de divizão Ignacio Joaquim da Fonseca, tem a satisfação de dar parecer acerca da referida proposta.

Como titulo para admissão foi aprezentado o volume *a Batalha de Riachuelo* publicado no Rio de Janeiro em 1883 com o retrato do heróe d'essa batalha, Barão de Amazonas, e com cinco plantas indicando as pozições occupadas pelos vazos belligerantes na memoravel acção.

Não ha duvida do valor, para nossa historia, d'esse trabalho elaborado em vista das partes officiaes da esquadra em operações. Ha entretanto outros trabalhos do chefe de divizão Fonseca, que o tornam digno de ser

admittido ao nosso gremio, como são: *Combate de Cuevas em 12 de Agosto de 1865*, conferencia realizada na augusta prezença de S. M. o Imperador no salão da escola da Gloria, e publicada em 1882; as trinta e seis *Cartas do theatro da guerra* remettidas da esquadra brazileira em operações contra o governo do Paraguay e publicadas no *Jornal da Bahia* em 1865 e 1866; o *mappa entre o Rio do Frade e o Mucury copiado das cartas inglezas, mais correcto e augmentado sobretudo nas ilhas, bancos, canaes e recife*, que foi lithographado no archivo militar em 1857, sendo levantado quando o autor era 1°. tenente da armada e commandava o pataxo *Thereza*; o *Plano do ancoradouro de Ilhéos, na Bahia*, levantado de collaboração com M. Ernesto Mouchez e impresso em Paris, 1863.

Ha finalmente outras obras do chefe de divizão Fonseca, que não têm relação com a geographia, e historia do Brazil, como a sua tradução da *Historia naval de Beddecomble* e as *Noções de philologia accommodadas á lingua brazileira ou vernacula*, livro em que o autor lança os fundamentos de futura lingua, excluzivamente nossa, tão arredada da portugueza quanto é vasto o oceano, que separa o Brazil de Portugal.

Rio 24 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.

Todos esses pareceres ficam, na fórma dos estatutos, sobre a meza, para serem discutidos na proxima sessão.

O Sr. 1°. secretario pede a palavra e lê o seguinte officio:

« Legação de Sua Magestade Fidelissima. Rio de Janeiro 27 de Setembro de 1889. Illm. e Exm. Sr. A triste noticia da morte de Sua Alteza o Sr. Infante D. Augusto não me permitte ter a honra de assistir hoje á sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *D. G. Nogueira Soares*. »

O Sr. prezidente declara, que a infausta noticia da morte de S. A. o Infante D. Augusto é recebida com o

mais profundo pezar pelo Instituto, pelo que pede a S. M. o Imperador venia para levantar a sessão, e levanta-a ás 8 3/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca.
2°. secretario interino.

18ª. SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE OUTUBRO DE 1889

HONRADA COM A PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas abre-se a sessão com as formalidades do costume, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, conselheiros de estado Olegario Herculano de Aquino e Castro e Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Dr. J. Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Taunay, Dr. Teixeira de Mello, commendadores Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, Dr. Cezar Marques e Torquato Tapajós, capitão-tenente Garcez Palha, conselheiro Pereira de Barros, Barão de Capanema, Barão de Miranda Reis, Dr. Sacramento Blakc e Henrique Raffard, o 2.° secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. 1.° secretario communica o expediente seguinte:

Officios:

Do Sr. ministro da agricultura, informando nada haver no muzeo nacional referente á historia natural e ethnographia do Chile, que possa figurar na sessão, que o Instituto pretende celebrar; do Sr. ministro da guerra, declarando ter providenciado para que a escola militar, bibliotheca do exercito e directoria geral das obras militares facultem ao Instituto as obras e objectos relativos ao Chile; do Sr. ministro da marinha, fazendo igual declaração relativamente á inspectoria do arsenal de marinha e

bibliotheca de marinha ; do Sr. secretario do instituto archeologico e geographico pernambucano, remettendo um exemplar, vasado em cobre, da medalha que o mesmo instituto mandou cunhar em commemoração á abolição da escravidão; e igualmente agradecendo a que o Instituto Historico por identico motivo offereceo-lhe ; do Sr. secretario da prezidencia do Rio-Grande do Sul, remettendo dois exemplares da collecção de leis da provincia de 1887 e 1888; da directoria da bibliotheca nacional de Lisbôa, agradecendo a primeira parte do tom. 52 da *Revista Trimensal*; por igual motivo, da sociedade geographica e commercial de Saint Gallien, e do conservador da bibliotheca de Evora ; dos Srs. socios coronel Fausto de Souza e Joaquim Portella desculpando, por motivos justos, as suas auzencias ás sessões e remettendo este ultimo cinco exemplares do discurso sobre a *Tolerancia dos Cultos* ; e do Sr. Villamil Blanco, ministro do Chile, offerecendo por parte do Sr. Anibal Echeverria y Reys um exemplar de seo livro intitulado *Disposiciones vijentes en Chile, sobre policia sanitaria y beneficencia publica.*

OFFERTAS

Pelo Sr. Prospero Luiz Peregullo a sua obra *Cristoforo Colombo*; pela real academia de sciencias de Madrid suas memorias e os fasciculos 5, 6 e 7 da *Revista dos progressos* e *ciencias exactas, fisicas y naturales* ; pela commissão central brazileira na expozição de Pariz *Le Brésil en* 1889 ; pela bibliotheca nacional de Buenos-Aires *Ligeros apuntes sobre el clima de la Republica Argentina* ; pela legação do Brazil n'essa republica *Descricion del pampa del Rio Negro e de Neuquen*, por Jorge J. Rohde, com mappa ; pela universidade central de Venesuela a sua *Revista Cientifica*, tom. 2°, ns. 13 e 14; pelos Srs. Dulan & C. (de Londres) um mappa do Transwal, de 4 folhas, ; pelo editor, um opusculo *A' memoria do senador Evaristo Ferreira da Veiga* ; pela redação do jornal *Il Brazile* a sua *revista* n. 9 ; pela academia imperial de medicina do Rio de Janeiro, os seos

Annaes, tom. 5°, n. 1; pelas sociedades de geographia de Bordeaux e Italiana, academia de historia de Madrid e bibliotheca nacional (italiana) Vittorio Emanuel; alfandega do Rio de Janeiro e academia imperial de medicina, os seos *boletins*; pelas respectivas redacções: — *Revista Maritima Brazileira*, anno 9°. n. 3, *Revista Sul-Americana*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Liberal Mineiro*, *Gazeta de Mogimirim*, *Publicador Goiano*, *Jornal do Amazonas*, *Immigração*, *Nouveau-Monde*, *Brésil*, *Etoile du Sud* e *Geographie*; pelo Sr. Collatino Marques de Souza os seos opusculos *Meio de atenuar os effeitos das sêcas e Barra do Rio-Grande do Sul*.

O Sr. preizdente congratula-se com o Instituto com os premios conferidos pelo jury da expozição de Paris, além do a S. M. o Imperador, aos distinctos socios os Srs. Barão de Teffé, Barão Homem de Mello e coronel Pimenta Bueno, aquelle por suas cartas de exploração do rio Javary e estes pelo seo *Atlas geral do imperio*, capitão-tenente Calheiros da Graça e 1°. tenente Indio do Brazil pelos seos trabalhos geographicos, e finalmente o proprio Instituto, pela collecção de sua *Revista Trimensal*.

O Sr. 1°. secretario communica, que o nosso consocio honorario o Sr. D. Enrique Moreno, tendo de seguir urgentemente para Buenos-Aires, veio pessoalmente ao Instituto fazer suas despedidas, offerecendo seos prestimos n'aquella capital, onde poucos dias se demorará, esperando ter occazião de, em principios do vindouro mez, comparecer de novo ás nossas sessões.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

Achando-se na sala immediata o Exm. Sr. bispo do Pará, socio correspondente, e os socios honorarios os Exms. Srs. conselheiros ministro de estrangeiros Jozé Francisco Diana e Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de Portugal, o Sr. prezidente convida os Srs. conselheiros Olegario e Alencar Araripe, commendador Jozé

Lüiz Alves, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, e Barão de Miranda Reis a irem recebel-os.

Ao tomar assento o Sr. bispo do Pará, o Sr. prezidente pronunciou o seguinte discurso:

Senhores! A recepção do Sr. D. Antonio de Macedo Costa, illustrado bispo da mais vasta dioceze do imperio, a quem o Instituto conferio o titulo de seo socio correspondente, é motivo para que a nossa associação se encha de jubilo e conceba as maiores esperanças por bem pensados trabalhos devidos á sua primoroza penna. O reverendo bispo da dioceze amazonica vem honrar o Instituto com o esplendor scientifico de sua mitra, como se distinguiram, honrando-o, os seos predecessores, de saudoza memoria, Conde da Conceição, D. Antonio Ferreira Viçozo, que foi bispo de Marianna, Conde de S. Salvador, D. Manoel Joaquim da Silveira, que foi arcebispo de S. Salvador da Bahia, Conde de Irajá, D. Manoel de Monte Rodrigues de Araujo, que foi bispo do Rio de Janeiro, e mais do que nenhum d'elles o illustrado Marquez de Santa Cruz, D. Romualdo Antonio de Seixas, que tambem foi arcebispo da Bahia, e que tão condigna demonstração de seo talento deixou nas paginas da nossa *Revista*. Pena é que os nossos prelados, percorrendo em vizita as suas vastas diocezes, não escrevam as impressões das suas viagens, tendo á dispozição grande somma de subsidios para o melhor exito, seguindo assim o exemplo transmittido pelo eminente bispo do Pará, D. Jozé João, que nos legou o *Diario* das suas viagens pelas terras e rios de seo bispado, maravilhado da natureza que o cercava, e onde a cada passo, e onde a cada olhar magnificamente se lhe patenteava o dedo de Deos.

Aprezentando ao Instituto o novo e venerando socio, é de esperar, que nos serão concedidas algumas d'essas paginas, que, dictadas pelo seo talento e escriptas pela sua penna, servirão igualmente de estimulo aos demais diocezanos do imperio, de grande proveito á nossa instituição e de muita utilidade á nossa patria.

Depois d'este discurso falou o novo consocio nos seguintes termos:

Senhor! Senhores! Si não fôssem as alternativas crueis de uma saude enfraquecida, de ha muito teria eu

vindo pressurozo trazer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro a expressão do meo reconhecimento pela insigne honra, que me fez, nomeando-me seo socio correspondente, honra contra a qual se insurge, não a minha modestia, mas o sentimento intimo de minha insufficiencia.

Não cuideis porém, que venho mover litigio comvosco por cauza d'esta vossa generoza injustiça. Venho pelo contrario justifical-a. Sem duvida quizestes honrar em um obscuro reprezentante do clero brazileiro contemporaneo os insignes dotes d'aquelles varões eruditos e tão benemeritos da igreja como do estado, que outr'ora, e desde a origem d'este Instituto, se associaram comvosco na obra da sciencia, escopo de vossas lucubrações. Todo o incremento dos estudos referentes ás nossas couzas patrias, todo o esforço para tiral-as da *criminoza obscuridade em que jaziam* tem partido principalmente daqui, d'este fôco luminozo, d'este gremio sabio, que se tem tornado por isso benemerito do paiz e uma das glorias d'elle no estrangeiro. E' uma verdade, que a critica imparcial não poderá desconhecer. Mas não o é menos a animação, que tem dado ao nosso honrozo labor muitos distintissimos membros do clero catholico.

Descabido fôra, e até por ventura indiscreto, pôr-me eu, agora aqui recem-chegado, a rememorar-vos esses nomes gloriozos de que se ufana o Instituto, e que tendes ouvido tanta vezes preconizar n'este recinto. Mas emquanto por delicada discrição me calo, a historia vai dando testimunho de um conego Januario da Cunha Barboza, um dos vossos egregios fundadores, de um Romualdo Antonio de Seixas, o immortal arcebispo, de um conego Gonçalves dos Santos, valentissimo polemista, de um D. Manoel do Monte, preclaro bispo do Rio de Janeiro, de um D. Jozé Affonso, meo veneravel predecessor, de um frei Mariano Vellozo, de um Francisco de Mont'Alverne, de inclitos cardeaes como Mezzofanti e Pacca e tantos outros varões, insignes por letras e virtudes, que brilham como estrellas refulgentes no firmamento do Instituto.

O que vem o humilde bispo do Pará aqui fazer depois d'elles? Trabalhos que levassem um pouco mais de luz ás

nossas origens, a esses tempos da nossa formação nacional ainda insufficientemente estudados, esses seriam em verdade muito do meo gosto e ao sabor das tendencias do meo espirito; si m'os consentissem, com os lembrados agora pelo nosso egregio prezidente, os cuidados absorventes do ministerio apostolico, e as forças decadentes de quem vai já bem entrado pelos annos. Em todo o cazo minha prezença aqui servirá para alguma couza, Senhores; servirá para attestar a solicitude que em todos os seculos tem tido a igreja pela diffuzão das luzes, pela propagação das sciencias; o interesse, o empenho, o esforço constante com que ella acompanha e anima as explorações do espirito humano em todas as provincias do saber.

Vós conheceis melhor do que eu, que si uma ponte nos liga ao mundo literario e scientifico da antiguidade, á igreja catholica a devemos; que foi no interior dos claustros, que se manteve acezo no seio da geral escuridão o lume sagrado, que devia depois irradiar-se com tanto esplendor no meio das nações modernas. Foi a igreja, arroteando campos, abrindo estradas, lançando pontes, multiplicando escolas, erguendo por toda a parte liceos e universidades, com uma profuzão que espanta, quem preparou e desenvolveu o grande movimento da civilização christan na Europa e no mundo.

O que está fazendo n'este momento o sabio Leão XIII para fomentar e desenvolver o gosto dos estudos historicos, franqueando a commissões de sabios escolhidos por elle entre varias nações, archivos preciozos, até aqui quazi inaccessiveis, é obra colossal de efficiencia immensa sobre o progresso da mentalidade humana, e que dá testimunho ainda uma vez da fidelidade com que se conserva na igreja a tradição do amor á sciencia, sobretudo ás sciencias historicas.

Assim explicada a minha prezença aqui, é-me facil desinteressar-me pessoalmente da grande e immerecida honra, que me conferistes. Fico ufano, senhores, de reprezentar a hierarchia catholica no seio d'esta sabia corporação; ao mesmo tempo que me humilho e confundo de não poder corresponder, como devêra, á vossa confiança e

gentileza. Podeis todavia contar com a n
e dedicação.

Findo este discurso, foi dada a pal
mendador Jozé Luiz Alves, o qual diri
seguinte discurso:

SENHOR. O Instituto acabou de
profunda e religioza attenção o impone
ferido pelo Exm. e Rev. Sr. Dr. D. A
Costa, bispo do Pará, que hoje pela pri
receo á sessão do Instituto Historico e
zileiro, afim de tomar assento e posse d
correspondente, para a qual foi nome
dade de votos na sessão do dia 13 de J
ximo findo, promettendo abrilhantal-a
sua vasta sabedoria.

Para bem poder eu corresponder
sumpto e assim prender a attenção
illustre, fôra mister, que a Divina Prov
brindado com o magestozo saber do gran
os rasgos oratorios do Pindaro da tribu
Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas, e
prodigioza eloquencia do famozo jezuit
de Sá; porque só assim, distinguido
dotes, poderia, em frazes repassadas de
fazer a apotheoze das peregrinas virtu
altos meritos, e relevantes serviços, q
patria, á humanidade e ás letras tem
de sua glorioza existencia o primeiro
copado brazileiro.

Não tendo porém a ventura de se
esses primorozos ornatos da memoria,
despida de galas e floreios dezempenh
da missão de que fui encarregado, e
nome da obediencia, contando merecer
lencia de Vossa Magestade Imperial,
tenção do Exm. e Revm. Sr. bispo do
illustrados consocios, a quem desde j
leza, que me fazem, prestando-me imm

No seculo que se vai desliza

do Eterno, a primeira realeza é a intelligencia, que no dizer de um dos mais festejados escriptores da patria de Camões, de Herculano e de Castilho, eleva-se acima de todas as outras, seo poder abrange o mundo, sua legitimidade está vinculada no céo, porque é do céo, que descende, é de lá que emanou a chamma esplendoroza, que illuminou a terra; o suffragio dos homens é zero diante da palavra de Deos; porque a intelligencia é o éco de sua voz. Tudo se gasta, consome, envelhece, definha e morre; menos a intelligencia, que rejuvenesce sempre, vivifica-se cada vez mais, esforça-se, eleva-se e exalta-se ao travez da humanidade, deixando gravado nos acontecimentos o cunho de seo continuo progresso. N'este progresso incessante da intelligencia ha homens, que Deos parece ter fadado para seos reprezentantes, cujos nomes são tidos como simbolos das gerações que passam; e que aspiram a novos commettimentos. O Exm. Revm. Sr Dr. D. Antonio de Macedo Costa, 10°. no catalogo dos bispos do Pará, do conselho de S. M. o Imperador, prelado domestico de Sua Santidade, e assistente ao solio pontifice, é simbolo na geração prezente.

Debaixo do céo esplendido da terra classica dos Caetés e dos Tupinambás, n'esse abençoado e fertil torrão, onde Cabral ergueo o labaro sagrado da Cruz, junto a qual frei Henrique de Coimbra, insigne ornamento da religião do archimandita de Assis, e depois bispo de Ceuta, celebrando a primeira missa do Brazil no ilhéo de Porto Seguro; espargio os perfumes de incenso e mirra, que, desprendendo-se do thuribulo em grossas columnas de fumo, impellidas pelo sopro fagueiro das brizas, despersaram-se por aquelles intensos e serrados bosques, já illuminados pelos clarões do Evangelho, em terras donatarias de Pero de Campos Tourinho, de Jorge de Figueiredo Correia e Francisco Pereira Coutinho. Debaixo d'esse esplendorozo céo, onde tem despontado a aurora brilhante do natalicio de tantos varões insignes nas sciencias e nas letras, e de que tanto se ufana de ser berço a primogenita de Cabral, raiou tambem ahi a do ditozo natalicio do eximio prelado no dia 7 do mez de Agosto do anno, em que expirava o sexto

orando com religiozo fervor junto dos altares, e dos tumulos dos grandes heróes e martires do christianismo, deixou a terra empapada da immortalidade, para retornar ao seio da patria, trazendo a amphora do coração repleta de vehementes saudades de seos illustres progenitores, que dentro em pouco estreitaram em seos braços ao filho estremecido, com os olhos marejados de pranto, e com os corações repletos do mais intenso jubilo.

Já ha muito ali o havia precedido a fama de seo saber e o esplendor de suas emminentes virtudes, que apezar de procurar sempre occultal-as com a mais demaziada modestia, que é, na fraze eloquente do eximio moralista Marquez de Maricá, a moldura do merecimento, que a guarnece e realça, ellas se denunciaram com a facilidade, com que o delicado perfume da violeta indica a existencia da mimoza flôr, por mais que ella se oculte na espessa ramagem de suas folhas. Tanto merito, virtudes e saber, em tão verdes annos, não puderam deixar de receber, como receberam, as mais subidas recompensas.

S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que jamais deixou, em dias de seo longo e faustozo reinado, de premiar e elevar a virtude e o merito, sabendo que esses raros dotes ornamentavam a pessoa do joven presbitero da terra de Christovão Jacques, firmou o imperial decreto de 23 de Março de 1860, pelo qual o nomeou para ocupar o solio episcopal da sé de Belém, vago pela renuncia, que d'elle fizera o bispo D. Jozé Affonso de Moraes Torres. S. S. o santissimo padre Pio IX, o immortal pontifice, que, como o santo padre Leão X, ligou seo nome ao seculo, em que vivêra, e que por mais de um quarto de seculo occupou a cadeira de S. Pedro, confirmou a nomeação, preconizando-a no consistorio secreto do dia 20 de Dezembro do dito anno.

A 21 de Abril de 1861, dia faustozo e memoravel nos annaes da religião e da patria, na religião, por ser aquelle em que a igreja catholica, nos transportes de jubilo universal, comemora o transito de Santo Ambrozio, arcebispo de Cantuaria, que depois de ter juncado de palmas, grinaldas e troféos a estrada da vida, voou á Jeruzalém celeste, para cingir aos pés de Deos o

da instrucção e da moralidade de seo clero, já reformando o seminario, creando novas disciplinas, nomeando para a regencia das cadeiras a sacerdotes sabios e moralisados; e assim de certo logrará legar a seo digno successor um clero respeitavel por saber e virtudes, a exemplo d'aquelles que em tempos idos legaram a seos successores D. Sebastião Monteiro da Vide, e D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, no arcebispado da Bahia; D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, no bispado de Olinda; D. Marcos Antonio de Souza, no do Maranhão; D. Antonio Ferreira Viçozo, Conde da Conceição, no de Marianna; D. frei Antonio de Guadelupe, D. frei Antonio do Desterro, D. Jozé Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco e D. Jozé Caetano da Silva Coutinho, no do Rio de Janeiro; D. Antonio Joaquim de Mello, no de São Paulo; e D. Luiz Antonio dos Santos, Marquez de Monte Paschoal, no do Ceará.

A viuva e o orfão, o pobre e o desvalido, e os mizeraveis, que são a guarda de honra do palacio dos bispos, na fraze mimoza do bispo Conde de Irajá, proclamam cheios de vivo reconhecimento os actos sublimes de caridade christan, praticados pela piedade do illustre prelado, que, com o balsamo doce de consolo e de esperança, lhes tem enxugado o pranto transformado em rizo.

A catecheze e a civilização dos indigenas, onde colheram frondozos louros os Nobregas, Vieiras e Anchietas, atando á cruz de Jezus Christo, o Tupi e o Caeté, muito já deve ao illustre prelado pelo ardente zelo com que se tem dedicado a esse ramo do serviço publico, por amor e gloria de Deos e honra da Patria, e muito ainda fará em tão glorioza conquista, quando levar avante a alevantada idéa de fazer sulcar as aguas do famozo rei dos rios pelo Christophoro, navio—igreja, destinado a levar o pharol do Evangelho ao seio das nações nomadas e errantes, que habitam os vastos sertões das ricas provincias do Pará e do Amazonas.

Nos vastos dominios da historia, assim como na arena da literatura seo nome é vantajozamente conhecido pelos primores de sua delicada penna; para comproval-o bastam suas cartas pastoraes, o livro que denominou Pio IX

irrompeo, quaes relampagos do seio das nuvens, que a lingua immortal do cisne de Mantua, pronunciada por um sacerdote brazileiro, tinha novos encantos, novas seducções e novas harmonias.

Foi por todos esses titulos, que o Instituto Historico Geographico Brazileiro, abrindo de par a par suas portas a tão illustrado varão, rejubila-se ao vêl-o hoje em seo seio tomando posse de sua cadeira, esperando que n'ella reviverão as glorias e renome dos luzeiros, do episcopado e de tantos ornamentos do clero secular e regular do Brazil, que de seos serviços e talentos deixaram nos annaes d'esta illustre associação a mais honrada memoria.

Em seguida o Sr. prezidente, alludindo aos dois novos socios honorarios, lê o seguinte discurso:

Senhores. Duas literaturas, tendo por origem a mesma lingua, ou para melhor dizer, irman uma da outra, não podiam deixar de se confundir em seos direitos, sem um tratado que as definisse.

A propriedade literaria de um e outro paiz era atacada pela inconsciencia typographica, que preferia a tezoura á penna, ou pela especulação das emprezas theatraes, que se furtavam ao pagamento de direitos, para auferirem lucros, que na sua totalidade lhes não poderiam pertencer. Todos os dias se alargavam tão graves abuzos, não só em menoscabo dos nossos autores, como em prejuizo dos autores portuguezes. Em vão a imprensa de ambos os paizes, tendo em seos redactores os homens mais habilitados, como o Visconde de Almeida Garrett, Jozé Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, Silva Guimarães, Justiniano Rocha, e tantos outros, em vão os parlamentos de ambas as nações, tendo por orgãos os seos mais illustrados reprezentantes, se occuparam por vezes com a questão, que n'estes ultimos annos parecia ter cahido no maior esquecimento. Já nada se esperava sobre tão transcendente assumpto, tudo dormia sob o pezo da indifferença, quando do meio das trevas, que abafavam a propriedade literaria e impediam o desenvolvimento das literaturas das duas nações irmans e amigas, rebenta uma luz esplendoroza, alumiando um porvir lizongeiro. O tratado convencionado entre Portugal e o Brazil, pela sabedoria

temos poetas, que honrariam qualquer literatura ainda a mais rica. A maior parte porém produz muitissimo pouco, quazi nada. E' aqui que se prende a questão, que os congressos literarios são chamados a rezolver. Será por falta de talento e inspiração, que os escriptores brazileiros produzem tão pouco? Não o creio, tanto mais que vejo-os desperdiçar forças extraordinarias e fecundas no jornalismo literario e politico, que é assás numerozo. A cauza a cauza unica e verdadeira é a concurrencia, que lhes fazem os escriptores estrangeiros e especialmente os portuguezes. Como quereis, que os editores nos comprem os nossos trabalhos, por melhores que elles sejam, quando acham outros já feitos, e o que é mais, com successo garantido?

Assim explicava aquelle distincto escriptor como em um paiz, em que tanto abundam os talentos, as aptidões e illustrações nas letras e nas sciencias, a producção das obras literarias e scientificas é relativamente diminuta. Ora, quando os editores estabelecidos no Brazil fôrem obrigados a pagar, tanto aos autores portuguezes como aos autores brazileiros, o fructo do seo trabalho, hão de naturalmente preferir, em igualdade de circunstancias as obras d'estes e animal-os a produzir mais. Vai longe o tempo em que os homens de letras eram obrigados a trazer, como o divino Homero, a sacola e o bordão do mendigo, ou a receber, como Virgilio e Horacio, das mãos de generozos protectores meios de subsistencia. Mas hoje a justiça, a dignidade da profissão e os interesses da civilização exigem, que os homens de letras possam viver do fructo do seo trabalho ou pelo menos contar com elle na luta pela vida, cujas difficuldades augmentam constantemente. E mal poderiam os autores brazileiros contar com o fructo do seo trabalho, emquanto os editores lhes fizessem uma concurrencia desleal, uzurpando as obras literarias dos autores estrangeiros.

Pedem, ha muito, os homens de letras, reunidos em congressos internacionaes, que se estabeleça um acôrdo entre todos os povos cultos para que a propriedade literaria seja constituida e consagrada em toda a parte sobre as mesmas bazes, e cada um conceda aos autores

dos outros a mesma protecção e os mesmos direitos, que conceder aos autores nacionaes. E esta é a baze do acôrdo, que tive a honra de assignar com o Exm. Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, e espero, que dentro em pouco tempo será tambem a baze de um acôrdo entre todos os povos da Europa e da America. Divergem ainda as opiniões dos publicistas e estadistas quanto á natureza, extensão e limites do direito dos autores sobre as suas obras ; mas todos concordam em que nenhuma nação civilizada póde deixar de proteger este direito sem atacar as bazes da sociedade, sem offender o que com razão denominam as raizes da civilização.

Si a propriedade literaria não é uma propriedade como qualquer outra ; si é uma propriedade *sui generis*, nem por isso deixa de ser a mais sagrada de todas as propriedades. E com effeito si ha propriedade, que, perante a moral e o direito, perante o bom senso e a equidade, deva ser considerada e respeitada como sagrada, é sem duvida a propriedade literaria. Não se improvizam obras literarias de verdadeiro merito. Já alguem dice, e é verdade, que o tempo não respeita as obras, que são feitas sem o seo auxilio. Para fazer uma obra literaria, que dure e que preste, não basta, que o autor tenha recebido da Providencia raros e preciozos dotes intellectuaes ; é necessario, que empregue todo o seo tempo, toda a sua attenção, toda a sua energia em desenvolver e aperfeiçoar as faculdades do seo espirito. Que longos e difficeis estudos, que dolorozas vigilias, que penozas contensões de espirito não requer uma obra literaria de algum merito ? As palavras, as idéas, os factos, de que se serve o autor, podem estar no dominio commun e pertencer a todos ; mas o estilo ou a fórma nova e pessoal, que elle dá ás palavras, a combinação das idéas, a concepção e o desenvolvimento do plano, são o fructo do trabalho do seo espirito e pertencem-lhe excluzivamente. Todos podem tirar do dominio commun, dos livros classicos, dos dicci[illegible] da lingua franceza, da historia [illegible]iversal, do [illegible]s homens e das couzas, da expe[illegible]cia do mu[illegible]lavras, as idéas, os sentimentos, [illegible] os assum[illegible] Molière e Racine se serviram

para compôr as suas obras primas; mas ninguem pôde ainda nem jámais poderá combinar essas palavras e essas idéas, exprimir esses sentimentos, tratar esses assumptos como aquelles immortaes autores.

A propriedade literaria e artistica tem o mesmo fundamento, que a propriedade movel e immovel, o trabalho. E si uma póde ser considerada, em razão da nobreza da sua origem, superior á outra, é indubitavelmente a propriedade literaria e artistica. Desde que o autor materializa ou incarna a sua concepção em uma fórma determinada, livro, partitura, estatua ou quadro, a justiça universal reclama, que a legislação de cada paiz lhe garanta, o fructo do seo trabalho, o seo direito sacratissimo de propriedade, embora prescreva a este direito os limites, que, no interesse geral da sociedade e da civilização, o legislador póde e deve prescrever ao exercicio de todos os direitos.

Não foi de certo por falta de justiça e de benevolencia para com os autores estrangeiros, e especialmente para com os autores portuguezes, que o Brazil não consagrou, ha mais tempo, na sua legislação ou nos seos tratados o direito d'estes autores sobre as suas obras literarias. Circunstancias, que julgo desnecessario referir perante tão illustrado auditorio, têm obstado á promulgação de uma lei especial sobre propriedade literaria e artistica; e o governo imperial não queria, e com razão, negociar convenções internacionaes, que de algum modo coarctassem a liberbade de apreciação e rezolução do poder legislativo sobre pontos ainda contravertidos e sobre os quaes as leis dos outros paizes divergem.

O convenio de 9 de Setembro entre Portugal e o Brazil tem por baze o tratamento nacional puro e simples, e de nenhum modo coarcta aquella liberdade. Não duvidou o Brazil de firmar a convenção celebrada em 20 de Março de 1883, por virtude da qual diversos estados da Europa e da America se uniram para proteger mais efficazmente a propriedade industrial, que por nenhum titulo póde ser considerada mais respeitavel e mais sagrada do que a propriedade literaria e artistica.

E não obstante ter já o Brazil uma lei especial, que

de que dispõe, e com os estudos e diligencias a que se applica, preparar e coordenar os necessarios elementos para a historia nacional, já tão rica de factos, que assignalam o patriotismo dos Brazileiros e a grandeza dos nossos futuros destinos.

Não é um nome desconhecido nas letras o do illustre consocio, que hoje entre nós tem assento; seo interessante trabalho intitulado: *Considerações sobre o prezente e o futuro politico de Portugal,* abundante de erudição, de doutrina e de judiciozos conceitos sobre a politiça e a administração de um paiz co-irmão, a nós inteiramente ligado por estreitas relações de familia e de interesses, bem demonstra e a inteira proficiencia do escriptor, tão correcto na fórma quão profundo na enunciação de seo discreto juizo.

Mas não é só isso: o honrado diplomata, no exercicio de suas nobres e elevadas funcções, acaba de prestar serviço, que assás o recommenda á attenção de todos quantos se interessam pelas nossas letras.

Promoveo como com louvavel e prudente empenho o ajuste celebrado entre o Brazil e Portugal, sobre a propriedade literaria e artistica, mandado executar pelo decreto n. 10.353 de 14 do mez proximo passado, e assegurou por esse modo aos autores de obras literarias, escriptas em portuguez, e artisticas de cada um dos dois paizes, o gozo em qualquer d'elles do mesmo direito de propriedade, que as leis ahi vigentes concedem ou as que fôrem promulgadas concederem aos autores nacionaes. Teve assim solução essa antiga e debatida questão da propriedade literaria, que tão de perto interessa aos escriptores de ambos os paizes.

Não se comprehende como pôde até agora ser contestado o direito consagrado pela razão e pela justiça, e reconhecido pela legislação de povos cultos, de gozar o auctor e livremente dispôr d'aquillo, que reprezenta o trabalho privativo de sua intelligencia. Nada mais justo, em verdade, do que garantir-se ao autor da obra ou aos seos reprezentantes, com ou sem limitação de tempo, o direito excluzivo de reproduzil-a ou negocial-a. A propriedade, como já tem sido lembrado, não muda de natureza

Senhor conselheiro Jozé Francisco Diana. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro vê com prazer a vossa admissão em seo gremio. Esta associação nomeou-vos socio honorario, attendendo á illustração, que vos orna, e aos serviços que acabais de prestar ás letras e á civilização da nossa patria, firmando dois importantes tratados, um relativo á propriedade literaria e artistica, e outro concernente ao nosso estado politico.

O tratado celebrado com Portugal, assegurando os direitos de propriedade literaria e artistica entre Brazileiros e Portuguezes, denuncia espirito conhecedor de necessidades reaes do progresso das letras e das artes, e merece a aprovação d'aquelles que, como nós, consideram as letras e as artes instrumentos primarios e essenciaes da civilização e prosperidade dos povos.

Não somos infantes nas artes e nas letras, nem balbuciamos agora os primeiros rudimentos da civilização; nós e Portugal conhecemos todos os metodos de progresso; todavia cumpre-nos ampliar o desenvolvimento d'esses instrumentos da grandeza humana: e tanto mais importante é o acto, que em nome do governo imperial firmastes, quanto mais francamente revela a idéa da generalização dos direitos do homem, que não deve ser alienegena em canto algum da terra, mas cidadão de todos paizes pela igualdade das vantagens sociaes.

Os tempos obscuros, em que o estrangeiro era o *hostis*, na frazeologia romana, e o producto da sua actividade objecto de repulsa, desapareceram. As tendencias modernas levam os povos a essa confraternidade, que se consagra nos seos codigos pela aceitação dos principios do cosmopolitismo, cuja virtude unifica os direitos e obrigação das pessôas, mantendo apenas as raias politicas das nações. Encarado por este modo o recente tratado com Portugal, o Instituto Historico o aprecia e considera como valiozo serviço prestado á cauza da civilização, que esta nossa associação reprezenta no imperio americano, conforme o pensar de um dos seos venerandos prezidentes.

Si o facto internacional, a que me refiro, cauzava satisfação ao Instituto Historico por exprimir idéa generoza, auxiliar da civilização universal, não menos grato lhe foi

Agora que tenho recordado os honrozos motivos, que nos induziram a admitir-vos, Sr. conselheiro, em nosso gremio, cabe-me dirigir-vos as nossas saudações, e manifestar-vos a satisfação, com que vos recebemos, e a confiança, que nutrimos, de que a vossa prezença entre nós significa a acquizição de mais um collaborador proficiente dos nossos trabalhos, mais um co-participante das nossas lides pacificas, quando a agitação dos publicos negocios, que hoje vos ocupam, vos der ensejo para lembrar-vos, que sois socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. Visconde de Taunay, como orador do Instituto, tem a palavra, e faz a seguinte allocução :

Exm. Sr. Ministro. Esperámos na sessão passada V. Ex. com verdadeira impaciencia, pois queriamos ligar o acto da vossa recepção em nosso seio com o do acolhimento feito ao simpathico reprezentante da Republica Argentina, D. Henrique Moreno. Não pretende o modesto, mas sincero e laboriozo Instituto Historico do Brazil, as altivas prerogativas de Luiz XIV, e é portanto com a lealdade real da mesma alegria de ha 15 dias, que hoje vos vemos tômar logar n'esta meza das nossas assiduas e quinquagenarias investigações. Pleno jus tem V. Ex. ao nosso apreço, e ainda mais, ao nosso reconhecimento. Rompendo com tradições, ha largos annos assentes, de que a pasta de estrangeiros só denuncia vida e actividade em desagradaveis conflictos internacionaes, ficou assignalado, e de modo brilhante, o vosso nome em duas questões de incontestavel transcendencia — o longo dissidio sobre limites de Missões e a convenção relativa á propriedade literaria.

Quanto á primeira, talvez tenha sido preferivel e de maiores vantagens, sobretudo moraes, para ambas as partes litigantes, cortam definitivamente todas as duvidas pela determinação de uma linha média, acabando assim com a maxima rapidez e sem deixar o menor vestigio de resentimento, contestações mais que seculares. Em todo o cazo porém muito se alcançou no sentido das idéas americanas, e não pouca honra vos deve caber pela solução ha tanto tempo almejada.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O 2°. secretario interino, tomando a palavra, informa ao Instituto, que o Sr. prezidente, com a acquiescencia da meza, acaba de tomar uma rezolução, que deve ser de grande alcance para os estudos do Instituto. E' que nas sextas-feiras intermediarias ás das sessões ordinarias, reunirão-se-ão os membros das commissões para conferencia; sendo os assumptos descutidos e tomados em consideração, redigidos e trazidos ao conhecimento e deliberação do Instituto nas sessões proximas.

Assim dar-se-á melhor andamento ás propostas e trabalhos sugeitos aos estudos e pesquizas das commissões, que muitas vezes d'elles não se podem desempenhar por impecilhos, que n'essas conferencias poderão ser removidos. Já na proxima sexta-feira tivemos a primeira conferencia, que versou sobre dois pontos: um relativo á conveniencia do reconhecimento do sitio em que Estacio de Sá fundou a Aldeia-Velha, origem da cidade do Rio de Janeiro, e a sua mudança para o morro do Castello e immediações da santa caza da mizericordia; levantando-se a planta d'esses logares, e photographando-se os edificios antigos, que ainda existam: o outro constou em pequenas alterações de artigos dos nossos estatutos. Essas propostas, são:

Nem um estudo temos do local, em que se estabeleceo a primeira povoação do Rio de Janeiro, a chamada Aldêa-Velha, origem da futura capital do imperio. Consta, que ha vestigios como de uma cacimba, e bem assim da localidade em que existio a capella consagrada a S. Sebastião, que pelo voto de Estacio de Sá tornou-se padroeiro da nossa cidade, cimentada com as cinzas do intrepido conquistador, e convem proceder-se a indagações, guiadas pela leitura de nossos historiadores, afim de tirar-se a planta da localidade com as necessarias indicações, o que será de muito valor historico, sinão uma curiozidade digna de apreço para os que se occupam com as nossas couzas. Para ser levada a effeito esta proposta pedir-se-á licença ao ministerio da guerra, afim de nos ser franqueado o exame do terreno, que occupa a escola militar.

antecipadamente com o orador ou com o socio encarregado de responder-lhe.

Ao tomarem assento, além dos discursos marcados nos estatutos, lerá o prezidente um dircurso de aprezentação.

Os relatores das diversas commissões, que tenham de julgar dos trabalhos aprezentados, serão nomeados pelo prezidente dentre os membros das effectivas e subsidiarias, de modo que esse serviço se distribua igualmente por todos.

S. R. Sala das sessões 4 de Outubro de 1889. *J. N. de Souza Silva.*

Discutindo-se a primeira d'essas propostas, o Sr. prezidente informa, que foi levado a aprezental-a, não só por ter noticias de que nas immediações da fortaleza da Praia Vermelha tem-se descoberto, ao fazerem-se as escavações para obras, varios esqueletos ou ossos humanos, como ainda pela noticia que leo na gazetilha do *Jornal do Commercio* de 18 de Maio do corrente anno, onde vem o seguinte:

« O Sr. ministro da guerra vizitou hontem a escola militar... Vizitou depois as mais obras: a capella, a enfermaria, a bibliotheca e a cocheira, construida ha tempos no logar em que existio a primeira capella edificada n'esta cidade. »

O Dr. João Severiano, sem que ponha em duvida, si a primeira capella edificada n'esta cidade foi no logar, onde é hoje a escola militar, sustenta, que a primeira povoação, a chamada Aldêa-Velha, origem primeira da cidade, foi situada no isthmo que liga a pequena peninsula de São João, antigamente *Cara de Cão*, ao Pão de Assucar. Sabe, que varios ossos têm sido achados em escavações para obras d'aquella escola, principalmente junto ao seo baluarte encostado á montanha da Babilonia, e elle mesmo vio alguns encontrados em escavações feitas em 1863, quando servia como medico na escola; mas que, sem n'aquelle tempo ter ligado especial attenção a esse facto, lembra-se todavia, que, pelo estado em que se aprezentavam, não mostravam indicios de uma vetustez de trez seculos.

O Sr. prezidente, obtendo a imperial venia, abre a sessão, chamando o Sr. Henrique Raffard para servir de 2°. secretario, e não estando prezente a acta da ultima sessão, o Sr. prezidente faz a seguinte allocução:

Ao encerrar-se em Pariz o congresso de photographia celeste, de que fez parte o nosso consocio Dr. Luiz Cruls, propoz o bem reputado astronomo Jannen, que fôsse conferido a S. M. o Imperador o titulo de seo prezidente honorario. Esta proposta, que foi geralmente applaudida e unanimemente votada, honra tanto a S. M. o Imperador como ao congresso photographico, e a gloria que d'ella rezulta reflecte toda sobre a nossa patria. Dando parabens a S. M. o Imperador por tão merecida laureação, o Instituto Historico congratula-se com o congresso photographico pela consideração, que em tão alto gráo votou á face do mundo ao chefe da nação brazileira.

Senhores! No dia 21 do corrente extinguio-se em Petropolis, onde ultimamente descansava de sua longa e trabalhoza carreira, o distincto socio honorario Irinêo Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Foi homem amavel, ornado de coração bemfazejo, dotado de actividade não commun e toda desenvolvida em proveito da patria, que tanto amava. Votando-se a grandes commettimentos, levava-o mais o amor da gloria e a coragem do enthuziasmo pelas emprezas uteis ao paiz, do que pelo interesse da accumulação de capitaes na ambição de prospera fortuna. Não foi porém feliz, pois pelos caprixos da sorte tanto subio como desceo. Limitasse-se elle aos sonhos de ouro, que geralmente afagam o somno da humanidade, que talvez tivesse colhido melhores rezultados.

Cabe-lhe, entre importantes serviços prestados ao imperio, a gloria de ter sido entre nós o iniciador dos caminhos de ferro, cujos troféos se honra de guardar o Instituto Historico, por precioza dadiva sua. Nomeado socio honorario d'esta associação, lizongeava-se de seo titulo, e pelo espaço de dez annos prestou o serviço de thezoureiro da commissão nomeada pelo Instituto Historico para a realização do monumento votado a Jozé Bonifacio, o patriarca da nossa independencia.

Imperiaes trazer as suas mais sinceras homenagens e os votos de continua ventura, como complemento do faustozo periodo de cinco lustros, que hoje se ultima. Diz o elegante escriptor dinamarquez Andersen : « A felicidade é tambem um habito, que a fortuna tem escrupulos de quebrar, sobretudo quando d'ella emanam beneficios e alegrias, para grande numero de seres.» E ninguem mais do que Vossa Alteza, Senhora, merece esse favor da sorte, essa protecção meiga e misteriosa; pois desde 13 de Maio de 1888, sem falar em actos anteriores a esse, a cada romper da aurora n'este immenso Brazil, centenas de milhares de entes, que viviam na tristeza e na degradação, pronunciam o vosso nome com indizivel reconhecimento e ternura e o balbuciarão tremulos e hezitantes, entre mil lagrimas de jubilo e gratidão, como um hymno aos Céos.

Feliz, sim, mil vezes feliz quem pôde tornar realidade eterna aquillo que para populações inteiras não passava de fagueiro sonho e illuzoria esperança! Honrozo deve ser a todos os Brazileiros, Senhor Principe, fazer tambem justiça aos vossos constantes serviços, prestados com tamanha dedicação e bôa vontade e repassados todos elles do maior desinteresse patriotico e tendentes sempre á nobilitação e gloria d'esta terra. Taes são, dignos e illustres filhos de D. Pedro II, o bom e grande imperador, os sentimentos em sinthese expressos pela manifestação de hoje do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan communica ter sido incumbido pelo socio Dr. Cezar Augusto Marques de pedir, que se desculpe a sua auzencia. O Sr. Visconde de Taunay faz identica participação por parte do Dr. Joaquim Pires Machado Portella. O Sr. Dr. Torquato Tapajós traz ao conhecimento do Instituto, que o senador Manoel Francisco Corrêa não póde comparecer, estando prezidindo n'esta noite uma sessão da associação promotora da instrucção. O Sr. Henrique Raffard faz sciente, que devidamente cumprio a sua missão a commissão nomeada para dar pezames ao socio conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, digno ministro portuguez pelo infausto passamento de el-rei D. Luiz I.

execução do serviço da limpeza da cidade do Rio de Janeiro ; Coqueiros da India, vantagens de sua cultura no Brazil pelo Dr. J. M. da Silva Coutinho. Pela commissão de estatistica de Praga 2 exemplares de sua publicação para 1885—1886. Pela academia real de sciencias de Lisboa, *Historia do Infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV*, por Jozé Ramos Coelho, 1°. tom. 1889. Pelo instituto geographico argentino o seo boletim. Pelo club naval o seo boletim n. 11 de Agosto de 1889. Pela sociedade bibliographica de Pariz a sua revista. Pela sociedade cientifica argentina os seos annaes para os mezes de Junho, Julho e Agosto de 1889. Pelas redações respectivas:—*Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Liberal-Mineiro*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa*, *Provincia do Espirito-Sauto*, *Jornal do Amazonas*, *Provincia de Minas*, *Publicador Goiano*, *Baependiano*, *Caxoeirano*, *Brésil*, *Noveau-Monde*, *Gèographie*, *Etoile du Sud*.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. Henrique Raffard, em nome do socio conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro, offerece ao Instituto o *Trabalho estatistico ou divizão judiciaria* da provincia de São-Paulo, organizado pelo Dr. Brazilio Machado.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta a relação das muzicas de compozição do padre Jozé Mauricio Nunes Garcia, existentes na capella imperial, lembrando que o *Requiem* do nosso falecido compatriota foi equiparado ao *Requiem* de Heyden; recommenda ao Instituto para providenciar para que não se percam tão importantes trabalhos, dos quaes já apparecêram cópias truncadas e S. M. o Imperador dignou-se approvar as considerações aprezentadas. O mesmo Sr. Visconde offerece os vocabularios das tribus Carijás, Cherente e Caiapó da provincia de Goiaz, organizado pelo Sr. tenente de artilharia Eduardo Arthuro Socrates. Remette-se á

commissão de redação. O mesmo Sr. Visconde pede, que se publique na *Revista do Instituto* os seos apontamentos ácerca da opera *Lo Schiavo* do nosso maestro Carlos Gomes. Remette-se á commissão de redação. O Sr. Barão Homem de Mello communica ter-se feito acquizição em Pariz da importante obra do missionario Martin de Nantes (2.ª edição).

2.ª PARTE

O Sr. 1.º secretario procede á leitura das propostas seguintes:

1.º Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro admitta no seo gremio como socio correspondente o Sr. Julio Banados Espinosa, cidadão chileno, servindo de titulo de admissão os diversos trabalhos que se acham reunidos nos volumes, que offereceo por intermedio do Sr. commendador Corrêa de Araujo, ministro do Brazil junto á republica do Chile. Sala das sessões 11 de Outubro de 1889. *Henrique Raffard*. Dr. *Teixeira de Mello. Jozé Luiz Alves*. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Tristão de Alencar Araripe. Torquato Xavier Monteiro Tapajós. Barão de Miranda Reis*. Dr. *Cezar Augusto Marques. Garcez Palha. Luiz Rodrigues de Oliveira. Barão de Capanema. Olegario Herculano de Aquino e Castro. Visconde de Taunay. Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros. Barão Homem de Mello. Visconde de Beaurepaire Rohan.*

2.º Proponho para membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico do Brazil os Srs., 1°. Emile Levasseur, membro do Instituto de França, autor da carta mural do Brazil e de grande parte do artigo *Brésil* publicado na grande *Encyclopedia* ; 2°. E. Glaziou, membro do instituto de França, autor da monographia *Institutions primitives des Indiens du Brésil*, lida á academia de sciencias moraes do instituto de França ; 3°. Eduardo Paulo da Silva Prado, bacharel em direito, nascido na cidade de São-Paulo aos 27 de Fevereiro de 1860, autor das monographias sobre a arte no Brazil e a immigração,

publicada no livro *Le Brésil en* 1889 e dos capitulos *literatura* e *muzica* no artigo *Brèsil* da grande *Encyclopedia*, para a qual collaborou muito efficazmente. O Dr. Eduardo Prado publicou em 1886 um volume, *Viagens, Sicilia, Malta, Egypto*. Liverpool 20 de Setembro de 1889. *Barão do Rio Branco*. Subscrevemos a proposta feita pelo nosso consocio o conselheiro Barão do Rio-Branco. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. *Barão Homem de Mello*. *Henri Raffard*.

O Sr. Dr. Sacramento Blake, como relator da commissão de historia, lê os pareceres seguintes :

1.° A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido ao Instituto o professor de historia e geographia do instituto nacional do Chile e ex-ministro de estado na republica D. Julio Banados Espinoza, vem aprezentar seo parecer a respeito. Fôram cinco os livros offerecidos como titulo á admissão do illustre Chileno, a saber : 1.° *Batalla de Bancagua, sus antecedentes e sus consequencias*. Santiago, 1884, in-4°. E' uma historia circunstanciada d'esta batalha, dos factos que a precedêram e dos que deram-se depois; 2.° *Ensaios y bosquejos*, Santiago, 1884, in-4°. Consta este livro de varios estudos biographicos, sendo um relativo ao principe da poezia franceza falecido em 1778, o eloquente escriptor da *Henriada e do Œdipo*, de varias tragedias, genero em que só teve por emulo o grande Racine e da *Historia de Carlos* XII e das *Cartas philosophicas*, o immortal Voltaire. Consta mais de varios discursos, poezias e alguns estudos sobre o cazamento civil, sobre o direito de conquista, etc.; 3°. *Historia de America y de Chile para el curso medio y las escuelas*, Santiago, 1885, in-8°. Tratando da historia de seo paiz, e em geral da historia da America, o autor occupa-se do Brazil, referindo-se ás viagens de Juan Dias de Solis, de Sebastian Caboto, de Pedro de Mendoza e de Pedro Alvares Cabral; ao estabelecimento dos Portuguezes no terrrtorio brazileiro ; á proclamação de nossa independencia e a outros factos nossos, como a luta da Bahia por essa occazião ; 4.° *Gobierno parlamentario y sistema representativo*, Santiago, 1888, in-8°. N'este livro

occupa-se dos poderes publicos, do parlamentarismo, dos poderes legislativo e executivo, do principio de autoridade, dos partidos politicos, da liberdade do voto, das incompatibilidades parlamentares e de muitos outros pontos, que se ligam ao assumpto d'essa obra. Ahi, referindo-se ao nosso pacto fundamental, diz o autor, depois de tratar de outros estados: «Não menos solicita é a constituição d'este imperio, que póde e deve ser considerado como um modelo de povo civilizado.» 5.° *Letras e politica*, Santiago,1189, in-4°. N'este ultimo livro, publicado no corrente anno, reune o autor estudos com judiciozas reflexões sobre crize bancaria, instituições de credito, organização da guarda nacional, instrucção publica e instrucção gratuita; sobre a vida de Chilenos illustres, etc. Em uma apreciação ácerca da quéda do eminente estadista inglez Gladstone, diz elle, que ha derrotas, que são victorias, lembrando Roberto Peel e John Russel, que assim tambem cahiram para depois com mais gloria subirem ao poder. Na idade de cerca de 30 annos, que tem o distincto professor do instituto nacional do Chile, exhibe elle documentos irrecuzaveis de sua esclarecida intelligencia e merece ser chamado ao gremio do Instituto Historico.

Rio de Janeiro 25 de Outubro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges*.

2.° A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido ao Instituto o capitão-tenente da armada Antonio Alves Camara vem aprezentar seo parecer acerca do livro offerecido como titulo á admissão *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brazil*, publicado no Rio de Janeiro, 1888, com 212 paginas in-4°; é um livro, sobre cujo assumpto ninguem no imperio se havia occupado, e o autor, para escrevêl-o, não só procurou informações, mas tambem observou, elle mesmo, taes construcções. Para tornar seo livro de mais facil comprehenção, depois de uma relação das madeiras de construção brazileira, já classificadas, ajuntou um vocabulario dos termos technicos e de outros de que se serve. Para tornal-o mais interessante

e mais amena a leitura com as descripções que faz aprezenta alguns factos historicos, expõe costumes e uzos, que lhes são relativos, cita alguns versos a propozito e adorna o livro com dezenhos de todas essas embarcações de pequeno bordo, não somente intercalando-os no testo, como tambem em folhas soltas.

O capitão-tenente Alves Camara entretanto tem outras obras, que pertencem á nossa historia, como as *Impressões de uma viagem na corveta Trajano do Pará ao Recife*, tocando em São-Miguel e Tenerife, obra impressa no Rio de Janeiro em 1879; o *Relatorio dos estudos feitos na bahia de Todos os Santos com relação ao local mais apropriado ao estabelecimento de um arsenal e construções de diques*, publicado em 1884, o *Relatorio da secção de construções navaes do instituto politechnico brazileiro para a sessão solemne da commemoração do seo 25°. anniversario de installação official*, impresso em 1888.

Fóra do dominio da nossa historia existem publicadas outras obras do capitão-tenente Alves Camara, attestando o cabedal de conhecimentos que possue, como são: *Algumas considerações sobre a origem e cauza da formação do Gulf-Stream*, já com trez edições, a primeira na Bahia, em 1878, as outras no Rio de Janeiro, em 1879 e 1880. Este escripto é uma contestação a outro sobre o mesmo assumpto do capitão-tenente Calheiros da Graça, publicado em 1874 e traduzido em francez no anno seguinte pelo Sr. Desiré Mourin. E' um estudo, de que ainda se occupão notabilidades do mundo scientifico, como o distincto official da armada norte-americana o Sr. Maury. O nosso illustre consocio explica a origem e cauza do aquecimento das aguas do Gulf-Stream, admittindo a existencia de uma corrente submarina, ainda desconhecida, verdadeira continuação da corrente equatorial, e o calor central da terra que, aquecendo a tenue camada, como suppõe elle, que fórma a bacia granitica do golfo do Mexico, communica sua temperatura ás aguas em contacto e obriga-as pela dilatação a subir e tomar o movimento horizontal, sendo a corrente, assim formada, alimentada pela corrente submarina equatorial que segue para oeste e que serve para produzir o equilibrio do nivel. E tudo

isto reputa o capitão-tenente Alves Camara, considerando que, « emquanto o microscopio não obrar de concerto com o thermometro e a sonda, e não se reduzirem essas observações a calculos numericos, não se poderá conseguir um rezultado conveniente e satisfatorio.

Sobre este assumpto escreveo depois o autor a conferencia, que fez perante o instituto polytechnico brazileiro, e foi publicada em 1880. E sobre outros o seguinte: Analise dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarina, seguida de um appendice, contendo estudos feitos sobre as cauzas de variação de densidade das aguas no porto de Montevidéo. Rio de Janeiro, 1878. O navisferio e as observações da noite. Rio de Janeiro, 1880. O bathometro de William Siemens. Rio de Janeiro, 1879. Breve noticia sobre as curvas de pozição e os novos methodos de navegação. Rio de Janeiro, 1880. Estes ultimos trabalhos foram tambem publicados na *Revista de Engenharia* e são outros tantos documentos da perseverante actividade e illustração do sobredito capitão-tenente, que merece, sem duvida alguma, um logar no Instituto Historico.

Rio de Janeiro 22 de Outubro de 1889. Dr. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello.*

O Sr. secretario procede á leitura do seguinte parecer:

A commissão de ethnographia e archeologia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro tomou conhecimento das obras, que lhe foram submettidas como titulo de admissão do Dr. Arthur Vianna de Lima ao lugar de socio correspondente do mesmo Instituto. Estas obras são as seguintes: *Exposé sommaire des theories transformistes de Lamarck. Darwin et Horckes,* Paris, Delagraw 1886, *L'homme selon le transformisme.* Um volume da *Bibliotheca de Philosophia* contemporanea. Pariz, Alcan, 1888. N'estas publicações, que se ligam, e que dizem respeito ás sciencias geographicas modernas, o autor, cujo espirito culto e perfeitamente orientado na sciencia, manifesta idéas muito adiantadas sem os exageros comtudo

de alguns tranfoımistas, e não se limita a uma simples rezenha das pesquizas dos autores, de que se ocupa. Muito mais vale do que essa apreciação, aliás tão fiel quanto claramente exhibida, a sua consciencioza elaboração pois ahi apreciando e discutindo cada idéa e cada facto, deixa vêr a sua propria contribuição n'esse mesmo campo das theorias cooloctivas, cujo sentimento possue distincta e cabalmente. A commissão de ethnographia é portanto de parecer, que os trabalhos apresentados pelo Dr. Arthur Vianna de Lima como titulo de sua admissão ao gráo de correspondente do Instituto não podem deixar de recommendal-o a esta distinção.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 25 de Agosto de 1888. *Ladisláo Neto. Barão de Capanema*. Remette-se á commissão de admissão de socios.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta uma declaração de Francisco Augusto Ribeiro e Tiberio Augusto dos Santos, rezidentes na villa de Miranda, provincia de Mato-Grosso, que se julgam com direito á medalha, que o Instituto mandou cunhar para commemorar a lei aurea de 13 de Maio de 1888, alegando terem trabalhado em favor da abolição no Brazil.

TERCEIRA PARTE

O Sr. prezidente, tendo feito correr o escrutinio, declara unanimemente aprovada a admissão no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, dos Srs. Drs. Jean Martin Charcot, Achiles de Giovanni, Marianno Semmola e Conde de Mota Maia como socios honorarios; e dos Srs. general Carlos de Ibañez (Marquez de Mulhacen) membro da academia de sciencias de Madrid, Bouquet de la Grye, membro do Instituto de França, general Anibal Ferrero, chefe do serviço geographico da Italia, D. Anibal Echeverrica y Reis (cidadão chileno) escriptor, tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida, e Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt como socios correspondentes.

Leitura

A convite do Sr. prezidente, o Sr. Visconde de Taunay, leo o seo trabalho intitulado *Gruta de Itapirussú.*

Não havendo mais nada a tratar, e obtida a imperial venia, o Sr. prezidente levantou a sessão.

HENRI RAFFARD,
servindo de 2°. secretario.

20ª. SESSÃO EM 7 DE NOVEMBRO DE 1889

HONRADA COM A ANGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da noite, prezentes os Srs. Joaquim Noberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cezar Marques, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake, Henrique Rafard, capitão-tenente Garcez Palha, D. Enrique Moreno e Barão de Capanema, abre-se a sessão. O 2°. secretario lê as actas da sessão ordinaria antecedente e da sessão solemne (*) em honra á nação chilena, que são approvadas, esta após pequena emenda aprezentada pelo Sr. Visconde de Taunay. O Sr. 1°. secretario lê os seguintes officios:

Do Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, justificando a sua auzencia na sessão passada e na de hoje, por motivo de serviço do seo ministerio; dos Srs. enviados extraordinarios da Inglaterra e da Italia, pedindo desculpa por não terem podido comparecer áquella sessão solemne, por

(*) A acta d'essa sessão solemne, celebrada a 31 de Outubro de 1889, consta do volume especial consagrado á memoria d'ella.

justos impedimentos; do Sr. socio Luiz da França de Almeida Sá, communicando rezidir actualmente na colonia *Alfredo Chaves*, na provincia do Rio-Grande do Sul, onde exerce as funções de ajudante da commissão de terras e colonisação; de Mr. Charles Bréard, enviando um volume, que acaba de publicar a *societé d'histoire de Normandie*, sob o titulo: Documents relatifs á la marine normande et à ses armements aux XVI et XVII siècles pour le Canadá, l'Afrique, les Antilles, le Brésil et les Indes, no qual vem um capitulo relativo ás primeiras viagens dos marinheiros nomandos ao Brazil.

O mesmo Sr. 2°. secretario dá noticia das seguintes offertas: do socio o Revm. bispo do Pará a sua obra intitulada *Questão religioza no Brazil;* de Mr. A. de Quatrefages a sua *Histoire générale des races humaines;* do Sr. João Xavier da Mota o seo trabalho *Moeda do Brazil;* do Sr. Alfredo Ernesto Jacques Ourique os seos trabalhos: *Questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina, Colonias Militares de Itapúra* e *Avanhadava* (provincia de São-Paulo), *Defeza estrategica da provincia do Rio-Grande do Sul*; das sociedades de geographia de Iena, Berlim, Bordéos, Madrid e Italia, e d'alfandega do Rio de Janeiro, os seos *boletins*; das respectivas redações as *revistas*: *Il Brazile, Sud Americain* e dos *Constructores*, e os jornaes:—*Diario Popular, Liberal Mineiro, Provincia do Espirito Santo, Publicador Goiano, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Imprensa, Caxoeirano, Jornal do Amazonas, Nouveau Monde, Géographie, Etoile du Sud, Brésil, Immigração, Gazeta da Bahia* e *Meio*, e do Sr. Alberto Pimentel o seo trabalho *Obras do poeta Chiado.*

O Sr. prezidente communica ao Instituto a morte do consocio Visconde de Vieira da Silva, pronunciando o seguinte discurso:

Senhores! Em quazi todas as nossas ultimas sessões tenho trazido ao vosso conhecimento uma noticia, que tarja de luto as nossas actas. Hoje é do falecimento do illustrado Visconde de Vieira da Silva, senador do imperio e conselheiro de estado, que se realizou pela manhan do dia 3 do corrente mez.

contra a grande injustiça, que se me fizera em remuneração de serviços prestados á patria, e cujos effeitos ainda sinto.

Já não existe o nosso consocio sinão para a nossa memoria, e pois na acta de nossa sessão de hoje fique consignada a saudade, que nos deixa descendo ao tumulo.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede a palavra e faz algumas observações sobre o discurso do Sr. prezidente, rectificando a asserção relativa do lugar do nascimento do socio finado, o qual vio a luz primeira na cidade da Fortaleza, provincia do Ceará, e não em São-Luiz do Maranhão.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta o seguinte discurso, que como relator da commissão do Instituto dirigio a S. M. Imperial, ao dar-lhe os pezames do Instituto pela morte de S. M. o rei D. Luiz de Portugal:

Senhor. Enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brazileiro perante Vossa Magestade Imperial, afim de significar ao seo augusto protector o leal e sincero pezar que sente pelo falecimento do rei de Portugal D. Luiz I, tão ligado á familia imperial do Brazil pelos laços de proximo parentesco e extremoza amizade. N'este dolorozo trance, grato deve ser ao espirito de Vossa Magestade reconhecer, que em ambos os povos, brazileiro e portuguez, permanece vivaz e intensa a scentelha do sentimento monarchico, que só encontra elementos para se robustecer ao influxo da vida hodierna, quer européa quer americana.

Portugal estremece, como sempre, o seu rei, e o Brazil não tem senão motivos de admirar o soberano que possue, e de lhe ser reconhecido. Verdades destas é sempre agradavel ao Instituto Historico assignalar no estudo das couzas patrias!

Queira Vossa Magestade aceitar as nossas mais sentidas condolencias pela cruel perda que tão fundamente ferio o seo magnanimo coração.

Rio de Janeiro 26 de Outubro de 1889. *Visconde de Taunay*.

Achando-se na sala immediata o Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, eleito membro correspondente, o Sr. prezidente convida os Srs. Barão Homem de Mello e commendador Jozé Luiz Alves a irem recebel-o, e dando-lhe assento pronuncia as seguintes palavras :

Senhores. O Instituto Historico via com inveja occupando a tribuna das conferencias da Gloria um distincto talento. E' limitadissimo entre nós o numero dos que se entregam ás arduas pesquizas da prehistoria, e que mesmo na Europa conta poucos annos de existencia e raros cultores. O illustre Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt se tem tornado digno da maior consideração pelos seos estudos, vulgarizando entre nós os seos conhecimentos n'esta parte da historia, a que primeiro se entregaram os antiquarios do Norte.

Entrando para o gremio de nossa associação é de crêr, que se não arrefeça o seo ardor por tão ardua investigações, e o aprezentando ao Instituto Historico peço, que o recebamos com estas palavras : « Vem, filho do estudo e das arduas pesquizas. O Instituto só se póde honrar com aquelles que o honram. »

O illustre recipiendario agradece nos termos seguintes :

Senhores. Ha muito, que dezejava fazer parte d'este Instituto, por conhecer-lhe bem a historia, e saber quantos serviços tem prestado á nossa patria no longo e gloriozo periodo de 50 annos. Esperava porém occazião oportuna em que pudesse aprezentar algum trabalho digno da vossa apreciação esclarecida, o que só me foi dado realizar este anno, com a publicação das conferencias, que tenho efectuado na escala publica da Gloria a respeito da *origem das species e da America prehistorica*.

Ambicionava asociar-me a esta ilustre e respeitavel corporação por ser um dos admiradores mais enthuziastas dos importantissimos trabalhos, com que tem ella enrequecido a historia e geographia patrias, que até 1838 jaziam em deploravel atrazo, existindo apenas dois livros bons, mas incompletos, a *Historia do Brazil* de Robert Southey e a *Chorographia Brazilica* da padre Manoel Ayres do Cazal.

Longo e fastidiozo seria e menos proprio d'esta ocazião, referir minuciozamente quaes os principaes thezouros literarios e scientificos, que o Instituto Historico tem acumulado em meio seculo de proveitoza existencia. Para ter-se d'elles uma noticia exacta basta a leitura atenta da sua *Revista Trimensal*, que fórma actualmente uma precioza colleção de muitos volumes, onde os estudiozos terão muito que aprender.

Agora mesmo, senhores, tratando em conferencias populares do magno problema da origem dos povos americanos primitivos, especialmente dos selvicolas brazileiros, tem-me servido de muito a excellente *Revista* d'este Instituto, onde a dificilima questão foi brilhantemente discutida por Joaquim Norberto, nosso benemerito prezidente; Gonçalves Dias, Francisco Adolfo de Varnhagen, Cunha Matos, Candido Mendes, Jozé Martins Pereira de Alencastro, IgnacioAccioli de Cerqueira Silva, e outros que têm sido luzeiros d'esta douta corporação. E' digna de especial menção a *Memoria Historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro*, composta pelo socio effectivo Joaquim Norberto de Souza Silva, e laureada na sessão magna deste Instituto, de 15 de Dezembro de 1852, com o premio imperial. Sinto devéras, que a ocazião me não permita referir-me a esta excelente monographia, depois de cuja leitura fica-se sem sabe o que mais admirar: si a profunda erudição do auctor, si a elegancia e harmonia da fórma, a peregrina beleza do estilo.

Eu dice, ao começar, que ambicionava fazer parte desta illustre corporação; pois bem, satisfeito o meo dezejo, realizada a minha ambição, cumpre-me agradecer summamente ao eminente orador d'este Instituto, o Sr. Visconde de Taunay, por haver proposto o meo nome á vossa aceitação; á digna commissão que lavrou o parecer favoravel á minha admissão, e a todos qantos votaram as suas concluzões. A cada um o meo eterno reconhecimento.

E' ociozo acrescentar, que esforçar-me-ei quanto em mim couber pela prosperidade sempre crescente do Instituto Historico e Geographico do Brazil, uma de

cujas cadeiras venho ocupar, graças á vossa generozidade e benevolencia. A minha divisa aqui serão estas eloquentes e significativas palavras dirigidas ao Instituto Historico por S. M. o Imperador : « E' de mister, que não só reunais os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quazi que unicamente, como tambem pelos vossos proprios torneis aquella a que pertenço digna realmente dos elogios da posteridade ; não dividais pois as vossas forças, o amor da sciencia é excluzivo, e concorrendo todos unidos para tão nobre, util e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de gloria á civilização da nossa patria.

O Sr. D. Enrique Moreno, pedindo palavra, apresenta em nome do nosso consocio Sr. D. Estanisláo S. Zeballos, ministro das relações exteriores da Republica Argentina, o seo retrato ; e por parte do nosso consocio, o Sr. D. Bartolomeo Mitre a sua obra, em trez volumes, *Historia de San-Martin y de la Emancipacion Sud Americana* (segundo novos documentos), 1887.

O Sr. prezidente nomeia para em commissão irem dar pezames á Exma. viuva do Visconde de Vieira da Silva os Srs. Dr. Cezar Marques, Garcez Palha, conselheiro Alencar Araripe, Henrique Raffard, Barão Homem de Mello e commendador Jozé Luiz Alves.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Tem a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques, que lê parte da sua memoria *Jezuitas no Maranhão.*

A's 8 1/2 da noite levanta-se a sessão.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2.° secretario interino.

21.ª SESSÃO ORDINARIA, CELEBRADA EM 29 DE NOVEMBRO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, reunidos no lugar do costume os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, conselheiro Alencar Araripe, Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Pereira de Barros, Dr. Luiz Cruls, commendadares Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, D. Enrique Moreno, Barão Ribeiro de Almeida, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, Dr. Pinheiro de Bitencourt e Dr. Teixeira de Mello, abre o Sr. prezidente a sessão. O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, servindo de 2.° secretario, procede á leitura da acta da passada sessão, que é sem debate approvada.

Passa depois o mesmo senhor a occupar o logar de 1°. secretario e da conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficios:

Do socio Barão Homem de Mello, 1.° secretario, dando os motivos do seo não comparecimento, enviando uma proposta para socios correspondentes assignada em Pariz pelos consocios Frederico Sant'Anna Neri e Barão do Rio Branco, e propondo a nomeação de uma commissão, da qual dezeja fazer parte, para ir comprimentar em nome do Instituto ao governo provizorio e ao ministro do interior.

Do socio Virgilio Martins de Mello Franco, enviando traços de autobiographia e o seo retrato em photographia, accedendo á recommendação que lhe fôra feita n'esse sentido pelo Instituto, e remettendo uma carta autographa de seo tio o Dr. Francisco de Mello Franco, datada do Rio de Janeiro a 29 de Fevereiro de 1820, dirigida a seo irmão Joaquim de Mello Franco, cavaleiro da ordem de Christo, conego honorario da sé de Olinda, provizor e

vigario colado da igreja de Paracatú do Principe. Do consocio Jozé Verissimo Dias de Matos, remetendo tambem a sua autobiographia e photographia, de conformidade com a citada recommendação do Instituto. Do secretario do governo do Rio Grande do Sul, enviando o relatorio com que o Sr. coronel João de Freitas Leitão passou a administração da provincia ao seo sucessor e os officios com que o Dr. Joaquim Galdino Pimentel e major Antonio Ferreira Prestes Guimarães passaram aos que lhes sucederam no cargo. Do Sr. Barão de Alencar, ministro do Brazil junto á confederação argentina, agradecendo ao Instituto o diploma que se lhe enviou do socio honorario. Do mesmo senhor, remetendo a nota com que o Sr. D. Quirno Costa, ministro do interior d'aquella confederação, agradece a sua nomeação de socio honorario do Instituto nos termos mais honrozos para esta associação e com alevantados conceitos ácerca do patriotismo dos governos, que assignaram o tratado, que deo cauza á distinção recebida. A nota do illustrado ministro vai transcripta integralmente em seguida á prezente acta. Do Sr. D. Carlos, bispo de Cuiabá, datado de 22 de Setembro ultimo, agradecendo o exemplar que o Instituto lhe offereceo da medalha commemorativa da promulgação da aurea lei de 13 de Maio do anno proximo passado, que extinguio a escravidão no Brazil. Do Sr. conselheiro J. M. Latino Coelho, secretario geral da academia real das sciencias de Lisboa, dotado de 5 de Novembro, agradecendo a remessa feita pelo Instituto áquella academia do tomo LII, parte 1ª. da sua *Revista*. Do Sr. Jozé Ribeiro de Macedo, datado de Piraquara a 18 de Outubro proximo findo, agradecendo a concessão que lhe fizera o Instituto de um exemplar da medalha commemorativa da lei de 13 de Maio, que entretanto ainda não recebeo, e cuja remessa reclama com a maior empenho. Do secretario da real academia de ciencias morales y politicas de Madrid, de 30 de Outubro ultimo, agradecendo a remessa do tomo LII, parte 1ª., da *Revista Trimensal do Instituto*. Do Sr. dezembargador Serafim Muniz Barreto, datado de 10 de Novembro, agradecendo o exemplar, que recebeo, da medalha relativa á extinção do elemento servil.

Do Dr. Jozé de Araujo Rozo Danin, vice-prezidente da provincia do Pará, em data de 4 de novembro, enviando um exemplar do relatorio com que passou a administração da referida provincia ao prezidente Dr. Antonio Jozé Ferreira Braga em 24 de julho ultimo, e outro relatorio aprezentado pelo dito prezidente á assembléa legislativa provincial na sua ultima sessão extraordinaria. Do socio Dr. Cezar Marques, participando que não pôde comparecer á presente sessão.

OFFERTAS

Pela sociedade de geographia americana, geographico-commercial de Bordéos, dita de Antuerpia, bibliotheca nacional de Vittorio Emanuel (de Roma) e commissão geographica e geologica de São-Paulo os seos boletins. Pela sociedade imperial dos naturalistas de Moscow *Nouveaux Mêmoires* da mesma sociedade, tomo XV. Pela redação o ultimo numero da *Revista Sul-Americana*, orgão do centro bibliographico vulgarizador. Pelo cavalheiro P. Mallan o fasciculo n. 11, anno III, da sua revista *Il Brazile*. Pelas respectivas redações as publicações seguintes : — *Diario Popular* (São Paulo), *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal do Amazonas*, *Meio* (Rio de Janeiro) *Imprensa*, *Liberal Mineiro*, *Caxoeirano*, *Géographie*, *Nouveau Monde*, *E'toile du Sud*, *Brésil* (de Pariz) *Provincia do Espirito Santo* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*. Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto os numeros do *Jornal do Commercio* de Outubro e Novembro do corrente anno. Pelo Sr. Barão Homem de Mello um exemplar nitidamente impresso, com tarjas coloridas, da *Constitucion politica de la republica do Chile*, edição feita no Rio de Janeiro, 1889.

Passando-se á

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente communica nos termos seguintes o falecimento ultimamente occorrido de mais um dos nossos consocios :

A mão do destino acerbo continúa a tarjar de luto e a humedecer de lagrimas as actas das nossas sessões. Passou da vida presente, no dia 24 do corrente, o decano dos nossos consocios Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, que pelo espaço de cincoenta e um annos tomou parte em nossos trabalhos, recommendando-se pela assiduidade com que militava em nossas fileiras.

Era um homem de maneiras chans, de trato ameno e delicado e de ar afavel, — que nunca empregou uma expressão menos conveniente na conversação; que perdoava com resignação evangelica qualquer juizo por menos favoravel que fosse a seo respeito; que jamais se oppunha á opinião contraria a seo modo de pensar, a medo de offender o melindre de seos amigos. O Dr. Pinheiro de Campos foi advogado no fôro desta capital, depois de ter servido á magistratuta n'uma das comarcas de Minas-Geraes. Viveo durante setenta e sete annos lutando sempre com a pobreza, e morreo não tendo para legar á sua numeroza prole sinão a honradez de seo nome.

Pede a saudade da nossa confraternidade que commemorada seja a sua perda na acta de hoje com um voto do nosso profundo pezar. »

Achando-se na caza o Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, recentemente eleito socio correspondente do Instituto, nomeia o Sr. prezidente aos socios Dr. Pinheiro de Bitencourt e tenente-coronel Francisco Jozé Borges para irem em commissão recebel-o. Introduzido com as formalidades do estilo, sauda-o o Sr. prezidente nos seguintes termos:

E' com o maior prazer, que vos aprezento o nosso novo consocio o Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, commandante da escola de aprendizes de artilharia e da fortaleza de S. João. De seos meritos e talentos, e sobretudo o seo *Diccionario Geographico e Historico das campanhas do Uruguay e Paraguay*, elaborado no campo de batalha e parte do qual já adorna as paginas da nossa *Revista Trimensal*, lhe franquearam as portas de nossa associação, que hoje mais do que nunca preciza de novos obreiros, que ajudem a sustentar e

amparar, para que não sosobre, a obra que erguera Januario da Cunha Barboza e se elevou á maior consideração pela proteção, que recebeo por mais de quarenta annos, de quem vive o nome na gratidão do Instituto Historico.»

O Sr. tenente-coronel Leite de Castro pronuncia em seguida um discurso de agradecimento, a que responde o Sr. conselheiro Alencar Araripe, nomeado para preencher a falta do orador do Instituto, com as seguintes palavras:

« Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro. Nós vos recebemos como nosso consocio ; e a vossa aprovação unanime para entrardes em nosso gremio já vos indica, que aqui só vindes encontrar amigos, que esperam de vós a reciprocidade d'este sentimento de amor, vinculo forte e poderozo que dirige todas as sociedades em seo caminho para a exacta consecução dos seos fins. O Instituto Historico, quando vos aceitou como parte d'esta corporação, teve em consideração os vossos trabalhos, os vossos serviços tão liberalmente consagrados ás letras e á patria.

Nós vos saudamos ao entrardes em nosso seio social, e confiados em vossa dedicação ás letras não hezitamos em crêr, que hoje adquirimos um companheiro benemerito dos nossos trabalhos e um dedicado cultor dos estudos historicos, de que já nos tendes oferecido provas sobejas e manifestas na obra, que publicastes sobre a nossa guerra com o Paraguay, facto que nos deo gloria, mas que nem por isso deixamos de deplorar como fatal sucesso dos destinos humanos. Entre povos americanos jámais devem os meios violentos perturbar as relações de benevolencia; são os nossos votos. O vosso patriotismo não vos impedio a imparcialidade, e expuzestes os factos d'essa luta internacional com clareza e justiça ; fostes sincero nos vossos estudos historicos, nos quaes os futuros escriptores encontrarão informações exactas e dignas da historia, que só é valioza e aceitavel, quando respeita a verdade, e pertanto a justiça.

Consocio, sejais bemvindo. Confiamos na promessa, que nos acabais de fazer e entre nós encontrareis amigos para os trabalhos, a que nos consagramos, e que estão sintetizados na vossa diviza — *Pacifica scientiæ occupatio.*»

Concluida assim a ceremonia da recepção do novo socio, pronuncia o Sr. prezidente o seguinte discurso:

Senhores! Imperiozo dever do meo cargo me força a annunciar-vos, que jámais n'essa cadeira se assentará aquelle que durante quarenta annos desempenhou verdadeiramente o titulo de protector de nossa associação, elevando-a á face das nações cultas a grande consideração, que goza actualmente. Das actas das sessões de nossos trabalhos e das nossas sessões magnas, celebradas na sua caza com todo o esplendor e solemnidade, consta, e constará sempre, o que foi o imperador D. Pedro II para com o Instituto Historico, que lhe retribuio numerozos favores com a maior gratidão, pôr consideral-o como seo primeiro alumno e por tel-o sempre como seo desvelado protector.

Os que têm acompanhado a marcha dos trabalhos do Instituto Historico durante meio seculo não podem deixar de reconhecer, que só por amor da patria e da gloria aqui nos reuniamos sob o exemplo da assiduidade de quem foi entre nós o primeiro. Ao transpor aquelle liminar desapparecia o monarca, e vinha o alumno sentar-se n'esse throno da democracia e tomar parte em vossas suadas lucubrações, que a tantos aniquilaram a saude, sem que jamais vizassemos nas graças da cornucopia de sua munificencia a menor recompensa, que empanasse o brilho da gloria de nossa voluntaria dedicação.

A politica tem as suas necessidades instransigentes, não nós que, Vestaes d'este templo da Historia, collaboramos para a posteridade n'esta *pacifica sientiœ occupatio;* e pois a gratidão, um dos mais bellos caracteres da humanidade, viverá na nossa tradição até quando o ultimo de nós tiver baixado á sepultura, em que já dormem os nossos mais distinctos consocios, sem que a queiramos antepor de modo algum á ordem das novas couzas estabelecidas e a que nos curvamos, certos de que o governo do povo pelo povo será uma realidade para a terra á qual Deus outorgou por simbolo a cruz da sua redempção, e a quem imploramos, que a republica seja tão livre como o [illegible] imperio de Pedro II.

Am[illegible]nos com redobrados [illegible] esforços uma

das mais bellas associações de nosssa patria. Deixal-a perecer seria para nós mais do que um erro,—seria um opprobrio. Quando os nossos antepassados, seos fundadores, a crearam, se dirigiram ao Eterno, supplicando com psalmos de Izaias a sua protecção. Façamos hoje o mesmo, para que no meio da indifferença da patria se não esboroe o archivo de nossas tradições e se não despedace o crizol de nossa historia.»

Continuando a *ordem do dia*, o Sr. Henrique Raffard aprezenta a seguinte proposta : « Proponho, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro eleve a socio honorario o distincto socio correspondente general D. Bartolomeo Mitre. Sala das sessões 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard.* E' unanimemente approvada e declarado socio honorario o illustre general argentino.

O mesmo Sr. Henrique Raffard aprezenta a proposta seguinte, que é tambem unanimemente approvada : «Achando-se no nosso porto um vazo de guerra da nação argentina, cujo chefe é nosso prezidente honorario, propomos, que este Instituto eleja de seo seio uma commissão para cumprimentar o commandante e officiaes d'esse vazo, e outra para, entendendo-se com a grande commissão da imprensa, com ella promover uma manifestação de estima áquella nação amiga. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard.* Tenente coronel *João Vicente Leite de Castro. J. A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira. Jozé Luiz Alves. Luiz Cruls.* Dr. *Barão de Ribeiro de Almeida.* Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges. Visconde de Beaurepaire Rohan. João Severiano da Fonseca.*

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, como membro da commissão de redação da *Revista Trimensal* do Instituto, aprezenta exemplares, que são distribuidos pelos socios prezentes, das edições especiaes do volume consagrado á *Commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e da Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil por João de Leri, traduzida em linguagem vernacula por Tristão de Alencar Araripe.*

O mesmo Sr. conselheiro aprezenta como thezoureiro do Instituto a nota do orçamento para o anno de 1890, que vai transcripta em seguida á prezente acta. A esse proposito suscita o Sr. Henrique Raffard uma pequena discussão, que termina pela proposta, que foi aceita, da convocação de uma sessão na sexta-feira proxima para se tratar do assumpto.

O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca propõe, que se não effectue este anno a sessão magna annual do costume, e assim se decide.

O Sr. D. Enrique Moreno offerece ao Instituto, em nome do autor, o Sr. D. Alessandro Sorondo, prezidente do *Instituto geografico Argentino*, um bellissimo exemplar da obra *Nociones de Geografia Argentina*, escritas con arreglo al programa do segundo año de las escuelas, impresso este anno em Buenos-Aires.

O Sr. Henrique Raffard aprezenta a seguinte proposta: « Proponho, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, attendendo aos altos merecimentos dos distinctos cidadãos argentinos D. Alessandro Sorondo, prezidente do *Instituto Geografico Argentino*, e D. Martin de Rivadavia, commandante da canhoneira argentina, ora surta no nosso porto, admitta-os para socios correspondentes. Sala das sessões 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard*. »

Declarando-se que nenhum dos socios prezentes deixa de annuir a esta proposta, é ella unanimemente approvada e são declarados socios os de que ella trata.

Lê-se em seguida a seguinte proposta, aprezentada pelo Sr. Dr. João Severiano da Fonseca e adoptada pelo Sr. prezidente: « Propomos para membros honorarios do Instituto os Exms. Srs. D. Manoel Villamil Blanco, ministro plenipotenciario da Republica Chilena, e D. Blas Vidal, ministro plenipotenciario da Republica Oriental, e para membro correspondente o Sr. D. Constantino Bannen, commandante do couraçado chileno Almirante Cochrane, notaveis por sua intelligencia, seos serviços á sciencia e seo affecto ao nosso paiz. Sala das sessões do Instituto em 29 de novembro 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Dr. João Severiano da Fonseca. Tristão*

de Alencar Araripe. Jozé Mauricio F. Pereira de Barros. Luiz Cruls. Jozé Luiz Alves. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt. Tenente-coronel *João Vicente Leite de Castro. Luiz Rodrigues de Oliveira. Henri Raffard. Enrique Moreno. Dr. Barão de Ribeiro de Almeida.* Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges. Visconde de Beaurepaire Rohan. Dr. J. A. Teixeira de Mello.*

Assignada como se acha, a proposta é *ipso facto* unanimemente approvada.

Levanta-se então o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, e pronuncia extremamente commovido o seguinte discurso, que é ouvido de pé :

Sr. prezidente. Srs. consocios. Quaesquer que sejam os sentimentos patrioticos, que animam os Brazileiros, quaesquer que sejam os arroubos d'alma por esta ou aquella idéa de liberdade, ha lugar, ha sempre lugar, senhores, para o são, o justo, o honesto, para os sentimentos de hombridade e dignidade humana; sentimentos cuja auzencia são o indice de que periclita a honorabilidade social; sentimentos cuja auzencia bem se define na expressão conhecida—falta de sentimentos.

O advento da Republica Brazileira trouxe-nos uma perda immensa e um immenso pezar : o afastamento do nosso augusto e venerando imperador. Sahio—, mas o Instituto sabe, que sua retirada não foi um castigo; foi a consequencia imperioza, imprescindivel, fatal, da nova ordem de couzas; foi uma necessidade inevitavel; foi a garantia, não só para a estabilidade da nação, como para a individualidade do imperador. E com elle seguiram todo o respeito, estima e veneração que os Brazileiros devem e têm a esse grande e virtuoso varão. Sahio, porque não podia ficar. Não é um decahido; é antes um apozentado; retirando-se com todas as honras e distincçoes.

Senhores. S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara era o protector, o pai do Instituto. E eu levanto-me aqui, solemnemente, para pedir ao Instituto, que, no meio dos seos arroubos pelos esplendores da mãi patria, não se esqueça da gratidão, que deve áquelle que foi seo protector e pai.

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*........		3:200$000
Reimpressão de numeros esgotados......		2:600$000
Remessa da *Revista*..................		200$000
Encadernação de livros................		200$000
Compra de livros......................		200$000
Expediente na fórma seguinte :		
Asseio da caza...........	20$000	
Illuminação.............	50$000	
Papel, tinta, pennas, etc..	100$000	170$000
Vencimentos de empregados :		
Bibliotecario............	1:400$000	
Escripturario...........	780$000	
Porteiro................	840$000	3:020$000
Porcentagem ao cobrador..............		200$000
Eventuaes...........................		120$000
Pagamento de contas ainda não aprezentadas de despezas feitas com a sessão em obzequio aos oficiaes chilenos....		$

Si aparecer em sobras, comprar-se-ão apolices da divida publica na fórma anteriormente determinada.

Rio 29 de Novembro de 1889.

T. de Alencar Araripe
Tezoureiro.

Nós abaixo-assignados, membros da commissão de fundos e orçamento, concordamos com o orçamento aprezentado pelo nosso digno consocio o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe para vigorar no anno vindouro. (*)

Rio de Janeiro 6 de Dezembro de 1889.

Jozé Luiz Alves.
Francisco Jozé Borges

(*) Foi aprovado este parecer em sessão de 6 de Dezembro de 1889, como adiante se verá da acta respectiva.

OFFICIO

Ministro del Interior. Buenos-Aires Octubre 30 de 1889. Estimado Señor Ministro. Tuve honor de recibir la comunicacion de U. en lo que me participó que el Instituto Historico y Geografico del Brazil me habia nombrado por unanimidad de votos miembro honorario del mismo. U. me remitió tambien copia de la nota del distinguido Sr. secretario de esa asociacion, avisandole que mi nombramiento habia sido ocasionado por haber firmado con V. Ex. el tratado de arbitraje sobre la cuestion de Misiones. U. se dignó entregarme el diploma respectivo, y nada es para mi mas honroso que aceptarlo como una gran distincion de un cuerpo cientifico, tan vinculado por sus trabajos y su composicion á la gloria del Brazil y al adelanto de las ciencias. El tratado sobre Misiones que ha dado origen á mi nombramiento es y será siempre considerado por todos como la obra del patriotismo de los dos gobiernos, que lo han llevado á cabo, como un triunfo del derecho por el principio del arbitraje que establece, si fallara el arreglo directo y como una nueva demonstracion de que para el mantenimiento de la paz, de la amistad sincera y del reciproco respecto que se merecen nuestros respectivos paizes, no hay ni habrá obstacúlo que no pueda ser digno y cordialmente removido. Quiera el Señor Ministro llevar esta nota al conocimiento del Sr. secretario del Instituto Historico y Geografico, y aceptar mi especial consideracion y particular aprecio. Exm. Sr. Baron de Alencar, E. E. y Ministro Plenipotenciario de S. M. el Emperador del Brazil.

V. QUIRNO COSTA.

22ª. SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE DEZEMBRO DE 1889

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Achando-se prezentes, ás horas do costume, os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, Marquez de Paranaguá, Drs. Cezar Marques, Luiz Cruls, Sacramento Blake e Pinheiro de Bitencourt, conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros, Henrique Raffard, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, commendador Jozé Luiz Alves, capitão de fragata Garcez Palha, coronel Fausto de Souza, João Capistrano de Abreo e Dr. Teixeira de Mello, abre o Sr. prezidente a sessão.

E' lida e aprovada a acta da sessão anterior. O Sr. Dr. Severiano da Fonseca, secretario supplente servindo de 1°. secretario, aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Manoel Messias de Gusmão, enviando um exemplar do relatorio com que passou a administração da provincia das Alagôas, no dia 1° de Agosto do corrente anno, ao Sr. Dr. Manoel Victor Fernandes Barros.

OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia da Australia e de Washington os seos *boletins*. Pelo director do observatorio astronomico do Rio de Janeiro a sua *revista* de Outubro e Novembro ultimo ns. 10 e 11, anno IV. Pelo consocio o Sr. Henrique Raffard a sua photographia. Pelas respectivas redações os periodicos seguintes:—*Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal de Minas*, *Jornal do Amazonas*, *Imprensa*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Géographie*, *Etoile du Sud*.

ORDEM DO DIA

O socio Dr. Pinheiro de Bitencourt aprezenta o discurso, que, como orador da commissão encarregada pelo Instituto de comprimentar a bordo da canhoneira *Argentina* o commandante Martin Rivadavia e a officialidade do mesmo navio, pronunciou no dia 30 de Novembro do proximo passado e é o seguinte :

« Sr. commandante Rivadavia, srs. oficiaes da canhoneira *Argentina*. O Instituto Historico e Geographico do Brazil, a mais antiga das associações scientificas do nosso paiz, e da qual é muito digno prezidente honorario o chefe supremo da vossa republica, e membros conspicuos os eminentes cidadãos D. Bartolomeo Mitre e Drs Estanisláo Zeballos, Quirno Costa e Enrique Moreno, nos envia em commissão para comprimentar-vos e saudar em vossas pessoas a pujante e glorioza nação argentina, a que estão certamente rezervados altos destinos n'esta parte do continente americano.
Os laços de fraternidade, que cada vez mais se têm estreitado entre o vosso e o nosso paiz, é de esperar, que jámais se afrouxem, de sorte que as duas mais poderozas nações da America Meridional possam caminhar desassombradas para a consecução dos seos futuros destinos.

A amizade reciproca entre Argentinos e Brazileiros tem-se afirmado não só nos dias bonaçozos da paz, como nos tempos calamitozos da guerra, quando juntos combatemos para libertar o Paraguay do jugo tiranico de Francisco Solano Lopes.

Sr. commandante Rivadavia, o vosso nome é legendario, pois recorda o do grande patriota Bernardino Rivadavia, que tanto se esforçou para tornar vossa patria indepedente, grande e feliz. O Instituto Historico vos envia suas homenagens e á brioza nação argentina, e nós nos julgamos sumamente honradas por sermos os interpretes dos sentimentos de tão douta corporação.»

O Sr. Dr. Cezar Marques communica, que desempenhou a commissão, de que o encarregára o Instituto, de aprezentar á familia do illustre consocio falecido

Visconde de Vieira da Silva os sentimentos de pezar, que cauzou á associação o seo falecimento.

Aprezentando o Sr. Henrique Raffard uma proposta para que seja elevado á categoria de socio honorario o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, o Sr. prezidente avoca a si e formula-a nos seguintes termos, que são recebidos com unanimes aplauzos: « Na fórma do artigo 4.° dos estatutos na parte que se refere aos membros honorarios, passo para essa categoria o nosso consocio efectivo Dr. João Severiano da Fonseca, de que se torna merecedor não só pelos relevantes serviços prestados ao Instituto Historico, como pelas eminentes qualidades que o caracterizam. »

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan communica, que desempenhou junto da familia do nosso consocio Dr. Felizardo Pinheiro de Campos a incumbencia de que o encarregára o Instituto de lhe aprezentar o pezar de que se achava possuida a associação pelo falecimento d'aquelle nosso activo companheiro de trabalhos, um dos dois que restavam da época da sua fundação.

O Sr. Henrique Raffard propõe, que se celebre uma sessão especial para o recebimento dos socios ultimamente eleitos, commandante Constantino Bannen e Martin Rivadavia, da marinha argentina; discutida esta proposta entre o aprezentante e os Srs. Drs. Pinheiro de Bitencourt, Cezar Marques e Visconde de Beaurepaire Rohan, adopta-se a de organizar-se, de preferencia, por não haver mais tempo para aquella sessão, uma commissão que lhes vá levar os respectivos diplomas, e são nomeados para a comporem os socios capitão de fragata Garcez Palha, Henrique Raffard e Dr. Luiz Cruls.

Entra n'essa occazião o novo socio o Sr. ministro do Chile D. Manoel Villamil Blanco, que é saudado pelo Sr. prezidente e responde em frazes eloquentes, exalçando os meritos do Instituto e a nomeada universal de que este goza e agradecendo a honroza distinção que lhe foi conferida de seo socio honorario, a que saberá corresponder.

O Sr. Marquez de Paranaguá responde-lhe em nome do Instituto, fazendo sobresahir os dotes pessoaes

dos nossos estatutos as seguintes ultimas palavras: « Sendo sómente eleito por dois o 1°. secretario. Sala das sessões do Instituto 6 de Dezembro de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*. Dr. *Cezar Augusto Marques*. Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*, com restricção quanto á 3ª. parte. *Jozé Mauricio F. Pereira de Barros*. *Jozé Luiz Alves*. *Francisco Jozé Borges*. *Henri Raffard*. *Visconde de Beaurepaire-Rohan*. *Marquez de Paranaguá*. *Luiz Cruls*. *T. de Alencar Araripe*. *João Severiano da Fonseca*. *Garcez Palha*.»

Postas á votação estas modificações dos estatutos, são sem discrepancia approvadas.

Entra em discussão o orçamento para o anno proximo futuro de 1890, lendo-se antes o parecer da commissão respectiva, que o aprova e adopta. O Sr. Dr. Cezar Marques propõe, que n'elle se inclua uma verba especial, marcando-se a quantia, que se combinar, para gratificações aos empregados do Instituto, que fizeram serviços extraordinarios por ocazião dos preparativos e durante a expozição chilena. O Sr. conselheiro Alencar Araripe entende, que não convem marcar gratificação alguma por ora, quando aliás já esses serviços foram retribuidos com gratificação especial; si porém houver sobras no fim do anno, então poder-se-á tratar d'este objecto augmentando-se essa gratificação. O Sr. commendador Jozé Luiz Alves entende, que não haverá sobras, por isso que ha muitas despezas, a que cumpre attender-se como, por exemplo, o preenchimento das lacunas, que se observam na collecção da *Revista Trimensal*. Falou ainda o Sr. conselheiro Alencar Araripe, cuja opinião no sentido já exposto é adoptada.

O Sr. prezidente recorda ao Instituto a proposta enviada na passada sessão pelo 1.° secretario o Sr. Barão Homem de Mello, relativa á nomeação de uma commissão encarregada de saudar e cumprimentar o governo provizorio da republica, e submette-a á discussão. O Sr. capitão de fragata Garcez Palha declara, que, attendendo-se a que o Instituto, associação perante as letras, nada

tem que ver com movimentos politicos do paiz, inteiramente alheios aos seos fins,entende, que não deve o Instituto tomar conhecimento da alludida proposta. Acrescenta ainda, que a sua opinião nada tem de suspeita, como infensa á nova fórma de governo adoptada pela nação, por isso a aprezenta dezassombradamente. O Sr. Dr. Cezar Marques observa ser incabivel a proposta do consocio Barão Homem de Mello, quando elle a faz estando auzente, e propondo nomes que devem ficar á deliberação do nosso prezidente. Não havendo mais quem a quizesse discutir, o Sr. prezidente submete á votação a proposta em questão, que é regeitada.

Ao tratar-se do orçamento do Instituto para o anno vindouro, aprezentou o Sr. Henrique Raffard a seguinte proposta:

Proponho que o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* aceite o offerecimento feito por um illustre consocio nosso, que se propõe a fornecer a quantia necessaria para o pagamento de todas as despezas relativas á festa chilena, que se realizou a 30 de Outubro ultimo, bem como á impressão de um livro especial commemorativo, ficando garantido este emprestimo ou adiantamento com os fundos do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, o qual providenciará para o respectivo reembolso, quando se tiver certeza de não se poder obter a importancia para se saldarem as referidas despezas sem sacrificio dos cofres do Instituto. Sala das sessões 6 de Dezembro de 1889. *Henri Raffard*. Depois de breve discussão, e sendo ouvido o Sr. thezoureiro, foi aceita esta proposta.

Lê-se a seguinte declaração : « Sala das sessões do Instituto 6 de Dezembro de 1889. Não tendo assistido á sessão anterior, propomos, que se insira na acta da sessão de hoje, que adherimos com prazer á moção aprezentada pelo nosso consocio Dr. Severiano da Fonseca, bem como ás considerações com que o precedeo e que traduzem nossos sentimentos melhor do que o poderiamos fazer. *Jozé Egidio Garcez Palha. Augusto Fausto de Souza.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Marquez de Paranaguá.* Dr. *Pinheiro de Bitencourt.* Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.*

O Sr. Dr. Sacramento Blake pede, que no dia da eleição dos membros da meza, que têm de servir no anno proximo futuro, o não nomeiem para nenhuma d'ellas, porque, tendo tomado activa parte nas que terminam agora o seo mandato, sente-se fatigado e preciza de descanso.

Nada mais havendo a tratar-se, dá o Sr. prezidente por finda a sessão.

Dr. *Teixeira de Mello,* 2.° secretario-interino.

Sessão em assembléa geral para a eleição da meza e commissões para o anno de 1890, celebrada em 21 de Dezembro de 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto Historico e Geographico Brazileiro socios em numero sufficiente, o Sr. prezidente abrio a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da meza e das commissões, que devem servir no anno de 1890, e procedendo-se á eleição na fórma dos estatutos, foram eleitos :

PREZIDENTE

Joaquim Norberto de Souza Silva.

1.° VICE-PREZIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.° VICE-PREZIDENTE

Visconde de Beaurepaire-Rohan.

3.° VICE-PREZIDENTE

Dr. Cezar Augusto Marques.

1.° SECRETARIO

João Severiano da Fonseca.

2.° SECRETARIO

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Henrique Raffard.
Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.

ORADOR

Visconde de Taunay.

THEZOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador Jozé Luiz Alves.
Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.
Henrique Raffard.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDAÇÃO

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. João Severiano da Fonseca.

COMMISSÃO DE REVIZÃO DE MANUSCRITOS

João Capistrano de Abreo.
Conselheiro Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro.
Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Barão de Ribeiro de Almeida.
Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato.
Coronel Augusto Fausto de Souza.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.
Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.
Dr. Luiz Cruls.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Barão de Capanema.
Capitão de fragata Jozé Candido Guillobel.
Visconde de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
João Capistrano de Abreo.
Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Ladisláo de Souza Mello Neto.
Barão de Capanema.
Primeiro-tenente Arthur Indio do Brazil.

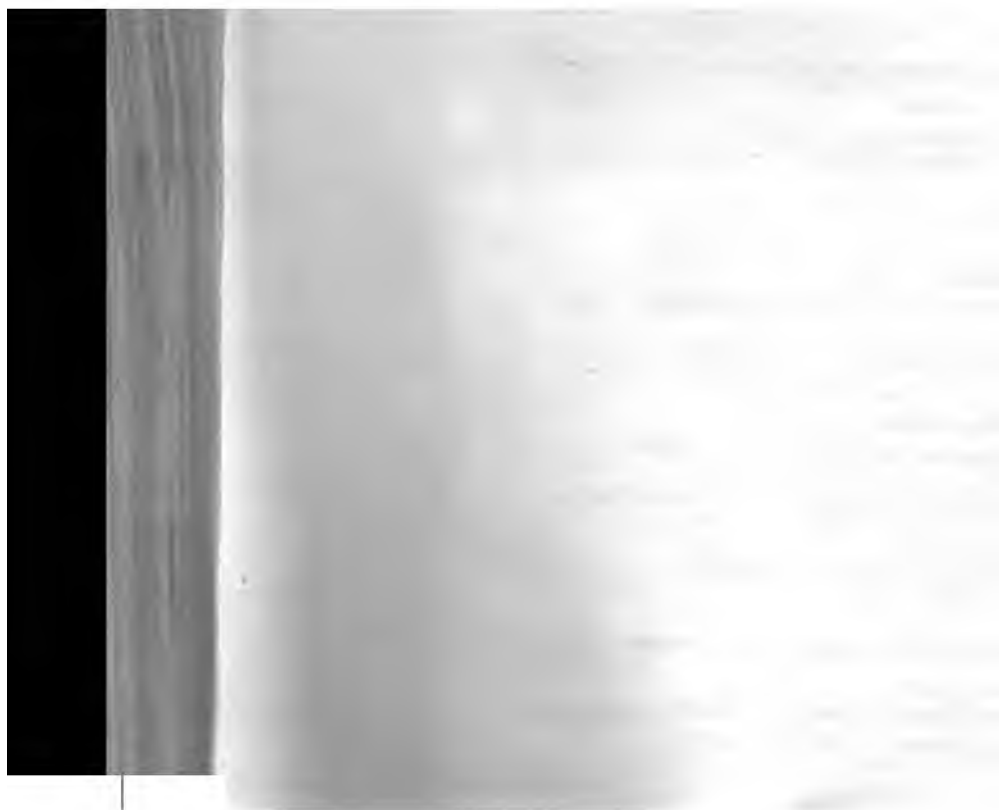
COMMISSÃO DE PESQUIZAS DE MANUSCRITOS

Henrique Raffard.
Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Alfredo Piragibe.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Visconde de Taunay.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Conselheiro Manoel Francisco Correia.

MEDALHA COMMEMORATIVA

DA

LEI DE 13 DE MAIO DE 1888

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro mandou cunhar uma medalha commemorativa da lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extincta a escravidão no Brazil.

Esta medalha reprezenta a efigie da serenissima princeza imperial D. Izabel, que como Regente do Imperio sancionou a dita lei, e consagra a data d'este grande acto legislativo.

Tiraram-se 552 exemplares de ouro, prata e bronze.

No dia 13 de Maio de 1889, anniversario da lei, o Instituto Historico mandou, por uma commissão de seo seio, entregar um exemplar da dita medalha de ouro á Sua Magestade o Imperador, e outro á serenissima princeza, que receberam a offerta com significativas demonstrações de apreço.

O Instituto rezolveo tambem offerecer uma medalha ao Santissimo Padre, e outra ao cardeal secretario.

Os demais exemplares foram mandados distribuir pela fórma que adiante se vê, conservando-se alguns exemplares de bronze para subsequente distribuição. Esta deliberação foi tomada em sessão do Instituto Historico de 25 do mez de Maio de 1889, e em outras posteriores.

Distribuição das medalhas de prata

MINISTERIO 10 DE MARÇO DE 1888

1 João Alfredo Corrêa de Oliveira.
2 Antonio da Silva Prado.
3 Antonio Ferreira Viana.
4 Jozé Fernandes da Costa Pereira.
5 Thomaz Jozé Coelho de Almeida.
6 Luiz Antonio Vieira da Silva.
7 Rodrigo Augusto da Silva.

SENADO

8 Visconde do Serro-Frio, prezidente.

CAMARA DOS DEPUTADOS

9 Barão de Lucena, prezidente.

PRINCIPES

10 Conde d'Eu.
11 Principe D. Pedro Augusto.
12 Principe D. Augusto Leopoldo.

INSTITUTO HISTORICO

Meza administrativa

13 Joaquim Norberto de Souza Silva, prezidente.
14 Olegario Herculano de Aquino e Castro, 1.° vice-prezidente.
15 Visconde de Beaurepaire-Rohan, 2.° vice-prezidente.

16 Joaquim Pires Machado Portella, 3.° vice-prezidente
17 João Franklin da Silveira Tavora, 1.° secretario.
18 Augusto Fausto de Souza, 2.° secretario.
19 Tristão de Alencar Araripe, thezoureiro.
20 Alfredo de Escragnolle Taunay, orador.

Socios honorarios nacionaes

21 João Manoel Pereira da Silva.
22 Maximiano Marques de Carvalho.
23 Barão de Capanema.
24 Visconde de Souza Fontes.
25 Barão Homem de Mello.
26 Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
27 Cesar Augusto Marques.
28 Visconde de Mauá.
29 Manoel da Costa Honorato.

Socios honorarios estrangeiros

30 Fernando Denis, França.
31 Bartolomeo Mitre, Confederação Argentina.
32 Domingos Santa Maria, Chile.

CORPO DIPLOMATICO CONSULAR

33 Ministro Americano.
34 Ministro Argentino.
35 Ministro Oriental.
36 Ministro Chileno.
37 Ministro Portuguez.
38 Decano do corpo consular estrangeiro no imperio (Eugenio Emilio Raffard, consul geral da Suissa no Brazil).

CORPORAÇÕES E SOCIEDADES

39 Camara Municipal do Acarape (1°. municipio livre no Brazil).
40 Confederação Abolicionista.
41 Gabinete Portuguez de Leitura da côrte.
42 Muzeo Nacional.
43 Muzeo Militar.
44 Muzeo de Marinha.
45 Muzeo do Instituto Historico Geographico Brazileiro.
46 Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

DIVERSOS

47 Internuncio do Brazil.
48 Abade geral de S. Bento.
49 Abade de S. Bento da côrte.
50 Antonio Borges de Sampaio.

Distribuição das medalhas de bronze

SOCIOS DO INSTITUTO HISTORICO

Socios nacionaes effectivos

1 Felizardo Pinheiro de Campos.
2 Antonio Alvares Pereira Coruja.
3 Visconde de Nogueira da Gama.
4 Francisco Jozé Borges.
5 Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
6 Barão do Ladario.
7 Jozé Vieira Couto de Magalhães.
8 Barão de Ribeiro de Almeida.
9 Barão do Rio-Branco.
10 Luiz Francisco da Veiga.
11 Ladislão de Souza Mello Neto.
12 Barão de Ramiz.
13 Nicolão Joaquim Moreira.
14 Rozendo Muniz Barreto.
15 João Barboza Rodrigues.
16 João Severiano da Fonseca.
17 Alfredo Piragibe.
18 Barão de Tefé.
19 Francisco Calheiros da Graça.
20 Jozé Alexandre Teixeira de Mello.
21 Jozé Candido Guilhobel.
22 Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.
23 Jozé Egidio Garcez Palha.
24 Manoel Pinto Bravo.
25 Pedro Paulino da Fonseca.
26 Francisco Ignacio Ferreira.
27 Henrique Raffard.
28 Manoel Francisco Corrêa.
29 João Capistrano de Abreo.
30 Barão de Miranda Reis.
31 Francisco Jozé Ferreira Baptista.
32 Barão de Lavradio.
33 Visconde de Sinimbú.
34 Visconde de Barbacena.
35 Jozé Jansen do Paço.
36 Jozé Tavares Bastos.
37 Quintiliano Jozé da Silva.
38 Barão de São-Felix.
39 Barão de Macahúbas.
40 Visconde de Valdetaro.

Socios nacionaes correspondentes

41 João Lopes da Silva Coito.
42 Barão de Lopes Neto.
43 Barão de Penedo.
44 Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante.
45 Barão do Desterro.
46 Barão de Souza Queiroz.
47 Jozé de Barros Pimentel.
48 Luiz Antonio Barboza de Almeida.
49 Jozé Joaquim da Gama Silva.
50 Ricardo Gumbleton Daunt.
51 Angelo Thomaz do Amaral.
52 Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.
53 João Brigido dos Santos.
54 João Pedro Gay.
55 Barão de Guajará.
56 Epifanio Candido de Souza Pitanga.
57 Eduardo Jozé de Moraes.
58 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.
59 Jozé de Vasconcellos.
60 Joaquim Floriano de Godoi.
61 Luiz de França Almeida Sá.
62 Americo Braziliense de Almeida Mello.
63 Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.
64 Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo.
65 Bernardo Saturnino da Veiga.
66 Antonio Jozé Victorino de Barros.
67 Domingos Jozé Nogueiro Jaguaribe Filho.
68 Francisco de Paula Toledo.
69 Jozé Antonio de Azevedo Castro.
70 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
71 Visconde de Ourem.
72 Jozé Higino Duarte Pereira.
73 Francisco Augusto Pereira da Costa.
74 Antonio Borges de Sampaio.
75 Antonio Ribeiro de Macedo.
76 Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
77 Jozé Verissimo de Matos.
78 D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará).
79 Barão de Ibituruna.
80 Artur Indio do Brazil.
81 Marquez de Paranaguá.
82 Jozé Luiz Alves.
83 Luiz Cruls.
84 Luiz Rodrigues de Oliveira.
85 Virgilio Martins de Mello Franco.
86 Conde de Mota Maia.

Socios estrangeiros

87 Emmanuel Liais.
88 Vivien de Saint Martin.
89 Diogo de Barros Arana.
90 Benjamin Vicuna Mackena.
91 Jozé Maria Latino Coelho.
92 Alexandre de Serpa Pinto.
93 Alexandre Baguet.
94 Paulo Gafarel.
95 Vicente G. Quezada.
96 Estanislão S. Zeballos.
97 Francisco Gomes de Amorim.
98 Angelo Justiniano Carranza.
99 Pedro Venceslão de Brito Aranha.
100 Manoel Pinheiro Chagas.
101 Visconde de Wilaick.
102 Jorge Bancroft.
103 Antonio da Costa.
104 Jozé Silvestre Ribeiro.
105 Cezar Cantú.

Estabelecimentos Publicos

1 Academia de Bellas-Artes.
2 Archivo Militar.
3 Archivo Publico Nacional.
4 Bibliotheca Nacional.
5 Bibliotheca Militar da côrte.
6 Bibliotheca do Ceará.
7 Bibliotheca de Porto Alegre.
8 Bibliotheca do Recife (faculdade de direito).
9 Bibliotheca do Espirito Santo.
10 Bibliotheca do Paraná.
11 Bibliotheca da Bahia.
12 Bibliotheca do Amazonas.
13 Bibliotheca de São-Paulo (faculdade de direito).
14 Bibliotheca da faculdade de medicina da côrte.
15 Bibliotheca da faculdade de medicina da Bahia.
16 Bibliotheca da Escola Polytechnica.
17 Collegio Militar.
18 Escola Militar do Ceará.
19 Escola Militar do Rio Grande do Sul.
20 Imperial Collegio de Pedro II.
21 Muzêo do Pará.
22 Muzêo Botanico de Manáos.

Corporações

1 Camara Municipal da côrte.
2 Camara Municipal de Niteroy.
3 Camara Municipal de Manáos.
4 Camara Municipal de Belem.
5 Camara Municipal de São-Luiz do Maranhão.
6 Camara Municipal de Therezina.
7 Camara Municipal da Fortaleza.
8 Camara Municipal do Natal.
9 Camara Municipal da Parahiba.
10 Camara Municipal do Recife.
11 Camara Municipal de Maceió.
12 Camara Municipal de Aracajú.
13 Camara Municipal da Bahia.
14 Camara Municipal da Victoria.
15 Camara Municipal de Curitiba.
16 camara Municipal do Desterro.
17 Camara Municipal de Porto Alegre.
18 Camara Municipal de Ouro-Preto.
19 Camara Municipal de Cuiabá.
20 Camara Municipal de Goiaz.
21 Camara Municipal de São-Paulo.
22 Camara Municipal do Icó (1ª. cidade livre no Brazil).
23 Camara Municipal do Porto de Cima.

Bispos

1 Do Pará.
2 Do Maranhão.
3 Do Ceará.
4 De Olinda (Pernambuco).
5 Da Bahia (arcebispo).
6 Do Rio de Janeiro.
7 De São-Paulo.
8 Do Rio grande do Sul.
9 De Marianna (Minas)
10 De Diamantina (Minas)
11 De Goiaz
12 De Cuiabá (Mato-Grosso).

Sociedades nacionaes

1 Academia Imperial de medicina da côrte.
2 Associação Commercial do Rio de Janeiro.
3 Associação Commercial da Bahia.
4 Associação Commercial de Pernambuco.
5 Associação Commercial do Pará.
6 Associação Commercial de Porto Alegre .
7 Associação Promotora da instrução (côrte).
8 Bibliotheca Fluminense.
9 Bibliotheca de Barbacena.
10 Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão.
11 Gabinete Portuguez de Leitura do Pará.
12 Grande Oriente do Brazil.
13 Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco.
14 Instituto Archeologico das Alagôas.
15 Instituto Archeologico Pernambucano.
16 Instituto do Ceará.
17 Instituto da ordem dos advogados da côrte.
18 Liceo de artes e officios da côrte.
19 Sociedade Amante da Instrucção da côrte
20 Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Imprensa da côrte

1 Jornal do Commercio.
2 Paiz.
3 Gazeta da Tarde.
4 Gazeta de Noticias.
5 Cidade do Rio.
6 Diario de Noticias.
7 Diario do Commercio.
8 Diario Official.
9 Rua.
10 Novidades.
11 Italia.
12 Etoile du Sud.
13 Constitucional.
14 Tribuna Liberal.
15 Apostolo.
16 Revista Treze de Maio.
17 Revista Illustrada.

Diversas pessoas

1 Visconde do Cruzeiro, prezidente da camara dos deputados em 1871.
2 Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, membro do ministerio de 7 de Março de 1871.
3 Manoel Antonio Duarte de Azevedo, idem.
4 Francisco do Rego Barros Barreto, idem.
5 Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, idem.
6 Visconde de Jaguaribe, idem.

7 Manoel Pinto de Souza Dantas, prezidente do conselho de ministros em 1885.
8 Jozé Ignacio Silveira da Mota.
9 Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.
10 João Cordeiro, prezidente da sociedade abolicionista do Ceará.
11 João Clapp, prezidente da confederação abolicionista.
12 Jozé do Patrocinio.
13 Antonio Bento, chefe dos abolicionista em São-Paulo.
14 Barão de Ibiapaba.
15 Frederico Augusto Borges.
16 Antonio Pinto de Mendonça.
17 Jozé do Amaral.
18 Francisco do Nascimento, o famozo jangadeiro cearense.
19 D. Maria Thomazia, prezidente da primeira sociedade abolicionista de senhoras.
20 Tristão de Alencar Araripe Junior.
21 João Lopes Ferreira Filho.
22 Almino Alvares Affonso.
23 Antonio Martins.
24 Antonio Bezerra de Menezes.
25 Pedro Augusto Borges.
26 João Jozé Telles Marrocos.
27 Justiniano Serpa.
28 Rodolfo Marcos Theofilo.
29 Theodureto Souto.
30 Barão do Rio-Branco.
31 Viscondessa do Rio-Branco.
32 Viscondessa de Cavalcanti.
33 Carlos de Lacerda.
34 João Ramos.
35 Jozé Ferreira de Araujo.
36 Jozé Avelino Gurgel do Amaral.
37 Luiz de Andrade.
38 Ignacio Doelinger.
38 Ernesto Senna.
39 Ruy Barboza.
40 Candido Mendes de Almeida, para ser entregue á viuva.
41 Luiz Gama, idem.
42 Agostinho Marques Perdigão Malheiro, idem.
43 Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo.
44 Barão de Sobral.
45 Francisco de Paula Barros.
46 Joaquim Maria Machado de Assis.
47 Amarilio Olinda de Vasconcellos.
48 Jozé Diniz Villas-bôas.
49 João Capistrano do Amaral.
50 Jozé Pinto de Cerqueira.
51 Helvecio Mendes Limoeiro.
52 Visconde de São-Francisco.
53 Augusto Cezar Marques.
54 Barão de Itacurussá.
55 João Adriano Chaves.
56 Antonio Jozé Dias de Castro.
57 Eduardo de Mello Coutinho Mercier.
58 Barão de Bomfim.
59 Visconde de Franco.
60 Barão de Mesquita.
61 João Baptista Augusto Marques.
62 Jozé Thomaz Machado Portella.
63 Jozé Fernandes Coelho.
64 João Luiz Coelho.
65 Luiz Jozé Lecocq de Oliveira.
66 Jozé Ribeiro de Macedo.
67 Antonio Pedro de Azevedo.
68 Manoel Ernesto de Campos Porto.
69 Manoel Ferreira dos Passos Costa.
70 Jozé Theodorico de Castro.
71 Antonio da Cruz Saldanha.
72 João Augusto da Frota.
73 João Carlos da Silva Jatahi.
74 Jozé Albano Filho.
75 Alfredo Salgado.
76 Francisco Dias da Silva Junior.
77 João Pedro Mallan.
78 Barão de Espozende.
79 Antonio Joaquim Coelho da Silva.
80 Antonio dos Prazeres Freitas.
81 Augusto Cezar de Macedo Brito.
82 Victor Lobato.
83 Antonio Rodrigues Sodré.
84 Izaias de Assis.
85 Joaquim Pinheiro Muller.
86 Consul de Italia.
87 Conde de Araruama.
88 Visconde de Quissaman.
89 Visconde de Ururahi.
90 João Franklin de Alencar Lima.
91 Luiz Antonio Alves de Carvalho
92 Julio Melli, prezidente do Circulo Suisso.
93 Angelo Eloy da Camara.
94 João Monteiro Cabral.
95 Julio de Freitas Cabral.
96 Barão de Aratanha.
97 Luiz Anselmo da Fonseca.
98 Abade do Carmo do Maranhão.
99 Augusto Alvares Guimarães.
100 Antonio Gomes dos Santos Lopes.

101 Conde de Nova-Friburgo.
102 Conde de São-Clemente.
103 Pedro Eunapio Deiró.
104 Francisco Augusto Ribeiro.
105 Tiberio Augusto d'Arruda.
106 Joaquim da Rocha Santos.

Sociedades e estabelecimentos estrangeiros

1 Academia dei Lincei. Roma.
2 Archivo dos Açores. Ponta Delgada.
3 Academie des Sciences de Pétersbourg. Petersbourg.
4 American Geographical Society. New-York.
5 Asociacion Rural del Uruguay. Montevidéo.
6 Academie Royalle de Science, des Lettres et des B. A. de B. Bruxellas.
7 American Association for the advancement of Science. Washington.
8 Academie Royale des Sciences. Munich.
9 Academie of Science of S. Louis. Missoury.
10 Adirondach Survey Office. Albany.
11 Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa.
12 Africanische Gesellschaft. Dresden.
13 Academie de Stanislas. Nancy.
14 Academie des Sciences, Agriculture, Commerce, Belles-Lettres et Arts du departement de la Somme. Amiens.
15 Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche. Napoles.
16 Academia Nacional de Sciencias en la Universidad de Cordoba.
17 Academia delle Scienze de Torino.
18 Academia de Ciencias Morales y Politicas de Madrid.
19 Academia Nacional de Sciencias em Cordoba (R. A). Cordoba.
20 Antropological Society of Washington. Washington.
21 Bibliotheca Nacional. Lisboa.
22 Bulletin du Canal Interoceanique. Paris.
23 Badische Gesellschaft fur Erdkunde. Lahr in Baden.
24 Bibliotheca Nacional. Montevidéo.
25 Bibliotheca Publica Eborense. Evora.
26 Botanisches Centralblat (A'la Redation du). Gottingen.
27 Bibliotheca Publica do Porto.
28 Bureau Sentifique Central Neerlandais. Harlem.
29 Bureau de Statistique. Budapest.
30 Boston Society of Natural History. Boston.
31 Badlische Geographische Gesellschaftres. Karlsruhe.
32 Boletim Mensual (Ministerio de Relaciones Esteriores). Buenos-Aires.
33 Bulletin of United States Geographical and Geological Survey of the Territories. Washington.
34 Comission Central de Agricultura del Uruguay. Montevidéo.
35 Canadian Institute. Toronto.
36 Conneticut Academy of Arts and Sciences. New-Hawen.
37 Commissioners of States Parks of the State of N. Y. Albany.
38 Commissão Central Permanente de Geographia. Lisboa.
39 Commission de statistique de la ville capitale de Prague.
40 Cronica Cientifica. Barcelona.
41 Deutsche Rundschan fur Geographie und statistik in Baviera. Munchen.
42 Department of Agriculture of the United States. Washington.
43 Direction de la Statistique Generale. Roma.
44 Entomological Commission. Washington.
45 Geographische Gesellchaft in Hannover.
46 Gesellschaft Geographische in Hamburg.
47 Geographische Gesellschaft (fur Thuringen) zu Saxe-Weimar. Jena.
48 Geographische Gesellschast zu Prussia. Greifswald.
49 Geographe Gesellschaft in Bremen.
50 Geographischen Gaselischaft in München.

51 Historical Society of Pennsylvania. Philadelphia.
52 Instituto Geographico Argentino. Buenos-Aires.
53 Institut Geographique International. Berne.
54 Indsch Aardrykundige Genootschap. Samarang.
55 Institut Geologique de Hongrie. Budapest.
56 Kaiserlich Akademie der Wissenschaften.
57 Kœniglilh Bayerische Akademie der Wissenschaften.
58 Kœnizl physikalisch-œchonomische Gewlischalt. Kœnigsberg.
59 Kais-Kœnizl geographische Gesellschaft. Wien.
60 Literary and Philosophical Society of Manchester. Manchester.
61 Literary and Historical society of Quebec.
62 Minesota Academy of Natural sciences. Mineapolis.
63 Musée Teiler. Harlem.
64 Muzèo Publico de Buenos-Aires. Buenos-Aires.
65 Muzèo Nacional do Mexico.
66 Observatorio do Infante D.Luiz. Lisbôa.
67 Observatorio Nacional Argentino. Cordoba.
68 Oberhessische Gesellschaft fur Naturund Kdilcunde. Giessen.
69 Oesterreichische Ingenieurund Architekten. Viena.
70 Orleans County Society of Natural Siences. New-Port.
71 Observatoire Royal de Munich.
72 Ostschweizerischen Geographischen Commerc.Gesellschaft in St. Gallen.
73 Royal Geographical Society (The) London.
74 Real Academia de Sciencias Morales y Politicas. Madrid.
75 Real Academia de la Historia. Madrid.
76 Royal Institut Geologique de Hongrie. Budapest.
77 Societé des Sciences Historiques et Naturelles de Yonne. Auxerre.
78 Societé de Geographie de Marseille. Marseille.
79 Societé Bibliographique (Polibillion). Pariz.
80 Société Normande de Geographie. Rouen.
81 Societé Geographique Roumaine. Bucharest.
82 Societé Belge de Geographie. Bruxelles.
83 Societé Imperiale de Naturalistes de Moscow. Moscow.
84 Societé de Geographie. Anvers.
85 Sociedad Geografica de Madrid. Madrid.
86 Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux. Bordeaux.
87 Societé de Geographie de Lyon. Lyon.
88 Societé Hispano-Portugaise. Toulouse.
89 Societé des Etudes Historiques (Ancien Institut Historique). Pariz.
90 Sociedad Nacional de Agricultura de Santiago do Chile.
91 Societá Adriatica de Scienze Naturali. Trieste.
92 Societé de Geographie de Genève. Genève.
93 Societá Geografica Italiana. Roma.
94 Sociedad de Geografia e Estatistica de la R. Mejicana. Mexico.
95 Sociedad de Ingenieros de Jalisco. Guadalajara.
96 Sociedad Scientifica Argentina. Buenos-Aires.
97 Sociedade de Geographia de Lisboa. Lisboa.
98 Societé de Geographie de Paris.
99 Societé Imperiale Russe de Geographie. Petersbourg.
100 Societé Hongroise des Sciences Naturales. Budapest.
101 Societé de Statistique de Marseille. Marseille.
102 Societé Linneene du Nord de la France. Amiens.
103 Sociedade de instrucção do Porto.
104 Sociedade de Geographia Commercial do Porto.
105 Societé de geographie et d'archeologie de Oran.
106 Societé des arts e des sciences de Batavia.

107 Smithsonian Institution. Washington.
108 Societé Hongroise de Geographie. Budapest.
109 Societá Africana d'Italia. Napoles.
110 Societé d'Antropologie de Lyon.
111 Societé des sciences Naturelles de Neufchatel.
112 Societé Nationale des sciences Naturelles et Mathematiques do Cherburg.
113 Societé de Geographie de Saint-Valeri-en-Caux. St. Valeri-en-Caux.
114 Societé de Geographie de l'Est Meuse (França). Bar-le-Duc.
115 Societé des Études Indo-chinoises de Saigon (Cochinchina). Saigon.
116 Societé Khedeviale de Geographie du Cairo.
117 Societé de Geographie de Tours.
118 Societé d'Etnographie de Pariz.
119 Societé Archeologique Croate. Agram.
120 Sociedad Economica de Amigos del Pais (Revista Filipina). Manilha.
121 Societé de Geographie Commerciale du Havre.
122 Sociedad Española de Geografia Commercial. Madrid.
123 Statiches Handbuch der koniglichen Hanptstadt. Praga.
124 Université Royale de Norveje. Christiania.
125 Universidad de Chile. Santiago.
126 Union Geographique du Nord de la France. Lille.
127 United States Geographical survey. Washington.
128 United States Naval Observatory. Washington.
129 United Stades National Museum. Washington.
130 United States Geological survey of the Territories. Washington.
131 Verein fur Erdkund. Metz.
132 Verein von Freunden der Erdkunde zu, Leipzig.
133 Verein für Erdkunde. Dresden.
134 Verein fur Erdkunde zu Halle.
135 War Departement-Office of the chief signal offlcer. Washington.
136 Wiscousin Academy of Sciences, Arts and Letters. Madison.

Socios admittidos em 1889

NACIONAES

1 Barão de Alencar.
2 Conde da Mota Maia.
3 Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
4 Jozé Francisco Diana.
5 João Vicente Leite de Castro.
6 Jozé Ricardo Pires d'Almeida.
7 D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo.
8 Torquato Xavier Monteiro Tapajós.

ESTRANGEIROS

1 Achiles de Giovanni.
2 Alexandre Sorondo.
3 Anibal Echeverria y Reis.
4 Anibal Ferrero.
5 Blas Vidal.
6 Bouquet de la Grye.
7 Carlos de Ibañes (Marquez de Mulhacen).
8 Constantino Bannen.
9 Duarte Gustavo Nogueira Soares.
10 Enrique Moreno.
11 Jean Martin Charcot.
12 Manoel de Villamil Blanco.
13 Mariano Semmolla.
14 Martin Rivadavia.
15 Norberto Quirno Costa.

Socios falecidos em 1889

NACIONAES

1 Barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley), falecido em 13 de Fevereiro de 1889.
2 Barão de Maruiá (João Wilkens de Matos), em 3 de Maio de 1889.
3 Antonio Alvares Pereira Coruja, em 4 de Julho de 1889.
4 Quintiliano Jozé da Silva, em 25 de Agosto de 1889.
5 João Lopes da Silva Coito, em 30 de Agosto de 1889.
6 Francisco Jozé Ferreira Baptista, em 12 de Setembro de 1889.
7 Visconde de Mauá (Irineo Evangelista de Souza), em 21 de Outubro de 1889.
8 Visconde de Vieira da Silva (Luiz Antonio Vieira da Silva), em 3 de Novembro de 1889.
9 Felizardo Pinheiro de Campos, em 24 de Novembro de 1889.
10 Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante, em 19 de Dezembro de 1889.

ESTRANGEIROS

1 Antonio Jozé Viale.
2 Domingo Santa Maria.
3 Marquez de Thomar (Antonio Bernardo da Costa Cabral).*

* Por erro de informação foi este consocio incluido como falecido na relação publicada no tom. 48 parte II, pag. 329 da Revista Trimensal. Antonio Bernardo da Costa Cabral, 1º. conde e 1º. marquez de Thomar, faleceu na Foz em Portugal a 1 de Setembro de 1889, com 86 annos de idade.

Relação nominal dos socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PROTECTOR IMMEDIATO

D. Pedro de Alcantara.

PREZIDENTES HONORARIOS

Principe de Joinville.
Conde d'Aquilla.
Principe Real da Dinamarca.
Conde d'Eu.
Duque de Saxe.
D. Miguel Juarez Celman.

Socios nacionaes honorarios em 31 de Dezembro de 1889

		ADMISSÃO NO INSTITUTO
1.	Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva	12 Ag. 1841
2.	Conselheiro Barão Homem de Mello (Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello)	3 Jun. 1869
3.	Conselheiro João Manoel Pereira da Silva	1 Dez. 1838
4.	General Visconde de Beaurepaire Rohan (Henrique de Beaurepaire Rohan)	10 Jun. 1847
5.	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5 Dez. 1862
6.	Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro	14 Jul. 1871
7.	Conselheiro Tristão de Alencar Araripe	21 Out. 1870
8.	Dr. Maximiano Marques de Carvalho	23 Jan. 1845
9.	Dr. Cezar Augusto Marques	4 Ag. 1865
10.	Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnolle Taunay)	28 Maio 1869
11.	Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira	19 Out. 1887
12.	Barão de Capanema (Guilherme Schuch de Capanema	19 Out. 1848
13.	Visconde de Souza Fontes (José Ribeiro de Souza Fontes)	23 Març. 1848
14.	Monsenhor Manoel da Costa Honorato	17 Nov. 1871
15.	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2 Ag. 1889
16.	Barão de Alencar	13 Set. 1889
17.	Conselheiro Jozé Francisco Diana	13 Set. 1889
18.	Visconde de Mota Maia	25 Out. 1889
19.	Dr. João Severiano do Fonceca *	1 Out. 1889

* Os nomes vão mencionados na ordem chronologica de sua elevação à categoria de socio honorario.

Socios nacionaes correspondentes em 31 de Dezembro de 1889

	ADMISSÃO NO INSTITUTO			REZIDENCIA
1. Barão de Lopes Neto (Felipe Lopes Neto)	14	Out.	1840	Europa
2. Barão de Penedo (Francisco Ignacio Carvalho Moreira)	12	Agt.	1841	»
3. Barão do Desterro (João Jozé de Almeida Couto)	23	Jan.	1845	Bahia
4. Barão de Souza Queiroz (Francisco Antonio de Souza Queiroz)	23	Jan.	1845	São-Paulo
5. Dr. Jozé de Barros Pimentel	23	Jan.	1845	Aracajú
6. Conselheiro Luiz Antonio Barboza de Almeida	23	Jan.	1845	Bahia
7. Commendador Jozé Joaquim da Gama Silva	2	Set.	1847	Belem (Pará)
8. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt	19	Dez.	1847	Campinas
9. Angelo Thomaz do Amaral	10	Out.	1851	Cap. Federal
10. Conselheiro Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja	23	Set.	1853	»
11. Conselheiro Tito Franco d'Almeida	21	Agt.	1857	Belem (Pará)
12. João Brigido dos Santos	22	Agt.	1862	Fortaleza
13. Conego João Pedro Gay	22	Agt.	1862	R. Gr. do Sul
14. Barão de Guajará (Domingos Antonio Raiol)	8	Nov.	1866	Belem (Pará)
15. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga	7	Nov.	1867	Cap. Federal
16. Tenente-coronel Eduardo Jozé de Moraes	5	Jul.	1872	»
17. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins	17	Jul.	1874	Belem (Pará)
18. Jozé de Vasconcellos	10	Dez.	1875	Recife
19. Dr. Joaquim Floriano de Godoy	4	Agt.	1876	São-Paulo
20. Luiz da França Almeida Sá	29	Set.	1876	R. Gr. do Sul
21. Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello	1	Jun.	1877	São-Paulo
22. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10	Maio	1878	Recife
23. Dr. Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo	28	Maio	1880	Cap. Federal
24. Bernardo Saturnino da Veiga	13	Agt.	1880	Campanha (Minas)
25. Commendador Antonio Jozé Victorino de Barros	7	Dez.	1883	Cap. Federal
26. Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe Filho	7	Dez.	1883	São-Paulo
27. Dr. Francisco de Paula Toledo	7	Dez.	1883	Taubaté

	ADMISSÃO NO INSTITUTO			REZIDENCIA
28. Dr. Jozé Antonio de Azevedo Castro.	24	Jul.	1885	Europa
29. Frederico Jozé de Sant'Anna Neri..	13	Nov.	1885	»
30. Visconde de Ourem (Jozé Carlos de Almeida Arêas)	1	Out.	1886	»
31. Dr. Jozé Higino Duarte Pereira	1	Out.	1886	Recife
32. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9	Dez.	1886	»
33. Coronel Antonio Borges de Sampaio	9	Dez.	1886	Uberaba
34. Tenente-coronel Antonio Ribeiro de Macedo	19	Out.	1887	Paraná
35. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonceca	19	Out.	1887	Fortaleza
36. Jozé Verissimo de Matos	16	Nov.	1887	Belém (Pará)
37. D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará)	13	Jul.	1888	
38. Barão de Ibituruna (João Baptista dos Santos)	13	Jul.	1888	Capital Federal
39. Capitão-tenente Artur Indio do Brazil	13	Agt.	1888	»
40. Marquez de Paranaguá (João Lustoza da Cunha Paranaguá)	13	Agt.	1888	»
41. Commendador Jozé Luiz Alves	13	Agt.	1888	»
42. Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira	13	Agt.	1888	»
43. Dr. Luiz Cruls	13	Agt.	1888	»
44. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco	13	Agt.	1888	Barbacena
45. Torquato Xavier Monteiro Tapajós	5	Jul.	1889	Capital Federal
46. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt	25	Out.	1889	»
47. Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro	25	Out.	1889	»
48. Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida	25	Out.	1889	»

Socios estrangeiros honorarios (*)

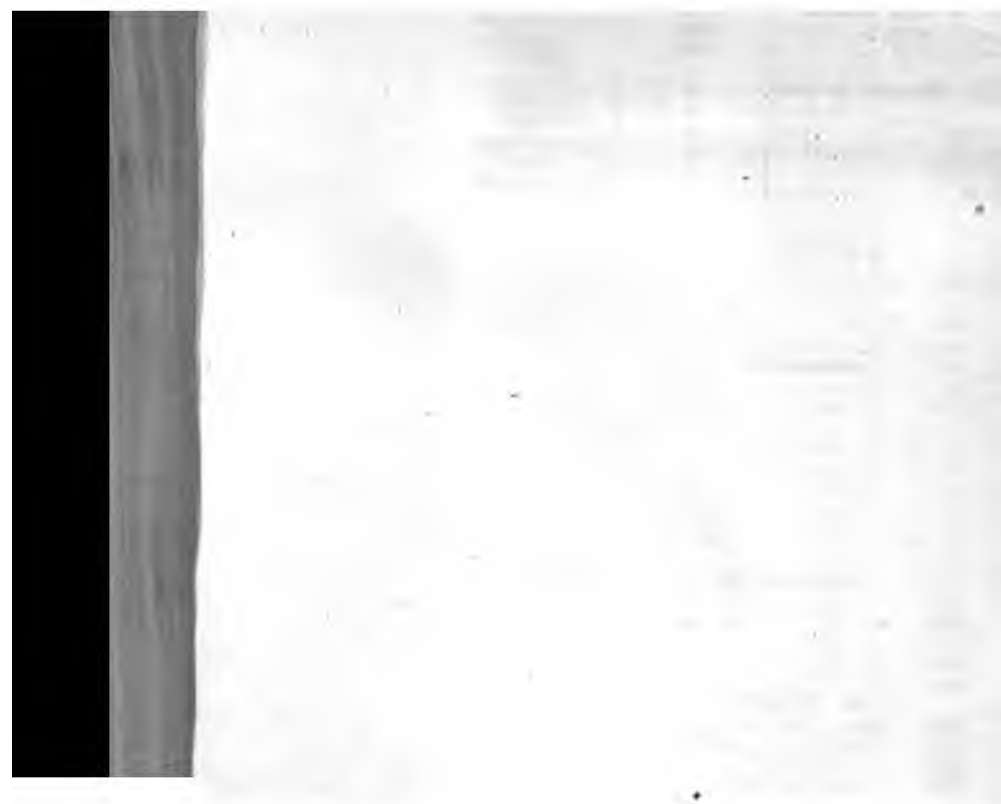
	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Principe de Cariati	1839	Italia.
2 Principe de Scilla	»	»
3 Artur Brooke	»	Inglaterra.
4 Barão de Maltitz	»	Alemanha.
5 João Fernando Denis	»	França.
6 Manoel de Sarratéa	1840	Confeder. Arg.
7 Ambrozio Campadonico	1841	Italia.
8 Agatino Longo	1842	»
9 Filippe Rizzi	»	»
10 Fernando de Lucca	1843	»
11 Giuseppe Ceva Grinaldi (Marquez)	»	»
12 Nicolão de Santo Angelo	»	»
13 Thomas C. de Mosquera	1844	Equador.
14 Jozé Vargas	1845	Venezuela
15 Alberto Gallatin	1846	Estados-Unidos.
16 Jorge Brancroft	1864	»
17 Bartolomeo Mitre	1871	Confeder. Arg.
18 Alexandre de Serpa Pinto	1881	Portugal.
19 Estanisláo E. Zeballos	1883	Confeder. Arg.
20 Enrique Moreno	1889	»
21 Norberto Quirno Costa	»	»
22 Duarte Gustavo Nogueira Soares	»	Portugal.
23 Jean Martin Charcot	»	França.
24 Mariano Semmola	»	Italia.
25 Achiles de Giovanni	»	»
26 Manoel Villamil Blanco	»	Chile.
27 Blasco Vidal	»	Uruguay.

Socios estrangeiros correspondentes

1 Carlos Zucchi	1839	Italia.
2 João Water House	»	Inglaterra.
3 Manoel Salas Corvaland	»	Chile.
4 Sabino Bertholet	»	França.
5 Guilherme Hunter	1840	Estado-Unidos.
6 Jozé Barandier	»	França.

* Desde 1883 que procuramos eliminar da lista dos socios estrangeiros o nome dos falecidos : não podemos porém conseguir ter exacto conhecimento do obito de todos os socios, que figuram em nosso quadro de 1838 a 1880. Não obstante a diligencia que temos empregado estamos certos, que ainda se conservam na prezente relação muitos finados, que serão riscados á proporção que nos vierem informações exactas e pozitivas.

N. da Red.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
59 Jozé Maria Latino Coelho..........	1877	Portugal
60 Francisco Gomes de Amorim.......	1880	»
61 Visconde de Wildick..............	»	»
62 Alexandre Baguet..................	1882	Belgica
63 Antonio da Costa..................	»	Portugal
64 Jozé Silvestre Ribeiro.............	»	»
65 Paulo Gafarel......................	»	França
66 Vicente G. Quezada...............	1883	Confed. Argent.
67 Manoel Pinheiro Chagas............	1884	Portugal
68 Pedro Venceslão de Brito Aranha...	»	»
69 Angelo Justiniano Carranza........	1887	Confed. Argent.
70 Anibal Echeverria y Reis...........	1889	Italia
71 Anibal Ferrero.....................	»	Chile
72 Carlos de Ibanes (Marquez de Mulhacen)..........................	»	Espanha
73 Bouquet de la Grye................	»	França
74 Alexandre Sorondo................	»	Confed. Argent.
75 Constantino Bannen..............	»	Chile
76 Martin Rivadavia...................	»	Confed. Argent.

RELAÇÃO

DAS

SOCIEDADES NACIONAES E ESTABELECIMENTOS PUBLICOS

PARA OS QUAES SE ENVIA A

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*

NOMES	SEDES
Academia de medicina	Capital federal.
Archivo militar	» »
Archivo publico	» »
Associação promotora de instrução	» »
Archivo do correio geral	» »
Bibliotheca da escola polytechnica	» »
Bibliotheca do exercito	» »
Bibliotheca de marinha	» »
Bibliotheca de medicina	» »
Bibliotheca municipal	» »
Bibliotheca nacional	» »
Bibliotheca publica	Fortaleza.
Bibliotheca publica do	Recife.
Bibliotheca publica de	Itaguahi.
Bibliotheca publica da	Victoria.
Bibliotheca publica do	Ouro-Preto.
Bibliotheca publica do	Desterro.
Bibliotheca publica da	Laguna
Bibliotheca de São João d'El-rei	S. João d'El-rei.
Bibliotheca publica de	Curitiba.
Bibliotheca publica de	Manáos.
Bibliotheca publica do	Maranhão.
Bibliotheca publica de	Porto-Alegre.
Bibliotheca publica da	Bahia.
Bibliotheca publica de	Aracajú.
Bibliotheca publica do	Natal.
Bibliotheca publica de	Therezina.
Bibliotheca da cidade de (Brumado de Suassuhi).	Entre-Rios.
Bibliotheca da Escola Normal de	Niteroy.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro remete a *Revista Trimensal* a todas as sociedades e estabelecimentos estrangeiros mencionados de pag. 556 a pag. 558, aos quaes conferio a medalha commemorativa da lei de 13 de Maio de 1888.

BALANÇO

da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro no anno de 1889.

RECEITA

1889.	
Janeiro 1. Saldo de 1888	1:836$410
Dezembro 31. Subsidio do Tezouro Nacional, 1.ª e 2.ª prestações de 1889	9:000$000
Juros de apolices, 2.° semestre de 1888, e 1.° semestre de 1889	1:010$000
Venda da Revista Trimensal	162$000
Joia de entrada de socios constantes da relação n. 1	120$000
Prestações semestraes dos socios constantes da relação n. 2.	690$000
	12:818$410

DESPEZA

1889.	
Impressão da *Revista Trimensal* (3.° e 4.° trimestre de 1888 e 1.° e 2.° dito de 1889) doc. n. 1 e 2	3:409$000
Impressão do volume suplementar do tomo 51 da Rev. Trim. em commemoração do jubileu social, doc. n. 3.	2:928$750
Remessa da *Revista Trimensal* para o estrangeiro, doc. n. 4 e 5	210$900
Encadernação de livros na oficina de Antonio Vieira Junior, e no Instituto dos surdos-mudos, doc. n. 6, 7, 8 e 9	370$300
Compra de livros e copia de mapas geograficos doc. n. 10 a 17	233$500
Expediente, isto é, velas para iluminação da sala das sessões, carretos e outras despezas miudas feitas pelo porteiro, papel, tinta, lapis, outros objetos de escritorio, e publicações na imprensa, doc. n. 18 a 38	939$440
Vencimentos dos empregados nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1889, doc. n. 39 a 50	3:120$000
Porcentagem da cobrança sobre a quantia arrecadada doc. n. 51, 52 e 53	119$700
	11:331$590

Transporte .... 11:331$590

Eventuaes, isto é, 56 caixinhas de madeira para medalhas, 3 caixas de cedro lustradas, 1 armario para guarda de manuscritos, impressão de circulares, inscrições caligraficas, gravura, e gratificação a um servente, doc. n. 51 a 62 .... 765$250

12.096$840

REZUMO

Receita..........	12.818$410
Despeza..........	12.096$840
Saldo..........	721$570

OBSERVAÇÃO

O Instituto Istorico e Geografico Brazileiro possue 19 apolices da divida publica, sendo 17 do valor de 1:000$, e 2 do valor de 600$000.

A numeração d'estas apolices é a seguinte: 490, 1.339, 6.750, 11.418, 37.131, 40.252, 50.961, 75.319, 75.320, 77.787, 111.846, 120.111, 131.945, 159.125, 172.837, 172.838, 182.910, 231.988, 231.989.

O saldo supra está sugeito ao pagamento do 3.° e 4.° trimestre da Revista Trimensal de 1889 ja impressos.

Rio 15 de Janeiro de 1890.

T. Alencar Araripe.
Tezoureiro.

N.° 1

Relação dos socios que pagaram joia de entrada em 1889

1	Antonio Ribeiro de Macedo..........	20$000
2	Feliciano Pinheiro Bitencout..........	20$000
3	Francisco Ignacio Pereira..........	20$000
4	Jozé Verissimo de Mattos..........	20$000
5	Marquez de Paranaguá..........	20$000
6	Torquato Xavier Monteiro Tapajóz..........	20$000
		120$000

N.° 2

Relação dos socios que pagaram suas prestações semestraes em 1889

1	Angelo Tomaz do Amaral (remissão de debito até 1889).....	60$000
2	Antonio Borges de Sampaio, 1889..........	12$000
3	Antonio Jozé Victorino de Barros, 1888 e 1889..........	24$000
4	Antonio Ribeiro de Macedo, 1888..........	12$000
5	Artur Indio do Brazil, 1889..........	12$000
6	Augusto Fausto de Souza, 1889..........	12$000
7	Barão de Capanema, 1889..........	12$000
	Somma..........	144$000

	Transporte	111$000
8	Barão de Ibituruna, 1889	12$000
9	Barão do Lavradio, 1889	12$000
10	Barão de Miranda Reis, 1889	12$000
11	Barão de Ramiz, 1889	12$000
12	Barão de Ribeiro de Almeida, 1889	12$000
13	Barão de São-Felix, 1889	12$000
14	Bispo do Pará (D. Antonio de Macedo Costa), 1889	12$000
15	Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1889	12$000
16	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, 1889	12$000
17	Enrique Rafard, 1888 e 1889	24$000
18	Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1889	12$000
19	Fausto Augusto de Aguiar, 1889	12$000
20	Francisco Colheiros da Graça, 1889	12$000
21	Francisco Ignacio Ferreira, 1887	12$000
22	Francisco de Paula Toledo, 1886, 1887, 1888 e 1889	48$000
23	João Capistrano de Abreo, 1889	12$000
24	João Lopes da Silva Couto, 2.º sem. de 1888 e 1.º 1889	12$000
25	João Severiano da Fonseca, 1889	12$000
26	Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1889	12$000
27	Jozé Candido Guilhobel, 1889	12$000
28	Jozé Egidio Garcez Palha, 1887	12$000
29	Jozé Luiz Alves, 1889	12$000
30	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1889	12$000
31	Jozé de Vasconcellos, 1888	12$000
32	Jozé Verissimo de Matos, 1888 e 1889	24$000
33	Luiz Rodrigues de Oliveira, 1889	12$000
34	Manoel Francisco Correia, 1889	12$000
35	Marquez de Paranaguá, 1889	12$000
36	Nicoláo Joaquim Moreira, 1889	12$000
37	Paulino Nogueira Borges da Fonceca, 1888 e 1889	24$000
38	Quintiliano Jozé da Silva, 1889	12$000
39	Ricardo Gumbleton Daunt, 1888 e 1889	24$000
40	Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 2.º semestre de 1889	6$000
41	Virgilio Martins de Mello Franco, 1889	12$000
42	Visconde de Nogueira da Gama, 1889	12$000
43	Visconde de Sinimbú, 1889	12$000
44	Visconde de Souza Fontes, 1889	12$000
45	Visconde de Valdetaro, 1889	12$000
46	Visconde de Vieira da Silva, 1889	12$000
		690$000

Existem actualmente 30 socios izentos do pagamente de prestações semestraes por serem onorarios ou rémidos. Constam da relação n. 3.

Na Europa estam prezentemente 7 socios nacionaes, os quaes pe os estatutos sociaes não são obrigados ao pagamento de suas prestações semestraes, emquanto ali rezidem. Constam da relação n. 4.

Dos socios sugeitos ao pagamento das prestações semestraes estam quites até 31 de Dezembro de 1889 os constantes da relação retro n. 2.

Deixaram de pagar as suas prestações de 1889 os 32 socios constantes da relação n. 5. Este debito, na maxima parte por prestações atrazadas, monta na importancia de 3:100$000. A relação n. 5 vae junta aos doc. do balanço.

Os socios Barão de Capanema e Visconde de Souza Fontes pagaram as prestações de 1889 antes de serem elevados á categoria de socios onorarios.

N.° 3

Relação dos socios não sujeitos ao pagamento de prestações semestraes

1	Barão de Alencar	Onorario
2	Barão de Capanema	»
3	Barão do Desterro	Remido
4	Barão de Guajará	»
5	Barão Homem de Mello	»
6	Barão do Ladario	»
7	Barão de Lopes Neto	»
8	Barão de Macahubas	»
9	Barão de Souza Queiroz	»
10	Cezar Augusto Marques	Onorario
11	João Alfredo Correia de Oliveira	»
12	João Brigido dos Santos	Remido
13	João Manoel Pereira da Silva	Onorario
14	João Pedro Gay	Remido
15	Joaquim Norberto de Souza Silva	Onorario
16	Jozé Francisco Diana	»
17	Jozé Joaquim da Gama Silva	Remido
18	Jozé Tavares Bastos	»
19	Jozé Vieira Couto de Magalhães	»
20	Manoel da Costa Honorato	»
21	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	»
22	Maximiano Marques de Carvalho	Onorario
23	Olegario Herculano de Aquino Castro	»
24	Tito Franco de Almeida	Remido
25	Tristão de Alencar Araripe	Onorario
26	Visconde de Barbacena	Remido
27	Visconde de Beaurepaire Rohan	Onorario
28	Visconde de Mota Maia	»
29	Visconde de Souza Fontes	»
30	Visconde de Taunay	»

N.° 4

Relação dos socios rezidentes na Europa em 1889, e por isso izentos do pagamento das prestações semestraes.

1 Visconde de Ourem.
2 Barão de Penedo.
3 Barão do Rio Branco.
4 Barão de Tefé.
5 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
6 Jozé Antonio de Azevedo Castro.
7 Jozé de Saldanha da Gama.